it

A COISA

STEPHEN KING

STEPHEN KING

A COISA

Tradução
Regiane Winarski

EDITORA OBJETIVA LTDA.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
It

Capa
Rodrigo Rodrigues sobre layout original

Imagem da capa
Glen Orbik

Revisão
Rita Godoy
Ana Kronemberger

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K64c
King, Stephen
It : a coisa [recurso eletrônico] / Stephen King ; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2014.
recurso digital
Tradução de: *It*
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8105-152-9 (recurso eletrônico)
1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Winarski, Regiane. II. Título.

14-13153 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Este livro é dedicado com gratidão aos meus filhos. Minha mãe e minha esposa me ensinaram a ser homem. Meus filhos me ensinaram a ser livre.

NAOMI RACHEL KING, 14 anos;

JOSEPH HILLSTROM KING, 12 anos;

OWEN PHILIP KING, 7 anos.

Crianças, a ficção é a verdade dentro da mentira, e a verdade desta ficção é bem simples: *a magia existe*.

S. K.

“Esta velha cidade é meu lar desde que lembro
Esta velha cidade vai estar aqui bem depois que eu for embora.
Lado leste, lado oeste, dê uma boa olhada nela
Você anda mal, mas ainda faz parte de mim.”

— *The Michael Stanley Band*

“Velho amigo, o que você procura?
Depois de tantos anos fora você volta
Com as imagens que cultivou
Sob céus estrangeiros
Longe de sua própria terra.”

— *George Seferis*

“Do nada, para a escuridão.”

— *Neil Young*

SUMÁRIO

PARTE 2 – JUNHO DE 1958

PARTE 3 – ADULTOS

PARTE 4 – JULHO DE 1958

PARTE 5 – O RITUAL DE CHÜD

PARTE 1

A SOMBRA ANTES

"Eles começam!
As perfeições são acentuadas
A flor abre as pétalas coloridas
sob o sol
Mas a língua da abelha
não chega a elas
Elas afundam de volta no solo
gritando
— pode-se chamar de grito
que rasteja por elas, um tremor
enquanto elas murcham e desaparecem…"
— William Carlos Williams,
Paterson

"Nascido na cidade de um homem morto."
— Bruce Springsteen

Capítulo 1

Depois da enchente (1957)

1

O terror, que só terminaria 28 anos depois (se terminasse), começou, até onde sei ou consigo saber, com um barco feito de uma folha de jornal flutuando por uma sarjeta cheia da água da chuva.

O barco balançou, quase virou, se endireitou, mergulhou corajosamente nos redemoinhos traiçoeiros e continuou a seguir pela rua Witcham em direção ao sinal de trânsito que indicava a interseção dela com a Jackson. As três lentes verticais de todos os lados do sinal estavam escuras naquela tarde do outono de 1957, e as casas também estavam escuras. Vinha chovendo sem parar havia uma semana, e dois dias antes os ventos também chegaram. Muitas partes de Derry ficaram sem energia, que ainda não tinha voltado.

Um garotinho de capa de chuva amarela e galochas vermelhas corria alegremente ao lado do barco de jornal. A chuva não havia parado, mas estava diminuindo, enfim. Ela caía no capuz amarelo da capa de chuva do garoto, soando para ele como chuva em um telhado de galpão… um som confortável, quase aconchegante. O garoto de capa amarela era George Denbrough. Ele tinha 6 anos. Seu irmão, William, conhecido pela maior parte das crianças da Escola Derry (e até pelos professores, que jamais usariam o apelido na frente dele) como Bill Gago, estava em casa, se recuperando de uma gripe violenta. Naquele outono de 1957, oito meses antes de os verdadeiros horrores começarem e 28 anos antes do confronto final, Bill Gago tinha 10 anos.

Bill tinha feito o barco com que George agora brincava. Ele o fez sentado na cama, com as costas apoiadas em vários travesseiros, enquanto a mãe tocava “Für Elise” no piano na sala de estar e a chuva batia sem parar na janela do quarto.

Depois de três quartos do quarteirão no sentido de quem ia para o cruzamento e para o sinal de trânsito apagado, a rua Witcham estava bloqueada ao trânsito por um fogareiro e

quatro cavaletes laranja. Em cada cavalete estava pintado DEPTO. DE OBRAS PÚBLICAS DE DERRY. Atrás deles, a chuva jorrava de canais entupidos com galhos, pedras e pilhas grudentas de folhas de outono. A água primeiro abriu brechas no asfalto, depois arrancou pedaços inteiros, isso no terceiro dia de chuva. Ao meio-dia do quarto dia, pedaços grandes da superfície da rua desciam pelo cruzamento da Jackson com a Witcham como canoas em miniatura. Naquele momento, muitas pessoas em Derry já tinham começado a fazer piadas nervosas sobre arcas. O Departamento de Obras Públicas tinha conseguido deixar a rua Jackson aberta, mas a Witcham estava intransitável dos cavaletes até o centro da cidade.

Mas todos concordavam que o pior tinha terminado. O rio Kenduskeag tinha subido até quase a margem no Barrens e poucos centímetros abaixo das laterais de concreto do canal que o espremia pelo centro da cidade. Naquele momento, um grupo de homens — Zack Denbrough, pai de George e de Bill, entre eles — estava retirando os sacos de areia que haviam empilhado no dia anterior com pressa e pânico. A inundação da véspera e os danos causados por ela pareceram quase inevitáveis. Deus sabia que tinha acontecido antes: a inundação de 1931 foi um desastre que custou milhões de dólares e quase duas dúzias de vidas. Isso foi muito tempo antes, mas ainda havia pessoas vivas o suficiente para lembrarem e assustarem os outros. Uma das vítimas da inundação foi encontrada 40 quilômetros a leste, em Bucksport. Os peixes tinham comido os olhos desse cavalheiro infeliz, três dos dedos dele, o pênis e a maior parte do pé esquerdo. Preso no que restava das mãos dele havia o volante de um Ford.

Mas agora o rio estava baixando, e quando a nova represa da hidrelétrica de Bangor fosse erguida rio acima, ele deixaria de ser uma ameaça. Ou era o que dizia Zack Denbrough, que trabalhava na hidrelétrica. Quanto ao resto, bem, as inundações futuras podiam se cuidar sozinhas. A questão era passar por essa, ter a energia de volta e esquecer. Em Derry, esquecer tragédias e desastres era quase uma arte, como Bill Denbrough descobriria ao longo do tempo.

George parou nos cavaletes, na beirada de uma abertura na superfície de asfalto da rua Witcham. Essa abertura fazia uma diagonal quase exata. Acabava do outro lado da rua, uns 12 metros colina abaixo de onde ele estava agora, à direita. Ele riu alto (o som de alegria solitária e infantil pareceu iluminar aquela tarde cinzenta) quando uma onda na água levou o barco de papel pela cachoeira em miniatura formada pelo asfalto quebrado. A água desesperada abriu um canal que descia pela diagonal, e assim o barco viajou de um lado a outro da rua Witcham, com a corrente carregando-o tão rápido que George teve que correr para acompanhar. As galochas espalhavam água em jatos enlameados. As fivelas emitiam um som alegre enquanto George Denbrough corria em direção à sua estranha morte. E a sensação que tomou conta dele naquele momento foi amor claro e simples pelo irmão Bill… amor e um toque de arrependimento por Bill não poder estar lá para ver e participar. É claro que ele tentaria descrever para Bill quando chegasse em casa, mas sabia que não conseguiria fazer Bill enxergar do jeito que conseguiria fazer com que *ele* enxergasse se as posições estivessem trocadas. Bill era bom em ler e escrever, mas mesmo na idade *dele*, George era esperto o

bastante para saber que aquele não era o único motivo para Bill só ter A no boletim, e nem para os professores gostarem tanto das redações dele. *Contar* era apenas parte do talento. Bill era bom em *ver*.

O barco quase voou pelo canal em diagonal, só uma página arrancada da seção de classificados do *Derry News*, mas agora George o imaginava como uma lancha torpedeira em um filme de guerra, como os que ele via às vezes no cinema de Derry com Bill nas matinês de sábado. Um filme de guerra com John Wayne lutando contra os japoneses. A proa do barco de jornal jogava jatos de água para os dois lados enquanto corria, depois chegou à vala no lado esquerdo da rua Witcham. Um novo jorro de água subia pela abertura no asfalto naquele ponto e criava um redemoinho grande, e pareceu a ele que o barco seria inundado e viraria. Ele se inclinou de maneira alarmante, mas George se alegrou quando se endireitou, virou e desceu rapidamente para o cruzamento. George correu para alcançá-lo. Acima da cabeça dele, um sopro forte de vento de outubro balançou as árvores, agora quase sem o peso das folhas coloridas por causa da tempestade, que naquele ano foi uma ceifeira das mais cruéis.

2

Sentado na cama, com as bochechas ainda vermelhas de calor (mas com a febre baixando, assim como o Kenduskeag), Bill terminou o barco. Mas quando George esticou a mão para pegá-lo, Bill o tirou do alcance dele.

— A-Agora pega a p-p-parafina.

— O que é isso? Onde fica?

— Fica na pra-pra-prateleira do porão quando você está descendo — disse Bill. — Em uma caixa que diz Gu-Gu-ulf… *Gulf*. Traz pra mim, junto com uma faca e uma t-tigela. E uma c-caixa de fu-fu-fósforos.

George foi obedientemente buscar os objetos. Ele conseguia ouvir a mãe tocando piano, não “Für Elise” agora, mas uma outra música da qual ele não gostava tanto; era uma música que parecia seca e barulhenta. Ele conseguia ouvir a chuva caindo regularmente nas janelas da cozinha. Eram sons agradáveis, mas a ideia do porão não era nada agradável. Ele não gostava do porão e não gostava de descer a escada do porão, porque sempre imaginava que havia alguma coisa lá embaixo no escuro. Era bobagem, é claro, o pai e a mãe sempre diziam, e, mais importante de tudo, *Bill* dizia que era bobagem, mas mesmo assim…

Ele não gostava nem de abrir a porta para acender a luz porque sempre pensava (era uma coisa tão idiota que ele não ousava contar para ninguém) que, enquanto estivesse tateando atrás do interruptor, uma garra horrível pousaria de leve sobre o pulso dele… e o puxaria para baixo, para a escuridão com cheiro de terra e umidade e legumes podres.

Idiotice! Não existiam coisas com garras, peludas e cheias de ódio assassino. De vez em quando alguém ficava louco e matava muita gente (às vezes Chet Huntley contava sobre coisas assim no noticiário noturno), e é claro que existiam comunistas, mas não existia nenhum monstro estranho morando no porão. Mesmo assim, a ideia não sumia. Naqueles momentos intermináveis em que ele procurava o interruptor com a mão direita (com o braço esquerdo segurando a maçaneta com força total), aquele cheiro do porão parecia se intensificar até encher o mundo. Aromas de terra e umidade de legumes estragados se misturavam com o aroma inconfundível e inescapável, o cheiro do monstro, a apoteose de todos os monstros. Era o cheiro de uma coisa para a qual ele não tinha nome: o cheiro da Coisa, agachada, espreitando e pronta para atacar. Uma criatura que comeria qualquer coisa, mas que estava particularmente faminta por carne de garoto.

Ele abriu a porta naquela manhã e tateou eternamente em busca do interruptor, segurando a maçaneta com o aperto habitual, com os olhos fechados com força, a ponta da língua saindo do canto da boca como uma trepadeira em agonia em busca de água em um lugar de seca. Engraçado? Claro! Pode apostar! *Olha pra você, Georgie! Georgie tem medo do escuro! Que bebezão!*

O som do piano vinha do que o pai chamava de sala de estar e a mãe chamava de sala de visitas. Parecia música do outro mundo, bem distante, como conversas e risadas em uma praia lotada no verão devem parecer para o nadador cansado que luta contra a corrente.

Seus dedos encontraram o interruptor! Ah!

Eles o viraram…

… e nada. Nada de luz.

Ah, droga! A energia!

George puxou o braço como se estivesse dentro de uma cesta cheia de cobras. Deu um passo para longe da porta do porão, com o coração disparado no peito. Não havia energia, é claro. Ele tinha esquecido. Que porcaria! E agora? Voltar e dizer para Bill que não podia pegar a caixa de parafina porque não havia energia e ele tinha medo de alguma coisa pegá-lo quando ele estava na escada do porão, uma coisa que não era um comunista nem um assassino em série, mas uma criatura muito pior do que os dois? Que a criatura deslizaria parte do corpo podre entre os degraus da escada e agarraria seu tornozelo? Outros poderiam rir dessa fantasia, mas Bill não riria. Bill ficaria zangado. Bill diria: “Vê se cresce, Georgie… Você quer o barco ou não?”

Como se esse pensamento fosse uma dica, Bill gritou do quarto:

— Você m-m-morreu aí, G-Georgie?

— Não, estou pegando, Bill — gritou George na mesma hora. Ele esfregou os braços para

tentar fazer os arrepios sumirem e a pele ficar lisa de novo. — Só parei pra tomar um copo de água.

— Então a-anda logo!

Então ele desceu os quatro degraus até a prateleira do porão, com o coração como um martelo quente batendo na garganta, o cabelo da nuca em pé, os olhos ardendo, as mãos frias, certo de que a qualquer momento a porta do porão se fecharia sozinha, bloqueando a luz branca que entrava pelas janelas da cozinha, e ele ouviria A Coisa, algo pior do que todos os comunistas e assassinos do mundo, pior do que os japoneses, pior do que Átila, o Huno, pior do que as coisas de cem filmes de terror. A Coisa, rosnando profundamente; ele ouviria o rosnado naqueles segundos lunáticos antes de ser atacado e ter as entranhas arrancadas.

O cheiro de porão estava pior do que nunca por causa da inundação. A casa deles ficava no alto na rua Witcham, perto do topo da colina, e eles tinham escapado do pior, mas ainda havia água parada lá embaixo que tinha entrado pela velha base de pedras. O cheiro era suave e desagradável, e fazia você querer respirar superficialmente.

George mexeu nas coisas na prateleira o mais rápido que conseguiu: latas velhas de graxa de sapatos Kiwi e trapos sujos de graxa, um lampião de querosene quebrado, dois vidros quase vazios de Windex, uma velha lata achatada de cera Turtle. Por algum motivo, essa lata chamou a atenção dele, e ele passou quase trinta segundos olhando para a tartaruga na tampa com uma espécie de assombro hipnótico. Mas então ele a jogou de volta… e ali estava enfim, uma caixa quadrada com a palavra GULF escrita.

George a pegou e subiu correndo a escada o mais rápido que conseguiu, ciente de repente de que a parte de trás da camisa estava para fora da calça e certo de que isso seria sua desgraça: a coisa no porão permitiria que ele chegasse quase na saída e agarraria a parte de trás da camisa, o puxaria para trás e…

Ele chegou à cozinha e fechou a porta. Ela bateu com força. Ele se recostou nela com os olhos fechados, o suor brotando nos braços e na testa, com a caixa de parafina presa com força na mão.

O piano tinha parado, e a voz da mãe chegou até ele:

— Georgie, não dá pra bater a porta com mais força da próxima vez? Quem sabe você consegue quebrar alguns dos pratos na cômoda se realmente tentar?

— Desculpa, mãe — gritou ele em resposta.

— George, seu bosta — disse Bill no quarto. O tom de voz foi baixo para a mãe deles não ouvir.

George sufocou um risinho. O medo já tinha ido embora; fugiu dele tão facilmente quanto um pesadelo desaparece para o homem que acorda com pele fria e ofegante; que sente o corpo e olha para os arredores para ter certeza de que nada aconteceu, e então começa a esquecer. Metade já sumiu quando os pés tocam o chão; três quartos quando ele sai do chuveiro e começa a se secar; tudo quando ele termina o café da manhã. Tudo some… até a próxima vez, quando, durante o pesadelo, todos os medos serão lembrados.

Aquela tartaruga, pensou George, indo até a gaveta da bancada em que ficavam os fósforos. *Onde vi uma tartaruga assim antes?*

Mas nenhuma resposta surgiu, e ele descartou a pergunta.

Ele pegou uma caixa de fósforos na gaveta, uma faca do cepo (segurando a parte afiada cuidadosamente longe do corpo, como o pai o ensinara) e uma pequena tigela da cômoda da sala de jantar. Em seguida, voltou para o quarto de Bill.

— Q-Que cuzão você é, Gi-Georgie — disse Bill de maneira afável, e afastou algumas das coisas de garoto doente na mesa de cabeceira: um copo vazio, uma jarra de água, Kleenex, livros, um vidro de Vick-VapoRub, cujo cheiro Bill associaria durante toda a vida com peitos encatarrados e narizes escorrendo. O velho rádio Philco estava lá também, tocando não Chopin nem Bach, mas uma música de Little Richard… Só que bem baixinho, tão baixinho que parecia que tinham roubado todo o poder primordial de Little Richard. A mãe deles, que estudara piano clássico em Juilliard, odiava rock-and-roll. Ela não apenas desgostava; abominava.

— Não sou cuzão — disse George, sentado na beirada da cama de Bill e colocando as coisas que reuniu na mesa de cabeceira.

— É, sim — disse Bill. — Não passa de um grande cuzão marrom, você.

George tentou imaginar um garoto que não passasse de um grande cuzão com pernas e começou a rir.

— Seu cu é maior do que *Augusta* — disse Bill, também começando a rir.

— *Seu* cu é maior do que o *estado* todo — respondeu George. Isso fez os garotos rirem por quase dois minutos.

O que seguiu foi uma conversa sussurrada do tipo que significa muito pouco para qualquer pessoa além de garotos pequenos: acusações de quem era o cuzão maior, quem *tinha* o cuzão maior, que cuzão era o mais marrom, e assim por diante. Por fim, Bill disse uma das palavras proibidas (acusou George de ser um cuzão grande e marrom de *merda*) e os dois começaram a rir com descontrole. A gargalhada de Bill virou um ataque de tosse. Quando finalmente começou a passar (a essas alturas o rosto de Bill tinha ficado de um tom arroxeado que George observou com alarme), o piano parou de novo. Os dois olharam na direção da sala de estar, prestando atenção ao som de arrastar do banco do piano, aos passos impacientes da mãe. Bill escondeu a boca na dobra do cotovelo para sufocar as últimas tosses e apontou para a jarra ao mesmo tempo. George serviu um copo de água, que ele bebeu todo.

O piano recomeçou a tocar "Für Elise". Bill Gago nunca esqueceu essa melodia, e mesmo muitos anos depois, ela sempre lhe deixava com a pele dos braços e das costas arrepiada; seu coração ficava apertado e ele lembrava: *Minha mãe estava tocando isso no dia que Georgie morreu.*

— Vai tossir mais, Bill?

— Não.

Bill pegou um Kleenex na caixa, fez um som retumbante no peito, cuspiu catarro no lenço,

amassou-o e jogou na lixeira ao lado da cama, que estava cheia de lenços amassados do mesmo jeito. Em seguida, abriu a caixa de parafina e colocou um cubo da substância na palma da mão. George o observou com atenção, mas sem falar nem perguntar. Bill não gostava que George falasse enquanto ele fazia coisas, mas George aprendera que, se ficasse de boca fechada, Bill costumava explicar o que estava fazendo.

Bill usou a faca para cortar um pequeno pedaço do cubo de parafina. Botou o pedaço na tigela, acendeu um fósforo e colocou em cima da parafina. Os dois garotos observaram a pequena chama amarela enquanto o vento jogava chuva na janela de tempos em tempos.

— Temos que proteger o barco da água, senão vai ficar molhado e afundar — disse Bill.

Quando ele estava com George, a gagueira ficava leve, e às vezes ele nem gaguejava. Mas na escola, ficava tão forte que falar era impossível. A comunicação era encerrada e os colegas de Bill olhavam para outro lugar enquanto Bill segurava as laterais da mesa, com o rosto ficando quase tão vermelho quanto o cabelo e os olhos apertados por tentar fazer uma palavra sair da garganta teimosa. Às vezes, na maioria delas, a palavra saía. Outras vezes, ela simplesmente se recusava. Ele foi atropelado por um carro quando tinha 3 anos e jogado na lateral de um prédio; ficou inconsciente durante 7 horas. A mãe disse que foi o acidente que causou a gagueira. George às vezes tinha a sensação de que o pai (e o próprio Bill) não tinha tanta certeza.

O pedaço de parafina na tigela estava quase completamente derretido. A chama do fósforo diminuiu e ficou azul ao envolver o palito de papelão, e depois sumiu. Bill enfiou o dedo no líquido e puxou de volta com um ligeiro assobio. Deu um sorriso de desculpas para George.

— Quente — disse ele.

Depois de alguns segundos, ele mergulhou o dedo de novo e começou a espalhar a cera nas laterais do barco, onde ela rapidamente secou e formou uma cobertura leitosa.

— Posso fazer um pouco? — perguntou George.

— Pode. Mas não deixa cair no cobertor senão mamãe vai te matar.

George mergulhou o dedo na parafina, que agora estava morna, mas não quente, e começou a espalhar do outro lado do barco.

— Não coloca tanto, seu cuzão! — disse Bill. — Quer afundar ele no cruzeiro de inauguração?

— Desculpa.

— Tudo bem. Vai d-devagar.

George terminou o outro lado e ergueu o barco nas mãos. Estava um pouco mais pesado, mas não muito.

— Muito legal — disse ele. — Vou sair e botar ele pra velejar.

— É, faz isso — disse Bill. Ele parecia repentinamente cansado; cansado e ainda não muito bem.

— Queria que você pudesse vir — disse George. Ele queria mesmo. Bill às vezes ficava mandão depois de um tempo, mas sempre tinha as ideias mais legais e quase nunca batia. — É

seu barco, na verdade.

— *Veleiro* — disse Bill. — Isso aí é um *v-veleiro*.

— Veleiro, então.

— Eu também queria poder ir — disse Bill, mal-humorado.

— Bem… — George se mexeu inquieto com o barco nas mãos.

— Coloca suas coisas de chuva — disse Bill —, senão vai acabar com gr-gripe como eu. Deve pegar de qualquer jeito, dos meus gi-germes.

— Obrigado, Bill. É um barco legal. — E fez uma coisa que não fazia havia muito tempo, um gesto que Bill nunca esqueceu: se inclinou e beijou a bochecha do irmão.

— Agora você vai pegar com certeza, seu cuzão — disse Bill, mas pareceu mais alegre mesmo assim. Ele sorriu para George. — Coloca tudo no lugar. Senão mamãe vai ter um tru-troço.

— Claro.

Ele pegou o material e atravessou o quarto, com o barco precariamente equilibrado sobre a caixa de parafina, que estava inclinada em cima da tigela.

— Gi-Gi-Georgie?

George se virou para olhar para o irmão.

— Toma c-cuidado.

— Claro. — Ele franziu um pouco a testa. Era o tipo de coisa que a mãe dizia, não o irmão mais velho. Era tão estranho quanto se Bill tivesse lhe dado um beijo. — Claro que tomo.

Ele saiu. Bill nunca mais o viu.

3

Agora aqui estava ele, correndo atrás do barco pelo lado esquerdo da rua Witcham. Estava correndo rápido, mas a água estava ainda mais rápida, e o barco estava se afastando. Ele ouviu um rugido profundo e viu que 50 metros abaixo na colina a água na vala estava caindo em um bueiro ainda aberto. Era um semicírculo longo e escuro acompanhando o meio-fio, e enquanto George olhava, um galho seco, com o tronco tão escuro e brilhoso quanto pele de foca, caiu na bocarra do

bueiro. Ficou na beirada por um momento e escorregou para dentro. Era para lá que seguia seu barco.

— Ah, merda, merdinha — gritou ele consternado.

Ele aumentou a velocidade, e por um momento achou que conseguiria pegar o barco. Mas um de seus pés escorregou e ele caiu, arranhou um joelho e gritou de dor. Da nova perspectiva do nível da calçada, ele viu o barco balançar duas vezes, momentaneamente preso em outro rodamoinho, e desaparecer.

— Merda, *merdinha*! — gritou ele de novo, e bateu com o punho no chão. Isso também doeu, e ele começou a chorar um pouco. Que maneira idiota de perder o barco!

Ele se levantou e andou até o bueiro. Ficou de joelhos e espiou lá dentro. A água fazia um som oco e úmido ao cair na escuridão. Era um som apavorante. Lembrava-o de…

— Hã! — O som foi arrancado dele como se puxado por uma corda, e ele se encolheu.

Havia olhos amarelos lá dentro, o tipo de olhos que ele sempre imaginou, mas nunca realmente viu no porão. *É um animal,* pensou ele com incoerência, *só isso, um animal, deve ser um gato que ficou preso lá embaixo…*

Ainda assim, ele estava pronto para correr, *iria* correr em um segundo ou dois, quando seu painel de controle mental tivesse lidado com o choque provocado pelos dois olhos amarelos brilhantes. Ele sentiu a superfície áspera do macadame sob os dedos e a fina camada de água fria fluindo ao redor. Viu-se se levantando e se afastando, e foi quando uma voz, perfeitamente lógica e um tanto agradável, falou com ele de dentro do bueiro.

— Oi, Georgie — disse a voz.

George piscou e olhou de novo. Ele mal conseguia acreditar no que via; era como algo saído de uma história inventada, ou um filme em que você sabe que os animais vão falar e dançar. Se ele fosse dez anos mais velho, não teria acreditado no que estava vendo, mas não tinha 16 anos. Tinha seis.

Havia um palhaço no bueiro. A luz lá dentro não era nada boa, mas era boa o bastante para George Denbrough ter certeza do que estava vendo. Era um palhaço, como no circo ou na TV. Na verdade, ele parecia um cruzamento entre o Bozo e Clarabell, que falava apertando a buzina no programa *Howdy Doody* dos sábados de manhã. Buffalo Bob era o único que conseguia entender Clarabell, e isso sempre fazia George morrer de rir. O rosto do palhaço no bueiro era branco, havia tufos engraçados de cabelo vermelho de cada lado da cabeça careca e havia um grande sorriso de palhaço pintado sobre a boca. Se George estivesse vivo um ano depois, ele certamente pensaria em Ronald McDonald antes de Bozo ou Clarabell.

O palhaço segurava vários balões de todas as cores, como lindas frutas maduras, em uma das mãos.

Na outra, segurava o barco de papel de George.

— Quer seu barco, Georgie? — O palhaço sorriu.

George sorriu também. Não conseguiu evitar; era o tipo de sorriso que você tinha que retribuir.

— Claro que quero — disse ele.

O palhaço sorriu.

— "Claro que quero." Isso é *ótimo*! Isso é *muito* bom! E que tal um balão?

— Bem… claro! — Ele esticou a mão… mas puxou de volta com relutância. — Não devo aceitar coisas de estranhos. Meu pai falou.

— Seu pai é muito sábio — disse o palhaço no bueiro, sorrindo. *Como*, perguntou-se George, *eu pude pensar que os olhos dele eram amarelos?* Eram de um azul intenso e saltitante, a cor dos olhos da mãe dele, e de Bill. — Muito sábio mesmo. Portanto, vou me apresentar. Eu, Georgie, sou o sr. Bob Gray, também conhecido como Pennywise, o Palhaço Dançarino. Pennywise, este é George Denbrough. George, este é Pennywise. E agora, nos conhecemos. Não sou um estranho pra você, e você não é um estranho pra mim. Certim?

George riu.

— Acho que sim. — Ele esticou a mão de novo… e recolheu a mão de novo. — Como você chegou aí embaixo?

— A tempestade me jogoooou longe — disse Pennywise, o Palhaço Dançarino. — Jogou todo o circo bem longe. Você consegue sentir o cheiro do circo, Georgie?

George se inclinou para a frente. De repente, sentiu cheiro de amendoim! Amendoim quente torrado! E vinagre! Do tipo branco que se coloca na batata frita por um buraco na tampa! Sentiu cheiro de algodão-doce e bolinhos doces fritos e o odor leve e intenso de bosta de animal selvagem. Sentiu o aroma alegre de serragem. Ainda assim…

Ainda assim, debaixo de tudo havia o cheiro de inundação e folhas em decomposição e sombras escuras de bueiro. Esse cheiro era úmido e podre. O cheiro do porão.

Mas os outros cheiros estavam mais fortes.

— Pode apostar que consigo sentir — disse ele.

— Quer seu barco, Georgie? — perguntou Pennywise. — Só estou repetindo porque você não parece tão ansioso. — Ele o ergueu e sorriu. Estava usando uma roupa de seda larga com grandes botões laranja. Uma gravata berrante, azul-elétrica, caía pela frente do peito, e havia grandes luvas brancas em suas mãos, do tipo que Mickey Mouse e o Pato Donald sempre usavam.

— Sim, claro — disse George, olhando para dentro do bueiro.

— E um balão? Tenho vermelho e verde e amarelo e azul…

— Eles flutuam?

— Flutuam? — O sorriso do palhaço se alargou. — Ah, sim, claro que sim. Flutuam! E tem

algodão-doce…

George esticou a mão.

O palhaço agarrou seu braço.

E George viu o rosto do palhaço mudar.

O que ele viu então era terrível o bastante para fazer suas piores fantasias da coisa no porão parecerem doces sonhos; o que ele viu destruiu sua sanidade em um golpe de uma garra.

— Eles *flutuam* — repetiu a coisa no bueiro com uma voz rouca e rindo. Ela segurou o braço de George em um abraço grosso e serpenteante, puxou George para aquela escuridão terrível onde a água corria e rugia e gritava ao levar a carga de destroços da tempestade em direção ao mar. George virou o pescoço para longe daquela escuridão e começou a gritar na chuva, a gritar loucamente para o céu branco de outono curvado sobre Derry naquele dia de 1957. Seus gritos eram agudos e cortantes, e em toda rua Witcham as pessoas foram até as janelas ou saíram correndo para as varandas.

— Eles *flutuam* — rosnou a coisa —, eles flutuam, Georgie, e quando você estiver aqui embaixo comigo, também vai flutuar…

O ombro de George bateu no cimento do meio-fio, e Dave Gardener, que ficou em casa em vez de ir trabalhar no The Shoeboat naquele dia por causa da enchente, viu apenas um garotinho de capa de chuva amarela, um garotinho que gritava e se contorcia na vala com água lamacenta passando sobre o rosto que fazia os gritos parecerem borbulhar.

— Tudo aqui embaixo *flutua* — sussurrou a voz podre que ria, e de repente houve um som de rasgo e uma onda flamejante de dor, e George Denbrough se foi.

Dave Gardener foi o primeiro a chegar, e apesar de só ter chegado 45 segundos depois do primeiro grito, George Denbrough já estava morto. Gardener o segurou pelas costas da capa de chuva, puxou-o para a rua… e começou a gritar quando o corpo de George foi virado em suas mãos. O lado esquerdo da capa de George estava vermelho-vivo. Sangue fluía para o bueiro pelo buraco esfarrapado onde ficava o braço esquerdo. Um pedaço de osso, horrivelmente branco, aparecia no tecido rasgado.

Os olhos do garoto estavam direcionados para o céu branco, e quando Dave cambaleou para trás, na direção dos outros que já corriam em desespero pela rua, começaram a se encher de chuva.

4

Em algum lugar abaixo, no bueiro que já estava cheio até a capacidade total com água de escoamento (não poderia haver ninguém lá embaixo, exclamaria depois o xerife do condado

para um repórter do Derry News com uma fúria frustrada tão grande que era quase dor; o próprio Hercules teria sido levado naquela corrente fortíssima), o barco de George seguiu pelas câmaras escuras e longos corredores de concreto que rugiam e gritavam de tanta água. Por um tempo, seguiu ao lado de uma galinha morta que flutuava com as garras amarelas e reptilianas apontadas para o teto molhado; depois, em algum cruzamento a leste da cidade, a galinha foi levada para a esquerda enquanto o barco de George seguiu em frente.

Uma hora depois, quando a mãe de George estava sendo sedada na emergência do Derry Home Hospital e quando Bill Gago estava sentado estupefato e silencioso na cama, ouvindo o pai chorar roucamente na sala de estar onde a mãe tocava *Für Elise* no momento em que George saiu, o barco saiu por um buraco no concreto como uma bala saindo do cano de um revólver e seguiu velozmente por um canal até um córrego qualquer. Quando chegou ao borbulhante e transbordante rio Penobscot 20 minutos depois, os primeiros pedaços de azul começaram a aparecer no céu. A tempestade acabou.

O barco mergulhou e balançou, e às vezes ficava cheio de água, mas não afundou; os dois irmãos o tinham protegido bem. Não sei onde afundou, se é que afundou; talvez tenha chegado ao mar e navegado lá para sempre, como um barco mágico de contos de fadas. Só sei que ainda estava flutuando e navegando na onda da enchente quando passou pelas fronteiras da cidade de Derry, no Maine, e lá ele saiu dessa história para sempre.

Capítulo 2

Depois do festival (1984)

1

O motivo de Adrian estar usando o chapéu, seu namorado choroso diria mais tarde para a polícia, foi por ter ganhado na barraca Jogue até Ganhar na feira do Bassey Park apenas seis dias antes de sua morte. Ele sentia orgulho do chapéu.

— Estava usando porque *amava* essa merdinha de cidade! — gritou o namorado, Don Hagarty, para os policiais.

— Calma, calma. Não há necessidade pra esse tipo de vocabulário — disse o policial Harold Gardener para Hagarty.

Harold Gardener era um dos quatro filhos de Dave Gardener. No dia em que seu pai encontrou o corpo sem vida e com apenas um braço de George Denbrough, Harold Gardener tinha 5 anos. Neste dia, quase 27 anos depois, ele tinha 32 e estava ficando calvo. Harold Gardener reconhecia a realidade da dor e do sofrimento de Don Hagarty, e ao mesmo tempo achava impossível levar a sério. Esse homem, se você quisesse chamá-lo de homem, estava usando batom e uma calça de cetim tão apertada que quase dava para ver as rugas do cacete dele. Com dor ou sem dor, com sofrimento ou sem sofrimento, ele era, afinal, apenas um veado. Como seu amigo, o falecido Adrian Mellon.

— Vamos repassar tudo — falou Jeffrey Reeves, o parceiro de Harold. — Vocês dois saíram do Falcon e viraram em direção ao canal. E depois?

— Quantas vezes preciso contar pra vocês, seus idiotas? — Hagarty ainda estava gritando. — Eles mataram ele! Empurraram pela lateral! Era apenas mais um dia na Cidade Macho pra eles! — Don Hagarty começou a chorar.

— Mais uma vez — repetiu Reeves pacientemente. — Vocês saíram do Falcon. E depois, o

quê?

2

Em uma sala de interrogatório no mesmo corredor, dois policiais de Derry estavam falando com Steve Dubay, de 17 anos; no escritório do escrivão no andar de cima, mais dois estavam interrogando John "Webby" Garton, de 18 anos; e na sala do chefe de polícia no quinto andar, o chefe Andrew Rademacher e o promotor público assistente Tom Boutillier estavam interrogando Christopher Unwin, de 15 anos. Unwin, que usava calça jeans surrada, uma camiseta suja de graxa e pesadas botas de couro, estava chorando. Rademacher e Boutillier o tinham levado porque o avaliaram precisamente como o elo mais fraco da corrente.

— Vamos repassar tudo — disse Boutillier nessa sala ao mesmo tempo que Jeffrey Reeves dizia a mesma coisa dois andares abaixo.

— A gente não queria matar ele — disse Unwin, chorando. — Foi o chapéu. A gente não conseguia acreditar que ele ainda estava usando o chapéu depois, você sabe, depois do que Webby disse na primeira vez. E acho que a gente queria assustar ele.

— Pelo que ele disse — comentou o chefe Rademacher.

— É.

— Pro John Garton na tarde do dia 17.

— É, pro Webby. — Unwin recomeçou a chorar. — Mas tentamos salvar ele quando vimos que estava com dificuldade… pelo menos eu e Stevie Dubay tentamos… a gente não pretendia *matar* ele!

— Para com isso, Chris, não enrola a gente — disse Boutillier. — Vocês jogaram o veadinho no canal.

— É, mas…

— E vocês três vieram pra encarar e esclarecer as coisas. O chefe Rademacher e eu apreciamos isso, não é, Andy?

— Pode apostar. Tem que ser homem pra admitir o que fez, Chris.

— Então não se ferre mais mentindo agora. Vocês pretendiam jogar ele assim que viram ele com o amigo bicha saindo do Falcon, não é?

— Não! — Chris Unwin protestou com veemência.

Boutillier pegou um maço de Marlboro no bolso da camisa e colocou um cigarro na boca. Ofereceu o maço para Unwin.

— Cigarro?

Unwin pegou um. Boutillier precisou seguir a ponta com um fósforo para conseguir acender, pelo tanto que a boca de Unwin tremia.

— Mas quando vocês viram que ele estava usando o chapéu? — perguntou Rademacher.

Unwin tragou profundamente, baixou a cabeça, o que fez o cabelo oleoso cair por cima dos olhos, e expeliu a fumaça pelo nariz, que era coberto de pontos pretos de cravos.

— É — disse ele, quase baixo demais para ser ouvido.

Boutillier se inclinou para a frente com os olhos castanhos brilhando. O rosto estava predatório, mas a voz estava gentil.

— O que, Chris?

— Eu disse é. Acho que sim. Jogar ele, sim. Mas não matar. — Ele ergueu o olhar naquele momento, com o rosto desesperado e infeliz e ainda incapaz de compreender as gigantescas mudanças que aconteceram em sua vida desde que ele saiu de casa para aproveitar a última noite do Festival do Canal de Derry com seus dois amigos às 19h30 da noite anterior. — Matar ele, não! — repetiu ele. — E aquele cara debaixo da ponte… Eu *ainda* não sei quem *ele* era.

— Que cara era esse? — perguntou Rademacher, mas sem muito interesse. Eles também já tinham ouvido essa parte antes, e nenhum dos dois acreditou. Cedo ou tarde, homens acusados de assassinato quase sempre surgem com um misterioso outro cara. Boutillier até tinha um nome para isso: chamava de "Síndrome do Homem de Um Braço", por causa daquela velha série de TV, *O Fugitivo*.

— O cara de roupa de palhaço — disse Chris Unwin, e tremeu. — O cara com os balões.

3

O Festival do Canal, que ia de 15 a 21 de julho, foi um enorme sucesso, como concordava a maior parte dos residentes de Derry: uma ótima coisa para o moral e para a imagem da cidade… e para

os cofres. O festival de uma semana aconteceu para marcar o centenário da abertura do canal que passava pelo meio da cidade. Foi o canal que abriu completamente Derry para o comércio de madeira nos anos 1884 a 1910; foi o canal que deu à luz os anos de crescimento de Derry.

A cidade estava decorada de leste a oeste e de norte a sul. Buracos que alguns residentes juravam não serem tapados havia anos ou mais foram preenchidos e nivelados. Os prédios da cidade foram reformados por dentro e pintados por fora. O pior das pichações no Parque Bassey (a maior parte declarações cheias de lógica antigay como MATEM TODOS OS VEADOS e AIDS É DE DEUS, SEUS BICHAS DOS INFERNOS!!) foi lixado dos bancos e das paredes de madeira da pequena passarela coberta sobre o canal conhecida como Ponte do Beijo.

Um Museu do Canal foi montado em três lojas vazias no centro com exposições organizadas por Michael Hanlon, um bibliotecário local e historiador amador. As famílias mais antigas da cidade emprestaram de bom grado seus tesouros quase inestimáveis, e durante esta semana de festival, quase 40 mil visitantes pagaram 25 centavos por cabeça para olhar cardápios de restaurantes dos anos 1890, ferramentas de lenhadores dos anos 1880, brinquedos de criança dos anos 1920 e mais de 2 mil fotos e nove filmes da vida em Derry nos últimos cem anos.

O museu foi patrocinado pela Sociedade de Senhoras de Derry, que vetou alguns dos itens de exposição propostos por Hanlon (como a notória prisão em forma de cadeira dos anos 1930) e fotos (como as da gangue Bradley depois do famoso tiroteio). Mas todos concordaram que foi um grande sucesso, e ninguém queria mesmo ver essas coisas velhas e nojentas. Era tão melhor acentuar o positivo e eliminar o negativo, como dizia a velha canção.

Havia uma enorme barraca listrada de bebidas no Parque Derry, e shows de bandas lá todas as noites. No Parque Bassey, havia brinquedos de parque de diversão levados pelo Smokey's Greater Shows e jogos organizados pela população. Um bondinho especial circulava pelas seções históricas da cidade de hora em hora e acabava nessa área barulhenta e agradável de fazer dinheiro.

Foi aqui que Adrian Mellon ganhou o chapéu que levaria à sua morte, a cartola de papelão com a flor e a faixa que dizia EU ♥ DERRY!

— Estou cansado — disse John “Webby” Garton. Como seus dois amigos, ele estava usando uma imitação inconsciente das roupas de Bruce Springsteen, embora, se perguntado, ele provavelmente chamaria Springsteen de fracote ou boiola e declararia admiração por grupos de heavy metal “do cacete” como Def Leppard, Twisted Sister ou Judas Priest. As mangas da camiseta azul lisa tinham sido cortadas, deixando à mostra os braços bastante musculosos. O cabelo castanho volumoso caía sobre um dos olhos; esse toque era mais John Cougar Mellencamp do que Bruce Springsteen. Havia tatuagens azuis em seus braços, símbolos misteriosos que pareciam desenhados por uma criança. — Não quero mais falar.

— Só nos conte sobre a tarde de terça na feira — disse Paul Hughes. Ele estava cansado, chocado e consternado por todo esse negócio sórdido. Pensou mais de uma vez que parecia que o Festival do Canal de Derry estava terminando com um evento final sobre o qual todo mundo de alguma forma sabia, mas que ninguém ousou colocar na programação diária de eventos. Se tivessem feito isso, ficaria assim:

Sábado, 21h: Último show com a Derry High School Band e Barber Shop Mello-Men.
Sábado, 22h: Grandioso show de fogos.
Sábado, 22h35: O sacrifício ritual de Adrian Mellon encerra oficialmente o Festival do Canal.

— Foda-se a feira — respondeu Webby.
— Só o que você disse pra Mellon e o que ele disse pra você.

— Ah, Deus. — Webby revirou os olhos.
— Vamos lá, Webby — disse o parceiro de Hughes.
Webby Garton revirou os olhos e começou tudo de novo.

5

Garton viu os dois, Mellon e Hagarty, andando com afetação, com os braços na cintura um do outro e rindo como duas garotas. A princípio, ele achou mesmo que eram duas garotas. Mas reconheceu Mellon, que tinha sido mostrado a ele antes. Quando ele olhou, viu Mellon se virar para Hagarty… e eles se beijaram rapidamente.

— Ah, cara, vou vomitar! — gritou Webby, enojado.
Chris Unwin e Steve Dubay estavam com ele. Quando Webby mostrou Mellon, Steve Dubay disse que achava que a outra bicha se chamava Don alguma coisa e que ele tinha dado carona a um garoto da Derry High e tentado dar em cima dele.
Mellon e Hagarty começaram a andar em direção aos três garotos de novo, afastando-se da barraca Jogue até Ganhar e indo em direção à saída da feira. Webby Garton mais tarde contaria aos policiais Hughes e Conley que seu "orgulho cívico" fora ferido ao ver uma porra de veado usando um chapéu que dizia EU ♥ DERRY. Era uma coisa boba, aquele chapéu, uma imitação de papel de uma cartola com uma enorme flor no alto balançando em todas as direções. A tolice do chapéu aparentemente feriu o orgulho cívico de Webby ainda mais.
Quando Mellon e Hagarty passaram, cada um com o braço passado pela cintura do outro, Webby Garton gritou:
— Eu devia te fazer *comer* esse chapéu, seu come-bunda de merda!
Mellon se virou para Garton, piscou de um jeito paquerador e disse:
— Se você quer comer alguma coisa, querido, sei de uma coisa *muito* mais gostosa do que o meu chapéu.
Nesse ponto, Webby Garton decidiu rearrumar o rosto da bicha. Na geografia do rosto de Mellon, montanhas subiriam e continentes mudariam de lugar. *Ninguém* sugeria que ele chupasse pau. *Ninguém.*
Ele partiu para cima de Mellon. Alarmado, Hagarty tentou afastar Mellon, mas ele se

manteve firme e sorrindo. Garton mais tarde contaria aos policiais Hughes e Conley que tinha certeza de que Mellon estava doidão de alguma coisa. Estava mesmo, concordaria Hagarty quando essa ideia fosse passada para ele pelos policiais Gardener e Reeves. Estava alto de comer dois donuts fritos banhados em mel na feira durante todo o dia. Ele consequentemente não conseguiu reconhecer a verdadeira ameaça que Webby Garton representava.

— Mas Adrian era assim — disse Don, usando um lenço de papel para secar os olhos e espalhando a sombra cintilante que estava usando. — Ele não tinha muita noção de quando precisava se proteger. Era um desses tolos que pensam que as coisas vão terminar bem.

Ele poderia ter ficado muito ferido naquele momento se Garton não tivesse sentido uma coisa bater em seu cotovelo. Era um cassetete. Ele virou a cabeça e viu o policial Frank Machen, outro membro da elite de Derry.

— Deixa pra lá, amiguinho — disse Machen para Garton. — Cuida da sua vida e deixa esses gayzinhos em paz. Vai se divertir.

— Você ouviu de que ele me chamou? — perguntou Garton com irritação. Agora, estava acompanhado de Unwin e Dubay; os dois, ao sentirem cheiro de problema, tentaram afastar Garton dali, mas Garton os empurrou e teria se virado contra eles com socos se tivessem insistido. A masculinidade dele tinha recebido um insulto que ele sentia precisar ser vingado. *Ninguém* sugeria que ele chupasse pau. *Ninguém.*

— Acredito que ele não te *chamou* de nada — respondeu Machen. — E você falou com ele primeiro, acredito eu. Agora anda, filho. Não quero ter que mandar de novo.

— Ele me chamou de bicha!

— Então você está com medo de ser? — perguntou Machen, parecendo genuinamente interessado, e Garton ficou de um tom vermelho profundo.

Durante essa conversa, Hagarty estava tentando com desespero cada vez maior puxar Adrian Mellon para longe da cena. Agora, pelo menos, Mellon estava indo.

— Tchau, tchau, amor! — gritou Adrian alegremente por cima do ombro.

— Cala a boca, cu frouxo — disse Machen. — Sai daqui.

Garton voou para cima de Mellon, e Machen o segurou.

— Posso te prender, meu amigo — disse Machen —, e pela forma como você está se comportando, pode não ser tão má ideia.

— *Na próxima vez que eu te encontrar*, *vou te machucar!* — gritou Garton pelas costas do par que se afastava, e cabeças se viraram para olhar para ele. — *E se você estiver usando esse chapéu, vou te matar! Essa cidade não precisa de bichas como você!*

Sem se virar, Mellon balançou os dedos da mão esquerda (as unhas estavam pintadas de vermelho-cereja) e rebolou ainda mais ao caminhar. Garton pulou de novo.

— Mais uma palavra ou mais um movimento e você vai preso — disse Machen calmamente. — Acredite em mim, meu rapaz, pois estou falando sério.

— Vem, Webby — disse Chris Unwin com constrangimento. — Se acalma.

— Você gosta de caras assim? — perguntou Webby para Machen, ignorando

completamente Chris e Steve. — Hã?

— Sou neutro em relação a quem gosta de morder fronha — disse Machen. — Sou a favor mesmo é de paz e sossego, e você está perturbando aquilo de que eu gosto, cara de pizza. Quer ir dar uma volta comigo ou não?

— Vem, Webby — disse Steve Dubay baixinho. — Vamos comprar cachorro-quente.

Webby foi, ajeitando a camisa com movimentos exagerados e tirando o cabelo dos olhos. Machen, que também deu depoimento na manhã seguinte à morte de Adrian Mellon, disse: “*A última coisa que ouvi ele dizer quando estava se afastando com os amigos foi: ‘Na próxima vez que eu der de cara com ele, ele vai estar encrencado.’*”

6

— Por favor, preciso falar com a minha mãe — disse Steve Dubay pela terceira vez. — Tenho que pedir pra ela aliviar com meu padrasto, senão vou levar muita porrada quando chegar em casa.

— Daqui a pouco — disse o policial Charles Avarino. Tanto Avarino quanto seu parceiro, Barney Morrison, sabiam que Steve Dubay não ia para casa naquela noite e talvez nas próximas também não. O garoto não parecia perceber o quanto essa prisão era pesada, e Avarino não ficaria surpreso de descobrir mais tarde que Dubay tinha largado a escola aos 16 anos. Naquela época, ele ainda estava na escola de ensino fundamental Water Street Junior High. O QI dele era de 68, de acordo com o teste que fez em uma das três passagens pelo sétimo ano.

— Nos conte o que aconteceu quando vocês viram Mellon saindo do Falcon — disse Morrison.

— Não, cara, melhor não.

— E por que não? — perguntou Avarino.

— Já falei demais, eu acho.

— Você veio pra falar — disse Avarino. — Não é verdade?

— Bem… é… mas…

— Escuta — disse Morrison calorosamente, sentando-se ao lado de Dubay e entregando um cigarro a ele. — Você acha que eu e o Chick aqui gostamos de bichas?

— Não sei…

— A gente *parece* que gosta de bichas?

— Não, mas…

— Somos seus amigos, Steve — disse Morrison solenemente. — E acredite, você, Chris e Webby precisam de todos os amigos que puderem ter agora. Porque amanhã todas as pessoas de bom coração desta cidade estarão gritando pelo sangue de vocês.

Steve Dubay pareceu levemente alarmado. Avarino, que conseguia quase ler a mentezinha de merda desse palhaço, desconfiava que ele estava pensando no padrasto de novo. E, apesar de Avarino não gostar da pequena comunidade gay de Derry (como qualquer policial da força, ele gostaria de ver o Falcon fechado para sempre), ele ficaria feliz em levar Dubay para casa ele mesmo. Ficaria feliz, na verdade, de segurar os braços de Dubay enquanto o padrasto batia no moleque até ele virar patê. Avarino não gostava de gays, mas isso não significava que acreditava que eles deviam ser torturados e assassinados. Mellon foi brutalmente atacado. Quando o tiraram de debaixo da ponte do canal, os olhos dele estavam abertos e saltados de pavor. E esse cara aqui não fazia ideia nenhuma do que tinha ajudado a fazer.

— A gente não queria machucar ele — repetiu Steve. Essa era a frase padrão quando ele ficava ligeiramente confuso.

— É por isso que você quer ser sincero com a gente — disse Avarino com seriedade. — Deixar claros os fatos verdadeiros da questão, pra quem sabe tudo isso não passar de uma coisa à toa. Não é verdade, Barney?

— Verdadeira — concordou Morrison.

— Mais uma vez, o que você diz? — disse Avarino com persuasão.

— Bem… — disse Steve, e começou a falar lentamente.

7

Quando o Falcon foi aberto em 1973, Elmer Curtie pensava que sua clientela consistiria basicamente em passageiros de ônibus, pois a rodoviária ao lado atendia três linhas diferentes: Trailways, Greyhound e Aroostook County. O que ele não percebeu foi quantos dos passageiros que andam de ônibus são mulheres ou famílias com crianças pequenas. Muitos dos outros deixavam as garrafas em sacos de papel e nem saíam do ônibus. Os que saíam costumavam ser soldados ou marinheiros

que não queriam mais do que uma cerveja rápida ou duas; não dava para entornar durante uma parada de dez minutos.

Curtie começou a perceber algumas dessas verdades por volta de 1977, mas já era tarde demais: ele estava com contas até as orelhas e não tinha como sair do vermelho. A ideia de queimar o bar para receber o seguro lhe ocorreu, mas a não ser que ele contratasse um profissional para provocar o incêndio, ele achava que seria pego… e não tinha ideia de onde encontrar incendiários profissionais, de qualquer modo.

Em fevereiro daquele ano, ele decidiu que esperaria até o dia 4 de julho; se as coisas não parecessem estar mudando até lá, ele simplesmente andaria até a construção ao lado, entraria num ônibus e veria como as coisas eram na Flórida.

Mas nos cinco meses seguintes, um tipo de prosperidade incrível e silenciosa chegou ao bar, que era pintado de preto e dourado por dentro e decorado com pássaros empalhados (o irmão de Elmer Curtie fora taxidermista amador especializado em pássaros, e Elmer herdara tudo quando ele morreu). De repente, em vez de vender sessenta cervejas e vinte drinques por noite, Elmer servia oitenta cervejas e cem drinques… 120… às vezes até 160.

A clientela era jovem, educada, quase exclusivamente masculina. Muitos se vestiam de maneira extravagante, mas aqueles eram anos em que roupas extravagantes ainda eram quase a norma, e Elmer Curtie só reparou que seus clientes eram quase exclusivamente gays em 1981, mais ou menos. Se os residentes de Derry o ouvissem dizer isso, teriam rido e dito que Elmer Curtie devia pensar que todos nasceram ontem, mas o que ele dizia era perfeitamente verdade. Como o marido da esposa traidora, ele foi praticamente o último a saber… E quando soube, não se importou. O bar estava dando dinheiro, e apesar de haver quatro outros bares em Derry que davam lucro, o Falcon era o único em que os clientes baderneiros não quebravam o estabelecimento todo. Não havia mulheres por quem brigar, e esses homens, gays ou não, pareciam ter aprendido um segredo para se dar bem uns com os outros que seus similares heterossexuais não sabiam.

Depois que ficou ciente das preferências sexuais dos clientes regulares, ele passou a ouvir histórias absurdas sobre o Falcon em todos os lugares. Essas histórias circulavam havia anos, mas até 1981 Curtie não as tinha ouvido. Os contadores mais entusiastas dessas histórias, descobriu ele, eram homens que não se deixariam arrastar até o Falcon por medo de os músculos do pulso ficarem frouxos, ou algo do tipo. Mas pareciam saber de todo tipo de coisa.

De acordo com as histórias, você podia entrar lá em qualquer noite e ver homens dançando

coladinhos, esfregando os membros bem na pista de dança; homens beijando de língua no bar; homens fazendo boquete no banheiro. Havia supostamente um quarto nos fundos para onde você ia se quisesse passar um tempinho na Torre de Poder: havia um sujeito enorme de uniforme nazista lá com o braço lubrificado até o ombro e que teria prazer em cuidar de você.

Mas nenhuma dessas coisas era verdade. Quando pessoas com sede saíam da rodoviária para tomar uma cerveja ou um uísque com soda, elas não sentiam nada de incomum no Falcon. Havia muitos homens, claro, mas não era nada diferente de milhares de bares de trabalhadores em todo o país. A clientela era gay, mas gay não era sinônimo de burro. Se eles queriam ser ousados, iam para Portland. Se queriam ser muito ousados, iam para Nova York ou Boston. Derry era pequena, Derry era provinciana e a pequena comunidade gay de Derry entendia a sombra sob a qual existia perfeitamente bem.

Don Hagarty frequentava o Falcon havia dois ou três anos na noite de março de 1984 em que apareceu com Adrian Mellon. Antes disso, Hagarty era do tipo que avalia o terreno e raramente aparecia com a mesma companhia mais de seis vezes. Mas no final de abril ficou óbvio até para Elmer Curtie, que ligava bem pouco para coisas assim, que Hagarty e Mellon tinham um relacionamento firme.

Hagarty era projetista em uma empresa de engenharia em Bangor. Adrian Mellon era repórter freelancer que publicava em qualquer lugar que conseguisse: revistas de companhia aérea, revistas femininas, revistas regionais, suplementos dominicais, revistas com cartas de sexo. Estava escrevendo um romance, mas talvez isso não fosse sério; ele vinha trabalhando nisso desde o terceiro ano de faculdade, 12 anos antes.

Ele tinha ido a Derry para escrever uma reportagem sobre o canal, a serviço do *New England Byways*, uma revista bimestral publicada em Concord. Adrian Mellon aceitou o trabalho porque conseguiu tirar da *Byways* dinheiro para três semanas de despesas, incluindo um bom quarto no Derry Town House, e juntar todo o material de que precisava em cinco dias, talvez. Durante as outras duas semanas, ele podia juntar material suficiente para talvez quatro outras reportagens regionais.

Mas durante o período de três semanas, ele conheceu Don Hagarty e, em vez de voltar para Portland quando as três semanas pagas acabaram, ele se viu em um pequeno apartamento na travessa Kossuth. Ele morou lá por apenas seis semanas. Depois disso, foi morar com Don Hagarty.

8

Aquele verão, Hagarty contou a Harold Gardener e Jeff Reeves, foi o mais feliz da vida dele. Ele devia estar atento, disse ele; devia saber que Deus só coloca um tapete debaixo de caras como ele para

puxar de debaixo dos pés.

A única sombra, disse ele, era a reação extravagante de militância de Adrian a favor de Derry. Ele tinha uma camiseta com os dizeres O MAINE NÃO É RUIM, MAS DERRY É ÓTIMA! Tinha uma jaqueta dos Derry Tigers. E, é claro, havia o chapéu. Ele dizia achar a atmosfera vital e criativamente revigorante. Talvez houvesse alguma coisa nisso: ele tinha tirado o arrastado romance da caixa pela primeira vez em quase um ano.

— Então ele estava mesmo escrevendo o romance? — Gardener perguntou a Hagarty, não se importando realmente, mas querendo manter Hagarty falando.

— Estava… Estava escrevendo páginas e páginas. Disse que podia ser um péssimo romance, mas não ia ser mais um péssimo romance inacabado. Ele esperava concluir antes do aniversário, em outubro. É claro que ele não sabia como Derry era de verdade. Achava que sabia, mas não tinha passado tempo o suficiente aqui pra sentir o cheiro da verdadeira Derry. Eu ficava tentando falar pra ele, mas ele não ouvia.

— E como Derry é de verdade, Don? — perguntou Reeves.

— Parece muito com uma prostituta morta com vermes saindo da boceta — disse Don Hagarty.

Os dois policiais olharam com assombro silencioso.

— É um lugar *ruim* — disse Hagarty. — É um esgoto. Vocês querem dizer que não *sabem* disso? Vocês dois moram aqui a vida toda e não *sabem* disso?

Nenhum dos dois respondeu. Depois de um tempo, Hagarty prosseguiu.

9

Até Adrian Mellon entrar em sua vida, Don planejava ir embora de Derry. Morava lá havia três anos, mais por ter aceitado um período longo de aluguel de um apartamento com a vista do rio mais fantástica do mundo, mas agora o contrato estava quase terminado e Don estava feliz. Era o fim das longas viagens de transporte público para ir e voltar de Bangor. Era o fim das energias estranhas.

Em Derry, ele disse uma vez para Adrian, parecia que eram sempre 13 horas. Adrian podia achar que Derry era um lugar ótimo, mas o lugar assustava Don. Não era só a atitude homofóbica da cidade, uma atitude claramente expressa pelos pregadores da cidade e pelas pichações do Parque Bassey, mas era uma coisa que ele nunca conseguiu identificar. Adrian rira.

— Don, todas as cidades dos Estados Unidos têm um contingente de pessoas que odeiam os gays — disse ele. — Não me diga que não sabe disso. Afinal, estamos na era de Ronnie Moron e Phyllis Housefly.

— Vem pro Parque Bassey comigo — respondeu Don depois de ver que Adrian estava realmente falando sério, e que o que ele realmente estava dizendo era que Derry não era pior do que qualquer outra cidade de tamanho mediano do interior. — Quero te mostrar uma coisa, meu amor.

Eles foram para o Parque Bassey de carro. Isso aconteceu em meados de junho, cerca de um mês antes do assassinato de Adrian, Hagarty contou para os policiais. Ele levou Adrian para as sombras escuras e vagamente desagradáveis da Ponte do Beijo. Apontou para uma das pichações. Adrian precisou acender um fósforo e segurar abaixo do texto para conseguir ler.

ME MOSTRA SEU PAU, SUA BICHA, E VOU CORTAR ELE FORA.

— Sei o que as pessoas acham dos gays — disse Don baixinho. — Levei uma surra em uma parada de caminhões em Dayton quando era adolescente; alguns caras de Portland colocaram fogo nos meus sapatos em frente a uma lanchonete enquanto um policial velho e gordo ficava dentro da viatura rindo. Já vi muita coisa… mas nunca vi nada assim. Olha ali. Dá uma lida.

Outro fósforo revelou ENFIE PREGOS NOS OLHOS DE TODOS OS VEADOS (POR DEUS)!

— Quem escreve essas frases tem um problema sério de loucura. Eu me sentiria melhor se achasse que era só uma pessoa, um doente isolado, mas… — Don passou o braço lentamente na direção da extensão da Ponte do Beijo. — Tem muitas dessas coisas… e acho que não foi uma pessoa que escreveu todas. É por isso que quero sair de Derry. Lugares demais e pessoas demais parecem sofrer de loucura profunda.

— Ah, espera até eu terminar meu romance, tá? Por favor? Outubro, eu prometo, nem um dia a mais. O ar é melhor aqui.

— Ele não sabia que era com a água que ele precisaria tomar cuidado — disse Don Hagarty com amargura.

10

Tom Boutillier e o chefe Rademacher se inclinaram para a frente, os dois sem falar. Chris Unwin estava sentado com a cabeça baixa, falando em tom monótono para o chão. Essa era a parte que eles queriam ouvir; essa era a parte que ia mandar pelo menos dois cretinos para Thomaston.

— A feira não estava boa — disse Unwin. — Já estavam tirando todos os brinquedos maneiros, sabe, como a Roda do Demônio e a Queda de Paraquedas. Já tinham colocado uma placa nos Carrinhos Bate-Bate escrito "fechado". Não tinha nada aberto, só brinquedos de bebê. Então fomos pra área dos jogos, e Webby viu o Jogue até Ganhar; pagou cinquenta centavos e viu aquele chapéu que a bicha estava usando e jogou pra pegar um, mas ficava errando, e cada vez que ele errava, o humor dele piorava, sabe? E Steve, o cara que costuma sair por aí dizendo esfria a cabeça, tipo esfria a cabeça pra isso, esfria a cabeça praquilo, e por que você não esfria essa porra duma vez, sabe? Só que ele estava com o humor fodido porque tomou um comprimido sabe? Não sei que tipo de comprimido. Um comprimido vermelho. De repente até era legal. Mas ele fica atrás de Webby até eu achar que Webby ia bater nele, sabe. Ele fica repetindo: Você não consegue nem ganhar o chapéu daquela bicha. Deve estar muito doidão se não consegue nem ganhar o chapéu daquela bicha. Então a dona acaba dando um prêmio pra ele apesar do aro não ter acertado nada, porque acho que ela queria se livrar de nós. Não sei. Talvez não. Mas acho que sim. Era uma coisa de fazer barulho, sabe? Você sopra, ela enche e desenrola e faz um barulho de peido, sabe? Eu tinha um. Ganhei no Halloween ou no Ano-Novo ou numa porra de feriado. Achava bem legal, só que perdi. Ou pode ser que alguém tenha tirado do meu bolso na merda de parquinho da escola, sabe? Aí a feira está fechando e estamos saindo e Steve ainda está no pé de Webby por ele não ter conseguido ganhar o chapéu da bicha, sabe, e Webby não está falando muito e sei que isso é mau sinal, mas eu estava bêbado, sabe? Então eu sabia que tinha que mudar de assunto, mas não conseguia pensar em nada, sabe? Então quando entramos no estacionamento, Steve diz: Aonde você quer ir? Pra casa? E Webby diz: Vamos passar na porta do Falcon

primeiro pra ver se aquela bicha está por lá.

Boutillier e Rademacher trocaram um olhar. Boutillier ergueu um único dedo e bateu na bochecha; apesar de o pateta de botas não saber, estava falando agora de assassinato em primeiro grau.

— Então eu falo não, tenho que ir pra casa, e Webby diz: está com medo de passar na porta daquele bar gay? E eu digo: porra, não! E Steve ainda está alto, eu acho, e diz: vamos fritar carne de veado! Vamos fritar carne de veado! Vamos fritar…

11

A sincronia foi perfeita para tudo dar errado para todo mundo. Adrian Mellon e Don Hagarty saíram do Falcon depois de duas cervejas, passaram andando pela rodoviária e deram as mãos. Nenhum dos dois pensou no que estava fazendo; era apenas uma coisa que eles faziam. Eram 22h20. Eles chegaram na esquina e viraram à esquerda.

A Ponte do Beijo ficava quase 700 metros rio acima dali; eles pretendiam cruzar a ponte da rua Main, que era bem menos pitoresca. O Kenduskeag estava baixo, como era comum no verão, com no máximo 1,20 metro de água deslizando apaticamente pelos pilares de concreto da ponte.

Quando o Duster chegou ao lado deles (Steve Dubay tinha visto os dois saindo do Falcon e apontou para eles alegremente), eles estavam na metade da extensão.

— Dá uma fechada! Dá uma fechada! — gritou Webby Garton. Os dois homens tinham acabado de passar debaixo de um poste de luz e ele viu que estavam de mãos dadas. Isso o enfureceu… mas não tanto quanto o chapéu. A enorme flor de papel estava balançando loucamente de um lado para o outro. — Dá uma fechada, porra!

E Steve deu.

Chris Unwin negaria participação no que se seguiu, mas Don Hagarty contou uma história diferente. Ele disse que Garton saiu do carro quase antes de ele parar, e que os outros dois foram rapidamente atrás. Houve conversa. Não foi boa. Não houve tentativa de irreverência nem de flerte falso da parte de Adrian naquela noite; ele reconheceu que eles estavam com um problema bem grande.

— Me dá esse chapéu — disse Garton. — Me dá, bicha.

— Se eu der, você vai deixar a gente em paz? — Adrian estava ofegante de medo, quase chorando, olhando de Unwin para Dubay e Garton com olhos apavorados.

— Me dá essa porra!

Adrian entregou o chapéu. Garton tirou um canivete do bolso esquerdo da calça jeans e cortou-o em dois pedaços. Esfregou os pedaços no traseiro da calça. Em seguida, jogou no chão e pulou em cima.

Don Hagarty se afastou um pouco quando a atenção deles estava dividida entre Adrian e o chapéu. Ele disse que estava procurando um policial.

— Agora vocês vão nos deixar em p… — começou a falar Adrian Mellon, e foi nessa hora que Garton deu um soco na cara dele, empurrando-o contra a cerca da ponte da altura da cintura. Adrian gritou e levou as mãos à boca. Sangue jorrou entre seus dedos.

— *Ade!* — gritou Hagarty, e saiu correndo de novo. Dubay esticou o pé para derrubá-lo. Garton chutou-o na barriga e o derrubou da calçada para a rua. Um carro passou. Hagarty ficou de joelhos e gritou. O carro não diminuiu. Ele contou a Gardener e Reeves que o motorista nem olhou para trás.

— Cala a boca, veado! — disse Dubay, e chutou-o na lateral do rosto. Hagarty caiu de lado na sarjeta, semiconsciente.

Alguns momentos depois, ele ouviu uma voz, de Chris Unwin, mandando-o ir embora antes que ele recebesse o que o amigo estava recebendo. Em seu próprio depoimento, Unwin confirmou que deu esse aviso.

Hagarty conseguia ouvir baques surdos e o som de seu amante gritando. Adrian parecia um coelho em uma armadilha, ele contou à polícia. Hagarty rastejou de volta até o cruzamento e as luzes intensas da rodoviária, e quando estava a uma certa distância, se virou para olhar.

Adrian Mellon, que tinha 1,65 metro e pesava apenas uns 60 quilos, estava sendo empurrado de Garton para Dubay para Unwin em uma espécie de brincadeira. O corpo dele se balançava como o corpo de uma boneca de pano. Eles estavam dando socos nele, golpeando, rasgando as roupas. Ele disse que, enquanto olhava, Garton deu um soco na virilha de Adrian. O cabelo de Adrian caía sobre o rosto. Sangue jorrava da boca e encharcava sua camisa. Webby Garton usava dois anéis pesados na mão direita: um era um anel da Derry High School, o outro ele tinha feito em uma aula, com as letras DB de metal entrelaçadas em alto-relevo com 7 centímetros. As letras representavam Dead Bugs, uma banda de heavy metal da qual ele gostava muito. Os anéis cortaram o lábio superior de Adrian e quebraram três dentes de cima perto da gengiva.

— *Socorro!* — gritou Hagarty. — *Socorro! Socorro! Estão matando ele! Socorro!*

Os prédios na rua Main continuaram escuros e secretos. Ninguém saiu para ajudar, nem da única ilha branca de luz que marcava a rodoviária, e Hagarty não via como isso era possível: havia pessoas lá. Ele as tinha visto quando passou com Ade. Será que ninguém sairia para ajudar? Ninguém?

— *SOCORRO! SOCORRO! ESTÃO MATANDO ELE, SOCORRO, POR FAVOR, PELO AMOR DE DEUS!*

— Socorro — sussurrou uma voz bem baixa à esquerda de Don Hagarty… e em seguida, uma risada.

— *Expulsa o vagabundo!* — Garton estava gritando agora… gritando e rindo. Todos os três, contou Hagarty a Gardener e Reeves, estavam rindo enquanto surravam Adrian. — *Expulsa o vagabundo! Por cima da grade!*

— *Expulsa o vagabundo! Expulsa o vagabundo! Expulsa o vagabundo!* — cantarolou Dubay, rindo.

— Socorro — disse a voz baixa de novo, e apesar de ser uma voz grave, a risadinha soou depois de novo, e era como a voz de uma criança que não consegue se controlar.

Hagarty olhou para baixo e viu o palhaço, e foi nesse ponto que Gardener e Reeves começaram a relevar tudo que Hagarty dizia, porque o resto era delírio de um lunático. No entanto, mais tarde, Harold Gardener se viu em dúvida. Depois, quando soube que o garoto Unwin também viu um palhaço, ou disse ter visto, ele começou a se questionar. O parceiro nunca teve dúvidas ou nunca admitiria.

Hagarty disse que o palhaço parecia um cruzamento entre Ronald McDonald e aquele velho palhaço da TV, o Bozo. Ou era o que ele pensou no princípio. Foram os tufos desgrenhados de cabelo que levaram essa comparação à mente. Mas considerações posteriores fizeram com que ele achasse que o palhaço não se parecesse nem com um, nem com outro. O sorriso pintado no rosto branco era vermelho, não laranja, e os olhos eram de um prateado cintilante estranho. Lentes de contato, talvez… Mas uma parte dele achou na hora e continuou a achar que talvez prateada fosse a verdadeira cor daqueles olhos. Ele usava uma roupa larga com grandes botões laranja em forma de pompom; nas mãos, havia luvas de desenho animado.

— Se você precisar de ajuda, Don — disse o palhaço —, pode pegar um balão.

E ofereceu vários que segurava na mão.

— Eles flutuam — disse o palhaço. — Aqui embaixo, todos nós flutuamos; em pouco tempo, seu amigo também vai flutuar.

— Esse palhaço chamou você pelo nome — disse Jeff Reeves com uma voz totalmente sem expressão. Ele olhou por cima da cabeça baixa de Hagarty para Harold Gardener, e um olho deu uma piscadela.

— Chamou — disse Hagarty sem levantar o olhar. — Sei como parece.

13

— Então vocês jogaram ele por cima — disse Boutillier. — Expulsa o vagabundo.

— Eu não! — disse Unwin, erguendo o olhar. Ele tirou o cabelo dos olhos com uma das mãos e olhou para eles com desespero. — Quando vi que eles realmente pretendiam fazer aquilo, tentei puxar Steve, porque eu sabia que o cara podia se machucar… Eram uns 3 metros até a água…

Eram 7. Um dos guardas do chefe Rademacher já tinha medido.

— Mas parecia que ele estava louco. Os dois ficavam gritando “Expulsa o vagabundo! Expulsa o vagabundo!”, e então pegaram ele. Webby segurou por debaixo dos braços e Steve pela parte de trás da calça, e… e…

14

Quando Hagarty viu o que eles estavam fazendo, correu na direção deles gritando “Não! Não! Não!” a plenos pulmões.

Chris Unwin o empurrou para trás; Hagarty caiu na calçada e bateu os dentes.

— Quer ir também? — sussurrou ele. — *Corre*, querido!

Eles jogaram Adrian Mellon da ponte na água. Hagarty ouviu o som dele caindo no rio.

— Vamos sair daqui — disse Steve Dubay. Ele e Webby estavam indo para o carro.

Chris Unwin foi até a amurada e olhou para baixo. Ele viu Hagarty primeiro, deslizando e se agarrando na grama da margem cheia de lixo para chegar até a água. E então, viu o palhaço. O palhaço estava arrastando Adrian do outro lado com um dos braços; os balões estavam na outra mão. Adrian estava encharcado, engasgado, gemendo. O palhaço girou a cabeça e sorriu para Chris. Chris disse que viu os olhos prateados brilhantes e os dentes à mostra, dentes grandes, disse ele.

— Como o leão do circo, cara — disse ele. — Eram mesmo enormes.

Ele disse que viu o palhaço enfiar um dos braços de Adrian Mellon para trás, para ficar por cima da cabeça.

— E depois, Chris? — disse Boutillier. Ele estava entediado com essa parte. Contos de fadas o entediavam desde os 8 anos.

— Sei lá — disse Chris. — Foi aí que Steve me agarrou e jogou no carro. Mas… acho que ele mordeu o sovaco dele. — Ele ergueu o olhar para eles agora, com incerteza. — Acho que foi isso que ele fez. Mordeu o sovaco dele. Como se quisesse comer ele, cara. Como se quisesse comer o coração dele.

15

Não, disse Hagarty quando ouviu a história de Chris Unwin na forma de perguntas. O palhaço não arrastou Ade na outra margem, ao menos não que ele tenha visto — e ele concordou que não era um observador indiferente àquelas alturas; ele já estava completamente enlouquecido.

O palhaço, disse ele, estava de pé perto da margem oposta com o corpo encharcado de Adrian nos braços. O braço direito de Ade estava esticado atrás da cabeça do palhaço, e o rosto do palhaço estava mesmo na axila direita de Ade, mas ele não estava mordendo. Estava sorrindo. Hagarty conseguiu vê-lo olhando por debaixo do braço de Ade e sorrindo.

Os braços do palhaço apertaram e Hagarty ouviu costelas se quebrarem.

Ade gritou.

— Flutue conosco, Don — disse o palhaço pela boca vermelha sorridente, e apontou com uma das mãos com luvas brancas para debaixo da ponte.

Balões flutuavam debaixo da ponte, não uma dezena ou uma dezena de dezenas, mas milhares, vermelhos e azuis e verdes e amarelos, e impresso em cada um havia EU ♥ DERRY!

16

— Bem, isso faz parecer que havia muitos balões

— disse Reeves, e deu outra piscadela para Harold Gardener.

— Sei como parece — repetiu Hagarty com a mesma voz sombria.

— Você *viu* esses balões — disse Gardener.

Don Hagarty levantou as mãos lentamente na frente do rosto.

— Eu os vi tão claramente quanto consigo ver meus dedos neste momento. Milhares deles. Não dava nem pra ver a parte de baixo da ponte, porque eram muitos. Estavam tremendo um pouco, meio que balançando pra cima e pra baixo. Havia um som. Tipo um grito meio baixo e estranho. Eram as laterais deles se tocando. E fios. Havia uma floresta de fios brancos de teia de aranha. O palhaço levou Ade lá pra baixo. Consegui ver a roupa dele roçando nos fios. Ade estava fazendo terríveis sons de engasgo. Comecei a ir atrás dele… e o palhaço olhou pra trás. Vi os olhos dele e imediatamente entendi quem ele era.

— Quem era, Don? — perguntou Harold Gardener baixinho.

— Era Derry — disse Don Hagarty. — Era esta cidade.

— E o que você fez? — falou Reeves.

— Eu corri, seu burro — disse Hagarty, e caiu em lágrimas.

17

Harold Gardener ficou na dele até o dia 13 de novembro, a véspera do dia em que John Garton e Steven Dubay seriam julgados no Tribunal do Distrito de Derry pelo assassinato de Adrian Mellon. Ele procurou Tom Boutillier. Queria falar sobre o palhaço. Boutillier não queria, mas quando viu que Gardener poderia fazer alguma coisa idiota sem orientação, ele falou.

— Não tinha palhaço, Harold. Os únicos palhaços na rua aquela noite eram aqueles

garotos. Você sabe disso tão bem quanto eu.

— Temos duas testemunhas…

— Ah, isso é besteira. Unwin decidiu incluir o Homem de Um Braço, no melhor estilo "nós não matamos o pobre veadinho, foi o homem de um braço" assim que entendeu que tinha se metido em confusão de verdade dessa vez. Hagarty estava histérico. Ele ficou de lado vendo os garotos matarem o melhor amigo dele. Não teria me surpreendido se tivesse visto discos voadores.

Mas Boutillier sabia que não era isso. Gardener conseguia ver nos olhos dele, e a atitude esquiva do promotor assistente o irritou.

— Para com isso — disse ele. — Estamos falando de testemunhas independentes aqui. Não me venha de merda.

— Ah, você quer falar de merda? Está me dizendo que acredita que havia um palhaço vampiro debaixo da ponte da rua Main? Porque essa é a *minha* ideia de merda.

— Não, não exatamente, mas…

— Ou que Hagarty viu um bilhão de balões lá embaixo, cada um com a mesma coisa que havia impressa no chapéu do amante dele? Porque isso *também* é minha ideia de merda.

— Não, mas…

— Então por que você está me incomodando com isso?

— *Para de me interrogar!* — gritou Gardener. — Os dois descreveram o mesmo e nenhum dos dois sabia o que o outro estava dizendo!

Boutillier estava sentado à mesa, brincando com um lápis. Agora ele colocou o lápis sobre a mesa, ficou de pé e andou até Harold Gardener. Boutillier era 12 centímetros mais baixo, mas Gardener deu um passo para trás frente à raiva do homem.

— Você quer que a gente perca esse caso, Harold?

— Não. É claro que n…

— Quer que essas pragas ambulantes fiquem livres?

— Não!

— Certo. Ótimo. Como nós dois concordamos com o básico, vou te dizer exatamente o que acho. Sim, devia haver um homem debaixo da ponte naquela noite. Talvez até estivesse usando uma roupa de palhaço, apesar de eu já ter lidado com testemunhas o suficiente pra saber que devia ser um vagabundo ou um passante usando um bando de roupas descartadas por outras pessoas. Acho que devia estar lá embaixo procurando moedas caídas ou restos de comida, metade de um hambúrguer que alguém jogou fora ou talvez o farelo do fundo de um pacote de salgadinho. Os *olhos* deles fizeram o resto, Harold. Isso é possível?

— Não sei — disse Harold. Ele queria ser convencido, mas considerando a correspondência exata das duas descrições… não. Ele não achava possível.

— A questão é a seguinte. Não ligo se era o Palhaço Kinko ou um cara de terno do tio Sam de muletas ou Hubert, o Homossexual Feliz. Se introduzirmos esse sujeito no caso, o advogado deles vai cair em cima disso antes de você conseguir dizer "Jack Robinson". Ele

vai dizer que os dois cordeirinhos inocentes com cabelos recém-cortados e roupas novas não fizeram nada além de jogar o cara gay chamado Mellon da ponte de brincadeira. Vai observar que Mellon ainda estava vivo depois que caiu; eles têm o testemunho de Hagarty assim como o de Unwin pra isso.

"Os clientes *dele* não cometeram assassinato, ah, não! Foi um psicopata de roupa de palhaço. Se introduzirmos isso, é o que vai acontecer e você sabe."

— Unwin vai contar essa história de qualquer jeito.

— Mas Hagarty não — disse Boutillier. — Porque *ele* entende. Sem Hagarty, quem vai acreditar em Unwin?

— Bem, nós — disse Harold Gardener com uma amargura que surpreendeu até ele mesmo —, mas acho que *nós* não vamos contar.

— *Ah, me dá um tempo!* — rosnou Boutillier, levantando as mãos. — *Eles mataram o cara!* Não só jogaram ele da ponte. Garton tinha um canivete. Mellon foi esfaqueado sete vezes, inclusive uma vez no pulmão esquerdo e duas vezes nos testículos. Os ferimentos batem com a lâmina. Quatro das costelas dele foram quebradas. Dubay fez isso com o abraço de urso. Ele foi mesmo mordido. Havia mordidas nos braços, na bochecha esquerda, no pescoço. Acho que foram Unwin e Garton, apesar de só termos conseguido uma correspondência clara, e mesmo essa não deve estar clara o bastante pra ser usada no tribunal. Então, tudo bem, um pedaço de carne sumiu do sovaco dele, e daí? Um deles gostava mesmo de morder. Deve ter ficado até de pau duro quando estava fazendo isso. Aposto em Garton, apesar de jamais conseguirmos provar. E o lóbulo da orelha de Mellon sumiu.

Boutillier parou e olhou para Harold com raiva.

— Se permitirmos essa história de palhaço, *nunca* vamos conseguir mandar prender os três. Você quer isso?

— Não, já falei.

— O cara era fruta, mas não estava machucando ninguém — disse Boutillier. — E então, do nada, aparecem esses três babacas de botas de motoqueiro e roubam a vida dele. Vou colocar os três na cadeia, meu amigo, e se eu souber que os cuzinhos apertados deles foram arrombados em Thomaston, vou mandar cartões dizendo que espero que quem fez isso tenha aids.

Muito ardoroso, pensou Gardener. *E as condenações também vão ficar muito bem no seu registro quando você concorrer à vaga principal em dois anos.*

Mas ele foi embora sem dizer mais nada, porque também queria ver os três presos.

18

John Webber Garton foi condenado por homicídio culposo em primeiro grau e sentenciado a dez a

vinte anos na Prisão Estadual de Thomaston.

Steven Bishoff Dubay foi condenado por homicídio culposo em primeiro grau e sentenciado a 15 anos na Prisão Estadual de Shawshank.

Christopher Philip Unwin foi julgado separadamente como menor e condenado por homicídio culposo em segundo grau. Foi sentenciado a seis meses no Instituto de Treinamento para Garotos de South Windham, com liberdade condicional.

Na época em que este texto é escrito, as três sentenças estão em recurso; Garton e Dubay podem ser vistos em qualquer dia olhando garotas ou jogando moedas no Parque Bassey, não longe de onde o corpo desfigurado de Mellon foi encontrado flutuando contra um dos pilares da ponte da rua Main.

Don Hagarty e Chris Unwin saíram da cidade.

No julgamento principal, o de Garton e Dubay, ninguém mencionou um palhaço.

Capítulo 3

Seis telefonemas (1985)

1

Stanley Uris toma um banho

Patricia Uris contou mais tarde para a mãe que devia ter percebido que alguma coisa estava errada. Ela devia ter percebido porque Stanley nunca tomava banho de banheira no começo da noite. Tomava banho de chuveiro todas as manhãs e às vezes ficava na banheira tarde da noite (com uma revista em uma das mãos e uma cerveja gelada na outra), mas banhos de banheira às 19h não eram do estilo dele.

E havia a coisa com os livros. Devia tê-lo alegrado; mas, de alguma forma obscura que ela não entendia, pareceu tê-lo aborrecido e deprimido. Cerca de três meses antes daquela noite terrível, Stanley descobriu que um amigo de infância dele tinha virado escritor. Não escritor *de verdade*, contou Patricia para a mãe, mas romancista. O nome nos livros era William Denbrough, mas Stanley às vezes o chamava de Bill Gago. Ele leu quase todos os livros do sujeito; na verdade, estava lendo o último na noite do banho, a noite de 28 de maio de 1985. Patty mesma pegara para ler um dos primeiros, por pura curiosidade. Acabou parando depois de apenas três capítulos.

Não era apenas um romance, disse ela para a mãe mais tarde; era um livrodeterror. Ela falou dessa maneira, como se fosse uma palavra só, como teria dito livrodesexo. Patty era uma mulher doce e gentil, mas não muito articulada. Ela queria contar à mãe o quanto aquele livro

a assustara e por que a incomodara, mas não conseguiu.

— Era cheio de monstros — disse ela. — Cheio de monstros atrás de criancinhas. Havia mortes e… não sei… sentimentos ruins e dor. Coisas assim. — Na verdade, ela o achou quase pornográfico; essa era a palavra que ficava escapando dela, provavelmente porque ela nunca a falou em toda a vida, embora soubesse o que significava. — Mas Stan parecia ter redescoberto um dos amiguinhos de infância… Ele falou em escrever pra ele, mas eu sabia que ele não ia… Eu sabia que aquelas histórias *o* faziam se sentir mal também… e… e…

E então, Patty Uris começou a chorar.

Naquela noite, faltando aproximadamente seis meses para completar 28 anos daquele dia em 1957 quando George Denbrough conheceu Pennywise, o Palhaço, Stanley e Patty estavam sentados na sala de TV da casa em que moravam em um subúrbio de Atlanta. A TV estava ligada. Patty estava sentada em um sofá de dois lugares na frente dela, dividindo a atenção entre a costura e seu game show favorito, *Family Feud*. Ela simplesmente *amava* Richard Dawson e achava o relógio de bolso que ele usava incrivelmente sexy, apesar de nada no mundo ser capaz de arrancar essa confissão dela. Ela também gostava do programa porque quase sempre sabia as respostas mais populares (não havia respostas *certas* em *Family Feud*, não exatamente; só as mais populares). Ela uma vez perguntou a Stan por que as que pareciam tão fáceis para ela costumavam ser tão difíceis para as famílias no programa.

— Deve ser bem mais difícil quando você está lá debaixo daquelas luzes — respondera Stanley, e pareceu a ela que uma sombra cruzou o rosto dele. — Tudo fica bem mais difícil quando é de verdade. É aí que você engasga. Quando é de verdade.

Devia ser bem verdade, decidiu ela. Stanley tinha percepções precisas sobre a natureza humana às vezes. Bem mais precisas, refletiu ela, do que seu velho *amigo* William Denbrough, que ficou rico escrevendo um bando de livros de terror que apelavam aos instintos mais primitivos das pessoas.

Não que os Uris estivessem mal de vida! O subúrbio onde eles moravam era bom, e a casa que compraram por 87 mil dólares em 1979 provavelmente valeria 165 mil com facilidade. Não que ela quisesse vender, mas era bom saber coisas assim. Ela às vezes voltava do Fox Run Mall de Volvo (Stanley tinha um Mercedes a diesel, e para provocá-lo, ela chamava de Sedanley) e via a casa, posicionada agradavelmente atrás de uma cerca baixa de teixos, e pensava: *Quem mora aí? Ah, sou eu! A sra. Stanley Uris mora aí!* Não era um pensamento completamente feliz; misturado a ele havia um orgulho tão feroz que às vezes a deixava meio enjoada. Antigamente, sabe, houve uma garota solitária de 18 anos chamada Patricia Blum que não pôde entrar na festa depois da formatura que aconteceu no country clube na cidade de Glointon, Nova York. A entrada foi negada porque o sobrenome dela rimava com *pum*. Essa era ela, só uma judiazinha magrela no ano de 1967, e uma discriminação assim era contra a lei, é claro, ha-ha, muito engraçado, e além do mais, era passado agora. Mas para uma parte dela, *nunca* seria passado. Parte dela sempre estaria voltando para o carro com Michael Rosenblatt, ouvindo o cascalho debaixo dos saltos e dos sapatos sociais alugados dele, para o

carro do pai dele, que Michael pegara emprestado para aquela noite e que passara a tarde encerando. Parte dela sempre estaria andando ao lado de Michael com o paletó branco alugado. Como ele brilhava sob a noite suave de primavera! Ela estava usando um vestido de noite verde-claro que a mãe declarou que a fazia parecer uma sereia, e a ideia de uma sereia judia era bem engraçada, ha-ha. Eles andaram com as cabeças erguidas e ela não chorou, não naquele momento, mas entendera que eles não estavam *andando* de volta, não, não de verdade; o que eles estavam fazendo era *escapar*, que rima com *enojar*, os dois se sentindo mais judeus do que jamais sentiram na vida, sentindo-se como penhoristas, como passageiros de trem de carga, sentindo-se oleosos, de narizes longos, de pele amarelada; sentindo-se judeuzinhos mão de vaca; querendo sentir raiva e não conseguindo. A raiva só surgiu depois, quando não importava. Naquele momento, ela só conseguiu sentir vergonha, só conseguiu sofrer. E então, alguém rira. Uma gargalhada aguda e descontrolada como notas rápidas em um piano, e no carro ela conseguiu chorar, ah, pode apostar, aqui está a sereia judia cujo nome rima com *pum* chorando como louca. Mike Rosenblatt colocara a mão desajeitada e consoladora na nuca dela e ela se afastou, sentindo vergonha, sentindo-se suja, sentindo-se *judia*.

A casa posicionada com tanto bom gosto atrás da cerca viva melhorou isso… mas não *completamente*. A dor e a vergonha ainda estavam lá, e nem ser aceita neste bairro silencioso e rico conseguiu fazer a infinita caminhada com o som de pedras debaixo dos sapatos parar de acontecer. Nem o fato de eles serem membros *deste* country clube, onde o maître sempre os cumprimentava com um respeitoso "Boa noite, sr. e sra. Uris". Ela voltava para casa, aninhada no Volvo 1984, e olhava para a casa posicionada no gramado verde, e com frequência (frequência demais, ela achava) pensava naquela risada aguda. E torcia para que a garota que rira estivesse morando em uma casa de loteamento de merda com um marido *goy* que batesse nela, que tivesse ficado grávida três vezes e tido três abortos, que o marido a traísse com mulheres com doenças, que ela tivesse hérnia de disco e pés chatos e cistos na língua suja que ri.

Ela se odiava por esses pensamentos, pensamentos não generosos, e prometia melhorar: parar de beber esses coquetéis amargos e cheios de ressentimento. Meses se passariam sem ela ter esses pensamentos. Ela pensava: *Talvez finalmente tenha ficado para trás. Não sou mais aquela garota de 18 anos. Sou uma mulher de 36; a garota que ouviu o interminável clique das pedras da entrada, a garota que se afastou da mão de Mike Rosenblatt quando ele tentou consolá-la porque era uma mão judia, foi meia vida atrás. Aquela sereinha boba está morta. Posso esquecê-la agora e ser eu mesma.* Certo. Bom. Ótimo. Mas então ela estaria em outro lugar, no supermercado, talvez, e ouvia uma risada aguda repentina no corredor ao lado e suas costas ficavam arrepiadas, os mamilos ficavam duros e doloridos, as mãos apertavam a barra do carrinho de compras ou uma à outra, e ela pensava: *Alguém acabou de contar pra alguém que sou judia, que não sou nada além de uma nariguda mão de vaca, que Stanley não é nada além de um vagabundo mão de vaca, ele é contador, claro, judeus são bons com números, deixamos entrarem no country clube, tivemos que deixar, foi*

em 1981, quando aquele ginecologista narigudo judeu ganhou o processo, mas rimos deles, rimos e rimos e rimos. Ou ela apenas ouvia um clique fantasma e o barulho de cascalho e pensava: *Sereia! Sereia!*

Aí o ódio e a vergonha voltavam com tudo como uma enxaqueca, e ela entrava em desespero não apenas por ela mesma, mas por toda raça humana. Lobisomens. O livro de Denbrough, o que ela tentou ler e largou, era sobre lobisomens. Lobisomens, porra. O que um cara assim sabia sobre lobisomens?

Mas a maior parte do tempo ela se sentia melhor, sentia que *estava* melhor. Ela amava o marido, amava a casa e costumava conseguir amar a vida e a si mesma. As coisas estavam boas. Não foram sempre assim, é claro. E era possível? Quando ela aceitou o anel de noivado de Stanley, os pais ficaram zangados e infelizes. Ela o conhecera em uma festa de irmandade da faculdade. Ele foi da New York State University, onde tinha bolsa de estudos, até a faculdade dela. Foram apresentados por um amigo em comum, e quando a noite terminou, ela desconfiava que o amava. Nas férias de meio de semestre, ela tinha certeza. Quando a primavera chegou e Stanley ofereceu a ela um pequeno anel de diamante com uma margarida enfiada no meio, ela aceitou.

No final, apesar da oposição inicial, os pais acabaram aceitando. Não havia muito mais que eles pudessem fazer, embora Stanley Uris fosse se aventurar em um mercado de trabalho saturado de jovens contadores — e quando ele entrasse naquela selva, faria isso sem finanças familiares para impedi-lo, e com a única filha deles como a refém dele para a fortuna. Mas Patty tinha 22 anos, já uma mulher, e em pouco tempo se formaria na faculdade.

— Vou sustentar aquele filho da puta de quatro olhos pro resto da minha vida — Patty ouvira o pai dizer uma noite. A mãe e o pai tinham saído para jantar, e o pai tinha bebido um pouco demais.

— Shh, ela vai te ouvir — disse Ruth Blum.

Patty ficou acordada naquela noite até bem depois da meia-noite, com olhos secos, alternadamente com calor e com frio, odiando os dois. Passou os dois anos seguintes tentando se livrar desse ódio; já havia muito ódio dentro dela. Às vezes, quando se olhava no espelho, ela conseguia ver as coisas que o ódio estava fazendo com o rosto dela, as linhas finas que estava criando lá. Aquela foi uma batalha que ela venceu. Stanley a ajudou.

Os pais dele ficaram igualmente preocupados com o casamento. É claro que eles não acreditavam que Stanley estava destinado a uma vida de miséria e pobreza, mas achavam que “os jovens estavam sendo apressados”. Donald Uris e Andrea Bertoly tinham se casado com vinte e poucos anos, mas pareciam ter se esquecido do fato.

Só Stanley pareceu seguro, confiante no futuro, despreocupado com as armadilhas que os pais deles espalharam ao redor “dos jovens”. E no final, foi a confiança dele, e não os medos dos pais, que se justificou. Em julho de 1972, com a tinta ainda secando no diploma dela, Patty conseguiu um emprego para ensinar taquigrafia e inglês comercial em Traynor, uma pequena cidade 65 quilômetros ao sul de Atlanta. Quando ela pensava em como encontrou

aquele emprego, sempre achava um pouco… bem, misterioso. Ela tinha feito uma lista de quarenta empregos possíveis a partir de anúncios nos periódicos de professores, depois escreveu quarenta cartas em cinco noites, oito em cada noite, pedindo mais informações sobre o emprego e um formulário de candidatura para cada um. Vinte e duas respostas indicaram que o cargo já tinha sido preenchido. Em outros casos, uma explicação mais detalhada das capacidades necessárias deixou claro que ela não podia concorrer; candidatar-se seria apenas um desperdício do tempo das duas partes. Ela terminou com 12 possibilidades. Cada uma parecia tão provável quanto qualquer outra. Stanley entrou enquanto ela estava confusa lendo cada uma e se perguntando se poderia preencher 12 fichas de emprego sem ficar completamente doida. Olhou para os papéis espalhados sobre a mesa e bateu com o dedo na carta da Traynor Superintendent of Schools, uma carta que não parecia nem mais nem menos encorajadora do que qualquer uma das outras.

— Esta — disse ele.

Ela ergueu o olhar, assustada pela simples certeza na voz dele.

— Você sabe alguma coisa sobre a Georgia que eu não sei?

— Não. A única vez que fui até lá foi no cinema.

Ela olhou para ele com a sobrancelha erguida.

— *E o vento levou*. Vivien Leigh. Clark Gable. “Vou pensar nisso amanhã, pois amanhã é um outro dia.” Eu falo com sotaque do sul, Patty?

— Sim. Do sul do Bronx. Se você não sabe nada sobre a Georgia e nunca foi lá, então por que…

— Porque é o certo.

— Você não pode *saber* disso, Stanley.

— Claro que posso — disse ele com simplicidade. — Eu *sei*.

Ao olhar para ele, ela viu que ele não estava brincando; realmente estava falando sério. Ela sentiu uma onda de desconforto subir pelas costas.

— *Como* você sabe?

Ele estava sorrindo um pouco. Agora o sorriso falhou, e por um momento ele pareceu intrigado. Seus olhos escureceram, como se ele estivesse olhando para dentro, consultando algum dispositivo interior que clicava e girava corretamente, mas que, no fundo, ele não entendia tanto quanto um homem comum entende como funciona o relógio que carrega no pulso.

— A tartaruga não pôde nos ajudar — disse ele de repente. Ele falou bem claramente. Ela ouviu. Aquele olhar para dentro, aquele olhar de reflexão surpresa, ainda estava no rosto dele, e começava a assustá-la.

— Stanley? De que você está falando? *Stanley?*

Ele tremeu. Ela estava comendo pêssegos enquanto olhava as fichas, e a mão dele bateu no prato, que caiu no chão e quebrou. Os olhos dele pareceram clarear.

— Ah, merda! Me desculpa.

— Está tudo bem. Stanley… de que você estava falando?

— Esqueci — disse ele. — Mas acho que devíamos pensar na Georgia, amorzinho.

— Mas…

— Confie em mim — disse ele, então ela confiou.

A entrevista foi excelente. Ela sabia que ganharia o emprego quando entrou no trem para voltar para Nova York. O chefe do departamento de Administração gostou de Patty imediatamente, e ela gostou dele; ela quase ouviu o clique. A carta de confirmação chegou uma semana depois. O departamento da Traynor Consolidated School podia oferecer a ela 9.200 dólares e um contrato de experiência.

— Você vai morrer de fome — disse Herbert Blum quando a filha contou que pretendia aceitar o emprego. — E vai morrer de *calor* enquanto morre de fome.

— Besteira, Scarlett — disse Stanley quando ela contou a ele o que o pai dissera. Ela ficou furiosa, quase chorou, mas agora começou a rir, e Stanley a tomou nos braços.

Eles passaram calor, mas não passaram fome. Casaram-se no dia 19 de agosto de 1972. Patty Uris foi para o leito de casamento ainda virgem. Entrou nua entre os lençóis frios em um hotel em Poconos, num estado de espírito turbulento e tempestuoso, com relâmpagos de desejo e deliciosa luxúria e nuvens negras de medo. Quando Stanley deitou na cama ao lado dela, coberto de músculos e com o pênis como um ponto de exclamação surgindo em meio a pelos pubianos castanho-avermelhados, ela sussurrou:

— Não me machuque, querido.

— Nunca vou te machucar — disse ele ao tomá-la nos braços, e foi uma promessa que ele manteve fielmente até o dia 28 de maio de 1985, a noite do banho de banheira.

As aulas dela foram bem. Stanley conseguiu um emprego para dirigir um caminhão de padaria por cem dólares por semana. Em novembro daquele ano, quando o Traynor Flats Shopping Center abriu, ele conseguiu um emprego no escritório da H & R Block lá por 150 dólares. A renda combinada dos dois era então de 17 mil dólares por ano, e parecia o resgate de um rei para eles naqueles dias em que o galão de gás custava 35 centavos e um pão branco custava dez centavos a menos do que isso. Em março de 1973, sem estardalhaço nenhum, Patty Uris jogou fora as pílulas anticoncepcionais.

Em 1975, Stanley saiu da H & R Block e foi trabalhar por conta própria. Os pais dos dois concordaram que foi uma atitude imprudente. Não que Stanley não devesse trabalhar por conta própria, imagine! Mas era cedo demais, todos concordavam, e iria sobrecarregar Patty pelo lado financeiro. (“Pelo menos até o *zé-ninguém* engravidá-la”, disse Herbert Blum para o irmão, com ressentimento depois de uma noite bebendo na cozinha, “e então quem vai ter que carregar os dois sou *eu*”.) O consenso de opinião dos pais sobre esse assunto era que um homem nem devia *pensar* em trabalhar por conta própria até ter chegado a uma idade mais serena e madura, como, digamos, 78 anos.

Mais uma vez, Stanley pareceu confiante de uma maneira quase sobrenatural. Era jovem, apresentável, inteligente, competente. Fizera contatos ao trabalhar para a Block. Todas essas

coisas eram sabidas. Mas ele não tinha como saber que a Corridor Video (CV), uma pioneira no negócio recém-nascido de fitas de vídeo, estava prestes a se estabelecer em uma enorme área alugada a menos de 16 quilômetros do subúrbio para onde os Uris acabaram se mudando em 1979, nem tinha como saber que a Corridor estaria em busca de uma pesquisa independente de marketing em menos de um ano após a ida para Traynor. Mesmo que Stanley secretamente soubesse dessa informação, ele não poderia achar que dariam o trabalho para um judeu jovem de óculos que também era um maldito ianque, um judeu com sorriso fácil, um jeito meio gingado de andar, preferência por jeans com boca de sino nos dias de folga e os últimos traços de acne adolescente ainda no rosto. Mas deram. Deram, sim. E parecia que Stan sempre soubera.

O trabalho dele para a CV levou a uma proposta de emprego integral na empresa, com salário inicial de 30 mil dólares por ano.

— E isso é só o começo — contou Stanley para Patty na cama naquela noite. — Vão crescer como milho em agosto, querida. Se ninguém explodir o mundo nos próximos dez anos, eles vão chegar à grandeza de empresas como Kodak, Sony e RCA.

— E o que você vai fazer? — perguntou ela, já sabendo a resposta.

— Vou dizer que é um prazer trabalhar com eles — disse ele e riu; puxou-a para perto e beijou-a. Momentos depois, ele subiu em cima dela, e houve clímax, um, dois e três, como foguetes iluminados subindo no céu noturno… mas não houve bebê.

O trabalho dele com a Corridor Video o colocou em contato com alguns dos homens mais ricos e poderosos, e os dois ficaram atônitos ao descobrir que esses homens eram quase todos legais. Neles, eles encontraram um grande grau de aceitação e gentileza sem preconceitos que era quase desconhecido no norte. Patty lembrava-se de Stanley escrever uma vez para casa, para a mãe e o pai: *Os melhores homens ricos dos Estados Unidos moram em Atlanta, Georgia, e vou ajudar a tornar alguns mais ricos; eles vão me fazer mais rico, e ninguém vai ser dono de mim, exceto minha esposa, Patricia, e como já sou dono dela, acho que isso é bem seguro.*

Quando eles saíram de Traynor, Stanley já tinha empresa própria e empregava seis pessoas. Em 1983, a renda deles entrou em território desconhecido, território do qual Patty só tinha ouvido rumores. Era a famosa terra dos SEIS DÍGITOS. E tudo aconteceu com a tranquilidade casual de calçar um par de chinelos no sábado de manhã. Isso às vezes a assustava. Uma vez, ela fez uma piada constrangedora sobre fazer acordos com o diabo. Stanley riu até quase se engasgar, mas para ela não pareceu tão engraçado, e ela achava que nunca seria.

A tartaruga não pôde nos ajudar.

Às vezes, sem motivo nenhum, ela acordava com esse pensamento na cabeça como se fosse o último fragmento de um sonho esquecido, e ela se virava para Stanley, precisando tocar nele, precisando ter certeza de que ele ainda estava lá.

Era uma boa vida: não havia bebedeiras, nem sexo fora do casamento, nem drogas, nem tédio, nem discussões amargas sobre o que fazer depois. Só havia uma nuvem. Foi a mãe dela

quem mencionou primeiro a presença dessa nuvem. Que a mãe dela tenha sido quem finalmente fez isso pareceu, em retrospecto, predeterminado. Surgiu como uma pergunta em uma das cartas de Ruth Blum. Ela escrevia para Patty uma vez por semana, e aquela carta em particular chegou no começo do outono de 1979. Chegou reenviada do antigo endereço de Traynor, e Patty a leu na sala de estar cheia de caixas de loja de bebida de onde saía tudo que eles tinham, com aparência abandonada, desabrigada e desapropriada.

De muitas formas, era a tradicional Carta de Ruth Blum vinda de Casa: quatro folhas azuis completamente preenchidas, cada uma com o cabeçalho UM BILHETE DE RUTH. A caligrafia dela era quase ilegível, e Stanley uma vez reclamou que não conseguia ler uma única palavra que a sogra escrevia.

— Por que você iria querer ler? — respondera Patty.

Esta estava cheia das novidades tradicionais da mãe; para Ruth Blum, a recordação era um delta amplo, que se abria do ponto móvel do agora em um leque cada vez mais largo de relacionamentos entrelaçados. Muitas das pessoas sobre quem a mãe escrevia estavam começando a desaparecer na memória de Patty como fotos em um álbum velho, mas para Ruth todas ainda estavam claras. As preocupações com a saúde delas e a curiosidade sobre as várias atitudes nunca pareciam diminuir, e seus prognósticos eram sempre horríveis. O pai ainda tinha muitas dores de estômago. *Ele* tinha certeza de que era apenas indigestão; a ideia de que podia ter uma úlcera, escreveu ela, não passaria pela mente dele até ele começar a tossir sangue, e talvez nem assim. *Você conhece seu pai, querida: ele trabalha como uma mula, e às vezes também acha que é uma. Que Deus me perdoe por dizer isso.* Randi Harlengen ligou as trompas, tiraram cistos do tamanho de bolas de golfe dos ovários dela, mas nenhum era maligno, graças a Deus, mas 27 cistos ovarianos podiam *matar*? Era a água de Nova York, ela tinha certeza. O ar da cidade também era sujo, mas ela estava convencida de que era a água que fazia isso com as pessoas depois de um tempo. Causava depósitos dentro da pessoa. Ela duvidava que Patty soubesse com que frequência ela agradecia a Deus por "vocês jovens" estarem no interior, onde o ar e a água, particularmente a água, eram mais saudáveis (para Ruth, todo o sul, incluindo Atlanta e Birmingham, era interior). Tia Margaret estava brigando com a companhia de luz de novo. Stella Flanagan tinha se casado de novo, algumas pessoas nunca aprendiam. Richie Huber fora despedido outra vez.

E no meio dessa conversa trivial e frequentemente ferina, no meio de um parágrafo, sem relação com nada dito antes ou que viesse depois, Ruth Blum casualmente fez a Temida Pergunta: "Quando você e Stan vão nos tornar avós? Estamos prontos para mimar a criança. E caso você não tenha reparado, Patsy, não estamos ficando mais jovens." E ela seguiu para a garota Bruckner, do quarteirão, que tinha sido expulsa da faculdade porque não estava usando sutiã com uma blusa bem transparente.

Sentindo-se para baixo e com saudade da antiga casa em Traynor, insegura e com muito medo do que podia haver no futuro, Patty entrou no que se tornaria o quarto deles e se deitou sobre o colchão (a base da cama box ainda estava na garagem, e o colchão, sozinho no piso de

carpete, parecia um artefato jogado em uma estranha praia amarela). Ela apoiou a cabeça nos braços e ficou deitada chorando por quase 20 minutos. Ela achava que o choro estava a caminho de qualquer jeito. A carta da mãe apenas trouxe o choro mais cedo, assim como a poeira acelera as cócegas no nariz e provoca o espirro.

Stanley queria filhos. *Ela* queria filhos. Eles eram tão compatíveis nesse aspecto quanto na apreciação aos filmes de Woody Allen, na frequência mediana à sinagoga, nas inclinações políticas, no desprezo à maconha e cem outras coisas, grandes e pequenas. Havia um quarto a mais na casa de Traynor, que eles dividiram igualmente ao meio. No lado esquerdo, ele tinha uma mesa de trabalho e uma poltrona de leitura; no lado direito, ela tinha uma máquina de costura e uma mesa em que montava quebra-cabeças. Havia um acordo tão forte entre eles em relação àquele quarto que eles raramente falavam; apenas existia, como os narizes deles ou as alianças nas mãos esquerdas. Algum dia aquele quarto seria de Andy ou de Jenny. Mas onde estava a criança? A máquina de costura e as cestas de tecido e a mesa de quebra-cabeça e a mesa de trabalho e a poltrona permaneceram no mesmo lugar, parecendo a cada mês se solidificarem na posição que ocupavam no quarto e a estabelecerem a legitimidade. Era o que ela pensava, embora nunca pudesse cristalizar o pensamento; como a palavra *pornográfico*, era um conceito que dançava além da capacidade dela de quantificar. Mas ela se lembrava de uma vez em que ficou menstruada, abriu o armário debaixo da pia do banheiro e pegou um absorvente; ela se lembrava de olhar para a caixa de absorventes Stayfree e pensar que a caixa parecia quase arrogante, parecia quase dizer: *Oi, Patty! Nós somos seus filhos. Somos os únicos filhos que você vai ter, e estamos com fome. Nos alimente. Nos alimente de sangue*.

Em 1976, três anos depois que ela jogou fora a última cartela de comprimidos Ovral, eles foram a um médico chamado Harkavay em Atlanta.

— Queremos saber se tem alguma coisa errada — disse Stanley —, e queremos saber se podemos fazer alguma coisa se houver.

Eles fizeram exames, que mostraram que o esperma de Stanley era saudável, que os óvulos de Patty eram férteis, que todos os canais que *deviam* estar abertos *estavam* abertos.

Harkavay, que não usava aliança e tinha o rosto aberto, agradável e ruborizado de um universitário que acabou de voltar de férias esquiando no Colorado, disse para eles que talvez fosse apenas nervosismo. Disse que problemas assim não eram incomuns. Disse que parecia haver uma correlação psicológica em casos assim que era de certas formas similar à impotência sexual: quanto mais você queria, menos conseguia. Eles teriam que relaxar. Tinham que, se pudessem, esquecer sobre procriação quando faziam sexo.

Stan estava rabugento no caminho para casa. Patty perguntou por quê.

— *Nunca* faço isso — disse ele.

— O quê?

— Penso em procriação *durante*.

Ela começou a rir, apesar de estar se sentindo um tanto solitária e assustada. E, naquela

noite, deitados na cama, bem depois de ela achar que Stanley devia estar dormindo, *ele* a assustou ao falar no escuro. A voz dele estava sem emoção, mas também engasgada de lágrimas.

— Sou eu — disse ele. — É culpa minha.

Ela rolou para perto dele, tateando à sua procura, e o segurou.

— Não seja burro — disse ela.

Mas seu coração estava batendo rápido, rápido demais. Não era só por ele a ter assustado; parecia que ele tinha olhado a mente dela e lido uma convicção secreta que ela carregava lá, mas que não sabia até aquele minuto. Sem motivo nenhum, ela sentia, *sabia* que ele estava certo. Tinha alguma coisa errada, e não era ela. Era ele. Alguma coisa nele.

— Não seja bobo — sussurrou ela com firmeza contra o ombro dele. Ele estava suando um pouco, e ela ficou repentinamente ciente de que ele estava com medo. O medo saía dele em ondas frias; estar deitada nua com ele de repente foi como estar deitada nua na frente de uma geladeira aberta.

— Não sou bobo e não estou sendo burro — disse ele com aquela mesma voz, que era simultaneamente fria e tomada de emoção — e você sabe. Sou eu. Mas não sei *por quê.*

— Você não pode saber uma coisa assim. — A voz dela estava dura, repreensiva, a voz da mãe dela quando estava com medo. E enquanto o repreendia, um tremor percorreu o corpo dela, torcendo-o como um chicote. Stanley sentiu, e seus braços a apertaram.

— Às vezes — disse ele —, às vezes eu penso que sei por quê. Às vezes tenho um sonho, um sonho ruim, e acordo e penso: “Agora eu sei. Sei o que está errado.” Não só sobre você não engravidar, sobre tudo. Tudo que há de errado na minha vida.

— Stanley, não tem *nada* de errado na sua vida!

— Não estou falando de dentro — disse ele. — De dentro, está ótima. Estou falando de *fora*. Uma coisa que devia ter acabado e não acabou. Acordo desses sonhos e penso: “Toda minha agradável vida não foi nada além do olho de uma tempestade que não compreendo.” Sinto medo. Mas então apenas… desaparece. Como sonhos desaparecem.

Ela sabia que ele às vezes tinha sonhos agitados. Em algumas ocasiões, ele a acordara se debatendo e gemendo. Devia ter havido outras vezes em que ela continuou a dormir durante os interlúdios sombrios dele. Sempre que ela se dirigia a ele, perguntava, ele dizia a mesma coisa: *Não consigo lembrar.* E depois ele pegava os cigarros e fumava sentado na cama, esperando que o resíduo do sonho saísse pelos poros como suor ruim.

Nada de filhos. Na noite do dia 28 de maio de 1985, a noite do banho de banheira, os sogros dos dois ainda estavam esperando para serem avós. O quarto extra ainda era um quarto extra; os absorventes maxi e mini ainda ocupavam os lugares de sempre no armário debaixo da pia do banheiro; o chico ainda fazia sua visita mensal. A mãe dela, que estava ocupada demais com suas próprias coisas, mas não completamente alheia à dor da filha, parou de perguntar nas cartas e quando Stanley e Patty faziam as viagens bianuais para Nova York. Não havia mais comentários engraçados sobre eles estarem ou não tomando vitamina E. Stanley

também tinha parado de falar em bebês, mas às vezes, quando ele não sabia que ela estava olhando, ela via uma sombra no rosto dele. Alguma sombra. Como se ele estivesse tentando desesperadamente se lembrar de alguma coisa.

Fora essa única nuvem, a vida deles era agradável o bastante até o telefone tocar no meio de *Family Feud* na noite do dia 28 de maio. Patty estava com seis das camisas de Stan, duas blusas dela, a caixa de costura e a caixa de botões; Stan estava com o novo livro de William Denbrough na mão, que nem tinha saído ainda em brochura. Havia um animal rosnando na capa desse livro. Atrás, havia um homem careca de óculos.

Stan estava sentado perto do telefone. Ele atendeu e disse:

— Alô. Residência da família Uris.

Ele ouviu, e um franzido surgiu entre as duas sobrancelhas.

— *Quem* você falou?

Patty sentiu um momento de medo. Mais tarde, a vergonha a faria mentir e dizer para os pais que ela sabia que alguma coisa estava errada assim que o telefone tocou, mas na realidade só houve aquele instante, aquele rápido desvio de olhar da costura. Mas talvez não houvesse mal nisso. Talvez os dois desconfiassem que alguma coisa aconteceria bem antes daquele telefonema, uma coisa que não combinava com a bela casa localizada atrás da cerca viva baixa, uma coisa tão natural que não precisava de muito reconhecimento… Aquele único instante intenso de medo, como o furo provocado por um furador de gelo rapidamente removido, foi o bastante.

É mamãe?, disse ela sem emitir som algum naquele instante, pensando que talvez o pai, dez quilos acima do peso e com tendência ao que ele chamava de "dor de barriga" desde os quarenta e poucos anos, tivesse tido um ataque cardíaco.

Stan balançou a cabeça para ela e sorriu um pouco por alguma coisa que a voz ao telefone estava dizendo.

— Você… *você!* Nossa, que loucura! Mike! Como voc…?

Ele ficou em silêncio de novo, escutando. Quando o sorriso sumiu, ela reconheceu (ou pensou ter reconhecido) a expressão analítica dele, a que dizia que alguém estava expondo um problema ou explicando uma mudança repentina em uma situação corrente ou contando para ele uma coisa estranha e interessante. Essa última situação devia ser o caso, concluiu ela. Um novo cliente? Um velho amigo? Talvez. Ela voltou a atenção para a TV, onde uma mulher estava passando os braços ao redor do pescoço de Richard Dawson e beijando-o loucamente. Ela achava que Richard Dawson devia ser beijado ainda mais do que a pedra da eloquência. Ela *também* achava que não se importaria de beijá-lo.

Quando começou a procurar um botão preto que combinasse com os da camisa jeans de Stanley, Patty ficou vagamente ciente de que a conversa estava percorrendo um caminho mais tranquilo: Stanley resmungava ocasionalmente, e uma vez perguntou:

— Tem certeza, Mike?

Por fim, após uma pausa bastante longa, ele disse:

— Tudo bem, eu entendo. Sim, eu… Sim. Sim, tudo. Entendi. Eu… O quê? Não, não posso *prometer* isso, mas vou pensar com carinho. Você sabe aquela… Ah? É mesmo? Bem, pode apostar! Claro que sim. Sim… claro… Obrigado. Sim. Tchau.

Ele desligou.

Patty olhou para ele e viu-o observando o nada acima da televisão. No programa, a plateia estava aplaudindo a família Ryan, que tinha acabado de marcar 280 pontos, a maior parte deles adivinhando que a pesquisa com a plateia daria a resposta “matemática” para a pergunta “Que matéria as pessoas vão dizer que o Junior mais odeia na escola?”. Os Ryan estavam dando pulos e gritando com alegria. Mas Stanley estava de testa franzida. Mais tarde ela contaria aos pais que achou que o rosto de Stanley estava meio sem cor, e achou mesmo, mas deixou de contar a eles que não deu atenção na hora e atribuiu ao abajur com cúpula de vidro verde.

— Quem era, Stan?

— Hummmm?

Ele olhou para ela. Ela achou que o olhar no rosto dele era de abstração delicada, talvez misturada com uma leve irritação. Só mais tarde, ao repassar a cena na mente uma vez atrás da outra, ela começou a acreditar que era a expressão de um homem que estava metodicamente se desligando da realidade, um fio de cada vez. O rosto de um homem que estava saindo da cruz para encarar a espada.

— Quem era ao *telefone*?

— Ninguém — disse ele. — Ninguém, de verdade. Acho que vou tomar um banho de banheira. — Ele ficou de pé.

— Às sete da noite?

Ele não respondeu, apenas saiu da sala. Ela podia ter perguntado se alguma coisa estava errada, podia até ter ido atrás dele e perguntado se ele estava com dor de barriga; ele era desinibido sexualmente, mas era estranhamente formal com outras coisas, e não seria nada estranho para ele dizer que ia tomar um banho quando na verdade só precisava eliminar algum alimento que não lhe caiu bem. Mas agora uma nova família, os Piscapo, estava sendo apresentada, e Patty *sabia* que Richard Dawson encontraria alguma coisa engraçada para dizer sobre aquele nome, e além do mais, ela estava tendo uma tremenda dificuldade para encontrar um botão preto, apesar de saber que havia um monte na caixa. Eles se escondiam, é claro; era a única explicação…

Assim, ela o deixou ir e não pensou nele de novo até os créditos, quando ergueu o olhar e viu a cadeira dele vazia. Ela tinha ouvido a água caindo na banheira do andar de cima e a ouviu sendo desligada cinco ou dez minutos depois… mas agora, ela se deu conta de que não ouviu a porta da geladeira sendo aberta e fechada, e isso significava que ele estava lá em cima sem uma lata de cerveja. Alguém tinha ligado e jogado um problema enorme no colo dele, e ela ofereceu alguma palavra de solidariedade? Não. Tentou fazer com que ele conversasse um pouco sobre o assunto? Não. Reparou que havia alguma coisa errada? Pela terceira vez, não.

Tudo por causa do programa de TV idiota; ela nem podia botar a culpa nos botões, pois eles eram apenas uma desculpa.

Certo. Ela levaria uma lata de Dixie para ele e se sentaria ao lado da beirada da banheira, esfregaria as costas dele, bancaria a gueixa e lavaria o cabelo dele se ele quisesse, e descobriria qual era o problema… ou *quem* era o problema.

Ela pegou a lata de cerveja na geladeira e subiu. A primeira sensação de inquietação verdadeira surgiu quando ela viu que a porta do banheiro estava fechada. Não apenas encostada, mas bem fechada. Stanley *nunca* fechava a porta quando estava tomando banho de banheira. Era uma espécie de piada entre eles: a porta fechada significava que ele estava fazendo uma coisa que a mãe ensinara, a porta aberta significava que ele não teria problema em fazer uma coisa cujo ensinamento a mãe tinha apropriadamente deixado para outras.

Patty bateu na porta com as unhas, repentinamente ciente, ciente demais, do estalo reptiliano que elas faziam na madeira. E bater na porta do banheiro como uma estranha era uma coisa que ela nunca tinha feito antes na vida de casada, nem aqui, nem em nenhuma outra porta da casa.

A inquietação ficou de repente mais forte, e ela pensou no lago Carson, onde costumava nadar quando criança. No dia 1º de agosto, o lago ficava quente como uma banheira… mas então você encostava em um bolsão frio que provocava um arrepio de surpresa e deleite. Um minuto, você estava quente; no momento seguinte, parecia que a temperatura tinha despencado dez graus abaixo dos seus quadris. Exceto pelo deleite, era assim que ela se sentia agora, como se tivesse atingido um bolsão frio. Só que esse bolsão frio não ficava abaixo dos quadris dela, resfriando as longas pernas de adolescente nas profundezas negras do lago Carson.

Essa ficava ao redor do coração.

— Stanley? Stan?

Desta vez, ela fez mais do que bater com as unhas. Bateu com os nós dos dedos. Quando não houve resposta, ela bateu com o punho.

— *Stanley?*

O coração. O coração dela não estava mais no peito. Estava batendo na garganta, dificultando a respiração.

— *Stanley!*

No silêncio que seguiu o grito dela (e só o som dela gritando lá em cima, a menos de 10 metros do local onde colocava a cabeça para dormir todas as noites, a assustava ainda mais), ela ouviu um som que despertou o pânico das profundezas da mente como um hóspede não desejado. Um som tão pequeno, na verdade. Era só o som de água pingando. *Plink*… pausa. *Plink*… pausa. *Plink*… pausa. *Plink*…

Ela conseguia ver as gotas se formando na boca da torneira, ficando pesadas e gordas, *engravidando* e caindo: *plink*.

Apenas esse som. Nenhum outro. E ela teve uma certeza repentina e terrível de que tinha

sido Stanley, não o pai dela, a ser fulminado com um ataque cardíaco esta noite.

Com um gemido, ela segurou a maçaneta de vidro entalhado e a girou. Mas a porta não se mexeu: estava trancada. E de repente três *nuncas* ocorreram a Patty Uris em sucessão: Stanley nunca tomava banho de banheira no começo da noite, Stanley nunca fechava a porta a não ser que estivesse usando o vaso sanitário e Stanley nunca trancara a porta para ela não entrar.

Seria possível, perguntou-se ela loucamente, se *preparar* para um ataque cardíaco?

Patty passou a língua nos lábios (produziu um som na cabeça dela como lixa deslizando em madeira) e chamou o nome dele de novo. Ainda não houve resposta além dos pingos regulares e deliberados da torneira. Ela olhou para baixo e viu que ainda estava com a lata de cerveja Dixie em uma das mãos. Olhou para ela com estupidez, com o coração disparado como um coelho na garganta; olhou para ela como se nunca tivesse visto uma lata de cerveja na vida antes daquele minuto. E realmente parecia que ela nunca tinha visto, ou pelo menos nunca uma assim, porque, quando ela piscou, seus olhos a transformaram em um fone, tão preto e ameaçador como uma cobra.

— Posso ajudar, senhora? Algum problema? — disse a cobra para ela. Patty bateu o telefone e deu um passo para trás, esfregando a mão que o segurava. Ela olhou ao redor e viu que estava de volta à sala de TV, e entendeu que o pânico que surgiu na frente da mente dela como um ladrão subindo silenciosamente um lance de escadas a tinha dominado. Agora ela conseguia se lembrar de ter derrubado a lata de cerveja em frente à porta do banheiro e descido a escada correndo, pensando vagamente: *Isso tudo é um engano de algum tipo e vamos rir depois. Ele encheu a banheira e lembrou que não tinha cigarros e saiu pra comprar antes de tirar a roupa...*

Sim. Só que ele já tinha trancado a porta do banheiro por dentro e, como era trabalho demais destrancar, apenas abriu a janela acima da banheira e desceu pela lateral da casa como uma mosca descendo uma parede. Sim, claro, sim…

O pânico estava crescendo na mente dela de novo. Era como um café preto e amargo ameaçando transbordar pela boca de uma xícara. Ela fechou os olhos e lutou contra. Ficou de pé, perfeitamente imóvel, como uma estátua pálida com pulsação batendo na garganta.

Agora ela conseguia se lembrar de correr de volta até lá, com os pés batendo nos degraus, de correr para o telefone, ah, sim, claro, mas para quem ela tinha pretendido ligar?

Loucamente, ela pensou: *Eu ia ligar pra tartaruga, mas a tartaruga não pôde nos ajudar.*

Não importava, de qualquer forma. Ela tinha chegado até o zero e devia ter dito alguma coisa não muito comum, porque a telefonista perguntou se ela tinha algum problema. Ela tinha, sim, mas como se contava para a voz sem rosto que Stanley tinha se trancado no banheiro e não atendia, que o som regular da água pingando na banheira estava matando o coração dela? *Alguém* tinha que ajudá-la. Alguém…

Ela colocou as costas da mão na boca e mordeu deliberadamente. Tentou pensar, tentou se *forçar* a pensar.

A chave extra. A chave extra no armário da cozinha.

Ela saiu andando, e um pé de chinelo chutou o saco de botões ao lado da poltrona. Alguns dos botões caíram no chão, brilhando como olhos vidrados à luz do abajur. Ela viu pelo menos seis pretos.

Por dentro da porta do armário acima da pia com duas cubas havia um quadro de madeira envernizada com formato de chave. Um dos clientes de Stan tinha feito em sua oficina e deu para ele dois Natais antes. O quadro de chave era cheio de pequenos ganchos, e penduradas neles estavam todas as chaves da casa, duas duplicatas em cada gancho. Abaixo de cada gancho havia uma tira adesiva, e cada tira estava marcada com a letra pequena e caprichada de Stan: GARAGEM, SÓTÃO, BANHEIRO DE BX, BANHEIRO DE CIMA, PORTA DA FRENTE, PORTA DOS FUNDOS. Em um lado estavam as duplicatas das chaves dos carros com os adesivos M-B e VOLVO.

Patty pegou a chave com o adesivo BANHEIRO DE CIMA, começou a correr para a escada e se obrigou a andar. Correr fazia o pânico querer voltar, e o pânico já estava perto demais da superfície naquele momento. Além disso, se ela apenas andasse, talvez nada estivesse errado. Ou, se *houvesse* alguma coisa errada, Deus podia olhar para baixo, vê-la andando e pensar: *Ah, que bom, foi um tremendo erro, mas tenho tempo de corrigir.*

Andando com a tranquilidade de uma mulher a caminho da reunião do Clube do Livro, ela subiu a escada e foi até a porta fechada do banheiro.

— Stanley? — chamou ela, tentando abrir a porta de novo ao mesmo tempo, de repente com mais medo do que nunca, sem querer usar a chave porque ter que usar a chave era de alguma forma definitivo demais. Se Deus não tivesse desfeito quando ela usasse a chave, então jamais desfaria. A era dos milagres, afinal, já tinha acabado.

Mas a porta ainda estava trancada; o deliberado *plink*… pausa da água pingando era a única resposta.

Sua mão estava tremendo, e a chave bateu por toda a área ao redor antes de encontrar o caminho do buraco da fechadura e se alojar. Ela a girou e ouviu a tranca estalar. Esticou a mão desajeitada para a maçaneta de vidro entalhado. Tentou deslizar pela mão dela de novo, não porque a porta estava trancada desta vez, mas porque a palma da mão estava molhada de suor. Ela firmou o toque e a fez girar. Abriu a porta.

— Stanley? Stanley? St…

Ela olhou para a banheira com a cortina azul encolhida na extremidade da vara de aço inoxidável e esqueceu como terminar o nome do marido. Ela apenas olhou para a banheira, com o rosto tão solene quanto o rosto de uma criança no primeiro dia de aula. Em um momento ela começaria a gritar, e Anita MacKenzie da casa ao lado a ouviria, e seria Anita MacKenzie quem chamaria a polícia, convencida de que alguém tinha invadido a casa dos Uris e de que havia pessoas sendo mortas lá.

Mas naquele momento, naquele único momento, Patty Uris simplesmente ficou em silêncio com as mãos unidas na frente da saia escura de algodão, com o rosto solene e os olhos enormes. E agora, o olhar de seriedade quase sagrada começou a se transformar em outra coisa. Os olhos enormes começaram a saltar. A boca se repuxou em um sorriso terrível de

horror. Ela queria gritar, mas não conseguia. Os gritos eram grandes demais para sair.

O banheiro era iluminado por lâmpadas fluorescentes. Estava muito claro. Não havia sombras. Dava para ver tudo, quer você quisesse, quer não. A água na banheira estava cor-de-rosa vívida. Stanley estava deitado com as costas apoiadas na banheira. Tinha inclinado a cabeça tão para trás que algumas pontas do cabelo preto e curto encostavam na pele entre as omoplatas. Se os olhos arregalados ainda fossem capazes de ver, ela estaria de cabeça para baixo para ele. A boca estava aberta como uma porta escancarada. A expressão era de pavor abismal e congelado. Um pacote de lâminas Gilette Platinum Plus estava sobre a beirada da banheira. Ele tinha cortado a parte interna dos antebraços do pulso até a altura do cotovelo, e fez outro corte perpendicular a cada um na altura do pulso, criando um par de tês maiúsculos. Os cortes brilhavam vermelho-arroxeados na luz branca e forte. Ela pensou que os tendões e ligamentos expostos pareciam cortes de carne barata.

Uma gota de água se formou na boca da torneira cromada reluzente. Engordou. *Engravidou*, podia-se dizer. Cintilou. Caiu. *Plink*.

Ele tinha mergulhado o indicador direito no próprio sangue e escrito uma única palavra nos azulejos azuis acima da banheira, cinco letras trêmulas. Uma marca de dedo ziguezagueante descia abaixo da última letra da palavra. O dedo dele tinha feito a marca, ela viu, quando a mão caiu na banheira, onde agora flutuava. Ela pensou que Stanley devia ter feito aquela marca, sua impressão final no mundo, quando perdeu a consciência. Parecia gritar para ela:

Outra gota caiu na banheira.

Plink.

Isso foi o gatilho. Patty Uris finalmente encontrou a voz. Olhando nos olhos mortos e cintilantes do marido, ela começou a gritar.

2

Richard Tozier toma chá de sumiço

Rich achou que estava indo muito bem até os vômitos começarem.

Ele ouviu tudo que Mike Hanlon contou a ele, disse todas as coisas certas, respondeu as perguntas, até fez algumas também. Ficou vagamente ciente de que estava usando uma de suas Vozes — não uma estranha e escandalosa, como as que às vezes usava no rádio (Kinky Briefcase, o Contador Sexual, era a favorita dele, pelo menos por enquanto, e as reações

positivas de ouvintes a Kinky eram quase tantas quantas as do favorito de todos os tempos dos ouvintes, o coronel Buford Kissdrivel), mas uma Voz calorosa, intensa, confiante. Uma Voz de Estou-Bem. Causava uma ótima impressão, mas era mentira. Assim como as outras Vozes eram mentira.

— O quanto você lembra, Rich? — perguntou Mike.

— Muito pouco — disse Rich e fez uma pausa. — O suficiente, eu acho.

— Você vem?

— Vou — disse Rich e desligou.

Ele ficou sentado um minuto no escritório, recostado na cadeira atrás da mesa, olhando para o oceano Pacífico. Havia dois garotos à esquerda, deslizando em pranchas de surf, não exatamente surfando. Não havia ondas para surfe.

O relógio sobre a mesa, um modelo caro de quartzo com mostrador LED que fora presente do representante de uma gravadora, dizia que eram 17h09 do dia 28 de maio de 1985. É claro que eram horas mais tarde no local de onde Mike estava ligando. Escuro, até. Ele sentiu um arrepio ao pensar nisso e começou a se mexer, a fazer coisas. Primeiro, é claro, colocou um disco, sem procurar, apenas pegando cegamente em meio aos milhares sobre as prateleiras. O rock-and-roll era quase tão parte da vida dele quanto as Vozes, e era difícil para ele fazer qualquer coisa sem música tocando, e quanto mais alto, melhor. O disco que ele pegou era uma retrospectiva da Motown. Marvin Gaye, um dos membros mais novos do que Rich às vezes chamava de Banda Toda Morta, começou a cantar "I Heard It Through the Grapevine".

"Oooh-hoo, I bet you're wond'rin' how I knew…"

— Nada mau — disse Rich. Ele até sorriu um pouco. Isso *era* ruim, e ele admitia que o tinha deixado desnorteado, mas ele sentia que ia conseguir encarar. Sem estresse.

Ele começou a se aprontar para voltar para casa. E em determinado ponto durante a hora seguinte, ocorreu a ele que era como se ele tivesse morrido e tido permissão de cuidar dos últimos compromissos de trabalho… assim como o planejamento do próprio enterro. E sentia que estava se saindo bem. Tentou a agente de viagens que usava, achando que ela devia estar na estrada a caminho de casa a essas alturas, mas arriscou mesmo assim. Por sorte, ela ainda estava na agência. Ele disse a ela o que queria, e ela pediu 15 minutos.

— Te devo uma, Carol — disse ele. Eles tinham progredido de sr. Tozier e sra. Feeny para Rich e Carol ao longo dos últimos três anos, o que era muita intimidade, considerando que nunca tinham se encontrado.

— Tudo bem, pode pagar — disse ela. — Pode fazer Kinky Briefcase pra mim?

Sem nem fazer uma pausa (se você precisasse fazer pausa para encontrar sua Voz, costumava não haver Voz para ser encontrada), Rich disse:

— Kinky Briefcase, Contador Sexual aqui. Um amigo veio aqui outro dia querendo saber qual era a pior coisa de pegar aids. — O tom de voz dele tinha baixado ligeiramente; ao mesmo tempo, o ritmo aumentou e ficou mais alegre. Era claramente uma voz americana, mas

de alguma forma conjurava imagens de um rapaz colonial britânico rico que era tão charmoso de uma maneira confusa quanto era mimado. Rich não fazia a menor ideia de quem Kinky Briefcase realmente era, mas tinha certeza de que sempre usava ternos brancos, lia a revista *Esquire* e bebia coisas que vinham em copos altos e tinham cheiro de xampu de coco. — Falei imediatamente: tentar explicar pra sua mãe que você pegou de uma garota haitiana. Até a próxima, aqui é Kinky Briefcase, Contador Sexual, lembrando: "Você precisa do meu cartão se não consegue uma ereção."

Carol Feeny gritou de tanto rir.

— Isso é perfeito! *Perfeito*! Meu namorado diz que não acredita que você consegue simplesmente fazer essas vozes, diz que tem que ser um mecanismo de filtro de voz ou coisa do tipo…

— Apenas talento, minha querida — disse Rich. Kinky Briefcase sumira. W. C. Fields, de cartola, nariz vermelho, bolsas de golfe e tudo, estava aqui. — Tenho tanto talento que preciso tapar todos os meus orifícios corporais apenas para impedir que vaze como… bem, apenas que vaze.

Ela teve outro acesso barulhento de gargalhadas e Rich fechou os olhos. Conseguia sentir o princípio de uma dor de cabeça.

— Seja boazinha e veja o que pode fazer, tá? — pediu ele, ainda sendo W. C. Fields, e desligou no meio da risada dela.

Agora ele tinha que voltar a ser ele mesmo, e era difícil. Ficava mais difícil fazer isso a cada ano. Era mais fácil ser corajoso quando você era outra pessoa.

Ele estava tentando escolher um par de bons sapatos e tinha praticamente decidido ficar de tênis quando o telefone tocou de novo. Era Carol Feeny em tempo recorde. Ele sentiu uma vontade momentânea de usar a Voz Buford Kissdrivel, mas lutou contra. Ela conseguiu arrumar para ele um assento na primeira classe no voo noturno sem escalas da American Airlines de Los Angeles para Boston. Ele sairia de L. A. às 21h03 e chegaria a Logan cerca de 5h da manhã de amanhã. A Delta o levaria de Boston às 7h30 até Bangor, Maine, chegando às 8h20. Ela conseguira um sedã para ele na Avis, e eram apenas 40 quilômetros do balcão da Avis no aeroporto internacional de Bangor até a fronteira de Derry.

Apenas 40 quilômetros?, pensou Rich. *Isso* é *tudo*, *Carol? Bem, talvez seja, pelo menos em quilômetros. Mas você não faz a menor ideia da distância verdadeira até Derry, nem eu. Mas, ah, Deus, ah, meu querido Deus, vou descobrir.*

— Não procurei um quarto de hotel porque você não me disse quanto tempo vai ficar lá — disse ela. — Você quer…?

— Não, deixa que eu cuido disso — disse Rich, e então Buford Kissdrivel assumiu. — Você foi um anjo, minha querida. Um anjo dos céééus.

Ele desligou delicadamente na cara dela (sempre os deixe rindo) e ligou para 207-555-1212 para obter o auxílio à lista do estado do Maine. Queria o número do Derry Town House. Deus, aí estava um nome do passado. Ele não pensava no Derry Town House havia… o quê?

Dez anos? Vinte? Vinte e cinco anos, até? Por mais louco que pudesse parecer, ele achava que *havia* pelo menos 25 anos, e se Mike não tivesse ligado, ele achava que poderia não ter voltado a pensar nele durante o resto da vida. Mas houve uma época na vida dele em que ele passara por aquela pilha enorme de tijolos vermelhos todos os dias, e em mais de uma ocasião ele passara *correndo*, com Henry Bowers e Arroto Huggins e aquele outro garoto grande, Victor Fulano de Tal, correndo atrás, todos gritando amabilidades como *Vamos te pegar, cara de cu! Vamos te pegar, espertinho! Vamos te pegar, veado quatro olhos!* Algum dia *eles o pegaram?*

Antes que Richie conseguisse lembrar, uma telefonista estava perguntando que cidade, por favor.

— Em Derry, telefonista…

Derry! Deus! Até a palavra soava estranha e esquecida nos lábios dele; dizê-la era como beijar uma antiguidade.

— … você tem o número do Derry Town House?

— Um momento, senhor.

De jeito nenhum. Ele não vai existir mais. Foi derrubado em um programa de reforma urbana. Transformado em um Elk's Hall ou um boliche ou um fliperama Electric Dreamscape. Ou talvez tenha pegado fogo uma noite quando a sorte finalmente acabou para algum vendedor de sapatos bêbado que fumou na cama. Tudo já era, Richie, assim como os óculos pelos quais Henry Bowers sempre implicava com você. O que diz aquela música de Springsteen? Dias de glória... somem no piscar dos olhos de uma jovem. Que jovem? Ah, Bev, é claro. Bev…

O Town House podia estar mudado, mas aparentemente não tinha deixado de existir, porque uma voz monótona e robótica agora entrou na linha e disse:

— O… número… é… nove… quatro… um… oito… dois… oito… dois. Repetindo:… o… número… é…

Mas Rich anotou da primeira vez. Era um prazer desligar na cara daquela voz monótona. Era fácil demais imaginar um enorme monstro globular do auxílio à lista enterrado em algum lugar, suando rios e segurando milhares de telefones em milhares de tentáculos articulados cromados, a versão Ma Bell do inimigo do Aranha, o dr. Octopus. Cada ano o mundo em que Rich vivia parecia mais e mais uma enorme casa assombrada eletrônica na qual fantasmas digitais e seres humanos assustados viviam em coexistência desconfortável.

Ainda de pé. Parafraseando Paul Simon, ainda de pé depois de todos esses anos.

Ele ligou para o hotel que tinha visto pela última vez por entre os aros de chifre que usara na infância. Ligar para aquele número, 1-207-941-8282, foi fatalmente fácil. Ele segurou o telefone ao lado do ouvido enquanto olhava pelo janelão do escritório. Os surfistas tinham sumido; um casal estava andando lentamente pela praia, de mãos dadas, no ponto em que eles estavam antes. O casal poderia ser um pôster na parede da agência de viagens onde Carol Feeny trabalhava de tão perfeito que era. Exceto pelo fato de que os dois usavam óculos.

Vamos te pegar, cara de cu! Vamos quebrar seus óculos!

Criss surgiu abruptamente em sua mente. *O sobrenome dele era Criss. Victor Criss.*

Ah, Deus, isso não era nada que ele quisesse saber, não a essas alturas, mas não pareceu importar em nada. Alguma coisa estava acontecendo lá embaixo nas catacumbas, lá onde Rich Tozier guardava sua coleção pessoal de discos antigos. Portas estavam se abrindo.

Só que não são discos lá embaixo, são? Lá embaixo você não é Rich "Discos" Tozier, o DJ fera da KLAD e Homem das Mil Vozes, é? E essas coisas que estão se abrindo… elas não são exatamente portas, são?

Ele tentou afastar esses pensamentos.

A coisa a lembrar é que estou bem. Estou bem, você está bem, Rich Tozier está bem. Um cigarro cairia bem, só isso.

Ele tinha parado de fumar quatro anos antes, mas um cigarro cairia bem mesmo agora.

Não são discos, mas cadáveres. Você os enterrou fundo, mas agora tem uma espécie de terremoto maluco acontecendo e o chão está cuspindo todos para cima da superfície. Você não é Rich "Discos" Tozier lá embaixo; lá embaixo, você é apenas Rich "Quatro Olhos" Tozier e está com seus amigos e está com tanto medo que parece que suas bolas estão virando geleia de uva. Não são portas, e elas não estão se abrindo. São criptas, Richie. Estão se abrindo lentamente e os vampiros que você achava que estavam mortos estão todos voltando a sair.

Um cigarro, apenas um. Até um Carlton serviria, por Deus amado.

Vamos te pegar, quatro olhos! Vamos te fazer comer essa porra de mochila!

— Town House — disse uma voz masculina com sotaque ianque; ela viajara por toda Nova Inglaterra, pelo Meio-Oeste e por baixo dos cassinos de Las Vegas para chegar ao ouvido dele.

Rich perguntou à voz se podia reservar uma suíte no Town House a partir do dia seguinte. A voz disse para ele que sim e perguntou por quanto tempo.

— Não sei dizer. Eu tenho… — Ele fez uma breve pausa.

O que ele *tinha* exatamente? Em sua mente, viu um garoto com mochila xadrez correndo dos valentões; viu um garoto que usava óculos, um garoto magro com rosto pálido que de alguma forma parecia gritar *Me bate! Vem me bater!* de alguma forma misteriosa para todo valentão que passava. *Aqui estão meus lábios! Esmaga eles contra meus dentes! Aqui está meu nariz! Faz ele sangrar e quebra se conseguir! Bate numa orelha pra que inche como uma couve-flor! Abre um supercílio! Aqui está meu queixo, acerta em cheio! Aqui estão meus olhos, tão azuis e tão ampliados por trás desses óculos tão detestáveis, esses óculos com aro de osso com um lado preso com fita adesiva. Quebra os óculos! Enfia um estilhaço de vidro em um desses olhos e fecha ele pra sempre! Que porra!*

Ele fechou os olhos e disse:

— Tenho negócios em Derry, sabe. Não sei quanto tempo a transação vai demorar. Que tal três dias, com opção de prorrogar?

— Opção de prorrogar? — perguntou o recepcionista em dúvida, e Rich esperou pacientemente que o sujeito refletisse. — Ah, entendi! Tudo bem!

— Obrigado, e eu… ah… espero que você vote em nós em novembro — disse John F. Kennedy. — Jackie quer… ah… reformar o… ah… Salão Oval, e tenho um trabalho pronto pro meu… ah... irmão Bobby.

— Sr. Tozier?

— Sim.

— Certo… outra pessoa entrou na linha por alguns segundos.

Só um velho amigo do V. P. D., pensou Rich. Quer dizer Velho Partido Morto, caso você queira saber. Não se preocupe. Um tremor o percorreu, e ele disse para si mesmo quase com desespero: *Você está bem, Rich.*

— Também ouvi — disse Rich. — Deve ter sido linha cruzada. Como estamos com relação ao quarto?

— Ah, não tem problema nenhum — disse o recepcionista. — Temos movimento em Derry, mas nunca ficamos lotados.

— É mesmo?

— Ai, é — concordou o recepcionista, e Rich tremeu de novo. Ele tinha se esquecido disso também, desse jeito simples da Nova Inglaterra de dizer sim. *Ai, é.*

Vamos te pegar, fedelho! , a voz fantasmagórica de Henry Bowers gritou, e ele sentiu mais criptas se abrindo dentro de si; o fedor que sentia não era de corpos em decomposição, mas sim de lembranças em decomposição, e isso era pior de alguma forma.

Ele deu o número do American Express para o recepcionista do Town House e desligou. Em seguida, ligou para Steve Covall, diretor de programação da KLAD.

— O que está rolando, Rich? — perguntou Steve. As últimas avaliações de popularidade tinham mostrado a KLAD no topo do mercado canibal de rádios de rock FM de Los Angeles, e desde então Steve estava com excelente humor, graças a Deus.

— Bem, você talvez lamente a pergunta — disse ele para Steve. — Estou tomando chá de sumiço.

— Tomando… — Ele conseguiu ouvir a dúvida na voz de Steve. — Acho que não entendi, Rich.

— Tenho que calçar os tênis de caminhada. Vou viajar.

— O que você quer dizer com vai viajar? De acordo com a programação que está na minha frente, você entra no ar amanhã das duas da tarde até as seis, como sempre. Na verdade, você vai entrevistar Clarence Clemons no estúdio às quatro. Você conhece Clarence Clemons, Rich? De “Venha soprar, Big Man”?

— Clemons pode conversar com Mike O’Hara do mesmo jeito que pode conversar comigo.

— Clarence não *quer* conversar com Mike, Rich. Clarence não quer conversar com Bobby Russell. Não quer conversar *comigo*. Clarence é fã de Buford Kissdrivel e Wyatt, o Ensacador Homicida. Ele quer falar com *você*, meu amigo. E não tenho interesse em ter um

saxofonista de 110 quilos puto da vida com sede de sangue e que já quase foi escolhido pra jogar futebol americano profissional no meu estúdio.

— Acho que ele não tem histórico de sede de sangue — disse Rich. — Afinal, estamos falando de Clarence Clemons, não de Keith Moon.

Fez-se silêncio na linha. Rich esperou pacientemente.

— Você não está falando sério, está? — perguntou Steve por fim. Parecia implorar. — A não ser que sua mãe tenha acabado de morrer ou você esteja com um tumor cerebral, isso se chama deixar na mão.

— Tenho que ir, Steve.

— Sua mãe *está* doente? Que Deus não permita, mas ela morreu?

— Ela morreu dez anos atrás.

— Você está com um tumor no cérebro?

— Não tenho nem um pólipo retal.

— Não é engraçado, Rich.

— Não.

— Você está sendo um babaca e não estou gostando nada disso.

— Também não gosto, mas tenho que ir.

— Pra onde? Por quê? O que está acontecendo? *Fala* comigo, Rich!

— Uma pessoa me ligou. Uma pessoa que conheci há muito tempo. Em outro lugar. Naquela época, aconteceu uma coisa. Fiz uma promessa. Todos prometemos que voltaríamos se essa coisa voltasse a acontecer. E acho que voltou.

— De que coisa estamos falando, Rich?

— Eu preferia não dizer ainda. — *Além do mais, você vai achar que estou louco se eu disser a verdade: não lembro.*

— Quando você fez essa famosa promessa?

— Muito tempo atrás. No verão de 1958.

Houve outra longa pausa, e ele sabia que Steve Covall estava tentando decidir se Rich "Discos" Tozier, também conhecido como Buford Kissdrivel, também conhecido como Wyatt, o Ensacador Homicida etc. etc. estava tirando sarro dele ou tendo algum tipo de colapso mental.

— Você era só uma criança — disse Steve friamente.

— Tinha 11 anos. Quase 12.

Outra longa pausa. Rich esperou pacientemente.

— Tudo bem — disse Steve. — Vou mudar os turnos e colocar Mike no seu lugar. Posso ligar pra Chuck Foster pra cobrir alguns horários, eu acho, se conseguir descobrir em qual restaurante chinês ele está enfiado agora. Vou fazer isso porque temos uma longa história juntos. Mas nunca vou esquecer que você me deixou na mão, Rich.

— Ah, corta essa — disse Rich, mas a dor de cabeça estava piorando. Ele sabia o que estava fazendo; será que Steve achava mesmo que não? — Preciso de uns dias de folga, só

isso. Você está agindo como se eu tivesse cagado no alvará da Comissão Federal de Comunicações.

— Alguns dias de folga pra quê? A reunião do seu grupo de escoteiros de Merdolândia, Dakota do Norte, ou Bocetópolis, Virgínia Ocidental?

— Na verdade, acho que Merdolândia fica no Arkansas, camarada — disse Buford Kissdrivel com sua voz alta e estrondosa, mas Steve não ia se deixar distrair.

— Porque você fez uma promessa quando tinha 11 anos? Crianças não fazem promessas sérias aos 11 anos, pelo amor de Deus! E nem é isso, Rich, e você sabe. Isso aqui não é uma empresa de seguros; não é um escritório de advocacia. É show-business, por mais humilde que seja, e você sabe muito bem disso. Se você tivesse me avisado uma semana antes, eu não estaria com esse telefone em uma das mãos e uma garrafa de Mylanta na outra. Você está colocando minhas bolas na linha de fogo e sabe bem disso, então não insulte minha inteligência!

Steve estava quase gritando agora, e Rich fechou os olhos. *Nunca vou esquecer*, Steve disse, e Rich supunha que não esqueceria mesmo. Mas Steve também disse que crianças não faziam promessas sérias aos 11 anos, e isso não era nem um pouco verdade. Rich não conseguia lembrar qual tinha sido a promessa, não sabia se *queria* lembrar, mas tinha sido bem séria.

— Steve, eu tenho que ir.

— É. E falei pra você que posso resolver. Então vai em frente. Vai em frente, me deixa na mão.

— Steve, isso é rid…

Mas Steve já tinha desligado. Rich colocou o fone no gancho. Ele mal tinha começado a se afastar quando o aparelho voltou a tocar, e ele sabia antes de atender que era Steve de novo, mais furioso do que nunca. Falar com ele nesse momento não faria bem nenhum; as coisas só ficariam mais feias. Ele deslizou o botão na lateral do telefone para a direita, cortando o toque no meio.

Ele subiu a escada, tirou duas malas do armário e as encheu com um amontoado de roupas para as quais mal olhou: calças jeans, camisas, cuecas, meias. Só ocorreria a ele bem mais tarde que ele só levou roupas no estilo de criança. Ele levou as duas malas para baixo.

Na parede da sala de TV havia uma fotografia em preto e branco de Big Sur tirada por Ansel Adams. Rich a puxou como uma porta presa por dobradiças escondidas e revelou um cofre de parede. Ele o abriu e enfiou a mão para trás da papelada: da casa, localizada agradavelmente entre a falha geológica e a zona de incêndios florestais, de 20 acres de floresta madeireira em Idaho, algumas ações. Ele comprou as ações aparentemente de forma aleatória (quando seu corretor via Rich chegando, imediatamente colocava as mãos na cabeça), mas as ações tinham todas subido regularmente ao longo dos anos. Às vezes, ele ficava surpreso pela ideia de que era quase (não exatamente, mas quase) um homem rico. Tudo cortesia do rock-and-roll… e das Vozes, é claro.

A casa, o terreno, ações, o seguro, até uma cópia de seu último testamento. *As cordas que prendem você ao mapa da sua vida*, pensou ele.

Houve um impulso selvagem e repentino de pegar o isqueiro Zippo e acender todo o amontoado de por-conseguintes e saibam-todos-por-meio-desta e o-portador-deste-certificado-possui. Ele podia fazer isso. Os papéis no cofre de repente deixaram de ter significado.

O primeiro pavor real o atingiu naquele momento, e não havia nada de sobrenatural nele. Era apenas a percepção do quanto era fácil destruir sua vida. Era isso o que havia de tão apavorante. Era só apontar o ventilador para tudo que você tinha passado anos reunindo e acender a porra do isqueiro. Fácil. Queimar tudo ou explodir, depois tomar chá de sumiço.

Atrás dos papéis, que eram apenas primos de segundo grau do dinheiro vivo, estava o material verdadeiro. A grana. Quatro mil dólares em notas de dez, vinte e cinquenta.

Ao pegar as notas agora e enfiar nos bolsos do jeans, ele se perguntou se não sabia o que estava fazendo quando guardou o dinheiro lá, cinquenta dólares em um mês, 120 no mês seguinte, talvez apenas dez no mês que veio depois. Dinheiro escondido. Dinheiro de chá de sumiço.

— Cara, isso é apavorante — disse ele, sem nem perceber que tinha falado. Estava olhando cegamente pelo janelão que dava para a praia. Estava deserta agora, sem os surfistas, sem o casal em lua de mel (se é que eles eram isso).

Ah, sim, doutor, me lembro de tudo agora. Lembra-se de Stanley Uris, por exemplo? Aposto seu couro que lembra... lembra como a gente dizia isso e achava tão bacana? Stanley Urina, era assim que os garotos grandes o chamavam. "Ei, Urina! Ei, seu merda matador de Cristo! Tá indo pra onde? Um dos seus amigos bichas vai te pagar um bola gato?"

Ele fechou a porta do cofre e colocou a foto no lugar. Quando tinha pensado em Stan Uris pela última vez? Cinco anos atrás? Dez? Vinte? Rich e sua família tinham se mudado de Derry na primavera de 1960, e como os rostos de todos desapareceram rápido, da gangue dele, daquele grupo sofrível de otários com seu clubinho no que era conhecido na época como Barrens, que significava "estéril", um nome engraçado para uma área tão rica em vegetação quanto aquela. Brincando de exploradores da selva, ou militares abrindo uma área para pista de aterrissagem em um atol do Pacífico enquanto mantinham os japas longe, brincando de construtores de represa, caubóis, astronautas em um mundo de selva, pode escolher, mas seja lá o que você escolher, não vamos esquecer o que eles estavam realmente fazendo: se escondendo. Se escondendo dos garotos grandes. Se escondendo de Henry Bowers e Victor Criss e Arroto Huggins e do resto. Que bando de otários eles eram: Stan Uris com aquele nariz grande de judeu, Bill Denbrough, que não conseguia dizer nada além de "Hi-yo, Silver!" sem gaguejar tanto que você ficava puto da vida, Beverly Marsh com os hematomas e os cigarros enrolados na manga da blusa, Ben Hanscom, que era tão grande que parecia uma versão humana de Moby Dick, e Richie Tozier, com seus óculos grossos e notas A e respostas

rápidas e um rosto que implorava para ser socado e modelado em formatos novos e excitantes. Havia uma palavra para o que eles eram? Ah, sim. Sempre havia. *Le mot juste.* Nesse caso, *le mot juste* era *covardes*.

Como tudo voltava, como tudo estava voltando… e agora ele estava na sala de TV tremendo de forma tão impotente quanto um vira-lata de rua preso em uma tempestade, tremendo porque os caras com quem ele correra não era tudo que ele lembrava. Havia outras coisas, coisas em que ele não pensava havia anos, tremendo logo abaixo da superfície.

Coisas sangrentas.

Uma escuridão. Alguma escuridão.

A casa na rua Neibolt, e Bill gritando: *Você m-matou meu irmão, seu fi-filho da p-puta!*

Ele lembrava? Apenas o bastante para não querer lembrar mais nada, e você pode apostar seu couro *nisso*.

Um cheiro de lixo, um cheiro de merda e um cheiro de outra coisa. Uma coisa pior do que as outras duas. Era o fedor do animal, o fedor da Coisa, lá embaixo na escuridão debaixo de Derry onde as máquinas trovejavam sem parar. Ele se lembrava de George…

Mas isso foi demais e ele correu para o banheiro, esbarrando na poltrona Eames no caminho e quase caindo. Ele conseguiu… por pouco. Deslizou de joelhos até o vaso pelo piso escorregadio, como um dançarino bizarro de break, agarrou as beiradas e vomitou tudo que tinha nas entranhas. Mesmo então, não parou; de repente, ele conseguia ver Georgie Denbrough como se o tivesse visto ontem pela última vez, Georgie, que tinha sido o começo de tudo, Georgie, que tinha sido assassinado no outono de 1957. Georgie morreu logo depois da enchente, um de seus braços foi arrancado do corpo, e Rich tinha bloqueado isso tudo da memória. Mas às vezes essas coisas voltam, ah, sim, elas voltam, às vezes elas voltam.

O espasmo passou e Rich tateou cegamente em busca da descarga. A água rugiu. Seu jantar, regurgitado em pedaços quentes, desapareceu graciosamente pelo vaso.

Pelo esgoto.

Pela imundície e fedor e escuridão do esgoto.

Ele fechou o tampo, apoiou a testa sobre ele e começou a chorar. Era a primeira vez que ele chorava desde que a mãe morreu em 1975. Sem nem pensar no que estava fazendo, ele cobriu os olhos com as mãos, e as lentes de contato que ele usava deslizaram para cima das palmas das mãos, reluzentes.

Quarenta minutos depois, sentindo-se renovado e um tanto limpo, ele jogou as malas no porta-malas do MG e saiu de ré da garagem. O dia estava terminando. Ele olhou para a casa com as plantas novas, olhou para a praia, para a água, que tinha assumido o brilho de esmeraldas pálidas quebradas por uma linha estreita de ouro batido. E uma convicção tomou conta dele de que ele jamais veria nada disso de novo, de que era um homem morto caminhando.

— Estou indo pra casa agora — sussurrou Rich Tozier para si mesmo. — Estou indo pra casa, e que Deus me ajude. Estou indo pra casa.

Ele botou o carro em movimento e seguiu em frente, sentindo mais uma vez o quão tinha sido fácil deslizar por uma fissura inesperada do que ele considerava uma vida sólida; como era fácil seguir para o lado negro, velejar do azul em direção ao negro.

Do azul para o negro, sim, era isso. Onde qualquer coisa poderia estar esperando.

3

Ben Hanscom toma um drink

Se, naquela noite de 28 de maio de 1985, você quisesse encontrar o homem que a revista Time chamou de "talvez o mais promissor jovem arquiteto dos Estados Unidos" ("Conservação de energia urbana e os jovens turcos", Time, 15 de outubro de 1984), você teria que dirigir para o oeste de Omaha pela estrada interestadual 80. Teria que pegar a saída de Swedholm e depois a rodovia 81 até o centro de Swedholm (que não é muita coisa). Lá, você entraria na rodovia 92 no Bucky's Hi-Hat Eat-Em-Up ("Filé de frango frito é nossa especialidade") e, depois que estivesse em área rural de novo, pegaria a direita na rodovia 63, que segue reto como uma régua pela cidadezinha deserta de Gatlin e chega em Hemingford Home. O centro de Hemingford Home fazia o centro de Swedholm parecer Nova York; a área comercial consistia em oito construções, cinco de um lado e três do outro. Havia uma barbearia Kleen Kut (preso na vitrine havia um cartaz amarelado escrito à mão de 15 anos antes que dizia SE VOCÊ É "HIPPY", CORTE

SEU CABELO EM OUTRO LUGAR), o cinema que só passava reprises e a loja de U$ 1,99. Havia uma agência do banco Nebraska Homeowner’s, um posto de gasolina 76, uma farmácia Rexall e a Loja de Ferramentas e Artigos para Fazendas, que era o único negócio da cidade que parecia ligeiramente próspero.

E, perto do final da rua principal, um pouco afastado das outras construções como um pária e na beirada de uma área vazia, havia um bar comum: o Red Wheel. Se você chegasse àquele ponto, veria no estacionamento de terra batida um Cadillac conversível 1968 velho com antenas duplas de rádio amador na traseira. A placa da frente dizia simplesmente: CADDY DO BEN. E dentro, ao andar em direção ao bar, você encontraria seu homem: magro, queimado de sol, usando camisa de cambraia, calça jeans surrada e um par de botas gastas. Havia leves rugas ao redor dos olhos dele, mas em nenhuma outra parte. Ele parecia talvez dez anos mais jovem do que a idade que realmente tinha, 38 anos.

— Oi, sr. Hanscom — disse Ricky Lee enquanto colocava um guardanapo de papel sobre o balcão do bar e Ben se sentava. Ricky Lee pareceu um tanto surpreso, e realmente estava. Nunca tinha visto Hanscom no Wheel em dia de semana antes. Ele ia regularmente todas as noites de sexta para tomar duas cervejas, e todas as noites de sábado para quatro ou cinco; sempre perguntava sobre os três meninos de Ricky Lee; sempre deixava a mesma gorjeta de 5 dólares debaixo da caneca quando ia embora. Em termos tanto de conversa profissional quanto pessoal, ele era de longe o freguês favorito de Ricky Lee. Os 10 dólares por semana (e 50 que ele deixou na época de Natal nos últimos cinco anos) eram bons, mas a companhia do homem valia bem mais. Companhia boa era sempre uma raridade, mas em uma cidade de fim de mundo como essa, onde a conversa sempre era barata, era mais raro do que galinhas com dentes.

Apesar de as raízes de Hanscom serem da Nova Inglaterra e de ele ter estudado em uma faculdade da Califórnia, havia mais do que um toque de texano extravagante nele. Ricky Lee contava com as paradas de sexta e sábado à noite de Ben Hanscom porque tinha aprendido ao longo dos anos que *podia* contar com elas. O sr. Hanscom podia estar construindo um arranha-céu em Nova York (onde já tinha três dos prédios mais falados da cidade), uma galeria de arte nova em Redondo Beach ou um prédio comercial em Salt Lake City, mas quando chegava a

noite de sexta, a porta que levava ao estacionamento sempre se abria entre as 20h e as 21h30 e ele entrava, como se morasse do outro lado da cidade e tivesse decidido ir até lá porque não havia nada de bom na TV. Ele tinha seu próprio jatinho e uma pista de aterrissagem em sua fazenda, em Junkins.

Dois anos antes, ele tinha ido a Londres, primeiro para o projeto e depois para supervisionar a construção do novo centro de comunicações da BBC, um prédio sobre o qual a imprensa britânica debatia contra e a favor ardorosamente (o *Guardian*: "Talvez o prédio mais bonito a ser construído em Londres nos últimos vinte anos"; o *Mirror*: "Além do rosto da minha sogra depois de uma turnê por vários bares, é a coisa mais feia que já vi"). Quando o sr. Hanscom pegou aquele projeto, Ricky Lee pensou: *Bem, algum dia o vejo novamente. Ou talvez ele se esqueça de nós.* E, de fato, a noite de sexta depois que Ben Hanscom partiu para a Inglaterra passou sem sinal dele, embora Ricky Lee tenha olhado rapidamente todas as vezes que a porta se abriu entre as 20h e as 21h30. *Bem, algum dia o vejo de novo. Talvez.* O algum dia acabou sendo a noite seguinte. A porta se abriu às 20h45 e ele entrou, usando uma calça jeans e uma camiseta com os dizeres GO 'BAMA e as velhas botas, parecendo ter saído apenas do outro lado da cidade. E quando Ricky Lee gritou quase com empolgação "Oi, sr. Hanscom! Deus! O que *você* está fazendo aqui?", o sr. Hanscom pareceu ligeiramente surpreso, como se não houvesse nada de estranho no fato de ele estar ali. E isso não aconteceu apenas uma vez; ele apareceu todas as noites de sábado durante os dois anos de seu envolvimento ativo com o prédio da BBC. Ele saía de Londres todas as manhãs de sábado às 11h de Concorde, contou ele a um fascinado Ricky Lee, e chegava ao aeroporto Kennedy em Nova York às 10h15, 15 minutos *antes* de ter saído de Londres, ao menos pelo relógio ("Deus, é como uma viagem no tempo, não é?" comentara um impressionado Ricky Lee). Uma limusine o esperava para levar até o aeroporto Teterboro em Nova Jersey, uma viagem que não costumava durar mais de uma hora em uma manhã de sábado. Ele estava no cockpit do jatinho antes do meio-dia sem dificuldade alguma e descia em Junkins por volta de 14h30. Se você seguir para o oeste rápido o bastante, contou ele a Ricky, o dia parece se prolongar para sempre. Ele tirava um cochilo de duas horas, passava uma hora com seu capataz e uma hora com a secretária. Jantava e ia para o Red Wheel por uma hora e meia, mais ou menos. Ele sempre ia sozinho, sempre se sentava ao balcão do bar e sempre saía como tinha entrado, embora houvesse muitas mulheres nessa parte do Nebraska que ficariam felizes de trepar com ele até cansar. Na fazenda, ele dormia por seis horas e o processo todo se revertia. Ricky nunca tivera um freguês que não se impressionasse com essa história. Talvez ele seja gay, disse uma mulher uma vez. Ricky Lee olhou para ela rapidamente, observando o cabelo cuidadosamente arrumado, as roupas bem cortadas que sem dúvida tinham etiquetas de marca, os diamantes nas orelhas, a expressão no rosto, e soube que ela era de algum lugar no leste, talvez de Nova York, em breve visita a um parente ou talvez a uma velha amiga de escola, e mal podia esperar para ir embora de novo. Não, respondeu ele. O sr. Hanscom não é boiola. Ela pegou um maço de cigarros Doral na bolsa e segurou um entre lábios vermelhos cintilantes até que

ele acendesse para ela. Como você sabe?, perguntou ela com um leve sorriso. Apenas sei, disse ele. E sabia. Ele pensou em dizer para ela: acho que ele é o homem mais solitário que já conheci na vida. Mas não ia dizer uma coisa dessas para uma mulher de Nova York que estava olhando para ele como se ele fosse uma forma de vida nova e divertida.

Esta noite, o sr. Hanscom estava um pouco pálido, um pouco distraído.

— Oi, Ricky Lee — disse ele ao se sentar, e passou a observar as mãos.

Ricky Lee sabia que ele iria passar os próximos seis ou oito meses em Colorado Springs supervisionando o princípio da construção do Centro Cultural dos Estados Montanhosos, um complexo de seis prédios que seria entalhado na lateral de uma montanha. *Quando estiver pronto, as pessoas vão dizer que parece que um garoto gigante deixou os blocos de brinquedo espalhados em uma escada,* dissera Ben para Ricky Lee. *Pelo menos algumas vão, e vão estar ao menos parcialmente certas. Mas acho que vai dar certo. É a maior coisa que já tentei, e erguê-lo vai ser apavorante, mas acho que vai dar certo.*

Ricky Lee supunha que era possível que o sr. Hanscom estivesse com um toque de pânico. Não havia nada de surpreendente nisso, e também nada de errado. Quando você ficava grande o bastante para que reparassem em você, estava grande o bastante para tentarem atingir você. Ou talvez ele estivesse com algum vírus. Havia um bem potente por aí.

Ricky Lee pegou uma caneca no balcão do bar e foi em direção à torneira de chope Olympia.

— Não faça isso, Ricky Lee.

Ricky Lee se virou, surpreso. E quando Ben Hanscom ergueu o olhar, sentiu medo repentinamente. Porque o sr. Hanscom não parecia estar em pânico, nem com o vírus que estava se espalhando, nem nada do tipo. Ele parecia ter sofrido um golpe terrível e ainda estar tentando entender o que o tinha atingido.

Alguém morreu. Ele não é casado, mas todo homem tem família, e alguém na dele acabou de bater as botas. Foi isso que aconteceu, tão certo quanto a merda desce pelo esgoto de um banheiro.

Alguém colocou uma moeda na jukebox, e Barbara Mandrell começou a cantar sobre um homem bêbado e uma mulher solitária.

— Você está bem, sr. Hanscom?

Ben Hanscom olhou para Ricky Lee com olhos que de repente pareceram dez, não, vinte anos mais velhos do que o resto do rosto, e Ricky Lee ficou surpreso de observar que o cabelo do sr. Hanscom estava ficando grisalho. Nunca tinha reparado em um traço grisalho no cabelo dele antes.

Hanscom sorriu. O sorriso foi medonho, horrível. Era como ver um cadáver sorrir.

— Acho que não, Ricky Lee. Não, senhor. Não hoje. Nem um pouco.

Ricky Lee colocou a caneca no balcão e andou de volta até onde Hanscom estava. O bar estava tão vazio quanto um bar bem distante da temporada de futebol numa noite de segunda pode ficar. Annie estava sentada ao lado da porta na cozinha, jogando *cribbage* com o

cozinheiro.

— Más notícias, sr. Hanscom?

— Más notícias, isso mesmo. Más notícias vindas de casa. — Ele olhou para Ricky Lee. Olhou através de Ricky Lee.

— Lamento ouvir isso, sr. Hanscom.

— Obrigado, Ricky Lee.

Ele ficou em silêncio, e Ricky Lee estava prestes a perguntar se havia alguma coisa que ele pudesse fazer quando Hanscom disse:

— Qual é o seu uísque da casa, Ricky Lee?

— Pra todo mundo nesse buraco é Four Roses — disse Ricky Lee. — Mas pra você pode ser Wild Turkey.

Hanscom deu um pequeno sorriso ao ouvir isso.

— É legal da sua parte, Ricky Lee. Acho que é melhor você pegar a caneca, afinal. O que você deve fazer é encher de Wild Turkey.

— *Encher?* — perguntou Ricky Lee, sinceramente atônito. — Meu Deus, eu vou ter que rolar você daqui! — *Ou chamar uma ambulância*, pensou ele.

— Hoje, não — disse Hanscom. — Acho que não.

Ricky Lee olhou cuidadosamente nos olhos do sr. Hanscom para ver se ele podia estar brincando e levou menos de um segundo para ver que não. Assim, ele pegou a caneca no balcão e a garrafa de Wild Turkey em uma das prateleiras abaixo. O gargalo da garrafa bateu na beirada da caneca quando ele começou a servir. Ele viu o uísque escorrer, fascinado apesar de tudo. Ricky Lee decidiu que era mais do que um toque do texano que o sr. Hanscom tinha em si: essa tinha que ser a maior dose de uísque que ele já servira ou jamais serviria na vida.

Chamar uma ambulância o cacete. Se ele beber isso, vou ligar pra Parker e Waters em Swedholm pra trazerem o rabecão.

De qualquer modo, ele levou a caneca e colocou na frente de Hanscom; o pai de Ricky Lee uma vez disse para ele que se um homem estava em seu estado normal, você tinha que dar para ele o que ele quisesse comprar, fosse mijo ou veneno. Ricky Lee não sabia se era um conselho bom ou ruim, mas sabia que, se você atendia em um bar para se sustentar, ajudava bastante a impedir que você fosse massacrado pela própria consciência.

Hanscom olhou para o drinque gigantesco de forma pensativa por um momento e perguntou:

— Quanto te devo por uma dose dessas, Ricky Lee?

Ricky Lee balançou a cabeça devagar, ainda vidrado na caneca de uísque, sem querer levantar a cabeça e encontrar aqueles olhos fundos e arregalados.

— Não — disse ele. — Esse é por conta da casa.

Hanscom sorriu de novo, desta vez com mais naturalidade.

— Nossa, obrigado, Ricky Lee. Agora vou te mostrar uma coisa que aprendi no Peru em 1978. Eu estava trabalhando com um cara chamado Frank Billings, aprendendo com ele, acho

que se pode dizer. Frank Billings era o melhor arquiteto do mundo na minha opinião. Ele pegou uma febre e os médicos injetaram um bilhão de antibióticos diferentes nele, e nenhum baixou a febre. Ele ardeu por duas semanas e morreu. O que vou te mostrar aprendi com índios locais trabalhando no projeto. A birita local é bastante potente. Você toma um gole e acha que está descendo suave, sem problemas, mas de repente parece que alguém acendeu um maçarico na sua boca e apontou pra sua garganta. Mas os índios bebem como Coca-Cola, e raramente vi um bêbado, e *nunca* vi um de ressaca. Nunca tive coragem de testar o jeito deles. Mas acho que vou experimentar hoje. Me traz umas bandas de limão.

Ricky Lee pegou quatro e colocou sobre um guardanapo ao lado da caneca de uísque. Hanscom pegou um pedaço, inclinou a cabeça para trás como um homem prestes a colocar colírio nos olhos e começou a espremer o suco de limão direto na narina direita.

— Puta merda! — disse Ricky Lee horrorizado.

A garganta de Hanscom se contraiu. Seu rosto ficou vermelho… e então Ricky Lee viu lágrimas escorrendo pelas laterais do rosto em direção às orelhas. Agora os Spinners estavam tocando, cantando sobre o homem-elástico. “Ah, Deus, não sei quanto disso sou capaz de suportar”, cantaram os Spinners.

Hanscom tateou cegamente pelo bar, encontrou outro pedaço de limão e espremeu o suco na outra narina.

— Você vai se matar, porra — sussurrou Ricky Lee.

Hanscom jogou os dois pedaços de limão espremido no balcão. Seus olhos estavam vermelhos e ele respirava ofegante e fazendo caretas. Suco de limão pingava das duas narinas dele e escorria até os cantos da boca. Ele pegou a caneca, levantou e bebeu um terço. Paralisado, Ricky Lee viu o pomo de Adão dele subir e descer.

Hanscom colocou a caneca no balcão, tremeu duas vezes e assentiu. Olhou para Ricky Lee e sorriu um pouco. Seus olhos não estavam mais vermelhos.

— Funciona como eles disseram que funcionaria. Você fica tão preocupado com o nariz que não sente o que está descendo pela garganta.

— Você é louco, sr. Hanscom — disse Ricky Lee.

— Pode apostar seu couro nisso — disse o sr. Hanscom. — Se lembra dessa, Ricky Lee? Dizíamos isso quando éramos crianças. “Pode apostar seu couro nisso.” Já te contei que eu era gordo?

— Não, senhor, nunca — sussurrou Ricky Lee. Ele agora estava convencido de que o sr. Hanscom tinha recebido uma notícia tão terrível que o homem tinha *mesmo* enlouquecido… ou pelo menos abandonado temporariamente a sensatez.

— Eu era um tremendo balofo. Nunca joguei beisebol nem basquete, sempre era o primeiro a pegarem quando brincava de pique-pega, não fazia nenhum esforço a mais do que o mínimo necessário. Eu era gordo mesmo. E havia uns caras na minha cidade que iam sempre atrás de mim. Tinha um cara chamado Reginald Huggins, só que todo mundo chamava ele de Arroto. Um garoto chamado Victor Criss. Alguns outros. Mas o verdadeiro cérebro do grupo era um

sujeito chamado Henry Bowers. Se já houve um garoto genuinamente mau andando pela face da Terra, Ricky Lee, Henry Bowers era esse garoto. Eu não era o único que ele perseguia; meu problema era que eu não conseguia correr tão rápido quanto os outros.

Hanscom desabotoou a camisa e abriu. Ricky Lee se inclinou para a frente e viu uma cicatriz estranha e retorcida na barriga do sr. Hanscom, bem acima do umbigo. Inchada, branca e velha. Era uma letra, reparou ele. Alguém tinha desenhado a letra “H” na barriga do sujeito, provavelmente bem antes de o sr. Hanscom se *tornar* um homem.

— Henry Bowers fez isso comigo. Há uns mil anos. Tenho sorte de não estar com o nome dele todo aqui.

— Sr. Hanscom…

Hanscom pegou as outras duas fatias de limão, uma com cada mão, inclinou a cabeça para trás e pingou como descongestionante nasal. Ele tremeu intensamente, colocou-as de lado e tomou dois grandes goles da caneca. Tremeu de novo, tomou outro gole e tateou em busca da beirada do balcão do bar com os olhos fechados. Por um momento, segurou-se como um homem em um veleiro se segurando para se apoiar no mar agitado. Em seguida, abriu os olhos de novo e sorriu para Ricky Lee.

— Eu podia montar esse touro a noite toda — disse ele.

— Sr. Hanscom, eu gostaria que você não fizesse mais isso — disse Ricky Lee nervosamente.

Annie se aproximou com a bandeja e pediu duas Miller. Ricky Lee serviu e levou até ela. Estava com as pernas bambas.

— O sr. Hanscom está bem, Ricky Lee? — perguntou Annie. Ela estava olhando para trás de Ricky Lee, e ele se virou para acompanhar o olhar dela. O sr. Hanscom estava inclinado sobre o bar escolhendo cuidadosamente pedaços de limão no recipiente onde Ricky Lee deixava as decorações dos drinques.

— Não sei — disse ele. — Acho que não.

— Então tira o dedo do cu e faz alguma coisa. — Como a maior parte das outras mulheres, Annie tinha uma quedinha por Ben Hanscom.

— Não sei. Meu pai sempre dizia que se um homem está em seu estado normal…

— Seu pai não tinha um cérebro tão bom quanto o de um esquilo — disse Annie. — Esquece seu pai. Você tem que acabar com isso, Ricky Lee. Ele vai se matar.

Após receber tais ordens, Ricky Lee voltou para onde Ben Hanscom estava.

— Sr. Hanscom, acho que você bebeu o bast…

Hanscom inclinou a cabeça para trás. Espremeu. Na verdade, *inalou* o suco de limão desta vez, como se fosse cocaína. Bebeu o uísque como se fosse água. Olhou para Ricky Lee solenemente.

— Bing-bang, vi toda a gangue dançando no tapete da minha sala — disse ele e riu. Havia cerca de 5 centímetros de uísque na caneca agora.

— Já chega — disse Ricky Lee e esticou a mão para pegar a caneca.

Hanscom a tirou delicadamente do alcance dele.

— O dano já foi feito, Ricky Lee — disse ele. — O dano já foi feito, meu garoto.

— Sr. Hanscom, por favor…

— Tenho uma coisa pros seus garotos, Ricky Lee. Caramba, quase esqueci!

Ele estava usando um colete jeans surrado e enfiou a mão em um dos bolsos. Ricky Lee ouviu um estalo seco.

— Meu pai morreu quando eu tinha 4 anos — disse Hanscom. A voz dele não estava em nada arrastada. — Nos deixou um bando de dívidas e isto. Quero que seus filhos fiquem com eles, Ricky Lee. — Ele colocou três reluzentes dólares de prata sobre o balcão do bar, onde brilharam sob as luzes suaves. Ricky Lee prendeu a respiração.

— Sr. Hanscom, é muita gentileza, mas eu não poderia…

— Eram quatro, mas dei um pro Bill Gago e pros outros. Bill Denbrough, esse era o nome dele. Bill Gago era como a gente chamava ele… Era só uma coisa que a gente dizia, como "pode apostar seu couro nisso". Foi um dos melhores amigos que já tive, e tive alguns, sabe. Até um garoto gordo como eu tinha amigos. Bill Gago é escritor agora.

Ricky Lee mal o escutou. Estava olhando para os dólares de prata com fascinação. 1921, 1923 e 1924. Só Deus sabia o quanto valiam agora, e apenas pelo fato da prata pura que continham.

— Não posso — disse ele de novo.

— Mas eu insisto.

O sr. Hanscom pegou a caneca e bebeu até o fim. Ele devia estar caindo de bêbado, mas seus olhos não se afastaram dos de Ricky Lee. Aqueles olhos estavam lacrimejantes e muito injetados de sangue, mas Ricky Lee poderia jurar sobre uma pilha de Bíblias que também eram os olhos de um homem sóbrio.

— Você está me assustando um pouco, sr. Hanscom — disse Ricky Lee.

Dois anos antes, Gresham Arnold, um bêbado de fama local, entrou no Red Wheel com um tubinho de moedas de 25 centavos em uma das mãos e uma nota de 20 dólares enfiada na tira do chapéu. Ele entregou o tubinho para Annie com instruções de colocar as moedas na jukebox de quatro em quatro. Colocou a nota de vinte no bar e instruiu Ricky Lee a servir bebidas para todos. Esse bêbado, Gresham Arnold, tinha sido um jogador de basquete famoso muito antes no Hemingford Rams e os levou ao primeiro (e provavelmente último) campeonato escolar. Foi em 1961. Um futuro quase ilimitado parecia se abrir à frente do jovem. Mas ele ficou reprovado na Louisiana State University no primeiro semestre, vítima da bebedeira, drogas e noitadas de farra. Ele voltou para casa, destruiu o conversível amarelo que os pais tinham dado a ele como presente de formatura e arrumou um emprego de vendedor-chefe de produtos agrícolas John Deere, na loja do pai. Cinco anos se passaram. O pai não conseguia suportar a ideia de demiti-lo; acabou vendendo a loja e se aposentou no Arizona, um homem assombrado e envelhecido antes da época pela degeneração inexplicável e aparentemente irreversível do filho. Enquanto a loja ainda era do pai e ele ao menos fingia trabalhar, Arnold se esforçou

para ficar longe da bebida; depois, ela o dominou por completo. Ele podia ser cruel, mas estava doce como chiclete na noite em que levou as moedas e pagou bebidas para todos, e todos agradeceram com sinceridade; Annie ficou colocando músicas de Moe Bandy porque Gresham Arnold gostava de Moe Bandy. Ele ficou sentado ali no bar, no mesmo banco onde o sr. Hanscom estava sentado agora, percebeu Ricky Lee com desconforto crescente, e tomou três ou quatro uísques com licor de ervas; cantou com a jukebox, não provocou confusão e foi para casa quando Ricky Lee fechou o Wheel; ele se enforcou com o cinto pendurado em um armário embutido do andar de cima. Os olhos de Gresham Arnold naquela noite estavam um pouco parecidos com os de Ben Hanscom naquele momento.

— Estou te assustando um pouco, é? — perguntou Hanscom, sem tirar os olhos de Ricky Lee. Ele afastou a caneca e cruzou os braços na frente dos três dólares de prata. — Devo estar. Mas você não está com tanto medo quanto eu, Ricky Lee. Reze pra Jesus pra nunca ficar.

— Bem, qual é o problema? — perguntou Ricky Lee. — Talvez… — Ele molhou os lábios. — Talvez eu possa ajudar.

— O problema? — Ben Hanscom riu. — Ah, não muito. Recebi hoje a ligação de um velho amigo. Um cara chamado Mike Hanlon. Eu tinha me esquecido completamente dele, Ricky Lee, mas isso não me assustou muito. Afinal, eu era apenas um garoto quando conheci ele, e garotos se esquecem das coisas, não? Claro que esquecem. Pode apostar seu couro nisso. O que me assustou foi chegar na metade do caminho até aqui e perceber que não foi só de Mike que me esqueci. Eu tinha esquecido *tudo* de quando era criança.

Ricky Lee apenas olhou para ele. Ele não fazia ideia do que o sr. Hanscom estava falando, mas o homem estava mesmo com medo. Não havia dúvida disso. Caía de uma maneira estranha em Ben Hanscom, mas era real.

— Eu quero dizer que tinha esquecido *tudo* sobre isso — disse ele, e bateu os dedos dobrados de leve no bar para enfatizar. — Você já ouviu falar, Ricky Lee, de uma amnésia tão completa que você nem sabia que *estava* com amnésia?

Ricky Lee balançou a cabeça.

— Nem eu. Mas ali estava eu, dirigindo o Caddy, e de repente eu lembrei. Eu me lembrei de Mike Hanlon, mas só porque ele me ligou. Eu me lembrei de Derry, mas só porque era de onde ele estava ligando.

— Derry?

— Mas isso foi *tudo*. Eu percebi que nem *pensava* na época de criança desde… desde nem sei quando. E então, de repente, tudo começou a voltar. Como o que fizemos com o quarto dólar de prata.

— O que vocês *fizeram* com ele, sr. Hanscom?

Hanscom olhou para o relógio e de repente desceu do banco. Cambaleou um pouco, bem pouco. Só isso.

— Não posso deixar o tempo fugir — disse ele. — Vou voar hoje.

Ricky Lee ficou imediatamente alarmado, e Hanscom riu.

— Vou voar, mas não pilotar. Não desta vez. Vou de United Airlines, Ricky Lee.

— Ah. — Ele achou que o alívio ficou evidente em seu rosto, mas não se importou. — Pra onde você vai?

A camisa de Hanscom ainda estava aberta. Ele olhou pensativamente para as linhas brancas e inchadas da velha cicatriz na barriga e começou a abotoar a camisa.

— Pensei que já tivesse dito, Ricky Lee. Pra casa. Vou pra casa. Dê os dólares de prata pros seus filhos. — Ele saiu andando em direção à porta, e tinha alguma coisa no jeito como ele andou, até no jeito como puxou as laterais da calça, que apavorou Ricky Lee. A similaridade com o falecido e nada lamentado Gresham Arnold foi tão intensa de repente que foi quase como ver um fantasma.

— Sr. Hanscom! — gritou ele alarmado.

Hanscom se virou, e Ricky Lee deu um passo rápido para trás. Sua bunda bateu na prateleira de trás do bar e houve som de vidro quando as garrafas bateram umas nas outras. Ele deu um passo para trás porque ficou convencido de repente de que Ben Hanscom estava morto. Sim, Ben Hanscom estava deitado e morto em algum lugar, em uma vala ou sótão ou possivelmente um armário com o cinto ao redor do pescoço e a ponta das botas de 400 dólares penduradas a quase 5 centímetros do chão, e essa coisa de pé perto da jukebox olhando para ele era um fantasma. Por um momento, só um momento, mas longo o bastante para cobrir seu coração de trabalhador com uma camada de gelo, ele se convenceu de que conseguia ver mesas e cadeiras através do homem.

— O que é, Ricky Lee?

— Na-n-na. Nada.

Ben Hanscom olhou para Ricky Lee com olhos que tinham crescentes roxos embaixo. Suas bochechas ardiam pela bebida; o nariz estava vermelho e irritado.

— Nada — sussurrou Ricky Lee de novo, mas não conseguiu tirar os olhos daquele rosto, o rosto de um homem que morreu afundado em pecado e agora está rígido na porta lateral e fumegante do inferno.

— Eu era gordo e nós éramos pobres — disse Ben Hanscom. — Me lembro disso agora. E lembro que ou uma garota chamada Beverly ou Bill Gago salvou minha vida com um dólar de prata. Tenho um medo quase louco de qualquer outra coisa que eu possa lembrar antes que a noite de hoje acabe, mas o tamanho do medo que eu sinto não importa, porque vai voltar de qualquer jeito. Está tudo aqui, como uma bolha enorme crescendo na minha mente. Mas eu vou, porque tudo que já consegui e tudo que tenho agora está ligado ao que fizemos naquela época, e você paga pelo que recebe neste mundo. Talvez seja por isso que Deus nos fez crianças primeiro e nos colocou mais perto do chão, porque Ele sabe que é preciso cair muito e sangrar muito pra aprender essa simples lição. Você paga pelo que recebe, você é dono daquilo pelo que pagou… e mais cedo ou mais tarde, o que é seu volta pra casa, pra você.

— Mas você volta no fim de semana, não volta? — perguntou Ricky Lee com lábios dormentes. Em sua crescente aflição, isso foi tudo a que ele conseguiu se apegar. — Você vai

voltar no fim de semana como sempre, não vai?

— Não sei — disse o sr. Hanscom, e deu um sorriso terrível. — Vou bem mais longe do que Londres desta vez, Ricky Lee.

— Sr. Hanscom…!

— Dê aqueles dólares de prata pros seus filhos — repetiu ele, e saiu para a noite.

— Que *porra*…? — perguntou Annie, mas Ricky Lee a ignorou. Ele levantou a parte móvel da bancada do bar e correu até uma das janelas que davam para o estacionamento. Viu os faróis do Cadillac do sr. Hanscom se acenderem, ouviu o motor dar ré. Ele saiu do estacionamento de terra levantando um tapete de poeira atrás. Os faróis traseiros diminuíram até virarem pontos vermelhos na rodovia 63, e o vento noturno do Nebraska começou a espalhar a terra que estava no ar.

— Ele tomou uma tonelada de álcool e você deixou ele entrar naquele carrão dele e ir embora dirigindo — disse Annie. — Parabéns, Ricky Lee.

— Deixa pra lá.

— Ele vai se matar.

E apesar de esse ter sido o pensamento do próprio Ricky Lee menos de cinco minutos antes, ele se virou para ela quando os faróis sumiram e balançou a cabeça.

— Não acho — disse ele. — Embora, pela forma como ele estava hoje, talvez fosse melhor se ele se matasse.

— O que ele disse pra você?

Ele balançou a cabeça. Estava tudo confuso em sua mente, e o todo não parecia querer dizer nada.

— Não importa. Mas acho que nunca mais vamos ver esse velho camarada.

4

Eddie Kaspbrak toma seu remédio

Se você quisesse saber tudo que se tem para saber sobre um homem ou mulher americanos de classe média conforme o milênio se aproxima do final, só precisaria olhar o armário de remédios, ou é o que dizem. Mas, meu Deus, dê uma olhada neste agora que Eddie Kaspbrak o abre, felizmente fazendo seu rosto branco e seus olhos arregalados desaparecerem.

Na prateleira superior há Anacin, Excedrin, Excedrin noturno, Contac, Gelusil, Tylenol e um vidro grande de pastilhas Vick, que parece um céu anoitecendo guardado dentro de um vidro. Há um vidro de Vivarin, um de Serutan (*É "Nature's" de trás pra frente* , diziam os anúncios do programa de Lawrence Welk quando Eddie Kaspbrak era um garotinho), e dois vidros de Leite de Magnésia Phillips, um do tipo comum, com gosto de giz líquido, e o outro do novo com sabor de menta, com gosto de giz líquido com gosto de menta. Há um vidro grande de Rolaids ao lado de um vidro grande de Tums. O Tums está ao lado de um vidro grande de pastilhas Di-Gel sabor laranja. Os três parecem um trio de cofrinhos estranhos, cheios de comprimidos em vez de moedas.

Na segunda prateleira ficam as vitaminas: tem vitamina E, tem C, tem C com rosehips. Tem vitamina B simples e complexo B e B12. Tem L-Lisina, que serve para ajudar naqueles problemas constrangedores de pele, e lecitina, que é para resolver o acúmulo constrangedor de colesterol no coração e perto dele. Tem ferro, cálcio e óleo de fígado de bacalhau. Tem One-A-Day múltiplo, Myadec múltiplo, Centrum múltiplo. E em cima do armário em si, há um vidro gigantesco de Geritol, só por garantia.

Indo para a terceira prateleira de Eddie, encontramos os jogadores utilitários do mundo da medicina patenteada. Ex-Lax. Carter's Little Pills. Os dois mantinham o funcionamento do intestino de Eddie Kaspbrak. Bem perto está o Kaopectate, o Pepto-Bismol e o Preparation H para o caso de o funcionamento ser rápido demais ou doloroso demais. Havia também Tucks em um vidro de tampa de rosca para manter tudo limpo depois que o serviço acabou, fosse em que quantidade fosse. Tem Formula 44 para tosse, Nyquil e Dristan para resfriados e um vidro grande de óleo de castor. Há uma lata de Sucrets para o caso de a garganta de Eddie inflamar, e há um quarteto de enxaguantes bucais: Chloraseptic, Cepacol, Cepestat spray e, é claro, o velho e bom Listerine, frequentemente imitado, mas nunca duplicado. Visine e Murine para os olhos. Pomadas Cortaid e Neosporin para a pele (a segunda linha de defesa caso a L-Lisina não atinja as expectativas), um tubo de Oxy-5 e uma garrafa plástica de Oxy-Wash (porque Eddie preferia ter menos centavos a mais espinhas) e alguns comprimidos de tetraciclina.

E, em um dos lados, reunidos como conspiradores ressentidos, há três vidros de xampu de alcatrão.

A prateleira de baixo está quase vazia, mas o que *tem* nela é coisa séria. Dava para viajar com essas coisas. Com elas, você podia voar mais alto do que o avião de Ben Hanscom e cair com mais força do que o de Thurman Munson. Tem Valium, Percodan, Elavil e Darvon Complex. Tem também outra caixa de Sucrets na prateleira de baixo, mas não tem Sucrets dentro. Se você a abrisse, encontraria seis Quaaludes.

Eddie Kaspbrak acreditava no lema dos escoteiros.

Ele estava carregando uma bolsa azul quando entrou no banheiro. Colocou-a na pia, abriu e, com mãos trêmulas, começou a colocar vidros, garrafas, tubos e sprays lá dentro. Sob outras circunstâncias, ele os teria pegado cuidadosamente, mas não havia tempo para gentilezas agora. A escolha, pelo ponto de vista de Eddie, era tão simples quanto brutal:

começar a se mover e continuar em movimento ou ficar parado em um lugar tempo o bastante para começar a pensar no que tudo isso queria dizer e simplesmente morrer de medo.

— Eddie? — gritou Myra do andar de baixo. — Eddie, o que você está *fazeeeendo*?

Eddie colocou a caixa de Sucrets com os Quaaludes na bolsa. O armário de remédios estava agora quase vazio, exceto pelo Midol de Myra e um tubo pequeno e quase terminado de Blistex. Ele começou a fechar o zíper da bolsa, ficou em dúvida e colocou o Midol na bolsa também. Ela sempre podia comprar mais.

— Eddie? — Vindo agora da metade da escada.

Eddie fechou o resto da bolsa e saiu do banheiro com ela pendurada ao lado do corpo. Era um homem baixo com um tipo de rosto tímido de coelho. Ele tinha perdido a maior parte do cabelo; o que sobrara crescia em aglomerados aleatórios. O peso da bolsa o deixava claramente inclinado para um dos lados.

Uma mulher extremamente gorda estava subindo lentamente para o segundo andar. Eddie conseguia ouvir a escada estalar em protesto debaixo dela.

— O que você está *FAZEEEEEENDO?*

Eddie não precisava que um psicólogo dissesse para ele que, de certa forma, se casara com a própria mãe. Myra Kaspbrak era enorme. Era apenas grande quando Eddie se casara com ela cinco anos antes, mas ele às vezes pensava que seu subconsciente vira o potencial para enormidade nela; Deus sabia que a mãe dele era gigantesca. E ela parecia maior do que nunca ao chegar ao segundo andar. Estava usando uma camisola branca que inchava em ondas nos seios e quadris. O rosto dela, sem maquiagem nenhuma, estava branco e brilhoso. Ela parecia muito assustada.

— Tenho que viajar por um tempo — disse Eddie.

— O que você quer dizer com tem que viajar? O que foi aquele telefonema?

— Nada — disse ele, descendo abruptamente pelo corredor até o closet. Ele colocou a bolsa no chão, abriu a porta do armário e mexeu na meia dúzia de ternos pretos idênticos que estavam pendurados ali, tão ostensivos quanto uma nuvem de tempestade em meio a outras roupas mais coloridas. Ele sempre usava um dos ternos pretos quando estava trabalhando. Inclinou-se para dentro do armário, sentiu o cheiro de naftalina e lã e puxou uma das malas que estavam atrás. Abriu-a e começou a jogar roupas dentro.

A sombra dela caiu sobre ele.

— De que se trata isso, Eddie? Pra onde você vai? Me diz!

— Não posso dizer.

Ela ficou ali observando-o, tentando decidir o que dizer ou o que fazer. A ideia de empurrá-lo para dentro do closet e ficar com as costas na porta até essa loucura passar cruzou sua mente, mas ela não conseguiu fazer isso, apesar de ser capaz; era 8 centímetros mais alta do que Eddie e 50 quilos mais pesada. Não conseguia pensar no que fazer ou dizer porque isso era tão incomum para ele. Ela não teria ficado mais consternada e assustada se tivesse entrado na sala de TV e encontrado a TV de tela grande flutuando no ar.

— Você não pode ir — ela se ouviu dizer. — Prometeu que ia conseguir pra mim o autógrafo do Al Pacino. — Era um absurdo, Deus sabia que era, mas àquelas alturas, até um absurdo era melhor do que nada.

— Você ainda vai ter seu autógrafo — disse Eddie. — Vai ter que dirigir pra ele.

Ah, aqui estava um novo terror para juntar-se aos que já rodopiavam pela pobre cabeça tonta de Myra. Ela deu um pequeno grito.

— Não posso… Eu nunca…

— Você vai ter que ir — disse ele. Estava examinando os sapatos agora. — Não tem mais ninguém.

— Nenhum dos meus uniformes cabe mais! Estão apertados demais nos peitos!

— Mande Delores afrouxar um deles — disse ele de forma implacável.

Ele pegou dois pares de sapatos, encontrou uma caixa de sapato vazia e colocou um terceiro dentro dela. Bons e velhos sapatos pretos, que ainda durariam muito tempo, mas estavam um pouco gastos demais para usar no trabalho. Quando você trabalhava dirigindo para pessoas ricas em Nova York, muitas delas pessoas ricas e *famosas*, tudo tinha que parecer perfeito. Esses sapatos não pareciam mais perfeitos… mas ele achava que serviam para onde ele estava indo. E para o que quer que ele tivesse que fazer quando chegasse lá. Talvez Rich Tozier…

Mas então a escuridão ameaçou e ele sentiu a garganta começando a fechar. Eddie se deu conta com pânico verdadeiro de que tinha colocado a farmácia inteira na bolsa e tinha deixado a coisa mais importante, seu inalador, no andar de baixo, em cima da estante do som.

Ele fechou a mala e trancou. Olhou para Myra, que estava de pé no corredor com a mão apertando o pescoço grosso e curto como se fosse ela quem tivesse asma. Estava olhando para ele, com o rosto cheio de perplexidade e terror, e ele poderia ter sentido pena dela se seu coração já não estivesse tão cheio de pavor por si mesmo.

— O que aconteceu, Eddie? Quem era ao telefone? Você está encrencado? Está, não está? Em que tipo de problema se meteu?

Ele andou em direção a ela, com a bolsa em uma das mãos e a mala na outra, mais ou menos ereto agora que o peso nas mãos estava mais bem distribuído. Ela ficou na frente dele e bloqueou a passagem da escada, e a princípio ele achou que ela não se afastaria. Mas quando o rosto dele estava prestes a se chocar contra o bloqueio macio que eram os seios dela, ela chegou para o lado… com medo. Quando ele passou por ela, sem diminuir a velocidade, ela começou a chorar lágrimas infelizes.

— *Não posso dirigir pro Al Pacino!* — gritou ela. — *Vou bater em uma placa ou em algum outro lugar, eu sei! Eddie, estou com meeedo!*

Ele olhou para o relógio Seth Thomas sobre a mesa ao lado da escada. Nove e vinte. O funcionário da Delta com voz enlatada disse que ele já tinha perdido o último voo para o norte, para o Maine, o que saiu de La Guardia às 20h25. Ele ligou para Amtrak e descobriu que havia um trem noturno para Boston saindo da Penn Station às 23h30, que o deixaria na

South Station, onde ele podia pegar um táxi até o escritório da Cape Cod Limousine na rua Arlington. Cape Cod e a empresa de Eddie, Royal Crest, fizeram um acordo útil e amigavelmente recíproco ao longo dos anos. Uma ligação rápida para Butch Carrington em Boston cuidara de seu transporte para o norte. Butch disse que teria uma limusine Cadillac abastecida e pronta para ele. Então ele iria com estilo e sem nenhum cliente pentelho sentado no banco de trás, enchendo o ar com o fedor de um charuto enorme e perguntando se Eddie sabia onde ele podia arrumar uma gata ou alguns gramas de cocaína, ou as duas coisas.

Vou com estilo, isso mesmo, pensou ele. *O único jeito de ir com mais estilo seria ir de rabecão. Mas não se preocupe, Eddie. Deve ser assim que você vai voltar. Se sobrar o bastante de você pra se enterrar, claro.*

— *Eddie?*

Nove e vinte. Tempo o suficiente para falar com ela, tempo o suficiente para ser gentil. Ah, mas seria tão melhor se fosse na noite em que ela saía para jogar cartas, se ele pudesse ter saído deixando apenas um bilhete embaixo de um dos ímãs da porta da geladeira (a porta da geladeira era onde ele deixava todos os seus bilhetes para Myra, porque ela sempre os via lá). Sair assim, como um fugitivo, não teria sido bom, mas isso era ainda pior. Era como ter que sair da casa dos pais de novo, e isso fora tão difícil que ele teve que fazer três vezes.

Às vezes, *o lar é onde o coração está*, pensou Eddie aleatoriamente. *Acredito nisso. O velho Bobby Frost disse que o lar é o lugar onde, quando você precisa ir lá, eles têm que te receber. Infelizmente, também é o lugar em que, quando você entra, não querem deixar você sair.*

Ele ficou no alto da escada, com o movimento temporariamente interrompido, cheio de medo, com a respiração chiando pelo buraco de agulha que sua garganta tinha virado, e observou a esposa chorosa.

— Desça comigo e vou contar o que puder — disse ele.

Eddie colocou as duas malas, uma com roupas, a outra com remédios, ao lado da porta do hall da frente. Lembrou-se de uma outra coisa naquele momento… ou melhor, o fantasma da mãe, que estava morta havia muitos anos, mas que ainda falava frequentemente na mente dele, lembrou por ele.

Você sabe que quando seus pés ficam molhados, você sempre fica resfriado, Eddie. Você não é como as outras pessoas, você tem o corpo muito fraco, tem que tomar cuidado. É por isso que precisa sempre usar as galochas quando chove.

Chovia muito em Derry.

Eddie abriu o armário do hall da frente, pegou as galochas no gancho onde estavam cuidadosamente penduradas dentro de uma sacola plástica e colocou-as na mala de roupas.

Bom menino, Eddie.

Ele e Myra estavam assistindo TV quando a merda bateu no ventilador. Eddie foi até a sala de TV e apertou o botão que baixava o telão. A tela era tão grande que fazia Freeman McNeil parecer um visitante de Brobdingnag nas tarde de domingo. Pegou o telefone e chamou um

táxi. O atendente disse para ele que deveria demorar 15 minutos. Eddie disse que não havia problema.

Ele desligou e pegou a bombinha de cima do aparelho de CD caro da Sony. *Gastei 1.500 dólares em um aparelho de som de primeira para que Myra não perdesse uma única nota dos discos de Barry Manilow e do "Supremes Greatest Hits"*, pensou ele, e sentiu uma pontada de culpa. Isso não era justo, e ele sabia bem. Myra ficaria tão feliz com os velhos discos arranhados quanto com os novos CDs do tamanho de discos de 45 rotações, assim como ficaria feliz de continuar morando na casinha de quatro cômodos no Queens até os dois ficarem velhos e grisalhos (e, para falar a verdade, já havia um pouco de neve no alto da montanha que era a cabeça de Eddie Kaspbrak). Ele tinha comprado o luxuoso aparelho de som pelo mesmo motivo que comprara esta casa rústica de pedra em Long Island, onde os dois vagavam como as duas últimas ervilhas na lata: porque podia, e porque eram formas de aplacar a voz suave, assustada, frequentemente perplexa e sempre implacável da mãe; eram formas de dizer: *Consegui, mãe! Olha isso tudo! Consegui! Agora será que você pode fazer o favor de calar a boca um pouco?*

Eddie enfiou a bombinha na boca e, como um homem imitando suicídio, puxou o gatilho. Uma nuvem do terrível gosto de alcaçuz desceu ardendo pela garganta dele, e Eddie respirou fundo. Conseguia sentir passagens respiratórias quase fechadas começarem a se abrir de novo. O aperto no peito começou a diminuir, e de repente ele ouviu vozes na mente, vozes-fantasma.

Você não recebeu o bilhete que mandei?

Recebi, sra. Kaspbrak, mas…

Bem, caso você não saiba ler, treinador Black, vou dizer em pessoa. Está pronto?

Sra. Kaspbrak…

Ótimo. Aqui vai, dos meus lábios pros seus ouvidos. Pronto? Meu Eddie não pode fazer aula de educação física. Repito: ele NÃO pode fazer aula de educação física. Eddie é muito delicado, e se ele correr… ou pular…

Sra. Kaspbrak, tenho o resultado do último exame físico de Eddie arquivado no meu escritório. É exigência estadual. Lá diz que Eddie é um pouco pequeno para a idade, mas fora isso, perfeitamente normal. Assim, liguei pro médico da sua família pra ter certeza e ele confirmou…

Está me chamando de mentirosa, treinador Black? É isso? Bem, aqui está ele! Aqui está Eddie, de pé bem do meu lado! Você consegue ouvir como ele respira? CONSEGUE?

Mãe… por favor… estou bem…

Eddie, você sabe que não deve fazer isso. Eu te ensinei direito. Não interrompa os mais velhos.

Consigo escutar, sra. Kaspbrak, mas…

Consegue? Que bom! Pensei que talvez você fosse surdo! Ele parece um caminhão subindo uma ladeira com marcha baixa, não parece? E se isso não é asma…

Mãe, vou ficar…

Fique quieto, Eddie, não me interrompa de novo. Se isso não for asma, treinador Black, então eu sou a rainha Elizabeth!

Sra. Kaspbrak, Eddie costuma parecer bem e feliz nas aulas de educação física. Adora participar de jogos e corre bem rápido. Na minha conversa com o dr. Baynes, a palavra "psicossomático" surgiu. Eu me pergunto se a senhora considerou a possibilidade de…

… de que meu filho seja louco? É isso que você está tentando dizer? VOCÊ ESTÁ TENTANDO DIZER QUE MEU FILHO É LOUCO????

Não, mas…

Ele é delicado.

Sra. Kaspbrak…

Meu filho é muito delicado.

Sra. Kaspbrak, o dr. Baynes confirmou que não conseguiu encontrar nada…

— … fisicamente errado — concluiu Eddie. A lembrança daquele encontro humilhante, com a mãe gritando com o treinador Black no ginásio da escola Derry Elementary enquanto ele ofegava e se encolhia ao lado dela e os outros garotos se reuniam em torno de uma das cestas para olhar só voltara a ele esta noite em anos. E essa não era a única lembrança que a ligação de Mike Hanlon traria de volta, ele sabia. Conseguia sentir muitas outras, tão ruins ou até piores, se reunindo e se debatendo como consumidores enlouquecidos em uma liquidação, entulhados na porta de uma loja de departamentos. Mas em pouco tempo o aglomerado se abriria e elas chegariam. Ele tinha certeza. E o que encontrariam? A sanidade dele? Era possível. Pela metade do preço. Liquidação arrasadora. Queima de estoque.

— Nada fisicamente errado — repetiu ele, respirou fundo de forma trêmula e enfiou a bombinha no bolso.

— Eddie — disse Myra. — *Por favor*, me conte do que isso se trata!

Marcas de lágrimas reluziam nas bochechas gordas. As mãos se retorciam sem parar como um par de animais rosados e pelados brincando. Uma vez, pouco antes de pedi-la em casamento, ele pegou uma foto que Myra dera para ele e colocou ao lado da foto da mãe, que morrera de ataque cardíaco aos 64 anos. Na época da morte, a mãe de Eddie passou do peso de 180kg; 184kg, para ser exato. Ela tinha se tornado uma coisa quase monstruosa: seu corpo não parecia mais do que peitos, bunda e barriga, com o rosto pastoso e perpetuamente consternado por cima. Mas a foto que ele colocou ao lado da de Myra tinha sido tirada em 1944, dois anos antes de ele nascer (*Você foi um bebê muito doente*, sussurrou agora a mãe-fantasma em seu ouvido. *Muitas vezes tememos pela sua vida…*). Em 1944, a mãe tinha o peso relativamente leve de 81kg.

Ele fizera essa comparação, supunha ele, em um esforço final de se fazer parar de cometer incesto psicológico. Olhou da mãe para Myra, de Myra para a mãe.

Elas podiam ter sido irmãs. A semelhança era tanta assim.

Eddie olhou para as duas fotos quase idênticas e prometeu a si mesmo que não faria essa coisa louca. Ele sabia que os rapazes no trabalho já faziam piadas sobre Jack Sprat e sua

esposa, mas não sabiam metade da história. As piadas e os comentários debochados ele conseguia suportar, mas será que queria mesmo ser um palhaço em um circo freudiano desses? Não. Não queria. Ele terminaria com Myra. Seria gentil com ela porque ela era muito doce e tinha ainda menos experiência com homens do que ele tinha com mulheres. E então, depois que ela finalmente velejasse para longe do horizonte da vida dele, talvez ele pudesse fazer aquelas aulas de tênis em que vinha pensando havia tanto tempo

(Eddie costuma parecer bem e feliz nas aulas de educação física)

ou havia títulos de sócio da piscina sendo vendidos no U. N. Plaza Hotel,

(Eddie adora participar de jogos)

sem mencionar a academia que abriu na Terceira Avenida em frente à garagem…

(Eddie corre bem rápido ele corre bem rápido quando a senhora não está aqui corre bem rápido quando não tem ninguém por perto para lembrá-lo do quanto é delicado e vejo no rosto dele sra. Kaspbrak que ele sabe já agora aos 9 anos ele sabe que o maior favor no mundo que ele poderia fazer a si mesmo seria correr rápido em qualquer direção em que você não esteja deixa ele ir sra. Kaspbrak deixa ele CORRER)

Mas no final ele casou-se com Myra mesmo assim. No final a mesmice e os velhos hábitos foram fortes demais. Lar era o local onde, quando você precisa ir para lá, eles precisam acorrentar você. Ah, ele podia ter vencido o fantasma da mãe. Teria sido difícil, mas ele tinha certeza de que teria conseguido, se aquilo fosse tudo que necessitava ser feito. Foi a própria Myra quem acabou afastando-o da independência. Ela o condenou com solicitude, o prendeu com a preocupação, o acorrentou com a doçura. Myra, como a mãe, teve a visão final e fatal da personalidade dele: Eddie era ainda mais delicado porque às vezes desconfiava que não era nada delicado; Eddie precisava ser protegido de seus próprios ímpetos burros de possível valentia.

Em dias chuvosos, Myra sempre tirava as galochas de dentro do saco plástico no armário e colocava junto do cabide de casacos ao lado da porta. Ao lado do prato de torrada sem manteiga todas as manhãs havia um prato do que poderia ser visto para um observador casual como cereal multicolorido e adoçado para uma criança, mas que um olhar mais atento revelaria ser um espectro completo de vitaminas (a maior parte das quais presentes na bolsa de remédios de Eddie naquele momento). Myra, como a mãe dele, entendia, e ele não teve chance nenhuma. Quando homem jovem e solteiro, ele saíra da casa da mãe três vezes e voltara para ela três vezes. Quatro anos depois que a mãe morreu no hall da frente do apartamento no Queens, bloqueando a porta tão completamente com o volume do corpo que o pessoal do socorro médico (chamados pelos moradores do andar de baixo quando ouviram o baque monstruoso da sra. Kaspbrak caindo pela última vez) teve que arrombar a porta trancada entre a cozinha do apartamento e a escadaria de serviço, ele voltou por uma quarta e última vez. Pelo menos ele acreditara que era pela última vez — *de volta pra casa, de volta pra casa, lá-lá-lá; de volta pra casa, de volta pra casa, com Myra, a porca.* Ela era uma porca, mas era uma porca doce, e ele a amava, e realmente ele não tivera chance nenhuma. Ela

o atraíra com o olhar fatal e hipnotizador da compreensão.

De volta pra casa pra sempre, pensara ele na época.

Mas talvez eu estivesse errado, pensou ele. *Talvez aqui não seja minha casa, nem nunca foi. Talvez meu lar seja o lugar pra onde tenho que ir hoje. O lar é o local onde, quando você vai pra lá, tem que finalmente encarar a coisa no escuro.*

Ele tremeu indefeso, como se tivesse saído sem a capa e pegado um vento terrível.

— Eddie, *por favor*!

Ela estava começando a chorar de novo. Lágrimas eram a defesa final dela, assim como sempre foram a da mãe: a arma delicada que paralisa, que transforma a gentileza e o carinho em rachaduras fatais na armadura de uma pessoa.

Não que ele alguma vez tivesse usado armadura; elas não pareciam cair bem nele.

Lágrimas foram mais do que uma defesa para a mãe dele; elas foram uma arma. Myra raramente usou suas lágrimas tão cinicamente… mas, cinicamente ou não, ele se deu conta de que ela as estava tentando usar dessa forma agora… e estava se saindo bem.

Ele não podia deixar. Seria fácil demais pensar no quanto seria solitário ficar sentado em um trem que seguia para o norte na direção de Boston pela escuridão, com a mala no compartimento acima e a bolsa cheia de panaceias entre os pés, com o medo pesando no peito como um pacote rançoso de pastilhas Vick. Era fácil demais deixar Myra levá-lo para cima e fazer amor com ele com aspirina e uma massagem com álcool. E colocá-lo na cama, onde eles poderiam ou não fazer um tipo de amor ainda mais franco.

Mas ele prometera. *Prometera.*

— Myra, me escuta — disse ele, deixando a voz propositalmente seca, propositalmente direta.

Ela o observou com olhos molhados, nus, apavorados.

Ele pensou que tentaria agora explicar da melhor maneira que pudesse; contaria a ela que Mike Hanlon ligara e dissera que tinha começado de novo, e sim, ele achava que a maior parte dos outros também ia.

Mas o que saiu de sua boca foi coisa bem mais sensata.

— Vá até o escritório logo de manhã cedo. Fale com Phil. Diga pra ele que precisei viajar e que você vai dirigir pra Al Pacino…

— Eddie, não *consigo*! — choramingou ela. — Ele é um grande astro! Se eu me perder, ele vai gritar comigo, sei que vai, ele vai *gritar*, todos gritam quando o motorista se perde… e… e vou chorar… pode acontecer um acidente… provavelmente *vai* acontecer um acidente… Eddie… Eddie, você precisa ficar em casa…

— Pelo amor de Deus! *Pare!*

Ela se encolheu ao ouvir a voz dele, magoada; apesar de pegar a bombinha, Eddie não a usaria. Ela veria isso como fraqueza, uma que poderia usar contra ele. *Bom Deus, se o Senhor estiver aí, por favor, acredite em mim quando digo que não quero magoar Myra. Não quero cortá-la, não quero nem machucá-la. Mas eu prometi, todos prometemos, fizemos um*

juramento com sangue, por favor, Deus, me ajude, porque preciso fazer isso…

— Odeio quando você grita comigo, Eddie — sussurrou ela.

— Myra, odeio quando preciso gritar — disse ele, e ela fez uma careta. *Aí está, Eddie, você a machucou de novo. Por que não dá uns socos nela? Isso provavelmente seria mais delicado. E mais rápido.*

De repente (deve ter sido o pensamento de dar socos em alguém que fez a imagem surgir), ele viu o rosto de Henry Bowers. Foi a primeira vez que pensou em Bowers em anos, e não ajudou em nada sua paz de espírito. Nem um pouco.

Ele fechou os olhos brevemente, depois os abriu e disse:

— Você não vai se perder, e ele não vai gritar com você. O sr. Pacino é muito gentil, muito compreensivo. — Ele nunca tinha dirigido para Al Pacino na vida, mas se contentou em saber que pelo menos a lei das probabilidades estava do lado dele nessa mentira: de acordo com boatos populares, a maior parte das celebridades era sacana, mas Eddie dirigira para um número suficiente para saber que costumava não ser verdade.

É claro que havia exceções à regra, e na maior parte dos casos, as exceções eram verdadeiras monstruosidades. Ele torcia fervorosamente pelo bem de Myra para que Pacino não fosse um desses.

— Ele é? — perguntou ela timidamente.

— É. É, sim.

— Como você sabe?

— Demetrios dirigiu pra ele duas ou três vezes quando trabalhava na Manhattan Limousine — disse Eddie de maneira loquaz. — Ele disse que o sr. Pacino sempre dava pelo menos 50 dólares de gorjeta.

— Eu não me importaria se ele só me desse 50 centavos, desde que não *gritasse* comigo.

— Myra, é tão fácil quanto contar até três. Um, você pega ele no Saint Regis amanhã às 19h e leva para o prédio da ABC. Estão refilmando a última cena da peça da qual Al Pacino participa, acho que se chama *American Buffalo*. Dois, você leva ele de volta pro Saint Regis por volta das 23h. Três, você volta pra garagem, entrega o carro e assina a folha.

— Só isso?

— Só isso. Você pode fazer de cabeça pra baixo, Marty.

Ela costumava rir ao ouvir o apelido, mas agora só olhou para ele com seriedade dolorosa e infantil.

— E se ele quiser sair pra jantar em vez de voltar pro hotel? Ou ir beber? Ou dançar?

— Acho que não vai querer, mas se acontecer, você leva ele. Se parecer que ele vai ficar na farra a noite toda, você pode chamar Phil Thomas pelo rádio depois da meia-noite. A essa altura, ele vai ter um motorista livre pra assumir seu lugar. Eu jamais colocaria você em uma coisa assim se tivesse um motorista livre, mas dois estão doentes, Demetrios está de férias e todos os outros têm trabalho marcado. Você vai estar na cama à uma da manhã, Marty. Uma da manhã no máximo. Dou minha garantia abiiiisoluta.

Ela também não riu do abiiiisoluta.

Ele limpou a garganta e se inclinou para a frente, com os cotovelos sobre os joelhos. Imediatamente, sua mãe-fantasma sussurrou: *Não se sente assim, Eddie. Faz mal pra sua postura e espreme seus pulmões. Você tem pulmões muito delicados.*

Ele se sentou ereto de novo, sem nem perceber que estava fazendo isso.

— É melhor que seja a única vez que preciso dirigir — disse ela, quase gemendo. — Virei um *cavalo* nos últimos dois anos, e meus uniformes ficam *horríveis* agora.

— É a única vez, eu prometo.

— Quem te ligou, Eddie?

Como se combinado, luzes penetraram na sala; uma buzina tocou uma vez e o táxi embicou na garagem. Ele sentiu uma onda de alívio. Eles tinham passado 15 minutos falando de Pacino em vez de Derry, Mike Hanlon e Henry Bowers, e isso era bom. Bom para Myra e bom para ele também. Ele não queria passar nenhum tempo pensando nem falando sobre aquelas coisas até que fosse necessário.

Eddie ficou de pé.

— É o meu táxi.

Ela se levantou tão rápido que tropeçou na barra da própria camisola e caiu para a frente. Eddie a segurou, mas por um momento a questão ficou em dúvida profunda: ela era mais pesada do que ele cerca de 50 quilos.

E estava começando a perguntar de novo.

— Eddie, você *precisa* me contar!

— Não posso. Não dá tempo.

— Você nunca escondeu nada de mim antes, Eddie — chorou ela.

— E não estou escondendo agora. Não de verdade. Não me lembro de tudo. Pelo menos, ainda não. O homem que ligou era, é, um velho amigo. Ele…

— Você vai ficar doente — disse ela desesperadamente, seguindo-o quando ele andou para o hall da frente. — Sei que vai. Me deixa ir, Eddie, por favor, vou cuidar de você, Pacino pode pegar um táxi, sei lá, não vai matar ele, o que você acha, hein? — A voz dela estava aumentando, ficando frenética, e para o horror de Eddie ela começou a parecer mais e mais com sua mãe, sua mãe como estava nos últimos meses antes de morrer: velha, gorda e doida. — Vou fazer massagem nas suas costas e cuidar pra que você tome seus remédios… eu… vou ajudar você… não vou falar se você não quiser, mas você pode me contar tudo… Eddie… *Eddie, por favor, não vá! Eddie, por favor! Por favoooooor!*

Ele estava descendo o corredor para a porta da frente agora, andando cegamente, com a cabeça baixa, movendo-se como um homem se move contra o vento forte. Estava ofegante de novo. Quando pegou as malas, cada uma parecia pesar 50 quilos. Conseguia sentir as mãos gordas e rosadas dela nele, tocando-o, explorando-o, puxando com desejo impotente, mas sem força real, tentando seduzi-lo com as lágrimas doces de preocupação, tentando atraí-lo de volta.

Não vou conseguir!, pensou ele desesperadamente. A asma estava pior agora, pior do que em qualquer ocasião desde que ele era criança. Ele esticou a mão para a maçaneta, mas ela pareceu se afastar, se recolher na escuridão do espaço sideral.

— Se você ficar, vou fazer bolo de café com creme azedo — disse ela. — Vamos comer pipoca… faço seu prato favorito de peru no jantar… faço de café da manhã amanhã se você quiser… começo agora mesmo… e molho de miúdos… *Eddie por favor estou com medo você está me assustando muito!*

Ela segurou o colarinho dele e o puxou para trás, como um policial corpulento agarrando um suspeito que está tentando fugir. Com um esforço final, Eddie continuou a andar… e quando estava no fim das forças e capacidade de resistir, sentiu o toque dela se afastar.

Ela deu um grito final.

Os dedos dele se fecharam ao redor da maçaneta, e quão abençoadamente fria ela estava! Ele abriu a porta e viu um táxi Checker parado lá fora, um embaixador da terra da sanidade. A noite estava clara. As estrelas estavam luminosas e lúcidas.

Ele se virou para Myra, ofegante e sibilante.

— Você precisa entender que não é uma coisa que eu *queira* fazer — disse ele. — Se eu tivesse escolha, qualquer escolha, eu não iria. Por favor, entenda isso, Marty. Eu vou, mas volto.

Ah, mas isso pareceu mentira.

— Quando? Por quanto tempo?

— Uma semana. Talvez dez dias. Sem dúvida não mais que isso.

— Uma semana! — gritou ela, com as mãos contra os seios como uma diva em uma ópera ruim. — Uma semana! Dez dias! Por favor, Eddie! *Por favooooor…*

— Marty, para. Tá? Já chega.

Milagrosamente, ela fez isso: parou e ficou olhando para ele com olhos molhados e feridos, não com raiva, só apavorada por ele e, coincidentemente, por si mesma. E talvez pela primeira vez em todos os anos que ele a conhecia, ele sentiu que podia amá-la seguramente. Será que fazia parte do afastamento? Ele achava que sim. Não… pode jogar o *achava* na privada. Ele *sabia* que sim. Ele já se sentia como uma coisa morando no lado errado de um telescópio.

Mas talvez não houvesse problema. Era isso o que ele queria dizer? Que tinha finalmente decidido que não tinha problema amá-la? Que não tinha problema apesar de ela parecer sua mãe quando mais nova e apesar de ela comer brownies na cama enquanto via *Hardcastle and McCormick* e *Falcon Crest* e as migalhas sempre caírem do lado dele e apesar de ela não ser tão inteligente e apesar de ela entender e aceitar seus remédios no armário do banheiro porque guardava os dela na geladeira?

Ou era…

Podia ser…

Essas outras ideias eram coisas que ele tinha considerado de uma forma ou de outra, em algum momento, durante suas vidas estranhamente entrelaçadas como filho e amante e marido; agora, no momento de sair de casa pelo que parecia ser a última vez, uma nova possibilidade lhe ocorreu, e um espanto assustado o tocou como a asa de algum pássaro enorme.

Poderia Myra estar com *mais* medo do que ele estava?

Será que a mãe dele também?

Outra lembrança de Derry voltou voando do subconsciente como fogos de artifício estalando. Havia uma loja de sapatos na rua Center. The Shoeboat. Sua mãe o levara lá um dia, ele achava que não passava de 5 ou 6 anos de idade, e disse para ele ficar quieto e ser bonzinho enquanto ela comprava um par de sapatos brancos de salto para um casamento. Assim, ele ficou quieto e foi bonzinho enquanto a mãe conversava com o sr. Gardener, que era um dos funcionários da loja, mas ele só tinha 5 anos (ou talvez 6), e depois que a mãe rejeitou o terceiro par de sapatos brancos de salto que o sr. Gardener mostrou a ela, Eddie ficou entediado e andou até o canto para olhar uma coisa que tinha visto lá. A princípio, ele achou que era apenas uma caixa grande de pé. Quando chegou mais perto, concluiu que era algum tipo de mesa. Mas era a mesa mais estranha que ele tinha visto. Era tão estreita! Era feita de madeira polida com várias linhas curvas incrustadas e desenhos entalhados. Além do mais, havia três degraus que levavam até ela, e ele nunca tinha visto uma mesa com *degraus*. Quando chegou bem perto, ele viu que havia uma abertura na parte de baixo da coisa-mesa, um botão de cada lado, e em cima, fascinante!, havia uma coisa idêntica ao Espaçoscópio do Capitão Vídeo.

Eddie andou até o outro lado e viu uma placa. Ele devia ter pelo menos 6 anos, porque conseguiu ler, sussurrando baixinho cada palavra:

SEUS SAPATOS CABEM DIREITO?

Ele voltou para o outro lado, subiu os três degraus até a pequena plataforma e enfiou o pé no buraco na parte de baixo do verificador. *Os sapatos dele cabiam direito*? Eddie não sabia, mas estava doido para *verificar e ver*. Ele enfiou o rosto no protetor de borracha e apertou o botão. Uma luz verde brilhou sobre seus olhos. Eddie sufocou um grito. Conseguia ver um pé flutuando dentro de um sapato cheio de fumaça verde. Ele mexeu os dedos, e os dedos para o qual ele estava olhando se balançaram também; eram mesmo os dele, como ele desconfiava. E então ele percebeu que não eram apenas os dedos que ele conseguia ver; conseguia ver os *ossos* também! Os ossos do *pé* ! Ele cruzou o dedão com o segundo dedo (como se afastando sorrateiramente as consequências de contar uma mentira), e os ossos sobrenaturais no instrumento fizeram um xis que não era branco, mas verde como um duende. Ele conseguia ver…

Naquele momento, sua mãe gritou, um som crescente de pânico que partiu a loja silenciosa de sapatos como uma ceifa, como um sino de fogo, como o fim do mundo a cavalo. Ele tirou o rosto assustado e consternado do visor e a viu correndo de meias pela loja em direção a ele, com o vestido voando atrás. Derrubou uma cadeira, e uma daquelas coisas de medir sapato que sempre fazia cócegas nos seus pés saiu voando. Os seios dela se balançavam. Sua boca era um O escarlate de pavor. Rostos se viraram para acompanhar o progresso dela.

— *Eddie saia daí!* — gritou ela. — *Saia daí! Essas máquinas vão te fazer ter câncer! Saia daí! Eddie! Eddieeeeee…*

Ele recuou como se a máquina de repente estivesse pelando. Em seu pânico assustado, ele se esqueceu dos degraus atrás de si. Seus calcanhares caíram do de cima e ele ficou ali de pé, caindo lentamente para trás, com os braços girando loucamente em uma batalha perdida para recuperar o equilíbrio. E ele não pensou com uma espécie louca de alegria: *Vou cair! Vou descobrir como é cair e bater a cabeça! Que bom!...*? Ele não pensou isso? Ou era apenas o homem impondo as ideias adultas acima da mente da criança, sempre rugindo com conjecturas confusas e imagens não totalmente percebidas (imagens que perdiam o sentido na claridade), pensou… ou tentou pensar?

Fosse como fosse, era uma pergunta retórica. Ele não caiu. A mãe chegou a tempo. A mãe o segurou. Ele caiu no choro, mas não caiu.

Todo mundo estava olhando para eles. Ele se lembrava disso. Lembrava-se do sr. Gardener pegando a coisa de medir sapatos e verificando os aparatos deslizantes para ter certeza de que ainda estavam bons enquanto outro vendedor endireitava a cadeira caída e batia os braços uma vez, com nojo e diversão, antes de recuperar a expressão agradavelmente neutra de vendedor. O que ele mais se lembrava era da bochecha molhada da mãe e do hálito quente e azedo. Ele se lembrava dela sussurrando sem parar em seu ouvido: "*Nunca* mais faça isso, *nunca* mais faça isso, *nunca* mais." Era o que a mãe repetia para afastar os problemas. Ela cantarolou a mesma coisa um ano antes, quando descobriu que a babá tinha levado Eddie para a piscina pública no parque Derry em um dia de verão abafado e quente. Isso foi quando

o medo da pólio no início dos anos 1950 estava começando a morrer. Ela o arrastou da piscina repetindo que ele *nunca* mais devia fazer aquilo, *nunca*, *nunca*, e todas as crianças ficaram com a cara que todos os vendedores e fregueses estavam agora, e o hálito dela tinha o mesmo toque azedo.

Ela o arrastou para fora do The Shoeboat, gritando com os vendedores que ela veria todos no tribunal se houvesse alguma coisa errada com o menino dela. As lágrimas apavoradas de Eddie continuaram a cair pelo resto da manhã, e sua asma atacou com intensidade maior durante todo aquele dia. Naquela noite, ele ficou acordado durante horas depois da hora em que costumava dormir, se perguntando exatamente o que seria câncer, se era pior do que pólio, se matava, quanto tempo demorava caso matasse e o quanto doía antes de você morrer. Ele também se perguntava se iria para o inferno depois.

A ameaça foi séria, isso ele sabia.

Ela sentiu tanto medo. Era assim que ele sabia.

Ficou tão apavorada.

— Marty — disse ele tantos anos depois —, você me daria um beijo?

Ela o beijou e abraçou com tanta força que os ossos nas costas dele estalaram. *Se estivéssemos dentro d'água*, pensou ele, *ela afogaria os dois.*

— Não tenha medo — sussurrou ele no ouvido dela.

— *Não consigo controlar!* — gritou ela.

— Eu sei — disse ele, e percebeu que, apesar de ela o estar abraçando com força de quebrar costelas, a asma tinha melhorado. O sibilar na respiração sumiu. — Eu sei, Marty.

O motorista do táxi buzinou de novo.

— Você vai ligar? — pediu ela com voz trêmula.

— Se eu puder.

— Eddie, você não pode por favor me dizer o que é?

E vamos supor que pudesse? O quanto ajudaria a tranquilizar a mente dela?

Marty, recebi uma ligação de Mike Hanlon hoje e conversamos um pouco, mas tudo que dissemos se resume a duas coisas. "Começou de novo", disse Mike; "Você vem?", disse Mike. E agora, estou com febre, Marty, só que é uma febre que não baixa com aspirina, e estou com uma falta de fôlego que a maldita bombinha não resolve, porque essa falta de fôlego não é na garganta nem nos pulmões, é ao redor do meu coração. Vou voltar pra você se puder, Marty, mas me sinto um homem de pé na boca de uma velha mina cheia de deslizamentos prestes a acontecer, me despedindo da luz do dia.

Sim, sem dúvida! Isso obviamente tranquilizaria a mente dela.

— Não — disse ele — Não dá pra contar o que é.

E antes que ela pudesse falar mais, antes que pudesse recomeçar *(Eddie, saia desse táxi! Ele vai te fazer ter câncer!)*, ele estava andando para longe dela, cada vez mais rápido. Quando chegou ao táxi, estava quase correndo.

Ela ainda estava de pé na porta quando o táxi saiu para a rua de ré, ainda de pé quando eles

saíram para a cidade, uma grande sombra negra de mulher contornada pela luz que saía da casa deles. Ele acenou e achou que ela levantou a mão em resposta.

— Pra onde vamos hoje, amigo? — perguntou o motorista.

— Penn Station — disse Eddie, e sua mão relaxou sobre a bombinha. A asma tinha ido para onde quer que ela fosse para repousar entre os ataques aos brônquios dele. Ele se sentia… quase bem.

Mas precisou da bombinha mais do que nunca quatro horas depois, ao sair de um cochilo leve em um único salto espasmódico que fez o sujeito de terno do outro lado baixar o jornal e olhar para ele com curiosidade levemente apreensiva.

Eu voltei, Eddie!, gritou a asma com alegria. *Eu voltei e, ah, não sei, desta vez quem sabe eu vou te matar! Por que não? Vou ter que fazer isso alguma hora, sabe! Não dá pra ficar enrolando pra sempre!*

O peito de Eddie se agitou e repuxou. Ele tateou em busca da bombinha, encontrou e apontou para a garganta, depois apertou. Em seguida, se recostou no assento alto da Amtrak, tremendo, esperando alívio, pensando no sonho do qual tinha acabado de acordar. Sonho? Meu Deus, se isso fosse tudo. Ele tinha medo de ser mais lembrança do que sonho. Nele houvera uma luz verde como a luz dentro da máquina de raios-X de uma loja de sapatos e um leproso podre que perseguiu um garoto chamado Eddie Kaspbrak aos gritos por túneis debaixo da terra. Ele correu e correu

(ele corre bem rápido *disse o treinador Black pra sua mãe e ele correu bem rápido com aquela coisa podre atrás dele ah sim pode acreditar pode apostar seu couro*)

nesse sonho em que tinha 11 anos, e então sentiu um cheiro de uma coisa como a morte do tempo, e alguém acendeu um fósforo e ele olhou para baixo e viu o rosto em decomposição de um garoto chamado Patrick Hockstetter, um garoto que desapareceu em julho de 1958, e havia vermes rastejando para dentro e para fora das bochechas de Patrick Hockstetter, e aquele cheiro denso e horrível estava vindo de *dentro* de Patrick Hockstetter e nesse sonho que era mais lembrança do que sonho ele olhou para um lado e viu dois livros escolares inchados pela umidade e cobertos de mofo verde: *Roads to Everywhere* e *Understanding Our America*. Estavam em tais condições por causa da umidade fedida aqui embaixo ("Como passei as férias de verão", redação de Patrick Hockstetter: "Passei morto em um túnel! Cresceu mofo nos meus livros e eles incharam até ficarem do tamanho de catálogos da Sears!"). Eddie abriu a boca para gritar e foi aí que os dedos repulsivos do leproso tocaram sua bochecha e se enfiaram em sua boca, e foi aí que ele acordou com aquele salto de estalar as costas e se viu não nos esgotos abaixo de Derry, Maine, mas em um vagão de trem Amtrak perto do primeiro carro percorrendo Rhode Island sob uma grande lua branca.

O homem do outro lado do corredor hesitou, quase desistiu de falar e disse:

— Tudo bem, senhor?

— Ah, sim — disse Eddie. — Adormeci e tive um sonho ruim. Fez minha asma atacar.

— Entendo. — O jornal subiu de novo. Eddie viu que era o jornal que sua mãe às vezes

chamava de *Judeu York Times*.

Eddie olhou pela janela para um cenário adormecido, iluminado apenas pela bela lua. Aqui e ali havia casas, ou algumas vezes aglomerados delas, a maioria na escuridão, algumas com luzes acesas. Mas as luzes pareciam fracas e falsamente debochadas em comparação com o brilho fantasmagórico da lua.

Ele achava que a lua falava com ele, pensou ele de repente. *Henry Bowers. Deus, ele era tão louco.* Ele se perguntou onde Henry Bowers estava agora. Morto? Preso? Vagando por planícies vazias em algum lugar no meio do país como um vírus incurável, assaltando Seven-Elevens nas horas tranquilas entre uma e quatro da madrugada, ou talvez matando algumas das pessoas burras o bastante para hesitar sob a mira da arma à ordem de transferir os dólares em suas carteiras para a dele?

Era possível, era possível.

Em um manicômio estadual em algum lugar? Olhando para esta lua, que estava quase cheia? Falando com ela, ouvindo respostas que só ele conseguia ouvir?

Eddie considerou isso ainda mais possível. Ele tremeu. *Estou finalmente me lembrando da minha infância*, pensou ele. *Estou lembrando como passei as férias de verão naquele ano obscuro e morto de 1958.* Ele pressentia que agora podia se concentrar em quase qualquer cena daquele verão que quisesse, mas não queria. *Ah, Deus, se eu apenas pudesse esquecer tudo de novo.*

Ele apoiou a testa no vidro sujo da janela, com a bombinha na mão frouxa como se fosse um artefato religioso, vendo a noite voar ao redor do trem.

Indo pro norte, pensou ele, mas isso estava errado.

Não indo pro norte. Porque não é um trem, é uma máquina do tempo. Não pro norte; pra trás. Voltando no tempo.

Ele pensou ter ouvido a lua murmurar.

Eddie Kaspbrak apertou a bombinha com força e fechou os olhos contra uma vertigem repentina.

5

Beverly Rogan toma uma surra

Tom estava quase dormindo quando o telefone tocou. Ele lutou para se levantar um pouco e se inclinou; sentiu um dos seios de Beverly espremido sobre seu ombro quando ela esticou o braço para atender. Ele voltou a se deitar no travesseiro,

perguntando-se quem estava ligando para o número residencial não listado a essa hora da noite. Ouviu Beverly dizer alô e voltou a adormecer. Ele tinha bebido quase uma dúzia e meia de cervejas durante o jogo de beisebol e estava exausto.

Ouviu a voz de Beverly, aguda e curiosa, perfurar seu ouvido como um cortador de gelo, e voltou a abrir os olhos:

— *O quêêêê*?

Ele tentou se sentar, mas o fio do telefone afundou em seu pescoço grosso.

— Tira essa porra de cima de mim, Beverly — disse ele, e ela se levantou rapidamente e andou ao redor da cama, segurando o fio do telefone com os dedos.

Seu cabelo era ruivo escuro e caía pela camisola em ondas naturais quase até a cintura. Cabelo de puta. Os olhos dela não seguiram para o rosto dele para ler a tempestade emocional ali, e Tom Rogan não gostou disso. Ele se sentou. Sua cabeça estava começando a doer. Merda, já devia estar doendo, mas quando você estava dormindo, não percebia.

Ele foi para o banheiro, urinou pelo que pareceram três horas e decidiu que, como estava de pé, devia pegar outra cerveja e tentar afastar a maldição da ameaça de ressaca.

Ao passar pelo quarto a caminho da escada, um homem de cueca boxer branca que balançava como velas de um barco abaixo da barriga considerável, com os braços parecendo troncos (ele parecia mais um estivador do que o presidente e gerente geral da Beverly Fashions, Inc.), ele olhou por cima do ombro e gritou mal-humorado:

— Se for aquela sapatão da Lesley, manda ela ir chupar uma modelo qualquer e deixar a gente dormir!

Beverly ergueu o olhar brevemente, balançou a cabeça para indicar que não era Lesley e olhou de volta para o telefone. Tom sentiu os músculos da nuca se contraírem. Parecia uma dispensa. Dispensado pela Milady. Miporralady. Isso estava começando a parecer que ia virar uma situação. Talvez Beverly precisasse de uma aula curta de revisão sobre quem estava no comando aqui. Era possível. Às vezes, ela precisava. Aprendia muito devagar.

Ele desceu a escada e andou pelo corredor até a cozinha, puxando a cueca da racha da bunda sem prestar muita atenção, e abriu a geladeira. A mão que ele esticou capturou algo nada alcoólico, um Tupperware de sobra de macarrão a Romanoff. A cerveja toda tinha acabado. Até a lata que ele guardava bem atrás (do mesmo jeito que mantinha uma nota de

vinte dólares dobrada atrás da carteira de motorista para emergências) tinha sumido. O jogo teve 14 ciclos, e tudo para nada. O White Sox perdeu. Bando de bichinhas esse ano.

Seus olhos se desviaram para as garrafas de bebidas pesadas na prateleira com porta de vidro acima da bancada da cozinha, e por um momento ele se viu se servindo de uma dose de Jim Beam sobre um único cubo de gelo. Mas acabou voltando para a escada, sabendo que estaria pedindo mais confusão do que a cabeça já estava sentindo. Ele olhou para o mostrador do antigo relógio de pêndulo no pé da escada e viu que passava da meia-noite. Essa informação não melhorou em nada seu humor, que nunca era muito bom mesmo no melhor dos momentos.

Ele subiu a escada com lentidão deliberada, ciente, ciente demais, do quanto seu coração estava se esforçando. Ka-bum, ka-pam. Ka-bum, ka-pam. Ka-bum, ka-pam. Ele ficava nervoso quando conseguia sentir nos ouvidos e pulsos o coração batendo, tanto quanto no peito. Às vezes, quando isso acontecia, ele o imaginava não como um órgão que espreme e afrouxa, mas como um painel enorme no lado esquerdo do peito com uma agulha chegando ameaçadoramente perto da zona vermelha. Não gostava dessa merda; não precisava dessa merda. O que ele precisava era de uma boa noite de sono.

Mas a vaca burra com quem ele era casado ainda estava ao telefone.

— Entendo isso, Mike… sim… sim, eu *vou*… eu sei… mas…

Uma pausa mais longa.

— Bill *Denbrough*? — exclamou ela, e o furador de gelo entrou pelo seu ouvido de novo.

Ele ficou de pé do lado de fora da porta do quarto até recuperar o fôlego. Agora estava ka-pam, ka-pam, ka-pam de novo: o estouro tinha parado. Imaginou brevemente a agulha se afastando do vermelho e tirou a imagem da cabeça. Ele era um homem, pelo amor de Deus, e um homem muito bom, não uma fornalha com termostato ruim. Estava em ótima forma. Era de ferro. E se ela precisasse reaprender isso, ele ficaria feliz em ensinar.

Ele começou a entrar, mas pensou melhor e ficou onde estava mais um momento, ouvindo-a, não ligando para com quem ela estava falando nem o que dizia, só ouvindo os tons altos e baixos da voz dela. E o que ele sentiu foi a familiar fúria cega.

Ele a conhecera em um bar para solteiros no centro de Chicago quatro anos antes. A conversa foi fácil porque os dois trabalhavam no prédio da Standard Brands e conheciam algumas pessoas em comum. Tom trabalhava na King & Landry Relações Públicas no 42º andar. Beverly Marsh, o nome dela na época, era estilista assistente na Delia Fashions, no 12º. Delia, que mais tarde seria moderadamente popular no Meio-Oeste, produzia para o público jovem; as saias, as blusas, os xales e as calças da Delia eram vendidos para o que Delia Castleman chamava de “lojas de jovens” e o que Tom chamava de “loja de maconheiros”. Tom Rogan soube duas coisas sobre Beverly Marsh quase imediatamente: ela era desejável e era vulnerável. Em menos de um mês, soube uma terceira também: ela era talentosa. Muito talentosa. Nos desenhos que fazia de vestidos casuais e blusas, ele via uma máquina de fazer dinheiro de potencial quase assustador.

Mas não nas lojas de maconheiros, pensou ele, mas não disse (pelo menos não na época). *Chega de iluminação ruim, chega de preços baixos, chega de áreas de exibição de merda no fundo da loja entre a parafernália de drogas e as camisetas de banda de rock. Que essa merda fique para os menores.*

Ele descobriu uma boa quantidade de coisas sobre ela antes que ela soubesse que ele estava realmente interessado, e era assim que Tom queria. Estava procurando alguém como Beverly Marsh a vida toda, e partiu para cima com a velocidade de um leão atrás de um antílope lento. Não que a vulnerabilidade ficasse evidente na superfície; você olhava e via uma bela mulher, magra, mas cheia de curvas. Os quadris não eram grande coisa, talvez, mas ela tinha uma bela bunda e os melhores peitos que ele já tinha visto. Tom Rogan era homem de peitos, sempre fora, e garotas altas quase sempre tinham peitos decepcionantes. Usavam blusas finas e os mamilos te deixavam doido, mas quando você tirava essas blusas finas, descobria que mamilos eram tudo que elas tinham. Os peitos em si pareciam puxadores de gaveta. "Um monte de desperdício", seu colega de quarto de faculdade gostava de dizer, mas no que dizia respeito a Tom, seu colega de quarto de faculdade era tão ruim de roda que cantava pneu em todas as curvas.

Ah, ela era bem linda mesmo, com aquele corpo explosivo e a bela cascata de cabelos ruivos ondulados. Mas era fraca… fraca, de alguma forma. Era como se estivesse enviando sinais de rádio que só ele conseguia receber. Era possível apontar para certas coisas: o quanto ela fumava (mas ele quase a tinha curado disso); a forma inquieta como seus olhos se moviam, nunca observando os de quem estava falando com ela, apenas tocando neles de tempos em tempos e se afastando; o hábito de esfregar de leve os cotovelos quando estava nervosa; a aparência das unhas, que eram bem-cuidadas, mas estavam sempre brutalmente curtas. Tom reparou isso no dia em que a conheceu. Ela pegou a taça de vinho branco, ele viu as unhas e pensou: *Ela as deixa curtas assim porque rói.*

Leões podem não pensar, pelo menos não como as pessoas pensam… mas eles veem. E quando os antílopes correm para longe de um lago, alertados pelo aroma de terra da morte que se aproxima, os felinos podem observar qual fica para trás do grupo, talvez por ter uma perna ruim, talvez por ser naturalmente mais lento… ou talvez porque seu senso de perigo seja menos desenvolvido. E pode até ser possível que alguns antílopes (e algumas mulheres) *queiram* ser abatidos.

De repente, ele ouviu um som que o arrancou rudemente dessas lembranças: o estalo do isqueiro dela.

A fúria cega voltou. Seu estômago se encheu de um calor que não era completamente desagradável. Fumando. Ela estava fumando. Eles tiveram alguns Seminários Especiais de Tom Rogan sobre o assunto. E aqui estava ela, fazendo de novo. Era lenta no aprendizado mesmo, mas um bom professor atinge seu melhor com alunos lentos.

— Sim — disse ela agora. — Aham. Tudo bem. Sim… — Ela escutou, depois deu uma risada estranha e irregular que ele nunca ouviu antes. — Duas coisas, já que você perguntou:

reserve um quarto e faça uma oração pra mim. Sim, certo… aham… eu também. Boa noite.

Ela estava desligando quando ele entrou. Ele queria entrar com tudo, gritando com ela para apagar, apagar *agora, AGORA!*, mas quando a viu, as palavras morreram em sua garganta. Ele a tinha visto assim antes, mas só duas ou três vezes. Uma vez antes do primeiro grande desfile deles, uma vez antes da primeira prévia particular para compradores nacionais, e uma vez quando eles foram para Nova York para o International Design Awards.

Ela estava cruzando o quarto em passadas largas, com a camisola branca de renda moldada ao corpo, o cigarro preso entre os dentes da frente (Deus, ele odiava a aparência dela com uma guimba na boca) emitindo uma fileira branca por cima do ombro esquerdo como fumaça saindo da chaminé de uma locomotiva.

Mas foi o rosto dela que o fez pausar, que fez a gritaria planejada morrer em sua garganta. Seu coração deu um salto (*ka-BAMP*) e ele se encolheu, dizendo para si mesmo que o que sentia não era medo, mas apenas surpresa por encontrá-la assim.

Ela era uma mulher que ganhava vida quando o ritmo do trabalho se aproximava do clímax. Cada uma das ocasiões lembradas foi relacionada ao trabalho. Nessas épocas, ele viu uma mulher diferente da que conhecia tão bem, uma mulher que detonava seu radar sensitivo de medo com trechos enormes de estática. A mulher que surgia em momentos de estresse era forte mas tensa, destemida mas imprevisível.

Havia muita cor nas bochechas dela agora, um rubor natural no alto das maçãs do rosto. Os olhos estavam arregalados e cintilando, sem nem um traço de sono. O cabelo caía em cascata. E… ah, vejam isso, amigos e vizinhos! Vejam bem isso! Ela está tirando uma mala do armário? *Uma mala?* Por Deus, está!

Reserve um quarto… faça uma oração pra mim.

Bem, ela não precisaria de quarto em hotel nenhum, não no futuro próximo, porque a pequena Beverly Rogan ficaria bem aqui em casa, muito obrigado, e faria as refeições de pé nos próximos três ou quatro dias.

Mas ela podia mesmo precisar de uma oração ou duas antes de ele terminar com ela.

Ela jogou a mala no pé da cama e foi até a cômoda. Abriu a gaveta de cima e pegou duas calças jeans e uma de veludo. Jogou na mala. Voltou para a cômoda, com o cigarro emitindo fumaça por cima do ombro. Pegou um suéter, duas camisetas, uma das velhas blusas Ship ’n Shore que a deixavam com aparência idiota, mas das quais ela não abria mão. Quem tinha ligado para ela não era rico. Era coisa simples, estritamente Jackie-Kennedy em Hyannisport no fim de semana.

Não que ele se importasse com quem ligou para ela e onde ela pensava que ia, já que não ia para lugar nenhum. Essas eram coisas que estalavam regularmente em sua mente, cega e dolorosa por causa de muita cerveja e pouco sono.

Era o cigarro.

Supostamente, ela tinha jogado todos fora. Mas mentiu para ele, e a prova estava presa entre os dentes dela agora. E como ela ainda não tinha reparado nele de pé na porta, ele se

permitiu o prazer de lembrar-se das duas noites que o asseguraram de seu controle completo sobre ela.

Não quero mais que você fume perto de mim, disse ele para ela quando eles seguiam para casa depois de uma festa em Lake Forest. Isso foi em outubro. *Tenho que engolir essa merda em festas e no escritório, mas não preciso engolir quando estou com você. Sabe como é? Vou te falar a verdade; é desagradável, mas é verdade. É como ter que comer a meleca de outra pessoa.*

Ele achou que isso despertaria uma leve onda de protesto, mas ela só olhou para ele com a expressão tímida de quem quer agradar. A voz estava baixa, dócil e obediente. *Tudo bem, Tom.*

Joga fora, então.

Ela jogou. Tom ficou de bom humor o resto daquela noite.

Algumas semanas depois, ao sair do cinema, ela acendeu um cigarro no saguão sem pensar e tragou enquanto eles andavam pelo estacionamento, em direção ao carro. Era uma noite fria de novembro, e o vento atacava loucamente qualquer centímetro quadrado de pele exposta que encontrasse. Tom lembrou que conseguira sentir o cheiro do lago, do jeito que às vezes dava nas noites frias: um cheiro frio que era ao mesmo tempo de peixe e vazio. Ele a deixou fumar o cigarro. Até abriu a porta para ela quando chegaram ao carro. Ele entrou atrás do volante, fechou a porta e disse: *Bev?*

Ela tirou o cigarro da boca, se virou para ele com expressão de pergunta e ele deu uma porrada nela, com a mão aberta e dura atingindo a bochecha com força suficiente para fazer a palma da mão formigar, com força suficiente para empurrar a cabeça dela para trás, sobre o apoio de cabeça. Seus olhos se arregalaram de surpresa e dor… e uma outra coisa também. Ela levou a mão à bochecha para investigar o calor e o formigamento dormente. Ela gritou: *Aiii! Tom!*

Ele a observou com olhos apertados, um sorriso casual na boca, completamente vivo, pronto para ver o que viria depois, como ela reagiria. Seu pau estava ficando duro dentro da calça, mas ele mal reparou. Isso era para depois. Agora, a aula tinha começado. Ele reviu o que tinha acabado de acontecer. O rosto dela. O que tinha sido aquela terceira expressão que surgiu por um breve instante e sumiu? Primeiro, a surpresa. Depois, a dor. Depois a

(*nostalgia*)

aparência de uma lembrança… de alguma lembrança. Foi apenas por um momento. Ele achava que ela nem sabia que tinha surgido, no rosto ou na mente.

Agora: agora. Tudo estaria na primeira coisa que ela não disse. Ele sabia disso tão bem quanto sabia o próprio nome.

Não foi *Seu filho da puta!*

Não foi *Até mais, machão.*

Não foi *Acabou, Tom.*

Ela só olhou para ele com olhos castanhos feridos e molhados e disse: *Por que você fez*

isso? Em seguida, tentou dizer outra coisa e caiu no choro.

Joga fora.

O quê? O que, Tom? A maquiagem dela estava escorrendo pelo rosto em linhas pretas. Ele não ligava para isso. Até gostava de vê-la assim. Era uma bagunça, mas havia alguma coisa de sexy também. De piranha. Era meio excitante.

O cigarro. Joga fora.

A percepção surgiu. E com ela, a culpa.

Eu esqueci!, gritou ela. *Só isso!*

Joga fora, Bev, ou você vai levar outra porrada.

Ela abriu a janela e jogou o cigarro fora. Em seguida, se virou para ele, com o rosto pálido e assustado e de certa forma sereno.

Você não pode… você não deve me bater. É uma base ruim para um… um… relacionamento duradouro. Ela estava tentando encontrar um tom, um ritmo adulto de fala, mas falhou. Ele a tinha regredido. Estava no carro com uma criança. Voluptuosa e sexy para cacete, mas uma criança.

Não posso e não vou são duas coisas diferentes, garota, disse ele. Manteve a voz calma, mas por dentro estava fervendo. *E sou eu quem vai decidir o que constitui um relacionamento duradouro e o que não. Se você consegue viver com isso, tudo bem. Se não consegue, pode ir embora. Não vou te impedir. Posso dar um chute na sua bunda como presente de despedida, mas não vou te impedir. Moramos em um país livre. O que mais posso dizer?*

Talvez já tenha dito o bastante, sussurrou ela, e ele bateu nela de novo, com mais força do que na primeira vez, porque nenhuma mulher ia falar com petulância com Tom Rogan, *nunca*. Ele daria uma porrada na rainha da Inglaterra se ela bancasse a espertinha com ele.

A bochecha dela bateu no painel acolchoado. A mão tateou em busca da maçaneta, mas parou. Ela só se encolheu no canto como um coelho, com uma das mãos sobre a boca, os olhos grandes, molhados e assustados. Tom olhou para ela por um momento, depois saiu e andou até o outro lado do carro. Abriu a porta. Sua respiração era fumaça no ar negro e tomado pelo vento de novembro, e o cheiro do lago estava bastante claro.

Quer sair, Bev? Vi você esticando a mão para a maçaneta, então acho que você deve querer sair. Tudo bem. Não tem problema. Eu te pedi pra fazer uma coisa e você disse que faria. Mas não fez. Então você quer sair? Vamos. Saia. Que porra, né? Saia. Quer sair?

Não, sussurrou ela.

O quê? Não consigo te ouvir.

Não, não quero sair, disse ela um pouco mais alto.

O quê? Esses cigarros estão te causando um enfisema? Se você não consegue falar, vou arrumar uma porra de megafone. É sua última chance, Beverly. Fale alto pra que eu possa ouvir: você quer sair desse carro ou quer voltar comigo?

Quero voltar com você, disse ela, e uniu as mãos sobre a saia como uma garotinha. Não

olhou para ele. Lágrimas desciam pelas bochechas dela.

Tudo bem, disse ele. *Ótimo. Mas primeiro diga isso por mim, Bev. Diga: "Esqueci sobre fumar na sua frente, Tom."*

Agora ela olhou para ele com expressão magoada, implorando, sem conseguir falar. Você pode me obrigar a fazer isso, diziam os olhos dela, mas, por favor, não faça. Não faça, eu te amo, não dá pra encerrar?

Não, não dava. Porque isso não era o que ela realmente queria, e os dois sabiam.

Diga.

Esqueci sobre fumar na sua frente, Tom.

Ótimo. Agora diga: "Me desculpe."

Me desculpe, repetiu ela.

O cigarro ficou fumegando na calçada como um pedaço cortado de estopim. As pessoas saindo do cinema olharam para eles, para o homem de pé ao lado da porta do passageiro do Vega do modelo mais recente de painel de madeira, para a mulher sentada dentro, com as mãos unidas no colo, a cabeça baixa, a luz interior contornando os cabelos dela de dourado.

Ele esmagou o cigarro. Esfregou no asfalto.

Agora diga: "Nunca mais vou fazer isso sem sua permissão."

Nunca…

A voz dela começou a falhar.

… nunca… n-n-n…

Diga, Bev.

… nunca mais vou fazer isso. Sem sua p-permissão.

Assim, ele bateu a porta e voltou para o banco do motorista. Sentou atrás do volante e dirigiu até o apartamento no centro. Nenhum dos dois disse nada. Metade do relacionamento foi estabelecido no estacionamento; a outra metade, quarenta minutos depois, na cama de Tom.

Ela não queria fazer amor, disse ela. Mas ele viu uma verdade diferente nos olhos dela e no jeito balançado de ela andar, e quando tirou a blusa dela, os mamilos estavam duros como pedra. Ela gemeu quando ele os acariciou e gritou de leve quando chupou um e depois o outro, massageando-os sem parar no processo. Ela segurou a mão dele e enfiou entre as pernas.

Pensei que você não quisesse, disse ele, e ela afastou o rosto… mas não soltou a mão dele, e o movimento dos quadris dela aumentou.

Ele a empurrou para a cama… e agora foi delicado, não arrancou a calcinha dela, mas a retirou com consideração cuidadosa quase meticulosa.

Deslizar para dentro dela foi como deslizar em óleo delicado.

Ele se moveu com ela, usando-a, mas permitindo que ela também o usasse, e ela gozou pela primeira vez quase imediatamente, gritando e enfiando as unhas nas costas dele. Eles se balançaram em movimentos longos e lentos, e em algum momento ele achava que ela tinha gozado de novo. Tom chegava perto, mas pensava nas médias de rebatimentos do White Sox ou em quem o estava tentando prejudicar na conta de Chesley no trabalho, e voltava ao

controle. Ela começou a acelerar, e o ritmo finalmente atingiu um balançar excitado. Ele olhou para o rosto dela, para os círculos de rímel que pareciam os olhos de um guaxinim, para o batom manchado, e se sentiu de repente disparando de forma delirante para o limite.

Ela ergueu os quadris com mais e mais força; não havia barriga de cerveja naquela época, e as barrigas dos dois bateram uma na outra em ritmo rápido.

Perto do fim, ela gritou e mordeu o ombro dele com os dentes pequenos e regulares.

Quantas vezes você gozou?, perguntou ele depois do banho.

Ela afastou o rosto, e quando falou, sua voz estava tão baixa que ele quase não conseguiu ouvir.

Não é uma coisa que se pergunta.

Não? Quem disse isso? Mister Rogers?

Ele tomou o rosto dela nas mãos, com o polegar afundando em uma das bochechas, os dedos apertando a outra e a palma aninhando o queixo no meio.

Você fala com Tom, disse ele. *Está me ouvindo, Bev? Fale com o papai.*

Três, disse ela com relutância.

Bom, disse ele. *Pode fumar um cigarro.*

Ela olhou para ele sem acreditar, com o cabelo ruivo espalhado sobre os travesseiros, usando apenas uma calcinha de cintura baixa. Apenas olhar para ela assim já fazia o motor dele ligar de novo. Ele assentiu.

Vá em frente, disse ele. *Tudo bem.*

Eles tinham se casado em uma cerimônia civil três meses antes. Dois amigos dele compareceram; a única amiga dela a comparecer foi Kay McCall, que Tom chamava de “aquela puta feminista peituda”.

Todas as lembranças passaram pela mente de Tom em questão de segundos, como um trecho de filme acelerado, enquanto ele ficava na porta observando-a. Ela foi até a gaveta de baixo do que às vezes chamava de “cômoda de fim de semana” e agora estava jogando lingerie na mala; não o tipo de coisa que ele gostava, as de cetim escorregadio e seda macia. Ela estava pegando as de algodão, de garotinha, a maior parte desbotada e com pedaços de elástico arrebentado na cintura. Uma camisola de algodão que parecia coisa saída de *Os pioneiros*. Ela remexeu a parte de trás dessa gaveta de baixo para ver o que mais podia estar escondido lá.

Enquanto isso, Tom Rogan se deslocou pelo tapete peludo em direção ao armário. Seus pés estavam descalços e sua passagem foi tão silenciosa quanto um sopro de brisa. Foi o cigarro. Foi isso o que realmente o irritou. Fazia muito tempo que ela não esquecia aquela primeira lição. Houve outras lições a serem aprendidas desde então, muitas, e houve dias quentes em que ela usava blusas de manga comprida e até casacos abotoados até o pescoço. Dias cinzentos em que ela usou óculos de sol. Mas aquela primeira lição foi tão repentina e fundamental…

Ele tinha se esquecido do telefonema que o despertou do sono profundo. Foi o cigarro. Se

ela estava fumando agora, então tinha se esquecido de Tom Rogan. Temporariamente, é claro, apenas temporariamente, mas mesmo temporariamente era tempo demais. O que poderia ter provocado o esquecimento não importava. Coisas assim não podiam acontecer nesta casa, *fosse qual fosse* o motivo.

Havia uma tira larga de couro preto pendurada em um gancho por dentro da porta do armário. Não havia fivela nela; ele a tinha retirado tempos atrás. Ficava dobrada na ponta em que ficaria a fivela, e essa parte dobrada formava um buraco por onde Tom Rogan agora enfiou a mão.

Tom, você foi mau!, sua mãe às vezes dizia. Bem, "às vezes" talvez não fosse uma palavra tão boa; talvez "com frequência" fosse mais apropriado. *Vem aqui, Tommy! Tenho que te dar uma surra.* Sua vida quando criança foi pontuada por surras. Ele acabou por fugir para a Faculdade do Estado de Wichita, mas aparentemente não existia fuga total, porque ele continuou a ouvir a voz nos sonhos: *Vem aqui, Tommy! Tenho que te dar uma surra. Surra…*

Ele era o mais velho de quatro filhos. Três meses depois que o caçula nasceu, Ralph Rogan morreu. Bem, "morreu" talvez não fosse uma palavra tão boa; talvez "cometeu suicídio" fosse uma maneira melhor de dizer, já que ele serviu uma quantidade generosa de soda cáustica em uma caneca de gim e bebeu essa mistura demoníaca sentado no vaso do banheiro. A sra. Rogan encontrou trabalho na fábrica da Ford. Tom, apesar de só ter 11 anos, se tornou o homem da família. E se ele fizesse besteira, se o bebê cagasse na fralda depois que a babá fosse para casa e ainda estivesse suja quando mamãe chegasse em casa… se ele se esquecesse de encontrar Megan na esquina da rua Broad depois que o horário da creche acabasse e aquela xereta da sra. Gant visse… se ele estivesse assistindo a *American Bandstand* enquanto Joey fazia bagunça na cozinha… se alguma dessas coisas ou mil outras acontecessem… então, depois que as crianças menores estavam na cama, a vara da surra surgiria e ela repetiria o refrão: *Vem aqui, Tommy. Tenho que te dar uma surra.*

Era melhor dar a surra do que levar.

Se ele não aprendeu mais nada na grande roda da vida, aprendeu ao menos isso.

Assim, ele girou a ponta solta do cinto uma vez e apertou o aro. Em seguida, fechou a mão sobre o cinto. A sensação era boa. Fazia com que ele se sentisse adulto. A tira de couro ficou pendurada no punho fechado como uma cobra preta morta. Sua dor de cabeça tinha sumido.

Ela encontrou a última coisa no fundo da gaveta: um sutiã branco velho de algodão com bojo pontudo. A ideia de que essa ligação da madrugada pudesse ter sido feita por um amante surgiu brevemente na mente dele e desapareceu. Era ridículo. Uma mulher indo encontrar um amante não escolhia as blusas Ship 'n Shore velhas e calcinhas de algodão compradas no K-Mart com elástico estourado e frouxo. Além do mais, ela não ousaria.

— Beverly — disse ele baixinho, e ela se virou imediatamente, assustada, com olhos arregalados e os longos cabelos balançando.

O cinto hesitou… baixou um pouco. Ele olhou para ela, sentindo aquele florescer de desconforto de novo. Sim, ela ficava com essa cara antes dos grandes desfiles, e ele não a

atrapalhou nessas ocasiões por entender que ela estava tão repleta de uma mistura de medo e agressividade competitiva que era como se sua cabeça estivesse cheia de gás: uma única fagulha e ela explodiria. Ela via os desfiles não como uma chance para sair da Delia Fashions, para se sustentar ou até ganhar uma fortuna por conta própria. Se isso fosse tudo, ela estaria bem. Mas se isso fosse tudo, ela também não seria tão maravilhosamente talentosa. Ela via esses desfiles como uma espécie de superavaliação na qual receberia a nota de professores rigorosos. O que ela via nessas ocasiões era uma criatura sem rosto. Não tinha rosto, mas tinha nome: *Autoridade.*

Toda aquela coragem de olhos arregalados estava no rosto dela agora. Mas não só lá; estava em torno dela toda, uma aura que parecia quase visível, uma energia de alta-tensão que a deixou de repente mais atraente e mais perigosa do que parecera durante anos. Ele estava com medo porque ela estava aqui, toda aqui, a *ela* essencial tão diferente da que Tom Rogan queria que ela fosse, a ela que ele fez.

Beverly parecia chocada e assustada. Também parecia loucamente animada. Suas bochechas cintilavam com cor febril, mas havia placas brancas abaixo das pálpebras que pareciam quase um segundo par de olhos. Sua testa brilhava com ressonância cremosa.

E o cigarro ainda estava pendurado em sua boca, agora em um ângulo ligeiramente para cima, como se pensasse que era o maldito Franklin Delano Roosevelt. O cigarro! Apenas olhar para ele já fazia a fúria cega tomar conta dele de novo em uma onda verde. Levemente, no fundo da mente, ele se lembrou dela dizendo uma coisa para ele uma noite do nada, falando com voz fria e indiferente: *Um dia você vai me matar, Tom. Você sabe disso? Um dia você vai longe demais e esse vai ser o fim. Você vai surtar.*

Ele respondeu: *Faça as coisas do meu jeito, Bev, e esse dia nunca vai chegar.*

Agora, antes de a fúria bloquear tudo, ele se perguntou se esse dia não tinha finalmente chegado.

O cigarro. A ligação, a mala e a expressão estranha no rosto dela não importavam. Eles resolveriam a questão do cigarro. Depois, ele a comeria. E depois, conversariam sobre o resto. Nessa hora, talvez até fosse parecer importante.

— Tom — disse ela. — Tom, eu preciso…

— Você está fumando — disse ele. Sua voz parecia vir de longe, como se por um rádio de boa qualidade. — Parece que você esqueceu, gata. Onde estava escondendo?

— Olha, vou apagar — disse ela, e foi para a porta do banheiro. Jogou o cigarro (mesmo de onde estava, ele conseguia ver as marcas de dentes no filtro) no vaso sanitário. *Fsssss.* Ela voltou. — Tom, era um velho amigo. Um velho *velho* amigo. Preciso…

— Cala a boca, é isso que você precisa fazer! — gritou ele para ela. — Só cala a boca!

Mas o medo que ele queria ver, o medo dele, não estava no rosto dela. Havia medo, mas vinha do telefone, e o medo não devia chegar a Beverly dessa direção. Era quase como se ela não visse o cinto, não *o* visse, e Tom sentiu uma pontada de desconforto. Será que ele *estava* aqui? Era uma pergunta estúpida, mas será que *estava*?

Essa pergunta era tão terrível e tão básica que por um momento ele se sentiu em perigo de se soltar completamente da raiz de si mesmo e sair flutuando como uma planta no vento. Mas então ele se controlou. Estava aqui sim, e isso era "psicofalação" demais para uma noite. Ele estava aqui, era Tom Rogan, *Tom Rogan de Deus*, e se essa piranha não se aprumasse nos próximos 30 segundos mais ou menos, ia parecer que foi empurrada de um vagão em velocidade por um fiscal de trem.

— Tenho que te dar uma surra — disse ele. — Me desculpa por isso, gata.

Ele tinha visto aquela mistura de medo e agressividade antes, tinha sim. Agora, pela primeira vez, pareceu piscar para ele.

— Abaixa essa coisa — disse ela. — Tenho que chegar ao aeroporto O'Hare o mais rápido que conseguir.

Você está aqui, Tom? Está?

Ele afastou o pensamento. A tira de couro que já fora um cinto se balançou lentamente na frente dele como um pêndulo. Seus olhos tremeram e ele se concentrou no rosto dela.

— Me escuta, Tom. Aconteceu um problema na minha cidade natal. Coisa muito ruim. Eu tinha um amigo naquela época. Acho que ele teria sido meu namorado, só que não tínhamos idade suficiente pra isso. Ele era um garoto de 11 anos com uma gagueira bem ruim na época. Agora, é escritor. Você até já leu um dos livros dele, eu acho… *A correnteza negra*?

Ela observou o rosto dele, mas o rosto dele não estava dando nenhuma pista. Só havia o cinto pêndulo indo de um lado para o outro, de um lado para o outro. Ele estava com a cabeça baixa e as pernas grossas ligeiramente afastadas. Ela passou a mão de forma inquieta pelo cabelo, distraída, como se tivesse muitas coisas importantes em que pensar e não tivesse visto o cinto, e aquela pergunta terrível e assombrosa ressurgiu na mente dele: *Você está aqui? Tem certeza?*

— Aquele livro ficou rolando aqui por semanas e nunca fiz a ligação. Talvez devesse, mas estamos todos mais velhos e não penso em Derry há muito, muito tempo. De qualquer modo, Bill tinha um irmão, George, e George morreu antes de eu conhecer Bill. Foi assassinado, e então, no verão seguinte…

Mas Tom tinha escutado loucuras o bastante vindas de dentro e de fora. Ele partiu para cima dela rápido, dobrando o braço direito por cima do ombro como um homem prestes a lançar um dardo. O cinto sibilou pelo caminho que percorreu no ar. Beverly viu e tentou se abaixar, mas o ombro direito bateu na moldura da porta do banheiro e houve um estalo carnudo quando o cinto bateu no antebraço dela, deixando uma marca vermelha.

— Vou te dar uma surra — repetiu Tom. Sua voz estava sã, até mesmo pesarosa, mas seus dentes mostravam um sorriso branco e congelado. Ele queria ver aquela expressão nos olhos dela, aquela expressão de medo e pavor e vergonha, aquela expressão que dizia *Sim, você está certo, eu mereci,* aquela expressão que dizia *Sim, você está aqui sim, sinto sua presença*. E então, o amor voltaria, e isso era certo e bom, porque ele a amava *sim.* Eles até podiam ter uma discussão se ela quisesse, sobre quem exatamente ligou e de que isso se

tratava. Mas isso viria depois. Agora, a aula tinha começado. O velho um-dois. Primeiro a surra, depois a foda.

— Desculpa, gata.

— Tom, não faz is…

Ele bateu com o cinto de lado e viu-o lamber o quadril dela. Houve um estalo satisfatório quando terminou na bunda. E…

E Jesus, ela estava segurando! Ela estava segurando o cinto!

Por um momento, Tom Rogan ficou tão atônito com esse ato inesperado de insubordinação que quase perdeu a arma, *teria* perdido se não fosse o círculo, que estava preso na mão fechada com segurança.

Ele puxou para trás.

— *Nunca* tente tirar uma coisa de mim — disse ele com voz rouca. — Está ouvindo? Se fizer isso de novo, vai passar um mês mijando suco de framboesa.

— Tom, para — disse ela, e o mero *tom de voz* o enfureceu. Ela parecia uma monitora de parquinho falando com um garoto de 6 anos dando ataque de birra. — Eu *tenho* que ir. Não é brincadeira. Pessoas estão mortas, e fiz uma promessa há muito tempo…

Tom ouviu bem pouco disso. Ele gritou e correu para cima dela com a cabeça baixa e o cinto balançando cegamente. Ele bateu nela com o cinto, afastando-a da porta pela parede do quarto. Dobrou o braço, bateu nela, dobrou o braço, bateu nela, dobrou o braço, bateu nela. De manhã, ele só conseguiria levantar o braço acima do nível dos olhos depois de tomar três comprimidos de codeína, mas agora não estava ciente de nada além do fato de que ela o estava *desafiando*. Não só estava fumando, *tinha tentado tirar o cinto dele* e, ah, pessoal, ah, amigos e vizinhos, ela pediu, e ele testemunharia na frente do trono de Deus Todo-Poderoso que ela teria o que queria.

Ele a empurrou pela parede, balançando o cinto, chovendo golpes nela. As mãos dela estavam levantadas para proteger o rosto, mas ele tinha o caminho livre para o resto do corpo dela. O cinto fazia estalos densos de chicote no quarto silencioso. Mas ela não gritou, como às vezes fazia, e não implorou para que ele parasse, como costumava fazer. Pior de tudo, ela não chorou, como *sempre* fazia. Os únicos sons eram o cinto e a respiração deles, a dele pesada e rouca, a dela rápida e leve.

Ela correu para a cama e a penteadeira ao lado. Seus ombros estavam vermelhos dos golpes de cinto. O cabelo pegava fogo. Ele foi atrás, mais lento, mas grande, muito grande; ele jogara squash até romper o tendão de aquiles dois anos antes, e desde então seu peso tinha saído um pouco de controle (ou talvez “muito” fosse uma melhor maneira de dizer), mas os músculos ainda estavam lá, cordames firmes dentro da gordura. Ainda assim, ele ficou um pouco alarmado pelo quanto estava sem fôlego.

Ela chegou à penteadeira e ele achou que ela se agacharia ali, ou talvez tentasse rastejar para baixo. Em vez disso, ela tateou… se virou… e de repente o ar estava cheio de mísseis voadores. Ela estava jogando cosméticos nele. Um vidro de Chantilly bateu bem entre os

mamilos dele, caiu aos seus pés e se estilhaçou. Ele foi repentinamente envolvido pelo aroma sufocante de flores.

— *Para!* — rugiu ele. — *Para, sua puta!*

Em vez de parar, as mãos dela voaram pelo tampo de vidro lotado de objetos da penteadeira, agarrando o que encontrava e jogando. Ele apalpou o peito onde o vidro de Chantilly o atingiu, incapaz de acreditar que ela o acertou com alguma coisa enquanto mais objetos voavam ao seu redor. A tampa de vidro o cortou. Não era bem um corte, era mais um arranhão triangular, mas havia uma certa moça ruiva que ia ver o sol nascer em uma cama de hospital? Ah, sim, havia. Uma certa moça que…

Um pote de creme bateu nele acima da sobrancelha direita com força repentina. Ele ouviu um baque surdo aparentemente *dentro* da cabeça. Luz branca explodiu no campo de visão daquele olho e ele deu um passo para trás, com o queixo caído. Agora um tubo de creme Nívea bateu na barriga dele com um pequeno som de tapa e ela estava… *Estava*? Seria *possível*? Sim! Ela estava *gritando* com ele!

— *Vou pro aeroporto, seu filho da puta! Está me ouvindo? Tenho um compromisso e estou indo! Quer sair do meu caminho, porque EU VOU!*

Caiu sangue quente no olho direito dele, que o fez arder. Ele limpou com o dedo.

Ficou ali por um momento, olhando para ela como se nunca a tivesse visto antes. De certa forma, nunca tinha. Os seios dela subiam e desciam rapidamente. O rosto, uma mistura de rubor e palidez lívida, ardia. Os lábios estavam repuxados sobre os dentes em um rosnado. Mas ela tinha esvaziado o tampo da penteadeira. O estoque de mísseis estava vazio. Ele ainda conseguia ver o medo nos olhos dela… mas ainda não era medo dele.

— Guarda essas roupas de volta — disse ele, lutando para não ofegar enquanto falava. Não soaria bem. Pareceria fraqueza. — Depois, guarda a mala e vai pra cama. E se fizer essas coisas, pode ser que eu não bata demais em você. Pode ser que você consiga sair dessa casa em dois dias em vez de duas semanas.

— Tom, me escuta. — Ela falou devagar. Seu olhar estava muito claro. — Se você se aproximar de mim de novo, vou te matar. Está entendendo isso, pudim de banha? Vou te matar.

E de repente (talvez fosse pelo puro ódio no rosto dela, o desprezo, talvez por ela o ter chamado de pudim de banha, ou talvez só por causa da maneira rebelde como os seios dela subiam e desciam), o medo começou a sufocá-lo. Não era um botão nem uma flor, mas uma porra de *jardim* inteiro, o medo, o medo horrível de ele não estar *aqui*.

Tom Rogan partiu para cima da esposa, sem gritar desta vez. Ele foi tão silenciosamente quanto um torpedo cortando a água. Sua intenção agora provavelmente não era apenas bater e subjugar, mas fazer com ela o que ela tão precipitadamente disse que faria com ele.

Ele achou que ela correria. Talvez para o banheiro. Talvez para a escada. Em vez disso, ela manteve a posição. O quadril bateu na parede quando ela jogou o peso na penteadeira, levantando-a na direção dele, quebrando duas unhas no sabugo quando o suor nas palmas das mãos fez as mãos escorregarem.

Por um momento, a mesa balançou inclinada, e então ela se projetou para a frente de novo. A penteadeira dançou sobre uma perna, o espelho refletiu a luz como uma breve sombra de aquário no teto e caiu para a frente. A ponta da frente bateu nas coxas de Tom e o derrubou. Houve um tilintar musical quando os vidros viraram e quebraram lá dentro. Ele viu o espelho bater no chão à sua esquerda e levantou um braço para proteger os olhos, perdendo o cinto no processo. Cacos voaram pelo chão, prateados na parte de trás. Ele sentiu alguns arranhando, tirando sangue.

Agora ela estava chorando, com a respiração em soluços altos e agudos. Vez após outra ela se viu deixando-o, deixando a tirania de Tom como deixou a do pai, fugindo à noite, com as malas empilhadas no porta-malas do Cutlass. Ela não era uma mulher burra, não burra o bastante até mesmo agora, de pé em meio a essa incrível confusão, para acreditar que não amara Tom e que de certa forma ainda o amava. Mas isso não eliminava seu medo dele… o ódio por ele… e o desprezo por si mesma por escolhê-lo por motivos indistintos enterrados em tempos que deviam ter terminado. Seu coração não estava partido; parecia mais ardendo no peito, derretendo. Ela tinha medo de que o calor do coração logo fosse começar a destruir a sanidade dela com fogo.

Mas, acima disso tudo, gritando regularmente no fundo da mente dela, ela conseguia ouvir a voz seca e firme de Mike Hanlon: *Voltou, Beverly… voltou… e você prometeu…*

A penteadeira subiu e desceu. Uma vez. Duas. Uma terceira vez. Parecia estar respirando.

Movendo-se com agilidade cuidadosa, com a boca caída nos cantos e tremendo como se no prelúdio de alguma espécie de convulsão, ela desviou da penteadeira, passou na ponta dos pés pelo vidro quebrado e pegou o cinto na hora em que Tom ergueu a penteadeira e empurrou para o lado. Ela recuou e enfiou a mão pelo buraco. Tirou o cabelo dos olhos e olhou para ver o que ele faria.

Tom se levantou. Alguns cacos do espelho tinham cortado uma das bochechas dele. Um corte diagonal cruzava uma das sobrancelhas em uma linha fina. Ele apertou os olhos para ela quando se levantou lentamente, e ela viu gotas de sangue na cueca boxer.

— Me dá esse cinto — disse ele.

Em vez de fazer isso, ela enrolou duas vezes ao redor da mão e olhou para ele com expressão desafiadora.

— Para, Bev. Agora.

— Se você vier pra cima de mim, vou arrancar seu couro. — As palavras saíam de sua boca, mas ela não conseguia acreditar que as estava dizendo. E quem era esse homem das cavernas de cueca sangrenta mesmo? Seu marido? Seu pai? O amante que ela arrumou na faculdade que quebrou seu nariz uma noite, aparentemente do nada? *Oh, Deus, me ajude*, pensou ela. *Que Deus me ajude agora.* Mas sua boca prosseguiu. — E sou capaz de fazer isso. Você é gordo e lento, Tom. Vou embora, e acho que talvez não volte. Acho que talvez tenha acabado.

— Quem é esse cara Denbrough?

— Esquece. Eu era…

Ela se deu conta quase tarde demais de que a pergunta dele foi uma distração. Ele estava partindo para cima dela antes de a última palavra ter saído da boca. Ela lançou o cinto pelo ar em um arco, e o som que ele fez quando bateu na boca dele foi o som de uma rolha teimosa saindo de uma garrafa.

Ele deu um grito e levou as mãos à boca, com olhos enormes, magoados e chocados. Sangue começou a cair entre os dedos dele e pela parte de trás das mãos.

— Você quebrou minha boca, sua puta! — gritou ele com voz abafada. — Ah, Deus, você quebrou minha *boca*!

Ele partiu para cima dela de novo, com as mãos esticadas, a boca uma mancha vermelha e molhada. Os lábios pareciam estourados em dois lugares. A coroa tinha sido arrancada de um dos dentes da frente. Enquanto ela observava, ele cuspiu para o lado. Parte dela estava recuando dessa cena, enjoada e gemendo, querendo fechar os olhos. Mas aquela outra Beverly sentia a exultação de um convicto do corredor da morte libertado em um terremoto inesperado. Aquela Beverly gostava disso tudo, e muito. *Eu queria que você tivesse engolido!*, foi o que ela pensou. *Queria que tivesse morrido engasgado com a coroa!*

Foi essa Beverly que girou o cinto pela última vez, o cinto que ele usara nas nádegas, nas pernas e nos seios dela. O cinto que usara nela vezes sem conta nos últimos quatro anos. A quantidade de golpes que você recebia dependia do tamanho da merda que tinha feito. Tom chega em casa e o jantar está frio? Duas cintadas. Bev está trabalhando até mais tarde no estúdio e se esquece de ligar para casa? Três cintadas. Ah, olha essa: Beverly recebeu outra multa de estacionamento. Uma cintada… nos seios. Ele era bom. Raramente deixava hematomas. Nem doía tanto assim. Exceto pela humilhação. *Isso doía.* E o que doía ainda mais era saber que parte dela desejava a dor. Desejava a humilhação.

A última vez paga por todas, pensou ela, e bateu.

Ela bateu com o cinto baixo, de lado, e atingiu as bolas dele com um som brusco, porém pesado, o som de uma mulher batendo em um tapete para limpá-lo. Foi tudo que precisava. Toda disposição de briga desapareceu de Tom Rogan.

Ele deu um berro agudo e sem força e caiu de joelhos como se para rezar. As mãos estavam entre as pernas. A cabeça estava lançada para trás. Músculos saltavam em seu pescoço. Sua boca era uma careta de tragédia de dor. O joelho esquerdo caiu direto em cima de um caco pontudo de vidro de perfume e ele rolou silenciosamente para o lado como uma baleia. Uma das mãos saiu das bolas para apertar o joelho que sangrava.

O sangue, pensou ela. *Meu bom Deus, ele está sangrando por todos os lados.*

Ele vai sobreviver, respondeu friamente essa nova Beverly, a Beverly que pareceu surgir com o telefonema de Mike Hanlon. *Caras como ele sempre sobrevivem. Apenas saia daqui antes que ele decida que quer dançar mais um pouco. Ou antes que ele decida ir pro porão buscar o Winchester.*

Ela recuou e sentiu dor no pé ao pisar em um caco do espelho da penteadeira quebrada. Ela

se inclinou para pegar a alça da mala. Não tirou os olhos dele em momento nenhum. Recuou pela porta e pelo corredor. Estava segurando a mala à frente do corpo com as duas mãos, e ela bateu em suas canelas conforme ela recuava. O pé cortado fazia marcas de calcanhar sangrento. Quando ela chegou à escada, se virou e desceu rapidamente, sem se permitir pensar. Desconfiava que não tinha mais pensamentos coerentes, pelo menos por enquanto.

Sentiu um toque de leve na perna e gritou.

Olhou para baixo e viu que era a ponta do cinto. Ainda estava enrolado em sua mão. Na luz fraca, parecia mais uma cobra morta do que nunca. Ela o jogou por cima do corrimão, com uma careta de nojo no rosto, e viu-o cair em S no tapete do corredor de baixo.

No pé da escada, ela segurou a barra da camisola branca de renda e puxou pela cabeça. Estava manchada de sangue, e ela não a usaria por nem mais um segundo. Jogou-a de lado, e ela caiu na planta ao lado da porta que levava à sala como um paraquedas de renda. Ela se inclinou nua para a mala. Seus mamilos estavam gelados, duro como balas.

— *BEVERLY, VENHA JÁ AQUI PRA CIMA!*

Ela sufocou um grito, deu um pulo e voltou a se inclinar para dentro da mala. Se ele tinha força o suficiente para gritar alto assim, ela tinha bem menos tempo do que pensava. Abriu a mala e pegou uma calcinha, uma blusa e uma calça Levi's velha. Vestiu as peças de roupa de pé ao lado da porta, sem tirar os olhos da escada. Mas Tom não apareceu no alto. Ele gritou o nome dela mais duas vezes, e cada vez ela se encolheu para longe do som, com os olhos assustados, os lábios repuxados sobre os dentes em um esgar inconsciente.

Ela enfiou os botões da blusa pelos buracos o mais rápido que conseguiu. Os dois botões de cima tinham caído (era irônico o quanto ela nunca costurava as próprias roupas), e ela achava que parecia um pouco uma prostituta de meio período procurando uma última rapidinha antes de encerrar o turno, mas teria que ser essa mesma.

— *VOU TE MATAR, SUA PUTA! SUA PUTA DE MERDA!*

Ela fechou e trancou a mala. O braço de uma blusa ficou para fora como uma língua. Ela olhou ao redor uma vez, rapidamente, desconfiando que jamais voltaria a ver esta casa.

Encontrou apenas alívio na ideia, e, assim, abriu a porta e saiu.

Estava a três quadras de casa, andando sem noção nenhuma de para onde estava indo, quando percebeu que os pés ainda estavam descalços. O que ela tinha cortado, o esquerdo, latejava cegamente. Tinha que colocar alguma coisa nos pés, e eram quase duas horas da madrugada. A carteira e os cartões de crédito estavam em casa. Ela tateou os bolsos da calça jeans e só encontrou fiapos. Não tinha um tostão; nem uma moedinha de um centavo. Olhou ao redor, para o bairro residencial em que estava: casas bonitas, gramados e jardins bem-cuidados, janelas escuras.

De repente, ela começou a gargalhar.

Beverly Rogan se sentou em um muro baixo de pedra, com a mala entre os pés sujos, e gargalhou. As estrelas brilhavam, e como estavam intensas! Ela inclinou a cabeça para trás e riu para elas, com aquela euforia selvagem tomando conta dela de novo como um maremoto

que erguia, carregava e limpava, uma força tão poderosa que qualquer pensamento consciente se perdeu; só seu sangue pensava e sua voz poderosa falava com ela em uma forma inarticulada de desejo, embora o que desejava ela não soubesse nem se importasse em saber. Era suficiente sentir aquele calor preenchendo-a com sua insistência. *Desejo*, pensou ela, e dentro dela aquele maremoto de euforia pareceu ganhar velocidade, empurrando-a para a frente, na direção de algum acidente inevitável.

Ela riu para as estrelas, assustada, mas livre, com o terror intenso como uma dor e doce como uma maçã madura de outubro, e quando uma luz se acendeu em um quarto do andar de cima da casa onde ficava esse muro de pedra, ela pegou a alça da mala e saiu para a noite, ainda rindo.

6

Bill Denbrough tira folga

— Ir embora? — repetiu Audra. Ela olhou para ele, intrigada, um pouco assustada, e colocou os pés descalços debaixo do corpo. O chão estava frio. O chalé todo estava frio, na verdade. O sul da Inglaterra estava vivenciando uma primavera excepcionalmente úmida, e mais de uma vez em suas caminhadas regulares matinais e noturnas, Bill Denbrough se viu pensando no Maine… pensando de uma forma surpresa e vaga em Derry.

O chalé devia ter aquecimento central (o anúncio dizia que tinha, e havia uma fornalha lá embaixo, no porão arrumado, em um canto que já fora um depósito de carvão), mas ele e Audra descobriram logo no começo que a ideia britânica de aquecimento central não era a mesma da americana. Parecia que os britânicos acreditavam que você tinha aquecimento central desde que não precisasse mijar em uma pedra de gelo dentro da privada quando acordava de manhã. Era manhã agora, 8h15. Bill desligou o telefone cinco minutos antes.

— Bill, você não pode *ir embora*. Você *sabe* disso.

— Preciso ir — disse ele. Havia um bar no canto da sala. Ele foi até lá, pegou uma garrafa

de Glenfiddich na prateleira do alto e se serviu. Caiu um pouco pelo lado do copo. — Porra — murmurou ele.

— Quem era no telefone? De que você está com medo, Bill?

— Não estou com medo.

— Ah? Suas mãos sempre tremem assim? Você sempre toma seu primeiro drinque antes do café?

Ele voltou para a cadeira, com o roupão balançando ao redor dos tornozelos, e se sentou. Tentou sorrir, mas foi um esforço ruim e ele desistiu.

Na televisão, o apresentador da BBC estava concluindo a série de notícias ruins antes de passar para os resultados do futebol na noite anterior. Quando eles chegaram ao pequeno vilarejo suburbano de Fleet um mês antes da data marcada para a filmagem começar, os dois ficaram maravilhados com a qualidade técnica da televisão britânica; em um bom aparelho colorido Pye, parecia mesmo que dava para entrar na imagem. *Mais linhas, eu acho*, dissera Bill. *Não sei o que é, mas é ótimo*, respondera Audra. Isso foi antes de eles descobrirem que a maior parte da programação consistia em programas americanos como *Dallas* e infindáveis eventos esportivos britânicos, desde os estranhos e chatos (campeonatos de lançamento de dardos em que todos os participantes pareciam lutadores de sumô hipertensos) aos simplesmente chatos (o futebol britânico era ruim; críquete era ainda pior).

— Ando pensando muito na minha cidade — disse Bill, e tomou um gole da bebida.

— Cidade? — disse ela, e pareceu tão sinceramente perplexa que ele riu.

— Pobre Audra! Casada há quase 11 anos com o sujeito e não sabe nada sobre ele. O que você sabe sobre isso? — Ele riu de novo e engoliu o resto da bebida. A gargalhada estava com um tom do qual ela gostou tanto quanto vê-lo com um copo de uísque na mão a essa hora da manhã. A gargalhada parecia como uma coisa que queria ser um grito de dor. — Eu me pergunto se algum dos outros tem maridos e esposas que estão descobrindo agora o quanto sabem pouco. Acho que sim.

— Billy, eu sei que te amo — disse ela. — Por 11 anos, isso tem sido o bastante.

— Eu sei. — Ele sorriu para ela. O sorriso foi doce, cansado e assustado.

— Por favor. Por favor, me conte do que isso se trata.

Ela olhou para ele com os adoráveis olhos cinza, sentada na cadeira barata da casa alugada com os pés encolhidos debaixo da barra da camisola, uma mulher que ele amou, com quem se casou e que ainda amava. Tentou ver pelos olhos dela, ver o que ela sabia. Tentou ver como uma história. Ele conseguia, mas sabia que jamais venderia.

Eis um garoto pobre do estado do Maine que vai pra faculdade com bolsa de estudos. Durante toda a vida ele quis ser escritor, mas quando se matricula nos cursos de escrita, se vê perdido sem bússola em uma terra estranha e apavorante. Tem um cara que quer ser Updike. Tem outro que quer ser a versão de Faulkner da Nova Inglaterra, só que quer escrever romances sobre as vidas cruéis dos pobres em versos livres. Tem uma garota que admira Joyce Carol Oates, mas acha que como Oates foi criada em uma sociedade machista, ela é

"radioativa no sentido literário". Oates não consegue ser limpa, diz essa garota. Ela vai ser mais limpa. Tem um aluno baixo e gordo que não consegue ou não quer falar além de um murmúrio. Esse cara escreveu uma peça em que há nove personagens. Cada um só diz uma palavra. Pouco a pouco, os espectadores percebem que quando você une as palavras, chega a isso: "A guerra é ferramenta de mercadores machistas da morte." A peça desse sujeito recebe um A do homem que ensina Eh-141 (Seminário em Homenagem à Escrita Criativa). Esse professor publicou quatro livros de poesia e a tese de mestrado, tudo pela editora da universidade. Ele fuma maconha e usa um medalhão da paz. A peça do murmurador gordo é produzida por uma companhia de teatro subversiva durante a greve para o fim da guerra, que fecha o campus em maio de 1970. O professor faz um dos personagens.

Enquanto isso, Bill Denbrough escreveu um conto de mistério que se passa em um cômodo fechado, três histórias de ficção científica e várias histórias de terror que devem muito a Edgar Allan Poe, H. P. Lovecraft e Richard Matheson. Anos depois, ele dirá que essas histórias se pareciam com um rabecão dos anos 1800 equipado com compressor e pintado de vermelho fluorescente.

Uma das histórias de ficção científica lhe rende um B.

"*Isto é melhor*", escreve o professor na página de capa. *"No contra-ataque alienígena, vemos o círculo vicioso em que a violência gera violência; gostei da nave espacial com 'ponta de agulha' como símbolo da incursão sociossexual. Embora isso permaneça um tanto nas entrelinhas ao longo da história, é interessante."*

Todos os outros não conseguem mais do que C.

Ele acaba por se levantar no meio da aula um dia, depois que a discussão sobre a cena de uma jovem pálida relatando o exame que uma vaca faz em um motor jogado em um campo deserto (que pode ou não ser depois de uma guerra nuclear) se arrastou por mais de 70 minutos. A garota pálida, que fuma um Winston depois do outro e futuca de vez em quando as espinhas amontoadas nas têmporas afundadas, insiste que a cena é uma declaração sociopolítica no estilo de Orwell em começo de carreira. A maior parte da turma e o professor concordam, mas a discussão continua a se arrastar.

Quando Bill fica de pé, a turma olha para ele. Ele é alto e tem uma certa presença.

Falando com cuidado, sem gaguejar (ele não gagueja há mais de cinco anos), ele diz:

— Não entendo isso. Não entendo *nada* disso. Por que uma história tem que ser socioalguma coisa? Política… cultura… história… esses não são ingredientes naturais em qualquer história se for contada bem? Quero dizer… — Ele olha ao redor, vê olhos hostis e se dá conta levemente de que eles veem isso como uma espécie de ataque. Talvez até seja. Ele se dá conta de que estão pensando que talvez haja um mercador da morte machista entre eles. — Quero dizer… vocês não podem simplesmente deixar uma história ser uma *história*?

Ninguém responde. O silêncio se arrasta. Ele fica ali de pé, olhando de um par de olhos frios para outro. A garota pálida exala fumaça e aperta o cigarro em um cinzeiro que ela levou na mochila.

Por fim, o professor diz delicadamente, como se falando com uma criança dando um ataque de birra inexplicável:

— Você acredita que William Faulkner estava apenas contando *histórias*? Acredita que Shakespeare estava apenas interessado em ganhar uma *grana*? Vamos lá, Bill. Conta pra gente o que você acha.

— Acho que é bem por aí — diz Bill depois de um longo momento no qual realmente reflete sobre a pergunta, e nos olhos deles, ele lê uma espécie de condenação.

— Eu sugiro — diz o professor, brincando com a caneta e sorrindo para Bill com olhos entreabertos — que você tem *muito* a aprender.

O aplauso começa em algum lugar no fundo da sala.

Bill sai… mas volta na semana seguinte, determinado a seguir em frente. Antes da volta, ele escreveu uma história chamada "O Escuro", um conto sobre um garoto pequeno que descobre um monstro no porão de casa. O garotinho o enfrenta, luta com ele e acaba por matá-lo. Ele sente uma espécie de euforia sagrada quando está no processo de escrever a história; até sente que não está tanto *contando* a história, e sim permitindo que ela *flua através* dele. Em determinado ponto, ele larga a caneta e leva a mão quente e dolorida para um frio de -10°C de dezembro, onde ela quase solta fumaça pela mudança de temperatura. Ele dá uma volta, com as botas verdes de cano baixo gemendo na neve como pequenas dobradiças que precisam de lubrificante, e sua cabeça parece *inchar* com a história; é meio assustadora a forma como ela precisa sair. Ele sente que, se ela não conseguir escapar pela mão ágil dele, vai estourar seus olhos no desespero de fugir e ser concreta.

—Vou botar essa *porra* toda pra fora — diz ele para o vento que sopra no inverno escuro, e ri um pouco, com uma gargalhada trêmula. Ele está ciente de que finalmente descobriu como fazer isso; depois de dez anos tentando, ele finalmente encontrou o botão para ligar a enorme escavadeira que ocupa tanto espaço em sua cabeça. Ela está ligada. Está gemendo, gemendo. Não é nada bonita, essa grande máquina. Não foi feita para levar garotas bonitas a bailes. Não é um símbolo de status. Ela quer trabalhar. Pode derrubar coisas. Se ele não tomar cuidado, vai derrubá-*lo*.

Ele entra correndo e termina "O Escuro" em frenesi. Escreve até as quatro horas da manhã e adormece em cima do fichário. Se alguém tivesse sugerido que ele estava escrevendo sobre o irmão, George, ele teria ficado surpreso. Ele não pensa em George há anos, ou é o que ele realmente acredita.

O professor devolve a história com um F na página de capa. Duas palavras estão escritas embaixo em letras garrafais. POPULAR, grita uma. LIXO, grita a outra.

Bill leva o manuscrito de 15 páginas até o fogão e abre a porta do forno. Está a um centímetro de jogar lá dentro quando o absurdo do que ele está fazendo o atinge. Ele se senta na cadeira de balanço, olha para um pôster do Grateful Dead e começa a rir. Popular? Ótimo! Que seja popular! O mundo está cheio de coisas populares!

— Que o mundo exploda de tanta coisa popular! — exclama Bill, e ri até lágrimas saltarem

de seus olhos e rolarem pelo rosto.

Ele redigita a página de capa, a que tinha a avaliação do professor, e manda para uma revista masculina chamada *White Tie* (embora, pelo que Bill pode ver, devia se chamar *Garotas Nuas que Parecem Usuárias de Drogas*). Mas seu exemplar surrado do livro *Writer's Market* diz que eles compram histórias de terror, e as duas edições que ele comprou no mercadinho do bairro realmente tinham quatro histórias de terror intercaladas com garotas nuas, anúncios de filmes pornô e pílulas para melhorar a potência. Uma delas, escrita por um homem chamado Dennis Etchison, é muito boa.

Ele manda "O Escuro" sem muita esperança (pois já mandou muitas histórias para revistas antes e só obteve cartas de rejeição em resposta), e fica estupefato e eufórico quando o editor de ficção da *White Ties* compra por 200 dólares, com pagamento na data da publicação. O assistente editorial acrescenta um bilhete curto que a chama de "melhor história de terror desde 'A Jarra', de Ray Bradbury". E acrescenta: "Pena que só umas setenta pessoas de costa a costa vão ler", mas Bill Denbrough não se importa. Duzentos dólares!

Ele procura seu orientador com um pedido de trancamento de matrícula de Eh-141. O orientador assina. Bill Denbrough grampeia o protocolo de trancamento ao bilhete de parabéns do assistente editorial e prende os dois no quadro de aviso na porta do professor de escrita criativa. No canto do quadro de avisos, ele vê uma tirinha de quadrinhos antiguerra. E de repente, como se deslocando-se por vida própria, seus dedos tiram a caneta do bolso da camisa e escrevem em cima da tirinha: *Se a ficção e a política algum dia se tornarem intercambiáveis, vou me matar, porque não vou saber o que fazer. Sabe, a política sempre muda. As histórias nunca mudam.* Ele faz uma pausa, e então, sentindo-se um pouco pequeno (mas incapaz de parar), ele acrescenta: *Sugiro que você tem muito a aprender.*

O protocolo de trancamento é devolvido pela correspondência do campus três dias depois. O professor assinou. No espaço marcado NOTA NO MOMENTO DO TRANCAMENTO, o professor não escreveu *incompleto* nem o C ao qual as notas tiradas dariam direito; em vez disso, há outro F rabiscado furiosamente na linha da nota. Abaixo, o professor escreveu: *Você acha que o dinheiro prova alguma coisa, Denbrough?*

— Bem, na verdade, sim — diz Bill Denbrough para seu apartamento vazio, e mais uma vez começa a rir loucamente.

No último ano de faculdade, ele ousa escrever um romance, porque não tem ideia do que está fazendo. Ele conclui a experiência arranhado e amedrontado… mas vivo, e com um manuscrito de quase 500 páginas. Ele o envia para a The Viking Press, sabendo que vai ser a primeira de muitas paradas do seu livro, que é sobre fantasmas… mas ele gosta do logotipo de navio da Viking, e isso a torna um lugar tão bom para começar como qualquer outro. Na verdade, a primeira parada acaba sendo a última parada. A Viking compra o livro… e para Bill Denbrough, o conto de fadas começa. O homem que já foi conhecido como Bill Gago se torna um sucesso aos 23 anos de idade. Três anos depois e a 5 mil quilômetros da Nova Inglaterra, ele se torna uma espécie estranha de celebridade ao se casar com uma mulher que é

estrela de cinema e cinco anos mais velha do que ele em Hollywood's Church em the Pines.

Os colunistas de fofoca dão sete meses. A única aposta, dizem eles, é se o fim vai ser por divórcio ou anulação. Amigos (e inimigos) dos dois lados do casal sentem a mesma coisa. Fora a diferença de idade, as disparidades são assustadoras. Ele é alto, já está ficando calvo, já está com uma tendência a ficar gordo. Fala devagar em grupo e às vezes parece quase inarticulado. Audra, por outro lado, tem cabelo castanho-avermelhado, é monumental e linda. Parece mais uma criatura de uma super-raça semidivina do que uma mulher normal.

Ele foi contratado para fazer o roteiro de seu segundo livro, *A correnteza negra* (em parte porque o direito de escrever pelo menos o primeiro rascunho do roteiro era uma condição irrevogável da venda, apesar dos gemidos da agente dizendo que ele estava louco), e seu texto acabou sendo muito bom. Ele foi convidado para ir à Universal City para novas versões e reuniões de produção.

Sua agente é uma mulher pequena chamada Susan Browne. Ela tem exatamente um metro e meio. É enérgica de uma maneira violenta, e enfática de maneira mais violenta ainda.

— Não faça isso, Billy — diz ela. — Deixa pra lá. Eles têm muito dinheiro envolvido nisso e vão arrumar alguém bom pra escrever o roteiro. Talvez até Goldman.

— Quem?

— William Goldman. O único bom escritor que já fez as duas coisas.

— De que você está falando, Suze?

— Ele ficou nessa área, e com sucesso — disse ela. — As chances das duas coisas são como as chances de se curar de câncer de pulmão: é possível, mas quem quer tentar? Você vai se acabar em sexo e bebidas. Ou em alguma das drogas modernas. — Os olhos castanhos fascinantes de Susan brilham para ele com veemência. — E se acabar sendo um cretino a pegar o trabalho em vez de Goldman, e daí? O livro está nas prateleiras. Eles não podem mudar nem uma palavra.

— Susan…

— Me escuta, Billy! Pega o dinheiro e sai correndo. Você é jovem e forte. É disso que eles gostam. Se você for até lá, vão primeiro te separar do seu respeito próprio e depois da sua capacidade de escrever uma linha reta do ponto A até o ponto B. Por fim, mas não menos importante, vão arrancar suas bolas. Você escreve como adulto, mas é apenas uma criança com uma testa bem larga.

— Tenho que ir.

— Alguém acabou de peidar aqui? — responde ela. — Deve ter, porque tem alguma coisa fedendo.

— Mas eu tenho. Eu *preciso*.

— Jesus!

— Tenho que ir pra longe da Nova Inglaterra. — Ele está com medo de dizer o que vem depois, é como expressar uma maldição, mas deve isso a ela. — Tenho que me afastar do Maine.

— *Por que*, pelo amor de Deus?

— Não sei. Mas preciso.

— Você está me dizendo alguma coisa real, Billy, ou só falando como escritor?

— É real.

Eles estão juntos na cama durante essa conversa. Os seios dela são pequenos como pêssegos, doces como pêssegos. Ele a ama muito, mas não do jeito que os dois sabem que seria um bom jeito de amar. Ela se senta com um mar de lençóis no colo e acende um cigarro. Está chorando, mas ele duvida que ela saiba que ele sabe. É só um brilho nos olhos dela. Seria diplomático não mencionar, então ele não diz nada. Ele não a ama daquele jeito realmente bom, mas gosta muito dela.

— Então vai — diz ela com uma voz seca e profissional enquanto se vira de novo para ele. — Me liga quando estiver pronto e se ainda tiver força. Vou catar os cacos. Se sobrar algum.

A versão em filme de *A correnteza negra* se chama *Toca do demônio negro*, e Audra Phillips é escalada para o papel principal. O título é horrível, mas o filme acaba sendo bom de verdade. E a única parte que ele perde em Hollywood é o coração.

— Bill — diz Audra de novo, arrancando-o das lembranças. Ele viu que ela havia desligado a TV. Olhou pela janela e viu uma névoa roçando o vidro.

— Vou explicar o máximo que puder — disse ele. — Você merece. Mas primeiro, faça duas coisas pra mim.

— Tudo bem.

— Faça outra xícara de chá pra você e me conte o que sabe sobre mim. Ou o que pensa que sabe.

Ela olhou para ele intrigada e foi até a cômoda.

— Sei que você é do Maine — disse ela, fazendo um chá para si tirado da bandeja de café da manhã. Ela não era britânica, mas um leve toque de sotaque britânico surgira na voz dela, uma relíquia do papel que ela fez em *Sótão*, o filme que foram filmar lá onde estavam. Era o primeiro roteiro original de Bill. Também lhe ofereceram a posição de diretor. Graças a Deus, ele recusou; sua partida agora completaria a confusão. Ele sabia o que as pessoas diriam, toda a equipe. Billy Denbrough finalmente mostra as caras. Só mais uma merda de escritor, mais louco do que um rato enjaulado.

Deus sabia que ele se sentia louco nesse momento.

— Sei que você teve um irmão e que o amava muito e que ele morreu — prosseguiu Audra. — Sei que você cresceu em uma cidade chamada Derry, se mudou pra Bangor cerca de dois anos depois de seu irmão morrer e se mudou pra Portland aos 14 anos. Sei que seu pai morreu de câncer de pulmão quando você tinha 17. E que você escreveu um best-seller quando ainda estava na faculdade, que se formou com bolsa de estudos e o que ganhava em um emprego de meio período em uma indústria têxtil. Deve ter sido muito estranho pra você… a mudança de renda. De possibilidades.

Ela voltou para perto dele, e ele viu no rosto dela naquele momento: a percepção dos

espaços escondidos entre eles.

— Sei que você escreveu *A correnteza negra* um ano depois e foi pra Hollywood. E na semana antes do começo das filmagens, você conheceu uma mulher muito confusa chamada Audra Phillips, que sabia um pouco o que você devia ter passado, a descompressão louca, porque ela era simplesmente Audrey Philpott cinco anos antes. E essa mulher estava se afogando…

— Audra, não.

Os olhos dela estavam firmes e sustentaram o olhar dele.

— Ah, por que não? Vamos falar a verdade e envergonhar o diabo. Eu estava me afogando. Tinha descoberto o lança-perfume dois anos antes de conhecer você e um ano depois descobri a cocaína, e as coisas ficaram ainda melhores. Era lança-perfume de manhã, coca à tarde, vinho à noite e um Valium na hora de dormir. As vitaminas de Audra. Havia entrevistas importantes demais também, papéis bons demais. Eu parecia tanto uma personagem em um romance de Jacqueline Susann que era hilário. Sabe como penso sobre aquela época agora, Bill?

— Não.

Ela tomou um gole de chá sem tirar os olhos dos dele e sorriu.

— Era como correr na esteira do aeroporto internacional de Los Angeles. Entende?

— Não exatamente.

— É uma esteira rolante — disse ela. — Com cerca de 400 metros de comprimento.

— Eu sei como é — disse ele —, mas não entendo o que…

— Você fica lá de pé e ela te leva até a área de coleta de bagagem. Mas, se você quiser, não precisa ficar ali de pé. Você pode andar na esteira. Pode correr. E parece que você está fazendo sua caminhada normal, corrida normal ou corrida disparada normal, qualquer uma delas, porque seu corpo esquece que o que você está *mesmo* fazendo é superar a velocidade que a esteira já está alcançando. É por isso que há placas dizendo DEVAGAR, ESTEIRA EM MOVIMENTO perto do final. Quando conheci você, senti como se tivesse saído correndo no final daquela coisa para um piso que não se movimenta mais. Ali estava eu, com o corpo 15 quilômetros à frente dos pés. Não dá pra manter o equilíbrio. Mais cedo ou mais tarde, você cai de cara. Mas eu não caí. Porque você me segurou.

Ela colocou o chá de lado e acendeu um cigarro, sem tirar os olhos dele. Ele só conseguiu ver que as mãos dela estavam tremendo no balançar da chama do isqueiro, que se desviou primeiro para a direita do cigarro e depois para a esquerda antes de acertar o alvo.

Ela tragou profundamente e soprou um jato de fumaça.

— O que sei sobre você? Sei que parecia ter tudo sob controle. Sei disso. Você nunca parecia estar com pressa pra chegar ao próximo drinque nem pra próxima reunião nem pra próxima festa. Parecia confiante de que todas essas coisas estariam lá… se você quisesse. Você falava devagar. Em parte era o sotaque do Maine, eu acho, mas a maior parte era de você mesmo. Você foi o primeiro homem que conheci lá que ousava falar devagar. Eu tinha

que desacelerar para ouvir. Olhei pra você, Bill, e vi alguém que nunca corria na esteira, porque sabia que ela o levaria até o fim. Você parecia intocado pela fama e pela histeria. Não alugava um Rolls Royce só pra poder dirigir pela Rodeo Drive no sábado à tarde com as placas com seu nome em um carro cintilante de locadora. Não tinha assessor de imprensa pra plantar notícias na *Vanity* e nem no *The Hollywood Reporter.* Você nunca tinha ido ao programa do Carson.

— Escritores não podem ir a não ser que façam truques com cartas ou entortem colheres — disse ele, sorrindo. — É tipo uma lei nacional.

Ele pensou que ela sorriria, mas ela não sorriu.

— Sei que você estava do meu lado quando precisei de você. Quando saí voando no final da esteira como O. J. Simpson naquela antiga propaganda da Hertz. Talvez você tenha me salvado de tomar o comprimido errado com bebida demais. Ou talvez eu tivesse conseguido chegar do outro lado sozinha e tudo isso seja uma grande dramatização da minha parte. Mas… não é o que parece. Não por dentro, onde estou.

Ela apagou o cigarro depois de apenas duas tragadas.

— Sei que você está ao meu lado desde então. E estou do seu lado. Nos damos bem na cama. Isso parecia muito importante pra mim. Mas também nos damos bem fora dela, e agora isso parece ainda mais importante. Sinto que poderia envelhecer com você e ainda ser corajosa. Sei que você toma cerveja demais e não se exercita o bastante; sei que algumas noites você tem pesadelos horríveis…

Ele levou um susto. Um grande susto. Quase ficou com medo.

— Eu nunca sonho.

Ela sorriu.

— É o que você diz pros entrevistadores quando eles perguntam de onde você tira suas ideias. Mas não é verdade. A não ser que seja indigestão quando você começa a gemer à noite. E eu não acredito nisso, Billy.

— Eu falo? — perguntou ele com cautela. Não conseguia se lembrar de sonho nenhum. Nenhum som, bom *ou* ruim.

Audra assentiu.

— Às vezes. Mas nunca entendo o que você diz. E, em duas ocasiões, você chorou.

Ele olhou para ela sem expressão no rosto. Havia um gosto ruim em sua boca, que descia pela língua e pela garganta como gosto de aspirina derretida. *Então agora você sabe como é o gosto do medo*, pensou ele. *Já era hora de descobrir, considerando tudo que você escreveu sobre o assunto.* Ele achava que era um gosto com o qual se acostumaria. Se vivesse tempo o suficiente.

De repente, havia lembranças tentando voltar. Era como se um saco preto em sua mente estivesse latejando, ameaçando expelir

(sonhos)

imagens nocivas de seu subconsciente para o campo mental de visão comandado pela

mente racional e desperta, e se isso acontecesse de uma vez, o levaria à loucura. Ele tentou afastar as imagens e conseguiu, mas não antes de ouvir uma voz. Era como se alguém enterrado vivo estivesse gritando de dentro do chão. Era a voz de Eddie Kaspbrak.

Você salvou minha vida, Bill. Aqueles garotos grandes, eles pegam no meu pé. Às vezes acho que eles querem mesmo me matar…

— Seus braços — disse Audra.

Bill olhou para eles. A pele estava toda arrepiada. Não apenas arrepiada, mas parecendo coberta de bulbos brancos como ovos de insetos. Os dois olharam sem dizer nada, como se olhando para uma exposição interessante de museu. O arrepio lentamente desapareceu.

No silêncio que se seguiu, Audra disse:

— E sei uma outra coisa. Alguém te ligou hoje de manhã dos Estados Unidos e disse que você tem que me deixar.

Ele se levantou, olhou rapidamente para as garrafas de bebida, entrou na cozinha e voltou com um copo de suco de laranja. Ele disse:

— Você sabe que tive um irmão e sabe que ele morreu, mas não sabe que ele foi assassinado.

Audra inspirou rapidamente.

— Assassinado! Ah, Bill, porque você nunca…

— Te contei? — Ele riu, fazendo aquele som que parecia um latido de novo. — Não sei.

— O que aconteceu?

— Morávamos em Derry na época. Houve uma enchente, mas estava no final, e George estava entediado. Eu estava de cama por causa de uma gripe. Ele queria que eu fizesse um barco de papel de jornal. Aprendi no acampamento do ano anterior. Ele disse que ia colocar para velejar pelas valas da rua Witcham e da rua Jackson, porque elas ainda estavam cheias de água. Assim, fiz o barco, ele me agradeceu e saiu, e foi a última vez que vi meu irmão George vivo. Se eu não estivesse gripado, quem sabe pudesse ter salvado ele.

Ele fez uma pausa e esfregou a bochecha esquerda com a palma da mão direita como se verificando se estava com barba por fazer. Seus olhos, ampliados pelas lentes dos óculos, pareciam pensativos… mas ele não estava olhando para ela.

— Aconteceu bem na rua Witcham, não muito longe do cruzamento com a Jackson. Quem matou ele arrancou o braço esquerdo da mesma maneira que um aluno de 2º ano arrancaria a asa de uma mosca. O legista disse que ele morreu de choque ou perda de sangue. Mas, na minha opinião, não fazia a menor diferença qual das duas coisas.

— *Meu Deus*, Bill!

— Imagino que você deve se perguntar por que nunca contei. A verdade é que eu também me pergunto. Estamos casados há 11 anos e até hoje você nunca soube o que aconteceu com Georgie. Sei sobre toda a sua família, até seus tios e tias. Sei que seu avô morreu na garagem dele em Iowa City quando estava mexendo na serra elétrica bêbado. Sei essas coisas porque pessoas casadas, independente do quanto sejam ocupadas, acabam sabendo quase tudo depois

de um tempo. E se elas ficam muito entediadas e param de escutar, acabam absorvendo de qualquer jeito, por osmose. Ou você acha que estou errado?

— Não — disse ela baixinho. — Você não está errado, Bill.

— E sempre pudemos falar um com o outro, né? Quero dizer, nenhum de nós ficou entediado o bastante pra precisar ser por osmose, certo?

— Bem — disse ela —, até hoje, sempre pensei assim.

— Pare com isso, Audra. Você sabe tudo que aconteceu comigo nos últimos 11 anos da minha vida. Cada negócio, cada ideia, cada resfriado, cada amigo, cada sujeito que me prejudicou ou tentou. Você sabe que dormi com Susan Browne. Sabe que às vezes fico sentimental quando bebo e boto discos alto demais.

— Principalmente do Grateful Dead — disse ela, e ele riu. Desta vez, ela sorriu em resposta.

— Você sabe as coisas mais importantes, as que desejo para o futuro.

— É. Acho que sim. Mas isso… — Ela fez uma pausa, balançou a cabeça, pensou por um momento. — O quanto essa ligação tem a ver com seu irmão, Bill?

— Me deixa chegar nisso do meu jeito. Não tenta me apressar pra chegar ao núcleo, senão vou ficar comprometido. É tão grande… e tão… estranhamente terrível… que estou tentando meio que me aproximar de surpresa. Sabe… nunca me ocorreu contar a você sobre Georgie.

Ela olhou para ele, franziu a testa, balançou a cabeça de leve, como se dizendo *Não entendo*.

— O que estou tentando te dizer, Audra, é que nem *pensei* em George durante vinte anos ou mais.

— Mas você me contou que tinha um irmão chamado…

— Eu repeti um *fato* — disse ele. — Só isso. O nome dele era uma palavra. Não projetava sombra nenhuma na minha mente.

— Mas acho que projetava sombra nos seus sonhos — disse Audra. Sua voz estava muito baixa.

— O gemido? O choro?

Ela assentiu.

— Acho que você pode estar certa — disse ele. — Na verdade, é quase certo que esteja. Mas sonhos que você não lembra não contam de verdade, né?

— Você está mesmo me dizendo que *nunca* pensava nele?

— Sim. Estou.

Ela balançou a cabeça, não acreditando de verdade.

— Nem mesmo na maneira horrível como ele morreu?

— Não até hoje, Audra.

Ela olhou para ele e balançou a cabeça de novo.

— Você me perguntou antes de casarmos se eu tinha irmãos ou irmãs, e eu disse que tive um irmão que morreu quando eu era criança. Você sabia que meus pais tinham morrido, e tem

tanta gente na família que ocupava todo seu campo de atenção. Mas isso não é *tudo*.

— O que você quer dizer?

— Não é só George que está naquele buraco negro. Não penso *na própria Derry* há vinte anos. Não nas pessoas com quem eu andava, Eddie Kaspbrak e Richie, o Boca, Stan Uris, Bev Marsh… — Ele passou as mãos pelo cabelo e deu uma risada trêmula. — É como ter um caso de amnésia tão severo que você não sabe que tem. E quando Mike Hanlon ligou…

— Quem é Mike Hanlon?

— Outro garoto com quem a gente andava, com quem eu andava depois que Georgie morreu. É claro que ele não é mais garoto. Nenhum de nós é. Aquele era Mike ao telefone, em ligação intercontinental. Ele disse "Alô, estou falando com a residência da família Denbrough?", e eu disse sim, e ele disse "Bill? É você?", e eu disse sim, e ele disse "Aqui é Mike Hanlon". Não significou nada pra mim, Audra. Ele podia muito bem estar vendendo enciclopédias ou discos de Burl Ives. E depois ele disse "De Derry". E quando ele disse isso, foi como se uma porta se abrisse dentro de mim e uma luz horrível brilhasse, e me lembrei de quem ele era. Me lembrei de Georgie. Me lembrei de todos os outros. Tudo isso aconteceu…

Bill estalou os dedos.

— Assim. E eu sabia que ele ia me pedir pra ir.

— Pra voltar pra Derry.

— É. — Ele tirou os óculos, esfregou os olhos, olhou para ela. Nunca na vida ela tinha visto um homem parecendo estar com tanto medo. — Pra voltar pra Derry. Porque prometemos, disse ele, e prometemos mesmo. Nós *prometemos*. Todos nós. Todas as crianças. Ficamos de pé no riacho que cortava o Barrens, demos as mãos em um círculo e cortamos as palmas com um pedaço de vidro, então éramos como um bando de crianças brincando de irmãos de sangue, só que foi real.

Ele mostrou as palmas para ela, e no centro ela conseguia ver uma série de linhas brancas como uma escada que poderiam ser cicatrizes. Ela tinha segurado a mão dele, as *duas* mãos dele, incontáveis vezes, mas nunca tinha reparado nessas cicatrizes nas palmas antes. Eram leves, sim, mas ela teria acreditado…

E a festa! Aquela festa!

Não a festa onde eles se conheceram, apesar de essa segunda formar um perfeito final de livro para a primeira, porque foi a festa de encerramento das filmagens de *Toca do demônio negro*. Foi agitada e regada a álcool, no estilo das festas típicas de Topanga Canyon. Talvez um pouco menos maliciosa do que outras festas de L. A. às quais ela tinha ido, porque a filmagem tinha sido melhor do que eles tinham o direito de esperar, e todos sabiam. Para Audra Phillips foi ainda melhor, porque ela se apaixonou por William Denbrough.

Qual era o nome da quiromante autoproclamada? Ela não conseguia lembrar agora, só que era uma das duas assistentes do maquiador. Ela se lembrava da garota tirando a blusa em algum momento da festa (deixando à mostra um sutiã *muito* transparente por baixo) e amarrando na cabeça como um turbante de cigana. Alta pela maconha e pelo vinho, ela leu

palmas de mãos pelo resto da noite… ou pelo menos até apagar.

Audra agora não conseguia lembrar se as leituras da garota foram boas ou ruins, inteligentes ou idiotas: ela mesma estava muito alta aquela noite. O que ela *lembrava* era que, em determinado ponto, a garota pegou a mão de Bill e a dela e os declarou uma combinação perfeita. Eles eram almas gêmeas, falou. Ela conseguia se lembrar de observar, com mais do que um pouco de ciúmes, enquanto a garota passava uma unha muito bem pintada pelas linhas na palma da mão dele; o quanto idiota era isso, na estranha subcultura de filmes de L. A., onde homens batiam nos traseiros de mulheres tão habitualmente quanto os homens de Nova York davam beijos nas bochechas! Mas havia algo de íntimo e duradouro naquele movimento de unha.

Não havia pequenas cicatrizes brancas nas palmas de Bill naquele dia.

Ela estava observando a interação com olhar de amante ciumenta e tinha certeza da lembrança. Certeza do *fato*.

Ela disse isso para Bill agora.

Ele assentiu.

— Você está certa. Elas não estavam lá naquela época. E apesar de eu não poder jurar com certeza, acho que não estavam aqui ontem à noite, no Plow and Barrow. Ralph e eu estávamos fazendo queda de braço de novo pra ver quem pagava a cerveja, e acho que eu teria reparado.

Ele sorriu para ela. O sorriso foi seco, sem humor e apavorante.

— Acho que voltaram quando Mike Hanlon ligou. É o que eu acho.

— Bill, isso não é possível. — Mas ela esticou a mão para pegar os cigarros.

Bill estava olhando para as mãos.

— Foi Stan que fez — disse ele. — Cortou as palmas das nossas mãos com um caco de garrafa de Coca. Consigo lembrar tão claramente agora. — Ele ergueu o olhar para Audra, e por trás dos óculos, seus olhos estavam magoados e intrigados. — Lembro como aquele pedaço de vidro brilhava sob o sol. Era um das garrafas novas e transparentes. Antes disso, as garrafas de Coca eram verdes, lembra? — Ela balançou a cabeça, mas ele não a viu. Ainda estava observando as palmas das mãos. — Eu me lembro de Stan fazendo nas mãos dele por último, fingindo que ia cortar os pulsos em vez de apenas fazer um cortezinho nas palmas das mãos. Acho que era uma espécie de brincadeira, mas quase fui pra cima dele… pra fazer ele parar. Porque por um segundo ou dois, pareceu que era para valer.

— Bill, não — disse ela com voz baixa. Desta vez, ela teve que firmar o isqueiro apoiando na mão esquerda, como um policial segurando uma arma para atirar. — Cicatrizes não voltam. Elas existem ou não existem.

— Você viu elas antes, então? É isso que está me dizendo?

— Elas são bem suaves — disse Audra, mais rispidamente do que pretendia.

— Todos nós sangramos — disse ele. — Ficamos de pé na água, não muito longe de onde Eddie Kaspbrak, Ben Hanscom e eu construímos a represa naquela vez…

— Você não está falando do arquiteto, está?

— Tem algum com esse nome?

— Meu Deus, Bill, ele construiu o novo centro de comunicações da BBC! Ainda estão discutindo se é um sonho ou um aborto!

— Bem, não sei se é o mesmo cara ou não. Não parece provável, mas acho que pode ser. O Ben que conheci era fera em construir coisas. Todos ficamos ali de pé, e eu estava segurando a mão esquerda de Bev Marsh com a minha direita e a mão direita de Richie Tozier com a minha esquerda. Ficamos de pé na água como algo saído da Convenção Batista do Sul depois de uma reunião em uma barraca, e lembro que conseguia ver a Torre de Água de Derry no horizonte. Estava tão branca quanto se imagina que as túnicas dos arcanjos sejam, e prometemos, *juramos* que, se não estivesse acabado, que se as coisas voltassem a acontecer… nós voltaríamos. E faríamos de novo. E impediríamos. Pra sempre.

— Impedir *o quê*? — gritou ela, de repente furiosa com ele. — Impedir *o quê*? De que porra você está *falando*?

— Eu queria que você não p-p-perguntasse… — começou Bill, e então parou. Ela viu uma expressão de horror confuso se espalhar no rosto dele como uma mancha. — Me dá um cigarro.

Ela passou o maço para ele. Ele acendeu um. Ela nunca o tinha visto fumar um cigarro.

— Eu era gago.

— Você era gago?

— Era. Nessa época. Você disse que eu era o único homem em L. A. que você conhecia que ousava falar devagar. A verdade é que eu não ousava falar rápido. Não era reflexão. Era deliberado. Não era sabedoria. Todos os ex-gagos falam muito devagar. É um dos truques que aprendemos, como pensar em seu nome do meio antes de se apresentar, porque gagos têm mais problemas com substantivos do que qualquer outra palavra, e a palavra dentre todas no mundo que provoca maiores dificuldades é o primeiro nome deles.

— Gago. — Ela deu um pequeno sorriso, como se ele tivesse contado uma piada e ela não tivesse entendido.

— Até Georgie morrer, eu gaguejava moderadamente — disse Bill, e já tinha começado a ouvir as palavras dobradas na mente, como se estivessem infinitesimalmente separadas no tempo; as palavras saíam suavemente, em sua forma lenta e cadenciada de sempre, mas em sua mente ele ouvia palavras como *Georgie* e *moderadamente* se sobreporem e se tornarem *Juh-Juh-Georgie* e *m-moderadamente*. — Quero dizer, eu tinha momentos realmente ruins, em geral quando era chamado na aula, e principalmente se eu sabia a resposta e quisesse dar, mas em geral eu me virava. Depois que Georgie morreu, piorou muito. Depois, por volta de 14 ou 15 anos, as coisas começaram a melhorar de novo. Eu estudava na escola Chevrus High em Portland, e havia uma fonoaudióloga lá, a sra. Thomas, que era mesmo ótima. Ela me ensinou uns bons truques. Como pensar no meu nome do meio antes de dizer “Oi, sou Bill Denbrough” em voz alta. Eu estava tendo aula de francês básico e ela me ensinou a mudar pra francês se ficasse entalado em uma palavra. Então, se eu estivesse me sentindo o maior babaca do

mundo, dizendo “ess-ess-esse li-li li-li” sem parar como um disco quebrado, era só trocar pra francês e *“ce livre”* saía fluindo pela boca. Sempre funcionava. E assim que eu dizia em francês, dava pra voltar e dizer “esse livro” sem nenhum problema. Se eu ficava entalado em uma palavra com s, como sapo, skate ou slogan, era só cecear, pronunciar o S com a língua apoiada nos dentes. Eu não gaguejava.

“Tudo isso ajudava, mas o principal era que eu estava esquecendo Derry e tudo que aconteceu lá. Porque foi quando comecei a esquecer pra valer. Quando estávamos morando em Portland e eu estudava na Chevrus. Não me esqueci de tudo de uma vez, mas ao olhar pra trás agora, tenho que dizer que aconteceu em um período incrivelmente curto de tempo. Talvez menos de quatro meses. Minha gagueira e minhas lembranças desapareceram juntas. Alguém lavou o quadro, e todas as velhas equações sumiram.”

Ele tomou o que ainda restava de suco.

— Quando eu gaguejei em “perguntasse” alguns segundos atrás, foi a primeira vez em talvez 21 anos.

Ele olhou para ela.

— Primeiro, as cicatrizes, depois a gaa-gueira. Está o-ouvindo?

— Você está fazendo de propósito! — disse ela, bastante assustada.

— Não. Acho que não tem jeito de convencer alguém disso, mas é verdade. Gaguejar é estranho, Audra. Assustador. Em certo nível, você nem percebe que está acontecendo. Mas… também é uma coisa que você consegue ouvir com a mente. É como se parte da sua cabeça estivesse funcionando à frente do resto. Ou um daqueles sistemas de som que os jovens colocavam nos calhambeques nos anos 1950, em que o som do alto-falante de trás saía uma fração de segundo depois que o do da fr-frente.

Ele se levantou e andou com impaciência pela sala. Parecia cansado, e ela pensou com certo incômodo no quanto ele tinha trabalhado duro nos últimos 13 anos, como se fosse possível justificar o talento moderado com trabalho frenético, quase sem parar. Ela se viu tendo um pensamento ruim e tentou afastá-lo, mas ele não sumiu. E se a ligação de Bill tivesse sido mesmo de Ralph Foster, convidando-o para ir ao Plow and Barrow para uma hora de queda de braço ou gamão, ou talvez de Freddie Firestone, o produtor de *Sótão*, por causa de algum problema? Talvez até “uma série de coisas erradas”, como a esposa britânica do médico que morava na rua dizia?

A que esses pensamentos levavam?

Ora, à ideia de que toda essa coisa de Derry e Mike Hanlon não passava de alucinação. Uma alucinação despertada por um colapso nervoso em fase inicial.

Mas as cicatrizes, Audra. Como você explica as cicatrizes? Ele está certo. Não estavam lá… e agora, estão. Essa é a verdade e você sabe.

— Me conta o resto — disse ela. — Quem matou seu irmão George? O que você e essas outras crianças fizeram? O que vocês prometeram?

Ele foi até ela, se ajoelhou como um homem antiquado prestes a pedi-la em casamento e

segurou as mãos dela.

— Acho que eu poderia te contar — disse ele baixinho. — Acho que, se eu realmente quisesse, poderia. Não me lembro da maior parte mesmo agora, mas depois que começasse a falar, tudo viria. Consigo sentir algumas dessas lembranças… esperando pra nascer. São como nuvens cheias de chuva. Só que seria uma chuva muito suja. As plantas que crescessem depois de uma chuva assim seriam monstros. Talvez eu possa encarar isso com os outros…

— Eles sabem?

— Mike disse que ligou pra todos. Acha que todos vão… menos Stan, talvez. Ele disse que Stan parecia estranho.

— *Tudo* me parece estranho. Você está me assustando muito, Bill.

— Sinto muito — disse ele, e beijou-a. Foi como receber um beijo de um estranho. Ela se viu odiando esse tal de Mike Hanlon. — Achei que devia explicar o máximo que podia; achei que fosse melhor do que sair escondido à noite. Acho que alguns talvez façam isso. Mas preciso ir. E acho que Stan também vai estar lá, por mais estranho que estivesse. Ou talvez só não consiga me imaginar não indo.

— Por causa do seu irmão?

Bill balançou a cabeça devagar.

— Eu poderia dizer isso, mas seria mentira. Eu o amava. Sei o quanto isso pode parecer estranho depois de eu contar que não pensava nele havia uns vinte anos, mas eu amava aquele moleque *demais*. — Ele sorriu um pouco. — Ele era um manezão, mas eu o amava. Entende?

Audra, que tinha uma irmã mais nova, assentiu.

— Entendo.

— Mas não é por George. Não consigo explicar o que é. Eu…

Ele olhou pela janela para a névoa matinal.

— Sinto como um pássaro deve se sentir quando chega o outono e ele sabe… apenas sabe que precisa voar pra casa. É instinto, querida… e acho que acredito que o instinto é o esqueleto de ferro sob todas as nossas ideias e livre-arbítrio. A não ser que você esteja disposto a tirar a própria vida, acabar com seu futuro, comprar bilhete só de ida pro inferno, tem coisas pras quais não dá pra dizer não. Você não pode recusar sua opção porque não há opção. Não pode impedir que aconteça tanto quanto não dá pra ficar parado na primeira base com o taco na mão esperando a bola de beisebol te acertar. Tenho que ir. Aquela promessa… está na minha mente como um an-anzol.

Ela ficou de pé e andou até ele; sentia-se muito frágil, como se pudesse se partir. Colocou a mão no ombro dele e o virou para si.

— Me leva com você então.

A expressão de horror que surgiu no rosto dele nesse momento, não horror *a* ela, mas *por* ela, foi tão nua que ela recuou, sentindo medo de verdade pela primeira vez.

— Não — disse ele. — Nem pense nisso, Audra. Nunca pense nisso. Você não vai chegar nem a 5 mil quilômetros de Derry. Acho que Derry vai ser um lugar bem ruim para se estar

durante as próximas duas semanas. Você vai ficar aqui, seguir em frente e dar todas as desculpas por mim que precisar. Agora me prometa isso!

— Devo prometer? — perguntou ela, sem tirar os olhos dos dele. — Devo, Bill?

— Audra…

— Devo? Você fez uma promessa, e veja em que ela te meteu. E eu também, já que sou sua esposa e amo você.

As mãos grandes dele apertaram dolorosamente os ombros dela.

— Me prometa! Prometa! P-pro-pro-pro-o…

E ela não conseguiu suportar aquilo, aquela palavra partida presa na boca como um peixe capturado por um arpão e se contorcendo.

— Eu prometo, tá? Prometo! — Ela começou a chorar. — Está feliz agora? Jesus! Você é maluco, a coisa toda é maluca, mas eu prometo!

Ele passou um braço em torno dela e a levou até o sofá. Levou conhaque para ela. Ela bebericou e foi readquirindo o controle um pouco de cada vez.

— Quando você vai então?

— Hoje — disse ele. — De concorde. Consigo chegar se for de carro até Heathrow em vez de pegar o trem. Freddie queria me ver no set depois do almoço. Você vai na frente às nove e não sabe de nada, certo?

Ela assentiu com relutância.

— Vou estar em Nova York antes de qualquer coisa parecer estranha. E em Derry antes do pôr do sol se pegar as co-c-conexões certas.

— E quando te vejo de novo? — perguntou ela baixinho.

Ele passou o braço ao redor dela e a abraçou com força, mas nunca respondeu a pergunta dela.

DERRY:

PRIMEIRO INTERLÚDIO

“Quantos olhos humanos…
tiveram vislumbres das
anatomias secretas deles
ao longo da passagem dos anos?”
—Clive Barker, *Livros de Sangue*

O segmento abaixo e todos os outros segmentos de Interlúdio *são tirados de* Derry: uma história não autorizada da cidade*, escrito por Michael Hanlon. É uma coletânea inédita de anotações e fragmentos de manuscrito (escritos quase como trechos de diário) encontrados no cofre da Biblioteca Pública de Derry. O título dado é o que está escrito na capa do fichário no qual as anotações eram guardadas antes de aparecerem aqui. No entanto, o autor se refere ao trabalho várias vezes ao longo das próprias notas como* Derry: uma olhada pela porta dos fundos do inferno.

Algumas pessoas acreditam que a ideia de uma publicação popular mais do que passou pela mente do sr. Hanlon.

2 de janeiro de 1985

Uma cidade inteira pode ser assombrada?

Assombrada como algumas casas em teoria são?

Não uma única construção nessa cidade, nem a esquina de uma única rua, nem uma única quadra de basquete em um único parque, com a cesta sem rede se destacando ao pôr do sol como um instrumento obscuro e sangrento de tortura, não só uma área… mas *tudo*. A cidade toda.

Isso é possível?

Escute:

Assombrada: "Visitada com frequência por fantasmas e espíritos." Funk and Wagnalls.

Assombrador: "Recorrente à mente com persistência; difícil de esquecer." Idem Funk e Amigo.

Assombrar: "Aparecer ou retornar com frequência, principalmente como fantasma." *Mas*, escute! "*Um lugar visitado com frequência*: local de visitas, sala de estar, ponto de encontro…" O itálico é meu, é claro.

E mais uma. Esta, como a última, é uma definição de *assombro* como substantivo, e é a que realmente me apavora: *"Um local de alimentação para animais."*

Como os animais que surraram Adrian Mellon e o jogaram da ponte?

Como o animal que estava esperando debaixo da ponte?

Um local de alimentação para animais.

O que está se alimentando em Derry? O que está se alimentando *de* Derry?

Sabe, é um tanto interessante. Eu não sabia que era possível um homem ficar tão apavorado quanto fiquei desde a história de Adrian Mellon e continuar a viver, e mais ainda de forma eficiente. É como se eu tivesse caído em uma história, e todo mundo sabe que você não deve sentir tanto medo antes do *final* da história, quando o assombrador do escuro finalmente sai do esconderijo para se alimentar… de você, é claro.

De *você*.

Mas se isso é uma história, não é uma das clássicas apavorantes de Lovecraft, Bradbury ou Poe. Eu sei, entende. Não tudo, mas muita coisa. Não comecei simplesmente quando abri o *Derry News* um dia em setembro, li a transcrição da audiência preliminar do jovem Unwin e me dei conta de que o palhaço que matou George Denbrough podia muito bem ter voltado. Comecei por volta de 1980. Acho que é quando uma parte de mim que estava adormecida despertou… sabendo que a hora da Coisa podia estar voltando.

Que parte? A parte sentinela, eu acho.

Ou talvez fosse a voz da Tartaruga. Sim… acho mesmo que foi isso. Sei que seria nisso que Bill Denbrough acreditaria.

Descobri notícias de velhos horrores em livros velhos; li informações de velhas atrocidades em periódicos velhos; sempre no fundo da minha mente, cada dia um pouco mais alto, ouvi o murmurar repetitivo de uma força crescente e coalescente; pareci sentir o aroma amargo de relâmpagos futuros. Comecei a tomar notas para um livro que quase certamente não viverei para escrever. E, ao mesmo tempo, prossegui com a vida. Em um nível da mente, eu estava e estou vivendo com os horrores mais grotescos e apavorantes; em outro, continuei a viver a vida mundana de bibliotecário de cidade pequena. Coloco livros em prateleiras; faço carteiras de biblioteca para novos associados; desligo os leitores de microfilmes que usuários descuidados às vezes deixam ligados; brinco com Carole Danner sobre o quanto gostaria de ir para a cama com ela, e ela responde brincando sobre o quanto gostaria de ir para a cama comigo, e nós dois sabemos que ela está brincando e eu não, assim como nós dois sabemos que ela não vai ficar em um lugarzinho como Derry por muito tempo e eu vou ficar aqui até morrer, colando páginas arrancadas da *Business Week*, sentado nas reuniões mensais de aquisições com meu cachimbo em uma das mãos e uma pilha de periódicos na outra… e acordando no meio da noite com o punho enfiado na boca para conter os gritos.

As convenções góticas estão todas erradas. Meu cabelo não ficou branco. Não sou sonâmbulo. Não comecei a fazer comentários enigmáticos nem a carregar uma prancheta no bolso do casaco esporte. Acho que gargalho um pouco mais, só isso, e às vezes deve parecer agudo e estranho, porque às vezes as pessoas me olham de um jeito esquisito quando gargalho.

Parte de mim, a parte que Bill chamaria de voz da Tartaruga, diz que devo ligar pra todos esta noite. Mas será que eu tenho certeza absoluta, mesmo agora? Será que *quero* ter certeza absoluta? Não, é claro que não. Mas Deus, o que aconteceu com Adrian Mellon é tão parecido com o que aconteceu com George, o irmão do Bill Gago, no outono de 1957.

Se *realmente* recomeçou, eu *vou* ligar para eles. Vou ter que ligar. Mas ainda não. Está cedo demais. Da última vez, começou devagar e só pegou ritmo no final de 1958. Então… eu espero. E preencho a espera com palavras neste caderno e longos momentos olhando no espelho para ver o estranho que o garoto se tornou.

O rosto do garoto era estudioso e tímido; o rosto do homem é o de um caixa de banco em um filme de faroeste, o sujeito que nunca tem falas, o que só levanta as mãos e faz cara de

medo quando os ladrões entram. E se o roteiro pede que alguém leve um tiro dos bandidos, é ele.

O mesmo velho Mike. Com os olhos um pouco vidrados, talvez, e com olheiras por sono interrompido, mas não tanto que se repararia sem olhar de perto… perto como quem vai dar um beijo, e não chego perto assim de ninguém há muito tempo. Se você desse uma olhada casual em mim, poderia pensar *Ele anda lendo livros demais*, mas só isso. Duvido que imaginaria o quanto o homem com rosto comum de caixa de banco está lutando para seguir em frente, para manter a mente sã…

Se eu precisar fazer as ligações, isso pode acabar matando alguns deles. É uma das coisas que tenho que encarar nas longas noites em que o sono não vem, noites em que fico deitado na cama com meu pijama azul conservador, com meus óculos cuidadosamente fechados na mesa de cabeceira ao lado do copo de água que sempre deixo ali para o caso de acordar com sede à noite. Fico deitado no escuro e tomo pequenos goles de água e me pergunto o quanto (ou quão pouco) eles lembram. Estou um tanto convencido de que não se lembram de *nada*, porque não *precisam* lembrar. Sou o único que escuta a voz da Tartaruga, o único que lembra, porque sou o único que ficou aqui em Derry. E como eles estão espalhados aos quatro ventos, não têm como saber os padrões idênticos que as vidas deles assumiram. Trazê-los de volta, mostrar a eles esses padrões… sim, pode matar alguns deles. Pode matar *todos* eles.

Assim, passo e repasso na mente; penso *neles*, procuro recriá-los como eram e como podem estar agora, tentando decidir qual deles é o mais vulnerável. Richie “Boca de Lixo” Tozier, às vezes eu penso; era ele que Criss, Huggins e Bowers pareciam pegar com mais frequência, apesar de Ben ser tão gordo. Era de Bowers que Richie tinha mais medo, de quem todos tinham mais medo, mas os outros costumavam deixá-lo morrendo de medo também. Se eu ligar para ele na Califórnia, será que ele veria como um horrível Retorno dos Grandes Valentões, dois saídos do túmulo e um de um manicômio em Juniper Hill, onde delira até os dias de hoje? Às vezes acho que Eddie era o mais fraco, Eddie com sua mãe tanque de guerra dominadora e o terrível caso de asma. Beverly? Ela sempre tentava botar banca de durona, mas tinha tanto medo quanto todos nós. Bill Gago, cara a cara com um horror que não some quando ele coloca a capa da máquina de escrever? Stan Uris?

Há uma lâmina de guilhotina pendurada acima das vidas deles, afiadíssima, mas quanto mais eu penso, mais acho que eles não sabem que a lâmina está lá. Sou eu quem está com a mão na alavanca. Posso puxá-la apenas abrindo o caderno de telefones e ligando para eles, um após o outro.

Talvez eu não precise fazer isso. Eu me prendo à esperança efêmera de que confundi os gritos da minha mente tímida com a voz mais profunda e verdadeira da Tartaruga. Afinal, o que tenho? Mellon em julho. Uma criança encontrada morta na rua Neibolt em outubro, outra encontrada no Parque Memorial no começo de dezembro, pouco antes de começar a nevar. Talvez fosse um mendigo, como os jornais diziam. Ou um louco que já foi embora de Derry ou se matou por remorso e nojo de si mesmo, como alguns dos livros dizem que o verdadeiro

Jack o Estripador deve ter feito.

Talvez.

Mas a garota Albrecht foi encontrada na calçada do outro lado da rua da maldita casa velha na rua Neibolt… e foi morta no mesmo dia que George Denbrough, 27 anos antes. E o garoto Johnson, encontrado no Parque Memorial sem uma das pernas do joelho para baixo. O Parque Memorial é o lar da Torre de Água de Derry, e o garoto foi encontrado quase na base dela. A Torre de Água fica a um grito do Barrens; a Torre de Água também é onde Stan Uris viu aqueles garotos.

Aqueles garotos mortos.

Ainda assim, podia não passar de fumaça e miragens. *Podia* ser. Ou coincidência. Ou talvez algum meio-termo entre os dois, um tipo de eco maléfico. Seria possível? Eu sinto que sim. Aqui em Derry, *qualquer coisa* seria possível.

Acho que o que esteve aqui antes ainda está, a coisa que estava aqui em 1957 e 1958; a coisa que estava aqui em 1929 e 1930 quando o Black Spot foi incendiado pela Legião de Decência Branca do Maine; a coisa que estava aqui em 1904 e 1905 e no começo de 1906, pelo menos até a Siderúrgica Kitchener explodir; a coisa que estava aqui em 1876 e 1877, a coisa que aparece a cada 27 anos, mais ou menos. Às vezes, aparece um pouco antes, às vezes, um pouco depois… mas sempre vem. Quanto mais no passado, mais difícil é de encontrar os eventos, porque há menos registros e os buracos na história narrativa da área ficam maiores. Mas saber para onde olhar (e *quando* olhar) ajuda muito a resolver o problema. Ela sempre volta, sabe.

A Coisa.

Então, sim. Acho que vou ter que fazer aquelas ligações. Acho que era para sermos nós. De alguma forma, por algum motivo, somos os eleitos para acabar com isso para sempre. Destino cego? Sorte cega? Ou é aquela maldita Tartaruga de novo? Será que ela também dá ordens além de falar? Não sei. E duvido que importe. Todos esses anos atrás, Bill disse *A Tartaruga não pode nos ajudar*, e se era verdade na época, deve ser verdade agora.

Penso em nós de pé na água, com as mãos dadas, fazendo aquela promessa de voltar se tudo recomeçasse; de pé quase como druidas em um círculo, com as mãos sangrando uma promessa própria, palma com palma. Um ritual que talvez seja tão velho quanto a própria humanidade, uma torneira inconsciente presa à árvore de todo poder, a que cresce no limite entre a terra que conhecemos e aquela da qual todos desconfiamos.

Porque as similaridades…

Mas estou bancando o Bill Denbrough aqui, gaguejando sobre a mesma coisa sem parar, recitando poucos fatos e muitas suposições desagradáveis (e um tanto fugidias), ficando mais e mais obsessivo a cada parágrafo. Não é bom. É inútil. Perigoso, até. Mas é tão difícil acompanhar os eventos.

Este caderno é para ser um esforço para superar essa obsessão com a ampliação do foco da minha atenção. Afinal, há mais nesta história do que seis garotos e uma garota, nenhum deles

feliz, nenhum deles aceito pelos colegas, que tropeçaram em um pesadelo durante um verão quente quando Eisenhower ainda era presidente. É uma tentativa de afastar um pouco a câmera, para ver a cidade inteira, um lugar onde quase 35 mil pessoas trabalham e comem e dormem e copulam e compram e dirigem e andam e vão para a escola e vão para a cadeia e às vezes desaparecem no escuro.

Para saber o que um lugar *é*, realmente acredito que é preciso saber o que ele *foi*. E se eu tivesse que citar um dia em que tudo isso recomeçou para mim, seria o dia no começo da primavera de 1980 quando fui ver Albert Carson, que morreu no verão passado. Aos 91 anos, ele teve uma vida longa e honrada. Foi o bibliotecário chefe daqui de 1914 a 1960, um período incrível (mas ele era um homem incrível), e eu achava que se alguém saberia por qual história desta área era melhor começar, seria Albert Carson. Fiz minha pergunta quando estávamos sentados na varanda dele, e ele me deu minha resposta, falando em um grasnado, pois já estava lutando contra o câncer de garganta que acabaria por matá-lo.

— Nenhuma vale porra nenhuma. Como você sabe muito bem.

— Então onde devo começar?

— Começar o que, por Deus?

— A pesquisar a história da área. Do município de Derry.

— Ah. Bem. Comece com o Fricke e o Michaud. Em teoria, são os melhores.

— E depois de eu ler esses…

— *Ler*? Deus, não! Jogue os dois no lixo! Esse é seu primeiro passo. Depois, leia Buddinger. Branson Buddinger era um pesquisador descuidado e sofria de ereção terminal, se metade do que ouvi quando criança for verdade, mas quando se tratava de Derry, suas intenções eram as melhores. Ele errou na maior parte dos fatos, mas errou com *sentimento*, Hanlon.

Eu ri um pouco, e Carson sorriu com lábios grossos, com uma expressão de bom humor que era na verdade meio apavorante. Naquele instante, ele pareceu um abutre vigiando alegremente um animal recém-morto, esperando que chegasse ao estágio certo de decomposição antes de começar a jantar.

— Quando você terminar Buddinger, leia Ives. Tome nota sobre todas as pessoas com quem ele conversou. Sandy Ives ainda está na Universidade do Maine. É folclorista. Depois que ler o livro dele, vá vê-lo. Pague um jantar. Eu o levaria ao Orinoka, porque o jantar no Orinoka parece não terminar *nunca*. Extraia informações. Encha um caderno com nomes e endereços. Fale com o pessoal antigo com quem ele conversou, os que ainda estão vivos. Ainda tem alguns de nós, ah-hah-hah-hah! E consiga mais alguns nomes com eles. Aí você terá tudo de que precisa se tiver metade da inteligência que eu acho que você tem. Se você for atrás de pessoas o suficiente, vai descobrir algumas coisas que não estão nos livros de história. E pode descobrir que elas vão perturbar seu sono.

— Derry…

— O que tem?

— Derry não é normal, é?

— Normal? — perguntou ele naquele sussurro rouco. — O que é normal? O que essa palavra significa? É "normal" belas fotos do Kenduskeag ao pôr do sol, com o filme tal da Kodachrome, com determinada abertura relativa? Se for, então Derry é normal, porque há belas fotos dela às pencas. É normal um comitê maldito de velhas virgens salvar a Mansão do Governador ou colocar uma placa comemorativa na frente da Torre de Água? Se *isso* for normal, então Derry é tão normal quanto a chuva, porque temos mais do que nossa cota de xeretas tomando conta das coisas dos outros. É normal aquela estátua feia de plástico de Paul Bunyan na frente do City Center? Ah, se eu tivesse um caminhão de napalm e meu velho isqueiro Zippo, eu cuidaria *daquela* merda, eu te garanto… mas se a estética de alguém for ampla o bastante pra incluir estátuas de plástico, então Derry é normal. A pergunta é: o que normal significa pra você, Hanlon? Hein? Mais diretamente, o que normal *não* significa?

Eu só conseguia balançar a cabeça. Ele sabia ou não sabia. Contaria ou não contaria.

— Você está falando das histórias desagradáveis que pode ouvir ou das que já sabe? *Sempre* há histórias desagradáveis. A história de uma cidade é como uma mansão velha e irregular cheia de aposentos e buracos e passagens de roupa suja e sótãos e todo tipo de pequenos esconderijos excêntricos… sem mencionar uma ocasional passagem secreta ou duas. Se você for explorar a Mansão Derry, vai encontrar todo tipo de coisas. Sim. Pode se lamentar mais tarde, mas vai encontrar, e quando uma coisa é encontrada, não pode mais ser desencontrada, pode? Alguns dos aposentos estão trancados, mas há chaves… Há chaves.

Os olhos dele cintilaram para mim com astúcia de homem idoso.

— Você pode acabar pensando que tropeçou nos piores segredos de Derry… mas sempre tem mais um. E mais um. E mais um.

— Você…?

— Acho que vou ter que pedir licença agora. Minha garganta está péssima hoje. Está na hora dos meus remédios e da minha soneca.

Em outras palavras, aqui estão a faca e o garfo, amigo; vá ver o que consegue cortar com eles.

Comecei com a história de Fricke e a história de Michaud. Segui o conselho de Carson e joguei os dois no lixo, mas li primeiro. Eram tão ruins quanto ele sugeriu. Li o Buddinger, copiei as notas de pé de página e fui atrás delas. Isso foi mais do que satisfatório, mas notas de pé de página são coisas peculiares, sabe, como trilhas por um lugar selvagem e anárquico. Elas se abrem e se abrem de novo; em determinado ponto você pode pegar uma saída errada, que vai te levar a um beco sem saída ou a um pântano de areia movediça. "Se você encontrar uma nota de pé de página", disse um professor de biblioteconomia para uma turma da qual eu fazia parte, "pise na cabeça dela e mate antes que se reproduza".

Elas se *reproduzem* sim, e às vezes essa reprodução é uma coisa boa, mas acho que o mais comum é não ser. As presentes no livro rigidamente escrito de Buddinger, *Uma história da velha Derry* (Orono: University of Maine Press, 1950), abordam cem anos de livros

esquecidos e dissertações de mestrado poeirentas nos campos de história e folclore, passando por artigos em revistas que não existem mais e pilhas de relatórios municipais e livros de registro de entorpecer o cérebro.

Minhas conversas com Sandy Ives foram mais interessantes. As fontes dele se cruzavam com as de Buddinger de tempos em tempos, mas era mesmo apenas um cruzamento. Ives passou boa parte da vida transcrevendo histórias orais, ou seja, contos, quase ao pé da letra, uma prática que Branson Buddinger certamente veria como o pior caminho.

Ives escreveu um ciclo de artigos sobre Derry entre os anos de 1963 e 1966. A maior parte dos cidadãos antigos com quem ele conversou na época estava morta quando comecei minhas investigações, mas eles tinham filhos, filhas, sobrinhos, primos. E, é claro, um dos grandes fatos verdadeiros do mundo é este: para cada cidadão antigo que morre, há um novo cidadão antigo que toma seu lugar. E uma boa história nunca morre; é sempre passada adiante. Sentei-me em muitas varandas e degraus de fundos de casas, bebi muito chá, cerveja Black Label, cerveja caseira, *root beer* caseira, água da torneira, água mineral. Ouvi bastante, e as engrenagens do meu gravador giraram.

Tanto Buddinger quanto Ives concordavam completamente em um ponto: o grupo original de colonizadores brancos chegava a cerca de trezentas pessoas. Eram ingleses. Tinham autorização e eram formalmente conhecidos como a Companhia Derrie. A terra dada a eles cobria o que é Derry hoje, a maior parte de Newport e pequenas partes das cidades ao redor. E no ano de 1741, todo mundo do município de Derry simplesmente desapareceu. As pessoas estavam lá em junho daquele ano, uma comunidade que naquela época chegava a 340 almas, mas em outubro, tinham sumido. O pequeno vilarejo de casas de madeira estava completamente deserto. Uma delas, que ficava aproximadamente no local onde as ruas Witcham e Jackson se cruzam hoje, estava totalmente queimada. O livro de história de Michaud afirma com veemência que todos os habitantes foram mortos por índios, mas não há base (fora aquela única casa queimada) para essa ideia. É mais provável que o fogão tenha ficado quente demais e a casa pegou fogo.

Massacre índio? Duvidoso. Não havia ossos, não havia corpos. Inundação? Não naquele ano. Doença? Não há notícia sobre isso nas cidades ao redor.

Eles simplesmente desapareceram. Todo mundo. Todas as 340 pessoas. Sem deixar rastros.

Até onde sei, o único caso remotamente parecido na história americana é o desaparecimento dos colonizadores em Roanoke Island, Virginia. Todos os estudantes do país conhecem essa, mas quem sabe sobre o desaparecimento em Derry? Nem mesmo as pessoas que moram aqui, aparentemente. Perguntei a vários estudantes de segundo segmento do ensino fundamental que estão fazendo o curso exigido de história do Maine e nenhum sabia sobre isso. Então, verifiquei o livro, *O Maine antes e agora*. Há mais de quarenta ocorrências sobre Derry, a maior parte sobre os anos prósperos da indústria madeireira. Nada sobre o desaparecimento dos colonizadores originais… Mas esse… Como devo chamar? Esse

silêncio também se encaixa no padrão.

Existe uma espécie de cortina de silêncio que cobre a maior parte do que aconteceu aqui… mas as pessoas *falam*. Acho que nada pode impedir as pessoas de falarem. Mas você precisa ouvir com atenção, e essa é uma capacidade rara. Tenho orgulho de ter desenvolvido isso nos últimos quatro anos. Se não tivesse, minha aptidão para o serviço seria mesmo muito ruim, porque tive prática suficiente. Um homem idoso me contou que a esposa ouvia vozes que falavam com ela pelo ralo da pia da cozinha nas três semanas antes de a filha deles morrer, isso no início do inverno de 1957-1958. A garota sobre quem ele falou estava entre as primeiras vítimas da série de assassinatos que começou com George Denbrough e só terminou no verão seguinte.

— Um monte de vozes, todas elas falando ao mesmo tempo — ele me disse. Ele era dono de um posto Gulf na rua Kansas e falava entre idas lentas e claudicantes até as bombas, onde enchia tanques de gasolina,verificava níveis de óleo e limpava para-brisas. — Ela disse que respondeu uma vez, apesar de estar com medo. Se inclinou por cima do ralo, pode acreditar, e gritou direto pra ele. “Quem diabos é você?”, grita ela. “Qual é seu nome?” E todas essas vozes responderam, disse ela, gemidos e falatórios e gritos e gritinhos, gargalhadas e berros, sabe. E ela disse que estavam dizendo o que o homem possuído disse pra Jesus: “Nosso nome é Legião”, elas disseram. Ela não chegou perto daquela pia durante dois anos. Durante esses dois anos, eu passei 12 horas aqui me arrebentando e depois tinha que voltar pra casa e lavar toda a porcaria de louça.

Ele estava tomando uma lata de Pepsi saída de uma máquina do lado de fora do escritório, um homem de 72 ou 73 anos com macacão surrado de trabalho e rios de rugas saindo dos cantos dos olhos e boca.

— A essa altura, você deve pensar que sou doido de pedra — disse ele —, mas vou te contar outra coisa se você desligar esse seu troço aí.

Desliguei o gravador e sorri para ele.

— Considerando algumas das coisas que ouvi nos últimos dois anos, você teria que ir bem mais longe pra me convencer que é doido — eu disse.

Ele sorriu em resposta, mas não havia humor naquele sorriso.

— Eu estava lavando a louça uma noite, como sempre. Isso foi no outono de 1958, depois que as coisas tinham se ajeitado. Minha esposa estava dormindo no andar de cima. Betty foi a única filha que Deus nos deu, e depois que foi morta, minha esposa passava muito do tempo dela dormindo. De qualquer modo, puxei o tampão, e a água começou a escorrer da pia. Sabe o som que água cheia de sabão faz quando desce pelo ralo? Meio que um som de sugar. Estava fazendo esse barulho, mas eu não estava pensando nisso, só em sair pra cortar lenha no galpão, e quando aquele som começou a sumir, ouvi minha filha lá embaixo. Ouvi Betty em algum lugar daqueles malditos canos. Rindo. Ela estava em algum lugar lá embaixo no escuro, rindo. Só que parecia mais que ela estava gritando se você prestasse atenção. Ou as duas coisas. Gritando e rindo lá embaixo nos canos. Foi a única vez que ouvi uma coisa assim.

Talvez eu tenha imaginado. Mas… acho que não.

Ele olhou para mim, e eu olhei para ele. A luz entrando pelas janelas sujas e batendo no rosto dele aumentou seu número de anos, o fez parecer tão velho quanto Matusalém. Eu me lembro do quanto senti frio naquele momento; muito frio.

— Você acha que estou inventando pra você? — o homem idoso me perguntou, o homem idoso que teria 45 anos em 1957, o homem idoso a quem Deus deu uma única filha, Betty Ripsom por batismo. Betty foi encontrada na rua Outer Jackson depois do Natal daquele ano, congelada, com o corpo aberto.

— Não — eu disse. — Não acho que você esteja inventando pra mim, sr. Ripsom.

— E você também está falando a verdade — disse ele com uma espécie de assombro. — Consigo ver no seu rosto.

Acho que ele pretendia me contar mais alguma coisa, mas o sino atrás de nós tocou quando um carro passou por cima da mangueira e encostou ao lado das bombas. Quando o sino tocou, nós dois pulamos e demos um gritinho. Ripsom ficou de pé e mancou até o carro, limpando as mãos em um pedaço de estopa. Quando voltou, olhou para mim como se eu fosse um estranho desagradável que tinha acabado de chegar da rua. Eu me despedi e fui embora.

Buddinger e Ives concordam em outra coisa: as coisas não são muito normais aqui em Derry; as coisas em Derry *nunca* foram normais.

Vi Albert Carson pela última vez um mês antes de ele morrer. Sua garganta tinha piorado muito; ele só conseguiu sibilar um pequeno sussurro:

— Ainda está pensando em escrever uma história de Derry, Hanlon?

— Ainda estou brincando com a ideia — eu disse, mas é claro que nunca planejei escrever nenhuma história do município, não exatamente, e eu acho que ele sabia.

— Você demoraria vinte anos — sussurrou ele — e ninguém leria. Ninguém iria *querer* ler. Deixa pra lá, Hanlon.

Ele fez uma pausa e acrescentou:

— Buddinger cometeu suicídio, sabe?

É claro que eu sabia disso, mas só porque as pessoas sempre falam e eu aprendi a ouvir. O artigo no *News* chamou de queda por acidente, e era verdade que Branson Buddinger tinha tido uma queda. O que o *News* deixou de mencionar foi que ele caiu de um banco no armário e estava com uma corda ao redor do pescoço.

— Você sabe sobre o ciclo?

Olhei para ele assustado.

— Ah, sim — sussurrou Carson. — Eu sei. A cada 26 ou 27 anos. Buddinger também sabia. Muitos dos cidadãos mais antigos sabem, apesar de ser uma coisa sobre a qual eles não falem, mesmo se você os encher de bebida. Deixa pra lá, Hanlon.

Ele esticou a mão que mais parecia uma garra de pássaro. Fechou ao redor do meu pulso, e consegui sentir o câncer quente que estava solto e devorando o corpo dele, consumindo qualquer coisa e tudo que ainda havia para consumir. Não que houvesse muito na época; a

despensa de Albert Carson estava quase vazia.

— Michael, não é o tipo de coisa com que você quer se meter. Tem coisas aqui em Derry que mordem. Deixa pra lá. *Deixa pra lá.*

— Não posso.

— Então tome cuidado — disse ele. De repente, os olhos enormes e apavorados de uma criança estavam olhando pelo rosto de homem moribundo. — *Cuidado.*

Derry.

Minha cidade natal. Batizada em homenagem ao condado com o mesmo nome na Irlanda.

Derry.

Eu nasci aqui, no Derry Home Hospital; estudei na Escola Derry; fiz o segundo segmento do fundamental na Ninth Street Middle School; fiz o ensino médio na Derry High. Estudei na Universidade do Maine; "não é Derry, mas fica ali na esquina", dizem os antigos, e depois voltei para cá. Para a Biblioteca Pública de Derry. Sou um homem de cidade pequena vivendo uma vida de cidade pequena, uma dentre milhões.

Mas.

Mas:

Em 1879, uma equipe de lenhadores encontrou os restos de outra equipe que tinha passado o inverno presa no acampamento no Upper Kenduskeag, na ponta do que as crianças ainda chamam de Barrens. Havia nove deles, todos partidos em pedacinhos. Cabeças rolaram… sem mencionar braços… um pé ou dois… e o pênis de um homem tinha sido pregado em uma das paredes da casa.

Mas:

Em 1851, John Markson matou toda a família com veneno e depois, sentado no meio do círculo que fez com os corpos, engoliu um cogumelo venenoso inteiro. Suas dores ao morrer devem ter sido intensas. O policial municipal que o encontrou escreveu no relatório que a princípio achou que o corpo estivesse sorrindo para ele; ele escreveu sobre "o terrível sorriso branco de Markson". O sorriso branco era uma porção inteira do cogumelo venenoso; Markson continuou a comer mesmo quando as câimbras e os espasmos musculares excruciantes já deviam ter começado a massacrar seu corpo em vias de morrer.

Mas:

No domingo de Páscoa de 1906, os donos da Siderúrgica Kitchener, que ficava onde agora é o novíssimo Derry Mall, fizeram uma caçada a ovos de Páscoa para "todas as boas crianças de Derry". A caçada aconteceu no enorme prédio da siderúrgica. Áreas perigosas foram fechadas e os funcionários se ofereceram para montar guarda e garantir que nenhum menino ou menina aventureiro tentasse passar por baixo das barreiras e explorar. Quinhentos ovos de Páscoa de chocolate embrulhados com laços coloridos foram escondidos no resto do prédio. De acordo com Buddinger, havia pelo menos uma criança presente para cada um desses ovos. Elas corriam rindo e saltitando e gritando pela siderúrgica silenciosa de domingo, encontrando ovos debaixo de enormes tonéis, dentro de gavetas da escrivaninha do

supervisor, equilibrados entre dentes enferrujados de rodas dentadas, dentro de formas no terceiro andar (nas fotos velhas, essas formas pareciam formas de cupcake da cozinha de algum gigante). Três gerações da família Kitchener estavam lá para ver a confusão alegre e para dar prêmios no final da busca, que ia acontecer às 16h, independentemente de todos os ovos terem sido encontrados. O final acabou acontecendo 45 minutos antes, às 15h15. Foi nessa hora que a siderúrgica explodiu. Setenta e duas pessoas foram retiradas mortas dos escombros antes de o sol se pôr. A contagem final foi de 102. Oitenta e oito dos mortos eram crianças. Na quarta-feira seguinte, enquanto a cidade ainda estava em contemplação perplexa da tragédia, uma mulher encontrou a cabeça de Robert Dohay, de 9 anos, presa nos galhos da macieira que tinha no quintal. Havia chocolate nos dentes de Dohay e sangue no cabelo. Ele foi o último dos mortos encontrados. Oito crianças e um adulto nunca foram encontrados. Foi a pior tragédia na história de Derry, pior até do que o incêndio no Black Spot em 1930, e nunca foi explicada. Todas as quatro caldeiras da siderúrgica estavam fechadas. Não só desligadas, mas fechadas.

Mas:

A taxa de assassinatos em Derry é seis vezes a de qualquer outra cidade de tamanho comparável na Nova Inglaterra. Tive tanta dificuldade em acreditar nas conclusões experimentais a que cheguei sobre esse assunto que passei meus números para um dos hackers do ensino médio, que passa o resto do tempo, quando não está em frente ao Commodore, aqui na biblioteca. Ele deu vários passos a mais (basta cutucar um hacker para encontrar um desempenho além das expectativas) ao acrescentar mais uma dezena de pequenas cidades ao que ele chamou de "conjunção estatística" e me mostrar um gráfico de barras gerado por computador em que Derry se destaca como uma maçã podre. "As pessoas devem estourar à toa aqui, sr. Hanlon" foi seu único comentário. Eu não respondi. Se tivesse respondido, talvez tivesse dito a ele que *alguma coisa* em Derry estourava à toa, de qualquer modo.

Aqui em Derry, crianças desaparecem sem explicação e sem serem encontradas em uma taxa de quarenta a sessenta por ano. A maior parte é de adolescentes. As pessoas supõem que eles fugiram. Acho que alguns até fogem mesmo.

E durante o que Albert Carson sem dúvida teria chamado de época do ciclo, a taxa de desaparecimento sobe a quase se perder de vista. Em 1930, por exemplo, o ano do incêndio do Black Spot, houve mais de *170* desaparecimentos de crianças em Derry. E você precisa lembrar que esses são apenas os desaparecimentos relatados à polícia e, por isso, documentados. *Não há nada de surpreendente nisso*, me contou o atual chefe de Polícia quando mostrei a estatística a ele. *Foi a Depressão. A maior parte deve ter se cansado de comer sopa de batata ou passar fome em casa e decidiu sair por aí em busca de coisa melhor.*

Em 1958, 127 crianças entre as idades de 3 a 19 anos foram registradas como desaparecidas em Derry. *Houve uma Depressão em 1958?*, eu perguntei ao chefe Rademacher. *Não,* disse ele. *Mas as pessoas se mudam muito, Hanlon. Crianças em*

particular ficam com pés inquietos. Brigam com os pais por terem chegado tarde depois de um encontro e bum, vão embora.

Mostrei ao chefe Rademacher a foto de Chad Lowe que apareceu no *Derry News* em abril de 1958. *Você acha que esse fugiu depois de uma briga com os pais por ter chegado tarde, chefe Rademacher? Ele tinha 3 anos e meio quando sumiu de vista.*

Rademacher me lançou um olhar azedo e me disse que tinha sido ótimo conversar comigo, mas se não havia mais nada, ele estava ocupado. Fui embora.

Assombrada, assombrosa, assombrar.

Visitada com frequência por fantasmas ou espíritos, como nos canos debaixo da pia; aparecer ou ressurgir com frequência, como a cada 25, 26 ou 27 anos; um local de alimentação para animais, como nos casos de George Denbrough, Adrian Mellon, Betty Ripsom, a garota Albrecht, o garoto Johnson.

Um local de alimentação para animais. Sim, é essa que *me* assombra.

Se alguma outra coisa acontecer, qualquer coisa, vou fazer as ligações. Vou ter que fazer. Enquanto isso, tenho minhas suposições, minhas inquietações e minhas lembranças, minhas malditas lembranças. Ah, e mais uma coisa: eu tenho este caderno, não é? O muro onde faço minhas lamentações. E aqui estou sentado, com a mão tremendo tanto que mal consigo usar para escrever, aqui estou sentado na biblioteca deserta depois do fechamento, ouvindo sons leves nas áreas escuras, observando sombras criadas pelas lâmpadas amarelas e fracas para ter certeza de que não se movem… não mudam.

Aqui estou sentado ao lado do telefone.

Coloco a mão livre sobre ele… deixo deslizar… toco nos buracos no disco que poderiam me botar em contato com todos eles, meus velhos amigos.

Fomos fundo juntos.

Fomos até as trevas juntos.

Será que sairíamos das trevas se fôssemos uma segunda vez?

Acho que não.

Por favor, Deus, que eu não precise ligar para eles.

Por favor, Deus.

PARTE 2

JUNHO DE 1958

“Minha superfície sou eu.
Sob a qual
testemunhar, a juventude
está enterrada. Raízes?

Todo mundo tem raízes.”
—William Carlos Williams,
Paterson

“Às vezes eu me pergunto o que
vou fazer, não há cura para
a tristeza de verão.”
—Eddie Cochran

Capítulo 4

Ben Hanscom sofre uma queda

1

Por volta das 23h45, uma das comissárias servindo a primeira classe do voo de Omaha até Chicago, o voo 41 da United Airlines, leva um enorme susto. Ela pensa por poucos momentos que o homem na poltrona 1-A morreu.

Quando ele entrou no avião em Omaha, ela pensou: "Ah, lá vem problema. Ele está bêbado como um gambá." O fedor de uísque ao redor da cabeça dele lembrou-a por um momento da nuvem de poeira que sempre envolve o garotinho sujo da tira do Snoopy. Pig Pen era o nome dele. Ela ficou nervosa com o primeiro serviço, que era de bebidas. Tinha certeza de que ele pediria um drinque, provavelmente duplo. Ela teria então que decidir se iria servi-lo ou não. Além do mais, para acrescentar à diversão, há tempestades por toda a rota daquela noite, e ela tem certeza de que em algum ponto o homem, um cara magro vestido de jeans e camisa de cambraia, começaria a vomitar.

Mas quando chegou o primeiro serviço, o homem alto não pediu nada além de água com gás, da forma mais educada que se poderia querer. Sua luz de serviço não foi acesa, e logo a comissária se esquece dele, porque o voo é bem movimentado. Na verdade, o voo é do tipo que você quer esquecer assim que acaba, um daqueles durante os quais você poderia, se tivesse tempo, questionar a possibilidade da sua própria sobrevivência.

O voo 41 da United ziguezagueia entre as terríveis bolsas de trovões e relâmpagos como um bom esquiador descendo a pista. O ar está muito agitado. Os passageiros exclamam e fazem piadas desconfortáveis sobre os relâmpagos que conseguem ver piscando nos grossos pilares de nuvens ao redor do avião.

— Mamãe, Deus está tirando fotos dos anjos? — pergunta um garotinho, e a mãe, que

está um tanto verde, dá uma risada trêmula. O primeiro serviço acaba sendo o único serviço no voo 41 daquela noite. O sinal de apertar os cintos é aceso 20 minutos depois da decolagem e permanece aceso. Mesmo assim, as comissárias ficam nos corredores, atendendo luzes de chamada que se acendem como fileiras de fogos de artifício da alta sociedade.

— O Raul está ocupado hoje — diz a chefe de cabine para ela ao se encontrarem no corredor; a chefe de cabine está voltando para um turista com um suprimento novo de sacos de vômito. É meio código e meio piada. O Raul sempre está ocupado em voos turbulentos. O avião despenca um pouco, alguém grita baixinho, a comissária se vira um pouco, apoia a mão para se equilibrar e olha diretamente para os olhos vidrados e cegos do homem na poltrona 1-A.

Ah meu bom Deus, ele está morto*, pensa ela.* O álcool antes de ele embarcar… depois, a turbulência… o coração… morreu de medo.

Os olhos do homem magro estão nela, mas não a estão vendo. Não se movem. Estão perfeitamente vidrados. São os olhos de um homem morto.

A comissária se afasta daquele olhar terrível com o coração batendo na garganta em disparada, perguntando-se o que fazer, como proceder e agradecendo a Deus por pelo menos não haver ninguém sentado ao lado do homem para talvez gritar e iniciar uma onda de pânico. Ela decide que vai ter que notificar primeiro a chefe de cabine e depois a tripulação masculina na frente. Talvez possam enrolar um cobertor nele e fechar os olhos. O piloto vai manter as luzes de apertar cintos acesas mesmo que o ar fique estável para que ninguém vá até a frente usar o banheiro, e quando os outros passageiros desembarcarem, vão pensar que ele está apenas dormindo…

Esses pensamentos passam pela mente dela rapidamente, e ela se vira para dar uma olhada de confirmação. Os olhos mortos e sem visão se fixam nos dela… e então o cadáver pega o copo de água com gás e toma um gole.

Naquele momento, o avião treme de novo, se inclina, e o gritinho de surpresa da comissária se perde entre outros gritos de medo mais intensos. Os olhos do homem se movem; não muito, mas o bastante para ela entender que ele está vivo e a vê. E ela pensa: Nossa, quando ele entrou, eu pensei que ele tinha 50 e poucos anos, mas ele não chega nem *perto* dessa idade, apesar do cabelo grisalho.

Ela vai até ele, apesar de conseguir ouvir o apito impaciente das campainhas atrás (o Raul está mesmo ocupado esta noite; depois do pouso perfeitamente seguro no aeroporto O'Hare trinta minutos depois, as comissárias vão jogar fora setenta sacos de vômito).

— Tudo bem, senhor? — pergunta ela, sorrindo. O sorriso parece falso, irreal.

— Tudo está ótimo e tranquilo — diz o homem magro. Ela olha para o pedaço do cartão de embarque da primeira classe preso no espaço nas costas do assento dele e vê que o nome é Hanscom. — Ótimo e tranquilo. Mas está meio turbulento hoje, não está? Você está muito ocupada, eu acho. Não se preocupe comigo. Eu… — Ele dá um sorriso fraco, um sorriso

que a faz pensar em espantalhos se balançando ao vento em campos mortos de novembro. — Estou ótimo e tranquilo.

— Você parecia

(morto)

um pouco indisposto.

— Eu estava pensando em antigamente — diz ele. — Só percebi no começo desta noite que havia coisas como antigamente, pelo menos no que diz respeito a mim mesmo.

Mais campainhas tocam.

— Com licença, comissária? — chama alguém com voz nervosa.

— Se você tem certeza de que está bem…

— Eu estava pensando sobre uma represa que construí com alguns amigos — diz Ben Hanscom. — Os primeiros amigos que tive, eu acho. Eles estavam construindo a represa quando eu… — Ele para, parece assustado e ri. É uma risada honesta, quase a risada despreocupada de um garoto, e soa muito estranha neste avião sacolejante e trêmulo. — Quando esbarrei neles. E isso é quase literalmente o que fiz. De qualquer modo, eles estavam fazendo a maior confusão com a represa. Eu me lembro disso.

— Comissária?

— Com licença, senhor… Preciso continuar a atender os chamados.

— É claro.

Ela se afasta rapidamente, feliz por se livrar daquele olhar, daquele olhar morto e quase hipnótico.

Ben Hanscom vira a cabeça para a janela e olha para fora. Relâmpagos piscam dentro de enormes nuvens escuras a 15 quilômetros da asa de estibordo. Nos brilhos de luz, as nuvens parecem enormes cérebros transparentes cheios de pensamentos ruins.

Ele tateia o bolso do colete, mas os dólares de prata não estão mais lá. Saíram de seu bolso e foram para o de Ricky Lee. De repente, ele deseja ter guardado pelo menos um. Poderia ser útil. É claro que era possível ir a qualquer banco, pelo menos quando você não estava sacolejando a 8 mil metros de altura, e conseguir um punhado de dólares de prata, mas não se podia fazer nada com as terríveis rodelas de cobre que o governo tentava fazer passar por moedas de verdade atualmente. E para lobisomens e vampiros e todas as coisas que se contorcem à luz das estrelas, era prata que você queria; prata de verdade. Era preciso prata para deter um monstro. Era preciso…

Ele fechou os olhos. O ar ao redor estava cheio de campainhas. O avião balançava e tremia e o ar estava cheio de campainhas. Campainhas?

Não… sinos.

Eram sinos, era o sino, o sino de todos os sinos, o que você esperava o ano todo quando a novidade da volta às aulas passava, e isso sempre acontecia no final da primeira semana. O sino, o que sinalizava a liberdade de novo, a apoteose de todos os sinos de escola.

Ben Hanscom está sentado no assento de primeira classe, suspenso entre trovões a 8 mil

metros de altura, com o rosto virado para a janela, e sente a parede do tempo ficar fina de repente; algum peristaltismo terrível/maravilhoso começou a acontecer. Ele pensa: Meu Deus, estou sendo digerido pelo meu próprio passado.

Os relâmpagos brilham irregularmente pelo rosto dele, e apesar de ele não saber, o dia acabou de virar. O dia 28 de maio de 1985 se tornou o dia 29 de maio sobre a paisagem escura e tempestuosa que é o oeste de Illinois esta noite; fazendeiros com dores nas costas do trabalho de plantio dormem como cadáveres abaixo e sonham seus sonhos inquietos, e quem sabe o que pode estar se movendo nos celeiros, porões e campos enquanto os relâmpagos caminham e os trovões falam? Ninguém sabe essas coisas; as pessoas só sabem que há poder solto na noite, e o ar está louco com os muitos volts da tempestade.

Mas são sinos a 8 mil metros quando o avião entra em área limpa de novo, quando o movimento se firma de novo; são sinos; é o sino enquanto Ben Hanscom dorme; e enquanto ele dorme, o muro entre o passado e o presente desaparece completamente e ele cai para trás pelos anos como um homem caindo em um poço fundo; o Viajante do Tempo de Wells, talvez, caindo com um degrau quebrado de ferro em uma das mãos na terra dos Morlocks, onde máquinas funcionam sem parar nos túneis da noite. É 1981, 1977, 1969; e de repente aqui está ele, aqui em junho de 1958; a luz intensa do verão está em todos os lados e atrás de pálpebras adormecidas, as pupilas de Ben Hanscom se contraem sob o comando do cérebro adormecido, que não vê a escuridão que domina o oeste do Illinois, mas a luz intensa do sol de um dia de junho em Derry, Maine, 27 anos atrás.

Sinos.

O sino.

Escola.

A escola.

A escola

2

acabou!

O som do sino se espalhou pelos corredores da Escola Derry, um grande prédio de tijolos na rua Jackson, e ao som dele as crianças da turma de quinto ano de Ben Hanscom deram um grito espontâneo, e a sra. Douglas, normalmente a professora das mais rígidas, não fez esforço nenhum para calá-las. Talvez soubesse que seria impossível.

— Crianças! — gritou ela quando a comemoração morreu. — Posso ter sua atenção por um momento final?

Agora uma barulheira de falas excitadas, misturada com alguns gemidos, surgiu na sala de

aula. A sra. Douglas estava com os boletins de todos na mão.

— Espero que eu passe! — disse Sally Mueller em um trinado para Bev Marsh, que se sentava na fileira ao lado. Sally era inteligente, bonita, vivaz. Bev também era bonita, mas não havia nada de vivaz nela naquela tarde, sendo ou não o último dia de aula. Ela estava sentada olhando com mau humor para os mocassins. Havia um hematoma amarelo em uma das bochechas dela.

— Não ligo merda nenhuma se passei ou não — disse Bev.

Sally torceu o nariz. Damas não usam essa linguagem, dizia o gesto. Ela então se virou para Greta Bowie. Devia ser apenas a empolgação do sino que sinalizava o fim de outro ano letivo que fez Sally escorregar e falar com Beverly, pensou Ben. Sally Mueller e Greta Bowie vinham de famílias ricas com casas na West Broadway, enquanto Bev vinha de um dos prédios pobres na rua Lower Main. A rua Lower Main e a West Broadway eram separadas por apenas 2,5 quilômetros, mas até uma criança como Ben sabia que a verdadeira distância era como a distância entre a Terra e Plutão. Tudo que você precisava fazer era olhar para o suéter barato de Beverly Marsh, para a saia grande demais que provavelmente veio da caixa de doações do Exército da Salvação e para os mocassins surrados para saber o quanto uma estava distante da outra. Mas Ben ainda gostava mais de Beverly, *muito* mais. Sally e Greta tinham roupas bonitas, e ele achava que elas deviam fazer permanente ou ondulações no cabelo ou alguma coisa assim todos os meses, mas achava que isso não mudava os fatos básicos em nada. Elas podiam fazer permanente no cabelo todos os *dias* e ainda seriam duas arrogantes convencidas.

Ele achava Beverly mais legal… e *muito* mais bonita, apesar de jamais em um milhão de anos ousar dizer uma coisa dessas para ela. Mas às vezes, no coração do inverno, quando a luz lá fora ficava amarelada e sonolenta como um gato encolhido em um sofá, quando a sra. Douglas estava falando tediosamente sobre matemática (como fazer divisões mais longas ou como encontrar o denominador comum de duas frações para poder adicioná-las) ou lendo as perguntas do livro *Shining Bridges* ou falando sobre depósitos de metais no Paraguai, naqueles dias em que parecia que a escola não ia terminar nunca e não importava se terminaria porque o mundo todo lá fora era lama pura… nesses dias, Ben às vezes olhava de lado para Beverly, observava furtivamente o rosto dela, e seu coração doía desesperadamente e de alguma forma brilhava com mais intensidade ao mesmo tempo. Ele achava que gostava dela, ou estava apaixonado por ela, e por isso ele sempre pensava em Beverly quando os Penguins cantavam no rádio “Earth Angel”: “minha querida amada/amo você o tempo todo…” Sim, era idiotice mesmo, melado como um lenço de papel usado, mas também não tinha problema, porque ele nunca ia falar nada. Ele achava que garotos gordos só podiam amar garotas bonitas por dentro. Se contasse para alguém o que sentia (não que ele tivesse para quem contar), essa pessoa provavelmente riria até ter um ataque cardíaco. E se ele algum dia contasse para Beverly, ela riria (ruim) ou faria sons de ânsia de vômito (pior).

— Agora levante-se assim que eu chamar seu nome. Paul Anderson… Carla Bordeaux…

Greta Bowie… Calvin Clark… Cissy Clark…

Enquanto ela chamava os nomes, os alunos da turma de quinto ano da sra. Douglas foram para a frente um a um (exceto os gêmeos Clark, que foram juntos como sempre, de mãos dadas, indistinguíveis se não fosse pelo fato de ela usar vestido e ele usar calça jeans), pegaram os boletins amarelos com a bandeira americana e o Juramento de Lealdade na frente e o Pai Nosso atrás, saíram andando serenamente da sala de aula… e saíram correndo pelo corredor para onde as grandes portas da frente tinham sido abertas. E então eles simplesmente saíram correndo para o verão e sumiram: alguns de bicicleta, alguns saltitando, alguns cavalgando em cavalos invisíveis e batendo as mãos nas coxas para imitar o som dos cascos, alguns abraçando colegas e cantando "Meus olhos viram a glória do incêndio da escola" na melodia de "The Battle Hymn of the Republic".

— Marcia Fadden… Frank Frick… Ben Hanscom…

Ele se levantou, lançou um último olhar a Beverly Marsh antes do verão (ou era o que ele pensava) e foi até a mesa da sra. Douglas, um garoto de 11 anos com um traseiro do tamanho do Novo México, traseiro esse aprisionado em uma calça jeans azul nova com rebites de cobre que reluziam e fazia *whssht-whssht-whssht* enquanto suas coxas grandes se roçavam. Seus quadris tinham um balanço feminino. A barriga deslizava de um lado para o outro. Ele estava usando um moletom largo apesar de o dia estar quente. Quase sempre usava moletons largos porque morria de vergonha do peito desde o primeiro dia de aula depois das férias de Natal, quando ele usou uma das novas camisas da Liga Universitária que sua mãe lhe deu e Arroto Huggins, que era do sexto ano, gritou: "Ei, pessoal! Olha o que Papai Noel trouxe pra Ben Hanscom de Natal! Um par grande de peitinhos!" Arroto quase caiu no chão de tanto rir da própria piada. Outros também riram, e algumas eram garotas. Se um buraco levando ao mundo subterrâneo se abrisse na frente dele naquele momento, Ben teria pulado sem nem emitir nenhum som… ou talvez o mais leve murmúrio de gratidão.

Desde aquele dia, ele usava moletons. Tinha quatro: o marrom largo, o verde largo e dois azuis largos. Era uma das poucas coisas que ele conseguiu impor à mãe, um dos poucos limites que sentiu necessidade ao longo da infância complacente de desenhar na areia. Se ele tivesse visto Beverly Marsh rindo com o resto naquele dia, ele achava que teria morrido.

— Foi um prazer ter você como aluno este ano, Benjamin — disse a sra. Douglas ao entregar o boletim a ele.

— Obrigado, sra. Douglas.

Um falsete debochado surgiu de algum lugar no fundo da sala:

— Brigadu, sinhora Dôglis.

Era Henry Bowers, é claro. Henry estava na turma de quinto ano de Ben em vez de no sexto ano com os amigos Arroto Huggins e Victor Criss porque repetiu o ano anterior. Ben achava que Bowers ia repetir mais uma vez. O nome dele não foi chamado quando a sra. Douglas entregou os boletins, e isso significava problema. Ben estava incomodado com isso, porque se Henry repetisse de novo, o próprio Ben seria parcialmente responsável… e Henry sabia.

Nas provas finais do ano letivo na semana anterior, a sra. Douglas os colocou sentados de maneira aleatória ao tirar os nomes de um chapéu sobre a mesa. Ben acabou sentado ao lado de Henry Bowers na última fileira. Como sempre, Ben curvou o braço ao redor da folha de papel e se inclinou para bem perto dela, sentindo a pressão um tanto reconfortante da barriga na mesa, lambendo o lápis de tempos em tempos em busca de inspiração.

Na metade da prova de terça-feira, que por acaso era de matemática, um sussurro chegou a Ben pelo corredor divisório. Era baixo, discreto e eficiente como o sussurro de um golpista veterano passando uma mensagem no pátio de exercícios de uma prisão:

— Me deixa copiar.

Ben olhou para a esquerda, diretamente para os olhos pretos e furiosos de Henry Bowers. Henry era um garoto grande mesmo aos 12 anos. Seus braços e pernas eram grossos de músculos desenvolvidos no trabalho na fazenda. O pai dele, que tinha fama de louco, possuía um lote no final da rua Kansas, perto da fronteira municipal com Newport, e Henry trabalhava pelo menos trinta horas por semana capinando, arrancando ervas daninhas, plantando, retirando pedras da terra, cortando madeira e colhendo se houvesse alguma coisa para colher.

O cabelo de Henry era cortado com uma área achatada em cima e tão curto que o branco do couro cabeludo aparecia. Passava cera Butch na frente com um tubo que sempre carregava no bolso da frente da calça jeans, e como resultado, o cabelo acima da testa parecia os dentes de um cortador de grama. Um odor de suor e chiclete Juicy Fruit sempre o envolvia. Ele usava uma jaqueta rosa de motoqueiro com uma águia nas costas para ir à escola. Uma vez, um aluno do quarto ano foi tolo o bastante para rir daquela jaqueta. Henry partiu para cima do moleque com a flexibilidade de uma doninha e a rapidez de uma cobra, e socou o moleque com o punho sujo pelo trabalho. O garoto perdeu três dentes da frente. Henry ganhou duas semanas de suspensão da escola. Ben esperava, com a esperança não direcionada, mas ardente dos oprimidos e aterrorizados, que Henry fosse expulso em vez de suspenso. Mas a sorte não estava do lado dele. O pão sempre cai com o lado da manteiga virado para baixo. Quando a suspensão acabou, Henry voltou com seu andar gingado para o pátio da escola, resplandecente e irado com sua jaqueta rosa, com o cabelo com tanta cera que parecia gritar no crânio dele. Os dois olhos estavam inchados e com traços de cor da surra que o pai doido deu nele por “brigar no pátio”. As marcas da surra acabaram sumindo; para os garotos que coexistiam com Henry em Derry, a lição não foi esquecida. Até onde Ben sabia, ninguém disse nada sobre a jaqueta rosa com a águia nas costas depois disso.

Quando ele sussurrou com irritação para Ben deixá-lo copiar, três pensamentos dispararam pela mente de Ben, que era tão ágil e rápida quanto seu corpo era obeso, em um espaço de segundos. O primeiro foi que se a sra. Douglas pegasse Henry colando as respostas da prova dele, os dois tirariam zero. O segundo foi que se ele não deixasse Henry copiar, Henry certamente o pegaria depois da aula e daria a famosa surra *nele*, provavelmente com Huggins segurando um de seus braços e Criss segurando o outro.

Esses foram pensamentos de uma criança, e não havia nada de surpreendente nisso, porque

ele *era* uma criança. Mas o terceiro e último pensamento foi mais sofisticado, quase adulto.

Ele pode mesmo me pegar. Mas talvez eu consiga ficar longe do caminho dele na última semana de aula. Tenho quase certeza de que consigo se tentar de verdade. E ele vai esquecer durante o verão, eu acho. É. Ele é bem burro. Se ele não passar nessa prova, vai repetir de ano de novo. E se ele repetir, vou passar na frente dele. Não vou mais ficar na mesma sala que ele… Vou chegar no segundo segmento do fundamental antes dele. Eu… eu talvez fique livre.

— Me deixa copiar — sussurrou Henry de novo. Seus olhos pretos agora estavam brilhando, exigentes.

Ben balançou a cabeça e curvou o braço ainda mais ao redor da prova.

— Vou te pegar, gordo — sussurrou Henry um pouco mais alto agora. A prova dele até o momento estava completamente em branco exceto pelo nome. Ele estava desesperado. Se não passasse nas provas e repetisse de ano, o pai daria uma surra nele. — Me deixa copiar senão te pego de porrada.

Ben balançou a cabeça de novo, e a papada tremeu. Ele estava com medo, mas também estava determinado. Deu-se conta de que, pela primeira vez na vida, tinha conscientemente se comprometido a uma linha de ação, e isso também deu medo nele, apesar de ele não saber exatamente por quê. Anos se passariam até ele perceber que foi o sangue-frio de seus cálculos, a contagem cuidadosa e pragmática do custo, com suas intimações de uma maturidade repentina, que o assustou mais ainda do que Henry. De Henry ele poderia conseguir fugir. A idade adulta, onde ele provavelmente pensaria assim quase o tempo todo, acabaria por pegá-lo no final.

— Alguém está falando aí atrás? — disse a sra. Douglas claramente. — Se sim, quero que pare *agora mesmo*.

O silêncio prevaleceu pelos dez minutos seguintes; jovens cabeças permaneceram abaixadas e concentradas em provas com cheiro de tinta roxa de mimeógrafo, mas logo o sussurro de Henry cruzou o corredor de novo, suave, quase inaudível, apavorante na calma certeza da promessa:

— Você está morto, gordo.

3

Ben pegou o boletim e fugiu, grato a quaisquer deuses que existam para garotos gordos de 11 anos por Henry não ter, devido à ordem alfabética, tido permissão de fugir da sala primeiro para poder esperar por Ben lá fora.

Ele não correu pelo corredor como as outras crianças. Era *capaz* de correr, e bem rápido para um garoto do tamanho dele, mas estava muito ciente do quanto ficava engraçado quando corria. Mas ele andou rápido e saiu do corredor frio com cheiro de livros no sol intenso de junho. Ficou com o rosto virado para o sol por um momento, grato pelo calor e pela liberdade. Setembro estava a milhões de anos. O calendário podia dizer uma coisa diferente, mas o que o calendário dizia era mentira. O verão seria bem mais longo do que a soma dos seus dias, e pertencia a ele. Ele se sentia tão alto quanto a Torre de Água e tão amplo quanto a cidade toda.

Alguém esbarrou nele, e esbarrou com força. Pensamentos agradáveis do verão à frente foram arrancados da mente de Ben enquanto ele cambaleava loucamente em busca de equilíbrio na beirada da escada de pedra. Ele segurou o corrimão de ferro bem na hora de se salvar de uma queda horrível.

— Sai do meu caminho, pudim de banha. — Era Victor Criss, com o cabelo penteado para trás em uma imitação de Elvis que cintilava de tanta brilhantina. Ele desceu os degraus e seguiu o muro até o portão da frente com as mãos nos bolsos da calça jeans, colarinho da camisa levantado e a placa de metal nas solas das botas arrastadas e fazendo barulho.

Ben, ainda com o coração batendo rapidamente do susto, viu que Arroto Huggins estava do outro lado da rua fumando uma guimba de cigarro. Ele levantou uma das mãos e passou o cigarro para Victor quando ele chegou. Victor tragou, devolveu para Arroto e apontou para onde Ben estava, agora na metade da escada. Ele disse alguma coisa e os dois se separaram. O rosto de Ben ficou quente. Eles sempre pegam você. Era coisa do destino.

— Você gosta tanto daqui que vai ficar aqui o dia todo? — disse uma voz atrás do cotovelo dele.

Ben se virou e seu rosto ficou ainda mais quente. Era Beverly Marsh, com o cabelo ruivo como uma nuvem deslumbrante ao redor da cabeça e sobre os ombros, os olhos de um adorável verde-acinzentado. O suéter dela, puxado até os cotovelos, estava puído no pescoço e era quase tão largo quanto o moletom de Ben. Grande demais para dar para perceber se os peitos estavam despontando, mas Ben não se importava; quando o amor chega antes da puberdade, ele pode vir em ondas tão claras e poderosas que ninguém consegue ir contra seu simples imperativo, e Ben não fez esforço nenhum para isso agora. Ele apenas cedeu. Sentiu-se tolo e exaltado ao mesmo tempo, e mais constrangido do que em qualquer momento da vida… mas indubitavelmente abençoado. Essas emoções desesperadoras se misturaram de forma tão estonteante que ele ficou se sentindo enjoado e eufórico ao mesmo tempo.

— Não — disse ele com voz rouca. — Não mesmo. — Um sorriso largo se espalhou em seu rosto. Ele sabia o quanto devia parecer idiota, mas não conseguia fazê-lo sumir.

— Ah, que bom. Porque estamos de férias, sabe. Graças a Deus.

— Boas… — A voz saiu rouca de novo. Ele precisou limpar a garganta, e ficou ainda mais vermelho. — Boas férias, Beverly.

— Pra você também, Ben. Te vejo ano que vem.

Ela desceu a escada rapidamente, e Ben viu tudo com seu olhar apaixonado: o xadrez intenso da saia, o balanço do cabelo ruivo nas costas do suéter, a pele clara, um pequeno corte cicatrizado atrás de uma das panturrilhas e (por algum motivo essa última coisa fez outra onda de sentimento tomar conta dele com tanta força que ele precisou se segurar no corrimão de novo; o sentimento foi enorme, inarticulado, felizmente breve; talvez um pré-sinal sexual, sem significado para o corpo dele, onde as glândulas endócrinas ainda estavam adormecidas quase sem sonhar, mas ao mesmo tempo intensas como relâmpagos de verão) uma tornozeleira dourada cintilante que ela usava acima do mocassim direito, que brilhava no sol em pequenos flashes.

Um som, algum tipo de som, saiu da garganta dele. Ele desceu a escada como um homem idoso e febril e ficou parado embaixo, observando até ela virar à esquerda e desaparecer atrás da cerca viva alta que separava o pátio da escola da calçada.

4

Ele só ficou ali por um momento e então, enquanto as crianças ainda saíam em grupos gritando e correndo, lembrou-se de Henry Bowers e contornou correndo o prédio. Atravessou o parquinho das crianças pequenas, passando os dedos pelas correntes dos balanços para fazê-los tilintar e pisando nas tábuas das gangorras. Saiu por um portão bem menor que levava à rua Charter e seguiu para a esquerda sem nunca olhar para trás, para a pilha de pedras em que tinha passado a maior parte dos dias de semana nos últimos nove meses. Enfiou o boletim no bolso de trás e começou a assobiar. Estava usando um par de tênis Keds, mas até onde ele percebeu, as solas não tocaram a calçada por umas oito quadras.

A aula terminou pouco depois de meio-dia; sua mãe só chegaria em casa às seis, pelo menos, porque às sextas ela ia direto para o Shop 'n Save depois do trabalho. O resto do dia era dele.

Ele foi até o Parque McCarron por um tempo e se sentou debaixo de uma árvore, sem fazer nada além de ocasionalmente sussurrar "Eu amo Beverly Marsh" bem baixinho, sentindo-se mais tonto e romântico a cada vez que falava. Em determinado ponto, quando um grupo de garotos chegou ao parque e começou a escolher times para um jogo de beisebol, ele sussurrou as palavras "Beverly Hanscom" duas vezes, e então teve que encostar o rosto na grama até esfriar as bochechas quentes.

Pouco depois disso, ele se levantou e seguiu pelo parque até a avenida Costello. Uma caminhada de mais cinco quadras o levaria à Biblioteca Pública, que ele achava que era seu destino o tempo todo. Estava quase fora do parque quando um aluno do sexto ano chamado Peter Gordon o viu e gritou:

— Ei, peitinhos! Quer jogar? Precisamos de alguém pra defesa.

Houve uma explosão de gargalhadas. Ben fugiu o mais rápido que conseguiu, encolhendo a cabeça para dentro da gola como uma tartaruga se escondendo no casco.

Ainda assim, ele se considerou com sorte, no final; em outro dia, os garotos poderiam ter ido atrás dele, talvez só para assustá-lo, talvez para fazê-lo rolar na terra e ver se ele choraria. Hoje eles estavam absortos demais em jogar e decidir as regras. Ben os deixou decidindo o que valia no primeiro jogo do verão com alegria e seguiu seu caminho.

Depois de percorrer três quadras da avenida Costello, ele viu uma coisa interessante, talvez até lucrativa, debaixo da cerca da frente de uma casa. O vidro cintilava pelo lado rasgado de um velho saco de papel. Ben empurrou o saco na calçada com o pé. Parecia que ele realmente estava com sorte. Havia quatro garrafas de cerveja e quatro garrafas grandes de refrigerante lá dentro. As grandes valiam dez centavos cada, as de cerveja valiam dois centavos. Eram 28 centavos debaixo da cerca de uma casa, só esperando que algum garoto aparecesse para pegar. Um garoto de *sorte*.

— Sou eu — disse Ben com alegria, sem fazer ideia do que o resto do dia guardava para ele. Ele saiu andando de novo, segurando o saco por baixo para que não rasgasse. O mercado da avenida Costello ficava a um quarteirão dali, e Ben seguiu nessa direção. Trocou as garrafas por dinheiro, e a maior parte do dinheiro por doces.

Ficou em frente à vitrine de doces apontando, feliz como sempre pelo som lento que a porta deslizante fazia quando o vendedor a empurrava no trilho, que era alinhado com rolamentos. Comprou cinco tiras de alcaçuz vermelho e cinco do preto, dez balinhas de sassafrás (duas por um centavo), uma cartela de bolinhas (com cinco em cada fileira e cinco fileiras em uma cartela, e era para comer direto do papel), um pacote de Likem Ade e um pacote de Pez para o suporte que ele tinha em casa.

Ben saiu com um pequeno saco de papel marrom cheio de doces na mão e quatro centavos no bolso da frente da calça jeans nova. Olhou para o saco de papel com toda a doçura dentro e

um pensamento de repente tentou despertar,

(se continuar comendo assim, Beverly Marsh nunca vai olhar pra você)

mas era um pensamento desagradável, então ele afastou-o. Foi com facilidade; esse era um pensamento acostumado a ser expulso.

Se alguém tivesse perguntando a ele "Ben, você é solitário?", ele teria olhado para essa pessoa com surpresa genuína. A pergunta nunca lhe ocorreu. Ele não tinha amigos, mas tinha seus livros e seus sonhos; tinha seus modelos Revell; tinha um kit enorme de Lincoln Logs e construía todo tipo de coisas com ele. Sua mãe exclamara mais de uma vez que as casas de Ben feitas de Lincoln Logs eram melhores do que algumas verdadeiras, construídas a partir de plantas. Tinha também um bom kit Erector. Estava torcendo para ganhar o Super Kit quando chegasse seu aniversário em outubro. Com ele, dava para construir um relógio que marcava as horas de verdade e um carro com movimentos. Solitário?, ele poderia ter perguntado em resposta, sinceramente sem entender. Hã? O quê?

Uma criança cega de nascença nem sabe que é cega até alguém dizer para ela. Mesmo então, ela só tem uma noção das mais acadêmicas sobre o que é a cegueira; só quem já enxergou tem uma noção verdadeira do que é ser cego. Ben Hanscom não tinha noção de ser solitário porque nunca teve nada diferente. Se a condição fosse nova ou mais restrita, ele poderia entender, mas a solidão dominava e se sobressaía na vida dele. Apenas existia, como o polegar com duas juntas ou a parte irregular nos dentes da frente, a parte irregular onde a língua tocava quando ele ficava nervoso.

Beverly era um sonho doce; as balas eram uma doce realidade. As balas eram suas amigas. Assim, ele mandou o pensamento invasor se mandar, e ele foi em silêncio, sem provocar nenhuma confusão. E entre o mercado da avenida Costello e a biblioteca, ele comeu todas as balas do saco. Pretendia mesmo guardar o Pez para quando fosse assistir TV à noite; ele gostava de colocar dentro do suporte de Pez um a um, gostava de ouvir o clique da pequena mola lá dentro, e gostava mais do que tudo de jogar as balinhas na boca uma a uma, como um garoto cometendo suicídio com açúcar. Naquela noite, ia passar *Whirlybirds*, com Kenneth Tobey como o destemido piloto do helicóptero, e *Dragnet*, onde os casos eram verdade, mas os nomes eram mudados para proteger os inocentes, e seu programa de polícia favorito de todos os tempos, *Highway Patrol*, com Broderick Crawford como o policial rodoviário Dan Mathews. Broderick Crawford era o herói de Ben. Broderick Crawford era *rápido*, Broderick Crawford era *cruel*, Broderick Crawford não aceitava merda de ninguém

... e o melhor de tudo era que Broderick Crawford era gordo.

Ele chegou à esquina da Costello com a rua Kansas, onde atravessou para chegar à

Biblioteca Pública. Ela consistia em dois prédios: a estrutura de pedra na frente, construída com dinheiro de um barão madeireiro em 1890, e o prédio novo e baixo atrás, onde ficava a biblioteca infantil. A biblioteca adulta na frente e a infantil atrás eram ligadas por um corredor de vidro.

Perto assim do centro, a rua Kansas era de mão única, então Ben olhou apenas para um dos lados, para a direita, antes de atravessar. Se tivesse olhado para a esquerda, teria levado um terrível susto. Na sombra do grande carvalho no gramado da Casa Comunitária de Derry uma quadra depois estavam Arroto Huggins, Victor Criss e Henry Bowers.

5

— Vamos pegar ele, Hank. — Victor estava quase ofegante.

Henry viu o merdinha gordo atravessar a rua correndo: a barriga balançando, o cabelo lambido na parte de trás da cabeça indo para a frente e para trás como uma mola, a bunda rebolando como a de uma garota dentro da calça jeans nova. Ele estimou a distância entre os três no gramado da Casa Comunitária e Hanscom, e entre Hanscom e a segurança da biblioteca. Achava que conseguiriam chegar antes de ele entrar, mas Hanscom poderia começar a gritar. Ele não descartava que o bichinha pudesse fazer isso. Se ele gritasse, um adulto poderia interferir, e Henry não queria interferência. A puta Douglas disse para Henry que ele repetiu em inglês e matemática. Ela ia deixar que ele passasse, mas ele teria que ter aulas de recuperação durante quatro semanas no verão. Henry preferia ter repetido. Se tivesse repetido, seu pai daria uma surra nele. Com Henry na escola quatro horas por dia durante quatro semanas da temporada com mais serviço na fazenda, seu pai era capaz de bater nele umas seis vezes, talvez até mais. Só aceitava esse futuro terrível porque pretendia repassar tudo para aquele veadinho gordo naquela tarde.

Com juros.

— É, vamos — disse Arroto.

— Vamos esperar ele sair.

Eles viram Ben abrir uma das portas grandes e entrar; se sentaram, fumaram cigarros, contaram piadas de caixeiros-viajantes e esperaram que ele saísse.

Henry sabia que alguma hora ele sairia. E quando saísse, Henry faria que ele lamentasse ter nascido.

Ben amava a biblioteca.

Adorava a forma como estava sempre fresca, mesmo no dia mais quente de um verão longo e calorento; adorava o silêncio murmurante, rompido apenas por sussurros ocasionais, pela batida suave da bibliotecária carimbando livros e cartões ou por páginas sendo viradas na Sala de Periódicos, onde homens idosos ficavam lendo jornais presos em varas longas. Adorava o tipo de iluminação, que entrava na diagonal pelas janelas altas e estreitas à tarde ou formava piscinas preguiçosas a partir dos lustres baixos nas noites de inverno enquanto o vento soprava lá fora. Ele gostava do cheiro dos livros, um cheiro de especiarias, suavemente fabuloso. Às vezes, ele andava pelas estantes de livros adultos e olhava os milhares de exemplares e imaginava um mundo de vidas dentro de cada um, da mesma forma como às vezes andava pela rua no crepúsculo enevoado e vermelho de uma tarde do final de outubro, com o sol apenas uma linha laranja no horizonte, imaginando as vidas se desenrolando atrás de todas as janelas; pessoas rindo ou discutindo ou arrumando flores ou alimentando crianças ou animais ou a si mesmas enquanto viam televisão. Ele gostava do fato de que o corredor de vidro que ligava o prédio antigo à biblioteca das crianças estava sempre quente, mesmo no inverno, a não ser que os dias anteriores tivessem sido nublados; a sra. Starrett, bibliotecária principal da seção infantil, disse para ele que era por causa de uma coisa chamada efeito estufa. Ben ficou deliciado com a ideia. Anos mais tarde, ele construiria o controverso centro de comunicações da BBC em Londres, e as discussões poderiam perdurar por mil anos, e ninguém saberia (exceto o próprio Ben) que o centro de comunicações não passava do corredor de vidro da Biblioteca Pública de Derry na vertical.

Ele também gostava da biblioteca infantil, apesar de não ter nada do charme escuro que ele sentia na biblioteca velha, com os lustres e as escadarias curvas de ferro estreitas demais para duas pessoas passarem ao mesmo tempo; uma sempre tinha que recuar. A biblioteca infantil era iluminada e ensolarada, um pouco mais barulhenta apesar dos avisos dizendo VAMOS FAZER SILÊNCIO pendurados em todos os lados. A maior parte do barulho costumava vir do cantinho do Pooh, aonde as crianças pequenas iam para olhar livros de figuras. Quando Ben entrou hoje, a hora da história já tinha começado lá. A srta. Davies, a bela e jovem bibliotecária, estava lendo *Os três cabritos rudes*.

— *Quem está passando pela minha ponte?*

A srta. Davies falava com o tom baixo e arrastado do *troll* da história. Alguns dos pequenos cobriram a boca e riram, mas a maior parte só assistia solenemente, aceitando a voz do *troll* como aceitava as vozes em seus sonhos, e os olhos sérios refletiam a eterna fascinação pelo conto de fadas: será que o monstro seria vencido… ou comeria todos?

Havia pôsteres coloridos presos por todos os lados. Aqui tinha um desenho de garoto bom

que escovou os dentes até a boca ficar cheia de espuma como o focinho de um cachorro louco; perto tinha um desenho de um garoto mau fumando cigarros (QUANDO EU CRESCER, QUERO FICAR MUITO DOENTE, COMO MEU PAI, estava escrito embaixo); tinha também uma foto maravilhosa de um bilhão de pequenos pontinhos de luz na escuridão. O texto abaixo dizia:

UMA IDEIA ACENDE MIL VELAS.
—Ralph Waldo Emerson

Havia convites para PARTICIPAR DA EXPERIÊNCIA ESCOTEIRA. Um pôster divulgava a ideia de que O CLUBE DE MENINAS DE HOJE CONSTRÓI AS MULHERES DE AMANHÃ. Havia listas de inscrição para jogar softball e para o Teatro Infantil da Casa Comunitária. E, é claro, um pôster convidava as crianças a ENTRAREM PARA O PROGRAMA DE LEITURA DE VERÃO. Ben era um grande fã do programa de leitura de verão. Você recebia um mapa dos Estados Unidos quando se inscrevia. Depois, a cada livro que lesse e fizesse relatório, recebia um adesivo de estado para lamber e grudar no mapa. O adesivo vinha com informações como o pássaro do estado, a flor do estado, o ano que entrou para a União e que presidentes nasceram naquele estado, se houvesse algum. Quando você conseguia colar os 48 no mapa, ganhava um livro. Era um ótimo negócio. Ben planejava fazer exatamente o que o pôster sugeria: “Não perca tempo, se inscreva hoje.”

Em meio a essa confusão colorida e agradável havia um pôster simples preso no balcão de empréstimos, sem desenhos e sem fotos bacanas, só letras pretas no papel branco, com os

dizeres:

LEMBREM-SE DO TOQUE DE RECOLHER.
19H.
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA DE DERRY

O mero ato de olhar para ele dava arrepios em Ben. Na empolgação de pegar o boletim, a preocupação com Henry Bowers, a conversa com Beverly e o início das férias de verão, ele tinha esquecido o toque de recolher e os assassinatos.

As pessoas discutiam sobre quantos foram, mas todo mundo concordava que foram pelo menos quatro desde o último inverno; cinco se você contasse George Denbrough (muitos achavam que a morte do garotinho Denbrough devia ser alguma espécie de acidente estranho). O primeiro do qual todo mundo tinha certeza foi o de Betty Ripsom, que foi encontrada no dia seguinte ao Natal na área de construção da autoestrada na rua Outer Jackson. A garota, que tinha 13 anos, foi encontrada mutilada e congelada na lama. Isso não apareceu no jornal nem foi algo que algum adulto tenha contado a Ben. Foi apenas uma coisa que ele captou em conversas escutadas.

Cerca de três meses e meio depois, após o início da temporada de pesca de trutas, um pescador trabalhando na margem de um riacho 30 quilômetros a leste de Derry pegou com o anzol uma coisa que a princípio ele pensou ser um galho. Na verdade, era uma mão com punho e os primeiros 10 centímetros do antebraço de uma garota. O anzol se prendeu nesse troféu terrível na teia de carne entre o polegar e o indicador.

A Polícia Estadual encontrou o resto de Cheryl Lamonica no riacho a 70 metros dali, presa em uma árvore que caiu atravessada na água no inverno anterior. Foi mera sorte o corpo não ter sido levado até o Penobscot e depois até o mar nas correntes de primavera.

A garota Lamonica tinha 16 anos. Era de Derry, mas não frequentava a escola; três anos antes ela tinha dado à luz uma menina, Andrea. Ela morava com os pais e a filha.

— Cheryl era meio rebelde às vezes, mas era uma garota de bom coração — disse o pai choroso à polícia. — Andi fica perguntando “Cadê minha mamãe?”, e não sei o que dizer a ela.

A garota foi dada como desaparecida cinco semanas antes de o corpo ser encontrado. A investigação policial da morte de Cheryl Lamonica começou com uma suposição bastante lógica: que ela tinha sido assassinada por um dos namorados.Ela tinha muitos namorados. Muitos eram da base área que ficava no caminho para Bangor.

— Eram bons rapazes, a maioria — disse a mãe de Cheryl. Um dos “bons rapazes” foi um coronel de 40 anos da Força Aérea com esposa e três filhos no Novo México. Outro estava no momento cumprindo pena em Shawshank por assalto à mão armada.

Um namorado, foi o que a polícia pensou. Ou possivelmente apenas um estranho. Um maníaco sexual.

Se era um maníaco sexual, aparentemente era maníaco por garotos também. No final de

abril, um professor de ensino fundamental II fazendo uma caminhada com a turma de oitavo ano viu um par de tênis vermelhos e um macacãozinho azul na boca de um aqueduto na rua Merit. Aquele lado da Merit tinha sido bloqueado com cavaletes. O asfalto tinha sido arrancado no outono anterior. A extensão da autoestrada também passaria por ali ao seguir para o norte, para Bangor.

O corpo era de Matthew Clements, de 3 anos, dado como desaparecido pelos pais no dia anterior (a foto dele estava na primeira página do *Derry News*, um garotinho de cabelos escuros sorrindo abertamente para a câmera, com um boné do Red Sox na cabeça). A família Clements morava na rua Kansas, do outro lado da cidade. A mãe dele, tão atordoada pela dor que parecia viver em uma redoma de vidro de pura calma, disse para a polícia que Matty estava andando de triciclo para cima e para baixo na calçada ao lado da casa, que ficava na esquina da rua Kansas e da travessa Kossuth. Ela foi colocar a roupa lavada na secadora e, quando olhou pela janela em busca de Matty, ele tinha sumido. Só havia o triciclo virado na grama entre a calçada e a rua. Uma das rodas de trás ainda estava girando preguiçosamente. Quando ela estava olhando, a roda parou.

Aquilo bastou para o chefe Borton. Ele propôs o toque de recolher de 19h em uma sessão especial da Câmara Municipal na noite seguinte, que foi adotado de forma unânime e começou a valer no dia seguinte. Crianças pequenas deviam ser vigiadas por um “adulto qualificado” o tempo todo, de acordo com a história que falava sobre o toque de recolher no *News*. Na escola de Ben, houve uma reunião especial um mês antes. Chefe Borton subiu no palco, prendeu os polegares no cinto e certificou as crianças de que elas não tinham o que temer desde que seguissem algumas poucas regras simples: não falar com estranhos, não aceitar carona de pessoas que não conhecessem *bem*, sempre lembrar que O Policial É Seu Amigo… e obedecer o toque de recolher.

Duas semanas atrás, um garoto que Ben conhecia vagamente (era da outra turma de quinto ano da Escola Derry) olhou para uma das valas na rua Neibolt e viu o que parecia ser um monte de cabelo flutuando ali. Esse garoto, que se chamava Frankie ou Freddy Ross (ou talvez Roth), estava procurando objetos com um dispositivo que ele mesmo inventou, que ele chamava de A FABULOSA VARA DE CHICLETE . Quando ele falava sobre isso, dava para perceber que pensava bem assim, em letras maiúsculas (e talvez também em neon). A FABULOSA VARA DE CHICLETE era um galho de bétula com uma bola grande de chiclete na ponta. No tempo livre, Freddy (ou Frankie) andava por Derry carregando a vara, olhando em canos de esgoto e bueiros. Às vezes ele via dinheiro, em geral moedas de um centavo, mas às vezes uma de dez ou até de 25 centavos (ele se referia a essas, por algum motivo que só ele sabia, como “monstros do cais”). Quando a moeda era vista, Frankie-ou-Freddy e A FABULOSA VARA DE CHICLETE entravam em ação. Bastava uma cutucada pela grade e a moeda estava no bolso dele.

Ben tinha ouvido boatos de Frankie-ou-Freddy e sua vara de chiclete bem antes de o garoto ficar famoso ao descobrir o corpo de Veronica Grogan.

— Ele é muito nojento — um garoto chamado Richie Tozier disse para Ben um dia durante

o tempo de atividades. Tozier era um garoto magrelo que usava óculos. Ben achava que sem eles Tozier devia enxergar que nem o Mr. Magoo; os olhos ampliados dançavam atrás das lentes grossas com uma expressão de surpresa perpétua. Ele também tinha dentes da frente enormes que o fizeram ganhar o apelido de Castor Bucky. Era da mesma turma de quinto ano de Freddy-ou-Frankie. — Enfia aquela vareta dele com chiclete em esgotos o dia todo e depois mastiga o chiclete à noite.

— Nossa, que horror! — exclamou Ben.

— Issaí, amigão — disse Tozier e saiu andando.

Frankie-ou-Freddy enfiou A FABULOSA VARA DE CHICLETE para cima e para baixo da grade do bueiro por acreditar que tinha encontrado uma peruca. Ele achou que talvez pudesse secá-la e dar para a mãe de aniversário. Depois de alguns minutos empurrando e cutucando, quando estava prestes a desistir, um rosto apareceu flutuando na água turva dentro do bueiro, um rosto com folhas mortas presas nas bochechas brancas e terra nos olhos abertos.

Freddy-ou-Frankie foi correndo para casa gritando.

Veronica Grogan estava no quarto ano na escola batista da rua Neibolt, que era dirigida por pessoas que a mãe de Ben chamava de "os Cristos". Foi enterrada no dia em que seria seu décimo aniversário.

Depois desse horror mais recente, Arlene Hanscom levou Ben para a sala uma noite e se sentou ao lado dele no sofá. Ela segurou suas mãos e olhou com atenção em seu rosto. Ben olhou para ela com um pouco de desconforto.

— Ben — disse ela —, você é bobo?

— Não, mamãe — disse Ben, sentindo mais desconforto do que nunca. Ele não fazia a menor ideia do que era aquilo. Não conseguia se lembrar de ver a mãe tão séria.

— Não — repetiu ela. — Acho que não é.

Ela ficou em silêncio por um longo momento, sem olhar para Ben, e sim pela janela com expressão pensativa. Ben pensou se ela tinha se esquecido completamente dele. Ainda era uma mulher jovem, com apenas 32 anos, mas criar um garoto sozinha deixou uma marca nela. Ela trabalhava 40 horas por semana na seção de empacotamento da indústria Stark em Newport, e depois de dias em que havia muita poeira, ela às vezes tossia tanto e por tanto tempo que Ben ficava com medo. Nessas noites, ele ficava acordado por bastante tempo, olhando pela janela ao lado da cama para a escuridão, se perguntando o que aconteceria com ele se ela morresse. Ele ficaria órfão, achava ele. Poderia se tornar um Garoto do Estado (ele achava que isso significava você ter que ir morar com fazendeiros que faziam você trabalhar do nascer ao pôr do sol), ou poderia ser mandado para o Orfanato de Bangor. Ele tentava dizer para si mesmo que era besteira se preocupar com coisas assim, mas isso não ajudava em nada. E nem era apenas consigo mesmo que ele se preocupava; se preocupava com ela também. Ela era uma mulher durona, a mãe dele, e insistia que a maioria das coisas fosse do jeito dela, mas era uma mãe boa. Ele a amava muito.

— Você sabe sobre esses assassinatos — disse ela, olhando para ele por fim.

Ele assentiu.

— A princípio, as pessoas achavam que eram… — Ela hesitou nas palavras seguintes, nunca ditas na frente do filho antes, mas as circunstâncias eram incomuns e ela se obrigou — … crimes sexuais. Talvez fossem, e talvez não. Talvez tenham acabado, e talvez não. Ninguém pode ter certeza de mais nada, exceto que algum homem maluco que persegue crianças está por aí. Você me entende, Ben?

Ele assentiu.

— E você sabe o que quero dizer quando digo que podem ter sido crimes sexuais?

Ele não sabia, ao menos não exatamente, mas assentiu de novo. Se a mãe achasse que precisava falar com ele sobre a cegonha além dessa outra coisa, ele achava que morreria de constrangimento.

— Eu me preocupo com você, Ben. Tenho medo de não estar cuidando direito de você.

Ben se mexeu e não disse nada.

— Você fica muito tempo sozinho. Tempo demais, eu acho. Você…

— Mamãe…

— Silêncio enquanto falo com você — disse ela, e Ben fez silêncio. — Você tem que tomar cuidado, Benny. O verão está chegando, e não quero estragar suas férias, mas você tem que tomar cuidado. Quero você em casa na hora do jantar todos os dias. Que horas nós jantamos?

— Seis horas.

— Na mosca! Então ouça o que estou dizendo: se eu botar a mesa, servir seu leite e não houver Ben lavando a mão na pia, vou direto pro telefone ligar pra polícia pra relatar seu desaparecimento. Você entende isso?

— Sim, mamãe.

— E acredita que estou falando sério?

— Acredito.

— Eu provavelmente faria isso à toa, se chegasse a fazer. Sei bem como vocês meninos são. Sei que vocês se envolvem nos seus jogos e projetos durante as férias de verão, caçando abelhas, jogando bola ou chutando latas, sei lá. Tenho uma boa ideia do que você e seus amigos fazem, sabe?

Ben assentiu com seriedade, pensando que, se ela não sabia que ele não tinha amigos, provavelmente não sabia nada sobre a infância dele como achava que sabia. Mas ele jamais teria sonhado em dizer uma coisa assim para ela, nem em 10 mil anos de sonhos.

Ela tirou alguma coisa do bolso do avental e entregou a ele. Era uma pequena caixa de plástico. Ben a abriu. Quando viu o que tinha dentro, seu queixo caiu.

— *Uau!* — disse ele, com a admiração completamente intacta. — *Obrigado!*

Era um relógio Timex com pequenos números de prata e pulseira feita de imitação de couro. Ela tinha acertado e dado corda; ele conseguia ouvir o tique-taque.

— Nossa, é demais! — Ele deu um abraço entusiasmado nela e um beijo barulhento na

bochecha.

Ela sorriu, feliz por ele estar feliz, e assentiu. Em seguida, ficou séria de novo.

— Coloque, fique com ele, use, dê corda, cuide dele e não perca.

— Tá.

— Agora que você tem um relógio, não tem desculpa pra chegar atrasado em casa. Lembre o que eu disse: se você não chegar na hora, a polícia vai sair te procurando a pedido meu. Pelo menos até conseguirem pegar o maldito que anda matando crianças aqui, não ouse se atrasar nem um minuto, senão pego aquele telefone.

— Sim, mamãe.

— Mais uma coisa. Não quero você andando por aí sozinho. Você sabe que não deve aceitar doces nem caronas de estranhos, nós dois concordamos que você não é bobo, e você é grande para sua idade, mas um homem adulto, principalmente se for doido, consegue pegar uma criança se quiser de verdade. Quando você for ao parque ou à biblioteca, vá com um dos seus amigos.

— Pode deixar, mamãe.

Ela olhou pela janela de novo e deu um suspiro que era só problema.

— As coisas ficam bem complicadas quando algo assim continua a acontecer. De qualquer modo, tem alguma coisa de feio nesta cidade. Sempre achei isso. — Ela olhou para ele com as sobrancelhas unidas. — Você anda tanto por aí, Ben. Deve conhecer quase todos os lugares de Derry, não é? Pelo menos a parte da cidade.

Ben achava que não conhecia nem de perto todos os lugares, mas conhecia muitos. E ficou tão empolgado com o presente inesperado que foi o Timex que teria concordado com a mãe se ela tivesse sugerido que John Wayne devia fazer o papel de Adolf Hitler em uma comédia musical sobre a Segunda Guerra Mundial. Ele assentiu.

— *Você* nunca viu nada, viu? — perguntou ela. — Nada nem ninguém… bem, suspeito? Alguma coisa fora do comum? Alguma coisa que deu medo?

E, com o prazer causado pelo relógio, a sensação de amor por ela, a felicidade de garoto pequeno pela preocupação dela (que era ao mesmo tempo assustadora pela intensidade aberta e clara), ele quase contou a ela sobre a coisa que aconteceu em janeiro.

Ele abriu a boca, e alguma coisa, alguma intuição poderosa, o fez fechá-la de novo.

O que era aquela coisa exatamente? Intuição. Nada mais do que isso… e nada menos. Até as crianças podem de tempos em tempos intuir as responsabilidades mais complexas do amor e sentir que em alguns casos pode ser mais gentil ficar em silêncio. Esse foi parte do motivo que fez Ben fechar a boca. Mas havia também outra coisa, uma coisa não tão nobre. Ela podia ser rigorosa, sua mãe. Podia ser mandona. Ela nunca o chamava de “gordo”, chamava de “grande” (às vezes ampliado para “grande para a idade”), e quando havia sobras do jantar, ela costumava levar para ele enquanto ele assistia TV ou fazia o dever de casa, e ele comia, apesar de uma parte obscura dele se odiar por fazer isso (mas nunca a mãe por colocar a comida à sua frente — Ben Hanscom não teria ousado odiar a mãe; Deus o acertaria e mataria

por um sentimento de emoção tão bruta e ingrata mesmo que por um segundo). E talvez uma parte ainda mais obscura dele (o distante Tibete dos pensamentos mais profundos de Ben) desconfiasse dos motivos dessa alimentação constante. Era apenas amor? Podia ser alguma outra coisa? Claro que não. Mas… ele se questionava. Mais precisamente, ela não sabia que ele não tinha amigos. A falta de conhecimento o fez não confiar nela, o deixou inseguro de qual seria a reação dela à história da coisa que aconteceu com ele em janeiro. Se é que *alguma coisa* tinha acontecido. Voltar para casa às seis e ficar em casa não era tão ruim, quem sabe. Ele podia ler, assistir TV,

(comer)

construir coisas com os brinquedos de montar. Mas ter que ficar em casa o dia todo também seria *muito* ruim… e se ele contasse para ela o que viu (ou pensava ter visto) em janeiro, ela podia obrigá-lo a ficar em casa.

Assim, por uma variedade de motivos, Ben omitiu a história.

— Não, mamãe — disse ele. — Só o sr. McKibbon remexendo nas lixeiras dos outros.

Isso a fez rir (ela não gostava do sr. McKibbon, que era republicano e era "um Cristo"), e a gargalhada dela encerrou o assunto. Naquela noite, Ben ficou acordado na cama até tarde, mas nenhum pensamento de ser abandonado sem mãe em um mundo difícil o perturbou. Ele se sentiu amado e seguro enquanto estava deitado na cama olhando para a luz da lua que entrava pela janela e se espalhava na cama e no chão. Ele revezava entre levar o relógio ao ouvido para poder ouvir o tique-taque e segurar perto dos olhos para poder admirar o mostrador que brilhava no escuro.

Ele acabou dormindo e sonhou que estava jogando beisebol com os outros garotos no terreno baldio atrás da transportadora dos irmãos Tracker. Tinha acabado de bater um *home run*, escorregou nos calcanhares e bateu em cheio na base, e seus colegas de time o receberam em grupo. Pularam nele e bateram em suas costas. Levantaram-no nos ombros e o carregaram para o lugar onde o equipamento estava espalhado. No sonho, ele estava quase estourando de orgulho e felicidade… e então ele olhou para além do centro do campo, onde uma cerca marcava o limite entre o terreno cheio de cinzas e a grama depois que descia em ladeira para o Barrens. Uma pessoa estava de pé nessas plantas emboladas e arbustos baixos, quase escondida. Estava segurando vários balões, vermelhos, amarelos, azuis, verdes, em uma mão com luva branca. Chamava-o com a outra. Ele não conseguia ver o rosto da pessoa, mas conseguia ver a roupa larga com botões grandes e laranja em forma de pompom na frente e a grande gravata-borboleta amarela.

Era um palhaço.

Issaê, amigão, concordou uma voz fantasma.

Quando Ben acordou na manhã seguinte, tinha esquecido o sonho, mas o travesseiro estava úmido… como se ele tivesse chorado à noite.

Ele foi até a recepção na biblioteca infantil e afastou a linha de pensamento que o cartaz do toque de recolher despertou com a mesma facilidade que um cachorro sacode a água do pelo depois de nadar.

— Oi, Benny — disse a sra. Starrett. Assim como a sra. Douglas da escola, ela realmente gostava de Ben. Adultos, principalmente os que às vezes precisavam chamar a atenção de crianças como parte do trabalho, costumavam gostar dele porque ele era educado, falava baixo, era atencioso e às vezes era até engraçado de uma maneira tranquila. Eram os mesmos motivos para as outras crianças o acharem um saco. — Já se cansou das férias de verão?

Ben sorriu. Era um gracejo padrão da sra. Starrett.

— Ainda não — disse ele —, já que as férias de verão só começaram — ele olhou para o relógio — há uma hora e 17 minutos. Me dê mais uma hora.

A sra. Starrett riu, cobrindo a boca para não sair alto demais. Ela perguntou a Ben se ele queria se inscrever no programa de leitura de verão, e Ben disse que sim. Ela deu a ele um mapa dos Estados Unidos, e Ben agradeceu muito.

Ele andou até as estantes, tirou um livro aqui e outro ali, olhou e colocou no lugar. Escolher livros era coisa séria. Era preciso tomar cuidado. Se você era adulto, podia pegar quantos quisesse, mas crianças só podiam pegar três de cada vez. Se você pegasse um ruim, tinha que ficar com ele.

Ele acabou escolhendo seus três: *Bulldozer*, *O corcel negro* e um que era um tiro no escuro: um livro chamado *Hot Rod*, de um homem chamado Henry Gregor Felsen.

— Você talvez não goste desse — comentou a sra. Starrett. — É muito sangrento. Ofereço pros adolescentes, principalmente os que tiraram habilitação, porque faz pensar. Imagino que faça com que muitos andem mais devagar uma semana inteira.

— Ah, vou dar uma olhada — disse Ben, e levou os livros até uma das mesas grandes longe do cantinho do Pooh, onde *Os três cabritos rudes* estavam prestes a dar trabalho para o *troll* debaixo da ponte.

Ele leu *Hot Rod* por um tempo, e não era muito ruim. Nem um pouco. Era sobre um garoto que dirigia muito bem, mas havia um policial chato que sempre ficava tentando fazê-lo ir mais devagar. Ben descobriu que não existia limite de velocidade em Iowa, onde o livro se passava. Isso era bem legal.

Ele ergueu o olhar depois de três capítulos, e um cartaz novo chamou sua atenção. O pôster

no alto (a biblioteca era doida por pôsteres mesmo) mostrava um carteiro feliz entregando uma carta para um garoto feliz. BIBLIOTECAS TAMBÉM SÃO PARA ESCREVER, dizia o pôster. POR QUE NÃO ESCREVER PARA UM AMIGO HOJE? É GARANTIA DE SORRISOS!

Abaixo do pôster havia bolsos com cartões-postais selados, envelopes selados e papel de carta com um desenho da Biblioteca Pública de Derry no alto em tinta azul. Os envelopes selados custavam dez centavos cada, os cartões, três centavos. O papel custava um centavo por duas folhas.

Ben tateou o bolso. Os últimos quatro centavos do dinheiro das garrafas ainda estavam lá. Ele marcou a página em *Hot Rod* e voltou até a recepção.

— A senhora pode me dar um desses cartões-postais, por favor?

— Claro, Ben. — Como sempre, a sra. Starrett ficou encantada pela educação séria dele e um pouco entristecida pelo tamanho. Sua mãe teria dito que o garoto estava cavando o próprio túmulo com um garfo e uma faca. Ela deu o cartão para ele e o viu voltar para a cadeira. Era uma mesa em que seis pessoas podiam sentar, mas Ben era o único ali. Ela nunca tinha visto Ben com nenhum dos outros garotos. Era uma pena, porque ela acreditava que Ben Hanscom tinha tesouros dentro de si. Ele os entregaria para um garimpeiro gentil e paciente… se algum aparecesse um dia.

8

Ben pegou a caneta esferográfica, apertou atrás para liberar a ponta e endereçou o cartão com simplicidade: srta. Beverly Marsh, rua Lower Main, Derry, Maine, Zona 2. Ele não sabia o número exato do prédio dela, mas sua mãe havia lhe dito que a maior parte dos carteiros tinha uma boa ideia de quem eram os moradores depois de estarem no cargo um tempo. Se o carteiro da rua Lower Main conseguisse entregar esse cartão, seria ótimo. Se não, ele apenas iria para a sala de cartas mortas e ele perderia três centavos. Era certo que jamais voltaria para ele, porque ele não tinha intenção de colocar seu nome e endereço.

Segurando o cartão com o endereço virado para baixo (ele não ia se arriscar, apesar de não ter visto ninguém que conhecesse), ele pegou alguns pedaços quadrados de papel de rascunho na caixa de madeira ao lado das fichas. Levou até a mesa e começou a escrever, riscar e escrever de novo.

Durante a última semana de aula antes das provas, eles leram e escreveram haicais na aula de inglês. Haicai era uma forma japonesa de poesia, breve, disciplinada. A sra. Douglas disse que um haicai tinha que ter apenas 17 sílabas, nem mais, nem menos. Costumava se concentrar em apenas uma imagem clara que era ligada a uma emoção específica: tristeza, alegria, nostalgia, felicidade… amor.

Ben ficou encantado com o conceito. Ele gostava das aulas de inglês, apesar de não passar disso. Conseguia fazer as atividades, mas em geral não havia nada ali que o envolvesse. Mas *havia* alguma coisa no conceito de haicai que despertava a imaginação dele. A ideia o fazia sentir feliz, assim como a explicação da sra. Starrett do efeito estufa o fez feliz. Haicai era poesia boa. Ben achava isso porque era poesia *estruturada*. Não havia regras secretas. Dezessete sílabas, uma imagem ligada a uma emoção e pronto. Bingo. Era limpo, era utilitário, era completamente contido e dependia de suas regras. Ele até gostava da palavra em si, um declive de ar quebrado como se em uma linha pontilhada pelo som do "k" bem no fundo da boca: *haicai*.

O cabelo dela, pensou ele, e a viu descendo pela escada da escola de novo com o cabelo balançando nos ombros. O sol não apenas brilhou nele, mas pareceu queimar junto.

Depois de trabalhar com dedicação durante um período de vinte minutos (com uma pausa para ir buscar mais papel de rascunho), riscar palavras longas demais, mudar, excluir, Ben chegou a isto:

Cabelos de fogo
como brasas no inverno.
Meu coração queima.

Ele não adorou, mas foi o melhor que conseguiu fazer. Tinha medo de enrolar demais, se preocupar demais, e acabar ficando nervoso e fazer alguma coisa bem pior. Ou não fazer nada. Ele não queria que isso acontecesse. Aquele momento em que ela parou para falar com ele foi um momento notável para Ben. Ele queria marcá-lo na memória. Beverly devia gostar de algum garoto maior, do sexto ano ou talvez até do sétimo, e acharia que quem mandou o haicai foi esse garoto. Isso a deixaria feliz, e por isso o dia em que ela recebesse ficaria marcado na memória dela. E embora ela nunca fosse descobrir que foi Ben Hanscom quem marcou a memória dela, não tinha problema; ele saberia.

Ele copiou o poema concluído no cartão-postal (com letras bastão, como se estivesse copiando um bilhete de pedido de resgate em vez de um poema de amor), prendeu a caneta no bolso e enfiou o cartão na parte de trás de *Hot Rod.*

Ele se levantou e se despediu da sra. Starrett na saída.

— Tchau, Ben — disse a sra. Starrett. — Aproveite as férias, mas não se esqueça do toque de recolher.

— Não vou esquecer.

Ele andou pelo corredor de vidro entre os dois prédios, apreciando o calor ali (*efeito estufa*, pensou ele convencido) seguido do ar frio da biblioteca adulta. Um homem idoso estava lendo o *News* em uma das poltronas antigas e confortavelmente acolchoadas na alcova da Sala de Leitura. A manchete logo abaixo do cabeçalho dizia: DULLES PEDE QUE AS TROPAS AMERICANAS AJUDEM O LÍBANO SE NECESSÁRIO! Também havia uma foto de Ike apertando a mão de um árabe no Rose Garden. A mãe de Ben disse que, quando o país elegesse Hubert Humphrey como presidente em 1960, talvez as coisas voltassem a funcionar. Ben estava vagamente ciente de que existia uma coisa chamada recessão acontecendo, e a mãe tinha medo de ser demitida.

Uma manchete menor na metade de baixo da página um dizia: CAÇADA POLICIAL A PSICOPATA CONTINUA.

Ben abriu a porta grande da biblioteca e saiu.

Havia uma caixa de correio na calçada. Ben pegou o cartão-postal dentro do livro e o colocou lá dentro. Sentiu seu coração disparar um pouco quando deslizou de seus dedos. *E se ela de alguma forma souber que fui eu?*

Não seja burro, respondeu ele, um pouco alarmado com o quanto a ideia lhe pareceu excitante.

Ele andou até a rua Kansas, sem nem prestar atenção direito na direção que estava seguindo e sem se importar. Uma fantasia tinha começado a se formar em sua mente. Nela, Beverly Marsh andava até ele, com olhos verde-acinzentados bem abertos, o cabelo ruivo preso em um rabo de cavalo. *Quero te fazer uma pergunta, Ben*, dizia essa garota inventada na mente dele, *e você precisa jurar falar a verdade.* Ela levantava o cartão-postal. *Foi você quem escreveu isso?*

Era uma fantasia terrível. Era uma fantasia maravilhosa. Ele queria que acabasse. Não queria que acabasse nunca. Seu rosto estava começando a esquentar de novo.

Ben seguiu andando e sonhando. Passou os livros da biblioteca de um braço para o outro e começou a assoviar. *Você pode pensar que sou horrível*, disse Beverly, *mas acho que quero te beijar.* Os lábios dela se abriram ligeiramente.

Os lábios de Ben de repente ficaram secos demais para ele conseguir assoviar.

— Acho que quero que você me beije — sussurrou ele, e deu um sorriso embriagado, tonto e simplesmente lindo.

Se ele tivesse olhado mais adiante na calçada naquele momento, teria visto que três outras sombras cresceram perto da dele; se estivesse prestando atenção, teria ouvido os sapatos de Victor quando ele, Arroto e Henry se aproximaram. Mas ele nem ouviu nem viu. Ben estava longe, sentindo os lábios de Beverly deslizarem suavemente sobre sua boca, levantando mãos tímidas para tocar o suave fogo irlandês dos cabelos dela.

Como muitas cidades grandes e pequenas, Derry não fora planejada; ela simplesmente cresceu. Urbanistas jamais a teriam colocado na posição em que ficava. O centro de Derry era um vale formado pelo rio Kenduskeag, que cortava o centro financeiro em diagonal de sudoeste para nordeste. O resto da cidade cresceu nas laterais das colinas ao redor.

O vale para o qual os colonizadores originais foram era pantanoso e cheio de vegetação. O Kenduskeag e o rio Penobscot, no qual o primeiro desembocava, eram coisas ótimas para comerciantes e péssimas para quem plantava ou construía perto demais deles, principalmente o Kenduskeag, porque transbordava a cada três ou quatro anos. A cidade ainda tinha tendências a enchentes apesar das enormes quantidades de dinheiro gastas nos últimos cinquenta anos para controlar o problema. Se as enchentes fossem causadas apenas pelo riacho, um sistema de barragens poderia ter resolvido. Mas havia outros fatores. As margens baixas do Kenduskeag eram um. O escoamento ruim de toda a área era outro. Desde a virada do século, houve muitas enchentes sérias em Derry e uma desastrosa em 1931. Para piorar, as colinas nas quais a maior parte de Derry estava construída eram repletas de pequenos riachos (o riacho Torrault, onde Cheryl Lamonica foi encontrada, era um deles). Durante períodos de chuvas fortes, eles todos tinham boa chance de transbordar. "Se chove por duas semanas, a cidade toda fica com sinusite", disse o pai de Bill Gago uma vez.

O Kenduskeag era cercado por um canal de concreto com 3 quilômetros de extensão quando passava no meio da cidade. Esse canal passava a ser subterrâneo na interseção da rua Main com a Canal e se tornava um rio subterrâneo sob a rua Main por cerca de 800 metros, para voltar à superfície no Parque Bassey. A rua Canal, onde a maior parte dos bares de Derry se enfileirava como suspeitos da polícia, era paralela ao canal no caminho dele para fora da cidade, e em intervalos de semanas, a polícia precisava pescar o carro de algum bêbado de dentro da água, que era poluída a níveis mortais pelo esgoto e dejetos industriais. Peixes eram pegos de tempos em tempos no canal, mas eram mutantes que não podiam ser comidos.

No lado nordeste da cidade, o lado do canal, o rio tinha sido controlado ao menos um

pouco. O comércio florescia ao longo dele apesar das enchentes ocasionais. As pessoas andavam ao lado do canal, às vezes de mãos dadas (se o vento estivesse na direção certa; se estivesse na direção errada, o fedor tirava o romance de uma caminhada assim), e no Parque Bassey, que ficava em frente à escola de ensino médio, do outro lado do canal, às vezes havia acampamentos de escoteiros e churrascos. Em 1969, os cidadãos ficariam chocados e enojados ao descobrir que hippies (um deles tinha costurado uma bandeira americana no fundilho da calça, e *aquela* bicha esquerdista foi presa antes de você conseguir terminar de falar Gene McCarthy) estavam fumando maconha e comercializando ácido lá. Em 1969, o Parque Bassey tinha se tornado uma farmácia a céu aberto. *Podem esperar*, diziam as pessoas. *Alguém vai morrer antes que acabem com isso.* E é claro que uma pessoa morreu: um garoto de 17 anos foi encontrado morto ao lado do canal, com as veias cheias de heroína quase pura, o que os jovens chamavam de trem branco. Depois disso, os drogados começaram a se afastar do Parque Bassey, e havia até histórias de que o fantasma do garoto estava assombrando a área. A história era idiota, é claro, mas se mantivesse os entorpecidos e os doidões longe de lá, era pelo menos uma história idiota *útil*.

No lado sudoeste da cidade, o rio apresentava mais problemas. Ali, as colinas foram deformadas pela passagem da grande geleira e mais ainda pela infinita erosão de água do Kenduskeag e seus muitos afluentes; o leito de rocha aparecia em vários pontos com ossos de dinossauros semienterrados. Funcionários veteranos do Departamento de Obras Públicas de Derry sabiam que, depois da primeira geada forte do outono, eles podiam contar com uma boa quantidade de consertos nas calçadas no lado sudoeste da cidade. O concreto se contraía e ficava quebradiço, e o leito de pedra surgia por baixo, como se a terra pretendesse chocar alguma coisa.

O que crescia melhor no solo raso que restava eram plantas com raízes curtas e natureza resistente; ervas daninhas e plantas ruins, em outras palavras: árvores feias, arbustos densos e baixos e infestações virulentas de urtiga cresciam para todos os lados que conseguiam. O sudoeste era onde o terreno descia íngreme até a área conhecida em Derry como Barrens. O Barrens, que era qualquer coisa, *menos* árido, como o nome sugeria, consistia em uma área confusa de cerca de 2,5 quilômetros de largura por 5 quilômetros. Era cercada pela rua Kansas de um lado e por Old Cape do outro. Old Cape era uma área de habitação de baixa renda, e o esgoto era tão ruim lá que havia histórias de privadas e canos de esgoto que realmente explodiram.

O Kenduskeag passava pelo meio do Barrens. A cidade tinha crescido no nordeste e dos dois lados dele, mas os únicos vestígios de cidade aqui embaixo eram a Estação de Esgoto nº 3 de Derry (a estação municipal de bombeamento de esgoto) e o lixão municipal. Visto do ar, o Barrens parecia uma grande adaga verde apontando para o centro da cidade.

Para Ben, toda essa geografia misturada com geologia significava uma vaga noção de que não havia mais casas do lado direito agora; o terreno tinha sumido. Um corrimão bambo pintado de branco da altura da cintura acompanhava a calçada, um gesto simbólico de

proteção. Ele conseguia ouvir de leve água corrente; era a trilha sonora de sua fantasia em desenvolvimento.

Ele fez uma pausa e olhou para o Barrens, ainda imaginando os olhos e o cheiro limpo do cabelo dela.

Dali, o Kenduskeag era apenas uma série de brilhos vistos por aberturas na folhagem densa. Alguns garotos diziam que havia mosquitos do tamanho de pardais lá embaixo nessa época do ano; outros diziam que havia areia movediça quando você chegava perto do rio. Ben não acreditava na história dos mosquitos, mas a ideia da areia movediça o assustava.

Ligeiramente à esquerda, ele conseguiu ver uma nuvem de gaivotas voando e mergulhando: o lixão. Os gritos delas chegavam a ele de longe. Do outro lado, ele conseguia ver Derry Heights e os tetos baixos das casas de Old Cape mais perto do Barrens. À direita de Old Cape, apontando para o céu como um dedo branco, ficava a Torre de Água de Derry. Diretamente abaixo dela, um aqueduto enferrujado surgia da terra, derramando água sem cor pela colina como um pequeno riacho cintilante que desaparecia em meio ao emaranhado de árvores e arbustos.

A fantasia agradável de Ben com Beverly foi interrompida de repente por outra bem pior: e se uma mão morta subisse por aquele aqueduto agora, neste segundo, enquanto ele estava olhando? E se quando ele se virasse para procurar um telefone e ligar para a polícia, desse de cara com um palhaço? Um palhaço engraçado com roupa larga e botões grandes e laranja? E se…

Ben sentiu a mão de alguém no ombro e gritou.

Ele ouviu risadas. Virou-se enquanto se encolhia contra a cerca branca que separava a calçada segura e sã da rua Kansas do selvagem e indisciplinado Barrens (o corrimão gemeu alto) e viu Henry Bowers, Arroto Huggins e Victor Criss ali de pé.

— Oi, Peitinhos — disse Henry.

— O que vocês querem? — perguntou Ben, tentando parecer corajoso.

— Quero te dar uma surra — disse Henry. Ele parecia contemplar essa possibilidade com seriedade. Mas ah, seus olhos pretos brilhavam. — Tenho que te ensinar uma coisa, Peitinhos. Você não vai ligar. Você gosta de aprender coisas novas, né?

Ele esticou a mão na direção de Ben. Ben desviou.

— Segurem ele, pessoal.

Arroto e Victor seguraram os braços dele. Ben deu um gritinho. Foi um som covarde, fraco e fino, mas ele não conseguiu evitar. *Por favor, Deus, não deixe que me façam chorar e não deixe que quebrem meu relógio*, pensou Ben loucamente. Ele não sabia se eles chegariam a quebrar seu relógio ou não, mas tinha quase certeza de que ia chorar. Tinha quase certeza de que ia chorar muito antes de eles terminarem.

— Nossa, ele parece um porco — disse Victor. Ele torceu o pulso de Ben. — Ele não parece um porco?

— Parece mesmo — disse Arroto, rindo.

Ben correu primeiro para um lado e depois para o outro. Arroto e Victor o acompanharam com facilidade, deixaram que ele corresse, só para puxá-lo de volta.

Henry agarrou a frente do moletom de Ben e puxou para cima, deixando a barriga exposta. Ela caía por cima do cinto como um deslizamento.

— Olha essa barriga! — gritou Henry, impressionado e enojado. — Meu Deus do céu!

Victor e Arroto riram mais. Ben olhou ao redor em busca de ajuda. Não conseguia ver ninguém. Atrás dele, no Barrens, grilos cricrilavam e gaivotas berravam.

— É melhor vocês pararem! — disse ele. Não estava balbuciando ainda, mas estava quase. — É melhor pararem!

— Senão o quê? — perguntou Henry, como se estivesse realmente interessado. — Senão o quê, Peitinhos? Senão o quê, hã?

Ben de repente se viu pensando em Broderick Crawford, que fazia papel de Dan Matthews em *Highway Patrol* (aquele cara era *durão*, aquele cara era *cruel*, aquele cara não aceitava merda de ninguém) e irrompeu em lágrimas. Dan Matthews teria jogado esses caras por cima da cerca, ladeira abaixo, direto para as plantas. Teria feito isso com a barriga.

— Ah, caramba, olhem o bebê! — riu Victor. Arroto se juntou a ele. Henry sorriu um pouco, mas seu rosto ainda mantinha a expressão séria e pensativa, a expressão que era quase triste. Ela assustava Ben. Sugeria que ele poderia estar disposto a mais do que uma surra.

Como se para confirmar essa ideia, Henry enfiou a mão no bolso da calça jeans e pegou uma faca Buck.

O terror de Ben explodiu. Ele estava remexendo o corpo inutilmente de um lado para o outro; agora, ele de repente se jogou para a frente. Houve um instante em que acreditou que conseguiria escapar. Estava suando muito, e as mãos dos garotos segurando seus braços escorregavam. Arroto conseguiu segurar seu pulso direito, mas por pouco. Ele se soltou completamente de Victor. Outro impulso…

Antes de ele conseguir, Henry deu um passo para a frente e lhe deu um empurrão. Ben voou para trás. A cerca estalou mais alto desta vez, e ele sentiu-a ceder um pouco sob seu peso. Arroto e Victor o seguraram de novo.

— Agora segurem ele — disse Henry. — Estão ouvindo?

— Claro, Henry — disse Arroto. Ele parecia um pouco desconfortável. — Ele não vai fugir. Não se preocupe.

Henry andou para a frente até sua barriga lisa quase encostar na de Ben. Ben olhou para ele com lágrimas caindo dos olhos arregalados. *Preso! Estou preso!*, gritou uma parte de sua mente. Ele tentou impedi-la, pois não conseguia pensar com aquela gritaria na cabeça, mas ela não parava. *Preso! Preso! Preso!*

Henry abriu a lâmina, que era longa e larga e tinha seu nome gravado. A ponta brilhou no sol da tarde.

— Vou te testar agora — disse Henry naquele mesmo tom pensativo. — Está na hora da prova, Peitinhos, e é melhor você estar pronto.

Ben chorou. Seu coração batia loucamente no peito. Havia catarro escorrendo do seu nariz e se acumulando no lábio superior. Os livros da biblioteca estavam caídos no chão. Henry pisou em *Bulldozer*, olhou para baixo e o jogou na vala com um empurrão da bota.

— Esta é a primeira pergunta da sua prova, Peitinhos. Quando uma pessoa disser “me deixa copiar” nas provas finais, o que você vai dizer?

— Sim! — exclamou Ben imediatamente. — Vou dizer sim! Claro! Tudo bem! Pode copiar tudo que quiser!

A ponta da faca deslizou por 5 centímetros de ar e encostou na barriga de Ben. Estava fria como uma bandeja de gelo saída do congelador. Ben encolheu a barriga. Por um momento, o mundo ficou cinza. A boca de Henry estava se movendo, mas Ben não conseguia entender o que ele estava dizendo. Parecia que Henry era uma televisão sem som, e o mundo estava oscilando… oscilando…

Não ouse desmaiar!, gritou a voz em pânico. *Se você desmaiar, ele pode ficar louco o bastante pra te matar!*

O mundo recuperou parte do foco. Ele viu que Arroto e Victor tinham parado de rir. Pareciam nervosos… quase com medo. Ver isso teve o efeito de um tapa em Ben. *De repente, eles não sabem o que ele vai fazer, nem até onde pode ir. O pior que você imaginou é o quanto as coisas realmente estão ruins… ou talvez até um pouco piores. Você precisa pensar. Mesmo que nunca tenha pensado antes e nunca volte a pensar, é melhor pensar agora. Porque os olhos dele diziam que eles estão certos em parecer nervosos. Os olhos dele dizem que ele é doido de pedra.*

— Resposta errada, Peitinhos — disse Henry. — Se *qualquer pessoa* disser “me deixa copiar”, estou cagando pro que você faz. Entendeu?

— Entendi — disse Ben, com a barriga tremendo com o choro. — Tá, entendi.

— Que ótimo. Você errou uma, mas as maiores perguntas ainda estão por vir. Está pronto?

— Acho… acho que sim.

Um carro se aproximou lentamente. Era um Ford 1951 sujo com um senhor e uma senhora nos bancos da frente como um par de manequins descartados de loja de departamentos. Ben viu a cabeça do homem idoso se virar lentamente para ele. Henry chegou mais perto de Ben e escondeu a faca. Ben conseguia sentir a ponta tocando sua pele acima do umbigo. Ainda estava fria. Ele não via como era possível, mas estava.

— Vai em frente, grita — disse Henry. — Você mesmo vai furar sua barriga. — Eles estavam perto o bastante para um beijo. Ben conseguia sentir o cheiro doce de chiclete Juicy Fruit no hálito de Henry.

O carro passou e seguiu pela rua Kansas, tão lento e sereno quanto o carro líder do Rose Parade.

— Tudo bem, Peitinhos, olha a segunda pergunta. Se *eu* disse “Me deixa copiar” nas provas finais, o que *você* vai dizer?

— Sim. Vou dizer que sim. Na mesma hora.

Henry sorriu.

— Ótimo. Você acertou essa, Peitinhos. Agora vem a terceira pergunta: como vou ter certeza de que você nunca vai esquecer isso?

— Eu… eu não sei — sussurrou Ben.

Henry sorriu. Seu rosto se iluminou e ficou quase bonito por um momento.

— Eu sei! — disse ele, como se tivesse descoberto uma grande verdade. — Eu sei, Peitinhos! Vou escrever meu nome na sua barriga gorda!

Victor e Arroto começaram a rir de novo abruptamente. Por um momento, Ben sentiu uma espécie de alívio desnorteado, pensando que tudo não tinha passado de faz de conta, um pequeno susto que os três bolaram para deixá-lo apavorado. Mas Henry Bowers não estava rindo, e Ben de repente entendeu que Victor e Arroto estavam rindo porque *eles* estavam aliviados. Era óbvio para os dois que Henry não podia estar falando sério. Só que Henry *estava.*

A faca Buck deslizou para cima, delicada como manteiga. O sangue surgiu em uma linha vermelha de cor intensa na pele pálida de Ben.

— Ei! — gritou Victor. A palavra saiu abafada, assustada.

— Segurem ele! — rosnou Henry. — Fiquem segurando, estão ouvindo? — Agora não havia nada de sério e pensativo no rosto de Henry; agora, era o rosto retorcido de um demônio.

— *Meu Deus do céu Henry não corta ele de verdade!* — gritou Arroto, e a voz dele estava aguda, quase como a de uma garota.

Tudo aconteceu rápido depois disso, mas para Ben Hanscom, pareceu devagar; tudo pareceu acontecer em uma série de cliques, como fotos de ação em um ensaio de fotos da revista *Life*. O pânico desapareceu. Ele de repente descobriu uma coisa dentro de si, e como o pânico não era nada útil, essa coisa simplesmente comeu o pânico inteiro.

No primeiro clique, Henry levantou o moletom até os mamilos dele. Sangue escorria do corte vertical superficial acima de seu umbigo.

No segundo clique, Henry baixou a faca de novo e operou rapidamente, como um cirurgião de guerra lunático debaixo de um bombardeio aéreo. Sangue fresco escorreu.

Pra trás, pensou Ben friamente enquanto o sangue escorria e se acumulava entre a cintura da calça jeans e a pele. *Tenho que ir pra trás. É a única direção pela qual posso escapar.* Arroto e Victor não estavam mais o segurando. Apesar da ordem de Henry, eles tinham se afastado. Tinham se afastado horrorizados. Mas, se ele corresse, Bowers iria pegá-lo.

No terceiro clique, Henry uniu os dois cortes verticais com uma linha curta horizontal. Ben conseguia sentir o sangue escorrendo até a cueca agora, e uma linha gosmenta descia lenta como uma lesma pela coxa esquerda.

Henry se inclinou para trás por um momento e franziu a testa com a concentração estudada de um artista pintando uma paisagem. *Depois do H vem o E*, pensou Ben, e isso foi o necessário para colocá-lo em movimento. Ele forçou o corpo um pouco para a frente e Henry

o empurrou para trás. Ben empurrou com as pernas, acrescentando sua força à de Henry. Ele bateu na cerca pintada de branco que separava a rua Kansas da ladeira que levava ao Barrens. Ao fazer isso, levantou o pé direito e apoiou na barriga de Henry. Não foi um ato de retaliação; Ben só queria aumentar a força de impulso. Mas quando ele viu a expressão de pura surpresa no rosto de Henry, foi tomado de uma alegria límpida e selvagem, uma sensação tão intensa que, por uma fração de segundo, pensou que o topo de sua cabeça fosse se soltar.

Em seguida, houve um som de estalo e madeira rompendo vindo da cerca. Ben viu Victor e Arroto segurarem Henry antes que ele pudesse cair de bunda na vala ao lado dos restos de *Bulldozer*, e então Ben caiu para trás. Caiu com um grito que era parcialmente uma gargalhada.

Ben bateu com as costas e o traseiro na ladeira logo abaixo do aqueduto que ele tinha visto antes. Foi bom ele ter caído abaixo; se tivesse caído em cima, podia ter quebrado a coluna. Mas ele acabou caindo em um acolchoado denso de grama e plantas e quase não sentiu o impacto. Deu uma cambalhota para trás, com pés e pernas passando por cima da cabeça. Caiu sentado e deslizou pela ladeira de costas, como uma criança em um brinquedo de parque de diversões, o moletom puxado até o pescoço, as mãos tentando se agarrar em alguma coisa, mas só conseguindo arrancar tufos e tufos de samambaia e grama.

Ele viu o topo do barranco (parecia impossível que ele estivesse lá um pouco antes) se afastando com velocidade louca de desenho animado. Viu Victor e Arroto, os rostos redondos com a boca em formato de O, olhando para ele. Teve tempo de lamentar pelos livros da biblioteca. Em seguida, bateu em alguma coisa com força agonizante e quase partiu a língua no meio.

Era uma árvore caída, e ela interrompeu a queda de Ben quase quebrando sua perna esquerda. Ele subiu um pouco a ladeira e soltou a perna com um gemido. A árvore o fez parar na metade do caminho. Abaixo, os arbustos eram mais densos. Água caindo do aqueduto passava por suas mãos em fluxos fracos.

Houve um grito vindo de cima. Ben ergueu o olhar de novo e viu Henry Bowers voar por cima da cerca, com a faca entre os dentes. Ele caiu de pé, com o corpo jogado para trás para poder se equilibrar. Deslizou até o final de marcas gigantescas de passos e começou a correr pela ladeira em uma série de pulinhos de canguru.

— Ô í ma-á, Pe-inhos! — gritou Henry com a faca na boca, e Ben não precisava de um tradutor das Nações Unidas para saber que Henry estava dizendo *Vou te matar, Peitinhos* . — Ô í ma-á, orra!

Agora, com aquele olho frio de general que ele descobriu lá em cima na calçada, Ben viu o que tinha que fazer. Conseguiu ficar de pé pouco antes de Henry chegar, com a faca agora na mão e esticada à frente do corpo como uma baioneta. Ben estava levemente ciente de que a perna esquerda da calça jeans estava rasgada e de que sua perna sangrava bem mais do que a barriga… mas ela o estava sustentando, e isso significava que não estava quebrada. Pelo menos, ele *esperava* que significasse isso.

Ben se agachou de leve para manter o equilíbrio precário, e quando Henry o agarrou com uma das mãos e golpeou com a faca em um arco com a outra, Ben deu um passo para o lado. Ele perdeu o equilíbrio, mas, ao cair, esticou a perna esquerda machucada. As canelas de Henry bateram nela, e as pernas dele foram derrubadas com grande eficiência. Por um momento, Ben ficou boquiaberto, com o terror dominado por uma mistura de assombro e admiração. Henry Bowers pareceu voar exatamente como o Super-homem por cima da árvore caída onde Ben tinha parado. Os braços estavam esticados à frente do corpo, da mesma forma como George Reeves esticava os braços no programa de TV. Só que George Reeves sempre fazia parecer que voar era tão natural quanto tomar um banho ou almoçar na varanda dos fundos. Henry parecia que tinha levado uma vara quente enfiada na bunda. Sua boca se abria e fechava. Um filete de saliva escorria pelo canto, e enquanto Ben olhava, bateu no lóbulo da orelha de Henry.

Em seguida, Henry caiu no chão. A faca voou da mão dele. Ele rolou sobre um dos ombros, caiu de costas e deslizou até os arbustos com as pernas abertas em V. Houve um grito. Um baque. E silêncio.

Ben se sentou, atordoado e olhando para o lugar amassado nos arbustos em que Henry fez seu ato de desaparecimento. De repente, pedras e cascalho começaram a quicar ao redor dele. Ele olhou para cima de novo. Victor e Arroto agora estavam descendo o barranco. Estavam se deslocando com mais cuidado que Henry, e, portanto, mais devagar, mas chegariam em trinta segundos ou menos se ele não fizesse alguma coisa.

Ele gemeu. Essa loucura não terminaria nunca?

Com os olhos fixos neles, ele pulou a árvore caída e começou a descer a ladeira, ofegando intensamente. A lateral do corpo repuxava. A língua doía loucamente. Os arbustos eram agora quase da altura de Ben. O cheiro verde intenso de coisas crescendo sem controle enchia seu nariz. Ele conseguia ouvir água correndo em algum lugar ali perto, passando por cima de pedras e entre elas.

Seus pés escorregaram e lá foi ele de novo, rolando e deslizando. Ele bateu com as costas da mão em uma pedra protuberante, passou em meio a espinhos que arrancaram pedaços azuis do moletom dele e pequenos pedaços de carne de suas mãos e bochechas.

Ele parou de repente ainda sentado, com os pés na água. Havia um riacho curvo que descia por um aglomerado de árvores à sua direita; parecia escuro como uma caverna lá dentro. Ele olhou para a esquerda e viu Henry Bowers deitado de costas no meio do riacho. Os olhos entreabertos só deixavam a parte branca à mostra. Sangue escorria de um dos ouvidos e fluía até Ben em filetes delicados.

Ah meu Deus eu matei ele! Ah meu Deus sou assassino! Ah meu Deus!

Esquecendo-se de que Arroto e Victor estavam atrás dele (ou talvez entendendo que eles perderiam todo o interesse em dar uma surra nele quando descobrissem que seu Destemido Líder estava morto), Ben correu 6 metros riacho acima até onde Henry estava, com a camisa em frangalhos, a calça jeans encharcada e escura, sem um dos sapatos. Ben estava vagamente

ciente de que havia sobrado pouco de suas próprias roupas e seu corpo era um aglomerado de dores e feridas. Seu tornozelo esquerdo era o pior; já tinha inchado e apertava o tênis encharcado, e ele o estava preservando tanto que não andava, mas oscilava como um marinheiro em terra firme pela primeira vez depois de um longo tempo no mar.

Ele se inclinou acima de Henry Bowers. Os olhos de Henry se abriram. Ele segurou a panturrilha de Ben com a mão arranhada e sangrenta. Sua boca se mexeu, e apesar de nada além de uma série de aspirações assoviadas ter saído dela, Ben *ainda* conseguiu entender o que ele estava dizendo: *Matar você, seu gordo de merda.*

Henry estava tentando se levantar, usando a perna de Ben como apoio. Ben recuou freneticamente. A mão de Henry deslizou e soltou. Ben voou para trás, girou os braços e caiu sobre o traseiro pela terceira vez nos últimos quatro minutos. Também mordeu a língua de novo. Água voou ao seu redor. Um arco-íris brilhou por um instante na frente dos olhos de Ben. Ele não estava nem aí para o arco-íris. Não estava nem aí para encontrar o pote de ouro. Ficaria feliz em manter sua vidinha infeliz e gorda.

Henry rolou. Tentou ficar de pé. Caiu. Conseguiu ficar de quatro. E finalmente cambaleou de pé. Olhou para Ben com aqueles olhos negros. A parte da frente do cabelo agora estava apontando para todos os lados, como palha de milho depois de uma ventania.

Ben ficou zangado de repente. Não, era mais do que zangado. Estava *furioso*. Estava andando com os livros da biblioteca debaixo do braço, tendo um inocente sonho acordado em que beijava Beverly Marsh, sem incomodar ninguém. E veja só isso. Apenas *veja*. Calça rasgada. Tornozelo esquerdo talvez quebrado, com uma torção forte, com certeza. Perna toda cortada, língua toda cortada, com a letra da porra de Henry Bowers na barriga. Que tal essa merda toda, fãs do esporte? Mas foi provavelmente o pensamento nos livros da biblioteca, pelos quais ele era responsável, que o fez partir para cima de Henry Bowers. Os livros de biblioteca perdidos e a imagem mental do quanto o olhar da sra. Starrett seria reprovador quando ele contasse para ela. Fosse qual fosse o motivo (cortes, torção, livros da biblioteca, ou até mesmo a ideia do boletim molhado e provavelmente ilegível no bolso de trás), foi o bastante para colocá-lo em movimento. Ele correu para a frente, com os tênis Keds molhados espalhando a água rasa, e chutou Henry bem nas bolas.

Henry deu um grito rouco horrível que fez pássaros saírem voando das árvores. Ficou de pernas abertas por um momento, com as mãos na virilha, olhando para Ben sem acreditar.

— Ug — disse ele em uma voz baixa.

— Certo — disse Ben.

— Ug — disse Henry, com voz ainda mais baixa.

— Certo — disse Ben de novo.

Henry caiu lentamente de joelhos, não exatamente caindo, mas se dobrando. Ainda estava olhando para Ben com olhos negros e descrentes.

— Ug.

— Certíssimo — disse Ben.

Henry caiu de lado, ainda segurando os testículos, e começou a rolar lentamente de um lado para o outro.

— Ug! — gemeu Henry. — Minhas bolas. Ug! Você quebrou minhas bolas. Ug-ug! — Ele agora estava começando a recuperar um pouco de força, e Ben começou a recuar um passo de cada vez. Estava enojado pelo que tinha feito, mas também estava tomado de uma fascinação virtuosa e paralisada. — *Ug!*, meu saco, porra, *ug, UG!*, ah, minhas *BOLAS*, porra!

Ben poderia ter ficado por perto por uma quantidade indefinida de tempo, talvez mesmo até Henry se recuperar o bastante para ir atrás dele, mas uma pedra o atingiu acima da orelha direita com dor tão intensa e profunda que, até ele sentir o sangue quente fluindo de novo, Ben achava ter sido picado por uma vespa.

Ele se virou e viu os outros dois andando pelo riacho na direção dele. Cada um tinha na mão um punhado de pedras arredondadas pela água. Victor lançou uma, e Ben ouviu-a assoviar por sua orelha. Ele se abaixou e outra bateu em seu joelho direito, fazendo-o gritar de dor e surpresa. Uma terceira quicou em sua bochecha direita, e o olho acima se encheu de lágrimas.

Ele cambaleou até a margem mais distante e subiu o mais rápido que conseguiu, segurando-se em raízes e plantas. Conseguiu chegar ao topo (uma pedra final atingiu seu traseiro quando ele se erguia) e deu uma olhada rápida por cima do ombro.

Arroto estava ajoelhado ao lado de Henry enquanto Victor estava a quase 2 metros de distância, jogando pedras; uma do tamanho de uma bola de beisebol bateu no arbusto alto ao lado de Ben. Ele já tinha visto o bastante; na verdade, tinha visto mais do que o bastante. O pior de tudo era que Henry Bowers estava se levantando de novo. Assim como o relógio Timex de Ben, Henry conseguia tomar uma surra e continuar a bater. Ben se virou e abriu caminho entre os arbustos, na direção que ele torcia para ser o oeste. Se ele conseguisse ir até o lado de Old Cape do Barrens, podia implorar uma moeda para alguém e pegar o ônibus para casa. E quando chegasse lá, ele trancaria a porta, enfiaria essas roupas manchadas de sangue no fundo do lixo, e esse sonho louco finalmente acabaria. Ben se imaginou sentado na cadeira da sala de estar, depois de um banho, usando o roupão vermelho felpudo, vendo desenhos do Patolino no *The Mighty Ninety* e tomando leite com um canudo sabor morango. *Agarre-se a isso*, pensou ele com medo, e continuou a seguir.

Arbustos bateram em seu rosto. Ben os empurrou para o lado. Espinhos pareciam saltar nele. Ele tentou ignorá-los. Chegou a uma área plana que era preta e imunda. Uma quantidade densa de plantas como bambu se espalhava nela, e um cheiro fétido subia da terra. Um pensamento sinistro

(areia movediça)

cruzou o fundo de sua mente como uma sombra quando ele olhou para a água parada abaixo da planta tipo bambu. Ele não queria entrar ali. Mesmo que não fosse areia movediça, a lama arrancaria seus tênis. Ele virou para a direita, passou pela frente da área de bambu e chegou a uma floresta de verdade.

As árvores, quase todas abetos, eram grossas, cresciam para todos os lados e pareciam lutar umas com as outras por um pouco de espaço e sol, mas havia menos vegetação rasteira e ele conseguia se deslocar mais rápido. Ele não sabia mais em que direção estava andando, mas ainda achava que estava em vantagem. O Barrens era cercado por Derry em três lados e pela extensão interminada da autoestrada no quarto. Mais cedo ou mais tarde, ele chegaria em *algum lugar*.

Sua barriga latejou dolorosamente, e ele puxou os restos do moletom para olhar. Fez uma careta e assoviou entre dentes. Sua barriga parecia uma grotesca bola de Natal, coberta de sangue vermelho e manchada de verde pelo deslizamento no barranco. Ele puxou o moletom para baixo. Olhar para aquilo deu vontade de vomitar o almoço.

Agora ele ouviu um sussurro baixo vindo da frente. Era uma nota firme logo acima da sua capacidade auditiva. Um adulto, com a intenção de apenas sair dali o mais rápido possível (os mosquitos já tinham encontrado Ben, e apesar de não serem nada grandes como pardais, eram bem grandes), teria ignorado, ou simplesmente não ouviria. Mas Ben era um garoto, e já estava superando o medo. Ele desviou para a esquerda e empurrou um loureiro. Atrás dele, surgindo da terra, havia um metro de um cilindro de cimento com cerca de 1,20 metro de largura. Tinha uma tampa de bueiro de ferro com orifícios. A tampa tinha as palavras DEPTO. DE ESGOTOS DE DERRY em alto-relevo. O som (perto assim, era mais um zumbido do que um sussurro), vinha de algum lugar lá dentro.

Ben colocou um olho em um dos orifícios, mas não conseguiu ver nada. Conseguia ouvir o som regular, e água correndo em algum lugar lá embaixo, mas isso era tudo. Ele respirou fundo, sentiu um aroma azedo que era ao mesmo tempo úmido e podre, e recuou com uma careta. Era um esgoto, só isso. Ou talvez uma combinação de esgoto e túnel de drenagem — havia muito disso na Derry atenta a enchentes. Nada de mais. Mas lhe causou um tremor estranho. Parte disso foi por ver o trabalho do homem nessa área confusa e selvagem, mas ele achava que em parte foi o formato da coisa em si, aquele cilindro de concreto despontando do chão. Ben tinha lido *A máquina do tempo* de H. G. Wells no ano anterior, primeiro a versão em quadrinhos da Classics Comics e depois o livro todo. Esse cilindro com a tampa cheia de orifícios o lembrava dos poços que levavam ao país dos horríveis e corcundas Morlocks.

Ele se afastou rapidamente, tentando encontrar o oeste de novo. Chegou a uma pequena clareira e virou até sua sombra ficar o mais diretamente atrás de si que conseguiu. Depois, seguiu em linha reta.

Cinco minutos depois, ele ouviu mais água corrente à frente e vozes. Vozes de crianças.

Ele parou para ouvir, e foi quando escutou galhos estalando e outras vozes atrás de si. Eram perfeitamente reconhecíveis. Pertenciam a Victor, Arroto e ao próprio Henry Bowers.

Ao que parecia, o pesadelo ainda não tinha terminado.

Ben olhou ao redor, em busca de um lugar para se esconder.

Ele saiu do esconderijo cerca de duas horas depois, mais sujo do que nunca, mas um pouco descansado. Por mais incrível que pudesse parecer, ele tinha cochilado.

Quando ouviu os três atrás de si, ainda perseguindo-o, Ben chegou perigosamente perto de ficar paralisado por completo, como um animal atingido pelos faróis de um caminhão que se aproxima. Um entorpecimento paralítico começou a tomar conta dele. A ideia de simplesmente se deitar, se encolher como um ouriço e deixar que eles fizessem o que tivessem vontade ocorreu a ele. Era uma ideia louca, mas também parecia uma ideia estranhamente *boa*.

Mas em vez disso, Ben começou a se mover em direção ao som da água corrente e das outras crianças. Tentou desemaranhar as vozes delas e identificar a essência do que estavam dizendo, qualquer coisa para afastar aquela apavorante paralisia do espírito. Era sobre algum projeto. Estavam falando sobre algum projeto. Uma ou duas vozes eram até um tanto familiares. Houve um som de água, seguido de uma explosão de gargalhadas alegres. As gargalhadas encheram Ben de uma espécie de vontade idiota e o deixaram mais ciente de sua posição perigosa do que qualquer outra coisa.

Se ele ia ser pego, não havia necessidade de deixar que esses garotos provassem do seu remédio. Ben virou para a direita de novo. Como muitas pessoas grandes, ele tinha o passo incrivelmente leve. Ele passou perto o bastante dos garotos para ver as sombras deles se movendo para a frente e para trás entre ele e a água brilhante, mas nenhum deles o viu nem ouviu. Gradualmente, as vozes começaram a ficar para trás.

Ele chegou a um caminho estreito que tinha sido pisado ao ponto de restar apenas terra nua. Ben refletiu por um momento e balançou um pouco a cabeça. Ele o atravessou e entrou na vegetação de novo. Movia-se mais devagar agora, empurrando os arbustos para o lado em vez de pisar neles de qualquer jeito. Ainda estava seguindo em paralelo ao riacho ao lado do qual os outros garotos estavam brincando. Mesmo entre os arbustos entrelaçados e árvores, ele conseguia ver que era bem mais largo do que o riacho no qual ele e Henry caíram.

Aqui havia outro daqueles cilindros de concreto, quase invisível entre um emaranhado de trepadeiras de amora silvestre, zumbindo baixinho. Depois, uma escarpa levava ao riacho, e aqui um olmo retorcido se inclinava por cima da água. As raízes dele, meio expostas pela erosão, pareciam cabelo sujo embaraçado.

Torcendo para não haver insetos nem cobras, mas cansado e assustado demais para se importar, Ben andou entre as raízes até entrar em uma caverna rasa embaixo. Recostou-se. Uma raiz o cutucou como um dedo zangado. Ele mudou um pouco de posição e ela deu um

apoio bem agradável.

Aqui estavam Henry, Arroto e Victor. Ele achava que eles podiam ter pensado em seguir o caminho, mas não deu essa sorte. Ficaram perto dele por um momento; mais um pouco e ele teria conseguido esticar a mão do esconderijo e tocar neles.

— Aposto que os merdinhas ali atrás viram ele — disse Arroto.

— Bem, vamos descobrir — respondeu Henry, e eles seguiram pelo caminho pelo qual tinham vindo. Alguns momentos depois, Ben o ouviu rugir. — Que porra vocês crianças estão fazendo aqui?

Houve alguma espécie de resposta, mas Ben não conseguiu entender: os meninos estavam longe demais, e perto assim, o rio (era o Kenduskeag, é claro) era alto demais. Mas ele achou que o garoto pareceu assustado. Ben se solidarizou.

Em seguida, Victor Criss gritou alguma coisa que Ben não entendeu:

— Que porra de barragem de bebê!

Barragem de bebê? *Barraca* de bebê? Ou talvez Victor tenha falado "uma porrada de bebês" e Ben ouviu errado.

— Vamos quebrar! — propôs Arroto.

Houve gritos de protesto seguidos de um grito de dor. Alguém começou a chorar. Sim, Ben se solidarizava. Eles não conseguiram pegá-lo (pelo menos, ainda não), mas havia outro grupo de crianças em quem eles podiam descontar a raiva.

— Claro, quebra — disse Henry.

Barulho de água. Gritos. Enormes vibrações de gargalhadas idiotas vindas de Arroto e Victor. Um grito agonizante e furioso de uma das crianças.

— Não me venha com merda, seu gaguinho bizarro — disse Henry Bowers. — Não vou aguentar merda de ninguém hoje.

Houve um estalo. O som de água correndo rio abaixo ficou mais forte e rugiu antes de voltar ao som anterior, plácido. Ben de repente entendeu. Barragem de bebê, sim, foi isso que Victor disse. Os meninos (pareceram dois ou três quando ele passou) estavam construindo uma represa. Henry e seus amigos tinham destruído com chutes. Ben até pensou que sabia quem era um dos garotos. O único "gaguinho bizarro" que ele conhecia da escola Derry era Bill Denbrough, que era da outra turma de quinto ano.

— Você não precisava ter feito isso — gritou uma voz aguda e temerosa, e Ben reconheceu aquela também, apesar de não conseguir associar um rosto imediatamente. — Por que você fez isso?

— Porque *senti* vontade, seu merda! — gritou Henry. Houve um baque seco. Foi seguido de um grito de dor. O grito foi seguido de choro.

— Cala a boca — disse Victor. — Para de chorar, garoto, senão vou puxar suas orelhas e amarrar debaixo do queixo.

O choro virou uma série de fungadas engasgadas.

— Nós vamos embora — disse Henry —, mas antes, quero saber uma coisa. Vocês viram

um garoto gordo nos últimos dez minutos, mais ou menos? Um garoto grande e gordo todo ensanguentado e cortado?

Houve uma resposta curta demais para ser qualquer coisa diferente de não.

— Tem certeza? — perguntou Arroto. — É melhor ter, pamonha.

— E-e-eu t-tenho cer-certeza — respondeu Bill Denbrough.

— Vamos — disse Henry. — Ele deve ter seguido por aquele caminho.

— Tchau, tchau, garotos — disse Victor Criss. — Era uma barragem de bebê mesmo, acreditem. Vocês estão melhores sem ela.

Sons de água. A voz de Arroto soou de novo, mas mais longe agora. Ben não conseguiu decifrar as palavras. Na verdade, não *queria* decifrar as palavras. Mais perto, o garoto recomeçou a chorar. Havia sons reconfortantes vindos do outro garoto. Ben concluiu que eram só dois, Bill Gago e o chorão.

Ele ficou meio sentado, meio deitado onde estava, ouvindo os dois garotos no rio e os sons distantes de Henry e seus amigos dinossauros caminhando de forma barulhenta para o outro lado do Barrens. A luz do sol brilhou em seus olhos e criou pequenos pontos de luz nas raízes emaranhadas acima e ao redor dele. Estava sujo aqui, mas também era aconchegante… seguro. O som de água corrente era calmante. Até o som do garoto chorando era meio calmante. Suas dores e machucados tinham diminuído para um latejar cego, e o som dos dinossauros tinha sumido completamente. Ele esperaria um pouco, só para ter certeza de que não voltariam, e depois seguiria o caminho.

Ben conseguia ouvir o latejar do maquinário de escoamento vindo pela terra. Conseguia até sentir: uma vibração baixa e constante que seguia do chão até a raiz na qual ele estava encostado, e também até suas costas. Ele pensou de novo nos Morlocks, na pele nua deles; imaginou que tinha o mesmo cheiro do ar úmido e podre que saiu pelos orifícios daquela tampa de bueiro de ferro. Pensou nos poços deles cavados bem fundo na terra, poços com escadas enferrujadas presas nas laterais. Ele cochilou e, em algum ponto, seus pensamentos se tornaram um sonho.

11

Não foi com os Morlocks que ele sonhou. Ele sonhou com a coisa que aconteceu com ele em janeiro, a coisa que não conseguiu contar para a mãe.

Foi no primeiro dia de aula depois das longas férias de Natal. A sra. Douglas pediu que um voluntário ficasse depois da aula para ajudá-la a contar os livros que tinham sido devolvidos antes das férias. Ben levantou a mão.

— Obrigada, Ben — disse a sra. Douglas, dando um sorriso de tamanho esplendor para ele que o fez esquentar até os dedos dos pés.

— Puxa-saco — comentou Henry Bowers baixinho.

Era o tipo de dia de inverno no Maine que é ao mesmo tempo o melhor e o pior: sem nuvens, brilhante a ponto de fazer os olhos lacrimejarem, mas tão frio que era um pouco assustador. Para tornar a temperatura de 12°C negativos ainda pior, havia um vento forte para dar um aspecto cortante ao frio.

Ben contou livros e falou os números; a sra. Douglas os anotou (sem se importar de verificar o trabalho dele nem de forma aleatória, ele reparou com orgulho), e depois os dois carregaram os livros para a sala em que eram guardados por corredores onde aquecedores estalavam de maneira sonhadora. A princípio, a escola estava cheia de sons: portas de armários sendo batidas, os estalos da máquina de escrever da sra. Thomas na secretaria, as execuções ligeiramente desafinadas do coral no andar de cima, o som nervoso das bolas de basquete no ginásio e dos tênis dos jogadores correndo em direção às cestas ou pulando no piso de madeira encerada.

Pouco a pouco, esses sons sumiram, até, quando a última pilha de livros foi adicionada (faltando um, mas não importava muito, suspirou a sra. Douglas — todos estavam mesmo em péssimo estado), os únicos sons serem os dos aquecedores, o sibilar leve da vassoura do sr. Fazio enquanto varria serragem colorida pelo chão do corredor e o uivo do vento lá fora.

Ben olhou para a única janela estreita da sala dos livros e viu que a luz estava sumindo rapidamente do céu. Eram 16 horas e o anoitecer estava chegando. Membranas de neve seca voavam pelo trepa-trepa gelado e giravam entre as gangorras, que estavam congeladas e grudadas no chão. Só o degelo de abril romperia a soldagem do inverno. Ele não viu ninguém na rua Jackson. Olhou por mais um momento, esperando que um carro passasse pelo cruzamento da Jackson com a Witcham, mas nenhum passou. Todos em Derry menos ele e a sra. Douglas poderiam estar mortos ou terem fugido, pelo menos pelo que ele podia ver dali.

Ele olhou na direção dela e viu, com um toque de medo verdadeiro, que ela estava sentindo quase exatamente a mesma coisa que ele. Ele conseguia perceber pela expressão nos olhos dela. Eles eram profundos e estavam pensativos e distantes, não os olhos de uma professora na casa dos 40 anos, mas os de uma criança. As mãos dela estavam unidas bem abaixo dos seios, como se ela estivesse em oração.

Estou com medo, pensou Ben, *e ela também está. Mas de que estamos realmente com medo?*

Ele não sabia. Ela olhou para ele e deu uma risada curta e quase constrangida.

— Segurei você aqui até tarde demais — disse ela. — Me desculpe, Ben.

— Tudo bem. — Ele olhou para os sapatos. Ele a amava um pouco. Não com o amor

sincero e inquestionável que sentia pela srta. Thibodeau, a professora do primeiro ano… mas ele a amava *sim*.

— Se eu estivesse de carro, te daria uma carona — disse ela —, mas não dirijo. Meu marido vai me pegar por volta de 15 pras cinco. Se você quiser esperar, nós podemos…

— Não, obrigado — disse Ben. — Tenho que chegar em casa antes disso. — Não era bem verdade, mas ele sentia uma aversão estranha à ideia de conhecer o marido da sra. Douglas.

— Talvez sua mãe pudesse…

— Ela também não dirige — disse Ben. — Vou ficar bem. É só um quilômetro e meio até em casa.

— Um quilômetro e meio não é longe quando o tempo está bom, mas pode ser com esse tempo. Entre em algum lugar se ficar frio demais, certo, Ben?

— Ah, claro. Posso entrar no mercado Costello e ficar de pé ao lado do fogão por um tempo, ou alguma coisa assim. O sr. Gedreau não se incomoda. E estou com minha calça de neve. Meu cachecol novo do Natal também.

A sra. Douglas pareceu um pouco mais tranquila… mas então olhou para a janela de novo.

— É que parece tão frio lá fora — disse ela. — Tão… tão hostil.

Ele não conhecia a palavra, mas sabia exatamente o que ela queria dizer. *Alguma coisa tinha acabado de acontecer… o quê?*

Ele percebeu que a viu como pessoa em vez de apenas professora. Foi isso que aconteceu. De repente, ele viu o rosto dela de uma forma completamente diferente, e por causa disso, ele se tornou um novo rosto, o rosto de um poeta cansado. Ele conseguia vê-la indo para casa com o marido, sentada ao lado dele no carro com as mãos fechadas enquanto o aquecedor sibilava e ele falava sobre o dia dele. Conseguia vê-la fazendo o jantar. Um pensamento estranho cruzou sua mente, e uma pergunta pessoal surgiu nos lábios dele: *Você tem filhos, sra. Douglas?*

— Costumo pensar nessa época do ano que as pessoas não foram feitas pra morar tão ao norte do equador — disse ela. — Pelo menos, não nesta latitude. — Em seguida, ela sorriu, e um pouco da estranheza sumiu do rosto dele ou do seu olho; ele conseguiu vê-la, ao menos parcialmente, como sempre vira. *Mas você nunca mais vai vê-la daquele jeito de novo, não completamente*, pensou ele consternado.

— Vou me sentir velha até a primavera, e então vou me sentir jovem de novo. É assim todos os anos. Você tem certeza de que vai ficar bem, Ben?

— Vou ficar ótimo.

— É, acho que vai. Você é um bom garoto, Ben.

Ele olhou para os pés, corando, amando-a mais do que nunca.

No corredor, o sr. Fazio disse:

— Tome cuidado com a geladura, garoto. — Ele nem levantou o olhar da serragem vermelha.

— Pode deixar.

Ele chegou ao seu armário, abriu-o e tirou a calça de neve. Tinha ficado dolorosamente infeliz quando a mãe insistiu que ele a usasse de novo neste inverno nos dias especialmente frios, pensando nela como roupa de bebê, mas estava feliz de estar com ela esta tarde. Ele andou lentamente até a porta, fechou o casaco, puxou os cadarços do capuz com força, calçou as luvas. Saiu e ficou de pé no degrau mais alto coberto de neve na escada da frente por um momento, ouvindo a porta ser fechada e trancada atrás dele.

A escola Derry estava sob um céu manchado da cor de um hematoma. O vento soprava regularmente. Os ganchos do mastro batiam com um som solitário no próprio mastro de aço. O vento cortou a pele quente e despreparada do rosto de Ben imediatamente, entorpecendo suas bochechas.

Tome cuidado com a geladura, garoto.

Ele puxou rapidamente o cachecol até parecer uma caricatura pequena e gorducha do Red Ryder. Aquele céu escuro tinha uma espécie de beleza fantástica, mas Ben não parou para admirar; estava frio demais para isso. Ele seguiu em frente.

A princípio o vento estava nas suas costas, e as coisas não pareceram tão ruins; na verdade, ele parecia estar ajudando-o. Mas na rua Canal, ele precisou virar à direita, quase diretamente contra o vento. Agora parecia estar segurando-o… como se tivesse problemas com ele. O cachecol ajudou um pouco, mas não o bastante. Seus olhos latejaram, e a umidade do nariz congelou até estalar. Suas pernas estavam ficando dormentes. Várias vezes ele enfiou as mãos enluvadas nas axilas para aquecê-las. O vento gritava e chiava, às vezes parecendo quase humano.

Ben sentiu medo e euforia. Medo porque agora conseguia entender histórias que tinha lido, como “A fogueira”, de Jack London, na qual as pessoas congelavam até morrer. Seria bem possível congelar até a morte em uma noite como esta, uma noite em que as temperaturas cairiam a 26°C negativos.

A euforia era difícil de explicar. Era uma sensação solitária, um sentimento de uma espécie de melancolia. Ele estava ao ar livre; passava nas asas do vento, e nenhuma das pessoas atrás dos quadrados iluminados das janelas o via. Elas estavam lá dentro, onde estava claro e quente. Não sabiam que ele passara por elas; só ele sabia. Era uma coisa secreta.

O ar em movimento queimava como agulhas, mas era fresco e limpo. Fumaça branca saía de seu nariz em nuvens perfeitas.

E, quando o pôr do sol chegou, com o dia terminando em uma linha amarelo-alaranjada no horizonte do oeste e as primeiras estrelas como diamantes cruéis brilhando no céu acima, ele chegou ao canal. Só estava a três quarteirões de casa agora e ansiava por sentir o calor no rosto e nas pernas, o sangue em movimento de novo, fazendo-o formigar.

Ainda assim… ele fez uma pausa.

O canal estava congelado entre as paredes de concreto como um rio congelado de leite, com a superfície curva, rachada e enevoada. Estava imóvel, mas completamente vivo na luz cruel e puritana do inverno; tinha sua própria beleza única e difícil.

Ben virou na outra direção, sudoeste. A direção do Barrens. Quando olhou nessa direção, o vento bateu em suas costas de novo. A calça de neve ficou enrugada e tremeu. O canal corria reto estre suas paredes de concreto por talvez 800 metros; depois, o concreto sumia e o rio se alargava para dentro dos Barrens, nessa época do ano um mundo esquelético de arbustos de gelo e galhos pelados.

Uma pessoa estava de pé no gelo lá embaixo.

Ben olhou para ela e pensou: *Pode haver um homem lá embaixo, mas ele pode estar usando o que parece estar usando? É impossível, não é?*

A pessoa estava usando o que parecia ser uma roupa de palhaço branco-prateada. Ela tremia ao redor do corpo dela no vento polar. Havia sapatos laranja grandes demais em seus pés. Eles combinavam com os botões de pompom que se alinhavam na parte da frente da roupa. Uma das mãos segurava várias cordas, que seguiam até um monte colorido de balões, e quando Ben observou que os balões estavam flutuando na sua direção, sentiu a irrealidade tomar conta dele com mais força. Ele fechou os olhos, esfregou-os, abriu-os. Os balões ainda pareciam estar flutuando em sua direção.

Ele ouviu a voz do sr. Fazio na cabeça. *Tome cuidado com a geladura, garoto.*

Tinha que ser uma alucinação ou uma miragem criada por algum truque estranho do tempo. Podia haver um homem lá embaixo no gelo; ele achava que era até tecnicamente possível que pudesse estar usando uma roupa de palhaço. Mas os balões não podiam estar flutuando na direção de Ben, *contra* o vento. Mas era isso que pareciam estar fazendo.

Ben!, chamou o palhaço no gelo. Ben achou que a voz estava apenas em sua cabeça, embora parecesse que ele ouvia com os ouvidos. *Quer um balão, Ben?*

Havia alguma coisa tão má naquela voz, tão terrível, que Ben queria sair correndo o mais rápido possível, mas seus pés pareciam tão grudados na calçada quanto as gangorras do parquinho da escola estavam presas no chão.

Eles flutuam, Ben! Todos flutuam! Experimente um e veja!

O palhaço começou a andar pelo gelo na direção da ponte do canal, onde Ben estava. Ben o viu se aproximar sem se mover; viu da mesma forma que um pássaro vê uma cobra se aproximar. Os balões deveriam ter estourado no frio intenso, mas não estouraram; eles flutuaram acima e à frente do palhaço quando deviam estar voando para trás dele, tentando escapar de volta para o Barrens… de onde, uma parte da mente de Ben lhe garantia, essa criatura tinha saído.

Agora, Ben reparou em outra coisa.

Apesar de as últimas luzes do dia terem lançado um brilho rosado no gelo do canal, o palhaço não fazia sombra. Nenhuma.

Você vai gostar daqui, Ben, disse o palhaço. Agora ele estava perto o bastante para que Ben conseguisse ouvir o som dos sapatos engraçados conforme ele caminhava pelo gelo irregular. *Você vai gostar daqui, eu prometo, todos os garotos e garotas que eu conheço gostam daqui, porque é a Ilha do Prazer de Pinóquio e a Terra do Nunca de Peter Pan; eles*

nunca precisam crescer e é isso que as crianças querem! Então venha! Veja o local, pegue um balão, alimente os elefantes, ande na montanha-russa! Ah, você vai gostar, e Ben, como você vai flutuar…

E, apesar do medo, Ben sentiu que uma parte dele *queria* um balão. Quem em todo o mundo tinha um balão que flutuava contra o vento? Quem tinha *ouvido falar* de uma coisa assim? Sim… ele queria um balão, e queria ver o rosto do palhaço, que estava inclinado na direção do gelo, como se para se proteger do vento terrível.

O que poderia ter acontecido se o apito das 17h no alto da prefeitura de Derry não tivesse tocado naquele momento, Ben não sabia… não *queria* saber. O importante era que ele *tocou*, um som perfurante que penetrou no profundo frio do inverno. O palhaço ergueu o olhar, como se por ter levado um susto, e Ben viu seu rosto.

A múmia! Ah meu Deus é a múmia! Esse foi seu primeiro pensamento, acompanhado de um horror vertiginoso que o fez apertar as mãos com força na proteção lateral da ponte para não desmaiar. É claro que não era a múmia, não *podia* ser a múmia. Ah, existiam múmias egípcias, muitas delas, ele sabia disso, mas seu primeiro pensamento foi que ele era *a* múmia, o monstro poeirento interpretado por Boris Karloff no antigo filme que ele ficou acordado até tarde para assistir no mês passado na sessão *Shock Theater.*

Não, não era *aquela* múmia, não podia ser, monstros de filmes não eram reais, todo mundo sabia disso, até criancinhas. Mas…

Não era maquiagem que o palhaço estava usando. Nem estava ele enrolado em um monte de ataduras. *Havia* ataduras, a maior parte ao redor do pescoço e pulsos, voando ao vento, mas Ben conseguia ver o rosto do palhaço claramente. Tinha linhas profundas, a pele como um mapa de rugas em um pergaminho, bochechas rasgadas, carne desgastada. A pele da testa estava ferida, mas sem sangue. Lábios mortos sorriam sobre uma mandíbula nas quais dentes se inclinavam como lápides. As gengivas eram esburacadas e negras. Ben não conseguia ver olhos, mas *alguma coisa* brilhava no interior dos buracos negros como carvão, alguma coisa como as pedras preciosas frias nos olhos de escaravelhos egípcios. E apesar de o vento estar para o lado errado, parecia que ele conseguia sentir o cheiro de canela e especiarias, mortalhas apodrecidas tratadas com drogas estranhas, areia, sangue tão velho que tinha secado e virado flocos e grãos de ferrugem…

— Todos flutuamos aqui embaixo — grasnou a múmia-palhaço, e Ben se deu conta com horror renovado de que ele tinha chegado à ponte, estava agora abaixo dele, esticando a mão seca e retorcida da qual pedaços de pele farfalhavam como bandeiras, mão essa que deixava à mostra ossos como marfim amarelado.

Um dedo quase sem carne acariciou a ponta de sua bota. A paralisia de Ben evaporou. Ele correu pelo resto da ponte com o apito das 17h tocando em seus ouvidos; o som só parou quando ele chegou do outro lado. Tinha que ser uma miragem, *tinha* que ser. O palhaço não podia ter se deslocado tanto durante um apito de dez ou 15 segundos.

Mas seu medo não era miragem; nem eram as lágrimas quentes que surgiram em seus olhos

e congelaram em suas bochechas um segundo depois de caírem. Ele correu, com as botas batendo na calçada, e atrás ele conseguia ouvir a múmia de roupa de palhaço subindo do canal, com unhas antigas de pedra arranhando o ferro, velhos tendões estalando como dobradiças secas. Ele conseguia ouvir o sopro árido de sua respiração entrando e saindo de narinas tão sem umidade quanto os túneis debaixo da grande pirâmide. Conseguiu sentir seu manto de aromas arenosos e soube que em um momento suas mãos, tão sem carne quanto as construções geométricas que ele fazia com seus brinquedos, desceriam sobre os ombros dele. Elas o virariam e ele olharia para aquele rosto enrugado e sorridente. O rio morto da respiração dela sopraria sobre ele. Aqueles buracos pretos com o brilho profundo se inclinariam sobre ele. A boca sem dentes bocejaria, e ele teria seu balão. Ah, sim. Todos os balões que quisesse.

Mas quando ele chegou à esquina de sua rua, soluçando e sem fôlego, com o coração disparado batendo em seus ouvidos, quando ele finalmente olhou por cima do ombro, a rua estava vazia. A ponte curva com as laterais baixas de concreto e o antiquado piso de paralelepípedo também estava vazia. Ele não conseguia ver o canal, mas sentiu que, se conseguisse, também não veria nada lá. Não; se a múmia não tivesse sido alucinação ou miragem, se tivesse sido real, ela ficaria esperando *debaixo* da ponte, como o *troll* na história *Os três cabritos rudes.*

Debaixo. Escondida debaixo.

Ben correu para casa, olhando para trás de tempos em tempos até a porta estar bem fechada e trancada atrás de si. Ele explicou para a mãe, que estava tão cansada de um dia particularmente puxado no trabalho que na verdade nem tinha sentido muita falta dele, que estava ajudando a sra. Douglas a contar livros. Depois, ele se sentou para jantar macarrão e peru de sobra do domingo. Comeu três pratos, e a múmia pareceu mais distante e irreal a cada garfada. Não era real, essas coisas nunca eram reais, elas ganhavam vida apenas entre comerciais dos filmes que passavam tarde da noite na TV ou durante as matinês de sábado, onde, se você tivesse sorte, podia ver dois monstros por 25 centavos, e se tivesse mais 25 centavos, podia comprar toda a pipoca que conseguisse comer.

Não, eles não eram reais. Monstros da TV, do cinema e dos quadrinhos não eram reais. Não até você ir para a cama e não conseguir dormir; não até as quatro últimas balas, enroladas em lenços de papel e guardadas debaixo do travesseiro contra os males da noite, serem comidas; não até a cama virar um lago de sonhos horríveis e o vento gritar do lado de fora e você ter medo de olhar pela janela porque poderia haver um *rosto* ali, um *rosto* antigo e sorridente que não apodreceu, mas simplesmente secou como uma folha velha, com os olhos como diamantes afundados empurrados no fundo de órbitas escuras; não até você ver a mão enrugada como uma garra segurando um monte de balões: *Veja o local, pegue um balão, alimente os elefantes, ande na montanha-russa! Ben, ah, Ben, você vai* flutuar…

Ben acordou ofegante, com o sonho da múmia ainda na cabeça, em pânico pela escuridão fechada e vibrante ao redor. Ele tremeu, e a raiz deixou de sustentá-lo e cutucou-o nas costas de novo, como se exasperada.

Ele viu luz e seguiu desajeitado na direção dela. Saiu rastejando para a luz do sol da tarde e o barulho do rio, e tudo voltou ao lugar. Era verão, não inverno. A múmia não o levou para sua cripta deserta; Ben tinha simplesmente se escondido dos garotos grandes em um buraco de terra debaixo das raízes expostas de uma árvore. Estava no Barrens. Henry e seus amigos tinham caído na farra de leve com dois garotos brincando no rio porque não conseguiram encontrar Ben e cair na farra pesada com ele. *Tchau, tchau, garotos. Era uma barragem de bebê mesmo, acreditem. Vocês estão melhores sem ela.*

Ben olhou com tristeza para as roupas estragadas. Sua mãe o faria penar no inferno de 16 maneiras diferentes.

Ele dormiu o suficiente para ficar dolorido. Ben deslizou pelo barranco e começou a andar ao lado do rio, fazendo uma careta a cada passo. Era uma mistura de dores e ardências; parecia que Spike Jones estava tocando uma música rápida com vidro quebrado dentro da maioria de seus músculos. Parecia haver sangue seco ou secando em cada centímetro exposto de pele. Os garotos da barragem já teriam mesmo ido embora, consolou-se ele. Não sabia por quanto tempo tinha dormido, mas mesmo que tivesse sido só meia hora, o encontro com Henry e seus amigos teria convencido Denbrough e seu companheiro de que algum outro lugar, como por exemplo o Timbukctu, seria melhor para a saúde deles.

Ben seguiu com dificuldade, sabendo que, se os garotos grandes voltassem, ele não teria a menor chance de correr. Mas não se importava.

Ele acompanhou uma virada no rio e ficou ali parado por um momento, olhando. Os construtores da barragem ainda estavam ali. Um deles era mesmo Bill Gago Denbrough. Ele estava ajoelhado ao lado do outro garoto, que estava recostado na margem inclinada do rio em uma posição sentada. A cabeça do outro garoto estava tão inclinada para trás que seu pomo de adão se destacava como um plugue triangular. Havia sangue seco ao redor de seu nariz, no queixo e escorrendo pelo pescoço. Ele tinha uma coisa branca em uma das mãos.

Bill Gago olhou ao redor atentamente e viu Ben ali de pé. Ben viu com consternação que alguma coisa estava muito errada com o garoto sentado na margem; Denbrough estava obviamente apavorado. Ele pensou com infelicidade: *Por que este dia não termina?*

— Eu queria saber se v-v-você pode me aju-judar — disse Bill Denbrough. — A bo-bo-bombinha dele está v-vazia. Acho que ele p-pode estar…

Seu rosto congelou, ficou vermelho. Ele buscou a palavra, gaguejando como uma metralhadora. Cuspe voou dos seus lábios, e ele levou quase trinta segundos de “m-m-m-m” até Ben se dar conta de que Denbrough estava tentando dizer que o outro garoto podia estar morrendo.

Capítulo 5

Bill Denbrough vence o diabo (I)

1

Bill Denbrough pensa: Estou praticamente viajando no espaço; daria no mesmo estar dentro de uma bala disparada de uma arma.

Embora seja perfeitamente verdadeiro, ele não acha esse pensamento confortável. Na verdade, pela primeira hora que segue a decolagem do Concorde (ou talvez levantamento fosse uma maneira melhor de dizer), saindo de Heathrow, ele está enfrentando um surto leve de claustrofobia. O avião é estreito, de maneira perturbadora. A refeição é quase requintada, mas as comissárias que a servem precisam se contorcer, inclinar e agachar para fazer o serviço; elas parecem uma trupe de ginastas. Ver esse trabalho cansativo tira um pouco do prazer da comida para Bill, embora o homem sentado ao seu lado não pareça particularmente incomodado.

O homem é outro inconveniente. Ele é gordo e não exatamente limpo; pode haver colônia Ted Lapidus espalhada na pele, mas por baixo dela, Bill detecta os odores inconfundíveis de sujeira e suor. Ele também não está sendo muito cuidadoso com o cotovelo esquerdo; de tempos em tempos, dá uma leve cutucada em Bill.

Seus olhos são atraídos toda hora para o painel digital na frente da cabine. Ele mostra a velocidade com que a bala inglesa está voando. Agora, quando o Concorde alcança a velocidade ideal. Bill pega a caneta no bolso da camisa e usa a ponta para clicar nos botões do relógio com computador que Audra lhe deu no Natal anterior. Se o medidor de velocidade estiver certo, e Bill não tem motivo nenhum para achar que não está, então eles estão voando a 30 quilômetros por minuto. Ele não tem certeza se é uma coisa que queira mesmo saber.

Do lado de fora da janela, que é tão pequena e grossa quanto a janela em uma das velhas cápsulas espaciais Mercury, ele consegue ver um céu que não é azul, mas de um

roxo crepuscular, embora eles estejam na metade do dia. No ponto em que o mar e o céu se encontram, ele consegue ver que a linha do horizonte fica ligeiramente curva. Estou sentado aqui*, pensa Bill,* com um Bloody Mary na mão e o cotovelo de um homem gordo e sujo cutucando meu bíceps, observando a curvatura da Terra.

Ele sorri um pouco, pensando que um homem que é capaz de encarar uma coisa assim não devia ter medo de nada. Mas ele tem medo, e não só de voar a 30 quilômetros por minuto nessa casca estreita e frágil. Ele quase consegue sentir Derry correndo rapidamente em sua direção. E essa é exatamente a expressão para se referir a isso. A 30 quilômetros por minuto ou não, a sensação é de estar perfeitamente parado enquanto Derry corre na direção dele como um enorme carnívoro que ficou deitado esperando por muito tempo e finalmente saiu do esconderijo. Derry, ah, Derry! Vamos escrever uma ode a Derry? O fedor de suas fábricas e de seus rios? O silêncio majestoso de suas ruas cheias de árvores? A biblioteca? A Torre de Água? O parque Bassey? A Escola Derry?

O Barrens?

Luzes estão se acendendo em sua cabeça: grandes holofotes. É como se ele tivesse passado 27 anos sentado em um teatro escuro, esperando que alguma coisa acontecesse, e agora finalmente começou. O cenário sendo revelado pedaço a pedaço e holofote a holofote não é uma comédia inocente como Arsênico e alfazema*; para Bill Denbrough, parece mais* O gabinete do dr. Caligari.

Todas essas histórias que escrevi*, ele pensa com uma espécie idiota de divertimento.* Todos aqueles romances. Derry é o local de origem de todos eles; Derry foi a nascente. Eles vieram do que aconteceu naquele verão, e do que aconteceu a George no outono anterior. Tantos entrevistadores me fizeram AQUELA PERGUNTA… e eu dei a resposta errada.

O cotovelo do homem gordo o atinge de novo, e ele derrama um pouco do drinque. Bill quase diz alguma coisa, mas depois pensa melhor.

AQUELA PERGUNTA, é claro, era “De onde você tira suas ideias?”. Era uma pergunta que Bill achava que todos os escritores de ficção tinham que responder, ou fingir responder, pelo menos duas vezes por semana, mas um cara como ele, que ganhava a vida escrevendo coisas que nunca aconteceram e nunca poderiam acontecer, tinha que responder, ou fingir responder, com muito mais frequência do que isso.

— Todos os escritores têm um canal que desemboca no subconsciente — dizia ele para os repórteres, deixando de mencionar que duvidava mais a cada ano que passava que o subconsciente fosse uma coisa que existia. — Mas o homem ou mulher que escreve histórias de terror tem um canal que vai mais longe, talvez… até o sub-*subconsciente, podemos dizer.*

Era uma resposta elegante, mas ele jamais acreditara nela. Subconsciente? Bem, havia alguma coisa lá dentro, sim, mas Bill achava que as pessoas faziam alarde demais por uma função que devia ser o equivalente mental de olhos lacrimejando quando caía poeira neles ou soltar gases uma hora depois de um jantar exagerado. A segunda metáfora provavelmente era a melhor, mas não se podia dizer para entrevistadores que, no que dizia

respeito a você, coisas como sonhos e lembranças vagas e sensações como déjà-vu não passavam de um bando de peidos mentais. Mas eles pareciam precisar de alguma coisa, *todos aqueles repórteres com caderninhos e gravadores japoneses, e Bill queria ajudá-los o máximo que pudesse. Ele sabia que escrever era um trabalho difícil, um trabalho* muito *difícil. Não havia necessidade de tornar o deles ainda mais difícil ao dizer "Meu amigo, daria no mesmo você me perguntar 'Quem cortou o queijo?' e pronto."*

Agora, ele pensou: você sempre soube que estavam fazendo as perguntas erradas, mesmo antes de Mike ligar; agora você também sabe qual era a pergunta certa. Não *de onde* você tira as ideias, mas *por que* tem essas ideias. Havia um canal, claro, mas não era nem a versão freudiana nem a junguiana do subconsciente que jorrava por ele; nenhum sistema de drenagem interior da mente, nenhuma caverna subterrânea cheia de Morlocks esperando para agir. Não havia nada do outro lado do canal além de Derry. Só Derry. E…

... e quem é esse, caminhando na minha ponte?

Ele se senta ereto de repente, e desta vez é o cotovelo dele que foge ao controle; ele afunda na lateral do vizinho gordo de assento por um momento.

— Cuidado, amigo — diz o homem gordo. — É apertado aqui, sabe?

— Se você parar de me cutucar com o seu, eu tento parar de cu-cutucar com o m-meu.

O homem gordo faz um olhar azedo, incrédulo, como quem diz "de que você está falando?" Bill simplesmente olha para ele até o homem gordo afastar o olhar resmungando.

Quem está aí?

Quem está caminhando na minha ponte?

Ele olha pela janela de novo e pensa: Estamos vencendo o diabo.

Seus braços e nuca ficam arrepiados. Ele toma o resto do drinque de um gole só. Outra daquelas luzes intensas se acendeu.

Silver. Sua bicicleta. Era assim que ele a chamava, em homenagem ao cavalo do Cavaleiro Solitário. Era uma Schwinn grande, com 70 centímetros de altura. "Você vai se matar nisso, Billy", dissera seu pai, mas sem preocupação real na voz. Ele demonstrava pouca preocupação com qualquer coisa desde a morte de George. Antes, ele era durão. Justo, mas durão. Depois, dava para enrolá-lo. Ele fazia gestos paternais, fazia coisas paternais, mas eram apenas gestos e coisas. Era como se ele estivesse sempre prestando atenção para ver se George voltaria para casa.

Bill a tinha visto na vitrine da loja Bike and Cycle na rua Center. Estava apoiada tristemente no descanso, maior do que a maior das outras em exibição, sem brilho nas partes em que as outras brilhavam, reta nas partes em que as outras eram curvas, dobrada em partes em que as outras eram retas. Preso no pneu da frente. havia um cartaz:

USADA
Faça uma proposta

O que aconteceu foi que Bill entrou e o dono fez uma proposta a ele, que aceitou (ele não saberia negociar com o dono da loja nem que sua vida dependesse disso), e o preço que o homem pediu, 24 dólares, pareceu justo para Bill; até mesmo generoso. Ele pagou por Silver com dinheiro que vinha guardando havia sete ou oito meses: dinheiro de aniversário, dinheiro de Natal, dinheiro de cortar grama. Ele vinha reparando na bicicleta na vitrine desde o Dia de Ação de Graças. Bill pagou por ela e empurrou para casa assim que a neve começou a derreter de vez. Era engraçado, porque ele nunca havia pensado muito em ter uma bicicleta até o ano anterior. A ideia pareceu surgir em sua mente de repente, talvez em um dos dias infinitos depois que George morreu. Foi assassinado.

No começo, Bill quase se matou mesmo. A primeira volta na bicicleta nova terminou com Bill derrubando-a de propósito para não ir de cara em uma cerca no final da travessa Kossuth (ele não estava com tanto medo de bater na cerca, e sim de quebrá-la e cair 18 metros até o Barrens). Ele escapou dessa aventura com um corte de 12 centímetros entre o pulso e o cotovelo do braço esquerdo. Menos de uma semana depois, viu-se incapaz de frear rápido o bastante e disparou pelo cruzamento da Witcham com a Jackson a talvez 55 quilômetros por hora, um garotinho em uma bicicleta cinza-escura mastondôntica (Silver era prateada apenas pelo alcance energético de uma imaginação predisposta), com cartas de baralho fuzilando os raios das rodas da frente e de trás em um rugido regular, e se um carro estivesse vindo, ele estaria morto. Como Georgie.

Ele ganhou o controle de Silver aos poucos conforme a primavera avançava. Nenhum dos pais reparou durante esse tempo que ele estava cortejando a morte em uma bicicleta. Ele pensou que, depois de alguns dias, eles pararam de ver a bicicleta; para eles, era apenas uma velharia com tinta lascada que ficava encostava na parede da garagem em dias chuvosos.

Mas Silver era bem mais do que uma velharia poeirenta. Ela não parecia grande coisa, mas voava como o vento. O amigo de Bill, seu único amigo de verdade, era um garoto chamado Eddie Kaspbrak, e Eddie era bom com coisas mecânicas. Ele mostrou a Bill como colocar Silver em forma: que parafusos apertar e verificar regularmente, onde lubrificar a corrente, como apertá-la, como fazer um remendo em pneu furado.

— Você devia pintar ela — ele se lembrava de Eddie dizer um dia, mas Bill não queria pintar Silver. Por motivos que não sabia explicar para si mesmo, ele queria que a Schwinn ficasse do jeito que era. A bicicleta era um trambolho, do tipo que um garoto descuidado deixava com frequência no gramado na chuva, uma bicicleta que só devia fazer barulhos, sacudir e frear mal. Parecia um trambolho, mas voava como o vento. Ela…

— Ela venceria o diabo — diz ele em voz alta e ri. Seu vizinho gordo de assento olha para ele com severidade; a gargalhada tem uma qualidade de uivo que deu arrepios em Audra mais cedo.

Sim, ela parecia muito vagabunda, com a tinta velha e a garupa antiquada acima da roda traseira e a buzina com um bulbo de borracha preta; aquela buzina estava soldada de

maneira permanente ao guidão com um parafuso enferrujado do tamanho do punho de um bebê. Bem vagabunda.

Mas Silver conseguia andar? Conseguia? Cristo!

E era uma coisa muito boa, porque Silver salvou a vida de Bill Denbrough na quarta semana de junho de 1958, a semana depois que ele conheceu Ben Hanscom, a semana depois que ele, Ben e Eddie construíram a represa, a semana em que Ben, Richie "Boca de Lixo" Tozier e Beverly Marsh apareceram no Barrens depois da matinê de sábado. Richie estava atrás, na garupa, no dia em que Silver salvou a vida de Bill... então ele supunha que Silver havia salvado a de Richie também. E ele se lembrava da casa da qual eles estavam fugindo. Lembrava muito bem. Aquela casa maldita na rua Neibolt.

Ele correu para vencer o diabo naquele dia, ah, sim, com certeza, não tenha a menor dúvida. Um diabo com olhos tão brilhantes quanto moedas velhas e mortais. Um diabo peludo com a boca cheia de dentes sangrentos. Mas tudo isso veio depois. Se Silver salvou a vida dele e de Richie naquele dia, então talvez tenha salvado a de Eddie Kaspbrak no dia em que Bill e Eddie conheceram Ben ao lado dos restos destruídos da represa no Barrens. Henry Bowers, com aparência de quem tinha sido jogado em um latão de lixo, tinha quebrado o nariz de Eddie; a asma atacou com tudo e sua bombinha estava vazia. Assim, foi Silver naquele dia também, Silver ao resgate.

Bill Denbrough, que não subia em uma bicicleta havia quase 17 anos, olha pela janela de um avião no qual ninguém teria acreditado, nem mesmo imaginado fora de uma revista de ficção científica, no ano de 1958. Hi-yo Silver, VAMOOOS! *, pensa ele, e tem que fechar os olhos para lutar contra o ardor repentino das lágrimas.*

O que aconteceu com Silver? Ele não consegue lembrar. Aquela parte da história ainda está escura; esse holofote ainda precisa ser aceso. Talvez seja melhor assim. Talvez seja um ato de misericórdia.

Hi-yo.

Hi-yo Silver.

Hi-yo Silver

2

— VAMOOOS — gritou ele. O vento jogou as palavras por cima de seu ombro como uma fita de papel crepom. Elas saíram altas e fortes, as palavras, com um rugido triunfante. Foram as únicas a sair assim.

Ele pedalou pela rua Kansas na direção da cidade, ganhando velocidade aos poucos. Silver deslizava quando pegava embalo, mas pegar embalo dava trabalho. Ver a bicicleta cinza pegar velocidade era um pouco como ver um avião grande na pista de decolagem. No começo, você não conseguia acreditar que uma engenhoca tão grande e bamboleante conseguiria sair do chão, a ideia era absurda. Mas então você conseguia ver a sombra embaixo dele, e antes de ter tempo de se perguntar se era miragem, a sombra estava atrás do avião e ele estava voando, abrindo espaço no ar, tão reluzente e gracioso quanto um sonho em uma mente satisfeita.

Silver era assim.

Bill chegou a uma ligeira descida e começou a pedalar mais rápido, com as pernas trabalhando enquanto ele inclinava o corpo sobre o quadro. Ele aprendera muito rapidamente, depois de ser atingido pelo quadro no pior lugar em que um menino pode ser atingido, a puxar a cueca para o mais alto que conseguia quando montava em Silver. No final do verão, ao observar esse processo, Richie diria: *Bill faz isso porque acha que pode ter filhos que sobrevivam um dia. Parece uma má ideia, mas, ei! Eles sempre podem puxar a mãe, certo?*

Ele e Eddie haviam baixado o assento o máximo possível, e agora ele batia e arranhava a lombar enquanto pedalava. Uma mulher arrancando ervas daninhas do jardim encobriu os olhos para vê-lo passar. Ela sorriu um pouco. O garoto na bicicleta enorme a lembrou um macaco que ela já vira em um monociclo no circo Barnum e Bailey. *Mas ele pode acabar se matando*, pensou ela, voltando a atenção para o jardim. *Aquela bicicleta é grande demais para ele.* Só que não era da conta dela.

3

Bill era sensato demais para discutir com os garotos grandes quando eles surgiram no mato parecendo caçadores mal-humorados atrás de um animal que já havia ferido um deles. Mas Eddie abriu a boca impulsivamente, e Henry Bowers descontou nele.

Bill sabia bem quem eles eram; Henry, Arroto e Victor eram os piores garotos da escola Derry. Eles já tinham dado uma surra ou duas em Richie Tozier, com quem Bill às vezes brincava. Do ponto de vista de Bill, era em parte culpa de Richie; ele não era conhecido como Boca de Lixo por nada.

Um dia em abril, Richie disse alguma coisa sobre as golas deles quando os três estavam passando no pátio da escola. As golas estavam levantadas, como a de Vic Morrow em *Sementes da violência*. Bill, que estava sentado junto à parede do prédio que havia ali perto jogando bolas de gude, não pegou tudo que foi dito. Nem Henry e seus amigos… mas eles ouviram o bastante para se virar na direção de Richie. Bill achava que Richie pretendia dizer o que fosse em voz baixa. O problema era que Richie não *tinha* voz baixa.

— O que você disse, nerd quatro olhos? — perguntou Victor Criss.

— Não falei nada — disse Richie, e essa negação, junto com seu rosto, que parecia sensatamente consternado e assustado, poderia ter encerrado tudo. Só que a boca de Richie era um cavalo meio selvagem que tinha talento de fugir sem motivo nenhum. Ele acrescentou de repente: — Você devia tirar a cera do ouvido, grandão. Quer um pouco de pólvora?

Eles ficaram olhando com incredulidade por um momento, depois saíram correndo atrás dele. Bill Gago viu a corrida desigual do começo ao final previsível de onde estava, na lateral do prédio. Não fazia sentido se envolver; os três idiotas ficariam felizes em dar surra em dois garotos pelo preço de um.

Richie correu na diagonal pelo parquinho dos pequenos, pulando sobre gangorras e desviando de balanços, dando-se conta de que havia corrido para um beco sem saída apenas quando bateu na cerca de arame entre o parquinho e o parque ao lado da escola. Então ele tentou subir a cerca, com dedos se agarrando e pontas de tênis procurando apoio, e estava a dois terços do caminho até o topo quando Henry e Victor o puxaram para baixo, Henry segurando pelas costas da jaqueta e Victor segurando o traseiro da calça. Richie estava gritando quando o agarraram na cerca. Ele bateu no asfalto com as costas. Seus óculos voaram. Ele esticou a mão para pegá-los, e Arroto Huggins os chutou para longe, e era por isso que uma das lentes estava remendada com fita adesiva no verão.

Bill fez uma careta e andou até a frente do prédio. Ele observou a sra. Moran, uma das professoras do quarto ano, já correndo para apartar a briga, mas ele sabia que eles bateriam muito em Richie até lá, e quando ela chegasse, Richie estaria chorando. Bebê chorão, bebê chorão, olha só o bebê chorão.

Bill só tinha tido problemas pequenos com eles. Eles debochavam de sua gagueira, é claro. Uma crueldade aleatória ocasional fazia parte das brincadeiras; um dia chuvoso, quando eles estavam indo almoçar no ginásio, Arroto Huggins derrubou o saco com o almoço de Bill e pisou em cima com a bota, esmagando tudo que havia dentro.

— Ah, n-n-nossa! — gritou Arroto com horror falso, levantando as mãos e balançando ao redor do rosto. — De-de-desculpa por causa do seu al-al-almoço, cara de ma-ma-merda. — E saiu andando pelo corredor em direção ao local em que Victor Criss estava, recostado no bebedouro do lado de fora do banheiro masculino, rindo até quase ter uma hérnia. Mas isso não foi tão ruim; Bill comeu metade de um sanduíche de creme de amendoim com geleia de Eddie Kaspbrak, e Richie ficou feliz em lhe dar seu ovo cozido, que sua mãe colocava como almoço a cada dois dias e que lhe dava ânsia de vômito, dizia ele.

Mas você tinha que ficar longe do caminho deles, e se não conseguisse fazer isso, tinha que tentar ser invisível.

Eddie esqueceu as regras, então eles bateram nele.

Ele não estava muito mal até os garotos grandes descerem o rio e passarem para o outro lado, apesar de o nariz estar sangrando como um chafariz. Quando o lenço de Eddie estava encharcado, Bill deu a ele o seu e o fez colocar uma das mãos na nuca e inclinar a cabeça para trás. Bill conseguia se lembrar da mãe mandando Georgie fazer isso, porque Georgie às vezes tinha sangramentos nasais…

Ah, mas doía muito pensar em Georgie.

Só quando o som do progresso animal dos garotos grandes pelo Barrens morreu e o sangramento do nariz de Eddie parou foi que a asma ficou ruim. Ele começou a arfar em busca de ar, com as mãos se abrindo e fechando como armadilhas, a respiração apitando na garganta.

— Merda! — ofegou Eddie. — Asma! Porcaria!

Ele tateou em busca do aspirador e acabou conseguindo tirá-lo do bolso. Parecia quase um frasco de limpa-vidros, do tipo que tem o acessório de spray em cima. Ele o enfiou na boca e apertou o gatilho.

— Melhor? — perguntou Bill com ansiedade.

— Não. Está vazio. — Eddie olhou para Bill com um pânico nos olhos que dizia *me ferrei, Bill! Me ferrei!*

A bombinha vazia rolou para longe da mão dele. O riacho continuou a correr, sem se importar nem um pouco por Eddie Kaspbrak mal conseguir respirar. Bill pensou aleatoriamente que os garotos grandes estavam certos sobre uma coisa: era mesmo uma represa de bebê. Mas eles estavam se divertindo, droga, e ele sentiu uma fúria cega e repentina pelo fato de a situação ter chegado a isso.

— Pe-pe-pega leve, E-Eddie — disse ele.

Nos quarenta minutos seguintes, mais ou menos, Bill ficou sentado ao lado dele, com a expectativa de que o ataque de asma de Eddie fosse a qualquer momento diminuir gradualmente, passando a desconforto. Quando Ben Hanscom apareceu, o desconforto tinha virado medo real. A asma não apenas não estava cedendo; estava piorando. E a Center Street Drug, onde Eddie comprava o medicamento, ficava a quase 5 quilômetros. E se ele fosse buscar o remédio de Eddie e o encontrasse inconsciente quando voltasse? Inconsciente ou

(não merda por favor não pense isso)

ou mesmo morto, insistia sua mente implacavelmente.

(como Georgie morto como Georgie)

Não seja um babaca! Ele não vai morrer!

Não, provavelmente não. Mas e se ele voltasse e encontrasse Eddie em coma? Bill sabia tudo sobre comas; tinha até deduzido que o nome era esse porque era um estado em que o nada comia seu cérebro. Em programas de médicos como *Ben Casey*, as pessoas sempre entravam em coma, e às vezes permaneciam assim apesar de todos os gritos mal-humorados de Ben

Casey.

Assim, ele ficou ali sentado, sabendo que tinha que ir, pois não poderia ajudar Eddie em nada ao ficar aqui, mas sem querer deixá-lo sozinho. Uma parte irracional e supersticiosa dele tinha certeza de que Eddie entraria em coma no minuto que ele, Bill, virasse as costas. E então, ele olhou riacho acima e viu Ben Hanscom ali de pé. Ele sabia quem Ben era, é claro; o garoto mais gordo em qualquer escola tinha sua própria espécie de notoriedade infeliz. Ben era da outra turma de quinto ano. Bill às vezes o via no recreio, de pé sozinho, normalmente em um canto, olhando para um livro e comendo o almoço que levava em um saco do tamanho de um saco de lavanderia.

Ao olhar para Ben agora, Bill achou que ele estava pior até do que Henry Bowers. Era difícil de acreditar, mas verdade. Bill não conseguia começar a imaginar a luta cataclísmica em que esses dois devem ter se envolvido. O cabelo de Ben estava espetado e coberto de terra. O suéter ou moletom dele (era difícil saber o que era no começo do dia, e sem dúvida não importava agora) estava destruído, manchado com uma mistura de sangue e grama. Sua calça estava puída no joelho.

Ele viu Bill olhando para ele e se encolheu um pouco, com olhos cautelosos.

— Na-na-na-não v-v-vai! — gritou Bill. Ele ergueu as mãos vazias, com as palmas para fora, para mostrar que era inofensivo. — Nós pa-pa-precisamos de a-a-ajuda.

Ben chegou mais perto, ainda cauteloso. Ele andava como se uma ou as duas pernas estivessem doendo muito.

— Eles foram embora? Bowers e os outros caras?

— F-foram — disse Bill. — Escuta, v-você, pa-pode ficar com meu a-amigo enquanto vou buscar o re-remédio dele? Ele tem a-a-a-a…

— Asma?

Bill assentiu.

Ben desceu pelo resquício da barragem e caiu dolorosamente de joelhos ao lado de Eddie, que estava deitado de costas com os olhos fechados e o peito arfando.

— Qual bateu nele? — perguntou Ben por fim. Ele olhou para cima, e Bill viu no rosto do menino gordo a mesma raiva frustrada que estava sentindo. — Foi Henry Bowers?

Bill assentiu.

— Faz sentido. Claro, vai. Eu fico com ele.

— O-o-obrigado.

— Ah, não me agradeça — disse Ben. — Sou o motivo de eles terem partido pra cima de vocês. Vai. Anda logo. Tenho que ir pra casa jantar.

Bill foi sem dizer mais nada. Teria sido bom dizer para Ben não levar tão a sério; o que aconteceu foi culpa de Ben tanto quanto foi de Eddie, pela burrice de abrir a boca. Caras como Henry e seus amigos eram um acidente prestes a acontecer a qualquer momento; a versão infantil de enchentes, tornados e pedras na vesícula. Teria sido bom dizer isso, mas ele estava tão tenso naquele momento que levaria uns 20 minutos, e até lá Eddie já poderia ter

entrado em coma (isso foi outra coisa que Bill aprendeu com os doutores Casey e Kildare; as pessoas nunca *ficavam* em coma, elas sempre *entravam* em coma).

Ele correu riacho abaixo e olhou para trás uma vez. Viu Ben Hanscom juntando pedras na beirada da água. Por um momento, Bill não conseguiu entender o que ele estava fazendo, mas então, tudo ficou claro. Era uma pilha de munição. Para o caso de eles voltarem.

4

O Barrens não era mistério para Bill. Ele tinha brincado muito ali naquela primavera, às vezes com Richie, mais vezes com Eddie, às vezes sozinho. Não havia explorado toda a área, mas conseguia voltar até a rua Kansas a partir do Kenduskeag sem problema, e foi o que fez. Ele chegou a uma ponte de madeira onde a rua Kansas atravessava um dos pequenos riachos sem nome que saíam do sistema de drenagem de Derry para se juntar ao Kenduskeag abaixo. Silver estava presa debaixo dessa ponte, com o guidão amarrado aos pilares com uma tira de corda, para manter as rodas fora da água.

Bill soltou a corda, prendeu na camisa e levou Silver até a calçada pelo uso de força, ofegando e suando; perdeu o equilíbrio duas vezes, caindo de traseiro no chão.

Mas finalmente ela estava de pé. Bill passou a perna pelo quadro.

E como sempre, quando ele estava sobre Silver, ele se tornava outra pessoa.

5

— Hi-yo Silver, VAMOOOS!

As palavras saíram mais graves do que sua voz normal; era quase a voz do homem que ele se tornaria. Silver ganhou velocidade lentamente, com o estalo baixo das cartas de baralho nas rodas da bicicleta marcando o ritmo. Bill ficou de pé nos pedais, com as mãos firmes no guidão, com os punhos virados para cima. Ele parecia um homem tentando levantar um halter incrivelmente pesado. Tendões saltavam em seu pescoço. Veias pulsavam em suas têmporas. Sua boca estava virada para baixo em uma careta trêmula de esforço enquanto ele lutava a batalha familiar contra o peso e a inércia, numa explosão para botar Silver em movimento.

Como sempre, o esforço valeu a pena.

Silver começou a correr quase bruscamente. Casas deslizaram de forma suave em vez de surgindo uma a uma. À sua esquerda, onde a rua Kansas cortava a Jackson, o Kenduskeag livre se tornava o canal. Depois do cruzamento, a rua Kansas seguia rapidamente colina abaixo na direção da Center e da Main, a área comercial de Derry.

Ruas se cruzavam com frequência aqui, mas elas todas tinham placas de PARE que funcionavam a favor de Bill, e a possibilidade de um motorista um dia desrespeitar uma dessas placas e esmagá-lo até virar uma sombra sangrenta na rua nunca passou pela mente dele. É improvável que ele mudasse o caminho mesmo se tivesse pensado. Talvez fizesse isso mais cedo ou mais tarde na vida, mas esta primavera e começo de verão foram um momento agitado e estranho para ele. Ben ficaria atônito se alguém lhe perguntasse se ele era solitário; Bill ficaria igualmente atônito se alguém lhe perguntasse se ele estava cortejando a morte. *É c-c-claro que n-não!*, ele teria respondido imediatamente (e com indignação), mas isso não mudava o fato de que suas disparadas pela rua Kansas até a cidade se tornaram cada vez mais voos *banzai* conforme o tempo esquentava.

Essa parte da rua Kansas era conhecida como colina Up-Mile. Bill a encarou a toda velocidade, inclinado sobre o guidão de Silver para cortar a resistência do vento, com uma das mãos sobre o bulbo de borracha da buzina para avisar os desatentos, o cabelo ruivo voando da cabeça em uma onda. O estalo das cartas tinha virado um rugido firme. A careta de esforço tinha se tornado um sorriso bobo. As residências à direita cederam lugar a prédios comerciais (armazéns e frigoríficos, em sua maioria) que voavam em uma rapidez apavorante, mas satisfatória. À esquerda, o canal era um piscar de fogo no canto do olho dele.

— *HI-YO SILVER, VAMOOOS!* — gritou ele com triunfo.

Silver voou pelo primeiro meio-fio, e como sempre acontecia nesse ponto, seus pés perderam o contato com o pedal. Ele estava desenfreado, agora completamente no colo de qualquer deus que tivesse recebido a tarefa de proteger garotinhos. Ele entrou na rua, indo a talvez 25 quilômetros por hora acima do limite de 40.

Tudo estava para trás agora: a gagueira, os olhos sofridos e vazios do pai enquanto mexia na oficina da garagem, a visão terrível da poeira sobre a tampa do piano no andar de cima; com poeira porque sua mãe não tocava mais. A última vez foi no enterro de George, três hinos metodistas. George saindo na chuva, usando a capa amarela, carregando o barquinho de jornal com o brilho de parafina; o sr. Gardener subindo a rua 20 minutos depois com o corpo dele

enrolado em uma colcha manchada de sangue; o grito sofrido da mãe. Tudo para trás. Ele era o Cavaleiro Solitário, era John Wayne, era Bo Diddley, era qualquer pessoa que quisesse ser e ninguém que chorava e tinha medo e queria a ma-ma-mãe.

Silver voou e Bill Gago Denbrough voou com ela; a sombra de guindaste voou atrás deles. Eles correram pela colina Up-Mile juntos; as cartas de baralho rugiram. Os pés de Bill alcançaram os pedais de novo e ele começou a pedalar, querendo ir até mais rápido, querendo chegar a uma velocidade hipotética, não do som, mas da lembrança, e quebrar a barreira da dor.

Ele continuou disparado, inclinado sobre o guidão; correu para vencer o diabo.

A interseção de três ruas, a Kansas, a Center e a Main, estava se aproximando rápido. Era um horror de tráfego de mão única, placas conflitantes e sinais de trânsito que deviam ser sincronizados, mas não eram. O resultado, como proclamara um editorial do *Derry News* no ano anterior, era uma rotatória concebida no inferno.

Como sempre, os olhos de Bill seguiram para a direita e para a esquerda rapidamente, avaliando o fluxo do trânsito e procurando buracos. Se sua avaliação estivesse errada, se ele gaguejasse, poderia se dizer, ele ficaria muito ferido ou morreria.

Ele disparou em meio ao trânsito lento que se amontoava no cruzamento, furou um sinal vermelho e desviou para a direita a fim de evitar um Buick desajeitado. Lançou um olhar rápido por cima do ombro para ter certeza de que a pista do meio estava vazia. Olhou para a frente de novo e viu que em cerca de cinco segundos ia bater na traseira de uma picape que tinha parado no meio do cruzamento enquanto o tipo simpático que dirigia girava o pescoço para ler todas as placas e ter certeza de não ter tomado uma entrada errada que o levou a Miami Beach.

A pista à direita de Bill estava tomada por um ônibus intermunicipal Derry-Bangor. Ele seguiu naquela direção mesmo assim e passou no espaço entre a picape parada e o ônibus, ainda seguindo a 65 quilômetros por hora. No último segundo, ele virou a cabeça com força para um dos lados, como um soldado seguindo o comando de olhar para a direita com entusiasmo demais, para impedir que o espelho do lado do passageiro da picape rearrumasse seus dentes. Fumaça quente do diesel do ônibus rasgou sua garganta como uma dose de bebida forte. Ele ouviu um guinchar agudo quando um dos punhos da bicicleta desenhou uma linha na lateral de alumínio do ônibus. Bill teve um vislumbre do motorista, com o rosto branco como papel sob o quepe da Hudson Bus Company. O motorista estava sacudindo o punho para Bill e gritando alguma coisa. Bill duvidava que fosse feliz aniversário.

Havia um trio de senhoras atravessando a rua Main do lado do banco New England para o lado do The Shoeboat. Elas ouviram o som implacável das cartas e ergueram o olhar. Seus queixos caíram quando um garoto em uma enorme bicicleta passou a 15 centímetros delas como uma miragem.

O pior (e o melhor) da viagem estava para trás agora. Ele contemplara a verdadeira possibilidade de sua própria morte uma vez atrás da outra e se viu capaz de afastar o olhar. O

ônibus não o esmagou; ele não se matou nem às três senhoras com as sacolas da Freese's e cheques do Seguro Social; não foi esmagado na traseira da picape Dogde do homem simpático. Estava subindo a ladeira de novo, a toda velocidade. Alguma coisa (podemos chamar de desejo, era bom o bastante, não?) o acompanhava a toda também. Todos os pensamentos e lembranças o estavam alcançando (oi, Bill, nossa, quase te perdemos de vista ali atrás, mas aqui estamos nós), juntando-se a ele, subindo pela camisa, entrando em sua orelha e invadindo o cérebro como garotinhos descendo por um escorrega. Ele conseguia senti-los se ajeitando em seus locais de costume, com corpos febris empurrando uns aos outros. Nossa! Uau! Aqui estamos dentro da cabeça de Bill de novo! Vamos pensar em George! Certo! Quem quer começar?

Você pensa demais, Bill.

Não, esse não era o problema. O problema era que ele *imaginava* demais.

Ele entrou na travessa Richard e saiu na rua Center alguns momentos depois, pedalando devagar, sentindo o suor nas costas e no cabelo. Desceu de cima de Silver em frente à Center Street Drug Store e entrou.

6

Antes da morte de George, Bill teria transmitido os pontos principais para o sr. Keene falando com ele. O farmacêutico não era exatamente gentil, ou pelo menos Bill achava que não, mas era bem paciente, e não provocava nem debochava. Mas agora a gagueira de Bill estava bem pior, e ele realmente tinha medo de alguma coisa acontecer com Eddie se ele não fosse rápido.

Então, quando o sr. Keene disse "Oi, Billy Denbrough, posso ajudar?", Bill pegou um folheto de propaganda de vitaminas, virou-o e escreveu atrás: *Eddie Kaspbrak e eu estávamos brincando no Barrens. Ele teve um ataque forte de asma, mal consegue respirar. O senhor pode me dar um refil da bombinha dele?*

Ele empurrou o bilhete por cima do balcão de vidro para o sr. Keene, que leu, olhou para os olhos ansiosos de Bill e disse:

— É claro. Espere aqui, e não mexa em nada que não deve.

Bill se equilibrou com impaciência de um pé para o outro enquanto o sr. Keene mexia na bancada de trás. Apesar de ele ter demorado menos de 5 minutos, pareceu uma eternidade até voltar com um dos vidros de plástico de Eddie. Ele entregou para Bill, sorriu e disse:

— Isso deve resolver.

— O-o-o-obrigado — disse Bill. — Não t-tenho di-di-di…

— Tudo bem, filho. A sra. Kaspbrak tem conta aqui. Vou acrescentar à conta dela. Tenho certeza de que ela vai querer agradecer pela gentileza.

Muito aliviado, Bill agradeceu ao sr. Keene e saiu rapidamente. O sr. Keene contornou o balcão para vê-lo ir embora. Ele viu Bill jogar a bombinha na cesta da bicicleta e montar desajeitadamente. *Ele consegue mesmo andar numa bicicleta grande assim?*, perguntou-se o sr. Keene. *Duvido. Duvido muito.* Mas o garoto Denbrough colocou a bicicleta em movimento sem cair de cabeça e saiu pedalando lentamente. A bicicleta, que para o sr. Keene parecia uma piada, balançou de um lado para outro. A bombinha rolou pela cesta.

O sr. Keene sorriu um pouco. Se Bill tivesse visto aquele sorriso, teria sido uma boa maneira de confirmar sua ideia de que o sr. Keene não era um dos campeões do mundo em gentileza. Foi azedo, o sorriso de um homem que vê muito com que se maravilhar, mas quase nada para valorizar na condição humana. Sim, ele acrescentaria a medicação de Eddie à conta de Sonia Kaspbrak, e, como sempre, ela ficaria surpresa e desconfiada em vez de grata, com o quanto o remédio era barato. Outros remédios eram tão *preciosos*, ela dizia. O sr. Keene sabia que a sra. Kaspbrak era uma daquelas pessoas que não acreditavam que coisas baratas podiam fazer algum bem. Ele realmente poderia ter arrancado dinheiro dela pelo HydrOx Mist do filho dela, e houve ocasiões em que ficou tentado… mas por que ele deveria se deixar fazer parte da tolice da mulher? Não estava passando fome nem nada.

Barato? Ah, sim. HydrOx Mist (*Administrar conforme necessário* vinha digitado em cada etiqueta autocolante que ele grudava em cada bombinha) era maravilhosamente barato, mas até a sra. Kaspbrak estava disposta a admitir que controlava muito bem a asma do filho, apesar disso. Era barato porque não era nada além de uma combinação de hidrogênio e oxigênio, com um toque de cânfora para dar um leve gosto medicinal ao spray.

Em outras palavras, o remédio de asma de Eddie era água de torneira.

7

Bill demorou mais tempo para voltar porque estava subindo a ladeira. Em vários locais, precisou descer e empurrar Silver. Ele não tinha a força muscular necessária para manter a bicicleta em movimento

em ladeiras mais do que medianas.

Depois que acabou de prender a bicicleta e caminhou até o rio, eram 16h10. Todos os tipos de suposições terríveis cruzavam sua cabeça. O garoto Hanscom teria ido embora e deixado Eddie para morrer. Ou os valentões poderiam ter voltado e dado uma surra nos dois. Ou… pior de tudo… o homem cuja atividade era assassinar garotos poderia ter capturado um ou os dois. Como fez com George.

Ele sabia que houvera muita fofoca e especulação sobre isso. Bill gaguejava muito, mas não era surdo, embora as pessoas às vezes parecessem pensar que era, pois ele só falava quando absolutamente necessário. Algumas pessoas achavam que o assassinato de seu irmão não tinha relação nenhuma com os assassinatos de Betty Ripsom, Cheryl Lamonica, Matthew Clements e Veronica Grogan. Outros alegavam que George, Ripsom e Lamonica foram mortos por um homem, e os outros dois eram produto de um “assassino imitador”. Uma terceira linha de pensamento dizia que os garotos foram mortos por um homem enquanto as garotas, por outro.

Bill acreditava que todos foram mortos pela mesma pessoa… se é que *era* uma pessoa. Ele às vezes se questionava quanto a isso. Assim como às vezes se questionava quanto aos seus sentimentos por Derry neste verão. Seria ainda o resultado da morte de George, da forma como os pais pareciam ignorá-lo agora, tão perdidos na dor pelo filho mais novo que não conseguiam ver o simples fato de que Bill ainda estava vivo e poderia estar sofrendo também? Essas coisas em combinação com os outros assassinatos? As vozes que às vezes pareciam falar em sua cabeça agora, sussurrando para ele (e certamente não eram variações de sua própria voz, pois elas não gaguejavam; eram baixas, mas seguras), aconselhando-o a fazer certas coisas, mas não outras? Seriam essas coisas que tornavam Derry um tanto diferente agora? Meio ameaçadora, com ruas inexploradas que não convidavam, mas pareciam bocejar em uma espécie de silêncio agourento? Que faziam alguns rostos parecerem secretos e assustados?

Ele não sabia, mas acreditava (assim como acreditava que todos os assassinatos eram obra de um único agente) que Derry realmente *havia* mudado, e que a morte de seu irmão sinalizara o começo dessa mudança. As suposições negras em sua mente vinham da ideia furtiva de que qualquer coisa poderia acontecer em Derry agora. *Qualquer coisa.*

Mas quando ele dobrou a última curva, tudo parecia bem. Ben Hanscom ainda estava lá, sentado ao lado de Eddie. Eddie estava sentado agora, com as mãos no colo, a cabeça baixa, ainda arfando. O sol tinha baixado o bastante para projetar longas sombras verdes no rio.

— Cara, isso foi rápido — disse Ben, ficando de pé. — Eu esperava que você fosse demorar mais meia hora.

— Tenho uma bi-bicicleta ra-rápida — disse Bill com orgulho. Por um momento, os dois se olharam com cautela, precavidos. Mas então Ben sorriu com hesitação, e Bill retribuiu. O garoto era gordo, mas parecia legal. E ficou lá até o fim. Ele deve ter precisado de coragem para isso, com Henry e seus amigos delinquentes juvenis talvez ainda andando por aí, pelo mato.

Bill piscou para Eddie, que estava olhando para ele com gratidão cega.

— A-aqui est-tá, E-E-Eddie. — Ele jogou a bombinha. Eddie enfiou na boca aberta, apertou e ofegou convulsivamente. Em seguida, se inclinou para trás de olhos fechados. Ben assistiu com preocupação.

— Nossa! Ele está mal mesmo, né?

Bill assentiu.

— Fiquei com medo por um tempo — disse Ben com voz baixa. — Fiquei me perguntando o que fazer se ele tivesse uma convulsão, sei lá. Fiquei tentando me lembrar das coisas que falaram naquela reunião da Cruz Vermelha em abril. Só conseguia me lembrar de botar um graveto na boca dele pra ele não morder a língua.

— Acho que isso é pra e-e-epilepsia.

— Ah. É, acho que você está certo.

— Ele n-não vai ter uma co-co-convulsão mesmo — disse Bill. — Esse re-re-remédio vai dar um j-jeito nele. O-Olha.

A respiração pesada de Eddie melhorou. Ele abriu os olhos e observou os dois.

— Obrigado, Bill — disse ele. — Essa foi um saco.

— Acho que começou quando esmagaram seu nariz, né? — perguntou Ben.

Eddie riu com tristeza, ficou de pé e enfiou a bombinha no bolso de trás.

— Eu não estava nem pensando no meu nariz. Estava pensando na minha mãe.

— É? Sério? — Ben pareceu surpreso, mas sua mão foi até os trapos do moletom e começou a mexer neles com nervosismo.

— Ela vai dar uma olhada na minha camisa manchada de sangue e me arrastar pro PronSocorro de Derry Home em 5 segundos.

— Por quê? — perguntou Ben. — Parou, não parou? Nossa, eu me lembro de um garoto que era da minha turma no jardim, Scooter Morgan, e o nariz dele sangrou quando ele caiu do trepa-trepa. Levaram *ele* pro PronSocorro, mas só porque não parava de sangrar.

— É? — perguntou Bill com interesse. — Ele mo-mo-morreu?

— Não, mas faltou escola uma semana.

— Não importa se parou ou não — disse Eddie com tristeza. — Ela vai me levar de qualquer jeito. Vai achar que está quebrado e que tem pedaços de osso enfiados no meu cérebro, alguma coisa assim.

— É po-po-possível entrar osso no *s-s-cérebro*? — perguntou Bill. Isso estava virando a conversa mais interessante que ele tinha em semanas.

— Não sei. Se você ouvir minha mãe, pode ter qualquer coisa. — Eddie se virou para Ben

de novo. — Ela me leva pro PronSocorro uma ou duas vezes por mês. Odeio aquele lugar. Tinha um atendente uma vez, sabe? Ele disse pra ela que devia fazer ela pagar aluguel. Ela ficou fula da vida.

— Uau — disse Ben. Ele achava que a mãe de Eddie devia ser muito estranha. Não estava ciente do fato de que agora suas duas mãos estavam remexendo nos restos do moletom. — Por que você não apenas diz não? Diz alguma coisa como "Ei, mãe, estou legal, só quero ficar em casa e ver *Aventura submarina*". Assim.

— Ahhh — disse Eddie com desconforto, depois não falou mais nada.

— Você é Ben Há-Há-Hanscom, n-né? — perguntou Bill.

— Sou. Você é Bill Denbrough.

— S-sou. E este é E-E-E-E-E-E…

— Eddie Kaspbrak — disse Eddie. — Odeio quando você gagueja no meu nome, Bill. Fica parecendo Elmer Fudd.

— Fo-foi mal.

— É um prazer conhecer os dois — disse Ben. Isso soou presunçoso e meio meloso. O silêncio se instalou entre os três. Não foi um silêncio completamente desconfortável. Nele, eles se tornaram amigos.

— Por que aqueles caras estavam atrás de você? — perguntou Eddie por fim.

— Eles s-s-sempre estão a-atrás de alguém — disse Bill. — Odeio eles. Eles são foda.

Ben ficou em silêncio por um momento, mais por admiração, por Bill ter usado o que a mãe de Ben às vezes chamava de O Grande Palavrão. Ben jamais dissera O Grande Palavrão em voz alta durante toda a vida, embora tivesse escrito (com letras bem pequenas) em um poste telefônico no Halloween de dois anos antes.

— Bowers acabou sentado do meu lado durante as provas — disse Ben por fim. — Ele queria copiar minha prova. Eu não deixei.

— Você deve querer morrer jovem, garoto — disse Eddie com admiração. Bill Gago caiu na gargalhada. Ben olhou para ele com atenção, decidiu que não era dele que Bill estava rindo exatamente (foi difícil dizer *como* ele soube disso, mas soube) e sorriu.

— Acho que quero — disse ele. — De qualquer forma, ele tem que fazer recuperação no verão, e ele e os outros dois caras queriam se vingar, e foi isso que aconteceu.

— Parece que e-eles m-mataram vo-você — disse Bill.

— Caí aqui da rua Kansas. Pela lateral do morro. — Ele olhou para Eddie. — Acho que vou encontrar você no PronSocorro, agora que estou pensando bem. Quando minha mãe der uma olhada nas minhas roupas, ela vai me *obrigar* a ir pra lá.

Bill e Eddie caíram na gargalhada desta vez, e Ben se juntou a eles. A barriga dele doía quando ele ria, mas ele riu mesmo assim, um som agudo e meio histérico. Ele acabou precisando se sentar na margem, e o som que a bunda dele fez ao bater na terra fez com que ele começasse a gargalhar de novo. Ele gostava da forma como sua gargalhada soava junto com a deles. Era um som que ele nunca tinha ouvido antes: não risada misturada, ele já tinha

ouvido isso várias vezes, mas risada misturada da qual a dele fazia parte.

Ele olhou para Bill Denbrough, seus olhos se encontraram, e bastou isso para que eles começassem a gargalhar de novo.

Bill puxou a calça, levantou o colarinho da camisa e começou a andar de um jeito gingado e mal-humorado. Sua voz ficou grave e ele disse:

— Vou te matar, garoto. Não me vem de merda. Sou burro, mas sou grande. Consigo quebrar nozes com a testa. Mijo vinagre e cago cimento. Meu nome é Henriqueta Bowers e sou o chefão dessa parada em Derry.

Eddie caiu na margem do rio e estava rolando no chão, segurando a barriga e uivando. Ben estava inclinado, com a cabeça entre os joelhos, lágrimas pulando dos olhos, catarro pendurado no nariz e rindo como uma hiena.

Bill se sentou com eles, e pouco a pouco eles ficaram em silêncio.

— Só tem uma coisa muito boa nisso — disse Eddie. — Se Bowers está na recuperação de verão, não vamos ver ele por aqui.

— Vocês brincam muito no Barrens? — perguntou Ben. Era uma ideia que nunca havia cruzado sua cabeça, nem em mil anos, não com a reputação que o Barrens tinha, mas agora que ele estava ali, não parecia ruim. Na verdade, essa parte da margem do rio estava bem agradável enquanto a tarde seguia lentamente para o crepúsculo.

— C-C-Claro. É le-legal. Ni-Ninguém inco-comoda a gente aq-qui. Brincamos m-muito. Ba-Ba-Bowers e os outros c-caras não vêm aq-qui m-mesmo.

— Você e Eddie?

— Ruh-Ruh-Ruh… — Bill balançou a cabeça. Ben reparou que seu rosto se contraía como um pano de prato molhado quando ele gaguejava, e de repente um pensamento estranho lhe ocorreu: Bill não gaguejou nada quando estava debochando do jeito como Henry Bowers falava. — *Richie!* — exclamou Bill agora, fez uma pausa e prosseguiu. — Richie To-Tozier também c-costuma vir. Mas e-ele e o p-pai iam arrumar o s-s-s…

— Sótão — traduziu Eddie, e jogou uma pedra na água. *Plonk.*

— É, conheço ele — disse Ben. — Vocês vêm muito aqui, hein? — A ideia o fascinava, e o fez sentir também um tipo idiota de vontade.

— Ba-Ba-Bastante — disse Bill. — P-Por que vo-você não v-v-volta a-a-amanhã? Eu e E-E-Eddie estávamos t-tentando fazer uma ba-barragem.

Ben não conseguiu dizer nada. Estava perplexo não só pelo convite, mas pela simples e natural casualidade na qual ele foi feito.

— Quem sabe era melhor a gente fazer outra coisa — disse Eddie. — A represa não estava indo muito bem mesmo.

Ben ficou de pé e andou até o rio enquanto tirava terra dos braços. Ainda havia pequenas pilhas de galhos de cada lado do rio, mas o resto que eles montaram foi levado pela corrente.

— Vocês precisam de umas tábuas — disse Ben. — Peguem tábuas e coloquem em fileiras… de frente umas pras outras… como o pão de um sanduíche.

Bill e Eddie estavam olhando para ele, intrigados. Ben se apoiou em um joelho.

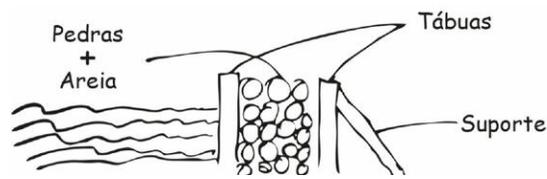
— Olhem — disse ele. — Tábuas aqui e aqui. Vocês colocam elas no leito de frente uma pra outra. Certo? Depois, antes que a água leve elas, vocês preenchem o espaço entre as duas com pedras e areia…

— A ge-ge-gente — disse Bill.

— Hã?

— A ge-ge-gente preenche.

— Ah — disse Ben, sentindo-se (e parecendo, ele tinha certeza) extremamente idiota. Mas ele não ligava se parecia idiota, porque de repente se sentia muito feliz. Não conseguia se lembrar da última vez em que se sentiu tão feliz. — É. *A gente*. Então, se *vocês, a gente* preencher o espaço com pedras e outras coisas, ela vai ficar de pé. A tábua corrente acima vai se inclinar por cima das pedras e terra conforme a água se acumular. A segunda tábua se inclinaria para trás e acabaria se soltando depois de um tempo, eu acho, mas se a gente tivesse uma terceira tábua… Bem, olhem.

Ele desenhou na terra com um graveto. Bill e Eddie Kaspbrak se inclinaram e observaram o desenho com interesse sóbrio.

— Você já *construiu* uma barragem antes? — perguntou Eddie. Seu tom era de respeito, quase reverência.

— Não.

— Então co-co-como sabe que isso vai f-f-funcionar?

Ben olhou para Bill, intrigado.

— Claro que vai — disse ele. — Por que não?

— Mas co-como você s-s-*sabe*? — perguntou Bill. Ben reconheceu o tom da pergunta não como de descrença sarcástica, mas interesse sincero. — C-Como v-você sabe?

— Apenas sei — disse Ben. Ele olhou para o desenho na terra de novo como se para confirmar para si mesmo. Ele nunca tinha visto uma barragem antes, nem em desenho, nem de verdade, e não fazia ideia de que tinha feito uma representação muito boa de uma.

— C-Certo — disse Bill, e deu um tapa nas costas de Ben. — T-Te ve-vemos amanhã.

— Que horas?

— E-Eu e E-Eddie cheg-gamos aqui às o-o-oito e m-meia, mais ou menos…

— Se eu e minha mãe ainda não estivermos esperando no PronSocorro — disse Eddie, e suspirou.

— Vou trazer umas tábuas — disse Ben. — Tem um coroa no meu quarteirão que tem algumas. Vou pegar.

— Traz uns suprimentos também — disse Eddie. — Coisas pra comer. Tipo sanduíches, bolinhos, coisas assim.

— Tá.

— Você t-t-tem alguma a-arma?

— Tenho uma espingarda de ar comprimido — disse Ben. — Minha mãe me deu no Natal, mas ela fica zangada se atiro dentro de casa.

— Po-Pode t-trazer — disse Bill. — Pode ser que a gente b-brinque de armas.

— Tá — disse Ben com alegria. — Escuta, tenho que ir pra casa, pessoal.

— A ge-gente também — disse Bill.

Os três saíram do Barrens juntos. Ben ajudou Bill a empurrar Silver margem acima. Eddie foi atrás deles, ofegando de novo e parecendo infeliz com a camisa suja de sangue.

Bill se despediu e saiu pedalando, gritando "Hi-yo Silver, *VAMOOOS*" com todas as forças.

— É uma bicicleta *gigante* — disse Ben.

— Pode apostar seu couro — disse Eddie. Ele tinha inspirado outra lufada da bombinha e estava respirando normalmente de novo. — Ele às vezes me leva na garupa. Vai tão rápido que me cago de medo. Ele é um bom homem, o Bill. — Ele disse isso de maneira casual, mas seus olhos diziam algo mais enfático. Eram olhos que idolatravam. — Você sabe o que aconteceu com o irmão dele, né?

— Não. O que tem?

— Morreu no outono. Um cara matou ele. Arrancou o braço direito, que nem se arranca a asa de uma mosca.

— Meu Jesus Cristo!

— Bill só gaguejava um pouco. Agora está bem ruim. Você reparou que ele gagueja?

— Bem… um pouco.

— Mas o *cérebro* dele não gagueja. Entende o que quero dizer?

— Entendo.

— De qualquer modo, contei pra você porque se você quiser que Bill seja seu amigo, é melhor não falar com ele sobre o irmãozinho. Não faz perguntas nem nada. Ele fica nervoso com isso.

— Cara, eu também ficaria — disse Ben. Ele se lembrou vagamente do garotinho que morreu no outono. Perguntou-se se sua mãe estava pensando em George Denbrough quando deu a ele o relógio que estava usando agora, ou se apenas nos assassinatos mais recentes. — Aconteceu logo depois da enchente?

— Foi.

Eles tinham chegado à esquina da Kansas com a Jackson, onde teriam que se separar. As crianças corriam de um lado para o outro, brincando de pique e jogando bolas de beisebol.

Um garotinho idiota de short azul grande demais passou correndo com arrogância por Ben e Eddie, usando um chapéu de pele de guaxinim no estilo Dave Crockett virado para trás, de forma que o rabo ficava pendurado entre seus olhos. Ele estava girando um bambolê e gritando:

— Bola ao cesto, pessoal! Alguém quer jogar bola ao cesto?

Os dois garotos maiores olharam para ele achando engraçado, e Eddie disse:

— Bem, tenho que ir.

— Espera um segundo — disse Ben. — Tenho uma ideia, se você não quiser mesmo ir pro PronSocorro.

— Ah, é? — Eddie olhou para Ben, duvidando, mas querendo ter esperanças.

— Você tem cinco centavos?

— Tenho dez. E daí?

Ben olhou para as manchas marrons secas na camisa de Eddie.

— Para na loja e compra leite achocolatado. Derrama metade na camisa. Depois, quando chegar em casa, diz pra sua mãe que derramou tudo.

Os olhos de Eddie se iluminaram. Nos quatro anos desde que seu pai morrera, a visão da mãe havia piorado consideravelmente. Por motivos de vaidade (e porque ela não sabia dirigir), ela se recusava a ir a um oftalmologista e usar óculos. Manchas de sangue seco e manchas de leite achocolatado eram parecidas. Talvez…

— Pode dar certo — disse ele.

— Só não diz pra ela que foi minha ideia se ela descobrir.

— Não digo — disse Eddie. — Até, jacaré.

— Tá.

— Não — disse Eddie com paciência. — Quando eu digo isso, você precisa responder “Tchau, animal”.

— Ah. Tchau, animal.

— Isso aí. — Eddie sorriu.

— Sabe de uma coisa? — disse Ben. — Vocês são bem legais.

Eddie parecia mais do que constrangido; parecia quase nervoso.

— Bill é — disse ele, e saiu andando.

Ben o viu descer a rua Jackson e virar na direção de casa. Três quadras rua acima, ele viu três garotos familiares demais na esquina da Jackson com a Main. Eles estavam virados de costas para Ben, o que foi muita sorte dele. Ele se abaixou atrás de uma cerca, com o coração batendo com força. Cinco minutos depois, o ônibus intermunicipal Derry-Newport-Haven encostou. Henry e os amigos apagaram os cigarros na rua e subiram.

Ben esperou que o ônibus sumisse e correu para casa.

Naquela noite, uma coisa terrível aconteceu com Bill Denbrough. Aconteceu pela segunda vez.

A mãe e o pai estavam no andar de baixo vendo TV, sem falar muito, sentados nas extremidades do sofá como aparadores de livros. Houve uma época em que a sala de TV com abertura para a cozinha estaria tomada de conversas e risadas, às vezes tanto que não dava para ouvir a TV.

— Cala a boca, Georgie! — gritava Bill.

— Para de enfiar toda a pipoca na boca e eu calo — respondia George.

— Ma, faz o Bill me dar a pipoca.

— Bill, dá a pipoca pra ele. George, não me chama de Ma. Ma parece o som da ovelha.

Ou o pai contava uma piada e eles todos riam, até a mãe. George nem sempre entendia as piadas, Bill sabia disso, mas ele ria porque todo mundo estava rindo.

Naqueles dias, sua mãe e seu pai também eram aparadores de livros no sofá, mas ele e George eram os livros. Bill tentou ser um livro entre eles enquanto eles assistiam TV depois da morte de George, mas era como ser congelado. Eles emanavam frio das duas direções, e o descongelante de Bill não era grande o bastante para lidar com a temperatura. Ele tinha que sair, porque esse tipo de frio sempre congelava suas bochechas e fazia seus olhos lacrimejarem.

— Q-querem o-ouvir uma piada que ouvi hoje na es-escola? — tentou dizer ele uma vez meses antes.

Silêncio da parte deles. Na televisão, um criminoso estava pedindo ao irmão, que era padre, para escondê-lo.

O pai de Bill ergueu o olhar da revista *True* e observou Bill com surpresa morna. Em seguida, voltou a olhar para a revista. Havia a imagem de um caçador caído em um banco de neve, olhando para um urso-polar enorme. “Atacado pelo Assassino do Deserto Branco” era o nome do artigo. Bill pensou: *Sei onde há um deserto branco; bem entre meu pai e minha mãe no sofá.*

A mãe dele nem chegou a erguer o olhar.

— É sobre q-quantos f-f-franceses são necessários pra co-co-colocar uma lâm-lâmpada — prosseguiu Bill. Ele sentiu uma fina camada de suor na testa, como às vezes na escola, quando sabia que a professora o havia evitado pelo máximo de tempo que podia com segurança e teria que chamá-lo em breve. A voz dele estava alta demais, mas ele não conseguia falar mais baixo. As palavras ecoaram na mente dele como sinos loucos, ecoando, emperrando e soando de novo.

— Vo-Vo-Vocês sabem q-q-quantos?

— Um pra segurar a lâmpada e quatro pra girar a casa — disse Zack Denbrough de forma ausente enquanto virava uma página da revista.

— Você disse alguma coisa, querido? — perguntou a mãe, e em *Four Star Playhouse*, o irmão que era padre disse para o que era criminoso se entregar e orar pelo perdão.

Bill ficou sentado ali, suando, mas com frio, muito frio. Estava frio porque *na verdade* ele não era o único livro entre os dois aparadores; Georgie ainda estava lá, só que agora era um Georgie que ele não conseguia ver, um Georgie que nunca exigia pipoca nem gritava que Bill estava beliscando. Essa nova versão de George nunca interrompia nada. Era um Georgie de um braço só que ficava em silêncio pálido e pensativo no brilho ensombreado branco e azul da Motorola, e talvez não fosse dos pais, mas de George que o frio realmente viesse; talvez fosse George o verdadeiro assassino do deserto branco. Bill acabou fugindo daquele irmão frio e invisível para o quarto, onde se deitou com o rosto escondido na cama e chorou no travesseiro.

O quarto de George estava do mesmo jeito que no dia em que ele morreu. Zack colocou vários brinquedos de George em uma caixa um dia, cerca de duas semanas após o enterro, com a intenção de dar para a Boa Vontade ou para o Exército da Salvação ou alguma coisa do tipo, supunha Bill. Sharon Denbrough viu-o saindo com a caixa nos braços e suas mãos voaram para a cabeça como pássaros brancos assustados e mergulharam profundamente no cabelo, onde se fecharam em punhos e puxaram. Bill viu isso e caiu contra a parede, pois a força desapareceu de suas pernas. A mãe parecia tão louca quanto Elsa Lanchester em *A noiva de Frankenstein.*

— *Não OUSE levar as coisas dele!* — gritara ela.

Zack fez uma careta e levou a caixa de brinquedos de volta para o quarto de George sem falar nada. Até colocou-os exatamente no mesmo lugar de onde tinha tirado. Bill entrou e viu o pai ajoelhado ao lado da cama de George (cujos lençóis a mãe ainda trocava, apesar de apenas uma vez por semana agora, em vez de duas) com a cabeça nos antebraços musculosos e peludos. Bill viu que o pai estava chorando, e isso aumentou seu pavor. Uma possibilidade assustadora lhe ocorreu de repente: talvez as coisas às vezes não dessem errado e acabassem. Talvez elas às vezes continuassem dando mais e mais errado até tudo estar completamente fodido.

— P-Pa-Pai…

— Vai, Bill — disse o pai. Sua voz estava abafada e tremendo. Suas costas subiam e desciam. Bill queria muito tocar nas costas do pai, ver se talvez sua mão conseguiria acalmar aquele movimento inquieto. Ele não ousava. — Vai, se manda.

Ele saiu e percorreu lentamente o corredor do andar de cima, enquanto a mãe chorava na cozinha. O som era agudo e impotente. Bill pensou: *Por que eles estão chorando tão longe um do outro?*, mas logo afastou o pensamento.

Na primeira noite das férias de verão, Bill entrou no quarto de Georgie. Seu coração batia com força no peito e suas pernas estavam duras e desajeitadas de tensão. Ele entrava com frequência no quarto de Georgie, mas isso não significava que gostava de lá. O quarto era tão cheio da presença do irmão que parecia assombrado. Ele entrou e não conseguiu deixar de pensar que a porta do armário se abriria lentamente a qualquer momento e ali estaria George, entre as camisas e calças ainda penduradas com cuidado lá dentro, um Georgie vestido de capa de chuva coberta de manchas e riscos vermelhos, uma capa de chuva com um braço amarelo pendurado. Os olhos de George estariam brancos e terríveis, os olhos de um zumbi em um filme de terror. Quando ele saísse do armário, suas galochas fariam sons molhados, enquanto ele caminharia pelo quarto até onde Bill estava, sentado em sua cama, um bloco paralisado de terror…

Se tivesse faltado energia em alguma noite em que ele estivesse sentado na cama de George, olhando para os desenhos na parede de George ou para os modelos na escrivaninha de George, ele tinha certeza de que teria um ataque do coração, provavelmente fatal, nos dez segundos seguintes. Mas ele ia mesmo assim. Lutar contra seu pavor do Georgie-fantasma era uma necessidade muda e ávida, uma fome, de superar a morte de George de alguma forma e encontrar uma maneira digna de seguir em frente. Não de esquecer George, mas de encontrar

um caminho para que ele não parecesse tão *pavoroso*. Ele entendia que os pais não estavam se saindo muito bem, e se queria fazer isso por si mesmo, teria que fazer sozinho.

E não era só por si mesmo que ele ia; ele também ia por George. Ele amava George, e, considerando que eram irmãos, se davam muito bem. Ah, eles tiveram momentos ruins, em que Bill torcia o braço de George, George dedurava Bill por descer escondido depois da hora de dormir para comer o resto da cobertura da torta de limão, mas em geral eles se davam bem. Já era bem ruim George estar morto. Que ele transformasse George em alguma espécie de monstro de horror… isso era ainda pior.

Ele sentia falta do irmão menor, essa era a verdade. Sentia falta da voz dele, da risada, sentia falta da forma como os olhos de George às vezes se dirigiam com confiança para os dele, com a certeza de que Bill teria as respostas de que ele necessitava. E uma coisa extremamente estranha: havia momentos em que ele achava que amava George mais quando estava com medo, porque mesmo com medo, com a sensação desconfortável de que um George-zumbi poderia estar escondido no armário ou debaixo da cama, ele conseguia se lembrar melhor de amar George ali, e de George amá-lo. Em seu esforço para conciliar melhor essas duas emoções, seu amor e seu pavor, Bill sentia que estava mais próximo de descobrir onde estava a aceitação final.

Essas não eram coisas sobre as quais ele teria sido capaz de falar; em sua mente, as ideias não passavam de uma confusão incoerente. Mas seu coração caloroso e desejoso entendia, e isso era tudo que importava.

Às vezes ele olhava os livros de George, às vezes ele mexia nos brinquedos.

Ele não olhava o álbum de fotos de George desde dezembro.

Agora, na noite que sucedeu o dia em que ele conheceu Ben Hanscom, Bill abriu a porta do armário de George (preparando-se como sempre para dar de cara com o próprio George, de pé com a capa sangrenta em meio às roupas penduradas, esperando como sempre ver uma mão pálida e úmida sair do escuro para segurar seu braço) e pegou o álbum na prateleira de cima.

MINHAS FOTOGRAFIAS, diziam as letras douradas na capa. Abaixo, em um pedaço de fita crepe (a fita estava amarelada e se soltando), havia as palavras cuidadosamente escritas GEORGE ELMER DENBROUGH, 6 ANOS. Bill levou até a cama onde George dormira, com o coração batendo mais forte do que nunca. Ele não conseguia dizer o que o tinha feito pegar o álbum de fotos de novo. Depois do que aconteceu em dezembro…

Uma segunda olhada, só isso. Só pra te convencer de que não foi real na primeira vez. Que a primeira vez foi um truque pregado pela sua cabeça.

Bem, ao menos era uma ideia.

Podia até ser verdade. Mas Bill desconfiava que era coisa do álbum. Ele exercia uma certa fascinação louca sobre ele. O que ele vira, ou o que *achou* que vira…

Ele abriu o álbum agora. Estava cheio com as fotos que George convenceu a mãe, o pai, tias e tios a dar para ele. George não se importava se eram fotos de pessoas e lugares que ele conhecia ou não; era a ideia das fotos em si que o fascinava. Quando ele não obtinha sucesso

ao perturbar qualquer pessoa para dar a ele novas fotos para o álbum, ele sentava de pernas cruzadas na cama em que Bill estava sentado agora e olhava para as velhas, virando as páginas com cuidado, observando as imagens em branco e preto. Aqui estava a mãe deles quando era jovem e incrivelmente linda; aqui estava o pai, que tinha no máximo 18 anos, com dois amigos sorrindo e rifles nas mãos, atrás do cadáver de olhos abertos de um cervo; tio Hoyt de pé sobre pedras segurando um peixe; tia Fortuna na feira agrícola de Derry, ajoelhada com orgulho ao lado de uma cesta de tomates que ela plantara; um velho Buick; uma igreja; uma casa; uma rua que ia de algum lugar a outro. Todas essas fotos, tiradas por pessoas perdidas e por motivos perdidos, trancadas aqui no álbum de fotos de um garoto morto.

Aqui, Bill se viu aos 3 anos, deitado em uma cama de hospital com um turbante de ataduras cobrindo o cabelo. As ataduras desciam pelas bochechas até o maxilar fraturado. Ele foi atingindo por um carro no estacionamento do A&P na rua Center. Lembrava-se de bem pouco dessa estada no hospital, só que lhe deram milk-shakes com canudinho e que sua cabeça doera horrivelmente por três dias.

Aqui estava a família toda no gramado da casa, Bill ao lado da mãe e segurando a mão dela, e George, apenas um bebê, dormindo nos braços de Zack. E aqui…

Não era o fim do álbum, mas era a última página que importava, porque as seguintes estavam todas em branco. A foto final era a da escola de George, tirada em outubro do ano anterior, menos de dez dias antes de ele morrer. Nela, George estava usando uma camisa de gola careca. O cabelo rebelde estava controlado com água. Ele estava sorrindo e deixava à mostra dois buracos em que novos dentes jamais cresceriam, *a não ser que eles continuassem a crescer depois que você morre*, pensou Bill, e tremeu.

Ele olhou fixamente para a foto por algum tempo e estava prestes a fechar o álbum quando o que acontecera em dezembro aconteceu de novo.

Os olhos de George se moveram na foto. Eles se ergueram para olhar nos de Bill. O sorriso artificial de George se transformou em um esgar horrível. Seu olho direito fechou em uma piscadela: *Te vejo em breve, Bill. No meu armário. Talvez esta noite.*

Bill jogou o álbum do outro lado do quarto. Colocou as duas mãos sobre a boca.

O álbum bateu na parede e caiu no chão, aberto. As páginas viraram, apesar de não ter corrente de ar. O álbum se abriu naquela foto terrível de novo, a foto que dizia AMIGOS DA ESCOLA 1957-58 embaixo.

Sangue começou a jorrar da foto.

Bill ficou paralisado, com a língua inchada na boca, a pele arrepiada, o cabelo em pé. Ele queria gritar, mas os choramingos baixos que saíam de sua garganta pareciam o melhor que ele conseguia.

O sangue escorreu pela página e começou a pingar no chão.

Bill saiu correndo do quarto e bateu a porta.

Capítulo 6

Um dos desaparecidos: uma história do verão de 1958

1

Nem todos foram encontrados. Não; nem todos foram encontrados. E de tempos em tempos, suposições erradas foram feitas.

2

Retirado do *Derry News* de 21 de junho de 1958 (página 1):

GAROTO DESAPARECIDO DESPERTA NOVOS MEDOS

Edward L. Corcoran, morador da rua Charter nº 73, em Derry, foi registrado como desaparecido na noite de ontem pela mãe, Monica Macklin, e pelo padrasto, Richard P. Macklin. O garoto Corcoran tem 10 anos. Seu desaparecimento gerou novos medos de que a população jovem de Derry esteja sendo perseguida por um assassino.

A sra. Macklin disse que o garoto está desaparecido desde o dia 19 de junho, quando não voltou para casa depois do último dia de aulas antes das férias de verão.

Quando perguntados sobre o motivo de esperarem além das 24 horas necessárias para relatar o desaparecimento do filho, o sr. e a sra. Macklin se recusaram a comentar. O chefe de polícia Richard Borton também se recusou a comentar, mas uma fonte no departamento de polícia contou ao *News* que o relacionamento do garoto Corcoran com o padrasto não era bom e que ele tinha passado noites fora de casa antes. A fonte especulou que as notas finais do garoto poderiam ter sido um motivo para ele não aparecer. O superintendente da Escola Derry, Harold Metcalf, se recusou a comentar sobre as notas do garoto Corcoran, observando que não são uma questão de registro público.

"Espero que o desaparecimento desse garoto não cause medos desnecessários", disse o chefe Borton na noite de ontem. "O ânimo da comunidade está compreensivelmente

abalado, mas quero enfatizar que registramos de trinta a cinquenta desaparecimentos de menores a cada ano. A maioria aparece viva e bem uma semana após o registro. Esse será o caso de Edward Corcoran, se Deus quiser."

Borton também reiterou sua convicção de que os assassinos de George Denbrough, Betty Ripsom, Cheryl Lamonica, Matthew Clements e Veronica Grogan não eram trabalho de uma pessoa só. "Há diferenças essenciais em cada crime", disse Borton, mas não quis elaborar. Ele disse que a polícia local, em conjunto com a Procuradoria Geral do Estado do Maine, ainda está seguindo várias pistas. Ontem à noite, em uma entrevista telefônica, ao responder sobre o quanto essas pistas são boas, o chefe Borton disse: "Muito boas." Quando perguntamos se podíamos esperar uma prisão relacionada a algum dos crimes em breve, Borton se recusou a responder.

Retirado do *Derry News* de 22 de junho de 1958 (página 1):

TRIBUNAL ORDENA EXUMAÇÃO SURPRESA

Em uma virada bizarra no desaparecimento de Edward Corcoran, o Juiz do Tribunal Distrital de Derry, Erhardt K. Moulton, ordenou a exumação do irmão mais novo de Corcoran, Dorsey, no fim da tarde de ontem. A decisão judicial seguiu um pedido em conjunto com o Promotor do Condado e com o Médico-Legista do Condado.

Dorsey Corcoran, que também morava com a mãe e o padrasto na rua Charter, nº 73, morreu do que foram declaradas como sendo causas acidentais em maio de 1957. O garoto foi levado para o Derry Home Hospital sofrendo de fraturas múltiplas, incluindo traumatismo craniano. Richard P. Macklin, o padrasto do garoto, foi quem o levou. Ele declarou que Dorsey Corcoran estava brincando em uma escada na garagem e aparentemente caiu do alto. O garoto morreu sem recuperar a consciência três dias depois.

Edward Corcoran, de 10 anos, foi registrado como desaparecido no final da quarta-feira. Frente à pergunta se o sr. ou a sra. Macklin estavam sob suspeita da morte do garoto mais novo ou do desaparecimento do mais velho, o chefe Richard Borton se recusou a comentar.

Retirado do *Derry News* de 24 de junho de 1958 (página 1):

MACKLIN PRESO POR MORTE POR ESPANCAMENTO
suspeito de um desaparecimento ainda não solucionado

Devido a suspeitas relacionadas ao desaparecimento não solucionado, o chefe Richard Borton convocou uma coletiva de imprensa ontem para anunciar que Richard P. Macklin, morador do nº 73 da rua Charter, foi preso e acusado do assassinato do enteado Dorsey Corcoran. O garoto Corcoran morreu no Derry Home Hospital de "causas acidentais" no dia 31 de maio do ano passado.

“O relatório do legista mostra que o garoto estava muito ferido”, disse Borton. Embora Macklin tenha alegado que o garoto caíra de uma escada enquanto brincava na garagem, Borton disse que o relatório do médico-legista do condado mostrou que Dorsey Corcoran foi agredido brutalmente com um instrumento não cortante. Como resposta à pergunta de que tipo de instrumento, Borton disse: “Pode ter sido um martelo. Neste momento, o importante é a conclusão do legista de que o garoto levou golpes repetidos na cabeça com um objeto duro o bastante para quebrar seus ossos. Os ferimentos, particularmente os do crânio, não são consistentes com os que poderiam ocorrer em uma queda. Dorsey Corcoran foi surrado até ficar com apenas um fio de vida, depois largado na emergência do Home Hospital para morrer.”

Quando perguntado se os médicos que trataram o garoto Corcoran poderiam ter sido descuidados ao omitir um incidente de agressão infantil ou a causa verdadeira da morte, Borton disse: “Eles terão perguntas sérias a responder quando o sr. Macklin for a julgamento.”

Quando pedido a opinar sobre como esses desenvolvimentos poderiam estar relacionados ao desaparecimento recente do irmão mais velho de Dorsey Corcoran, Edward, registrado como desaparecido por Richard e Monica Macklin quatro dias atrás, o chefe Borton respondeu: “Acho que parece bem mais sério do que supomos no começo, você não acha?”

Retirado do *Derry News* de 25 de junho de 1958 (página 2):

PROFESSORA DIZ QUE EDWARD CORCORAN “VIVIA COM HEMATOMAS”

Henrietta Dumont, que dá aulas para o quinto ano da Escola Derry, na rua Jackson, disse que Edward Corcoran, que agora está desaparecido há quase uma semana, chegava frequentemente na escola “coberto de hematomas”. A sra. Dumont, que dá aulas em uma das turmas de quinto ano da Escola Derry desde o fim da Segunda Guerra Mundial, disse que o garoto Corcoran chegou à escola um dia, cerca de três semanas antes de seu desaparecimento, “com os dois olhos quase fechados. Quando perguntei a ele o que tinha acontecido, ele disse que o pai ‘deu nele’ porque ele não jantou direito”.

Quando perguntamos por que ela não registrou uma surra de severidade tão óbvia, a sra. Dumont disse: “Não foi a primeira vez que vi uma coisa assim em minha carreira de professora. Nas primeiras vezes que um aluno meu tinha um pai que confundia surras com educação, tentei fazer alguma coisa. A diretora assistente na época, Gwendolyn Rayburn, me mandou ficar de fora. Ela me disse que quando funcionários da escola se envolvem em caso de suspeita de abuso infantil, isso sempre volta para assombrar o Departamento Escolar na época do orçamento. Procurei o diretor, e ele me mandou esquecer, senão eu seria repreendida. Perguntei se uma repreensão em um assunto desses iria para meus registros. Ele me disse que uma repreensão não precisava ir para

os registros de uma professora. Eu entendi a mensagem.”

Quando perguntamos se a atitude no sistema escolar de Derry permanecia igual agora, a sra. Dumont disse: “Bem, o que parece, considerando a situação atual? E devo acrescentar que eu não estaria falando com você agora se não tivesse me aposentado no final do ano letivo.”

A sra. Dumont prosseguiu: “Desde que essa coisa aconteceu, eu me ajoelho todas as noites e rezo para que Eddie Corcoran tenha ficado cansado daquele padrasto animal e tenha fugido. Rezo para que, quando ele ler nos jornais ou ouvir no noticiário que Macklin foi preso, Eddie volte para casa.”

Em uma breve entrevista telefônica, Monica Macklin refutou intensamente as acusações da sra. Dumont. “Rich nunca bateu em Dorsey, e também nunca bate em Eddie”, disse ela. “Estou dizendo isso agora, e quando eu morrer, vou ficar diante do Trono do Senhor, vou olhar nos olhos de Deus e dizer para Ele a mesma coisa.”

Retirado do *Derry News* de 28 de junho de 1958 (página 2):

“PAPAI TEVE QUE ‘DAR EM MIM’ PORQUE SOU MAU”, DISSE O MENINO PARA A PROFESSORA ANTES DA SURRA QUE O MATOU

Uma professora de creche que se recusou a ser identificada disse para um repórter do *News* ontem que o pequeno Dorsey Corcoran chegou à aula bissemanal da creche com o polegar e três dedos da mão direita feridos menos de uma semana antes de sua morte, em um suposto acidente na garagem.

“Estava doendo o bastante para o pobrezinho não conseguir colorir o pôster de segurança do Mr. Do”, disse a professora. “Os dedos estavam inchados como salsichas. Quando perguntei a Dorsey o que aconteceu, ele disse que o pai (o padrasto Richard P. Macklin) tinha dobrado seus dedos para trás porque ele andou pelo chão que a mãe tinha acabado de lavar e encerar. ‘Papai teve que dar em mim porque sou mau’ foi a forma como ele falou. Senti vontade de chorar ao olhar para os pobres e lindos dedinhos dele. Ele realmente queria colorir o pôster como as outras crianças, então dei a ele aspirina infantil e deixei que colorisse enquanto os outros estavam ouvindo histórias. Ele adorava colorir os pôsteres do Mr. Do, era o que ele mais gostava de fazer, e agora estou feliz porque pude ajudá-lo a ter um pouco de felicidade naquele dia.

“Quando ele morreu, nem cruzou minha mente pensar que fosse qualquer coisa além de acidente. Acho que primeiro pensei que ele tivesse caído porque não conseguia segurar direito com aquela mão. Acho que não conseguia acreditar que um adulto pudesse fazer uma coisa assim a uma pessoinha. Agora, eu sei a verdade. Gostaria de não saber.”

O irmão mais velho de Dorsey Corcoran, Edward, de 10 anos, ainda está desaparecido. De sua cela na prisão do condado de Derry, Richard Macklin continua a

negar qualquer participação na morte do enteado mais novo e no desaparecimento do mais velho.

Retirado do *Derry News* de 30 de junho de 1958 (página 5):

MACKLIN INTERROGADO SOBRE
AS MORTES DE GROGAN, CLEMENTS
Fornece álibis incontestáveis, alega fonte.

Retirado do *Derry News* de 6 de julho de 1958 (página 1):

MACKLIN SERÁ ACUSADO APENAS DO ASSASSINATO
DO ENTEADO DORSEY, DIZ BORTON
Edward Corcoran ainda está desaparecido.

Retirado do *Derry News* de 24 de julho de 1958 (página 1):

PADRASTO CHOROSO CONFESSA
MORTE DO ENTEADO A PAULADAS

Em um desenvolvimento dramático do julgamento de Richard Macklin no tribunal regional pelo assassinato do enteado Dorsey Corcoran, Macklin desabou sob o interrogatório severo do promotor Bradley Whitsun e admitiu que batera no garoto de 4 anos até a morte com um martelo sem retrocesso, que ele depois enterrou na extremidade da horta da esposa antes de levar o garoto para o pronto-socorro do Derry Home Hospital.

O tribunal ficou perplexo e silencioso enquanto o choroso Macklin, que previamente admitira bater nos dois enteados "ocasionalmente, se eles merecessem, para o próprio bem deles", contava a história.

"Não sei o que me deu. Vi que ele estava subindo na maldita escada de novo, peguei o martelo no banco e comecei a usar. Eu não pretendia matá-lo. Com Deus por testemunha, nunca pretendi matá-lo."

"Ele falou alguma coisa para você antes de ficar inconsciente?", perguntou Whitsun.

"Ele disse 'Para, papai, desculpa, eu te amo'", respondeu Macklin.

"Você parou?"

"Em um determinado momento", disse Macklin. Em seguida, começou a chorar de forma tão histérica que o juiz Erhardt Moulton declarou recesso no tribunal.

Retirado do *Derry News* de 18 de setembro de 1958 (página 16):

ONDE ESTÁ EDWARD CORCORAN?

O padrasto dele, condenado a cumprir pena de dois a dez anos na prisão estadual de Shawshank pelo assassinato do irmão de 4 anos, Dorsey, continua a alegar que não faz

ideia de onde Edward Corcoran esteja. A mãe, que entrou com pedido de divórcio contra Richard P. Macklin, diz que acha que o futuro ex-marido está mentindo. Está?

“Eu, por exemplo, não acredito nisso”, diz o padre Ashley O’Brian, que atende os prisioneiros católicos de Shawshank. Macklin começou a se preparar para adotar a fé católica depois do começo de sua sentença, e o padre O’Brien passa bastante tempo com ele. “Ele realmente se arrepende do que fez”, prossegue o padre O’Brien, acrescentando que, quando perguntou inicialmente a Macklin por que ele queria ser católico, Macklin respondeu: “Ouvi que os católicos têm um ato de contrição e preciso de muito disso, senão vou para o inferno quando morrer.”

“Ele sabe o que fez ao garotinho”, disse o padre O’Brien. “Se também tiver feito alguma coisa com o mais velho, ele não lembra. No que diz respeito a Edward, ele acredita que suas mãos estão limpas.”

Quão limpas estão as mãos de Macklin no que diz respeito ao enteado Edward é uma questão que continua a perturbar os residentes de Derry, mas ele foi convincentemente inocentado dos outros assassinatos infantis que aconteceram aqui. Ele conseguiu fornecer álibis inquestionáveis para os três primeiros, e estava na cadeia quando os outros sete foram cometidos no final de junho, julho e agosto.

Todos os dez assassinatos permanecem sem solução.

Em entrevista exclusiva para o *News* na semana passada, Macklin mais uma vez garantiu não saber nada sobre o paradeiro de Edward Corcoran. “Eu batia nos dois”, disse ele em um monólogo doloroso que era constantemente interrompido por crises de choro. “Eu os amava, mas batia neles. Não sei por quê, tanto quanto não sei por que Monica deixava, nem por que me acobertou depois que Dorsey morreu. Acho que eu poderia ter matado Eddie com a mesma facilidade com que matei Dorsey, mas juro por Deus e Jesus e todos os santos dos céus que não matei. Sei o que parece, mas não matei. Acho que ele fugiu. Se fugiu, é uma coisa pela qual tenho que agradecer a Deus.”

Ao ser perguntado se está ciente de falhas em sua memória, se ele podia ter matado Edward e bloqueado da mente, Macklin respondeu: “Não percebi falha nenhuma. Sei bem demais o que fiz. Dei minha vida a Cristo, e vou passar o resto dela tentando pagar pelo que fiz.”

Retirado do *Derry News* de 27 de janeiro de 1960 (página 1):

CORPO NÃO É DO JOVEM CORCORAN, ANUNCIA BORTON

O chefe de polícia Richard Borton disse aos repórteres hoje cedo que o corpo em decomposição avançada de um garoto aproximadamente da idade de Edward Corcoran, que desapareceu de sua casa em Derry em junho de 1958, não é do garoto desaparecido. O corpo foi encontrado em Aynesford, Massachusetts, enterrado em uma cascalheira. Tanto as polícias estaduais do Maine como de Massachusetts a princípio desenvolveram a teoria de que o corpo poderia ser de Corcoran, acreditando que ele

poderia ter sido capturado por um molestador pedófilo depois de fugir da casa na rua Charter, onde o irmão mais novo foi surrado e morto.

Raios X dos dentes mostraram conclusivamente que o garoto encontrado em Aynesford não era Edward Corcoran, que agora está desaparecido há 19 meses.

Retirado do *Press-Herald* de Portland de 19 de julho de 1967 (página 3):

ASSASSINO CONDENADO COMETE SUICÍDIO EM FALMOUTH

Richard P. Macklin, condenado nove anos atrás pelo assassinato do enteado de 4 anos, foi encontrado morto em seu pequeno apartamento de terceiro andar em Falmouth no fim da tarde de ontem. Em liberdade condicional, ele morava e trabalhava tranquilamente em Falmouth desde a soltura da prisão estadual de Shawshank em 1964. Aparentemente, foi suicídio.

"O bilhete deixado indica um estado mental extremamente confuso", disse o subchefe de polícia de Falmouth, Brandon K. Roche. Ele se recusou a divulgar o conteúdo do bilhete, mas uma fonte no departamento de polícia disse que consistia em duas frases: "Vi Eddie ontem à noite. Ele estava morto."

O "Eddie" a quem ele se referiu pode muito bem ser o enteado de Macklin, irmão do garoto por cujo assassinato Macklin foi condenado em 1958. Foi o desaparecimento de Edward Corcoran que acabou levando à condenação de Macklin pela morte por espancamento do irmão mais novo de Edward, Dorsey. O garoto mais velho está desaparecido há nove anos. Em um breve procedimento de tribunal em 1966, a mãe do garoto pediu que o filho fosse legalmente declarado como morto para poder tomar posse da poupança de Edward Corcoran. A conta tinha o total de 16 dólares.

3

Eddie Corcoran estava mesmo morto.

Ele morreu na noite de 19 de junho, e seu padrasto não teve nada a ver com isso. Morreu enquanto Ben Hanscom estava sentado em casa vendo TV com a mãe, enquanto a mãe de Eddie Kaspbrak colocava a mão ansiosa na testa de Eddie em busca de sua doença favorita, "febre fantasma", enquanto o padrasto de Beverly Marsh (um cavalheiro que tinha, ao menos em temperamento, uma semelhança impressionante com o padrasto de Eddie e Dorsey Corcoran) dava um chute alto no traseiro da garota e mandava que ela "vá lá secar os malditos pratos como a mãe mandou", enquanto Mike Hanlon ouvia gritos de alguns garotos do ensino médio (um dos quais alguns anos depois geraria o saudável e jovem homofóbico John

"Webby" Garton) passando em um Dodge velho na hora em que ele arrancava ervas daninhas do jardim na lateral da pequena casa dos Hanlon na rua Witcham, não muito longe da fazenda do pai maluco de Henry Bowers, enquanto Richie Tozier estava dando uma espiada nas garotas seminuas em um exemplar da revista *Gem* que encontrou no fundo da gaveta de meias e cuecas do pai e ficava com uma bela ereção, e enquanto Bill Denbrough estava jogando o álbum do irmão menor do outro lado do quarto em descrença horrorizada.

Embora nenhum deles fosse se lembrar do que fez depois, todos olharam para cima no momento exato em que Eddie Corcoran morreu… como se por terem ouvido um grito distante.

O *News* estava absolutamente certo sobre uma coisa: o boletim de Eddie estava ruim o bastante para deixá-lo com medo de ir para casa encarar o padrasto. Além do mais, sua mãe e o coroa estavam brigando muito naquele mês. Isso piorava as coisas. Quando eles brigavam feio, a mãe gritava muitas acusações incoerentes. O padrasto respondia primeiro com resmungos, depois gritos para calar a boca, terminando com berros enfurecidos de um javali que está cheio de espinhos de porco-espinho no focinho. Mas Eddie nunca viu o coroa usar os punhos nela. Eddie achava que ele não ousaria. Ele guardava os socos para Eddie e Dorsey antes, e agora que Dorsey estava morto, Eddie ganhava a cota do irmãozinho além da sua própria.

Essas gritarias vinham e iam em ciclos. Eram mais comuns no final do mês, quando as contas chegavam. Um policial, chamado por um vizinho, aparecia vez ou outra quando as coisas estavam piores para mandá-los se acalmarem. Normalmente, isso encerrava a briga. A mãe era capaz de mostrar o dedo para o policial e desafiá-lo a prendê-la, mas o padrasto normalmente não dizia nada.

O padrasto tinha medo de policiais, achava Eddie.

Ele ficava quieto durante esses períodos de estresse. Era a coisa inteligente a fazer. Se você pensava que não, era só ver o que aconteceu a Dorsey. Eddie não sabia os detalhes nem queria, mas tinha uma ideia sobre o irmão. Ele achava que Dorsey estava no lugar errado na hora errada: a garagem no último dia do mês. Eles disseram para Eddie que Dorsey caiu da escada da garagem ("Eu mandei ele ficar longe dela uma vez, mandei sessenta vezes", dissera o padrasto), mas a mãe não olhava para ele a não ser sem querer… e, quando seus olhos se encontravam, Eddie via um brilhinho assustado e delator nos dela do qual não gostava. O coroa ficava sentado em silêncio à mesa da cozinha com um litro de cerveja Rheingold, olhando para o nada por baixo das sobrancelhas baixas. Eddie ficava longe dele. Quando o padrasto estava gritando, ele costumava (nem sempre, mas quase sempre) estar bem. Quando ele parava, é que você tinha que tomar cuidado.

Duas noites atrás, ele jogou uma cadeira em Eddie, quando Eddie se levantou para ver o que estava passando no outro canal de TV. Simplesmente pegou uma das cadeiras de alumínio da cozinha, jogou por cima da cabeça e deixou que seguisse voando. Bateu na bunda de Eddie e o derrubou. Sua bunda ainda estava doendo, mas ele sabia que podia ter sido pior: podia ter sido na cabeça.

Houve também a noite em que o coroa de repente se levantou e esfregou um punhado de purê de batata no cabelo de Eddie sem motivo nenhum. Um dia em setembro, Eddie chegou da escola e tolamente deixou que a porta de tela batesse ao fechar enquanto o padrasto cochilava. Macklin saiu do quarto com a cueca samba-canção frouxa, o cabelo todo desgrenhado, as bochechas manchadas com dois dias de barba de fim de semana por fazer, o hálito manchado com dois dias de cerveja de fim de semana.

— Pronto, Eddie — disse ele —, tenho que dar em você por bater a porra da porta.

No léxico de Rich Macklin, "dar em você" era um eufemismo para "espancar". E foi o que ele fez com Eddie. Eddie perdeu os sentidos quando o coroa o jogou no corredor da frente. A mãe tinha colocado um par de ganchos baixos para casacos ali, para ele e Dorsey terem onde pendurar os casacos. Os ganchos se enfiaram como dedos duros de aço na lombar de Eddie, e foi aí que ele desmaiou. Quando voltou a si dez minutos depois, ouviu a mãe gritando que ia levar Eddie para o hospital e ele não podia impedi-la.

— Depois do que aconteceu com Dorsey? — respondera o padrasto. — Você quer ir pra prisão, mulher?

Foi o fim do papo sobre o hospital por parte dela. Ela ajudou Eddie a ir para o quarto, onde ele ficou deitado na cama tremendo, com a testa coberta de suor. As únicas vezes em que ele saía do quarto nos três dias seguintes era quando os dois estavam fora de casa. Ele se esgueirava lentamente para a cozinha, gemendo baixinho, e pegava o uísque do padrasto debaixo da pia. Alguns goles aliviavam a dor. A dor tinha sumido quase toda no quinto dia, mas ele mijou sangue por quase duas semanas.

E o martelo não estava mais na garagem.

E *isso*? E *isso*, amigos e vizinhos?

Ah, o martelo Craftsman, o original, ainda estava lá. O desaparecido era o martelo sem retrocesso Scotti. O martelo especial do padrasto, o que ele e Dorsey foram proibidos de tocar.

— Se um de vocês tocar naquela belezinha — dissera ele no dia em que o levou para casa —, os dois vão usar as tripas pra tapar os ouvidos.

Dorsey perguntou timidamente se o martelo era muito caro. O coroa disse que era muito. Disse que era cheio de rolamentos e que não dava para fazer quicar ao martelar, independente da força com que o batesse.

Agora, tinha sumido.

As notas de Eddie não eram as melhores porque ele faltou muitas aulas desde que a mãe casou, mas ele não era um garoto burro. Ele achava que sabia o que tinha acontecido ao martelo sem retrocesso Scotti. Achava que talvez o padrasto o tivesse usado em Dorsey e enterrado no jardim, ou talvez jogado no canal. Era o tipo de coisa que acontecia com frequência nos quadrinhos de terror que Eddie lia, os que ele guardava na prateleira do alto do armário.

Ele andou até perto do canal, que corria entre as laterais de concreto como seda oleosa.

Uma faixa de luar brilhava na superfície escura em forma de bumerangue. Ele se sentou, balançando os tênis contra o concreto em um movimento irregular. As últimas seis semanas foram secas, e a água corria mais de 2,5 metros abaixo das solas gastas dos tênis. Mas se você olhasse com atenção para as laterais do canal, dava para ler os vários níveis aos quais ele às vezes subia rapidamente. O concreto era manchado de marrom-escuro bem acima do nível atual. Essa mancha marrom lentamente passava a amarela, depois a uma cor que era quase branca no nível em que os calcanhares dos tênis de Eddie faziam contato quando ele os balançava.

A água fluía calma e silenciosamente de um arco de concreto calçado embaixo, passava pelo lugar em que Eddie estava sentado e seguia para a ponte coberta de madeira só para pedestres entre o Parque Bassey e a Derry High School. As laterais da ponte e as tábuas do piso, até mesmo as vigas debaixo do teto, estavam cobertas de uma variedade sem fim de iniciais, números de telefone e declarações. Declarações de amor; declarações que fulano de tal estava disposto a "chupar" ou "lamber"; declarações de que quem fosse encontrado chupando ou lambendo perderia o prepúcio ou piche quente seria enfiado em seus rabos; declarações excêntricas ocasionais que desafiavam definições. Uma sobre a qual Eddie refletira durante toda a primavera dizia SALVEM OS JUDEUS RUSSOS! REÚNAM PRÊMIOS VALIOSOS!

O que exatamente isso queria dizer? Alguma coisa? E importava?

Eddie não passou pela Ponte do Beijo esta noite; ele não tinha necessidade de atravessar para o lado da escola de ensino médio. Ele achava que dormiria no parque, talvez nas folhas mortas debaixo do coreto, mas por enquanto estava bem sentado ali. Ele gostava do parque e ia para lá com frequência quando precisava pensar. Às vezes havia pessoas de amassos nos recantos das árvores que permeavam o parque, mas Eddie as deixava em paz e elas o deixavam em paz. Ele tinha ouvido histórias apavorantes no parquinho da escola sobre as bichas que passeavam no Parque Bassey depois do pôr do sol, e aceitava essas histórias sem questionar, mas ele mesmo nunca tinha sido incomodado. O parque era um local tranquilo, e ele achava que a melhor parte era bem ali onde ele estava sentado. Ele gostava dali no meio do verão, quando a água estava tão baixa que estalava nas pedras e se dividia em riachos isolados que se contorciam e às vezes voltavam a se juntar. Gostava no final de março ou começo de abril, logo depois do degelo, quando às vezes ficava de pé ao lado do canal (estava frio demais para se sentar nessa época; sua bunda congelaria) por uma hora ou mais, com o capuz da parca velha, agora pequena demais para ele, cobrindo a cabeça, com as mãos enfiadas nos bolsos, sem perceber que seu corpo magrelo tremia e balançava. O canal tinha um poder terrível e irresistível na semana seguinte ao degelo. Ele ficava fascinado pela forma como a água fervia em bolhas brancas ao sair do arco branco e rugia ao passar por ele, carregando galhos e gravetos e toda forma de lixo humano consigo. Mais de uma vez ele imaginou-se andando ao lado do canal em março com o padrasto e dando um empurrão do cacete no pilantra. Ele gritaria e cairia, com os braços girando em busca de equilíbrio, e

Eddie ficaria na margem de concreto vendo-o ser carregado pela corrente, com a cabeça uma mera forma preta balançando no meio do fluxo desgovernado cheio de espuma branca. Ele ficaria ali de pé, sim, e colocaria as mãos ao redor da boca e gritaria: *ISSO FOI POR DORSEY, SEU VEADO PODRE! QUANDO CHEGAR AO INFERNO, DIZ PRO DIABO QUE A ÚLTIMA COISA QUE VOCÊ OUVIU FOI EU MANDANDO VOCÊ ENCARAR ALGUÉM DO SEU TAMANHO!* Jamais aconteceria, é claro, mas era uma fantasia magnífica. Um grande sonho para se sonhar sentado junto ao canal, um g…

Uma mão se fechou ao redor do pé de Eddie.

Ele estava olhando para o outro lado do canal na direção da escola, dando um sorriso sonolento e um tanto belo ao imaginar o padrasto sendo carregado pela corrente violenta do degelo de primavera, para fora da sua vida para sempre. O aperto delicado mas forte o assustou tanto que ele quase perdeu o equilíbrio e caiu no canal.

É uma das bichas de quem os garotos grandes sempre falam, pensou ele, e olhou para baixo. Seu queixo caiu. A urina escorreu quente pelas pernas e manchou a calça jeans de preto à luz da lua. Não era uma bicha.

Era Dorsey.

Era Dorsey como tinha sido enterrado, Dorsey com o blazer azul e calça cinza, só que agora o blazer estava em frangalhos enlameados, a camisa de Dorsey estava em farrapos amarelos, a calça de Dorsey se agarrava molhada às pernas magras como cabos de vassoura. E a cabeça de Dorsey estava horrivelmente *curvada*, como se tivesse afundado atrás e sido projetada para fora na frente.

Dorsey estava sorrindo.

— *Eddieeeee* — grasnou seu irmão morto, como uma das pessoas mortas que sempre saíam do túmulo nos quadrinhos de terror. O sorriso de Dorsey se alargou. Dentes amarelos brilharam, e em algum ponto no fundo daquela escuridão, parecia haver coisas se contorcendo.

— *Eddieeee... Vim te ver Eddieeeeee...*

Eddie tentou gritar. Ondas de choque cinzento tomaram conta dele, e ele teve a sensação curiosa de que estava flutuando. Mas não era sonho; ele estava acordado. A mão em seu tênis era branca como a barriga de uma truta. Os pés descalços do irmão se agarravam ao concreto de alguma maneira. Alguma coisa havia arrancado um dos calcanhares de Dorsey a dentadas.

— *Vem pra baixo Eddieeeee...*

Eddie não conseguiu gritar. Seus pulmões não continham ar suficiente para conseguir emitir um grito. Ele soltou um ruído curiosamente fraco que parecia um gemido. Qualquer coisa mais alta parecia além da capacidade dele. Mas tudo bem. Em um segundo ou dois, sua mente entraria em parafuso e nada mais importaria. A mão de Dorsey era pequena, mas implacável. As nádegas de Eddie estavam deslizando pelo concreto até a beirada do canal.

Ainda emitindo aquele gemido fraco, ele esticou a mão para trás, segurou na beirada de concreto e se puxou. Ele sentiu a mão deslizar momentaneamente, ouviu um sibilar furioso e teve tempo para pensar: *Esse não é Dorsey. Não sei o que é, mas não é Dorsey.* E então a

adrenalina inundou seu corpo e ele estava rastejando para longe, tentando correr antes mesmo de estar de pé, com a respiração saindo em assobios curtos e agudos.

Mãos brancas apareceram na beirada de concreto do canal. Houve um som úmido de tapa. Gotas de água voaram para o alto sob o luar, saídas da pele pálida e morta. Agora o rosto de Dorsey apareceu sobre a beirada. Brilhos vermelhos iluminavam seus olhos afundados. Seu cabelo molhado estava grudado no crânio. Lama manchava suas bochechas como pintura de guerra.

O peito de Eddie finalmente destravou. Ele inspirou e transformou o ar em grito. Ficou de pé e saiu correndo. Ele correu olhando por cima do ombro, por precisar ver onde Dorsey estava, e como resultado deu de cara com um grande olmo.

Parecia que alguém (o padrasto, por exemplo) havia acendido dinamite, que explodiu em seu ombro esquerdo. Estrelas brilharam e rodopiaram por sua cabeça. Ele caiu na base da árvore como se tivesse levado uma machadada, com sangue escorrendo da têmpora esquerda. Eddie nadou nas águas da semiconsciência por talvez 90 segundos. Em seguida, conseguiu ficar de pé de novo. Um gemido escapou de sua boca quando ele tentou levantar o braço esquerdo. O braço não quis ser levantado. Estava dormente e distante. Assim, ele ergueu o direito e esfregou a cabeça que doía terrivelmente.

Mas então ele lembrou por que deu de cara com o olmo quando estava correndo e olhou ao redor.

Ali estava a beirada do canal, branca como osso e reta como uma corda ao luar. Nem sinal da coisa do canal… se é que *existiu* alguma coisa. Ele continuou a virar, movendo-se lentamente para completar 360 graus. O Parque Bassey estava silencioso e parado como uma fotografia em preto e branco. Salgueiros chorões arrastavam os tenebrosos braços finos, e qualquer coisa podia estar de pé, curvada e insana, no abrigo daqueles galhos.

Eddie começou a andar, tentando olhar para todos os lados ao mesmo tempo. O ombro deslocado latejava em sincronia dolorosa com seus batimentos.

Eddieeeee, gemia a brisa nas árvores, *você não quer me veeeer, Eddieeeee?* Ele sentiu dedos flácidos de cadáver acariciarem a lateral de seu pescoço. Virou-se, elevando as mãos. Quando seus pés se emaranharam e ele caiu, viu que eram apenas folhas de salgueiro se movendo na brisa.

Ele se levantou de novo. Queria correr, mas quando tentou, outra explosão de dinamite aconteceu em seu ombro e ele teve que parar. Ele sabia que devia estar superando esse medo a essas alturas, estava se chamando de bebezão que se deixava assustar por um reflexo ou que talvez tivesse dormido sem perceber e tido um sonho ruim. Mas isso não estava acontecendo; era bem o contrário. Seu coração agora estava batendo tão rápido que ele não conseguia distinguir os batimentos individuais, e tinha certeza de que logo explodiria de pavor. Ele não podia correr, mas quando saiu da área dos salgueiros, conseguiu quase trotar mancando.

Ele fixou os olhos na luz do poste que marcava o portão principal do parque. Seguiu naquela direção, conseguindo um pouco mais de velocidade, pensando: *Vou até o portão*

chegar à solução. Vou até o portão chegar à solução. Portão grandão, fim do medão, até de noitão, mas que visão…

Alguma coisa o estava seguindo.

Eddie conseguia ouvi-la destruindo o caminho para passar pela área dos salgueiros. Se ele se virasse, veria. Estava chegando perto. Ele conseguia ouvir os pés dela, uma espécie de passos arrastados e molhados, mas não olharia para trás, não, ele olharia para a frente, para o portão, o portão era a solução, ele continuaria a correr para o portão, e estava quase lá, quase…

O cheiro foi o que o fez olhar para trás. O cheiro avassalador, como se peixes tivessem apodrecido em uma enorme pilha até virar uma pasta de carniça no calor do verão. Era o cheiro de um oceano morto.

Não era Dorsey que estava atrás dele agora; era o Monstro da Lagoa Negra. O focinho da coisa era longo e pregueado. Fluido verde escorria de rasgos negros como bocas verticais em suas bochechas. Seus olhos eram brancos e gelatinosos. Os dedos unidos por membranas tinham garras como lâminas nas pontas. A respiração era borbulhante e profunda, o som de um mergulhador com regulador ruim. Quando ele viu Eddie olhando, seus lábios verde-enegrecidos se repuxaram sobre dentes enormes em um sorriso morto e vazio.

Ele andava com dificuldade atrás de Eddie, pingando, e Eddie de repente entendeu. Ele pretendia levá-lo de volta para o canal, carregá-lo para a escuridão úmida da passagem subterrânea. Para comê-lo.

Eddie se forçou a uma explosão de velocidade. A lâmpada do portão chegou mais perto. Ele conseguia ver a auréola de insetos e mariposas. Um caminhão passou na direção da autoestrada 2, o motorista mudando de marcha, e cruzou a mente desesperada e apavorada de Eddie que ele podia estar tomando café em um copo de papel e ouvindo uma música de Buddy Holly no rádio, completamente alheio ao fato de que a menos de 200 metros havia um garoto que poderia estar morto em vinte segundos.

O fedor. O fedor avassalador do monstro. Chegando perto. Ao redor dele.

Foi em um banco do parque que ele tropeçou. Alguns garotos o empurraram casualmente no começo da noite, ao irem para casa correndo para chegarem antes do toque de recolher. O assento estava elevado a menos de 5 centímetros da grama, em um tom de verde, quase invisível na escuridão do luar. A beirada do assento bateu nas canelas de Eddie, provocando uma explosão de dor perfurante e intensa. Suas pernas voaram e ele caiu na grama.

Ele olhou para trás e viu o Monstro se aproximando, com os olhos brancos de ovos pochê brilhando, as escamas pingando gosma da cor de algas marinhas, as guelras subindo e descendo no pescoço largo e as bochechas abrindo e fechando.

— *Ag!* — gemeu Eddie. Parecia ser o único som que ele conseguia emitir. — *Ag! Ag! Ag! Ag!*

Ele engatinhou agora, afundando os dedos na grama. Sua língua estava pendurada para fora.

No segundo anterior ao momento em que as mãos ásperas e fedendo a peixe do Monstro se

fecharam ao redor de seu pescoço, ele teve um pensamento reconfortante: *Isto é um sonho; tem que ser. Não existe Monstro* de verdade*, nem Lagoa Negra de verdade, e mesmo que houvesse, ficava na América do Sul ou em Everglades, na Flórida, ou em algum lugar assim. É só um sonho, e vou acordar na minha cama ou talvez nas folhas debaixo do coreto e eu…*

Naquele momento, mãos batráquias se fecharam ao redor de seu pescoço, e os gritos roucos de Eddie foram sufocados; quando o Monstro o virou, os ganchos quitinosos que se projetavam daquelas mãos provocaram marcas sangrentas como caligrafia em seu pescoço. Ele olhou nos olhos brancos e brilhantes. Sentiu as membranas entre os dedos do Monstro se apertando contra seu pescoço como elásticos firmes feitos de algas marinhas vivas. Seu olhar aguçado pelo pavor reparou na nadadeira, meio como uma crista de galo e meio como uma nadadeira traseira venenosa de peixe-gato, acima da cabeça encurvada e prateada do Monstro. Conforme as mãos dele apertaram, cortando a passagem de ar, ele até conseguiu ver a forma como a luz branca do poste ficava verde-cinzenta ao passar por aquela nadadeira membranosa na cabeça.

— Você… não… é… real — disse Eddie, sufocando, mas nuvens escuras já estavam se aproximando, e ele se deu conta de que isso era bem real, esse Monstro. Afinal, ele o estava matando.

Mas mesmo assim alguma racionalidade permaneceu nele, mesmo até o final: quando o Monstro enfiou as unhas na carne macia de seu pescoço, quando sua artéria carótida se rompeu em um jorro quente e indolor que encharcou a pele reptiliana da coisa, as mãos de Eddie tatearam nas costas do Monstro em busca de um zíper. Elas só penderam quando o Monstro arrancou a cabeça dele dos ombros com um resmungo baixo de satisfação.

E quando a imagem de Eddie do que era a Coisa começou a sumir, a Coisa começou imediatamente a adquirir outra aparência.

4

Incapaz de dormir, assombrado por sonhos ruins, um garoto chamado Michael Hanlon se levantou logo depois da primeira luz no primeiro dia das férias de verão. A luz era pálida, envolta em uma névoa baixa e densa que sumiria às 8h, deixando à mostra um dia perfeito de verão.

Mas isso era para mais tarde. Agora o mundo estava todo cinza e rosado, tão silencioso quanto um gato andando em um tapete.

Mike, de calça de veludo, camiseta e tênis Keds pretos de cano alto, desceu a escada, comeu uma tigela de cereal Wheaties (ele não gostava de Wheaties, mas queria o prêmio que vinha na caixa, um Anel Mágico Decodificador do Captain Midnight), subiu na bicicleta e seguiu para a cidade, pedalando nas calçadas por causa da neblina. A neblina mudava tudo, transformava as coisas mais comuns, como hidrantes e placas de trânsito, em objetos misteriosos, coisas estranhas e um tanto sinistras. Dava para ouvir carros, mas não para vê-los, e por causa da qualidade acústica estranha da névoa, não dava para saber se eles estavam longe ou perto até você vê-los saírem da neblina com auras fantasmagóricas de umidade ao redor dos faróis.

Ele virou à direita na rua Jackson, desviando do centro, e atravessou a rua Main pela alameda Palmer, e durante seu curto trajeto por essa pequena via de mão única que seguia por apenas um quarteirão, passou pela casa onde moraria quando adulto. Ele não olhou para ela; era apenas uma residência de dois andares com garagem e um pequeno gramado. Não emitiu nenhuma vibração especial para o garoto que passava e que passaria a maior parte da vida adulta como dono e único morador dela.

Na rua Main, ele virou à direita e seguiu até o Parque Bassey, ainda errante, apenas andando de bicicleta e apreciando a imobilidade do início de dia. Depois de passar pelo portão principal, ele desceu da bicicleta, empurrou o descanso e andou até o canal. Ainda estava, até onde sabia, motivado por nada além de puro capricho. É certo que não lhe ocorreu pensar que seus sonhos da noite anterior tinham alguma coisa a ver com o trajeto atual; ele nem lembrava exatamente o que tinha sonhado, só que um sonho sucedeu o outro até que ele despertou às 5h, suado mas tremendo, e com a ideia de que devia tomar um café da manhã rápido e ir de bicicleta para a cidade.

Aqui em Bassey havia um cheiro na neblina do qual ele não gostava: um cheiro de mar, salgado e velho. Ele já tinha sentido esse cheiro antes, é claro. Em neblinas de manhã cedo, era comum sentir cheiro de oceano em Derry, apesar de a costa estar a 65 quilômetros de distância. Mas o cheiro esta manhã parecia mais denso, mais vital. Quase perigoso.

Alguma coisa chamou sua atenção. Ele se inclinou e pegou um canivete barato com duas lâminas. Alguém tinha rabiscado as iniciais E. C. na lateral. Mike olhou com atenção por um momento ou dois e colocou no bolso. Achado não é roubado, quem perdeu foi relaxado.

Ele olhou ao redor. Ali, perto de onde ele encontrou o canivete, havia um banco de parque virado. Ele ajeitou o banco e colocou os pés de ferro nos buracos que criaram ao longo de um período de meses ou anos. Atrás do banco ele viu uma área esmagada de grama… e indo para longe dali, duas ranhuras. A grama estava voltando a ficar de pé, mas as marcas ainda estavam bem claras. Iam na direção do canal.

E havia sangue.

(o pássaro lembre-se do pássaro lembre-se do)

Mas ele não queria se lembrar do pássaro e afastou o pensamento. *Uma briga de cachorros, só isso. Um deles deve ter machucado bastante o outro.* Era um pensamento convincente pelo qual ele não foi totalmente convencido. Pensamentos de pássaros ficavam querendo voltar, o que ele tinha visto na Siderúrgica Kitchener, o que Stan Uris nunca encontraria em seu livro sobre pássaros.

Pare. Apenas saia daqui.

Mas, em vez de ir embora, ele seguiu as marcas. Enquanto fazia isso, criou uma historinha em pensamento. Era uma história de assassinato. Tem um garoto que ficou na rua até tarde, sabe? Bem depois do toque de recolher. O assassino o pega. E como ele se livra do corpo? Arrasta até o canal e joga lá dentro, é claro! Que nem no programa *Alfred Hitchcock Presents!*

As marcas que ele estava seguindo *poderiam* ter sido feitas pelo arrastar de um par de sapatos ou tênis, achava ele.

Mike tremeu e olhou ao redor com insegurança. A história era real demais, de alguma forma.

E suponhamos que não tenha sido um homem que fez isso, mas um monstro. Saído de quadrinhos de terror ou de um livro de terror ou de um filme de terror ou

(de um sonho ruim)

de um conto de fadas, alguma coisa assim.

Ele decidiu que não estava gostando da história. Era uma história idiota. Ele tentou afastá-la da mente, mas ela não queria ir embora. E aí? Que ficasse. Era idiotice. Sair para a cidade logo cedo foi idiotice. Seguir essas duas marcas na grama foi idiotice. Seu pai teria muitas tarefas para ele cumprir em casa hoje. Ele tinha que voltar e começar, senão a parte mais quente da tarde chegaria e ele estaria em um celeiro separando feno. Sim, ele tinha que voltar. E era isso que iria fazer.

Claro que vai, pensou ele. *Quer apostar?*

Em vez de voltar para a bicicleta, subir nela, voltar para casa e começar suas tarefas, ele seguiu as marcas na grama. Havia mais gotas de sangue seco aqui e ali. Mas não muito. Não tanto quanto naquela parte amassada perto do banco de parque que ele ajeitou.

Mike conseguia ouvir o canal agora, correndo serenamente. Um momento depois, ele viu a beirada de concreto se materializar na neblina.

Havia uma outra coisa na grama. *Meu Deus, hoje é seu dia de encontrar coisas*, disse sua mente com afabilidade duvidosa, e então uma gaivota berrou em algum lugar e Mike se encolheu, pensando de novo no pássaro que vira naquele dia, naquele dia naquela primavera.

Seja lá o que houver na grama, eu não quero olhar. E isso era tão verdade, mas aqui estava ele, já se abaixando, com as mãos nos joelhos, para ver o que era.

Um pedaço rasgado de tecido com uma gota de sangue.

A gaivota berrou de novo. Mike olhou para o pedaço de pano sujo de sangue e lembrou o que acontecera com ele na primavera.

5

Todos os anos, durante os meses de abril e maio, a fazenda Hanlon despertava da soneca de inverno.

Mike reconhecia que a primavera havia voltado não quando os primeiros açafrões surgiam debaixo das janelas da cozinha de sua mãe nem quando as crianças começavam a levar bichos e sapos para a escola, nem mesmo quando os Washington Senators davam início à temporada de beisebol (normalmente perdendo de lavada), mas sim quando seu pai gritava para que Mike fosse ajudá-lo a empurrar a picape velha para fora do celeiro. A metade da frente era um velho Ford Model-A, a parte de trás era uma picape com guarda traseira que era o que havia sobrado da porta do velho galinheiro. Se o inverno não tivesse sido frio demais, os dois conseguiam fazer a picape pegar empurrando pela entrada da garagem. A cabine da picape não tinha portas; também não tinha para-brisa. O assento era metade de um sofá velho que Will Hanlon tinha encontrado no lixão de Derry. O câmbio tinha uma velha maçaneta de vidro em cima.

Eles a empurravam pela entrada, um de cada lado, e quando ela pegava velocidade, Will pulava para dentro, girava a chave, retardava a ignição, enfiava o pé na embreagem e passava a primeira marcha com a mão enorme em cima da maçaneta. Em seguida, ele gritava:

— Vamos pra parte mais difícil!

Ele soltava a embreagem e o motor do velho Ford tossia, engasgava, estourava, explodia… e às vezes começava a funcionar, com dificuldade no começo, depois amaciando. Will saía pela rua em direção à fazenda Rhulin, fazia a volta na entrada da garagem (se ele fosse para o outro lado, o pai maluco de Henry Bowers provavelmente estouraria a cabeça dele com uma espingarda) e voltava para casa, com o motor sem silencioso rugindo estridente enquanto Mike pulava de empolgação, comemorando, e a mãe ficava na porta da cozinha, secando as mãos em um pano de prato e fingindo uma repugnância que não sentia de verdade.

Outras vezes, a picape não pegava no tranco, e Mike tinha que esperar que o pai voltasse do celeiro, carregando a manivela e resmungando baixinho. Mike tinha certeza de que algumas das palavras resmungadas eram palavrões, e tinha um pouco de medo do pai naquele momento. (Só bem mais tarde, durante uma das visitas intermináveis ao quarto de hospital em que Will Hanlon morria, ele descobriu que o pai resmungava porque tinha medo da manivela: uma vez, ela deu um salto para trás, saiu voando do orifício e rasgou a lateral de sua boca.)

— Pra trás, Mikey — dizia ele, enfiando a manivela no orifício na base do radiador. E quando o motor estava finalmente ligado, ele dizia que no ano seguinte o trocaria por um Chevrolet, mas nunca trocava. Aquele velho Ford A híbrido ainda estava em casa, coberto de

vegetação até o eixo e a guarda traseira de galinheiro.

Quando a picape estava ligada e Mike sentado no banco do passageiro, sentindo cheiro de óleo quente e fumaça azul, empolgado pela brisa que soprava pelo buraco em que antes ficava o para-brisa, ele pensava: *A primavera voltou. Estamos todos despertando.* E no fundo da alma ele dava um grito silencioso que sacudia as paredes daquele local geralmente feliz. Ele sentia amor por tudo ao seu redor, e mais do que tudo pelo pai, que sorria para ele e gritava:

— Se segura, Mikey! Vamos voar com essa belezinha! Vamos fazer alguns pássaros fugirem!

Em seguida, ele dirigia pela entrada da garagem, com as rodas de trás do Ford cuspindo terra preta e bolos de argila, com os dois quicando no assento-sofá na cabine aberta, rindo como tolos por natureza. Will dirigia o Ford A pela grama alta do campo dos fundos, que era plantado com feno, em direção ao campo do sul (de batata), do oeste (milho e feijão) ou do campo leste (ervilha, abobrinha e abóbora). Conforme eles seguiam, pássaros saíam voando da grama na frente da picape, berrando de pavor. Uma vez, uma perdiz saiu voando, um pássaro magnífico, marrom como folhas do final do outono, e o som explosivo de suas asas foi audível até mesmo acima do estrondo do motor.

Esses passeios eram a porta de Mike Hanlon para a primavera.

O trabalho do ano começava com a coleta de pedras. Diariamente, durante uma semana, eles saíam com o Ford e enchiam a caçamba com pedras que poderiam quebrar uma lâmina de arado quando chegasse a hora de remexer a terra para o plantio. Às vezes a picape ficava presa na terra úmida da primavera, e Will resmungava sombriamente baixinho… mais palavrões, supunha Mike. Ele conhecia algumas das palavras e expressões; outras, como “filho de uma meretriz”, o intrigavam. Ele tinha visto a palavra na Bíblia e, até onde sabia, uma meretriz era uma mulher que vinha de um lugar chamado Babilônia. Ele tinha decidido perguntar ao pai uma vez, mas o Ford estava com lama até a suspensão, havia nuvens tempestuosas na testa do pai, e ele decidiu esperar um momento melhor. Acabou perguntando a Richie Tozier em outra ocasião, e Richie disse que o pai *dele* falou que uma meretriz era uma mulher que recebia pagamento para fazer sexo com homens.

— O que é fazer sexo? — perguntou Mike, e Richie saiu andando segurando a cabeça.

Em uma ocasião, Mike perguntou ao pai por que, considerando que eles sempre retiravam pedras em abril, sempre havia outras no mês de abril do ano seguinte.

Eles estavam no local do despejo das pedras, perto do pôr do sol do último dia de coletas de pedras daquele ano. Uma estrada de terra antiga, não séria o bastante para ser chamada de estrada, levava da parte baixa do campo do oeste até a vala perto da margem do Kenduskeag. A vala era uma confusão de pedras que foram retiradas das terras de Will ao longo dos anos.

Ao olhar para as terras áridas, das quais ele cuidou primeiro sozinho, depois com a ajuda do filho (ele sabia que, em algum lugar debaixo das pedras, estavam os restos apodrecidos dos tocos de árvores que ele arrancara uma de cada vez antes que qualquer um dos campos pudesse ser cultivado), Will acendeu um cigarro e disse:

— Meu pai dizia que Deus ama as pedras, as moscas, as ervas daninhas e as pessoas pobres acima de todas as Suas outras criações, e foi por isso que fez tantos.

— Mas todo ano parece que elas voltam.

— É, acho que voltam — disse Will. — É a única forma que conheço para explicar.

Uma mobelha gritou ao longe no Kenduskeag, em um pôr do sol que tinha deixado a água de um tom laranja escuro. Era um som solitário, tão solitário que fez os braços cansados de Mike se contraírem de arrepio.

— Eu te amo, papai — disse ele de repente, sentindo um amor tão forte que lágrimas fizeram seus olhos arderem.

— Ah, eu também te amo, Mikey — disse o pai, e o abraçou apertado com os braços fortes. Mike sentiu o tecido áspero da camisa de flanela do pai na bochecha. — Agora, que tal a gente voltar? Temos tempo pra tomar banho antes que minha boa esposa coloque o jantar na mesa.

— Ok — disse Mike.

— Ok mesmo — disse Will Hanlon, e os dois riram, exaustos, mas sentindo-se bem, com braços e pernas cansados, mas não extenuados, as mãos ásperas das pedras, mas sem doer muito.

A primavera chegou, pensou Mike naquela noite, adormecendo no quarto enquanto a mãe e o pai assistiam a *The Honeymooners* na sala. *A primavera voltou, obrigado, Senhor, muito obrigado.* E, ao cair no sono, ao mergulhar, ele ouviu a mobelha gritar de novo, e a distância do pântano onde ela estava se misturou ao desejo dos sonhos dele. A primavera era uma época movimentada, mas era boa.

Após a coleta de pedras, Will estacionava o Ford na grama alta atrás da casa e tirava o trator do celeiro. Em seguida, era o momento de arar a terra, com o pai dirigindo o trator, e Mike ia atrás, se segurando no assento de ferro, ou andando ao lado, pegando pedras que eles deixaram passar e jogando para fora do campo. Depois vinha o plantio, e após o plantio vinha o trabalho de verão: capinar… capinar… capinar. A mãe ajeitava Larry, Moe e Curly, os três espantalhos, e Mike ajudava o pai a colocar um *mooseblower* no alto de cada cabeça cheia de palha. Um *mooseblower* era uma lata sem as duas extremidades. Um pedaço de barbante bem encerado e resinado era amarrado com força no centro da lata, e quando o vento soprava por ela, o resultado era um som maravilhosamente apavorante: uma espécie de grasnar lamuriante. Os pássaros que se alimentavam do plantio logo descobriram que Larry, Moe e Curly não eram ameaça, mas os *mooseblowers* sempre os assustavam.

No começo de julho, era hora de colher, além de capinar: ervilha e rabanete primeiro, depois alface e tomate que primeiro foram plantados em caixas, depois milho e feijão em agosto, mais milho e feijão em setembro, depois abóbora e abobrinha. Em algum momento no meio disso tudo era a vez das batatas, e então, conforme os dias ficavam mais curtos e o tempo mais frio, ele e o pai tiravam os *mooseblowers* (e às vezes, durante o inverno, eles desapareciam; parecia que era preciso fazer novos todas as primaveras). No dia seguinte,

Will chamava Norman Sadler (que era tão burro quanto seu filho, Moose, mas infinitamente mais bondoso), e Normie ia até lá com o colhedor de batatas.

Durante as três semanas seguintes, os três trabalhavam colhendo batatas. Além da família, Will contratava três ou quatro garotos do ensino médio para ajudar na colheita, pagando 25 centavos por barrica. O Ford A subia e descia lentamente pelas fileiras do campo do sul, o maior, sempre em marcha lenta, com a caçamba aberta, cheia de barricas, cada uma com o nome de uma das pessoas trabalhando. No final do dia, Will abria a carteira velha e enrugada e pagava cada um com dinheiro. Mike recebia, assim como a mãe; aquele dinheiro era deles, e Will Hanlon nunca perguntou a nenhum dos dois se e como eles gastavam. Mike ganhou uma participação de 5% na fazenda quando tinha 5 anos; idade o bastante, dissera Will, para segurar uma enxada e saber a diferença entre ervas daninhas e pés de ervilha. A cada ano, ele ganhava mais 1%, e todos os anos, no dia seguinte ao Dia de Ação de Graças, Will calculava os lucros da fazenda e deduzia a parte de Mike… mas Mike nunca viu *aquele* dinheiro. Ia para a conta da faculdade, e não devia ser tocado por motivo nenhum.

Por fim, chegava o dia em que Normie Sadler levava o colhedor de batatas de volta para casa; então, o ar já teria ficado cinzento e frio e haveria geada nas pilhas de abóboras na lateral do celeiro. Mike ficava de pé na porta, com o nariz vermelho, as mãos sujas enfiadas nos bolsos da calça jeans, e via o pai levar primeiro o trator e depois o Ford A para dentro do celeiro. Ele pensava: *Estamos nos preparando pra dormir de novo. A primavera… foi embora. O verão… foi embora. A colheita… está feita.* Tudo que sobrava era o finalzinho do outono: árvores sem folhas, chão congelado, uma camada de gelo nas margens do Kenduskeag. Nos campos, os corvos às vezes pousavam nos ombros de Moe, Larry e Curly e ficavam pelo tempo que quisessem. Os espantalhos estavam sem voz e não eram ameaça.

Mike não ficava exatamente consternado pela ideia do fim de mais um ano (aos 9 e 10 anos, ele ainda era jovem demais para fazer metáforas mortais) porque havia muito pelo que ansiar: andar de trenó no Parque McCarron (ou em Rhulin Hill, em Derrytown, se você tivesse coragem, embora isso fosse mais para os garotos grandes), patinar no gelo, guerras de bola de neve, construção de fortes de neve. Havia tempo de pensar em sair com o pai em busca de uma árvore de Natal, e tempo para pensar nos esquis Nordica que ele talvez ganhasse de Natal. O inverno era bom… mas ver o pai colocar o Ford A no celeiro

(a primavera acabou o verão acabou a colheita acabou)

sempre o deixava triste, da forma como bandos de pássaros migrando para o sul no inverno o deixavam triste, ou da forma como uma certa incidência de luz podia às vezes dar nele a vontade de chorar sem nenhum motivo aparente. *Estamos nos preparando pra dormir de novo…*

A vida dele não se resumia a escola e tarefas, tarefas e escola; Will Hanlon havia dito para a esposa mais de uma vez que um garoto precisava de tempo para ir pescar, mesmo que pescar não fosse exatamente o que ele estivesse fazendo. Quando Mike chegava em casa depois da aula, deixava os livros sobre a TV na sala, preparava um lanche (ele gostava de sanduíches de

creme de amendoim com cebola, uma mistura que fazia sua mãe erguer as mãos horrorizada) e lia o bilhete que o pai havia deixado, dizendo para Mike onde ele, Will, estava e quais eram as tarefas de Mike: retirar as ervas daninhas de certas áreas, carregar cestas, colher frutos, varrer o celeiro, coisas do tipo. Mas em pelo menos um dia por semana, e às vezes dois, não havia bilhete. E nesses dias Mike ia pescar, mesmo que não fosse exatamente pescar. Eram dias ótimos… dias em que ele não tinha lugar certo para onde ir, e consequentemente não sentia necessidade de chegar logo lá.

De vez em quando, o pai deixava outro tipo de bilhete: "Sem tarefas", podia dizer um deles. "Vá até Old Cape olhar os trilhos dos bondes." Mike ia até a área de Old Cape, encontrava as ruas que ainda tinham trilhos e os inspecionava com atenção, maravilhado de pensar que coisas como bondes já passaram bem no meio das ruas. Naquela noite, ele e o pai conversavam sobre eles, e o pai mostrava fotos do álbum de Derry com bondes em funcionamento: uma vara engraçada seguia do teto do bonde até um fio elétrico, e havia propagandas de cigarro nas laterais. Em outro momento, ele enviara Mike ao Parque Memorial, onde ficava a Torre de Água, para olhar para o bebedor de pássaros, e uma vez eles foram até o fórum juntos para olhar uma máquina terrível que o chefe Borton havia encontrado no sótão. Esse instrumento se chamava cadeira de vagabundo. Era de ferro fundido e havia algemas embutidas nos braços e pernas. Havia protuberâncias redondas no encosto e no assento. Fez Mike se lembrar de uma foto que ele vira em um livro, da cadeira elétrica em Sing Sing. O chefe Borton deixou Mike se sentar na cadeira e experimentar as algemas.

Depois que a novidade de usar as algemas passou, Mike olhou com dúvida para o pai e para o chefe Borton, sem entender por que essa deveria ser uma punição tão horrível para os "vagabas" (a palavra que Borton usava) que foram parar na cidade nos anos 1920 e 1930. As protuberâncias deixavam a cadeira um pouco desconfortável, claro, e as algemas nos pulsos e tornozelos dificultavam encontrar uma posição melhor, mas…

— Ah, você é só uma criança — disse o chefe Borton, rindo. — Quanto pesa? Trinta, 35 quilos? A maior parte dos vagabas que o xerife Sully prendia nessa cadeira antigamente pesava o dobro, pelo menos. Eles ficavam um pouco desconfortáveis depois de uma hora, mais ou menos, muito desconfortáveis depois de duas ou três, e péssimos depois de quatro ou cinco horas. Depois de sete ou oito horas, eles começavam a gritar, e depois de 16 ou 17, costumavam começar a chorar. E quando o período de 24 horas acabava, eles estavam dispostos a jurar perante Deus e qualquer homem que, na próxima vez que fossem para a Nova Inglaterra, passariam bem longe de Derry. Até onde sei, a maioria cumpriu a palavra. Vinte e quatro horas na cadeira de vagabundo era uma tremenda persuasão.

De repente, pareceu haver mais protuberâncias na cadeira, indo mais fundo em suas nádegas, espinha, lombar, até mesmo na nuca.

— Posso sair agora, por favor? — disse ele educadamente, e o chefe Borton voltou a rir. Houve um momento, um instante de pânico, em que Mike pensou que o chefe só balançaria a chave das algemas na frente dos olhos de Mike e diria *Claro, vou deixar você sair… quando*

suas 24 horas estiverem completas.

— Por que o senhor me levou lá, papai? — perguntou ele no caminho de volta para casa.

— Você vai saber quando estiver mais velho — respondeu Will.

— O senhor não gosta do chefe Borton, não é?

— Não — respondeu o pai, com voz tão seca que Mike não ousou perguntar mais nada.

Mas Mike gostava da maior parte dos locais em Derry para os quais o pai o mandava ou levava, e quando Mike tinha 10 anos, Will já tinha conseguido passar seu próprio interesse pelas camadas de história de Derry para o filho. Às vezes, como quando ele passou os dedos pela superfície ligeiramente áspera da base onde o bebedor de pássaros do Parque Memorial ficava, ou quando se agachou para olhar melhor para os trilhos de bonde que marcavam a rua Groove em Old Cape, ele era atingido por uma sensação forte de tempo… o tempo como uma coisa real, como uma coisa com peso invisível, da mesma forma que a luz do sol tinha peso (alguns dos garotos da escola riram quando a sra. Greenguss disse isso, mas Mike ficou perplexo demais pela ideia para rir; seu primeiro pensamento foi *Luz tem peso? Ah, meu Deus, isso é* terrível!)… o tempo como uma coisa que acabaria enterrando-o.

O primeiro bilhete que seu pai deixou naquela primavera de 1958 foi rabiscado nas costas de um envelope e colocado debaixo do saleiro. O ar estava quente, maravilhosamente doce, e a mãe dele tinha aberto todas as janelas. *Nada de tarefas*, dizia o bilhete. *Se você quiser, vá de bicicleta até a estrada Pasture. Você vai ver construções destruídas e maquinários velhos no campo à esquerda. Dê uma olhada e traga uma lembrança. Não chegue perto do buraco do porão! E volte antes de escurecer. Você sabe o motivo.*

Mike sabia o motivo direitinho.

Ele falou para a mãe para onde estava indo, e ela franziu a testa.

— Por que você não vê se Randy Robinson quer ir com você?

— Tá, tudo bem, vou parar lá e perguntar — disse Mike.

Ele foi mesmo, mas Randy tinha ido para Bangor com o pai para comprar mudas de batatas. Assim, Mike seguiu de bicicleta até a estrada Pasture sozinho. Era um trajeto longo, pouco mais de 6 quilômetros. Mike achava que eram 15h quando ele apoiou a bicicleta em uma cerca velha de madeira no lado direito da estrada Pasture e a pulou para ir ao campo que havia atrás. Ele teria talvez uma hora para explorar e depois começar a voltar para casa. Normalmente, a mãe não se aborrecia com ele, desde que voltasse no máximo às 18h, quando colocava o jantar na mesa, mas um episódio memorável deixou claro que este ano era diferente. Nessa ocasião em que ele se atrasou para o jantar, ela ficou quase histérica. Ela foi atrás dele com o pano de prato e bateu nele enquanto ele ficava boquiaberto na porta da cozinha, com o cesto com a truta dentro no chão.

— *Nunca* me assuste assim! — gritara ela. — *Nunca! Nunca-nunca-nunca!*

Cada *nunca* foi pontuado com outra batida de pano de prato. Mike esperava que o pai se intrometesse e a fizesse parar, mas ele não fez isso… Talvez ele soubesse que, se fizesse, a ira dela se voltaria para ele também. Mike aprendera a lição; uma surra de pano de prato era

mais do que suficiente. Chegar em casa antes de escurecer. Sim, senhora, combinado.

Ele atravessou o campo em direção às enormes ruínas no meio. Obviamente, eram os restos da Siderúrgica Kitchener; ele já tinha parado por ali, mas nunca pensou em explorar o local, e nunca tinha ouvido nenhum garoto dizendo ter feito isso. Agora, ao parar para examinar alguns tijolos caídos que formavam um montículo rudimentar, ele pensou que conseguia entender por quê. O campo estava muito iluminado, banhado pelo sol do céu de primavera (ocasionalmente, quando uma nuvem passava na frente do sol, uma grande sombra viajava pelo campo), mas havia alguma coisa de assustador ali mesmo assim, um silêncio sinistro que era rompido apenas pelo vento. Ele se sentia um explorador que encontrou os últimos restos de uma cidade perdida fabulosa.

À frente, à direita, ele viu o lado redondo de um enorme cilindro de azulejos na grama alta do campo. Ele correu até lá. Era a chaminé principal da siderúrgica. Ele olhou no buraco e sentiu um arrepio subir pela espinha. Era grande o bastante para ele poder entrar se quisesse. Mas não queria; Deus sabia que lodo estranho poderia haver grudado nos azulejos internos, enegrecidos pela fumaça, ou que insetos ou animais horrendos poderiam ter se abrigado no interior. O vento soprou. Quando passou pela boca da chaminé caída, fez um som assustadoramente parecido com o som do vento vibrando as cordas enceradas que ele e o pai colocavam no *mooseblower* todas as primaveras. Ele deu um passo para trás com nervosismo, pensando de repente no filme que ele e o pai viram na noite anterior no *Early Show*. O filme se chamava *Rodan*, e vê-lo pareceu bem divertido na hora, com o pai rindo e gritando “Pega aquele pássaro, Mikey!” cada vez que Rodan aparecia, e Mikey atirando com o dedo, até que a mãe passou a cabeça pela porta e mandou que eles calassem a boca antes que ela tivesse dor de cabeça com tanto barulho.

Não parecia engraçado agora. No filme, Rodan tinha sido libertado das profundezas da terra por mineiros japoneses que estavam cavando o túnel mais fundo do mundo. E, ao olhar para o interior negro dessa chaminé, foi bem fácil imaginar aquele pássaro agachado no fundo, com as asas como de morcego dobradas nas costas, olhando para o rosto pequeno, redondo e infantil que espiava a escuridão, olhando, olhando com olhos dourados…

Tremendo, Mike se afastou.

Ele andou ao longo da lateral da chaminé, que tinha afundado na terra até metade da circunferência. O terreno subia ligeiramente, e de impulso ele subiu na chaminé. Ela era bem menos assustadora por fora, com a superfície azulejada quente do sol. Ele ficou de pé e saiu andando, com os braços abertos (a superfície era larga demais para ele precisar ter medo de cair, mas estava fingindo ser um equilibrista no circo), gostando da forma como o vento soprava por seu cabelo.

Na extremidade, ele desceu e começou a examinar coisas: mais tijolos, moldes retorcidos, pedaços de madeira, partes de máquinas enferrujadas. *Traga uma lembrança*, dizia o bilhete do pai. Ele queria uma boa.

Ele se aproximou da abertura ampla do porão, olhando para os destroços e tomando o

cuidado de não se cortar com vidro quebrado. Havia muito ali.

Mike não havia esquecido o porão nem o aviso do pai para ficar longe; nem havia esquecido as mortes que ocorreram naquele local cinquenta e poucos anos antes. Ele achava que, se houvesse um lugar assombrado em Derry, seria ali. Mas apesar disso ou por causa disso, ele estava determinado a permanecer até encontrar alguma coisa realmente boa para levar de volta para o pai.

Ele se deslocou lenta e sobriamente em direção ao porão, mudando o percurso para acompanhar a lateral irregular, quando uma voz de alerta dentro dele sussurrou que ele estava chegando perto demais, que um terreno enfraquecido pelas chuvas de primavera podia desmoronar debaixo de seus pés e jogá-lo naquele buraco, onde só Deus sabia quanto ferro afiado podia estar esperando para empalá-lo como um inseto, para que ele morresse uma morte enferrujada e contorcida.

Ele pegou um caixilho de janela e jogou para o lado. Havia uma concha grande o bastante para a mesa de um gigante, com a alça torcida por um calor inimaginável. Havia um pistão grande demais para ele sequer conseguir mover, muito menos levantar. Ele passou por cima. Passou por cima e…

E se eu encontrar um crânio?, pensou ele de repente. O crânio de um dos garotos que foram mortos aqui quando estavam procurando ovos de Páscoa de chocolate em mil novecentos e sei lá?

Ele olhou para o campo vazio banhado pelo sol, muito chocado com a ideia. O vento soprou uma nota em seu ouvido, e outra sombra cruzou silenciosamente o terreno, como a sombra de um morcego enorme… ou pássaro. Ele percebeu de novo o quanto estava silencioso ali, o quanto o campo parecia estranho com suas pilhas de pedras e pedaços de ferro inclinados para um lado ou para o outro. Era como se uma batalha horrível tivesse sido lutada ali muito tempo antes.

Não seja idiota, respondeu ele para si mesmo com desconforto. *Encontraram tudo que havia para ser encontrado aqui cinquenta anos atrás. Depois do acontecimento. E mesmo que não tivessem encontrado, algum outro garoto (ou adulto) teria encontrado… o resto… depois. Ou você acha que é a única pessoa que veio em busca de lembranças?*

Não… não, não acho isso. Mas…

Mas o quê?, o lado racional de sua mente perguntou, e Mike pensou que estava falando um pouco alto demais, um pouco rápido demais. *Mesmo que houvesse alguma coisa para encontrar, teria apodrecido tempos atrás. Então… o quê?*

Mike encontrou no mato uma gaveta de escrivaninha quebrada. Ele olhou dentro, jogou-a de lado e chegou um pouco mais perto do porão, onde havia mais coisa. Sem dúvida, encontraria algo ali.

Mas e se tiver fantasmas? Essa é a questão. E se eu vir mãos saindo de dentro daquele porão, e se elas começarem a subir, crianças com os restos das roupas de domingo de Páscoa, roupas que estão podres e rasgadas e marcadas com cinquenta anos de lama da

primavera e chuva do outono e neve do inverno? Crianças sem cabeça (ele tinha ouvido na escola que, depois da explosão, uma mulher encontrou a cabeça de uma das vítimas em uma árvore em seu quintal)*, crianças sem pernas, crianças abertas como bacalhaus, crianças como eu que talvez quisessem sair pra brincar… aqui onde é escuro… debaixo das vigas de ferro inclinadas e das rodas dentadas velhas e enferrujadas…*

Ah, para, pelo amor de Deus!

Mas um tremor subiu pelas suas costas e ele decidiu que era hora de pegar alguma coisa, qualquer coisa, e sair dali. Ele esticou a mão para o chão, de forma quase aleatória, e pegou uma roda dentada com uns 18 centímetros de diâmetro. Ele tinha um lápis no bolso e usou-o para tirar rapidamente a terra dos dentes. Em seguida, enfiou a lembrança no bolso. Ele iria embora agora. Ele iria, sim…

Mas seus pés se moveram lentamente na direção errada, em direção ao porão, e ele percebeu com uma espécie de horror terrível que precisava olhar lá dentro. Ele tinha que *ver*.

Ele segurou uma viga esponjosa que saía da terra e se inclinou para a frente, tentando ver para baixo e para dentro. Não conseguiu. Tinha chegado a 5 metros da beirada, mas ainda era longe para ver o fundo do porão.

Não ligo se vejo o fundo ou não. Vou voltar agora. Tenho minha lembrança. Não preciso olhar pra um buraco velho nojento. E o bilhete do papai me mandava ficar longe.

Mas a curiosidade infeliz e quase febril que o agarrara não queria soltar. Ele se aproximou do porão passo trêmulo a passo trêmulo, ciente de que logo que a viga de madeira estivesse fora de alcance, não haveria mais onde se segurar, ciente também de que o chão estava mesmo úmido e instável. Em pontos ao longo da beirada, ele conseguia ver fendas, como túmulos que despencaram, e sabia que eram os locais de desmoronamentos anteriores.

Com o coração batendo no peito como os passos fortes de botas de soldado, ele chegou à beirada e olhou para baixo.

Aninhado no porão, o pássaro olhou para cima.

Mike primeiro não teve certeza do que estava vendo. Todos os nervos e reações de seu corpo pareceram paralisados, incluindo os que conduziam pensamentos. Não foi só o choque de ver um pássaro monstro, um pássaro cujo peito era laranja como o de um tordo americano e cujas penas eram comuns, cinza e fofas como as de um pardal; mais do que tudo, foi o choque do puramente inesperado. Ele esperava monólitos de maquinário meio submersos em poças paradas e lama preta; em vez disso, estava olhando para um ninho gigante que enchia o porão de uma ponta a outra e de um lado a outro. Tinha sido feito com grama suficiente para compor mais de dez fardos de feno. No entanto, essa grama era prateada e velha. O pássaro estava no meio, com os olhos de contorno brilhante pretos como piche fresco e quente, e por um momento insano antes de sua paralisia sumir, Mike conseguiu se ver refletido em cada um deles.

O chão começou a mexer de repente e ceder debaixo de seus pés. Ele ouviu o som de raízes rompendo e se deu conta de que estava deslizando.

Com um grito, ele se jogou para trás, balançando os braços para se equilibrar. Ele perdeu o equilíbrio e caiu pesadamente no chão sujo. Um pedaço duro e cego de metal bateu dolorosamente em suas costas, e ele teve tempo de pensar na cadeira de vagabundos antes de ouvir o som alto e explosivo das asas do pássaro.

Ele ficou de joelhos, engatinhou, olhou para trás por cima do ombro e o viu subindo do porão. As garras apavorantes eram de um laranja escuro. As asas em movimento, com mais de 3 metros de envergadura, faziam voar os pedaços de grama para um lado e para o outro, aleatoriamente, como o vento gerado por hélices de helicóptero. Ele deu um grito zumbido e alto. Algumas penas soltas caíram das asas e espiralaram até o chão do porão.

Mike ficou de pé de novo e começou a correr.

Ele correu pelo campo, sem olhar para trás agora, com medo de olhar para trás. O pássaro não *parecia* Rodan, mas ele sentiu que era o *espírito* de Rodan, surgindo do porão da Siderúrgica Kitchener como uma horrível surpresa saída de uma caixa. Ele tropeçou, caiu sobre um joelho, ficou de pé e correu mais.

Aquele estranho grito zumbido soou de novo. Uma sombra o cobriu, e quando ele olhou para cima, viu a coisa: ela passou a menos de um metro e meio de sua cabeça. O bico, amarelo sujo, abria e fechava, revelando um interior rosado. Ele fez a volta na direção de Mike. O vento que gerava soprou em seu rosto, trazendo junto um aroma seco e desagradável: poeira de sótão, antiguidades mortas, almofadas podres.

Ele desviou para a esquerda e viu a chaminé caída de novo. Mike correu para ela a toda velocidade, com os braços fazendo movimentos curtos na lateral do corpo. O pássaro gritou, e ele ouviu o bater das asas. Pareciam velas de barco. Alguma coisa atingiu a parte de trás de sua cabeça. Um fogo quente desceu até sua nuca. Ele sentiu espalhar quando o sangue começou a escorrer pela gola da camisa.

O pássaro fez a volta de novo, pretendendo pegá-lo com as garras e carregá-lo como um falcão com um rato selvagem. Pretendendo carregá-lo para o ninho. Pretendendo comê-lo.

Quando voou na direção dele, em movimento descendente, com os olhos pretos e horrivelmente vivos fixados nele, Mike virou de repente para a direita. O pássaro errou, mas por pouco. O aroma poeirento das asas era exagerado, insuportável.

Agora ele estava correndo em paralelo à chaminé caída, com os azulejos um borrão ao lado. Ele via onde ela terminava. Se conseguisse chegar à extremidade e dobrar à esquerda para entrar, poderia ficar em segurança. Ele achava que o pássaro era grande demais para entrar. Ele chegou bem perto de não conseguir. O pássaro voou para cima dele de novo, diminuindo a velocidade conforme se aproximava, com as asas batendo e empurrando o ar em um furacão, com as garras cobertas de escamas agora apontadas para ele e descendo. O pássaro gritou de novo, e desta vez Mike pensou ouvir triunfo na voz.

Ele baixou a cabeça, ergueu o braço e pulou para a frente. As garras se fecharam, e por um momento o pássaro o segurou pelo antebraço. O aperto era como o de dedos incrivelmente fortes com unhas duras nas pontas. Mordiam como dentes. As asas do pássaro batendo

pareciam trovão nos seus ouvidos; ele percebeu de longe as penas que caíam ao seu redor, algumas roçando em suas bochechas como beijos fantasmas. O pássaro subiu, e por apenas um momento, Mike se sentiu puxado para cima, primeiro ereto, depois na ponta dos pés… e por um segundo interminável, ele sentiu as pontas dos tênis perderem contato com o chão.

— *Me SOLTA!* — gritou ele para o pássaro, e girou o braço. Por um momento, as garras mantiveram o aperto, e então a manga de sua camisa rasgou. Ele caiu no chão. O pássaro berrou. Mike correu de novo, passando pelas penas da cauda da coisa, com vontade de vomitar por causa do cheiro seco. Era como correr por uma cortina de chuveiro feita de penas.

Ainda tossindo, com os olhos ardendo tanto pelas lágrimas quanto pela poeira terrível que cobria as penas do pássaro, ele cambaleou para a chaminé caída. Nesse momento, nem lhe ocorreu pensar no que poderia estar escondido lá dentro. Ele correu para a escuridão, com os soluços ofegantes assumindo um eco seco. Seguiu talvez 6 metros e se virou em direção ao círculo iluminado pelo dia. Seu peito subia e descia, tremendo. Ele ficou ciente de repente de que, se tivesse errado o tamanho do pássaro ou da entrada da chaminé, teria se matado com a mesma certeza de que se tivesse encostado a arma do pai na cabeça e puxado o gatilho. Não havia por onde sair. Isso não era apenas um cano; era um beco escuro. O outro lado da chaminé estava enterrado.

O pássaro gritou de novo, e de repente a luz na extremidade da chaminé foi bloqueada quando ele pousou. Mike conseguia ver as pernas com escamas amarelas, cada uma da grossura da panturrilha de um homem. Em seguida, o bicho baixou a cabeça e olhou para dentro. Mike se viu de novo olhando para aqueles olhos de piche fresco horrivelmente brilhantes, com íris douradas como alianças. O bico do pássaro abria e fechava, abria e fechava, e cada vez que fechava, Mike ouvia um clique, como o som que se escuta nos ouvidos quando se bate os dentes uns nos outros com força. *Afiado*, pensou ele. *O bico dele é afiado. Acho que eu sabia que pássaros tinham bicos afiados, mas nunca pensei nisso até agora.*

Ele gritou de novo. O som era tão alto na garganta de azulejo da chaminé que Mike cobriu os ouvidos com as mãos.

O pássaro começou a se forçar a entrar na boca da chaminé.

— Não! — gritou Mike. — Não, você não pode!

A luz escureceu quando mais do corpo do pássaro foi espremido na abertura da chaminé. *(Ah, meu Deus, por que eu não lembrei que ele era composto mais de penas? Por que não lembrei que ele podia se espremer?)* A luz diminuiu… diminuiu… sumiu. Agora só havia escuridão profunda, o sufocante cheiro de sótão do pássaro e o som das penas dele.

Mike caiu de joelhos e começou a tatear no chão curvo da chaminé, com as mãos bem abertas, procurando. Encontrou um pedaço de azulejo quebrado, com as beiradas afiadas cobertas do que parecia ser limo. Ele puxou o braço para trás e jogou. Houve um baque. O pássaro emitiu o som agudo e zumbido de novo.

— *Sai* daqui! — gritou Mike.

Silêncio… e então o som de estalos e movimento recomeçou quando o pássaro voltou a

forçar o corpo para entrar no cano. Mike tateou no chão, encontrou outros pedaços de azulejo e começou a jogar um atrás do outro. Eles bateram e se chocaram no pássaro e estalaram ao cair no chão da chaminé.

Por favor, Deus, pensou Mike com incoerência. *Por favor, Deus, por favor, Deus, por favor, Deus…*

Ocorreu-lhe que deveria recuar para a extremidade da chaminé. Ele tinha entrado pelo que havia sido a base; era lógico que estreitasse conforme ele recuasse. Ele poderia andar para trás, sim, e ouvir aquele movimento baixo e poeirento enquanto o pássaro seguia atrás dele. Ele poderia recuar, e se tivesse sorte, poderia passar do ponto em que o pássaro não conseguiria mais avançar.

Mas e se o pássaro ficasse preso?

Se isso acontecesse, ele e o pássaro morreriam ali juntos. Eles morreriam juntos e apodreceriam juntos. No escuro.

— *Por favor, Deus!* — gritou ele, e estava totalmente alheio ao fato de ter gritado em voz alta. Ele jogou outro pedaço de azulejo, e desta vez o lançamento foi mais forte; ele contou para os outros bem depois que sentiu como se *alguém* estivesse atrás dele naquele momento, e esse *alguém* tivesse dado um tremendo empurrão em seu braço. Desta vez, não houve baque nas penas; em vez disso, houve um som úmido, o som que a mão de uma criança poderia fazer ao bater na superfície de uma tigela de gelatina meio solidificada. Desta vez, o pássaro gritou não de raiva, mas de dor verdadeira. O zunido tenebroso das asas dele encheu a chaminé; ar fedido soprou por Mike como um furacão, fazendo suas roupas voarem, fazendo-o tossir, ter ânsia de vômito e recuar quando poeira e limo voaram.

A luz apareceu de novo, cinza e fraca a princípio, depois clareando e se modificando conforme o pássaro voltava pela chaminé. Mike começou a chorar, caiu de joelhos de novo e voltou a tatear loucamente em busca de pedaços de azulejo. Sem qualquer pensamento consciente, ele correu para a frente com as duas mãos cheias de azulejos (naquela luz ele conseguia ver que os pedaços estavam manchados de musgo azul-acinzentado e líquen, como a superfície de lápides de ardósia), até estar quase na boca da chaminé. Ele pretendia, se pudesse, impedir que o pássaro voltasse.

O bicho se abaixou, inclinando a cabeça da forma que um pássaro treinado em um poleiro às vezes inclina, e Mike viu onde seu último azulejo atingiu-o. O olho direito do pássaro quase não existia mais. Em vez de a bolha brilhante de piche fresco, havia uma cratera cheia de sangue. Gosma branco-acinzentada escorria do canto da órbita e pingava pela lateral do bico do pássaro. Pequenos parasitas se contorciam nessa gosma purulenta.

O pássaro o viu e saltou para a frente. Mike começou a jogar pedaços de azulejo nele. Os pedaços bateram na cabeça e no bico. O pássaro recuou por um momento e partiu para cima dele novamente, com o bico aberto, mostrando aquele interior rosado de novo, exibindo uma outra coisa que fez Mike ficar paralisado por um momento, com o queixo caído. A língua do pássaro era prateada, a superfície era rachada como terra vulcânica que foi esquentada e se

fragmentou.

E, na língua, como estranhas ervas que se enraizaram temporariamente ali, havia uma enorme quantidade de protuberâncias de cor laranja.

Mike jogou o resto dos azulejos diretamente naquela boca aberta, e o pássaro recuou de novo, gritando de frustração, fúria e dor. Por um momento, Mike conseguiu ver as garras reptilianas… Mas as asas bateram no ar e ele sumiu.

Um momento depois, Mike ergueu o rosto, um rosto que estava marrom de terra, sujeira e pedaços de musgo que as asas fazedoras de vento tinham soprado nele, em direção ao som de estalo das garras nos azulejos. Os únicos lugares limpos no rosto de Mike eram as marcas feitas pelas lágrimas.

O pássaro andou de um lado para o outro acima: *Tak-tak-tak-tak.*

Mike recuou um pouco, pegou mais pedaços de azulejo e os empilhou o mais perto da boca da chaminé que ousou. Se a coisa voltasse, ele queria poder disparar contra ela à queima-roupa. A luz lá fora ainda estava intensa (agora que era o mês de maio, ainda demoraria para escurecer), mas e se o pássaro apenas decidisse esperar?

Mike engoliu, com os lados secos da garganta se arrastando um no outro por um momento.

Acima: *Tak-tak-tak.*

Ele tinha uma boa pilha de munição agora. Na luz fraca, além do ponto em que o ângulo do sol fazia uma sombra em espiral dentro do cano, parecia uma pilha de louça quebrada reunida por uma dona de casa. Mike esfregou as palmas das mãos sujas nas laterais da calça jeans e esperou para ver o que aconteceria depois.

Um tempo se passou antes de qualquer coisa acontecer; se foram 5 ou 35 minutos, ele não sabia dizer. Só estava ciente do pássaro andando de um lado para o outro acima como um insone andando pela casa às três da madrugada.

De repente, as asas bateram de novo. Ele caiu na frente da abertura da chaminé. Mike, de joelhos atrás da pilha de azulejos, começou a lançar mísseis no bicho antes mesmo que ele pudesse abaixar a cabeça. Um deles bateu em uma perna amarela metálica e tirou um filete de sangue tão escuro que parecia quase tão preto quanto os olhos. Mike gritou de triunfo, um som agudo e quase perdido sob o berro irado do pássaro.

— *Sai daqui!* — gritou Mike. — *Vou ficar jogando até você sair daqui, juro por Deus que vou!*

O pássaro voou para o alto da chaminé e voltou a andar.

Mike esperou.

Por fim, as asas bateram de novo quando ele levantou voo. Mike esperou, achando que os pés amarelos como de galinha fossem aparecer de novo. Não apareceram. Ele esperou mais, convencido de que era algum tipo de truque, percebendo enfim que não era por isso que estava esperando. Ele estava esperando porque estava com medo de sair, com medo de sair da segurança daquele esconderijo.

Não ligo! Não ligo pra esse tipo de coisa! Não sou um coelho!

Ele pegou o máximo de pedaços de azulejo que conseguiu segurar confortavelmente e colocou mais um pouco dentro da camisa. Saiu da chaminé, tentando olhar para todos os lados ao mesmo tempo e desejando loucamente ter olhos na nuca. Ele viu apenas o campo se estendendo à frente e ao redor dele, coberto dos restos explodidos e enferrujados da Siderúrgica Kitchener. Deu meia-volta, certo de que veria o pássaro empoleirado na beirada da chaminé como um abutre, um abutre de um olho só agora, querendo apenas que o garoto o visse antes de atacar pela última vez, usando aquele bico afiado para perfurar, rasgar e arrancar.

Mas o pássaro não estava lá.

Tinha mesmo ido embora.

Os nervos de Mike entraram em colapso.

Ele emitiu um grito intenso de medo e correu para a cerca surrada pelo tempo entre o campo e a estrada, deixando cair os últimos pedaços de azulejo. A maior parte do resto caiu da camisa quando ela se soltou da calça. Ele saltou por cima da cerca apoiando-se em uma das mãos, como Roy Rogers se exibindo para Dale Evans ao voltar do curral com Pat Brady e o resto dos caubóis. Ele segurou o guidão da bicicleta e correu ao lado dela por 12 metros antes de subir. E pedalou loucamente, sem ousar olhar para trás, sem ousar diminuir a velocidade, até chegar à interseção da estrada Pasture e da rua Outer Main, onde havia muitos carros passando de um lado para o outro.

Quando ele chegou em casa, o pai estava trocando as velas do trator. Will observou que Mike estava coberto de bolor e poeira. Mike hesitou por apenas uma fração de segundo e contou ao pai que havia caído da bicicleta na volta para casa ao desviar para evitar um buraco.

— Você quebrou alguma coisa, Mikey? — perguntou Will, observando o filho com um pouco mais de atenção.

— Não, senhor.

— Torceu?

— Hã-hã.

— Tem certeza?

Mike assentiu.

— Trouxe uma lembrança?

Mike enfiou a mão no bolso e pegou a roda dentada. Ele mostrou para o pai, que olhou rapidamente e puxou um pequeno fragmento de azulejo da parte macia de carne abaixo do polegar de Mike. Ele pareceu mais interessado nisso.

— Daquela velha chaminé? — perguntou Will.

Mike assentiu.

— Você entrou lá?

Mike assentiu de novo.

— Viu alguma coisa lá dentro? — perguntou Will, e então, como se para tornar a pergunta

uma brincadeira (que não pareceu em nada com uma brincadeira), acrescentou: — Um tesouro enterrado?

Sorrindo um pouco, Mike balançou a cabeça.

— Bem, não conte pra sua mãe que se meteu lá dentro — disse Will. — Ela me daria um tiro primeiro e depois em você. — Ele olhou com ainda mais atenção para o filho. — Mikey, você está bem?

— Hã?

— Está com olheiras.

— Acho que devo estar cansado — disse Mike. — São 12 a 16 quilômetros de ida e volta, não esqueça. Quer ajuda com o trator, pai?

— Não, acabei de mexer nele por esta semana. Entre e vá se lavar.

Mike começou a se afastar, mas o pai o chamou de novo. Mike olhou para trás.

— Não quero que você vá mais naquele lugar — disse ele —, pelo menos não até essa confusão estar esclarecida e terem capturado o homem que está fazendo isso… Você não viu ninguém lá, viu? Ninguém te perseguiu nem te chamou?

— Não vi pessoa nenhuma — disse Mike.

Will assentiu e acendeu um cigarro.

— Acho que foi erro meu te mandar lá. Lugares velhos assim… às vezes podem ser perigosos.

Eles se olharam rapidamente.

— Certo, papai — disse Mike. — Não quero voltar mesmo. Foi meio assustador.

Will assentiu de novo.

— Quanto menos se disser, melhor, eu acho. Vá se limpar agora. E diga pra ela colocar três ou quatro salsichas a mais.

Mike foi.

6

Deixa isso pra lá agora, pensou Mike Hanlon, olhando para as marcas que iam até a beirada de concreto do canal. Deixa isso pra lá, deve ter sido só um sonho mesmo, e…

Havia manchas de sangue seco na beirada do canal.

Mike olhou para elas e olhou para o canal. A água negra corria suavemente. Blocos de

espuma amarela suja se agarravam às laterais, às vezes se soltando e flutuando na correnteza em círculos e curvas preguiçosos. Por um momento, só um momento, dois blocos dessa espuma se juntaram e pareceram formar um rosto, um rosto de garoto, com os olhos para cima em uma máscara de terror e agonia.

A respiração de Mike ficou presa na garganta, como se em um espinho.

A espuma se rompeu, se tornou sem sentido de novo, e naquele momento houve um som alto de água à sua direita. Mike virou a cabeça e se encolheu um pouco, e por um momento acreditou ter visto alguma coisa nas sombras do túnel de escoamento onde o canal ressurgia depois de seu curso por debaixo da cidade.

Mas logo sumiu.

De repente, com frio e tremendo, ele enfiou a mão no bolso para pegar o canivete que encontrou na grama. Ele o jogou no canal. Houve um ruído de água, um tremor que começou como um círculo e foi transformado no formato de uma seta pela corrente… depois, nada.

Nada exceto o medo que de repente o sufocava e a certeza mortal de que havia alguma coisa perto, alguma coisa observando-o, avaliando suas chances, ganhando tempo.

Ele se virou, com a intenção de voltar para a bicicleta (correr seria dignificar esses medos e se indignificar), e então ele ouviu o ruído na água de novo. Foi bem mais alto nesta segunda vez. Dane-se a dignidade. De repente, ele estava correndo o mais rápido que conseguia, em disparada na direção do portão e da bicicleta, levantando o descanso com o calcanhar e pedalando para a rua o mais rápido que conseguiu. Aquele cheiro de mar ficou forte demais… forte *demais*. Estava por toda parte. E a água pingando dos galhos molhados parecia alta demais.

Alguma coisa estava chegando. Ele ouviu os passos arrastados na grama.

Mike ficou de pé nos pedais, empurrou com tudo e disparou para a rua Main sem olhar para trás. Seguiu para casa o mais rápido que conseguiu, perguntando-se o que o tinha possuído para fazer com que ele fosse para lá… o que o tinha atraído.

Ele tentou pensar nas tarefas, em todas as tarefas, em nada além de tarefas. Depois de um tempo, acabou conseguindo.

E quando viu a manchete no jornal no dia seguinte (GAROTO DESAPARECIDO DESPERTA NOVOS MEDOS), ele pensou no canivete que jogou no canal, o canivete com as iniciais E. C. entalhadas na lateral. Pensou no sangue que viu na grama.

E pensou nas marcas que iam até a beirada do canal.

Capítulo 7

A represa no Barrens

1

Vista da via expressa às quinze para as cinco da manhã, Boston parece uma cidade dos mortos ressentida por alguma tragédia do passado: uma peste, talvez, ou uma maldição. O cheiro de sal, pesado e nauseante, vem do oceano. A neblina da manhã obscurece a maior parte do movimento que poderia ser visto se ela não estivesse lá.

Ao seguir para o norte pela via Storrow, sentado ao volante de um Cadillac preto 1984 que ele pegou com Butch Carrington na Cape Cod Limousine, Eddie Kaspbrak pensa que dá para sentir a idade da cidade; talvez essa sensação de idade não seja sentida em nenhum outro lugar dos Estados Unidos. Boston é jovem em comparação a Londres, uma criança em comparação a Roma, mas pelos padrões americanos, pelo menos, é velha, muito velha. Ela se assentou nessas colinas baixas pelo menos trezentos anos antes, quando os Impostos do Chá e dos Selos nem tinham sido criados, Paul Revere e Patrick Henry nem tinham nascido.

Sua idade, seu silêncio e o cheiro enevoado do mar, todas essas coisas deixam Eddie nervoso. Quando Eddie fica nervoso, ele pega a bombinha. Ele a enfia na boca e joga uma nuvem de spray reavivante na garganta.

Há poucas pessoas nas ruas pelas quais ele passa e um pedestre ou dois nas passarelas; eles refutam a impressão de que ele de alguma forma entrou em uma história lovecraftiana de cidades amaldiçoadas, males antigos e monstros com nomes impronunciáveis. Aqui, reunidos em um ponto de ônibus com uma placa onde se lê KENMORE SQUARE CITY CENTER, ele vê garçonetes, enfermeiras, funcionários públicos, com os rostos nus e inchados de sono.

Isso mesmo*, pensa Eddie, agora passando debaixo de uma placa que diz* PONTE TOBIN*.* Isso mesmo, prefiram os ônibus. Esqueçam os metrôs. Os metrôs são má ideia; eu não desceria lá se fosse vocês. Não lá embaixo. Não nos túneis.

É um pensamento ruim de ter; se ele não se livrar desse pensamento, logo vai ter que usar a bombinha de novo. Ele está feliz pelo trânsito mais *carregado da Ponte Tobin. Ele passa pelas obras em um monumento. Pintada na lateral de tijolos há uma repreensão ligeiramente perturbadora:* VÁ DEVAGAR! PODEMOS ESPERAR*!*

Há uma placa verde com refletores que diz PARA A 95 MAINE, N. H., TODOS OS PONTOS DO NORTE DA NOVA INGLATERRA*. Ele olha para a placa e de repente um tremor profundo faz seus ossos tremerem. Suas mãos se grudam momentaneamente ao volante do Cadillac. Ele gostaria de acreditar que é uma doença chegando, um vírus ou talvez uma das "febres fantasma" da mãe, mas sabe que não é isso. É a cidade atrás dele, silenciosamente entre a beirada que separa o dia da noite, e o que aquela placa promete à frente. Ele está doente, claro, não há dúvida quanto a isso, mas não é um vírus nem uma febre fantasma. Ele foi envenenado por suas próprias lembranças.*

Estou com medo*, pensa Eddie.* No fundo, sempre foi isso. O simples medo. Isso era tudo. Mas no final acho que contornamos isso de alguma forma. Nós o usamos. Mas como?

Ele não consegue lembrar. Pergunta-se se algum dos outros consegue. Pelo bem deles, ele espera que sim.

Um caminhão passa pela esquerda. Eddie ainda está com os faróis ligados e agora os pisca rapidamente quando o caminhão ultrapassa em segurança. Ele faz sem pensar. Tornou-se uma função automática, parte de dirigir como profissão. O motorista invisível do caminhão pisca o farol de navegação em resposta, rapidamente, duas vezes, agradecendo a Eddie a cortesia. Se tudo pudesse ser simples e claro assim*, pensa ele.*

Ele segue as placas até a I-95. O tráfego para o norte é leve, embora ele observe que as pistas para o sul em direção à cidade estão começando a encher, mesmo cedo assim. Eddie dirige o grande carro, pressupondo a maior parte das placas e pegando a pista certa bem antes do necessário. Há anos, literalmente, ele não supõe errado a ponto de passar direto por uma saída que queria. Ele faz suas escolhas de pista tão automaticamente quanto piscou o farol para o motorista do caminhão para avisar que ele podia ultrapassar, tão automaticamente quanto uma vez encontrou o caminho pelo emaranhado de passagens no Barrens de Derry. O fato de que nunca na vida tinha dirigido para fora do centro de Boston, uma das cidades mais confusas nos Estados Unidos para se dirigir, não parece importar nem um pouco.

Ele se lembra de repente de outra coisa daquele verão, de uma coisa que Bill disse para ele um dia:

— Vo-Você t-tem uma b-b-bu-ússola na cabeça, E-E-Eddie.

Como isso o deixou feliz! Ainda o deixa enquanto o Cadillac Eldorado 1984 desliza pela estrada. Ele aumenta a velocidade da limusine para seguros 90 km/h e encontra música

tranquila no rádio. Ele acha que teria morrido por Bill naquela época se tivesse sido necessário; se Bill tivesse pedido, Eddie teria respondido simplesmente:

— Claro, Big Bill… já sabe que horas?

Eddie ri ao pensar nisso, não tanto com um som, só um ronco, mas o som o assusta e faz rir de verdade. Ele ri pouco atualmente, e não esperava encontrar tantas hahas (palavra de Richie que significava risadas, como em "Deu alguma boa haha hoje, Eds?") nessa peregrinação sombria. Mas, supõe ele, se Deus é sacana o bastante para amaldiçoar os fiéis com o que eles mais querem na vida, deve ser excêntrico o bastante para lhe dar uma boa haha ou duas no caminho.

— Deu alguma boa haha ultimamente, Eds? — diz ele em voz alta, e ri de novo. Cara, ele odiava quando Richie o chamava de Eds… mas também gostava um pouco. Da mesma forma como achava que Ben Hanscom passou a gostar quando Richie o chamava de Monte de Feno. Era… como um nome secreto. Uma identidade secreta. Uma forma de eles serem pessoas que não tinham nada a ver com os medos, esperanças e exigências constantes dos pais. Richie não conseguia fazer as amadas Vozes à toa, mas talvez soubesse o quanto era importante idiotas como eles serem pessoas diferentes às vezes.

Eddie olha para as moedas enfileiradas no painel do Cadillac; enfileirar as moedas é outro gesto automático de quem trabalha com isso. Quando os pedágios chegam, não é bom ter que parar para procurar moedas, nem descobrir que você entrou na fileira do pedágio automático sem ter o dinheiro contado.

Dentre as moedas, há dois ou três dólares de prata com o perfil de Susan B. Anthony. Ele reflete que são moedas que você provavelmente só encontra nos bolsos de choferes e motoristas de táxi na área de Nova York atualmente, assim como o único lugar em que você deve encontrar muitas notas de dois dólares é em um guichê de pagamento de apostas em cavalos. Ele sempre tem algumas à mão porque as cestas do pedágio robô nas pontes George Washington e Triboro as aceitam.

Outra daquelas luzes se acende de repente em sua cabeça: dólares de prata. Não essas ligas metálicas falsas, mas dólares de prata de verdade, com a imagem de Lady Liberdade vestida com a túnica leve. Os dólares de prata de Ben Hanscom. Sim, mas não foi Bill, ou Ben, ou Beverly que usou uma vez um desses dólares de prata para salvar a vida deles? Ele não tem certeza disso, na verdade não tem certeza de nada… ou será que apenas não quer lembrar?

Estava escuro lá, *pensa ele de repente.* Eu me lembro disso. Estava escuro lá.

Boston ficou bem para trás agora, e a neblina está começando a ceder. À frente estão MAINE, N.H., TODOS OS PONTOS DO NORTE DA NOVA INGLATERRA. Derry está à frente, e tem alguma coisa em Derry que deveria estar morta há 27 anos, mas de alguma forma não está. Uma coisa com tantas caras quanto Lon Chaney. Mas o que é, de verdade? Eles não viram no final como ela realmente era, com todas as máscaras deixadas de lado?

Ah, ele conseguia se lembrar disso tudo… mas não o bastante.

Ele lembra que amava Bill Denbrough; lembra-se disso muito bem. Bill nunca debochava da asma dele. Bill nunca o chamava de bicha gay. Ele amava Bill como amaria um irmão mais velho... ou um pai. Bill sabia o que fazer. Aonde ir. Coisas a ver. Bill nunca era do contra. Quando você corria com Bill, corria para vencer o diabo e ria... mas raramente ficava sem fôlego. E raramente ficar sem fôlego era demais, era foda demais, Eddie diria para o mundo. Quando você corria com Big Bill, dava hahas todos os dias.

— Claro, garoto, TO-dos os dias — diz ele com uma Voz de Richie Tozier, e ri de novo.

Foi ideia de Bill fazer a represa no Barrens, e foi, de certa forma, a represa que os uniu. Ben Hanscom foi quem mostrou como podia ser construída (e eles a construíram tão bem que ficaram encrencados com o sr. Nell, o policial de plantão), mas tinha sido ideia de Bill. E apesar de todos eles, exceto Richie, terem visto coisas muito estranhas, coisas assustadoras, em Derry desde a virada do ano, foi Bill quem teve coragem primeiro de falar em voz alta.

Aquela barragem.

Aquela maldita barragem.

Ele se lembrava de Victor Criss:

— Tchau, tchau, garotos. Era uma barragem de bebê mesmo, acreditem. Vocês estão melhores sem ela.

Um dia depois, Ben Hanscom estava sorrindo para eles, dizendo:

— Nós poderíamos

— Nós poderíamos inundar

— Nós poderíamos inundar o

2

— ... Barrens inteiro se quiséssemos.

Bill e Eddie olharam para Ben com dúvida e então para as coisas que Ben levou: algumas tábuas (retiradas do quintal do sr. McKibbon, mas não tinha problema, porque o sr. McKibbon provavelmente tinha tirado de outra pessoa), uma marreta, uma pá.

— Sei lá — disse Eddie, olhando para Bill. — Quando tentamos ontem, não deu muito certo. A corrente ficava levando nossos gravetos.

— Isso vai funcionar — disse Ben. Ele também olhou para Bill em busca da decisão final.

— Bem, va-vamos t-tentar — disse Bill. — Ch-chamei R-R-R-Richie Tozier hoje de manhã. Ele v-vem m-mais t-tarde, ele d-disse. Talvez ele e Sta-a-anley queiram aju-judar.

— Stanley quem? — perguntou Ben.

— Uris — disse Eddie. Ele ainda estava olhando com cautela para Bill, que parecia

diferente hoje de alguma maneira, mais quieto, menos entusiasmado pela ideia da barragem. Bill estava pálido hoje. Distante.

— Stanley Uris? Acho que não conheço. Ele é da Escola Derry?

— Ele é da nossa idade, mas acabou de terminar o quarto ano — disse Eddie. — Ele começou a escola um ano mais tarde porque ficava muito doente quando era pequeno. Se você achou que se ferrou ontem, devia ficar feliz de não ser o Stan. Tem sempre alguém cobrindo o Stan de porrada.

— Ele é ju-ju-judeu — disse Bill. — Mu-Muitos g-garotos não g-gostam dele porque e-ele é judeu.

— Ah, é? — perguntou Ben, impressionado. — Judeu, é? — Ele fez uma pausa e disse com cautela: — Isso é como ser turco ou é mais como ser egípcio?

— A-Acho que é mais como tu-turco — disse Bill. Ele pegou uma das tábuas que Ben tinha levado e olhou para ela. Tinha 1,80 metro de comprimento e 90 centímetros de largura. — Meu p-p-pai diz que a maior parte dos ju-judeus tem n-narizes grandes e muito din-dinheiro, mas Stan-Stan-Stan…

— Mas Stan tem nariz normal e está sempre sem grana — disse Eddie.

— É — disse Bill, e abriu um largo sorriso pela primeira vez naquele dia.

Ben sorriu.

Eddie sorriu.

Bill jogou a tábua de lado, ficou de pé e limpou o traseiro da calça jeans. Andou até a margem do rio, e os dois outros garotos se juntaram a ele. Bill enfiou as mãos nos bolsos de trás e suspirou. Eddie tinha certeza de que Bill ia dizer uma coisa séria. Ele olhou para Eddie e para Ben e depois para Eddie de novo, sem sorrir agora. Eddie ficou com medo de repente.

Mas tudo que Bill disse naquele momento foi:

— Você está com sua b-b-bombinha, E-Eddie?

Eddie bateu no bolso.

— Estou preparado.

— E aí, deu certo a história do leite achocolatado? — perguntou Ben.

Eddie riu.

— Deu *muito certo*! — disse ele. Ele e Ben repararam em Bill olhando para eles, sorrindo, mas intrigado. Eddie explicou e Bill assentiu, sorrindo de novo.

— A mã-ãe de E-E-Eddie tem m-m-medo de e-ele que-quebrar e e-ela n-não poder r-receber o di-dinheiro de v-volta.

Eddie riu e fingiu que ia jogá-lo na água.

— Cuidado, cara de merda — disse Bill, parecendo absurdamente com Henry Bowers. — Vou girar sua cabeça tão pra trás que você vai conseguir se ver quando for se limpar.

Ben caiu no chão de tanto rir. Bill olhou para ele, ainda sorrindo, com as mãos ainda nos bolsos de trás da calça jeans, sorrindo, sim, mas meio distante de novo, um pouco vago. Ele olhou para Eddie e inclinou a cabeça na direção de Ben.

— O garoto é ru-u-im da c-cabeça — disse ele.

— É — concordou Eddie, mas sentiu que eles estavam apenas cumprindo o ritual de se divertirem. Bill estava com alguma coisa na cabeça. Ele achava que Bill ia falar quando estivesse pronto; a questão era: será que Eddie queria ouvir? — O garoto é retardado mental.

— Mongol — disse Ben, ainda rindo.

— V-Você v-v-vai nos mo-mostrar como c-construir uma barragem ou v-vai fi-fi-ficar s-sentado nessa b-bundona o dia t-todo?

Ben ficou de pé de novo. Olhou primeiro para o rio, fluindo em velocidade moderada. O Kenduskeag não era muito largo nessa parte do Barrens, mas os venceu no dia anterior mesmo assim. Nem Eddie nem Bill conseguiu entender como controlar a corrente. Mas Ben estava sorrindo, o sorriso de alguém que pensa em fazer uma coisa nova… uma coisa que vai ser divertida, mas não muito difícil. Eddie pensou: *Ele sabe como fazer, acho mesmo que sabe.*

— Certo — disse ele. — É melhor vocês tirarem os sapatos, porque vão molhar os pezinhos.

A consciência-mãe na cabeça de Eddie falou imediatamente, com voz tão dura e firme quanto a voz de um policial de trânsito: *Não ouse fazer isso, Eddie! Não ouse! Pés molhados são uma das maneiras, uma das milhares de maneiras, de se pegar um resfriado, e resfriados levam a pneumonia, então não faça isso!*

Bill e Ben estavam sentados na margem, tirando os tênis e as meias. Ben estava enrolando as pernas da calça jeans. Bill olhou para Eddie. Seus olhos estavam claros e calorosos, solidários. Eddie de repente teve certeza de que Big Bill sabia exatamente o que ele tinha pensado e ficou com vergonha.

— V-Você v-v-vem?

— Vou, claro — disse Eddie. Ele se sentou na margem e tirou os sapatos enquanto a mãe falava mais um pouco dentro de sua cabeça… mas a voz dela estava ficando cada vez mais distante e com eco, ele ficou aliviado em notar, como se alguém tivesse enfiado um anzol forte na parte de trás da blusa dela e agora a estivesse puxando para longe por um corredor bem comprido.

3

Era um daqueles dias perfeitos de verão dos quais, em um mundo onde tudo estava certo e seguindo o rumo esperado, você nunca se esqueceria. Uma brisa leve mantinha longe a maior parte dos mosquitos e das moscas. O céu estava azul-claro

intenso. As temperaturas estavam em vinte e poucos graus. Pássaros cantavam e faziam suas coisas de pássaros nos arbustos e nas árvores. Eddie precisou usar a bombinha uma vez, e então seu peito ficou mais leve e sua garganta pareceu se alargar magicamente para o tamanho de uma estrada. Ele passou o resto da manhã com a bombinha esquecida no bolso de trás.

Ben Hanscom, que pareceu tão tímido e inseguro no dia anterior, se tornou um general confiante depois que ficou totalmente envolvido na verdadeira construção da represa. De vez em quando ele subia na margem e ficava ali de pé com as mãos lamacentas nos quadris, olhando para o trabalho em desenvolvimento e murmurando sozinho. Às vezes passava a mão pelo cabelo, e às 11 horas as mechas já estavam todas de pé e espetadas de maneira cômica.

Eddie sentiu insegurança a princípio, depois uma sensação de alegria e, por fim, um sentimento completamente novo, que era ao mesmo tempo esquisito, apavorante e arrebatador. Era um sentimento tão estranho para seu estado normal que ele não conseguiu identificar até aquela noite, deitado na cama, olhando para o teto e repassando o dia mentalmente. *Poder*. Era esse o sentimento. Poder. Daria certo, por Deus, e funcionaria melhor do que ele e Bill, e talvez o próprio Ben, tinham sonhado que era possível.

Ele também conseguia ver Bill se envolvendo, só um pouco no começo, ainda remoendo o que quer que tivesse na cabeça, e então, pouco a pouco, se dedicando completamente. Uma ou duas vezes ele bateu no ombro carnudo de Ben e disse que ele era inacreditável. Ben corou de prazer em cada uma das vezes.

Ben pediu que Eddie e Bill colocassem uma das tábuas atravessando o rio e que a segurassem enquanto ele usava a marreta para enfiá-la no fundo.

— Pronto. Entrou, mas você vai ter que segurar senão a corrente solta — disse ele para Eddie, então Eddie ficou no meio do riacho segurando a tábua enquanto a água passava por cima e fazia as mãos dele parecerem estrelas- do- mar.

Ben e Bill colocaram uma segunda tábua 60 centímetros abaixo da primeira. Ben usou a marreta de novo para firmá-la, e Bill a segurou enquanto Ben começou a encher o espaço entre as duas com terra da margem do rio. A princípio, ela foi levada pelas laterais das tábuas em nuvens poeirentas, e Eddie achou que não ia funcionar, mas quando Ben começou a

acrescentar pedras e lama do fundo do rio, as nuvens de sedimento que fugiam começaram a diminuir. Em menos de 20 minutos, ele criou um canal amontoado de terra marrom e pedras entre as duas tábuas no meio do rio. Para Eddie, parecia uma ilusão de ótica.

— Se tivéssemos cimento de verdade… em vez de só… lama e pedras, eles teriam que mudar a cidade de lugar… para o lado de Old Cape no meio da semana que vem — disse Ben, empurrando a pá para o lado e sentando-se na margem até recuperar o fôlego. Bill e Eddie riram, e Ben sorriu para eles. Quando ele sorria, dava para ver o fantasma do homem bonito que se tornaria nas linhas do seu rosto. A água tinha começado a se acumular atrás da primeira tábua agora.

Eddie perguntou o que eles fariam sobre a água que escapava pelas laterais.

— Deixa pra lá. Não tem importância.

— Não?

— Não.

— Por quê?

— Não sei explicar exatamente. Mas você tem que deixar um pouco escapar.

— Como você sabe?

Ben deu de ombros. *Apenas sei*, dizia o movimento, e Eddie ficou em silêncio.

Depois de descansar, Ben pegou a terceira tábua, a mais grossa das quatro ou cinco que ele carregou pela cidade até o Barrens, e colocou com cuidado contra a segunda tábua, prendendo uma extremidade com firmeza no fundo do rio e apoiando a outra contra a tábua que Bill estava segurando, criando o escoramento que tinha colocado no desenho do dia anterior.

— Certo — disse ele, dando um passo para trás. Ele sorriu para os dois. — Vocês devem poder soltar agora. A lama entre as duas tábuas vai segurar a maior parte da pressão da água. O suporte vai segurar o resto.

— A água não vai derrubar tudo? — perguntou Eddie.

— Não. A água só vai enterrar mais fundo.

— E se você estiver er-er-errado, va-vamos m-m-matar v-você — disse Bill.

— Tudo bem — respondeu Ben com alegria.

Bill e Eddie recuaram. As duas tábuas que formavam a base da represa estalaram um pouco, se inclinaram um pouco… e só.

— Puta *merda!* — gritou Eddie, empolgado.

— Está de-de-demais — disse Bill, sorrindo.

— É — disse Ben. — Vamos comer.

4

Eles se sentaram na margem do rio e comeram, sem falar muito, vendo a água se acumular atrás

da barragem e escorrer pelas laterais das tábuas. Eddie via que eles já tinham provocado alguma coisa na geografia das margens do rio; a corrente desviada estava abrindo buracos nela. Enquanto ele observava, o novo curso do rio abriu a margem o bastante do outro lado para provocar uma pequena avalanche.

Na parte do rio antes da represa, a água formava uma piscina circular, e em um ponto ela havia transbordado sobre a margem. Riachos luminosos corriam pela grama para a vegetação. Eddie começou a perceber lentamente o que Ben soubera desde o começo: a represa já estava construída. Os espaços entre as tábuas e as margens eram escapes de água. Ben não fora capaz de explicar isso para Eddie porque não conhecia a palavra. Acima das tábuas, o Kenduskeag adquirira um aspecto inchado. O som suave de água rasa batendo em pedras e cascalho havia desaparecido; todas as pedras antes da represa estavam submersas. De vez em quando, mais grama e terra, sendo invadida pelo riacho que se alargava, caíam na água com um estalo.

Depois da represa, o curso de água estava quase vazio; pequenos filetes corriam inquietos pelo meio, mas não passava disso. Pedras que estavam debaixo da água por Deus sabia quanto tempo estavam secando ao sol. Eddie olhou para essas pedras com curiosidade branda… e com aquele outro sentimento estranho. Eles tinham feito isso. *Eles*. Ele viu um sapo pulando e pensou que talvez o velho sr. Sapinho estivesse se perguntando para onde a água tinha ido. Eddie riu alto.

Ben estava guardando cuidadosamente as embalagens vazias na lancheira que tinha levado. Tanto Eddie quanto Bill ficaram impressionados com o tamanho da refeição que Ben arrumou com eficiência profissional: dois sanduíches de creme de amendoim com geleia, um sanduíche de mortadela, um ovo cozido (com uma pitada de sal que ele levou dentro de um pedaço de papel manteiga), duas barrinhas de figo seco, três biscoitos grandes com gotas de chocolate e um bolinho.

— O que sua mãe disse quando viu a surra que você tomou? — perguntou Eddie.

— Hummmm? — Ben ergueu o olhar da piscina de água que se formava atrás da represa e arrotou baixinho atrás das costas da mão. — Ah! Bem, eu sabia que ela ia sair pra fazer compras ontem de tarde, então consegui chegar em casa antes dela. Tomei um banho e lavei o cabelo. Depois, joguei fora a calça jeans e o moletom que eu estava usando. Não sei se ela vai

reparar que sumiram. O moletom talvez não, eu tenho um monte, mas acho que tenho que comprar uma calça nova antes que ela comece a xeretar minhas gavetas.

A ideia de desperdiçar dinheiro com um item tão supérfluo provocou uma expressão de tristeza momentânea no rosto de Ben.

— E o t-t-tanto q-que v-você estava ma-machucado?

— Falei que me empolguei tanto de ter entrado de férias que saí correndo e caí pela escada — disse Ben, e pareceu impressionado e um pouco magoado quando Eddie e Bill começaram a gargalhar. Bill, que estava mastigando um pedaço do bolo *devil's food* da mãe dele, cuspiu um jato marrom de migalhas e teve um ataque de tosse. Eddie, ainda uivando de tanto rir, deu tapinhas nas costas dele.

— Ah, eu quase caí mesmo pela escada — disse Ben. — Só que foi porque Victor Criss me empurrou, não porque eu estava correndo.

— Eu ia m-morrer de c-calor usando um moletom daqueles — disse Bill enquanto comia o último pedaço de bolo.

Ben hesitou. Por um momento, pareceu que ele não ia dizer nada.

— É melhor quando se é gordo — disse ele. — Estou falando do moletom.

— Por causa da barriga? — perguntou Eddie.

Bill deu uma risada roncada.

— Por causa dos pe-pe-pe…

— É, dos meus peitos. E daí?

— É — disse Bill em tom pacífico. — E d-daí?

Houve um momento de silêncio constrangedor e Eddie disse:

— Olha como a água está ficando escura quando passa por aquele lado da represa.

— Ah, caramba! — Ben ficou de pé. — A corrente está tirando o preenchimento! Droga, eu queria ter cimento!

O dano foi rapidamente consertado, mas até Eddie conseguia ver o que aconteceria sem alguém ali para jogar mais preenchimento constantemente: a erosão acabaria fazendo com que a primeira tábua despencasse em cima da segunda, e então tudo despencaria.

— Podemos fortalecer as laterais — disse Ben. — Não vai impedir a erosão, mas vai diminuir a velocidade.

— Se usarmos areia e lama, não vai tudo embora com a água? — perguntou Eddie.

— Vamos usar pedaços de gramado.

Bill assentiu, sorriu e fez um O com a junção do polegar e do indicador da mão direita.

— V-V-Vamos. Eu ca-cavo e v-você me m-mostra onde c-colocar, Big Ben.

Atrás deles, uma voz estridente e animada gritou:

— Meu Deeeeeus, alguém montou uma piscina pública aqui no Barrens, com limo e tudo!

Eddie se virou e reparou na forma como Ben ficou tenso ao ouvir o som de uma voz estranha, em como seus lábios se apertaram. Acima deles, no caminho que Ben cruzou no dia anterior, estavam Richie Tozier e Stanley Uris.

Richie desceu gingando até o rio, olhou para Ben com um certo interesse e beliscou a bochecha de Eddie.

— Não *faz* isso! Odeio quando você faz isso, Richie.

— Ah, você adora, Eds — disse Richie, e sorriu para ele. — E aí? Dando umas boas hahas, por acaso?

5

Os cinco encerraram os trabalhos por volta das 16h. Sentaram-se em um ponto bem mais alto na margem (o local onde Bill, Ben e Eddie haviam almoçado agora estava submerso) e olharam para o resultado. Até Ben achava meio difícil de acreditar. Ele teve uma sensação de sucesso cansado misturado com temor desconfortável. Viu-se pensando em Fantasia e na forma como Mickey Mouse soube fazer as vassouras começarem a trabalhar... mas não soube fazê-las parar.

— Incrivelmente foda — disse Richie Tozier baixinho, e empurrou os óculos para cima no nariz.

Eddie olhou para ele, mas Richie não estava fazendo um de seus shows agora; seu rosto estava pensativo, quase solene.

No outro lado do rio, onde o terreno primeiro subia e depois se inclinava de leve para baixo, eles haviam criado uma nova área alagada. Arbustos e samambaias estavam cobertos de 30 centímetros de água. Mesmo durante o tempo em que ficaram sentados ali, eles conseguiram ver o brejo gerando novos pseudorriachos, espalhando-se para o oeste. Atrás da barreira, o Kenduskeag, raso e inocente ainda naquela manhã, tinha se tornado um corpo de água parada e inchada.

Às 14h, a piscina cada vez maior atrás da represa havia engolido tanto da margem que os escoadouros haviam crescido quase até o tamanho de rios. Todos exceto Ben fizeram uma expedição de emergência ao lixão em busca de mais materiais. Ben ficou no local, bloqueando

vazamentos metodicamente. Os aventureiros voltaram não só com tábuas, mas também com quatro pneus carecas, a porta enferrujada de um Hudson Hornet 1949 e um pedaço grande de aço corrugado. Sob a liderança de Ben, eles construíram dois braços na barragem original, bloqueando o escape de água nas laterais de novo, e, com os braços posicionados em um ângulo contra a corrente, a barragem funcionou ainda melhor do que antes.

— Acabou com aquela porcaria — disse Richie. — Você é um gênio, cara.

Ben sorriu.

— Nem tanto.

— Tenho uns cigarros Winston — disse Richie. — Quem quer um?

Ele pegou um maço amassado branco e vermelho dentro do bolso da calça e passou entre os meninos. Eddie, pensando no inferno que um cigarro faria com sua asma, recusou. Stan também recusou. Bill pegou um e, depois de pensar um momento, Ben também. Richie pegou uma caixa de fósforos com as palavras ROI-TAN do lado de fora e acendeu primeiro o cigarro de Ben e depois o de Bill. Estava prestes a acender o próprio quando Bill soprou o fósforo.

— Muito obrigado, Denbrough, seu merda — disse Richie.

Bill sorriu pedindo desculpas.

— T-T-Três no m-m-mesmo fo-fósforo — disse ele. — D-Dá azar.

— Azar dos pais de vocês quando vocês nasceram — disse Richie, e acendeu seu cigarro com outro fósforo. Ele se deitou e cruzou os braços debaixo da cabeça. O cigarro estava apontando para cima entre seus dentes. — Winston tem gosto bom, como um cigarro deve ter. — Ele virou a cabeça de leve e piscou para Eddie. — Não é mesmo, Eds?

Eddie viu que Ben estava olhando para Richie com uma mistura de assombro e cautela. Eddie conseguia entender. Ele conhecia Richie Tozier havia quatro anos e ainda não entendia qual era a dele. Sabia que Richie tirava A e B nas provas, mas também sabia que tirava regularmente C e D em comportamento. O pai enchia o saco dele por causa disso, e a mãe só chorava cada vez que Richie chegava em casa com uma nota ruim de comportamento, e Richie jurava que melhoraria, e talvez até melhorasse… por um bimestre ou dois. O problema com Richie era que ele não conseguia ficar parado por mais de um minuto nem ficar com a boca calada nunca. Aqui no Barrens, isso não gerava muitos problemas, mas o Barrens não era a Terra do Nunca, e eles não podiam ser os Garotos Perdidos por mais do que algumas horas seguidas (a ideia de um Garoto Perdido com bombinha no bolso de trás da calça fez Eddie sorrir). O problema com o Barrens era que você sempre tinha que ir embora. Lá fora, no mundo maior, as besteiras de Richie sempre o metiam em confusão: com adultos, o que era ruim, e com caras como Henry Bowers, o que era bem pior.

A chegada dele naquele dia era um exemplo perfeito. Ben Hanscom tinha acabado de dizer oi quando Richie caiu de joelhos aos pés de Ben. Ele começou a fazer uma série de salamaleques exagerados, com os braços esticados, as mãos batendo na margem lamacenta cada vez que fazia uma nova reverência. Ao mesmo tempo, começou a falar com uma de suas

Vozes.

Richie tinha uma dezena de Vozes diferentes. Ele contara a Eddie em uma tarde chuvosa em que eles estavam no quarto acima da garagem da família Kaspbrak lendo revistinhas da Luluzinha que sua ambição era se tornar o maior ventríloquo do mundo. Ele seria mais famoso do que Edgar Bergen, disse ele, e apareceria no *The Ed Sullivan Show* todas as semanas. Eddie admirava essa ambição, mas previa problemas com ela. Primeiro, todas as Vozes de Richie soavam como a de Richie Tozier. Isso não era dizer que Richie não conseguia ser engraçado de tempos em tempos; ele era. Tanto fazendo piadas verbais quanto dando peidos altos, a terminologia era a mesma: ele chamava as duas coisas de Mandar Bem, e ele Mandava Bem das duas maneiras com frequência… mas normalmente em companhia inapropriada. Segundo, quando Richie fazia ventriloquismo, seus lábios se mexiam. Não só um pouco e só nos sons de “p” e “b”, mas muito, e em todos os sons. Terceiro, quando Richie dizia que ia projetar a voz, ela não costumava ir muito longe. A maior parte dos amigos dele era gentil demais (ou confusa demais com o charme às vezes encantador e muitas vezes cansativo de Richie) para mencionar essas pequenas falhas para ele.

Enquanto fazia salamaleques frenéticos em frente ao assustado e constrangido Ben Hanscom, Richie falava com a voz que ele chamava de Voz do Negro Jim.

— Deus tem piedade, é Monte de Feno Coulhoun! — gritou Richie. — Num cai em cima de mim, sinhô Monte de Feno! Vai me esmigaiá se caí! Deus tem piedade, Deus tem piedade! Cento e quarenta quilo de carne mole, mais de 2 metro de teta a teta, Monte de Feno deve cheirá a caca de pantera! Eu ia te trazê pro grupo, sinhô Monte de Feno, claro! Ia mesmo trazê ocê! Só num cai em cima desse negrinho aqui!

— N-Não se p-preocupe — disse Bill. — É s-s-só Ri-Ri-Richie. Ele é l-l-louco.

Richie ficou de pé.

— Escutei isso, Denbrough. É melhor você me deixar em paz, senão mando o Monte de Feno aqui pra cima de você.

— A m-melhor p-p-parte de você esc-correu pela p-perna do seu p-p-pai — disse Bill.

— Verdade — disse Richie —, mas olha quanta coisa boa sobrou. Como você está, Monte de Feno? Richie Tozier é como me chamo, fazer Vozes é o que amo. — Ele esticou a mão. Completamente confuso, Ben esticou a mão para apertá-la. Richie afastou a mão. Ben piscou. Richie cedeu e apertou a mão dele.

— Meu nome é Ben Hanscom, caso você esteja interessado — disse Ben.

— Já te vi na escola — disse Richie. Ele esticou a mão para indicar a poça de água. — Isso deve ter sido ideia sua. Esses merdas não conseguem acender uma bombinha sem um lança-chamas.

— Fale por você, Richie — disse Eddie.

— Ah, você quer dizer que a ideia foi *sua*, Eds? Jesus, me desculpe. — Ele caiu de joelhos na frente de Ed e começou os salamaleques loucos de novo.

— Levanta, você está espirrando lama em mim! — gritou Eddie.

Richie ficou de pé uma segunda vez e beliscou a bochecha de Eddie.

— Fofo, fofo, *fofo!* — exclamou Richie.

— Para, eu *odeio* isso!

— Confessa, Eds, quem construiu a barragem?

— B-B-Ben mostrou pra g-gente — disse Bill.

— Legal. — Richie se virou e encontrou Stan Uris de pé atrás dele, com as mãos nos bolsos, observando em silêncio Richie dar seu show. — Este aqui é Stan Uris, o Cara — disse Richie para Ben. — Stan é judeu. Além disso, ele matou Cristo. Pelo menos foi o que Victor Criss me contou um dia. Ando atrás de Stan desde esse dia. Concluí que se ele é velho assim, deve conseguir comprar umas cervejas. Né, Stan?

— Acho que deve ter sido o meu pai — disse Stan com uma voz baixa e agradável, e isso fez todos caírem na gargalhada, inclusive Ben. Eddie riu até estar chiando e lágrimas escorrerem pelo rosto.

— Mandou Bem! — gritou Richie, andando com as mãos acima da cabeça como um juiz de futebol americano sinalizando que o ponto extra valeu. — Stan, o Cara Manda Bem! Grandes Momentos da História! Sim, senhor! *SIM, SENHOR!*

— Oi — disse Stan para Ben, parecendo não dar a menor bola para Richie.

— Oi — respondeu Ben. — Éramos da mesma turma no segundo ano. Você era o garoto que…

— … nunca falava nada — concluiu Stan, sorrindo um pouco.

— Isso.

— Stan não diria merda nenhuma nem se estivesse com a boca cheia — disse Richie. — Coisa que costuma acontecer com *FRE-quência*, sim, senhor! *SIM*…

— Ca-Ca-Cala a b-boca, Richie — disse Bill.

— Tá, mas primeiro tenho que contar mais uma coisa, por mais que eu odeie. Acho que vocês estão perdendo a represa de vocês. O vale vai alagar, parceiros. Vamos tirar as mulheres e as crianças primeiro.

E sem se dar ao trabalho de dobrar a calça, nem mesmo de tirar os tênis, Richie pulou na água e começou a enfiar nacos de grama no braço lateral da represa, onde a corrente persistente estava tirando o preenchimento de novo. Um pedaço de fita adesiva da Cruz Vermelha estava enrolado em uma das hastes dos óculos dele, e a ponta solta batia na bochecha enquanto ele trabalhava. Bill chamou a atenção de Eddie, sorriu um pouco e deu de ombros. Era apenas Richie. Ele era capaz de enlouquecer você… mas ainda assim era legal tê-lo por perto.

Eles trabalharam na represa durante a hora seguinte. Richie seguiu as ordens de Ben (que voltaram a ser hesitantes agora que havia mais dois garotos para instruir) com perfeita boa vontade e as executou em ritmo frenético. Quando cada missão era terminada, ele voltava até Ben para receber novas ordens, batendo uma continência britânica com a mão virada e juntando os calcanhares molhados dos tênis. De vez em quando, ele começava a dar sermão

nos outros com uma de suas Vozes: o Comandante Alemão, Toodles, o Mordomo Inglês, o Senador do Sul (que parecia um pouco com Foghorn Leghorn e que, com o tempo, viraria um personagem chamado Buford Kissdrivel), o Narrador de Cinejornal.

O trabalho não apenas progrediu, mas deu um *salto*. E agora, pouco antes das 17h, enquanto eles descansavam na margem do rio, parecia que o que Richie havia dito era verdade: eles tinham conseguido interromper o rio. A porta do carro, o pedaço de aço corrugado e os pneus velhos viraram um segundo estágio da barragem, e atrás havia um enorme monte de terra e pedras. Bill, Ben e Richie estavam fumando; Stan estava deitado de costas. Um estranho poderia pensar que ele estava apenas olhando para o céu, mas Eddie sabia bem que não. Stan estava olhando para as árvores do outro lado do rio, em busca de um pássaro ou dois que pudesse colocar no caderno de pássaros naquela noite. O próprio Eddie ficou sentado de pernas cruzadas, sentindo-se agradavelmente cansado e um tanto tranquilo. Naquele momento, os outros pareciam para ele o melhor grupo de garotos do qual um moleque podia desejar participar. Eles pareciam a combinação certa quando estavam juntos; encaixavam nas extremidades uns dos outros. Ele não conseguia explicar para si mesmo melhor do que isso, e como não era mesmo necessária nenhuma explicação, ele decidiu deixar por isso mesmo.

Ele olhou para Ben, que estava segurando o cigarro meio fumado de maneira desajeitada e cuspindo frequentemente, como se não gostasse muito do sabor. Enquanto Eddie observava, Ben apagou o cigarro e cobriu com terra.

Ben ergueu o olhar, viu Eddie observando-o e afastou o rosto, constrangido.

Eddie olhou para Bill e viu uma coisa no rosto dele da qual não gostou. Bill estava olhando para o outro lado do rio, para o meio das árvores e plantas, com olhos cinzentos e pensativos. Aquela expressão taciturna tinha voltado para o rosto dele. Eddie pensou que Bill parecia quase assombrado.

Como se lendo seu pensamento, Bill olhou para ele. Eddie sorriu, mas Bill não sorriu em resposta. Ele apagou o cigarro e olhou para os outros. Até Richie havia se recolhido ao silêncio de seus pensamentos, um evento que ocorria tão raramente quanto um eclipse lunar.

Eddie sabia que Bill raramente dizia alguma coisa importante se o ambiente não estivesse completamente em silêncio, porque era muito difícil para ele falar. E de repente ele quis ter alguma coisa para dizer, ou desejou que Richie começasse a fazer uma das Vozes. Teve uma certeza repentina de que Bill abriria a boca e diria uma coisa terrível, uma coisa que mudaria tudo. Eddie procurou automaticamente a bombinha, tirou do bolso de trás e segurou na mão. Ele agiu sem nem pensar.

— P-Posso contar uma c-coisa pra v-vocês? — perguntou Bill.

Todos olharam para ele. *Faz uma piada, Richie!*, pensou Eddie. *Faz uma piada, diz alguma coisa bem absurda, deixa ele constrangido, tanto faz, só faz ele calar a boca. Seja lá o que for, não quero ouvir, não quero que as coisas mudem, não quero ter medo.*

Em pensamento, uma voz tenebrosa e rouca sussurrou: *Faço por dez centavos.*

Eddie tremeu e tentou dispensar aquela voz e a imagem repentina que ela evocava: a casa

na rua Neibolt, com o jardim descuidado cheio de ervas daninhas e girassóis gigantes assentindo em um dos lados.

— Claro, Big Bill — disse Richie. — O que tá rolando?

Bill abriu a boca (mais ansiedade da parte de Eddie), fechou (alívio abençoado para Eddie) e abriu de novo (ansiedade renovada).

— S-S-Se vo-vo-vocês r-rirem, n-nunca mais v-vou andar com vocês — disse Bill. — É l-loucura, mas juro que n-não estou inventando. Aconteceu me-esmo.

— Não vamos rir — disse Ben. Ele olhou para os outros. — Vamos?

Stan balançou a cabeça. Richie também.

Eddie queria dizer *Sim, vamos rir, Billy, vamos rir pra caramba e dizer que você é um idiota, então por que você não cala a matraca agora?* Mas é claro que ele não podia dizer uma coisa assim. Afinal, era Big Bill. Ele balançou a cabeça com tristeza. Não, ele não riria. Nunca sentiu menos vontade de rir na vida.

Eles ficaram sentados acima da represa que Ben mostrou como construir, olhando do rosto de Bill para a piscina cada vez maior e para o brejo cada vez maior logo atrás, e depois para o rosto de Bill de novo, ouvindo silenciosamente enquanto ele contava sobre o que aconteceu quando ele abriu o álbum de fotos de George: que a foto escolar virou a cabeça e piscou para ele, que o álbum sangrou quando ele o jogou do outro lado do quarto. Foi um monólogo longo e doloroso, e quando ele terminou, Bill estava com o rosto vermelho e suando. Eddie nunca o ouviu gaguejar tanto.

Mas enfim a história foi contada. Bill olhou para eles, desafiador e com medo. Eddie viu uma expressão idêntica nos rostos de Ben, Richie e Stan. Era medo solene e assombrado. Não tinha nuance nenhuma de descrença. Ele sentiu uma vontade naquele momento de ficar de pé e gritar: *Que história louca! Você não acredita nessa história louca, né, e mesmo que acredite, não acredita que nós acreditamos, né? Fotos escolares não piscam! Livros não sangram! Você está completamente louco. Big Bill!*

Mas não podia fazer isso, porque aquela expressão de medo solene também estava em seu próprio rosto. Ele não conseguia ver, mas conseguia sentir.

Volta aqui, garoto, sussurrou a voz rouca. *Eu te chupo de graça. Volta aqui!*

Não, respondeu Eddie com um gemido. *Vai embora, por favor, não quero pensar sobre isso.*

Volta aqui, garoto.

E agora Eddie via mais uma coisa. Não no rosto de Richie, pelo menos ele achava que não, mas no de Stan e no de Ben com certeza. Ele sabia o que era essa coisa; sabia porque aquela expressão também estava em seu rosto.

Reconhecimento.

Eu te chupo de graça.

A casa 29 da rua Neibolt ficava perto do pátio de trens. Era velha e estava fechada com tábuas, a varanda estava afundando gradualmente no chão, o gramado mais parecia um campo

cheio de mato. Havia um triciclo velho, enferrujado e derrubado escondido na grama alta, com uma roda torta aparecendo.

Mas à esquerda da varanda havia um enorme pedaço vazio no gramado, e dava para ver as janelas sujas do porão na base de tijolo da casa. Foi em uma dessas janelas que Eddie Kaspbrak viu pela primeira vez o rosto do leproso, seis semanas antes.

6

Aos sábados, quando Eddie não conseguia encontrar ninguém com quem brincar, ele costumava ir para o pátio de trens. Sem nenhum motivo especial; ele apenas gostava de ir lá.

Ele ia de bicicleta até a rua Witcham e virava para noroeste pela autoestrada 2, onde ela atravessava a Witcham. A escola batista da rua Neibolt ficava na esquina da autoestrada 2 e da rua Neibolt um quilômetro e meio depois. Era uma construção velha e arrumadinha de madeira com uma cruz grande no alto e as palavras DEIXEM VIR A MIM AS CRIANÇAS E NÃO AS IMPEÇAM na porta da frente em letras douradas de 60 centímetros de altura. Às vezes, aos sábados, Eddie ouvia música e cantoria vindos de lá de dentro. Era música gospel, mas quem tocava o piano parecia mais com Jerry Lee Lewis do que com um pianista comum de igreja. A cantoria também não parecia muito religiosa aos ouvidos de Eddie, embora houvesse muitas menções ao "belo Sião" e ser "lavado no sangue da ovelha" e "temos um grande amigo em Jesus". As pessoas cantando pareciam estar se divertindo demais para o canto ser mesmo sagrado, na opinião de Eddie. Mas ele gostava do som de qualquer jeito, assim como gostava de ouvir Jerry Lee cantando "Whole Lotta Shakin' Goin' On". Às vezes ele parava um pouco do outro lado da rua, encostava a bicicleta em uma árvore e fingia ler na grama, mas cantarolava junto com a música.

Em outros sábados, a escola batista da rua Neibolt ficava fechada e silenciosa, e ele seguia para o pátio dos trens sem parar, até onde a rua Neibolt terminava, em um estacionamento com ervas daninhas crescendo nas rachaduras do asfalto. Ele apoiava a bicicleta na cerca de madeira e via os trens passarem. Havia muitos trens aos sábados. A mãe havia dito para ele que no passado dava para pegar um trem de passageiros GS&WM no que era na época a estação da rua Neibolt, mas os trens de passageiros tinham parado de circular quando a guerra da Coreia estava começando.

— Se você pegasse um trem para o norte, ia para a estação de Brownsville — disse ela —,

e de Brownsville podia pegar um trem que o levaria até o Canadá se quisesse, até o Pacífico. O trem para o sul levava até Portland e depois até Boston, e da estação South, o país era seu. Mas os trens de passageiros sofreram o mesmo destino que as linhas de bonde. Ninguém quer pegar um trem quando pode subir num Ford e viajar de carro. Você talvez nunca ande em um.

Mas grandes trens de carga ainda passavam por Derry. Eles seguiam para o sul carregados de madeira macia, papel e batatas, e para o norte com bens manufaturados para as cidades que o pessoal do Maine às vezes chamava de Grande Norte: Bangor, Millinocket, Machias, Presque Isle, Houlton. Eddie gostava particularmente de ver os trens que levavam carros para o norte, com seus Fords e Chevies cintilantes. *Vou ter um carro assim um dia*, prometeu ele a si mesmo. *Assim ou até melhor. Talvez até um Cadillac!*

Havia seis linhas de trilhos no total, que seguiam em direção à estação como tiras de teia de aranha seguindo para o centro: Bangor e Great Northern Lines do norte, Great Southern e Western Maine do oeste, Boston e Maine do sul e Southern Seacost do leste.

Um dia, dois anos antes, quando Eddie estava de pé perto da linha do leste vendo o trem passar, um funcionário bêbado jogou em cima dele uma caixa de um vagão que seguia em velocidade lenta. Eddie se abaixou e recuou, embora a caixa tenha caído nas cinzas a 3 metros de distância. Havia coisas dentro, coisas vivas que estalavam e se moviam.

— Última corrida, garoto! — gritou o funcionário bêbado. Ele tirou uma garrafa marrom achatada de um dos bolsos da jaqueta jeans, inclinou-a, bebeu e a jogou nas cinzas, onde ela se quebrou. O homem apontou para a caixa. — Leva pra casa pra sua mãe! Com os cumprimentos da linha da Southern Seacost da Porra da Boa Vontade! — Ele se inclinou para a frente para gritar essas últimas palavras enquanto o trem se afastava, pegando velocidade agora, e por um momento alarmante Eddie achou que ele cairia do vagão.

Quando o trem foi embora, Eddie foi até a caixa e se inclinou com cautela. Estava com medo de chegar perto demais. As coisas dentro eram escorregadias e deslizavam. Se o homem tivesse gritado que eram para ele, Eddie teria deixado a caixa bem ali. Mas ele disse para levar para casa para a mãe dele, e, assim como Ben, quando alguém falava mãe, Eddie pulava.

Ele arrumou um pedaço de corda em um dos depósitos e amarrou a caixa no bagageiro da bicicleta. A mãe olhou dentro da caixa com mais cautela ainda do que Eddie e depois gritou, mas de prazer, e não de pavor. Havia quatro lagostas na caixa, cada uma com um quilo e com as garras amarradas. Ela as cozinhou para o jantar e ficou muito aborrecida quando Eddie não quis comer.

— O que você acha que os Rockefeller estão comendo esta noite em Bar Harbor? — perguntou ela com indignação. — O que acha que os ricos estão comendo no Twenty-one e no Sardi's em Nova York? Sanduíches de creme de amendoim e geleia? Eles estão comendo *lagosta*, Eddie, que nem nós! Agora vamos, experimente.

Mas Eddie não queria experimentar, ou pelo menos foi o que a mãe disse. Talvez fosse verdade, mas por dentro parecia mais a Eddie que ele não conseguia, em vez de não querer. Ele ficava pensando na forma como elas deslizavam dentro da caixa, nos sons de estalo que as

garras faziam. Ela ficava dizendo o quanto estava gostoso e que delícia ele estava perdendo, até que ele começou a ofegar em busca de ar e teve que usar o aspirador. Só então ela o deixou em paz.

Eddie foi para o quarto ler. A mãe ligou para a amiga Eleanor Dunton. Eleanor foi até lá, e as duas leram velhos exemplares de *Photoplay* e *Screen Secrets;* riram das colunas de fofocas e se entupiram de salada de lagosta. Quando Eddie acordou para ir à escola no dia seguinte, a mãe ainda estava na cama, roncando e soltando peidos frequentes que pareciam longas notas musicais de uma corneta (ela estava Mandando Bem, Richie teria dito). Não havia nada na tigela em que a salada de lagosta estivera, exceto uns poucos resquícios de maionese.

Aquele foi o último trem Southern Seacost que Eddie viu, e quando ele voltou a encontrar o sr. Braddock, o responsável pela ferrovia de Derry, perguntou com hesitação o que tinha acontecido.

— A empresa faliu — disse o sr. Braddock. — Foi só isso. Você não lê os jornais? Está acontecendo no maldito país inteiro. Agora saia daqui. Aqui não é lugar pra um garoto.

Depois disso, Eddie às vezes acompanhava o trilho 4, que era o da Southern Seacost, e ouvia um condutor mental cantarolar nomes em seu pensamento, emitindo-os em um adorável sotaque da costa, aqueles nomes, aqueles nomes mágicos: Camdem, Rockland, Bar Harbor (pronunciado Baa Haabaa), Wiscasset, Bath, Portland, Ogunquit, the Berwicks; ele andava pela linha 4 para o leste até ficar cansado e o mato crescendo entre os trilhos o deixar triste. Uma vez, ele olhou para o alto e viu gaivotas (provavelmente só aves de lixão que não estavam nem aí se veriam ou não o oceano, mas isso não lhe ocorreu no momento) circulando e gritando, e o som das vozes delas também o fez chorar um pouco.

Uma época, havia um portão na entrada do pátio de trens, mas ele caiu em uma tempestade e ninguém se deu ao trabalho de substituir. Eddie entrava e saía quando queria, embora o sr. Braddock o expulsasse sempre que o via (ou qualquer outro garoto, na verdade). Havia motoristas de caminhão que corriam atrás de você às vezes (mas não por uma grande distância) porque achavam que você estava ali só para furtar alguma coisa, e às vezes os garotos faziam isso mesmo.

Mas em geral o local era tranquilo. Havia uma guarita, mas ficava vazia, e os vidros das janelas tinham sido quebrados por pedras. Não havia segurança em tempo integral desde 1950, mais ou menos. O sr. Braddock expulsava os garotos durante o dia, e um vigia noturno passava por lá em um velho Studebaker com um holofote preso na janela quatro ou cinco vezes por noite, e isso era tudo.

Mas havia mendigos e vagabundos às vezes. Se havia alguma coisa no pátio de trens que assustava Eddie, eram eles; homens com barbas por fazer e pele rachada e bolhas nas mãos e lábios feridos pelo frio. Eles andavam sobre os trilhos por um tempo e passavam uns dias em Derry, depois pegavam outro trem e iam para outro lugar. Às vezes, não tinham alguns dedos. Normalmente, estavam bêbados e queriam saber se você tinha um cigarro.

Um desses sujeitos saiu de debaixo da varanda da casa 29 da rua Neibolt um dia e se

ofereceu para fazer um boquete em Eddie por 25 centavos. Eddie recuou, com a pele gelada, a boca seca como um pedaço de pano. Uma das narinas do mendigo estava carcomida. Dava para ver o canal vermelho e ferido.

— Não tenho 25 centavos — disse Eddie, recuando em direção à bicicleta.

— Faço por dez — disse o mendigo com voz rouca, andando em sua direção. Estava usando uma calça velha de flanela verde. Vômito amarelo estava secando sobre as pernas. Ele abriu o zíper e enfiou a mão lá dentro. Estava tentando sorrir. O nariz era um horror vermelho.

— Eu… também não tenho 10 centavos — disse Eddie, e pensou de repente: *Ah meu Deus ele tem lepra! Se ele tocar em mim eu também vou pegar!* Ele perdeu o controle e saiu correndo. Ouviu o mendigo começar a correr atrás dele arrastando os pés, com os velhos sapatos de amarrar batendo no gramado selvagem da casa vazia.

— Volta aqui, garoto! Eu te chupo de graça! Volta aqui!

Eddie pulou na bicicleta, ofegante agora, sentindo a garganta fechando até ficar só um buraco de agulha. Seu peito estava pesado. Ele bateu nos pedais e estava pegando velocidade quando uma das mãos do mendigo bateu no bagageiro. A bicicleta tremeu. Eddie olhou por cima do ombro e viu o mendigo correndo atrás do pneu traseiro (*!!ALCANÇANDO!!*), com os lábios repuxados sobre os cotocos pretos que eram seus dentes em uma expressão que podia ser de desespero ou fúria.

Apesar das pedras sobre o peito, Eddie pedalou cada vez mais rápido, esperando que uma das mãos feridas do mendigo fosse se fechar sobre seu braço a qualquer momento, puxá-lo da Raleigh e derrubá-lo na sarjeta, onde só Deus sabia o que aconteceria com ele. Ele não ousou olhar para trás até ter passado pela escola batista da rua Neibolt e pelo cruzamento da autoestrada 2. O mendigo tinha sumido.

Eddie guardou a história terrível dentro de si durante quase uma semana, e depois confidenciou a Richie Tozier e Bill Denbrough um dia, quando eles estavam lendo quadrinhos em cima da garagem.

— Ele não tinha lepra, seu burro — disse Richie. — Tinha sífilis.

Eddie olhou para Bill para ver se Richie estava de brincadeira. Ele nunca tinha ouvido falar de uma doença chamada síftilis. Parecia uma coisa que Richie era capaz de inventar.

— Existe uma doença chamada síftilis, Bill?

Bill assentiu com seriedade.

— Só que é s-s-sífilis, não síftilis.

— O que é?

— É uma doença que se pega fodendo — disse Richie. — Você sabe o que é foder, não sabe, Eds?

— Claro — disse Eddie.

Ele torcia para não estar corando. Ele sabia que, quando se ficava mais velho, saíam coisas do pênis quando ele ficava duro. Vincent “Meleca” Taliendo contou o resto para ele um dia na escola. O que você fazia quando fodia, de acordo com Meleca, era esfregar o pau no umbigo

de uma garota até ele ficar duro (o pau, não o umbigo da garota). Depois você esfregava mais até começar a "sentir direitinho". Quando Eddie perguntou o que isso queria dizer, Meleca só balançou a cabeça de uma maneira misteriosa. Meleca disse que não dava para descrever, mas que ele saberia assim que sentisse. Ele disse que dava para treinar deitando-se na banheira e esfregando o pau com sabonete Ivory (Eddie experimentou isso, mas a única sensação que teve foi vontade de urinar depois de um tempo). Meleca prosseguiu: depois que você "sentia direitinho", uma coisa saía de dentro do pênis. A maior parte das pessoas chamava de porra, disse Meleca, mas seu irmão mais velho disse que a palavra científica verdadeira era sêmen. E quando você "sentia direitinho", precisava segurar o pau e mirar rápido para lançar o sêmen dentro do umbigo da garota assim que saísse. Entrava pela barriga dela e fazia um bebê lá.

As garotas gostam disso?, perguntara Eddie a Meleca Taliendo. Estava um tanto perplexo.

Acho que devem gostar, respondera Meleca, parecendo intrigado.

— Agora escuta, Eds — disse Richie —, porque podem fazer perguntas depois. Algumas mulheres têm essa doença. Alguns homens também, mas são mais mulheres. Um cara pode pegar de uma mulher…

— Ou de outro c-c-cara se eles forem bi-bi-bichas — acrescentou Bill.

— Certo. O importante é que se pega sífilis quando se transa com uma pessoa que já tem.

— O que ela faz? — perguntou Eddie.

— Faz você apodrecer — disse Richie simplesmente.

Eddie olhou para ele apavorado.

— É ruim, eu sei, mas é verdade — disse Richie. — O nariz é a primeira coisa que vai. Alguns caras que têm sífilis perdem o nariz inteiro. Depois o pau.

— P-P-Por favor — disse Bill. — Acabei de c-c-comer.

— Ei, cara, isso é ciência — disse Richie.

— Então qual é a diferença entre lepra e sífilis? — perguntou Eddie.

— Você não pega lepra fodendo — disse Richie imediatamente, e caiu numa crise de gargalhadas que deixou Bill e Eddie perplexos.

7

Depois daquele dia, a casa 29 da rua Neibolt ganhou uma espécie de brilho na imaginação de Eddie. Ao olhar para o jardim cheio de mato e para a varanda inclinada e para as tábuas pregadas nas janelas, ele sentia uma fascinação nada saudável tomar conta dele. E seis semanas antes ele parou a

bicicleta na beirada de cascalho da rua (a calçada terminava quatro casas antes) e andou pelo gramado em direção à varanda.

O coração batia forte no peito e a boca tinha aquele gosto seco de novo; ao ouvir a história de Bill sobre a terrível foto, ele soube que o que sentiu ao se aproximar da casa era mais ou menos o mesmo que Bill sentiu ao entrar no quarto de George. Ele não se sentiu no controle de si mesmo. Ele se sentiu *empurrado*.

Não parecia que seus pés estavam se movendo; em vez disso, a casa em si, taciturna e silenciosa, parecia chegar mais perto de onde ele estava.

Ele conseguia ouvir ao longe um motor a diesel no pátio de trens, isso e o baque metálico-líquido de acoplamentos sendo feitos. Estavam deixando alguns vagões e pegando outros. Formando um trem.

Sua mão segurou a bombinha, mas, estranhamente, sua asma não o atacou como no dia em que ele fugiu do mendigo de nariz podre. Só havia aquela sensação de estar parado vendo a casa deslizar furtivamente na direção dele, como se sobre trilhos escondidos.

Eddie olhou debaixo da varanda. Não havia ninguém ali. Não era surpreendente, na verdade. Era primavera, e os mendigos andarilhos costumavam aparecer em Derry no outono, do final de setembro até o começo de novembro. Durante essas seis semanas mais ou menos, um homem podia conseguir trabalho de um dia em uma das fazendas mesmo se sua aparência fosse apenas parcialmente decente. Havia batatas e maçãs a serem colhidas, cercas para consertar, tetos de celeiros e depósitos a serem ajeitados antes da chegada de dezembro, com o sopro do inverno.

Não havia nenhum mendigo debaixo da varanda, mas muitos sinais de que eles estiveram lá. Latas e garrafas vazias de cerveja, garrafas vazias de bebidas destiladas. Um cobertor tomado de sujeira estava caído sobre a base de tijolos como um cachorro morto. Havia pedaços de jornal amassado e um sapato velho e cheiro de lixo. Havia camadas grossas de folhas velhas lá embaixo.

Sem querer ir em frente, mas incapaz de se impedir, Eddie rastejou para debaixo da varanda. Ele conseguia sentir os batimentos na cabeça agora, criando pontos brancos de luz em seu campo de visão.

O cheiro era pior lá embaixo, de bebida, suor e o perfume marrom-escuro de folhas apodrecendo. As folhas velhas nem estalaram debaixo de suas mãos e joelhos. Elas e os velhos jornais só suspiraram.

Sou um mendigo, pensou Eddie com incoerência. *Sou um mendigo e viajo de trem*

clandestinamente. É isso que faço. Não tenho dinheiro, não tenho casa, mas tenho minha garrafa e um dólar e um lugar pra dormir. Vou colher maçãs esta semana e batatas na semana que vem; quando o inverno congelar e trancar a terra como o dinheiro fica trancado em um cofre de banco, subo em um vagão GS&WM com cheiro de beterraba, fico sentado em um canto, jogo um pouco de palha em cima do corpo se houver palha e vou tomar minha bebida e mascar tabaco, e cedo ou tarde chego a Portland ou Beantown; se não for pego por um segurança ferroviário palhaço, subo em um vagão Alabama Star e sigo para o sul, e quando chegar lá vou colher limão ou laranja. E se eu for expulso, vou construir estradas pros turistas passearem. Ah, já fiz isso antes, não fiz? Sou apenas um andarilho velho e solitário, não tenho dinheiro, não tenho casa, mas tenho uma coisa; tenho uma doença que está me comendo por dentro. Minha pele está se abrindo, meus dentes estão caindo, e quer saber? Consigo me sentir ficando estragado como uma maçã apodrecendo, consigo sentir acontecendo, me comendo de dentro pra fora, comendo, comendo, me comendo.

Eddie empurrou o cobertor duro para o lado, segurando-o com as pontas do polegar e do indicador, e fez uma careta pela sensação enrijecida. Uma das janelas baixas do porão estava diretamente atrás dele, com uma vidraça quebrada e a outra opaca de sujeira. Ele se inclinou para a frente, sentindo-se agora quase hipnotizado. Chegou mais perto da janela, mais perto da escuridão do porão, inspirando aquele cheiro de tempo, umidade e podridão seca, cada vez mais perto do negrume, e é claro que o leproso o teria pegado se sua asma não tivesse escolhido aquele momento para atacar. Ela contraiu seus pulmões com um peso que era indolor, mas apavorante; sua respiração imediatamente adquiriu o odioso chiado.

Ele recuou, e foi nessa hora que o rosto apareceu. O aparecimento dele foi tão repentino, tão assustador (e ao mesmo tempo tão *esperado*), que Eddie poderia não ter gritado mesmo que não estivesse no meio de um ataque de asma. Seus olhos saltaram. Sua boca se abriu. Não era o mendigo com o nariz carcomido, mas havia semelhanças. Semelhanças terríveis. Por outro lado… essa coisa não podia ser humana. Nada podia ser tão carcomido e continuar vivo.

A pele da testa dele estava aberta. O osso branco, coberto por uma membrana de muco amarelo, estava visível como a lente de um holofote turvo. O nariz era uma ponte de cartilagem acima de dois vãos vermelhos. Um olho era azul e alegre. O outro buraco estava preenchido por uma massa de tecido esponjoso preto-amarronzado. O lábio inferior do leproso era frouxo como um pedaço de fígado. Ele não tinha lábio superior nenhum; os dentes apareciam como um sorriso de desprezo.

Ele esticou uma das mãos pela vidraça quebrada. Esticou a outra pelo vidro sujo à esquerda, quebrando-o em pedacinhos. As mãos investigativas e fortes estavam cobertas de feridas. Besouros rastejavam e caminhavam de um lado para o outro.

Choramingando e ofegando, Eddie recuou. Ele mal conseguia respirar. Seu coração era um motor disparado no peito. O leproso parecia estar usando os restos maltrapilhos de um terno

prateado estranho. Coisas rastejavam nas mechas de cabelo castanho.

— Que tal um boquete, Eddie? — gemeu a aparição, sorrindo com seus restos de boca. Ele cantarolou: — Bobby cobra dez centavos pra chupar, é só você falar, cobra 15 se demorar. — Ele piscou. — Sou eu, Eddie, Bob Gray. E agora que fomos propriamente apresentados…

Uma das mãos dele caiu sobre o ombro direito de Eddie. Eddie gritou baixinho.

— Tudo bem — disse o leproso, e Eddie viu com pavor que parecia de sonho que ele estava saindo pela janela. O escudo ossudo por trás da testa aberta quebrou a tira fina de madeira entre as duas vidraças. A mão dele segurou na terra úmida cheia de folhas. Os ombros prateados do terno… fantasia… fosse lá o que fosse… começaram a surgir pela abertura. Aquele olho azul intenso nunca deixou o rosto de Eddie. — Estou chegando, Eddie, isso mesmo — disse ele com voz rouca. — Você vai gostar de ficar aqui embaixo com a gente. Alguns de seus amigos estão aqui.

A mão dele se esticou de novo, e em um canto da mente tomada por pânico e gritos, Eddie teve a certeza repentina e fria de que, se aquela coisa tocasse em sua pele, ele também começaria a apodrecer. O pensamento acabou com sua paralisia. Ele rastejou para trás sobre mãos e joelhos, depois se virou e correu para o outro canto da varanda. A luz do sol, que entrava em filetes estreitos e poeirentos pelas rachaduras entre as tábuas da varanda, riscava seu rosto de tempos em tempos. A cabeça dele forçou as teias de aranha, que se aninharam em seus cabelos. Ele olhou por cima do ombro e viu que o leproso estava com metade do corpo para fora.

— Não vai ser bom pra você correr, Eddie — disse ele.

Eddie tinha chegado à extremidade da varanda. Havia um contorno de treliça ali. O sol brilhou entre ela, criando diamantes de luz nas bochechas e testa dele. Ele baixou a cabeça e bateu na treliça sem hesitar, arrancando o contorno com um grito de pregos entortados. Uma roseira desordenada crescia atrás, e Eddie passou por ela, caiu ao passar e não sentiu os espinhos que provocaram cortes superficiais em seus braços, bochechas e pescoço.

Ele se virou e recuou sobre pernas bambas, enquanto tirava a bombinha do bolso e usava. Isso não tinha realmente acontecido, tinha? Ele estava pensando no mendigo e sua mente tinha… bem, tinha apenas…

(dado um show)

mostrado um filme, um filme de terror, como um dos filmes da matiné de sábado com Frankenstein e o Lobisomem que eram exibidos às vezes no Bijou ou no Gem ou no Aladdin. Claro, era só isso. Ele tinha se assustado! Que babaca!

Ele teve até tempo de dar uma risada trêmula pela vividez inesperada de sua imaginação antes de as mãos podres surgirem de debaixo da varanda, tateando pela roseira com ferocidade descuidada, puxando-a, rasgando-a, deixando as flores com gotas de sangue.

Eddie gritou.

O leproso estava saindo. Ele reparou que o sujeito usava roupa de palhaço, uma roupa de palhaço com grandes botões de cor laranja na frente. Ele viu Eddie e sorriu. Sua meia boca se

abriu e a língua ficou pendurada para fora. Eddie gritou de novo, mas ninguém poderia ter ouvido o grito de um garoto sem fôlego com o som do motor a diesel no pátio de trens. A língua do leproso não só estava pendurada na boca; ela tinha pelo menos 90 centímetros e se desenrolava como uma língua de sogra de festas infantis. Tinha uma ponta de flecha que se arrastou na terra. Espuma grossa, grudenta e amarelada escorria por ela. Insetos rastejavam ali.

A roseira, que estava com os primeiros toques de verde primavera quando Eddie passou por ela, agora ficou morta e preta.

— Boquete — sussurrou o leproso, e ficou de pé.

Eddie correu até a bicicleta. Foi a mesma corrida de antes, só que agora tinha um aspecto de pesadelo, no qual você só consegue se mover com a lentidão mais terrível, não importando o quanto tente ir rápido… e nesses sonhos você nem sempre ouve ou sente algo, uma Coisa, se aproximando de você? Você não sente sempre o hálito fedido da Coisa, como Eddie estava sentindo agora?

Por um momento, ele sentiu uma esperança louca: talvez fosse realmente um pesadelo. Talvez ele fosse acordar na própria cama, banhado de suor, tremendo, talvez até chorando… mas vivo. *Em segurança*. Mas logo ele afastou o pensamento. O encanto dele era mortal, o conforto dele era fatal.

Ele não tentou montar na bicicleta imediatamente; em vez disso, correu com ela, de cabeça baixa, empurrando o guidão. Ele sentiu como se estivesse se afogando, não em água, mas dentro de seu próprio peito.

— Boquete — sussurrou o leproso de novo. — Volte quando quiser, Eddie. Traga seus amigos.

Os dedos podres pareceram tocar em sua nuca, mas talvez tenha sido apenas um pedaço de teia de debaixo da varanda preso em seu cabelo e roçando na pele trêmula. Eddie pulou na bicicleta e saiu pedalando, sem ligar por sua garganta estar fechada de novo, sem se importar em nada com a asma, sem olhar para trás. Ele só olhou para trás quando estava quase em casa, e é claro que não havia nada atrás dele além de dois garotos indo jogar bola no parque.

Naquela noite, deitado reto como uma tábua na cama, com uma das mãos segurando com força a bombinha e olhando para as sombras, ele ouviu o leproso sussurrar: *Não vai ser bom pra você correr, Eddie.*

8

— Uau — disse Richie com respeito. Era a primeira coisa que algum deles dizia depois que Bill Denbrough terminou sua história.

— V-Você t-t-em outro ci-ci-cigarro, R-R-Richie?

Richie deu a ele o último do maço que tinha roubado quase vazio da gaveta da escrivaninha do pai. Até acendeu para Bill.

— Você não sonhou isso, Bill? — perguntou Stan de repente.

Bill balançou a cabeça.

— N-N-Não foi s-sonho.

— Real — disse Eddie com voz baixa.

Bill olhou para ele de repente.

— O q-q-quê?

— Eu disse real. — Eddie olhou para ele quase com ressentimento. — Aconteceu mesmo. Foi *real*.

E antes que pudesse se impedir, antes mesmo de saber que faria isso, Eddie se viu contando a história do leproso que saiu do porão da casa 29 da rua Neibolt. Na metade da história, ele começou a ofegar e precisou usar a bombinha. E, no final, caiu em um choro estridente, com o corpo magro tremendo.

Todos olharam para ele com desconforto, e então Stan colocou uma das mãos nas costas dele. Bill deu um abraço desajeitado enquanto os outros olhavam para o outro lado, constrangidos.

— Está tu-tudo bem, E-Eddie. Está tu-tudo bem.

— Eu também vi — disse Ben Hanscom de repente. A voz dele estava sem vida, rouca e assustada.

Eddie ergueu o olhar, o rosto ainda coberto de lágrimas, os olhos vermelhos e inchados.

— O quê?

— Eu vi o palhaço — disse Ben. — Só que ele não era como você falou, pelo menos não quando eu vi. Não era tão melequento. Estava… ele estava seco. — Ele fez uma pausa, abaixou a cabeça e olhou para as mãos, que estavam paralelas às coxas de elefante. — Acho que ele era a múmia.

— Como no filme? — perguntou Eddie.

— Daquele jeito, mas *não* daquele jeito — disse Ben lentamente. — Nos filmes, ela parece falsa. É assustadora, mas dá pra ver que é fantasia, sabe? Aquele monte de ataduras, elas parecem arrumadas demais, sei lá. Mas esse cara… ele parecia com o que uma múmia de verdade seria, eu acho. Se você realmente encontrasse uma em uma sala embaixo de uma pirâmide. Exceto pela roupa.

— Q-Q-Q-Que ro-oupa?

Ben olhou para Eddie.

— Uma roupa prateada com botões laranja enormes na frente.

O queixo de Eddie caiu. Ele fechou a boca e disse:

— Se você estiver brincando, diz logo. Eu ainda… Eu ainda sonho com aquele cara embaixo da varanda.

— Não é brincadeira — disse Ben, e começou a contar sua história. Ele contou devagar, começando com o fato de ter se oferecido para ajudar a sra. Douglas a contar e guardar os livros e terminando com os pesadelos. Ele falou devagar, sem olhar para os outros. Falou como se morresse de vergonha de seu comportamento. Só voltou a levantar a cabeça quando terminou a história.

— Você deve ter sonhado — disse Richie por fim. Ele viu Ben fazer uma careta e se apressou para falar: — Não leve pro lado pessoal, Big Ben, mas você tem que saber que aqueles balões não podem flutuar contra o vento…

— Fotos também não piscam — disse Ben.

Richie olhou para Ben e para Bill, perturbado. Acusar Ben de sonhar acordado era uma coisa; acusar Bill era bem diferente. Bill era o líder deles, o cara que todos admiravam. Ninguém falava em voz alta; ninguém precisava. Mas Bill era o homem das ideias, o cara que conseguia pensar em alguma coisa para fazer em um dia chato, o cara que se lembrava de jogos que os outros tinham esquecido. E, de uma forma estranha, todos sentiam uma coisa reconfortantemente adulta em Bill. Talvez fosse uma sensação de controle, um sentimento de que Bill assumiria a responsabilidade se fosse preciso. A verdade era que Richie acreditava na história de Bill, por mais doida que fosse. E talvez não quisesse acreditar na de Ben… nem na de Eddie, na verdade.

— Nada assim aconteceu com você, hein? — Eddie perguntou a Richie.

Richie fez uma pausa, começou a dizer uma coisa, balançou a cabeça, fez outra pausa e disse:

— A coisa mais assustadora que vi recentemente foi Mark Prenderlist mijando no Parque McCarron. Foi o pinto mais feio que já se viu.

Ben disse:

— E com você, Stan?

— Não — disse Stan rapidamente, e olhou para outro lugar. Seu rosto pequeno estava pálido, os lábios tão apertados que estavam brancos.

— A-A-Aconteceu alguma c-c-coisa, S-St-Stan? — perguntou Bill.

— Não, já falei! — Stan ficou de pé e andou até a margem com as mãos nos bolsos. Ele ficou vendo a água passar por cima da barragem original e se acumular atrás da segunda.

— Para com isso, Stanley! — disse Richie com um tom de falsete. Era outra de suas Vozes: Vovó Grunt. Quando ele falava com a Voz da Vovó Grunt, Richie mancava com um punho encostado na lombar e gargalhava muito. Mas ainda soava mais como Richie Tozier do que qualquer outra pessoa.

— Confesse, Stanley, conte pra vovó sobre o palhaço *maaaaau*, e vou te dar um biscoito de chocolate. É só contar…

— *Cala a boca!* — gritou Stan de repente, virando-se para Richie, que recuou um ou dois passos, atônito. — *Cala essa boca!*

— Sim, senhor, chefe — disse Richie, e se sentou. Ele olhou para Stan Uris com

desconfiança. Pontos vermelhos surgiram nas bochechas de Stan, mas ele ainda parecia mais assustado do que irritado.

— Tudo bem — disse Eddie baixinho. — Deixa pra lá, Stan.

— Não foi um palhaço — disse Stanley. Seus olhos se dirigiram a cada um deles. Ele pareceu lutar consigo mesmo.

— P-P-Pode contar — disse Bill, também falando baixinho. — N-Nós c-c-contamos.

— Não foi um palhaço. Foi…

E foi naquela hora que o tom alto e rouco pelo uísque do sr. Nell os interrompeu, fazendo com que todos dessem um pulo como se tivessem levado um tiro:

— Je-*sús* Cristo de calça curta! Olha essa bagunça! Je-sús Cristo!

Capítulo 8

O quarto de Georgie e a casa na rua Neibolt

1

Richard Tozier desliga o rádio, que estava tocando "Like a Virgin", de Madonna, na WZON (uma estação que se declara "a roqueira estéreo AM de Bangor!" com uma espécie de frequência histérica), para no acostamento, desliga o motor do Mustang que o pessoal da Avis alugou para ele no aeroporto internacional de Bangor e sai. Ouve sua própria inspiração e expiração nos ouvidos. Ele viu uma placa que fez a pele em suas costas ficar toda arrepiada.

Ele anda até a frente do carro e coloca uma das mãos no capô. Ouve o motor estalando baixinho enquanto esfria. Ouve uma gralha gritar rapidamente e calar a boca. Há grilos. E no que diz respeito à trilha sonora, isso é tudo.

Ele viu a placa, passou por ela, e de repente está em Derry de novo. Depois de 25 anos, Richie "Boca de Lixo" Tozier voltou para casa. Ele…

Uma dor que queima penetra em seus olhos de repente e apaga seus pensamentos. Ele dá um gritinho estrangulado e leva as mãos até o rosto. A única vez que sentiu uma coisa remotamente parecida com essa queimação foi quando prendeu um cílio na lente de contato na faculdade, e isso foi em um olho só. Essa dor terrível é nos dois.

Antes que ele consiga alcançar metade do caminho até o rosto, a dor some.

Ele baixa a mão lentamente, pensativo, e olha para a autoestrada 7. Ele saiu da via

expressa na saída Etna-Haven, querendo, por algum motivo que não entendia, não chegar pela via expressa, que ainda estava em construção na área de Derry quando ele e os pais tiraram a sujeira dessa cidadezinha estranha das solas dos sapatos e foram para o Meio-Oeste. Não, a via expressa teria sido mais rápida, mas teria sido errada.

Assim, ele dirigiu pela autoestrada 9 pelo ninho adormecido de prédios que era Haven Village, depois saiu para a autoestrada 7. E conforme seguiu, o dia ficou cada vez mais claro.

Agora, essa placa. Era do mesmo tipo de placa que marcava as fronteiras de mais de seiscentas cidades do Maine, mas como essa apertou seu coração!

Condado de
Penobscot
D
E
R
R
Y
Maine

Atrás dessa, uma placa da Elks, uma placa do Rotary Club e, completando a trindade, uma placa proclamando o fato de que OS LEÕES DE DERRY RUGEM PELO FUNDO UNIDO! Depois dessa, só há a autoestrada 7 de novo, seguindo em linha reta entre áreas de pinheiros e abetos. Nessa luz silenciosa do dia que se firma, essas árvores parecem tão sonhadoras quanto fumaça azul-acinzentada de cigarro presa no ar parado de um quarto fechado.

Derry*, pensa ele.* Derry, que Deus me ajude. Derry. Inacreditável.

Aqui está ele, na autoestrada 7. Oito quilômetros à frente, se o tempo ou um tornado não tiver derrubado nos anos que se passaram, está a fazenda Rhulin, onde a mãe comprava ovos e a maior parte dos legumes e verduras. Três quilômetros depois disso, a autoestrada 7 virava a estrada Witcham, e é claro que a estrada Witcham acaba virando a rua Witcham, digam aleluia por toda eternidade amém. E em algum lugar entre a fazenda Rhulin e a cidade, ele passaria pela casa dos Bowers e pela dos Hanlon. Um quilômetro e meio depois da dos Hanlon, ele veria o primeiro brilho do Kenduskeag e o primeiro trecho de verde venenoso: a área baixa que era conhecida por algum motivo como o Barrens.

Não sei se sou capaz de encarar tudo aquilo*, pensa Richie.* Vamos falar a verdade aqui, pessoal. Não sei se sou capaz.

A noite anterior inteira se passou como um sonho para ele. Enquanto ele continuou viajando, deslocando-se, percorrendo quilômetros, o sonho prosseguiu. Mas agora ele parou, ou melhor, a placa o fez parar, e ele despertou para uma verdade estranha: o sonho era realidade. Derry *é a realidade.*

Parece que ele não consegue parar de lembrar. Ele pensa que as lembranças vão acabar deixando-o maluco, e agora morde o lábio e junta as palmas das mãos, aperta-as, como se para se impedir de desmoronar. Ele sente que vai desabar, e logo. Parece haver uma parte louca dele que espera ansiosamente o que pode estar por vir, mas a maior parte só se pergunta como ele vai conseguir passar pelos dias a seguir. Ele…

E agora, seus pensamentos são interrompidos novamente.

Um cervo está andando pela estrada. Ele consegue ouvir o baque suave dos cascos no asfalto.

A respiração de Richie é interrompida no meio da expiração, depois recomeça lentamente. Ele olha boquiaberto, parte dele pensando que nunca viu nada assim na Rodeo Drive. Não, ele precisou voltar para casa para ver uma coisa assim.

É uma fêmea. Ela saiu do bosque à direita e faz uma pausa no meio da autoestrada 7, com as pernas da frente de um lado da linha branca pontilhada e as pernas de trás do outro. Os olhos escuros observam Rich Tozier pacificamente. Ele lê interesse naqueles olhos, mas não medo.

Ele olha para ela maravilhado, pensando que é um presságio, um prenúncio ou alguma espécie de merda de madame Azonka assim. E então, inesperadamente, a lembrança do sr. Nell volta à mente dele. Que susto ele deu nos garotos naquele dia, chegando logo depois das histórias de Bill, Ben e Eddie! O grupo todo quase todo pulou até o céu.

Agora, ao olhar para o cervo, Rich inspira e se vê falando com uma das Vozes… mas, pela primeira vez em 25 anos ou mais, é a voz do Policial Irlandês, uma que ele incorporou ao repertório depois daquele dia memorável. Ela sai rolando pelo silêncio da manhã como uma grande bola de boliche; sai mais alta e maior do que Richie jamais acreditaria.

— Je-sús Cristo de calça curta! Que confusão é essa que você está fazendo aqui, cervo? Je-sús Cristo! Vá pra casa antes que eu decida dedurar você pro padre O'Staggers.

Antes de os ecos terem morrido, antes de a primeira gralha em choque conseguir começar a chamar a atenção dele pelo sacrilégio, o cervo balança o rabo para ele como uma bandeira de trégua e desaparece nos abetos cinzentos do lado esquerdo da estrada, deixando uma pequena pilha de cocôs fumegantes para trás para mostrar que, mesmo aos 37 anos, Richie Tozier ainda é capaz de Mandar Bem de tempos em tempos.

Richie começa a rir. No começo, só com risinhos baixos, mas sua própria ridicularidade o surpreende, ali de pé sob a luz do amanhecer do Maine, a 5,5 mil quilômetros de casa, gritando com um cervo com sotaque de policial irlandês. As risadinhas viram uma série de risadas controladas, as risadas viram gargalhadas, as gargalhadas viram uivos, e ele acaba tendo que se segurar no carro enquanto lágrimas descem por seu rosto e ele se questiona rapidamente se vai mijar nas calças. Cada vez que começa a se controlar, ele olha para a pilha de cocôs e recomeça tudo de novo.

Ainda às gargalhadas, ele enfim consegue voltar para o banco do motorista e ligar o motor do Mustang. Um caminhão Orinco de fertilizante químico passa em uma rajada de

vento. Depois que passa, Richie volta para a estrada e segue para Derry. Ele já se sente melhor, sob controle… ou talvez seja apenas o fato de estar em movimento de novo, percorrendo quilômetros, e o sonho ter se reafirmado.

Ele começa a pensar no sr. Nell de novo, no sr. Nell e naquele dia na represa. O sr. Nell perguntou a eles quem elaborou aquela gracinha. Ele consegue ver os cinco olhando com desconforto uns para os outros e lembra-se de como Ben acabou dando um passo à frente, com bochechas pálidas e olhar baixo, o rosto todo tremendo com a luta para não gaguejar. O pobre garoto deve ter achado que pegaria de cinco a dez anos em Shawshank por fazer os bueiros da rua Witcham transbordarem, Richie pensa agora, mas assumiu mesmo assim. E ao fazer isso, ele forçou o resto a se manifestar e apoiá-lo. Era isso ou se considerarem meninos ruins. Covardes. Todas as coisas que os heróis da TV não eram. E isso os uniu, para o bem ou para o mal. Aparentemente, os uniu pelos últimos 27 anos. Às vezes, acontecimentos são como dominós. O primeiro derruba o segundo, o segundo derruba o terceiro, e não tem mais volta.

Richie se pergunta quando ficou tarde demais para voltar atrás. Quando ele e Stan apareceram e começaram a ajudar na construção da barragem? Quando Bill contou que a foto escolar do irmão virou a cabeça e piscou? Talvez… mas para Rich Tozier, parece que os dominós só começaram mesmo a cair quando Ben Hanscom deu um passo à frente e disse: "Eu mostrei a eles

2

— … como fazer. É culpa minha.

O sr. Nell apenas ficou olhando para ele, com os lábios apertados, as mãos no cinto de couro preto. Ele olhou para Ben e para a piscina atrás da represa, depois para Ben de novo, com o rosto de um homem que não consegue acreditar no que está vendo. Ele era um irlandês corpulento, com o cabelo prematuramente branco, penteado em ondas arrumadas por baixo do quepe azul. Seus olhos eram azul-claros, o nariz era vermelho. Havia pequenas redes de capilares estourados nas bochechas. Ele era um homem de altura mediana, mas para os cinco garotos de pé na frente dele, parecia ter pelo menos 2,5 metros .

O sr. Nell abriu a boca para falar, mas antes que pudesse, Bill Denbrough ficou de pé ao lado de Ben.

— F-F-F-Foi i-i-i-ideia m-m-mi-minha — ele conseguiu dizer. Ele inspirou fundo e, enquanto o sr. Nell olhava para ele impassível, com o sol reluzindo em seu distintivo, Bill conseguiu gaguejar o resto do que precisava dizer: não era culpa de Ben; Ben só tinha ido junto e mostrado como fazer melhor o que eles já estavam fazendo mal.

— Eu também — disse Eddie abruptamente, e foi para o outro lado de Ben.

— Que "eu também" é esse? — perguntou o sr. Nell. — Esse é seu nome ou seu endereço, vaqueiro?

Eddie ficou vermelho até a raiz dos cabelos.

— Eu estava com Bill antes mesmo de Ben chegar — disse ele. — Foi só isso que eu quis dizer.

Richie foi até o lado de Eddie. A ideia de que uma Voz ou duas podiam alegrar o sr. Nell um pouco, fazer com que tivesse pensamentos alegres, surgiu em sua cabeça. Pensando melhor (e pensar melhor era uma coisa extremamente rara para Richie, além de ser uma coisa maravilhosa), talvez uma Voz ou duas só fossem piorar as coisas. O sr. Nell não parecia estar com o que Richie às vezes via como um humor hahazento. Na verdade, parecia que hahas eram a última coisa na mente do sr. Nell. Então ele falou apenas "eu também participei" com voz baixa e se obrigou a calar a boca.

— E eu — disse Stan, indo ficar de pé ao lado de Bill.

Agora os cinco estavam na frente do sr. Nell, lado a lado. Ben olhou para um lado e para o outro, mais do que surpreso; ele estava quase estupefato por ter o apoio deles. Por um momento, Richie pensou que o velho Monte de Feno cairia no choro de gratidão.

— Je-sús — disse o sr. Nell de novo, e apesar de dar a impressão de profundamente enojado, pareceu que ele talvez fosse começar a gargalhar. — Nunca vi um bando mais infeliz de moleques. Se os pais de vocês soubessem onde vocês estão, acho que alguns iam ficar de bunda quente hoje. Pode ser mesmo que alguns fiquem.

Richie não conseguiu mais controlar; sua boca simplesmente se abriu e saiu correndo como o homem biscoito, como fazia com tanta frequência.

— Como estão as coisas no velho continente, sr. Nell? — disse ele. — Ah, o senhor é um colírio pros meus olhos, não tenha dúvida, é um homem lindo, um alívio…

— Vou ser um alívio pro seu traseiro em uns três segundos, meu querido amiguinho — disse o sr. Nell secamente.

Bill se virou para ele e rosnou:

— Pelo a-a-amor de D-D-Deus, R-R-Richie, ca-ca-cala a *BOCA*!

— Bom conselho, Mestre William Denbrough — disse o sr. Nell. — Aposto que Zack não sabe que você está aqui no Barrens brincando com os cocôs flutuantes, sabe?

Bill baixou os olhos e balançou a cabeça. Suas bochechas ficaram como rosas vermelhas.

O sr. Nell olhou para Ben.

— Não me lembro do seu nome, filho.

— Ben Hanscom, senhor — sussurrou Ben.

O sr. Nell assentiu e olhou para a represa de novo.

— Foi ideia sua?

— Como construir, foi. — O sussurro de Ben agora estava quase inaudível.

— Você é um tremendo engenheiro, garotão, mas não sabe porra nenhuma sobre o Barrens

e sobre o sistema de drenagem de Derry, sabe?

Ben balançou a cabeça.

Não sem gentileza, o sr. Nell falou para ele:

— O sistema tem duas partes. Uma parte carrega os detritos humanos sólidos. Merda, se não for ofensa pros ouvidos jovens de vocês. A outra parte carrega água cinza, ou seja, água da descarga de vasos sanitários ou que desce pelos ralos de pias e máquinas de lavar e chuveiros; também é a água que desce pelos bueiros para os escoadouros.

"Você não causou problema nenhum na retirada de detritos sólidos, graças a Deus; tudo isso é jogado no Kenduskeag um pouco mais para baixo. Já deve haver alguns trechos bem empapados naquela direção, uns 800 metros abaixo, secando ao sol graças ao que vocês fizeram, mas você pode ter certeza de que não tem merda grudando no teto de ninguém por causa disso.

"Mas quanto à água cinza… bem, não tem bomba pra água cinza. Isso tudo desce morro abaixo no que os engenheiros chamam de escoamento por gravidade. E aposto que você sabe onde todos os escoamentos por gravidade terminam, não sabe, garotão?"

— Ali em cima — disse Ben. Ele apontou para a área atrás da represa, que eles tinham submergido quase toda. Ele fez isso sem erguer o olhar. Grandes lágrimas começaram a descer lentamente por suas bochechas. O sr. Nell fingiu não reparar.

— Isso mesmo, meu jovem e grande amigo. Todos os escoamentos por gravidade saem nos riachos que correm pelo alto do Barrens. Na verdade, muitos dos córregos que vêm pingando são apenas água cinza, saindo de escoadouros que você não consegue nem ver de tão enterrados que estão na vegetação. A merda vai pra um lado e o resto vai pro outro, que Deus abençoe o cérebro inteligente dos homens, e já cruzou a mente de vocês que vocês passaram o dia todo pisando no mijo e na água suja de Derry?

Eddie de repente começou a ofegar e precisou usar a bombinha.

— O que vocês fizeram foi provocar refluxo em filtros que servem a Witcham, a Jackson, a Kansas e quatro ou cinco outras pequenas ruas que passam entre elas. — O sr. Nell lançou um olhar seco para Bill Denbrough. — Um deles serve a sua casa, jovem senhor Denbrough. Então é assim que estamos, com pias que não escoam, com máquinas de lavar que não escoam, com canos vazando alegremente em porões…

Ben soltou um soluço seco e choroso. Os outros se viraram para ele e afastaram o olhar. O sr. Nell colocou a mão grande no ombro do garoto. Era calejada e dura, mas, naquele momento, também foi gentil.

— Pronto, pronto. Não precisa se aborrecer, garotão. Talvez não seja tão ruim, pelo menos ainda não. Pode ser que eu tenha exagerado só um pouquinho pra fazer vocês entenderem. Me mandaram aqui pra ver se uma árvore tinha caído no rio. Acontece de tempos em tempos. Não tem necessidade de nenhuma outra pessoa além de mim e vocês cinco sabermos que não foi isso. Temos coisas mais importantes com que nos preocuparmos na cidade esses dias, não um pequeno acúmulo de água. Vou dizer no meu relatório que descobri onde foi a queda e que

alguns garotos apareceram e me ajudaram a afastar ela do caminho da água. Não que eu vá mencionar vocês pelo nome. Vocês não vão ser intimados por construírem uma represa no Barrens.

Ele observou os cinco. Ben estava secando furiosamente os olhos com o lenço; Bill estava olhando pensativo para a represa; Eddie estava segurando a bombinha em uma das mãos; Stan estava perto de Richie, com uma das mãos no braço dele, pronto para apertar com força se Richie desse algum sinal de ter qualquer coisa para dizer além de muito obrigado.

— Vocês não têm nada que brincar em um lugar sujo desses — prosseguiu o sr. Nell. — Deve ter uns sessenta tipos diferentes de doença se multiplicando aqui. O lixão fica de um lado, os riachos são cheios de xixi e água cinza, catarro e restos de comida, insetos e plantas, lama… vocês não têm nada que brincar num lugar assim. A cidade tem quatro parques limpos pra vocês jogarem bola o dia todo, e eu pego vocês aqui. Je-sús Cristo.

— N-N-Nós g-g-gostamos da-a-aqui — disse Bill de repente, desafiador. — Q-Quando b-b-brincamos aqui, n-n-ninguém se me-e-ete com a g-g-gente.

— O que ele disse? — perguntou o sr. Nell para Eddie.

— Ele disse que quando a gente brinca aqui, ninguém se mete com a gente — disse Eddie. Sua voz estava aguda e baixa, mas também inconfundivelmente firme. — E ele está certo. Quando garotos como a gente vão pro parque e dizem que querem jogar beisebol, os outros dizem claro, em que posição vocês querem jogar?

Richie gargalhou.

— Eddie Manda Bem! E… *você conseguiu!*

O sr. Nell virou a cabeça para olhar para ele.

Richie deu de ombros.

— Desculpa. Mas ele está certo. E Bill também está certo. Gostamos daqui.

Richie achou que o sr. Nell ficaria zangado de novo com isso, mas o policial de cabelo branco o surpreendeu, surpreendeu a todos, com um sorriso.

— É — disse ele. — Eu também gostava daqui quando garoto, gostava mesmo. E não vou proibir vocês. Mas prestem atenção no que estou dizendo. — Ele apontou um dedo para eles, e todos olharam com seriedade. — Se vocês vierem aqui brincar, venham em grupo como agora. Juntos. Entenderam?

Eles assentiram.

— Isso significa juntos *o tempo todo.* Nada de brincadeira de pique-esconde em que vocês se separam. Vocês todos sabem o que está acontecendo nesta cidade. Mesmo assim, não proíbo vocês de virem aqui, principalmente porque vocês viriam de qualquer jeito. Mas pro bem de vocês, aqui ou em qualquer outro lugar, fiquem juntos. — Ele olhou para Bill. — Você discorda de mim, jovem mestre Bill Denbrough?

— N-N-Não, senhor — disse Bill. — V-Vamos ficar j-j-jun…

— Pra mim, está bom — disse o sr. Nell. — Vamos apertar as mãos.

Bill esticou a mão e o sr. Nell a apertou.

Richie se soltou de Stan e deu um passo à frente.

— Não tenha dúvida, sr. Nell, o senhor é um príncipe entre os homens! Um homem de primeira! Um homem de primeiríssima! — Ele esticou a mão, segurou a mãozona do irlandês e a balançou furiosamente, sorrindo o tempo todo. Para o perplexo sr. Nell, o garoto parecia uma paródia terrível de Franklin D. Roosevelt.

— Obrigado, garoto — disse o sr. Nell, recolhendo a mão. — É melhor trabalhar um pouco nisso. Por enquanto, você fala com sotaque tão irlandês quanto Groucho Marx.

Os outros garotos riram, mais por alívio. Mesmo rindo, Stan lançou um olhar de reprovação para Richie: *Cresça, Richie!*

O sr. Nell apertou a mão de todos, sendo a de Ben a última;

— Você não tem nada do que ter vergonha além de uma avaliação ruim, garotão. Quanto àquilo… você aprendeu como fazer em um livro?

Ben balançou a cabeça.

— Descobriu sozinho?

— Sim, senhor.

— Macacos me mordam! Você vai fazer coisas grandiosas um dia, não tenho dúvida. Mas o Barrens não é lugar pra elas. — Ele olhou ao redor, pensativo. — Nenhuma coisa grandiosa vai ser feita aqui. É um lugar horrível. — Ele suspirou. — Derrubem, garotos. Apenas derrubem. Acho que vou me sentar naquela sombra e esperar vocês terminarem. — Ele olhou ironicamente para Richie ao falar, como se convidando outra explosão louca.

— Sim, senhor — disse Richie humildemente, e isso foi tudo.

O sr. Nell assentiu satisfeito, e os garotos começaram a trabalhar, mais uma vez se voltando para Ben, desta vez para que mostrasse a eles a forma mais rápida de destruir o que ele havia mostrado como construir. Enquanto isso, o sr. Nell pegou uma garrafa marrom dentro da jaqueta e deu um gole grande. Ele tossiu, expirou em um grande suspiro e observou os garotos com olhos úmidos e benevolentes.

— E o que tem na sua garrafa, senhor? — perguntou Richie do lugar onde estava, com água até os joelhos.

— Richie, você não consegue calar a boca nunca? — sibilou Eddie.

— Isto? — O sr. Nell olhou para Richie com surpresa controlada e olhou para a garrafa de novo. Não tinha nenhum tipo de etiqueta. — É o xarope pra tosse dos deuses, meu garoto. Agora vamos ver se você consegue trabalhar tão rápido quanto consegue mexer a boca.

3

Bill e Richie estavam andando pela rua Witcham juntos mais tarde. Bill estava empurrando Silver. Depois de primeiro construir e mais tarde destruir a

barragem, ele não tinha a energia necessária para andar na bicicleta. Os dois garotos estavam sujos, desgrenhados e bem cansados.

Stan tinha perguntado se eles queriam ir até a casa dele jogar Monopólio ou Parcheesi ou alguma outra coisa, mas ninguém quis. Estava ficando tarde. Ben, parecendo cansado e deprimido, disse que ia para casa ver se alguém tinha devolvido seus livros da biblioteca. Ele tinha esperança disso, pois a biblioteca de Derry insistia em escrever o endereço de quem retirou o livro junto com o nome em cada cartão de retirada. Eddie disse que iria assistir *The Rock Show* na TV porque Neil Sedaka participaria, e ele queria ver se o cantor era negro. Stan disse para Eddie não ser idiota, Neil Sedaka era branco, dava para saber que ele era branco só de ouvi-lo. Eddie alegou que não dava para saber de nada só ouvindo; até o ano anterior, ele tinha certeza de que Chuck Berry era branco, mas quando *ele* apareceu em *Bandstand*, Eddie viu que era negro.

— Minha mãe *ainda* pensa que ele é branco, o que é uma coisa boa — disse Eddie. — Se ela descobrir que é negro, não vai me deixar mais ouvir as músicas dele.

Stan apostou quatro revistinhas que Neil Sedaka era branco, e os dois foram juntos para a casa de Eddie a fim de resolver a questão.

E aqui estavam Bill e Richie, seguindo em uma direção que os levaria para a casa de Bill depois de um tempo, e nenhum dos dois estava falando muito. Richie se viu pensando na história de Bill sobre a foto que virou a cabeça e piscou. E, apesar do cansaço, uma ideia lhe ocorreu. Era loucura… mas também era bem atraente.

— Billy, meu garoto — disse ele. — Vamos parar um pouco. Cinco minutos. Estou morto.

— Não d-d-dá — disse Bill, mas parou, colocou Silver cuidadosamente no gramado verde do Seminário Teológico, e os dois garotos se sentaram nos degraus largos de pedra que levavam até o prédio vitoriano vermelho.

— Que d-d-dia — disse Bill com tristeza. Havia manchas roxas embaixo dos olhos dele. Seu rosto parecia cansado e velho. — É melhor você ligar pra sua casa q-quando chegarmos na mi-minha. Pros seus p-pais não ficarem d-d-doidos.

— É. Pode apostar. Escuta, Bill…

Richie fez uma pausa por um momento, pensando na múmia de Ben, no leproso de Eddie e no que Stan quase contou para eles, fosse o que fosse. Por um momento, uma coisa surgiu em sua mente, uma coisa sobre aquela estátua de Paul Bunyan no City Center. Mas aquilo foi só um *sonho*, pelo amor de Deus.

Ele afastou os pensamentos irrelevantes e falou:

— Vamos pra sua casa, o que você acha? Dar uma olhada no quarto de Georgie. Quero ver aquela foto.

Bill olhou para Richie, chocado. Ele tentou falar, mas não conseguiu; ficou nervoso demais. Acabou balançando a cabeça violentamente.

Richie disse:

— Você ouviu a história de Eddie. E de Ben. Você acredita no que eles disseram?

— Não s-s-sei. Acho q-que eles d-d-devem ter vi-visto alguma c-coisa.

— É. Eu também. Todos os garotos que foram mortos aqui, acho que todos *eles* teriam histórias pra contar também. A única diferença entre Ben e Eddie e esses outros garotos é que Ben e Eddie não foram pegos.

Bill ergueu as sobrancelhas, mas não mostrou grande surpresa. Richie supusera que Bill chegaria à mesma conclusão sozinho. Ele não conseguia falar muito bem, mas não era burro.

— Pensa um pouco nisso, Big Bill — disse Richie. — Um cara poderia se vestir com roupa de palhaço pra matar crianças. Não sei por que iria querer fazer isso, mas ninguém sabe por que os loucos fazem as coisas que fazem, certo?

— Ce-e-erto.

— Certo. Não é muito diferente do Coringa em uma revistinha do Batman. — Richie ficava empolgado só de ouvir suas ideias em voz alta. Ele se perguntou rapidamente se estava tentando provar alguma coisa ou apenas lançando uma cortina de fumaça de palavras para poder ver aquele quarto, aquela foto. No final, não importava muito. No final, talvez só ver os olhos de Bill se iluminarem com empolgação fosse o bastante.

— M-M-Mas onde a fo-foto se enc-caixa?

— O que *você* acha, Billy?

Com voz baixa, sem olhar para Richie, Bill falou que achava que não tinha nada a ver com os assassinatos.

— Acho que foi o f-f-fantasma de Gi-Gi-Georgie.

— Um fantasma numa *foto*?

Bill assentiu.

Richie pensou sobre o assunto. A ideia de fantasmas não era problema nenhum para sua mente infantil. Ele tinha certeza de que existiam. Seus pais eram metodistas, e Richie ia à igreja todos os domingos, e às reuniões de quintas à noite da Juventude Metodista também. Ele já sabia muita coisa da Bíblia, e sabia que a Bíblia acreditava em todo tipo de coisa estranha. De acordo com a Bíblia, o próprio Deus era pelo menos um terço Espírito, e isso era apenas o começo. Dava para perceber que a Bíblia acreditava em demônios, porque Jesus tirou um bando deles de um cara. Demônias bem gostosas, na verdade. Quando Jesus perguntou ao cara qual era seu nome, os demônios responderam e disseram para Ele ir para a Legião Estrangeira. Ou alguma coisa assim. A Bíblia acreditava em bruxas, senão por que diria "A feiticeira não deixarás viver"? Algumas das coisas na Bíblia até eram melhores do que quadrinhos de terror. As pessoas eram fervidas em óleo ou penduradas como Judas Iscariotes;

a história de quando o rei Acaz caiu da torre e todos os cachorros lamberam seu sangue; os assassinatos em massa de bebês que se seguiram ao nascimento de Moisés e Jesus Cristo; caras que saíam dos túmulos ou voavam; soldados que enfeitiçaram muros para derrubá-los; profetas que viam o futuro e lutavam com monstros. Tudo isso estava na Bíblia, e cada palavra era verdade; ao menos, era o que dizia o reverendo Craig, e era o que diziam os pais de Richie, e era o que dizia Richie. Ele estava perfeitamente disposto a aceitar a possibilidade da explicação de Bill; era a lógica que o perturbava.

— Mas você disse que ficou com medo. Por que o fantasma de George iria querer assustar você?

Bill passou a mão na boca e a secou. A mão estava tremendo de leve.

— E-Ele deve estar z-z-zangado co-co-comigo. Por m-mandar ele p-pra mo-o-orte. Foi minha c-c-culpa. Eu m-mandei ele pra rua com o b-b-b… — Ele não conseguiu formular a palavra, então balançou a mão no ar. Richie assentiu para mostrar que entendeu o que Bill queria dizer… mas não para indicar que concordava.

— Acho que não — disse ele. — Se você tivesse enfiado uma faca nas costas dele ou dado um tiro, seria diferente. Até se tivesse dado pra ele uma arma carregada que era do seu pai, ele tivesse ido brincar e acabasse dando um tiro nele mesmo. Mas não era uma arma, era só um barco. Você não queria machucar ele; na verdade — Richie ergueu um dedo e balançou na direção de Bill parecendo um advogado —, você só queria que o garoto se divertisse um pouco, certo?

Bill pensou no que aconteceu, pensou desesperadamente. O que Richie tinha acabado de dizer o fez sentir melhor em relação à morte de Georgie pela primeira vez em meses, mas havia uma parte dele que insistia com firmeza silenciosa que ele não *devia* se sentir melhor. É *claro* que foi sua culpa, insistia aquela parte dele; não completamente, talvez, mas pelo menos parcialmente.

Se não foi, como é que tem aquele lugar frio no sofá entre sua mãe e seu pai? Se não foi, como ninguém fala mais nada na mesa do jantar? Agora são apenas garfos e facas batendo até você não aguentar mais e pedir l-l-licença, por favor.

Era como se *ele* fosse o fantasma, uma presença que falava e se movia, mas não era ouvida nem vista, uma coisa sentida vagamente, mas ainda não aceita como real.

Ele não gostava da ideia de que tinha culpa, mas a única alternativa na qual ele conseguia pensar para explicar o comportamento deles era bem pior: que todo o amor e atenção que os pais deram a ele antes foram resultado da presença de George e, sem George, não havia nada para ele… e tudo isso aconteceu aleatoriamente, sem motivo nenhum. E se você colocasse o ouvido *nessa* porta, dava para ouvir os ventos da loucura soprando lá dentro.

Assim, ele refletiu sobre o que tinha feito, sentido e dito no dia em que Georgie morreu, parte dele torcendo para o que Richie falou ser verdade, parte dele torcendo com a mesma intensidade para que não fosse. Ele não era um irmão mais velho santo, isso era certo. Eles brigaram, e muitas vezes. Devem ter brigado naquele dia, não?

Não. Briga nenhuma. Primeiro, porque o próprio Bill ainda estava se sentindo mal demais para ter uma boa briga com George. Ele estava dormindo, sonhando alguma coisa, sonhando com

(uma tartaruga)

algum animalzinho engraçado, ele não conseguia lembrar qual, e acordou com o som da chuva diminuindo lá fora e George resmungando sozinho com tristeza na sala de jantar. Ele perguntou a George qual era o problema. George entrou no quarto e disse que estava tentando fazer um barco de papel seguindo as instruções de seu livro de atividades, mas sempre ficava errado. Bill falou para George pegar o livro. E sentado ao lado de Richie, nos degraus que levavam ao seminário, ele se lembrou de como os olhos de Georgie se iluminaram quando o barco de papel ficou certo, e no quanto aquela expressão o fez se sentir bem, como se George o achasse fodão mesmo, um cara bom, o sujeito que era capaz de tentar até acertar. Que o fez se sentir, em resumo, um irmão mais velho.

O barco matou George, mas Richie estava certo; não era a mesma coisa do que dar a George uma arma carregada para brincar. Bill não sabia o que aconteceria. Não havia como.

Ele inspirou fundo, tremendo, sentindo alguma coisa como uma pedra, uma coisa que ele nem sabia que estava lá, sair de seu peito. De repente, sentiu-se melhor, melhor com relação a tudo.

Ele abriu a boca para dizer isso a Richie e acabou caindo no choro.

Alarmado, Richie passou o braço pelos ombros de Bill (depois de dar uma olhada rápida ao redor para ter certeza de que ninguém que pudesse os confundir com um casal de bichas estivesse olhando).

— Você está bem — disse ele. — Você está bem, Billy, né? Vamos lá. Desliga a torneirinha.

— *Eu não q-q-queria q-que ele mo-o-orresse!* — soluçou Bill. — *N-NÃO ESTAVA N-NA MI-MINHA C-C-CABEÇA!*

— Meu Deus, Billy, eu sei que não — disse Richie. — Se você quisesse dar fim nele, teria empurrado da escada, sei lá. — Richie bateu desajeitado no ombro de Bill e deu um abraço forte antes de soltá-lo. — Vamos lá, para de chorar, tá? Você parece um bebê.

Pouco a pouco, Bill parou. Ele ainda estava sentindo dor, mas essa dor parecia mais limpa, como se ele tivesse se cortado e tirado uma coisa que estava apodrecendo dentro dele. E a sensação de alívio ainda estava lá.

— Eu n-não q-queria que ele m-m-morresse — repetiu Bill —, e s-se vo-vo-você c-contar pra alguém q-que eu ch-chorei, v-vou q-quebrar seu na-nariz.

— Não vou contar — disse Richie —, não se preocupe. Ele era seu irmão, caramba. Se meu irmão morresse, eu ia chorar até a cabeça explodir.

— V-V-Você n-não tem irm-mão.

— É, mas se tivesse.

— V-Você ia?

— Claro. — Richie fez uma pausa, avaliou Bill com cautela e tentou decidir se ele tinha superado a crise. Ele ainda estava secando os olhos vermelhos com o trapo de meleca, mas Richie decidiu que achava que sim. — Eu só quis dizer que não sei por que George iria querer te assombrar. Então quem sabe a foto tem alguma coisa a ver com… bem, com aquele outro. O palhaço.

— D-De re-re-repente Gi-Gi-George n-n-não s-sabe. De repente ele p-p-pensa…

Richie entendeu o que Bill estava tentando dizer e afastou o pensamento com um gesto.

— Depois que você bate as botas, sabe tudo que as pessoas já pensaram sobre você, Big Bill. — Ele falou com o ar indulgente de um grande professor corrigindo as ideias insensatas de um caipira. — Está na Bíblia. Ela diz: "Sim, apesar de não conseguirmos ver muito no espelho agora, veremos através dele como se fosse uma janela depois da morte." Está na Primeira Epístola aos Tessalonicenses ou na Segunda aos Babilônios, esqueci qual. Significa…

— E-Entendi o q-que s-s-significa — disse Bill.

— O que você diz então?

— Hã?

— Vamos pro quarto dele dar uma olhada. Quem sabe a gente consegue uma pista de quem está matando as crianças.

— Estou c-com m-m-medo.

— Eu também — disse Richie, pensando que era mais areia, alguma coisa a dizer para fazer Bill se mexer, e então uma coisa pesada se revirou em suas entranhas e ele descobriu que era verdade: estava roxo de medo.

4

Os dois garotos entraram na casa da família Denbrough como fantasmas.

O pai de Bill ainda estava no trabalho. Sharon Denbrough estava na cozinha, lendo um livro à mesa. O cheiro do jantar, bacalhau, chegava ao saguão da frente. Richie ligou para casa, para sua mãe saber que ele não estava morto, só estava na casa de Bill.

— Tem alguém aí? — gritou a sra. Denbrough quando Richie colocou o telefone no gancho. Os dois ficaram imóveis e se entreolharam com culpa. E então, Bill gritou:

— E-Eu, mãe. E R-R-R-R-R…

— Richie Tozier, senhora — gritou Richie.

— Oi, Richie — gritou a sra. Denbrough em resposta, com a voz desligada, quase ausente.

— Quer ficar pro jantar?

— Obrigado, senhora, mas minha mãe vem me pegar em meia hora.

— Diga que mandei um oi, certo?

— Pode deixar, senhora, eu digo.

— V-Vem — sussurrou Bill. — Chega de c-conversinha.

Eles subiram a escada e seguiram pelo corredor até o quarto de Bill. Era arrumado no estilo de um garoto, o que queria dizer que teria dado à mãe do garoto em questão apenas uma dor de cabeça mediana ao olhar. As prateleiras estavam lotadas com coleções de livros e quadrinhos. Havia mais quadrinhos, alguns modelos, brinquedos e uma pilha de discos de 45 rotações sobre a escrivaninha. Havia também uma velha máquina de escrever Underwood sobre ela. Os pais tinham lhe dado de Natal dois anos antes, e Bill às vezes escrevia histórias nela. Ele fazia isso com um pouco mais de frequência desde a morte de George. O fingimento parecia acalmar sua mente.

Havia uma vitrola no chão em frente à cama com uma pilha de roupas dobradas empilhadas sobre a tampa. Bill colocou as roupas nas gavetas da cômoda e pegou os discos na escrivaninha. Procurou entre eles e separou uns seis. Ele colocou-os no pino grosso da vitrola e ligou o aparelho. The Fleetwoods começou a cantar “Come Softly Darling”.

Richie apertou o nariz.

Bill sorriu apesar do coração disparado.

— E-Eles n-não g-g-gostam de rock-and-r-roll — disse ele. — Me de-deram esse d-de aniversário. E dois d-discos de P-Pat B-B-Boone e T-T-Tommy Sands. Guardo L-L-Little R-Richard e S-Screaming J-Jay Hawkins pra quando eles não estão aq-qui. Mas se ela ouvir a m-m-música, vai pe-pensar que estamos n-no m-meu quarto. V-Vem.

O quarto de George ficava do outro lado do corredor. A porta estava fechada. Richie olhou para ela e lambeu os lábios.

— Não deixam trancada? — sussurrou ele para Bill. De repente, viu-se torcendo para estar trancada. De repente, estava tendo dificuldade em acreditar que isso tinha sido ideia dele.

Bill, com rosto pálido, balançou a cabeça e girou a maçaneta. Ele entrou e olhou para trás, para Richie. Depois de um momento, Richie foi atrás. Bill fechou a porta, abafando o som do The Fleetwoods. Richie deu um pulinho ao ouvir a maçaneta estalando.

Ele olhou ao redor, com medo e intensamente curioso ao mesmo tempo. A primeira coisa que reparou foi na secura mofada do ar. *Ninguém abre nem uma janela aqui há muito tempo*, pensou ele. *Droga, ninguém* respira *aqui há muito tempo. É essa a sensação de verdade.* Ele tremeu um pouco com esse pensamento e lambeu os lábios de novo.

Seus olhos seguiram para a cama, e ele pensou em George dormindo agora debaixo de um edredom de terra no cemitério Mount Hope. Apodrecendo lá. Com as mãos não unidas, porque você precisava ter duas para fazer o gesto das mãos unidas no peito, e George foi enterrado só com uma.

Um som baixo escapou da garganta de Richie. Bill se virou e olhou para ele com

curiosidade.

— Você está certo — disse Richie com voz rouca. — É assustador aqui. Não sei como você conseguiu aguentar entrar sozinho.

— E-Ele era m-meu irmão — disse Bill simplesmente. — Às v-vezes eu q-q-quero, só isso.

Havia pôsteres nas paredes, pôsteres de garoto pequeno. Um mostrava Tom Terrific, o personagem animado do programa do Captain Kangaroo. Tom estava dando uma cambalhota e segurando as mãos de Crabby Appleton, que era, é claro, Podre até o Caroço. Outro mostrava os sobrinhos do Pato Donald, Huguinho, Zezinho e Luizinho, marchando para a selva com os bonés de escoteiro de pele de guaxinim. Um terceiro, que o próprio George tinha colorido, mostrava Mr. Do controlando o trânsito de forma que um grupo de criancinhas indo para a escola pudesse atravessar a rua. MR. DO MANDA ESPERAR O GUARDA PARA ATRAVESSAR!, dizia a legenda.

O garoto não conseguia nem pintar dentro das linhas, pensou Richie, depois tremeu. O garoto também nunca iria melhorar nisso. Richie olhou para a mesa ao lado da janela. A sra. Denbrough tinha colocado todos os boletins de George ali, entreabertos. Ao olhar para eles, sabendo que jamais haveria outros, sabendo que George tinha morrido antes mesmo de conseguir pintar dentro das linhas, sabendo que a vida dele tinha terminado irrevogável e eternamente com apenas aqueles poucos boletins do jardim e do primeiro ano, toda a verdade idiota da morte bateu com tudo na cara de Richie pela primeira vez. Foi como se um cofre grande de ferro tivesse caído em seu cérebro e afundado lá. *Eu poderia morrer!*, gritava sua mente com ele de repente, em tons de horror traído. *Qualquer pessoa poderia! Qualquer pessoa poderia!*

— Cara, ah, cara — disse ele com voz trêmula. Ele não conseguia falar mais nada.

— É — disse Bill em um quase sussurro. Ele se sentou na cama de George. — Olha.

Richie seguiu o dedo esticado de Bill e viu o álbum de fotos caído no chão, fechado. MINHAS FOTOGRAFIAS, leu Richie. GEORGE ELMER DENBROUGH, 6 ANOS.

Seis anos!, gritou sua mente nos mesmos tons de pura traição. *Seis anos para sempre! Qualquer pessoa poderia! Merda! Qualquer porra de pessoa!*

— Estava a-a-aberto — disse Bill. — A-Antes.

— Então ele se fechou — disse Richie com desconforto. Ele se sentou na cama ao lado de Bill e olhou para o álbum de fotos. — Muitos livros se fecham sozinhos.

— As *p-p-páginas*, talvez, mas n-não a c-c-capa. Ela se f-fechou sozinha. — Ele olhou para Richie com seriedade, com olhos muito escuros no rosto pálido e cansado. — M-Mas ele q-quer que v-você o a-abra de no-novo. É o que eu a-acho.

Richie se levantou e andou lentamente até o álbum de fotografias. Estava embaixo de uma janela coberta com cortinas leves. Ao olhar para fora, ele viu a macieira no quintal dos Denbrough. Um balanço ia lentamente para a frente e para trás, pendurado em um galho preto e retorcido.

Ele olhou para o álbum de George de novo.

Uma mancha seca marrom coloria a lateral das páginas no meio do livro. Podia ser ketchup velho. Claro; era bem fácil ver George olhando para o álbum de fotos enquanto comia um cachorro-quente ou um hambúrguer cheio de molho. Ele dá uma mordida e um pouco de ketchup cai no álbum. Crianças pequenas sempre faziam coisas retardadas assim. Podia ser ketchup. Mas Richie sabia que não era.

Ele tocou rapidamente no álbum e afastou a mão. Estava frio. Estava em um lugar sob forte luz do sol de verão, apenas levemente filtrada pelas cortinas leves, e teria captado a luz o dia todo, mas estava frio.

Vamos deixar ele em paz, pensou Richie. *Não quero olhar mesmo pra esse álbum idiota, ver um monte de gente que não conheço. Acho que vou dizer pro Bill que mudei de ideia e que podemos ir pro quarto dele ler quadrinhos por um tempo, depois vou pra casa jantar e dormir cedo porque estou bem cansado, e quando eu acordar amanhã de manhã, vou ter certeza de que era só ketchup. É isso que vou fazer. Sim, senhor.*

Assim, ele abriu o álbum com mãos que pareciam a mil quilômetros de distância do corpo, no final de longos braços de plástico, e olhou para os rostos e lugares no álbum de George, as tias, os tios, os bebês, as casas, os velhos Fords e Studebakers, os fios telefônicos, as caixas de correio, as cercas brancas, as marcas de pneus com água lamacenta, a roda-gigante na feira do condado de Esty, a Torre de Água, as ruínas da Siderúrgica Kitchener…

Seus dedos viraram mais e mais rápido as páginas, e de repente elas estavam em branco. Ele virou de volta, sem querer, mas incapaz de se impedir. Aqui estava uma foto do centro de Derry, da rua Main e da rua Canal de cerca de 1930, e depois dela não havia nada.

— Não tem foto escolar de George aqui — disse Richie. Ele olhou para Bill com uma mistura de alívio e exasperação. — Que tipo de peça você queria me pregar, Big Bill?

— O q-q-quê?

— Essa foto antiga do centro é a última do álbum. Todas as outras páginas estão vazias.

Bill levantou da cama e foi até Richie. Olhou para a foto do centro de Derry como era quase trinta anos antes, com carros e caminhões antiquados, postes de luz velhos com amontoados de globos como grandes uvas brancas, pedestres ao lado do canal pegos em meio à caminhada pelo clique de uma lente. Virou a página e, como Richie havia dito, não havia nada.

Não, espere… não *exatamente* nada. Havia uma cantoneira, do tipo que se usava para prender as fotos.

— E-E-Estava aqui — disse ele, e bateu na cantoneira. — O-Olha.

— Caramba! O que você acha que aconteceu com ela?

— Eu n-não s-s-sei.

Bill tinha tirado o álbum da mão de Richie e agora estava segurando-o no colo. Ele voltou as páginas em busca da foto de George. Desistiu depois de um minuto, mas as páginas, não. Elas viraram sozinhas, devagar mas com firmeza, com grandes e deliberados sons de movimento. Bill e Richie se entreolharam, espantados, depois se voltaram para o álbum.

Ele finalmente chegou na última foto de novo, e as páginas pararam de virar. Aqui estava o centro de Derry em tons de sépia, a cidade como era bem antes de Bill e Richie nascerem.

— Puts! — disse Richie de repente, e pegou o álbum da mão de Bill. Não havia medo na voz dele agora, e seu rosto estava tomado de espanto. — Puta merda!

— O q-quê? O que a-aconteceu?

— Nós! É isso que aconteceu! Minha nossa senhora, *olha*!

Bill segurou um lado do álbum. Inclinados sobre ele, compartilhando-o, eles pareciam garotos em um coral. Bill inspirou de repente, e Richie soube que também tinha visto.

Presos sob a superfície brilhosa da velha foto em preto e branco, dois garotos pequenos andavam pela rua Main na direção do ponto em que a Main e a Center se cruzavam, o ponto em que o canal passava a ser subterrâneo por pouco mais de 2 quilômetros. Os dois garotos apareciam claramente em frente ao muro baixo de concreto na lateral do canal. Um estava de calção. O outro usava uma roupa que quase parecia de marinheiro. Usava um boné de tweed na cabeça. Eles estavam virados com três quartos de perfil em direção à câmera, olhando para alguma coisa do outro lado da rua. O garoto de calção era Richie Tozier, sem dúvida nenhuma. E o garoto de roupa de marinheiro e boné de tweed era Bill Gago.

Eles olharam para si mesmos em uma foto quase três vezes mais velha que eles, hipnotizados. O interior da boca de Richie de repente ficou seco como poeira e liso como vidro. Alguns passos à frente dos garotos na foto havia um homem segurando a aba do chapéu, com o sobretudo congelado para sempre voando atrás dele em uma rajada súbita de vento. Havia Fords Modelo T nas ruas, um Pierce-Arrow, Chevrolets com degraus embaixo da porta para embarque.

— N-N-N-Não ac-credito… — Bill começou a dizer, e foi aí que a foto começou a se mover.

O Modelo T que deveria ter ficado eternamente no meio do cruzamento (ou pelo menos até os produtos químicos da velha foto se dissolverem completamente) passou por ele, com uma névoa de fumaça saindo do escapamento. Seguiu na direção da colina Up-Mile. Uma pequena mão branca saiu pela janela do motorista e sinalizou que entraria à esquerda. Ele entrou na rua Court e passou pela borda branca da foto, para fora do campo de visão.

O Pierce-Arrow, os Chevrolets, os Packards… todos começaram a andar atrás, seguindo caminhos separados no cruzamento. Depois de 28 anos, a beirada do sobretudo do homem finalmente terminou o movimento sob o vento. Ele enfiou o chapéu com mais firmeza na cabeça e seguiu em frente.

Os dois garotos terminaram de virar, ficando totalmente de frente, e um momento depois Richie viu que eles estavam olhando para um cachorro sarnento que andava pela rua Center. O garoto de roupa de marinheiro, Bill, levou dois dedos até o canto da boca e assobiou. Perplexo muito além de sua capacidade de se mover e pensar, Richie percebeu que conseguia *ouvir* o assobio, conseguia *ouvir* os motores irregulares como máquinas de costura dos carros. Os sons eram baixos, como sons ouvidos através de vidro grosso, mas estavam *lá*.

O cachorro olhou para os dois garotos, depois seguiu andando. Os garotos trocaram um olhar e caíram na gargalhada, com vozes agudas. Eles continuaram andando, e então o Richie de calção segurou Bill pelo braço e apontou para o canal. Eles se viraram naquela direção.

Não, pensou Richie, não façam isso, não…

Eles foram até o muro baixo de concreto, e de repente o palhaço surgiu atrás como um boneco horrível saindo de uma caixa, um palhaço com o rosto de George Denbrough, com o cabelo penteado para trás, a boca com um sorriso medonho cheio de tinta manchada, olhos de buracos negros. Uma das mãos segurava três balões com barbante. Ele esticou a outra para o garoto de roupa de marinheiro e segurou seu pescoço.

— *NA-NA-NÃO!* — gritou Bill, e esticou a mão para a foto.

Esticou a mão para dentro da foto.

— *Para, Bill!* — gritou Richie, e esticou a mão para segurá-lo.

Quase foi tarde demais. Ele viu as pontas dos dedos de Bill entrarem pela superfície da foto, naquele outro mundo. Viu as pontas dos dedos passarem do rosado quente de pele viva à mumificada cor creme que era o branco das fotos velhas. Ao mesmo tempo, ficaram pequenos e desconectados. Era como a peculiar ilusão de ótica que se vê ao enfiar a mão em uma tigela de vidro cheia de água: a parte da mão debaixo da água parece estar flutuando, desencorpada, a centímetros da parte que ainda está fora da água.

Uma série de cortes diagonais surgiu nos dedos de Bill no ponto em que deixaram de ser os dedos dele e passaram a ser dedos da foto; era como se ele tivesse enfiado as mãos nas pás de um ventilador em vez de em uma foto.

Richie segurou o antebraço dele e deu um grande puxão. Os dois caíram. O álbum de George bateu no chão e se fechou com um estalo seco. Bill enfiou os dedos na boca. Lágrimas de dor surgiram em seus olhos. Richie conseguia ver sangue escorrendo pela palma até o pulso em filetes.

— Deixa eu ver — disse ele.

— D-Dói — disse Bill.

Ele esticou a mão para Richie, com a palma para baixo. Havia cortes parecendo uma escada pelo indicador, dedo médio e anelar. O mindinho mal tinha tocado na superfície da foto (se é que ela *tinha* uma superfície), e apesar de o dedo não ter sido cortado, Bill disse para Richie depois que a unha tinha sido cortada, como se por uma tesoura de manicure.

— Meu Deus, Bill — disse Richie. Band-aids. Era só nisso que ele conseguia pensar. Deus, eles tiveram sorte. Se ele não tivesse puxado o braço de Bill naquele momento, seus dedos podiam ter sido amputados em vez de estarem apenas com cortes feios. — Temos que ajeitar isso. Sua mãe pode…

— N-N-Não se p-preocupe com m-minha m-mãe — disse Bill. Ele pegou o álbum de foto, e gotas de sangue caíram no chão.

— Não abre isso de novo! — gritou Richie, apertando freneticamente o ombro de Bill. — Jesus Cristo, Billy, você quase perdeu seus *dedos*!

Bill o afastou. Ele virou as páginas, e havia uma determinação macabra em seu rosto que assustou Richie mais do que qualquer outra coisa. Os olhos de Bill pareciam quase loucos. Os dedos feridos marcaram o álbum de George com sangue novo. Ainda não parecia ketchup, mas quando o sangue tivesse tempo de secar, pareceria. Sem dúvida.

E ali estava a foto do centro de novo.

O Modelo T estava no meio do cruzamento. Os outros carros estavam congelados nos mesmos lugares de antes. O homem andando na direção do cruzamento segurava a aba do chapéu; o casaco mais uma vez voava no vento.

Os dois garotos tinham sumido.

Não havia garoto nenhum nessa foto. Mas…

— Olha — sussurrou Richie, e apontou. Ele teve o cuidado de manter a ponta do dedo longe da foto. Um arco aparecia logo acima da beirada do muro baixo de pedra do canal, a parte de cima de uma coisa redonda.

Uma coisa que parecia um balão.

5

Eles saíram do quarto de George bem na hora. A mãe de Bill era uma voz no pé da escada e uma sombra na parede.

— Vocês estão lutando, meninos? — perguntou ela com intensidade. — Ouvi um baque.

— Só um p-p-pouco, m-mãe. — Bill olhou para Richie. *Fica quieto*, dizia o olhar.

— Quero que parem. Achei que o teto ia cair na minha cabeça.

— T-Tá bom.

Eles a ouviram voltar para a frente da casa. Bill tinha enrolado o lenço na mão, que ainda sangrava. O lenço estava ficando vermelho e a qualquer momento começaria a pingar. Os garotos foram até o banheiro, onde Bill colocou a mão debaixo da torneira até o sangramento parar. Limpos, os cortes pareciam finos, mas muito fundos. Olhar para as beiradas brancas e para a carne vermelha dentro fez Richie ficar enjoado. Ele os enrolou com band-aids o mais rápido que conseguiu.

— D-D-Dói pra diabos — disse Bill.

— Por que você foi colocar a mão lá, seu merda?

Bill olhou com seriedade para os anéis de band-aid nos dedos e depois para Richie.

— E-E-Era o p-palhaço — disse ele. — E-Era o p-palhaço fingindo ser Gi-Gi-George.

— Isso mesmo — disse Richie. — Assim como era o palhaço fingindo ser a múmia quando

Ben viu. Como era o palhaço fingindo ser o mendigo doente quando Eddie viu.

— O le-le-leproso.

— Isso.

— Mas é m-mesmo um p-p-palhaço?

— É um monstro — disse Richie com voz séria. — Algum tipo de monstro. Algum tipo de monstro bem aqui em Derry. E está matando crianças.

6

Em um sábado, não muito tempo depois do incidente da represa no Barrens, do sr. Nell e da foto que se mexeu, Richie, Ben e Beverly Marsh ficaram cara a cara não com um monstro, mas dois, e pagaram por isso. Ao menos, Richie pagou. Esses monstros eram assustadores, mas não realmente perigosos; eles perseguiam as vítimas nas telas do Cinema Aladdin enquanto Richie, Ben e Bev assistiam do balcão.

Um dos monstros era um lobisomem, interpretado por Michael Landon, e ele era legal porque, mesmo quando era o lobisomem, ainda tinha uma espécie de corte de cabelo com topete. O outro era uma máquina viva, interpretado por Gary Conway. Ele foi trazido de volta à vida por um descendente de Victor Frankenstein, que deu todas as partes de que não precisava para um bando de crocodilos que tinha no porão. Também no programa: um cinejornal que mostrava a mais recente moda em Paris e as explosões de foguetes em Cabo Canaveral; dois desenhos da Warner Brothers; um desenho do Popeye e um desenho do Picolino (por algum motivo, o chapéu do Picolino sempre fazia Richie morrer de rir); e PRÉVIAS DE FUTURAS ATRAÇÕES. As futuras atrações incluíam dois filmes que Richie imediatamente colocou na lista dos que queria assistir: *Casei-me com um monstro* e *A bolha assassina.*

Ben ficou muito calado durante a sessão. O velho Monte de Feno quase tinha sido visto por Henry, Arroto e Victor mais cedo, e Richie supôs que era isso que o perturbava. Mas Ben já tinha esquecido os calhordas (eles estavam sentados perto da tela no andar de baixo, jogando caixas de pipoca uns nos outros e gritando). Beverly era o motivo do silêncio dele. A

proximidade dela era algo tão intenso que ele quase estava se sentindo mal. Seu corpo ficava todo arrepiado e, se ela ao menos se mexesse na cadeira, sua pele ficava quente, como se com febre. Quando a mão dela roçou nele à procura de pipoca, ele tremeu de exultação. Depois, pensou que aquelas três horas no escuro ao lado de Beverly foram as mais longas e mais curtas de sua vida.

Richie, sem saber que Ben estava entregue aos devaneios do amor juvenil, se sentia muito bem, obrigado. Na opinião dele, a única coisa melhor do que uns filmes *E… o mulo falou* eram filmes de terror em um cinema cheio de crianças, todas gritando e berrando nas partes nojentas. Ele não fez nenhuma ligação entre o que acontecia nos dois filmes de baixo orçamento da American-International a que eles estavam assistindo e o que estava se passando na cidade… não naquele momento, pelo menos.

Ele tinha visto o anúncio da Maratona Dupla de Horror na Matinê de Sábado no *Derry News* na sexta de manhã e esqueceu quase imediatamente o quanto tinha dormido mal na noite anterior, e também que acabou se levantando para acender a luz dentro do armário, o tipo de coisa que se faz para acalmar bebês. E que não conseguiu pregar o olho até fazer isso. Mas na manhã seguinte, as coisas pareceram normais de novo… bem, quase. Ele começou a pensar que talvez ele e Bill tivessem compartilhado uma alucinação. É claro que os cortes nos dedos de Bill não eram alucinação, mas talvez tenham sido cortes de papel feitos por algumas das folhas do álbum de George. O papel era bem grosso. Era possível. Talvez. Além do mais, não havia lei que dizia que ele tinha que passar dez anos pensando no assunto, havia? Não.

E assim, depois de uma experiência que poderia ter feito um adulto sair correndo atrás do psicólogo mais próximo, Richie Tozier se levantou, comeu um monte de panquecas no café da manhã, viu o anúncio dos dois filmes de terror na página de diversões do jornal, verificou seu dinheiro, viu que não tinha muito (bem… "nenhum" podia ser uma palavra melhor) e começou a perturbar o pai para lhe passar tarefas.

O pai, que já tinha ido para a mesa usando o jaleco de dentista, colocou a seção de esportes do jornal sobre a mesa e se serviu de uma segunda xícara de café. Ele era um homem de aparência agradável com rosto um tanto estreito. Usava óculos com armação de aço, estava ficando careca no alto da cabeça e morreria de câncer na laringe em 1973. Ele olhou para o anúncio para o qual Richie apontava.

— Filmes de terror — disse Wentworth Tozier.

— É — disse Richie, sorrindo.

— Parece que você precisa ir — disse Wentworth Tozier.

— É!

— Parece que você vai morrer de convulsões de decepção se não for ver esses dois filmes *trash*.

— É, é, eu morreria! Eu sei que morreria! Agghhh! — Richie caiu da cadeira no chão, segurando a garganta, com a língua para fora. Essa era a forma peculiar de Richie tentar encantar.

— Meu Deus, Richie, dá pra parar? — pediu a mãe, que estava no fogão fritando ovos para ele colocar em cima das panquecas.

— Nossa, Rich — disse o pai quando Richie se sentou na cadeira. — Acho que devo ter me esquecido de dar sua mesada na segunda. É o único motivo em que consigo pensar pra você precisar de mais dinheiro na sexta.

— Bem…

— Acabou?

— Bem…

— É um assunto muito profundo pra um garoto com mente tão rasa — disse Wentworth Tozier. Ele colocou o cotovelo na mesa e acomodou o queixo na palma da mão, observando o único filho com o que parecia ser profunda fascinação. — Pra onde ele foi?

Richie imediatamente começou a usar a Voz de Toodles, o Mordomo Inglês.

— Ah, eu gastei, não, meu senhor? Com coisinhas aqui e acolá. Minha parte no esforço pós-guerra. Temos que fazer nossa parte para vencer os malditos hunos, não? Não é nada fácil, certo? Não passa…

— Não passa de uma pilha de bosta — disse Went com simpatia, e pegou a compota de morango.

— Faça-me o favor de me poupar dessas vulgaridades à mesa do café da manhã — disse Maggie Tozier para o marido ao levar os ovos de Richie para a mesa. E para Richie: — Não sei por que você quer encher a cabeça com esse tipo de lixo.

— Ah, mãe — disse Richie. Ele estava arrasado por fora, exultante por dentro. Conseguia ler o pai e a mãe como livros, livros bem gastos e amados, e tinha certeza de que iria conseguir o que queria: tarefas e permissão para ir ao cinema no sábado à tarde.

Went se inclinou para a frente na direção de Richie e sorriu largamente.

— Acho que você está bem onde eu quero — disse ele.

— É mesmo, pai? — disse Richie, e sorriu em resposta… com um pouco de desconforto.

— Ah, sim. Sabe nosso gramado, Richie? Você conhece nosso gramado?

— Conheço sim, senhor — disse Richie, virando Toodles de novo, ou tentando. — Meio malcuidado, não?

— Exatamente — concordou Went. — E você, Richie, vai consertar essa condição.

— Vou?

— Vai. Corte a grama, Richie.

— Certo, pai, claro — disse Richie, mas uma desconfiança tinha surgido de repente em sua mente. Talvez o pai não estivesse falando só do gramado da frente.

O sorriso de Wentworth Tozier se alargou para um sorriso predatório de tubarão.

— O gramado *todo*, ó produto idiota das minhas entranhas. Da frente. De trás. Dos lados. E quando terminar, vou colocar em sua mão dois pedaços de papel verde com a cara de George Washington de um lado e uma foto da pirâmide com o olho da providência no alto do outro.

— Não entendi, pai — disse Richie, mas achava que tinha entendido.

— Duas pratas.

— Duas pratas pelo *gramado todo*? — gritou Richie, genuinamente ofendido. — É o maior gramado do quarteirão! Nossa, pai!

Went suspirou e pegou o jornal. Richie conseguia ler a manchete da primeira página: GAROTO DESAPARECIDO DESPERTA NOVOS MEDOS. Ele pensou rapidamente no álbum estranho de George Denbrough, mas isso havia sido alucinação, claro… e mesmo se não tivesse sido, aquilo foi ontem, e hoje era um novo dia.

— Acho que você não queria tanto assim ir ver aqueles filmes — disse Went por trás do jornal. Um momento depois, seus olhos surgiram por cima, observando Richie. Avaliando-o com um pouco de arrogância, na verdade. Avaliando-o como um homem com quatro cartas iguais observa seu oponente no pôquer por cima das cartas em mãos.

— Quando os gêmeos Clark cortam tudo, você dá dois dólares pra *cada* um!

— É verdade — admitiu Went. — Mas até onde eu sei, eles não querem ir ao cinema amanhã. Ou, se querem, devem ter dinheiro suficiente pra ocasião, porque não apareceram para verificar o estado da vegetação ao redor de nosso domicílio ultimamente. Você, por outro lado, quer sair e encontra-se com falta de recursos para isso. Essa pressão que você sente na barriga pode ser pelas cinco panquecas e dois ovos que comeu no café da manhã, Richie, ou pode ser o barril que estou segurando em cima de você. E então? — Os olhos de Went voltaram para trás do jornal.

— Ele está me chantageando — disse Richie para a mãe, que estava comendo torrada pura. Ela estava tentando perder peso de novo. — Isso é chantagem, espero que você saiba disso.

— Sim, querido, eu sei disso — disse a mãe. — Tem ovo no seu queixo.

Richie limpou o ovo do queixo.

— Três pratas se eu terminar tudo antes de você voltar pra casa hoje? — perguntou ele para o jornal.

Os olhos do pai apareceram brevemente.

— Dois e cinquenta.

— Ah, cara — disse Richie. — Você e Jack Benny.

— Meu ídolo — disse Went por trás do jornal. — Tome uma decisão, Richie. Quero ler os resultados.

— Combinado — disse Richie, e suspirou. Quando seus pais seguravam pelas bolas, eles realmente sabiam apertar. Era bem engraçado, se você pensasse bem.

Enquanto cortava a grama, ele praticava as Vozes.

7

Ele terminou as partes da frente, de trás e laterais por volta das 15h de sexta-feira e começou o

sábado com 2 dólares e 50 centavos no bolso. Quase uma fortuna. Ele ligou para Bill, mas Bill disse com mau humor que tinha que ir para Bangor fazer um exame de fonoaudiologia.

Richie se solidarizou e acrescentou em sua melhor Voz de Bill Gago:

— A-A-Arrebenta, B-B-Big B-Bill.

— N-No c-cu, T-T-Tozier — disse Bill, e desligou.

Ele ligou para Eddie Kaspbrak depois, mas Eddie pareceu ainda mais deprimido do que Bill. A mãe tinha comprado um passe de ônibus de dia inteiro para cada um e eles visitariam as tias de Eddie em Haven, Bangor e Hampden. Todas as três eram gordas, como a sra. Kaspbrak, e todas as três eram solteiras.

— Todas beliscam minhas bochechas e me dizem o quanto cresci — disse Eddie.

— É porque elas sabem como você é fofo, Eds, que nem eu. Percebi que você era fofo desde a primeira vez que te vi.

— Às vezes você é um pentelho, Richie.

— Só um pentelho reconhece outro, Eds, e você reconhece todos. Vai pro Barrens semana que vem?

— Acho que vou, se vocês forem. Quer brincar de armas?

— Talvez. Mas… acho que eu e Big Bill temos uma coisa pra contar.

— O quê?

— A história é de Bill, eu acho. Nos vemos depois. Aproveite suas tias.

— Muito engraçado.

A terceira ligação foi pra Stan, o Cara, mas Stan estava encrencado com os pais porque tinha quebrado a janela. Ele estava brincando de disco voador com um prato de torta e o prato voou. Crash. Ele tinha tarefas por todo o fim de semana e provavelmente no seguinte também. Richie sentiu pena e perguntou a Stan se ele iria para o Barrens na semana seguinte. Stan disse que achava que sim, se o pai não decidisse deixá-lo de castigo.

— Nossa, Stan, foi só uma janela — disse Richie.

— É, mas era uma janela *grande* — disse Stan, e desligou.

Richie começou a sair da sala, mas pensou em Ben Hanscom. Ele folheou o catálogo telefônico e encontrou o número de uma Arlene Hanscom. Como ela era a única Hanscom mulher dentre os quatro listados, ele achou que deveria ser o número de Ben e ligou.

— Eu gostaria de ir, mas já gastei minha mesada — disse Ben. Ele parecia deprimido e envergonhado de admitir isso; na verdade, tinha gastado tudo com doces, refrigerantes, batatas

e tiras de carne-seca.

Richie, que estava cheio da grana (e que não gostava de ir ao cinema sozinho), disse:

— Tenho bastante dinheiro. Você pode ficar me devendo.

— É? Sério? Você faria isso?

— Claro — disse Richie, intrigado. — Por que não?

— Tudo bem! — disse Ben alegremente. — Certo, vai ser ótimo! Dois filmes de terror! Você disse que um é de lobisomem?

— É.

— Cara, eu *adoro* filmes de lobisomem!

— Nossa, Monte de Feno, não molha a calça.

Ben riu.

— Te encontro em frente ao Aladdin, tá?

— Tá, combinado.

Richie desligou e olhou para o telefone, pensativo. De repente, ocorreu-lhe que Ben Hanscom era solitário. E isso o fez se sentir um tanto heroico. Ele estava assobiando quando subiu para pegar umas revistas em quadrinhos para ler antes do cinema.

8

O dia estava ensolarado, fresco e gostoso. Richie andou gingando pela rua Center em direção ao Aladdin, estalando os dedos e cantando "Rockin' Robin" baixinho. Estava se sentindo bem. Ir ao cinema sempre o fazia se sentir bem. Ele adorava aquele mundo mágico, aqueles sonhos mágicos. Sentia pena de quem tinha tarefas chatas em um dia assim; Bill com a fonoaudiologia, Eddie com as tias, o pobre Stan, o Cara, que passaria a tarde esfregando os degraus da varanda ou varrendo a garagem porque o prato de torta que ele estava jogando pela casa virou para a direita quando deveria virar para a esquerda.

Richie estava com o ioiô enfiado no bolso de trás, e agora ele o pegou e tentou fazê-lo dormir. Essa era uma habilidade que Richie desejava dominar, mas até agora, nada. O porrinha não fazia o que ele queria. Ou ele descia e voltava em seguida, ou descia e ficava parado na ponta do barbante.

Na metade da rua Center, ele viu uma garota de saia plissada bege e blusa branca sem manga sentada em um banco em frente à farmácia Shook's. Ela estava comendo uma casquinha de sorvete que parecia de pistache. O cabelo era ruivo brilhante, e as mechas iluminadas pareciam de cobre e às vezes quase louras, caindo sobre os ombros. Richie só conhecia uma garota com cabelo daquela cor. Era Beverly Marsh.

Richie gostava muito de Bev. Bem, ele gostava dela, mas não *daquele* jeito. Admirava a aparência dela (e sabia que não estava sozinho; garotas como Sally Mueller e Greta Bowie odiavam Beverly com todas as forças, jovens demais ainda para entender como podiam ter tudo facilmente… e ainda ter que competir em questão de aparência com uma garota que morava naqueles apartamentos horríveis na rua Lower Main), mas gostava dela principalmente porque ela era forte e tinha um ótimo senso de humor. Além do mais, ela costumava ter cigarros. Em resumo, ele gostava dela porque ela era um cara legal. Ainda assim, uma vez ou outra ele se viu se perguntando que cor de calcinha ela estava usando por baixo da pequena coleção de saias surradas, e esse não era o tipo de coisa que você pensava sobre os amigos, era?

E Richie tinha que admitir que ela era um amigo muito bonito.

Ao se aproximar do banco onde ela estava sentada tomando o sorvete, Richie prendeu um sobretudo invisível ao redor da cintura, colocou um chapéu invisível e fingiu ser Humphrey Bogart. Acrescentando a Voz correta, ele *se tornou* Humphrey Bogart, pelo menos para ele mesmo. Para os outros, pareceria Richie Tozier com uma congestão nasal.

— Oi, querida — disse ele, deslizando até o banco em que ela estava sentada e olhando para o tráfego. — Não faz sentido esperar o ônibus aqui. Os nazistas atrapalharam nossa fuga. O último avião sai à meia-noite. Vá nele. Ele *precisa* de você, querida. Eu também… mas vou sobreviver.

— Oi, Richie — disse Bev, e quando se virou, ele viu o hematoma roxo-enegrecido na bochecha direita, como a sombra da asa de um corvo. Ele mais uma vez ficou surpreso com a boa aparência dela… só que agora pensou que ela podia ser realmente bonita. Ele nunca tinha pensado até aquele momento que podiam existir garotas bonitas fora dos filmes, ou que ele pudesse conhecer uma. Talvez tenha sido o hematoma que permitiu que ele visse a possibilidade da beleza dela, um contraste essencial, uma falha específica que primeiro chamou atenção para si e depois, de alguma forma, definiu o resto: os olhos cinza-azulados, os lábios naturalmente vermelhos, a pele cremosa e lisa de criança. Ela tinha algumas sardas no nariz.

— Está vendo alguma coisa verde? — perguntou ela, erguendo a cabeça com orgulho.

— Você, querida — disse Richie. — Você ficou esverdeada. Mas quando te tirarmos de

Casablanca, você vai pro melhor hospital que o dinheiro puder pagar. Vamos te fazer ficar branca de novo. Juro pelo nome da minha mãe.

— Você é um babaca, Richie. Isso não parece nada com Humphrey Bogart. — Mas ela sorriu um pouco ao falar.

Richie se sentou ao lado dela.

— Você vai ao cinema?

— Não tenho dinheiro — disse ela. — Posso ver seu ioiô?

Ele entregou para ela.

— Acho que vou devolver — disse ele. — Ele devia dormir, mas não dorme. Acho que está quebrado.

Ela enfiou o dedo no aro de barbante e Richie empurrou os óculos para cima no nariz para poder ver melhor o que ela estava fazendo. Ela virou a mão com a palma para o céu e o ioiô Duncan preso no vale de carne formado pela mão encurvada. Ela rolou o ioiô pelo dedo indicador. Ele caiu até a ponta do barbante e dormiu. Quando ela mexeu os dedos em um gesto de quem está chamando para vir até aqui, ele imediatamente despertou e subiu pelo barbante até a palma da mão dela.

— Ah, caramba, olha isso — disse Richie.

— Isso é coisa de criancinha — disse Bev. — Olha isso.

Ela soltou o ioiô de novo. Deixou-o dormir por um momento e depois o fez passear como cachorro, com uma série de puxões do cordão.

— Ah, para — disse Richie. — Odeio exibicionismo.

— Que tal isso? — perguntou Bev, sorrindo docemente.

Ela moveu o ioiô para a frente e para trás, fazendo o Duncan vermelho de madeira parecer uma raquete com bolinha que Richie teve uma época. Ela terminou com a Volta ao Mundo (quase batendo em uma senhora de idade, que olhou para eles com raiva). O ioiô terminou na palma da mão dela, com o barbante bem enrolado. Bev o devolveu para Richie e se sentou de novo no banco. Richie se sentou ao lado dela, com o queixo caído em perfeita e sincera admiração. Bev olhou para ele e riu.

— Fecha a boca, vai entrar mosca.

Richie fechou a boca de repente.

— Além do mais, essa parte final foi sorte. Foi a primeira vez na vida que fiz duas Voltas ao Mundo seguidas sem errar. — Havia crianças passando por eles agora, indo para o cinema. Peter Gordon passou com Marcia Fadden. Eles iam juntos, mas Richie achava que era por eles serem vizinhos na West Broadway e serem tão idiotas que precisavam do apoio e atenção um do outro. Peter Gordon já estava tendo bastante acne, embora só tivesse 12 anos. Ele às vezes andava com Bowers, Criss e Huggins, mas não era corajoso o bastante para fazer nada sozinho.

Ele olhou para Richie e Bev sentados juntos no banco e cantarolou:

— Com quem será, com quem será, com que será que o Richie vai casar? Vai depender,

vai depender, vai depender se a Bev vai querer. Ela aceitou, ela aceitou…

— … tiveram dois filhinhos e depois se separou — concluiu Marcia, dando gargalhadas.

— Senta nisso, queridinha — disse Bev, e mostrou o dedo do meio para eles. Marcia afastou o olhar, repugnada, como se não conseguisse acreditar que uma pessoa pudesse ser tão grosseira. Gordon passou o braço ao redor dela e falou por cima do ombro para Richie:

— Quem sabe a gente se encontra mais tarde, quatro olhos.

— Quem sabe você vê o cinto da sua mãe — respondeu Richie com esperteza (mesmo que meio sem sentido). Beverly teve uma crise de riso. Ela se apoiou no ombro de Richie por um momento, e Richie teve tempo o suficiente para refletir que o toque dela e a sensação do peso leve não eram exatamente desagradáveis. E então, ela se empertigou de novo.

— Que dupla de babacas — disse ela.

— É, acho que Marcia Fadden mija água de rosas — disse Richie, e Beverly começou a rir de novo.

— Chanel Número Cinco — disse ela, com a voz abafada porque as mãos estavam sobre a boca.

— Pode apostar — disse Richie, embora não tivesse a menor ideia do que era Chanel Número Cinco. — Bev?

— O quê?

— Você pode me ensinar a fazer o ioiô dormir?

— Acho que posso. Nunca tentei ensinar a ninguém.

— Como você aprendeu? Quem te ensinou?

Ela olhou para ele com nojo.

— Ninguém me *ensinou*. Eu descobri sozinha. Como girar um bastão. Sou ótima nisso…

— O convencimento não está na sua família — disse Richie, revirando os olhos.

— Bem, eu *sou* — disse ela. — Mas não tive aulas nem nada.

— Você sabe mesmo girar?

— Claro.

— Vai acabar sendo líder de torcida no fundamental II, né?

Ela sorriu. Era o tipo de sorriso que Richie nunca tinha visto antes. Era inteligente, cínico e triste, tudo ao mesmo tempo. Ele recuou um pouco devido ao poder desconhecido, assim como havia se afastado da foto do centro no álbum de Georgie quando ela começou a se mover.

— Isso é pra garotas como Marcia Fadden — disse ela. — Ela, Sally Mueller e Greta Bowie. Garotas que mijam água de rosas. Os pais delas ajudam a comprar os equipamentos esportivos e os uniformes. Elas entram. Eu nunca vou ser líder de torcida.

— Nossa, Bev, essa não é a atitude…

— Claro que é, se é verdade. — Ela deu de ombros. — Não ligo. Quem quer fazer cabriolas e mostrar a calcinha pra milhões de pessoas, afinal? Olha, Richie. Olha isso.

Durante os dez minutos seguintes, ela mostrou para Richie como fazer o ioiô dormir. Perto do final, Richie realmente começou a entender, embora só conseguisse chegar à metade do

barbante depois de acordar.

— Você não está movendo os dedos com força suficiente, só isso — disse ela.

Richie olhou para o relógio no Merrill Trust do outro lado da rua, deu um pulo e enfiou o ioiô no bolso.

— Caramba, tenho que ir, Bev. Vou encontrar o velho Monte de Feno. Ele vai pensar que mudei de ideia.

— Quem é Monte de Feno?

— Ah. Ben Hanscom. Mas eu chamo ele de Monte de Feno. Você sabe, como Monte de Feno Calhoun, o lutador.

Bev franziu a testa.

— Isso não é muito gentil. Eu gosto de Ben.

— Num me bate, sinhá! — gritou Richie com sua Voz de Garoto Negro, revirando os olhos e batendo as mãos. — Num me chicoteia, vou sê bonzinho, sinhá, juro…

— Richie — disse Bev com voz fraca.

Richie parou.

— Eu também gosto dele — disse ele. — Nós construímos uma barragem no Barrens uns dias atrás e…

— Vocês vão lá? Você e Ben brincam lá?

— Claro. Um bando de garotos também. É legal lá. — Richie olhou para o relógio de novo. — Preciso ir logo pro cinema. Ben vai estar esperando.

— Tá.

Ele fez uma pausa, pensou e disse:

— Se você não for fazer nada, vem comigo.

— Já falei. Não tenho dinheiro.

— Eu pago pra você. Tenho dois dólares.

Ela jogou o resto da casquinha em uma lixeira ali perto. Seus olhos, daquele belo tom claro de azul-acinzentado, se direcionaram para os dele. Estavam com expressão divertida. Ela fingiu ajeitar o cabelo e perguntou:

— Ah, querido, você está me convidando pra um encontro?

Por um momento, Richie ficou confuso. Chegou a sentir um rubor subindo para as bochechas. Ele tinha feito a proposta de uma maneira perfeitamente natural, assim como fez com Ben… Mas não tinha falado alguma coisa para Ben sobre ele pagar depois? Sim. Mas não falou nada disso para Bev.

Richie se sentiu meio estranho de repente. Ele baixou os olhos, se encolheu do olhar divertido e se deu conta agora de que a saia dela havia se levantado um pouco quando ela se inclinou para a frente para jogar a casquinha na lixeira. Agora, ele conseguia ver os joelhos dela. Ele ergueu o olhar, mas isso não ajudou; agora ele estava olhando para os brotos que eram os seios dela.

Richie, como costumava fazer em momentos de confusão, se refugiou no absurdo.

— Sim! Um encontro! — gritou ele, ficando de joelhos à frente dela e erguendo as mãos unidas. — Venha, por favor! Venha, por favor! Vou me matar se você disser não, entendeu? Entendeu?

— Ah, Richie, você é tão mongo — disse ela, rindo de novo… mas as bochechas dela não estavam um pouco vermelhas? Se sim, fez com que ela ficasse mais linda do que nunca. — Se levanta antes que seja preso.

Ele se levantou e se sentou ao lado dela de novo. Sentia que seu equilíbrio havia voltado. Um pouco de bobeira sempre ajudava quando você ficava tonto, acreditava ele.

— Quer ir?

— Claro — disse ela. — Muito obrigada. Pensa bem! Meu primeiro encontro. Espera só eu escrever no meu diário hoje à noite. — Ela juntou as mãos entre os seios em crescimento, bateu as pestanas rapidamente e riu.

— Eu queria que você parasse de falar assim — disse Richie.

Ela suspirou.

— Você não tem muito romance na alma.

— Não tenho mesmo.

Mas ele se sentiu feliz consigo mesmo. O mundo de repente pareceu muito claro e muito simpático. Ele se viu olhando para o lado, para ela, de tempos em tempos. Ela estava olhando para as vitrines, para os vestidos e camisolas em Cornell-Hopley's, para as toalhas e panelas na vitrine do Discount Barn, e ele roubou olhares para os cabelos dela, para a linha do maxilar. Observou a forma como os braços nus saíam dos buracos redondos da blusa. Viu a borda da alça da camiseta de baixo. Todas essas coisas o fascinaram. Ele não saberia dizer por que, mas o que aconteceu no quarto de George Denbrough nunca pareceu mais distante do que naquele momento. Era hora de ir, hora de encontrar Ben, mas ele ficaria aqui um momento a mais enquanto os olhos dela observavam as vitrines, porque era bom olhar para ela e estar com ela.

9

As crianças estavam pagando pelos ingressos de 25 centavos na bilheteria do Aladdin e entrando no saguão. Ao olhar pelas portas de vidro, Richie conseguiu ver um grupo ao redor da bombonière. A máquina de pipoca estava trabalhando a toda velocidade, cuspindo jatos de milho estourado, com a tampa oleosa subindo e descendo. Ele não

viu Ben em lugar nenhum. Perguntou a Beverly se ela o estava vendo. Ela balançou a cabeça.

— Pode ser que ele já tenha entrado.

— Ele disse que não tinha dinheiro. E a Filha de Frankenstein ali não deixaria ele entrar sem ingresso. — Richie apontou para a sra. Cole com o polegar, a porteira do Aladdin desde antes de os filmes serem falados. O cabelo dela, pintado de vermelho-vivo, era tão fino que dava para ver o couro cabeludo. Ela tinha lábios enormes e moles que pintava de batom da cor de ameixa. Bolotas de blush cobriam suas bochechas. As sobrancelhas eram desenhadas com lápis preto. A sra. Cole era uma perfeita democrata. Odiava todas as crianças igualmente.

— Cara, não quero entrar sem ele, mas o filme vai começar — disse Richie. — Onde ele está?

— Você pode comprar o ingresso dele e deixar na bilheteria — disse Bev com racionalidade. — E então, quando ele chegar…

Mas, naquele momento, Ben dobrou a esquina da rua Center com a Macklin. Estava ofegante, e a barriga balançava debaixo do suéter. Ele viu Richie e levantou uma das mãos para acenar. Em seguida, viu Bev e a mão parou na metade do caminho. Seus olhos se arregalaram momentaneamente. Ele terminou o aceno e andou devagar até onde eles estavam, sob a marquise do Aladdin.

— Oi, Richie — disse ele, e então olhou rapidamente para Bev. Era como se tivesse medo de um olhar prolongado resultar em uma queimadura. — Oi, Bev.

— Oi, Ben — disse ela, e um estranho silêncio se instalou entre os dois. Não era precisamente constrangido; Richie pensou que era quase *poderoso*. E sentiu uma pontada de ciúme, porque alguma coisa se passou entre eles, e fosse o que fosse, ele estava excluído.

— Olá, Monte de Feno! — disse ele. — Pensei que você tivesse amarelado. Esses filmes vão te dar tanto medo que você vai perder 5 quilos desse corpo fofo. Ah, pode crer, ah, pode crer, eles vão deixar seus cabelos brancos, garoto. Quando você sair do cinema, vai precisar de um lanterninha pra te ajudar a andar de tanto que vai estar tremendo.

Richie foi na direção da bilheteria, e Ben tocou no braço dele. Ben começou a falar, olhou para Bev, que estava sorrindo para ele, e teve que começar tudo de novo.

— Eu estava aqui — disse ele —, mas subi a rua e dobrei a esquina quando aqueles garotos chegaram.

— Que garotos? — perguntou Richie, mas achava que já sabia a resposta.

— Henry Bowers. Victor Criss. Arroto Huggins. Uns outros caras também.

Richie assobiou.

— Eles já devem ter entrado. Não estou vendo eles comprando balas.

— É, acho que sim.

— Se eu fosse eles, não ia me dar ao trabalho de pagar pra ver uns filmes de terror — disse Richie. — Eu ia ficar em casa e olhar no espelho. Pra poupar uma grana.

Bev riu com alegria, mas Ben só sorriu um pouco. Henry Bowers talvez tivesse começado querendo machucá-lo naquele dia na semana anterior, mas no final queria matá-lo. Ben tinha certeza disso.

— Vou te dizer uma coisa — disse Richie. — Vamos pro balcão. Eles devem estar sentados na segunda ou na terceira fila com os pés na cadeira da frente.

— Tem certeza? — perguntou Ben. Ele não sabia se Richie entendia o quanto aqueles caras eram terríveis… E Henry, é claro, era o pior de todos.

Richie, que escapou por pouco do que poderia ter sido uma grande surra nas mãos de Henry e dos amigos doentes dele três meses antes (conseguiu fugir deles no departamento de brinquedos da loja Freese's, logo lá), entendia mais sobre Henry e sua gangue do que Ben imaginava.

— Se eu não tivesse certeza, não entraria — disse ele. — Quero ver esses filmes, Monte de Feno, mas não quero, sei lá, *morrer* por eles.

— Além do mais, se eles arrumarem confusão com a gente, a gente manda Foxy expulsar eles — disse Bev. Foxy era o sr. Foxworth, o homem magro, pálido e de aparência abatida que era gerente do Aladdin. Ele estava agora vendendo doces e pipoca, cantarolando sua litania de "Espere sua vez, espere sua vez, espere sua vez". De smoking esfarrapado e camisa amarelada, ele parecia um coveiro que passou por dificuldades.

Ben olhou com dúvida para Bev, depois para Foxy e para Richie.

— Você não pode deixar eles mandarem na sua vida, cara — disse Richie. — Você não sabe disso?

— Acho que sei — disse Ben, e suspirou. Na verdade, ele não sabia de nada disso… mas a presença de Beverly deu um tom louco à equação. Se ela não tivesse ido, ele teria tentado persuadir Richie a ir ao cinema outro dia. E se Richie tivesse persistido, Ben talvez amarelasse. Mas Bev estava junto. Ele não queria parecer covarde na frente dela. E a ideia de estar com ela no balcão, no escuro (mesmo com Richie entre os dois, como provavelmente ficaria), era uma atração poderosa.

— Vamos esperar o filme começar pra entrar — disse Richie. Ele sorriu e deu um soco no braço de Ben. — Merda, Monte de Feno, você quer viver pra sempre?

As sobrancelhas de Ben se aproximaram uma da outra, e então ele deu um ronco de gargalhada. Richie também começou a gargalhar. Ao olhar para eles, Beverly gargalhou também.

Richie voltou a se aproximar da bilheteria. Lábios de Fígado Cole olhou para ele de mau humor.

— Boa tarde, prezada senhora — disse ele em sua melhor Voz de Barão Butthole. — Necessito de três ingressos para apreciar seu adorável filme americano.

— Para de merda e me diz o que quer, garoto! — disse Lábios de Fígado pelo buraco redondo no vidro, e alguma coisa na forma como as sobrancelhas pintadas dela subiam e desciam perturbou tanto Richie que ele apenas empurrou uma nota amassada de um dólar pelo buraco e murmurou:

— Três, por favor.

Três ingressos saíram pelo buraco. Richie pegou-os. Lábios de Fígado devolveu uma moeda de 25 centavos para ele.

— Não seja espertinho, não jogue caixas de pipoca, não grite, não corra no saguão, não corra nos corredores.

— Não, senhora — disse Richie, afastando-se para onde estavam Ben e Bev. Ele disse para os dois: — Sempre sinto calor no coração quando vejo uma velha mala como essa, que gosta mesmo de crianças.

Eles ficaram do lado de fora um pouco mais, esperando o começo do filme. Lábios de Fígado olhou para eles com desconfiança da cabine de vidro. Richie deleitou Bev com a história da represa no Barrens, repetindo as falas do sr. Nell com a nova Voz do Policial Irlandês. Beverly logo começou a dar risadinhas e passou a gargalhar não muito depois. Até Ben estava sorrindo um pouco, apesar de seus olhos ficarem indo da porta do Aladdin para o rosto de Bev.

10

O balcão era legal. Durante o primeiro rolo de I Was a Teenage Frankenstein, Richie viu Henry Bowers e os amigos de merda. Estavam na segunda fila, como ele achou que estariam. Eram cinco ou seis ao todo, alunos do quinto, sexto e sétimo anos, todos com as botas apoiadas nos bancos da frente. Foxy mandava que eles botassem os pés no chão. Eles botavam. Foxy ia embora. As botas voltavam a subir imediatamente depois. Cinco ou dez minutos depois, Foxy voltava, e a palhaçada toda acontecia de novo. Foxy não tinha coragem de expulsá-los, e eles sabiam.

Os filmes eram ótimos. O Frankenstein Adolescente era bem nojento. Mas o Lobisomem Adolescente era ainda mais assustador… talvez porque também parecia meio triste. O que acontecia não era culpa dele. Havia um hipnotizador que fez merda nele, mas o único motivo de ele conseguir fazer isso foi porque o garoto que virava lobisomem era cheio de raiva e sentimentos ruins. Richie começou a se perguntar se havia muitas pessoas no mundo escondendo sentimentos ruins assim. Henry Bowers transbordava sentimentos ruins, mas não se dava ao trabalho de esconder.

Beverly se sentou entre os garotos, comeu pipoca das caixinhas deles, gritou, cobriu os olhos, algumas vezes riu. Quando o Lobisomem estava observando a garota se exercitando no ginásio depois da aula, ela apertou o rosto no braço de Ben, e Richie ouviu o som sufocado de surpresa de Ben mesmo com os gritos de duzentas crianças abaixo.

O Lobisomem acabou sendo morto. Na última cena, um policial contou solenemente a outro que isso devia ensinar as pessoas a não mexerem com as coisas de Deus. A cortina desceu e as luzes se acenderam. Algumas pessoas aplaudiram. Richie se sentia totalmente satisfeito, ainda que com uma leve dor de cabeça. Ele achava que teria que ir ao oculista de novo em breve para trocar as lentes dos óculos mais uma vez. Acabaria usando fundos de garrafa de Coca na frente dos olhos quando chegasse ao ensino médio, pensou ele com tristeza.

Ben puxou a manga dele.

— Eles viram a gente, Richie — disse ele com voz seca e consternada.

— Hã?

— Bowers e Criss. Eles olharam aqui pra cima quando estavam saindo. Eles *viram* a gente!

— Tudo bem, tudo bem — disse Richie. — Calma, Monte de Feno. *Acaaalme-se*. Vamos sair pela porta lateral. Não tem com que se preocupar.

Eles desceram a escada, com Richie na frente, Beverly no meio e Ben na retaguarda, olhando por cima do ombro a cada dois passos.

— Esses caras estão mesmo atrás de você, Ben? — perguntou Beverly.

— É, acho que estão — disse Ben. — Me meti numa briga com Henry Bowers no último dia de aula.

— Ele te deu uma surra?

— Não tanto quanto queria — disse Ben. — Acho que é por isso que ainda está furioso.

— O velho Tanque Hank perdeu muita pele — murmurou Richie. — Foi o que ouvi. Acho que não ficou muito feliz.

Ele abriu a porta e os três saíram na viela entre o Aladdin e a Lanchonete Nan’s. Um gato que estava revirando uma lata de lixo sibilou e passou correndo pelo beco, bloqueado no final por uma cerca de tábuas. O gato pulou e subiu na cerca. Uma tampa de lata de lixo estalou. Bev deu um pulo, agarrou o braço de Richie e riu com nervosismo.

— Acho que ainda estou com medo do filme — disse ela.

— Você não...

— Oi, seu merda — disse Henry Bowers atrás deles.

Assustados, os três se viraram. Henry, Victor e Arroto estavam na boca da viela. Havia mais dois caras atrás deles.

— Ah, *merda*, eu sabia que isso ia acontecer — gemeu Ben.

Richie se virou rapidamente para o Aladdin, mas a saída já tinha se fechado atrás deles e não havia como abrir por fora.

— Diz tchau, seu merda — disse Henry, e saiu correndo de repente para cima de Ben.

As coisas que aconteceram em seguida pareceram a Richie tanto no momento quanto depois como coisas saídas de um filme. Coisas assim não aconteciam na vida real. Na vida real, os garotos pequenos apanhavam, recolhiam seus dentes e iam para casa.

Não foi assim desta vez.

Beverly deu um passo à frente e para um dos lados, quase como se pretendesse se encontrar com Henry, talvez apertar a mão dele. Richie conseguia ouvir as travas da bota dele estalando. Victor e Arroto estavam atrás. Os outros dois garotos ficaram na entrada do beco, tomando conta.

— Deixa ele em paz! — gritou Beverly. — Procura alguém do seu tamanho!

— Ele é do tamanho de um caminhão Mack, piranha — rosnou Henry, nem um pouco cavalheiro. — Agora sai da minha…

Richie esticou o pé. Ele não achou que pretendia fazer isso. Seu pé se moveu da mesma forma que piadinhas perigosas à saúde saíam de sua boca, por vontade própria. Henry correu na direção dele e caiu para a frente. A superfície de pedras do beco estava escorregadia com lixo derrubado das lixeiras transbordantes no lado da lanchonete. Henry saiu deslizando como se estivesse sobre gelo.

Ele começou a se levantar, com a camisa suja de grãos de café, lama e pedaços de alface.

— *Ah, vocês vão MORRER!* — gritou ele.

Até aquele momento, Ben estava apavorado. Agora, alguma coisa estalou dentro dele. Ele soltou um rugido e pegou uma das latas de lixo. Por apenas um momento, quando estava segurando-a no alto, com lixo derramando para todo o lado, ele realmente *pareceu* Monte de Feno Calhoun. Seu rosto estava pálido e furioso. Ele jogou a lata de lixo. Ela bateu na lombar de Henry e derrubou-o de novo.

— Vamos sair daqui! — gritou Richie.

Eles correram em direção à entrada do beco. Victor Criss pulou na frente deles. Berrando, Ben baixou a cabeça e bateu com ela na barriga de Victor.

— *Uff!* — resmungou Victor, e caiu sentado.

Arroto pegou o rabo de cavalo de Beverly e empurrou-a com força contra a parede de tijolos do Aladdin. Beverly quicou e correu pelo beco, esfregando o braço. Richie correu atrás dela e pegou uma tampa de lata de lixo no caminho. Arroto Huggins socou-o com um punho quase do tamanho de um presunto. Richie ergueu a tampa de aço galvanizado. O punho de Arroto se chocou contra ela. Houve um *bong!* alto, um som quase delicado. Richie sentiu o

choque subir pelo braço até o ombro. Arroto gritou e começou a pular, segurando a mão que começava a inchar.

— Ali fica a tenda do meu pai — disse Richie como em segredo, fazendo uma Voz bem passável de Tony Curtis, e correu atrás de Ben e Beverly.

Um dos garotos na entrada do beco tinha segurado Beverly. Ben estava lutando com ele. O outro garoto começou a socá-lo na base da coluna. Richie deu impulso com o pé, que se chocou diretamente com a bunda do garoto dos socos. O garoto berrou de dor. Richie segurou o braço de Beverly com uma das mãos e o de Ben com a outra.

— *Corram!* — gritou ele.

O garoto com quem Ben estava lutando soltou Beverly e deu um soco em Richie. Sua orelha explodiu em dor momentânea, depois ficou dormente e muito quente. Um som alto de assobio começou a soar em sua cabeça. Parecia o barulho que você devia ouvir quando a enfermeira da escola colocava os fones de ouvido em você para o teste de audição.

Eles correram pela rua Center. As pessoas se viraram para olhar para eles. A barriga de Ben sacudia para cima e para baixo. O rabo de cavalo de Bev balançava. Richie soltou Ben e segurou os óculos contra a testa com o polegar esquerdo, para não perdê-los. Sua cabeça ainda apitava, e ele acreditava que sua orelha incharia, mas sentia-se maravilhoso. Ele começou a gargalhar. Beverly se juntou a ele. Em pouco tempo, Ben também estava rindo.

Eles entraram na rua Court e despencaram em um banco em frente à delegacia de polícia. Naquele momento, parecia ser o único lugar de Derry onde eles poderiam estar em segurança. Beverly passou o braço pelo pescoço de Ben e de Richie e deu um abraço furioso neles.

— Isso foi demais! — Os olhos dela brilharam. — Vocês viram aqueles caras? Vocês *viram*?

— Eu vi muito bem — disse Ben, ofegante. — E nunca mais quero ver de novo.

Isso gerou outra explosão de gargalhadas histéricas. Richie ainda esperava que a gangue de Henry dobrasse a esquina da rua Court e fosse para cima deles, independentemente da delegacia de polícia. Ainda assim, não conseguia parar de rir. Beverly estava certa. Foi demais.

— O Clube dos Otários Manda Bem! — gritou Richie com entusiasmo. — Wacka-wacka-wacka! — Ele colocou as mãos nas laterais da boca e fez a Voz de Ben Bernie: — SIM, senhor, SIM, senhor, SIM, SENHOR, *crianças!*

Um policial colocou a cabeça para fora de uma janela aberta no segundo andar e gritou:

— Saiam daqui, crianças! Agora mesmo! Vão passear!

Richie abriu a boca para dizer alguma coisa brilhante, possivelmente em sua novíssima Voz de Policial Irlandês, e Ben chutou seu pé.

— Cala a boca, Richie — disse ele, e imediatamente teve dificuldade para acreditar que disse uma coisa dessas.

— Isso aí, Richie — disse Bev, olhando para ele com carinho. — Bip-bip.

— Tá — disse Richie. — O que vocês querem fazer? Procurar Henry Bowers pra

perguntar se ele quer resolver em uma partida de Banco Imobiliário?

— Morde a língua — disse Bev.

— Hã? O que isso quer dizer?

— Deixa pra lá — disse Bev. — Algumas pessoas são *ignorantes* demais.

Com hesitação e corando furiosamente, Ben perguntou:

— Aquele sujeito machucou seu cabelo, Beverly?

Ela sorriu para ele com gentileza, e naquele momento teve certeza de uma coisa de que apenas desconfiava antes: que foi Ben Hanscom quem mandou o cartão-postal com o belo haicai.

— Não, não foi nada de mais — disse ela.

— Vamos pro Barrens — propôs Richie.

E foi para onde eles foram… ou para onde fugiram. Richie pensaria depois que isso gerou um padrão para o resto do verão. O Barrens se tornou o local deles. Beverly, como Ben no dia do primeiro encontro com os garotos grandes, nunca tinha ido até lá embaixo. Ela andou entre Richie e Ben em fila única pela trilha. A saia dela balançava lindamente, e ao olhar para ela, Ben percebia ondas de sentimento poderosas como cólicas estomacais. Ela estava usando a tornozeleira. Brilhava sob o sol da tarde.

Eles atravessaram a parte do Kenduskeag onde os garotos haviam feito a represa (o córrego se dividia cerca de 70 metros à frente e voltava a ser um só 200 metros depois, na direção da cidade) usando pedras abaixo do ponto em que ela ficou, encontraram outro caminho e acabaram saindo na margem do lado leste do rio, que era bem mais largo do que o outro. Ele cintilava sob a luz da tarde. À esquerda, Ben conseguia ver dois dos cilindros de concreto com tampa em cima. Abaixo deles, surgindo por cima do rio, havia canos largos de concreto. Filetes de água enlameada caíam pela boca desses canos direto no Kenduskeag. *Uma pessoa caga na cidade e é aqui que tudo vem parar*, pensou Ben, lembrando-se da explicação do sr. Nell sobre o sistema de drenagem de Derry. Ele sentiu uma espécie cega de raiva impotente. No passado, deviam existir peixes nesse rio. Agora, suas chances de pegar um pedaço usado de papel higiênico seriam bem maiores.

— É tão bonito aqui — disse Bev, suspirando.

— É, não é ruim — concordou Richie. — As moscas sumiram e tem uma brisa suficiente pros mosquitos ficarem longe. — Ele olhou para ela com esperança. — Tem cigarro?

— Não — disse ela. — Tinha dois, mas fumei ontem.

— Que pena — disse Richie.

Houve o som de uma buzina, e todos viram um trem de carga passar pelo outro lado do Barrens, na direção do pátio de trens. Nossa, se fosse um trem de passageiros, eles teriam uma vista linda, pensou Richie. Primeiro as casas do pessoal pobre em Old Cape, depois os pântanos de bambu do outro lado do Kenduskeag, e por fim, antes de sair do Barrens, o buraco fumegante que era o lixão da cidade.

Por apenas um momento, ele se viu pensando na história de Eddie de novo, do leproso

debaixo da casa abandonada na rua Neibolt. Afastou a história da mente e se voltou para Ben.

— Qual foi a melhor parte pra você, Monte de Feno?

— Hã? — Ben se virou para ele com culpa. Enquanto Bev olhava para o outro lado do Kenduskeag, perdida em pensamentos, ele estava olhando para o perfil dela… e para o hematoma na bochecha.

— Dos *filmes*, Dumbo. Qual foi sua parte favorita?

— Gostei quando o dr. Frankenstein começou a jogar os corpos pros crocodilos da casa dele — disse Ben. — Foi minha parte favorita.

— Isso foi nojento — disse Beverly, e estremeceu. — Odeio coisas assim. Crocodilos, piranhas e tubarões.

— É? O que são piranhas? — perguntou Richie, imediatamente interessado.

— São uns peixinhos — disse Beverly. — Elas têm uns dentinhos que são superafiados. E se você entrar num rio cheio delas, elas te comem até o osso.

— Uau!

— Vi um filme uma vez, e os índios queriam atravessar um rio, mas a ponte tinha caído — disse ela. — Eles colocaram uma vaca na água pendurada em uma corda e atravessaram quando as piranhas estavam comendo a vaca. Quando puxaram a corda, a vaca era só um esqueleto. Tive pesadelos durante uma semana.

— Cara, eu queria ter uns peixes desses — disse Richie com alegria. — Eu ia colocar na banheira de Henry Bowers.

Ben começou a rir.

— Acho que ele nem toma banho.

— Isso eu não sei, mas sei que é melhor a gente tomar cuidado com eles — disse Beverly. Os dedos dela foram até o hematoma na bochecha. — Meu pai bateu na minha cabeça anteontem porque quebrei uma pilha de pratos. Uma vez por semana já basta.

Houve um momento de silêncio que poderia ter sido constrangedor, mas não foi. Richie interrompeu-o dizendo que sua parte favorita foi quando o Lobisomem Adolescente pegou o hipnotizador mau. Eles conversaram sobre os filmes, e também sobre outros filmes de terror que tinham visto, e sobre o programa de TV *Alfred Hitchcock Presents* por mais de uma hora. Bev viu margaridas crescendo na margem e pegou uma. Segurou-a primeiro debaixo do queixo de Richie e depois debaixo do de Ben para ver se eles gostavam de manteiga. Ela disse que os dois gostavam. Enquanto ela segurava a flor debaixo do queixo deles, cada um ficou ciente do toque leve dela nos ombros deles e do cheiro limpo do cabelo. O rosto dela ficou perto do de Ben só por um momento ou dois, mas naquela noite ele sonhou com os olhos dela naquele breve período infinito de tempo.

A conversa estava diminuindo quando eles ouviram os sons de estalo de pessoas se aproximando pela trilha. Os três se viraram rapidamente na direção do som e Richie ficou ciente de que o rio estava às costas deles. Não havia para onde correr.

As vozes chegaram mais perto. Eles ficaram de pé, e Richie e Ben foram um pouco para a

frente de Beverly sem nem pensar.

A tela de arbustos no final da trilha tremeu, e de repente Bill Denbrough surgiu. Outro garoto estava com ele, um que Richie conhecia um pouco. O nome dele era Bradley alguma coisa, e ele falava ceceando. Devia ter ido para Bangor com Bill para aquele negócio de fonoaudiologia, pensou Richie.

— Big Bill! — disse ele, e na Voz de Toodles: — Estamos felizes em vê-lo, sr. Denbrough, mestre.

Bill olhou para eles e sorriu, e uma certeza peculiar tomou conta de Richie quando Bill olhou para ele, para Ben e para Beverly, e depois de novo para Bradley sei lá o quê. Beverly era parte do grupo. Os olhos de Bill diziam isso. Bradley sei lá o quê não era. Ele poderia ficar um pouco hoje, poderia até voltar ao Barrens (ninguém diria a ele que não, sinto muito, o Clube dos Otários está lotado, já temos nosso sócio com problema de fala), mas não era parte do grupo. Não era parte *deles.*

Esse pensamento levou a um medo repentino e irracional. Por um momento, ele se sentiu da mesma forma que você se sentia quando de repente se dava conta de que tinha nadado para longe demais e a água não dava mais pé. Ele teve um vislumbre intuitivo: *Estamos sendo levados para alguma coisa. Sendo escolhidos. Nada disso é acidental. Já estamos todos aqui?*

Em seguida, a intuição se transformou em um fluxo incoerente de pensamentos, como uma vidraça quebrando sobre um piso de pedra. Além do mais, não importava. Bill estava aqui, e Bill resolveria; Bill não deixaria as coisas saírem de controle. Ele era o mais alto, e sem dúvida o mais bonito. Richie só precisava olhar de lado para a expressão fixa de Bev, grudada em Bill, e mais para longe, para os olhos de Ben, grudados com compreensão e infelicidade no rosto de Bev, para saber disso. Bill também era o mais forte de todos, e não apenas fisicamente. Havia bem mais do que isso, mas como Richie não conhecia a palavra *carisma* nem o significado completo da palavra *magnetismo*, só sentia que a força de Bill era profunda e podia se manifestar de muitas formas, algumas provavelmente inesperadas. E Richie desconfiava que, se Beverly se apaixonasse por ele ou "ficasse caidinha por ele", ou fosse lá como se falasse, Ben não sentiria ciúmes (*como sentiria*, pensou Richie*, se ela ficasse caidinha por mim*); ele aceitaria como uma coisa natural. E havia mais uma coisa: Bill era *bom*. Era burrice pensar uma coisa dessas (ele não pensou exatamente; ele *sentiu*), mas ali estava. A bondade e a força pareciam irradiar de Bill. Ele era como um cavaleiro em um filme antigo, um filme brega, mas que ainda tinha o poder de fazer você chorar, torcer e bater palmas no final. Forte e bom. E cinco anos mais tarde, depois que as lembranças do que aconteceu em Derry durante e depois daquele verão tivessem começado a desaparecer rapidamente, ocorreu a Richie Tozier, na metade da adolescência, que John Kennedy o fazia lembrar-se de Bill Gago.

Quem?, responderia sua mente.

Ele ergueria o olhar, ligeiramente intrigado, e balançaria a cabeça. *Um cara que conheci*,

ele pensaria, e deixaria de lado o desconforto com um empurrão dos óculos no nariz e voltando para o dever de casa. *Um cara que conheci muito tempo atrás.*

Bill Denbrough colocou as mãos nos quadris, sorriu com alegria e disse:

— B-B-Bem, a-aqui e-e-estamos… agora o q-q-q-que estamos f-f-fazendo?

— Trouxe cigarro? — perguntou Richie com esperanças.

11

Cinco dias depois, com junho se aproximando do final, Bill contou a Richie que queria ir até a rua Neibolt para investigar debaixo da varanda onde Eddie tinha visto o leproso.

Eles tinham acabado de chegar à casa de Richie, e Bill estava empurrando Silver. Ele levou Richie na garupa durante a maior parte do caminho, em uma viagem empolgante e veloz por Derry, mas teve o cuidado de deixar Richie descer a uma quadra da casa dele. Se a mãe de Richie visse Bill com ele na garupa, teria um troço.

O cesto de Silver estava cheio de revólveres de brinquedo, dois de Bill e três de Richie. Eles passaram a maior parte da tarde no Barrens, brincando de armas. Beverly Marsh apareceu por volta das 15h usando uma calça jeans surrada e carregando um rifle de ar comprimido Daisy muito velho que tinha perdido a maior parte do impacto; quando você puxava o gatilho preso com fita adesiva, ele soltava um apito que, para Richie, parecia alguém se sentando em uma almofada de pum muito velha. A especialidade dela era de atiradora de elite japonesa. Ela era muito boa em subir em árvores e atirar nos desavisados que passavam por baixo. O hematoma na bochecha dela tinha passado a amarelo bem claro.

— O que você disse? — perguntou Richie. Ele estava chocado… mas também um pouco intrigado.

— Eu q-q-quero dar uma o-olhada debaixo daquela v-v-varanda — disse Bill. A voz estava teimosa, mas ele não olhou para Richie. Havia um ponto bem vermelho no alto das bochechas dele. Eles tinham chegado em frente à casa de Richie. Maggie Tozier estava na varanda lendo um livro. Ela acenou para eles e disse:

— Oi, garotos! Querem chá gelado?

— Já vamos entrar, mãe — disse Richie, e depois, para Bill: — Não vai ter nada lá. Ele deve ter visto um mendigo e morreu de medo. Você conhece Eddie.

— É, eu c-conheço E-E-Eddie. M-Mas le-le-lembra da f-foto no á-álbum?

Richie mexeu os pés com desconforto. Bill levantou a mão direita. Os band-aids não estavam mais lá, mas Richie conseguia ver os círculos de casca de ferida nos três dedos.

— É, mas…

— M-Me e-e-escuta — disse Bill. Ele começou a falar bem devagar, sustentando o olhar de Richie. Mais uma vez, relatou as similaridades entre a história de Ben e a de Eddie… e fez uma ligação entre elas e o que eles tinham visto na foto em movimento. Ele sugeriu de novo que o palhaço tinha assassinado os garotos e garotas encontrados mortos em Derry desde dezembro. — E t-talvez não só e-eles — concluiu Bill. — E t-t-todos os q-que de-desapareceram? E E-E-Eddie C-C-Corcoran?

— Merda, o padrasto dele assustou ele — disse Richie.

— T-Talvez s-sim, e t-talvez n-n-não — disse Bill. — Eu t-também conhecia ele um p-pouco, e s-s-sei que o p-p-pai b-b-batia nele. E t-também sei que ele p-p-passava n-noites fo-fora pra f-ficar longe d-dele.

— Então pode ser que o palhaço tenha pegado ele enquanto ele estava passando a noite fora — disse Richie, pensativo. — É isso?

Bill assentiu.

— O que você quer então? O autógrafo dele?

— Se o pa-pa-a-lhaço matou os o-o-outros, então e-ele m-m-matou Gi-Georgie — disse Bill. Ele encarou Richie com olhos que pareciam ardósia: duros, inflexíveis, imperdoáveis. — Eu q-quero m-m-matar ele.

— Jesus Cristo — disse Richie, assustado. — Como você vai fazer isso?

— M-Meu p-pai tem uma p-pistola — disse Bill. Um pouco de cuspe voou dos lábios dele, mas Richie nem percebeu. — E-Ele não s-sabe que eu sei, mas s-sei. Está na p-prateleira do alto do a-armário dele.

— Isso é ótimo se ele for um homem — disse Richie — e se conseguirmos encontrar ele sentado em uma pilha de ossos das crianças…

— Servi o chá gelado, meninos! — gritou a mãe de Richie com alegria. — É melhor vocês virem tomar!

— Já vamos, mãe! — gritou Richie de novo, oferecendo um grande sorriso falso que desapareceu assim que ele se virou para Bill. — Porque eu não atiraria em um cara só por ele estar usando uma roupa de palhaço, Billy. Você é meu melhor amigo, mas eu não faria isso e não deixaria *você* fazer se pudesse impedir.

— E s-se re-realmente ti-tivesse uma p-pilha de o-o-ossos?

Richie lambeu os lábios e não disse nada por um momento. Em seguida, perguntou a Bill:

— O que você vai fazer se não for um homem, Billy? E se for algum tipo de monstro? E se coisas assim existirem? Ben Hanscom disse que era a múmia, que os balões estavam flutuando contra o vento e não faziam sombra. A foto no álbum de Georgie… ou nós imaginamos aquilo, ou foi magia, e tenho que falar, cara, acho que não imaginamos. Seus dedos não imaginaram, né?

Bill balançou a cabeça.

— Então o que vamos fazer se não for um homem, Billy?

— E-Então n-n-nós vamos ter que p-pensar em o-outra coisa.

— Ah, é — disse Richie. — Consigo imaginar. Depois de você atirar quatro ou cinco vezes e ele continuar vindo pra cima da gente como o Lobisomem Adolescente do filme que vi com Ben e Bev, você pode tentar usar um estilingue. E se isso não funcionar, vou jogar um pouco do meu rapé nele. E se ele continuar vindo depois *disso*, vamos pedir tempo e dizer "Espera aí. Isso não está dando certo, seu Monstro. Olha, tenho que ir pesquisar na biblioteca. Volto logo. Com licença." É isso que você vai dizer, Big Bill?

Ele olhou para o amigo e sentiu a cabeça latejando rapidamente. Parte dele queria que Bill insistisse na ideia de verificar debaixo da varanda daquela casa velha, mas outra parte queria *desesperadamente* que Bill desistisse da ideia. De algumas maneiras, tudo isso era como entrar em um daqueles filmes de terror de sábado à tarde do Aladdin, mas, de outra maneira, de uma maneira crucial, era bem diferente. Porque não era seguro como um filme, onde você sabia que tudo terminaria bem e, mesmo que não terminasse, não era com você que as coisas davam errado. A foto no quarto de Georgie não foi como um filme. Ele achou que estava se esquecendo daquilo, mas aparentemente estava se enganando porque agora conseguia ver os cortes ao redor dos dedos de Billy. Se ele não tivesse puxado Bill…

Incrivelmente, Bill estava sorrindo. *Sorrindo* de verdade.

— V-V-Você q-queria q-que eu levasse v-você pra o-olhar a fo-foto — disse ele. — A-Agora q-quero te le-evar pra o-olhar uma c-casa. O-Olho por olho.

— Você não tem peito — disse Richie, e os dois caíram na gargalhada.

— A-Amanhã de m-m-manhã — disse Bill, como se tivesse sido decidido.

— E se for um monstro? — perguntou Richie, sustentando o olhar de Bill. — Se a arma do seu pai não detiver ele, Big Bill? Se ele continuar vindo?

— V-V-Vamos p-p-pensar em a-alguma c-coisa — disse Bill de novo. — V-Vamos ter que p-pensar. — Ele jogou a cabeça para trás e riu como um louco. Depois de um momento, Richie se juntou a ele. Era impossível não rir junto.

Eles andaram pela calçada até a varanda de Richie. Maggie tinha preparado copos enormes de chá gelado com raminhos de menta e um prato de biscoito de baunilha.

— V-Você q-q-quer?

— Ah, não — disse Richie. — Mas eu vou.

Bill bateu nas costas dele com força, e isso pareceu tornar o medo suportável, embora Richie tenha tido uma certeza repentina (e não estava errado) de que o sono demoraria a chegar naquela noite.

— Vocês pareciam estar tendo uma conversa séria ali — disse a sra. Tozier, sentando-se com o livro em uma das mãos e um copo de chá gelado na outra. Ela olhou para os garotos com expectativa.

— Ah, Denbrough está com uma ideia maluca de que os Red Sox vão terminar na primeira

divisão — disse Richie.

— E-Eu e meu p-p-p-pai a-achamos que e-eles têm ch-chance de te-terceiro lugar — disse Bill, e tomou um gole de chá gelado. — E-Está m-m-muito g-gostoso, sra. T-Tozier.

— Obrigada, Bill.

— O ano em que o Sox terminar na primeira divisão vai ser o ano que você vai parar de gaguejar, boca de mingau — disse Richie.

— *Richie!* — gritou a sra. Tozier, chocada. Ela quase deixou o copo de chá gelado cair. Mas tanto Richie quanto Bill Denbrough começaram a rir histericamente, sem parar. Ela olhou para o filho, para Bill e de novo para o filho, tomada de uma curiosidade que era mais uma simples perplexidade, mas em parte um medo tão delicado e pungente que penetrou no coração dela e vibrou lá como um diapasão feito de gelo.

Não entendo nenhum dos dois, pensou ela. *Para onde vão, o que fazem, o que querem… ou o que vão se tornar. Às vezes, ah, às vezes os olhos deles ficam selvagens, e às vezes tenho medo por eles, e às vezes tenho medo deles…*

Ela se viu pensando, não pela primeira vez, que seria bom se ela e Went tivessem tido uma menina também, uma loura bonita que ela poderia ter vestido de saia com lacinhos combinando e com sapatos de couro preto aos domingos. Uma menininha bonita que pediria para assar bolinhos depois da escola e que iria querer bonecas em vez de livros sobre ventriloquismo e modelos de carro Revell que andavam rápido.

Uma menininha que ela conseguiria compreender.

12

— Pegou? — perguntou Richie com ansiedade.

Eles estavam caminhando com as bicicletas pela rua Kansas, ao lado do Barrens, às 10h da manhã seguinte. O céu estava cinza. Havia chuva prevista para aquela tarde. Richie só conseguiu dormir depois de meia-noite e achava que Denbrough parecia ter tido uma noite bem insone também; o velho Big Bill carregava um par de malas Samsonite, uma debaixo de cada olho.

— P-Peguei — disse Bill. Ele bateu no casaco esporte verde que estava usando.

— Me deixa ver — disse Richie com fascinação.

— Agora, não — disse Bill, e depois sorriu. — A-Alguém pode ver. Mas o-o-olha o que mais eu t-trouxe. — Ele levou a mão às costas por baixo do casaco e pegou o estilingue Bullseye no bolso de trás.

— Ah, merda, estamos com problemas — disse Richie, começando a rir.

Bill fingiu estar magoado.

— F-F-Foi ideia s-sua, T-T-Tozier.

Bill ganhou o estilingue de alumínio feito especialmente para ele de aniversário no ano anterior. Foi o acordo que Zack conseguiu fazer entre a arma de calibre 22 que Bill queria e a recusa peremptória de sua mãe de sequer pensar em dar uma arma de fogo para um garoto da idade de Bill. O livreto de instruções dizia que um estilingue podia ser uma boa arma de caça depois que se aprendia a usá-lo. "Nas mãos certas, seu estilingue Bullseye é tão mortal e eficiente quanto um arco de freixo ou uma arma de fogo", proclamava o livreto. Com tais virtudes devidamente exaltadas, o livreto prosseguia e anunciava que um estilingue podia ser perigoso; o dono não devia mirar uma das vinte bolinhas de metal que vinham com ele em uma pessoa, tanto quanto não miraria um revólver carregado em uma pessoa.

Bill ainda não era muito bom com ele (e no fundo achava que jamais seria), mas achava que o aviso do livreto era apropriado; o elástico grosso do estilingue era forte, e quando você acertava uma lata de alumínio com ele, fazia um buraco enorme.

— Melhorou no estilingue, Big Bill? — perguntou Richie.

— Um p-p-pouco — disse Bill. Era verdade apenas em parte. Depois de muito estudar as fotos no livreto (que eram chamadas de *figs*, fig 1, fig 2 e assim por diante) e treinar o bastante no Parque Derry a ponto de cansar o braço, ele chegou a conseguir atingir o alvo de papel que *também* veio com o estilingue talvez três a cada dez vezes. E uma vez ele acertou na mosca. Quase.

Richie puxou o elástico pela parte de trás, fez com que vibrasse e o devolveu. Ele não disse nada, mas internamente duvidou que teria o mesmo valor que a arma de Zack Denbrough quando fosse hora de matar monstros.

— É? — disse ele. — Você trouxe seu estilingue, certo, grande coisa. Isso não é nada. Olha o que *eu* trouxe, Denbrough. — E de dentro do casaco ele tirou uma caixa com um desenho de um homem careca dizendo *A-TCHIM!* com as bochechas inchadas como as de Dizzy Gillespie. PÓ DE RAPÉ DO DR. WACKY, dizia a caixa. É UMA GARGALHADA SÓ!

Os dois se olharam por bastante tempo e então desabaram, gritando, gargalhando e batendo nas costas um do outro.

— E-E-Estamos pr-preparados para q-qualquer coisa — disse Bill por fim, ainda dando risadinhas e secando os olhos com a manga do casaco.

— Sua cara e minha bunda, Bill Gago — disse Richie.

— A-A-Achei que e-era o c-c-contrário — disse Bill. — Agora escuta. V-Vamos g-guardar s-sua bi-bi-bicicleta no B-Barrens. O-Onde d-deixo Silver quando brincamos. V-Você vai na m-minha g-g-garupa pro c-caso de a g-gente ter que fu-fugir r-r-rápido.

Richie assentiu, não sentindo necessidade de discutir. A bicicleta Raleigh aro 22 (ele às vezes batia com os joelhos no guidão quando estava pedalando rápido) parecia uma bicicleta pigmeia ao lado da enormidade esquelética que era Silver. Ele sabia que Bill era mais forte e Silver era mais rápida.

Eles chegaram à pequena ponte e Bill ajudou Richie a guardar a bicicleta lá embaixo. Em

seguida, eles se sentaram e, com o ocasional tremor do tráfego passando acima da cabeça deles, Bill abriu o casaco e pegou a arma do pai.

— T-Tenha m-muito c-c-cuidado — disse Bill, entregando-a depois de Richie assobiar em aprovação. — N-Não tem t-trava de s-se-segurança em uma p-pistola assim.

— Está carregada? — perguntou Richie, impressionado. A pistola, uma PPK Walther que Zack Denbrough adquiriu durante a ocupação do Japão, parecia incrivelmente pesada.

— A-ainda n-não — disse Bill. Ele bateu no bolso. — T-T-Tenho umas b-b-ba-balas a-aqui. Mas meu p-p-pai di-diz que às v-vezes você o-olha e então, s-se a a-a-a-arma a-acha que v-você não está tomando c-cuidado, ela s-se c-c-carrega s-sozinha. P-Pra poder a-a-atirar em você. — O rosto dele formou um sorriso estranho enquanto ele falava, um sorriso que dizia que, embora ele não acreditasse em uma coisa boba assim, também acreditava inteiramente.

Richie entendia. Havia uma mortalidade enjaulada no objeto que ele nunca sentira na 22 do pai, nem na 30-30, nem no rifle (embora houvesse alguma coisa no rifle, não? Alguma coisa na forma como ele ficava encostado, mudo e lubrificado, no canto do armário da garagem; como se pudesse dizer, caso pudesse falar: *Eu poderia ser mau se quisesse; muito mau, pode apostar*). Mas essa pistola, essa Walther… era como se ela tivesse sido feita com o propósito claro de atirar em pessoas. Com um tremor, Richie percebeu que *era esse* o motivo de sua fabricação. Que outra coisa se podia fazer com uma pistola? Usá-la para acender seus cigarros?

Ele virou o cano em sua direção, tomando cuidado de manter as mãos longe do gatilho. Uma olhada dentro do olho preto sem pálpebra da Walther o fez entender perfeitamente o sorriso peculiar de Bill. Ele se lembrou do pai dizendo: *Se você lembrar que não existe arma descarregada, vai ficar bem com armas de fogo por perto pelo resto da vida, Richie.* Ele devolveu a pistola para Bill, feliz de se livrar dela.

Bill a guardou dentro do casaco de novo. De repente, a casa na rua Neibolt pareceu menos assustadora para Richie… mas a possibilidade de que sangue pudesse ser derramado, isso parecia bem mais forte.

Ele olhou para Bill, talvez pretendendo apelar para essa ideia de novo, mas viu o rosto do amigo, leu a expressão e apenas disse:

— Pronto?

13

Como sempre, quando Bill finalmente tirou o segundo pé do chão, Richie teve certeza de que eles iriam cair e abrir o crânio no cimento duro. A bicicleta enorme tremeu loucamente de um lado

para o outro. As cartas presas nos raios pararam de fazer sons individuais e começaram a disparar como uma metralhadora. Os tremores bêbados da bicicleta ficaram mais pronunciados. Richie fechou os olhos e esperou o inevitável.

E então, Bill gritou:

— *Hi-yo Silver, VAMOOOS!*

A bicicleta pegou velocidade e o balanço enjoativo de um lado para o outro acabou parando. Richie deixou de apertar a cintura de Bill e se segurou na garupa acima da roda de trás. Bill atravessou a rua Kansas inclinado, disparou pelas ruas laterais em ritmo ainda mais rápido e seguiu para a Witcham como se apostando corrida. Eles saíram com tudo na rua Strapham e depois na Witcham em uma velocidade exorbitante. Bill quase fez Silver deitar e gritou *"Hi-yo Silver!"* de novo.

— Pedala, Big Bill — gritou Richie, tão apavorado que estava quase sujando a calça, mas rindo loucamente ao mesmo tempo. — Fica de *pé* nessa belezinha!

Bill ajustou a ação à palavra, ficou de pé e se inclinou por cima do guidão, pedalando em ritmo alucinado. Ao olhar para as costas de Bill, que eram incrivelmente largas para um garoto de 11, quase 12 anos, vendo-as trabalhar por baixo do casaco, com os ombros se inclinando primeiro para um lado e depois para o outro enquanto ele jogava o peso de um pedal para o outro, Richie de repente teve certeza de que eles eram invencíveis… que viveriam para todo o sempre. Bem… talvez não *eles*, mas Bill, sim. Bill não fazia ideia do quanto era forte, do quanto era seguro e perfeito.

Eles seguiram em disparada, e as casas começaram a rarear e as ruas cruzavam a Witcham em intervalos mais longos.

— *Hi-yo Silver*! — gritou Bill, e Richie gritou com sua Voz de Negro Jim, alta e aguda:

— Hi-yo Silva, mestre, issaí! Ocê tá mandando ver na bike! Meu Deus do céu! Hi-yo Silva *VAMOOOS!*

Agora eles estavam passando por campos verdes que pareciam chapados e sem profundidade sob o céu cinzento. Richie conseguia ver a velha estação de trem de tijolo ao longe. À direita dela, havia vários armazéns. Silver bateu em um trilho de trem, depois em outro.

E aqui estava a rua Neibolt, surgindo à direita. PÁTIO DE TRENS DE DERRY, dizia uma placa azul debaixo da placa da rua. Estava enferrujada e torta. Abaixo dela havia uma placa bem maior,

de fundo amarelo e letras pretas. Parecia um comentário sobre o próprio pátio de trens: BECO SEM SAÍDA, dizia ela.

Bill entrou na rua Neibolt, foi reduzindo até a calçada e colocou o pé no chão.

— Vamos a-andar a partir daqui.

Richie saiu da garupa com uma sensação misturada de alívio e arrependimento.

— Tudo bem.

Eles andaram pela calçada rachada e cheia de ervas daninhas. À frente, no pátio de trens, um motor a diesel acelerou lentamente, parou e recomeçou. Uma ou duas vezes eles ouviram a melodia metálica de acoplamentos se unindo.

— Com medo? — Richie perguntou a Bill.

Bill, empurrando Silver pelo guidão, olhou para Richie brevemente e assentiu.

— S-Sim. Você?

— Sem dúvida — disse Richie.

Bill contou a Richie que tinha perguntado ao pai sobre a rua Neibolt na noite anterior. O pai disse que muitos funcionários de trens moraram aqui até o final da Segunda Guerra Mundial: engenheiros, condutores, sinaleiros, funcionários do pátio, operadores de bagagem. A rua entrou em declínio junto com os trens, e conforme Bill e Richie seguiam por ela, as casas ficaram mais separadas, mais velhas, mais sujas. As últimas três ou quatro dos dois lados estavam vazias e cobertas por tábuas, com os jardins malcuidados. Uma placa de VENDE-SE balançava desamparada na varanda de uma. Para Richie, a placa parecia ter mil anos de idade. A calçada sumiu, e agora eles estavam andando no chão de terra batida em que cresciam algumas ervas daninhas.

Bill parou e apontou.

— A-Ali está — disse ele baixinho.

O número 29 da rua Neibolt já tinha sido uma casa elegante no estilo Cape Cod. Talvez, pensou Richie, um engenheiro morasse ali, um solteirão que não usava calça social, mas sim calça jeans e um monte de luvas com punhos rígidos e quatro ou cinco bonés, um cara que iria para casa uma ou duas vezes por mês por períodos de três ou quatro dias e escutaria rádio enquanto mexia no jardim; um cara que comeria basicamente comidas fritas (e *nada* de legumes, apesar de plantar para os amigos) e que, em noites com vento, pensaria na Garota que Deixou para Trás.

Agora a tinta vermelha tinha desbotado até um cor-de-rosa lavado que estava descascando em pedaços feios que pareciam feridas. As janelas eram olhos cegos cobertos de tábuas. A maior parte das telhas tinha caído. Ervas daninhas cresciam de forma desenfreada dos dois lados da casa, e o gramado estava coberto com a primeira leva de dentes-de-leão da estação. À esquerda, uma cerca alta, talvez no passado branca e bem-cuidada, mas agora em um tom cinza que era quase igual ao céu baixo, aparecia esporadicamente entre a vegetação densa. A meio caminho dessa cerca, Richie conseguia ver uma área monstruosa de girassóis. Os mais altos pareciam ter um metro e meio ou mais. Tinham uma aparência inchada e feia da qual ele

não gostou. Uma brisa os fez balançar e eles pareceram assentir juntos: *Os garotos chegaram, não é legal? Mais garotos. Nossos garotos.* Richie tremeu.

Enquanto Bill encostava Silver com cuidado em um olmo, Richie observou a casa. Ele viu uma roda na grama alta perto da varanda e mostrou para Bill. Bill assentiu; era o triciclo virado que Eddie mencionara.

Eles olharam para um lado e para o outro da rua Neibolt. O som do motor a diesel aumentou e diminuiu, depois recomeçou. O som parecia harmonizar com o céu como um encanto. A rua estava completamente deserta. Richie conseguia ouvir carros ocasionais passando na autoestrada 2, mas não conseguia vê-los.

O motor a diesel soou e sumiu, soou e sumiu.

Os enormes girassóis assentiram juntos com sabedoria. *Garotos frescos. Bons garotos.* Nossos *garotos.*

— E-E-Está p-pronto? — perguntou Bill, e Richie deu um salto.

— Sabe, eu estava pensando que acho que os últimos livros que peguei na biblioteca vencem hoje — disse Richie. — Acho que devo…

— P-P-Para de m-merda, R-R-Richie. Você e-está pronto ou n-n-não?

— Acho que sim — disse Richie, sabendo que não estava nada pronto, que *nunca* estaria pronto para essa situação.

Eles atravessaram o gramado alto até a varanda.

— O-Olha a-a-ali — disse Bill.

Na extremidade do lado esquerdo, a grade de ripas entrelaçadas da varanda estava forçada para fora na direção dos arbustos. Os dois garotos conseguiam ver os pregos enferrujados que tinham se soltado. Havia roseiras velhas ali, e apesar de as rosas à direita e à esquerda do pedaço solto de cercado estarem florescendo de forma aleatória, as que ficavam ao redor estavam murchas e mortas.

Bill e Richie se entreolharam com expressão soturna. Tudo que Eddie disse parecia verdade; sete semanas depois, as evidências ainda estavam lá.

— Você não quer mesmo entrar lá embaixo, quer? — perguntou Richie. Ele estava quase implorando.

— N-N-Não — disse Bill —, m-mas eu v-vou.

E com o coração despencando, Richie viu que ele estava falando sério. Aquela luz cinza estava de volta aos olhos de Bill, brilhando com firmeza. Havia uma ansiedade pétrea nas linhas do rosto dele que o fazia parecer mais velho. Richie pensou: *Acho que ele pretende mesmo matar o monstro se ele ainda estiver lá. Matar e quem sabe cortar a cabeça fora, levar pro pai e dizer "Olha, foi isso que matou Georgie, agora você vai voltar a falar comigo de noite, quem sabe só me contar como foi seu dia, ou quem perdeu quando vocês tiraram cara ou coroa pra decidir quem ia pagar o café da manhã?"*

— Bill — disse ele, mas Bill não estava mais lá. Estava andando em direção ao lado direito da varanda, onde Eddie deve ter entrado rastejando. Richie teve que ir atrás e quase

tropeçou no triciclo no meio da grama, enferrujando lentamente no chão.

Ele alcançou Bill quando ele estava agachado, olhando debaixo da varanda. Não havia cerca deste lado; alguém, algum vagabundo, tinha arrancado tempos antes para ter acesso ao abrigo ali embaixo, para fugir da neve de janeiro ou da chuva fria de novembro ou de uma tempestade de verão.

Richie se agachou ao lado dele, com o coração disparado. Não havia nada debaixo da varanda além de montes de folhas podres, jornais amarelados e sombras. Sombras demais.

— Bill — repetiu ele.

— O q-q-quê?

Bill estava com a Walther do pai na mão de novo. Ele puxou o pente e pegou quatro balas no bolso da calça. Carregou uma de cada vez. Richie observou com fascinação, depois olhou debaixo da varanda de novo. Desta vez, viu outra coisa. Vidro quebrado. Pedaços reluzentes de vidro estilhaçado. Sua barriga se contraiu dolorosamente. Ele não era um garoto burro, e entendeu que isso praticamente confirmava a história de Eddie. Estilhaços de vidro nas folhas podres debaixo da varanda significavam que a janela tinha sido quebrada de dentro. Do porão.

— *O q-quê?* — perguntou Bill de novo, olhando para Richie. Seu rosto estava sério e pálido. Ao olhar para aquele rosto determinado, Richie jogou mentalmente a toalha.

— Nada — disse ele.

— Você v-vem?

— Vou.

Eles se arrastaram para debaixo da varanda

O cheiro de folhas podres era um cheiro do qual Richie costumava gostar, mas não havia nada de agradável no cheiro ali embaixo. As folhas pareciam esponjosas debaixo de suas mãos e joelhos, e ele teve uma impressão de que podiam formar uma pilha de 60 a 90 centímetros. Ele se perguntou de repente o que faria se uma mão ou uma garra surgisse no meio daquelas folhas e o agarrasse.

Bill estava examinando a janela quebrada. Havia vidro para todo lado. A tábua de madeira que ficava no meio da vidraça estava partida em dois debaixo dos degraus da varanda. A parte de cima da moldura da janela se projetava como um osso quebrado.

— Alguma coisa bateu nessa porra com força — murmurou Richie. Bill, agora olhando para dentro, ou ao menos tentando, assentiu.

Richie empurrou-o com o cotovelo o bastante para também poder olhar. O porão era uma confusão escura de caixas e engradados. O chão era de terra e, como as folhas, emitia um aroma úmido. Havia uma fornalha à esquerda, com canos redondos que iam até o teto baixo. Atrás dela, no final do porão, Richie conseguia ver uma cabine grande com laterais de madeira. Uma baia de cavalo foi seu primeiro pensamento, mas quem guardava cavalos em um porão? Logo ele se deu conta de que em uma casa velha como essa, a fornalha devia usar carvão em vez de óleo. Ninguém tinha se dado ao trabalho de converter a fornalha porque ninguém queria aquela casa. Aquela coisa com paredes era um depósito de carvão. À extrema

direita, Richie conseguia ver um lance de escadas indo para o térreo.

Agora Bill estava se sentando… se encolhendo para a frente… e antes que Richie conseguisse acreditar no que ele estava fazendo, as pernas de seu amigo desapareceram na janela.

— Bill! Pelamordedeus — sibilou ele —, o que você está *fazendo*? *Sai* daí!

Bill não respondeu. Ele deslizou pelo buraco, arrastou o casaco pelas costas e passou perto de um pedaço de vidro que teria feito um corte feio. Um segundo depois, Richie ouviu os tênis dele baterem na terra dura lá dentro.

— Merda de ideia — murmurou Richie freneticamente para si mesmo, olhando para o quadrado de escuridão no qual seu amigo desapareceu. — Bill, você perdeu a *cabeça*?

A voz de Bill veio lá de dentro:

— P-Po-pode ficar aí em c-cima se q-quiser, R-R-Richie. F-Fica vi-vigiando.

O que ele fez foi rolar sobre a barriga e enfiar as pernas pela janela do porão antes que o medo pudesse tomar conta dele, torcendo para não cortar as mãos nem a barriga nos pedaços de vidro quebrado.

Alguma coisa agarrou suas pernas. Richie gritou.

— S-S-Sou s-s-só e-eu — sibilou Bill, e um momento depois Richie estava de pé ao lado dele no porão, ajeitando a camisa e o casaco. — Q-Quem v-você a-achou que e-era?

— O bicho-papão — disse Richie, e deu uma risada trêmula.

— V-Você v-vai p-por a-ali e e-e-eu v-v-v…

— Foda-se isso — disse Richie. Ele conseguia ouvir seus batimentos na voz, fazendo-a parecer trêmula e irregular, primeiro aguda e depois grave. — Vou ficar com você, Big Bill.

Eles seguiram em direção ao depósito de carvão primeiro, Bill um pouco à frente com a arma na mão, Richie logo atrás, tentando olhar para todos os lados ao mesmo tempo. Bill ficou ao lado de uma das laterais do depósito de carvão por um momento, depois deu um salto de repente, apontando a arma com as duas mãos. Richie fechou bem os olhos e se preparou para a explosão. Ela não aconteceu. Ele abriu os olhos de novo com cuidado.

— N-N-Nada além de c-carvão — disse Bill, e riu com nervosismo.

Richie andou até Bill e olhou. Ainda havia um resto de carvão velho lá dentro, empilhado quase até o teto no fundo do depósito e descendo até os pés deles. Era preto como as asas de um corvo.

— Vamos… — começou Richie, e então a porta no alto da escada do porão se abriu com força contra a parede, fazendo um estrondo alto e espalhando a luz mortiça do dia pela escadaria.

Os dois garotos gritaram.

Richie ouviu sons de rosnado. Eram bem altos, os sons que um animal selvagem em uma jaula poderia fazer. Viu sapatos descendo os degraus. Uma calça jeans surrada acima deles, mãos balançando…

Mas não eram mãos… eram patas. Enormes, deformadas.

— *S-S-Sobe no c-c-carvão!* — gritou Bill, mas Richie estava paralisado por saber de repente o que estava atrás deles, o que ia matá-los nesse porão com fedor de terra úmida e vinho barato derramado nos cantos. Sabendo, mas precisando ver. — *Tem uma j-j-janela no a-alto do c-carvão!*

As patas eram cobertas de pelos castanhos densos que se encaracolavam como arame; os dedos tinham unhas irregulares nas pontas. Agora, Richie viu uma jaqueta de cetim. Era preta com viés laranja, as cores da Derry High School.

— *V-V-Vai!* — gritou Bill, e deu um empurrão gigantesco em Richie. Ele caiu esparramado no carvão. Pontas afiadas o cutucaram dolorosamente, fazendo-o despertar. Mais carvão caiu sobre suas mãos. O rosnado louco prosseguiu.

O pânico tomou conta da mente de Richie.

Mal percebendo o que estava fazendo, ele subiu a montanha de carvão, progredindo, escorregando, subindo de novo, sempre gritando. A janela no alto estava manchada de preto e não deixava entrar luz nenhuma. Estava bem trancada. Richie pegou a tranca, que era do tipo que se girava, e jogou o peso contra ela. A tranca nem se mexeu. O rosnado estava mais próximo agora.

A arma foi disparada abaixo dele, e o som foi quase ensurdecedor no ambiente fechado. Fumaça intensa e acre fez o nariz de Richie arder. Isso provocou um choque que o levou à percepção, e ele se deu conta de que estava tentando girar a tranca para o lado errado. Ele mudou a direção da força que estava aplicando e a tranca cedeu com um gemido enferrujado. Poeira de carvão cobriu suas mãos como pimenta.

A arma soou de novo com um segundo estrondo ensurdecedor. Bill Denbrough gritou:

— *VOCÊ MATOU MEU IRMÃO, SEU MERDA!*

Por um momento, a criatura que tinha descido a escada pareceu rir, pareceu falar. Era como se um cachorro cruel tivesse começado a latir de repente palavras desconexas, e por um momento Richie pensou que a coisa de jaqueta do ensino médio tinha rosnado *Também vou matar você.*

— *Richie!* — gritou Bill, e Richie ouviu carvão estalando e deslizando conforme Bill se esforçava para subir. Os rosnados e rugidos prosseguiram. Madeira rachou. Houve uma mistura de latidos e uivos, sons de um pesadelo terrível.

Richie deu um empurrão na janela, sem se importar se o vidro quebraria e cortaria suas mãos em pedacinhos. Tinha passado do ponto de ligar. Ela não quebrou; abriu para fora com a dobradiça de aço coberta de ferrugem. Mais poeira de carvão voou, desta vez no rosto de Richie. Ele saiu no pátio lateral como uma enguia, sentindo o cheiro de ar fresco, sentindo a grama alta bater no rosto. Mal percebeu que estava chovendo. Ele conseguia ver os caules altos dos enormes girassóis, verdes e peludos.

A Walther foi disparada uma terceira vez, e a fera no porão gritou, um som primitivo de pura fúria. E então, Bill gritou:

— *Ele me p-pegou, Richie! Socorro! Ele me p-p-pegou!*

Richie se virou de quatro e viu o círculo apavorado do rosto do amigo no quadrado da janela do porão pela qual a quantidade de carvão suficiente para todo o inverno era jogada a cada mês de outubro.

Bill estava deitado no carvão. Suas mãos se balançavam e procuravam sem resultado a moldura da janela, que estava fora de alcance. Sua camisa e casaco estavam levantados até o peito. E ele estava deslizando para trás… não, ele estava sendo *puxado* para trás por alguma coisa que Richie mal conseguia ver. Era uma sombra enorme em movimento atrás de Bill. Uma sombra que rosnava e murmurava e parecia quase humana.

Richie não precisava vê-la. Tinha visto no sábado anterior, na tela do cinema Aladdin. Era loucura, loucura total, mas mesmo assim nunca ocorreu a Richie duvidar de sua própria sanidade nem de sua conclusão.

O Lobisomem Adolescente tinha agarrado Bill Denbrough. Só que não era aquele Michael Landon com um monte de maquiagem e um monte de pelos falsos. Era *real*.

Como se para provar isso, Bill gritou de novo.

Richie se esticou e segurou as mãos de Bill. A pistola Walther estava em uma delas, e pela segunda vez naquele dia, Richie olhou em seu olho negro… só que desta vez ela estava carregada.

Eles fizeram cabo de guerra por Bill, Richie puxando pelas mãos, o Lobisomem pelos tornozelos.

— *S-S-Sai daqui, Richie!* — gritou Bill. — *S-Sai…*

O rosto do Lobisomem saiu da escuridão de repente. A testa era baixa e projetada, coberta de esparsos pelos. As bochechas eram afundadas e peludas. Os olhos eram castanho-escuros, tomados de uma inteligência horrível, uma percepção horrível. A boca se abriu e ele começou a rosnar. Uma espuma branca escorreu pelos cantos do lábio inferior em dois filetes que pingaram do queixo. O cabelo na cabeça estava puxado para trás em uma paródia hedionda de um penteado adolescente. Ele jogou a cabeça para trás e rugiu, sem tirar os olhos de Richie.

Bill lutou para subir pelo carvão. Richie segurou os antebraços dele e puxou. Por um momento, ele achou que venceria. Mas então o Lobisomem voltou a segurar as pernas de Bill e ele foi puxado para trás, em direção à escuridão mais uma vez. Ele era mais forte. Estava segurando Bill e pretendia ficar com ele.

Sem pensar no que estava fazendo nem por que, Richie ouviu a Voz do Policial Irlandês saindo da boca, a voz do sr. Nell. Mas não era Richie Tozier fazendo uma imitação ruim; não era nem exatamente o sr. Nell. Era a Voz de cada policial irlandês que já tinha vivido, feito batidas e girado um cassetete pela cordinha ao testar portas de lojas fechadas depois da meia-noite:

— *Solta ele, meu chapa, senão racho sua cuca! Juro por Deus! Solta ele agora senão vou servir sua bunda numa bandeja!*

A criatura no porão soltou um rugido de ira de arrebentar os tímpanos… mas pareceu a Richie que havia uma outra emoção nesse grito. Talvez medo. Ou dor.

Ele deu outro puxão forte, e Bill voou pela janela e caiu na grama. Olhou para Richie com olhos sombrios e apavorados. A parte da frente do casaco estava manchada de preto de poeira de carvão.

— R-R-Rápido! — ofegou Bill. Estava quase gemendo. Ele agarrou a camisa de Richie. — T-T-Temos…

Richie conseguia ouvir carvão deslizando de novo. Um momento depois, a cara do Lobisomem ocupou a janela do porão. Ele rosnou para eles. Enfiou as patas na grama.

Bill ainda estava com a Walther, tinha ficado com a arma na mão o tempo todo. Agora, ele a segurou com as duas mãos, apertou bem os olhos e puxou o gatilho. Houve outro estrondo ensurdecedor. Richie viu um pedaço do crânio do Lobisomem se soltar e uma torrente de sangue escorrer pela lateral do rosto dele, molhando o pelo e a gola da jaqueta que ele usava.

Rugindo, ele começou a sair pela janela.

Com movimentos lentos, sonhadores, Richie enfiou a mão dentro do casaco até o bolso de trás da calça. Pegou o envelope com a foto do homem espirrando. Abriu-o enquanto a criatura sangrenta que rugia saía pela janela à força, afundando as garras na terra. Richie abriu o pacote e apertou-o.

— *Volte pro seu lugar, meu chapa!* — ordenou ele com a Voz do Policial Irlandês. Uma nuvem branca voou na cara do Lobisomem. Os rugidos pararam de repente. Ele olhou para Richie com surpresa quase cômica e fez um som engasgado. Os olhos, vermelhos e embaçados, rolaram na direção de Richie e pareceram marcá-lo para todo o sempre.

E então, ele começou a espirrar.

Ele espirrou sem parar. Filetes de saliva voavam de seu focinho. Pedaços verde-enegrecidos de meleca voavam das narinas. Uma dessas caiu na pele de Richie e queimou como ácido. Ele a limpou com um grito de dor e nojo.

Ainda havia raiva na cara dele, mas também havia dor. Era inconfundível. Bill poderia tê-lo ferido com a pistola do pai, mas Richie o feriu mais… primeiro com a Voz do Policial Irlandês, depois com o pó de rapé.

Meu Deus, se eu tivesse pó de mico também e quem sabe um aparelho de choque, poderia até matar ele, pensou Richie, e então Bill segurou a gola do casaco dele e puxou-o para trás.

Ainda bem que ele fez isso. O Lobisomem parou de espirrar tão repentinamente quanto começou e pulou para cima de Richie. E foi rápido, incrivelmente rápido.

Richie poderia ter ficado ali com o envelope vazio de pó de rapé do dr. Wacky na mão, olhando para o Lobisomem com uma espécie de espanto drogado, pensando no quanto o pelo dele era castanho, no quanto o sangue era vermelho, que nada era em preto e branco na vida real. Poderia ter ficado ali até as patas dele se fecharem ao redor de seu pescoço e suas longas unhas arrancarem sua garganta, mas Bill o puxou de novo até ficar de pé.

Richie cambaleou atrás dele. Eles correram até a frente da casa, e Richie pensou: *Ele não vai ousar nos caçar mais, estamos na rua agora, ele não vai ousar nos caçar, não vai ousar, não vai ousar…*

Mas estava vindo. Richie conseguia ouvi-lo logo atrás, murmurando, rosnando e babando.

Ali estava Silver, ainda encostada na árvore. Bill pulou no selim e jogou a pistola do pai na cestinha da frente, onde eles já tinham carregado tantas armas de brinquedo. Richie lançou um olhar para trás ao correr para a garupa e viu o Lobisomem atravessando o gramado na direção deles, a menos de 6 metros de distância. Sangue e baba se misturavam na jaqueta. Um osso branco brilhava no ferimento na têmpora direita. Havia manchas brancas de rapé nas laterais do nariz dele. E Richie viu duas outras coisas que pareceram completar o horror. Não havia zíper na jaqueta da coisa; em vez disso, havia grandes botões macios laranja, como pompons. A outra coisa era pior. Foi a outra coisa que o fez achar que ia desmaiar, ou apenas desistir e deixar que a coisa o matasse. Havia um nome bordado na jaqueta em linha dourada, o tipo de coisa que dava para mandar fazer por um dólar na Machen se que você quisesse.

Bordadas no peito esquerdo sangrento da jaqueta do Lobisomem, manchadas, mas legíveis, estavam as palavras RICHIE TOZIER.

A coisa pulou para cima deles.

— *Vai, Bill!* — gritou Richie.

Silver começou a se mover, mas devagar, devagar demais. Bill demorava tanto para pegar o embalo…

O Lobisomem atravessou o caminho irregular na mesma hora em que Bill saiu pedalando na rua Neibolt. Sangue manchava a calça jeans surrada do monstro, e ao olhar para trás por cima do ombro, tomado de uma espécie de fascinação terrível e firme que parecia hipnose, Richie viu que as costuras da calça estavam se abrindo em alguns pontos e tufos de pelos castanhos estavam aparecendo.

Silver balançou loucamente de um lado para o outro. Bill estava de pé, segurando o guidão da bicicleta por baixo, com a cabeça virada para o céu nublado e os tendões se destacando no pescoço. E as cartas ainda estavam fazendo disparos individuais.

Uma pata raspou em Richie. Ele gritou com infelicidade e se encolheu. O Lobisomem rosnou e sorriu. Estava perto o bastante para Richie conseguir ver as córneas amareladas dos olhos dele, conseguir sentir o cheiro de carne doce e podre no hálito dele. Os dentes eram presas tortas.

Richie gritou de novo quando o monstro o atacou com a pata. Tinha certeza de que ele ia arrancar sua cabeça, mas a pata passou na frente dele, errando por uns 3 centímetros. A força do movimento fez o cabelo suado de Richie voar da testa.

— *Hi-yo Silver VAMOOOS!* — gritou Bill com todo o fôlego.

Ele chegou ao alto de uma colina baixa. Não era muito, mas o bastante para dar impulso em Silver. As cartas ganharam velocidade e começaram a soar em uníssono. Bill pedalava loucamente. Silver parou de balançar e desceu reto pela rua Neibolt em direção à autoestrada 2.

Graças a Deus, graças a Deus, graças a Deus, pensou Richie com incoerência. *Graças…*

O Lobisomem rugiu de novo — *ah! meu Deus, ele parece estar BEM AO MEU LADO* — e

Richie ficou sem ar quando sua camisa e seu casaco foram puxados por cima de sua traqueia. Ele fez um som estrangulado e conseguiu agarrar a cintura de Bill bem na hora em que seria arrancado da bicicleta. Bill foi puxado para trás, mas se segurou no guidão de Silver. Por um momento, Richie achou que a grande bicicleta simplesmente viraria e derrubaria os dois no chão. Mas seu casaco, que estava pronto para ir para o lixo de qualquer jeito, se rasgou nas costas com um som alto que pareceu um grande peido. Richie conseguia respirar de novo.

Ele virou a cabeça e olhou diretamente dentro daqueles olhos enevoados e assassinos.

— *Bill!* — Ele tentou berrar, mas a palavra não tinha força, não tinha som.

Bill pareceu ouvi-lo mesmo assim. Ele pedalou com mais força, mais do que em qualquer outra ocasião de sua vida. Suas entranhas pareciam inflar, se soltar. Ele conseguia sentir gosto de sangue e cobre no fundo da garganta. Seus globos oculares estavam saltados. Sua boca estava escancarada, absorvendo ar. E uma sensação louca e inelutável de euforia tomou conta dele, uma coisa que era selvagem e livre e apenas dele. Um desejo. Ele ficou de pé nos pedais; seduziu-os; maltratou-os.

Silver continuou a ganhar velocidade. Ela estava começando a sentir a rua agora, começando a voar. Bill conseguia senti-la ir.

— *Hi-yo Silver!* — gritou ele de novo. — *Hi-yo Silver, VAMOOOS!*

Richie conseguia sentir o baque de sapatos no asfalto. Ele se virou. A pata do Lobisomem bateu acima dos olhos dele com força perturbadora, e por um momento Richie achou que a parte de cima do seu crânio tinha sido arrancada. As coisas de repente pareceram embotadas, nada importantes. Os sons iam e vinham. As cores sumiram do mundo. Ele se virou de novo, agarrando-se desesperadamente a Bill. Sangue quente escorreu em seu olho direito e o fez arder.

A pata atacou de novo e acertou o para-choque de trás desta vez. Richie sentiu a bicicleta balançar loucamente, à beira de virar por um momento, mas finalmente se ajeitando. Bill gritou *Hi-yo Silver, VAMOOOS!* de novo, mas isso também soou distante, como um eco ouvido antes de desaparecer.

Richie fechou os olhos, se agarrou a Bill e esperou o fim.

14

Bill também ouviu os passos e entendeu que o palhaço ainda não tinha desistido, mas não ousava se virar para olhar. Ele saberia se o monstro os alcançasse e derrubasse. Isso era tudo que precisava realmente saber.

Vamos, rapaz, pensou ele. *Me dá tudo agora! Tudo que você consegue! Vamos, Silver! VAMOS!*

Assim, mais uma vez Bill Denbrough se viu correndo para vencer o diabo, só que agora o diabo era um palhaço sorridente horroroso cujo rosto suava em tinta branca oleosa, cuja boca se curvava em um sorriso vermelho vampiresco e predador, cujos olhos eram moedas prateadas brilhantes. Um palhaço que estava, por algum motivo louco, usando uma jaqueta da Derry High School por cima da roupa prateada com gola laranja e botões de pompom laranja.

Vamos, rapaz, vamos... Silver, o que você diz?

A rua Neibolt era uma mancha agora. Silver estava começando a murmurar. Os passos estavam mesmo um pouco mais distantes? Ele ainda não ousava se virar para olhar. Richie estava agarrado a ele com toda força, estava dificultando sua respiração, e Bill queria mandar Richie afrouxar o aperto, mas não ousava perder fôlego com isso também.

Um pouco à frente, como um belo sonho, estava a placa de PARE que marcava o cruzamento da rua Neibolt com a autoestrada 2. Carros passavam de um lado para o outro na Witcham. Em seu estado de terror exausto, isso pareceu um milagre aos olhos de Bill.

Agora, como ele teria que acionar os freios em um momento (ou fazer alguma coisa *muito* criativa), ele arriscou uma olhada por cima do ombro.

O que ele viu o fez reverter os pedais de Silver com um movimento único e repentino. Silver deslizou, queimou borracha do pneu traseiro travado e a cabeça de Richie bateu dolorosamente no ombro direito de Bill.

A rua estava completamente vazia.

Mas a cerca de 20 metros atrás deles, perto da primeira casa abandonada que formava uma espécie de cortejo fúnebre até o pátio de trens, ele viu um movimento laranja. Estava perto de um bueiro paralelo ao meio-fio.

— Ahhhh...

Quase tarde demais, Bill percebeu que Richie estava deslizando da garupa de Silver. Os olhos de Richie estavam virados para cima, de forma que Bill só conseguia ver a parte de baixo das íris por baixo das pálpebras superiores. Os óculos remendados estavam tortos. Sangue escorria lentamente da testa dele.

Bill segurou o braço dele, os dois deslizaram para a direita, e Silver perdeu o equilíbrio. Eles caíram na rua em um emaranhado de braços e pernas. Bill bateu com o cotovelo com força e urrou de dor. Os olhos de Richie tremeram depois do grito.

— Vou mostrarr pra usted como conseguirr esses tesouros, senhorr, mas esse tal de Dobbs é bastante perigoso — disse Richie em um ofego rouco.

Era sua Voz de Pancho Villa, mas o tom flutuante e desconectado assustou Bill terrivelmente. Ele viu vários pelos castanhos presos no ferimento superficial na testa de Richie. Os pelos eram meio encaracolados, como os pelos pubianos de seu pai. Eles fizeram Bill sentir mais medo, e ele deu um tapa forte na lateral da cabeça de Richie.

— *Aiii!* — gritou Richie. Seus olhos tremeram, depois se arregalaram. — Por que você me

bateu, Big Bill? Vai quebrar meus óculos. Já não estão em boas condições, caso você não tenha reparado.

— Eu pe-pe-pensei que você e-e-estivesse m-m-morrendo, sei l-lá — disse Bill.

Richie se sentou lentamente na rua e colocou a mão na cabeça. Ele gemeu.

— O que acont…

Mas lembrou-se. Seus olhos se arregalaram com o choque e o pavor repentinos, e ele ficou de joelhos, ofegando desesperado.

— N-N-Não — disse Bill. — F-Foi e-e-embora, R-R-Richie. Foi embora.

Richie viu a rua vazia onde nada se mexia e de repente explodiu em lágrimas. Bill olhou para ele por um momento, passou os braços pelo ombro do amigo e o abraçou. Richie agarrou o pescoço de Bill e retribuiu o abraço. Ele queria dizer alguma coisa inteligente, alguma coisa sobre como Bill devia ter tentado usar o estilingue no Lobisomem, mas nada saiu. Nada além de soluços.

— N-Não, R-Richie — disse Bill — n-n-n-não…

Mas ele também começou a chorar, e os dois apenas se abraçaram de joelhos na rua ao lado da bicicleta caída, e as lágrimas fizeram marcas claras nas bochechas deles, cobertas de poeira de carvão.

Capítulo 9

Arrumação

1

Em algum lugar no estado de Nova York, na tarde do dia 29 de maio de 1985, Beverly Rogan começa a rir de novo. Ela sufoca as gargalhadas com as duas mãos, com medo de alguém achar que ela é maluca, mas não consegue evitar.

Nós ríamos muito naquela época*, pensa ela. É outra coisa, outra luz na escuridão.* Sentíamos medo o tempo todo, mas não conseguíamos deixar de rir, tanto quanto não consigo parar agora.

O cara sentado ao lado dela na poltrona do corredor é jovem, tem cabelo comprido e é bonito. Ele lhe lançou vários olhares de apreciação desde que o avião decolou em Milwaukee às 14h30 (quase duas horas e meia atrás agora, contando uma parada em Cleveland e outra na Filadélfia), mas respeitou o desejo evidente dela de não conversar; depois de duas interações triviais às quais ela respondeu com educação e nada mais, ele abriu a bolsa e pegou um romance de Robert Ludlum.

Agora ele fecha o livro, marca a página com o dedo e diz com um pouco de preocupação:

— Tudo bem com você?

Ela assente, tentando fazer expressão séria, mas gargalha alto. Ele sorri um pouco, intrigado, curioso.

— Não é nada — diz ela, mais uma vez tentando ficar séria, mas não funciona; quanto mais ela tenta ficar séria, mais o rosto dela quer se abrir com uma risada. Assim como antigamente. — É que de repente me dei conta de que não sei em que linha aérea estou. Só que tinha um p-p-pato grande na l-l-lateral… — Mas o pensamento é demais para ela. Ela dá gargalhadas estridentes. As pessoas olham para ela, algumas com testas franzidas.

— Republic — diz ele.

— Como?

— Você está voando a 760 quilômetros por hora como cortesia da Republic Airlines. Está no folheto DAAV no bolso à sua frente.

— DAAV?

Ele pega o folheto (que tem mesmo o logo da Republic na frente) no bolso do assento. O papel plastificado mostra onde ficam as saídas de emergência, onde ficam os coletes salva-vidas, como usar as máscaras de oxigênio, como ficar em posição de pouso de emergência.

— O folheto Dê Adeus À Vida — diz ele, e desta vez os dois caem na gargalhada.

Ele é mesmo bonito, pensa ela de repente. É um pensamento novo, um tanto claro, o tipo de pensamento que se espera ter ao despertar, quando sua mente não está lotada de pensamentos. Ele está usando um suéter e calça jeans surrada. O cabelo louro escuro está preso com uma tira de couro, e isso a faz pensar no rabo de cavalo que sempre usou quando era criança. Ela pensa: Aposto que ele tem um belo pau de universitário bem-educado. Grande o bastante para dar prazer, não grosso o bastante a ponto de ser arrogante.

Ela começa a rir de novo, totalmente incapaz de parar. Percebe que nem tem um lenço para limpar as lágrimas dos olhos, e isso a faz rir ainda mais.

— É melhor você se controlar, senão a comissária vai jogar você do avião — diz ele solenemente, e ela só balança a cabeça e ri; sua cintura e seu estômago estão doendo agora.

Ele entrega para ela um lenço branco limpo e ela o usa. De alguma forma, isso a ajuda a recuperar o controle. Mas ela não para imediatamente. As gargalhadas vão diminuindo para uma série de soluços e ofegos. De vez em quando, ela pensa no pato na lateral do avião e dá outra série de pequenas risadinhas.

Ela devolve o lenço depois de um tempo.

— Obrigada.

— Meu Deus, moça, o que aconteceu com sua mão? — Ele a segura por um momento, preocupado.

Ela olha para a mão e vê as unhas quebradas, as que se estragaram quando ela virou a penteadeira por cima de Tom. A lembrança dói mais do que as unhas em si, e isso acaba de vez com as gargalhadas. Ela puxa a mão da dele, mas com delicadeza.

— Bati na porta do carro no aeroporto — diz ela, pensando em todas as vezes que mentiu sobre as coisas que Tom fez a ela e todas as vezes que mentiu sobre os hematomas que o pai provocou nela. Será que é a última vez, a última mentira? Que maravilha seria… Quase maravilhoso demais para se acreditar. Ela pensa em um médico indo ver um paciente terminal de câncer e dizendo: O raio X mostra que o tumor está diminuindo. Não fazemos ideia do motivo, mas está acontecendo.

— Deve doer pra caramba — diz ele.

— Tomei aspirina. — Ela abre a revista de voo de novo, apesar de ele provavelmente

saber que ela já a leu duas vezes.

— Pra onde você está indo?

Ela fecha a revista, olha para ele, sorri.

— Você é muito simpático — diz ela —, mas não quero conversar. Tudo bem?

— Tudo bem — diz ele, sorrindo em resposta. — Mas se quiser beber em homenagem ao grande pato na lateral deste avião quando chegarmos a Boston, eu pago.

— Obrigada, mas tenho outro avião pra pegar.

— Caramba, meu horóscopo estava completamente errado hoje de manhã — diz ele, e reabre o livro. — Mas você parece ótima quando ri. Um cara poderia se apaixonar.

Ela abre a revista de novo, mas se vê olhando para as unhas machucadas em vez de para o artigo de prazeres de Nova Orleans. Há bolhas roxas de sangue debaixo de duas delas. Em sua mente, ela ouve Tom gritando na escada: "Vou te matar, sua puta! Sua puta de merda!" Ela treme de frio. Uma puta para Tom, uma puta para a estilista que fazia besteiras antes de desfiles importantes e descontava em Beverly Rogan, uma puta para o pai bem antes de Tom e a estilista patética se tornarem parte da vida dela.

Uma puta.

Sua puta.

Sua puta de merda.

Ela fecha os olhos por um momento.

O pé, cortado por um estilhaço de vidro de perfume enquanto ela fugia do quarto, lateja mais do que os dedos. Kay deu-lhe um band-aid, um par de sapatos e um cheque de mil dólares, que Beverly trocou imediatamente, às 9h, no First Bank of Chicago na praça Watertower.

Sob protestos de Kay, Beverly preencheu um cheque de mil dólares em uma folha branca.

— Li uma vez que o banco tem que aceitar um cheque, independente do que está escrito nele — disse ela para Kay. Sua voz parecia vir de outro lugar. De um rádio em outro aposento, talvez. — Uma pessoa trocou um cheque uma vez que estava escrito em um pedaço de munição. Li isso no Livro das listas*, eu acho. — Ela fez uma pausa, depois riu com desconforto. Kay olhou para ela com seriedade, solenemente até. — Mas eu descontaria logo, antes que Tom pense em congelar as contas.*

Apesar de ela não sentir cansaço (mas ela está ciente de que a essa altura deve estar funcionando à base de adrenalina e do café preto de Kay), a noite anterior parece algo que ela deve ter sonhado.

Ela consegue se lembrar de ter sido seguida por três adolescentes que gritaram e assobiaram, mas não ousaram ir até ela. Ela se lembra do alívio que tomou conta dela quando viu o brilho branco e fluorescente de um Seven-Eleven na calçada de um cruzamento. Ela entrou e deixou que o atendente cheio de espinhas olhasse para a parte da frente da velha blusa e o convenceu a emprestar 40 centavos para o telefone público. Não foi difícil, considerando o que ele estava vendo.

Ela ligou para Kay McCall primeiro, pois sabia o número de cor. O telefone tocou umas dez vezes, e ela começou a ter medo de Kay estar em Nova York. A voz sonolenta de Kay murmurou, bem na hora em que Beverly ia desligar:

— É melhor ser importante, seja você quem for.

— É Bev, Kay — disse ela. Depois hesitou, mas acabou sendo direta. — Preciso de ajuda.

Houve um momento de silêncio e Kay voltou a falar, parecendo completamente desperta agora.

— Onde você está? O que aconteceu?

— Estou em um Seven-Eleven na esquina da avenida Streyland e uma outra rua. Eu… Kay, eu larguei Tom.

Kay, rápida, enfática e animada:

— Que bom! Finalmente! Viva! Vou buscar você! Aquele filho da puta! Aquele merda! Vou buscar você com a porra do Mercedes! Vou contratar uma banda! Vou…

— Eu pego um táxi — disse Bev, segurando as outras duas moedas de dez centavos na mão suada. Pelo espelho redondo do fundo da loja, ela conseguia ver o recepcionista com espinhas olhando para a bunda dela com concentração profunda e sonhadora. — Mas você vai precisar pagar quando eu chegar aí. Não tenho dinheiro. Nem um centavo.

— Vou dar 5 pratas de gorjeta — gritou Kay. — É a melhor porra de notícia desde a renúncia de Nixon! Venha pra cá, garota. E… — Ela fez uma pausa, e quando falou de novo, sua voz estava séria e tão cheia de gentileza e amor que Beverly teve vontade de chorar. — Graças a Deus que você finalmente agiu, Bev. Estou falando sério. Graças a Deus.

Kay McCall é uma ex-estilista que se casou com um homem rico, se separou e ficou ainda mais rica e descobriu a política feminista em 1972, cerca de três anos antes de Beverly conhecê-la. Na época de sua maior popularidade/controvérsia, ela foi acusada de ter abraçado o feminismo depois de usar leis arcaicas e chauvinistas para tirar do marido produtor cada centavo que a lei permitisse.

— Besteira! — exclamou Kay uma vez para Beverly. — As pessoas que dizem essas coisas nunca tiveram que ir pra cama com Sam Chacowicz. Duas bombadas, um tremor e um jato, esse era o lema do velho Sammy.O único modo de ele demorar mais do que 70 segundos era quando fazia na banheira. Não o traí; só recebi minha indenização de forma retroativa.

Ela escreveu três livros: um sobre feminismo e a mulher que trabalha fora, um sobre feminismo e a família e um sobre feminismo e a espiritualidade. Os primeiros dois foram bem populares. Nos três anos seguintes ao último, ela saiu um pouco de moda, e Beverly achava que foi um alívio para ela. Seus investimentos foram bem (“O feminismo e o capitalismo não são mutuamente exclusivos, ainda bem”, disse ela uma vez para Bev) e agora ela era uma mulher rica com uma casa na cidade, uma no campo e dois ou três

amantes viris o bastante para satisfazê-la, mas não o bastante para ganhar dela no tênis.

— Quando eles ficam bons assim, eu largo imediatamente — disse ela, e apesar de a própria Kay achar que era piada, Beverly tinha dúvidas.

Beverly chamou um táxi e, quando ele chegou, entrou atrás com a mala, feliz de estar longe dos olhos do recepcionista, e deu ao motorista o endereço de Kay.

Ela estava esperando na calçada, usando o casaco de visom por cima de uma camisola de flanela. Estava com tamanquinhos cor-de-rosa felpudos com grandes pompons nos pés. Nada de pompons laranja, graças a Deus. Isso poderia ter feito Beverly sair correndo pela noite de novo. O trajeto até a casa de Kay foi estranho: coisas estavam voltando à mente dela, lembranças surgindo tão claras e tão rapidamente que era assustador. A sensação era de que alguém tinha ligado uma escavadeira em sua cabeça e começado a remexer em um cemitério mental que ela nem sabia que existia. Só que eram nomes em vez de corpos que surgiam, nomes nos quais ela não pensava havia anos: Ben Hanscom, Richie Tozier, Greta Bowie, Henry Bowers, Eddie Kaspbrak… Bill Denbrough. Especialmente Bill, Bill Gago, eles o chamavam com aquela sinceridade das crianças que às vezes é chamada de candura, às vezes de crueldade. Ele parecia tão alto, tão perfeito (até abrir a boca e começar a falar, era verdade).

Nomes… lugares… coisas que tinham acontecido.

Sentindo frio e calor alternadamente, ela se lembrou das vozes do ralo… e do sangue. Ela gritara e o pai deu uma porrada nela. Seu pai… Tom…

Lágrimas ameaçaram surgir… e então Kay estava pagando e dando uma gorjeta boa o bastante para fazer o motorista surpreso exclamar:

— Obrigado, dona! Uau!

Kay a levou para dentro de casa, colocou-a no chuveiro, deu um roupão quando ela saiu, fez café, examinou os ferimentos, passou mercurocromo no pé cortado e colocou um band-aid. Ela acrescentou uma dose generosa de conhaque na segunda xícara de café de Bev e a fez tomar até a última gota. Em seguida, fez um bife malpassado para cada uma com cogumelos frescos salteados para acompanhar.

— Muito bem — disse ela. — O que aconteceu? Ligamos pra polícia ou só mandamos você pra Reno pra estabelecer nova residência?

— Não posso contar muita coisa — disse Beverly. — Pareceria maluquice demais. Mas foi minha culpa, basicamente...

Kay bateu com a mão na mesa. O som no mogno envernizado foi o de um tiro de pistola de calibre baixo. Bev deu um pulo.

— Não diga isso — disse Kay. As bochechas dela estavam vermelhas e seus olhos castanhos pegavam fogo. — Há quanto tempo somos amigas? Nove anos? Dez? Se eu ouvir você dizer que foi sua culpa mais uma vez, vou vomitar. Está ouvindo? Vou vomitar, porra. Não foi sua culpa desta vez, nem da última vez, nem na vez anterior, nem em nenhuma. Você não sabe que a maior parte dos seus amigos achava que cedo ou tarde ele te mandaria pro

hospital ou talvez até te matasse?

Beverly estava olhando para ela com olhos arregalados.

— E isso teria sido sua culpa, pelo menos até determinado ponto, por ficar e permitir que acontecesse. Mas agora você foi embora. Agradeço a Deus pelas pequenas coisas. Mas não fique aí sentada com as unhas meio arrancadas e o pé cortado e marcas de cinto nos ombros me dizendo que a culpa foi sua.

— Ele não usou o cinto em mim — disse Bev. A mentira foi automática... assim como a vergonha profunda que fez as bochechas dela ficarem vermelhas.

— Se você não quer mais saber de Tom, é melhor parar com as mentiras também — disse Kay baixinho, e olhou para Bev por tanto tempo e com tanto amor que Bev teve que baixar os olhos. Ela conseguia sentir o gosto de lágrimas salgadas no fundo da garganta. — Quem você achou que estava enganando? — perguntou Kay, ainda falando baixinho. Ela esticou a mão por cima da mesa e segurou as de Bev. — Os óculos escuros, as blusas de gola alta e manga comprida... talvez você tenha enganado um comprador ou outro. Mas não se pode enganar os amigos, Bev. Não as pessoas que te amam.

E Beverly chorou, muito e por muito tempo, e Kay a abraçou, e depois, pouco antes de ir para a cama, ela contou a Kay o que conseguiu: que um velho amigo de Derry, Maine, onde ela cresceu, ligou e lembrou-a de uma promessa que ela fez há muito tempo. Tinha chegado a hora de cumprir a promessa, disse ele. Ela iria? Ela disse que sim. E então começou o problema com Tom.

— Que promessa é essa? — perguntou Kay.

Beverly balançou a cabeça devagar.

— Não posso contar isso, Kay. Por mais que eu quisesse.

Kay pensou sobre isso e assentiu.

— Certo. É justo. O que você vai fazer em relação a Tom quando voltar do Maine?

E Bev, que tinha começado a achar cada vez mais que ela não ia voltar de Derry nunca mais, disse apenas:

— Vou vir pra cá primeiro e vamos decidir juntas. Tudo bem?

— Muitíssimo bem — disse Kay. — É uma promessa?

— Assim que eu voltar — disse Bev com firmeza —, pode contar com isso. — E abraçou Kay com força.

Com o cheque de Kay descontado e os sapatos de Kay nos pés, ela pegou um ônibus Greyhound para o norte, para Milwaukee, com medo de Tom ter ido para o aeroporto O'Hare em busca dela. Kay, que foi com ela até o banco e à rodoviária, tentou convencê-la a não fazer isso.

— O'Hare vive lotado de seguranças, querida — disse ela. — Você não precisa se preocupar com ele. Se ele chegar perto de você, é só gritar como louca.

Beverly balançou a cabeça.

— Quero evitá-lo completamente. É a melhor maneira.

Kay olhou para ela com sagacidade.

— Você tem medo de ele convencer você a não ir, não é?

Beverly pensou nos sete de pé no riacho, em Stanley e a garrafa de Coca quebrada brilhando no sol; pensou na dor aguda quando ele cortou a palma da mão dela em uma linha inclinada; pensou neles unindo as mãos em um círculo infantil, prometendo voltar se tudo começasse de novo… voltar e matar a coisa de vez.

— Não — disse ela. — Ele não conseguiria me convencer de não fazer isso. Mas poderia me machucar, mesmo com seguranças lá. Você não o viu ontem, Kay.

— Eu o vi o bastante em outras ocasiões — disse Kay, erguendo as sobrancelhas. — Aquele babaca que anda como se fosse um homem.

— Ele estava louco — disse Bev. — Os seguranças talvez não conseguissem detê-lo. Assim é melhor. Acredite.

— Tudo bem — disse Kay com relutância, e Bev achou graça porque Kay parecia desapontada de não haver um grande confronto, um grande conflito.

— Desconte o cheque logo — disse Beverly de novo —, antes que ele pense em congelar as contas. Ele vai fazer isso, sabe?

— Claro — disse Kay. — Se ele fizer isso, vou visitar o filho da puta com um chicote.

— Fique longe dele — disse Beverly com intensidade. — Ele é perigoso, Kay. Acredite. Ele parecia… — Meu pai *foi o que chegou a tremer nos lábios dela. Mas ela disse: — Ele parecia um louco.*

— Certo — disse Kay. — Fique tranquila, querida. Vá cumprir sua promessa. E pense bem no que vai acontecer depois.

— Pode deixar — disse Bev, mas era mentira. Ela tinha muitas outras coisas em que pensar: no que havia acontecido no verão que ela tinha 11 anos, por exemplo. Em quando mostrou a Richie Tozier como fazer o ioiô dormir, por exemplo. Em vozes no ralo, por exemplo. E em uma coisa que ela tinha visto, uma coisa tão horrível que mesmo naquele momento, abraçando Kay pela última vez ao lado do grande ônibus Greyhound prateado, a mente dela não a deixava ver.

Agora, quando o avião com um pato na lateral começa sua longa descida na área de Boston, sua mente volta a isso de novo… e a Stan Uris… e a um poema sem assinatura que chegou em um cartão-postal… e às vozes… e aos poucos segundos em que ela ficou cara a cara com uma coisa que talvez fosse infinita.

Ela olha pela janela, olha para baixo e pensa que a maldade de Tom é uma coisa pequena e insignificante perto do mal que a espera em Derry. Se existe compensação, é que Bill Denbrough vai estar lá… e houve uma época em que uma garota de 11 anos chamada Beverly Marsh amava Bill Denbrough. Ela se lembra do cartão-postal com o lindo poema escrito atrás e lembra que já soube quem escreveu. Ela não lembra mais, tanto quanto não lembra exatamente o que o poema dizia… mas acha que pode ter sido Bill. Sim, pode muito bem ter sido Bill Gago Denbrough.

Ela pensa de repente em quando estava se aprontando para dormir na noite seguinte em que Richie e Ben a levaram para ver os dois filmes de terror. Depois de seu primeiro encontro. Ela brincou bastante com Richie por causa disso (naqueles dias, essa era a defesa dela quando estava na rua), mas parte dela ficou emocionada e empolgada e um pouco assustada. Foi mesmo o primeiro encontro dela, apesar de haver dois garotos em vez de um. Richie pagou a entrada e tudo, como em um encontro de verdade. Depois, houve o problema com os garotos que foram atrás deles… e eles passaram o resto da tarde no Barrens… e Bill Denbrough chegou com outro garoto, ela não conseguia lembrar quem, mas lembrava a forma como os olhos de Bill pousaram nos dela por um momento e o choque elétrico que sentiu… o choque e um rubor que pareceu aquecer seu corpo todo.

Ela se lembra de pensar em todas essas coisas enquanto vestia a camisola e ia para o banheiro lavar o rosto e escovar os dentes. Ela se lembra de pensar que demoraria muito para dormir naquela noite, porque havia tanta coisa em que pensar… e em que pensar de uma forma boa, porque eles pareciam garotos bons, garotos com quem se podia brincar e em quem se podia confiar um pouco. Isso seria legal. Isso seria… bem, o paraíso.

E, ao pensar nessas coisas, ela pegou a toalha e se inclinou para a pia para pegar um pouco de água e a voz

2

saiu sussurrando do ralo:

— Me ajuda…

Beverly recuou, assustada, e deixou a toalha seca cair no chão. Balançou um pouco a cabeça, como se para pensar melhor, e voltou a se inclinar na direção da pia para olhar curiosamente para o ralo. O banheiro ficava nos fundos do apartamento de quatro cômodos. Ela conseguia ouvir baixinho algum programa de faroeste na TV. Quando acabasse, o pai provavelmente mudaria para um jogo de beisebol, ou para lutas, e acabaria dormindo na poltrona.

O papel de parede do banheiro tinha uma estampa horrível de sapos sobre grandes folhas. Estava cheio de bolhas por cima do gesso irregular. Tinha marcas em alguns pontos, estava descascando em outros. A banheira tinha manchas de ferrugem e o assento do vaso estava rachado. Uma lâmpada de 40 watts saía do bocal de porcelana acima da pia. Beverly conseguia lembrar vagamente que já houvera um lustre, que se quebrou anos antes e nunca foi substituído. O chão era coberto de linóleo cuja estampa tinha se apagado, exceto por uma pequena área debaixo da pia.

Não era um aposento alegre, mas Beverly o usava havia tanto tempo que não reparava mais

em como era.

A pia também tinha manchas de água. O ralo era um círculo simples de cerca de 5 centímetros de diâmetro. Já houvera uma cobertura cromada, que também tinha descascado tempos antes. Uma tampa de ralo de borracha presa a uma corrente envolvia despretensiosamente a torneira com a letra F. o ralo estava escuro, e quando se inclinou para perto, ela reparou pela primeira vez que havia um cheiro leve e desagradável, meio de peixe, saindo de dentro. Ela torceu o nariz com um pouco de nojo.

— Me ajuda…

Ela sufocou um grito. Tinha pensado em um tremor nos canos… ou talvez apenas sua imaginação… resquício dos filmes…

— Me ajuda, Beverly…

Ondas alternadas de frio e calor percorreram seu corpo. Ela tinha tirado o elástico do cabelo, que estava caído sobre os ombros em uma cascata brilhante. Ela conseguia sentir as raízes tentando enrijecer.

Sem saber que pretendia falar, ela se inclinou sobre a pia de novo e meio que sussurrou:

— Oi? Tem alguém aí?

A voz do ralo era de uma criança bem pequena que talvez tivesse acabado de aprender a falar. E apesar do arrepio nos braços, a mente procurou uma explicação racional. Era uma casa com apartamentos. A família Marsh morava no apartamento dos fundos no térreo. Havia outros quatro apartamentos. Talvez houvesse uma criança se divertindo falando no ralo. E algum truque de som…

— Tem alguém aí? — perguntou ela ao ralo do banheiro, mais alto desta vez. De repente ocorreu a ela que, se seu pai entrasse agora, acharia que ela estava louca.

Não houve resposta do ralo, mas o cheiro desagradável pareceu mais forte. Isso a fez pensar no pântano de bambu no Barrens e no lixão atrás; isso evocou imagens de fumaças lentas e acres e de lama preta que tentava arrancar o sapato do seu pé.

Não havia crianças pequenas no prédio, essa era a questão. Os Tremont tinham um garoto com 5 anos, uma garota com 3 anos e uma com 6 meses, mas o sr. Tremont perdeu o emprego na sapataria da avenida Tracker, eles atrasaram o aluguel e, um dia, pouco tempo depois do início das férias, eles sumiram no velho Buick Power-Flite enferrujado do sr. Tremont. Havia Skipper Bolton no apartamento da frente do segundo andar, mas Skipper tinha 14 anos.

— *Todos nós queremos te conhecer, Beverly…*

Ela levou a mão à boca e seus olhos se arregalaram de pavor. Por um momento… por apenas um momento… ela acreditou ter visto alguma coisa *se movendo* lá dentro. Ela percebeu de repente que seu cabelo estava agora caído por cima do ombro em duas grandes mechas, e que estavam penduradas bem perto, muito perto do ralo. Algum instinto a fez se empertigar e afastar o cabelo dali.

Ela olhou ao redor. A porta do banheiro estava bem fechada. Ela conseguia ouvir a TV baixinho, Cheyenne Bodie avisando o cara mau para baixar a arma antes que alguém se

ferisse. Ela estava sozinha. Exceto, é claro, por aquela voz.

— Quem é você? — perguntou ela para a pia, baixando a voz.

— Matthew Clements — sussurrou a voz. — O palhaço me trouxe aqui pros canos e eu morri, e logo, logo ele vai pegar você, Beverly, e Ben Hanscom, e Bill Denbrough, e Eddie…

Ela levou as mãos às bochechas e as apertou. Seus olhos se arregalaram, arregalaram, arregalaram. Ela sentiu o corpo ficando gelado. Agora a voz parecia engasgada e antiga… e ainda estava tomada de alegria corrompida.

— *Você vai flutuar aqui com seus amigos, Beverly, todos flutuamos aqui, diz pro Bill que Georgie diz olá, diz pro Bill que Georgie tem saudade dele, mas vai ver ele logo, diz que Georgie vai estar no armário uma noite dessas com uma corda de piano pra enfiar nos olhos dele, diz pra ele…*

A voz começou a dar uma série de soluços engasgados, e de repente uma bolha vermelha surgiu no ralo e estourou, espirrando gotas de sangue na porcelana manchada.

A voz engasgada falou rapidamente agora, e enquanto falava, mudava; agora era a voz jovem da criança que ela ouviu primeiro, agora era uma voz de garota adolescente, agora (horrivelmente) se tornou a voz de uma garota que Beverly conhecia… Veronica Grogan. Mas Veronica estava morta, ela foi encontrada morta no bueiro…

— *Sou Matthew… Sou Betty… Sou Veronica… Estamos aqui embaixo… aqui embaixo com o palhaço… e a criatura… e a múmia… e o lobisomem… e você, Beverly, estamos aqui embaixo com você, e flutuamos, mudamos…*

Um jorro de sangue saiu de repente do ralo, manchando a pia, o espelho e o papel de parede com a estampa de sapos e folhas. Beverly deu um grito repentino e agudo. Ela se afastou da pia, bateu na porta, quicou, abriu-a de qualquer jeito e correu para a sala, onde o pai estava ficando de pé.

— Que diabos há de errado com *você*? — perguntou ele, unindo as sobrancelhas. Os dois estavam sozinhos naquela noite. A mãe de Bev estava trabalhando no turno de 15 às 23h no Green's Farm, o melhor restaurante de Derry.

— O banheiro! — gritou ela histericamente. — O banheiro, papai, no banheiro…

— Tinha alguém espiando você, Beverly? Hã? — Ele esticou a mão e segurou o braço dela com força, afundando na carne. Havia preocupação no rosto dele, mas era uma preocupação predatória, de alguma forma mais assustadora do que reconfortante.

— Não… a pia… na pia… o… o… — Ela começou um choro histérico antes de conseguir dizer qualquer coisa mais. Seu coração estava tão disparado no peito que ela achou que sufocaria.

Al Marsh a empurrou para o lado com uma expressão de "Ai, meu Deus, e agora" no rosto e foi até o banheiro. Ficou tanto tempo lá que Beverly ficou com medo de novo.

E então, ele gritou:

— *Beverly! Venha cá, garota!*

Não havia possibilidade de não ir. Se os dois estivessem na beirada de um precipício e ele

a mandasse pular *agora*, garota, sua obediência instintiva quase certamente a levaria beirada abaixo antes que sua mente racional pudesse interceder.

A porta do banheiro estava aberta. Ali estava seu pai, um homem grande que agora estava perdendo o cabelo ruivo que tinha passado para Beverly. Ele ainda estava de calça e camisa cinza (ele era zelador no Derry Home Hospital) e estava olhando com rigidez para Beverly. Ele não bebia, ele não fumava, ele não ia atrás de mulheres. *Tenho todas as mulheres de que preciso em casa*, dizia ele de vez em quando, e quando dizia isso, um sorriso peculiar e dissimulado se abria em seu rosto. Não o iluminava, fazia o oposto. Ver aquele sorriso era como ver a sombra de uma nuvem viajar rapidamente por um campo pedregoso. *Elas cuidam de mim, e quando precisam, eu cuido delas.*

— Que diabos de tolice foi essa? — perguntou ele quando ela entrou.

Beverly sentiu como se a garganta estivesse coberta de ardósia. Seu coração disparou no peito. Ela achou que talvez fosse vomitar. Havia sangue no espelho, escorrendo em filetes. Havia manchas de sangue na luz acima da pia; ela conseguia sentir o *cheiro* dele cozinhando sobre a lâmpada de 40 watts. Sangue escorria pelas laterais de porcelana da pia e caía em gotas gordas no chão de linóleo.

— Papai… — sussurrou ela com voz rouca.

Ele se virou, com nojo dela (como acontecia com frequência), e começou a lavar casualmente as mãos na pia suja.

— Meu Deus, menina. Fala. Você me assustou muito. Explica, pelo amor de Deus.

Ele estava lavando as mãos na pia, ela conseguia ver sangue manchando o tecido cinza da calça no ponto em que encostava na beirada da pia, e se a testa dele encostasse no espelho (estava perto), iria parar na *pele* dele. Ela fez um som de engasgo na garganta.

Ele girou a torneira, pegou uma toalha na qual duas manchas de sangue da pia tinham caído e começou a secar as mãos. Ela viu, quase desmaiando, o sangue espalhar pelos nós dos dedos grandes e pelas linhas das palmas das mãos. Ela conseguia ver sangue debaixo das unhas dele como marcas de culpa.

— Bem? Estou esperando. — Ele jogou a toalha suja de sangue no suporte.

Havia sangue… sangue para todo lado… *e o pai dela não via.*

— Papai… — Ela não fazia ideia do que diria depois, mas o pai a interrompeu.

— Eu me preocupo com você — disse Al Marsh. — Acho que você nunca vai crescer, Beverly. Você sai correndo por aí, quase não faz as tarefas da casa, não sabe cozinhar, não sabe costurar. Metade do tempo você está com a cabeça nas nuvens, com o nariz enfiado em um livro, e a outra metade está doente ou com dor de cabeça. Eu me preocupo.

Ele moveu a mão de repente e bateu dolorosamente em seu traseiro. Ela deu um grito, com os olhos fixos nos dele. Havia uma gotinha de sangue na sobrancelha peluda. *Se eu olhar muito tempo, vou ficar maluca, e nada disso vai ter importância*, pensou ela.

— Eu me preocupo *muito* — disse ele e bateu nela de novo, com mais força, no braço acima do cotovelo. O braço doeu e pareceu ficar dormente. Ela teria um hematoma grande e

roxo ali no dia seguinte. — Bastante *mesmo*. — disse ele, e deu um soco na barriga dela.

Ele aliviou o soco no último segundo, e Beverly perdeu parte do fôlego. Ela se inclinou para a frente, ofegante, com lágrimas surgindo nos olhos. O pai olhou para ela impassível. Ele enfiou as mãos sujas de sangue nos bolsos da calça.

— Você precisa crescer, Beverly — disse ele, e agora sua voz estava gentil e misericordiosa. — Não é verdade?

Ela assentiu. Sua cabeça latejava. Ela estava chorando, mas em silêncio. Se soluçasse alto, se começasse o que o pai chamava de "esse choramingo de bebê", ele poderia começar a dar nela de verdade. Al Marsh viveu a vida toda em Derry e dizia para as pessoas que perguntavam (e às vezes para as que não perguntavam) que pretendia ser enterrado aqui, com sorte com a idade de 110 anos. "Não há motivo pra eu não viver pra sempre", dizia ele às vezes para Roger Aurlette, que cortava seu cabelo uma vez por mês. "Não tenho vícios."

— Agora se explique — disse ele —, e seja rápida.

— Tinha… — Ela engoliu em seco, e doeu por não haver umidade em sua garganta, umidade nenhuma. — Tinha uma aranha. Uma aranha grande e gorda. Ela… ela saiu do ralo e eu… acho que voltou pra lá.

— *Ah!* — Ele sorriu um pouco para ela agora, como se satisfeito com a explicação. — Era *isso*? Nossa! Se você tivesse me dito, Beverly, eu não teria batido em você. Todas as garotas têm medo de aranha. Minha nossa! Por que você não falou?

Ele se inclinou por cima do ralo, e ela precisou morder o lábio para não gritar um aviso… e uma outra voz falou dentro dela, uma voz terrível que não podia ser parte dela; sem dúvida era a voz do próprio demônio: *Deixa que pegue ele, se quiser. Deixa que puxe ele pra baixo. Já vai tarde.*

Ela se afastou dessa voz, horrorizada. Permitir que um pensamento assim ficasse mesmo que um momento em sua cabeça certamente a mandaria para o inferno.

Ele olhou no buraco do ralo. Suas mãos se encharcaram com o sangue na beirada da pia. Beverly lutou contra a garganta. Sua barriga doía onde o pai tinha batido.

— Não vejo nada — disse ele. — Essas construções são velhas, Bev. Os ralos são do tamanho de estradas, sabe? Quando eu era zelador na antiga escola de ensino médio, encontrávamos ratos afogados em privadas de vez em quando. As garotas ficavam loucas. — Ele riu com carinho ao lembrar-se dos medos e sofrimentos das garotas. — Em geral, quando o Kenduskeag estava alto. Mas os animais nos canos diminuíram depois que instalaram o novo sistema de esgoto.

Ele passou o braço pelos ombros dela e a abraçou.

— Olha só. Vai pra cama e não pensa mais no assunto. Tá?

Ela sentiu seu amor por ele. *Eu nunca bato em você quando você não merece, Beverly*, ele disse uma vez quando ela gritou que uma certa punição foi injusta. E isso devia ser verdade, porque ele *era* capaz de amar. Às vezes passava um dia inteiro com ela, mostrando a ela como fazer coisas ou apenas contando coisas ou andando pela cidade com ela, e quando ele era

gentil assim, ela achava que seu coração incharia de felicidade até ela morrer. Ela o amava e tentava entender que ele precisava puni-la com frequência porque era (como ele dizia) sua missão dada por Deus. *Filhas*, dizia Al Marsh, *precisam de mais punição do que filhos.* Ele não tinha filhos, e ela achava que isso talvez fosse em parte culpa dela também.

— Certo, papai — disse ela. — Não vou pensar.

Eles andaram até o pequeno quarto dela juntos. Seu braço direito agora doía intensamente pelo golpe recebido. Ela olhou por cima do ombro e viu a pia sangrenta, o espelho sangrento, a parede sangrenta, o chão sangrento. A toalha sangrenta que o pai usou e pendurou casualmente no suporte. Ela pensou: *Como posso entrar lá e me lavar de novo? Por favor, Deus, querido Deus, me desculpe se tive um pensamento ruim sobre meu pai, e o Senhor pode me punir por isso se quiser, eu mereço ser punida, me faz cair e me machucar ou me faz pegar uma gripe como no inverno passado, quando tossi tanto que cheguei a vomitar, mas, por favor, Deus, faz o sangue ter desaparecido de manhã, por favor, Deus, tá? Tá?*

O pai a colocou na cama como sempre fazia e beijou a testa dela. Ele ficou ali por um momento do jeito que ela sempre pensaria como sendo o jeito "dele" de ficar de pé, talvez o jeito dele de ser: um pouco inclinado para a frente, com as mãos enfiadas até acima dos pulsos nos bolsos da calça, com os olhos azuis intensos do rosto triste de bassê hound olhando para ela de cima. Em anos posteriores, bem depois de ela ter parado de pensar em Derry completamente, ela via um homem sentado no ônibus ou talvez de pé em uma esquina com a marmita na mão, formas, ah, formas de homem, às vezes vistas no fim do dia, às vezes vistas do outro lado da praça Watertower à luz do meio-dia em um dia claro e cheio de vento de outono, formas de homens, regras de homens, desejos de homens; ou Tom, tão parecido com o pai quando tirava a camisa e ficava com os ombros meio caídos em frente ao espelho do banheiro para se barbear. Formas de homens.

— Às vezes me preocupo com você, Bev — disse ele, mas não havia perturbação nem raiva na voz agora. Ele tocou no cabelo dela com delicadeza, afastando-o da testa.

O banheiro está cheio de sangue, papai!, ela quase gritou naquele momento. *Você não viu? Está por toda parte! Esquentando na lâmpada por cima da pia até! Você não VIU?*

Mas ela se manteve em silêncio enquanto ele saía e fechava a porta, enchendo o quarto dela de escuridão. Ela ainda estava acordada, ainda olhando para a escuridão quando a mãe chegou às 23h30 e a TV foi desligada. Ela ouviu os pais indo para o quarto e ouviu as molas da cama rangendo com regularidade enquanto eles faziam a coisa-sexo deles. Beverly tinha ouvido Greta Bowie contando para Sally Mueller que a coisa-sexo doía como fogo e que nenhuma garota boa queria fazer ("No final, o homem mija na sua perereca", disse Greta, e Sally gritou: "Eca, eu *nunca* ia deixar um garoto fazer isso comigo!"). Se doía tanto quanto Greta dizia, então a mãe de Bev guardava a dor para si; Bev tinha ouvido a mãe gritar uma ou duas vezes em voz baixa, mas não pareceu nada com um grito de dor.

O ranger lento das molas aumentou para um ritmo tão rápido que era quase frenético, depois parou. Houve um período de silêncio, depois um pouco de conversa baixa, depois o

som dos passos da mãe quando ela foi ao banheiro. Beverly prendeu a respiração, esperando para ver se a mãe gritaria ou não.

Não houve grito, só o som de água correndo na pia. Isso foi seguido de som de água batendo. Depois a água escorreu da pia com o som familiar. A mãe estava escovando os dentes agora. Momentos depois, as molas na cama dos pais rangeram de novo quando a mãe se deitou na cama.

Cinco minutos depois disso, seu pai começou a roncar.

Um medo negro tomou conta do coração dela e fechou sua garganta. Ela se viu com medo de virar para o lado direito, sua posição favorita para dormir, porque poderia ver alguma coisa olhando para ela pela janela. Assim, ela ficou deitada de costas, reta como uma vara, olhando para o teto. Algum tempo depois, se minutos ou horas, ela não tinha como saber, ela caiu em um sono leve e agitado.

3

Beverly sempre acordava quando o despertador tocava no quarto dos pais. Ela tinha que ser rápida, porque o pai desligava o despertador assim que ele começava a tocar. Ela se vestiu rapidamente enquanto o pai usava o banheiro. Fez uma pequena pausa (como quase sempre fazia) para olhar para o peito no espelho e decidir se os seios tinham aumentado durante a noite. Eles tinham começado a crescer no final do ano anterior. Doeu um pouco no começo, mas agora não doía mais. Eles eram bem pequenos, não passavam de botões, mas estavam ali. Era verdade; a infância terminaria e ela seria uma mulher.

Ela sorriu para o próprio reflexo e colocou a mão atrás da cabeça, levantando o cabelo e empinando o peito. Deu um risinho não afetado de garotinha… e de repente se lembrou do

sangue espirrando do ralo do banheiro na noite anterior. As risadinhas sumiram abruptamente.

Ela olhou para o braço e viu o hematoma que se formou ali durante a noite, uma mancha feia entre o ombro e o cotovelo, uma mancha com muitos dedos descoloridos.

A descarga soou.

Movendo-se rapidamente, sem querer que ele ficasse zangado com ela esta manhã (sem querer que ele sequer *reparasse* nela esta manhã), Beverly vestiu uma calça jeans e o moletom da Derry High School. Como não dava mais para adiar, saiu do quarto para o banheiro. O pai passou por ela na sala a caminho do quarto para se vestir. O pijama azul caía frouxo no corpo dele. Ele resmungou alguma coisa que ela não entendeu.

— Tá, papai — respondeu ela mesmo assim.

Ela ficou de pé na frente da porta fechada do banheiro por um momento, tentando preparar a mente para o que poderia ver dentro. *Pelo menos é dia*, pensou ela, e isso trouxe um pouco de alento. Não muito, mas um pouco. Ela segurou a maçaneta, girou e entrou.

4

Foi uma manhã agitada para Beverly. Ela fez o café da manhã do pai: suco de laranja, ovos mexidos, a versão de Al Marsh de torrada (o pão quente, mas não realmente tostado). Ele se sentou à mesa, escondido atrás do News, e comeu tudo.

— Onde está o bacon?

— Acabou, papai. Comemos o resto ontem.

— Faz um hambúrguer.

— Só tem um pouco…

O jornal tremeu e foi abaixado. O olhar azul caiu sobre ela com peso.

— O que você disse? — perguntou ele baixinho.

— Eu disse agora mesmo, papai.

Ele olhou para ela por mais um tempo. Em seguida, o jornal voltou a subir e Beverly correu até a geladeira para pegar a carne.

Ela fritou um hambúrguer depois de amassar um pouco da carne moída que tinha sobrado na geladeira o máximo que conseguiu para fazer parecer maior. Ele comeu lendo a página de esportes, e Beverly fez o almoço dele, dois sanduíches de creme de amendoim com geleia, um pedaço grande de bolo que a mãe levou do Green’s Farm na noite anterior, uma garrafa

térmica com café quente com bastante açúcar.

— Diz pra sua mãe que mandei arrumar a casa hoje — disse ele, pegando a marmita. — Isso aqui parece um chiqueiro. Meu Deus! Passo o dia todo limpando a sujeira do hospital. Não preciso voltar pra um chiqueiro em casa. Não esquece, Beverly.

— Certo, papai. Pode deixar.

Ele deu um beijo na bochecha dela, deu um abraço desajeitado e saiu. Como sempre, Beverly foi até a janela do quarto e o viu descer a rua. E, como sempre, ela teve uma sensação sorrateira de alívio quando ele virou a esquina… e se odiou por isso.

Ela lavou a louça e levou o livro que estava lendo para a escada de trás. Lars Theramenius, com o cabelo louro e longo brilhando com sua luz serena interior, veio andando com o balanço de uma criança pequena do prédio ao lado para mostrar a Beverly seu novo caminhão Tonka e os arranhões novos nos joelhos. Beverly emitiu exclamações de admiração pelas duas coisas. A mãe dela a chamou.

Elas trocaram os lençóis das duas camas, lavaram o piso e enceraram o linóleo da cozinha. A mãe limpou sozinha o piso do banheiro, e Beverly ficou extremamente grata por isso. Elfrida Marsh era uma mulher pequena com cabelo grisalho e expressão triste. O rosto marcado contava ao mundo que ela estava por aqui havia um tempo e pretendia ficar por mais… Também contava ao mundo que nada tinha sido fácil e que ela não esperava nenhuma mudança das condições da vida no futuro próximo.

— Você limpa as janelas da sala, Bevvie? — perguntou ela, voltando para a cozinha. Ela tinha trocado de roupa e colocado o uniforme de garçonete. — Tenho que ir até o Saint Joe's em Bangor pra visitar Cheryl Tarrent. Ela quebrou a perna ontem à noite.

— Pode deixar, eu limpo — disse Beverly. — O que aconteceu com a sra. Tarrent? Ela caiu? — Cheryl Tarrent era a mulher com quem Elfrida trabalhava no restaurante.

— Ela e aquele imprestável com quem ela casou sofreram um acidente de carro — disse a mãe de Beverly com tristeza. — Ele tinha bebido. Agradeça a Deus todas as noites por seu pai não beber, Bevvie.

— Eu agradeço — disse Bev. Ela agradecia mesmo.

— Ela vai perder o emprego, eu acho, e ele não consegue manter nenhum. — Agora tons de puro horror surgiram na voz de Elfrida. — Eles vão ter que viver às custas do governo, eu acho.

Era a pior coisa em que Elfrida Marsh conseguia pensar. Perder um filho ou descobrir que tinha câncer não chegavam nem perto. Você podia ser pobre; podia passar a vida fazendo o que ela chamava de "se virando". Mas no fundo do poço, inferior até à sarjeta, estava o momento em que você tivesse que viver *às custas do governo* e beber suor da testa dos outros como brinde. Ela sabia que esse era o prospecto que assombrava Cheryl Tarrent.

— Depois que você lavar as janelas e tirar o lixo, pode ir brincar um pouco se quiser. Hoje é noite de boliche do seu pai, então você não vai precisar fazer jantar, mas quero que volte antes de escurecer. Você sabe por quê.

— Tá, mãe.

— Meu Deus, você está crescendo rápido — disse Elfrida. Ela olhou por um momento para as protuberâncias no moletom de Beverly. O olhar dela era amoroso, mas sem pena. — Não sei o que vou fazer quando você casar e tiver sua casa.

— Vou ficar sempre por aqui — disse Beverly, sorrindo.

A mãe a abraçou rapidamente e beijou o canto da boca com lábios quentes e secos.

— Eu sei que não — disse ela. — Mas amo você, Bevvie.

— Também amo você, mamãe.

— Tome cuidado pra não deixar nenhuma marca nas janelas quando terminar — disse ela, pegando a bolsa e indo até a porta. — Se tiver, você vai ouvir o diabo do seu pai.

— Vou ser cuidadosa. — Quando a mãe abriu a porta para sair, Beverly perguntou em um tom que esperava ser casual: — Você viu alguma coisa estranha no banheiro, mãe?

Elfrida olhou para ela com a testa um pouco franzida.

— Estranha?

— Bem… Vi uma aranha lá ontem. Saiu do ralo. Papai não contou?

— Você irritou seu pai ontem, Bevvie?

— Não! Hã-hã! Falei pra ele que uma aranha saiu do ralo e me assustou, e ele disse que às vezes eles encontravam ratos afogados nos vasos na antiga escola de ensino médio. Por causa dos esgotos. Ele não te contou da aranha que eu vi?

— Não.

— Ah. Bem, não importa. Eu só queria saber se você tinha visto.

— Não vi aranha nenhuma. Queria ter dinheiro pra um linóleo novo pro chão do banheiro. — Ela olhou para o céu, que estava azul e sem nuvens. — Dizem que matar uma aranha atrai chuva. Você não matou ela, matou?

— Não — disse Beverly. — Não matei.

A mãe olhou para ela com os lábios tão apertados que quase não apareciam.

— Tem *certeza* de que seu pai não ficou irritado com você ontem à noite?

— *Não!*

— Bevvie, ele toca em você?

— O quê? — Beverly olhou para a mãe com total perplexidade. Meu Deus, o pai tocava nela todos os *dias*. — Não estou entendendo o que…

— Deixa pra lá — disse Elfrida brevemente. — Não se esqueça do lixo. E se as janelas ficarem manchadas, você não vai precisar do seu *pai* pra ouvir o diabo.

— Não vou

(ele toca em você)

— esquecer.

— E volte antes de escurecer.

— Pode deixar.

(ele)

(se preocupa muito)

Elfrida saiu. Beverly foi para o quarto de novo e a viu dobrar a esquina e sumir de vista, como tinha feito com o pai. E então, quando tinha certeza de que a mãe estava a caminho do ponto de ônibus, Beverly pegou o balde, o Windex e alguns panos debaixo da pia. Ela foi para a sala e começou a trabalhar nas janelas. O apartamento parecia silencioso demais. Cada vez que o piso estalava ou uma porta batia, ela dava um pulo. Quando a descarga do apartamento dos Bolton soou acima, ela sufocou um grito que quase saiu.

E ela toda hora olhava para a porta fechada do banheiro.

Por fim ela andou até lá, abriu a porta e olhou. A mãe tinha feito a limpeza de manhã, e a maior parte do sangue acumulado debaixo da pia tinha sumido. O mesmo aconteceu com o sangue na beirada da pia. Mas ainda havia manchas marrons secando dentro da própria pia, no espelho e no papel de parede.

Beverly olhou para seu reflexo pálido e se deu conta com medo repentino e supersticioso de que o sangue no espelho fazia o rosto dela parecer estar sangrando. Ela pensou de novo: *O que vou fazer sobre isso? Fiquei louca? Estou imaginando?*

O ralo de repente deu uma risada que parecia um arroto.

Beverly gritou e bateu a porta, e cinco minutos depois, suas mãos ainda tremiam tanto que ela quase deixou o vidro de Windex cair enquanto lavava as janelas da sala.

5

Eram umas 15h, o apartamento estava trancado e a chave extra estava bem guardada no bolso da calça jeans quando Beverly Marsh por acaso entrou na travessa Richard, uma passagem estreita que ligava as ruas Main e Center, e deu de cara com Ben Hanscom, Eddie Kaspbrak e um garoto chamado Bradley Donovan brincando de jogar moedas.

— Oi, Bev! — disse Eddie. — Teve pesadelo por causa dos filmes?

— Não — disse Beverly, agachando-se para ver o jogo. — Como você soube do cinema?

— Monte de Feno me contou — disse Eddie, apontando para Ben com o polegar. Ben

estava vermelho por algum motivo que Beverly não conseguia entender.

— Que filmesh? — perguntou Bradley, e agora Beverly o reconheceu: ele tinha ido ao Barrens uma semana antes com Bill Denbrough. Eles frequentavam sessões de fonoaudiologia juntos em Bangor. Beverly o tinha tirado da mente. Se perguntassem, ela talvez dissesse que ele parecia menos importante do que Ben e Eddie, menos presente.

— Dois filmes de monstros — disse ela para ele, e andou agachada até ficar entre Ben e Eddie. — Sua vez?

— É — disse Ben. Ele olhou para ela rapidamente e afastou o olhar.

— Quem está ganhando?

— Eddie — disse Ben. — Eddie é muito bom.

Ela olhou para Eddie, que poliu as unhas solenemente na frente da camisa e riu.

— Posso jogar?

— Por mim, tudo bem — disse Eddie. — Tem uma moeda de um centavo?

Ela procurou no bolso e achou três.

— Nossa, como você ousa sair de casa com tamanha fortuna? — perguntou Eddie. — Eu teria medo.

Ben e Bradley Donovan riram.

— Garotas também podem ser corajosas — disse Beverly com seriedade, e um momento depois todos estavam rindo.

Bradley jogou primeiro, depois Ben e Beverly. Como estava ganhando, Eddie ia por último. Eles jogaram as moedas de um centavo na parede de trás da Center Street Drug Store. Às vezes a moeda parava antes, às vezes batia na parede e quicava de volta. No final de cada rodada, o jogador com a moeda mais próxima da parede ficava com as quatro moedas. Cinco minutos depois, Beverly tinha 24 centavos. Ela só perdeu uma rodada.

— Garotash roubam! — disse Bradley com nojo, e ficou de pé para ir embora. O bom humor dele sumiu e ele olhou para Beverly com raiva e humilhação. — Garotash não deviam poder…

Ben ficou de pé em um salto. Era incrível ver Ben saltar.

— Retira o que disse!

Bradley olhou para Ben boquiaberto.

— O quê?

— *Retira!* Ela não roubou!

Bradley olhou para Ben, para Eddie e para Beverly, que ainda estava de joelhos. Em seguida, olhou para Ben de novo.

— Quer ficar com a boca gorda pra combinar com o reshto de você, eshcroto?

— Claro — disse Ben, e um sorriso de repente se abriu em seu rosto. Alguma coisa nele fez Bradley dar um passo surpreso e desconfortável para trás. Talvez o que ele viu naquele sorriso tenha sido o simples fato de que, depois de encarar Henry Bowers e sair vivo e em vantagem não apenas uma vez, mas duas, Ben Hanscom não se deixaria aterrorizar pelo

magrelo Bradley Donovan (que tinha verrugas nas mãos além do ceceio na fala).

— É, pra depoish vocêsh virem todosh pra chima de mim — disse Bradley, dando outro passo para trás. A voz dele adquiriu um certo tremor, e lágrimas surgiram em seus olhos. — Todosh um bando de *ladrõesh*!

— É só retirar o que você disse sobre ela — disse Ben.

— Deixa pra lá, Ben — disse Beverly. Ela entregou um punhado de moedas para Bradley. — Pega o que é seu. Eu não estava jogando pra ganhar dinheiro.

Lágrimas de humilhação desceram pelas pálpebras inferiores de Bradley. Ele tirou as moedas da mão de Beverly e correu para o lado da rua Center da travessa Richard. Os outros ficaram olhando para ele boquiabertos. Com a segurança se aproximando, Bradley se virou e gritou:

— Você é shó uma putinha, shó issho! Ladra! Ladra! Shua mãe é *proshtituta*!

Beverly sufocou um grito. Ben correu pela travessa na direção de Bradley e conseguiu apenas tropeçar em uma caixa vazia e cair. Bradley tinha ido embora, e Ben sabia que não conseguiria alcançá-lo. Ele se virou para Beverly para ver se ela estava bem. Aquela palavra o chocou tanto quanto a ela.

Ela viu a preocupação no rosto dele. Abriu a boca para dizer que estava bem, que ele não precisava se preocupar, que paus e pedras quebram meu corpo, mas xingamentos nunca vão… e aquela pergunta estranha que a mãe fez

(ele toca em você)

voltou à mente. Pergunta estranha, sim. Simples, mas sem sentido, cheia de entrelinhas ruins, nebulosa como café velho. Em vez de dizer que xingamentos nunca iriam machucá-la, ela começou a chorar.

Eddie olhou para ela com desconforto, pegou a bombinha do bolso da calça e inspirou. Em seguida, se abaixou e começou a pegar as moedas espalhadas. Havia uma expressão inquieta e cuidadosa no rosto dele.

Ben andou na direção dela instintivamente, querendo abraçar e confortar, depois parou. Ela era bonita demais. Frente a tanta beleza, ele se sentia impotente.

— Se anima — disse ele, sabendo que devia parecer idiota, mas incapaz de pensar em alguma coisa mais útil. Ele tocou nos ombros dela de leve (ela tinha colocado as mãos por cima do rosto para esconder os olhos molhados e bochechas vermelhas), mas puxou as mãos de volta como se ela estivesse quente demais para ser tocada. Ele agora estava tão vermelho que parecia com raiva. — Se anima, Beverly.

Ela baixou as mãos e gritou com voz aguda e furiosa:

— Minha mãe não é prostituta! Ela… ela é *garçonete*!

Isso foi recebido com silêncio absoluto. Ben olhou para ela com o queixo um pouco caído. Eddie olhou para ela da superfície de paralelepípedos da travessa, com as mãos cheias de moedas. E de repente os três estavam rindo histericamente.

— *Garçonete!* — gritou Eddie, rindo. Ele só tinha uma leve ideia do que prostituta era,

mas alguma coisa na comparação pareceu deliciosa mesmo assim. — É *isso* que ela é!

— É! Sim, é isso! — disse Beverly, engasgada, gargalhando e chorando ao mesmo tempo.

Ben estava rindo tanto que não conseguia ficar de pé. Ele se sentou pesadamente em uma lata de lixo. Seu peso enfiou a tampa para dentro da lata e o derrubou no chão de lado. Eddie apontou para ele e berrou gargalhando. Beverly o ajudou a ficar de pé.

Uma janela se abriu acima deles e uma mulher gritou:

— Saiam daí, crianças! Tem gente que trabalha à noite, sabe? Sumam!

Sem pensar, os três deram as mãos, com Beverly no meio, e correram para a rua Center. Eles ainda estavam rindo.

6

Eles juntaram o dinheiro e descobriram que tinham 40 centavos, o bastante para dois frapês de sorvetes na farmácia. Como o velho sr. Keene era um rabugento e não deixava crianças com menos de 12 anos ficarem na bancada (ele alegava que as máquinas de pinball na sala dos fundos poderiam corrompê-los), eles levaram os frapês em dois copos descartáveis enormes até o Parque Bassey e se sentaram para tomá-los. Ben escolheu de café, Eddie escolheu de morango. Beverly estava sentada entre os dois garotos com um canudo, tomando um pouco de cada vez como uma abelha nas flores. Ela se sentiu bem de novo pela primeira vez desde que o ralo cuspiu sangue na noite anterior. Desanimada e exausta, mas bem, em paz consigo mesma. Por enquanto, pelo menos.

— Só não entendo qual era o problema de Bradley — disse Eddie depois de um tempo. A fala teve o tom de um pedido de desculpas constrangido. — Ele nunca agiu assim antes.

— Você me defendeu — disse Beverly, e beijou Ben de repente na bochecha. — Obrigada.

Ben ficou vermelho de novo.

— Você não roubou — murmurou ele, e engoliu abruptamente metade do frapê de café em três goles monstruosos. Isso foi seguido por um arroto alto como um tiro.

— Ainda tem mais aí, rapaz? — perguntou Eddie, e Beverly riu com força, segurando a barriga.

— Chega — riu Beverly. — Minha barriga está doendo. Por favor, parem.

Ben estava sorrindo. Naquela noite, antes de dormir, ele repetiria na mente várias vezes seguidas o momento em que ela o beijou.

— Você está bem mesmo agora? — perguntou ele.

Ela assentiu.

— Não foi *ele*. Não foi nem o que ele disse sobre a minha mãe. Foi uma coisa que aconteceu ontem à noite. — Ela hesitou, olhando de Ben para Eddie e depois para Ben de novo. — Eu… eu tenho que contar pra alguém. Ou mostrar pra alguém. Ou alguma coisa assim. Acho que chorei porque estou com medo de estar ficando de miolo mole.

— De que você está falando, miolo mole? — perguntou uma nova voz.

Era Stanley Uris. Como sempre, ele parecia pequeno, magro e sobrenaturalmente arrumado, arrumado demais para um garoto que tinha acabado de fazer 11 anos. De camisa branca enfiada para dentro da calça jeans novinha, o cabelo penteado, as pontas dos Keds de cano alto brilhando, ele parecia ser o menor adulto do mundo. Mas então ele sorriu, e a ilusão desapareceu.

Ela não vai dizer o que ia dizer, pensou Eddie, *porque ele não estava lá quando Bradley chamou a mãe dela daquela coisa.*

Mas depois de um momento de hesitação, Beverly contou. Porque, de alguma forma, Stanley era diferente de Bradley. Ele estava *presente* de uma maneira que Bradley não esteve.

Stanley é um de nós, pensou Beverly, e se perguntou por que isso fazia seus braços ficarem arrepiados de repente. Não estou fazendo bem nenhum a eles ao contar, pensou ela. *Não a eles, e também não a mim.*

Mas era tarde demais. Ela já estava falando. Stan se sentou com eles, com o rosto imóvel e sério. Eddie ofereceu a ele o final do frapê de morango, e Stan só balançou a cabeça, sem tirar os olhos do rosto de Beverly. Nenhum dos garotos falou.

Ela contou sobre as vozes. Sobre reconhecer a voz de Ronnie Grogan. Ela sabia que Ronnie estava morta, mas era a voz dela mesmo assim. Contou a eles sobre o sangue, e que o pai não viu nem sentiu, e que a mãe também não viu de manhã.

Quando terminou, ela olhou para os rostos deles, com medo do que poderia ver lá… mas não viu descrença. Pavor, mas não descrença.

Por fim, Ben disse:

— Vamos lá ver.

7

Eles entraram pela porta dos fundos, não só porque era de lá que Bev tinha a chave, mas porque ela disse que o pai a mataria se a sra. Bolton a visse entrando no apartamento com três garotos quando os pais dela estavam fora.

— Por quê? — perguntou Eddie.

— Você não entenderia, bobão — disse Stan. — Fica quieto.

Eddie começou a responder, olhou de novo para o rosto branco e tenso de Stan e decidiu ficar de boca calada.

A porta levava à cozinha, que estava tomada pelo sol do fim da tarde e pelo silêncio do verão. A louça do café da manhã brilhava no escorredor. Os quatro ficaram de pé reunidos ao lado da mesa da cozinha, e quando uma porta bateu no andar de cima, eles pularam e riram com nervosismo.

— Onde é? — perguntou Ben. Ele estava sussurrando.

Com o coração latejando nas têmporas, Beverly os levou pelo pequeno corredor com o quarto dos pais de um lado e a porta fechada do banheiro no final. Ela a abriu, entrou rapidamente e puxou a corrente por cima da pia. Depois deu um passo para trás, para ficar entre Ben e Eddie de novo. O sangue tinha secado e virado manchas marrons no espelho, pia e papel de parede. Ela olhou para o sangue porque de repente era mais fácil olhar para isso do que para eles.

Com uma voz baixa que ela mal conseguiu reconhecer como sua, ela perguntou:

— Vocês veem? *Algum* de vocês vê? Está ali?

Ben deu um passo à frente, e mais uma vez ela ficou surpresa pelo quanto ele se movia delicadamente para um garoto tão gordo. Ele tocou em uma das manchas de sangue; depois em outra; depois em uma que tinha escorrido pelo espelho.

— Aqui. Aqui. Aqui. — A voz dele estava monótona e autoritária.

— Caramba! Parece que alguém matou um porco aqui — disse Stan, impressionado de repente.

— Tudo isso saiu do ralo? — perguntou Eddie. A visão de sangue o deixou enjoado. Sua respiração estava ficando curta. Ele pegou a bombinha.

Beverly precisou lutar para se impedir de recomeçar a chorar. Ela não queria fazer isso; estava com medo de que, se chorasse, eles a deixassem de lado por ser uma garota qualquer. Mas precisou agarrar a maçaneta quando o alívio tomou conta dela em uma onda de força assustadora. Até aquele momento, ela não tinha percebido o quanto tinha certeza de que estava enlouquecendo, tendo alucinações, alguma coisa assim.

— E sua mãe e seu pai não viram — comentou Ben impressionado. Ele tocou em um borrão de sangue que tinha secado na pia, depois puxou a mão e limpou no traseiro da calça jeans. — Caramba.

— Não sei como vou conseguir voltar aqui — disse Beverly. — Nem pra me lavar, nem pra escovar os dentes, nem pra… vocês sabem.

— Ah, por que a gente não limpa o banheiro? — perguntou Stanley de repente.

Beverly olhou para ele.

— Limpar?

— Claro. Pode ser que a gente não consiga tirar tudo do papel de parede, porque ele parece meio que nas últimas, mas a gente podia limpar o resto. Você não tem uns panos?

— Debaixo da pia da cozinha — disse Beverly. — Mas minha mãe vai querer saber onde foram parar se usarmos.

— Tenho 50 centavos — disse Stan baixinho. Seus olhos nunca desgrudaram do sangue que tinha se espalhado na área do banheiro ao redor da pia. — A gente pode limpar o melhor que conseguir, depois leva os panos pra lavanderia que tinha no caminho que a gente pegou pra vir pra cá. A gente lava e seca, e eles estarão de volta no lugar antes de seus pais voltarem.

— Minha mãe diz que não dá pra tirar sangue de um pano — objetou Eddie. — Ela diz que ele impregna, sei lá.

Ben deu uma risadinha histérica.

— Não importa se vai sair do pano ou não — disse ele. — *Eles* não conseguem ver.

Ninguém precisou perguntar o que ele queria dizer com “eles”.

— Tudo bem — disse Beverly. — Vamos tentar.

8

Pela meia hora seguinte, os quatro limparam como condenados, e conforme o sangue desaparecia das paredes, do espelho e da pia de porcelana, Beverly sentia seu coração ficar cada vez mais leve. Ben e Eddie cuidaram da pia e do espelho enquanto ela esfregava o chão. Stan trabalhou no papel de

parede com cuidado redobrado, usando um pano quase seco. No final, eles conseguiram tirar quase tudo. Ben terminou trocando a lâmpada por cima da pia e substituindo por uma da caixa de lâmpadas na despensa. Havia muitas: Elfrida Marsh tinha comprado um suprimento de dois anos no Derry Lions durante a venda anual de lâmpadas no outono anterior.

Eles usaram o balde de Elfrida, o Ajax e muita água quente. Trocaram a água com frequência porque nenhum deles gostava de enfiar a mão lá depois que ficava rosa.

Por fim, Stan recuou, observou o banheiro com o olhar crítico de um garoto para quem a limpeza e a arrumação não estavam apenas entranhadas, mas eram inatas, e disse para eles:

— É o melhor que podemos fazer, eu acho.

Ainda havia leves marcas de sangue no papel de parede à esquerda da pia, onde estava tão fino que Stanley não ousou fazer nada além de bater com o pano de leve. Mas mesmo lá o sangue perdeu a força apavorante; não passava de uma mancha de tom pastel sem sentido.

— Obrigada — disse Beverly para todos. Ela não conseguia se lembrar de outra ocasião em que agradeceu de forma tão sincera e profunda. — Obrigada a todos.

— Tudo bem — murmurou Ben. Ele estava corando de novo, é claro.

— De nada — concordou Eddie.

— Vamos lavar logo esses panos — disse Stanley. O rosto dele estava composto, quase sério. E depois, Beverly pensaria que talvez só Stan se desse conta de que eles tinham dado outro passo em direção a um confronto inimaginável.

9

Eles pegaram uma xícara do sabão em pó da sra. Marsh e colocaram em um vidro vazio de maionese. Bev encontrou um saco de papel para colocar os panos sujos, e os quatro seguiram para

a Kleen-Kloze Washateria na esquina das ruas Main e Cony. Duas quadras depois, eles conseguiam ver o canal brilhando em azul no sol da tarde.

A Kleen-Kloze estava vazia exceto por uma mulher com uniforme branco de enfermeira que estava esperando a secadora parar. Ela olhou para as quatro crianças com desconfiança e voltou para o exemplar de *Peyton Place*.

— Água fria — disse Ben com voz baixa. — Minha mãe diz que sangue se lava em água fria.

Eles jogaram os panos na máquina enquanto Stan trocava as duas moedas de 25 centavos por quatro de dez e duas de cinco. Ele voltou e viu Bev jogar o sabão sobre os panos e fechar a porta da máquina. Em seguida, colocou duas moedas de dez no buraco das moedas e girou o botão para iniciar o ciclo.

Beverly tinha usado quase todas as moedas de um centavo que ganhou no jogo para ajudar a comprar os frapês, mas descobriu quatro sobreviventes no fundo do bolso esquerdo da calça jeans. Ela as pegou e ofereceu a Stan, que fez cara de sofrimento.

— Caramba — disse ele —, eu levo uma garota pra um encontro na lavanderia e ela já quer dividir a conta.

Beverly riu um pouco.

— Tem certeza?

— Tenho — disse Stan do seu jeito seco. — Quero dizer, está mesmo partindo meu coração abrir mão desses quatro centavos, Beverly, mas tenho certeza.

Os quatro foram até a fileira de cadeiras de plástico encostadas na parede de cimento da lavanderia e ficaram sentados ali, sem falar. A máquina Maytag com os panos dentro tremia e balançava. Espuma batia na porta redonda de vidro grosso. A princípio, a espuma estava avermelhada. Olhar para ela deixou Beverly um pouco enjoada, mas ela percebeu que era difícil afastar o olhar. A espuma sangrenta exercia uma espécie distorcida de fascínio. A moça de uniforme de enfermeira olhou para eles cada vez com mais frequência por cima do livro. Ela talvez tivesse tido medo de eles causarem confusão; agora, o silêncio parecia irritá-la. Quando a secadora parou, ela pegou as roupas, dobrou-as, colocou em um saco plástico azul e saiu, lançando um olhar intrigado para eles ao passar pela porta.

Assim que ela saiu, Ben disse abruptamente, quase com crueldade.

— Você não está sozinha.

— O quê? — perguntou Beverly.

— Você não está sozinha. — repetiu Ben. — Sabe…

Ele parou e olhou para Eddie, que assentiu. Olhou para Stan, que pareceu infeliz… mas que, depois de um momento, deu de ombros e também assentiu.

— De que você está falando? — perguntou Beverly. Estava cansada de pessoas dizendo coisas inexplicáveis para ela hoje. Ela segurou o antebraço de Ben. — Se você sabe alguma coisa sobre isso, me conta!

— Você quer falar? — Ben perguntou a Eddie.

Eddie balançou a cabeça. Ele tirou a bombinha do bolso e inspirou por um tempo absurdo.

Falando lentamente, escolhendo as palavras, Ben contou a Beverly como conheceu Bill Denbrough e Eddie Kaspbrak no Barrens no último dia de aula, quase uma semana antes, por mais difícil que fosse de acreditar. Contou a ela que eles construíram a barragem no Barrens no dia seguinte. Contou a história de Bill de que a foto da escola do irmão mais novo tinha virado a cabeça e piscado. Contou a própria história da múmia que tinha andado no canal gelado no meio do inverno com balões que flutuavam contra o vento. Beverly ouviu com horror crescente. Ela conseguia sentir seus olhos se arregalando, as mãos e os pés ficando gelados.

Ben parou e olhou para Eddie. Eddie inspirou de novo na bombinha e contou a história do leproso de novo, falando tão rapidamente quanto Ben tinha falado devagar, com palavras tropeçando umas nas outras na urgência de fugir dali. Terminou com um meio-soluço, mas desta vez não chorou.

— E você? — perguntou ela, olhando para Stan Uris.

— Eu…

Houve um silêncio repentino, que os assustou da mesma forma que uma explosão teria feito.

— A lavagem acabou — disse Stan.

Eles o viram ficar de pé, pequeno, econômico, gracioso, e abrir a lavadora. Ele tirou os panos amontoados e os examinou.

— Ficou uma mancha pequena — disse ele —, mas não está ruim. Parece suco de cranberry.

Ele os mostrou, e todos assentiram com seriedade, como se sobre documentos importantes. Beverly sentiu um alívio similar ao que sentiu quando o banheiro estava limpo de novo. Ela conseguia suportar a mancha de tom pastel no papel de parede velho e a mancha avermelhada nos panos de limpeza da mãe. Eles *fizeram* alguma coisa sobre o assunto, isso parecia o importante. Talvez não tivesse funcionado completamente, mas ela descobriu que funcionou bem o bastante para dar tranquilidade ao coração dela, e cara, era bom o bastante para Beverly, a filha de Al Marsh.

Stan os jogou em uma das secadoras em forma de barril e colocou duas moedas de cinco. A secadora começou a girar, e Stan voltou para seu lugar entre Eddie e Ben.

Por um momento, os quatro ficaram em silêncio de novo, vendo os panos girarem e caírem, girarem e caírem. O ruído da secadora era tranquilizante, quase soporífero. Uma mulher

passou pela porta escancarada empurrando um carrinho de compras. Ela olhou para eles e seguiu em frente.

— Eu vi sim uma coisa — disse Stan de repente. — Eu não queria falar sobre isso porque queria pensar que foi um sonho, sei lá. Quem sabe até uma convulsão, como aquele garoto Stavier tem. Algum de vocês conhece ele?

Ben e Bev balançaram a cabeça. Eddie disse:

— O garoto que tem epilepsia?

— É, ele mesmo. Foi ruim assim. Eu preferia pensar que tinha uma coisa assim a pensar que vi mesmo uma coisa… verdadeira.

— O que foi? — perguntou Beverly, mas não sabia se queria saber. Não era como ouvir histórias de terror ao redor de uma fogueira enquanto se comia salsicha no pão torrado e se assavam marshmallows nas chamas até ficarem pretos e crocantes. Eles estavam sentados em uma lavanderia abafada e ela conseguia ver grandes bolas de poeira debaixo das máquinas (cocô de fantasma, dizia o pai dela), conseguia ver poeira flutuando nos raios de sol que entravam pela vitrine suja da lavanderia, conseguia ver as revistas velhas com as capas arrancadas. Eram coisas normais. Boas, normais e chatas. Mas ela estava com medo. Com um medo danado. Porque sentia que nenhuma dessas coisas eram histórias inventadas, monstros inventados: a múmia de Ben, o leproso de Eddie… qualquer um dos dois ou os dois poderiam aparecer quando o sol se pusesse. Ou o irmão de Bill Denbrough, com um braço só e implacável, passeando pelos canos pretos debaixo da cidade com moedas de prata no lugar de olhos.

Mas quando Stan não respondeu imediatamente, ela perguntou de novo:

— O que foi?

Falando com cautela, Stan disse:

— Eu estava naquele parque onde fica a Torre de Água…

— Ah, Deus, não gosto daquele lugar — disse Eddie com pesar. — Se existe uma casa mal-assombrada em Derry, é lá.

— *O quê?* — disse Stan com voz aguda. — O que você disse?

— Você não *sabe* sobre aquele lugar? — perguntou Eddie. — Minha mãe não me deixava nem chegar perto desde antes de as crianças começarem a morrer. Ela… ela cuida muito bem de mim. — Ele deu um sorriso desconfortável e segurou a bombinha com mais força no colo. — Sabe, algumas crianças se afogaram lá. Três ou quatro. Elas… Stan? Stan, você está bem?

O rosto de Stan Uris ficou cinza-escuro. Sua boca trabalhava sem emitir som. Seus olhos se reviraram até os outros só conseguirem ver as curvas inferiores das íris. Uma das mãos agarrou fracamente o ar e caiu sobre a coxa dele.

Eddie fez a única coisa em que conseguiu pensar. Ele se inclinou, passou um braço fino ao redor dos ombros caídos, enfiou a bombinha na boca de Stan e emitiu um jato longo.

Stan começou a tossir, sufocar e engasgar. Ele se sentou ereto, com os olhos em foco de novo. Tossiu nas mãos em concha. Por fim, deu um arroto e relaxou de volta na cadeira.

— O que foi isso? — conseguiu dizer ele.

— Minha medicação de asma — disse Eddie, como que pedindo desculpas.

— Meu Deus, tem gosto de merda de cachorro morto.

Todos riram disso, mas foi uma risada nervosa. Os outros olhavam inquietos para Stan. Uma corzinha tinha voltado às suas bochechas.

— É bem ruim mesmo — disse Eddie com um pouco de orgulho.

— É, mas é kosher? — disse Stan, e todos riram de novo, embora nenhum deles (incluindo Stan) soubesse direito o que "kosher" queria dizer.

Stan parou de rir primeiro e olhou para Eddie com atenção.

— Me conta o que você sabe sobre a Torre de Água — disse ele.

Eddie começou, mas tanto Ben quanto Bev também contribuíram. A Torre de Água de Derry ficava na rua Kansas, 2,5 quilômetros a oeste do centro, perto da beirada sul do Barrens. Uma época, perto do final do século XIX, ela fornecia toda a água de Derry e armazenava 6,5 milhões de litros. Como a galeria circular abaixo do teto da Torre de Água oferecia uma vista espetacular da cidade e da área ao redor, era um local popular até 1930, mais ou menos. Famílias iam para o pequeno Parque Memorial em tardes de sábado ou domingo quando o tempo estava bom, subiam os 160 degraus dentro da Torre até a galeria e observavam a vista. Com frequência, as pessoas abriam uma toalha de piquenique lá em cima.

A escada ficava entre o exterior da Torre de Água, que era branco, e a camada interna, um enorme cilindro de aço inoxidável com 32 metros de altura. Ela subia até o alto em uma espiral estreita.

Pouco abaixo do nível da galeria, uma porta grossa de madeira na camada interna da Torre de Água levava a uma plataforma sobre a água, um lago negro que batia delicadamente nas paredes e era iluminado por lâmpadas de magnésio presas em suportes refletores. A água tinha exatamente 30 metros de profundidade quando o armazenamento era total.

— De onde vinha a água? — perguntou Ben.

Bev, Eddie e Stan se entreolharam. Nenhum deles sabia.

— E as crianças que se afogaram?

Eles só sabiam um pouco sobre isso. Parecia que naqueles dias ("velhos dias" era como Ben os chamava solenemente em sua parte da história) a porta que levava à plataforma sobre a água sempre era deixada destrancada. Uma noite, duas crianças… ou talvez apenas uma… ou quem sabe três… encontraram a porta de baixo também destrancada. Elas subiram por causa de uma aposta. Foram até a plataforma acima da água em vez de para a galeria por engano. No escuro, caíram pela beirada antes mesmo de saberem onde estavam.

— Ouvi de um tal Vic Crumly, que disse que ouviu do pai — disse Beverly —, então talvez seja verdade. Vic disse que o pai falou que, quando elas caíram na água, estavam praticamente mortas, porque não tinha nada em que pudessem se segurar. A plataforma ficava alta demais. Ele disse que elas ficaram nadando um pouco, pedindo ajuda a noite toda, provavelmente. Só que ninguém ouviu elas, e elas se cansaram mais e mais até…

Ela parou de falar, sentindo o horror penetrar sua mente. Ela conseguia imaginar os garotos, de verdade ou inventados, nadando de um lado para o outro como cachorrinhos encharcados. Afundando, subindo e cuspindo água. Espalhando mais água e nadando menos conforme o pânico aumentava. Com tênis molhados afundando na água. Dedos procurando inutilmente qualquer suporte nas paredes lisas de aço. Ela conseguia sentir o gosto da água que eles deviam ter engolido. Conseguia ouvir o tom angustiado e o eco dos gritos. Quanto tempo? Quinze minutos? Meia hora? Quanto tempo até os gritos pararem e eles passarem a flutuar com a cara para baixo, peixes estranhos que o zelador encontraria de manhã?

— Meu Deus — disse Stan secamente.

— Ouvi que teve uma mulher que perdeu o bebê também — disse Eddie de repente. — Foi quando fecharam o lugar de vez. Pelo menos, foi o que me disseram. Deixavam mesmo as pessoas subirem, disso eu sei. Mas uma vez uma moça subiu com o bebê. Não sei quanto tempo o bebê tinha. Mas essa plataforma ficava por cima da água. E a moça foi até a beirada e estava, sabe, segurando o bebê, e ela o deixou cair ou ele se contorceu. Ouvi que um cara tentou salvar ele. Bancou o herói, sabe? Ele pulou na água, mas o bebê tinha sumido. Talvez estivesse de casaco, sei lá. Quando as roupas ficam molhadas, elas puxam a gente pra baixo.

Eddie colocou a mão no bolso de repente e tirou um pequeno vidro marrom. Ele o abriu, pegou dois comprimidos brancos e engoliu sem água.

— O que era isso? — perguntou Beverly.

— Aspirina. Estou com dor de cabeça. — Ele olhou para ela na defensiva, mas Beverly não disse mais nada.

Ben concluiu. Depois do incidente do bebê (ele disse que ouviu que era uma criança, na verdade, uma garotinha de uns 3 anos), a câmara municipal votou para que a Torre de Água fosse trancada, tanto embaixo quanto em cima, e para que não fossem mais feitas visitas nem piqueniques na galeria. Ela ficava trancada desde então. Ah, o zelador ia e vinha, e os homens da manutenção de vez em quando, e bem raramente havia visitas guiadas. Cidadãos interessados podiam seguir uma senhora da Sociedade Histórica escada acima até a galeria, onde podiam se impressionar com a vista e clicar nas suas Kodaks para mostrar para os amigos. Mas a porta da parte interna sempre ficava fechada agora.

— Ainda fica cheia de água? — perguntou Stan.

— Acho que fica — disse Ben. — Já vi carros de bombeiro sendo cheios lá durante a época de incêndios na mata. Eles prendem uma mangueira ao cano embaixo.

Stanley estava olhando para a secadora de novo, vendo os panos girarem e caírem. Eles estavam separados agora, e alguns flutuavam como paraquedas.

— O que você viu lá? — perguntou Bev com gentileza.

Por um momento, pareceu que ele não ia responder. Mas ele inspirou fundo e disse uma coisa que para eles pareceu não ter nada a ver.

— Deram o nome de Parque Memorial em homenagem à infantaria 23 do Maine na Guerra Civil. Os Derry Blues, era assim que eram chamados. Havia uma estátua, mas ela caiu durante

uma tempestade nos anos 1940. Não tinham dinheiro pra consertar a estátua, então colocaram um bebedor de pássaros no lugar. Um grande bebedor de pássaros feito de pedra.

Todos estavam olhando para ele. Stan engoliu em seco. Houve um clique audível na garganta dele.

— Eu observo pássaros, sabe? Tenho um álbum, um binóculo Zeiss-Ikon e tudo. — Ele olhou para Eddie. — Você tem mais aspirina?

Eddie entregou o vidro para ele. Stan pegou duas, hesitou, depois pegou mais uma. Ele devolveu o vidro e engoliu os comprimidos, um atrás do outro, com uma careta. E prosseguiu com a história.

10

O encontro de Stan aconteceu em uma noite chuvosa de abril dois meses antes. Ele colocou a capa, guardou o livro sobre pássaros e o binóculo em uma bolsa à prova de água que amarrava em cima e foi para o Parque Memorial. Ele e o pai costumavam ir juntos, mas o pai precisou "trabalhar até mais tarde" naquela noite e ligou na hora do jantar para conversar com Stan.

Um dos clientes na agência, também observador de pássaros, tinha visto o que ele acreditava ser um cardeal macho (*Fringillidae richmondena*) bebendo no bebedor de pássaros no Parque Memorial, ele contou para Stan. Eles gostavam de comer, beber e tomar banho por volta do pôr do sol. Era bem raro ver um cardeal tão ao norte de Massachusetts. Será que Stan gostaria de ir lá ver se conseguia observá-lo? Ele sabia que o tempo estava bem ruim, mas…

Stan concordou. Sua mãe o fez prometer ficar com o capuz da capa o tempo todo, mas Stan teria feito isso, mesmo que ela não pedisse. Ele era um garoto meticuloso. Nunca havia brigas para ele usar galochas ou as calças para neve no inverno.

Ele andou os 2,5 quilômetros até o Parque Memorial em uma chuva tão fina e hesitante que não era nem um chuvisco; era mais uma neblina constante. O ar estava quieto, mas ao mesmo tempo excitante. Apesar das últimas pilhas de neve debaixo de arbustos e em sulcos nas

árvores (para Stan, elas pareciam pilhas de fronhas sujas largadas), havia um aroma de crescimento no ar. Ao olhar para os galhos dos olmos, bordos e carvalhos contra o céu branco-acinzentado, Stan pensou que as silhuetas pareciam misteriosamente mais grossas. Eles se abririam em uma semana ou duas e libertariam folhas de um verde delicado, quase transparente.

O ar está com cheiro verde hoje, pensou ele, e sorriu um pouco.

Ele andou rapidamente porque a luz sumiria em uma hora ou menos. Ele era tão exigente com a observação quanto com roupas e hábitos de estudo, e a não ser que houvesse luz o bastante para ter certeza absoluta, ele jamais se permitiria considerar o cardeal como um pássaro avistado se não soubesse de coração que o tinha visto mesmo.

Ele cortou o Parque Memorial em diagonal. A Torre de Água era uma forma branca à esquerda. Stan mal olhou para ela. Não tinha interesse nenhum na Torre de Água.

O Parque Memorial era um retângulo inclinado. A grama (branca e morta nessa época do ano) era bem aparada no verão, e havia canteiros circulares de flores. Mas não havia brinquedos de parquinho. Esse parque era considerado um parque para adultos.

Na extremidade, havia um trecho plano antes de uma descida íngreme até a rua Kansas e o Barrens além. O bebedor de pássaros que o pai mencionou ficava na área plana. Era um prato raso de pedra sobre um pedestal baixo grande demais para a função humilde que executava. O pai de Stan disse para ele que, antes de o dinheiro acabar, pretendiam colocar a estátua do soldado de volta lá.

— Gosto mais do bebedor de pássaros, papai — disse Stan.

O sr. Uris bagunçou o cabelo dele.

— Eu também, filho — disse ele. — Mais bebedores e menos balas, esse é meu lema.

No alto desse pedestal, uma frase tinha sido entalhada na pedra. Stanley leu, mas não entendeu; a única coisa que ele entendia de latim eram as classificações de gênero dos pássaros no livro.

Apparebat eidolon senex.
— Plínio

dizia a inscrição.

Stan se sentou em um banco, pegou o livro de pássaros na bolsa e abriu na imagem do cardeal mais uma vez, inspecionando-o, se familiarizando com os pontos reconhecíveis. Um cardeal macho seria difícil de confundir por mais um motivo: ele era vermelho como um carro de bombeiros, mesmo não sendo grande. Mas Stan era uma criatura de hábito e convenções; essas coisas lhe davam conforto e reforçavam seu senso de lugar e de fazer parte do mundo.

Assim, ele estudou a foto por uns três minutos antes de fechar o livro (a umidade no ar estava fazendo os cantos se virarem) e o colocou de volta na bolsa. Ele pegou o binóculo e levou aos olhos. Não havia necessidade de ajustar o foco, porque na última vez que ele usou o binóculo estava sentado no mesmo banco olhando para o mesmo bebedouro.

Garoto meticuloso, garoto paciente. Ele não ficou se mexendo. Não se levantou e saiu andando nem virou o binóculo em outras direções para ver o que mais havia para observar. Ficou sentado parado, com as lentes apontadas para o bebedouro, e a névoa se acumulava em gotas grossas na capa amarela.

Ele não estava entediado. Estava olhando para o equivalente a um centro de convenções de aves. Quatro pardais marrons ficaram lá por um tempo, mergulhando os bicos na água, jogando gotas de água casualmente por cima dos ombros, nas costas. Um gaio-azul surgiu como um policial apartando uma briga. O gaio era do tamanho de uma casa no binóculo de Stan, com gritos brigões absurdamente agudos em comparação (depois de você olhar pelo binóculo sem parar durante um tempo, os pássaros ampliados que você via começavam a parecer não estranhos, mas perfeitamente corretos). Os pardais saíram voando. O gaio, agora no comando, caminhou, se banhou, ficou entediado e foi embora. Os pardais voltaram, depois foram embora quando um par de pintarroxos se aproximou para tomar banho e (talvez) discutir assuntos de importância para os pássaros de peito afundado. O pai de Stan rira da sugestão hesitante de Stan de que talvez pássaros conversassem, e ele tinha certeza de que o pai estava certo quando dizia que pássaros não eram inteligentes o bastante para conversar, que o cérebro deles era pequeno demais, mas eles realmente *pareciam* estar conversando. Um novo pássaro se juntou a eles. Era vermelho. Stan ajustou rapidamente o foco do binóculo, de leve. Será que era…? Não. Era um sanhaço escarlate, um pássaro bom, mas não o cardeal que ele estava esperando. Um pica-pau que era visitante frequente do bebedor de pássaros do Parque Memorial se juntou a ele. Stan o reconheceu pela asa direita machucada. Como sempre, ele especulou sobre como isso aconteceu. Um encontro perigoso com um gato parecia a explicação mais provável. Outros pássaros chegaram e foram embora. Stan viu um melro, desajeitado e feio como um vagão de trem, um pássaro azul e outro pica-pau. Ele acabou sendo recompensado com um novo pássaro; não o cardeal, mas um chupim que parecia enorme e estúpido nas lentes do binóculo. Ele o soltou sobre o peito e tirou o livro da bolsa de novo, na esperança de o chupim não sair voando antes de ele poder confirmar que era isso mesmo. Ele teria *alguma coisa* para levar para casa, para mostrar ao pai, pelo menos. E era hora de ir. A luz estava sumindo rápido. Ele estava com frio e molhado. Ele olhou no livro, depois olhou pelo binóculo de novo. O pássaro ainda estava lá, não se banhando, mas apenas de pé na beirada com aparência idiota. Era quase com certeza um chupim. Sem marcas distintas, pelo menos nenhuma que ele conseguisse ver àquela distância, e na luz morrente, era difícil ter cem por cento de certeza, mas talvez ele tivesse tempo e luz suficiente para mais uma verificada. Ele olhou para a foto no livro, observando com a testa franzida de concentração, depois pegou de novo o binóculo. Ele tinha acabado de mirar no bebedouro quando um *bum!*

seco espantou o chupim, se é que era um chupim, que saiu voando no ar. Stan tentou acompanhá-lo com o binóculo, sabendo que as chances de encontrá-lo de novo eram poucas. Ele o perdeu e fez um som de raiva entre os dentes. Bem, se ele tinha aparecido uma vez, talvez voltasse. E era só um chupim

(provavelmente um chupim)

afinal, não uma águia-dourada nem um arau-gigante.

Stan colocou o binóculo no estojo e guardou o livro de pássaros. Em seguida, ficou de pé e olhou ao redor, para ver se conseguia descobrir o que causara aquele barulho alto e repentino. Não pareceu uma arma nem um escapamento de carro. Parecia mais uma porta sendo aberta em um filme de terror sobre castelos e calabouços… com os efeitos de eco e tudo.

Ele não conseguiu ver nada.

Ele ficou de pé e começou a andar na direção da ladeira que ia até a rua Kansas. A Torre de Água estava agora à sua direita, um cilindro branco-giz, como um fantasma na névoa e na escuridão crescente. Parecia quase… flutuar.

Foi um pensamento estranho. Ele achava que tinha vindo de sua própria cabeça (de onde mais um pensamento viria?), mas não parecia ser um pensamento dele.

Ele olhou para a Torre de Água com mais atenção e seguiu na direção dela sem nem pensar no que estava fazendo. Janelas circulavam a construção em intervalos, subindo em uma espiral que fez Stan pensar no poste de barbearia em frente à loja do sr. Aurlette, onde ele e o pai cortavam o cabelo. As telhas brancas como osso se avolumavam acima de cada uma das janelas escuras como sobrancelhas sobre olhos. *Queria saber como fizeram isso*, pensou Stan (não com tanto interesse quanto Ben Hanscom teria, mas com um pouco), e foi nessa hora que ele viu que havia um espaço de escuridão bem maior no pé da Torre, um paralelogramo evidente na base circular.

Ele parou, franziu a testa e pensou que era um lugar estranho para uma janela: ficava completamente fora de simetria em comparação às outras. Mas percebeu que não era uma janela. Era uma porta.

O barulho que eu ouvi, pensou ele. *Foi aquela porta se abrindo.*

Ele olhou ao redor. Estava começando a anoitecer. O céu branco estava passando a um roxo embotado e escuro, e a névoa estava ficando mais densa e virando a chuva consistente que cairia durante a maior parte da noite. Escuridão, névoa e nenhum vento.

Assim… se a porta não se abriu no vento, será que alguém a empurrou? Por quê? E parecia uma porta bastante pesada para fazer um barulho como aquele estrondo. Ele achava que uma pessoa bem grande… talvez…

Com curiosidade, Stan andou para mais perto a fim de olhar melhor.

A porta era maior do que ele achara, com 1,80 metro de altura e 60 centímetros de largura, com tábuas presas por tiras de metal. Stan a abriu até a metade. Ela se deslocou suavemente nas dobradiças apesar do tamanho. O movimento também foi silencioso, não houve um único rangido. Ele a moveu para ver o quanto foi danificada por ter aberto com força daquele jeito.

Não havia dano nenhum; nem mesmo uma marquinha. Estranholândia, como Richie diria.

Bem, não foi a porta que você ouviu, só isso, pensou ele. *Talvez um jato de Loring voando sobre Derry ou alguma coisa assim. A porta já devia estar aberta…*

Seu pé encostou em alguma coisa. Stan olhou para baixo e viu que era um cadeado… ou melhor, eram os *restos* de um cadeado. Ele foi arrebentado. Na verdade, parecia que alguém tinha enchido o buraco do cadeado com pólvora e colocou um fósforo. Flores de metal, mortalmente afiadas, se destacavam no cadeado como um spray rígido. Stan conseguia ver as camadas de aço dentro. O ferrolho grosso estava pendurado torto por um parafuso que foi arrancado três quartos do tamanho da madeira. Os outros três parafusos estavam na grama molhada. Estavam retorcidos como pretzels.

Franzindo a testa, Stan voltou a abrir a porta e olhou dentro.

Uma escada estreita levava ao andar de cima, seguindo em espiral até sumir de vista. A parede externa da escada era de madeira sustentada por gigantescas vigas presas com estacas em vez de pregos. Para Stan, algumas das estacas pareciam mais grossas do que o braço dele. A parede interna era de aço, de onde rebites gigantescos surgiam como bolhas.

— Tem alguém aqui? — perguntou Stan.

Não houve resposta.

Ele hesitou, depois entrou para poder ver um pouco melhor pela garganta estreita da escada. Nada. E era a Cidade do Pavor ali dentro. Como Richie *também* diria. Ele se virou para sair… e ouviu música.

Estava baixa, mas ainda imediatamente reconhecível.

Música de realejo.

Ele inclinou a cabeça para o lado e prestou atenção, com a testa franzida começando a relaxar um pouco. Música de realejo, realmente, a música de feiras e parques de diversão. Ela despertou lembranças que eram tão alegres quanto efêmeras: pipoca, algodão-doce, bolinhos fritando em gordura quente, os estalos de correntes de brinquedos como a montanha-russa e o chapéu mexicano e a roda-gigante.

Agora, a testa franzida virou um sorriso hesitante. Stan subiu um degrau, depois mais dois, com a cabeça ainda inclinada. Ele fez outra pausa. Era como se pensar em parques de diversão pudesse realmente criar um; ele agora sentia o *cheiro* de pipoca, algodão-doce, bolinhos… e mais! Pimentão, cachorro-quente, fumaça de cigarro e serragem. Havia o cheiro acre de vinagre branco, do tipo que você coloca na batata frita por um buraquinho na tampa. Ele sentia cheiro de mostarda, amarela e ardente, a que você passa no cachorro-quente com uma pazinha.

Isso era impressionante… incrível… irresistível.

Ele deu outro passo, e foi quando ouviu o movimento de passos arrastados e ansiosos acima dele, descendo a escada. Ele inclinou a cabeça de novo. A música do realejo ficou mais alta de repente, como se para esconder o som dos passos. Ele conseguia reconhecer a melodia agora, era “Camptown Races”.

Passos, sim; mas não eram exatamente passos *arrastados*, eram? Na verdade, pareciam… *molhados*, não? O som era como pessoas andando de galochas cheias de água.

As senhoras do gueto cantam essa música, doodah doodah
(Splash-splash)
A pista de corrida do gueto tem 15 quilômetros, doodah doodah
(Splash-splosh, mais perto agora)
Correndo a noite toda
Correndo o dia todo…

Agora havia sombras na parede acima dele.

O pavor desceu pela garganta de Stan de uma vez; era como engolir uma coisa quente e horrível, um remédio ruim que de repente estimulava você como eletricidade. Foram as sombras que provocaram isso.

Ele as viu por apenas um momento. Ele teve essa pequena janela de tempo para observar que eram duas, que estavam curvadas e eram de alguma forma nada naturais. Ele só teve aquele momento porque a luz ali dentro estava desaparecendo, desaparecendo rápido demais, e quando ele se virou, a pesada porta da Torre de Água se fechou pesadamente atrás dele.

Stanley correu escada abaixo (de alguma forma ele tinha subido mais de dez degraus, embora só conseguisse se lembrar de subir dois ou três no máximo), agora com muito medo. Estava escuro demais para ele ver alguma coisa. Ele conseguia ouvir a própria respiração, conseguia ouvir o realejo tocando em algum lugar acima

(o que um realejo está fazendo lá em cima no escuro? quem está tocando?)

e conseguia ouvir os passos molhados. Aproximando-se dele agora. Chegando mais perto.

Ele bateu na porta com as mãos abertas, com força o bastante para despertar pontadas de dor até os cotovelos. Ela tinha se aberto com tanta facilidade antes… e agora, nem se mexia.

Não… isso não era bem verdade. A princípio, ela se mexeu só um pouco, o bastante para ele ver uma tira vertical debochada de luz cinza à sua esquerda. Ela sumiu. Como se alguém estivesse do outro lado empurrando a porta.

Ofegante, apavorado, Stan empurrou a porta com toda força. Ele conseguia sentir o metal das juntas afundando nas mãos. Nada.

Ele se virou e encostou as costas e as mãos abertas na porta. Conseguia sentir suor, oleoso e quente, escorrendo pela testa. A música do realejo tinha ficado ainda mais alta. Ela se espalhou e ecoou pela escada em espiral. Não havia nada de alegre nela agora. Ela tinha mudado. Tinha virado um canto fúnebre. Ela gritava como vento e água, e na mente Stan viu uma feira no final de outono, com vento e chuva atingindo o terreno deserto, pendões voando,

tendas se inflando, caindo, rolando como morcegos de lona. Ele viu brinquedos vazios contra o céu como andaimes; o vento batia e assoviava nos ângulos estranhos dos suportes. Ele entendeu de repente que a morte estava naquele lugar com ele, que a morte estava indo atrás dele saída do escuro e que ele não podia correr.

Um jato repentino de água escorreu escada abaixo. Agora os cheiros não eram de pipoca, bolinho e algodão-doce, mas podridão molhada, o fedor de porco morto que explodia em uma fúria de larvas em um lugar escondido do sol.

— *Quem* está aqui? — gritou ele com voz alta e trêmula.

A resposta foi uma voz baixa e borbulhante que parecia engasgada em lama e água velha.

— Os mortos, Stanley. Somos os mortos. Afundamos, mas agora flutuamos… e você também vai flutuar.

Ele conseguia sentir água escorrendo ao redor dos pés. Encolheu-se contra a porta em uma agonia de medo. Eles estavam muito perto agora. Ele conseguia sentir a proximidade deles. Conseguia sentir o *cheiro* deles. Alguma coisa estava se afundando em seu quadril conforme ele empurrava a porta sem parar em um esforço maquinal e inútil para escapar.

— Estamos mortos, mas às vezes fazemos palhaçadas por aí, Stanley. Às vezes nós…

Era seu livro de pássaros.

Sem pensar, Stan o pegou. Estava preso na bolsa e não queria sair. Um *deles* estava embaixo agora; ele conseguia senti-lo arrastando os pés molhados pela pequena área de pedra por onde ele tinha entrado. Esticaria a mão a qualquer momento, e ele sentiria o toque da carne fria.

Ele deu um puxão forte, e o livro de pássaros saiu em suas mãos. Ele o segurou à frente do corpo como um escudo insignificante, sem pensar no que estava fazendo, mas de repente certo de que isso era o *certo*.

— Pintarroxos! — gritou ele para a escuridão, e por um momento a coisa se aproximando (sem dúvida estava a menos de cinco passos agora) hesitou; ele tinha quase certeza de que sim. E por um momento ele não sentiu a porta ceder um pouco, com ele empurrando-a?

Mas ele *não estava* empurrando mais. Estava de pé ereto na escuridão. Quando isso tinha acontecido? Não havia tempo para pensar. Stan lambeu os lábios e começou a cantarolar:

— Pintarroxo! Garçota-cinza! Mobelha! Sanhaço-escarlate! Melro! Pica-pau-rei! Chupim! Cambaxirra! Peli…

A porta se abriu com um grito de protesto, e Stan deu um passo gigantesco para trás, para o ar enevoado. Ele caiu estatelado na grama morta. Tinha dobrado o livro de pássaros quase no meio, e mais tarde veria as marcas claras dos dedos dele afundadas na capa, como se ela fosse feita de massa de modelar em vez de cartão prensado.

Ele não tentou ficar de pé, mas começou a afundar os pés na terra, deslizando o traseiro pela grama escorregadia. Seus lábios estavam repuxados sobre os dentes. Dentro do paralelogramo escuro, ele conseguia ver dois pares de pernas abaixo da linha diagonal de sombra provocada pela porta, que agora estava entreaberta. Conseguia ver uma calça jeans

que tinha apodrecido até ficar roxo-enegrecida. Fiapos laranja estavam presos nas costuras, e água pingava das barras e formava poças ao redor de sapatos que tinham apodrecido quase completamente, deixando à mostra dedos roxos e inchados dentro.

As mãos estavam caídas na lateral do corpo, longas demais, brancas e pálidas demais. Presos em cada dedo havia um pequeno pompom laranja.

Segurando o livro de pássaros amassado na frente do corpo, seu rosto molhado da chuva leve, de suor e de lágrimas, Stan sussurrou em um tom monótono e rouco:

— Gavião miúdo… azulão… beija-flor… albatroz… kiwi…

Uma dessas mãos se virou e exibiu uma palma da qual a água infinita havia erodido todas as linhas, deixando alguma coisa tão lisa quanto a mão de um manequim de loja de departamentos.

Um dedo se esticou… depois se enrolou de novo. E o pompom quicou e balançou, balançou e quicou.

A coisa o estava chamando.

Stan Uris, que morreria em uma banheira com cruzes cortadas nos braços 27 anos depois, ficou de joelhos, depois de pé, e correu. Ele atravessou a rua Kansas sem olhar para nenhum dos lados e fez uma pausa, ofegando, na outra calçada, para olhar para trás.

Do ângulo de onde estava, ele não conseguia ver a porta na base da Torre de Água; só a própria Torre, grossa, mas graciosa mesmo assim, de pé nas trevas.

— Eles estavam mortos — sussurrou Stan para si mesmo, chocado.

Ele se virou de repente e correu para casa.

11

A secadora tinha parado. E Stan também.

Os outros três só olharam para ele por um longo momento. A pele dele estava quase tão cinza quanto a noite de abril que ele tinha acabado de descrever.

— Uau — disse Ben depois de um tempo. Ele soltou a respiração em um suspiro irregular e sibilante.

— É verdade — disse Stan com voz baixa. — Juro por Deus que é.

— Eu acredito em você — disse Beverly. — Depois do que aconteceu na minha casa, eu acreditaria em *qualquer coisa*.

Ela se levantou de repente, quase derrubou a cadeira e seguiu para a secadora. Começou a tirar os panos um a um e foi dobrando-os. Ela estava de costas, mas Ben desconfiava que estava chorando. Queria ir até ela, mas lhe faltava coragem.

— Precisamos falar com Bill sobre isso — disse Eddie. — Bill vai saber o que fazer.

— Fazer? — disse Stan, se virando para olhar para ele. — O que você quer dizer com fazer?

Eddie olhou para ele com desconforto.

— Bem…

— Não quero fazer nada — disse Stan. Ele estava olhando para Eddie com tanta firmeza e intensidade que Eddie se remexeu na cadeira. — Quero *esquecer* essa história. É tudo que quero *fazer*.

— Não é tão fácil — disse Beverly baixinho, virando-se. Ben estava certo: a luz do sol quente que entrava inclinada pela vidraça suja da lavanderia refletia as linhas brilhantes das lágrimas na bochecha dela. — Não somos só nós. Eu ouvi Ronnie Grogan. E o garotinho que ouvi primeiro… acho que devia ser o garoto Clements. O que desapareceu do triciclo.

— *E daí?* — disse Stan em tom desafiador.

— E se ele pegar mais? — perguntou ela. — E se ele pegar mais crianças?

Seus olhos, de um castanho-escuro, se prenderam aos azuis dela, respondendo a pergunta sem falar: *E daí se pegar?*

Mas Beverly não baixou o olhar nem virou para o outro lado, e Stan acabou baixando os olhos… talvez só porque ela ainda estivesse chorando, mas talvez porque a preocupação dela a tornava mais forte de alguma forma.

— Eddie está certo — disse ela. — Temos que falar com Bill. Depois talvez com o chefe de polícia…

— Certo — disse Stan. Se ele estava tentando parecer desdenhoso, não conseguiu. A voz saiu com som apenas de cansada. — Garotos mortos na Torre de Água. Sangue que só crianças conseguem ver, adultos não. Palhaços andando no canal. Balões que voam contra o vento. Múmias. Leprosos debaixo de varandas. O chefe Borton vai rir até mijar… e depois vai enfiar a gente no manicômio.

— Se todos nós fôssemos até ele — disse Ben, perturbado. — Se todos fôssemos juntos…

— Claro — disse Stan. — Certo. Conta mais, Monte de Feno. Escreve um livro. — Ele se levantou e foi até a janela, com as mãos nos bolsos, com aparência zangada, aborrecida e assustada. Olhou para fora por um momento, com ombros tensos e defensivos por baixo da camisa arrumada. Sem se virar para eles, ele repetiu: — Escreva uma porcaria de *livro!*

— Não — disse Ben baixinho —, Bill vai escrever os livros.

Stan recuou surpreso, e os outros olharam para ele. Havia uma expressão de choque no rosto de Ben Hanscom, como se ele tivesse de repente dado um tapa em si mesmo, de forma inesperada.

Bev dobrou os últimos panos.

— Pássaros — disse Eddie.

— O quê? — disseram Bev e Ben juntos.

Eddie estava olhando para Stan.

— Você escapou gritando nomes de pássaros pra eles?

— Talvez — disse Stan com relutância. — Ou quem sabe a porta estava presa e se soltou de repente.

— Sem você se encostar nela? — perguntou Bev.

Stan deu de ombros. Não foi um gesto mal-humorado; só expressava que ele não sabia.

— Acho que foram os nomes de pássaros que você gritou pra eles — disse Eddie. — Mas por quê? Nos filmes, as pessoas mostram uma cruz…

— … ou fazem uma oração… — acrescentou Ben.

— … ou dizem o Salmo 23 — concluiu Beverly.

— Eu conheço o Salmo 23 — disse Stan com irritação —, mas não teria muita chance com o negócio do crucifixo. Sou judeu, lembra?

Eles afastaram o olhar com constrangimento, ou por ele ter nascido assim, ou por eles terem esquecido.

— Pássaros — disse Eddie de novo. — Jesus! — Ele olhou para Stan com culpa de novo, mas Stan estava olhando com mau humor para o outro lado da rua, para o prédio da Bangor Hydro.

— Bill vai saber o que fazer — disse Ben de repente, como se finalmente concordando com Bev e Eddie. — Aposto qualquer coisa nisso. Aposto qualquer quantia de dinheiro.

— Olha — disse Stan, olhando para eles com sinceridade. — Tudo bem. Podemos falar com Bill sobre isso se vocês quiserem. Mas é aí que as coisas acabam pra mim. Vocês podem me chamar de covarde ou dizer que amarelei, não ligo. Não sou covarde, acho que não. É que aquelas coisas na Torre de Água…

— Se você não tivesse medo de uma coisa daquelas, teria que ser louco, Stan — disse Beverly baixinho.

— É, eu fiquei *com medo*, mas esse não é o problema — disse Stan com irritação. — Não é nem disso que estou falando. Vocês não *veem*…

Eles estavam olhando para Stan com expectativa, com olhos perturbados e levemente esperançosos, mas Stan concluiu que não conseguia explicar como se sentia. As palavras tinham sumido. Havia um tijolo de sentimento dentro dele, quase sufocando-o, e ele não conseguia tirá-lo da garganta. Por mais organizado que fosse, por mais seguro que fosse, ele ainda era apenas um garoto de 11 anos que tinha acabado de terminar o quarto ano.

Ele queria contar para eles que havia coisas piores do que sentir medo. Você podia sentir medo de coisas como quase ser atropelado por um carro quando estava andando de bicicleta ou, antes da vacina Salk, de pegar pólio. Você podia sentir medo daquele maluco Khrushchev ou de se afogar se mergulhasse de cabeça. Você podia ter medo de todas essas coisas e ainda assim continuar agindo.

Mas aquelas coisas na Torre de Água…

Ele queria contar para eles que aqueles garotos mortos que desceram pela escada em espiral fizeram uma coisa pior do que dar medo nele: eles o *ofenderam*.

Ofenderam, sim. Era a única palavra em que ele conseguia pensar, e se ele usasse essa

palavra, os amigos ririam. Eles gostavam de Stan, ele sabia disso, mas ririam de qualquer modo. Ainda assim, havia coisas que não deviam *existir*. Elas ofendiam o senso de ordem de qualquer pessoa sã, ofendiam a ideia central de que Deus tinha dado um empurrão na Terra para que ela se inclinasse um pouco e o crepúsculo só durasse cerca de 12 minutos na Linha do Equador e demorasse uma hora ou mais lá onde os esquimós faziam suas casas de cubos de gelo, que Ele fizera isso e dissera: "Certo, se vocês conseguirem entender a inclinação, vocês conseguem entender qualquer coisa que queiram. Porque mesmo a luz tem peso, e quando a nota de um apito de trem muda de tom, é o efeito Doppler, e quando um avião rompe a barreira do som, aquele estrondo não é o aplauso de anjos nem a flatulência dos demônios, mas só o ar despencando de volta no lugar. Fiz a inclinação para vocês e me sentei na metade do auditório para assistir o show. Não tenho mais nada a dizer, exceto que dois e dois dá quatro, as luzes no céu são estrelas, se houver sangue, adultos conseguem ver, assim como as crianças, e garotos mortos ficam mortos." Você pode viver com medo, eu acho, Stan teria dito se conseguisse. Talvez não para sempre, mas por um longo, longo tempo. É com a *ofensa* que você talvez não consiga viver, porque ela abre uma rachadura dentro do seu pensamento, e se você olhar dentro dela, vê que há coisas vivas ali, e elas têm olhinhos amarelos que não piscam, e tem um fedor naquela escuridão, e depois de um tempo você acha que talvez haja um outro universo lá dentro, um universo em que uma lua quadrada sobe no céu e as estrelas riem com vozes frias e alguns dos triângulos têm quatro lados, e alguns têm cinco, e alguns têm cinco elevado a cinco lados. Nesse universo, podem crescer rosas que cantam. Tudo leva a tudo, ele teria dito para os amigos se pudesse. Vão para suas igrejas e ouçam as histórias sobre Jesus andando sobre a água, mas se eu visse um cara fazendo isso, eu gritaria e gritaria e gritaria. Porque não pareceria um milagre para mim. Pareceria uma *ofensa*.

Porque ele não conseguia dizer nenhuma dessas coisas, ele apenas reiterou:

— Ter medo não é o problema. Só não quero me envolver com uma coisa que vai me levar pro manicômio.

— Você pelo menos vai com a gente falar com ele? — perguntou Bev. — Pra ouvir o que ele diz?

— Claro — disse Stan, e riu. — Pode ser uma boa ideia levar meu livro de pássaros.

Todos riram nessa hora, e tudo ficou um pouco mais fácil.

12

Beverly se separou deles em frente ao Kleen-Kloze e levou os panos para casa sozinha. O apartamento ainda estava vazio. Ela colocou os panos debaixo da pia da cozinha e fechou o armário. Ficou de pé e

olhou para o banheiro.

Não vou lá, pensou ela. *Vou assistir a* Bandstand *na TV. Pra ver se consigo aprender a fazer o cachorrinho.*

Assim, ela foi para a sala e ligou a TV; cinco minutos depois desligou, quando Dick Clark estava mostrando quanta oleosidade *apenas uma* esponja medicada Stri-Dex podia tirar do rosto de um adolescente comum ("Se você acha que consegue ficar limpo com apenas sabão e água", disse Dick, segurando a esponja suja em frente à câmera, para que todos os adolescentes dos Estados Unidos pudessem dar uma boa olhada, "você devia dar uma boa olhada nisto").

Ela foi até o armário da cozinha em cima da pia, onde o pai guardava as ferramentas. Dentre elas havia uma trena, do tipo com uma língua grande para medir os centímetros. Ela segurou o objeto com a mão fria e foi até o banheiro.

Estava brilhando de tão limpo e silencioso. Em algum lugar, bem ao longe, ao que parecia, ela conseguia ouvir a sra. Doyon gritando para que o filho Jim saísse da rua *agora* mesmo.

Ela foi até a pia do banheiro e espiou o olho escuro do ralo.

Ficou ali por um tempo, com as pernas frias como mármore dentro da calça jeans, os mamilos parecendo afiados e duros o bastante para cortar papel, os lábios secos. Ela esperou as vozes.

Nenhuma voz soou.

Um suspiro trêmulo saiu dela, e ela começou a colocar a fita da trena dentro do ralo. Ela desceu com facilidade, como uma espada na garganta de um artista de feira. Quinze centímetros, 20 centímetros, 25. Parou ao chegar ao joelho debaixo da pia, supunha Beverly. Ela a remexeu, empurrando com delicadeza ao mesmo tempo, e a trena acabou descendo mais pelo ralo. Quarenta centímetros agora, depois 60, depois 90.

Ela viu a fita amarela saindo do estojo de aço cromado, gasto até ficar preto nas laterais pela mão grande do pai. Na mente, ela a via deslizando pelo cano escuro, grudando em sujeira, raspando em áreas enferrujadas. Lá embaixo, onde o sol nunca brilha e a noite nunca tem fim, pensou ela.

Ela imaginou a cabeça da fita, com a pequena ponta de aço do tamanho de uma unha, deslizando cada vez mais na escuridão, e parte de sua mente gritou *O que você está fazendo?* Ela não ignorou essa voz… mas pareceu incapaz de dar atenção a ela. Ela viu a ponta da fita descendo direto agora, até o porão. Viu-a batendo no cano do esgoto… e na hora em que ela viu isso, a fita prendeu de novo.

Ela voltou a mexer, e a fita, fina o bastante para ser flexível, fez um som assustador e baixo que a lembrou um pouco do som de um serrote quando você o curva de um lado para o outro

sobre as pernas.

Ela conseguia visualizar a ponta batendo no fundo desse cano mais largo, que devia ter superfície de cerâmica. Conseguia vê-la se dobrando… e acabou conseguindo empurrá-la mais um pouco.

Ela chegou a 1,80 metro. Dois metros e dez. Dois metros e setenta…

E de repente a fita começou a correr pela mão dela sozinha, como se alguma coisa lá embaixo estivesse puxando a ponta. Não apenas puxando; *correndo* com ela. Ela olhou para a fita que se desenrolava, com olhos arregalados, a boca redonda em uma expressão de medo. Medo, sim, mas não surpresa. Ela não *sabia*? Ela não *sabia* que alguma coisa assim ia acontecer?

A fita chegou ao fim. Cinco metros e meio.

Uma risadinha baixa subiu pelo ralo, seguida de um sussurro baixo que era quase reprovatório:

— *Beverly, Beverly, Beverly… você não pode lutar contra nós… vai morrer se tentar… morrer se tentar… morrer se tentar… Beverly… Beverly… Beverly… ly-ly-ly…*

Uma coisa estalou dentro do estojo da trena, e a fita de repente começou a voltar rapidamente para dentro da caixa, com os números e marcas passando rapidamente. Perto do final, do último metro e meio, o amarelo ficou um vermelho escuro e úmido; ela gritou e largou a trena no chão, como se a fita tivesse de repente virado uma cobra viva.

Sangue fresco pingou na porcelana branca e limpa da pia e pelo olho arregalado do ralo. Ela se inclinou, chorando agora, o medo um peso gelado na barriga, e pegou a fita. Ela a aperou entre o polegar e o indicador da mão direita e, segurando-a na frente do corpo, levou-a para a cozinha. Enquanto andava, sangue pingava da fita no linóleo gasto do corredor e da cozinha.

Ela se controlou pensando no que o pai diria para ela, no que *faria* com ela, se descobrisse que ela encheu a trena dele de sangue. É claro que ele não conseguiria ver o sangue, mas ajudava pensar assim.

Ela pegou um dos panos limpos, ainda morno como pão quente, recém-saído da secadora, e voltou para o banheiro. Antes de começar a limpar, colocou o tampo de borracha no ralo para fechar aquele olho. O sangue estava fresco e foi fácil de limpar. Ela seguiu sua própria trilha, limpando gotas do tamanho de moedas no linóleo, depois lavou o pano, torceu e colocou de lado.

Ela pegou um segundo pano e usou para limpar a trena do pai. O sangue era denso, viscoso. Em dois pontos, havia pedaços de coisas pretas e esponjosas.

Apesar de o sangue só se estender a pouco mais de um metro e meio, ela limpou a fita toda e tirou todos os vestígios de sujeira do cano. Depois disso, guardou a trena de volta no armário em cima da pia e levou os dois panos sujos para trás do apartamento. A sra. Doyon estava gritando com Jim de novo. A voz estava clara, quase como um sino no fim de tarde ainda quente.

No quintal, que era praticamente só de terra, ervas daninhas e varais, havia um incinerador enferrujado. Beverly jogou os panos lá dentro e se sentou nos degraus dos fundos. As lágrimas vieram de repente, com violência surpreendente, e desta vez ela não fez esforço para segurá-las.

Ela colocou os braços ao redor dos joelhos, apoiou a cabeça e chorou enquanto a sra. Doyon gritava para Jim sair da rua, ele queria ser atropelado e morrer?

DERRY:

SEGUNDO INTERLÚDIO

“Quaeque ipsa miserrima vidi,
Et quorum pars magna fui.”
— Virgílio

“Ninguém deve se meter com o infinito.”
— *Caminhos perigosos*

14 de fevereiro de 1985
Dia dos Namorados

Houve mais dois desaparecimentos na semana passada, duas crianças. Quando eu estava começando a relaxar. O primeiro foi um garoto de 16 anos chamado Dennis Torrio, o outro uma garota de apenas 5 anos que estava andando de trenó nos fundos da casa, na West Broadway. A mãe histérica encontrou o trenó, um daqueles discos azuis, e mais nada. Uma nevasca caiu na noite anterior, uns 10 centímetros. Não havia nenhuma pegada além das dela, disse o chefe Rademacher quando liguei para ele. Acho que ele está ficando extremamente irritado comigo. Não é nada que vá me fazer perder o sono; tenho coisas piores a fazer, não tenho?

Perguntei a ele se podia ver as fotos da polícia. Ele disse que não.

Perguntei se as pegadas dela levavam na direção de um bueiro ou vala. Isso foi seguido de um longo período de silêncio. Em seguida, Rademacher disse:

— Estou começando a pensar se você não deveria ir ao médico, Hanlon. Do tipo que espia a cabeça. A garota foi levada pelo pai. Você não lê o jornal?

— O garoto Torrio foi levado pelo pai? — eu perguntei.

Outra longa pausa.

— Dá um tempo, Hanlon — disse ele. — *Me* dá um tempo.

Ele desligou.

É claro que eu lia os jornais. Não sou eu quem os coloca na Sala de Leitura da Biblioteca Pública todas as manhãs? A garotinha, Laurie Ann Winterbarger, estava sob a guarda da mãe depois de um divórcio difícil na primavera de 1982. A polícia está trabalhando na teoria de

que Horst Winterbarger, que supostamente trabalha com manutenção de maquinário em algum lugar da Flórida, dirigiu até o Maine para pegar a filha. A polícia também acha que ele estacionou o carro ao lado da casa e chamou a filha, que foi até ele, e por isso não há pegadas além das da garotinha. Os policiais não têm muito a dizer sobre o fato de que a garota não via o pai desde que tinha 2 anos. Parte do ressentimento que acompanhou o divórcio dos Winterbarger veio das alegações da sra. Winterbarger de que, em pelo menos duas ocasiões, Horst Winterbarger molestou sexualmente a criança. Ela pediu ao tribunal para negar direitos de visitação a Winterbarger, um pedido que foi aceito apesar de ele negar com veemência. Rademacher alega que a decisão do tribunal, que afastou Winterbarger completamente da única filha, pode ter sido o impulso para que ele a sequestrasse. Isso pelo menos era ligeiramente plausível, mas pergunte-se o seguinte: a pequena Laurie Ann o teria reconhecido depois de três anos e corrido para ele quando ele a chamou? Rademacher diz que sim, apesar de ela ter apenas 2 anos na última vez que viu o pai. Eu acho que não. E a mãe diz que Laurie Ann estava bem treinada quanto a não se aproximar nem falar com estranhos, uma lição que a maioria das crianças de Derry aprende cedo e aprende bem. Rademacher diz que colocou a Polícia Estadual da Flórida para procurar Winterbarger e que sua responsabilidade termina ali.

— Questões de custódia são mais terreno de advogados do que da polícia — atribui o *Derry News* da última sexta-feira a esse babaca pomposo e gordo.

Mas o garoto Torrio… a história dele é outra. Tinha uma maravilhosa vida em casa. Jogava futebol americano nos Derry Tigers. Era aluno brilhante. Foi para a Escola de Sobrevivência Outward Bound no verão de 1984 e passou com honra ao mérito. Não tinha histórico de uso de drogas. Tinha uma namorada por quem parecia estar apaixonado. Tinha tudo para uma boa vida. Tudo para querer ficar em Derry, pelo menos por mais dois anos.

Mesmo assim, ele sumiu.

O que aconteceu com ele? Teve um ataque repentino de vontade de ir embora? Um motorista bêbado talvez o tenha atropelado, matado e enterrado? Ou será que ainda está em Derry, no lado noturno de Derry, na companhia de gente como Betty Ripsom, Patrick Hockstetter e Eddie Corcoran e todo o resto? Será

(mais tarde)

Estou fazendo tudo de novo. Estou repetindo as mesmas coisas, não fazendo nada de construtivo, só reclamando até o ponto de gritar. Eu pulo quando a escada de ferro para alcançar as prateleiras altas estala. Pulo por causa de sombras.

Fico me perguntando como reagiria se estivesse guardando livros no alto, empurrando meu carrinho de rodas de borracha, e uma mão surgisse entre duas fileiras de livros, uma mão tateando…

Tive de novo um desejo quase insuportável de começar a ligar para eles esta tarde. Em determinado momento, cheguei a ligar o 404, código de área de Atlanta, com o número de Stanley Uris à frente. Mas só segurei o telefone junto à orelha, me perguntando se queria ligar para eles porque tinha certeza, cem por cento de *certeza*, ou apenas porque agora estou tão apavorado que não consigo ficar sozinho; que preciso falar com alguém que saiba (ou *vai* saber) que estou com medo.

Por um momento, consegui ouvir Richie dizendo *Distintivos? DISTINTIVOS? Não precisamos de porras de distintivos, senhor!* com a Voz de Pancho Vanilla, tão claramente quanto se ele estivesse do meu lado… e desliguei o telefone. Porque quando você quer tanto ver alguém como eu queria ver Richie naquele momento, ou qualquer um deles, você não pode confiar nas suas motivações. Mentimos melhor quando mentimos para nós mesmos. O fato é que ainda não tenho cem por cento de certeza. Se outro corpo aparecer, eu ligarei… mas, por enquanto, devo supor que até um imbecil pomposo como Rademacher pode estar certo. Ela *poderia* ter se lembrado do pai; ela pode ter fotos dele. E acho que um adulto bem persuasivo poderia convencer uma criança a ir para o carro dele, independentemente do que ensinaram à criança.

Tem outro medo que me assombra. Rademacher sugeriu que eu podia estar enlouquecendo. Não acredito nisso, mas se eu ligar agora, *eles* podem pensar que estou louco. Pior do que isso, e se não se lembrarem de mim? *Mike Hanlon? Quem? Não me lembro de Mike Hanlon nenhum. Não me lembro de você. Que promessa?*

Sinto que chegará uma hora certa para ligar para eles… e quando essa hora chegar, eu vou *saber* que é a certa. Os circuitos deles vão se abrir ao mesmo tempo. É como se houvesse duas enormes rodas entrando em uma espécie de convergência poderosa uma com a outra, eu e o resto de Derry em uma e todos os meus amigos de infância na outra.

Quando a hora chegar, eles vão ouvir a voz da Tartaruga.

Então, vou esperar, e mais cedo ou mais tarde, vou saber. Não acredito que seja mais questão de ligar para eles ou não.

É só uma questão de *quando*.

20 de fevereiro de 1985

O incêndio no Black Spot.

“Um exemplo perfeito de como a Câmara de Comércio vai tentar reescrever a história, Mike”, teria dito o velho Albert Carson para mim, provavelmente gargalhando ao falar. “Vão tentar, e às vezes quase conseguem… mas as pessoas velhas se lembram de como as coisas realmente aconteceram. Elas sempre se lembram. E às vezes elas contam, se você perguntar direito.”

Há pessoas que moram em Derry há vinte anos e não sabem que já existiu um alojamento “especial” para subalternos na velha Base do Corpo Aéreo do Exército de Derry, um alojamento que ficava a pelo menos 800 metros do resto da base. E, no meio de fevereiro, com a temperatura a 17°C negativos e ventos uivantes de 65 quilômetros por hora nas pistas de decolagem e diminuindo a sensação térmica para uma coisa que mal se podia acreditar, aqueles 800 metros a mais se tornavam uma coisa que poderia fazer você congelar ou sofrer de geladura, ou talvez até morrer.

Os outros sete alojamentos tinham aquecimento a óleo, janelas reforçadas contra tempestades e isolamento térmico. Eram quentes e aconchegantes. O alojamento “especial”, que abrigava os 27 homens da Companhia E, era aquecido por uma fornalha velha a lenha. Suprimentos de madeira para ela eram na base do pegue o quanto conseguir. O único isolamento térmico era a barreira de ramos de pinheiros e abetos que os homens colocavam do lado de fora. Um dos homens forneceu um conjunto completo de janelas reforçadas contra tempestades, mas os 27 oficiais subalternos do alojamento “especial” foram mandados para Bangor naquele dia para ajudar com um trabalho na base de lá, e quando voltaram naquela noite, cansados e com frio, todas as janelas tinham sido quebradas. Cada uma delas.

Isso foi em 1930, quando metade da força aérea americana ainda era composta de biplanos. Em Washington, Billy Mitchell foi processado e rebaixado a pilotar uma escrivaninha porque a insistência impertinente em tentar construir uma força aérea mais moderna acabou irritando os mais velhos o bastante para que o derrubassem com força. Pouco tempo depois, ele pediu demissão.

Assim, poucos e preciosos voos aconteciam na base de Derry, apesar das três pistas de decolagem (uma delas asfaltada). A maior parte da atividade que acontecia ali era de trabalho pro forma.

Um dos soldados da Companhia E que voltaram para Derry depois que seu período de serviço terminou em 1937 foi meu pai. Ele me contou esta história:

— Um dia, na primavera de 1930, cerca de seis meses antes do incêndio no Black Spot, eu estava voltando com quatro amigos de uma folga de três dias que tiramos em Boston.

“Quando entramos pelo portão, havia um coroa depois do ponto de verificação, apoiado

em uma pá e tirando a cueca de dentro da bunda. Um sargento de algum lugar do sul. Com cabelo ruivo cor de cenoura. Dentes horríveis. Espinhas. Não passava de um macaco sem os pelos no corpo, se é que você me entende. Havia muitos assim no exército durante a Depressão.

"Nós chegamos, quatro jovens voltando da folga, todos ainda felizes, e conseguíamos ver nos olhos dele que ele estava procurando alguma coisa pra pegar no nosso pé. Batemos as continências como se ele fosse o próprio general Black Jack Pershing. Acho que poderíamos ter ficado bem, mas era um dia bonito de final de abril, com o sol brilhando, e eu tinha que abrir minha boca. 'Boa tarde para você, sargento Wilson, senhor', eu disse, e ele caiu em cima de mim com os dois pés.

"'Eu dei permissão para falar comigo?', pergunta ele.

"'Não, senhor', eu digo.

"Ele olha para o resto de nós, Trevor Dawson, Carl Roone e Henry Whitsun, que morreu no incêndio naquela primavera, e diz para eles: 'Esse negrinho espertalhão está mexendo comigo. Se o resto de vocês, crioulinhos, não quiser se juntar a ele em uma tarde de trabalho árduo e sujo, vão pro alojamento, guardem o equipamento e vão ver o oficial responsável. Entenderam?'

"Bem, eles foram, e Wilson grita: 'Marcha acelerada, seus merdas! Quero ver as solas dos seus coturnos!'

"Assim, eles marcharam mais rápido, e Wilson me levou até um dos depósitos de equipamento e pegou uma pá. Ele me levou para o campo grande que ficava bem onde fica o terminal do Airbus da Northeast Airlines hoje. E olha para mim meio que sorrindo, aponta para o chão e diz: 'Está vendo aquele buraco ali, crioulo?'

"Não havia buraco nenhum, mas achei melhor concordar com o que ele dizia, então olhei para o chão, para onde ele estava apontando, e disse que via, sim. Ele me deu um soco no nariz e me derrubou, e ali estava eu no chão, com sangue escorrendo na minha última camisa limpa.

"'Você não vê porque um imbecil preto bocudo o preencheu!', gritou ele para mim, e tinha duas bolotas vermelhas nas bochechas. Mas estava sorrindo, e dava para perceber que estava se divertindo. 'O que você vai fazer, senhor Boa Tarde Pra Você, é tirar a terra do meu buraco. Marcha acelerada!'

"Assim, cavei por mais de duas horas, e em pouco tempo eu estava até o queixo dentro do buraco. O último meio metro era de argila, mas quando terminei, estava com água até os tornozelos e meus sapatos estavam encharcados.

"'Saia daí, Hanlon', disse o sargento Wilson. Ele estava sentado na grama, fumando um cigarro. Não ofereceu ajuda nenhuma. Eu tinha terra e lama dos pés à cabeça, sem mencionar o sangue secando na camisa. Ele ficou de pé e andou até mim. Apontou para o buraco.

"'O que você vê aí, crioulo?', perguntou ele.

"'Seu buraco, sargento Wilson', eu digo.

"'Ah, bem, decidi que não quero mais ele', diz ele. 'Não quero um buraco feito por um crioulo. Coloque minha terra de volta aí dentro, soldado Hanlon.'

"Assim, enchi o buraco, e quando terminei, o sol começava a descer e estava esfriando. Ele vem até mim e olha para o buraco depois que terminei de bater o resto da terra com a parte achatada da pá.

"'Agora o que você vê, crioulo?', pergunta ele.

"'Um monte de terra, senhor', eu disse, e ele bateu em mim de novo. Meu Deus, Mikey, cheguei perto de dar um pulo e abrir a cabeça dele com a lateral da pá. Mas se tivesse feito isso, jamais veria o céu de novo, só entre barras de ferro. Mas ainda havia momentos em que eu quase achava que teria valido a pena. Mas de alguma forma consegui me controlar.

"'Não é um monte de terra, seu pretinho cretino!', grita ele para mim, com cuspe voando da boca. 'É *MEU BURACO*, e é melhor você tirar a terra dele agora mesmo! Marcha acelerada!'

"Assim, eu cavei a terra do buraco e o enchi de novo, e ele me pergunta por que fechei o buraco quando ele estava se preparando pra dar uma cagada dentro dele. Cavei o buraco de novo, e ele baixa as calças e coloca a bunda branquela e mirrada por cima do buraco e sorri para mim enquanto faz o que queria fazer e diz: 'Como você está, Hanlon?'

"'Estou ótimo, senhor', eu respondo, porque decidi que não ia desistir até desmaiar ou cair morto. Eu estava furioso.

"'Bem, pretendo consertar isso', diz ele. 'Pra começar, é melhor você fechar esse buraco, soldado Hanlon. E quero ver animação. Você está ficando lento.'

"Assim, fechei o buraco de novo e consegui ver pelo sorriso dele que ele estava apenas esquentando. Mas naquele momento um dos amigos dele se aproximou pelo campo com um lampião a gás e disse para ele que houvera uma inspeção surpresa e que Wilson estava encrencado por ter perdido. Meus amigos me ajudavam e eu ficava bem, mas os amigos de Wilson, se era disso que ele os chamava, não se davam a esse trabalho.

"Ele me deixou ir nessa hora, e esperei para ver se o nome dele apareceria na lista de punições do dia seguinte, mas não aconteceu. Acho que ele deve ter dito que perdeu a inspeção porque estava ensinando a um negrinho respondão quem era o dono de todos os buracos da base de Derry, os que já tinham sido cavados e os que não. Devem ter dado a ele uma medalha em vez de batatas pra descascar. E as coisas na Companhia E aqui em Derry eram assim."

Foi por volta de 1958 que meu pai me contou a história, e acho que ele tinha quase 50 anos, embora minha mãe só tivesse 40 e poucos. Perguntei para ele por que ele tinha voltado se as coisas em Derry eram assim.

— Bem, eu só tinha 16 anos quando entrei pro exército, Mikey — disse ele. — Menti a idade pra entrar. Não foi minha ideia. Minha mãe me mandou. Eu era grande, e esse foi o único motivo para acreditarem, eu acho. Eu nasci e cresci em Burgaw, na Carolina do Norte, e a única vez que víamos carne era logo depois de o tabaco ser vendido ou às vezes no inverno, se meu pai acertasse um guaxinim ou um gambá. A única coisa boa que me lembro de Burgaw

era a torta de gambá com bolo de milho, uma delícia indescritível.

"Quando meu pai morreu em um acidente com máquinas de fazenda, minha mãe disse que ia levar Philly Loubird até Corinth, onde tinha familiares. Philly Loubird era o caçula da família."

— O senhor está falando do tio Phil? — eu perguntei, sorrindo ao pensar em alguém chamando-o de Philly Loubird. Ele era advogado em Tucson, Arizona, e era da Câmara Municipal de lá havia seis anos. Quando eu era criança, achava que tio Phil era rico. Para um homem negro em 1958, acho que era mesmo. Ele ganhava 20 mil dólares por ano.

— É dele mesmo que estou falando — disse meu pai. — Mas naquela época ele era apenas um garoto de 12 anos que usava chapéu de marinheiro de papel de arroz, macacão remendado e que não tinha sapatos. Ele era o mais novo, eu era um pouco mais velho do que ele. Todos os outros tinham ido embora: dois mortos, dois casados, um na prisão. Esse era Howard. Ele nunca prestou.

"'Você vai entrar pro exército', disse sua avó Shirley. 'Não sei se começam a pagar imediatamente ou não, mas quando pagarem, você vai me mandar uma parte todo mês. Detesto mandar você pra longe, filho, mas se você não cuidar de mim e de Philly, não sei o que vai acontecer com a gente.' Ela me deu minha certidão de nascimento, para mostrar para o oficial, e vi que alterou o ano para eu ter 18 anos.

"Fui para o tribunal onde o oficial de recrutamento ficava e perguntei sobre alistamento. Ele me mostrou os papéis e a linha onde eu tinha que botar o dedo. 'Sei escrever meu nome', eu disse, e ele riu como se não acreditasse.

"'Então pode escrever, negrinho', diz ele.

"'Espere um minuto', eu respondo. 'Quero fazer umas perguntas.'

"'Pode falar', diz ele. 'Posso responder qualquer coisa que você queira perguntar.'

"'Tem carne duas vezes por semana no exército?', eu perguntei. 'Minha mãe disse que sim, mas ela está decidida a me fazer me alistar.'

"'Não, não tem carne duas vezes por semana', diz ele.

"'Ah, foi o que pensei', eu digo, pensando que o homem parece um merda, mas pelo menos é um merda sincero.

"E então, ele diz: 'Tem carne todas as noites', o que me faz questionar como fui achar que ele era sincero.

"'Você deve me achar um completo idiota', eu digo.

"'Isso aí, crioulo', diz ele.

"'Bem, se eu me alistar, tenho que fazer alguma coisa por minha mãe e por Philly Loubird', eu digo. 'Minha mãe diz que é locação.'

"'É isso bem aqui', diz ele, e bate no formulário de alocação. 'O que mais você tem em mente?'

"'Bem', eu digo, 'e o treinamento pra ser oficial?'

"Ele jogou a cabeça para trás quando falei isso e riu até eu achar que ia engasgar com

cuspe. Em seguida, ele diz: ‘Filho, no dia que tiver oficiais crioulos nesse exército, vai ser o dia em que você vai ver Jesus Cristo dançando o Charleston no Birdland. Agora assine ou não assine. Minha paciência acabou. Além do mais, você está deixando o ambiente fedido.’

“Eu assinei e o vi grampear o formulário de alocação na minha folha de inspeção, depois ele me deu o juramento e eu me tornei soldado. Eu estava achando que iam me mandar pra New Jersey, onde o exército estava construindo pontes por não ter nenhuma guerra em que lutar. Mas acabei vindo pra Derry, Maine, pra Companhia E.”

Ele suspirou e se mexeu na cadeira, um homem grande com cabelos brancos encaracolados junto à cabeça. Naquela época, tínhamos uma das grandes fazendas em Derry, e provavelmente a melhor barraca de beira de estrada de produtos frescos ao sul de Bangor. Nós três dávamos duro, e meu pai tinha que contratar gente na época da colheita, e assim sobrevivíamos.

Ele disse:

— Voltei porque vi o sul e vi o norte, e havia o mesmo ódio nos dois lugares. Não foi o sargento Wilson que me convenceu disso. Ele não era nada além de um invasor da Geórgia, e levava o sul consigo onde quer que fosse. Ele não precisava estar ao sul da linha Mason-Dixon pra odiar negros. Ele simplesmente *odiava*. Não, foi o incêndio no Black Spot que me convenceu disso. Você sabe, Mikey, de certa forma…

Ele olhou para minha mãe, que estava tricotando. Ela não ergueu o olhar, mas eu sabia que estava ouvindo com atenção, e meu pai também sabia, eu acho.

— De certa forma, foi o incêndio que me tornou homem. Sessenta pessoas morreram naquele incêndio, 18 delas da Companhia E. Não sobrou companhia nenhuma quando o incêndio acabou. Henry Whitsun… Stork Anson… Alan Snopes… Everett McCaslin… Horton Sartoris… todos meus amigos, todos mortos naquele incêndio. E o fogo não foi provocado pelo velho sargento Wilson nem pelos amigos branquelos dele. Foi provocado pelo ramo de Derry da Legião da Decência Branca do Maine. Alguns dos garotos que estudam na sua escola, filho, os pais deles riscaram os fósforos que botaram fogo no Black Spot. E não estou falando dos garotos pobres.

— Por que, papai? Por que fizeram isso?

— Bem, em parte foi culpa de Derry — disse meu pai, franzindo a testa. Ele acendeu o cachimbo devagar e balançou o fósforo. — Não sei por que aconteceu aqui; não consigo explicar, mas ao mesmo tempo, não fico *surpreso*.

“A Legião da Decência Branca era a versão do norte da Ku Klux Klan, sabe? Eles usavam os mesmos lençóis brancos, queimavam as mesmas cruzes, escreviam as mesmas mensagens de ódio para os negros que achavam estar passando dos limites ou assumindo empregos que eram de homens brancos. Nas igrejas em que os pastores falavam sobre igualdade negra, eles às vezes colocavam bananas de dinamite. A maior parte dos livros de história fala mais sobre a KKK do que sobre a Legião da Decência Branca, e muitas pessoas nem sabem que ela existia. Acho que pode ser porque a maior parte das histórias foi escrita por pessoas do norte, e elas têm vergonha.

“Era mais popular nas cidades grandes e nas regiões de fábricas. Nova York, Nova Jersey, Detroit, Baltimore, Boston, Portsmouth, todas tinham seu ramo. Tentaram organizar no Maine, mas Derry foi o único lugar em que tiveram sucesso. Ah, por um tempo houve um ramo forte em Lewiston, por volta da mesma época do incêndio no Black Spot, mas eles não estavam preocupados com negros estuprando mulheres brancas ou assumindo empregos que deviam ser de homens brancos porque não havia crioulos por lá. Em Lewiston, estavam preocupados com vagabundos e andarilhos e que uma coisa chamada “exército bônus” se juntasse com uma coisa que chamavam de “exército da escória comunista”, que queria dizer qualquer homem desempregado. A Legião da Decência costumava mandar essa gente pra fora da cidade assim que chegava. Às vezes, colocavam hera venenosa dentro da calça deles. Às vezes, tacavam fogo nas camisas deles.

“Bem, a Legião praticamente acabou aqui depois do incêndio do Black Spot. As coisas fugiram ao controle, sabe? Da forma como parece acontecer nessa cidade às vezes.”

Ele fez uma pausa e tragou.

— É como se a Legião da Decência Branca fosse apenas mais uma semente, Mikey, que achou uma terra onde cresceu bem. Era um clube comum de riquinhos. E depois do incêndio, eles todos tiraram os lençóis, mentiram uns para os outros e tudo ficou pra trás. — Havia agora uma espécie de desprezo na voz dele que fez minha mãe erguer o olhar com a testa franzida. — Afinal, quem morreu? Dezoito crioulos do exército, 14 ou 15 crioulos da cidade, quatro integrantes de uma banda de jazz de crioulos… e um bando de gente que gostava de crioulos. Que importância tinha?

— Will — minha mãe disse baixinho. — Já chega.

— Não — eu falei. — Quero saber!

— Está chegando sua hora de dormir, Mikey — disse ele, bagunçando meu cabelo com a mão grande e forte. — Só quero contar mais uma coisa, e acho que você não vai entender, porque não sei se eu entendo. O que aconteceu naquela noite no Black Spot, por pior que tenha sido… Não acho que tenha acontecido porque éramos negros. Nem porque o Spot ficava perto da West Broadway, onde os brancos ricos de Derry moravam e ainda moram hoje. Não acho que a Legião da Decência Branca tenha crescido tão bem aqui porque os integrantes odiavam os negros e os vagabundos com mais intensidade em Derry do que em Portland ou Lewiston ou Brunswick. É por causa do solo. Parece que coisas ruins, coisas cruéis, se dão bem no solo desta cidade. Pensei nisso várias vezes ao longo dos anos. Não sei por que é assim… mas é.

“Mas tem gente boa aqui também, e havia gente boa naquela época. Quando os enterros aconteceram depois, milhares de pessoas compareceram, e foram aos dos negros assim como aos dos brancos. O comércio fechou por quase uma semana. Os hospitais trataram os feridos sem cobrar. Deram cestos de comida e cartas de condolências sinceras. E havia mãos solidárias prontas a ajudar. Conheci meu amigo Dewey Conroy naquela época, e você sabe que ele é tão branco quanto sorvete de creme, mas sinto que é como um irmão. Eu morreria por Dewey se ele me pedisse, e apesar de nenhum homem conhecer de verdade o coração de

outro, acho que ele também morreria por mim se fosse necessário.

"O exército acabou dispensando os que sobraram após aquele incêndio, como se estivesse com vergonha… e acho que estava mesmo. Acabei em Fort Hood e fiquei lá por seis anos. Conheci sua mãe lá e nos casamos em Galveston, na casa dos pais dela. Mas durante todos aqueles anos, Derry nunca saiu da minha cabeça. E depois da guerra, eu trouxe sua mãe pra cá. E tivemos você. E aqui estamos, a menos de 5 quilômetros de onde ficava o Black Spot em 1930. E acho que está na sua hora de dormir, rapazinho."

— Quero saber sobre o incêndio! — eu falei. — Me conta, papai!

E ele olhou para mim com aquela testa franzida que sempre me fazia calar a boca… talvez porque não fazia aquela expressão com frequência. Na maior parte do tempo, ele era um homem sorridente.

— Não é história pra um garoto — disse ele. — Em outra ocasião, Mikey. Quando tivermos envelhecido mais alguns anos, nós dois.

Acabamos envelhecendo mais quatro anos até eu ouvir a história do que aconteceu no Black Spot naquela noite, e os dias de caminhar do meu pai já estavam esgotados. Ele me contou em um leito de hospital onde estava deitado, dopado, entrando e saindo da realidade enquanto o câncer crescia dentro dos intestinos dele e o consumia.

26 de fevereiro de 1985

Li o que escrevi por último neste caderno e surpreendi a mim mesmo ao começar a chorar por causa do meu pai, que está morto há 23 anos. Consigo me lembrar do sofrimento pela perda dele. Durou quase dois anos. Quando me formei no ensino médio em 1965 e minha mãe olhou para mim e disse "Seu pai morreria de orgulho de você!", choramos nos braços um do outro e pensei que era o fim, que tínhamos terminado o processo de enterrá-lo com aquelas lágrimas. Mas quem sabe quanto tempo o sofrimento dura? Não é possível que, mesmo trinta ou quarenta anos depois da morte de um filho, irmão ou irmã, uma

pessoa possa estar meio acordada e pensar naquela pessoa com o mesmo vazio perdido, aquele sentimento de lugares que talvez nunca sejam preenchidos… talvez nem mesmo na morte?

Ele saiu do exército em 1937 com pensão por invalidez. Àquelas alturas, o exército do meu pai tinha ficado bem mais voltado para a guerra; qualquer pessoa com meio olho, contou-me ele uma vez, podia ver naquela época que logo as armas sairiam dos depósitos. Ele tinha subido até o posto de sargento e perdeu a maior parte do pé esquerdo quando um novo recruta que estava com tanto medo que quase cagou caroços de pêssego puxou o pino de uma granada de mão e deixou cair em vez de jogar. Ela rolou até meu pai e explodiu com um som que ele disse parecer uma tosse no meio da noite.

Boa parte do armamento que aqueles soldados de antigamente tinham para treinar era defeituosa ou tinha ficado tanto tempo esquecida em paióis que nem funcionava mais. Havia balas que não disparavam e fuzis que às vezes explodiam nas mãos quando as balas disparavam. A marinha tinha torpedos que não iam para onde eram apontados e não explodiam quando iam. O Corpo Aéreo do Exército e o Corpo Aéreo da Marinha tinham aviões cujas asas caíam se pousavam com impacto demais, e em Pensacola em 1939, li que um oficial de almoxarifado descobriu um conjunto de caminhões do governo que não funcionava porque baratas comeram as mangueiras e correias.

Assim, a vida do meu pai foi salva (incluindo, é claro, a parte dele que se tornou Seu Devotado Servo Michael Hanlon) por uma combinação de inutilidade burocrática e equipamento defeituoso. A granada explodiu com metade da potência, e ele perdeu apenas metade de um pé em vez de tudo do peito para baixo.

Por causa do dinheiro do acidente, ele pôde se casar com minha mãe um ano antes do que planejara. Eles não vieram para Derry imediatamente; mudaram-se para Houston, onde fizeram trabalhos relacionados à guerra até 1945. Meu pai era capataz em uma fábrica de cápsulas de bombas. Minha mãe era uma Rosie the Riveter, as mulheres americanas que trabalhavam em fábricas de munição durante a guerra. Mas como ele me contou naquela noite em que eu tinha 11 anos, o pensamento em Derry nunca saiu de sua cabeça. E agora, eu me pergunto se aquela coisa cega não podia já estar trabalhando naquela época, atraindo-o de volta para eu poder ocupar meu lugar naquele círculo no Barrens naquela noite de agosto. Se as rodas do universo forem verdade, então o bem sempre compensa o mal, mas o bem também pode ser terrível.

Meu pai tinha assinatura do *Derry News*. Ele acompanhava os anúncios de terras à venda.

Eles economizaram um bom dinheiro. Ele acabou encontrando uma fazenda à venda que parecia uma boa proposta… pelo menos no papel. Os dois viajaram do Texas em um ônibus Trailways, visitaram a fazenda e compraram no mesmo dia. O banco First Merchants of Penobscot County emitiu uma hipoteca de dez anos, e eles se mudaram.

— Tivemos alguns problemas no começo — disse meu pai em outra ocasião. — Havia pessoas que não queriam negros na região. Sabíamos que seria assim, pois eu não tinha me esquecido do Black Spot, e nos preparamos para esperar passar. Crianças se aproximavam e jogavam pedras ou latas de cerveja. Devo ter trocado umas vinte janelas naquele primeiro ano. E algumas pessoas nem eram crianças. Um dia, quando me levantei, havia uma suástica pintada na lateral do galinheiro e todas as galinhas estavam mortas. Alguém envenenou a ração. Foram as últimas galinhas que tentei criar.

“Mas o xerife do condado (não tinha chefe de polícia naquela época, Derry não era grande o bastante pra isso) começou a trabalhar na questão e se esforçou bastante. É isso que quero dizer, Mikey, quando digo que o bem está aqui tanto quanto o mal. Não fazia diferença para aquele sujeito Sullivan que minha pele era marrom e meu cabelo era encaracolado. Ele veio várias vezes, conversou com as pessoas e acabou descobrindo quem foi. E quem você acha que foi? Vou te dar três chances de adivinhar, e as primeiras duas nem vão contar!”

— Não sei — eu disse.

Meu pai riu até lágrimas escorrerem dos olhos. Ele pegou um lenço branco no bolso e as secou.

— Ah, foi Butch Bowers, foi ele! O pai do garoto que você diz que é o maior valentão da escola. O pai é um cocô e o filho é um peidinho.

— Tem garotos na escola que dizem que o pai de Henry é doido — eu disse para ele. Acho que eu estava no quarto ano na época, o bastante para já ter sido agredido por Henry Bowers mais de uma vez… e agora que penso no assunto, a maior parte dos termos pejorativos para “negro” que ouvi saíram primeiro dos lábios de Henry Bowers, entre o primeiro e o quarto ano.

— Bem, vou te contar — disse ele —, a ideia de que Butch Bowers é louco não deve estar muito errada. As pessoas diziam que ele nunca foi o mesmo depois que voltou do Pacífico. Ele foi fuzileiro na guerra. O xerife o prendeu e Butch ficou gritando que era armação e que eram todos uns amantes de crioulos. Ah, ele ia processar todo mundo. Acho que fez uma lista que iria daqui até a rua Witcham. Duvido que tivesse uma única cueca sem um furo no traseiro, mas ele ia me processar, ia processar o xerife Sullivan, a cidade de Derry, o condado de Penobscot e Deus sabe quem mais.

“Quanto ao que aconteceu depois… bem, não posso jurar que seja verdade, mas foi assim que ouvi de Dewey Conroy. Dewey disse que o xerife foi ver Butch na cadeia em Bangor. E o xerife Sullivan disse: ‘Está na hora de você calar a boca e ouvir, Butch. Aquele cara negro, ele não quer fazer denúncia. Não quer mandar você pra Shawshank, só quer o valor das galinhas dele. Ele acha que duzentos dólares bastam.’

"Butch diz pro xerife pra enfiar os duzentos dólares onde o sol não brilha, e o xerife Sullivan diz para Butch: 'Tem uma mina de calcário em Shank, e em uns dois anos, sua língua fica verde como picolé de limão. Pode escolher. Dois anos quebrando calcário ou duzentos dólares. O que você acha?'

"'Nenhum júri no Maine vai me condenar', diz Butch, 'não por matar galinhas de um crioulo.'

"'Sei disso', diz Sullivan.

"'Então por que diabos estamos tagarelando?', pergunta Butch.

"'É melhor você acordar, Butch. Não vão prender você por causa das galinhas, mas *vão* prender pela suástica que você pintou na porta depois de matar elas.'

"Bem, Dewey disse que o queixo de Butch praticamente caiu, e Sullivan foi embora para deixar que ele pensasse no assunto. Três dias depois, Butch falou para o irmão, o que morreu congelado dois anos depois quando saiu para caçar bêbado, para vender o Mercury novo, que Butch tinha comprado com o dinheiro da dispensa militar e que ele adorava. Assim, recebi meus duzentos dólares e Butch jurou que ia acabar comigo. Ele saiu por aí dizendo isso pros amigos. Acabei encontrando-o uma tarde. Ele tinha comprado um Ford de antes da guerra para substituir o Merc, e eu estava com minha picape. Eu o fechei na rua Witcham, perto do pátio de trens, e saí com meu rifle Winchester.

"'Se acontecer qualquer incêndio na minha propriedade, um negro furioso vai atrás de você com essa arma, chefe', eu disse para ele.

"'Você não pode falar comigo assim, crioulo', disse ele, e estava quase gritando, parecendo alguma coisa entre furioso e apavorado. 'Você não pode falar com nenhum homem branco assim, não um preto como você.'

"Bem, eu estava cansado daquilo tudo, Mikey. E sabia que, se não o assustasse de vez naquele momento, jamais ficaria livre dele. Não tinha ninguém por perto. Enfiei uma das mãos naquele Ford e o peguei pelo cabelo. Encostei a coronha da arma na fivela do cinto e levei o cano até debaixo do queixo dele. Eu disse: 'Na próxima vez que você me chamar de crioulo ou preto, seu cérebro vai escorrer da lâmpada do carro. E acredite, Butch. Qualquer incêndio que me atingir, venho atrás de você. Posso ir atrás de sua esposa e de seu moleque, e de seu irmão inútil também. Cansei.'

"Nessa hora, ele começou *mesmo* a chorar, e nunca vi uma coisa tão feia na minha vida. 'Olha só a que ponto as coisas chegaram', diz ele, 'quando um cri… quando um pre… quando um cara pode colocar uma arma na cabeça de um trabalhador em plena luz do dia no meio da rua.'

"'É, o mundo deve estar virando o próprio inferno quando uma coisa assim pode acontecer', eu concordei. 'Mas isso não importa agora. Tudo que importa é: temos um acordo ou você quer ver se consegue aprender a respirar pela testa?'

"Ele concordou que tínhamos um acordo, e foi a última vez que tive problema com Butch Bowers, com exceção talvez de quando seu cachorro, Mr. Chips, morreu. Não tenho provas de

que foi coisa do Bowers. Chippy pode ter só comido veneno.

"Desde aquele dia, fomos deixados em paz pra seguir nossa vida, e quando olho pra trás, não tem muita coisa de que me arrependa. Temos uma boa vida aqui, e se há noites em que sonho com aquele incêndio, bem, ninguém consegue viver uma vida normal sem ter alguns pesadelos."

28 de fevereiro de 1985

Há dias me sentei para escrever a história do incêndio no Black Spot que meu pai me contou, mas ainda não cheguei lá. Acho que é no livro O Senhor dos Anéis que um dos personagens diz que "um caminho leva a outro"; que você podia começar em um caminho que levava a um lugar tão fantástico quanto os degraus da sua casa que levavam à calçada e de lá você podia seguir… bem, para qualquer lugar. É igual com histórias. Uma leva a outra, a outra e a outra; talvez elas sigam na direção que você pretendia, e talvez não. Talvez no final seja a voz que conta a história que importa mais do que as próprias histórias.

É da voz dele que me lembro, certamente; a voz do meu pai, baixa e lenta, e a forma como ele às vezes dava risadinhas ou gargalhadas altas. As pausas para acender o cachimbo ou assoar o nariz ou ir pegar uma lata de Narragansett (Nada Gansett, como ele chamava) na geladeira. Aquela voz, que para mim é como a voz de todas as vozes, a voz de todos os anos, a verdadeira voz deste lugar. Uma voz que não está em nenhuma das entrevistas de Ives e em nenhuma das pobres histórias desta cidade… e nem em nenhuma das minhas fitas.

A voz do meu pai.

Agora são 22h, a biblioteca fechou uma hora atrás e uma tempestade está começando lá fora. Consigo ouvir partículas de gelo batendo nas janelas daqui e no corredor de vidro que

leva à biblioteca infantil. Consigo ouvir também outros sons: estalos baixos e baques fora do círculo de luz em que estou sentado, escrevendo nas folhas amarelas pautadas de um bloco. São só os sons de um prédio velho, eu digo para mim mesmo… mas fico em dúvida. Assim como fico em dúvida se em algum lugar lá fora, na tempestade, há um palhaço vendendo balões hoje.

Bem… não importa. Acho que finalmente encontrei o caminho da história final do meu pai. Ouvi-a no quarto de hospital dele seis semanas antes de ele morrer.

Fui vê-lo com minha mãe todas as tardes depois da escola, e sozinho todas as noites. Minha mãe tinha que ficar cuidando da casa, mas insistia para que eu fosse. Eu ia de bicicleta. Ela não me deixava pegar carona, nem mesmo quatro anos após o fim dos assassinatos.

Foram seis semanas difíceis para um garoto de apenas 15 anos. Eu amava meu pai, mas passei a odiar aquelas visitas noturnas e vê-lo murchar e encolher, ver as marcas da dor se espalhando e se aprofundando no rosto dele. Às vezes ele chorava, embora tentasse não chorar. E, ao voltar para casa, já estava escurecendo e eu pensava no verão de 1958; ficava com medo de olhar para trás, porque o palhaço poderia estar lá… ou o lobisomem… ou a múmia de Ben… ou meu pássaro. Mas eu tinha mais medo de que, independente da forma que a Coisa assumisse, ela aparecesse com o rosto destruído pelo câncer do meu pai. Portanto, eu pedalava o mais rápido que conseguisse, apesar da força dos batimentos do meu coração no peito, e chegava em casa ruborizado, com os cabelos suados e sem fôlego. E minha mãe dizia: "Por que você pedala tão rápido, Mikey? Vai acabar ficando doente." E eu dizia: "Quero voltar a tempo de ajudar nas tarefas"; ela me dava um abraço, um beijo e me dizia que eu era um bom garoto.

Com a passagem do tempo, as coisas chegaram a um ponto em que eu mal conseguia pensar em coisas para conversar com ele. Enquanto ia pedalando até a cidade, ficava procurando assuntos para conversa, com medo do momento em que nós dois ficaríamos sem ter o que dizer. A morte lenta dele me assustava e enfurecia, mas também me *envergonhava*; eu achava na época e acho agora que, quando um homem ou uma mulher morre, o processo deveria ser rápido. O câncer estava fazendo mais do que o matando. Estava degradando-o, diminuindo-o.

Nunca falávamos do câncer, e em alguns daqueles silêncios eu pensava que *devíamos* falar, que não haveria mais nada e ficaríamos presos a isso como crianças sem lugar para sentar na dança das cadeiras quando a música para, e eu ficaria quase desesperado tentando pensar em alguma coisa (qualquer coisa!) para dizer, para que não precisássemos reconhecer a coisa que agora estava destruindo meu pai. Meu pai, que uma vez segurou Butch Bowers pelo cabelo e enfiou o rifle debaixo do queixo dele para ser deixado em paz. Seríamos forçados a falar disso, e se fôssemos, eu choraria. Não conseguiria evitar. E aos 15 anos, acho que a ideia de chorar em frente ao meu pai me assustava e me perturbava mais do que qualquer outra coisa.

Foi durante uma dessas pausas intermináveis e apavorantes que perguntei a ele de novo sobre o incêndio no Black Spot. Ele estava bastante dopado naquela noite porque a dor era forte, e ele resvalava entre a consciência e a inconsciência, às vezes falando claramente, às

vezes falando naquela língua exótica que chamo de Lama do Sono. Às vezes eu sabia que ele estava falando comigo, mas em outras ocasiões ele parecia me confundir com o irmão, Phil. Perguntei a ele sobre o Black Spot sem motivo particular; foi só uma coisa que apareceu na minha cabeça e resolvi aproveitar.

Os olhos ganharam foco e ele sorriu um pouco.

— Você nunca se esqueceu disso, né, Mikey?

— Não, senhor — eu disse, e apesar de não ter pensado no assunto durante três anos ou mais, acrescentei o que ele às vezes dizia: — Nunca saiu da minha mente.

— Ah, vou contar pra você agora — disse ele. — Quinze anos é idade suficiente, eu acho, e sua mãe não está aqui pra me impedir. Além do mais, você precisa saber. Acho que uma coisa assim só poderia ter acontecido em Derry, e você também precisa saber disso. Pra poder tomar cuidado. As condições pra essas coisas sempre pareceram certas aqui. Você toma cuidado, não toma, Mikey?

— Sim, senhor — eu disse.

— Que bom — disse ele, e recostou a cabeça no travesseiro. — Muito bom.

Pensei que ele fosse cochilar de novo, pois seus olhos haviam se fechado, mas ele começou a falar.

— Quando eu estava na base do exército aqui em 1929 e 1930 — disse ele —, havia um clube de suboficiais lá em cima da colina, onde agora fica a Faculdade Comunitária de Derry. Ficava bem atrás do PX, onde era possível comprar um maço de Lucky Strike Greens por sete centavos. O clube de suboficiais era só um grande galpão de aço corrugado, mas tinham arrumado bem por dentro, com tapetes no chão, mesas ao longo das paredes, uma jukebox, e dava para tomar refrigerante no fim de semana… se você fosse branco, claro. Tinha uma banda tocando quase todos os sábados à noite, e era um ótimo local pra se ir. Só vendiam refrigerantes no bar, por ser época da Lei Seca, mas diziam que dava para conseguir bebidas mais fortes se você quisesse… e se tivesse uma estrelinha verde em sua identidade militar. Era como um sinal secreto. Em geral, só cerveja caseira, mas nos fins de semana dava para conseguir coisa mais forte. Se você fosse branco.

“Nós, os garotos da Companhia E, não tínhamos permissão para chegar nem perto, é claro. Nós íamos pra cidade se tivéssemos um passe para a noite. Naqueles dias, Derry ainda era uma cidadezinha madeireira, e havia oito a dez bares, a maioria em uma parte da cidade chamada Meio Acre do Inferno. Não eram *speakeasies*, bares clandestinos; esse era um nome grandioso demais pra eles. Eram o que as pessoas chamavam de ‘porcos cegos’, e era bem isso mesmo, porque a maioria dos frequentadores agia como porcos quando estava lá, e estavam praticamente cegos quando saíam. O xerife sabia e os policiais sabiam, mas eram lugares que passavam a noite lotados, do mesmo jeito que nos anos 1890. Imagino que mãos eram molhadas, mas talvez não tantas e não com tanto dinheiro quanto era de se imaginar; em Derry, as pessoas tinham o hábito de olhar pro outro lado. Alguns serviam bebidas fortes assim como cerveja, e por tudo que ouvi, o que se podia conseguir na cidade era dez vezes

melhor do que o uísque vagabundo e o gim de fundo de quintal que havia no bar dos subalternos brancos nas noites de sexta e sábado. A bebida dos bares da cidade vinha do Canadá em caminhões de madeira, e a maioria das garrafas continha o que o rótulo dizia. As bebidas boas eram caras, mas havia bastante da vagabunda, e ela podia te deixar de ressaca, mas não matava, e se você ficasse *mesmo* cego, a cegueira não durava. Em qualquer noite comum, era preciso baixar a cabeça quando as garrafas começavam a voar. Havia o Nan's, o Paradise, o Wally's Spa, o Silver Dollar e um bar, o Powderhorn, onde às vezes dava pra arrumar uma prostituta. Ah, dava pra pegar mulher em qualquer porco, não era preciso nem se esforçar muito (havia muitas que queriam descobrir se o gosto do pão preto era diferente), mas para garotos como eu, Trevor Dawson e Carl Roone, meus amigos naquela época, a ideia de comprar uma prostituta, uma prostituta *branca*, era uma coisa que exigia reflexão."

Como falei, ele estava muito dopado naquela noite. Acho que jamais teria dito nada daquilo, não para o filho de 15 anos, se não fosse isso.

— Bem, não demorou para um representante da Câmara Municipal aparecer querendo ver o major Fuller. Ele disse que queria falar sobre "alguns problemas entre o povo da cidade e os homens alistados", "preocupações do eleitorado" e "questões de propriedade", mas o que ele queria mesmo que Fuller soubesse estava claro como uma vidraça. Eles não queriam crioulos do exército nos porcos, incomodando mulheres brancas e tomando bebidas ilegais em um bar onde apenas homens brancos deviam estar tomando bebidas ilegais.

"Tudo isso era uma piada, claro. A essência das mulheres brancas com quem eles estavam tão preocupados era um bando de escória frequentadora de bares, e quanto a atrapalhar os homens…! Bem, só posso dizer que nunca vi um integrante da Câmara Municipal de Derry no Silver Dollar nem no Powderhorn. Os homens que bebiam naquelas pocilgas eram lenhadores com enormes jaquetas xadrez vermelhas e pretas, cicatrizes e feridas nas mãos, alguns sem um dedo ou um olho, todos sem quase todos os dentes, todos com cheiro de madeira, serragem e seiva. Eles usavam calças verdes de flanela e botas verdes de borracha e espalhavam neve pelo chão até ficar coberto e preto. Tinham cheiro forte, Mikey, andavam com força e falavam com força. Eram fortes. Fui ao Wally's Spa uma noite e vi um cara rasgar a manga da camisa fazendo queda de braço com outro. A camisa não simplesmente *rasgou*. Você deve pensar que é isso que quero dizer, mas não é. A manga da camisa do sujeito praticamente explodiu; ela *saltou* do braço em pedaços de trapos. E todos gritaram e aplaudiram; alguém bateu nas minhas costas e disse: 'Isso é que se chama de peido de queda de braço, cara preta.'

"O que estou dizendo é que, se os homens que iam àqueles porcos cegos nas noites de sexta e sábado quando saíam do bosque pra tomar uísque e comer mulheres em vez de buracos na madeira preenchidos com banha, se aqueles homens não nos quisessem lá, eles teriam jogado a gente no meio da rua. Mas o fato, Mikey, era que eles pareciam não ligar nada pra gente.

"Um deles me chamou de lado uma noite, e ele tinha um metro e oitenta, bem alto praqueles dias, e estava caindo de bêbado, e tinha cheiro de um cesto de pêssegos que ficou num canto por mais de um mês. Se ele tivesse tirado as roupas, acho que elas ficariam de pé sozinhas.

Ele olha pra mim e diz: ‘Cara, vou fazer uma pergunta. Você é um negro?’

“‘Isso mesmo’, eu digo.

“‘*Comment ça va!*’, diz ele em um francês do vale do rio Saint John que parece quase dialeto cajun, e dá um sorriso tão grande que vi todos os quatro dentes dele. ‘Eu sabia que você era, sabia! Ei! Vi num livro uma vez! Tinha os mesmos…’, e como não conseguiu pensar em como dizer o que tinha em mente, ele estica a mão e bate na minha boca.

“‘Lábios grossos’, eu digo.

“‘É, é!’, diz ele, rindo como uma criança. ‘Lábios grosssssssos! *Épais lèvres*! Lábios grosssssssos! Vou te pagar uma cerveja, eu vou!’

“‘Pode pagar’, eu digo, sem querer irritá-lo.

“Ele riu disso também e bateu nas minhas costas, quase me derrubando de cara no chão, e foi até o balcão de madeira do bar, onde devia haver uns setenta homens e 15 mulheres aglomerados. ‘Preciso de duas cervejas antes de derrubar essa pocilga!’, grita ele para o barman, que era um cara grande com o nariz quebrado chamado Romeo Dupree. ‘Uma pra mim e uma *pour l’homme avec les épais lèvres!*’ E todos morreram de rir disso, mas não de uma maneira cruel, Mikey.

“Ele pega as cervejas, me dá a minha e diz: ‘Qual é seu nome? Não quero te chamar de Lábios Grosssssssos. Não soa bem.’

“‘William Hanlon’, eu digo.

“‘À sua saúde, Weelyum Anlon’, diz ele.

“‘Não, à *sua* saúde’, eu digo. ‘Você é o primeiro homem branco a me pagar uma bebida.’ E era verdade.

“Assim, bebemos as cervejas, depois tomamos mais duas, e ele diz: ‘Tem certeza de que você é um negro? Fora os lábios *épais*, você parece um homem branco com pele marrom.’”

Meu pai começou a gargalhar depois de contar isso, e eu também ri. Ele riu tanto que o estômago começou a doer, e ele o segurou fazendo uma careta, olhando para cima e mordendo o lábio inferior.

— Quer que eu chame a enfermeira, papai? — eu perguntei alarmado.

— Não… não. Vou ficar bem. A pior coisa disso, Mikey, é que você não pode nem mais rir quando sente vontade. E são bem poucas vezes.

Fiquei em silêncio por alguns momentos, e agora percebo que foi a única vez que chegamos perto de conversar sobre o que o estava matando. Talvez tivesse sido melhor, melhor para nós dois, se tivéssemos falado mais.

Ele tomou um gole de água e prosseguiu.

— Enfim, não eram as poucas mulheres que iam aos porcos e não eram os lenhadores que formavam a clientela principal que queriam que deixássemos de ir lá. Eram os cinco velhos da Câmara Municipal que estavam ofendidos, eles e os dez que existiam por trás deles, a linha velha de Derry, sabe? Nenhum deles jamais tinha colocado o pé dentro do Paradise ou do Wally’s Spa, eles enchiam a cara no country club que ficava em Derry Heights na época, mas

queriam ter certeza de que nenhuma das mulheres da escória que frequentava os bares nem os lenhadores fossem contaminados pelos negros da Companhia E.

"Então o major Fuller diz: 'Eu nunca quis eles aqui. Fico pensando que foi um descuido e que eles vão voltar pro sul ou quem sabe pra Nova Jersey.'

"'Não é problema meu', diz o velho. Acho que o nome dele era Mueller…"

— O pai de *Sally* Mueller? — perguntei, assustado. Sally Mueller era da mesma turma de ensino médio que eu.

Meu pai deu um sorriso torto e amargo

— Não, devia ser o tio dela. O pai de Sally Mueller estava na faculdade em outra cidade. Mas se ele estivesse em Derry, estaria presente, eu acho, junto do irmão. E se você estiver querendo saber o quanto essa parte da história é verdade, só posso dizer que essa conversa foi repetida pra mim por Trevor Dawson, que estava esfregando o piso na sala do oficial naquele dia e ouviu tudo.

"'Pra onde o governo manda os rapazes pretos é problema seu, não meu', diz Mueller para o major Fuller. 'Meu problema é o local pra onde vocês estão deixando eles irem na sexta e no sábado à noite. Se eles continuarem a fazer baderna na cidade, vai haver confusão. Temos a Legião nesta cidade, sabe?'

"'Bem, estou em uma situação complicada aqui, sr. Mueller', diz ele. 'Não posso deixar que eles bebam no clube dos subalternos. Não só é contra o regulamento que os negros bebam com os brancos, mas eles também não poderiam. É um clube de subalternos, entende? Todos os garotos negros são apenas soldados.'

"'Isso também não é problema meu. Apenas acredito que você vá cuidar do assunto. A responsabilidade acompanha a patente.' E ele sai andando.

"Fuller resolveu o problema. A base aérea de Derry ocupava uma área enorme de terra naqueles dias, apesar de não ter muita coisa nela. Mais do que 100 acres, somando tudo. Ao norte, terminava atrás da West Broadway, onde uma espécie de cinturão verde foi plantado. O Black Spot ficava no local onde fica o Parque Memorial agora.

"Era só um depósito de coisas confiscadas no começo de 1930, quando tudo isso aconteceu, mas o major Fuller reuniu a Companhia E e disse que seria o 'nosso' clube. Agiu como se fosse o Papai Noel e talvez até tenha se sentido assim ao dar um lugar pra um bando de soldados negros, mesmo não passando de um depósito. Depois ele acrescentou, como se não fosse nada, que os porcos da cidade eram locais proibidos pra nós.

"Houve muito ressentimento, mas o que podíamos fazer? Não tínhamos poder nenhum. Foi um sujeito jovem, um soldado chamado Dick Hallorann, cozinheiro, quem sugeriu que poderíamos caprichar e deixar o local bem bonito.

"Foi o que fizemos. E conseguimos fazer um bom trabalho, considerando tudo. Na primeira vez que fomos até lá olhar, ficamos bem deprimidos. Era escuro e fedido, cheio de ferramentas velhas e caixas de papéis que mofaram. Só tinha duas janelinhas e não havia eletricidade. O chão era de terra. Carl Roone riu de um jeito meio amargo, eu me lembro

disso, e disse: ‘O velho major, ele é um príncipe, né? Nos deu nosso próprio clube. *Claro!*’

“E George Brannock, que também morreu no incêndio daquele outono, disse: ‘É, é um tremendo buraco negro, é mesmo.’ E foi disso que veio o nome.

“Mas Hallorann nos motivou… Hallorann, Carl e eu. Mas acho que Deus vai nos perdoar pelo que fizemos, porque Ele sabe que não tínhamos ideia do que ia acontecer.

“Depois de um tempo, o resto do pessoal foi ajudar. Com a maior parte de Derry proibida pra nós, não havia muito mais o que fazer. Martelamos, pregamos e limpamos. Trev Dawson era um bom carpinteiro e nos mostrou como fazer mais janelas nas laterais, e Alan Snopes conseguiu em algum lugar vidraças de cores diferentes, uma mistura entre vidro de cristal colorido e do tipo que se vê nas janelas das igrejas.

“‘Onde você arrumou isso?, perguntei a ele. Alan era o mais velho de nós; tinha uns 42 anos, velho o bastante pra quase todos nós o chamarmos de Vovô Snopes.

“Ele enfiou um Camel na boca e me deu uma piscadela. ‘Peguei emprestado’, diz ele, e não quis dizer mais nada.

“O lugar foi ficando bom, e no meio do verão já estávamos usando. Trev Dawson e alguns outros dividiram a parte de trás e montaram uma pequena cozinha, só uma grelha e duas fritadeiras, pra podermos comer hambúrguer com batatas fritas se quiséssemos. Havia um bar em um dos lados, mas só com refrigerantes e bebidas como Virgin Mary, um Bloody Mary sem álcool. Porra, nós sabíamos nosso lugar. Não tinham nos ensinado? Se quiséssemos encher a cara, faríamos escondido.

“O chão ainda era de terra, mas deixávamos ele bem lisinho. Trev e Vovô Snopes arrumaram uma fiação elétrica, mais coisa emprestada, imagino. Em julho, dava para ir lá em qualquer noite de sábado, se sentar e tomar um refrigerante e comer um hambúrguer ou um cachorro-quente com repolho. Era bom. O local nunca foi terminado, ainda estávamos ajeitando quando o fogo o destruiu. Passou a ser uma espécie de hobby… ou uma forma de desprezar Fuller e Mueller e a Câmara Municipal. Mas acho que soubemos que o local era nosso quando Ev McCaslin e eu penduramos uma placa um dia que dizia THE BLACK SPOT, e logo abaixo, COMPANHIA E & CONVIDADOS. Como se fosse um clube exclusivo, sabe?

“O local ficou tão bom que os garotos brancos começaram a reclamar, e num piscar de olhos, o clube dos brancos estava mais arrumado do que nunca. Estavam acrescentando uma sala especial e um pequeno café. Parecia que eles queriam competir. Mas era uma competição da qual não queríamos participar.”

Meu pai sorriu para mim do leito de hospital.

— Éramos jovens, exceto por Snopesy, mas não éramos bobos. Sabíamos que os brancos deixavam que a gente apostasse corrida com eles, mas se começasse a parecer que nós íamos ganhar, alguém aparecia pra quebrar nossas pernas pra não conseguirmos mais correr. Nós tínhamos o que queríamos e isso bastava. Mas então… aconteceu uma coisa. — Ele ficou em silêncio com a testa franzida.

— O que foi, papai?

— Descobrimos que tínhamos uma banda de jazz bem boa — disse ele lentamente. — Martin Devereaux, que era cabo, tocava bateria. Ace Stevenson tocava corneta. Vovô Snopes tocava piano bem direitinho. Não era ótimo, mas não era ruim. Tinha outro cara que tocava clarineta, e George Brannock tocava saxofone. Alguns outros participavam de vez em quando, tocando violão, gaita ou berimbau de boca ou mesmo um pente com papel-manteiga por cima.

"Isso não aconteceu tudo de uma vez, entenda bem, mas no final de agosto, havia um grupo bem animado de jazz tocando nas noites de sexta e sábado no Black Spot. O grupo foi ficando cada vez melhor com a proximidade do outono, e apesar de nunca se tornarem ótimos, não quero que você tenha essa ideia, eles tocavam de uma maneira diferente… mais animada… que…" Ele balançou a mão magrela acima da coberta.

— Eles eram destemidos — eu sugeri, sorrindo.

— Isso mesmo! — exclamou ele, sorrindo para mim. — Você entendeu! Eles eram destemidos. E de repente, as pessoas da cidade começaram a ir pro *nosso* clube. Até mesmo alguns dos soldados brancos da base. Chegou ao ponto do local ficar lotado todos os fins de semana. E isso não aconteceu de repente. A princípio, os rostos brancos pareciam pontinhos de sal em um pote de pimenta, mas mais e mais vieram com o tempo.

"Quando os brancos apareceram, foi esse o momento em que nos esquecemos de tomar cuidado. Eles traziam bebida em sacos pardos, a maioria da melhor qualidade, que fazia as bebidas dos porcos na cidade parecer refrigerante. Estou falando de bebida do country club, Mikey. Bebida de gente rica. Chivas. Glenfiddich. O tipo de champanhe que serviam pra passageiros de primeira classe em navios transatlânticos. 'Champers' era como alguns chamavam. Devíamos ter encontrado uma forma de acabar com aquilo, mas não sabíamos como. Eles eram a *cidade*! Porra, eles eram *brancos*!

"E, como falei, éramos jovens e sentíamos orgulho do que tínhamos feito. E subestimávamos o quanto as coisas podiam ficar ruins. Todos sabíamos que Mueller e os amigos deviam saber o que estava acontecendo, mas acho que nenhum de nós percebia que a situação estava deixando todos loucos, e quero dizer isso mesmo: *loucos*. Eles estavam em suas velhas casas vitorianas na West Broadway, a menos de 400 metros de onde *nós* estávamos, ouvindo coisas como 'Aunt Hagar's Blues' e 'Diggin My Potatoes'. Isso era ruim. Saber que os jovens deles também estavam lá, junto dos negros, isso deve ter sido bem pior. Porque não eram só os lenhadores e a escória feminina que estava indo lá quando setembro virou outubro. Passou a ser um evento na cidade. Os jovens iam beber e dançar ao som da banda de jazz sem nome até que chegava a uma hora da madrugada, a hora de fechar. E as pessoas não iam só de Derry. Iam de Bangor e Newport e Haven e Cleaves Mill e Old Town e das redondezas. Dava para ver garotos de fraternidade da Universidade do Maine de Orono dançando com as namoradas, e quando a banda aprendeu a tocar uma versão ragtime de 'The Maine Stein Song', quase derrubaram o telhado. É claro que era um clube de soldados, ao menos tecnicamente, e não aberto a civis, que não eram convidados. Mas na verdade, Mikey, abríamos a porta às 19h e deixávamos aberta até uma hora. No meio de outubro, chegou um

ponto em que, se você fosse para a pista de dança, encostava em seis pessoas ao mesmo tempo. Não havia espaço para dançar, então você tinha que ficar lá de pé e se contorcer… mas se alguém se importava, nunca ouvi reclamar. À meia-noite, era como um vagão de carga vazio se balançando nos trilhos do trem em alta velocidade.”

Ele fez uma pausa, tomou outro gole de água e prosseguiu. Seus olhos agora estavam iluminados.

— Bem, bem. Fuller colocaria um ponto final naquilo mais cedo ou mais tarde. Se tivesse sido mais cedo, bem menos pessoas teriam morrido. Tudo que ele precisava fazer era enviar a polícia militar e mandar confiscar todas as garrafas de bebida que as pessoas levavam. Isso teria sido o suficiente, bem o que ele queria, na verdade. Teria fechado o local de vez. Alguns teriam que ir pra corte marcial e alguns seriam presos em Rye, e o resto seria transferido. Mas Fuller foi lento. Acho que ele estava com medo da mesma coisa que alguns de nós, de que alguns cidadãos fossem se enfurecer. Mueller não tinha voltado para vê-lo, e acho que o major Fuller devia estar com medo de ir para a cidade ver Mueller. Ele falava com pompa, o Fuller, mas era durão e corajoso como uma água-viva.

“Então, em vez de a coisa terminar de uma forma armada que teria deixado pelo menos todos os que morreram queimados naquela noite vivos, a Legião da Decência acabou com tudo. Eles foram usando os lençóis brancos no começo de novembro e fizeram um churrasco.”

Ele ficou em silêncio de novo, sem beber água desta vez, só olhando mal-humorado para o canto do quarto enquanto um sino baixo soou do lado de fora e uma enfermeira passou pela porta aberta, com as solas dos sapatos chiando no linóleo. Eu conseguia ouvir uma TV em algum lugar, um rádio em outro. Lembro que conseguia ouvir o vento soprando do lado de fora, assobiando na lateral do prédio. E apesar de ser agosto, o vento fazia um som frio. Não queria nem saber de *Cain’s Hundred* na televisão, nem do Four Seasons cantando “Walk Like a Man” no rádio.

— Alguns chegaram pelo cinturão verde entre a base e a West Broadway — retomou ele. — Devem ter se reunido na casa de alguém por lá, talvez no porão, para vestir os lençóis e para fazer as tochas que usaram.

“Eu soube que os outros entraram direto na base pela estrada Ridgeline, que era o caminho principal. Ouvi, não vou dizer onde, que chegaram em um automóvel Packard novinho em folha, vestidos com os lençóis brancos e com os chapéus brancos de goblin no colo e tochas no chão. As tochas eram tacos de beisebol Louisville Slugger com grandes pedaços de estopa presos nas partes mais grossas com elásticos vermelhos, do tipo que as damas usavam para fechar compotas. Havia uma guarita onde a estrada Ridgeroad bifurcava e levava à base, e o oficial responsável deixou o Packard passar direto.

“Era uma noite de sábado e o local estava lotado, na maior animação. Devia ter umas duzentas pessoas ali, talvez trezentas. E logo chegaram aqueles homens brancos, seis ou oito no Packard verde, e mais chegando pelas árvores que ficavam entre a base e as casas bacanas na West Broadway. Eles não eram jovens, ao menos a maioria, e às vezes me pergunto quantos

casos de angina e úlceras estouradas aconteceram no dia seguinte. Espero que muitos. Aqueles putos sorrateiros, imundos e assassinos.

"O Packard estacionou na colina e piscou os faróis duas vezes. Quatro homens saíram e se juntaram ao resto. Alguns tinham latas de dois galões de gasolina, do tipo que dava para comprar em postos naquela época. Todos carregavam tochas. Um ficou atrás do volante do Packard. Mueller tinha um Packard, sabe? Tinha mesmo. Verde.

"Eles se reuniram atrás do Black Spot e encharcaram as tochas de gasolina. Talvez só quisessem nos assustar. Ouvi o contrário, mas também ouvi isso. Prefiro acreditar que a intenção era essa, porque mesmo agora não sinto tanta raiva a ponto de querer acreditar no pior.

"Pode ter sido que a gasolina escorreu até a base de algumas tochas, e quando eles as acenderam, os que estavam com elas entraram em pânico e jogaram de qualquer jeito para se livrar delas. Seja como for, aquela noite negra de novembro estava de repente iluminada de tochas. Alguns as estavam segurando alto e balançando, com pedaços ardentes de estopa caindo do alto. Alguns estavam gargalhando. Mas, como digo, alguns as jogaram pelas janelas dos fundos, no que era nossa cozinha. O local estava em chamas em um minuto e meio.

"Os homens do lado de fora estavam usando os capuzes pontudos. Alguns estavam cantarolando 'Saiam, crioulos! Saiam, crioulos! Saiam, crioulos!' Talvez alguns estivessem cantarolando pra nos assustar, mas prefiro acreditar que a maioria estava tentando nos avisar, assim como prefiro acreditar que talvez as tochas que foram parar na cozinha tenham sido por acidente.

"De qualquer forma, não importava muito. A banda estava tocando mais alto do que um apito de fábrica. Todo mundo estava dançando e se divertindo. Ninguém lá dentro sabia que havia alguma coisa errada até Gerry McCrew, que era ajudante de cozinheiro naquela noite, abrir a porta da cozinha e quase ser queimado vivo. As chamas chegaram a 3 metros e queimaram a jaqueta dele. Queimaram também quase todo o cabelo.

"Eu estava sentado na metade da parede leste com Trev Dawson e Dick Hallorann na hora, e a princípio achei que o fogão a gás tinha explodido. Eu mal tinha ficado de pé quando fui derrubado pelas pessoas correndo pra porta. Umas vinte passaram correndo por cima de mim, e acho que foi a única vez durante o acontecimento em que senti medo de verdade. Eu conseguia ouvir as pessoas gritando e dizendo umas para as outras que elas tinham que sair, que o local estava pegando fogo. Mas cada vez que eu tentava me levantar, alguém pisava em mim e me derrubava. Alguém apoiou o sapatão na minha nuca e vi estrelas. Meu nariz foi esmagado no chão liso, inspirei terra e comecei a tossir e espirrar ao mesmo tempo. Outra pessoa pisou na minha lombar. Senti um salto de mulher se enfiar entre as minhas nádegas, e filho, nunca quero outro enema de meia bunda daqueles. Se a traseira da minha calça cáqui tivesse rasgado, eu estaria sangrando até hoje.

"Parece engraçado agora, mas eu quase morri naquela correria. Fui golpeado, pisado, maltratado, esmagado e chutado em tantas partes que não conseguia andar no dia seguinte. Eu

estava gritando, mas nenhuma daquelas pessoas de pé me ouviu ou prestou atenção.

“Foi Trev quem me salvou. Vi a mão grande e marrom dele na minha frente e agarrei como um homem se afogando se agarra em uma boia. Eu o segurei, ele me puxou e comecei a me levantar. O pé de alguém atingiu a lateral do meu pescoço bem aqui…”

Ele massageou a área onde o maxilar sobe em direção à orelha, e eu assenti.

— … e doeu tanto que acho que desmaiei por um minuto. Mas não soltei a mão de Trev, e ele não soltou a minha. Fiquei de pé quando a parede que colocamos entre o salão e a cozinha caiu. Ela fez um barulho alto, o barulho que uma poça de gasolina faz quando você bota fogo nela. Eu a vi subir em um monte de faíscas e vi pessoas correndo pra sair do caminho na hora que ela caiu. Algumas conseguiram. Outras, não. Um dos nossos caras, acho que deve ter sido Hort Sartoris, ficou preso debaixo dela, e só por um segundo vi suas mãos debaixo dos carvões em brasa, abrindo e fechando. Tinha uma garota branca, com pouco mais de 20 anos, com a parte de trás do vestido em chamas. Ela estava com um universitário, e ouvi-a gritando para ele, implorando que ele a ajudasse. Ele deu dois tapas nas chamas e saiu correndo com o resto. Ela ficou gritando enquanto o vestido queimava ao redor do corpo dela.

“Parecia um inferno onde antes era a cozinha. As chamas eram tão intensas que não dava pra olhar pra elas. O calor era de um forno, Mikey, torrando a gente. Dava para ver a pele ficando brilhosa. Dava pra sentir os pelos do nariz ficando queimados.

“‘Temos que sair daqui!’, grita Trev, e começa a me arrastar ao lado da parede. ‘Vem!’

“Naquela hora, Dick Hallorann o segura. Ele não podia ter mais de 19 anos, e seus olhos estavam do tamanho de bolas de bilhar, mas ele manteve a calma melhor do que nós. Ele salvou nossas vidas. ‘Não por aí!’, grita ele. ‘Por *aqui*!’ E apontou na direção do palco… na direção do fogo.

“‘Você está louco!’, gritou Trevor. Ele tinha uma voz grave e alta, mas mal dava para ouvi-lo em meio ao fogo e às pessoas gritando. ‘Morra se quiser, mas eu e Willy vamos sair!’

“Ele ainda estava me segurando pela mão e começou a me puxar para a porta de novo, apesar de haver tantas pessoas ao redor que eu não conseguia ver nada. Eu teria ido com ele. Estava tão em choque que não sabia que lado era a direita e que lado era a esquerda. Só sabia que não queria assar como um peru humano.

“Dick segurou Trev pelo cabelo com o máximo de força que conseguiu, e quando Trev se virou, Dick deu um tapa na cara dele. Eu me lembro de ver a cabeça de Trev bater na parede e de pensar que Dick tinha ficado louco. Em seguida, ele gritou na cara de Trev: ‘Se você for por ali, vai morrer! Eles bloquearam aquela porta, negão!’

“‘Você não sabe!’, gritou Trev para ele, e houve um estrondo alto como uma bombinha, só que era o calor explodindo a bateria de Marty Devereaux. O fogo estava se espalhando pelas vigas acima e o óleo no chão estava se incendiando.

“‘Eu sei!’, gritou Dick em resposta. ‘Eu sei!’

“Ele segurou minha outra mão, e por um minuto me senti como a corda em um cabo de guerra. Mas Trev deu uma boa olhada na porta e seguiu o caminho indicado por Dick, que nos

levou até uma janela e pegou uma cadeira para quebrá-la, mas antes de jogá-la, o calor fez a vidraça explodir. Ele segurou Trev Dawson pelo traseiro da calça e o levantou. 'Sobe!', grita ele. '*Sobe*, filho da puta!' E Trev subiu e passou de cabeça pela janela.

"Ele me empurrou em seguida, e eu subi. Segurei as laterais da janela e dei impulso. Fiquei com um monte de bolhas nas palmas das mãos no dia seguinte. A madeira já estava soltando fumaça. Caí de cabeça, e se Trev não tivesse me segurando, eu poderia ter quebrado o pescoço.

"Nos viramos e vimos o que parecia ser o pior pesadelo do mundo, Mikey. Aquela janela era um quadrado amarelo e ardente de luz. Chamas subiam pelo telhado de metal em vários pontos. Conseguíamos ouvir as pessoas gritando lá dentro.

"Vi duas mãos marrons acenando na frente do fogo, as mãos de Dick. Trev Dawson fez pezinho com as mãos e enfiei o braço pela janela e agarrei Dick. Quando peguei o peso dele, minha barriga bateu na lateral do prédio, e tive a sensação de encostar a barriga num fogão que está começando a ficar quente de verdade. O rosto de Dick apareceu, e por alguns segundos pensei que não íamos conseguir puxá-lo. Ele tinha inspirado fumaça e estava quase desmaiando. Seus lábios estavam rachados. As costas da camisa soltavam fumaça.

"E eu quase soltei, porque consegui sentir o cheiro das pessoas pegando fogo lá dentro. Ouvi pessoas dizerem que o cheiro é como o de costelinhas de porco na churrasqueira, mas não é assim. É mais parecido com o que acontece às vezes depois de castrarem cavalos. Fazem uma fogueira enorme e jogam toda aquela merda nela, e quando o fogo fica bem quente, você ouve as bolas de cavalo estourando como castanhas, e é esse o cheiro de pessoas sendo cozidas ainda de roupas. Consegui sentir esse cheiro e soube que não poderia suportar por muito tempo, então dei um puxão forte e Dick saiu pela janela. Ele tinha perdido um dos sapatos.

"Caí das mãos de Trev e me esborrachei. Dick caiu em cima de mim, e estou aqui pra contar que a cabeça daquele negão era dura. Fiquei quase completamente sem fôlego e continuei deitado no chão por alguns segundos, rolando e segurando a barriga.

"Em pouco tempo, consegui ficar de joelhos e depois de pé. E vi várias formas correndo na direção do cinturão verde. A princípio, pensei que fossem fantasmas, mas vi os sapatos deles. Àquelas alturas, já estava tão claro ao redor do Black Spot que parecia pleno dia. Vi sapatos e entendi que eram homens vestindo lençóis. Um deles tinha ficado um pouco para trás e vi…"

Ele parou de falar e lambeu os lábios.

— O que o senhor viu, papai? — eu perguntei.

— Deixa pra lá — disse ele. — Me dá minha água, Mikey.

Eu dei. Ele tomou quase tudo e teve um acesso de tosse. Uma enfermeira que estava passando olhou para dentro e disse:

— Precisa de alguma coisa, sr. Hanlon?

— De uns intestinos novos — disse meu pai. — Tem algum por aí, Rhoda?

Ela deu um sorriso nervoso e indeciso e seguiu em frente. Meu pai me entregou o copo e

coloquei-o de volta na mesa.

— Demora mais tempo contando do que lembrando — disse ele. — Você vai encher meu copo antes de ir embora?

— Claro, pai.

— Essa história vai te dar pesadelos, Mikey?

Abri a boca para mentir, mas pensei melhor. E acho agora que, se eu tivesse mentido, ele teria parado na mesma hora. Ele já estava meio fora de si, mas talvez nem tanto.

— Acho que vai — eu disse.

— Não é uma coisa tão ruim — disse ele. — Nos pesadelos, podemos pensar no pior. É pra isso que eles servem, eu acho.

Ele esticou a mão. Eu a segurei, e ficamos de mãos dadas enquanto ele terminava.

— Olhei ao redor a tempo de ver Trev e Dick indo para a frente do galpão, e corri atrás deles, ainda tentando recuperar o fôlego. Havia umas quarenta ou cinquenta pessoas lá, algumas chorando, algumas vomitando, algumas gritando, algumas fazendo tudo isso ao mesmo tempo, ao que parecia. Outras estavam deitadas na grama, desmaiadas por causa da fumaça. A porta estava fechada, e ouvimos pessoas gritando do outro lado, gritando para que as deixassem sair, pelo amor de Deus, que elas estavam pegando fogo.

"Era a única porta, exceto pela que havia na cozinha, que levava à área das latas de lixo. Para entrar, você empurrava a porta. Para sair, tinha que puxar.

"Algumas pessoas tinham saído, mas então o resto começou a se amontoar em volta da porta e empurrar. A porta travou. Quem estava atrás ficava empurrando para a frente para fugir do fogo, e todo mundo ficou preso. Quem estava na frente foi esmagado. Não tinha como abrirem aquela porta com todo o peso de quem estava atrás. Eles estavam ali, presos, e o fogo ardia.

"Foi Trev Dawson que deu um jeito pra que só oitenta morressem em vez de cem ou duzentos, e o que ele ganhou pelo que fez não foi uma medalha, mas dois anos na prisão de Rye. Naquele exato momento, um grande caminhão de carga parou, e quem estava no volante senão meu velho amigo sargento Wilson, o cara que era dono de todos os buracos da base.

"Ele sai e começa a gritar ordens que não faziam muito sentido e que as pessoas também não conseguiam ouvir. Trev segurou meu braço e corremos até ele. Eu tinha me perdido de Dick Hallorann e só o vi no dia seguinte.

"'Sargento, preciso usar seu caminhão!', grita Trev na frente dele.

"'Sai do meu caminho, crioulo', diz Wilson e o empurra. Em seguida, começa a gritar toda aquela merda confusa de novo. Ninguém estava prestando atenção nele, e ele não continuou por muito tempo, porque Trevor Dawson apareceu como um palhaço de mola em uma caixa e deu um soco nele.

"Trev era capaz de bater com muita força, e em qualquer outro dia, o sujeito teria ficado derrubado, mas aquele maldito tinha a cabeça dura. Ele ficou de pé com sangue pingando da boca e do nariz e disse: 'Vou te matar por isso.' Bem, Trev deu um soco na barriga dele com o

máximo de força que conseguiu, e quando ele se dobrou, juntei minhas mãos e bati na nuca dele com o máximo de força que *eu* consegui. Foi uma coisa covarde bater em um homem por trás daquele jeito, mas momentos desesperados pedem medidas desesperadas. E eu estaria mentindo, Mikey, se dissesse que bater naquele filho da puta imundo não me deu um pouco de prazer.

"Ele caiu como um boi atingido por uma machadinha. Trev correu para o caminhão, ligou o motor e dirigiu-o de forma a deixá-lo de frente para o Black Spot, mas à esquerda da porta. Ele passou a primeira, apertou o acelerador e ali fomos nós!

"'*Cuidado!*', eu gritei para as pessoas ao redor. '*Cuidado com o caminhão!*'

"Elas se espalharam como aves, e por milagre Trev não atropelou ninguém. Ele acertou a lateral do prédio a uns 50 km/h e bateu com o rosto com força no volante. Vi o sangue voar do nariz quando ele balançou a cabeça. Ele deu ré, recuou 50 metros e bateu de novo com o caminhão. *POW!* O Black Spot não passava de metal corrugado, e aquele segundo golpe funcionou. A lateral toda daquele forno caiu e as chamas saíram com tudo. Como *qualquer coisa* ainda podia estar viva lá dentro, eu não sei, mas ali estava. Pessoas bem mais fortes do que você acreditaria, Mikey, e se você não acredita, dá uma olhada em mim, escorregando do mundo pendurado pelas unhas. Aquele lugar era uma fornalha derretendo, era um inferno de chamas e fumaça, mas as pessoas saíram correndo de lá em uma torrente regular. Havia tantas que Trev nem ousou dar ré no caminhão de novo por medo de atropelar algumas. Assim, ele saiu e voltou correndo até mim, deixando-o onde estava.

"Ficamos ali vendo o final. Nem cinco minutos tinham se passado, mas parecia uma eternidade. Os últimos dez ou 15 que saíram estavam pegando fogo. As pessoas os seguraram e começaram a rolá-los no chão, tentando apagar as chamas. Ao olhar para dentro, dava para ver outras pessoas tentando sair, e sabíamos que elas nunca conseguiriam.

"Trev segurou minha mão e eu segurei a dele com o dobro de força. Ficamos de mãos dadas como você e eu agora, Mikey, ele com o nariz quebrado e sangue escorrendo pelo rosto e olhos inchados, e nós dois vendo as pessoas. *Elas* eram os verdadeiros fantasmas que vimos naquela noite, nada além de espectros no formato de homens e mulheres naquele incêndio, andando em direção à abertura que Trev abriu com o caminhão do sargento Wilson. Algumas estavam com os braços esticados, como se esperassem que alguém as salvasse. Outras simplesmente andavam, mas não pareciam chegar a lugar nenhum. As roupas estavam em chamas. Os rostos estavam derretendo. E, uma após a outra, elas caíram, e você de repente não as via mais.

"A última foi uma mulher. O vestido dela tinha queimado todo e ela estava de combinação. Estava queimando como uma vela. Ela pareceu olhar diretamente pra mim no final, e vi que as pálpebras estavam pegando fogo.

"Quando ela caiu, tinha acabado. O lugar todo ardeu em um pilar de fogo. Quando os carros de bombeiro da base e mais dois do quartel da rua Main chegaram, o local já estava completamente em chamas. Esse foi o incêndio do Black Spot, Mikey."

Ele terminou de beber a água e me entregou o copo, para que eu enchesse no bebedor do corredor.

— Acho que você vai fazer xixi na cama hoje, Mikey.

Beijei a bochecha dele e saí para o corredor para encher o copo. Quando voltei, ele estava ficando inconsciente de novo, com olhos vidrados e contemplativos. Quando coloquei o copo na mesa de cabeceira, ele murmurou um obrigado que mal consegui entender. Olhei para o Westclox na mesa dele e vi que eram quase 20h. Hora de eu voltar para casa.

Eu me inclinei para dar um beijo nele… mas acabei me ouvindo sussurrar:

— O que o senhor viu?

Os olhos dele, que agora estavam fechados, mal se viraram na direção do som da minha voz. Ele talvez soubesse que era eu, ou talvez tenha acreditado estar ouvindo a voz de seus próprios pensamentos.

— Hã?

— A coisa que o senhor viu — eu sussurrei. Eu não queria ouvir, mas *precisava* ouvir. Eu estava com calor e com frio, com olhos ardendo, mãos congelando. Mas eu tinha que ouvir. Assim como acho que a esposa de Lot precisou se virar e ver a destruição de Sodoma.

— Foi um pássaro — disse ele. — Por cima dos últimos homens que corriam. Um falcão, talvez. O que chamam de gavião. Mas era grande. Nunca contei pra ninguém. Teriam me internado. Aquele pássaro devia ter uns 18 metros de envergadura. Era do tamanho de um Mitsubishi A6M Zero. Mas eu vi… vi os olhos dele… e acho… que ele me viu…

A cabeça dele pendeu para o lado, na direção da janela, onde a escuridão se aproximava.

— Ele desceu e pegou o último homem. Pegou pelo lençol, foi… e ouvi as asas daquele pássaro… O som era como fogo… e ele pairou… e eu pensei: pássaros não conseguem pairar… mas esse conseguia, porque… porque…

Ele ficou em silêncio.

— Por que, papai? — eu sussurrei. — Por que ele conseguia pairar?

— Ele não pairou — disse ele.

Fiquei em silêncio, achando que ele tinha adormecido de verdade agora. Nunca senti tanto medo na vida… porque, quatro anos antes, eu vi aquele pássaro. De alguma forma, de alguma maneira inimaginável, eu quase tinha esquecido aquele pesadelo. Foi meu pai quem o trouxe de volta.

— Ele não pairou — disse ele. — Ele flutuou. Ele flutuou. Havia um monte de balões amarrados em cada asa e ele flutuou.

Meu pai adormeceu.

1º de março de 1985

Voltou. Agora eu sei. Vou esperar, mas sei no

coração. Não sei se consigo suportar. Quando criança, consegui lidar com a situação, mas crianças são diferentes. De uma forma essencial, é diferente.

Escrevi aquilo tudo ontem à noite em uma espécie de frenesi. Não que eu pudesse ter voltado para casa. Derry está envolta em uma camada grossa de gelo, e apesar de o sol ter saído esta manhã, nada se move.

Escrevi até bem depois das 3h da madrugada, empunhando a caneta cada vez mais rápido, tentando botar tudo para fora. Eu tinha me esquecido de ter visto o pássaro gigante quando tinha 11 anos. Foi a história do meu pai que trouxe a lembrança… e nunca mais esqueci. Nenhuma parte. De certa forma, acho que foi o presente final dele para mim. Um presente terrível, você poderia dizer, mas maravilhoso à sua maneira.

Dormi bem onde eu estava, com a cabeça nos braços, o caderno e a caneta sobre a mesa à minha frente. Acordei hoje de manhã com a bunda dormente e as costas doendo, mas me sentindo livre, de certa forma… purificado daquela velha história.

E então, vi que tive companhia à noite enquanto dormia.

As marcas, secando e virando leves impressões de lama, levavam da porta da frente da biblioteca (que eu tranquei; eu sempre a tranco) até a mesa onde eu dormi.

Não havia marcas saindo da biblioteca.

Fosse o que fosse, foi até mim à noite, deixou seu talismã… e simplesmente desapareceu.

Preso à minha lâmpada de leitura havia um único balão. Cheio de hélio, flutuando no sol da manhã que entrava por uma das janelas altas.

Nele havia uma imagem do meu rosto, sem os olhos, com sangue escorrendo das órbitas, um grito distorcendo a boca na superfície fina e emborrachada do balão.

Olhei para isso e gritei. O grito ecoou pela biblioteca e ecoou de volta, vibrando da escada circular de ferro que levava às estantes.

O balão estourou com um estrondo.

PARTE 3

ADULTOS

“A descida
feita de desesperos
e sem realização
desperta uma nova percepção:
que é o reverso
do desespero.
Pelo que não conseguimos realizar, o que
é negado a amar,
o que perdemos na expectativa —
uma descida vem em seguida,
infinita e indestrutível.”

—William Carlos Williams, *Paterson*

“Não faz você querer ir pra casa agora?
Não faz você querer ir pra casa?
Todas as crianças de Deus ficam cansadas quando perambulam,
Não faz você querer ir pra casa?
Não faz você querer ir pra casa?”

—*Joe South*

Capítulo 10

O reencontro

1

Bill Denbrough pega um táxi

O telefone estava tocando, fazendo-o acordar e sair de um sono profundo demais para ter sonhos. Ele tateou em busca do aparelho sem abrir os olhos, sem despertar completamente. Se tivesse parado de tocar naquele momento, ele teria adormecido na mesma hora sem dificuldade; teria adormecido com a mesma simplicidade e facilidade com que descia pelos morros cobertos de neve do Parque McCarron com o trenó portátil. Você corria com o trenó, se jogava em cima dele e descia no que parecia a velocidade do som. Não dava para fazer isso sendo adulto; machucava demais as bolas.

Seus dedos passearam pelo disco do telefone, escorregaram, subiram de novo. Ele tinha uma leve premonição de que seria Mike Hanlon, Mike Hanlon ligando de Derry, dizendo que ele tinha que voltar, dizendo que ele tinha que lembrar, dizendo que eles tinham feito uma promessa, que Stan Uris tinha cortado as palmas das mãos deles com o pedaço de garrafa de Coca e eles prometeram…

Só que tudo isso já tinha acontecido.

Ele tinha chegado tarde na noite anterior, pouco depois das 18h. Ele achava que, como foi a última ligação da lista de Mike, todos os outros já deviam ter chegado em horários variados; alguns talvez tivessem até passado a maior parte do dia ali. Ele mesmo não tinha visto nenhum deles nem sentia pressa de ver. Ele apenas chegou, fez o check-in, subiu para o quarto, pediu comida do serviço de quarto que, depois de servida, ele descobriu que não conseguia comer, caiu na cama e dormiu sem sonhar até aquele momento.

Bill abriu um dos olhos e procurou o telefone. O fone caiu da mesa, e ele tateou enquanto abria o outro olho. Sentia-se totalmente vazio dentro da cabeça, totalmente desligado, funcionando à base de pilhas.

Ele acabou conseguindo pegar o aparelho. Apoiou-se em um cotovelo e colocou o fone no ouvido.

— Alô?

— Bill? — *Era* a voz de Mike Hanlon. Nisso, pelo menos, ele acertou. Na semana anterior, ele nem se lembrava de Mike, e agora uma única palavra bastava para identificá-lo. Era um tanto maravilhoso… mas de uma maneira agourenta.

— Oi, Mike.

— Acordei você, é?

— É, acordou. Não tem problema. — Na parede acima da TV havia um quadro horrível de lagosteiros de capas de chuva e chapéus amarelos puxando redes de lagostas. Ao olhar, Bill se lembrou de onde estava: no Derry Town House na rua Upper Main. Oitocentos metros acima e do outro lado da rua ficava o Parque Bassey… a Ponte do Beijo… o canal. — Que horas são, Mike?

— Quinze pras dez.

— De que dia?

— Dia 30. — Mike pareceu achar engraçado.

— Tá. Tudo bem.

— Marquei um reencontro — disse Mike. Ele parecia tímido agora.

— É? — Bill tirou as pernas de cima da cama. — Todos vieram?

— Todos menos Stan Uris — disse Mike. Agora havia alguma coisa na voz dele que Bill não conseguiu interpretar. — Bev foi a última. Ela chegou tarde da noite ontem.

— Por que você diz última, Mike? Stan pode chegar hoje.

— Bill, Stan está morto.

— O quê? Como? O avião dele…?

— Nada do tipo — disse Mike. — Olha, se não fizer diferença pra você, acho que é melhor esperar até nos juntarmos. Seria melhor se eu pudesse contar pra todo mundo ao mesmo tempo.

— Tem a ver com isto?

— É, acho que tem. — Mike fez uma pausa breve. — Tenho certeza de que tem.

Bill sentiu o peso familiar do medo envolver seu coração de novo. Seria uma coisa com a qual dava para se acostumar tão rápido? Ou era algo que ele tinha carregado consigo, sem sentir nem pensar sobre, como acontecia com o fato inevitável de sua própria morte?

Ele esticou a mão para pegar um cigarro, acendeu e soprou o fósforo na primeira tragada.

— Ninguém se encontrou ontem?

— Não, acho que não.

— E você ainda não viu nenhum de nós.

— Não, só falei por telefone.

— Tudo bem — disse ele. — Onde vai ser o reencontro?

— Lembra onde era a velha siderúrgica?

— Na estrada Pasture, claro.

— Você está atrasado, amigão. Agora é a estrada Mall. Temos o terceiro maior shopping do estado lá. Quarenta e Oito Lojas Diferentes Sob o Mesmo Teto, Para a Sua Conveniência.

— Parece bem a-a-americano mesmo.

— Bill?

— O quê?

— Você está bem?

— Estou. — Mas seu coração estava batendo rápido demais, a ponta do cigarro estava tremendo um pouco. Ele tinha gaguejado. Mike ouviu.

Houve um momento de silêncio, e Mike disse:

— Depois do shopping, tem um restaurante chamado Jade do Oriente. Lá tem salas particulares pra festas. Reservei uma ontem. Podemos ficar com ela a tarde toda, se quisermos.

— Você acha que vai demorar tanto?

— Não sei.

— Um táxi vai saber chegar lá?

— Claro.

— Tudo bem — disse Bill. Ele escreveu o nome do restaurante no bloco ao lado do telefone. — Por que lá?

— Porque é novo, eu acho — disse Mike lentamente. — Pareceu… sei lá…

— Campo neutro? — sugeriu Bill.

— É. Acho que é isso.

— A comida é boa?

— Não sei — disse Mike. — Como é seu apetite?

Bill soprou fumaça e deu uma risadinha que era em parte tosse.

— Não tão bom, amigão.

— É — disse Mike. — Entendo.

— Meio-dia?

— Mais pra perto de 13h, eu acho. Vamos deixar Beverly roncar um pouco mais.

Bill tragou o cigarro.

— Ela está casada?

Mike hesitou de novo.

— Vamos saber de tudo mais tarde — disse ele.

— É como quando você vai pra reunião do ensino médio dez anos depois, hein? — disse Bill. — Você descobre quem está gordo, quem ficou careca, quem tem f-filhos.

— Eu queria que fosse assim — disse Mike.

— É. Eu também, Mikey. Eu também.

Ele desligou o telefone, tomou um longo banho e pediu um café da manhã que não queria e que só beliscou. Não; seu apetite não andava mesmo muito bom.

Bill ligou para a empresa de táxi Big Yellow Cab e pediu para ser buscado às 12h45, pensando que 15 minutos seriam suficientes para ele chegar à estrada Pasture (ele era totalmente incapaz de pensar nela como estrada Mall, mesmo quando viu o shopping), mas subestimou o fluxo de trânsito da hora do almoço… e o quanto Derry tinha crescido.

Em 1958, era um vilarejo grande, não mais do que isso. Havia umas 30 mil pessoas dentro dos limites municipais de Derry e talvez mais 7 mil nas cidadezinhas das redondezas.

Agora, ela tinha se tornado uma cidade. Uma cidade pequena em comparação com os padrões de Londres e Nova York, mas que estava indo muito bem pelos padrões do Maine, onde Portland, a maior cidade do estado, mal passava de 300 mil pessoas.

Conforme o táxi descia lentamente a rua Main (*estamos sobre o canal agora*, pensou Bill; não consigo vê-lo, mas está bem aqui, correndo no escuro) e virava na Center, seu primeiro pensamento foi bem previsível: o quanto tudo tinha mudado. Mas o pensamento previsível foi acompanhado de um grande desalento que ele jamais teria esperado. Ele se lembrava da infância ali como uma época temerosa e nervosa… não só por causa do verão de 1958, quando os sete encararam o terror, mas por causa da morte de George, pelo sonho profundo no qual os pais pareceram ter caído depois disso, pelas provocações constantes por causa da gagueira, por Bowers, Huggins e Criss indo sempre atrás deles depois da briga no Barrens

(Bowers, Huggins e Criss, meu Deus! Bowers, Huggins e Criss, meu Deus!)

e por uma sensação de que Derry era fria, de que Derry era dura, de que Derry estava cagando se qualquer um deles vivia ou morria, e muito menos se eles triunfariam sobre Pennywise, o Palhaço. O povo de Derry vivia com Pennywise em todos os seus disfarces havia muito tempo… e talvez, de alguma forma louca, tivesse até passado a compreendê-lo. A gostar dele, precisar dele. *Amá*-lo? Talvez. Sim, talvez isso também.

Então por que esse desalento?

Talvez só porque parecia uma mudança tão *banal*. Ou talvez porque Derry parecia ter perdido sua cara essencial aos olhos dele.

O Cinema Bijou não existia mais e tinha sido substituído por um estacionamento (SÓ COM AUTORIZAÇÃO, dizia a placa acima da rampa; INFRATORES ESTARÃO SUJEITOS A REBOQUE). A loja de sapatos The Shoeboat e o restaurante Bailley's Lunch, que ficavam ao lado, também não

existiam mais. Eles tinham sido substituídos por uma agência do Northern National Bank. Um placar digital na frente da estrutura sem graça de concreto mostrava a hora e a temperatura, esta última tanto em graus Fahrenheit quanto em graus Celsius. A Center Street Drug, lar do sr. Keene e local onde Bill conseguiu o remédio de asma de Eddie naquele dia, também não existia mais. A travessa Richard tinha se tornado um híbrido estranho chamado "minishopping". Ao olhar para lá quando o táxi parou no sinal vermelho, Bill conseguiu ver uma loja de discos, uma loja de comida natural e uma loja de brinquedos e jogos com TUDO DE DUNGEONS AND DRAGONS em liquidação.

O táxi deu uma arrancada e parou.

— Vai demorar — disse o motorista. — Eu queria que todos esses malditos bancos variassem os horários de almoço. Desculpe o vocabulário se você for religioso.

— Não tem problema — disse Bill. O céu estava nublado, e agora algumas gotas de chuva bateram na janela do táxi. O rádio murmurou alguma coisa sobre um paciente que fugiu de alguma instituição mental e que era muito perigoso, depois começou a falar sobre o Red Sox. Chuvas logo cedo, depois céu limpo. Quando Barry Manilow começou a gemer sobre Mandy, que vinha e se entregava sem pedir nada em troca, o taxista desligou o rádio.

— Quando eles surgiram?

— O quê? Os bancos?

— Aham.

— Ah, no final dos anos 1960, começo dos 1970, pelo menos a maioria — disse o motorista. Ele era um homem grande com pescoço largo. Usava uma jaqueta xadrez vermelha e preta de caçador. Um boné laranja fluorescente estava enfiado em sua cabeça. Estava manchado de óleo de motor. — Receberam uma grana de reforma urbana. Partilha de receitas é o nome que dão. E assim, começaram a derrubar tudo. E os bancos chegaram. Acho que eram os únicos que poderiam vir. Diz muita coisa, não é? Reforma urbana, eles dizem. Merda pro jantar, eu digo. Desculpe o vocabulário se você for religioso. Teve muita falação dizendo que iam revitalizar o centro. É, revitalizaram muito bem. Derrubaram a maior parte das lojas antigas e construíram um monte de bancos e estacionamentos. E ainda não dá pra achar uma porra de vaga pra estacionar. Deviam pendurar a câmara municipal todinha pelo pinto. Exceto pela mulher Polock. Ela devia ser pendurada pelas tetas. Pensando bem, parece que ela não tem tetas. É achatada como uma porra de tábua. Desculpe o vocabulário se você for religioso.

— Eu sou — disse Bill, sorrindo.

— Então sai do meu táxi e vai pra porra da igreja — disse o motorista, e os dois caíram na gargalhada.

— Você mora aqui há muito tempo? — perguntou Bill.

— A vida toda. Nasci no Derry Home Hospital, e vão enterrar as porras dos meus restos mortais no Cemitério Mount Hope.

— Parece bom — disse Bill.

— Ah, tá — disse o motorista. Ele limpou a garganta, abriu a janela e cuspiu uma bola de

catarro grande e verde-amarelada na chuva. A atitude dele, contraditória mas um tanto atraente, um tanto mordaz, era de alegria sombria. — O cara que pegar isso não vai precisar comprar porra de chiclete nenhum por uma semana. Desculpe o vocabulário se você for religioso.

— Nem tudo mudou — disse Bill. A fileira deprimente de bancos e estacionamentos estava ficando para trás conforme eles subiam a rua Center. Acima da colina e depois do First National, eles começaram a ganhar velocidade. — O Aladdin ainda está no lugar.

— É — concordou o motorista. — Mas por pouco. Os merdas tentaram derrubar ele também.

— Pra fazer outro banco? — perguntou Bill, em parte achando graça por descobrir que outra parte dele estava horrorizada com a ideia. Ele não conseguia acreditar que qualquer pessoa em sã consciência iria querer derrubar aquele grandioso domo do prazer com o candelabro cintilante de vidro, as escadarias da direita e da esquerda que seguiam em curva até o balcão e a cortina monumental, que não apenas se abria quando o filme começava, mas que subia em dobras mágicas, pregas e ondas, tudo iluminado em tons fabulosos de vermelho, azul, amarelo e verde enquanto roldanas nas laterais do palco gemiam e estalavam. *Não o Aladdin*, aquela parte chocada dele gritou. *Como puderam pensar em derrubar o Aladdin pra construir um BANCO?*

— Ah, era isso mesmo, um banco — disse o taxista. — Você acertou na porra da mosca, desculpe o vocabulário se você for religioso. Era o First Merchants of Penobscot County que estava de olho no Aladdin. Queriam derrubar e levantar o que estavam chamando de “complexo bancário”. Conseguiram os papéis todos na câmara municipal, e o Aladdin estava condenado. Mas um grupo formou um comitê, um pessoal que morava aqui há muito tempo, e fizeram um abaixo-assinado, fizeram passeata, gritaram e acabaram conseguindo uma reunião com a câmara. Hanlon expulsou aqueles babacas. — O taxista parecia extremamente animado.

— Hanlon? — perguntou Bill, surpreso. — *Mike* Hanlon?

— Isso aí — disse o motorista. Ele se virou rapidamente para olhar para Bill, mostrando um rosto redondo e ressecado, óculos de aro de chifre com velhas manchas de tinta branca. — Bibliotecário. Sujeito negro. Conhece?

— Conhecia — disse Bill, lembrando-se de como conheceu Mike em julho de 1958. Foi culpa de Bowers, Huggins e Criss de novo… é claro. Bowers, Huggins e Criss

(ah Deus)

em cada virada, desempenhando seu papel, tentáculos involuntários aproximando os sete, cada vez com mais força.

— Brincávamos juntos quando éramos crianças. Antes de eu ir embora.

— Olha só — disse o motorista. — Essa porra de mundo é muito pequeno, desculpe o…

— … vocabulário se você for religioso — concluiu Bill por ele.

— Olha só — repetiu o taxista com tranquilidade, e eles seguiram em silêncio por um tempo até ele dizer: — Mudou muito, Derry, mas sim, muita coisa ainda está aqui. O Town

House, onde peguei você. A Torre de Água no Parque Memorial. Se lembra desse lugar, moço? Quando éramos crianças, achávamos que era assombrando.

— Lembro, sim — disse Bill.

— Olha, ali está o hospital. Reconhece?

Eles estavam passando pelo Derry Home Hospital à direita. Atrás dele, o Penobscot corria em direção ao ponto de encontro com o Kenduskeag. Sob o céu chuvoso da primavera, o rio estava azul-acinzentado. O hospital de que Bill se lembrava, um prédio branco com duas alas e três andares, ainda estava lá, mas agora estava cercado, diminuído por um complexo de prédios, talvez uns dez. Ele conseguia ver um estacionamento à esquerda, e parecia haver mais de quinhentos carros estacionados lá.

— Meu Deus, não é um hospital, é uma porra de campus de faculdade! — exclamou Bill.

O taxista gargalhou.

— Como não sou religioso, vou desculpar seu vocabulário. Verdade, é quase tão grande agora quanto a Eastern Maine em Bangor. Tem laboratórios de radiação, um centro de terapia e seiscentos quartos e lavanderia própria e só Deus sabe mais o quê. O velho hospital ainda está lá, mas é só parte administrativa agora.

Bill teve uma estranha sensação dupla na mente, o tipo de sensação que ele se lembrava de ter tido na primeira vez que viu um filme em 3D. De tentar juntar duas imagens que não encaixavam. Dava para enganar os olhos e o cérebro para que executassem o truque, ele lembrava, mas você tinha chance de acabar com uma tremenda dor de cabeça… e ele conseguia sentir uma chegando agora. Nova Derry, tudo bem. Mas a velha Derry ainda estava presente, como o prédio de madeira do Home Hospital. A velha Derry estava quase toda enterrada debaixo de construções novas… mas seus olhos eram arrastados incontrolavelmente para ela… para procurá-la.

— O pátio de trens também deve ter sido destruído, não? — perguntou Bill.

O motorista riu de novo, satisfeito.

— Pra alguém que se mudou quando era criança, você tem boa memória, moço. — Bill pensou: *Você devia ter me visto semana passada, meu amigo de vocabulário caprichado.* — Ainda está lá, mas não passa de ruínas e trilhos enferrujados agora. Os trens de carga nem param mais. Um cara queria comprar o terreno e montar um centro de entretenimento completo, com minigolfe, jaulas pra rebater bolas de beisebol, campo de golfe, kart, fliperama, não sei mais o quê, mas tem alguma confusão sobre quem é o dono do terreno agora. Acho que ele vai acabar conseguindo, porque é um cara persistente, mas agora está com processo nos tribunais.

— E o canal — murmurou Bill quando eles saíram da rua Outer Center e entraram na estrada Pasture, que, como Mike dissera, agora tinha uma placa verde dizendo ESTRADA MALL. — O canal ainda está no lugar.

— É — disse o motorista. — Ele sempre vai ficar no mesmo lugar, eu acho.

Agora o Derry Mall estava à esquerda de Bill e, quando eles passaram, ele teve aquela

estranha sensação dupla de novo. Quando eles eram crianças, aquilo tudo era um campo comprido e amplo cheio de mato e enormes girassóis que marcava o lado nordeste do Barrens. Atrás dele, a oeste, ficava o conjunto habitacional Old Cape. Ele conseguia se lembrar deles explorando esse campo, tomando o cuidado para não cair no buraco aberto da siderúrgica Kitchener, que tinha explodido no domingo de Páscoa do ano de 1906. O campo era cheio de relíquias, e eles as descobriam com o interesse solene de arqueólogos explorando ruínas egípcias: tijolos, conchas, pedaços de ferro com parafusos enferrujados pendurados, pedaços de vidro, garrafas cheias de gosma não identificada com cheiro do pior veneno do mundo. Uma coisa ruim tinha acontecido perto dali, na cascalheira perto do lixão, mas ele ainda não conseguia lembrar. Só conseguia se lembrar de um nome, Patrick Humboldt, e que tinha alguma coisa a ver com uma geladeira. E alguma coisa relacionada a um pássaro que tinha perseguido Mike Hanlon. O que…?

Ele balançou a cabeça. Fragmentos. Pedaços de palha ao vento. Só isso.

O campo não existia mais, assim como os restos da siderúrgica. Bill se lembrou de repente da grande chaminé. Coberta de azulejos, escurecida por causa da fuligem nos três últimos metros, ela ficava no meio da grama alta como um cano gigantesco. Eles conseguiram subir e andaram em cima, com os braços esticados como se estivessem na corda bamba, rindo…

Ele balançou a cabeça como se para afastar a miragem do shopping, um aglomerado feio de prédios com placas que diziam SEARS, J. C. PENNEY, WOOLWORTH'S, CVS, YORK'S STEAK HOUSE, WALDENBOOKS e dezenas de outras lojas. Havia caminhos pavimentados entrando e saindo de estacionamentos. O shopping não sumiu porque não era miragem. A siderúrgica Kitchener não existia mais, e o campo que cresceu ao redor das ruínas dela também. O shopping era realidade, não as lembranças.

Mas, de alguma forma, ele não acreditava nisso.

— Aqui, moço — disse o taxista. Ele parou no estacionamento de um prédio que parecia um grande pagode de plástico. — Um pouco atrasado, mas antes tarde do que nunca, certo?

— Sem dúvida — disse Bill. Ele deu uma nota de cinco para o motorista. — Fique com o troco.

— Que beleza! — exclamou o motorista. — Se precisar de alguém pra te levar, liga pra Big Yellow e pede pelo Dave. Me peça pelo nome.

— Vou pedir o sujeito religioso — disse Bill, sorrindo. — O que já escolheu o túmulo no Mount Hope.

— Isso mesmo — disse Dave, rindo. — Tenha um bom-dia, moço.

— Você também, Dave.

Ele ficou de pé na chuva leve por um momento e observou o táxi se afastar. Deu-se conta de que pretendia fazer mais uma pergunta ao motorista, mas que tinha esquecido, talvez de propósito.

Ele pretendia perguntar a Dave se ele *gostava* de morar em Derry.

Abruptamente, Bill Denbrough se virou e entrou no Jade do Oriente. Mike Hanlon estava no

saguão, sentado em uma cadeira de vime com encosto enorme. Ele ficou de pé, e Bill sentiu uma irrealidade profunda tomar conta dele, *por dentro* dele. Aquela sensação de duplo estava de volta, mas agora estava bem, bem pior.

Ele se lembrava de um garoto que tinha 1,60 metro, era magro e ágil. À sua frente estava um homem com 1,75 metro. Era esquelético. As roupas pareciam penduradas nele. E as linhas no rosto diziam que ele tinha quarenta e muitos anos, e não apenas uns 38.

O choque de Bill deve ter ficado evidente no rosto, porque Mike disse baixinho:

— Sei como estou.

Bill ficou vermelho e disse:

— Não está ruim, Mike, é só que eu me lembro de você criança. Só isso.

— É mesmo?

— Você parece meio cansado.

— Eu *estou* meio cansado — disse Mike —, mas vou sobreviver. Eu acho. — Ele sorriu, e o sorriso iluminou seu rosto. Nele, Bill viu o garoto que conheceu 27 anos antes. Assim como o velho Home Hospital de madeira tinha sido cercado de vidro moderno e cimento, o garoto que Bill conhecera foi cercado dos acessórios inevitáveis da vida adulta. Havia rugas na testa, linhas nos cantos da boca que iam quase até o queixo, e o cabelo estava ficando grisalho dos dois lados nas têmporas. Mas, assim como o velho hospital, que estava cercado, mas ainda estava lá, visível, o garoto que Bill conhecera também estava.

Mike esticou a mão e disse:

— Bem-vindo de volta a Derry, Big Bill.

Bill ignorou a mão e abraçou Mike. Mike o abraçou com força, e Bill conseguiu sentir o cabelo dele, duro e encaracolado, em seu ombro e na lateral do pescoço.

— Seja lá o que houver de errado, Mike, vamos resolver — disse Bill. Ele ouviu o som rouco de lágrimas em sua garganta e não se importou. — Vencemos uma vez e somos capazes de v-vencer de n-n-novo.

Mike se afastou dele e segurou-o com os braços esticados; apesar de ainda estar sorrindo, havia brilho demais em seus olhos. Ele pegou o lenço e os secou.

— Claro, Bill — disse ele. — Pode apostar.

— Cavalheiros, podem me acompanhar? — perguntou a recepcionista. Era uma mulher oriental sorridente com um delicado quimono rosa, no qual um dragão se contorcia e curvava o rabo metálico. O cabelo escuro estava preso na cabeça com pentes de marfim.

— Sei o caminho, Rose — disse Mike.

— Muito bem, sr. Hanlon. — Ela sorriu para os dois. — Vocês são muito amigos, acredito.

— Acho que somos — disse Mike. — Por aqui, Bill.

Ele o levou por um corredor escuro, passando pelo salão principal em direção a uma porta com uma cortina de contas.

— Os outros…? — disse Bill.

— Todos aqui agora — disse Mike. — Todos que puderam vir.

Bill hesitou por um momento do lado de fora, com um medo repentino. Não era o desconhecido que o assustava, nem o sobrenatural; era o simples conhecimento de que estava quase 40 centímetros mais alto do que era em 1958 e sem a maior parte do cabelo. Ele ficou desconfortável de repente, quase apavorado com a ideia de ver todos eles de novo, com os rostos infantis quase desaparecidos, quase enterrados sob a mudança, como o velho hospital. Com bancos construídos na mente onde antes palácios mágicos ficavam.

Nós crescemos, pensou ele. *Não achamos que aconteceria, não naquela época, não conosco. Mas aconteceu, e se eu entrar aí, vai ser real. Somos todos adultos agora.*

Ele olhou para Mike, repentinamente confuso e tímido.

— Como eles estão? — ele se ouviu perguntando com voz falha. — Mike… como eles estão?

— Entre e descubra — disse Mike com delicadeza, e levou Bill para a salinha particular.

2

Bill Denbrough dá uma olhada

Talvez fosse apenas a penumbra da sala que provocasse a ilusão, que durou por um brevíssimo momento, mas Bill se perguntou depois se não era alguma espécie de mensagem exclusivamente para ele: que o destino também podia ser gentil.

Naquele breve momento, pareceu que *nenhum* deles tinha crescido, que seus amigos tinham feito um ato de Peter Pan e ainda eram todos crianças.

Richie Tozier estava recostado na cadeira a ponto de tocar a parede e dizendo alguma coisa para Beverly Marsh, que estava com a mão sobre a boca para esconder uma risadinha; Richie mostrava um sorriso espertalhão no rosto que era perfeitamente familiar. Ali estava Eddie Kaspbrak, sentado à esquerda de Beverly, e na frente dele na mesa, ao lado do copo de água, uma garrafinha plástica com uma tampa com gatilho no alto. Os detalhes eram um pouco mais modernos, mas o objetivo era obviamente o mesmo: uma bombinha. Do outro lado da mesa, observando o trio com expressão de ansiedade, diversão e concentração, estava Ben Hanscom.

Bill sentiu vontade de colocar a mão na cabeça e percebeu com diversão e tristeza que, naquele segundo, quase passou a mão na careca para ver se o cabelo tinha voltado por magia;

aquele cabelo ruivo e fino que ele começou a perder no começo da faculdade.

Aquilo estourou a bolha. Ele viu que Richie não estava de óculos e pensou: *Ele deve usar lentes de contato agora, é o tipo de coisa que ele faria. Ele odiava aqueles óculos.* As camisetas e calças de amarrar que ele costumava usar foram substituídas por um terno que não foi comprado em loja de departamento. Bill estimava estar olhando para uma vestimenta de novecentos dólares feita por alfaiate.

Beverly Marsh (se é que o nome dela ainda *era* Marsh) tinha se tornado uma mulher incrivelmente linda. Em vez do rabo de cavalo casual, o cabelo dela, que era quase exatamente do mesmo tom que o dele antes, caía sobre os ombros da blusa branca lisa Ship 'n Shore em uma torrente de cor branda. Na luz turva, ele apenas brilhava como um amontoado de brasas. Na luz do dia, mesmo em um dia nublado como aquele, Bill imaginava que pegava fogo. E ele se viu se perguntando como seria enfiar as mãos naquele cabelo. *A história mais velha do mundo*, pensou ele com ironia. *Amo minha esposa, mas ah, você.*

Eddie, era estranho, mas era verdade, tinha crescido e passado a se parecer bastante com Anthony Perkins. Seu rosto tinha rugas prematuras (apesar de nos trejeitos ele parecer mais jovem do que Richie e Ben), e ele parecia ainda mais velho pelos óculos sem aro que usava — óculos que você imaginaria um advogado britânico usando quando se aproximava do banco dos réus ou mexia nos arquivos. Seu cabelo estava curto, em um estilo antiquado que foi conhecido como Ivy League no final dos anos 1950 e começo dos 1960. Estava usando uma jaqueta quadriculada berrante que parecia ter sido tirada da arara de liquidação de uma loja de roupas masculinas prestes a fechar… mas o relógio no pulso era Patek Philippe, e o anel no mindinho da mão direita tinha um rubi. A pedra era grande e ostentosa demais para não ser verdadeira.

Ben era quem tinha realmente mudado, e, ao olhar para ele de novo, Bill sentiu uma irrealidade tomar conta dele. O rosto era o mesmo, e o cabelo, embora grisalho e mais comprido, estava penteado do mesmo jeito incomum, dividido do lado direito. Mas Ben estava magro. Estava sentado confortavelmente na cadeira, com o colete de couro sem enfeites aberto e exibindo uma camisa azul de cambraia por baixo. Usava uma calça Levi's com corte reto, botas de caubói e um cinto largo com fivela surrada de prata. As roupas caíam bem em um corpo magro e de quadris estreitos. Ele usava uma pulseira com aros grossos em um pulso, não de ouro, mas de cobre. *Ele ficou magro*, pensou Bill. *É uma sombra de quem era antes, podemos dizer… O velho Ben ficou magro. As maravilhas não terminam nunca.*

Houve um momento de silêncio entre os seis que não podia ser descrito. Foi um dos momentos mais estranhos que Bill já viveu na vida. Stan não estava lá, mas havia um sétimo elemento mesmo assim. Ali, naquela salinha particular de um restaurante, Bill sentiu a presença com tanta intensidade que era quase personificada, mas não como um velho de túnica branca com uma foice no ombro. Era o ponto branco no mapa que ficava entre 1958 e 1985, uma área que um explorador poderia chamar de o Grande Não Sei. Bill se perguntou o que exatamente havia lá. Beverly Marsh de saia curta que deixava à mostra a maior parte das

pernas longas e enérgicas, uma Beverly Marsh de botas brancas sem salto, com o cabelo dividido no meio e alisado? Richie Tozier carregando um cartaz que dizia PAREM A GUERRA de um lado e TIREM OS OFICIAIS DO CAMPUS do outro? Ben Hanscom de capacete amarelo com adesivo da bandeira na frente, dirigindo uma escavadeira debaixo de um guarda-sol de lona, sem camisa, mostrando uma barriga cada vez menos protuberante por cima da calça? A sétima criatura era negra? Sem relação com H. Rap Brown nem Grandmaster Flash, não esse cara, esse cara usava camisas brancas e calças marrons da J. C. Penney, se sentava em um cubículo de biblioteca na Universidade do Maine e escrevia trabalhos sobre a origem das notas de rodapé e as possíveis vantagens dos números ISBN no catálogo de livros enquanto manifestantes caminhavam do lado de fora e Phil Ochs cantava "Richard Nixon, encontre outro país do qual participar" e homens morriam com a barriga estourada em vilarejos cujos nomes eles não conseguiam pronunciar; ele ficava ali sentado dedicado ao estudo (Bill o *via*), que estava sob um raio de luz branca de inverno, com o rosto sóbrio e absorto, sabendo que ser bibliotecário era chegar o mais perto que qualquer ser humano poderia chegar de se sentar no assento mais alto do motor da eternidade. Ele era o sétimo? Ou era um jovem de pé na frente do espelho, olhando para a forma como a testa crescia, olhando para o pente cheio de cabelos ruivos que caíam, olhando para uma pilha de cadernos da faculdade sobre a mesa refletida no espelho, cadernos com o primeiro rascunho completo e bagunçado de um romance chamado *Joanna*, que seria publicado um ano depois?

Algum dos itens anteriores, todos os itens anteriores, nenhum dos itens anteriores.

Não importava, na verdade. O sétimo estava presente, e naquele momento todos sentiram… e talvez tenham entendido melhor o poder maligno da coisa que os trouxe de volta. *A Coisa está viva*, pensou Bill, sentindo frio por baixo da roupa. *Olho da salamandra, rabo do dragão, Mão da Glória… fosse o que a Coisa fosse, ela está aqui de novo, em Derry. A Coisa.*

E ele sentiu de repente que a Coisa era o sétimo; que a Coisa e o tempo eram intercambiáveis, que a Coisa usava os rostos de todos eles, assim como os milhares de outros com os quais tinha aterrorizado e matado… e a ideia de que *a Coisa* pudesse ser *eles* era a ideia mais apavorante de todas. *O quanto de nós ficou aqui?*, pensou ele com terror crescente e repentino. *O quanto de nós nunca saiu dos canos e esgotos onde a Coisa vivia… e onde a Coisa se alimentava? Foi por isso que esquecemos? Porque parte de cada um de nós nunca teve futuro, nunca cresceu, nunca saiu de Derry? É por isso?*

Ele não viu respostas nos rostos deles… só suas próprias perguntas refletidas.

Pensamentos se formam e somem em questão de segundos ou milissegundos; criam seus próprios intervalos de tempo, e tudo isso se passou pela mente de Bill Denbrough em um espaço de não mais de cinco segundos.

E então, Richie Tozier, recostado contra a parede, sorriu de novo e disse:

— Minha nossa, olhem isso. Bill Denbrough escolheu o visual do aeroporto de mosquito. Há quanto tempo você encera a cabeça, Big Bill?

E Bill, que não fazia a menor ideia do que poderia sair, abriu a boca e se ouviu dizer:

— Foda-se você e o cavalo que você monta, Boca de Lixo.

Houve um momento de silêncio e a sala acabou explodindo em gargalhadas. Bill andou até eles e começou a apertar mãos, e apesar de haver alguma coisa de horrível no que ele sentia agora, havia também algo reconfortante: a sensação de ter voltado para casa de vez.

3

Ben Hanscom fica magro

Mike Hanlon pediu bebidas e, como se para compensar o silêncio anterior, todos começaram a falar ao mesmo tempo. Beverly Marsh agora era Beverly Rogan, no fim das contas. Ela disse que era casada com um homem maravilhoso em Chicago que transformou a vida dela e que, por alguma magia benigna, conseguiu transformar o talento simples da esposa para costurar em um bem-sucedido negócio de fabricação de vestidos. Eddie Kaspbrak era dono de uma empresa de limusines em Nova York.

— Pelo que sei, minha esposa pode estar na cama com o Al Pacino agora — disse ele, sorrindo docemente, e a sala quase desabou.

Todos sabiam o que aconteceu na vida de Ben e Bill, mas Bill tinha a sensação peculiar de que as pessoas que eles conheciam quando crianças não fizeram associação pessoal entre si e os nomes deles (o de Ben como arquiteto e o seu como escritor) até muito recentemente. Beverly tinha exemplares em formato brochura de *Joanna* e *A correnteza negra* na bolsa e pediu que ele autografasse os dois. Bill fez o que ela pediu e reparou que eles estavam em perfeitas condições, como se tivessem sido comprados na loja do aeroporto quando ela saiu do avião.

Da mesma forma, Richie disse para Ben o quanto admirava o centro de convenções da

BBC em Londres… mas havia uma luz intrigada em seus olhos, como se ele não conseguisse associar aquele prédio com o homem… ou com o garoto gordo e sério que mostrou a eles como inundar metade do Barrens com tábuas velhas e uma porta de carro enferrujada.

Richie era disc-jóquei na Califórnia. Ele contou que era conhecido como o Homem das Mil Vozes, e Bill resmungou:

— Meu Deus, Richie, suas Vozes sempre foram tão *ruins*.

— O elogio não vai levar você a lugar nenhum, mestre — respondeu Richie com altivez.

Quando Beverly perguntou se ele usava lentes de contato, Richie disse em voz baixa:

— Chega mais perto, gatinha. Olha nos meus olhos. — Beverly olhou e exclamou com prazer quando Richie inclinou a cabeça um pouco e ela conseguiu ver a parte de baixo das lentes gelatinosas Hydromist que ele usava.

— A biblioteca continua igual? — perguntou Ben a Mike Hanlon.

Mike pegou a carteira e mostrou uma foto da biblioteca tirada de cima. O gesto foi o de um homem orgulhoso mostrando fotos dos filhos quando alguém perguntava da família.

— Um cara tirou essa foto de um avião — disse ele conforme a foto foi passando de mão em mão. — Estou tentando convencer a câmara municipal ou algum próspero doador particular a doar fundos suficientes pra ampliar e fazer um mural na biblioteca infantil. Até agora, nada. Mas é uma boa foto, não é?

Todos concordaram que era. Ben ficou mais tempo com ela na mão, olhando fixamente. Por fim, bateu o dedo no corredor de vidro que unia os dois prédios.

— Você reconhece isso de outro lugar, Mike?

Mike sorriu.

— É seu centro de comunicações — disse ele, e os seis caíram na gargalhada.

As bebidas chegaram. Eles se sentaram.

Aquele silêncio, repentino, constrangido e desconcertante se espalhou de novo. Eles se entreolharam.

— E então? — perguntou Beverly com a voz doce e levemente rouca. — A que bebemos?

— A nós — disse Richie de repente. E agora, ele não estava sorrindo. Ele olhou nos olhos de Bill e, com uma força tamanha que ele mal conseguiu suportar, Bill lembrou-se de estar com Richard no meio da rua Neibolt, depois que a coisa que talvez fosse um palhaço e que talvez fosse um lobisomem tinha desaparecido, os dois abraçados e chorando. Quando ele pegou o copo, sua mão estava tremendo, e um pouco da bebida derramou no guardanapo.

Richie ficou de pé lentamente, e, um a um, os outros acompanharam: primeiro Bill, depois Ben e Eddie, Beverly e, por fim, Mike Hanlon.

— A nós — disse Richie, e como a mão de Bill, sua voz tremeu um pouco. — Ao Clube dos Otários de 1958.

— Aos Otários — disse Beverly, achando um pouco de graça.

— Aos Otários — disse Eddie. Seu rosto estava pálido e velho por trás dos óculos sem aro.

— Aos Otários — concordou Ben. Um sorriso leve e sofrido surgiu nos cantos dos lábios dele.

— Aos Otários — disse Mike Hanlon baixinho.

— Aos Otários — concluiu Bill.

Eles bateram copos. Eles beberam.

Aquele silêncio voltou, e desta vez Richie não acabou com ele. Desta vez, o silêncio pareceu necessário.

Eles voltaram a sentar e Bill disse:

— Manda ver, Mike. Conta pra gente o que está acontecendo aqui e o que a gente pode fazer.

— Vamos comer primeiro — disse Mike. — E conversar depois.

Então eles comeram… e comeram bem e por bastante tempo. Como aquela velha piada sobre o homem condenado, pensou Bill, mas seu apetite estava melhor naquele dia do que em uma eternidade… desde que era criança, ele ficou tentado a pensar. A comida não era incrivelmente boa, mas não chegava nem perto de ruim, e era bem farta. Os seis começaram a trocar pratos — costela, *moo goo gai pan*, asas de frango delicadamente cozidas, rolinhos primavera, castanhas envoltas em bacon, tiras de carne em espetinhos de madeira.

Eles começaram com uma entrada *pu-pu*, e Richie tratou de grelhar um pouco de tudo de forma infantil e divertida na chama no meio do prato que ele estava dividindo com Beverly, inclusive meio rolinho primavera e alguns feijões vermelhos.

— Flambado na minha mesa, adoro — disse ele para Ben. — Eu comeria carne-seca processada se fosse flambada na minha mesa.

— E provavelmente comeu — observou Bill. Beverly riu tanto por causa disso que teve que cuspir um pouco de comida no guardanapo.

— Ah, Deus, acho que vou chamar o Raul — disse Richie com uma imitação estranhamente precisa de Don Pardo, e Beverly riu ainda mais, até ficar vermelha.

— Para, Richie — disse ela. — Estou avisando.

— Aviso recebido — disse Richie. — Coma bem, querida.

Rose em pessoa levou a sobremesa: um *baked Alaska* enorme que ela acendeu na cabeceira da mesa, onde Mike estava.

— Mais flambado na mesa — disse Richie, com a voz de um homem que morreu e foi para o céu. — Deve ser a melhor refeição que já comi na vida.

— Mas é claro — disse Rose com modéstia.

— Se eu soprar isso, meu desejo se realiza? — perguntou ele.

— No Jade do Oriente, todos os desejos se realizam, senhor.

O sorriso de Richie hesitou de repente.

— Aprovo a ideia — disse ele —, mas sabe, duvido muito da veracidade.

Eles quase destruíram o *baked Alaska*. Quando Bill se recostou na cadeira, com a barriga forçando a cintura da calça, ele reparou nos copos sobre a mesa. Parecia haver centenas deles.

Ele sorriu um pouco, dando-se conta de que tinha tomado dois martínis antes do almoço e Deus sabia quantas garrafas de cerveja Kirin junto com a comida. Os outros beberam do mesmo jeito. No estado deles, pedaços fritos de um pino de boliche teriam gosto bom. Mas ele não se sentia bêbado.

— Não como assim desde que era criança — disse Ben. Todos olharam para ele, e um leve tom rosado cobria suas bochechas. — Literalmente. Deve ter sido a maior refeição que comi desde o segundo ano do ensino médio.

— Você fez dieta? — perguntou Eddie.

— Fiz — disse Ben. — Fiz sim. A Dieta da Liberdade de Ben Hanscom.

— O que aconteceu? — perguntou Richie.

— Vocês não querem saber essa história antiga… — Ben se mexeu com desconforto.

— Não posso falar por todo mundo — disse Bill —, mas eu quero. Vamos lá, Ben. Conta. O que transformou Monte de Feno Calhoun no modelo de revista que estamos vendo agora?

Richie deu uma risada.

— Monte de Feno, é. Eu tinha me esquecido disso.

— Não é bem uma história — disse Ben. — Não tem história, na verdade. Depois do verão, depois de 1958, ficamos em Derry mais dois anos. Aí minha mãe perdeu o emprego e acabamos nos mudando pro Nebraska, porque ela tinha uma irmã lá que ofereceu de nos abrigar até minha mãe conseguir botar as coisas nos eixos. Não foi muito bom. A irmã dela, minha tia Jean, era uma vaca sovina que tinha que ficar repetindo qual era seu lugar no mundo, que nós tínhamos sorte de minha mãe ter uma irmã que podia ser caridosa conosco, que tínhamos sorte de não estarmos dependendo da assistência social, essas coisas. Eu era tão gordo que dava nojo nela. Ela não conseguia parar de falar. “Ben, você devia fazer mais exercícios. Ben, você vai ter um ataque do coração antes dos quarenta se não perder peso. Ben, com tantas criancinhas passando fome no mundo, você devia ter vergonha.”

Ele fez uma pausa momentânea e tomou um gole de água.

— A questão era que ela *também* mencionava as criancinhas passando fome se eu não limpasse o prato.

Richie riu e assentiu.

— Enfim, o país estava saindo de uma recessão e minha mãe demorou quase um ano pra encontrar trabalho firme. Quando saímos da casa de tia Jean em La Vista e fomos pra uma nossa em Omaha, eu estava com 40 quilos a mais do que quando vocês me conheceram. Acho que o motivo de ganhar esse peso foi pra contrariar minha tia Jean.

Eddie assobiou.

— Isso faria você ter uns…

— Uns 95 quilos — disse Ben com seriedade. — Eu estudava na East Side High School em Omaha, e as aulas de educação física eram… ah, bem ruins. Os outros garotos me chamavam de Barril. Acho que já dá pra vocês terem uma ideia.

“A provocação prosseguiu por uns sete meses, e então, um dia, quando estávamos trocando

de roupa no vestiário depois da aula, dois ou três caras começaram a… dar tapas na minha barriga. Diziam que eram 'bofetes na gordura'. Em pouco tempo, mais dois ou três se juntaram a eles. Depois, mais quatro ou cinco. Logo eram todos eles, correndo atrás de mim no vestiário e pelo corredor, batendo na minha barriga, na minha bunda, nas minhas costas, nas minhas pernas. Fiquei com medo e comecei a gritar. Isso fez todos eles rirem como loucos."

Ele olhou para baixo e arrumou os talheres cuidadosamente.

— Sabe, esse dia é a última vez que consigo me lembrar de pensar em Henry Bowers até Mike me ligar dois dias atrás. O garoto que começou era um moleque de fazenda com mãos enormes, e enquanto eles corriam atrás de mim, eu me lembro de pensar que Henry tinha voltado. Acho… não, eu *sei* que foi aí que entrei em pânico.

"Eles me perseguiram pelo corredor, pelos armários onde os atletas guardavam as coisas. Eu estava nu e vermelho como uma lagosta. Tinha perdido qualquer senso de dignidade e… e de mim mesmo, acho que posso dizer. De onde eu estava. Eu estava gritando e pedindo ajuda. E eles corriam atrás de mim gritando *'Bofetes na gordura! Bofetes na gordura! Bofetes na gordura!'* Havia um banco…"

— Ben, você não precisa se fazer passar por isso — disse Beverly de repente. O rosto dela estava pálido e cinzento. Ela estava brincando com o copo de água e quase o derrubou.

— Deixa ele terminar — disse Bill.

Ben olhou para ele por um momento e assentiu.

— Tinha um banco no final do corredor. Caí por cima dele e bati a cabeça. Eles me cercaram em um ou dois minutos, e então uma voz disse: 'Pronto. Já chega. Podem ir trocar de roupa.'

"Era o treinador, bem ali na porta, com a calça de moletom azul com a listra branca nas laterais e a camiseta branca. Não dava pra saber há quanto tempo ele estava ali. Todos olharam para ele, alguns sorrindo, alguns com culpa, alguns com expressão meio vazia. Eles foram embora. E eu caí no choro.

"O treinador ficou ali na porta, mandando todos de volta pro ginásio, me olhando, olhando o garoto gordo nu com a pele vermelha dos bofetes na gordura, vendo o garoto gordo chorando no chão.

"E ele disse depois de um tempo: 'Benny, por que você não cala essa porra de boca?'

"Fiquei tão chocado de ouvir um professor usar aquela palavra que calei a boca. Olhei para ele, e ele se aproximou e se sentou no banco por cima do qual eu caí. Ele se inclinou por cima de mim, e o apito ao redor do pescoço dele balançou e bateu na minha testa. Por um segundo, pensei que ele fosse me beijar, sei lá, e me encolhi pra me afastar dele. Mas o que ele fez foi segurar uma teta em cada mão e apertar. Depois, ele afastou as mãos e esfregou na calça como se tivesse encostado em alguma coisa suja.

"'Você acha que vou te consolar?', perguntou ele. 'Não vou. Você enoja esses garotos e também me enoja. Temos motivos diferentes, mas isso é porque eles são crianças e eu, não. Eles não sabem por que você os enoja. É porque vejo você enterrando o bom corpo que Deus

te deu em uma pilha enorme de gordura. É permissividade burra demais e me dá vontade de vomitar. Agora me escuta, Benny, porque é a única vez que vou dizer isso pra você. Tenho um time de futebol americano pra treinar, e de basquete, e corrida, e no meio disso tenho a equipe de natação. Então só vou dizer uma vez. Você é gordo aqui.' E bateu na minha testa, bem onde o apito tinha batido. 'É onde todo mundo é gordo. Se você colocar de dieta o que você tem entre as orelhas, vai perder peso. Mas caras como você nunca perdem.'"

— Que *babaca*! — disse Beverly com indignação.

— É — disse Ben, sorrindo. — Mas ele não *sabia* que era um babaca de tão burro que era. Ele devia ter visto Jack Webb naquele filme *The D. I.* umas sessenta vezes e achava mesmo que estava me fazendo um favor. No fim das contas, estava mesmo. Porque pensei em uma coisa naquele momento. Eu pensei…

Ele afastou o olhar e franziu a testa, e Bill teve a estranha sensação de que sabia o que Ben ia dizer antes mesmo de ele falar.

— Falei que a última vez que me lembro de pensar em Henry Bowers foi quando os outros garotos estavam correndo atrás de mim e me batendo. Mas quando o treinador estava se levantando pra ir embora, essa foi a última vez que pensei no que fizemos no verão de 1958. Pensei…

Ele hesitou de novo, olhou para cada um deles e pareceu procurar alguma coisa em seus rostos. Ben prosseguiu com cautela.

— Pensei no quanto éramos *bons* juntos. Pensei no que fizemos e em como fizemos, e de repente percebi que, se o treinador tivesse que encarar uma coisa daquelas, o cabelo dele ficaria todo branco de uma vez e o coração dele pararia no peito como um relógio velho. Não era justo, claro, mas ele não foi justo comigo. O que aconteceu foi bem simples…

— Você ficou puto — disse Bill.

Ben sorriu.

— É, isso mesmo — disse ele. — Eu gritei "Treinador!"

"Ele se virou e me olhou. 'Você disse que treina corrida?', eu perguntei.

"'Isso mesmo', disse ele. 'Não que importe pra você.'

"'Me escuta, seu filho da puta burro e cabeça-dura', eu disse, e o queixo dele caiu e os olhos saltaram. 'Vou entrar na equipe de corrida em março. O que você acha disso?'

"'Acho melhor você fechar a boca antes de ela te meter em confusão', disse ele.

"'Vou correr mais rápido do que todos os seus atletas', eu disse. 'Vou correr mais rápido do que o seu melhor. E então, quero uma porra de pedido de desculpas de você.'

"Ele fechou os punhos, e por um minuto eu pensei que ele ia voltar e me dar porrada. Mas acabou abrindo as mãos. 'Vai falando, gordo', disse ele baixinho. 'Sua boca é rápida. Mas no dia em que você conseguir correr mais rápido do que meu melhor atleta, vou pedir demissão daqui e voltar a colher milho.' E foi embora."

— Você perdeu peso? — perguntou Richie.

— Bem, perdi — disse Ben. — Mas o treinador estava errado. Não começou na minha

cabeça. Começou com minha mãe. Fui pra casa naquela noite e falei pra ela que queria perder peso. Acabamos tendo uma briga enorme, com nós dois chorando. Ela começou com a mesma ladainha: que eu não era *gordo*, só tinha *ossos grandes*, e um garoto grande que ia ser um homem grande tinha que comer bem pra se manter. Era… uma questão de segurança pra ela, eu acho. Era assustador pra ela tentar criar um filho sozinha. Ela não tinha estudo nem capacitação, só disposição pra trabalhar duro. E quando podia me dar um segundo prato de comida… ou quando podia olhar pra mim do outro lado da mesa e ver que eu estava bem e robusto…

— Ela sentia que estava vencendo a batalha — disse Mike.

— Aham. — Ben tomou o resto da cerveja e limpou um bigode de espuma do lábio superior com as costas da mão. — Então a maior luta não foi com a minha cabeça. Foi com ela. Ela não quis aceitar, demorou meses. Não ajustava minhas roupas nem comprava novas. Eu tinha começado a correr, corria pra todo lado, e às vezes meu coração batia tão forte que eu achava que ia desmaiar. As primeiras corridas de mais de um quilômetro terminaram comigo vomitando e desmaiando. Depois, eu só vomitei por um tempo. E depois de mais um tempo, eu tinha que segurar a calça enquanto corria.

"Comecei a entregar jornais e corria com a bolsa pendurada no pescoço, batendo no peito, enquanto segurava a calça. Minhas camisas começaram a parecer velas de barco. E nas noites em que eu ia pra casa e só comia metade do que tinha no prato, minha mãe começava a chorar e dizia que eu estava passando fome, me matando, que eu não amava mais ela, que não ligava pro quanto ela se esforçava e trabalhava pra mim."

— Meu Deus — murmurou Richie, e acendeu um cigarro. — Não sei como você aguentou, Ben.

— Mantive o rosto do treinador em mente — disse Ben. — Fiquei lembrando a forma como ele olhou pra mim depois de segurar minhas tetas no corredor do vestiário masculino. Foi assim que consegui. Comprei umas calças jeans novas e umas roupas com o dinheiro da entrega de jornais, e o coroa no apartamento do primeiro andar usou o furador pra fazer buracos novos no meu cinto. Uns cinco, pelo que lembro. Acho que devo ter me lembrado da outra vez em que precisei comprar uma calça jeans nova, quando Henry me empurrou no Barrens naquele dia e a calça ficou toda rasgada.

— É — disse Eddie, sorrindo. — E você me contou sobre o leite achocolatado. Se lembra disso?

Ben assentiu.

— Se eu lembrei — prosseguiu ele —, foi só por um segundo. Apareceu e sumiu. Na mesma época, comecei a ter aulas de saúde e nutrição na escola, e descobri que dava para comer praticamente qualquer coisa verde e crua que você quisesse sem ganhar peso. Um dia, minha mãe serviu uma salada com alface e espinafre cru, pedaços de maçã e um restinho de presunto. Eu nunca fui fã de comida de coelho, mas repeti duas vezes e fiquei repetindo pra minha mãe o quanto estava bom.

"Isso ajudou muito a resolver o problema. Ela não ligava muito para *o que* eu comia, desde que comesse muito. Ela me entupiu de salada. Comi isso durante três anos. Havia vezes em que eu tinha que me olhar no espelho pra ter certeza de que meu nariz não estava tremendo."

— O que aconteceu com o treinador? — perguntou Eddie. — Você foi pra equipe de corrida? — Ele botou a mão na bombinha, como se a ideia de correr o tivesse feito se lembrar disso.

— Ah, fui sim — disse Ben. — Pra correr os 200 e os 400 metros. Àquela altura, eu já tinha perdido 30 quilos e crescido 5 centímetros, então o que sobrou estava mais bem distribuído. No primeiro dia de testes eu ganhei os 200 metros por seis cabeças e os 400 metros por oito. Então fui até o treinador, que parecia furioso o bastante pra roer as unhas e cuspir grampos e disse: 'Parece que está na hora de você sair de cena e começar a colher milho. Quando você vai pro Kansas?'

"Ele não falou nada no começo, só me deu um soco e me derrubou no chão. Depois, me mandou sair do campo de treinos. Disse que não queria um babaca bocudo como eu na equipe de corrida.

"'Eu não ia querer participar dela nem se o presidente Kennedy me mandasse', eu disse, limpando sangue do canto da boca. 'E como foi você quem me motivou, não vou guardar ressentimento… mas na próxima vez que você for comer um pratão de milho cozinho, pense em mim.'

"Ele me disse que, se eu não fosse embora naquele momento, ia me dar uma surra."

Ben estava sorrindo um pouco… mas não havia nada de agradável naquele sorriso, e certamente nada de nostálgico.

— Foram as palavras dele. Todo mundo estava nos olhando, inclusive os garotos que venci. Eles pareciam constrangidos. Então eu só disse: "Quer saber, treinador, vou deixar passar uma porque você é um coitado fracassado, mas velho demais pra aprender agora. Mas se encostar o dedo em mim, vou fazer o possível pra você perder o emprego. Não sei se consigo, mas posso me esforçar bastante. Perdi peso pra poder ter dignidade e paz. São coisas que fazem valer a pena lutar."

Bill disse:

— Tudo isso parece maravilhoso, Ben… mas o escritor em mim se pergunta se alguma criança realmente fala assim.

Ben assentiu, ainda dando aquele sorriso peculiar.

— Duvido que algum garoto que não passou pelas coisas que passamos fale — disse ele. — Mas eu falei… e falei sério.

Bill pensou sobre isso e assentiu.

— Certo.

— O treinador ficou me olhando com as mãos nos quadris do moletom — disse Ben. — Ele abriu a boca e voltou a fechar. Ninguém disse nada. Eu saí andando, e foi a última vez que interagi com o treinador Woodleigh. Quando meu professor orientador me entregou a grade de

horários do terceiro ano, vi que alguém tinha digitado a palavra dispensado ao lado de educação física, e ele rubricou.

— Você venceu! — exclamou Richie, e balançou as mãos unidas acima da cabeça. — Que demais, Ben!

Ben deu de ombros.

— Acho que o que fiz foi vencer uma parte de mim. O treinador me fez começar, eu acho… mas foi pensar em vocês que me fez acreditar de verdade que eu era capaz. E consegui mesmo.

Ben deu de ombros de uma maneira encantadora, mas Bill achou que conseguia ver gotas de suor na testa dele.

— Fim das Confissões Verdadeiras. Mas uma cerveja caía bem. Falar dá sede.

Mike fez sinal para a garçonete.

Os seis acabaram pedindo outra rodada e conversaram de assuntos mais leves até as bebidas chegarem. Bill olhou para a cerveja e observou a forma como as bolhas se moviam para as laterais do copo. Ele achou graça e ficou ao mesmo tempo perplexo ao se dar conta de que estava esperando que outra pessoa começasse a história sobre os anos anteriores — que Beverly contasse sobre o homem maravilhoso com quem casou (mesmo se fosse chato, como a maioria dos homens maravilhosos era), ou que Richie Tozier começasse a relatar Incidentes Engraçados do Estúdio de Transmissão, ou que Eddie Kaspbrak contasse como Teddy Kennedy era de verdade, quanto Robert Redford dava de gorjeta… ou talvez emitisse alguma opinião esclarecedora explicando por que Ben conseguiu se livrar do peso extra enquanto ele ainda precisava da bombinha.

O fato é que, pensou Bill, *Mike vai começar a falar a qualquer minuto agora, e não sei se quero ouvir o que ele tem pra dizer. O fato é que meu coração está batendo um pouco rápido demais e minhas mãos estão um pouco frias demais. O fato é que estou 25 anos velho demais pra ficar com tanto medo assim. Todos estamos. Então, alguém diga alguma coisa. Vamos conversar sobre carreiras e cônjuges e como é olhar pros antigos amigos e se dar conta de que você também levou algumas porradas no nariz dadas pelo tempo. Vamos conversar sobre sexo, beisebol, o preço da gasolina, o futuro das nações do Pacto de Varsóvia. Qualquer coisa, menos o que viemos aqui para conversar. Então, alguém diga alguma coisa.*

Alguém disse. Eddie Kaspbrak disse. Mas não foi como Teddy Kennedy era de verdade e nem o quanto Robert Redford dava de gorjeta, nem por que ele achava necessário manter o que Richie às vezes chamava antigamente de “chupador de pulmão de Eddie”. Ele perguntou a Mike quando Stan Uris morreu.

— Na noite de anteontem. Quando fiz as ligações.

— Teve a ver com… com o motivo de estarmos aqui?

— Eu poderia fugir da pergunta e dizer que, como ele não deixou bilhete, não dá pra ter certeza — respondeu Mike —, mas como aconteceu quase imediatamente depois que liguei pra ele, acho que a suposição é segura.

— Ele se matou, não foi? — disse Beverly devagar. — Ah Deus… pobre Stan.

Os outros estavam olhando para Mike, que terminou a bebida e disse:

— Ele cometeu suicídio sim. Aparentemente, foi para o banheiro pouco depois que eu liguei, encheu a banheira e cortou os pulsos.

Bill olhou para a mesa, que de repente pareceu tomada de rostos chocados e pálidos. Não corpos, só aqueles rostos, como círculos brancos. Como balões brancos, balões da lua, presos aqui por uma velha promessa que deveria ter sido invalidada faz tempo.

— Como você descobriu? — perguntou Richie. — Saiu nos jornais daqui?

— Não. Já tem algum tempo que assino os jornais das cidades mais próximas de todos vocês. Fiquei de olho durante anos.

— Xereta. — O rosto de Richie estava azedo. — Obrigado, Mike.

— Era meu trabalho — disse Mike simplesmente.

— Pobre Stan — repetiu Beverly. Ela parecia perplexa, incapaz de aceitar a notícia. — Mas ele foi tão corajoso naquela época. Tão… determinado.

— As pessoas mudam — disse Eddie.

— Mudam? — perguntou Bill. — Stan era… — Ele passou a mão pela toalha de mesa enquanto procurava as palavras certas. — Ele era uma pessoa ordenada. Do tipo que precisa separar os livros por ficção e não ficção nas prateleiras… e depois, organiza cada parte em ordem alfabética. Me lembro de uma coisa que ele disse uma vez. Não lembro onde estávamos nem o que estávamos fazendo, pelo menos ainda não, mas acho que foi perto do final dos acontecimentos. Ele disse que conseguia suportar ter medo, mas odiava ficar sujo. Pra mim, isso pareceu a essência de Stan. Talvez tenha sido demais quando Mike ligou. Ele viu suas escolhas se reduzirem a duas: ficar vivo e se sujar ou morrer limpo. Talvez as pessoas não mudem tanto quanto pensamos. Talvez apenas… talvez apenas enrijeçam.

Houve um momento de silêncio, e Richie disse:

— Muito bem, Mike. O que está acontecendo em Derry? Conta pra gente.

— Posso contar uma parte — disse Mike. — Posso contar, por exemplo, o que está acontecendo agora, e posso contar algumas coisas sobre vocês. Mas não posso contar tudo que aconteceu no verão de 1958 e não acredito que vai ser preciso. Vocês vão acabar lembrando sozinhos. E acho que, se eu contasse demais antes das mentes de vocês estarem prontas pra lembrar, o que aconteceu com Stan…

— Poderia acontecer com a gente? — perguntou Ben baixinho.

Mike assentiu.

— Sim. É exatamente disso que tenho medo.

Bill disse:

— Então conta o que pode, Mike.

— Tudo bem — disse ele. — Vou contar.

— Os assassinatos recomeçaram — disse Mike objetivamente.

Ele olhou por toda a mesa e fixou os olhos nos de Bill.

— O primeiro dos “novos assassinatos”, se vocês me permitem essa pavorosa extravagância, começou na ponte da rua Main e terminou debaixo dela. A vítima foi um homem gay e um tanto infantil chamado Adrian Mellon. Ele sofria de asma severa.

A mão de Eddie disparou e tocou na lateral da bombinha.

— Aconteceu no verão passado, no dia 21 de julho, na última noite do Festival do Canal, que era uma espécie de comemoração, um… um…

— Um ritual de Derry — disse Bill em voz baixa. Seus dedos longos massageavam lentamente as têmporas, e era difícil não adivinhar que ele estava pensando no irmão, George… George, que quase certamente abriu o caminho na última vez que isso aconteceu.

— Um ritual — disse Mike baixinho. — Sim.

Ele contou rapidamente a história do que aconteceu com Adrian Mellon, observando sem prazer nenhum os olhos deles ficarem cada vez maiores. Contou o que o *News* publicou e o que não publicou… incluindo o testemunho de Don Hagarty e de Christopher Unwin sobre um certo palhaço que estava debaixo da ponte como o *troll* na famosa história de outrora, um palhaço que parecia um cruzamento de Ronald McDonald e Bozo, de acordo com Hagarty.

— Era ele — disse Ben, com voz enojada e rouca. — Era aquele porra do Pennywise.

— Tem mais uma coisa — disse Mike, olhando para Bill. — Um dos investigadores, o que tirou Adrian Mellon de dentro do canal, era um policial da cidade chamado Harold Gardener.

— Ah, Jesus Cristo — disse Bill, com voz fraca e lacrimosa.

— Bill? — Beverly olhou para ele e colocou a mão em seu braço. A voz dela estava tomada de preocupação assustada. — Bill, o que foi?

— Harold tinha uns 5 anos naquela época — disse Bill. Seus olhos perplexos buscaram confirmação no rosto de Mike.

— Sim.

— O que foi, Bill? — perguntou Richie.

— Ha-Ha-Harold Gardener era f-filho de Dave Gardener — disse Bill. — Dave morava na mesma rua que nós na época em que George m-morreu. Foi ele quem chegou a G-G… ao meu irmão primeiro e levou ele até em casa, enrolado em uma c-colcha.

Eles ficaram sentados em silêncio, sem dizer nada. Beverly cobriu brevemente os olhos com a mão.

— Tudo encaixa demais, né? — disse Mike por fim.

— É — disse Bill em voz baixa. — Encaixa mesmo.

— Fiquei de olho em vocês seis ao longo dos anos, como falei — prosseguiu Mike —, mas só nessa época comecei a entender por que estava fazendo isso, que eu tinha um propósito real e concreto. Ainda assim, me segurei e esperei pra ver como as coisas iam se desenvolver. Senti que eu tinha que ter certeza absoluta antes… de perturbar as vidas de vocês. Não noventa por cento, nem mesmo 95. Só servia cem por cento.

“Em dezembro do ano passado, um garoto de 18 anos chamado Steven Johnson foi encontrado morto no Parque Memorial. Como Adrian Mellon, ele tinha sido muito mutilado pouco antes ou logo depois da morte, mas parecia que podia ter morrido de puro medo.”

— Sexualmente molestado? — perguntou Eddie.

— Não. Só mutilado.

— Quantos no total? — perguntou Eddie, sem parecer querer mesmo saber.

— A situação é ruim — disse Mike.

— Quantos? — repetiu Bill.

— Nove. Até agora.

— Não pode ser! — gritou Beverly. — Eu teria lido sobre isso no jornal… visto no noticiário! Quando aquele policial maluco matou todas aquelas mulheres em Castle Rock, Maine… e aquelas crianças foram assassinadas em Atlanta…

— É, tem isso — disse Mike. — Pensei bastante sobre o assunto. É o correlativo mais próximo ao que está acontecendo aqui, e Bev está certa: foram histórias que alcançaram o país. De algumas formas, o comparativo de Atlanta é o que mais me assusta nisso tudo. Assassinatos de nove crianças… devíamos ter correspondentes de noticiários aqui, médiuns falsos e repórteres do *The Atlantic Monthly* e da *Rolling Stone*… todo o circo na mídia, em resumo.

— Mas não foi o que aconteceu — disse Bill.

— Não — respondeu Mike —, não foi. Ah, teve um suplemento de domingo sobre o assunto no *Telegram* de Portland e outro no *Boston Globe* depois dos dois últimos. Um programa de televisão com base em Boston chamado *Good Day!* fez um segmento em fevereiro sobre assassinatos não resolvidos, e um dos especialistas mencionou os assassinatos de Derry, mas só de passagem… e não deu indicação nenhuma de saber que houve uma série similar de assassinatos em 1957-58 e outra em 1929-30.

“Há alguns motivos ostensivos, é claro. Atlanta, Nova York, Chicago, Detroit… todas são grandes cidades midiáticas, e em lugares assim, quando alguma coisa acontece, chama atenção. Não existe uma única estação de rádio ou de TV em Derry, a não ser que você conte a pequena rádio FM organizada pelo departamento de Inglês e Discurso do ensino médio. Bangor é a líder do mercado quando o assunto é a imprensa.”

— Exceto pelo *Derry News* — disse Eddie, e todos riram.

— Mas nós sabemos que isso não acompanha a forma como o mundo está. A rede de

comunicações existe, e em algum ponto a história devia ter alcançado o país. Mas não alcançou. E acho que o motivo é simples: a Coisa não quer que alcance.

— A Coisa — disse Bill, quase refletindo consigo mesmo.

— A Coisa — concordou Mike. — Se temos que dar um nome a ela, que seja da mesma forma como chamávamos antes. Sabem, comecei a pensar que a Coisa está aqui há tanto tempo… seja lá o que ela for… que se tornou parte de Derry, tão parte da cidade quanto a Torre de Água, o Canal, o Parque Bassey e a biblioteca. Só que a Coisa não é um item geográfico externo, entendem. Talvez tenha sido assim uma época, mas agora a Coisa está… dentro. De alguma forma, a Coisa entrou. É a única forma em que consigo pensar pra entender todos os acontecimentos terríveis que se passaram aqui, o explicável e também o completamente inexplicável. Houve um incêndio em um clube de negros chamado Black Spot em 1930. Um ano antes, um bando de foras da lei da Depressão foi assassinado a tiros na rua Canal no meio da tarde.

— A gangue Bradley — disse Bill. — O FBI pegou eles, certo?

— É o que as histórias dizem, mas não é bem verdade. Tanto quanto consegui descobrir, e eu daria muito pra acreditar que não foi isso, porque amo esta cidade, a gangue Bradley, com todos os sete integrantes, foi assassinada pelos bons cidadãos de Derry. Qualquer hora conto pra vocês.

"Houve a explosão na siderúrgica Kitchener durante uma caçada a ovos de Páscoa em 1906. Houve uma série horrível de mutilação a animais naquele mesmo ano que acabou sendo atribuída a Andrew Rhulin, o tio-avô do homem que agora dirige as fazendas Rhulin. Aparentemente, ele foi golpeado até a morte por três policiais que deviam levá-lo preso. Nenhum deles foi levado a julgamento."

Mike Hanlon tirou um caderninho de um bolso interno, folheou-o e continuou a falar sem erguer o olhar.

— Em 1877, houve quatro enforcamentos sem julgamento dentro dos limites incorporados da cidade. Um dos pendurados foi o pastor da igreja metodista, que aparentemente afogou os quatro filhos na banheira como se eles fossem gatinhos e depois deu um tiro na cabeça da esposa. Ele colocou a arma na mão dela pra fazer parecer suicídio, mas ninguém acreditou. Um ano antes, quatro lenhadores foram encontrados mortos em um chalé Kenduskeag abaixo, literalmente destruídos. Desaparecimentos de crianças, de famílias inteiras, estão registrados em velhos trechos de diários… mas não em documentos públicos. Ainda tem muito mais, mas acho que deu pra pegar a ideia.

— Entendi bem a ideia sim — disse Ben. — Tem alguma coisa acontecendo aqui, mas é uma coisa particular.

Mike fechou o caderno, colocou no bolso interno e olhou para eles com sobriedade.

— Se eu fosse segurador em vez de bibliotecário, faria um gráfico, talvez. Ele mostraria uma taxa alta e incomum de todos os crimes violentos que conhecemos, sem excluir estupro, incesto, invasão de propriedade privada, roubos de carros, abuso infantil, violência

doméstica, agressão.

“Existe uma cidade de tamanho mediano no Texas onde a taxa de crimes violentos é bem abaixo do que se esperaria pra uma cidade daquele tamanho e com a mistura racial que existe lá. A placidez extraordinária das pessoas que moram lá foi atribuída a alguma coisa na água… algum tipo de tranquilizante natural. O extremo oposto acontece aqui. Derry é um local violento de se morar em um ano qualquer. Mas a cada 27 anos, apesar de o ciclo nunca ter sido perfeitamente exato, essa violência aumenta a um pico furioso… e isso nunca chegou ao noticiário nacional.”

— Você está dizendo que tem um câncer ativo aqui — disse Beverly.

— De jeito nenhum. Um câncer sem tratamento invariavelmente mata. Derry não morreu; ao contrário, ela prosperou… de uma forma nada espetacular e nada digna dos noticiários, claro. É apenas uma cidade pequena razoavelmente próspera em um estado de população relativamente baixa onde coisas ruins acontecem com frequência demais… e onde coisas violentas acontecem a cada um quarto de século, mais ou menos.

— Isso é verdade desde sempre? — perguntou Ben.

Mike assentiu.

— Desde sempre. 1715-16, 1740 até mais ou menos 1743, no que deve ter sido um período bem ruim, 1769-70, e assim por diante. Até o presente. Tenho a sensação de que está ficando cada vez pior, talvez por haver mais gente em Derry no final de cada ciclo, ou talvez por algum outro motivo. E em 1958, o ciclo parece ter chegado a um fim prematuro. Pelo qual fomos responsáveis.

Bill Denbrough se inclinou para a frente, com os olhos iluminados de repente.

— Tem certeza disso? *Certeza?*

— Tenho — disse Mike. — Todos os outros ciclos chegaram ao pico por volta de setembro e terminaram de maneira grandiosa. A vida já tinha voltado ao ritmo mais ou menos normal por volta do Natal… no máximo na Páscoa. Em outras palavras, existiram “anos” ruins de 14 a vinte meses a cada 27 anos. Mas o ano ruim que começou quando seu irmão morreu em outubro de 1957 terminou abruptamente em agosto de 1958.

— Por quê? — perguntou Eddie com ansiedade. A respiração dele estava mais superficial; Bill se lembrou daquele apito alto quando Eddie inspirava e soube que logo ele estaria com o chupador de pulmão na boca. — O que fizemos?

A pergunta ficou no ar. Mike pareceu refletir sobre ela… e acabou por balançar a cabeça.

— Vocês vão lembrar — disse ele. — Com o tempo, vão lembrar.

— E se não lembrarmos? — perguntou Ben.

— Então que Deus nos ajude.

— Nove crianças mortas este ano — disse Richie. — Meu Deus.

— Lisa Albrecht e Steven Johnson no final de 1984 — disse Mike. — Em fevereiro, um garoto chamado Dennis Torrio desapareceu. Um garoto de ensino médio. O corpo dele foi encontrado em meados de março, no Barrens. Mutilado. Isso estava perto.

Ele tirou uma foto do mesmo bolso onde tinha colocado o caderno. Ela passou de mão em mão pela mesa. Beverly e Eddie olharam intrigados, mas Richie Tozier reagiu violentamente. Ele a largou como se estivesse quente.

— Meu Deus! Meu Deus, Mike! — Ele levantou o rosto com olhos arregalados e em choque. Um momento depois, passou a foto para Bill.

Bill olhou para ela e sentiu o mundo ser tomado por tons de cinza ao seu redor. Por um momento, teve certeza de que desmaiaria. Ouviu um gemido e soube que tinha sido ele mesmo a produzi-lo. Ele largou a foto.

— O que é? — ele ouviu Beverly dizendo. — O que significa, Bill?

— É a foto escolar do meu irmão — disse Bill depois de um tempo. — É Ge-Georgie. A foto do álbum dele. A que se mexeu. A que piscou.

Eles passaram a foto de mão em mão de novo, com Bill sentado imóvel como uma pedra na cabeceira da mesa, olhando para o nada. Era a foto de uma foto. A imagem mostrava uma foto escolar surrada apoiada contra um fundo branco, lábios sorridentes abertos e exibindo dois buracos onde dentes novos nunca cresceram (*a não ser que cresçam no caixão*, pensou Bill e tremeu). Na margem abaixo da foto de George havia as palavras AMIGOS DA ESCOLA 1957-58.

— Foi encontrada *este ano*? — perguntou Beverly de novo. Mike assentiu e ela se virou para Bill. — Quando você viu a foto pela última vez, Bill?

Ele umedeceu os lábios e tentou falar. Nada saiu. Ele tentou de novo e ouviu as palavras ecoarem na mente, ciente da gagueira voltando, lutando contra ela, lutando contra o terror.

— Não vejo essa foto desde 1958. Naquela primavera, no ano em que George morreu. Quando tentei mostrar pro Richie, ela tinha s-sumido.

Houve um ofego explosivo que fez todos olharem ao redor. Eddie estava recolocando a bombinha na mesa com aparência meio constrangida.

— Eddie Kaspbrak explode! — gritou Richie com alegria, e depois, a Voz repentina e apavorante do Narrador de Cinejornal saiu da boca de Richie: — Hoje, em Derry, uma cidade inteira se prepara para os Asmáticos em Desfile, e o astro do show é o Grande Ed, Cabeça de Meleca, conhecido por toda a Nova Inglaterra como…

Ele parou de repente e levou uma das mãos ao rosto, como se para cobrir os olhos, e Bill pensou de repente: *Não, não, não é isso. Não pra cobrir os olhos, mas pra empurrar os óculos pra cima. Os óculos que ele nem usa mais. Ah, meu bom Jesus, o que está acontecendo aqui?*

— Eddie, me desculpe — disse Richie. — Foi crueldade. Não sei em que diabos eu estava pensando. — Ele olhou ao redor, perplexo.

Mike Hanlon quebrou o silêncio.

— Prometi a mim mesmo depois que o corpo de Steven Johnson foi descoberto que, se alguma outra coisa acontecesse, se houvesse mais um caso óbvio, eu faria as ligações que acabei demorando mais dois meses pra fazer. Era como se eu estivesse hipnotizado pelo que estava acontecendo, pela *consciência* de tudo, pela *deliberação*. A foto de George foi

encontrada ao lado de um tronco caído a menos de 3 metros do corpo do garoto Torrio. Não estava escondida; o oposto, na verdade. Era como se o assassino quisesse que ela fosse encontrada. E tenho certeza de que queria.

— Como você conseguiu a foto da polícia, Mike? — perguntou Ben. — É uma foto da polícia, não é?

— É, sim. Tem um cara no departamento de polícia que não se incomoda em ganhar uma graninha a mais. Pago vinte pratas por mês pra ele, que é o quanto posso pagar. Ele é um informante.

"O corpo de Dawn Roy foi encontrado quatro dias depois do garoto Torrio. No Parque McCarron. Ela tinha 13 anos. Decapitada.

"Vinte e três de abril deste ano. Adam Terrault. Dezesseis. Registrado como desaparecido depois de não voltar do ensaio da banda. Encontrado no dia seguinte ao lado do caminho que passa pelo cinturão verde atrás da West Broadway. Também decapitado.

"Seis de maio. Frederick Cowan. Dois anos e meio. Encontrado em um banheiro do andar de cima de casa, afogado na privada."

— Ah, Mike! — exclamou Beverly.

— É, está ruim — disse ele, quase com raiva. — Você acha que não sei?

— A polícia está convencida de que não podia ser… bem, alguma espécie de acidente? — perguntou Bev.

Mike balançou a cabeça.

— A mãe estava pendurando roupas no quintal. Ela ouviu sons de briga, ouviu o filho gritando. Correu o mais rápido que conseguiu. Ao subir a escada, disse que ouviu o barulho da descarga sendo acionada repetidamente. Isso e uma pessoa gargalhando. Ela disse que não pareceu um som humano.

— E ela não viu nada? — perguntou Eddie.

— O filho — disse Mike com simplicidade. — A espinha dele tinha sido quebrada e o crânio fraturado. A porta de vidro do box estava quebrada. Havia sangue pra todo lado. A mãe está no Instituto de Saúde Mental de Bangor agora. Minha… minha fonte no departamento de polícia diz que ela perdeu a sanidade.

— Não é surpresa, porra — disse Richie, com voz rouca. — Quem tem um cigarro?

Beverly deu um a ele. Rich o acendeu com mãos que tremiam muito.

— A linha da polícia é que o assassino entrou pela porta da frente enquanto a mãe do garoto Cowan estava pendurando as roupas no quintal. Quando ela subiu correndo escada acima, ele supostamente pulou da janela do banheiro no quintal do qual ela tinha acabado de sair e escapou sem ser visto. Mas a janela é uma daquelas bem pequenas. Um garoto de 7 anos teria que se espremer pra passar. E a queda era de 7,5 metros em um pátio de pedras. Rademacher não gosta de falar sobre essas coisas, e ninguém na imprensa, e certamente ninguém no *News* fez pressão pra saber mais sobre o assunto.

Mike tomou um gole de água e passou outra foto de mão em mão. Não era uma foto da

polícia; era outra foto escolar. Mostrava um garoto sorridente de uns 13 anos. Ele estava com suas melhores roupas para a foto da escola e as mãos estavam limpas e cruzadas no colo… mas havia um brilho malicioso nos olhos dele. Ele era negro.

— Jeffrey Holly — disse Mike. — Dia 13 de maio. Uma semana depois da morte do menino Cowan. Foi todo aberto. Encontrado no Parque Bassey, perto do canal.

“Nove dias depois, no dia 22 de maio, um garoto do quinto ano chamado John Feury foi encontrado morto na rua Neibolt…

Eddie deu um grito agudo e trêmulo. Pegou o aspirador e o derrubou no chão. Ele rolou até Bill, que se abaixou e pegou. O rosto de Eddie tinha ficado de um tom amarelo doentio. Sua respiração apitava friamente na garganta.

— Arrumem uma coisa pra ele beber! — rugiu Ben. — Arrumem alguma…

Mas Eddie estava balançando a cabeça. Ele disparou o aspirador na garganta. O peito subiu e desceu enquanto ele absorvia uma lufada de ar. Ele disparou o aspirador de novo e se recostou, com olhos entrefechados e ofegante.

— Vou ficar bem — disse ele, com dificuldade. — Me deem um minuto, estou com vocês.

— Eddie, tem certeza? — perguntou Beverly. — Talvez você devesse se deitar…

— Vou ficar bem — repetiu ele com mau humor. — Foi só… o choque. Isso. O choque. Eu tinha esquecido a rua Neibolt.

Ninguém respondeu; não era preciso. Bill pensou: *Você acredita que chegou ao limite da sua capacidade, e então Mike fornece outro nome, e outro, como um mágico negro com um chapéu cheio de truques malignos, e você cai sentado no chão de novo.*

Era coisa demais para encarar toda de uma vez, esse despejo de violência inexplicável, de alguma forma direcionada às seis pessoas ali presentes. Ou ao menos era o que a fotografia de George parecia sugerir.

— As duas pernas de John Feury tinham sumido — continuou Mike baixinho —, mas o legista diz que foram arrancadas depois que ele morreu. O coração dele falhou. Ele parece ter literalmente morrido de medo. Foi encontrado pelo carteiro, que viu uma mão saindo de debaixo da varanda…

— Foi no número 29, não foi? — disse Rich, e Bill olhou para ele rapidamente. Rich devolveu o olhar, assentiu de leve e olhou para Mike. — No número 29 da rua Neibolt.

— Ah, foi — disse Mike com aquela voz calma. — Foi no número 29. — Ele tomou mais água. — Você está bem mesmo, Eddie?

Eddie assentiu. A respiração estava menos ruidosa.

— Rademacher fez uma prisão no dia depois da descoberta do corpo de Feury — disse Mike. — Houve um editorial de primeira página no *News* no mesmo dia exigindo a renúncia dele, aliás.

— Depois de oito assassinatos? — disse Ben. — Radicalismo deles, você não acha?

Beverly quis saber quem foi preso.

— Um cara que mora em uma cabana na autoestrada 7, quase no limite com Newport —

disse Mike. — Meio eremita. Queima restos de madeira no fogão, fez o telhado com telhas e calotas que achou por aí. O nome é Harold Earl. Não deve ver nem a cor de 200 dólares em dinheiro ao longo de um ano inteiro. Alguém passando de carro o viu de pé na porta de casa, olhando para o céu, no dia em que o corpo de John Feury foi descoberto. As roupas dele estavam cobertas de sangue.

— Então talvez… — começou Rich com esperanças.

— Ele estava com três cervos mortos na cabana — disse Mike. — Tinha ido caçar em Haven. O sangue nas roupas era de cervo. Rademacher perguntou se ele matou John Feury, e dizem que Earl falou: "Ah, aham, matei um monte de gente. Atirei na maioria durante a guerra." Ele também disse que tinha visto coisas na floresta à noite. Luzes azuis às vezes, flutuando a centímetros do chão. Luzes de cadáver foi como ele chamou. E o Pé Grande.

"Mandaram ele pro Instituto de Saúde Mental de Bangor. De acordo com o relatório médico, o fígado dele quase não existe mais. Ele andou bebendo solvente de tintas…"

— Ah, meu Deus — disse Beverly.

— … e tem tendências a alucinações. Estão mantendo ele lá, e até três dias atrás Rademacher estava insistindo na ideia de que Earl era o suspeito mais provável. Ele mandou oito caras cavarem ao redor da cabana dele em busca das cabeças desaparecidas, de abajures feitos de pele humana e Deus sabe mais o quê.

Mike fez uma pausa com a cabeça baixa e prosseguiu. Sua voz estava ligeiramente rouca agora.

— Eu adiei e adiei. Mas quando vi esse último, fiz as ligações. Queria muito ter feito antes.

— Vamos ver — disse Ben abruptamente.

— A vítima foi outro aluno do quinto ano — disse Mike. — Colega do menino Feury. Foi encontrado ao lado da rua Kansas, perto de onde Bill escondia a bicicleta quando íamos pro Barrens. O nome dele era Jerry Bellwood. Ele foi destroçado. O que… sobrou dele foi encontrado no pé de um muro de cimento de contenção que foi construído ao longo da maior parte da rua Kansas uns vinte anos atrás pra deter a erosão do solo. Esta foto da polícia da parte do muro onde Bellwood foi encontrado foi tirada menos de meia hora depois da remoção do corpo. Aqui.

Ele passou a foto para Rich Tozier, que olhou e passou para Beverly. Ela olhou rapidamente, fez uma careta e entregou para Eddie, que olhou por bastante tempo antes de dar para Ben. Ben passou a foto para Bill com uma olhada rápida.

Havia algo escrito no muro de concreto.

VEM PRA CASA VEM PRA CASA VEM PRA CASA

Bill olhou para Mike com expressão sombria. Estava perplexo e assustado; agora sentia o

primeiro despertar da raiva. Ele ficou feliz. Raiva não era uma coisa muito boa de se sentir, mas era melhor do que o choque, melhor do que o medo infeliz.

— Está escrito com o que eu acho que está?

— Está — disse Mike. — Com o sangue de Jerry Bellwood.

5

Richie é bipado

Mike pegou as fotos de volta. Ele achava que Bill talvez pedisse a última foto escolar de George, mas ele não pediu. Mike colocou-as de volta no bolso da jaqueta e, quando não estavam mais visíveis, todos eles, inclusive ele próprio, tiveram uma sensação de alívio.

— Nove crianças — disse Beverly baixinho. — Não consigo acreditar. Quero dizer… consigo acreditar, mas não consigo acreditar. Nove crianças e nada? Absolutamente *nada?*

— Não é bem assim — disse Mike. — As pessoas estão com raiva, estão com medo… ou é o que parece. É impossível saber quem se sente assim de verdade e quem está fingindo.

— *Fingindo?*

— Beverly, você se lembra, quando éramos crianças, do homem que dobrou o jornal e entrou em casa enquanto você gritava pedindo ajuda pra ele?

Por um momento, uma coisa pareceu pular nos olhos dela, e ela se mostrou ao mesmo tempo apavorada e ciente. Em seguida, só se revelou intrigada.

— Não… quando foi isso Mike?

— Deixa pra lá. Vai voltar com o tempo. Tudo que posso dizer agora é que tudo está como deveria em Derry. Por conta dessa onda pavorosa de assassinatos, as pessoas estão fazendo todas as coisas que você esperaria que fizessem, e muitas são as mesmas que aconteceram quando crianças estavam desaparecendo e sendo assassinadas em 1958. O Comitê Salvem Nossas Crianças está se reunindo de novo, só que desta vez na Derry Elementary School em vez de na Derry High. Há 16 detetives da Procuradoria do Estado na cidade, além de um contingente de agentes do FBI. Não sei quantos, e embora Rademacher encha a boca pra falar, acho que ele também não sabe. O toque de recolher voltou…

— Ah, sim. O toque de recolher. — Ben estava esfregando a lateral do pescoço lentamente.

— Funcionou maravilhas em 1958. Me lembro bem disso.

— … e há Grupos de Mães Andarilhas que cuidam pra que todas as crianças em idade escolar, desde as menores até as de 8 anos, tenham companhia até chegarem em casa. O *News* recebeu mais de duas mil cartas exigindo soluções só nas três últimas semanas. E, é claro, a debandada recomeçou. Às vezes eu penso que é a única maneira de saber *de verdade* quem é sincero sobre querer o fim dos assassinatos e quem não é. As pessoas sinceras mesmo ficam com medo e vão embora.

— As pessoas estão mesmo indo embora? — perguntou Richie.

— Acontece todas as vezes em que o ciclo se reinicia. É impossível saber quantas pessoas vão embora porque o ciclo não cai em ano de recenseamento desde 1850. Mas é um número razoável. As pessoas saem correndo como crianças que acabaram de descobrir que a casa era mesmo assombrada, afinal.

— Vem pra casa, vem pra casa, vem pra casa — disse Beverly baixinho. Quando ela levantou o rosto, foi para Bill que olhou, não Mike. — A Coisa *queria* que a gente voltasse. Por quê?

— Ela *pode* querer todos nós de volta — disse Mike de forma um tanto enigmática. — Claro. É *possível*. Pode querer vingança. Afinal, nós detivemos ela uma vez.

— Vingança… ou colocar as coisas em ordem — disse Bill.

Mike assentiu.

— As coisas estão fora de ordem nas vidas de vocês também, sabe? Nenhum de vocês saiu de Derry ileso… sem que a Coisa deixasse marcas. Todos esqueceram o que aconteceu aqui, e suas lembranças daquele verão ainda são fragmentos. E há o fato curioso de que todos são ricos.

— Ah, para com isso! — disse Richie. — Isso não é…

— Calma, calma — disse Mike, levantando as mãos e sorrindo de leve. — Não estou acusando vocês de nada, só tentando colocar os fatos na mesa. Vocês são ricos pelos padrões de um bibliotecário de cidade pequena que ganha 11 mil dólares por ano descontados os impostos, tá?

Rich balançou os ombros do terno caro com desconforto. Ben pareceu profundamente absorto em rasgar tiras finas do guardanapo. Ninguém estava olhando diretamente para Mike, exceto Bill.

— Nenhum de vocês está na mesma categoria de H. L. Hunt, sem dúvida — disse Mike —, mas todos estão bem de vida até para os padrões da classe média alta americana. Somos todos amigos aqui, então podem confessar: se algum de vocês declarou menos de 90 mil dólares no imposto de renda de 1984, levante a mão.

Eles olharam uns para os outros quase furtivamente, constrangidos como os americanos sempre parecem ficar pelo simples fato do sucesso obtido, como se dinheiro fosse ovos cozidos e a prosperidade fosse os peidos que inevitavelmente seguem uma overdose deles. Bill sentiu as bochechas quentes e não conseguiu impedir o sangue de subir e deixar seu rosto

vermelho. Ele recebeu 10 mil a mais do que o valor que Mike mencionou só por concluir a primeira versão do roteiro de *Sótão*. Mais 20 mil dólares foram prometidos para cada uma das duas vezes que ele reescrevesse, se fosse necessário. Havia também os direitos autorais… e o volumoso adiantamento de um contrato para dois livros que ele tinha acabado de assinar… Quanto ele *declarou* no imposto de renda de 1984, afinal? Uns 800 mil dólares, não? O bastante, pelo menos, para parecer quase monstruoso à luz da renda de Mike Hanlon de 11 mil dólares por ano.

Então é isso que te pagam pra cuidar do farol, Mike, garotão, pensou Bill. *Meu Deus, você deveria ter pedido aumento em algum momento!*

Mike disse:

— Bill Denbrough, romancista de sucesso em uma sociedade com poucos e menos ainda com sorte de ganhar a vida com a arte. Beverly Rogan, que está no ramo de roupas, um campo para o qual muitos são chamados, mas poucos são escolhidos. Na verdade, ela é a estilista mais procurada da área central do país no momento.

— Ah, não sou *eu* — disse Beverly. Ela deu uma risadinha nervosa e acendeu um cigarro com a guimba do anterior. — É Tom. Tom é o cara. Sem ele, eu ainda estaria forrando saias e costurando bainhas. Não tenho o menor tino pra negócios, até Tom diz isso. É só… vocês sabem, Tom. E sorte. — Ela deu uma tragada no cigarro e soprou a fumaça.

— Tô achando que a sinhá tá reclamando muito — disse Richie com malícia.

Ela se virou rapidamente na cadeira e lançou-lhe um olhar duro, com as bochechas bem vermelhas.

— O que isso quer dizer, Richie Tozier?

— Num bate em mim, sinhá Scarlett! — gritou Richie com a voz alta, aguda e caricatural de Garoto Negro. Naquele momento, Bill conseguiu ver com clareza sinistra o garoto que conhecera; ele não era apenas uma presença existente sob o exterior adulto de Rich Tozier, mas uma criatura quase mais real do que o próprio homem. — Num bate! Vô pegá outro coquetel de hortelã, sinhá Scarlett! A sinhá pode bebê na varanda quando refrescá! Num bate nesse minino aqui!

— Você é impossível, Richie — disse Beverly friamente. — Está na hora de crescer.

Richie olhou para ela com o sorriso se transformando lentamente em incerteza.

— Até eu voltar pra cá — disse ele —, eu achei que já tinha crescido.

— Rich, você talvez seja o disc-jóquei mais bem-sucedido dos Estados Unidos — disse Mike. — Não há dúvida de que tem Los Angeles na palma da mão. Além disso, há dois programas derivados, um com a lista de quarenta músicas mais tocadas, o outro uma coisa chamada *Os Quarenta Estranhos*…

— É melhor tomar cuidado, seu tolo — disse Richie com uma voz rouca do sr. T, mas estava vermelho. — Vou trocar suas costas de lugar com a parte da frente do seu corpo. Vou fazer cirurgia no seu cérebro com o punho. Vou…

— Eddie — prosseguiu Mike, ignorando Richie —, você tem um próspero serviço de

limusines em uma cidade em que se esbarra com um carro preto e comprido a cada esquina. Duas empresas de limusine por semana decretam falência na Big Apple, mas você está indo bem.

“Ben, você deve ser o jovem arquiteto mais bem-sucedido no mundo.”

Ben abriu a boca, provavelmente para protestar, mas fechou-a de repente.

Mike sorriu para eles e abriu as mãos.

— Não quero constranger ninguém, mas quero todas as cartas na mesa. Há pessoas que chegam ao sucesso quando ainda estão jovens e há pessoas que alcançam o sucesso em profissões altamente especializadas. Se não houvesse pessoas que contrariassem o padrão de forma positiva, acho que todo mundo desistiria. Se fosse apenas um ou dois de vocês, poderíamos ver como coincidência. Mas não é apenas um ou dois. São *todos* vocês, e isso inclui Stan Uris, que foi o jovem contador mais bem-sucedido de Atlanta… o que quer dizer de todo o sul. Minha conclusão é de que o sucesso de vocês deriva do que aconteceu aqui 27 anos atrás. Se vocês tivessem sido expostos a amianto naquela época e tivessem desenvolvido câncer de pulmão, a correlação não seria menos clara e persuasiva. Alguém vai discordar?

Ele olhou para os amigos. Ninguém respondeu.

— Todos menos você — disse Bill. — O que aconteceu com você, Mikey?

— Não é óbvio? — Ele sorriu. — Eu fiquei aqui.

— Você cuidou do farol — disse Ben. Bill se virou e olhou para ele assustado, mas Ben estava olhando fixamente para Mike e não viu. — Isso não me faz sentir bem, Mike. Na verdade, me faz sentir um cocozão.

— Amém — disse Beverly.

Mike balançou a cabeça com paciência.

— Vocês não precisam sentir culpa de nada, nenhum de vocês. Vocês acham que foi minha escolha ficar aqui e que foi escolha de vocês irem embora? Caramba, nós éramos *crianças*. Por um motivo ou outro, seus pais se mudaram, e vocês eram parte da bagagem que eles levaram. Meus pais ficaram. E será que foi mesmo decisão deles, de qualquer um *deles*? Eu acho que não. Como foi decidido quem iria e quem ficaria? Por sorte? Destino? Pela Coisa? Alguma Outra Coisa? Não sei. Mas não fomos nós. Então parem.

— Você não… tem ressentimentos? — perguntou Eddie timidamente.

— Ando ocupado demais pra ter ressentimentos — disse Mike. — Passei muito tempo observando e esperando… Eu já estava esperando e observando antes mesmo de saber, eu acho, mas nos últimos cinco anos entrei no que vocês podem chamar de alerta vermelho. Na virada do ano, comecei a escrever em um diário. E quando um homem escreve, ele pensa melhor… ou talvez apenas mais especificamente. E uma das coisas sobre a qual passei um tempo escrevendo e refletindo é a natura da Coisa. A Coisa muda; nós sabemos disso. Acho que a Coisa também manipula e deixa sua marca nas pessoas pela mera natureza do que é, da mesma forma que dá pra sentir o cheiro de um gambá no corpo mesmo depois de um longo banho se ele soltar o fedor muito perto da gente. Da mesma forma como o gafanhoto cospe

fluidos na sua mão se você segurar um.

Mike desabotoou a camisa lentamente e abriu bem. Todos conseguiam ver as marcas rosadas de cicatriz na pele lisa e marrom do peito entre os mamilos.

— Da mesma forma que garras deixam marcas — disse ele.

— O lobisomem — disse Richie, quase gemendo. — Ah, Deus. Big Bill, o lobisomem! Quando voltamos à rua Neibolt!

— O quê? — perguntou Bill. Ele pareceu um homem arrancado de um sonho. — O que, Richie?

— Você não *lembra*?

— Não… você?

— Eu… eu quase lembro… — Parecendo confuso e com medo, Richie parou de falar.

— Você está dizendo que essa coisa não é má? — perguntou Eddie abruptamente para Mike. Ele estava olhando hipnotizado para as cicatrizes. — Que é apenas parte da… da ordem natural?

— Não é parte de uma ordem natural que nós entendemos ou toleramos — disse Mike, reabotoando a camisa —, e não vejo motivo pra operar a partir de qualquer base diferente da que entendemos: que a Coisa mata, mata crianças, e isso é errado. Bill entendeu antes de qualquer um de nós. Você lembra, Bill?

— Lembro que queria matar a Coisa — disse Bill, e pela primeira vez (e sempre depois disso), ele ouviu o substantivo comum ganhar status de nome próprio em sua voz. — Mas eu não tinha uma visão ampla do assunto, se é que você me entende. Eu só queria matar a Coisa porque a Coisa matou George.

— E ainda quer matar?

Bill refletiu com cautela. Olhou para as mãos abertas sobre a mesa e se lembrou de George de capa amarela, com o capuz sobre a cabeça, o barco de papel com a camada fina e brilhosa de parafina na mão. Ele olhou para Mike.

— M-M-Mais do que nunca — disse ele.

Mike assentiu como se fosse exatamente o que ele esperava.

— A Coisa deixou suas marcas em nós. Impôs sua vontade em nós, assim como fez o mesmo com toda a cidade, dia após dia, mesmo durante os longos períodos em que dorme, hiberna ou seja lá o que a Coisa faz nos intervalos… dos períodos mais movimentados.

Mike levantou um dedo.

— Mas se ela impôs a vontade a nós, em algum ponto, de alguma forma, *nós também impusemos nossa vontade a ela*. Nós impedimos a Coisa antes que ela terminasse. Sei que impedimos. Será que enfraquecemos ela? Machucamos? Será que, na verdade, quase matamos a Coisa? Acho que sim. Acho que chegamos tão perto de matar a Coisa que fomos embora achando que tínhamos conseguido.

— Mas você também não se lembra dessa parte, lembra? — perguntou Ben.

— Não. Consigo me lembrar de tudo até o dia 15 de agosto de 1958 quase perfeitamente.

Mas daí até o dia 4 de setembro, mais ou menos, quando as aulas voltaram, tudo é um vazio total. Não está enevoado nem obscuro; simplesmente desapareceu. Com uma exceção: eu me lembro de Bill gritando sobre alguma coisa chamada de postigos.

O braço de Bill tremeu de forma convulsiva. Bateu em uma das garrafas vazias de cerveja, que se estraçalhou no chão como uma bomba.

— Você se cortou? — perguntou Beverly. Ela estava começando a se levantar.

— Não — disse ele. Sua voz estava seca e áspera. Os braços estavam arrepiados. Pareceu que seu crânio tinha crescido; ele conseguia senti-lo

(os postigos)

empurrando a pele esticada do rosto em latejos firmes e entorpecedores.

— Vou pegar a…

— Não, fica sentada. — Ele queria olhar para ela, mas não conseguia. Não conseguia tirar os olhos de Mike.

— Você se lembra dos postigos, Bill? — perguntou Mike baixinho.

— Não — disse ele. A sensação que ele tinha na boca era parecida com quando o dentista se empolgava demais com a xilocaína.

— Vai lembrar.

— Por Deus, espero que não.

— Vai acabar lembrando — disse Mike. — Mas por enquanto… não. Nem eu. Alguém lembra?

Um a um, eles balançaram as cabeças.

— Mas fizemos *alguma coisa* — disse Mike baixinho. — Em algum momento, conseguimos usar alguma espécie de vontade coletiva. Em algum momento, atingimos uma compreensão especial, fosse consciente ou inconsciente. — Ele se mexeu com desconforto. — Deus, eu queria que Stan estivesse aqui. Tenho a sensação de que Stan, com a mente organizada, poderia ter alguma ideia.

— Pode ser que ele tenha tido — disse Beverly. — Pode ser por isso que se matou. Pode ser que ele tenha entendido que, se houvesse magia, ela não funcionaria com adultos.

— Mas acho que poderia funcionar — disse Mike. — Porque tem uma coisa que nós seis temos em comum. Me pergunto se algum de vocês se deu conta do que é.

Foi a vez de Bill de abrir a boca e voltar a fechar.

— Vá em frente — disse Mike. — Você sabe o que é. Consigo ver no seu rosto.

— Não *sei bem* se sei — respondeu Bill —, mas *acho* que nenhum de nós tem filhos. É i-isso?

Houve um momento de silêncio chocado.

— É — disse Mike. — É isso.

— Meu Deus do céu! — Eddie falou com indignação. — Que diabos *isso* tem a ver com o preço do feijão no Peru? O que deu a vocês a ideia de que todo mundo no mundo tem que ter filhos? Isso é loucura!

— Você e sua esposa têm filhos? — perguntou Mike.

— Se você está acompanhando todos nós como disse, sabe muito bem que não temos. Mas ainda não quer dizer absolutamente nada.

— Vocês *tentaram* ter filhos?

— Não usamos métodos contraceptivos, se é o que você quer dizer. — Eddie falou com uma estranha dignidade comovente, mas suas bochechas estavam vermelhas. — Acontece que minha esposa é meio… Ah, porra. Ela é muito gorda. Fomos a uma médica, que disse que minha esposa talvez nunca tivesse filhos se não perdesse peso. Isso faz de nós criminosos?

— Calma aí, Eds — disse Richie com voz tranquilizadora, e se inclinou na direção dele.

— Não me chame de Eds e não *ouse* beliscar minha bochecha! — gritou ele, virando-se para Richie. — Você sabe que odeio isso! *Sempre* odiei!

Richie recuou, olhando com surpresa.

— Beverly? — perguntou Mike. — E você e Tom?

— Sem filhos — disse ela. — E também sem métodos contraceptivos. Tom quer filhos… e eu também, claro — acrescentou ela de forma apressada, olhando para eles. Bill pensou que os olhos dela pareciam brilhantes demais, quase os olhos de uma atriz desempenhando muito bem seu papel. — Apenas não aconteceu ainda.

— Vocês fizeram exames? — perguntou Ben a ela.

— Ah, sim, claro — disse ela, e deu uma risadinha quase sufocada.

E em um daqueles estalos de compreensão que às vezes ocorrem a pessoas abençoadas tanto com curiosidade quanto com compreensão, Bill de repente entendeu muito sobre Beverly e o marido Tom, também conhecido como o Melhor Homem do Mundo. *Beverly* foi fazer exames de fertilidade. Seu palpite era de que o Melhor Homem do Mundo se recusou a sequer pensar na ideia de que poderia haver alguma coisa errada com o esperma sendo produzido nos Sacos Sagrados.

— E você e sua esposa, Big Bill? — perguntou Richie. — Estão tentando?

Todos olharam para ele com curiosidade… porque sua esposa era uma pessoa que eles conheciam. Audra não era nem de perto a atriz mais conhecida e mais amada do mundo, mas era parte do seleto grupo de celebridades que usava o talento como meio de troca na segunda metade do século XX. Saiu uma foto dela na revista *People* quando ela cortou o cabelo curto e, durante uma época particularmente entediante em Nova York (a peça que ela planejava fazer no circuito Off Broadway foi cancelada), ela fez uma participação de uma semana em *Hollywood Squares*, com objeções veementes de seu empresário. Ela era uma estranha cujo adorável rosto era conhecido deles. Ele achou que Beverly pareceu particularmente curiosa.

— Estamos tentando nos últimos seis anos — disse Bill. — Paramos há oito meses por causa do filme que estamos fazendo. Chama-se *Sótão*.

— Temos um programinha de entretenimento todos os dias das 17h15 às 17h30 — disse Richie. — O nome é *Vendo Estrelas*. Fizeram uma matéria sobre esse filme aí na semana passada. No estilo Marido e Mulher Trabalhando Juntos Felizes para Sempre. Disseram o

nome de vocês dois, mas nunca fiz a ligação. Engraçado, né?

— Muito — disse Bill. — Pois então, Audra disse que teríamos a maior sorte se ela ficasse grávida durante a pré-produção e ela tivesse que atuar exaustivamente por 10 semanas com enjoos matinais ao mesmo tempo. Mas queremos filhos, sim. E tentamos bastante.

— Fizeram exames de fertilidade? — perguntou Ben.

— Aham. Quatro anos atrás, em Nova York. Os médicos descobriram um pequeno tumor benigno no útero de Audra e disseram que foi sorte, porque, apesar de não impedi-la de engravidar, poderia ter provocado gravidez tubária. Mas ela e eu somos férteis.

Eddie repetiu com teimosia:

— Ainda não *prova* nada.

— Mas é sugestivo — murmurou Ben.

— Nenhum pequeno acidente com você, Ben? — perguntou Bill. Ele ficou chocado e ao mesmo tempo achou engraçado o fato de que sua boca quase falou Ben Monte de Feno.

— Não me casei, sempre tomei cuidado e não houve nenhum processo de paternidade — disse Ben. — Fora isso, acho que não tenho como saber de verdade.

— Querem ouvir uma história engraçada? — perguntou Richie. Ele estava sorrindo, mas não havia sorriso em seus olhos.

— Claro — disse Bill. — Você sempre foi bom com as coisas engraçadas, Richie.

— Sua cara e minha bunda, camarada — disse Richie com a voz do Policial Irlandês. Foi uma *excelente* Voz de Policial Irlandês. *Você melhorou demais, Richie*, pensou Bill. *Quando criança, você não conseguia fazer um Policial Irlandês por mais que se esforçasse. Exceto uma vez… ou duas… quando*

(os postigos)

foi?

— Sua cara e minha bunda. É bom se lembrar da comparação, meu querido camarada.

Ben Hanscom de repente tapou o nariz e gritou em uma voz trêmula de garoto:

— Bip-bip, Richie! Bip-bip! Bip-bip!

Depois de um momento, Eddie, rindo, tapou o nariz e se juntou a ele. Beverly fez o mesmo.

— Tudo bem! Tudo bem! — gritou Richie, também rindo. — Tudo bem, eu desisto! Pelamor de Deus!

— Ah, cara — disse Eddie. Ele se encostou na cadeira rindo tanto que estava quase chorando. — Te pegamos desta vez, Boca de Lixo. Isso aí, Ben.

Ben estava sorrindo, mas parecia meio perplexo.

— Bip-bip — disse Bev, e riu. — Eu tinha me esquecido *disso*. A gente sempre bipava você, Richie.

— Vocês nunca apreciaram um verdadeiro talento, só isso — disse Richie confortavelmente. Como antigamente, dava para tirar o equilíbrio dele, mas ele era como um daqueles bonecos joões-bobos infláveis com areia na base: voltava a ficar de pé quase imediatamente. — Essa foi uma das suas pequenas contribuições pro Clube dos Otários, não

foi, Monte de Feno?

— É, acho que foi.

— Que homem! — disse Richie com voz trêmula e impressionada, e começou a fazer salamaleques por cima da mesa, quase enfiando o nariz na xícara de chá cada vez que se inclinava. — Que homem! Ah, caramba, que homem!

— Bip-bip, Richie — disse Ben solenemente, e explodiu em gargalhadas em um tom barítono intenso completamente diferente da voz falhada da infância. — Você é o mesmo papa-léguas de sempre.

— Vocês querem ouvir essa história ou não? — perguntou Richie. — Não é nada de mais. Podem bipar se quiserem. Eu aguento. Vocês estão olhando pra um cara que já entrevistou o Ozzy Osbourne.

— Conta — disse Bill.

Ele olhou para Mike e viu que ele parecia mais feliz, ou pelo menos mais descansado, desde que o almoço começou. Seria por ter visto a reunião quase inconsciente que estava acontecendo, o tipo de volta tranquila aos velhos papéis que quase nunca acontecia quando velhos amigos se reencontravam? Bill achava que sim. E pensou: *Se existirem certas precondições para a crença na magia que tornam possíveis o uso da magia, então talvez essas precondições inevitavelmente se ajeitem.* Não era um pensamento muito reconfortante. Fez com que ele se sentisse como um homem preso na ogiva de um míssil guiado.

Bip-bip mesmo.

— Bem — disse Richie —, eu poderia tornar essa história longa e triste ou poderia dar a versão em quadrinhos no estilo Blondie e Dagoberto, mas vou escolher o meio-termo. Um ano depois que me mudei pra Califórnia, conheci uma garota e nos apaixonamos. Fomos morar juntos. Ela tomava pílula no começo, mas acabava ficando enjoada quase o tempo todo. Ela falou em colocar um DIU, mas eu não me animei muito. As primeiras histórias de que a proteção não era completa estavam começando a aparecer nos jornais.

“A gente tinha conversado muito sobre filhos e decidido que não queria, mesmo se oficializasse o relacionamento. Era irresponsável botar filhos em um mundo tão ruim, perigoso, cheio de gente… e blá-blá-blá, mi-mi-mi, vamos sair e colocar uma bomba no banheiro masculino do Bank of America, voltar pra cama, fumar maconha e falar sobre as diferenças entre o maoismo e o trotskismo, se é que vocês me entendem.

“Pode ser que eu esteja sendo duro demais comigo mesmo e com ela. Merda, éramos idealistas jovens e irresponsáveis. A consequência foi que mandei cortar a fiação, como diz o pessoal de Beverly Hills com o irremediável jeito vulgar chique. A cirurgia ocorreu sem problemas e não sofri efeitos colaterais. Pode acontecer, sabe? Tive um amigo cujas bolas incharam até ficarem do tamanho dos pneus de um Cadillac 1959. Eu ia dar pra ele um suspensório e uns barris de aniversário, coisa chique de estilista mesmo, mas murcharam antes disso.”

— Tudo dito com o tato e a dignidade de sempre — comentou Bill, e Beverly começou a

gargalhar de novo.

Richie deu um sorriso largo e sincero.

— Obrigado, Bill, pelas palavras de apoio. A palavra “porra” foi usada 206 vezes no seu último livro. Eu contei.

— Bip-bip, Boca de Lixo — disse Bill solenemente, e todos riram. Bill achava quase impossível acreditar que eles estavam falando sobre crianças mortas menos de dez minutos antes.

— Segue em frente, Richie — disse Ben. — Está ficando tarde.

— Sandy e eu moramos juntos durante dois anos e meio — prosseguiu Richie. — Chegamos bem perto de nos casarmos duas vezes. No fim das contas, acho que evitamos muito sofrimento e toda aquela merda de construção de comunidade ao manter o relacionamento simples. Ela recebeu uma proposta de entrar de sócia em uma firma de advocacia em Washington na mesma época em que recebi a proposta de ir para a KLAD como DJ de fim de semana. Não era muito, mas era botar o pé na porta de entrada. Ela me disse que era sua grande oportunidade e que eu devia ser o porco chauvinista mais insensível dos Estados Unidos por bater o pé, e além do mais ela estava de saco cheio da Califórnia. Falei pra ela que *também* tinha uma oportunidade. Falamos mal das propostas, falamos mal um do outro, e no fim de tanto falar mal, Sandy foi embora.

“Um ano depois disso, decidi tentar reverter a vasectomia. Não tinha nenhum motivo específico para isso, e sabia pelo que tinha lido que as chances eram poucas, mas pensei em tentar mesmo assim.”

— Você estava namorando alguém na época? — perguntou Bill.

— Não. Essa é a parte curiosa — disse Richie, franzindo a testa. — Só acordei um dia com um… sei lá, um desejo de mandar reverter.

— Você devia estar louco — disse Eddie. — Anestesia geral em vez de local? Cirurgia? Talvez uma semana no hospital depois?

— É, o médico me disse tudo isso — respondeu Richie. — E falei pra ele que queria fazer mesmo assim. Não sei por quê. O médico me perguntou se eu entendia que o pós-operatório seria doloroso e que o resultado era uma mera questão de sorte. Eu disse que sim. Ele concordou, e perguntei quando. Minha ideia era quanto antes, melhor. Então ele diz segura a onda, filho, segura a onda, o primeiro passo é fazer uma análise do seu esperma pra ver se a operação é mesmo necessária. Eu disse: “Pare com isso, fiz o exame depois da vasectomia. Ela deu certo.” Ele me disse que às vezes os vasos se reconectavam espontaneamente. “Caramba!”, eu digo. “Ninguém nunca me contou isso.” Ele disse que as chances eram poucas, infinitesimais, até, mas como a operação era muito séria, ele precisava verificar. Assim, fui pro banheiro masculino com um catálogo de lingerie da Frederick’s of Hollywood e gozei em um copinho…

— Bip-bip, Richie — disse Beverly.

— É, você está certa — disse Richie. — A parte sobre o catálogo é mentira. Nunca tem

nada de bom em um consultório médico. Enfim, o médico me chamou três dias depois e perguntou o que eu queria primeiro, a boa ou a má notícia.

"'Me dá a boa notícia primeiro', eu disse.

"'A boa notícia é que a cirurgia não vai ser necessária', disse ele. 'A má notícia é que qualquer pessoa com quem você tenha ido pra cama nos últimos dois ou três anos pode aparecer com um processo de paternidade a qualquer momento.'

"'Você está dizendo o que acho que está dizendo?', eu perguntei.

"'Estou dizendo que seus disparos estão vindo carregados já tem um tempo', disse ele. 'Tem milhões de coisinhas se remexendo na sua amostra de esperma. Seus dias de se divertir sem proteção e sem perguntar nada estão temporariamente cancelados, Richard.'

"Eu agradeci e desliguei. Depois, liguei pra Sandy em Washington.

"'Rich', diz ela." A voz de Richie de repente virou a dessa garota Sandy, que ninguém ali conhecia. Não era uma imitação nem uma voz parecida, não exatamente. Era mais uma pintura auditiva. "'Que bom ter notícias suas! Eu me casei!'

"'É, que ótimo', eu disse. 'Você devia ter me avisado. Eu teria mandado um liquidificador de presente.'

"Ela diz: 'O mesmo Richie de sempre, cheio de piadinhas.'

"E eu disse: 'Claro, o mesmo Richie de sempre, cheio de piadinhas. Aliás, Sandy, você por acaso não teve um filho depois que foi embora de Los Angeles, né? Ou um aborto espontâneo?'

"'Não é engraçado, Rich', disse ela, e tive a sensação de que ela estava prestes a desligar na minha cara. Então, contei o que aconteceu. Ela começou a gargalhar, mas desta vez com muita vontade. Estava rindo da forma como eu ria com vocês, como se alguém tivesse contado a maior piada do mundo. Quando ela começa a diminuir o ritmo, eu pergunto o que é tão engraçado. 'É que é tão maravilhoso', disse ela. 'Desta vez, a vítima da piada é você. Depois de tantos anos, a piada finalmente é sobre Discos Tozier. Quantos filhos bastardos você teve desde que vim pro leste, Rich?'

"'Posso concluir que isso quer dizer que você ainda não vivenciou as alegrias da maternidade?', eu pergunto.

"'Vai nascer em julho', diz ela. 'Mais alguma pergunta?'

"'Sim', eu digo. 'Quando você mudou de ideia sobre a imoralidade de botar filhos em um mundo tão horrível?'

"'Quando finalmente conheci um homem que não era horrível', responde ela, e desliga."

Bill começou a rir. Riu até lágrimas rolarem pelas bochechas.

— É — disse Richie. — Acho que ela desligou rápido pra poder ter a última palavra, mas ela poderia ter ficado na linha o dia inteiro que teria sido igual. Sei quando fui vencido. Voltei ao médico uma semana depois e perguntei se ele podia ser um pouco mais claro quanto às chances de esse tipo de regeneração espontânea acontecer. Ele disse que tinha conversado com alguns colegas sobre o assunto. Acontece que, no período de três anos entre 1980 e 1982,

a filial da Califórnia da Associação Americana de Médicos registrou 23 relatos de regeneração espontânea. Seis foram cirurgias malfeitas. Outros seis foram mentira, caras tentando arrancar uma indenização do médico. Então… 11 casos de verdade em três anos.

— Onze dentre quantos? — perguntou Beverly.

— Vinte e oito mil, seiscentos e dezoito — disse Richie calmamente.

Silêncio ao redor da mesa.

— Ganhei a loteria holandesa — disse Richie —, mas ainda não tenho filho pra provar. Isso te faz dar umas boas hahas, Eds?

Eddie começou a falar com teimosia:

— Ainda não *prova*…

— Não — disse Bill —, não prova nada. Mas sugere uma ligação. A questão é o que fazemos agora. Você já pensou nisso, Mike?

— Pensei, claro — disse Mike —, mas foi impossível decidir qualquer coisa antes de vocês voltarem e nós conversarmos como estamos conversando. Não havia como eu prever como esse reencontro seria até que acontecesse.

Ele fez uma longa pausa e olhou para eles de forma pensativa.

— Tenho uma ideia — disse ele —, mas antes de falar qual é, acho que temos que concordar se temos ou não coisas a fazer aqui. Queremos tentar de novo fazer o que tentamos antes? Queremos tentar matar a Coisa de novo? Ou só dividimos a conta por seis e voltamos pro que estávamos fazendo antes?

— Parece que… — começou Beverly, mas Mike balançou a cabeça para ela. Ele não tinha terminado.

— Vocês precisam entender que nossas chances de sucesso são impossíveis de prever. Sei que não são boas, assim como sei que seriam um pouco melhores se Stan também estivesse aqui. Mesmo assim, não seriam boas, mas melhores. Sem Stan, o círculo que fizemos naquele dia está quebrado. Acho que não podemos realmente destruir a Coisa, nem mesmo mandar ela pra longe por um tempo como fizemos antes com o círculo quebrado. Acho que a Coisa vai matar a gente, um a um a um, e provavelmente de formas horrendas. Quando crianças, formamos um círculo completo de alguma forma que não entendo até hoje. Acho que, se concordarmos em ir em frente, teremos que tentar formar um círculo menor. Não sei se pode ser feito. Acredito que deve ser possível *pensar* que conseguimos para acabarmos descobrindo quando for tarde demais… se… que era tarde demais.

Mike olhou para eles de novo, com olhos afundados e cansados no rosto escuro.

— Assim, acho que precisamos votar. Ficar e tentar de novo ou ir pra casa. Essas são as escolhas. Eu trouxe vocês aqui pela força de uma velha promessa da qual eu nem sabia se vocês se lembrariam, mas não posso segurar vocês aqui por causa dessa promessa. Os resultados seriam ainda piores.

Ele olhou para Bill, e naquele momento Bill entendeu o que viria depois. Ele temia, mas não podia impedir, e então, com a mesma sensação de alívio que imaginava sentir um suicida

quando tira as mãos do volante de um carro em alta velocidade e apenas as usa para cobrir os olhos, ele aceitou. Mike os tinha levado até ali, Mike tinha preparado tudo para eles… e agora estava passando adiante o manto da liderança. Ele pretendia que o manto voltasse para a pessoa que o usou em 1958.

— O que você diz, Big Bill? Faça a pergunta.

— Antes que eu faça — disse Bill —, t-todo mundo *entendeu* a pergunta? Você ia dizer alguma coisa, Bev.

Ela balançou a cabeça.

— Muito bem; a-acho que a pergunta é: ficamos e lutamos ou esquecemos a coisa toda? Quem é a favor de ficar?

Ninguém da mesa se moveu durante talvez cinco segundos, e Bill lembrou-se de leilões a que assistiu em que o preço de um item subia para a estratosfera de repente e os que não queriam mais dar lances ficavam praticamente como estátuas; as pessoas tinham medo de se coçar ou afastar uma mosca do nariz por medo de o leiloeiro achar que era um lance de mais 5 mil ou 25 mil.

Bill pensou em Georgie, Georgie que nunca fez mal a ninguém, que só queria sair de casa depois de ficar preso uma semana inteira, Georgie com as bochechas vermelhas, o barco de papel na mão, fechando os botões da capa amarela com a outra, Georgie agradecendo a ele… e se inclinando e beijando a bochecha febril de Bill. *Obrigado, Bill. É um barco legal.*

Ele sentiu a antiga fúria crescer dentro de si, mas estava mais velho agora e sua perspectiva era mais ampla. Não era apenas Georgie agora. Uma série horrenda de nomes marchou por sua cabeça: Betty Ripsom, encontrada congelada no chão, Cheryl Lamonica, tirada de dentro do Kenduskeag, Matthew Clements, arrancado do triciclo, Veronica Grogan, com 9 anos e encontrada em um esgoto, Steven Johnson, Lisa Albrecht, todos os outros, e só Deus sabia quantos mais dos desaparecidos.

Ele levantou a mão lentamente e disse:

— Vamos matar a Coisa. Desta vez, vamos matar a Coisa de verdade.

Por um momento, sua mão ficou no alto sozinha, como a mão do único garoto da sala que sabe a resposta certa, o que todos os outros odeiam. E então Richie suspirou, levantou a mão e disse:

— Que diabos. Não pode ser pior do que entrevistar Ozzy Osbourne.

Beverly levantou a mão. Seu rosto tinha recuperado a cor, mas em placas assimétricas que surgiram em suas bochechas. Ela parecia tremendamente excitada e morrendo de medo ao mesmo tempo.

Mike levantou a mão.

Ben levantou a mão.

Eddie Kaspbrak ficou sentado na cadeira, parecendo querer se fundir nela e desaparecer. O rosto dele, magro e com aparência delicada, ficou terrivelmente apavorado quando ele olhou primeiro para a direita, depois para a esquerda e por fim para Bill. Por um momento, Bill teve

certeza de que Eddie simplesmente empurraria a cadeira, ficaria de pé e sairia da sala sem olhar para trás. Mas ele ergueu a mão no ar e agarrou a bombinha com força com a outra.

— Muito bem, Eds — disse Richie. — Vamos dar umas boas hahas desta vez, aposto.

— Bip-bip, Richie — disse Eddie com voz trêmula.

6

Os Otários comem sobremesa

— Qual é sua ideia, Mike? — perguntou Bill. O clima tinha sido quebrado por Rose, a hostess, que entrou com um prato de biscoitos da sorte. Ela olhou para as seis pessoas com a mão no alto com uma falta de curiosidade cuidadosamente educada. Elas as abaixaram rapidamente, e ninguém disse nada até Rose sair de novo.

— É bem simples — disse Mike —, mas pode ser bastante perigosa também.

— Manda ver — disse Richie.

— Acho que devemos nos separar durante o resto do dia. Acho que cada um deve voltar pro lugar em Derry do qual se lembra melhor… sem ser o Barrens, claro. Acho que nenhum de nós deveria ir lá, ainda não. Encarem como passeios a pé, se quiserem.

— Com que propósito, Mike? — perguntou Ben.

— Não sei direito. Vocês precisam entender que estou seguindo a intuição aqui…

— Mas essa tem uma batida boa e dá pra dançar com ela — disse Richie.

Os outros sorriram. Mike, não. Ele só assentiu.

— É uma boa forma de expressar. Seguir a intuição é como sentir uma batida e dançar acompanhando. Usar a intuição é uma coisa difícil pra adultos fazerem, e é o motivo principal de eu achar que pode ser a coisa certa. Crianças, afinal, funcionam baseadas nela oitenta por cento do tempo, pelo menos até uns 14 anos.

— Você está falando de nos conectarmos de volta à situação — disse Eddie.

— Acho que sim. De qualquer modo, essa é minha ideia. Se vocês não se lembrarem de algum lugar específico pra onde ir, sigam os pés e vejam onde vão parar. Nos encontramos hoje à noite na biblioteca pra conversar sobre o que aconteceu.

— Se *alguma coisa* acontecer — disse Ben.

— Ah, eu acho que coisas vão acontecer.

— Que tipo de coisas? — perguntou Bill.

Mike balançou a cabeça.

— Não faço ideia. Acho que o que acontecer deve ser desagradável. Acho que é até possível que algum de nós não apareça na biblioteca hoje à noite. Não tenho motivo especial pra achar isso… exceto pela intuição de novo.

As palavras dele foram recebidas com silêncio.

— Por que sozinhos? — perguntou Beverly. — Se temos que fazer isso em grupo, por que você quer que comecemos sozinhos, Mike? Principalmente se o risco for mesmo alto como você acha que é?

— Acho que posso responder isso — disse Bill.

— Vá em frente, Bill — disse Mike.

— *Começou* pra cada um de nós quando estávamos sozinhos — disse Bill para Beverly. — Não me lembro de tudo, ainda não, mas me lembro disso. A foto no quarto de George que se mexeu. A múmia de Ben. O leproso que Eddie viu debaixo da varanda da rua Neibolt. Mike encontrando o sangue na grama perto do canal no Parque Bassey. E o pássaro… havia alguma coisa com um pássaro, não havia, Mike?

Mike assentiu com seriedade.

— Um pássaro grande.

— Sim, mas não simpático como o da Vila Sésamo. — Richie gargalhou loucamente. — A resposta de Derry a James Brown Manda Bem! Ah, caramba, somos abençoados ou não somos?

— Bip-bip, Richie — disse Mike, e Richie parou.

— Com você foi a voz no cano e o sangue que saiu do ralo — disse Bill para Beverly. — E com Richie… — Mas ele fez uma pausa, intrigado.

— Devo ser a exceção que prova a regra, Big Bill — disse Richie. — A primeira vez que tive contato com qualquer coisa estranha naquele verão, e estou falando de estranho de verdade, foi no quarto de George, com você. Quando você e eu voltamos pra sua casa naquele dia e olhamos o álbum de fotos dele. A foto da rua Center perto do canal começou a se mover. Você lembra?

— Lembro — disse Bill. — Mas você tem certeza de que não houve nada antes, Richie? Nada mesmo?

— Eu… — Alguma coisa brilhou nos olhos de Richie. Ele falou lentamente: — Bem, teve o dia em que Henry e os amigos correram atrás de mim. Foi antes do fim das aulas, e escapei deles no departamento de brinquedos da Freese's. Passei pelo City Center e me sentei em um banco de parque por um tempo, e pensei ter visto… mas foi só um *sonho*.

— O quê? — perguntou Beverly.

— Nada — disse Richie quase bruscamente. — Um sonho. De verdade. — Ele olhou para

Mike. — Mas não me importo de caminhar. Vai matar o tempo. Uma visita ao antigo lar.

— Então estamos de acordo? — perguntou Bill.

Eles assentiram.

— E vamos nos encontrar na biblioteca de noite às… que horas você sugere, Mike?

— Às 19 horas. Toquem a campainha se chegarem depois. A biblioteca fecha às 19 horas em dias de semana até que comecem as férias de verão das crianças.

— Às 19, então — disse Bill, e passou os olhos sobriamente por eles. — E tomem cuidado. Vocês devem lembrar que nenhum de nós sabe bem o que estamos f-fa-fazendo. Pense nisso como um reconhecimento. Se virem alguma coisa, não lutem. Corram.

— Sou amante, não lutador — disse Richie com uma voz sonhadora de Michael Jackson.

— Bem, se vamos fazer isso mesmo, é melhor irmos logo — disse Ben. Um pequeno sorriso levantava o canto de seus lábios. Era mais amargo do que divertido. — Mas não tenho a menor ideia de para onde estou indo, se o Barrens está de fora. Era o melhor de tudo pra mim, ir pra lá com vocês. — Seus olhos se deslocaram até Beverly, ficaram ali por um momento, se afastaram. — Não consigo pensar em outro lugar que signifique tanto pra mim. Acho que só vou andar por aí umas horinhas, pra olhar as construções e ficar com os pés molhados.

— Você vai encontrar um lugar pra ir, Monte de Feno — disse Richie. — Visite algum dos seus velhos pontos de parada pra comida e encha o tanque.

Ben riu.

— Minha capacidade caiu muito desde os 11 anos. Estou tão cheio que vocês talvez tenham que me empurrar rolando daqui.

— Bem, estou pronto — disse Eddie.

— Esperem um segundo! — gritou Beverly quando eles começaram a se levantar. — Os biscoitos da sorte! Não se esqueçam deles!

— É — disse Richie. — Já consigo ver o meu. VOCÊ VAI SER COMIDO POR UM MONSTRO ENORME. TENHA UM ÓTIMO DIA.

Eles riram, e Mike passou a tigela de biscoitos pra Richie, que pegou um e passou adiante. Bill reparou que ninguém abriu o biscoito até todos estarem com um na mão; eles ficaram sentados com os pequenos biscoitos curvados sobre a mesa ou na mão, e quando Beverly ainda sorrindo pegou o dela, Bill sentiu um grito crescendo na garganta: *Não! Não, não façam isso, é parte de tudo, coloquem de volta, não abram!*

Mas era tarde demais. Beverly já tinha aberto o dela, Ben estava fazendo o mesmo, Eddie estava cortando o seu com a ponta do garfo, e pouco antes de o sorriso de Beverly virar uma careta de horror, Bill teve tempo de pensar: *Nós sabíamos, de alguma forma nós sabíamos, porque ninguém simplesmente mordeu o biscoito da sorte. Seria a coisa normal a fazer, mas ninguém fez. De alguma forma, uma parte de nós ainda se lembra… de tudo.*

E para ele, essa certeza insensata foi a percepção mais apavorante de todas; representava com mais eloquência do que Mike poderia ter exprimido a certeza e a profundidade do efeito

da Coisa em cada um deles… e como o efeito da Coisa ainda estava agindo sobre eles.

Sangue jorrou do biscoito da sorte de Beverly como se de uma artéria cortada. Escorreu pela mão dela e no guardanapo branco que cobria a mesa, manchando-o de vermelho intenso, que foi absorvido e se espalhou em dedos rosados.

Eddie Kaspbrak deu um grito estrangulado e se afastou da mesa com confusão revoltada tão repentina de braços e pernas que a cadeira quase virou. Um inseto enorme, com carapaça quitinosa de um amarelo-amarronzado feio, estava saindo do biscoito da sorte dele como se de um casulo. Seus olhos de obsidiana olhavam cegamente para a frente. Quando ele andou para o pratinho de pão de Eddie, migalhas de biscoito caíram de suas costas em um pequeno jorro que Bill ouviu claramente e que voltou para assombrar seus sonhos quando ele dormiu um pouco no fim daquela tarde. Depois de se libertar completamente, ele esfregou as pernas finas de trás, o que gerou um zumbido seco e agudo, e Bill percebeu que era uma espécie de grilo com uma mutação terrível. Ele chegou à beirada do prato e caiu na toalha de costas para baixo.

— Ah, Deus! — disse Richie com voz engasgada. — Ah Deus Big Bill é um olho meu bom Deus é um olho a porra de um *olho*…

Bill virou a cabeça e viu Richie olhando fixamente para o biscoito da sorte, com lábios repuxados sobre os dentes em uma espécie de careta enojada. Um pedaço do biscoito tinha caído na toalha, deixando à mostra um buraco pelo qual um olho humano espiava com intensidade vidrada. Migalhas estavam espalhadas pela íris castanha e incorporadas à esclera.

Ben Hanscom jogou o dele. Não foi um gesto calculado, mas a reação assustada de uma pessoa completamente surpreendida por algo bem horrível. Quando seu biscoito da sorte rolou pela mesa, Bill viu dois dentes dentro do vão, com raízes escuras e sangue coagulado. Eles batiam um no outro como sementes em uma abóbora sem o miolo.

Ele olhou de novo para Beverly e viu que ela estava pegando fôlego para gritar. Os olhos dela estavam fixos na coisa que tinha saído do biscoito de Eddie, a coisa que agora chutava com as pernas lentas enquanto ficava deitada virada sobre a toalha de mesa.

Bill começou a se mover. Não estava pensando, só reagindo. *Intuição*, pensou ele loucamente ao sair correndo da cadeira e colocar a mão sobre a boca de Beverly antes que ela pudesse dar o grito. *Aqui estou eu, agindo baseado na intuição. Mike devia sentir orgulho de mim.*

O que saiu da boca de Beverly não foi um grito, mas um “*mmmmph*” estrangulado.

Eddie estava fazendo aqueles sons de apito de que Bill se lembrava tão bem. Não tinha problema nenhum, uma boa borrifada do chupador de pulmão deixaria Eddie bem. Firme como um tripé, teria dito Freddie Firestone, e Bill se perguntou, não pela primeira vez, por que uma pessoa tinha pensamentos tão estranhos em um momento assim.

Ele olhou para os outros intensamente, e o que saiu foi outra coisa daquele verão, uma coisa que parecia impossivelmente arcaica e perfeitamente certa:

— Pianinho! Todo mundo! Nem um pio! Todo mundo *pianinho*!

Rich passou a mão pela boca. A pele de Mike tinha ficado cinza como sujeira, mas ele assentiu para Bill. Todos se afastaram da mesa. Bill não tinha aberto seu biscoito da sorte, mas agora conseguia ver a parte de dentro se movendo lentamente, inflando e murchando, inflando e murchando, inflando e murchando, enquanto seu brinde da festa tentava sair.

— *Mmmmmph!* — disse Beverly debaixo da mão dele, com o hálito fazendo cócegas na palma.

— Pianinho, Bev — disse ele, e afastou a mão.

O rosto dela parecia ser ocupado só pelos olhos. A boca tremeu.

— Bill… Bill, você viu… — Os olhos dela voltaram para o grilo e permaneceram nele. O grilo parecia estar morrendo. Os olhos enrugados se fixaram nela, e imediatamente Beverly começou a gemer.

— P-P-Para com isso — disse ele em tom sombrio. — Vai pra perto da mesa.

— Não consigo, Billy, não consigo chegar perto daquela co…

— Consegue! Você *p-precisa*! — Ele ouviu passos leves e rápidos no curto corredor do outro lado da cortina de contas. Ele olhou ao redor, para os outros. — Todos vocês! Cheguem perto da mesa! Conversem! Ajam com naturalidade!

Beverly olhou para ele implorando, e Bill balançou a cabeça. Ele se sentou e puxou a cadeira, tentando não olhar para o biscoito da sorte sobre o prato. Ele tinha inchado a um tamanho inimaginável, uma bolha se enchendo de pus. E ainda pulsava lentamente. *Eu poderia ter mordido isso*, pensou ele.

Eddie disparou a bombinha na garganta, jogando névoa nos pulmões com um som agudo e estridente.

— Quem você acha que vai vencer o campeonato? — Bill perguntou a Mike, sorrindo insanamente. Rose entrou pela cortina naquele momento, com o rosto educadamente indagatório. Com o canto do olho, Bill viu que Bev tinha se aproximado da mesa. *Boa menina*, pensou ele.

— Acho que os Chicago Bears estão com boa chance — disse Mike.

— Está tudo bem? — perguntou Rose.

— T-tudo ótimo — disse Bill. Ele apontou para Eddie com o polegar. — Nosso amigo teve um ataque de asma. Já tomou o remédio e está melhor agora.

Rose olhou para Eddie com preocupação.

— Melhor — disse Eddie com voz aguda.

— Querem que eu retire a mesa agora?

— Daqui a pouco — disse Mike, e ofereceu um sorriso largo e falso.

— Estava bom? — Os olhos dela percorreram a mesa de novo, com uma camada de dúvida sobre um poço profundo de serenidade. Ela não viu o grilo, o olho, os dentes nem a forma como o biscoito de Bill parecia estar respirando. Seu olhar passou também sobre a mancha de sangue na toalha de mesa sem se incomodar.

— Tudo estava muito bom — disse Beverly, e sorriu. Foi um sorriso mais natural do que

os de Bill e Mike. Isso pareceu tranquilizar Rose, convencê-la de que, se alguma coisa deu errado ali dentro, não era culpa do serviço de Rose nem da cozinha. *A garota tem muita coragem*, pensou Bill.

— A sorte dos biscoitos foi boa? — perguntou Rose.

— Bem — disse Richie —, não sei quanto aos outros, mas vou ficar de olho na minha.

Bill ouviu um estalo rápido. Olhou para o prato e viu uma perna saindo cegamente do biscoito da sorte. A perna arranhou o prato.

Eu poderia ter mordido isso, pensou ele de novo, mas manteve o sorriso.

— Muito boa — disse ele.

Richie estava olhando para o prato de Bill. Uma enorme mosca preta-acinzentada estava nascendo rapidamente em meio ao biscoito despedaçado. Ela zumbiu em tom baixo. Gosma amarela escorreu do biscoito e fez uma poça na toalha. Havia um cheiro agora, o cheiro denso e pungente de um ferimento infeccionado.

— Bem, se não posso ajudar em nada neste momento…

— Neste momento, não — disse Ben. — Mas foi uma refeição maravilhosa. Muito… muito diferente.

— Vou deixá-los, então — disse ela, e fez uma reverência, saindo pela cortina de contas. As contas ainda estavam balançando e estalando quando todos se afastaram da mesa de novo.

— O que é? — perguntou Ben baixinho, olhando para a coisa no prato de Bill.

— Uma mosca — disse Bill. — Uma mosca mutante. Cortesia de um escritor chamado George Langlahan, eu acho. Ele escreveu uma história chamada “A mosca”. Foi feito um filme baseado nela, um filme não muito bom. Mas a história me assustou pra caramba. A Coisa voltou a usar seus velhos truques. Essa coisa da mosca anda muito na minha cabeça porque estou pensando em um romance. Andei pensando em chamar de *Insetos de estrada*. Sei que o nome é m-meio idiota, mas sabem…

— Com licença — disse Beverly com voz distante. — Acho que preciso vomitar.

Ela sumiu antes que qualquer um dos homens pudesse se levantar.

Bill balançou o guardanapo e jogou por cima da mosca, que era do tamanho de um pardal bebê. Nada grande assim poderia sair de uma coisa tão pequena quanto um biscoito da sorte chinês… mas saiu. Ela zumbiu duas vezes debaixo do guardanapo e ficou em silêncio.

— Jesus — disse Eddie baixinho.

— Vamos sair dessa porra de lugar — disse Mike. — Podemos nos encontrar com Beverly no saguão.

Beverly estava saindo do banheiro feminino quando eles se reuniram em frente à caixa registradora. Estava pálida, mas recomposta. Mike pagou a conta, beijou a bochecha de Rose e todos saíram para a tarde chuvosa.

— Isso faz alguém mudar de ideia? — perguntou Mike.

— Acho que não pra mim — disse Ben.

— Não — disse Eddie.

— Que ideia? — disse Richie.

Bill balançou a cabeça e olhou para Beverly.

— Eu fico — disse ela. — Bill, o que você quis dizer com a Coisa voltou a usar seus velhos truques?

— Andei pensando em escrever uma história sobre insetos — disse ele. — Aquela história de Langlahan se entranhou no meu pensamento. Assim, vi uma mosca. O seu era sangue, Beverly. Por que você estava com sangue na cabeça?

— Acho que por causa do sangue no ralo — disse Beverly imediatamente. — O sangue que saiu do ralo do banheiro na minha antiga casa, quando eu tinha 11 anos. — Mas era mesmo isso? Ela achava que não. Porque o que passou imediatamente na cabeça dela quando o sangue jorrou em seus dedos como um jato quente foi a pegada de sangue que ela deixou quando pisou no vidro de perfume quebrado. Tom. E

(Bevvie, às vezes me preocupo muito*)*

o pai.

— Você também tirou um inseto — disse Bill para Eddie. — Por quê?

— Não apenas um inseto — disse Eddie. — Um *grilo*. Tem grilos no nosso porão. Uma casa de 200 mil dólares e não conseguimos nos livrar dos grilos. Eles nos enlouquecem à noite. Duas noites antes de Mike ligar, tive um pesadelo horrível. Sonhei que acordei e minha cama estava cheia de grilos. Eu estava tentando disparar nele com minha bombinha, mas quando eu apertava, ela só dava uns estalos, e logo que acordei percebi que ela também estava cheia de grilos.

— A hostess não viu nada — disse Ben. Ele olhou para Beverly. — Como seus pais nunca viram o sangue que saiu do ralo, mesmo estando por toda parte.

— É — disse ela.

Eles ficaram se olhando sob a chuva fina de primavera.

Mike olhou para o relógio.

— Um ônibus vai passar em uns 20 minutos — disse ele —, ou posso levar quatro de vocês no carro se nos apertarmos. Ou posso chamar uns táxis. O que vocês preferirem.

— Acho que vou andando — disse Bill. — Não sei pra onde vou, mas um pouco de ar fresco parece uma boa ideia agora.

— Vou pedir um táxi — disse Ben.

— Divido com você se você me deixar no centro — disse Richie.

— Tá. Pra onde você vai?

Richie deu de ombros.

— Ainda não sei direito.

Os outros preferiram esperar o ônibus.

— Sete da noite — lembrou Mike. — E tomem cuidado, pessoal.

Eles concordaram em tomar cuidado, embora Bill não soubesse como se podia fazer uma promessa assim quando lidando com uma enorme quantidade de fatores desconhecidos.

Ele ia falar isso, mas olhou para os rostos deles e viu que eles já sabiam.

Bill saiu andando e ergueu uma das mãos para se despedir. O ar enevoado provocava uma sensação boa contra o rosto. A caminhada de volta para a cidade seria longa, mas não tinha problema. Ele tinha muito em que pensar. Estava feliz de o reencontro ter acabado e a ação estar começando.

Capítulo 11

Caminhadas

1

Ben Hanscom faz uma retirada

Richie Tozier saiu do táxi na interseção tripla das ruas Kansas, Center e Main, e Ben saiu no alto da colina Up-Mile. O motorista era o “sujeito religioso” de Bill, mas nem Richie nem Ben sabiam. Dave tinha caído em silêncio taciturno. Ben poderia ter saído no mesmo lugar que Richie, mas parecia melhor que cada um começasse sozinho.

Ele ficou de pé na esquina da rua Kansas com a Daltrey Close, viu o táxi se afastar com as mãos enfiadas nos bolsos e tentou tirar o final horrível do almoço da mente. Mas não conseguiu; seus pensamentos ficavam voltando para a mosca preta-acinzentada saindo do biscoito da sorte no prato de Bill, com asas estriadas grudadas nas costas. Ele tentava afastar a mente dessa imagem desagradável, achava que tinha conseguido, mas descobria cinco minutos depois que estava pensando naquilo de novo.

Estou tentando justificar de alguma forma, pensou ele, falando não no sentido moral, mas sim no matemático. Prédios são construídos a partir da observação de certas leis da natureza; todas as leis da natureza podem ser expressas por equações; equações precisam ser justificadas. Onde estava a justificativa para o que tinha acontecido menos de meia hora antes?

Deixa pra lá, disse ele para si mesmo, não pela primeira vez. *Você não é capaz de justificar, então deixa pra lá.*

Muito bom conselho; o problema era que ele não conseguia aplicá-lo. Ele lembrou que, no dia seguinte ao dia em que viu a múmia no canal congelado, sua vida voltou ao normal. Ele

sabia que aquilo, fosse o que fosse, chegou bem perto de pegá-lo, mas sua vida prosseguiu: ele foi à escola, fez uma prova de aritmética, foi até a biblioteca depois da aula e comeu com o apetite de sempre. Ele simplesmente incorporou a coisa que viu no canal à vida, e se tinha quase sido morto por ela… bem, crianças sempre estavam quase sendo mortas. Elas corriam pelas ruas sem olhar, entravam no lago e percebiam de repente que tinham passado para a parte funda demais com os barcos infláveis e tinham que remar de volta, caíam do trepa-trepa de bunda no chão e de árvores de cabeça.

Agora, de pé no chuvisco em frente a uma loja de Materiais de Construção Trustworthy, que era uma casa de penhores em 1958 (Irmãos Frati, lembrou Ben, com a vitrine dupla sempre cheia de pistolas, rifles, navalhas e violões pendurados pelo braço como animais exóticos), ele concluiu que crianças eram melhores em quase morrer, e também eram melhores em incorporar o inexplicável à vida. Elas acreditavam implicitamente no mundo invisível. Milagres bons e ruins deviam ser levados em consideração, sim, certamente, mas não faziam o mundo parar. Um aumento repentino de beleza ou de terror aos 10 anos não excluía um cachorro-quente com queijo ou dois a mais no almoço.

Mas quando você crescia, tudo isso mudava. Você não ficava mais acordado na cama, certo de que havia algo agachado no armário ou arranhando a janela… mas quando uma coisa acontecia, alguma coisa além da explicação racional, os circuitos ficavam sobrecarregados. Os axônios e dendritos esquentavam. Você começava a tremer, começava a sacudir, sua imaginação começava a girar e mexer com seus nervos. Não dava para incorporar o que tinha acontecido à experiência de vida. Não dava para digerir. Sua mente ficava voltando à situação, cutucando de leve como um gatinho com um novelo de lã… até que, é claro, você acabava ficando louco ou chegava a um ponto em que era impossível viver.

E se isso acontecer, pensou Ben*, a Coisa vai me pegar. A nós. Fácil.*

Ele começou a subir a rua Kansas, sem ciência de estar indo para algum lugar em particular. E pensou de repente: *O que fizemos com o dólar de prata?*

Ele ainda não conseguia lembrar.

O dólar de prata, Ben… Beverly salvou sua vida com ele. A sua… talvez a de todo mundo… e principalmente a de Bill. A Coisa quase tinha arrancado minhas entranhas quando Beverly fez… o quê? O que ela fez? E como pôde funcionar? Ela afastou a Coisa e todos a ajudamos. Mas como?

Uma palavra surgiu de repente em sua mente, uma palavra que não significava nada, mas deixou sua pele arrepiada: *Chüd*.

Ele olhou para a calçada e, por um momento, viu a forma de uma tartaruga desenhada ali, e o mundo pareceu dançar aos seus olhos. Ele os fechou com força e, quando abriu, viu que não era uma tartaruga; só uma amarelinha meio apagada pela chuva.

Chüd.

O que significava?

— Não sei — disse ele em voz alta e, quando olhou rapidamente ao redor para ver se

alguém o tinha ouvido falando sozinho, percebeu que tinha virado da rua Kansas para a avenida Costello. No almoço, ele disse que o Barrens era o único lugar em Derry onde ele foi feliz quando criança… mas não era bem verdade, era? Houve outro lugar. Acidentalmente ou sem perceber, ele foi para esse outro lugar: a Biblioteca Pública de Derry.

Ele ficou em frente à porta por um ou dois minutos, com as mãos ainda nos bolsos. O local não tinha mudado; ele admirou as linhas agora tanto quanto admirava quando era criança. Como tantos prédios de pedra que tinham sido bem projetados, ele conseguia confundir o olho que observava de perto com suas contradições: a solidez de pedra era contrabalançada pela delicadeza dos arcos e das colunas finas; ele parecia ao mesmo tempo sólido como um cofre de banco, mas também delicado e simples (bem, era tão delicado quanto construções urbanas podem ser, principalmente as erigidas na virada do século XX, e as janelas, com tiras finas de ferro em xis, eram graciosas e redondas). Essas contradições salvavam a biblioteca da feiura, e ele não ficou completamente surpreso ao sentir uma onda de amor pelo local.

Pouca coisa tinha mudado na avenida Costello. Ao olhar ao redor, ele conseguiu ver a Casa Comunitária de Derry, e perguntou-se se o Mercado Costello ainda existia no ponto em que a avenida, que era semicircular, voltava a cruzar com a rua Kansas.

Ele atravessou o gramado da biblioteca, sem nem reparar que as botas elegantes estavam ficando molhadas, para dar uma olhada na passarela de vidro entre a biblioteca dos adultos e a infantil. Também não tinha mudado, e dali, junto aos galhos curvos de um salgueiro chorão, ele conseguia ver as pessoas indo de uma para a outra. O velho prazer tomou conta dele, e pela primeira vez ele se esqueceu de verdade do que aconteceu no almoço de reencontro. Ele conseguia se lembrar de andar até aquele mesmo ponto quando criança, só que, no inverno, atravessar a área com neve quase até o quadril e ficar ali por até 15 minutos. Ele lembrou que ia após o crepúsculo, e de novo foi o contraste que o atraiu e o segurou ali, com as pontas dos dedos ficando entorpecidas e a neve derretendo dentro das galochas verdes. Estaria bem escuro no ponto onde ele estava, com o mundo ficando roxo com as sombras do início de inverno, o céu da cor de cinzas no leste e brasas no oeste. Estaria frio no ponto onde ele estava, talvez 10°C negativos, e mais frio do que isso se o vento estivesse soprando do Barrens congelado, como costumava.

Mas ali, a menos de 40 metros de onde ele estava, as pessoas caminhavam de um lado para o outro de camiseta de manga curta. Ali, a menos de 40 metros de onde ele estava, havia um tubo de luz branca que se espalhava das lâmpadas fluorescentes no alto. Criancinhas riam juntas, namorados adolescentes davam as mãos (e quando a bibliotecária os via, mandava soltarem). Era mágico, mágico de uma maneira boa que ele era jovem demais para perceber junto com coisas tão mundanas quanto a luz elétrica e o aquecimento a óleo. A magia era aquele cilindro brilhante de luz e vida ligando aqueles dois prédios escuros como uma linha da vida, a magia estava em ver as pessoas o atravessarem pelo campo sombrio de neve, intocadas pela escuridão e pelo frio. Isso as deixava adoráveis e divinas.

Ele acabava indo embora (como estava fazendo agora) e contornava o prédio até a porta da

frente (como estava fazendo agora), mas sempre parava e olhava para trás mais uma vez (como estava fazendo agora) antes que a esquina de pedra da biblioteca dos adultos cobrisse o campo de visão para aquele delicado cordão umbilical.

Com uma pontada de dor e achando graça da nostalgia que oprimia seu coração, Ben subiu os degraus até a porta da biblioteca dos adultos e fez uma pausa na varanda estreita depois das colunas, sempre tão alta e fria mesmo quando o dia estava quente. Em seguida, abriu a porta de ferro com a janelinha para os livros serem colocados e entrou silenciosamente.

A força da lembrança quase o deixou tonto por um momento quando ele entrou na luz baixa dos globos de vidro pendurados. A força não foi física, não como um golpe no queixo ou um tapa. Foi mais parecida com aquela sensação estranha de duplicidade que as pessoas chamam, por falta de palavra melhor, de déjà-vu. Ben já tinha tido a sensação antes, mas ela nunca o atingiu com tanta força desorientadora; por um momento ou dois depois de entrar, ele se sentiu literalmente perdido no tempo, sem saber direito quantos anos tinha. Trinta e oito ou 11?

Ali, o silêncio murmurante era o mesmo, interrompido apenas por um sussurro ocasional, o baque surdo de um bibliotecário carimbando livros ou avisos de prazo estourado, o movimento de páginas de jornal ou revista sendo viradas. Ele adorava o tipo da luz agora tanto quanto antigamente. Ela entrava inclinada pelas janelas altas, cinzenta como as asas de um pombo nessa tarde chuvosa, uma luz que era de alguma forma sonolenta e entorpecedora.

Ele caminhou pelo aposento amplo com o linóleo com desenhos em vermelho e preto quase completamente desaparecidos com o tempo, tentando como sempre fazia na época silenciar o barulho dos passos. A biblioteca dos adultos tinha um domo no meio, e todos os sons eram amplificados.

Ele viu que as escadas de ferro circulares que levavam às estantes ainda estavam no lugar, de cada lado da recepção em forma de ferradura, mas também viu que um pequeno elevador de metal tinha sido acrescentado em algum momento nos 25 anos depois que ele e a mãe se mudaram. Deu um certo alívio, pois diminuiu um pouco a sensação sufocante de déjà-vu.

Ele se sentiu um invasor quando atravessou o aposento amplo, um espião de outro país. Ficou esperando que a bibliotecária levantasse a cabeça, olhasse para ele e o desafiasse com voz límpida e ecoante que destruiria a concentração de todos os leitores e dirigiria todos os olhares para ele: *"Você! É, você! O que está fazendo aqui? Não tem nada que estar aqui! Você é de Fora! Você é do Antes! Volte pro lugar de onde veio! Volte agora, antes que eu chame a polícia!"*

Ela realmente olhou, uma garota jovem, bonita, e, por um momento absurdo, pareceu a Ben que a fantasia viraria mesmo realidade, e seu coração subiu na garganta quando os olhos azul-claros dela tocaram os dele. Em seguida, eles seguiram em frente com indiferença, e Ben viu que conseguia andar de novo. Se ele era um espião, não tinha sido descoberto.

Ele passou debaixo da espiral de uma das escadas estreitas, íngremes e quase suicidas de ferro forjado no caminho para o corredor que levava à biblioteca infantil e achou graça ao perceber (só depois de já ter feito) que tinha seguido outro padrão de comportamento da

infância. Ele tinha levantado o olhar como sempre fazia na infância na esperança de ver uma garota de saia descendo a escada. Ele conseguia se lembrar (agora conseguia) de olhar lá para cima sem motivo nenhum um dia quando tinha 8 ou 9 anos e ver debaixo da saia de brim de uma garota bonita do ensino médio, de ver a calcinha cor-de-rosa. Assim como o brilho repentino do sol na tornozeleira de Beverly Marsh disparou uma flecha de uma coisa mais primitiva do que simplesmente amor ou afeição em seu coração no último dia de aula em 1958, a visão da calcinha da garota de ensino médio também o afetou; ele conseguia se lembrar de ter sentado à mesa na biblioteca infantil pensando na visão inesperada por talvez uns vinte minutos, com a bochecha e a testa vermelhas, um livro sobre a história dos trens aberto sem ser lido à frente, com o pênis duro como um galho dentro da cueca, um galho que enfiou as raízes até dentro de sua barriga. Ele fantasiou ser casado com ela, morando em uma casinha nos arredores da cidade, se permitindo prazeres que ainda não entendia.

A sensação passou quase tão repentinamente quanto chegou, mas ele nunca mais passou debaixo da escada sem olhar para cima. Nunca mais viu nada tão interessante ou impactante (uma vez, uma moça gorda descendo com cuidado redobrado, mas ele afastou o olhar *daquilo* rapidamente, sentindo-se envergonhado, como quem faz algo proibido), mas o hábito persistiu e ele o repetiu agora, quando adulto.

Ele andou lentamente pela passarela de vidro, reparando em outras mudanças agora: adesivos amarelos que diziam A OPEP ADORA QUANDO VOCÊ DESPERDIÇA ENERGIA, ENTÃO ECONOMIZE WATTS ! tinham sido colados nos interruptores. Os quadros emoldurados na parede oposta quando ele entrou nesse mundo menor de mesas de madeira clara e pequenas cadeiras, esse mundo onde o bebedouro só tinha 1,20 metro de altura, não eram de Dwight Eisenhower e Richard Nixon, mas de Ronald Reagan e George Bush. Reagan, lembrava Ben, era o apresentador de *GE Theater* no ano em que ele se formou no quinto ano, e George Bush ainda não tinha chegado aos 30 anos na época.

Mas…

Aquela sensação de déjà-vu tomou conta dele de novo. Ele ficou impotente antes, e desta vez sentiu o horror entorpecido de um homem que finalmente percebe, depois de meia hora batendo os braços à toa, que a margem não está se aproximando e ele vai se afogar.

Era a hora da história, e, no canto, um grupo de umas dez crianças pequenas estava sentado solenemente nas cadeirinhas em semicírculo, ouvindo.

— *Quem está passando pela minha ponte?* — disse a bibliotecária com a voz baixa e grunhida do *troll* da história, e Ben pensou: *Quando ela levantar a cabeça, vou ver que é a srta. Davies, sim, é a srta. Davies, e ela não vai estar nem um dia mais velha…*

Mas quando ela levantou a cabeça, ele viu uma mulher bem mais jovem do que a srta. Davies era na época.

Algumas das crianças cobriram a boca e riram, mas outras só a observaram, com os olhos refletindo o eterno fascínio da história: será que o monstro seria vencido… ou se alimentaria?

— Sou eu, o carneirinho, passando pela sua ponte — disse a bibliotecária, e Ben, pálido,

passou por ela.

Como pode ser a mesma história? Exatamente *a mesma história? Devo acreditar que é apenas coincidência? Porque não acredito… droga, não acredito!*

Ele se inclinou no bebedouro, e teve que se inclinar tanto que se sentiu como Richie fazendo um dos seus salamaleques.

Preciso falar com alguém, pensou ele em pânico. *Mike… Bill… alguém. Tem mesmo alguma coisa juntando o passado com o presente aqui, ou estou apenas imaginando? Porque se não estiver, não sei se é bem isso que quero. Eu…*

Ele olhou para a recepção, e seu coração pareceu parar no peito por um momento antes de recomeçar a bater em velocidade dobrada. O pôster era simples, direto… e familiar. Dizia apenas:

LEMBREM-SE DO TOQUE DE RECOLHER.
19H.
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA DE DERRY

Naquele instante, tudo pareceu ficar claro para ele. Aconteceu em um brilho repentino de luz, e ele se deu conta de que a votação que eles fizeram antes foi piada. Não havia como desistir, nunca houve. Eles estavam em um caminho tão pré-planejado quanto o instinto que o fez olhar para cima quando passou debaixo da escadaria que levava às estantes. Havia um eco aqui em Derry, um eco mortal, e eles só podiam esperar que o eco fosse mudado o bastante a favor deles para que eles conseguissem escapar com vida.

— Cristo — murmurou ele, e passou a mão pela bochecha com força.

— Posso ajudar, senhor? — perguntou uma voz vinda de trás do seu cotovelo, e ele deu um pequeno pulo. Era uma garota de uns 17 anos, talvez, com cabelo louro-escuro afastado do rosto belo de estudante com grampos de cabelo. Assistente de biblioteca, claro; em 1958 também havia isso, garotas e garotos do ensino médio que guardavam livros, mostravam às crianças como usar o catálogo de cartões, discutiam resenhas de livros e trabalhos de escola, ajudavam estudantes perdidos com notas de pé de página e bibliografias. O pagamento era ínfimo, mas sempre havia adolescentes dispostos a assumir o trabalho. Era serviço agradável.

Logo em seguida, ao interpretar o olhar agradável, porém questionador da garota um pouco mais de perto, ele lembrou que não pertencia mais ao local. Era um gigante em uma terra de pequenos. Um intruso. Na biblioteca dos adultos, ele sentiu desconforto pela possibilidade de ser observado ou de falarem com ele, mas ali, isso foi uma espécie de alívio. Primeiro, porque provava que ele ainda era adulto, e o fato de que a garota estava sem sutiã por baixo da camisa fina também provocou mais alívio do que excitação. Se fosse necessária uma prova de que eles estavam em 1985 e não em 1958, as marcas claras dos mamilos no algodão da camiseta deixavam isso claro.

— Não, obrigado — disse ele, e sem nenhum motivo que pudesse entender, ouviu-se acrescentar: — Eu estava procurando meu filho.

— Ah? Qual é o nome dele? Pode ser que eu tenha visto. — Ela sorriu. — Conheço a maioria das crianças.

— O nome dele é Ben Hanscom — disse ele. — Mas não estou vendo ele aqui.

— Me diga como ele é e dou seu recado, se você quiser.

— Bem — disse Ben, desconfortável agora e começando a desejar não ter iniciado essa conversa. — Ele é meio forte e se parece um pouco comigo. Mas não é nada de mais, moça. Se você o vir, só diga que o pai dele passou aqui quando estava indo para casa.

— Pode deixar — disse ela, e sorriu, mas o sorriso não chegou aos olhos, e Ben percebeu de repente que ela não foi falar com ele apenas por educação e desejo de ajudar. Ela era a bibliotecária assistente na biblioteca infantil de uma cidade em que nove crianças haviam sido mortas em um período de oito meses. Você vê um homem estranho nesse mundo em miniatura para onde os adultos raramente vão exceto para levar ou buscar os filhos. Você fica desconfiada… é claro.

— Obrigado — disse ele, deu um sorriso que esperou ser tranquilizador e saiu rapidamente.

Ele percorreu o corredor até a biblioteca dos adultos e foi até a recepção por um impulso que não entendeu… mas é claro que eles deviam seguir os impulsos naquela tarde, não? Seguir os impulsos e ver onde dariam.

O nome na placa na recepção identificava a bela e jovem bibliotecária como Carole Danner. Por trás dela, Ben conseguiu ver uma porta com painel de vidro fosco. Nela, estava escrito MICHAEL HANLON BIBLIOTECÁRIO-CHEFE.

— Posso ajudar? — perguntou a srta. Danner.

— Acho que sim — disse Ben. — Espero que sim. Eu gostaria de fazer um cartão da biblioteca.

— Muito bem — disse ela, e pegou um formulário. — Você é residente de Derry?

— Não no momento.

— Endereço residencial, então?

— Autoestrada Rural Star 2, Hemingford Home, Nebraska. — Ele fez uma pequena pausa, achando um pouco de graça no olhar dela, e disse o CEP: — 59341.

— Isso é piada, sr. Hanscom?

— De jeito nenhum.

— Você vai se mudar para Derry, então?

— Não tenho planos, não.

— É uma grande distância pra se percorrer pra pegar livros, não é? Não existem bibliotecas no Nebraska?

— É uma questão sentimental — disse Ben. Ele achou que contar isso a uma estranha seria constrangedor, mas viu que não era. — Eu cresci em Derry, sabe? É a primeira vez que volto desde que era criança. Andei por aí pra ver o que mudou ou não. E de repente me ocorreu que passei uns dez anos da minha vida aqui, entre as idades de 3 e 13 anos, e não tenho

absolutamente nada de recordação da época. Nem um cartão-postal. Eu tinha uns dólares de prata, mas perdi um e dei os outros pra um amigo. Acho que o que quero é uma lembrança da minha infância. É tarde, mas não dizem que antes tarde do que nunca?

Carole Danner sorriu, e o sorriso transformou o rosto bonito em lindo.

— Acho muito lindo — disse ela. — Se você quiser dar uma olhada por aí, o cartão estará pronto em uns dez ou 15 minutos.

Ben sorriu de leve.

— Deve haver uma taxa — disse ele. — Por eu ser de fora e tudo mais.

— Você tinha cartão quando criança?

— Claro que tinha. — Ben sorriu. — Fora meus amigos, acho que aquele cartão da biblioteca era a coisa mais importante…

— Ben, pode vir até aqui? — disse uma voz de repente, cortando o silêncio da biblioteca como um bisturi.

Ele se virou com um pulo de culpa, como as pessoas fazem quando alguém grita na biblioteca. Não viu ninguém que conhecia… e percebeu um momento depois que ninguém tinha levantado o olhar nem mostrado sinal de surpresa ou irritação. Os idosos continuavam lendo os exemplares do *Derry News*, do *Boston Globe*, da *National Geographic*, da *Time*, da *Newsweek*, do *U. S. News & World Report*. Nas mesas da Sala de Referências, duas garotas do ensino médio ainda estavam com as cabeças unidas por cima de uma pilha de papéis e fichas. Várias pessoas continuavam procurando livros nas prateleiras marcadas FICÇÃO CONTEMPORÂNEA – EMPRÉSTIMOS DE 7 DIAS. Um homem idoso com um boné ridículo e um cachimbo apagado preso entre os dentes continuou a folhear um livro com desenhos de Luis de Vargas.

Ele se voltou para a jovem, que estava olhando para ele intrigada.

— Algum problema?

— Não — disse Ben, sorrindo. — Pensei ter ouvido uma coisa. Acho que estou mais perturbado pelo fuso horário do que pensei. O que você estava dizendo?

— Bem, na verdade *você* estava dizendo. Mas eu estava prestes a acrescentar que, se você tinha cartão quando era residente, seu nome ainda deve estar nos arquivos — disse ela. — Guardamos tudo em microfichas agora. Uma grande mudança de quando você era criança e morava aqui, eu acho.

— É — disse ele. — Muitas coisas mudaram em Derry… mas muitas coisas também parecem ter permanecido iguais.

— De qualquer modo, posso procurar seu nome e fazer renovação de cartão. Sem cobrar.

— Isso é ótimo — disse Ben, e antes que pudesse acrescentar um agradecimento, a voz destruiu o silêncio sagrado da biblioteca de novo, mais alta agora, ameaçadoramente alegre.

— *Venha, Ben! Venha, seu merdinha gordo! Esta é Sua Vida, Ben Hanscom!*

Ben limpou a garganta.

— Eu agradeço — disse ele.

— Não é nada. — Ela inclinou a cabeça. — Esquentou lá fora?

— Um pouco — disse ele. — Por quê?

— Você está…

— *Foi Ben Hanscom!* — gritou a voz. Estava vindo do alto, das estantes. — *Ben Hanscom matou as crianças! Peguem ele! Peguem ele!*

— … transpirando — concluiu ela.

— Estou? — disse ele de forma idiota.

— Vou preparar seu cartão imediatamente — disse ela.

— Obrigado.

Ela seguiu para a velha máquina de escrever Royal no canto da mesa.

Ben se afastou lentamente, com o coração disparado no peito. Sim, estava suando; ele conseguia sentir o suor escorrendo pela testa, pelas axilas, molhando os pelos do peito. Ele ergueu o olhar e viu Pennywise, o Palhaço, de pé no alto da escada da esquerda, olhando para ele. Seu rosto estava pintado de branco. A boca sangrava batom em um sorriso assassino. Havia buracos vazios onde os olhos deviam estar. Ele estava segurando balões em uma das mãos e um livro na outra.

Não ele, pensou Ben. *A Coisa. Estou no meio da rotunda da Biblioteca Pública de Derry no final de uma tarde de 1985, sou um homem adulto e estou cara a cara com meu maior pesadelo de infância. Estou cara a cara com a Coisa.*

— Venha cá, Ben — chamou Pennywise. — Não vou te machucar. Tenho um livro pra você! Um livro… e um balão! Venha cá!

Ben abriu a boca para responder: *Você está louco se acha que vou aí em cima.* Mas de repente se deu conta de que, se fizesse isso, todo mundo olharia para ele, todo mundo pensaria *Quem é esse maluco?*

— Ah, sei que você não pode responder — disse Pennywise, e riu. — Mas quase te enganei por um segundo, não foi? "Com licença, senhora, seu coração está batendo?... Está?... Então é melhor abrir a porta pra ele!" "Com licença, senhor, seu táxi está livre?... Está?... Então viva a liberdade!"

O palhaço no alto lançou a cabeça para trás e deu gargalhadas agudas. O som cresceu e ecoou no domo da rotunda como um voo de morcegos negros, e Ben só conseguiu se impedir de colocar as mãos em cima das orelhas por uma tremenda força de vontade.

— Venha cá, Ben — disse Pennywise. — Vamos conversar. Terreno neutro. O que você acha?

Não vou subir aí, pensou Ben. *Quando eu finalmente chegar até você, você não vai querer me ver, eu acho. Vamos te matar.*

O palhaço deu gargalhadas agudas de novo.

— Me matar? Me *matar?* — E, de repente, de uma forma horrível, a voz era de Richie Tozier, não a voz *dele* precisamente, mas Richie Tozier fazendo a Voz de Garoto Negro: — Num mi mata, mestre, sô um bom negrinho, num mata esse minino preto, Monti di Feno! — E gargalhou alto de novo.

Trêmulo e pálido, Ben andou pelo centro ecoante da biblioteca dos adultos. Sentia que ia vomitar em breve. Ele ficou de pé em frente a uma prateleira de livros e pegou um aleatório com a mão tremendo muito. Os dedos frios viraram as páginas.

— Esta é sua chance, Monte de Feno! — gritou a voz por trás e acima dele. — Saia da cidade. Saia antes de escurecer. Vou atrás de você hoje… de você e dos outros. Você está velho demais pra me deter, Ben. Vocês estão *todos* velhos demais. Velhos demais pra fazer qualquer coisa além de provocar a própria morte. Saia, Ben. Você quer ver isto esta noite?

Ele se virou lentamente, ainda segurando o livro com mãos geladas. Não queria olhar, mas era como se houvesse uma mão invisível por baixo do seu queixo, virando sua cabeça mais e mais para cima.

O palhaço tinha sumido. Drácula estava de pé no alto da escada da esquerda, mas não era um Drácula de filme; não era Bela Lugosi nem Christopher Lee nem Frank Langella nem Francis Lederer nem Reggie Nalder. Uma coisa-homem velha com o rosto como uma raiz retorcida estava ali de pé. Seu rosto era mortalmente pálido, seus olhos eram vermelho-arroxeados, da cor de coágulos de sangue. Sua boca se abriu e revelou duas fileiras de lâminas Gilette que tinham sido enfiadas nas gengivas formando ângulos; era como olhar em um labirinto de espelhos mortal em que um único passo em falso podia fazer você ser cortado ao meio.

— CRUUUUUNCH! — gritou o monstro, e seu maxilar se fechou.

Sangue jorrou de sua boca em um jato vermelho-enegrecido. Pedaços de lábios cortados caíram na seda branca da camisa social e deslizaram pela frente, deixando trilhas de sangue atrás.

— *O que Stan Uris viu antes de morrer?* — gritou o vampiro no alto da escada para ele, rindo pelo buraco de sangue na boca. — *Foi um coração batendo? Foi Davy Crockett, o Rei do Oeste Selvagem? O que ele viu, Ben? Você também quer ver? O que ele viu? O que ele viu?* — Em seguida, soou aquela gargalhada gritada de novo, e Ben soube que acabaria gritando também, sim, não havia como impedir o grito, ele surgiria. Sangue pingava do alto da escadaria em uma chuva pavorosa. Uma gota caiu na mão contorcida pela artrite de um idoso lendo *The Wall Street Journal*. Estava escorrendo entre os dedos, sem ser visto nem sentido.

Ben inspirou, com a certeza de que o grito viria depois, impensável no silêncio dessa tarde de primavera, tão chocante quanto um golpe de faca… ou uma boca cheia de lâminas.

Em vez disso, o que saiu em um turbilhão trêmulo e irregular, falado em vez de gritado, falado baixo como uma oração, foram as seguintes palavras:

— Transformamos em bolinhas, claro. Transformamos os dólares de prata em bilhas de prata.

O cavalheiro de boné observando os desenhos de Vargas ergueu o olhar rapidamente:

— Besteira — disse ele. Agora as pessoas *realmente* olharam; alguém sibilou “Shhh!” para o homem com voz irritada.

— Me desculpe — disse Ben, com voz baixa e trêmula. Ele estava vagamente ciente de que

seu rosto agora estava todo escorrendo de suor e que sua camisa estava grudada no corpo. — Eu estava pensando em voz alta...

— Besteira — repetiu o cavalheiro idoso, com voz mais alta. — Não dá pra fazer balas de prata a partir de dólares de prata. É um erro comum. Tirado de literatura barata. O problema é com a gravidade específica…

De repente a mulher, srta. Danner, estava ao lado dele.

— Sr. Brockhill, o senhor precisa fazer silêncio — disse ela com gentileza. — As pessoas estão lendo…

— O sujeito está doente — disse ele abruptamente, e voltou a atenção para o livro. — Dá uma aspirina pra ele, Carole.

Carole Danner olhou para Ben e seu rosto se contraiu de preocupação.

— Você *está* doente, sr. Hanscom? Sei que é muita falta de educação o que vou dizer, mas você está com péssima aparência.

Ben disse:

— Eu… comi comida chinesa no almoço. Acho que não me caiu bem.

— Se quiser se deitar, tem um colchão no escritório do sr. Hanlon. Você poderia…

— Não. Obrigado, mas não. — O que ele queria não era se deitar, mas sair logo da Biblioteca Pública de Derry. Ele olhou para o alto. O palhaço tinha sumido. O vampiro tinha sumido. Mas preso ao corrimão de ferro fundido da escada havia um balão. Na superfície inflada, havia as palavras: TENHA UM BOM-DIA! ESTA NOITE VOCÊ MORRE!

— Estou com seu cartão da biblioteca — disse ela, colocando a mão hesitante no braço dele. — Você ainda o quer?

— Sim, obrigado — disse Ben. Ele inspirou fundo. — Me desculpe por isso.

— Só espero que não seja intoxicação alimentar — disse ela.

— Não funcionaria — disse o sr. Brockhill sem erguer o olhar do livro e sem tirar o cachimbo apagado do canto da boca. — Coisa de literatura barata. A bala iria cair.

E falando de novo sem saber de antemão que falaria, Ben disse:

— *Projéteis*, não balas. Percebemos quase imediatamente que não conseguiríamos fazer balas. Éramos apenas crianças. Foi ideia minha…

— *Shhh!* — disse alguém de novo.

Brockhill lançou um olhar assustado para Ben, pareceu prestes a falar, mas voltou a atenção para os desenhos.

Na recepção, Carole Danner entregou a ele um cartãozinho laranja com BIBLIOTECA PÚBLICA DE DERRY impresso no alto. Perplexo, Ben se deu conta de que era o primeiro cartão de biblioteca de adulto que ele tinha na vida. O que ele tinha quando criança era amarelo canário.

— Tem certeza de que não quer se deitar, sr. Hanscom?

— Estou me sentindo melhor, obrigado.

— Tem certeza?

Ele conseguiu sorrir.

— Tenho certeza.

— Você parece mesmo estar melhor — disse ela, mas falou em tom de dúvida, como se compreendendo que era a coisa certa a dizer, mas sem acreditar de verdade.

Em seguida, ela colocou um livro debaixo do aparelho de microfilme que usavam atualmente para registrar empréstimos de livros, e Ben sentiu um toque de humor quase histérico. É o livro que tirei da prateleira quando o palhaço começou com a Voz de Garoto Negro, pensou ele. *Ela achou que eu queria retirar. Peguei meu primeiro empréstimo na Biblioteca Pública de Derry em 25 anos e nem sei que livro é. Além do mais, não me importo. Só quero sair daqui, tá? Isso basta.*

— Obrigado — disse ele, e colocou o livro debaixo do braço.

— De nada, sr. Hanscom. Tem certeza de que não quer uma aspirina?

— Certeza absoluta — disse ele, e hesitou. — Você por acaso não saberia o que aconteceu com a sra. Starrett, saberia? Barbara Starrett? Ela era a chefe da biblioteca infantil.

— Ela morreu — disse Carole Danner. — Três anos atrás. Teve um derrame, pelo que eu soube. Foi uma pena. Ela era relativamente jovem… tinha 58 ou 59, eu acho. O sr. Hanlon fechou a biblioteca naquele dia.

— Ah — disse Ben, e sentiu um vazio se abrir no coração. Era isso que acontecia quando se voltava ao passado, como dizia a música. A cobertura do bolo era doce, mas o recheio embaixo era amargo. As pessoas se esqueciam de você ou morriam ou perdiam o cabelo e os dentes. Em alguns casos, você descobria que tinham perdido a sanidade. Ah, era tão bom estar vivo. Caramba.

— Sinto muito — disse ela. — Você gostava dela, não é?

— Todas as crianças gostavam da sra. Starrett — disse Ben, e ficou alarmado ao perceber que as lágrimas estavam muito perto agora.

— Você…?

Se ela me perguntar se estou bem mais uma vez, acho mesmo que vou chorar. Ou gritar. Ou alguma coisa.

Ele olhou para o relógio e disse:

— Tenho que ir logo. Obrigado pela gentileza.

— Tenha um bom-dia, sr. Hanscom.

Claro. Porque esta noite eu morro.

Ele acenou para ela com o dedo e seguiu o caminho para a porta. O sr. Brockhill olhou para ele uma vez, com intensidade e desconfiança.

Ele olhou para o alto da escada da esquerda. O balão ainda estava flutuando lá, amarrado pelo barbante ao corrimão de ferro fundido. Mas agora, o texto nele dizia:

EU MATEI BARBARA STARRETT!
—PENNYWISE, O PALHAÇO

Ele afastou o olhar, sentindo a pulsação na garganta começar a disparar de novo. Ele saiu e

levou um susto com a luz do sol. As nuvens no céu estavam se desmanchando e um sol quente de fim de maio estava surgindo, deixando a grama impossivelmente verde e viva. Ben sentiu uma coisa começar a flutuar em seu coração. Pareceu que ele tinha deixado um peso insuportável para trás na biblioteca… e então, ele olhou para o livro que tinha retirado inadvertidamente e seus dentes trincaram com dor repentina e intensa. Era *Bulldozer*, de Stephen W. Meader, um dos livros que ele retirou da biblioteca no dia que mergulhou no Barrens para fugir de Henry Bowers e amigos.

E falando em Henry, a marca da bota dele ainda estava na capa do livro.

Ele mexeu nas páginas com mãos trêmulas e virou o livro. A biblioteca tinha passado a sistema de microfilme. Ele tinha *visto* isso. Mas ainda havia um compartimento na parte de trás do livro com um cartão dentro. Havia um nome em cada linha do cartão, seguido de um carimbo com a data de devolução. Ao olhar para o cartão, Ben viu isto:

NOME	DEVOLVER NA DATA CARIMBADA
Charles N. Brown	14 de maio de 1958
David Hartwell	1º de junho de 1958
Joseph Brennan	17 de junho de 1958

E, na última linha do cartão, sua assinatura infantil, escrita com movimentos pesados de lápis:

Benjamin Hanscom9 de julho de 1958

Carimbada no cartão, carimbada na folha de guarda, carimbada no contorno das páginas, carimbada repetidamente com tinta vermelha manchada que parecia sangue, havia uma palavra: CANCELAR.

— Ah, meu Deus — murmurou Ben. Ele não sabia o que mais dizer; isso pareceu cobrir toda a situação. — Ah, meu Deus, meu Deus.

Ele ficou de pé na nova luz do sol, perguntando-se de repente o que estava acontecendo com os outros.

2

Eddie Kaspbrak faz uma jogada

Eddie desceu do ônibus na esquina da rua Kansas com a travessa Kossuth. A Kossuth era uma rua que tinha 400 metros de ladeira e acabava de repente em terra e no Barrens. Ele não fazia a menor ideia do motivo para ter escolhido aquele lugar para saltar do ônibus; a travessa Kossuth não significava nada para ele, e ele não conhecia ninguém nessa parte da rua Kansas. Mas parecia o lugar certo. Era tudo que ele sabia, mas, àquela altura, parecia ser o bastante. Beverly desceu do ônibus com um aceno em um dos pontos da rua Lower Main. Mike tinha levado o carro de volta para a biblioteca.

Agora, observando o pequeno e um tanto absurdo ônibus Mercedes se afastar, ele se perguntou exatamente o que estava fazendo ali, de pé em uma esquina obscura em uma cidade obscura a quase 800 quilômetros de distância de Myra, que sem dúvida estava chorando de preocupação por causa dele. Ele sentiu um instante de tontura quase dolorosa, encostou no bolso do paletó e lembrou que tinha deixado a dramamina no Town House junto com o resto da farmacopeia. Mas ele tinha aspirina. Eddie não sairia *sans* aspirina tanto quanto não sairia *sans* calça. Ele engoliu duas a seco e começou a andar pela rua Kansas, pensando vagamente em ir para a Biblioteca Pública ou talvez atravessar para a avenida Costello. Estava começando a clarear agora, e ele achava que podia até andar para a West Broadway e admirar as velhas casas vitorianas de lá, nas duas únicas quadras residenciais realmente bonitas de Derry. Ele fazia isso às vezes quando criança: andava pela West Broadway de forma casual, como se estivesse indo para algum lugar. Havia a casa dos Mueller, perto da esquina da Witcham com a West Broadway, uma casa vermelha com torres de cada lado e uma cerca viva na frente. Os Mueller tinham um jardineiro que sempre olhava para Eddie com desconfiança até ele seguir caminho.

Havia a casa dos Bowie, que ficava quatro casas depois da dos Mueller, do mesmo lado. Ele achava que esse era um dos motivos de Greta Bowie e Sally Mueller serem tão amigas desde o ensino fundamental. Tinha telhado verde e também tinha torres… mas enquanto as torres na casa dos Mueller eram retas em cima, as da casa dos Bowie tinham coisas no alto em forma de cone que Eddie achava parecidas com chapéus de burro. No verão, sempre havia mobília no gramado lateral: uma mesa com um guarda-sol amarelo em cima, cadeiras de vime, uma rede de corda esticada entre duas árvores. Sempre havia também um jogo de croquet na parte de trás. Eddie sabia disso apesar de nunca ter sido convidado para a casa de Greta para jogar croquet. Ao passar por ali casualmente (como se estivesse indo para outro lugar), Eddie às vezes ouvia o estalo das bolas, risadas, gemidos quando as bolas de alguém "iam errado". Uma vez, ele viu a própria Greta, com uma limonada em uma das mãos e o martelo de croquet na outra, magra e bonita muito além das palavras de todos os poetas (até os ombros queimados de sol pareciam maravilhosamente lindos aos olhos de Eddie Kaspbrak, que tinha 9 anos na época), indo atrás da bola, que tinha "ido errado"; ela ricocheteou em uma árvore e acabou deixando Greta visível para Eddie.

Ele se apaixonou um pouco por ela naquele dia, com o cabelo louro brilhoso caindo pelos ombros do vestido rodado de um tom claro de azul. Ela olhou ao redor e, por um momento, ele pensou que ela o tinha visto, mas não foi o que aconteceu, porque quando ele levantou a mão para um cumprimento tímido, ela não levantou a dela em resposta. Só bateu na bola de volta para o gramado e saiu correndo atrás. Ele continuou a andar sem ressentimento pelo cumprimento não correspondido (ele realmente acreditou que ela não devia tê-lo visto) e pelo fato de nunca ter sido convidado para ir a um dos jogos de croquet de sábado à tarde. Por que uma garota bonita como Greta Bowie iria querer convidar um garoto como ele? Ele era magro, asmático e tinha o rosto de um rato afogado.

É, pensou ele, andando sem destino pela rua Kansas, *eu devia ter ido para a West Broadway para olhar para aquelas casas de novo… a dos Mueller, a dos Bowie, a do dr. Hale, a dos Tracker…*

Seus pensamentos foram abruptamente interrompidos após o último nome porque (falando do diabo!) aqui estava ele, de pé na frente da transportadora dos irmãos Tracker.

— Ainda está aqui — disse Eddie em voz alta, e riu. — Filho da mãe!

A casa na West Broadway que pertencia a Phil e Tony Tracker, dois solteirões convictos, devia ser a mais bonita das grandes casas daquela rua, uma casa branca impecável de meados do período vitoriano com gramados verdes e grandes canteiros de flores que cresciam desenfreadamente (de uma forma organizada, é claro) durante toda a primavera e verão. A entrada para carros era pavimentada todos os outonos, de forma que permanecia negra como um espelho escuro. As telhas inclinadas nas várias partes do telhado estavam sempre pintadas em um tom de verde que combinava perfeitamente com o gramado, e as pessoas às vezes paravam para tirar fotos das janelas com barras verticais entre as vidraças, que eram muito antigas e impressionantes.

— Dois caras que se dão ao trabalho de manter a casa tão arrumada só podem ser bichas — disse a mãe de Eddie uma vez com certa irritação, e Eddie não ousou pedir esclarecimento.

A transportadora era o oposto exato da casa dos Tracker na West Broadway. Era uma estrutura baixa de tijolos; os tijolos eram velhos e estavam se desfazendo em alguns pontos, e o tom laranja-sujo estava desbotando para um preto-fuligem na base da construção. As janelas estavam uniformemente imundas, exceto por um ponto circular em uma das vidraças mais baixas do escritório do gerente. Aquela janela era mantida impecavelmente limpa por garotos antes de Eddie e dos outros que vieram depois, porque o gerente tinha um calendário da *Playboy* em cima da mesa. Nenhum garoto jogava beisebol no terreno dos fundos sem antes parar para limpar o vidro com a luva e examinar a pinup do mês.

A transportadora era cercada de uma área de cascalho em três dos lados. Caminhões de transporte de longa distância, Jimmy-Petes, Kenworths e Rios, todos pintados com as palavras IRMÃOS TRACKER DERRY NEWTON PROVIDENCE HARTFORD NOVA YORK , às vezes ficavam estacionados ali em profusão desordenada. Às vezes eram caminhões inteiros, às vezes apenas cabines ou caçambas, apoiadas silenciosamente em rodas de trás e suportes.

Os irmãos mantinham os caminhões fora do terreno nos fundos do prédio o máximo que podiam porque eram ambos fãs ávidos de beisebol e porque gostavam que as crianças fossem jogar lá. Phil Tracker transportava cargas, então os garotos raramente o viam, mas Tony Tracker, um homem com braços enormes e uma barriga combinando, cuidava dos livros e da contabilidade, e Eddie (que nunca jogava — sua mãe o teria matado se ouvisse que ele estava jogando beisebol, correndo por aí e enchendo os delicados pulmões de poeira, correndo o risco de quebrar a perna, de ter concussões e só Deus sabia o que mais) se acostumou a vê-lo. Ele era presença fixa no verão, e sua voz era tão parte do jogo para Eddie quanto a de Mel Allen passou a ser mais tarde: Tony Tracker, grande, mas de alguma forma fantasmagórico,

com a camisa branca reluzindo conforme o sol descia e os vaga-lumes começavam a surgir no ar com luz própria, gritando: *"Você precisa entrar debaixo da boooola antes de pegar, Ruivo!... Você tirou os olhos da boooola, Meio Quilo! Não dá pra rebater se não está olhando!... Escorregue, Pé de Cavalo! Se você enfiar as solas dos tênis Keds na cara do sujeito da segunda base, ele nunca vai botar você pra fora!"*

Nunca chamava nenhum dos meninos pelo nome, lembrou Eddie. Era sempre ei, Ruivo, ei, Louro, ei, Quatro Olhos, ei, Meio Quilo. Nunca era bola, era sempre boooola. Nunca era taco, Tony sempre chamava de "vara de freixo", como, por exemplo, "Você nunca vai acertar essa boooola se não segurar direito a vara de freixo, Pé de Cavalo."

Sorrindo, Eddie, chegou mais perto… e o sorriso sumiu. O prédio comprido de tijolos onde pedidos eram gerenciados, caminhões eram consertados e mercadoria ficava armazenada por períodos curtos agora estava escuro e silencioso. Ervas daninhas cresciam em meio ao cascalho, e não havia caminhões em nenhum dos lados do pátio… só uma caçamba com laterais enferrujadas e velhas.

Ao chegar ainda mais perto, ele viu que havia uma placa de VENDE-SE de uma imobiliária na janela.

A transportadora fechou, pensou ele, e ficou surpreso pela tristeza que o pensamento gerou… como se alguém tivesse morrido. Ele ficou feliz por não ter andado até a West Broadway. Se a transportadora fechou, a transportadora dos Irmãos Tracker, que parecia eterna, o que poderia ter acontecido naquele lado da rua no qual ele gostava tanto de andar quando criança? Ele se deu conta com desconforto de que não queria saber. Não queria ver Greta Bowie com o cabelo ficando grisalho, com os quadris e as pernas mais grossos de tanto ficar sentada, comer e beber; era melhor e mais seguro ficar longe.

Era o que todos devíamos ter feito, ficado longe. Não temos nada que estar aqui. Voltar pra cidade onde você cresceu é como fazer uma postura louca de ioga, colocar o pé na própria boca e de alguma forma engolir a si próprio para que não sobre nada; não dá pra fazer e qualquer pessoa sã deveria ficar feliz por isso… o que você acha que aconteceu com Tony e Phil Tracker, afinal?

Ataque cardíaco no caso de Tony, talvez; ele carregava uns 35 quilos de carne extra no corpo. Era preciso prestar atenção no que seu coração poderia estar tramando. Os poetas podiam romancear sobre corações partidos e Barry Manilow podia cantar sobre isso, e por Eddie, tudo bem (ele e Myra tinham todos os discos gravados por Barry Manilow), mas ele preferia fazer um confiável eletrocardiograma todos os anos. Claro, o coração de Tony provavelmente desistira de funcionar. E Phil? Talvez má sorte na estrada. Eddie, que também ganhava a vida atrás do volante (pelo menos, no passado; atualmente, ele só dirigia para as celebridades e passava o resto do tempo pilotando uma escrivaninha), conhecia a má sorte de estrada. O velho Phil talvez tivesse perdido o controle do caminhão em algum ponto de New Hampshire ou Hainesville Woods, no norte do Maine, em época de nevasca, ou talvez os freios tenham falhado em uma ladeira ao sul de Derry, a caminho de Haven enquanto dirigia

sob uma chuva de primavera. Essas coisas ou qualquer outra sobre as quais se cantava naquelas músicas country grudentas sobre caminhoneiros que usavam chapéus Stetson e só pensavam em traição. Pilotar a escrivaninha era solitário às vezes, mas Eddie já havia se sentado no banco do motorista mais de uma vez, com a bombinha sobre o painel (e um monte de comprimidos no porta-luvas), e sabia que a verdadeira solidão era um borrão vermelho: a cor do farol de trás do carro à sua frente refletida no pavimento molhado sob chuva forte.

— Ah, merda, o tempo passa — disse Eddie Kaspbrak em uma espécie de sussurro suspirado, e nem percebeu que tinha falado em voz alta.

Sentindo-se emocionado e infeliz ao mesmo tempo, um estado mais comum a ele do que ele gostaria de acreditar, Eddie contornou o prédio, com os sapatos Gucci estalando no cascalho, para olhar para a área onde os jogos de beisebol aconteciam quando ele era criança. Quando parecia que noventa por cento do mundo era composto de crianças.

O pátio não tinha mudado muito, mas uma olhada bastou para convencê-lo sem sombra de dúvida de que os jogos tinham acabado, uma tradição que simplesmente morreu em algum momento sem motivo aparente nos anos que se passaram.

Em 1958, o campo em forma de diamante era definido não por linhas de calcário, mas por sulcos feitos por pés. Os garotos que jogavam beisebol ali não tinham bases de verdade (garotos que eram todos mais velhos do que os Otários, embora Eddie lembrasse agora que Stan Uris às vezes jogava; ele rebatia razoavelmente, mas conseguia correr rápido no campo e tinha os reflexos de um anjo), mas quatro pedaços de lona suja ficavam debaixo da plataforma de carregamento atrás do prédio comprido de tijolos, para serem cerimoniosamente retirados quando havia garotos o suficiente no local para jogar, e cerimoniosamente devolvidos quando as sombras da noite tinham caído o bastante para acabar com a brincadeira.

De pé ali agora, Eddie não conseguia ver sinal das marcas do campo de beisebol. Mato havia crescido em meio ao cascalho de forma desordenada. Garrafas quebradas de refrigerante e cerveja brilhavam aqui e ali; antigamente, cacos que vidro assim eram religiosamente retirados. A única coisa que estava igual era a cerca de arame nos fundos do campo, com 3,5 metros de altura e enferrujada como sangue seco. Ela quebrava o céu em milhares de pedaços em forma de diamante.

Era território de home-run, pensou Eddie, perplexo, com as mãos no bolso, de pé em um lugar onde havia uma base 27 anos antes. *Por cima da cerca e para dentro do Barrens. Chamavam de O Automático*. Ele riu alto e olhou ao redor com nervosismo, como se um fantasma tivesse gargalhado em vez de um cara com uma calça de 60 dólares, um cara tão sólido quanto… bem, tão sólido quanto… quanto…

Pare com isso, Eds, pareceu sussurrar a voz de Richie. *Você não é nada sólido, e nos últimos anos as hahas foram diminuindo e ficando cada vez mais espaçadas. Certo?*

— É, isso mesmo — disse Eddie com voz baixa, e chutou algumas pedras soltas.

Na verdade, ele só tinha visto duas bolas passarem por cima da cerca e irem para o terreno atrás da transportadora, as duas rebatidas pelo mesmo garoto: Arroto Huggins. Arroto era

quase comicamente grande, já com 1,80 metro aos 12 anos, e pesava talvez uns 75 quilos. Ele ganhou o apelido porque conseguia dar arrotos de duração e volume impressionantes. Nos melhores, ele parecia um cruzamento entre sapo-boi e cigarra. Às vezes, ele batia a mão rapidamente sobre a boca aberta enquanto arrotava, emitindo um som que parecia um índio rouco.

Arroto era grande e não muito gordo, lembrou Eddie, mas era como se Deus nunca pretendesse realmente que um garoto de 12 anos tivesse um tamanho tão avantajado; se ele não tivesse morrido naquele verão, poderia ter chegado a 2 metros ou mais, e talvez pudesse ter aprendido no processo de crescimento a controlar o corpo grande demais em um mundo de pessoas menores. Eddie pensou que ele poderia até ter aprendido a ser gentil. Mas, aos 12 anos, ele era desajeitado e cruel, não retardado, mas quase parecendo, porque todas as ações de seu corpo pareciam incrivelmente desastradas e mal calculadas. Ele não tinha nada do ritmo internalizado de Stanley; era como se o corpo de Arroto não conversasse com o cérebro e existisse em seu próprio cosmos de trovão lento. Eddie conseguia se lembrar da noite em que uma bola lenta foi lançada diretamente para a posição de Arroto na extremidade do campo. Arroto nem precisava se mover. Ele ficou olhando para cima, levantou a luva em um gesto de soco quase não direcionado, e, em vez de cair em sua luva, a bola bateu no alto de sua cabeça, produzindo um som oco. Foi como se a bola tivesse sido largada do terceiro andar no teto de um Ford sedã. Ela quicou por um bom 1,20 metro e caiu direitinho na luva de Arroto. Um garoto infeliz chamado Owen Phillips riu do som oco. Arroto andou até ele e chutou a bunda dele com tanta força que Phillips foi correndo para casa com um buraco na calça. Mais ninguém riu… pelo menos não externamente. Eddie achava que, se Richie Tozier estivesse lá, ele não conseguiria se segurar, e Arroto provavelmente o teria mandado para o hospital. Arroto também era lento na base. Era fácil eliminá-lo e, se ele rebatesse para o chão, até os jogadores mais desajeitados não tinham dificuldade em eliminá-lo de cara. Mas quando ele acertava uma, ela ia bem, bem longe. As duas bolas que Eddie viu Arroto rebater por cima da cerca foram incríveis. A primeira nunca foi recuperada, embora mais de dez garotos tenham andado pela ladeira inclinada que descia para o Barrens em busca dela.

A segunda, entretanto, *foi* recuperada. A bola pertencia a outro garoto do sexto ano (Eddie não conseguia lembrar agora qual era o nome dele, só que todos os garotos o chamavam de Fungão porque ele sempre estava resfriado) e foi usada durante a maior parte da primavera e começo do verão de 1958. Como resultado, não era mais a criação esférica branca quase perfeita com costuras vermelhas que tinha sido ao sair da caixa; estava gasta, manchada de grama e com vários cortes pelas centenas de viagens e quedas no cascalho ao redor. A costura estava começando a se desfazer em um ponto, e Eddie, que pegou quatro bolas que caíram fora do campo quando sua asma não estava ruim (apreciando cada *Obrigado, garoto!* casual quando jogava a bola de volta para o campo), sabia que em pouco tempo alguém apareceria com um rolo de fita isolante preta para consertá-la, para que durasse mais uma semana ou duas.

Mas antes da chegada desse dia, um garoto do sétimo ano com o nome improvável de Stringer Dedham jogou o que ele chamava de uma bola com "mudança de velocidade" para Arroto Huggins. Arroto calculou o momento perfeitamente (as mais lentas eram bem a velocidade dele, com o perdão do trocadilho) e acertou o irmão mais velho de Fungão, Spalding, com tanta força que a capa se soltou e voou até poucos metros da segunda base como uma mariposa branca. A bola em si continuou a subir e subir no belo céu crepuscular, se desfazendo e se desfazendo enquanto subia, com os garotos se virando para acompanhar o progresso com perplexidade estúpida, e ela seguiu por cima da cerca, ainda subindo, e Eddie lembrava que Stringer Dedham dissera "Pu-ta merda!" com voz baixa e impressionada enquanto a bola seguia para o céu. E todos viram a bola se desfazendo, e antes mesmo de ela cair, seis garotos já estavam subindo a cerca, e Eddie conseguia se lembrar de Tony Tracker rindo como louco e gritando:

— Essa podia ter saído direto do estádio dos Yankees! Estão ouvindo? Essa podia ter saído direto da *porra do estádio dos Yankees!*

Foi Peter Gordon quem encontrou a bola, não longe do córrego onde o Clube dos Otários faria a represa menos de três semanas depois. O que sobrou não tinha nem 7 centímetros de diâmetro; era uma espécie de milagre absurdo o centro não ter se quebrado.

Com consentimento silencioso, os garotos levaram os restos da bola de Fungão para Tony Tracker, que a examinou sem dizer nada, cercado de garotos igualmente silenciosos. Visto de longe, aquele círculo de garotos ao redor do homem alto com a barriga proeminente poderia parecer com intenção quase religiosa, em veneração a um objeto sagrado. Arroto Huggins nem correu pelas bases. Apenas ficou em meio aos outros como um garoto que não fazia ideia precisa do que era. O que Tony Tracker entregou para ele naquele dia era menor do que uma bola de tênis.

Eddie, perdido nas lembranças, andou do local onde ficava a primeira base, passou pelo morrinho do lançador (só que nunca houve um morrinho; era uma depressão da qual o cascalho havia sido retirado) e andou até a defesa entre a segunda e a terceira base. Ele fez uma pausa curta, surpreso pelo silêncio, e caminhou até a cerca de arame. Estava mais enferrujada do que nunca, e tomada por uma espécie de hera feia, mas ainda estava lá. Ao olhar pela cerca, ele conseguiu ver que o chão descia em uma ladeira de verde agressivo.

O Barrens estava parecendo uma selva mais do que nunca, e pela primeira vez ele se viu se perguntando por que uma vegetação tão densa e virulenta era chamada de Barrens: o local era muitas coisas, mas estéril não era uma delas. Por que não Mato? Ou Selva?

Barrens.

O som era agourento, quase sinistro, mas o que ele conjurava na mente não eram emaranhados de arbustos e árvores tão densos que tinham que lutar para encontrar espaço ao sol; ele evocava imagens de dunas de areia se deslocando infinitamente, ou áreas cinzentas de rocha ou deserto. Árido. Mike disse antes que eles eram todos estéreis, e parecia verdade. Sete pessoas e nem um único filho. Mesmo naquela época de paternidade planejada, era

contra todas as estatísticas.

Ele olhou para a cerca enferrujada com elos em formato de diamante e ouviu o ruído distante dos carros na rua Kansas e o movimento de água abaixo. Conseguia ver brilhos dela em meio ao sol de primavera, como pedaços de vidro cintilando. A área de bambu ainda estava lá embaixo, com aparência branca doentia, como trechos de fungo em meio ao verde. Atrás disso, na área pantanosa à margem do Kenduskeag, diziam haver lama movediça.

Passei os momentos mais felizes da minha infância nessa imundície, pensou ele, e tremeu.

Ele estava prestes a se virar quando uma coisa chamou sua atenção: um cilindro de cimento com uma pesada tampa de aço em cima. Buracos de Morlocks era como Ben costumava chamá-los, rindo com a boca, mas não com os olhos. Se você fosse até um, ele ia até a cintura mais ou menos (se você fosse criança), e dava para ver DEPARTAMENTO DE OBRAS PÚBLICAS DE DERRY em alto-relevo em um semicírculo no metal. E dava para ouvir um zumbido vindo de dentro. Algum tipo de maquinário.

Buracos de Morlocks.

Foi pra lá que fomos. Em agosto. No final. Entramos em um dos buracos de Morlocks de Ben, nos esgotos, mas depois de um tempo não eram mais esgotos. Eram… eram… o quê?

Patrick Hockstetter estava lá embaixo. Antes de a Coisa levar ele, Beverly viu ele fazendo uma coisa ruim. Ela achou graça, mas saiba que era ruim. Alguma coisa a ver com Henry Bowers, não foi? É, acho que sim. E…

Ele se virou de repente e começou a voltar para a transportadora abandonada, sem querer olhar mais para o Barrens, sem gostar do pensamento que aquilo despertava. Queria estar em casa com Myra. Não queria estar ali. Ele…

— Pega, garoto!

Ele se virou em direção ao som da voz, e uma espécie de bola passou por cima da cerca e seguiu na direção dele. Eddie esticou a mão e segurou. No reflexo, sem pensar, ele pegou tão bem que foi quase com elegância.

Ele olhou para o que estava segurando e tudo dentro de seu corpo ficou frio e frouxo. Aquilo já tinha sido uma bola de beisebol. Agora, era só uma esfera de barbante enrolado, porque a cobertura tinha caído. Ele conseguia ver o barbante desenrolando. Seguia por cima da cerca como uma teia de aranha e desaparecia no Barrens.

Ah Jesus, pensou ele. *Ah Jesus, a Coisa está aqui, a Coisa está aqui comigo AGORA…*

— Vem brincar, Eddie — disse a voz do outro lado da cerca, e Eddie percebeu com um horror apavorante que era a voz de Arroto Huggins, que tinha sido assassinado nos túneis debaixo de Derry em agosto de 1958. E agora, aqui estava o próprio Arroto, lutando para subir pela ladeira do outro lado da cerca.

Ele estava usando um uniforme listrado de beisebol do New York Yankees coberto de pedaços de folhas de outono e manchado de verde. Era Arroto, mas também era o leproso, uma criatura despertada horrivelmente depois de anos em um túmulo molhado. A carne do rosto estava pendurada em pedaços pútridos. Um dos olhos era um buraco vazio. Coisas se

remexiam em seu cabelo. Ele estava com uma luva de beisebol coberta de limo em uma das mãos. Enfiou os dedos apodrecidos da mão direita pelos buracos em forma de diamante da cerca e, quando os fechou, Eddie ouviu um som úmido terrível que achou que o levaria à loucura.

— Essa podia ter saído direto do estádio dos Yankees — disse Arroto, e sorriu. Um sapo, horrivelmente branco e se contorcendo, caiu de sua boca direto no chão. — Está ouvindo? Essa podia ter saído direto da *porra do estádio dos Yankees!* Aliás, Eddie, quer um boquete? Faço por dez centavos. Porra, faço de graça.

O rosto de Arroto mudou. O nariz gelatinoso caiu e revelou dois canais vermelhos em carne viva que Eddie já tinha visto em sonhos. O cabelo se engrossou e se afastou das têmporas, ficou branco cor de teia de aranha. A pele podre da testa se abriu, deixando à mostra osso branco coberto de substância semelhante a muco, como a lente suja de uma lanterna. Arroto tinha sumido; a coisa que estava embaixo da varanda do número 29 da rua Neibolt estava ali agora.

— Bobby me chupa por dez centavos — cantou ele, começando a subir a cerca. Deixou pedaços de carne nos orifícios em forma de diamante formados pelo arame. A cerca tremeu e estalou com o peso dele. Quando ele tocava na hera que subia pela cerca, ela ficava preta. — Ele faz a qualquer hora. Quinze centavos se demorar.

Eddie tentou gritar. Nada saiu além de um gritinho seco e sem sentido. Seus pulmões pareciam as ocarinas mais secas do mundo. Ele olhou para a bola na mão, e de repente sangue começou a escorrer entre o barbante enrolado. Pingou no cascalho e manchou os sapatos dele.

Ele a jogou no chão e deu dois passos cambaleantes para trás, com os olhos saltando da cara, e esfregou as mãos na frente da camisa. O leproso tinha chegado no alto da cerca. Sua cabeça se balançou contra o céu, um formato de pesadelo como uma abóbora inchada de Halloween. A língua se desenrolou para fora com 1,20 metro, talvez 1,80. Ela se retorceu pela cerca abaixo como uma cobra saindo da boca sorridente do leproso.

Estava ali em um segundo… e sumiu no seguinte.

Ele não sumiu como um fantasma em um filme; apenas piscou e deixou de existir. Mas Eddie ouviu um som que confirmou a solidez essencial: um estalo, como uma rolha saindo de uma garrafa de champanhe. Era o som do ar preenchendo o lugar onde o leproso antes estava.

Ele se virou e começou a correr, mas antes de percorrer 3 metros, quatro formas rígidas saíram voando das sombras debaixo da plataforma de carregamento da transportadora abandonada. Primeiro, ele pensou que fossem morcegos, gritou e cobriu a cabeça… Mas viu que eram quadrados de lona, os quadrados que serviam de base quando os garotos grandes jogavam ali.

Eles giraram e rodopiaram no ar parado; ele precisou se abaixar para desviar de um deles. Cada um pousou nos lugares de sempre ao mesmo tempo, levantando nuvens de poeira. A base principal, a primeira, a segunda e a terceira.

Ofegante, com a respiração curta na garganta. Eddie passou correndo pela base principal,

com os lábios repuxados e o rosto branco como queijo cottage.

WHACK! O som de um taco batendo em uma bola fantasma. E então…

Eddie parou quando perdeu todas as forças nas pernas e um gemido escapou de seus lábios. O chão estava inflando em linha reta da base principal até a primeira, como se uma toupeira gigante estivesse fazendo rapidamente um túnel embaixo da superfície da terra. O cascalho rolou para os dois lados. A forma debaixo da terra chegou à base, e a lona voou no ar. Subiu com tanta força e rapidez que fez um estalo, o mesmo que um engraxate faz quando está animado e estala a flanela. O chão começou a subir entre a primeira e a segunda base, cada vez mais rápido. A segunda base voou no ar com estalo similar e mal tinha pousado no chão quando a forma chegou à terceira base e estava voltando para a principal.

A base principal também voou, mas antes que caísse, a coisa saiu do chão como um brinquedo de festa de criança, e a coisa era Tony Tracker, com um crânio no lugar da cabeça com alguns pedaços de carne ainda presos na cara, a camisa branca em tiras brancas e podres de linho. Ele saiu da terra na base principal da cintura para cima, balançando-se para a frente e para trás como uma minhoca grotesca.

— Você pode segurar a vara de freixo como quiser — disse Tony Tracker com voz arenosa e áspera. Dentes expostos sorriam com companheirismo lunático. — Não importa, Apito. Vamos te pegar. Você e seus amigos. Vamos arrasaaaar!

Eddie gritou e cambaleou para trás. Havia uma mão em seu ombro. Ele se encolheu para se afastar dela. A mão o apertou por um momento, mas acabou cedendo. Ele se virou. Era Greta Bowie. Estava morta. Metade do rosto dela não existia mais; vermes rastejavam na carne vermelha que tinha sobrado. Ela estava segurando um balão verde em uma das mãos.

— Acidente de carro — disse a metade reconhecível da boca, e ela sorriu. O sorriso provocou um indescritível som de rasgo, e Eddie conseguiu ver tendões se movendo como tiras terríveis. — Eu tinha 18 anos, Eddie. Estava bêbada e cheia de Seconal. Seus amigos estão aqui, Eddie.

Eddie se afastou dela com as mãos erguidas na frente do rosto. Ela andou na direção dele. O sangue tinha respingado e secado na perna dela em longas manchas. Ela estava usando mocassins.

E agora, atrás dela, ele viu o maior horror do mundo: Patrick Hockstetter estava cambaleando na direção dele pelo campo. Ele também estava usando um uniforme do New York Yankees.

Eddie correu. Greta o segurou de novo, o que rasgou sua camisa e derramou algum líquido terrível em suas costas, pela parte de trás da gola. Tony Tracker estava saindo do buraco de toupeira de tamanho humano. Patrick Hockstetter cambaleou e se arrastou. Eddie correu, sem saber onde estava encontrando fôlego para isso, mas correndo mesmo assim. Enquanto corria, ele viu as palavras flutuando em sua frente, as palavras que estavam escritas no balão verde que Greta Bowie estava segurando:

REMÉDIO DE ASMA PROVOCA CÂNCER DE PULMÃO!

Eddie correu. Ele correu e correu, e, em algum momento, caiu quase desmaiado perto do Parque McCarron. Algumas crianças o viram e ficaram longe porque ele parecia um doido para eles, como se pudesse ter algum tipo de doença estranha, e, pelo que eles sabiam, podia até ser o assassino, e eles falaram em denunciá-lo para a polícia, mas no final não denunciaram.

3

Bev Rogan faz uma visita

Beverly andou distraidamente pela rua Main a partir do Derry Town House, para onde tinha ido vestir uma calça jeans e uma bata amarela. Não pensava para onde estava indo. O que ela pensou foi:

Cabelos de fogo
como brasas no inverno.
Meu coração queima.

Ela tinha escondido isso na gaveta de baixo, sob as calcinhas. A mãe talvez tivesse visto, mas não tinha problema. O importante era que o pai nunca olhava naquela gaveta. Se ele tivesse visto o cartão, poderia ter olhado para ela com aquela expressão alegre, quase simpática e completamente paralisante e perguntado de uma forma quase gentil: “Andou fazendo alguma coisa que não devia, Bev? Andou fazendo alguma coisa com algum garoto?” E se ela dissesse sim ou se dissesse não, haveria um movimento rápido, tão rápido e tão forte que nem doía a princípio; demorava alguns segundos para o vácuo se dissipar e a dor preencher o lugar onde ele estava. E então, a voz dele de novo, quase simpática: “Me preocupo *muito* com você, Beverly. Me preocupo *demais*. Você precisa crescer, não é verdade?”

O pai dela podia ainda estar morando aqui em Derry. Estava ali na última vez que ela teve notícias dele, mas isso tinha sido… havia quanto tempo? Dez anos? Bem antes de ela ter se casado com Tom. Ela recebeu um cartão-postal dele, não um cartão-postal simples como aquele no qual o poema foi escrito, mas um com a imagem da horrível estátua de plástico de Paul Bunyan que ficava na frente do City Center. A estátua foi erigida em algum momento nos anos 1950 e era um dos marcos da infância dela, mas o cartão do pai não despertou nostalgia

nenhuma nem lembranças; podia muito bem ser um cartão exibindo o Portal em Arco de Saint Louis ou a Ponte Golden Gate em São Francisco.

"Espero que você esteja bem e sendo boazinha", dizia o cartão. "Espero que me mande alguma coisa se puder, porque não tenho muito. Amo você Bevvie. Papai."

Ele a amava, e de certa forma ela achava que isso tinha tudo a ver com o motivo de ela ter se apaixonado tão desesperadamente por Bill Denbrough naquele longo verão de 1958 — porque, de todos os garotos, Bill era o que projetava a sensação de autoridade que ela associava com o pai... mas era um tipo diferente de autoridade, de alguma maneira. Era autoridade que escutava. Ela não via suposição nem nos olhos nem nas ações dele de que ele acreditava que o tipo de *preocupação* do pai dela era o único motivo para a autoridade precisar existir... como se as pessoas fossem bichinhos de estimação, para serem mimadas e também punidas.

Fosse qual fosse o motivo, no final da primeira reunião deles como grupo completo em julho daquele ano, da reunião que Bill liderou de forma tão completa e sem esforço, ela já estava louca e completamente apaixonada por ele. Chamar de amor de pré-adolescente era como dizer que um Rolls-Royce era um carro de quatro rodas, alguma coisa como uma carroça de feno. Ela não dava risadinhas nem ficava vermelha quando o via, nem escrevia o nome dele com giz em árvores nem nas paredes da Ponte do Beijo. Apenas vivia com o rosto dele no coração o tempo todo, um tipo de dor doce e sofrida. Ela teria morrido por ele.

Ela supunha ser bem natural que ela quisesse acreditar que tinha sido Bill quem mandou o poema de amor... embora nunca tenha chegado ao ponto de convencer a si mesma disso. Não, ela sabia quem tinha escrito o poema. E, mais tarde, em algum momento, o autor não admitiu para ela? Sim, Ben contou para ela (apesar de ela não conseguir lembrar agora, por nada desse mundo, nem quando nem sob que circunstâncias ele falou em voz alta), e apesar de o amor dele por ela ficar quase tão bem escondido quanto o amor que ela sentia por Bill,

(mas você contou pra ele Bevvie você contou pra ele que amava ele)

era óbvio para qualquer pessoa que olhasse de verdade (e que fosse gentil). Dava para perceber pela forma como ele sempre mantinha um espaço cuidadoso entre eles, pela inspiração dele quando ela tocava no braço ou na mão dele, pela forma como ele se vestia quando sabia que se encontraria com ela. O querido, doce e gordo Ben.

De alguma forma, aquele difícil triângulo pré-adolescente acabou, mas *como* acabou era uma das coisas de que ela ainda não conseguia se lembrar. Ela achava que Ben tinha confessado a autoria e o envio do poeminha de amor. Achava que ela tinha contado a Bill que o amava, que o amaria para sempre. E, de alguma forma, essas duas informações tinham ajudado a salvar a vida de todos eles... Seria possível? Ela não conseguia lembrar. Essas lembranças (ou lembranças das lembranças: isso se aproximava mais do que realmente eram) eram como ilhas que não eram realmente ilhas, mas apenas pedaços de um coral que por acaso surgiu acima da superfície, não separados, mas uma única peça. Mas sempre que ela tentava mergulhar e ver o resto, uma imagem enlouquecedora interferia: os melros que voltavam a

cada primavera para a Nova Inglaterra, cobrindo as linhas telefônicas, árvores e telhados, brigando por espaço e ocupando o ar frio de fim de março com sua fofoca barulhenta. A imagem voltou à mente dela repetidas vezes, estranha e perturbadora, como um raio pesado de rádio que esconde o sinal que você quer realmente captar.

Ela percebeu com choque repentino que estava de pé em frente à Kleen-Kloze Washateria, para onde ela, Stan Uris, Ben e Eddie tinham levado os panos de chão naquele dia no fim de junho, panos manchados de sangue que só eles conseguiam ver. As janelas agora estavam opacas de sabão, e havia um cartaz escrito à mão com as palavras À VENDA PELO DONO colado à porta. Ao olhar por entre as partes ensaboadas, ela conseguiu ver um aposento vazio com quadrados mais claros nas paredes sujas e amareladas marcando o local onde ficavam as máquinas.

Estou indo pra casa, pensou ela com tristeza, mas prosseguiu mesmo assim.

O bairro não tinha mudado muito. Algumas árvores não estavam mais lá, provavelmente olmos que tombaram após alguma praga. As casas pareciam mais maltratadas; janelas quebradas pareciam um pouco mais comuns do que quando ela era criança. Algumas das vidraças quebradas foram substituídas por papelão. Algumas, não.

E aqui estava ela, em frente ao prédio de número 127 da rua Lower Main. Ainda aqui. O branco descascado do qual ela se lembrava tinha virado marrom chocolate descascado em algum momento ao longo dos anos que se passaram, mas o local ainda era inconfundível. Ali estava a janela do que era a cozinha; ali estava a janela do quarto dela.

(Jim Doyon, sai da rua! Sai agora, você quer ser atropelado e morrer?)

Ela tremeu e cruzou os braços sobre os seios formando um X, acomodando os cotovelos nas palmas das mãos.

Papai poderia ainda estar morando aqui; ah, poderia mesmo. Ele não se mudaria a não ser que precisasse. Apenas ande até lá, Beverly. Olhe nas caixas de correio. Três caixas para três apartamentos, como antigamente. E se houver uma escrito MARSH, você pode tocar a campainha, e logo vai ouvir chinelos sendo arrastados no corredor, a porta vai se abrir e você pode olhar para ele, o homem cujo esperma fez você ser ruiva, canhota e deu a você a capacidade de desenhar... lembra como ele desenhava? Ele conseguia desenhar qualquer coisa que quisesse. Se tivesse vontade, é claro. Ele não sentia vontade com frequência. Acho que tinha muitas coisas com que se preocupar. Mas quando queria, dava para passar horas sentada vendo-o desenhar gatos, cachorros, cavalos e vacas com um MU saindo da boca em balõezinhos. Você ria e ele ria, e ele dizia Agora você, Bevvie*, e quando você segurava a caneta, ele guiava sua mão e você via a vaca ou o gato ou o homem sorridente surgindo por baixo de seus dedos enquanto sentia o cheiro da loção pós-barba Mennen Skin Bracer e o calor da pele dele. Vá até lá, Beverly. Toque a campainha. Ele virá e vai estar velho, as rugas no rosto dele serão fundas, e os dentes dele, os que tiverem sobrado, vão estar amarelados; ele vai olhar para você e vai dizer Nossa, é a Bevvie, Bevvie veio pra casa ver o pai velho, entre, Bevvie, estou tão feliz de ver você, estou feliz porque me*

preocupo com você, Bevvie, me preocupo MUITO.

Ela seguiu o caminho lentamente, e o mato crescendo entre os pedaços rachados de concreto roçaram nas pernas da calça jeans. Ela olhou com atenção para as janelas do primeiro andar, mas elas estavam cobertas por cortinas. Ela olhou para as caixas de correio. Terceiro andar, STARKWEATHER. Segundo andar, BURKE. Primeiro andar (ela perdeu o fôlego), MARSH.

Mas não vou tocar a campainha. Não quero vê-lo. Não vou tocar a campainha.

Foi uma decisão firme, finalmente! A decisão que abriu o portão para uma vida cheia e útil de decisões firmes! Ela voltou pelo caminho! Para o centro da cidade! Até o Derry Town House! Fez a mala! Pegou um táxi! Um avião! Mandou Tom cair fora! Viveu com sucesso! Morreu feliz!

Tocou a campainha.

Ela ouviu o toque familiar na sala de estar, o toque que sempre pareceu aos ouvidos dela um nome chinês: *Ching-Chong!* Silêncio. Nenhuma resposta. Ela se mexeu de um pé para o outro, com uma necessidade repentina de urinar.

Não tem ninguém em casa, pensou ela, aliviada. *Posso ir agora.*

Em vez de ir, ela tocou de novo: *Ching-Chong!* Sem resposta. Ela pensou no poeminha lindo de Ben e tentou lembrar exatamente quando e como ele confessou a autoria, e por que, por um breve segundo, isso gerou uma associação com seu primeiro ciclo menstrual. Ela começou a menstruar aos 11 anos? Sem dúvida que não, embora os seios tenham começado a crescer dolorosamente no meio do inverno. Por quê…? E então, interrompendo, uma imagem mental de milhares de melros em linhas telefônicas e telhados, todos falando no céu branco de primavera.

Vou embora agora. Já toquei duas vezes; isso basta.

Mas ela tocou de novo.

Ching-Chong!

Agora, ela ouviu alguém se aproximando, e o som foi exatamente como ela imaginou: o sussurro cansado de chinelos velhos. Ela olhou ao redor desesperadamente e chegou bem, bem perto de sair correndo. Será que ela conseguia descer o caminho de cimento e dobrar a esquina, deixando o pai a pensar que não tinha sido nada além de uma brincadeira de criança? *Ei, moço, seu coração está batendo…?*

Ela expirou intensamente e precisou segurar a garganta, porque tudo que queria sair era uma gargalhada de alívio. Não era o pai dela. De pé na porta e olhando para ela, havia uma mulher com aparência de quase 80 anos. O cabelo era comprido e bonito, quase todo branco, mas com mechas de puro ouro. Por trás dos óculos sem aro estavam olhos azuis como as águas nos fiordes pelos quais os ancestrais dela provavelmente viajaram. Ela estava usando um vestido roxo de seda *moiré*. Estava velho, mas ainda era elegante. O rosto cheio de rugas era gentil.

— Sim, moça?

— Me desculpe — disse Beverly. A vontade de rir passou com a mesma rapidez que chegou. Ela reparou que a senhora usava um camafeu no pescoço. Era quase certamente de marfim de verdade, cercado por uma tira de ouro tão fina que era quase invisível. — Devo ter tocado a campainha errada. — *Ou tocado a campainha errada de propósito*, sussurrou sua mente. — Eu pretendia tocar na residência dos Marsh.

— Marsh? — Ela enrugou a testa delicadamente.

— É, sabe…

— Não tem nenhum Marsh *aqui* — disse a mulher idosa.

— Mas…

— A não ser… Você não está falando de *Alvin* Marsh, está?

— Sim! — disse Beverly. — Meu pai!

A mão da mulher idosa foi até o camafeu e tocou nele. Ela olhou com mais atenção para Beverly, fazendo-a se sentir ridiculamente jovem, como se devesse estar com uma caixa de biscoitos de bandeirante nas mãos, ou talvez umas bandeirinhas de torcida dos Tigers da Derry High School. E então a mulher sorriu… um tipo de sorriso que era triste.

— Você sumiu mesmo, moça. Não quero ser quem vai dar a notícia, uma estranha, mas seu pai está morto há cinco anos.

— Mas… na campainha… — Ela olhou de novo e emitiu um som baixo e perplexo que não era bem uma gargalhada. Em sua agitação, no subconsciente junto com a certeza de que o pai ainda estaria ali, ela leu KERSH como MARSH.

— A senhora é a sra. Kersh? — perguntou ela. Estava surpresa pela notícia sobre o pai, mas também se sentiu idiota pelo erro. A senhora pensaria que ela não passava de uma analfabeta.

— Sra. Kersh — concordou ela.

— A senhora… conheceu meu pai?

— Muito pouco eu o conheci — disse a sra. Kersh. Ela pareceu um pouco o Yoda falando em *O império contra-ataca*, e Beverly sentiu vontade de rir de novo. Quando é que as emoções dela ficaram tão contraditórias? A verdade era que ela não conseguia se lembrar de um momento… mas sentiu um medo pesaroso de que lembraria logo. — Ele alugava o apartamento do térreo antes de mim. Nós nos víamos, eu vindo e ele indo, no espaço de alguns dias. Ele se mudou para a travessa Roward. Você conhece?

— Conheço — disse Beverly. A travessa Roward começava na rua Lower Main a quatro quadras dali, onde os apartamentos eram menores e mais descuidados.

— Eu o via no mercado da avenida Costello às vezes — disse a sra. Kersh —, e na Washateria antes de fechar. Trocamos algumas palavras de tempos em tempos. Nós… garota, você está pálida. Sinto muito. Entre e vou servir um chá.

— Não, eu não poderia — disse Beverly fracamente, mas na verdade sentia-se pálida, como gás enevoado pelo qual mal dava para enxergar. Um chá cairia bem, e uma cadeira para se sentar e bebê-lo.

— Poderia e vai — disse a sra. Kersh calorosamente. — É o mínimo que posso fazer por ter dado uma notícia tão desagradável.

Antes de poder protestar, Beverly se viu sendo levada pelo corredor escuro para dentro de seu antigo apartamento, que agora parecia bem menor, mas bem seguro. Seguro, achava ela, porque quase tudo estava diferente. Em vez da mesa de fórmica cor-de-rosa com três cadeiras, havia uma pequena mesa redonda, não muito maior do que uma mesa de canto, com flores de seda em um vaso. Em vez da velha geladeira Kelvinator com o motor redondo no alto (o pai mexia nele constantemente para manter funcionando), havia uma Frigidaire da cor de cobre. O fogão era pequeno, mas de aspecto eficiente. Havia um micro-ondas Amana RadarRange em cima. Cortinas azuis cobriam as janelas, e ela conseguia ver um canteiro de flores do lado de fora. O piso, de linóleo quando ela era criança, tinha sido arrancado e deixado na madeira original. Muitas enceragens deixaram-no delicadamente brilhoso.

A sra. Kersh olhou para ela do fogão, onde estava colocando uma chaleira.

— Você cresceu aqui?

— Cresci — disse Beverly. — Mas está diferente agora… tão bem-cuidado e arrumado… maravilhoso!

— Que gentil você é — disse a sra. Kersh, e seu sorriso a deixou mais jovem. Era radiante. — Tenho um pouco de dinheiro, sabe? Não muito, mas vivo bem com minha aposentadoria. Eu morava na Suécia quando criança. Vim para este país em 1920, com 14 anos e sem dinheiro, que é a melhor maneira de aprender o valor dele, você não acha?

— Acho — disse Bev.

— No hospital eu trabalhei — disse a sra. Kersh. — Muitos anos, desde 1925 trabalhei lá. Cheguei ao cargo de zeladora principal. Todas as chaves eu tinha. Meu marido investiu bem nosso dinheiro. Agora, conquistei este porto seguro. Olhe por aí, senhorita, enquanto a água ferve!

— Não, eu não poderia…

— Por favor… ainda me sinto culpada. Olhe se quiser!

E assim, ela foi olhar. O quarto dos pais dela agora era o quarto da sra. Kersh, e a diferença era enorme. O quarto parecia mais iluminado e arejado agora. Um baú grande de cedro, com as iniciais R. G. entalhadas, espalhava o delicado aroma no ar. Uma enorme colcha bordada cobria a cama. Nela, ela conseguia ver mulheres pegando água, garotos levando gado, homens fazendo montes de feno. Uma colcha linda.

O quarto dela tinha se tornado um quarto de costura. Havia uma máquina Singer preta sobre uma mesa de ferro fundido debaixo de um par de eficientes lâmpadas Tensor. Uma imagem de Jesus estava pendurada em uma parede, uma foto de John F. Kennedy na outra. Uma linda cristaleira ficava debaixo da foto de JFK. Estava cheia de livros em vez de porcelana, mas não parecia pior por isso.

Ela foi até o banheiro por último.

Ele tinha sido reformado em um tom rosado que era pálido e agradável demais para

parecer berrante. Todas as louças eram novas, mas mesmo assim ela se aproximou da pia sentindo que o velho pesadelo a tinha agarrado de novo; ela olharia naquele olho preto e sem pálpebra, os sussurros começariam e o sangue…

Ela se inclinou por cima da pia, teve um vislumbre de seu rosto pálido e olhos escuros no espelho acima e olhou para aquele olho, esperando as vozes, as gargalhadas, os grunhidos, o sangue.

Quanto tempo ela ficou ali inclinada sobre a pia, esperando as visões e os sons de 27 anos antes, ela não sabia; foi a voz da sra. Kersh que a trouxe de volta.

— Chá, moça!

Ela se empertigou, com a semi-hipnose interrompida, e saiu do banheiro. Se havia magia negra em algum ponto daquele ralo, não existia mais agora… ou estava dormindo.

— Ah, a senhora não devia!

A sra. Kersh olhou para ela com alegria, com um sorriso de leve.

— Ah, moça, se você soubesse o quanto é raro eu ter visitas atualmente, não diria isso. Fiz mais do que isso pro homem da Bangor Hydro que vem aferir meu hidrômetro! Estou deixando ele gordo!

Havia xícaras e pires delicados sobre a mesa redonda da cozinha, brancas com bordas azuis. Havia um pratinho de bolinhos e biscoitos. Ao lado dos doces, um bule de peltre soltava vapor e uma fragrância agradável. Confusa, Bev pensou que as únicas coisas que faltavam eram sanduichinhos de pão de fôrma com a casca cortada: *sanduichesdetia* era como ela pensava, sempre como uma única palavra. Os três tipos principais de sanduichesdetia eram de cream cheese com azeitona, de agrião e de salada de ovo.

— Sente-se — disse a sra. Kersh. — Sente-se, moça, e vou servir o chá.

— Não sou moça — disse Beverly, e levantou a mão para mostrar a aliança.

A sra. Kersh sorriu e balançou a mão no ar. *Besteira*, dizia o gesto.

— Chamo todas as garotas jovens e bonitas de moça — disse ela. — Por hábito. Não se ofenda.

— Não — disse Beverly. — De jeito nenhum. — Mas, por algum motivo, ela sentiu um toque leve de desconforto: havia alguma coisa no sorriso da velha mulher que parecia um pouco… o quê? Desagradável? Falso? Sagaz? Mas isso era ridículo, não era?

— Adorei o que a senhora fez com o apartamento.

— É mesmo? — disse a sra. Kersh, e serviu o chá. A aparência era escura, lamacenta. Beverly não tinha certeza se queria bebê-lo… e, de repente, não tinha certeza se ainda queria estar aqui.

Dizia mesmo *Marsh embaixo da campainha*, sussurrou a mente dela de repente, e ela sentiu medo.

A sra. Kersh passou o chá para ela.

— Obrigada — disse Beverly. A aparência podia ser lamacenta, mas o aroma era maravilhoso. Ela experimentou. Estava bom. *Pare de ter medo de sombras*, disse ela para si

mesma. — Aquele baú de cedro é uma peça maravilhosa.

— É antiguidade, aquele baú! — disse a sra. Kersh, e riu. Beverly reparou que a beleza da mulher era maculada em um aspecto, e um que era bem comum ali no norte. Os dentes dela eram bem ruins. Com aparência forte, mas bem estragados. Eram amarelados, e os dois da frente eram tortos. Os caninos pareciam muito longos, quase presas.

Eram brancos… Quando ela foi abrir a porta, ela sorriu e você pensou no quanto eles eram brancos.

De repente, ela não estava apenas com um *pouco* de medo. De repente, queria, *precisava* estar longe dali.

— Muito velho, ah, sim! — exclamou a sra. Kersh, e tomou a xícara de chá de um gole só, com um ruído repentino e chocante. Ela sorriu para Beverly, um sorriso apertado, e Beverly viu que os olhos da mulher também tinham mudado. As córneas agora estavam amarelas, antigas, cobertas de linhas vermelhas irregulares. O cabelo estava mais fino; a trança parecia malcuidada, não mais prateada com mechas douradas, mas cinza e sem vida.

— Muito velho — repetiu a sra. Kersh por cima da xícara vazia, olhando maliciosamente para Beverly com os olhos amarelados. Os dentes encavalados apareceram naquele sorriso repulsivo, quase predador. — De casa ele veio comigo. O RG entalhado? Você reparou?

— Reparei. — A voz veio de longe, e parte de seu cérebro gritou: *Se ela não souber que você reparou na mudança, talvez você ainda esteja em segurança, se ela não souber, não perceber…*

— Meu pai — disse ela, e Beverly viu que o vestido também mudou. Tinha virado de um tom preto escabroso e desbotado. O camafeu era um esqueleto, com o maxilar aberto em expressão doentia. — O nome dele era Robert Gray, mais conhecido como Bob Gray, mais conhecido como Pennywise, o Palhaço Dançarino. Embora esse também não fosse o nome dele. Mas ele adorava essa piada, meu pai.

Ela riu de novo. Alguns dos dentes tinham ficado tão pretos quanto o vestido. As rugas na pele agora estavam mais profundas. A pele rosada e leitosa tinha ficado amarela em um tom doentio. Os dedos eram como garras. Ela sorriu para Beverly.

— Coma alguma coisa, querida. — A voz dela tinha subido meia oitava, mas a oitava estava falha nesse registro, e a voz era como a porta de uma cripta balançando com dobradiças cobertas de terra negra.

— Não, obrigada — Beverly ouviu sua boca dizer em uma voz aguda de criança em tom de “preciso ir”. As palavras não pareceram se originar no cérebro dela; na verdade, saíram da boca e precisaram viajar até os ouvidos para ela ficar ciente do que havia dito.

— Não? — perguntou a bruxa, e sorriu. As garras dela arranharam o prato e ela começou a enfiar biscoitos finos de melado e delicadas fatias de bolo com cobertura na boca com as duas mãos. Os dentes horríveis subiam e desciam; as unhas, longas e sujas, afundavam nos doces; migalhas caíam pelo queixo ossudo. O hálito dela tinha o cheiro de coisas mortas há muito tempo que se abriram com a explosão dos gases de sua decomposição. A gargalhada agora era

um riso morto. O cabelo estava mais fino. O couro cabeludo descamando aparecia em alguns pontos.

— Ah, ele amava essa piada, meu pai! Isso é uma piada, senhorita, se você gosta de piadas: meu pai me carregou em vez da minha mãe. Ele me cagou pelo cu! Rá! Rá! Ráa!

— Tenho que ir — Beverly se ouviu dizer com aquela mesma voz aguda e ferida, a voz de uma garotinha que fizeram passar vergonha em sua primeira festa. Não havia forças em suas pernas. Ela estava ligeiramente ciente de que não era chá que havia em sua xícara, mas bosta, bosta líquida, um pequeno brinde dos esgotos embaixo da cidade. Ela tinha *bebido* um pouco daquilo, não muito, mas um gole, *ah Deus, ah Deus, ah Jesus abençoado, por favor, por favor…*

A mulher estava encolhendo na frente dela, emagrecendo; agora, ela era uma anciã com rosto de maçã murcha sentada do outro lado da mesa, dando risadas com voz alta e aguda e se balançando para a frente e para trás.

— Ah, meu pai e eu somos como uma pessoa só — disse ela —, só eu, só ele, e, querida, se você for esperta, você vai correr, correr de volta pro lugar de onde veio, e bem rápido, porque ficar vai ser pior do que sua morte. Ninguém que morre em Derry morre de verdade. Você já sabia disso antes; pode acreditar agora.

Em câmera lenta, Beverly puxou as pernas debaixo da mesa. Como se de fora, ela se viu ficando de pé e recuando da mesa e da bruxa com agonia de horror e descrença, descrença porque ela percebeu pela primeira vez que a mesinha da sala de jantar não era de carvalho escuro, mas de chocolate. Enquanto ela olhava, a bruxa, ainda rindo, com os olhos amarelados e velhos desviados maliciosamente para o canto da sala, quebrou um pedaço dela e enfiou avidamente no buraco preto que era sua boca.

Ela viu que as xícaras eram de tronco branco, cuidadosamente enfeitadas com cobertura azul. As imagens de Jesus e John Kennedy eram criações de fios de açúcar quase transparentes, e quando ela olhou para os quadros, Jesus botou a língua para fora e Kennedy deu uma piscadela safada.

— Estamos todos esperando por você! — gritou a bruxa, e suas unhas arranharam a superfície da mesa de chocolate, fazendo marcas fundas. — Ah sim! Ah sim!

As luzes acima eram globos de bala dura. Os lambris eram tiras de caramelo. Ela olhou para baixo e viu que seus sapatos estavam deixando marcas no piso, que não era de madeira, mas feito de fatias de chocolate. O cheiro de doce era nauseante.

Ah Deus é João e Maria é a bruxa a que sempre me deu mais medo porque comia as crianças…

— *Você e seus amigos!* — gritou a bruxa, rindo. — *Você e seus amigos! Na gaiola! Na gaiola até o forno ficar quente!* — Ela gargalhou gritando, e Beverly correu para a porta, mas correu como se em câmera lenta. A risada da bruxa girou ao redor da cabeça dela, uma nuvem de morcegos. Beverly berrou. O corredor tinha cheiro de açúcar, nougat e toffee e enjoativos morangos sintéticos. A maçaneta, imitação de cristal quando ela entrou, era um monstruoso

açúcar de diamante.

— *Eu me preocupo com você, Bevvie… Me preocupo MUITO!*

Ela se virou, com mechas de cabelo ruivo voando ao redor do rosto, e viu o pai cambaleando na direção dela pelo corredor, usando o vestido preto da bruxa e o camafeu de esqueleto; o rosto do pai estava coberto de carne mole e escorrendo, com olhos pretos como obsidianas, as mãos abrindo e fechando, a boca sorrindo com fervor intenso.

— *Eu batia em você porque queria COMER você, Bevvie, era o que eu queria fazer, queria FODER você, queria COMER você, queria comer sua BOCETA, queria CHUPAR seu CLITÓRIS entre os dentes, HUMM, Bevvie, aaaahhhhh, MAS QUE DELÍCIA, eu queria* colocar *você na gaiola… e esquentar o forno… e sentir sua BOCETA… sua BOCETA gordinha… e quando estivesse gordinha o bastante para comer… comer… COMER…*

Gritando, ela segurou a maçaneta grudenta e saiu correndo para uma varanda decorada com acessórios de *praliné* e coberta de calda de chocolate. Bem longe, distante, parecendo dançar em sua visão, ela viu carros indo de um lado para o outro e uma mulher empurrando um carrinho com compras do Mercado Costello.

Preciso sair daqui, pensou ela, quase incoerente. É a realidade aquilo lá fora, se eu conseguir chegar na calçada…

— Não vai ajudar nada correr, Bevvie — disse o pai dela

(meu pai)

rindo. — Esperamos por isso durante muito tempo. Vai ser *divertido*. Vai ser uma *DELÍCIA* pra *TODO MUNDO*.

Ela olhou para trás de novo, e agora o pai morto não estava usando o vestido preto da bruxa, mas a roupa de palhaço com os grandes botões laranja. Havia um gorro de pele do estilo de 1958, popularizado por Fess Parker no filme da Disney sobre Davy Crockett, na cabeça dele. Com uma das mãos, ele segurava alguns balões. Com a outra, segurava a perna de uma criança como uma coxa de frango. Escrita em cada balão estava a legenda A COISA VEIO DO ESPAÇO SIDERAL.

— Diz pros seus amigos que sou o último de uma raça em extinção — disse a Coisa, sorrindo o sorriso afundado enquanto cambaleava e se arrastava pelos degraus da varanda atrás dela. — O único sobrevivente de um planeta morto. Vim roubar todas as mulheres… estuprar todos os homens… e aprender a dançar o Peppermint Twist!

Ela começou a fazer uma dança louca, com os balões em uma das mãos e a perna cortada e sangrenta na outra. A roupa de palhaço balançou e sacudiu, mas Beverly não sentiu vento nenhum. Suas pernas se embolaram uma na outra e ela caiu na calçada, esticando as mãos abertas para amenizar o impacto, que doeu até os ombros. A mulher empurrando o carrinho de compras fez uma pausa e olhou para trás com dúvida, depois andou um pouco mais rápido.

O palhaço continuou na direção dela e jogou a perna cortada de lado. Ela caiu no gramado com um baque indescritível. Beverly ficou deitada esparramada no chão por um instante, com a certeza de que em algum momento acordaria logo, que não podia ser real, tinha que ser um

sonho…

Ela se deu conta de que isso não era verdade um momento antes de os dedos tortos e longos como garra do palhaço tocarem nela. A Coisa era real; a Coisa a mataria. Como tinha matado as crianças.

— *Os melros sabem seu nome verdadeiro!* — gritou ela para a Coisa de repente. A Coisa se encolheu, e pareceu a Beverly que por um momento o sorriso nos lábios dentro do grande sorriso vermelho pintado ao redor da boca se tornou uma careta de ódio e dor… e talvez também de medo. Podia ser apenas a imaginação dela, e ela não fazia ideia do motivo de ter dito uma coisa tão louca, mas, com isso, ela ganhou um instante.

Beverly ficou de pé e saiu correndo. Freios chiaram, e uma voz rouca, furiosa e assustada gritou:

— Por que não olha pra onde vai, piranha louca?

Ela teve uma visão borrada do caminhão de padaria que quase a atropelou quando saiu correndo para a rua como uma criança atrás de uma bola, e logo estava na calçada oposta, ofegante, com uma dor forte do lado esquerdo. O caminhão de padaria prosseguiu pela Lower Main.

O palhaço tinha sumido. A perna tinha sumido. A casa ainda estava lá, mas ela viu agora que estava desmoronando e deserta, com as janelas cobertas de tábuas e os degraus que levavam à varanda rachados e quebrados.

Estive mesmo lá dentro ou sonhei tudo?

Mas sua calça jeans estava suja, a blusa amarela, manchada de poeira.

E havia chocolate em seus dedos.

Ela os esfregou nas pernas da calça e saiu andando rápido, com o rosto quente, as costas frias como gelo, os olhos parecendo pulsar com os batimentos rápidos do coração.

Não podemos vencer a Coisa. Seja lá o que ela for, não podemos vencer. A Coisa até quer que a gente tente. Ela quer acertar as contas. Não vai ficar feliz com um empate, eu acho. Devíamos sair daqui… simplesmente ir embora.

Alguma coisa roçou em seu tornozelo, tão leve quanto a pata de um gato.

Ela se encolheu com um gritinho. Olhou para baixo e fez uma careta, com uma das mãos sobre a boca.

Era um balão, amarelo como sua blusa. Escritas na lateral dele em azul estavam as palavras ISSO AÍ, COELHO.

Ela o viu seguir saltando pela rua, levado pela brisa agradável do final da primavera.

4

Richie Tozier faz marcas

Bem, teve o dia em que Henry e os amigos

correram atrás de mim, antes do último dia de aula…

Richie estava andando ao longo da rua Outer Canal, passando pelo Parque Bassey. Ele parou, com as mãos enfiadas nos bolsos, e olhou para a Ponte do Beijo, mas não a viu realmente.

Fugi deles no departamento de brinquedos da Freese's…

Desde o fim louco do almoço de reencontro, ele estava andando sem destino, tentando fazer as pazes com as coisas horríveis que estavam nos biscoitos da sorte… ou com as coisas que *pareceram* estar nos biscoitos. Ele achava que nada saiu deles, provavelmente. Foi uma alucinação coletiva gerada pelas coisas apavorantes sobre as quais eles estavam conversando. A melhor prova dessa hipótese era que Rose não tinha visto nada. É claro que os pais de Beverly também nunca viram o sangue que saiu do ralo do banheiro, mas não era a mesma coisa.

Não? Por que não?

— Porque somos adultos agora — murmurou ele, e descobriu que o pensamento não tinha poder nem lógica nenhuma; podia muito bem ser uma fala nonsense de uma cantiga infantil de pular corda.

Ele voltou a caminhar.

Passei pelo City Center e me sentei em um banco de parque por um tempo, e pensei ter visto…

Ele parou de novo e franziu a testa.

Visto o quê?

… mas foi só um sonho.

Foi? Foi mesmo?

Ele olhou para a esquerda e viu o grande prédio de vidro, tijolo e aço que parecia tão moderno no final dos anos 1950, mas que agora se revelava antigo e brega.

E aqui estou eu, pensou ele. *De volta ao maldito City Center. Cena daquela outra alucinação. Ou sonho. Ou o que quer que tenha sido.*

Os outros o viam como o Palhaço da Turma, o Exibicionista Maluco, e ele voltou direitinho a esse papel. *Ah, nós* todos *voltamos direitinho a nossos antigos papéis, você não reparou?* Mas havia alguma coisa de incomum nisso? Ele achava que era comum se ver as mesmas coisas em cada reunião de turma de escola de dez ou vinte anos: o palhaço da turma que descobriu vocação para o sacerdócio voltaria quase automaticamente depois de dois drinques a ser o brincalhão de antes; o Crânio de Literatura que acabou sendo vendedor de caminhões de repente começaria a falar sobre John Irving ou John Cleever; o cara que tocava

com os Moondogs no sábado à noite e que virou professor de matemática em Cornell de repente se veria no palco com uma banda, com uma guitarra Fender pendurada no ombro, cantando “Gloria” ou “Surfin’ Bird” com ferocidade alegre e embriagada. O que Springsteen disse mesmo? Sem recuar, baby, sem se render… Mas era mais fácil acreditar nas músicas velhas tocando na vitrola depois de uns dois drinques ou de um bom bagulho.

Mas a reversão é que era a alucinação, acreditava Richie, não a vida atual. Talvez a criança fosse o pai do homem, mas pais e filhos costumam ter interesses bem diferentes e só uma semelhança passageira. Eles…

Mas você diz adultos, e agora parece besteira; parece muito blá-blá-blá. Por que, Richie? Por quê?

Porque Derry está mais estranha do que nunca. Por que não deixamos assim?

Porque as coisas não eram tão simples. Por isso.

Quando criança, ele era o palhaço, um comediante às vezes vulgar, às vezes divertido, porque era uma forma de sobreviver sem ser morto por garotos como Henry Bowers ou ficar absolutamente pirado de tédio e solidão. Ele percebia agora que boa parte do problema estava em sua própria cabeça, que costumava andar a uma velocidade dez a vinte vezes maior do que a dos colegas. Eles os achavam estranho, esquisito ou até suicida, dependendo da fuga em questão, mas talvez tenha sido um simples caso de hiperatividade mental, se é que alguma coisa em estar em hiperatividade mental constante era simples.

De qualquer forma, era o tipo de coisa que você passava a controlar depois de um tempo. Você passava a controlar ou encontrava formas de canalizar, com caras como Kinky Briefcase ou Buford Kissdrivel, por exemplo. Richie descobriu isso nos meses depois que começou na estação de rádio da faculdade, praticamente de impulso, e encontrou tudo que sempre quis durante sua primeira semana atrás do microfone. Ele não era muito bom no começo; estava empolgado demais para ser bom. Mas entendeu seu potencial de não ser apenas bom no trabalho, mas excelente, e saber disso foi o bastante para que ele ficasse no sétimo céu, em uma nuvem de euforia. Ao mesmo tempo, ele começou a entender o grande princípio que movia o universo, pelo menos a parte do universo relacionada a carreiras e sucesso: você encontrava o louco que estava correndo dentro de você e fodendo sua vida. Você o encurralava em um canto e o agarrava. Mas não o matava. Ah, não. Matar era bom demais para *aquele* merdinha. Você colocava um arreio no pescoço dele e começava a arar. O maluco trabalhava como um demônio quando você tinha o controle dele. E fornecia alguns hahas de tempos em tempos. Era só isso. E isso bastava.

Ele era engraçado, era mesmo, uma gargalhada por minuto, mas no final superou os pesadelos que viviam no lado obscuro de tantas gargalhadas. Ou achava que superou. Até hoje, quando a palavra *adulto* de repente parou de fazer sentido aos seus ouvidos. E agora, aqui estava outra coisa com a qual lidar, ou pelo menos sobre a qual pensar; aqui estava a enorme e completamente idiota estátua de Paul Bunyan em frente ao City Center.

Devo ser a exceção que prova a regra, Big Bill.

Tem certeza de que não havia nada, Richie? Nada mesmo?

No City Center… Eu pensei ter visto…

Uma dor aguda perfurou seus olhos pela segunda vez naquele dia e ele os cobriu com as mãos, com um gemido assustado saindo da boca. Mas sumiu de novo, tão rapidamente quanto surgiu. Mas ele também sentiu o cheiro de alguma coisa, não? Alguma coisa que não estava realmente ali, mas alguma coisa que estava ali, alguma coisa que o fez pensar em

(estou bem aqui com você Richie segure minha mão você pode pegar um resfriado)

Mike Hanlon. Foi a fumaça que fez seus olhos arderem e lacrimejarem. Vinte e sete anos atrás, eles inspiraram aquela fumaça; no final, só havia Mike e ele, e eles viram…

Mas sumiu.

Ele deu um passo para mais perto da estátua de plástico de Paul Bunyan, tão impressionado agora pela vulgaridade alegre dela quanto ficava impressionado com o tamanho quando criança. O mítico Paul tinha 6 metros de altura, e a base acrescentava quase 2 metros. Ele sorria para o tráfego de carros e pedestres na rua Outer Canal da beirada do gramado do City Center. O City Center tinha sido construído nos anos 1954-55 para um time de basquete menor que nunca se formou realmente. A Câmara Municipal de Derry votou no dinheiro para a estátua um ano depois, em 1956. Foi um debate acalorado tanto nas reuniões públicas da câmara quanto nas colunas de carta ao editor do *Derry News*. Muitos pensaram que seria uma estátua linda, que acabaria virando uma atração turística importante. Outros acharam a ideia de um Paul Bunyan de plástico horrível, extravagante e um fracasso incrível. Richie lembrava que a professora de artes da Derry High School escreveu uma carta para o *News* dizendo que, se uma monstruosidade dessas fosse realmente erigida em Derry, ela acabaria botando uma bomba nela. Sorrindo, Richie se perguntou se o contrato *daquela* moça tinha sido renovado.

A controvérsia, que Richie reconhecia agora como típica tempestade em copo d'água de crise de cidade grande e pequena, durou seis meses, e é claro que foi completamente sem sentido; a estátua foi comprada e, mesmo se a câmara municipal tivesse feito uma coisa tão aberrante (principalmente para a Nova Inglaterra) quanto decidir não usar um item pelo qual já tinha pago, onde é que ela poderia ter sido *guardada*? Assim, a estátua, não esculpida de verdade, mas moldada em plástico em Ohio, foi colocada no lugar, ainda coberta com um pedaço de lona grande o bastante para servir de vela de barco. Ela foi descoberta no dia 13 de maio de 1957, que foi o aniversário de 150 anos do município. Uma facção deu voz a previsíveis gemidos de ira; a outra, a igualmente previsíveis gemidos de entusiasmo.

Quando Paul foi revelado naquele dia, estava usando o macacão e uma camisa quadriculada vermelha e branca. A barba estava esplendidamente preta, esplendidamente cheia, esplendidamente lenhadora. Um machado de plástico, sem dúvida o Godzilla de todos os machados de plástico, estava apoiado em um ombro, e ele sorria sem parar para o céu do norte, que no dia da exibição estava azul como a pele do célebre companheiro de Paul (Babe não estava presente no momento da revelação; o custo estimado de acrescentar um boi azul à cena foi proibitivo).

As crianças que foram à cerimônia (havia centenas delas, e o Richie Tozier de 10 anos, na companhia do pai, era uma delas) ficaram completamente encantadas com o gigante de plástico. Pais levantaram crianças pequenas até o pedestal quadrado onde Paul estava, tiraram fotos e observaram com um misto de apreensão e diversão enquanto as crianças escalavam e engatinhavam, rindo, por cima das enormes botas pretas de Paul (correção: enormes botas pretas de plástico).

Foi em março do ano seguinte que Richie, exausto e apavorado, acabou se sentando em um dos bancos em frente à estátua depois de fugir por muito pouco dos senhores Bowers, Criss e Huggins em uma perseguição que começou na Escola Derry e percorreu a maior parte do centro. Ele conseguiu se livrar dos garotos no departamento de brinquedos da loja de departamentos Freese's.

A filial da Freese's de Derry era pobre em comparação à grande loja do centro de Bangor, mas Richie não se importava com coisas assim. Naquele momento, foi um caso de um porto seguro qualquer em meio à tempestade. Henry Bowers estava logo atrás dele, e Richie já estava bem cansado. Ele entrou pela porta giratória da loja de departamentos como último recurso. Henry, que aparentemente não entendia a física de um dispositivo daqueles, quase perdeu as pontas dos dedos tentando segurar Richie quando ele girou e entrou na loja.

Ao correr escada abaixo, com a camisa voando atrás de si, ele ouviu a porta giratória dar uma série de estalos quase tão altos quanto tiros na TV e entendeu que Larry, Moe e Curly ainda estavam atrás dele. Ele estava rindo quando desceu a escada para o subsolo, mas era apenas um tique nervoso; estava tão apavorado quanto um coelho preso em uma armadilha. Os garotos realmente pretendiam dar uma surra nele desta vez (ele não fazia ideia de que, em umas dez semanas, acreditaria que os três, particularmente Henry, fossem capazes de qualquer coisa menos assassinato, e certamente teria ficado gelado de choque se soubesse da apocalíptica guerra de pedras em julho, quando mesmo a última qualificação desapareceria de sua mente). E a coisa toda foi muito completa e tipicamente idiota.

Richie e os outros garotos da turma de quinto ano estavam entrando no ginásio em fila. Uma turma de sexto ano, com Henry entre eles como um boi entre vacas, estava saindo. Apesar de ainda estar no quinto ano, Henry fazia educação física com os garotos mais velhos. Os canos no teto estavam pingando de novo, e o sr. Fazio ainda não tinha colocado a placa que dizia CUIDADO! PISO MOLHADO! Henry escorregou em uma poça e caiu de bunda.

Antes que ele pudesse impedir, a boca traidora de Richie proferiu:

— Mandou bem, pé de banana!

Houve uma explosão de gargalhadas tanto dos colegas de Henry quanto dos de Richie, mas não havia sorriso no rosto de Henry quando ele se levantou, só um rubor fosco de tijolo recém-queimado.

— Até mais tarde, quatro olhos — disse ele, e saiu andando.

A gargalhada morreu imediatamente. Os garotos no corredor olharam para Richie como se ele já estivesse morto. Henry não parou para observar as reações; ele simplesmente saiu

andando, com a cabeça baixa, os cotovelos vermelhos da queda, uma área grande e molhada no traseiro da calça. Ao olhar para o ponto molhado, Richie sentiu a boca suicida e espertinha se abrir de novo… mas desta vez a fechou tão rápido que quase amputou a ponta da língua com o abaixar dos dentes.

Ah, mas ele vai esquecer, disse ele para si mesmo com desconforto enquanto mudava de roupa no vestiário. *Claro que vai. O velho Hank não tem tantos circuitos de memória funcionando. Cada vez que ele caga, deve ter que procurar as instruções no manual, haha.*

Haha.

— Você está morto, Boca de Lixo — disse Vince “Meleca” Taliendo, puxando o short para cobrir um pênis do tamanho e do formato de um amendoim anêmico. Ele falou com um certo respeito triste. — Mas não se preocupe. Vou levar flores.

— Corte suas orelhas e leve couves-flores — respondeu Richie, e todo mundo riu. Até o velho “Meleca” Taliendo riu, por que não, todos podiam se permitir dar gargalhadas. O quê, eu me preocupar? Todos estariam em casa vendo Jimmy Dodd e os Mouseketeers no *Clube do Mickey* ou Frankie Lymon cantando “I’m Not a Juvenile Delinquent” em *American Bandstand* enquanto Richie estava correndo pelo departamento de lingerie feminina e pelo de utilidades domésticas a caminho do departamento de brinquedos com suor escorrendo pelas costas até a racha da bunda e as bolas apavoradas tão encolhidas que pareciam estar penduradas no umbigo. Claro, eles podiam rir. Har-de-har-har-har.

Henry não esqueceu. Richie saiu pela porta do jardim de infância do prédio da escola só por garantia, mas Henry tinha colocado Arroto Huggins lá, *também* por garantia. Har-de-har-har-har.

Richie viu Arroto primeiro, senão não haveria fuga. Arroto estava olhando na direção do parque Derry, segurando um cigarro apagado em uma das mãos e puxando a cueca de dentro da bunda distraidamente com a outra. Com o coração disparado, Richie andou silenciosamente pelo parquinho e estava quase na rua Charter quando Arroto virou a cabeça e o viu. Ele gritou para chamar Henry e Victor, e a partir daí começou a perseguição.

Quando Richie chegou ao departamento de brinquedos, ele estava horrivelmente vazio. Não havia nem um vendedor na área, um adulto bem-vindo para dar fim às coisas antes que elas saíssem completamente de controle. Ele conseguia ouvir os três dinossauros do apocalipse chegando mais perto. E simplesmente não conseguia mais correr. Cada respiração produzia uma dor aguda em seu lado esquerdo.

Seu olhar grudou em uma porta que dizia *SAÍDA DE EMERGÊNCIA! UM ALARME SERÁ DISPARADO!* A esperança cresceu em seu peito.

Richie correu por um corredor lotado de caixas surpresa do Pato Donald, tanques do Exército dos Estados Unidos feitos no Japão, pistolas de espoleta do Lone Ranger, robôs de corda. Chegou à porta e empurrou a barra com o máximo de força que conseguiu. A porta se abriu e permitiu a entrada do ar frio de março. O alarme disparou com um som estridente. Richie imediatamente deu meia-volta e ficou de quatro no corredor seguinte. Já estava

abaixado antes mesmo de a porta voltar a fechar.

Henry, Arroto e Victor dispararam para o departamento de brinquedos quando a porta se fechou e o alarme parou. Eles correram para lá, com Henry na frente, o rosto firme e determinado.

Um vendedor finalmente apareceu correndo. Estava usando um avental azul de náilon por cima de um casaco xadrez de feiura excruciante. Os aros dos óculos eram tão cor-de-rosa quanto os olhos de um coelho branco. Richie pensou que ele parecia Wally Cox fazendo o papel de Mr. Peppers e precisou enfiar a boca traidora na parte gorda do antebraço para impedir-se de cair em uma série de gargalhadas exaustas.

— Garotos! — exclamou Mr. Peppers. — Vocês não podem sair por aí! É uma saída de emergência! Vocês! Ei! *Garotos!*

Victor olhou para ele com um pouco de nervosismo, mas Henry e Arroto nem se viraram, e Victor foi atrás. O alarme tocou de novo, por mais tempo desta vez, quando eles saíram para o beco. Antes de parar de soar, Richie já estava de pé correndo em direção ao departamento de lingerie.

— Vocês garotos vão ser proibidos de entrar na loja! — gritou o vendedor para ele.

Richie olhou para trás por cima do ombro e gritou com a voz da Vovó Grunt:

— Alguém já te disse que você é igual ao Mr. Peppers, meu jovem?

E assim, ele fugiu. E assim, ele acabou a um quilômetro e meio da Freese's, em frente ao City Center… e longe do perigo, torcia ele fervorosamente. Pelo menos, por enquanto. Ele estava exausto. Sentou-se em um banco à esquerda da estátua de Paul Bunyan, querendo apenas um pouco de paz enquanto descansava. Em alguns momentos, ele se levantaria e iria para casa, mas no momento era bom demais ficar sentado no sol da tarde. O dia tinha começado escuro, frio e chuvoso, mas agora dava para acreditar que a primavera estava mesmo se aproximando.

Em outro ponto do gramado, ele conseguiu ver a marquise do City Center, que, naquele dia de março, exibia esta mensagem em grandes letras azuis transparentes:

EI, JOVENS!
NO DIA 28 DE MARÇO!
O SHOW DE ROCK-AND-ROLL DE ARNIE "WOO-WOO" GINSBERG!
JERRY LEE LEWIS
THE PENGUINS
FRANKIE LYMON AND THE TEENAGERS
GENE VINCENT AND THE BLUE CAPS
FREDDY "BOOM-BOOM" CANNON

UMA NOITE DE TREMENDA DIVERSÃO!!

Era um show a que Richie realmente gostaria de assistir, mas sabia que não havia a menor

chance. A ideia que sua mãe tinha de uma tremenda diversão não incluía Jerry Lee Lewis dizendo para os jovens dos Estados Unidos que temos galinhas no celeiro, celeiro de quem, que celeiro, meu celeiro. Não, também não incluía Freddy Cannon, cuja garota de Tallahassee tinha um conjunto de primeira. Ela não tinha problema em admitir que teve sua parte na gritaria por Frank Sinatra (que ela agora chamava de Frank Arrogante) quando adolescente, mas, como a mãe de Bill Denbrough, odiava rock-and-roll. Chuck Berry a apavorava, e ela declarava que Richard Penniman, melhor conhecido pelo público adolescente e pré-adolescente como Little Richard, a deixava com vontade de "vomitar como uma galinha".

Era uma expressão cujo significado Richard nunca perguntou qual era.

Seu pai era neutro no assunto de rock-and-roll e talvez pudesse ser convencido, mas Richie sabia bem que os desejos da mãe prevaleceriam quanto a esse assunto, ao menos até ele ter 16 ou 17 anos. E, até lá, sua mãe estava firmemente convencida de que a mania do rock-and-roll já teria passado.

Richie achava que Danny and the Juniors estavam mais certos sobre o assunto do que sua mãe — o rock-and-roll jamais morreria. Ele adorava, apesar de suas fontes serem apenas duas: *American Bandstand* no Canal 7 à tarde e a WMEX de Boston à noite, quando o ar ficava frio e a voz rouca e entusiasmada de Arnie Ginsberg surgia em ondas, como a voz de um fantasma invocado em uma sessão espírita. A batida fazia mais do que deixá-lo feliz. Ela o fazia se sentir maior, mais forte, mais *presente*. Quando Frankie Ford cantava "Sea Cruise" ou Eddie Cochran cantava "Summertime Blues", Richie era transportado de alegria. Havia uma força naquelas músicas, uma força que parecia pertencer a todos os garotos magrelos, garotos gordos, garotos feios, garotos tímidos, os otários do mundo, em resumo. Nelas, ele sentia uma voltagem louca e hilariante que tinha o poder de matar e exaltar. Ele idolatrava Fats Domino (que fazia até Ben Hanscom parecer magro e belo) e Buddy Holly, que, como Richie, usava óculos, e Screaming Jay Hawkins, que saía de um caixão nos shows (ou pelo menos foi o que contaram para Richie), e os Dovells, que dançavam tão bem quanto negros.

Bem, *quase*.

Ele teria seu rock-and-roll um dia, se quisesse, pois tinha confiança de que ainda estaria presente quando a mãe finalmente cedesse e deixasse que ele ouvisse, mas não seria no dia 28 de março de 1958… nem em 1959… nem…

Seu olhar se afastou da marquise e então… bem… ele deve ter adormecido. Era a única explicação que fazia sentido. O que aconteceu depois só podia acontecer em sonhos.

E agora, aqui estava ele de novo, um Richie Tozier que tinha finalmente todo o rock-and-roll que sempre quis… e que descobriu com alegria que ainda não era o bastante. Seus olhos foram para a marquise da frente do City Center e viram que, por um tipo horrendo de acaso, as mesmas letras azuis diziam:

14 DE JUNHO
HEAVY METAL MANIA!!
JUDAS PRIEST

IRON MAIDEN
COMPREM SEUS INGRESSOS AQUI
OU EM QUALQUER PONTO DE VENDA TICKETRON

Em algum momento, deixaram de lado a parte sobre a tremenda diversão, mas, pelo que consigo perceber, é a única diferença, pensou Richie.

E ouviu Danny and the Juniors, baixo e distante, como vozes ouvidas no final de um longo corredor, saindo de um rádio barato: *Rock-and-roll will never die, I'll dig it to the end… It'll go down in history, just you watch my friend…*

Richie olhou para Paul Bunyan, patrono de Derry. Derry, que passou a existir, de acordo com as histórias, por ser o lugar onde os troncos paravam quando desciam rio abaixo. Houve uma época em que, na primavera, tanto o Penobscot quando o Kenduskeag ficavam cobertos de troncos de um lado a outro, com a casca preta brilhando no sol da primavera. Alguém que corresse rápido podia andar do Wally's Spa no Meio Acre do Inferno até o Ramper's em Brewster (o Ramper's era uma taverna de reputação tão ruim que costumava ser chamada de Balde de Sangue) sem molhar as botas acima da terceira volta do cadarço. Ou era o que se dizia na infância de Richie, e ele achava que havia um pouco de Paul Bunyan em histórias assim.

O velho Paul, pensou ele, olhando para a estátua de plástico. *O que você andou fazendo desde que fui embora? Fez alguma nova margem de rio ao voltar pra casa cansado e arrastar o machado atrás de si? Fez algum lago por querer uma banheira grande o bastante pra poder se sentar com água até o pescoço? Assustou mais alguma criancinha como me assustou naquele dia?*

Ah, e de repente ele se lembrou de tudo, da mesma maneira como você pode se lembrar de repente de uma palavra que estava dançando na ponta da língua.

Ali estava ele, sentado no sol delicado de março, cochilando um pouco, pensando em ir para casa e ver a meia hora final de *Bandstand*, e de repente houve um sopro quente de ar em seu rosto. Fez o cabelo da sua testa voar. Ele olhou para cima, e a cara enorme de plástico de Paul Bunyan estava bem na frente da dele, maior do que um rosto em tela de cinema, preenchendo tudo. A lufada de ar foi causada pelo movimento de abaixamento de Paul… apesar de ele não exatamente se parecer mais com Paul. A testa agora estava baixa e projetada; tufos de cabelo encaracolado saíam de um nariz tão vermelho quanto o nariz de um beberrão convicto; seus olhos estavam injetados e um era meio vesgo.

O machado não estava mais em seu ombro. Paul estava apoiado no cabo, e a parte cega da cabeça tinha provocado uma fenda no concreto da calçada. Ele ainda estava sorrindo, mas não havia nada de alegre na expressão. Por entre gigantescos dentes amarelos saiu um cheiro de animais apodrecendo em meio a uma vegetação baixa.

— Vou comer você — disse o gigante, com voz grave e retumbante. Era o som de pedras batendo umas nas outras durante um terremoto. — A não ser que você devolva minha galinha, minha harpa e meus sacos de ouro, vou comer você todinho!

O hálito dessas palavras fez a camisa de Richie voar como uma vela em um furacão. Ele se encolheu no banco, com os olhos saltados e o cabelo eriçado para todos os lados como os espinhos de um porco-espinho, envolto em um aroma de carniça.

O gigante começou a gargalhar. Ele pousou as mãos na metade do cabo do machado como Ted Williams poderia ter segurado seu taco de beisebol favorito (ou vara de freixo, se você preferir) e o puxou do buraco que tinha provocado na calçada. O machado começou a subir no ar. Fez um som letal de movimento. Richie de repente entendeu que o gigante pretendia abri-lo bem no meio.

Mas ele sentia que não conseguia se mexer; uma espécie de apatia letárgica tinha tomado conta dele. Que importância tinha? Ele estava cochilando, sonhando. A qualquer momento, algum motorista buzinaria para uma criança atravessando a rua e ele acordaria.

— Isso mesmo — gritou o gigante —, você vai acordar no *inferno!* — E, no último instante, quando o machado chegou ao ponto mais alto e ficou equilibrado lá, Richie entendeu que não era um sonho… e, se fosse, era um sonho que podia matar.

Tentando gritar, mas sem emitir som algum, ele rolou do banco para a área de cascalho que cercava o que tinha sido uma estátua e agora era só uma base com dois enormes parafusos de aço espetados onde ficavam os pés. O som do machado em movimento encheu o mundo com seu sussurro insistente; o sorriso do gigante tinha virado a careta de um assassino. Os lábios estavam tão repuxados sobre os dentes que as gengivas vermelhas de plástico, horrivelmente vermelhas, brilhavam.

A lâmina do machado atingiu o banco em que Richie estava apenas um instante antes. A ponta estava tão afiada que quase não houve som, mas o banco foi partido em dois. As metades se afastaram uma da outra, e a madeira dentro da superfície pintada de verde era de um branco intenso e doentio.

Richie estava deitado de costas. Ainda tentando gritar, ele se empurrou para trás com os calcanhares. O cascalho entrou pela gola da camisa, pela cintura da calça. E ali estava Paul, por cima dele, olhando para ele com olhos do tamanho de tampas de bueiro; ali estava Paul, olhando para um garotinho se encolhendo no cascalho.

O gigante deu um passo na direção dele. Richie sentiu o chão tremer quando a bota preta desceu. Cascalho voou, formando uma nuvem.

Richie rolou para ficar de bruços e conseguiu se levantar. Suas pernas já estavam tentando correr antes de ele estar equilibrado, e o resultado foi que ele caiu de barriga no chão de novo. Ele ouviu o ar sair de seus pulmões. O cabelo caiu nos olhos. Ele conseguia ver o trânsito de um lado para o outro nas ruas Canal e Main, como em todos os dias, como se nada estivesse acontecendo, como se ninguém em nenhum daqueles carros conseguisse ver ou se importasse de Paul Bunyan ter ganhado vida e descido do pedestal para cometer assassinato com um machado do tamanho de um trailer.

A luz do sol foi obstruída. Richie estava em um trecho de sombra em formato de homem.

Ele ficou de joelhos, quase caiu de lado, conseguiu ficar de pé e correu o mais rápido que

conseguiu, com os joelhos estalando e subindo até quase o peito e os cotovelos dando impulso. Atrás de si, ele conseguia ouvir o sussurro terrível e persistente aumentando de novo, um som que não parecia ser um som, mas pressão na pele e nos tímpanos: *Swiiippppp!*

A terra tremeu. Os dentes de cima e de baixo de Richie se chocaram uns contra os outros como pratos de porcelana em um terremoto. Ele não precisou olhar para saber que o machado de Paul tinha afundado na calçada a centímetros de seus pés.

Loucamente, em pensamento, ele ouviu os Dovells: *Oh the kids in Bristol are sharp as a pistol When they do the Bristol Stomp…*

Ele saiu da sombra do gigante para a luz do sol e, quando fez isso, começou a rir com a mesma gargalhada exausta que saiu dele quando desceu para o subsolo da Freese's. Ofegante, com a dor aguda na lateral do corpo, ele finalmente arriscou um olhar por cima do ombro.

Ali estava a estátua de Paul Bunyan, em seu pedestal, onde sempre esteve, com o machado no ombro, a cabeça inclinada para o céu, os lábios abertos no eterno sorriso otimista do herói mítico. O banco cortado em dois estava inteiro e intacto, muito obrigado. O cascalho onde Tall Paul (*He's-a my all*, cantou Annette Funicello com voz insana na cabeça de Richie) tinha colocado o pé enorme estava arrumado e imaculado, exceto pelo ponto no qual Richie tinha caído quando estava

(fugindo do gigante)

sonhando. Não havia pegada, nem marca de machado no concreto. Não havia nada além de um garoto que tinha sido perseguido por outros garotos, garotos maiores, o que fez com que ele tivesse um sonho pequeno (mas muito potente) sobre um Colosso homicida… o Henry Bowers em tamanho gigante, se você preferir.

— Merda — disse Richie com voz baixa e trêmula, e deu uma gargalhada incerta.

Ele ficou ali mais um pouco, esperando para ver se a estátua se moveria de novo, talvez piscando, talvez movendo o machado de um ombro para o outro, talvez descendo para ir atrás dele de novo. Mas é claro que nenhuma dessas coisas aconteceu.

É claro.

O quê, eu, me preocupar? Har-de-har-har-har.

Um cochilo. Um sonho. Nada mais do que isso.

Mas, como Abraham Lincoln ou Sócrates ou alguém assim observou uma vez, tem uma hora que basta. Era hora de ir para casa e esfriar a cabeça; fazer como Kookie em *77 Sunset Strip* e relaxar.

E apesar de ser mais rápido cortar caminho pelo terreno do City Center, ele decidiu não fazer isso. Não queria chegar perto daquela estátua de novo. Assim, ele deu a volta, e, quando chegou a noite, já tinha praticamente esquecido o incidente.

Até hoje.

Aqui está um homem, pensou ele, *aqui está um homem com um paletó verde-musgo comprado em uma das melhores lojas da Rodeo Drive; aqui está um homem com sapatos Bass Weejuns nos pés e cueca Calvin Klein cobrindo a bunda; aqui está um homem com*

lentes de contato gelatinosas nos olhos; aqui está um homem lembrando o sonho de um garoto que achava que uma camisa Ivy League com um aro de tecido nas costas e um par de sapatos Snap-Jack era o máximo da moda; aqui está um adulto, olhando para a mesma velha estátua, e ei, Paul, Tall Paul, estou aqui pra dizer que você continua o mesmo em todos os aspectos, não envelheceu nem uma porra de dia.

A velha explicação ainda parecia verdadeira em sua mente: um sonho.

Ele achava que conseguiria acreditar em monstros se precisasse; monstros não eram nada de mais. Ele não tinha ficado uma vez no estúdio da rádio lendo sobre gente como Idi Amin Dada e Jim Jones e aquele cara que explodiu aquela gente no McDonald's ali pertinho? Caramba, monstros eram baratos! Quem precisava de um ingresso de cinema de cinco dólares quando dava para ler sobre monstros no jornal por 35 centavos ou ouvir sobre eles no rádio de graça? E ele achava que, se era capaz de acreditar no tipo Jim Jones, também podia acreditar na versão de Mike Hanlon, pelo menos por enquanto. A Coisa tinha seu charme próprio, porque a Coisa vinha de *Fora* e ninguém tinha que ser responsável por ela. Ele conseguia acreditar em um monstro que tinha tantas caras quanto existem máscaras de borracha em uma loja de brinquedos (se você vai comprar uma, é melhor comprar logo um monte, pensou ele, mais barato em atacado, certo, pessoal?), pelo menos por questão de argumentos… mas uma estátua de plástico de 9 metros que descia do pedestal e tentava enfiar o machado de plástico em você? Era querer um pouco demais. Como Abraham Lincoln ou Sócrates ou alguém *também* tinha dito, eu como peixe e como carne, mas tem algumas merdas que não como. Não era…

Aquela dor perfurante e aguda atingiu seus olhos de novo, sem aviso, despertando um grito consternado. Foi a pior de todas, mais profunda e de maior duração, e o deixou apavorado. Ele colocou as mãos nos olhos e tocou instintivamente as pálpebras inferiores com as pontas dos dedos, com a intenção de tirar as lentes de contato. *Pode ser algum tipo de infecção*, pensou ele vagamente. *Mas Deus, como dói.*

Ele puxou as pálpebras e estava pronto para dar a piscadela treinada que as jogaria para fora (e ele passaria os 15 minutos seguintes procurando-as com humilhação míope no cascalho ao redor do banco, mas Jesus Deus, quem se importava, agora parecia que havia unhas enfiadas em seus olhos) quando a dor desapareceu. Ela não diminuiu; simplesmente sumiu. Um momento estava aqui e no momento seguinte, não. Seus olhos lacrimejaram brevemente e pararam.

Ele baixou as mãos lentamente, com o coração disparado no peito, pronto para expulsá-las dos olhos assim que a dor recomeçasse. Não recomeçou. E, de repente, ele se viu pensando sobre o único filme de terror que deu medo nele quando criança, possivelmente porque ele aguentou muita provocação por causa dos óculos e passou tanto tempo pensando nos olhos. O filme era *The Crawling Eye*, com Forrest Tucker. Não era muito bom. Os outros garotos riram histericamente da história, mas Richie não riu. Richie ficou gelado, pálido e mudo, pela primeira vez sem uma única voz, quando o olho gelatinoso com tentáculos saiu da neblina

fabricada de um velho set de filmagens inglês, balançando os tentáculos fibrosos à frente. A visão daquele olho foi ruim, a materialização de cem medos e inquietações não percebidas. Em uma noite não muito tempo depois, ele sonhou que se olhava em um espelho e enfiava lentamente um alfinete grande na íris preta do olho, o que o fez sentir uma elasticidade entorpecida e aquosa enquanto a parte de baixo do olho se enchia de sangue. Ele se lembrava (*agora* se lembrava) de acordar e descobrir que tinha molhado a cama. O melhor indicador do quanto o sonho foi horrendo foi que seu sentimento principal não foi vergonha do acidente noturno, mas alívio; ele aceitou a mancha molhada e quente e abençoou a realidade de sua visão.

— Foda-se isso — disse Richie Tozier, com uma voz baixa que não estava muito firme, e começou a se levantar.

Ele voltaria para o Derry Town House e tiraria uma soneca. Se essa era a Rua da Lembrança, ele preferia a via expressa de L. A. na hora do rush. A dor nos olhos não devia passar de sinal de exaustão e consequência da diferença de fusos horários, além do estresse de encontrar o passado todo de uma vez, em uma tarde. Bastava de choques; bastava de exploração. Ele não gostava da forma como sua mente pulava de um assunto a outro. Como era aquela música de Peter Gabriel? "Shock the Monkey." Bem, seu macaco já tinha levado choques o suficiente. Era hora de dar uma dormidinha e talvez ganhar um pouco de perspectiva.

Quando ele se levantou, seus olhos se dirigiram para a marquise na frente do City Center de novo. De repente, toda a força sumiu de suas pernas e ele voltou a se sentar. Com força.

RICHIE TOZIER HOMEM DAS 1.000 VOZES
VOLTA PARA DERRY TERRA DAS 1.000 DANÇAS

EM HOMENAGEM À VOLTA DO BOCA DE LIXO
O CITY CENTER ORGULHOSAMENTE APRESENTA
O SHOW DE ROCK "TUDO MORTO" DE RICHIE TOZIER

BUDDY HOLLY RICHIE VALENS THE BIG BOPPER
FRANKIE LYMON GENE VINCENT MARVIN GAYE
BANDA DA CASA
JIMI HENDRIX NA GUITARRA
JOHN LENNON NA GUITARRA BASE
PHIL LINOTT NO BAIXO
KEITH MOON NA BATERIA

VOCALISTA CONVIDADO ESPECIAL: JIM MORRISON

BEM-VINDO AO LAR, RICHIE!

Ele sentiu como se alguém tivesse sugado todo seu fôlego… e ouviu aquele som de novo, aquele som que era meio pressão na pele e nos tímpanos, aquele sussurro homicida, *Swiiippppp!* Ele rolou do banco para o cascalho, pensando *Então é isso que querem dizer com déjà-vu, agora você sabe, agora nunca mais vai precisar perguntar…*

Ele bateu com o ombro e rolou, olhando para a estátua de Paul Bunyan. Só que não era mais Paul Bunyan. O palhaço estava ali de pé no lugar dele, resplandecente e evidente, fantástico de plástico, 6 metros de cores intensas, com o rosto pintado acima de uma gola de babados cósmica. Botões laranja de pompom feitos de plástico, cada um do tamanho de uma bola de vôlei, se alinhavam na frente do macacão prateado. Em vez de um machado, ele segurava um gigantesco punhado de balões de plástico. Entalhadas em cada um havia duas legendas: AINDA É ROCK-AND-ROLL PRA MIM e O SHOW DE ROCK “TUDO MORTO” DE RICHIE TOZIER.

Ele se arrastou para trás, usando os calcanhares e as palmas das mãos. Entrou cascalho pela parte de trás da calça. Ele ouviu uma costura se desfazer embaixo da manga do paletó esporte da Rodeo Drive. Ele rolou, ficou de pé, cambaleou, olhou para trás. O palhaço olhou para ele. Seus olhos rolavam com umidade nas órbitas.

— Te dei um susto, cara? — disse ele, com voz de trovão.

E Richie ouviu sua boca dizer de forma independente do cérebro paralisado:

— Truques baratos de banco de trás de carro, Bozo. Só isso.

O palhaço sorriu e assentiu, como se não esperasse diferente. Lábios pintados de vermelho como sangue se abriram e exibiram dentes como presas, cada um com ponta afiada.

— Eu poderia pegar você agora se quisesse — disse ele. — Mas isso vai ser muito mais divertido.

— Divertido pra mim também — Richie ouviu sua boca dizer. — O mais divertido de tudo vai ser quando formos arrancar sua cabeça, baby.

O sorriso do palhaço ficou ainda mais e mais largo. Ele ergueu uma das mãos, coberta por uma luva branca, e Richie sentiu o vento do movimento soprar o cabelo de sua testa como tinha acontecido 27 anos antes. O indicador do palhaço apontou para ele. Era grande como uma viga.

Grande como uma vig… pensou Richie, e a dor atacou de novo. Foi como estacas enferrujadas penetrando na parte gelatinosa do olho. Ele gritou e colocou a mão no rosto.

— Antes de tirar o cisco do olho do seu vizinho, cuide da viga que há no seu — entoou o palhaço, com palavras que ressoavam e vibravam, e Richie mais uma vez foi envolvido no doce fedor do hálito de carniça.

Ele ergueu o olhar e deu alguns passos apressados para trás. O palhaço estava se inclinando, com as mãos enluvadas sobre os joelhos.

— Quer brincar mais, Richie? Que tal eu apontar pro seu pinto e te dar um câncer de próstata? Também posso apontar pra sua cabeça e te dar um belo tumor cerebral, apesar de eu ter certeza de que algumas pessoas diriam que eu só estaria acrescentando mais coisa à

podridão que já tem lá. Posso apontar pra sua boca, e sua língua frouxa idiota vai virar pus escorrendo. Posso fazer isso tudo, Richie. Quer ver?

Os olhos dele estavam se arregalando, arregalando, e naquelas pupilas pretas, cada uma do tamanho de uma bola de softball, Richie viu a escuridão louca que devia existir nos limites do universo; viu uma felicidade vulgar que o levaria à insanidade. Naquele momento, ele entendeu que a Coisa era capaz de fazer qualquer uma dessas coisas e mais.

E, mesmo assim, ele ouviu sua boca, mas desta vez não era sua voz, nem nenhuma de suas Vozes, do passado ou do presente; era uma Voz que ele nunca tinha ouvido antes. Mais tarde, ele contaria para os outros com hesitação que era uma espécie de Voz do Sr. Malandro Negão, alta e orgulhosa, parodiando a si mesma e estridente.

— Me deixa em paz, seu palhaço branquelo! — gritou ele, e de repente estava rindo de novo. — Não tem choro nem vela, zé mané! Eu tenho jeito, tenho peito e tenho um pinto de respeito! Tenho *coragem*, tenho *vantagem*, sou um *cara* com *marra*, e se você vier de *palhaçada*, vai tomar uma *porrada*! Está ouvindo, seu cuzão branquelo?

Richie achou que o palhaço se encolheu, mas não ficou esperando para ter certeza. Ele correu, com os cotovelos dando impulso, o paletó voando atrás do corpo, sem ligar porque um pai que tinha parado para o filhinho admirar Paul estava olhando agora com desconfiança para ele, como se ele tivesse enlouquecido. *Na verdade, pessoal*, pensou Richie, *tenho a* sensação *de que enlouqueci. Ah, Deus, se tenho. E essa deve ter sido a pior imitação de Grandmaster Flash da história, mas por algum motivo funcionou, por algum motivo…*

Mas, de repente, a voz do palhaço trovejou atrás dele. O pai do garotinho não ouviu, mas o rosto do menino se franziu, e ele começou a chorar. O pai pegou o filho e o abraçou, perplexo. Apesar do terror que sentia, Richie observou esse showzinho de perto. A voz do palhaço estava talvez furiosamente alegre, talvez apenas furiosa:

— *Estamos com o olho aqui, Richie… Está ouvindo? O que rasteja. Se você não quer voar, não quer cantar, venha com felicidade pra debaixo da cidade cumprimentar o globo ocular! Venha ver quando quiser. Na hora que quiser. Está ouvindo, Richie? Traga seu ioiô. Fale pra Beverly usar uma saia comprida com quatro ou cinco anáguas por baixo. Fale pra ela usar a aliança do marido no pescoço! Fale pra Eddie usar os sapatos bicolores! Vamos tocar bop, Richie. Vamos tocar TOOOODAS AS MÚSICAS!*

Ao chegar à calçada, Richie ousou olhar por cima do ombro, e o que viu não foi nada reconfortante. Paul Bunyan continuava ausente, mas o palhaço também. Onde ele estava antes havia agora uma estátua de plástico de 6 metros de Buddy Holly. Ele estava usando um bottom em uma das lapelas estreitas do paletó xadrez. SHOW DE ROCK “TUDO MORTO” DE RICHIE TOZIER, dizia o bottom.

Um aro dos óculos de Buddy Holly tinha sido remendado com fita adesiva.

O garotinho ainda estava chorando histericamente; o pai estava andando apressado para o centro com o filho aos berros nos braços. Ele desviou de Richie.

Richie saiu andando,

(pés não falhem agora)

tentando não pensar

(vamos tocar TOOOODAS AS MÚSICAS)

no que tinha acabado de acontecer. Ele só queria pensar no copo enorme de uísque que ele tomaria no bar do Derry Town House antes de ir tirar aquela soneca.

A ideia de um drinque, só uma bebida comum, o fez se sentir melhor. Ele olhou por cima do ombro mais uma vez, e o fato de que Paul Bunyan estava de volta, sorrindo para o céu, com o machado de plástico por cima do ombro, o fez se sentir ainda melhor. Richie começou a andar mais rápido, deixando marcas e aumentando a distância entre si mesmo e a estátua. Ele tinha até começado a pensar na possibilidade de alucinações quando a dor atingiu seus olhos de novo, profunda e agonizante, fazendo com que ele desse um grito rouco. Uma garota bonita que andava à frente dele, observando distraidamente as nuvens, olhou para ele, hesitou e correu até ele.

— Senhor, você está bem?

— São minhas lentes de contato — disse ele, com voz tensa. — Minhas malditas len… *ah meu Deus isso dói!*

Desta vez, ele levantou os dedos tão rapidamente que quase machucou os olhos. Puxou as pálpebras inferiores e pensou: *Não vou conseguir piscar para retirá-las, é isso que vai acontecer, não vou conseguir tirar e vou continuar sentindo dor e mais dor e mais dor até eu ficar cego ficar cego ficar ce…*

Mas uma piscadela fez o que uma piscadela sempre fazia. O mundo aguçado e definido, onde as cores permaneciam dentro das linhas e onde os rostos que você via eram claros e óbvios, simplesmente desapareceu. Tiras largas de manchas pastel o substituíram. E apesar de ele e a garota do ensino médio, que estava solícita e preocupada, terem procurado na calçada durante quase 15 minutos, nenhum dos dois conseguiu encontrar lente nenhuma.

No fundo da mente, Richie pareceu ouvir o palhaço rindo.

5

Bill Denbrough vê um fantasma

Bill não viu Pennywise naquela tarde, mas viu um fantasma. Um fantasma de verdade. Foi o que Bill acreditou no momento, e nenhum evento subsequente fez com que ele mudasse de ideia.

Ele andou pela rua Witcham e fez uma pausa perto do bueiro onde George encontrou seu fim naquele dia chuvoso de outubro em 1957. Ele se agachou e olhou dentro, uma abertura nas pedras do meio-fio. Seu coração estava batendo com força, mas ele olhou mesmo assim.

— Sai daí, vamos — disse ele em voz baixa, e tinha a ideia não muito louca de que sua voz estava flutuando por corredores escuros e molhados, não sumindo, mas se propagando continuamente, se alimentando dos próprios ecos, quicando em paredes de pedra cobertas de limo e em maquinário há muito quebrado. Ele a sentiu flutuar sobre águas paradas e sujas e talvez sair suavemente por cem diferentes ralos em outras partes da cidade ao mesmo tempo.

— Sai daí, senão vamos aí te b-buscar.

Ele esperou corajosamente por uma resposta, agachado com as mãos entre as coxas como um recebedor entre jogadas. Não houve resposta.

Ele estava prestes a ficar de pé quando uma sombra caiu sobre ele.

Bill ergueu o olhar rapidamente, pronto para qualquer coisa… mas era só um garotinho de talvez 11, talvez 12 anos. Estava usando um short desbotado de escoteiro que deixava os joelhos ralados expostos. Estava com um sacolé na mão e um skate de fibra de vidro que parecia quase tão sofrido quanto os joelhos na outra. O sacolé era laranja fluorescente. O skate era verde fluorescente.

— Você sempre fala com bueiros, moço? — perguntou o garoto.

— Só em Derry — disse Bill.

Eles olharam um para o outro solenemente por um momento e caíram na gargalhada na mesma hora.

— Quero te fazer uma p-pergunta idiota — disse Bill.

— Tudo bem — disse o garoto.

— Você já ouviu alguma coisa saindo de um desses?

O garoto olhou para Bill como se ele estivesse louco.

— T-Tudo bem — disse Bill —, esquece que eu perguntei.

Ele saiu andando e tinha dado talvez 12 passos (estava indo ladeira acima, pensando vagamente em dar uma olhada em sua casa) quando o garoto chamou:

— Moço?

Bill se virou. Estava com o paletó esporte pendurado no dedo e jogado por cima do ombro. O colarinho da camisa estava desabotoado e a gravata, afrouxada. O garoto o estava observando com atenção, como se já arrependido da decisão de falar mais. Em seguida, ele deu de ombros, como se dizendo *E daí?*

— Já.

— Já?

— Já.

— O que disseram?

— Não sei. Era uma língua estrangeira. Ouvi saindo de uma daquelas estações de bombeamento do Barrens. As estações de bombeamento, que parecem canos saindo do chão…

— Sei do que você está falando. Foi uma criança que você ouviu?

— Primeiro era uma criança, mas depois parecia um homem. — O garoto fez uma pausa. — Fiquei com medo. Corri pra casa e contei pro meu pai. Ele disse que devia ser um eco espalhado nos canos vindo da casa de alguém.

— Você acredita nisso?

O garoto deu um sorriso encantador.

— Li no livro *Ripley's acredite se quiser* que tinha um cara que ouvia música nos dentes. Música de rádio. As obturações funcionavam como radinhos. Acho que, se acreditei nisso, posso acreditar em qualquer coisa.

— A-Aham — disse Bill. — Mas você *acreditou*?

O garoto balançou a cabeça com relutância.

— Você voltou a ouvir as vozes?

— Uma vez, quando estava tomando banho de banheira — disse o garoto. — Era uma voz de garota. Só chorando. Sem dizer nada. Fiquei com medo de tirar a tampa do ralo quando acabei porque achei que, sei lá, podia afogar ela.

Bill assentiu de novo.

O garoto estava olhando abertamente para Bill agora, com olhos brilhando e fascinados.

— Você sabe sobre essas vozes, moço?

— Eu ouvi — disse Bill. — Muito, muito tempo atrás. Você conhecia alguma das c-crianças que foram assassinadas aqui, filho?

O brilho sumiu dos olhos do garoto; foi substituído por cautela e desconforto.

— Meu pai diz que não devo falar com estranhos. Diz que qualquer pessoa pode ser o assassino. — Ele deu um passo adicional para longe de Bill, indo para a sombra de um olmo no qual Bill se chocou de bicicleta 27 anos antes. Ele levou um tombo e entortou o guidão.

— Eu não, garoto — disse ele. — Passei os últimos quatro meses na Inglaterra. Cheguei em Derry ontem.

— Mesmo assim, não preciso falar com você — respondeu o garoto.

— Isso mesmo — concordou Bill. — Estamos em um país l-l-livre.

Ele fez uma pausa e disse:

— Eu andava com Johnny Feury às vezes. Ele era legal. Eu chorei — concluiu o garoto com objetividade, e tomou o resto do sacolé. Em seguida, colocou a língua para fora, temporariamente laranja, e lambeu o braço.

— Fique longe dos bueiros e ralos — disse Bill baixinho. — Fique longe de lugares vazios e desertos. Não vá ao pátio de trens. Mas mais do que tudo, fique longe dos bueiros e ralos.

O brilho tinha voltado para os olhos do garoto, e ele não disse nada por bastante tempo. E então:

— Moço? Quer ouvir uma coisa engraçada?

— Claro.

— Sabe aquele filme em que o tubarão comeu todas as pessoas?

— Todo mundo conhece. *T-T-Tubarão*.

— Tenho um amigo, sabe? O nome dele é Tommy Vicananza, e ele não é muito inteligente. Tem miolo mole, sabe?

— Sei.

— Ele acha que viu aquele tubarão no canal. Estava sozinho no Parque Bassey duas semanas atrás e disse que viu a barbatana. Diz que tinha 2,5 metros de altura, só a barbatana tinha esse tamanho todo, entende? Ele diz: "Foi aquilo que matou Johnny e os outros garotos. Foi o Tubarão, eu sei porque vi." E eu digo: "Aquele canal é tão poluído que nada poderia viver lá dentro. E você acha que viu o Tubarão lá. Você está ruim da cabeça, Tommy." Tommy diz que ele saiu da água daquele jeito do filme e tentou morder ele, e ele escapou bem a tempo. Engraçado, né, moço?

— Engraçado — concordou Bill.

— Ruim da cabeça, né?

Bill hesitou.

— Fique longe do canal também, filho. Entendeu?

— Você quer dizer que *acredita*?

Bill hesitou. Ele queria dar de ombros. Mas acabou assentindo.

O garoto expirou com um som baixo. E baixou a cabeça, como se com vergonha.

— É. Às vezes eu acho que *eu* devo estar ruim da cabeça.

— Sei o que você quer dizer. — Bill andou até o garoto, que olhou para ele solenemente, mas não se afastou desta vez. — Você está acabando com os joelhos nesse skate, filho.

O garoto olhou para os joelhos ralados e sorriu.

— É, acho que estou. Às vezes, eu caio.

— Posso experimentar? — perguntou Bill de repente.

O garoto olhou para ele, boquiaberto a princípio, depois rindo.

— Seria engraçado — disse ele. — Nunca vi um adulto num skate.

— Te dou uma moeda — disse Bill.

— Meu pai disse…

— Pra nunca receber dinheiro nem d-doces de estranhos. Bom conselho. Mas vou te dar a m-moeda mesmo assim. O que você diz? Só até a esquina da rua J-Jackson.

— Deixa a moeda pra lá — disse o garoto. Ele caiu na gargalhada de novo, um som alegre e descomplicado. Um som renovador. — Não preciso da sua moeda. Tenho dois dólares. Estou praticamente rico. Mas preciso ver isso. Só não me culpe se quebrar alguma coisa.

— Não se preocupe — disse Bill. — Tenho seguro.

Ele girou uma das rodinhas gastas do skate com o dedo, gostando da velocidade com a qual ela girava. Parecia que havia um milhão de bilhas lá dentro. Era um bom som. Despertava alguma coisa muito antiga no peito de Bill. Uma vontade calorosa como desejo, adorável como o amor. Ele sorriu.

— O que você acha? — perguntou o garoto.

— Acho que v-vou me matar — disse Bill, e o garoto riu.

Bill colocou o skate na calçada e um pé sobre ele. Empurrou-o para a frente e para trás para testar. O garoto ficou olhando. Em pensamento, Bill se viu rolando pela rua Witcham na direção da Jackson no skate verde-abacate do garoto, com a parte de trás do paletó inflada atrás, a cabeça careca brilhando no sol, os joelhos dobrados daquela maneira frágil como esquiadores dobram os joelhos na primeira vez que vão esquiar. Era uma postura que dizia que, na cabeça deles, eles já estavam caindo. Ele apostava que o garoto não andava de skate assim. Ele apostava que o garoto andava

(pra vencer o diabo)

como se não houvesse amanhã.

Aquela sensação boa morreu no peito dele. Ele viu claramente o skate sumindo de debaixo dos pés, disparando sozinho pela rua, um verde fluorescente improvável, uma cor que só uma criança poderia amar. Ele se viu caindo de bunda, talvez de costas. A imagem se dissolveu lentamente para um quarto individual no Derry Home Hospital, como o quarto em que eles foram para visitar Eddie depois que ele quebrou o braço. Bill Denbrough em um gesso de corpo inteiro, com uma perna pendurada. Um médico entra, olha para a prancheta, olha para ele e diz: "Você cometeu dois erros, sr. Denbrough. O primeiro foi o uso errôneo de um skate. O segundo foi esquecer que tem quase 40 anos de idade."

Ele se inclinou, pegou o skate e devolveu para o garoto.

— Acho que não — disse ele.

— Covarde — disse o garoto, não com grosseria.

Bill colocou os polegares debaixo das axilas e bateu os cotovelos.

— Có-có-có — disse ele.

O garoto riu.

— Olha, tenho que voltar pra casa.

— Cuidado com isso — disse Bill.

— Não dá pra ter cuidado em um skate — respondeu o garoto, olhando para Bill como se fosse ele o ruim da cabeça.

— Certo — disse Bill. — Tudo bem. Como dizemos no meio do cinema, estou sabendo. Mas fique longe de bueiros e ralos. E ande com seus amigos.

O garoto assentiu.

— Estou pertinho de casa.

Meu irmão também estava, pensou Bill.

— Vai acabar logo, de qualquer modo — disse Bill para o garoto.

— Vai? — perguntou ele.

— Acho que sim — disse Bill.

— Tudo bem. Te vejo por aí… covarde!

O garoto colocou um pé no skate e deu impulso com o outro. Quando saiu deslizando, ele colocou o segundo pé em cima e desceu voando pela rua no que pareceu a Bill uma

velocidade suicida. Mas seguiu como Bill desconfiava que ele faria: com graça preguiçosa e cheia de molejo. Bill sentiu amor pelo garoto, e euforia, e um desejo de *ser* o garoto, junto com um medo quase sufocante. O garoto andava de skate como se não existissem coisas como morte ou envelhecer. O garoto parecia eterno e inelutável de short cáqui de escoteiro e tênis surrados, com os tornozelos sem meias e bastante sujos, o cabelo voando atrás da cabeça.

Cuidado, garoto, você não vai conseguir parar na esquina!, pensou Bill alarmado, mas o garoto girou os quadris para a esquerda como um dançarino de break, os dedos dos pés giraram no skate de fibra de vidro e ele seguiu sem esforço pela esquina para a rua Jackson, simplesmente supondo que ninguém estaria no caminho. *Garoto*, pensou Bill, *nem sempre vai ser assim.*

Ele andou até sua antiga casa, mas não parou; apenas diminuiu a velocidade de caminhada. Havia pessoas no gramado: uma mãe em uma cadeira de jardim, com um bebê dormindo nos braços, olhando duas crianças, talvez de 10 e de 8 anos, jogando badminton na grama ainda molhada da chuva de antes. O mais novo, um garoto, conseguiu bater na peteca por cima da rede, e a mulher gritou:

— Boa, Sean!

A casa tinha a mesma cor verde-escura, e ainda havia a mesma claraboia em cima da porta, mas os canteiros de flor de sua mãe não existiam mais. Também não existia, pelo que ele podia ver, o trepa-trepa que o pai tinha construído com canos no quintal. Ele se lembrava do dia em que George caiu do alto e lascou o dente. Como ele gritou!

Ele viu essas coisas (as que estavam lá e as que não estavam) e pensou em andar até a mulher com o bebê dormindo nos braços. Pensou em dizer: *Oi, meu nome é Bill Denbrough. Eu morava aqui.* E a mulher diria: *Que legal.* O que mais poderia acontecer? Ele poderia perguntar se o rosto que ele entalhou em uma das vigas do sótão, o rosto em que ele e Georgie às vezes jogavam dardos, ainda estava lá. Poderia perguntar se os filhos dela às vezes dormiam na varanda com tela dos fundos, quando as noites de verão eram quentes, conversando em voz baixa enquanto olhavam os relâmpagos no horizonte. Ele achava que poderia perguntar algumas dessas coisas, mas tinha certeza de que gaguejaria muito se tentasse ser encantador… E será que queria mesmo saber as respostas para todas aquelas perguntas? Depois que Georgie morreu, a casa ficou fria, e o motivo de ele ter voltado para Derry não estava nela.

Assim, ele foi até a esquina e virou para a direita sem olhar para trás.

Logo que chegou à rua Kansas, ele voltou para o centro. Parou por um momento na cerca perto da calçada e olhou para o Barrens. A cerca era a mesma, de madeira bamba coberta com tinta branca desbotada, e o Barrens parecia o mesmo… mais selvagem, no máximo. As únicas diferenças que ele conseguia ver eram que a mancha suja de fumaça que sempre marcava o lixão tinha sumido (o lixão tinha sido substituído por uma estação moderna de tratamento de lixo) e um longo viaduto passava no meio da vegetação densa agora, a extensão da rodovia. Todo o resto continuava tão parecido que era como se ele tivesse visto no verão anterior:

mato e arbustos descendo para a área pantanosa à esquerda e para as copas densas de árvores desgrenhadas à direita. Ele conseguia ver a área do que eles chamavam de bambu, com cabos prateados, quase brancos, com 3,5 a 4 metros de altura. Ele lembrava que Richie uma vez tentou fumar um pedaço, alegando que era o que os músicos de jazz fumavam e que deixava você alto. Mas Richie só ficou enjoado.

Bill conseguia ouvir água correndo em muitos riachos, conseguia ver o sol refletido no corpo denso do Kenduskeag. E o cheiro era igual, mesmo sem o lixão. O perfume pesado de coisas crescendo no auge da primavera não mascarava o cheiro de lixo e dejetos humanos. Era leve, mas inconfundível. Um cheiro de corrupção; um aroma do submundo.

Foi ali que acabou antes, e é onde vai acabar desta vez, pensou Bill com um tremor. *Ali... debaixo da cidade.*

Ele ficou mais um pouco por ali, convencido de que devia ver alguma coisa, alguma manifestação do mal contra o qual tinha voltado a Derry para lutar. Não havia nada. Ele ouviu água correndo, um som vital de fonte que o lembrava a represa que eles tinham construído lá embaixo. Ele conseguia ver árvores e arbustos tremendo na leve brisa. Não havia mais nada. Nenhum sinal. Ele seguiu andando enquanto tirava um resquício de tinta branca das mãos.

Ele continuou seguindo para a cidade, meio lembrando, meio sonhando, e logo apareceu outra criança; desta vez, uma garota de uns 10 anos, de calça de veludo de cintura alta e blusa vermelha desbotada. Ela estava fazendo uma bola quicar com uma das mãos e segurando uma boneca pelo cabelo louro com a outra.

— Ei! — disse Bill.

Ela ergueu o olhar.

— O quê?

— Qual é a melhor loja de Derry?

Ela pensou um pouco.

— Pra mim ou pra qualquer pessoa?

— Pra você — disse Bill.

— Secondhand Rose, Secondhand Clothes — disse ela, sem hesitação nenhuma.

— Como é que é? — perguntou Bill.

— Como é *o quê?*

— Isso aí é nome de loja?

— Claro — disse ela, olhando para Bill como se ele pudesse estar doente. — Secondhand *Rose*, Secondhand *Clothes*. Minha mãe diz que é loja de tralhas, mas eu gosto. Tem coisas velhas. Como discos de que você nunca ouviu falar. E cartões-postais. Tem cheiro de sótão. Tenho que ir pra casa agora. Tchau.

Ela saiu andando sem olhar para trás, fazendo a bola quicar e segurando a boneca pelo cabelo.

— Ei! — gritou ele de novo para ela.

Ela olhou para trás com curiosidade.

— Como é que foiquevocêfaloumesmo?

— A loja! Onde é?

Ela olhou por cima do ombro e disse:

— No caminho que você está indo. Fica na parte de baixo da colina Up-Mile.

Bill teve aquela sensação do passado se dobrando sobre si mesmo, se dobrando sobre ele. Ele não pretendia perguntar nada àquela garotinha; a pergunta surgiu em sua boca como uma rolha voando da boca de uma garrafa de champanhe.

Ele desceu a colina Up-Mile em direção ao centro. Os armazéns e abatedouros dos quais ele se lembrava da infância (prédios sombrios de tijolos com janelas sujas das quais saíam aromas fortíssimos de carne) quase não existiam mais, embora os abatedouros Armour e Star Beef ainda estivessem lá. Mas o Hemphill não existia mais, e havia um banco com estacionamento e uma padaria onde ficavam o Eagle Beef e o Kosher Meats. E ali, onde ficava o Anexo dos Irmãos Tracker, havia uma placa pintada com letras antiquadas que diziam, como a garota com a boneca dissera, SECONDHAND ROSE, SECONDHAND CLOTHES. Os tijolos vermelhos tinham sido pintados de um amarelo que talvez fosse vívido dez ou 12 anos antes, mas agora estava velho, de um tom que Audra chamava de amarelo-urina.

Bill andou lentamente na direção da loja, com aquela sensação de déjà-vu tomando conta dele de novo. Mais tarde, ele contou aos outros que sabia que fantasma veria antes mesmo de ver.

A vitrine da Secondhand Rose, Secondhand Clothes estava mais do que suja; estava encardida. Não era um antiquário de Downeast, com camas majestosas e armários Hoosier e jogos de copos da época da Depressão iluminados por pequenos holofotes escondidos; essa era o que sua mãe chamava com total desdém “uma casa de penhores ianque”. Os objetos estavam espalhados em profusão confusa, empilhados aleatoriamente aqui, ali, por toda parte. Vestidos pendurados em cabideiros. Violões pendurados pelo braço como criminosos executados. Havia uma caixa de discos de 45 rpm; 10 CENTAVOS CADA , dizia uma placa. DOZE POR UM DÓLAR. ANDREWS SISTERS, PERRY COMO, JIMMY ROGERS, OUTROS. Havia roupas de criança e sapatos horrendos com uma plaquinha de papelão na frente dizendo USADOS, MAS NÃO RUINS! $ 1,00 O PAR. Havia duas TVs que pareciam queimadas. Uma terceira mostrava imagens difusas de *A Família Sol-Lá-Si-Dó* para a rua. Uma caixa de livros velhos, quase todos com a capa arrancada (2 POR 25 CENTAVOS, 10 POR UM DÓLAR, MAIS DENTRO, ALGUNS “QUENTES”), estava em cima de um rádio grande com uma capa imunda de plástico branco e um dial tão grande quanto um despertador. Havia montes de flores de plástico em vasos sujos em uma mesa de jantar entalhada e empoeirada.

Bill viu todas essas coisas como pano de fundo caótico para a coisa em que seus olhos se grudaram imediatamente. Ele ficou olhando sem acreditar. A pele de todo o corpo ficou arrepiada. A testa ficou quente, as mãos ficaram frias e, por um momento, pareceu que todas as portas dentro dele se escancarariam e ele lembraria tudo.

Silver estava no lado direito da vitrine.

Ela continuava sem apoio e havia ferrugem nos para-choques da frente e de trás, mas a buzina ainda estava no guidão, com o bulbo de borracha agora coberto de rachaduras e de velhice. A buzina em si, que Bill sempre deixara polida, estava fosca e marcada. A garupa em que Richie tantas vezes se sentara ainda ficava sobre o para-choque traseiro, mas agora estava torta, pendurada por um único parafuso. Em algum momento, alguém cobriu o selim com um tecido imitando pele de tigre, que agora estava gasto e rasgado a ponto de as listras se tornarem quase invisíveis.

Silver.

Bill levantou a mão distraída para limpar as lágrimas que escorriam lentamente por suas bochechas. Depois de ter se limpado melhor com o lenço, ele entrou.

A atmosfera da Secondhand Rose, Secondhand Clothes tinha cheiro de velhice. Como a garota dissera, era o cheiro de sótão, mas não um cheiro bom, como o de alguns sótãos. Esse não era o cheiro de óleo de linhaça passado com amor nas superfícies de mesas velhas ou de plush e veludo antigos. Aqui, o cheiro era de lombadas de livros podres, almofadas sujas de vinil que pegaram muito sol no passado, de poeira, de cocô de rato.

Na TV da vitrine, a família Sol-Lá-Si-Dó cantava e gritava. Competindo com ela de algum lugar nos fundos havia a voz de rádio de um disc-jóquei que se identificava como “seu amigo Bobby Russell”, prometendo o novo álbum do Prince para o ouvinte que pudesse dizer o nome do ator que fizera o papel de Wally em *Leave It to Beaver*. Bill sabia, era um garoto chamado Tony Dow, mas ele não queria o novo disco do Prince. O rádio estava em uma prateleira alta em meio a um monte de retratos do século XIX. Abaixo, estava sentado o proprietário, um homem de uns 40 anos com jeans de marca e uma camiseta de redinha. O cabelo estava penteado para trás com gel, e ele era magro a ponto de estar esquelético. Os pés estavam apoiados na mesa, que estava lotada de livros contábeis e dominada por uma caixa registradora antiga. Ele estava lendo um livro que Bill achava nunca ter sido indicado para o prêmio Pulitzer. Chamava-se *Garanhões de construções*. No chão em frente à mesa havia um poste de barbearia, com a tira em espiral até a eternidade. A corda gasta caía pelo chão até um plugue, como uma cobra cansada. A placa na frente dele dizia: UMA ESPÉCIE EM EXTINÇÃO! $ 250.

Quando o sino acima da porta tocou, o homem atrás da mesa marcou a parte do livro com uma caixa de fósforos e ergueu o olhar.

— Posso ajudar?

— Pode — disse Bill, e abriu a boca para perguntar sobre a bicicleta na janela. Mas antes que ele conseguisse perguntar, sua mente se encheu de repente de uma única frase assombrada, palavras que afastaram o outro pensamento:

Ele soca postes de montão e insiste que vê assombração.

O que em nome de Deus?

(soca)

— Procurando alguma coisa em particular? — perguntou o proprietário. Sua voz era bem educada, mas ele estava olhando para Bill com atenção.

Ele está me olhando, pensou Bill, divertido apesar da aflição, *como se achasse que andei fumando aquele negócio que deixa os músicos de jazz doidões.*

— Sim, eu estava i-i-interessado em…

(soca postes de montão)

— … naquele p-p-poste…

— Você está falando do poste de barbearia? — Os olhos do proprietário agora mostraram a Bill uma coisa que, mesmo em seu atual estado de confusão, ele lembrava e odiava desde a infância: a ansiedade de um homem ou mulher que tem que ouvir um gago, a vontade de se intrometer rapidamente e concluir o pensamento dele, fazendo o pobre coitado calar a boca. *Mas eu não gaguejo! Eu superei! EU NÃO GAGUEJO, PORRA! EU…*

(e insiste)

As palavras estavam tão claras em sua mente que parecia haver outra pessoa falando lá dentro, como um homem possuído por demônios nas épocas bíblicas, um homem invadido por alguma presença externa. Mas ele reconheceu a voz e sabia que era dele mesmo. Ele sentiu o suor surgir quente em seu rosto.

— Eu poderia te dar

(que vê assombração)

… um desconto no poste — dizia o proprietário. — Pra falar a verdade, 250 é muito. Posso fazer por 175, que tal? É a única antiguidade de verdade aqui.

(poste)

— *POSTE*. — Bill quase gritou, e o proprietário recuou um pouco. — Não é no *poste* que estou interessado.

— Você está bem, moço? — perguntou o proprietário. O tom solícito escondia a expressão de cautela nos olhos, e Bill viu a mão esquerda sair de cima da mesa. Ele sabia, com um brilho de uma coisa que era mais raciocínio indutivo do que intuição, que havia uma gaveta aberta abaixo do campo de visão de Bill, e que o proprietário tinha quase certamente colocado a mão em algum tipo de pistola. Ele talvez estivesse com medo de assalto, mas devia estar só preocupado. Afinal, ele era claramente gay, e essa era a cidade onde os juvenis locais tinham dado um banho terminal em Adrian Mellon.

(ele soca postes de montão e insiste que vê assombração)

Isso afastava todos os outros pensamentos; era como estar louco. De onde tinha vindo?

(ele soca)

Repetindo e repetindo.

Com um repentino esforço gigantesco, Bill atacou o pensamento. Ele fez isso forçando a mente a traduzir a frase alienígena para francês. Era a mesma maneira como ele venceu a gagueira quando adolescente. Quando as palavras entravam em seu campo de visão, ele as mudava… e de repente sentia o aperto da gagueira afrouxar.

Ele percebeu que o proprietário estava dizendo alguma coisa.

— P-P-Perdão?

— Falei que, se você vai ter um troço, vai pra rua. Não preciso dessas merdas aqui.

Bill respirou fundo.

— Vamos r-recomeçar — disse ele. — Finja que acabei de entrar.

— Certo — disse o proprietário, concordando — Você acabou de entrar. E agora?

— A b-bicicleta na vitrine — disse Bill. — Quanto você quer pela bicicleta?

— Pode ser vinte pratas. — Ele parecia mais tranquilo agora, mas a mão esquerda ainda não tinha reaparecido. — Acho que foi uma Schwinn em alguma época, mas agora é uma vira-lata. — Seu olhar avaliou Bill. — É uma bicicleta grande. Você poderia andar nela.

Pensando no skate verde do garoto, Bill disse:

— Acho que meus dias de andar de bicicleta já eram.

O proprietário deu de ombros. A mão esquerda finalmente voltou a subir.

— Tem um filho?

— T-Tenho.

— De quantos anos?

— O-O-Onze.

— É uma bicicleta grande pra um garoto de 11 anos.

— Você aceita cheque de viagem?

— Desde que não seja de mais de dez dólares acima do valor da compra.

— Posso te dar um de vinte — disse Bill. — Posso fazer uma ligação?

— Pode, se for local.

— É, sim.

— Fique à vontade.

Bill ligou para a Biblioteca Pública de Derry. Mike estava lá.

— Onde você está, Bill? — perguntou ele, e imediatamente em seguida: — Você está bem?

— Estou. Você viu algum dos outros?

— Não. Vamos ver todos hoje à noite. — Houve uma breve pausa. — É o que presumo. O que posso fazer por você, Big Bill?

— Vou comprar uma bicicleta — disse Bill calmamente. — Queria saber se posso levar até sua casa. Você tem uma garagem ou algum lugar onde eu possa guardar?

Silêncio.

— Mike? Você…

— Estou aqui — disse Mike. — É Silver?

Bill olhou para o proprietário. Ele voltou a ler o livro… ou talvez só estivesse olhando e prestando atenção.

— É — disse ele.

— Onde você está?

— A loja se chama Secondhand Rose, Secondhand Clothes.

— Tudo bem — disse Mike. — Meu endereço é alameda Palmer, 61. Você segue pela rua Main…

— Consigo encontrar.

— Tudo bem, te encontro lá. Quer jantar?

— Seria legal. Você pode sair do trabalho?

— Não tem problema. Carole cobre pra mim. — Mike hesitou de novo. — Ela disse que um cara apareceu aqui uma hora antes de eu voltar. Disse que ele saiu parecendo um fantasma. Pedi que ela o descrevesse. Era Ben.

— Tem certeza?

— Tenho. E a bicicleta. Também é parte disso, não é?

— Não é de surpreender — disse Bill, mantendo o olhar no proprietário, que ainda parecia absorto no livro.

— Vejo você lá em casa — disse Mike. — Número 61. Não se esqueça.

— Pode deixar. Obrigado, Mike.

— Deus te abençoe, Big Bill.

Bill desligou. O proprietário fechou imediatamente o livro de novo.

— Arrumou espaço pra guardar, amigo?

— Arrumei. — Bill pegou os cheques de viagem e assinou em um de vinte dólares. O proprietário examinou as duas assinaturas com uma atenção que, em circunstâncias mentais menos distraídas, Bill teria achado um tanto insultante.

Por fim, o proprietário preencheu um recibo de venda e guardou o cheque de viagem na velha caixa registradora. Ele ficou de pé, colocou as mãos na lombar e se alongou, depois andou até a frente da loja. Ele desviou de pilhas de lixo e mercadorias que eram quase lixo com uma delicadeza distraída que Bill achou fascinante.

Ele levantou a bicicleta, girou-a e a levou até a beirada da vitrine. Bill segurou o guidão para ajudar e, quando tocou nela, outro tremor o percorreu. Silver. De novo. Era Silver em suas mãos e

(ele soca postes de montão e insiste que vê assombração)

teve que forçar o pensamento a ir embora porque o fazia sentir vontade de desmaiar e provocava uma sensação estranha.

— O pneu de trás está um pouco murcho — disse o proprietário (na verdade, estava achatado como uma panqueca). O pneu da frente estava inflado, mas tão careca que aparecia o cordão em alguns pontos.

— Não tem problema — disse Bill.

— Dá pra levar daqui?

(eu lidava muito bem com ela; agora, não sei)

— Acho que sim — disse Bill. — Obrigado.

— Claro. E se você quiser conversar sobre aquele poste de barbearia, pode voltar.

O proprietário segurou a porta para ele. Bill saiu andando com a bicicleta, virou à esquerda e começou a seguir na direção da rua Main. As pessoas olharam com diversão e curiosidade para o homem careca empurrando a enorme bicicleta com pneu de trás murcho e a

buzina acima da cesta enferrujada, mas Bill nem reparou. Estava maravilhado com o quanto as mãos adultas ainda cabiam bem nos apoios de borracha, estava lembrando que sempre pretendeu amarrar tiras finas de plástico de cores diferentes nos buracos em cada apoio, para que voassem ao vento. Ele nunca chegou a fazer isso.

Ele parou na esquina da Center e Main, em frente à loja Mr. Paperback. Encostou a bicicleta no prédio tempo o bastante para tirar o paletó esporte. Empurrar uma bicicleta com pneu murcho era trabalhoso, e a tarde estava bem quente. Ele jogou o paletó na cesta e seguiu em frente.

A corrente está enferrujada, pensou ele. *Quem era o dono não cuidava muito bem*

(dele)

dela.

Ele parou por um momento, franzindo a testa, tentando se lembrar do que tinha acontecido com Silver. Ele a tinha vendido? Dado? Perdido, talvez? Ele não conseguia lembrar. Em vez disso, aquela frase idiota

(ele soca postes de montão e insiste que vê assombração)

ressurgiu, tão estranha e deslocada quanto uma espreguiçadeira em um campo de batalhas, um toca-discos em uma lareira, uma fileira de lápis enfiada em uma calçada de cimento.

Bill balançou a cabeça. A frase se partiu e se dispersou como fumaça. Ele empurrou Silver até a casa de Mike.

6

Mike Hanlon faz uma ligação

Mas primeiro ele fez o jantar: hambúrgueres com cogumelos, cebola salteados e salada de espinafre. Eles já tinham terminado de trabalhar em Silver e estavam mais do que prontos para comer.

A casa era pequena e arrumada, no estilo Cape Cod, branca com detalhes verdes. Mike estava chegando quando Bill entrou com Silver na alameda Palmer. Ele estava atrás do volante de um velho Ford com lataria enferrujada embaixo e para-brisa traseiro rachado, e Bill se lembrou do fato que Mike observou tão tranquilamente: os seis integrantes do Clube dos Otários que saíram de Derry deixaram de ser otários. Mike ficou para trás e ainda estava atrás.

Bill empurrou Silver até a garagem de Mike, que tinha piso de terra oleada e era tão

arrumada quanto o resto da casa. Havia ferramentas penduradas em ganchos, e as luzes, protegidas por cones de lata, pareciam as penduradas acima de mesas de bilhar. Bill apoiou a bicicleta na parede. Os dois olharam para ela sem falar, com as mãos nos bolsos.

— É Silver mesmo — disse Mike por fim. — Pensei que você pudesse estar enganado. Mas é ela. O que você vai fazer com ela?

— Não faço porra nenhuma de ideia. Você tem uma bomba de bicicleta?

— Tenho. Acho que também tenho um kit pra remendar pneu. Os pneus são sem câmara?

— Sempre eram. — Bill se inclinou para olhar para o pneu furado. — É. Sem câmara.

— Se preparando pra andar de novo?

— É c-claro que não — disse Bill intensamente. — Só não gosto de ver ela assim, de pneu f-f-furado.

— O que você quiser, Big Bill. Você que manda.

Bill ergueu o olhar rapidamente ao ouvir isso, mas Mike tinha ido para os fundos da garagem e estava pegando uma bomba de encher pneu. Ele pegou um kit de lata de remendar pneus em um dos armários e entregou para Bill, que olhou com curiosidade. Era como ele se lembrava de coisas assim da infância: uma pequena lata do mesmo tamanho e formato das que os homens que enrolavam os próprios cigarros tinham, só que a parte de cima era colorida e áspera; era usada para esfregar na borracha ao redor do buraco antes de fazer o remendo. A caixa parecia novinha, e ainda tinha o adesivo de preço da Woolco que dizia que tinha custado 7,23 dólares. Ele achava que, quando era criança, um kit desses custava coisa de 1,25 pratas.

— Você não tinha isso aí por acaso — disse Bill. Não era uma pergunta.

— Não — concordou Mike. — Comprei semana passada. No shopping, pra falar a verdade.

— Você tem bicicleta?

— Não — disse Mike, olhando nos olhos dele.

— E comprou esse kit sem motivo.

— Simplesmente tive vontade — concordou Mike, ainda olhando nos olhos de Bill. — Acordei pensando que poderia ser útil. O pensamento voltava toda hora ao longo do dia. Então… comprei o kit. E aqui está você pra usar.

— Aqui estou eu pra usar — concordou Bill. — Mas como dizem nas novelas, o que isso tudo quer dizer, querido?

— Pergunte aos outros — disse Mike. — Hoje à noite.

— Você acha que todos irão?

— Não sei, Big Bill. — Ele fez uma pausa e acrescentou: — Acho que tem uma chance de nem todos irem. Um ou dois podem decidir cair fora da cidade. Ou… — Ele deu de ombros.

— O que faremos se isso acontecer?

— Não sei. — Mike apontou para o kit de remendar pneus. — Paguei sete pratas por essa coisa. Você vai usar ou vai ficar olhando?

Bill tirou o paletó da cesta e pendurou com cuidado em um gancho desocupado. Em

seguida, virou Silver de cabeça para baixo, apoiada sobre o banco, e começou a girar lentamente o pneu de trás. Ele não gostou da forma enferrujada como o eixo gemeu, e lembrou-se do clique quase silencioso das bilhas no skate do garoto. *Um pouco de óleo 3 em 1 consertaria isso*, pensou ele. *Não faria mal passar óleo na corrente também. Está enferrujada pra caramba… E cartas de baralho. Ela precisa de cartas de baralho nos raios. Aposto que Mike teria cartas. Das boas. De motos, com cobertura de celuloide que as deixava tão rígidas e escorregadias que a primeira vez que você tentava embaralhar, elas sempre se espalhavam pelo chão. Cartas de baralho, claro, e pregadores de roupas para prendê-las…*

Ele parou, gelado de repente.

Em que você está pensando, em nome de Jesus?

— Algum problema, Bill? — perguntou Mike baixinho.

— Nada. — Os dedos dele tocaram em uma coisa pequena, redonda e dura. Ele apoiou as unhas embaixo e puxou. Uma pequena tachinha saiu do pneu. — Aqui está o c-c-culpado — disse ele, e surgiu na mente dele de novo, estranha, espontânea e poderosa: *Ele soca postes de montão e insiste que vê assombração.* Mas desta vez a voz, sua voz, foi seguida da voz da mãe dizendo: *Tente de novo, Billy. Você quase conseguiu agora.* E Andy Devine como o parceiro de Guy Madison, Jingles, gritando *Ei, Wild Bill, me espere!*

Ele tremeu.

(postes)

Ele balançou a cabeça. *Eu não consigo dizer isso sem gaguejar nem agora*, pensou ele, e por apenas um momento sentiu que estava prestes a entender tudo. Mas então, sumiu.

Ele abriu o kit de remendo de pneu e começou a trabalhar. Demorou para acertar. Mike se encostou na parede em uma tira de sol de fim da tarde, com as mangas da camisa enroladas e a gravata puxada, assobiando uma melodia que Bill acabou por identificar como “She Blinded Me with Science”.

Enquanto esperava que a base secasse, Bill passou óleo na corrente de Silver (só para ter alguma coisa para fazer, ele disse para si mesmo), além da roda dentada e dos raios. Não deixou a aparência da bicicleta melhor, mas quando ele girou as rodas, viu que o gemido tinha sumido, e isso era satisfatório. Silver jamais teria ganhado mesmo nenhum concurso de beleza. A virtude dela era que disparava como um raio.

Àquela altura, 17h30, ele quase tinha se esquecido de que Mike estava ali; estava completamente absorto nos gestos pequenos, porém satisfatórios da manutenção. Ele prendeu a ponta da bomba na válvula do pneu de trás e viu o pneu inflar, procurando a pressão certa por palpite e sorte. Ficou feliz em ver que o remendo segurou bem.

Quando achou que tinha acertado, ele soltou a bomba e estava prestes a virar Silver quando ouviu o som rápido de cartas atrás de si. Ele se virou e quase derrubou Silver.

Mike estava de pé com um maço de cartas de moto de fundo azul em uma das mãos.

— Quer?

Bill soltou um suspiro longo e trêmulo.

— Também trouxe pregadores, né?

Mike tirou quatro do bolso da camisa e ofereceu a Bill.

— Tinha por aí por acaso?

— É, mais ou menos isso — disse Mike.

Bill pegou as cartas e tentou embaralhar. Suas mãos tremeram, e as cartas voaram das suas mãos. Estavam para todos os lados… mas só duas caíram viradas para cima. Bill olhou para elas e depois para Mike. O olhar de Mike estava vidrado nas cartas espalhadas. Os lábios dele estavam repuxados por cima dos dentes.

As duas cartas viradas para cima eram os ases de espadas.

— Isso é impossível — disse Mike. — Acabei de abrir o pacote. Olha. — Ele apontou para a lata de lixo ao lado da porta, e Bill viu o papel celofane. — Como um maço de cartas pode ter dois ases de espadas?

Bill se inclinou e os pegou.

— Como você pode espalhar um maço de cartas pelo chão e só duas caírem viradas para cima? — perguntou ele. — É ainda melhor do que…

Ele virou os ases, olhou e mostrou-os para Mike. Um deles tinha o fundo azul, o outro, vermelho.

— Meu Deus, Mikey, em que você nos meteu?

— O que você vai fazer com elas? — perguntou Mike, com voz entorpecida.

— Ora, vou usar — disse Bill e de repente começou a rir. — É isso que devo fazer, não é? Se há precondições para o uso de magia, essas precondições vão inevitavelmente aparecer sozinhas. Certo?

Mike não respondeu. Ele viu Bill ir até a roda de trás de Silver e prender as cartas. Suas mãos ainda estavam tremendo e demorou um tempo, mas ele acabou conseguindo, respirou fundo, prendeu o fôlego e girou a roda de trás. As cartas fizeram um som alto de metralhadora ao bater nos raios no silêncio da garagem.

— Venha — disse Mike baixinho. — Venha, Big Bill. Vou fazer a boia.

Eles comeram os hambúrgueres e agora estavam sentados fumando, vendo a escuridão surgir no quintal de Mike. Bill pegou a carteira, encontrou o cartão de alguém e escreveu nele a frase que o assombrava desde que ele viu Silver na vitrine da Secondhand Rose, Secondhand Clothes. Ele mostrou para Mike, que leu com atenção, com lábios repuxados.

— Significa alguma coisa pra você? — perguntou Bill.

— "Ele soca postes de montão e insiste que vê assombração." — Ele assentiu. — Sim, sei o que é.

— Bem, então me conte. Ou vai vir com mais papo de m-merda de que tenho que descobrir sozinho?

— Não — disse Mike —, nesse caso, acho que não tem problema eu falar. A frase é antiga. É um trava-línguas que virou exercício de fala para quem ceceia e gagueja. Sua mãe ficava

tentando fazer você dizer isso naquele verão. No verão de 1958. Você andava por aí murmurando baixinho.

— É mesmo? — disse Bill e, lentamente, respondendo a própria pergunta: — É mesmo.

— Você devia querer muito agradar a ela.

Bill, que de repente sentiu vontade de chorar, só assentiu. Ele não confiava que seria capaz de falar.

— Você nunca conseguiu — disse Mike. — Me lembro disso. Você tentou pra caramba, mas sempre gaguejava no meio.

— Mas eu *consegui* falar — respondeu Bill. — Pelo menos uma vez.

— Quando?

Bill bateu com os punhos na mesa de piquenique com força para doer.

— *Não me lembro!* — gritou ele. E então, lentamente, ele repetiu: — Não me lembro.

Capítulo 12

Três convidados inesperados

1

No dia seguinte às ligações de Mike Hanlon, Henry Bowers começou a ouvir vozes. Vozes falando com ele o dia todo. Por um tempo, Henry pensou que vinham da lua. No final da tarde, ao olhar para cima do local onde capinava o jardim, ele conseguia ver a lua no céu diurno, pálida e pequena. Uma lua fantasma.

Na verdade, era por isso que ele acreditava que era a lua quem estava falando com ele. Só uma lua fantasma falaria com vozes de fantasma, as vozes dos velhos amigos e as vozes das crianças que brincavam no Barrens tanto tempo antes. Essas e outra voz… uma que ele não ousava nomear.

Victor Criss falou primeiro da lua. *Eles estão voltando, Henry. Todos eles, cara. Estão voltando pra Derry.*

Depois, Arroto Huggins falou da lua, talvez do lado escuro dela. *Você é o único Henry. O único de nós que sobrou. Você precisa pegar eles por mim e por Vic. Nenhum pirralho pode humilhar a gente assim. Rebati uma bola uma vez no campo dos irmãos Tracker, e Tony Tracker disse que a bola era digna do estádio dos Yankees.*

Ele capinou, olhando para a lua fantasma no céu, e depois de um tempo Fogarty foi até lá, bateu na nuca dele e o derrubou de cara no chão.

— Você está capinando as ervilhas junto com o mato, seu idiota.

Henry se levantou e tirou terra da cara e do cabelo. Ali estava Fogarty, um homem grande com casaco branco e calça branca, a barriga inchada e protuberante. Era ilegal os guardas

(chamados de “conselheiros” em Juniper Hill) carregarem cassetetes, então vários deles (Fogarty, Adler e Koontz eram os piores) levavam rolinhos de moedas nos bolsos. Eles quase sempre batiam em você com isso no mesmo lugar, bem na base da nuca. Não havia regras contra moedas. Moedas não eram consideradas armas mortais em Juniper Hill, uma instituição para mentalmente insanos que ficava nos arredores de Augusta, perto da divisa com Sidney.

— Me desculpe, sr. Fogarty — disse Henry, e ofereceu um sorriso largo que mostrava uma linha irregular de dentes amarelos. Pareciam as tábuas em uma cerca ao redor de uma casa assombrada. Henry havia começado a perder os dentes quando tinha uns 14 anos.

— É, você pede desculpas — disse Fogarty. — Vai pedir muito mais se eu te pegar fazendo isso de novo, Henry.

— Sim, senhor, sr. Fogarty.

Fogarty se afastou, e os sapatos pretos deixaram marcas grandes e marrons na terra de West Garden. Como Fogarty estava de costas, Henry aproveitou o momento para olhar ao redor discretamente. Mandaram que eles fossem capinar assim que as nuvens se afastaram, todos da Ala Azul, que era para onde você ia se já tivesse sido perigoso, mas agora fosse considerado apenas moderadamente perigoso. Na verdade, todos os pacientes de Juniper Hill eram considerados moderadamente perigosos; era um local para os criminalmente insanos. Henry Bowers estava lá porque foi condenado por matar o pai no fim do outono de 1958. Foi um ano famoso por julgamentos por assassinato; quando se tratava de julgamentos por assassinato, 1958 foi campeão.

Só que, claro, não era só o *pai* dele que achavam que ele tinha matado; se tivesse sido só o *pai*, Henry não teria passado vinte anos no Hospital Mental Estadual de Augusta, muito desse tempo sob contenção química e física. Não, não só o *pai*; as autoridades achavam que ele tinha matado todo mundo, ou pelo menos a maioria.

Após o veredito, o *News* publicou um editorial de primeira página intitulado “O Fim da Longa Noite de Derry”. Nele, recapitularam os pontos importantes: o cinto na cômoda de Henry que pertencia ao desaparecido Patrick Hockstetter; o amontoado de livros escolares, alguns com o nome do desaparecido Arroto Huggins e outros do desaparecido Victor Criss, os dois amigos conhecidos do garoto Bowers, no armário de Henry; o mais terrível de tudo, as calcinhas encontradas enfiadas em um canto no colchão de Henry, calcinhas identificadas pela marca da lavanderia como sendo de Veronica Grogan, falecida.

Henry Bowers, declarou o *News*, era o monstro assombrando Derry na primavera e no verão de 1958.

Mas o *News* proclamou o fim da longa noite de Derry na primeira página da edição de 6 de dezembro, e mesmo um idiota como Henry sabia que em Derry a noite *nunca* acabava.

Eles o encheram de perguntas, ficaram ao redor dele em círculo, apontaram para ele. Duas vezes o chefe de polícia bateu na cara dele, e uma vez um detetive chamado Lottman deu um soco na barriga dele, mandando que ele confessasse, e que fosse rápido.

— Tem pessoas lá fora que não estão felizes, Henry — disse esse Lottman. — Não há

linchamento em Derry há muito tempo, mas isso não quer dizer que não pode acontecer um.

Ele achava que eles continuariam fazendo aquilo enquanto fosse necessário, não porque algum deles realmente acreditasse que o povo de Derry fosse invadir a delegacia, carregar Henry e enforcá-lo em uma macieira, mas porque estavam desesperados para virar a página do sangue e horror daquele verão; eles *teriam* feito isso, mas Henry não deixou. Queriam que ele confessasse tudo, ele entendeu depois de um tempo. Henry não se importou. Depois do horror no esgoto, depois do que aconteceu com Arroto e Victor, ele não pareceu se importar com nada. Sim, disse ele, tinha matado o pai. Isso era verdade. Sim, tinha matado Victor Criss e Arroto Huggins. Isso também era verdade, pelo menos no sentido de que foi ele quem os levou até os túneis onde eles foram mortos. Sim, ele tinha matado Patrick. Sim, Veronica. Sim um, sim todos. Não era verdade, mas não importava. A culpa precisava ser atribuída. Talvez por isso ele foi poupado. E se ele se recusasse…

Ele entendeu a questão do cinto de Patrick. Ele ganhou de Patrick em um jogo de *scat* em um dia de abril, descobriu que não servia e jogou na cômoda. Também entendeu a questão dos livros; droga, os três viviam juntos e não davam a menor bola para os livros da recuperação tanto quanto não davam para os do ano letivo regular, o que quer dizer que se importavam com eles tanto quanto um pica-pau se importa com sapateado. Devia haver a mesma quantidade de livros nos armários deles, e os policiais deviam saber bem disso.

As calcinhas… Não ele não sabia como as calcinhas de Veronica Grogan foram parar no colchão dele.

Mas ele achava que sabia quem (ou *o que*) cuidou disso.

Era melhor não falar de coisas assim.

Era melhor calar a boca.

Assim, eles o mandaram para Augusta e, finalmente, em 1979 o transferiram para Juniper Hill. Ele só teve problema aqui uma vez, e foi porque no começo ninguém entendeu. Um cara tentou apagar a luz noturna de Henry. A luz era um Pato Donald tirando o bonezinho de marinheiro. Donald era proteção depois que o sol se punha. Sem a luz, *coisas* podiam entrar. As trancas na porta e a cerca de arame não as impediam. Elas vinham como névoa. *Coisas*. Elas falavam e riam… e às vezes agarravam. *Coisas* peludas, *coisas* escorregadias, *coisas* com olhos. O tipo de *coisas* que *realmente* mataram Vic e Arroto quando os três foram atrás dos garotos nos túneis debaixo de Derry em agosto de 1958.

Ao olhar ao redor agora, ele viu os outros da Ala Azul. Havia George DeVille, que assassinou a esposa e quatro filhos em uma noite de inverno em 1962. A cabeça de George estava cuidadosamente abaixada, com o cabelo branco voando na brisa, catarro escorrendo alegremente do nariz, o enorme crucifixo de madeira se balançando e dançando enquanto ele capinava. Havia Jimmy Donlin, e tudo que diziam nos jornais sobre Jimmy era que ele tinha matado a mãe em Portland no verão de 1965, mas o que não diziam nos jornais era que Jimmy fez uma tentativa nova para se livrar do cadáver: quando os policiais chegaram, Jimmy tinha comido mais da metade dela, incluindo o cérebro. “Me deixou bem mais inteligente”,

confidenciou Jimmy para Henry uma noite depois do apagar das luzes.

Na fileira atrás de Jimmy, capinando fanaticamente e cantando o mesmo verso sem parar, como sempre, estava o francesinho Benny Beaulieu. Benny era incendiário, piromaníaco. Agora, enquanto capinava, ele cantava um verso do the Doors sem parar: “Try to set the night on fire, try to set the night on fire, try to set the night on fire, try to…”

Irritava depois de um tempo.

Atrás de Benny estava Franklin D’Cruz, que estuprou mais de cinquenta mulheres antes de ser pego com a calça abaixada no Terrace Park de Bangor. As idades das vítimas iam de 3 a 81 anos. Ele não era muito exigente, Frank D’Cruz. Atrás dele, bem mais para trás, estava Arlen Weston, que passava tanto tempo olhando com expressão sonhadora para a enxada quanto usando-a. Fogarty, Adler e John Koontz tinham tentado usar o truque do rolo de moedas no punho com Weston para convencê-lo de que ele podia ir um pouco mais rápido, e um dia Koontz bateu nele com um pouco de força demais, porque saiu sangue não só do nariz de Arlen Weston, mas também das orelhas, e, naquela noite, ele teve uma convulsão. Não das grandes; foi bem pequena. Mas, desde então, Arlen se desliga mais e mais para olhar para as trevas interiores, e agora é caso perdido, quase completamente desligado do mundo. Atrás de Arlen havia…

— É melhor você acelerar, senão vou te dar um pouco mais de ajuda, Henry! — gritou Fogarty, e Henry voltou a capinar. Ele não queria ter convulsões. Não queria acabar como Arlen Weston.

Em pouco tempo, as vozes recomeçaram. Mas, desta vez, eram as vozes dos outros, as vozes das crianças que o tinham metido nessa situação, sussurrando direto da lua fantasma.

Você não conseguiu nem pegar um garoto gordo, Bowers , sussurrou um deles. *Agora estou rico e você está capinando ervilhas. Ha-ha pra você, babaca!*

B-B-Bowers, você não c-c-conseguia p-pegar nem r-r-resfriado! Leu a-algum b-b-bom l-l-livro desde que entrou a-aqui? E-escrevi um monte! Estou r-r-rico e v-você está em J-J-Juniper Hill! Ha-ha pra você, babaca burro!

— Cala a boca — sussurrou Henry para as vozes fantasmas, capinando mais rápido, começando a capinar as ervilhas junto com as ervas daninhas. Suor escorria por suas bochechas como lágrimas. — Podíamos ter pegado você. Podíamos *mesmo*.

Conseguimos que você fosse preso, seu babaca, disse outra voz, rindo. *Você correu atrás de mim e não conseguiu me pegar, e eu também fiquei rico! Muito bem, pé de banana!*

— Cala a boca — murmurou Henry, capinando mais rápido. — Cala essa boca!

Você queria tirar minha calcinha, Henry? , disse outra voz com provocação. *Que pena! Deixei todos eles me comerem, eu não passava de uma piranha, mas agora também estou rica e estamos todos juntos, e estamos transando de novo, mas você não conseguiria agora, mesmo se eu deixasse, porque não consegue fazer subir, então ha-ha pra você, Henry, ha-ha pra você TODO…*

Ele capinou loucamente, com ervas daninhas, terra e ervilhas voando para todo lado; as

vozes fantasmas da lua fantasma estavam bem altas agora, ecoando e voando em sua cabeça, e Fogarty estava correndo na direção dele, gritando, mas Henry não conseguia ouvir. Por causa das vozes.

Não conseguiu nem pegar um negro como eu, né?, disse outra voz fantasma zombeteira. *Destruímos vocês naquela guerra de pedras! Acabamos com vocês! Ha-ha, babaca! Ha-ha pra você todo!*

De repente, todas as vozes começaram a falar ao mesmo tempo, rindo dele, chamando-o de pé de banana, perguntando se ele gostou dos tratamentos de choque que deram nele quando ele foi para a Ala Vermelha, perguntando se ele gostava de J-J-Juniper Hill, perguntando e rindo, rindo e perguntando, e Henry largou a enxada e começou a gritar para a lua fantasma no céu azul, e primeiro ele gritou com fúria, depois *a própria lua* se modificou e virou a cara do palhaço, o rosto de um branco leitoso podre e cheio de marcas, os olhos como buracos negros, o sorriso vermelho sangue aberto e tão obscenamente ingênuo que era insuportável, e então Henry começou a gritar não de fúria, mas de terror mortal, e a voz do palhaço falou saindo da lua fantasma agora, e o que ela disse foi *Você precisa voltar, Henry. Você precisa voltar e terminar o serviço. Você precisa voltar para Derry e matar todos eles. Por Mim. Por…*

E Fogarty, que estava ali perto e gritando com Henry havia quase dois minutos (enquanto os outros detentos ficavam em seus lugares, segurando as enxadas como falos cômicos, com expressões não exatamente interessadas, mas, sim, quase *pensativas*, como se eles entendessem que isso era tudo parte do mistério que os tinha colocado ali, que o ataque repentino de gritos histéricos de Henry Bowers no Jardim Oeste era interessante de uma forma mais do que técnica), se cansou de gritar e deu um golpe realmente forte em Henry com as moedas, e Henry caiu como uma pilha de tijolos, com a voz do palhaço seguindo-o por aquele redemoinho horrível de escuridão, cantarolando sem parar: *Matar todos eles, Henry, matar todos eles, matar todos eles, matar todos eles.*

2

Henry Bowers estava deitado e acordado.

A lua estava baixa, e ele sentiu uma gratidão intensa por isso. A lua ficava menos fantasmagórica à noite, mais real. E se ele visse aquela horrível cara de palhaço no céu, sobre colinas, campos e bosques, ele achava que morreria de pavor.

Ele se deitou de lado e ficou olhando para a luz noturna com atenção. A do Pato Donald tinha queimado. Ele foi substituído por Mickey e Minnie Mouse dançando polca. Eles foram substituídos por Oscar de *Vila Sésamo*, e ano passado Oscar foi substituído pelo Urso Fozzie. Henry media os anos de prisão com luzes noturnas queimadas, não com colheres de café.

Exatamente às 2h04 na madrugada do dia 30 de maio, sua lâmpada queimou. Um gemido escapou de sua boca; não. Koontz estava na porta da Ala Azul naquela noite. Koontz, que era o pior do grupo. Pior até do que Fogarty, que bateu com tanta força nele à tarde que Henry mal conseguia virar a cabeça.

Dormindo ao redor dele estavam os outros detentos da Ala Azul. Benny Beaulieu dormia com amarras elásticas. Ele tinha tido permissão de assistir a uma reprise de *Emergency* na sala de TV quando eles voltaram de capinar e, por volta das 18h, começou a se masturbar constantemente e sem parar, gritando:

— Try to set the night on *fire*! Try to set the night on *fire*! Try to set the night on *fire*!

Ele foi sedado, e isso funcionou por umas quatro horas, mas ele começou de novo por volta das 23h, quando o efeito do Elavil passou. Ele bombava o bilau velho com tanta força que começou a sangrar, sempre gritando "Try to set the night on *fire*!" Então, o sedaram de novo e colocaram amarras. Agora ele estava dormindo, com o rosto enrugado tão sério nas luzes fracas quanto o de Aristóteles.

Ao redor da cama, Henry conseguia ouvir roncos baixos e roncos altos, resmungos e ocasionais peidos. Conseguia ouvir a respiração de Jimmy Donlin; era inconfundível, mesmo Jimmy dormindo cinco camas depois. Era um assobio rápido e baixo que por algum motivo sempre fazia Henry pensar em uma máquina de costura. Depois da porta, no corredor, ele conseguia ouvir o som baixo da TV de Koontz. Ele sabia que Koontz estaria vendo os filmes da madrugada no canal 38, tomando Texas Driver e comendo o almoço. Koontz preferia sanduíches com creme de amendoim com pedaços de cebola branca. Quando Henry soube disso, ele tremeu e pensou: *E dizem que todas as pessoas loucas estão presas.*

Desta vez, a voz não veio da lua.

Desta vez, veio de debaixo da cama.

Henry reconheceu a voz imediatamente. Era de Victor Criss, cuja cabeça foi arrancada em algum lugar embaixo de Derry 27 anos antes. Foi arrancada pelo monstro Frankenstein. Henry viu acontecer, depois viu os olhos do monstro mudarem e sentiu o olhar amarelo aquoso nele. Sim, o monstro Frankenstein matou Victor e depois matou Arroto, mas ali estava Vic de novo, como a reprise quase fantasmagórica de um programa preto e branco dos maravilhosos anos 1950, quando o presidente era careca e os Buicks tinham janelinhas redondas de ventilação.

E agora que tinha acontecido, agora que a voz tinha vindo, Henry percebeu que estava calmo e sem medo. Até aliviado.

— Henry — disse Victor.

— Vic! — exclamou Henry. — O que você está fazendo aí embaixo?

Benny Beaulieu roncou e falou dormindo. As inspirações e expirações nasais de máquina de costura de Jimmy fizeram uma pausa momentânea. No corredor, o volume da pequena Sony de Koontz estava baixo, e Henry Bowers conseguia senti-lo, com a cabeça inclinada para o lado, com uma das mãos no botão de volume da TV, os dedos da outra tocando no cilindro que preenchia o bolso branco da roupa branca, o rolo de moedas.

— Não precisa falar alto, Henry — disse Vic. — Consigo ouvir se você só pensar. E eles não conseguem me ouvir.

O que você quer, Vic?, perguntou Henry.

Não houve resposta por um longo tempo. Henry pensou que talvez Vic tivesse ido embora. Do lado de fora, o volume da TV de Koontz aumentou de novo. Houve um som de arranhar debaixo da cama; as molas gemeram de leve quando uma sombra escura saiu. Vic olhou para ele e sorriu. Henry retribuiu o sorriso com desconforto. O velho Vic estava se parecendo um pouco com o monstro Frankenstein ultimamente. Uma cicatriz como uma tatuagem de corda de forca envolvia seu pescoço. Henry pensou que talvez fosse onde a cabeça dele foi costurada de volta. Os olhos eram de uma estranha cor cinza-esverdeada, e as córneas pareciam flutuar em substância aquosa e viscosa.

Vic ainda tinha 12 anos.

— Quero a mesma coisa que você — disse Vic. — Quero retribuir.

Retribuir, disse Henry Bowers de forma sonhadora.

— Mas você vai ter que sair daqui pra fazer isso — disse Vic. — Vai ter que voltar pra Derry. Preciso de você, Henry. Todos precisamos de você.

Eles não podem machucar Você, disse Henry, entendendo que estava falando com mais do que Vic.

— Eles não podem Me machucar se acreditarem apenas parcialmente — disse Vic. — Mas houve alguns sinais perturbadores, Henry. Também achávamos que eles não seriam capazes de nos vencer naquela época. Mas o garoto gordo escapou de você no Barrens. O gordo, o sabichão e a piranha escaparam de nós naquele dia depois do cinema. E a guerra de pedra, quando eles salvaram o crioulo…

Não fale sobre isso!, gritou Henry para Vic, e por um momento toda a dureza peremptória que o tornou líder estava em sua voz. Mas ele se encolheu, pensando que Vic o machucaria, que Vic podia fazer o que quisesse por ser um fantasma, mas Vic só sorriu.

— Posso cuidar deles se eles só acreditarem parcialmente — disse ele —, mas você está vivo, Henry. Você pode pegar eles mesmo se eles acreditarem, só acreditarem um pouco ou não acreditarem nada. Você pode pegar um a um ou todos de uma vez. Você pode retribuir.

Retribuir, repetiu Henry. E olhou para Vic com dúvida de novo. Mas não posso sair daqui, Vic. Tem grade nas janelas e Koontz está na porta hoje. Koontz é o pior. Talvez amanhã à noite…

— Não se preocupe com Koontz — disse Vic, ficando de pé. Henry viu que ele ainda estava usando a calça jeans daquele dia, e que ela ainda estava manchada de gosma de esgoto seca. — Vou cuidar de Koontz. — Vic esticou a mão.

Depois de um momento, Henry a segurou. Ele e Vic andaram em direção à porta da Ala Azul e ao som da TV. Estavam quase lá quando Jimmy Donlin, que tinha comido o cérebro da mãe, acordou. Seus olhos se arregalaram quando ele viu o visitante noturno de Henry. Era sua mãe. A anágua estava aparecendo só um pouquinho, como sempre aparecia. O topo da cabeça

tinha sido removido. Os olhos dela, horrivelmente vermelhos, rolaram na direção dele, e quando ela sorriu, Jimmy viu as manchas de batom nos dentes amarelos e acavalados, como sempre vira. Jimmy começou a gritar:

— *Não, mãe! Não, mãe! Não, mãe!*

Koontz entrou correndo. Primeiro, ele viu Bowers, de pé, barrigudo e quase ridículo de camisola, com a pele flácida pálida na luz que entrava do corredor. Em seguida, olhou para a esquerda e gritou sem conseguir emitir som. Ao lado de Bowers havia uma coisa de roupa de palhaço. Tinha uns 2,5 metros de altura. A roupa era prateada. Pompons laranja ocupavam a parte da frente. Havia sapatos grandes demais e engraçados nos pés. Mas a cabeça não era de homem nem de palhaço; era a cabeça de um dobermann, o único animal na face da Terra do qual John Koontz tinha medo. Os olhos dele estavam vermelhos. O focinho macio se enrugou para deixar dentes enormes à mostra.

Um cilindro de moedas caiu nos dedos inertes de Koontz e rolou pelo chão até o canto. No dia seguinte, Benny Beaulieu, que dormiu durante todo o acontecimento, o encontraria e esconderia no armário. As moedas serviram para ele comprar cigarros feitos por encomenda durante um mês.

Koontz pegou fôlego para gritar de novo quando o palhaço andou na direção dele.

— Está na hora do circo! — gritou o palhaço com voz rosnada, e as mãos com luvas brancas caíram nos ombros de Koontz.

Só que as mãos dentro daquelas luvas pareciam patas.

3

Pela terceira vez naquele dia, naquele longo, longo dia, Kay McCall foi ao telefone.

Ela foi mais longe desta vez do que nas duas primeiras ocasiões; desta vez, ela esperou o telefone ser atendido do outro lado e uma voz de policial irlandês dizer “Delegacia da rua Sixth, sargento O’Bannon, como posso ajudar?” antes de desligar.

Ah, você está indo bem. Meu Deus, sim. Lá pela oitava ou nona vez você terá reunido coragem o suficiente para dizer seu nome.

Ela foi até a cozinha e preparou um uísque com soda fraco, embora soubesse que não devia ser boa ideia depois de ter tomado o Darvon. Lembrou-se de um trecho de música folk das cafeterias da faculdade na juventude (*Com a cabeça cheia de uísque e a barriga cheia de gin / O médico diz que vai me matar, mas não diz quando*) e riu de maneira irregular. Havia um espelho por cima do bar. Ela viu o próprio reflexo e parou de rir abruptamente.

Quem é essa mulher?

Um olho estava inchado, quase fechado.

Quem é essa mulher ferida?

O nariz estava da cor do de um cavaleiro bêbado depois de uns trinta anos entornando em produtoras de gin, e inchado a um tamanho grotesco.

Quem é essa mulher ferida que parece as que se arrastam para um abrigo feminino depois de ficarem com medo o bastante ou de terem coragem o bastante ou simplesmente ficarem loucas o bastante para largar o homem que as está ferindo, que as machucou sistematicamente semana após semana e mês após mês e ano após ano?

Havia um arranhão em uma bochecha.

Quem é ela, Kay-Bird?

Um braço estava em uma tipoia.

Quem? É você? Pode ser você?

— Aqui está ela… a Miss América — cantarolou ela, querendo que sua voz saísse durona e cínica. Começou assim, mas tremeu lá pela sétima sílaba, e falhou na oitava. Não era uma voz durona. Era uma voz assustada. Ela sabia; tinha sentido medo antes e sempre superou. Mas achava que demoraria muito para superar isso.

O médico que cuidou dela em um dos pequenos cubículos perto da recepção do Hospital Sisters of Mercy, a 800 metros dali, era jovem e não era feio. Sob diferentes circunstâncias, ela poderia ter pensado inocentemente (ou talvez não tão inocentemente) em tentar levá-lo para casa para uma turnê sexual pelo mundo. Mas não sentiu nem um pouco de tesão. A dor não alimentava o tesão. Nem o medo.

O nome dele era Geffin, e ela não gostou da forma fixa como ele estava olhando para ela. Ele levou um copinho branco de papel até a pia do aposento, colocou água até a metade, tirou um maço de cigarros da gaveta e ofereceu a ela.

Ela pegou um, e ele acendeu para ela. Ele precisou acompanhar a ponta por um ou dois segundos com o fósforo, porque a mão dela estava tremendo. Ele jogou o fósforo no copo de papel. *Fssss.*

— Um hábito maravilhoso — disse ele. — Né?

— Fixação oral — respondeu Kay.

Ele assentiu, e eles ficaram em silêncio. Ele ficava olhando para ela. Ela teve a sensação de que ele estava esperando que ela chorasse, e isso a irritou porque ela sentia que podia acontecer. Ela odiava que previssem suas reações emocionais, principalmente um homem.

— Namorado? — perguntou ele por fim.

— Prefiro não falar sobre isso.

— Aham. — Ele tragou e olhou para ela.

— Sua mãe nunca falou que é falta de educação encarar? — Ela queria falar com aspereza, mas pareceu um pedido: *Pare de olhar para mim, sei como estou, já vi.* Esse pensamento foi seguido de outro, um que ela desconfiava que a amiga Beverly devia ter tido mais de uma vez,

que o pior da surra acontece por dentro, onde você podia sofrer de uma coisa que poderia ser chamada de hemorragia interespiritual. Ela sabia como estava, sabia. Pior ainda, sabia o que estava sentindo. Ela se sentia amarela. Era uma sensação deplorável.

— Vou dizer só uma vez — disse Geffin. A voz dele estava baixa e agradável. — Quando trabalho no P. S., minha hora de encarar a tarefa desagradável, podemos dizer, vejo talvez vinte mulheres surradas por semana. Os residentes tratam mais vinte. Então olha, tem um telefone bem ali na mesa. Eu vou pegar. Você liga para a delegacia, dá seu nome e endereço, diz o que aconteceu e quem fez. Depois desliga, e pego a garrafa de uísque que guardo ali no armário, estritamente para fins medicinais, sabe, e vamos tomar para comemorar. Porque eu acho, e essa é minha opinião pessoal, que a única forma de vida mais baixa do que um homem que surra uma mulher é um rato com sífilis.

Kay sorriu com cansaço.

— Agradeço a proposta — disse ela —, mas vou passar. Por enquanto.

— Aham — disse ele. — Mas quando você voltar para casa, dê uma boa olhada no espelho, sra. McCall. Seja lá quem for, trabalhou com dedicação.

Ela começou a chorar nessa hora. Não conseguiu evitar.

Tom Rogan ligou por volta do meio-dia do dia em que ela se despediu de Beverly, querendo saber se Kay tinha tido contato com a esposa dele. Ele parecia calmo, sensato, nem um pouco aborrecido. Kay falou que não a via tinha quase duas semanas. Tom agradeceu e desligou.

Por volta das 13h, a campainha tocou quando ela estava escrevendo no estúdio. Ela foi até a porta.

— Quem é?

— Flores Cragin, senhora — disse uma voz aguda, e como ela foi burra de não perceber que era Tom em um falsete ruim, como ela foi burra de acreditar que Tom tinha desistido tão facilmente, como ela foi burra de tirar a corrente antes de abrir a porta.

Ele entrou, e ela só tinha chegado a dizer “Saia daq…” quando o punho de Tom saiu voando do nada e bateu no olho direito dela, fechando-o e gerando uma onda de dor muito intensa pela cabeça dela. Ela caiu para trás no corredor, segurando em coisas para tentar ficar de pé: um delicado vaso de uma flor que caiu e se espatifou, um cabide de casacos que virou. Ela caiu sobre os próprios pés; Tom fechou a porta e andou até ela.

— Saia daqui! — gritou ela para ele.

— Assim que você me disser onde ela está — disse Tom, andando pelo corredor na direção dela. Ela estava levemente ciente de que Tom não estava com aparência muito boa (na verdade, *péssima* podia ser considerada uma palavra melhor), e sentiu uma felicidade indistinta porém feroz borbulhar dentro dela. Independentemente do que Tom tivesse feito a Bev, parecia que Bev tinha devolvido quase igualmente. Foi o bastante para deixá-lo de cama por um dia inteiro, pelo menos, e ele ainda não parecia dever estar em outro lugar que não fosse um hospital.

Mas também parecia muito cruel e muito zangado.

Kay ficou de pé e recuou, mantendo os olhos nele como se mantém os olhos em um animal selvagem que fugiu da jaula.

— Falei que não a vi, e era verdade — disse ela. — Agora saia daqui antes que eu chame a polícia.

— Você viu ela — disse Tom. Os lábios inchados estavam tentando sorrir. Ela viu que os dentes estavam estranhamente irregulares. Alguns dos da frente estavam quebrados. — Eu ligo, digo que não sei onde Bev está. Você diz que não a vê há duas semanas. Não faz nem uma pergunta. Não diz nada desencorajador, embora eu saiba muito bem que você me odeia. Então onde ela está, sua puta? Me diga.

Kay se virou e saiu correndo para a extremidade do corredor, querendo chegar ao escritório, fechar as portas de correr de mogno e trancá-las. Ela chegou lá antes dele, pois ele estava mancando, mas antes que pudesse fechar a porta, ele enfiou o corpo entre as duas partes. Ele deu um empurrão convulsivo e se forçou a entrar. Ela se virou para correr de novo; ele a pegou pelo vestido e puxou com tanta força que rasgou a parte de trás até a cintura. *Sua esposa fez esse vestido, seu merda*, pensou ela com incoerência, e então foi virada.

— *Onde ela está?*

Kay levantou a mão e deu um tapa forte que fez a cabeça dele girar e um corte no lado esquerdo do rosto recomeçar a sangrar. Ele segurou o cabelo dela e puxou a cabeça para a frente, até seu punho. Ela teve a sensação de que o nariz explodiu. Gritou, inspirou para gritar de novo e começou a engasgar no próprio sangue. Estava completamente apavorada agora. Ela não sabia que podia existir tanto pavor no mundo. O filho da puta maluco ia matá-la.

Ela gritou, ela gritou, e então o punho dele a atingiu na barriga, tirando o fôlego dela. Ela só conseguiu ofegar. Começou a tossir e arfar ao mesmo tempo, e, por um momento apavorante, achou que engasgaria.

— *Onde ela está?*

Kay balançou a cabeça.

— Não… a vi — disse ela. — Polícia… você vai preso… babaca…

Ele a colocou de pé, e ela sentiu alguma coisa ceder em seu ombro. Mais dor, tão forte que a deixou enjoada. Ele a virou, ainda segurando o braço dela, e agora torceu-o por trás, e ela mordeu o lábio inferior, prometendo a si mesma não gritar de novo.

— *Onde ela está?*

Kay balançou a cabeça.

Ele puxou o braço para cima com tanta força que ela o ouviu resmungar. O hálito quente dele roçava sua orelha. Ela sentiu o próprio punho direito fechado tocar a omoplata esquerda e gritou de novo quando a coisa no ombro cedeu mais um pouco.

— Onde ela está?

— … sei…

— O quê?

— *Eu não SEI!*

Ele a soltou e empurrou. Ela caiu no chão, chorando, com catarro e sangue saindo do nariz. Houve um estalo quase musical, e quando ela olhou ao redor, Tom estava inclinado sobre ela. Ele tinha quebrado a parte de cima de outro vaso, este de cristal Waterford. Estava segurando a base. O gargalo irregular estava a centímetros do rosto dela. Ela ficou olhando hipnotizada.

— Vou te dizer uma coisa — disse ele, com as palavras saindo em meio a ofegos e sopros de ar quente —, você vai me contar pra onde ela foi, senão vai ter que catar o rosto no chão. Você tem três segundos, talvez menos. Quando fico furioso, parece que o tempo passa bem mais rápido.

Meu rosto, pensou ela, e foi isso que finalmente a fez ceder… ou desmoronar, se isso explicar melhor: a ideia desse monstro usando o vaso Waterford quebrado para cortar o rosto dela.

— Ela foi pra casa — disse Kay, soluçando. — Pra cidade dela. Derry. Pra um lugar chamado Derry, no Maine.

— Como ela foi?

— Pegou um ônibus pra Milwaukee. Ia pegar um avião lá.

— Aquela *piranhazinha* de merda! — gritou Tom, ficando de pé. Ele andou em um semicírculo grande e sem direção, passando as mãos pelo cabelo e fazendo-o ficar espetado para todos os lados. — Aquela *vaca*, aquela *piranha*, aquela *puta* rampeira! — Ele pegou uma escultura delicada de um homem e uma mulher fazendo amor, que ela tinha desde os 22 anos, e jogou na lareira, onde se estilhaçou em pedaços. Deu de cara consigo mesmo por um momento no espelho acima da lareira e arregalou os olhos, como se olhando para um fantasma. Em seguida, virou-se para ela de novo. Ele tinha tirado alguma coisa do bolso do casaco que estava usando, e ela viu com perplexidade meio estúpida que era um livro. A capa era quase completamente preta, exceto pelas letras vermelhas metálicas que formava o título e pela foto de várias pessoas jovens de pé em um barranco alto acima de um rio. *A correnteza negra.*

— Quem é esse merda?

— Hã? O quê?

— Denbrough. Denbrough. — Ele sacudiu o livro com impaciência na frente do rosto dela, e de repente bateu nela com ele. A bochecha dela ardeu de dor e de um calor vermelho cego como carvão. — Quem é ele?

Ela começou a entender.

— Eles eram amigos. Quando eram crianças. Os dois cresceram em Derry.

Ele bateu nela com o livro de novo, desta vez do outro lado.

— Por favor — disse ela, chorando. — Por favor, Tom.

Ele puxou uma cadeira estilo colonial com pernas finas e graciosas para perto dela, virou-a e se sentou. O rosto fantasmagórico olhou para ela de cima da cadeira.

— Me escuta — disse ele. — Escuta seu velho tio Tommy. Você consegue fazer isso, sua

puta queimadora de sutiã?

Ela assentiu. Conseguia sentir gosto de sangue quente e metálico na garganta. Seu ombro estava em chamas. Ela rezou para estar apenas deslocado, e não quebrado. Mas isso não era o pior. *Meu rosto, ele ia cortar meu rosto…*

— Se você ligar pra polícia e disser que estive aqui, vou negar. Você não tem como provar porra nenhuma. Hoje é folga da empregada e estamos só nós dois. É claro que podem me prender de qualquer jeito, tudo é possível, né?

Ela percebeu que estava assentindo de novo, como se a cabeça estivesse presa em um barbante.

— Claro que é. E o que eu faria seria pagar a fiança e voltar direto pra cá. Encontrariam seus peitos na mesa da cozinha e seus olhos no aquário. Entendeu? Está entendendo seu velho tio Tommy?

Kay caiu no choro de novo. Aquele barbante preso em sua cabeça ainda estava trabalhando; ela balançou para cima e para baixo.

— Por quê?

— O quê? Eu… eu não…

— Acorda, pelo amor de Deus! Por que ela voltou?

— Não sei! — Kay quase gritou.

Ele balançou o vaso quebrado na direção dela.

— Não sei — disse ela em tom mais baixo. — Por favor. Ela não me contou. Por favor, não me machuque.

Ele jogou o vaso na lixeira e ficou de pé.

Tom saiu sem olhar para trás, com a cabeça baixa, um homem enorme como um urso.

Ela saiu correndo atrás e trancou a porta. Correu para a cozinha e trancou a porta de lá. Depois de uma pausa, foi mancando até o andar de cima (tanto quanto sua barriga dolorida permitiu) e trancou a porta dupla que levava à varanda de cima. Não era uma possibilidade a ser descartada que ele pudesse decidir subir por uma das colunas e voltar por ali. Ele estava machucado, mas também era louco.

Ela foi até o telefone pela primeira vez, e tinha acabado de pousar a mão nele quando se lembrou do que ele disse.

E o que eu faria seria pagar a fiança e voltar direto pra cá… seus peitos na mesa da cozinha e seus olhos no aquário.

Ela tirou a mão do telefone.

Ela foi até o banheiro e olhou para o nariz vermelho como tomate que ainda pingava e para o olho roxo. Ela não chorou; a vergonha e o horror que sentia eram profundos demais para lágrimas. *Ah, Bev, fiz o meu melhor, querida*, pensou ela. *Mas meu rosto… ele disse que ia cortar meu rosto…*

Havia Darvon e Valium no armário de remédios. Ela pesou as duas alternativas e decidiu tomar um de cada. Em seguida, foi até o Sisters of Mercy para ser tratada e conheceu o famoso

dr. Geffin, que agora era o único homem em quem ela conseguia pensar que não a deixaria perfeitamente feliz se desaparecesse da face da terra.

De lá, ela voltou para casa, voltou para casa, lá-lá-lá.

Ela foi até a janela do quarto e olhou para fora. O sol estava baixo no horizonte agora. Na costa leste, seria final do crepúsculo, por volta das 19h no Maine.

Você pode decidir o que fazer em relação à polícia depois. O importante agora é avisar Beverly.

Seria bem mais fácil, pensou Kay*, se você tivesse me dito onde ia ficar, Beverly, meu amor. Imagino que nem você mesma sabia.*

Embora tivesse parado de fumar dois anos antes, ela guardava um maço de Pall Malls na gaveta da escrivaninha para emergências. Ela tirou um do maço, acendeu e fez uma careta. Tinha fumado daquele maço pela última vez por volta de dezembro de 1982, e essa belezinha estava com mais gosto de velho do que a Emenda pelos Direitos Iguais no legislativo do estado de Illinois. Ela fumou mesmo assim, com um olho entrefechado por causa da fumaça, o outro só entrefechado, ponto. Graças a Tom Rogan.

Usando a mão esquerda com cuidado (o filho da puta tinha deslocado o braço bom dela), ela discou o serviço de informações no Maine e pediu o nome e número de todos os hotéis e motéis de Derry.

— Senhora, isso vai demorar um tempo — disse a telefonista do auxílio à lista com voz duvidosa.

— Vai levar bem mais tempo do que isso, irmã — disse Kay. — Vou ter que escrever com a mão ruim. A boa está de férias.

— Não é costumeiro…

— Me escute — disse Kay, não com grosseria. — Estou ligando de Chicago e estou tentando falar com uma amiga minha que largou o marido e voltou para Derry, onde morou na infância. O marido dela sabe pra onde ela foi. Ele arrancou a informação de mim depois de me dar uma surra. Esse homem é psicopata. Ela precisa saber que ele está indo pra lá.

Houve uma longa pausa, e então a telefonista falou em voz bem mais humana:

— Acho que o número do qual você precisa mesmo é do Departamento de Polícia de Derry.

— Tudo bem. Também vou anotar esse. Mas ela precisa ser avisada — disse Kay. — E… — Ela pensou nas bochechas cortadas de Tom, no galo na testa, no na têmpora, na perna mancando, nos lábios horrivelmente inchados. — E se ela souber que ele está indo, isso pode ser o bastante.

Houve outra longa pausa.

— Está aí, irmã? — perguntou Kay.

— Arlington Motor Lodge — disse a telefonista. — 643-8146. Bassey Park Inn, 648-4083. The Bunyan Motor Court…

— Um pouco mais devagar, tá? — pediu ela, escrevendo furiosamente. Ela procurou um

cinzeiro, não encontrou e apagou o Pall Mall no mata-borrão. — Certo, pode ir.

— The Clarendon Inn…

4

Ela teve um pouco de sorte na quinta ligação. Beverly Rogan estava registrada no Derry Town House. Só teve um pouco porque Beverly tinha saído. Kay deixou o nome e o número, e um recado de que Beverly deveria ligar assim que voltasse, não importando a hora.

O recepcionista repetiu a mensagem. Kay subiu e tomou outro Valium. Deitou-se e esperou o sono. O sono não chegou. *Sinto muito, Bev*, pensou ela, olhando para a escuridão, flutuando por causa do remédio. *O que ele disse sobre meu rosto… não consegui suportar isso. Ligue logo, Bev. Por favor, ligue logo. E tome cuidado com o filho da puta louco com quem você se casou.*

5

O filho da puta louco com quem Bev tinha se casado se saiu melhor nas conexões do que Beverly no dia anterior, porque saiu de O'Hare, o centro da aviação comercial no centro dos Estados Unidos. Durante o voo, ele leu e releu a breve nota sobre o autor no final de A correnteza negra. Dizia que William Denbrough era da Nova Inglaterra e autor de três outros romances (que também estavam disponíveis no formato brochura da Signet, dizia a

nota). Ele e a esposa, a atriz Audra Phillips, moravam na Califórnia. Ele estava trabalhando em um novo livro. Ao reparar que a edição de A correnteza negra tinha sido publicada em 1976, Tom supunha que o cara tinha escrito alguns outros romances desde então.

Audra Phillips… ele a tinha visto no cinema, não? Ele raramente reparava em atrizes (a ideia de Tom de um bom filme eram histórias de crime, de ação ou de monstros), mas se essa gata era a atriz em quem ele estava pensando, ele tinha reparado nela porque se parecia muito com Beverly: cabelos ruivos e longos, olhos verdes, peitos empinados.

Ele se sentou mais empertigado no assento enquanto batia com o livro na perna e tentava ignorar a dor na cabeça e na boca. Sim, ele tinha certeza. Audra Phillips era a ruiva com peitos lindos. Ele a tinha visto em um filme de Clint Eastwood, e um ano depois em um filme de terror chamado *Lua de cemitério*. Beverly foi com ele e, ao sair do cinema, ele mencionou o fato de que achava a atriz muito parecida com ela.

— Eu não acho — disse Bev. — Sou mais alta e ela é mais bonita. O cabelo dela é mais escuro.

Só isso. Ele não pensou no assunto desde então.

Ele e a esposa, a atriz Audra Phillips…

Tom tinha um leve entendimento sobre psicologia; usava isso para manipular a esposa durante todos os anos do casamento. E agora, uma sensação desagradável e irritante começou a incomodar, mais sentimento do que pensamento. Centralizava-se no fato de que Bev e esse Denbrough brincaram juntos quando crianças e que esse Denbrough tinha se casado com uma mulher que, apesar do que Beverly dissera, parecia-se muito com a esposa de Tom Rogan.

Que tipo de brincadeiras Denbrough e Beverly fizeram quando crianças? Salada mista? Jogo da verdade?

Outras brincadeiras?

Tom ficou sentado batendo com o livro na perna e sentiu as têmporas começarem a latejar.

Quando chegou ao aeroporto internacional de Bangor e observou os guichês de locadoras de carros, as garotas, algumas vestidas de amarelo, algumas de azul, outras de verde irlandês, olharam para o rosto perigoso e machucado dele com nervosismo e disseram (com ainda mais nervosismo) que não tinham carros para alugar, desculpe.

Tom foi até a banca e comprou um jornal de Bangor. Abriu nos anúncios de venda,

indiferente aos olhares que recebia de quem passava, e marcou os que pareceram mais prováveis. Acertou na mosca na segunda ligação.

— No jornal diz que você tem um Ford sedã LTD 1976. Mil e quatrocentos dólares.

— Certo, isso mesmo.

— Olha só — disse Tom, tocando na carteira no bolso do casaco. Estava gorda de tanto dinheiro, seis mil dólares. — Se você trouxer pro aeroporto, acertamos aqui mesmo. Você me dá o carro e uma nota de venda e os documentos. Eu te pago em dinheiro.

O dono do carro fez uma pausa e disse:

— Eu teria que tirar as placas.

— Claro, tudo bem.

— Como vou reconhecer você, sr…?

— Sr. Barr — disse Tom. Ele estava olhando para uma placa do outro lado do saguão do terminal que dizia LINHAS AÉREAS BAR HARBOR LEVAM VOCÊ À NOVA INGLATERRA… E AO MUNDO ! — Vou estar na última porta. Você vai me reconhecer porque meu rosto não está dos melhores. Minha esposa e eu fomos patinar ontem e caí feio. Mas acho que podia ter sido pior. Não quebrei mais nada além do rosto.

— Nossa, sinto muito por isso, sr. Barr.

— Vai melhorar. É só trazer o carro aqui, meu bom amigo.

Ele desligou, andou até a porta e saiu na noite quente e aromática de maio.

O cara com o LTD apareceu dez minutos depois, em meio ao crepúsculo. Era só um garoto. Eles fizeram o negócio; o garoto rabiscou uma nota de venda, que Tom enfiou com indiferença no bolso do casco. Ele ficou vendo o garoto retirar as placas do Maine do LTD.

— Te dou três dólares mais pela chave de fenda — disse Tom quando ele acabou.

O garoto olhou pensativamente para ele por um momento, deu de ombros, entregou a chave de fenda e pegou as três notas de um que Tom estava lhe entregando. *Não é da minha conta*, dizia o movimento de ombros, e Tom pensou: *Você está mais certo do que imagina, meu companheiro.* Tom o viu entrar em um táxi e se sentou ao volante do Ford.

O carro era uma bosta: o câmbio fazia barulho, a lataria toda gemia, o motor tremia, os freios custavam a funcionar. Nada disso importava. Ele dirigiu até o estacionamento para períodos mais longos, pegou um tíquete e entrou. Estacionou ao lado de um Subaru que parecia estar ali havia um tempo. Usou a chave de fenda do garoto para tirar as placas do Subaru e as colocou no Ford. Cantarolou enquanto trabalhava.

Por volta das 22h, ele estava dirigindo para o leste na autoestrada 2, com um mapa do Maine aberto no banco ao lado. Tinha descoberto que o rádio do LTD não estava funcionando, então seguiu em silêncio. Mas não tinha problema. Ele tinha muito em que pensar. Todas as coisas maravilhosas que faria com Beverly quando a pegasse, por exemplo.

Ele tinha uma certeza, no fundo do coração, de que Beverly estava por perto.

E fumando.

Ah, minha garota querida, você mexeu com o cara errado quando mexeu com Tom

Rogan. E a pergunta é: o que exatamente vamos fazer com você?

O Ford seguiu pela noite atrás dos faróis, e quando Tom chegou a Newport, ele sabia. Ele encontrou uma loja de departamentos com farmácia ainda aberta na rua principal. Entrou e comprou um pacote de Camel. O proprietário desejou boa-noite a ele. Tom desejou o mesmo.

Ele jogou o pacote no banco e saiu dirigindo de novo. Seguiu lentamente pela autoestrada 7, em busca da saída. Aqui estava, a autoestrada 3, com uma placa que dizia HAVEN 34 DERRY 24.

Ele entrou e acelerou o Ford. Olhou para o pacote de cigarros e sorriu um pouco. No brilho verde do painel, o rosto cortado e inchado parecia estranho, fantasmagórico.

Trouxe uns cigarros pra você, Bevvie, pensou Tom conforme o carro seguia entre pinheiros e abetos, indo na direção de Derry a quase cem. *Ah, sim. Um pacote inteiro. Só pra você. E quando eu te encontrar, querida, vou fazer você comer todos eles. E se esse tal de Denbrough precisar aprender umas coisinhas, também podemos dar um jeito. Não tem problema, Bevvie. Problema nenhum.*

Pela primeira vez desde que a puta suja bateu nele e fugiu, Tom começou a se sentir bem.

6

Audra Denbrough voou de primeira classe para o Maine em um DC-10 da British Airways. Ela saiu de Heathrow às 18h10 e seguia atrás do sol desde então. O sol estava ganhando (já tinha ganhado, na verdade), mas isso não importava. Por um golpe providencial de sorte, ela descobriu que o voo 23 da British Airways, de Londres para Los Angeles, fazia um pouso para abastecer… no aeroporto internacional de Bangor.

O dia foi um pesadelo maluco. Freddie Firestone, o produtor de *Sótão*, quis falar imediatamente com Bill, claro. Houve alguma confusão com a dublê que tinha que cair por um lance de escadas no lugar de Audra. Parecia que os dublês também tinham sindicato, e essa mulher já tinha cumprido a cota de trabalhos de uma semana inteira, ou alguma coisa boba assim. O sindicato estava exigindo que Freddie assinasse um acordo de renegociação salarial

ou contratasse outra mulher para fazer a cena. O problema era que não havia outra tão parecida com a estrutura corporal de Audra disponível. Freddie falou para o chefe do sindicato que eles teriam então que arrumar um homem para a cena, não? Afinal, a queda não aconteceria de calcinha e sutiã. Eles tinham uma peruca de cabelos ruivos, e a figurinista podia ajustar o figurino com seios falsos e almofadas para fazer os quadris. Dava até para fazer a bunda, se fosse necessário.

Não dá pra fazer, colega, disse o chefe do sindicato. É contra o acordo do sindicato botar um homem para fazer papel de mulher. É discriminação sexual.

O mau humor de Freddie era famoso na área do cinema, e, àquela altura, ele perdeu o controle. Ele disse para o chefe do sindicato, um homem gordo cujo fedor corporal era quase paralisante, para ir se foder. O chefe do sindicato disse para Freddie tomar cuidado com o que dizia, senão não haveria mais dublês no set de *Sótão*. Em seguida, esfregou o polegar e o indicador em um gesto pedindo grana que deixou Freddie doido. O chefe do sindicato era grande, mas flácido; Freddie, que ainda jogava futebol americano sempre que podia, era grande e firme. Ele derrubou o chefe do sindicato, foi para o escritório para meditar e saiu vinte minutos depois gritando por Bill. Ele queria a cena toda reescrita, de forma que a queda fosse eliminada. Audra teve que dizer a Freddie que Bill não estava mais na Inglaterra.

— *O quê?* — disse Freddie. Sua boca ficou aberta. Ele estava olhando para Audra como se acreditasse que ela tinha enlouquecido. — O que você está me dizendo?

— Ele foi chamado para os Estados Unidos, é isso que estou dizendo.

Freddie fez que ia segurá-la, e Audra recuou com um pouco de medo. Freddie olhou para as mãos, colocou-as nos bolsos e só olhou para ela.

— Sinto muito, Freddie — disse ela, com voz baixa. — De verdade.

Ela se levantou e se serviu de uma xícara de café da cafeteira de Freddie, e reparou que as mãos estavam tremendo de leve. Ao se sentar, ela ouviu a voz amplificada de Freddie nos alto-falantes do estúdio, mandando todo mundo ir para casa ou para o pub; as filmagens do dia estavam encerradas. Audra fez uma careta. No mínimo 10 mil dólares acabavam de descer pelo ralo.

Freddie desligou o microfone, ficou de pé e serviu café. Ele se sentou de novo e ofereceu o maço de cigarros Silk Cut.

Audra recusou com a cabeça.

Freddie pegou um, acendeu e apertou os olhos para olhar para ela em meio à fumaça.

— Isso é sério, não é?

— É — disse Audra, mantendo a compostura o melhor que podia.

— O que aconteceu?

E porque ela gostava genuinamente de Freddie e confiava nele, Audra contou tudo que sabia. Freddie ouviu com atenção e seriedade. Ela não demorou muito para contar; portas ainda estavam sendo fechadas e motores estavam sendo ligados no estacionamento lá fora quando ela terminou.

Freddie ficou em silêncio por um tempo, olhando pela janela. Em seguida, se virou para ela.

— Ele teve algum tipo de colapso nervoso.

Audra balançou a cabeça.

— Não. Não foi assim. Ele não estava assim. — Ela engoliu em seco e acrescentou: — Talvez você tivesse que estar lá.

Freddie deu um sorriso torto.

— Você deve saber que homens adultos raramente se sentem obrigados a cumprir promessas que fizeram quando crianças. E você leu os livros de Bill; sabe o quanto daquilo é sobre a infância, e é coisa boa de verdade. E é muito preciso. A ideia de que ele esqueceu tudo que aconteceu naquela época é absurda.

— As cicatrizes nas mãos dele — disse Audra. — Elas nunca estiveram lá. Só voltaram hoje de manhã.

— Bobagem! Você nunca reparou nelas até hoje de manhã.

Ela deu de ombros, impotente.

— Eu teria percebido.

Ela conseguiu ver que ele também não acreditava nisso.

— O que fazer, então? — perguntou Freddie, e ela só pôde balançar a cabeça. Freddie acendeu outro cigarro usando a ponta acesa do primeiro. — Consigo acertar as coisas com o chefe do sindicato — disse ele. — Talvez não eu; neste momento, ele preferiria me ver no inferno a me fornecer outro dublê. Vou mandar Teddy Rowland ir ao escritório dele. Teddy é uma bicha, mas consegue convencer pássaros a descerem das árvores. Mas o que acontece depois? Temos mais quatro semanas de filmagem, e seu marido foi pra algum canto de Massachusetts…

— Maine…

Ele balançou a mão.

— Tanto faz. E você vai ficar bem sem ele?

— Eu…

Ele se inclinou para a frente.

— Gosto de você, Audra. Gosto de verdade. E gosto de Bill, mesmo com essa confusão. Podemos resolver, eu acho. Se o roteiro precisar de um remendo, posso fazer. Já fiz minha cota desse tipo de coisa na minha época, Deus sabe… Se ele não gostar do resultado, vai ser o único culpado. Consigo me virar sem Bill, mas não consigo me virar sem você. Não posso correr o risco de você sair correndo pros Estados Unidos atrás do seu homem, e preciso de você trabalhando com força total. Você é capaz disso?

— Não sei.

— Nem eu. Mas quero que você pense em uma coisa. Podemos deixar as coisas quietas por um tempo, talvez pelo resto da filmagem, se você se mantiver firme como um bom soldado e fizer seu trabalho. Mas se você pular fora, não vai dar pra guardar segredo. Posso ser chato,

mas não sou vingativo por natureza e não vou dizer que, se você pular fora, vou cuidar pra que nunca mais trabalhe no cinema. Mas você precisa saber que, se ganhar fama por temperamento, pode acabar presa a isso. Estou falando com sinceridade de amigo, eu sei. Você se ressente disso?

— Não — disse ela com indiferença. Na verdade, não ligava para nada daquilo. Bill era tudo em que ela conseguia pensar. Freddie era um homem bom, mas Freddie não entendia; em última análise, homem bom ou não, ele só conseguia pensar em como isso ia afetar o filme dele. Ele não tinha visto a expressão nos olhos de Bill… nem o ouvido gaguejar.

— Que bom. — Ele ficou de pé — Vamos comigo até o Hare and Hounds. Nós dois precisamos de uma bebida.

Ela balançou a cabeça.

— Uma bebida é a última coisa de que preciso. Vou pra casa pensar nisso tudo.

— Vou chamar um carro — disse ele.

— Não. Vou de trem.

Ele olhou fixamente para ela, com uma das mãos no telefone.

— Acredito que você pretende ir atrás dele — disse Freddie —, e estou dizendo que é um erro sério, querida. Ele está meio abalado, mas no fundo é um cara firme. Ele vai ajeitar tudo e, quando tiver ajeitado, vai voltar. Se ele quisesse você junto, teria dito.

— Ainda não decidi nada — disse ela, sabendo que na verdade já tinha decidido tudo; tinha decidido mesmo antes de o carro pegá-la naquela manhã.

— Cuide-se, amor — disse Freddie. — Não faça algo de que se arrependa depois.

Ela sentiu a força da personalidade dele intimidando-a, exigindo que ela cedesse, fizesse a promessa, fizesse seu trabalho, esperasse passivamente que Bill voltasse… ou desaparecesse de novo naquele buraco do passado do qual tinha vindo.

Ela foi até ele e deu um beijo leve na bochecha.

— Até mais, Freddie.

Ela foi para casa e ligou para a British Airways. Disse para a atendente que estaria interessada em chegar a uma cidadezinha do Maine chamada Derry, se fosse possível. Houve silêncio enquanto a mulher verificava o terminal do computador… e veio a notícia, como um sinal dos céus, de que o BA nº 23 fazia uma parada em Bangor, que ficava a menos de 80 quilômetros.

— Devo fazer a reserva no voo, senhora?

Audra fechou os olhos e viu o rosto áspero, quase sempre gentil e muito franco de Freddie; ouvi-o dizendo: *Cuide-se, amor. Não faça algo de que se arrependa depois.*

Freddie não queria que ela fosse; Bill não queria que ela fosse; então por que seu coração estava gritando que ela *tinha* que ir? Ela fechou os olhos. *Meu Deus, me sinto tão confusa…*

— Senhora? Ainda está na linha?

— Pode fazer a reserva — disse Audra, mas logo hesitou. *Cuide-se, amor…* Talvez ela devesse decidir depois de uma boa noite de sono, se distanciar um pouco dessa loucura. Ela

começou a revirar a bolsa em busca do cartão American Express. — Amanhã. De primeira classe se você tiver, mas aceito qualquer coisa. — *E se eu mudar de ideia, posso cancelar. É o que provavelmente vou fazer. Vou acordar lúcida e tudo vai estar mais claro.*

Mas nada estava claro naquela manhã, e o coração dela clamava com o mesmo volume para que ela fosse. O sono foi uma tapeçaria louca de pesadelos. Assim, ela ligou para Freddie, não porque quisesse, mas porque sentia que devia a ele. Não tinha ido longe (estava tentando, meio sem jeito, dizer o quanto sentia que Bill talvez precisasse dela) quando houve um clique baixo no lado de Freddie. Ele desligou sem falar nada depois do alô inicial.

Mas, de certa forma, pensou Audra, aquele clique baixo dizia tudo que precisava ser dito.

7

O avião pousou em Bangor às 7h09, horário local. Audra foi a única passageira a descer, e os outros olharam para ela com uma espécie de curiosidade pensativa, provavelmente perguntando-se por que alguém escolheria descer ali, nesse lugarzinho esquecido. Audra pensou em dizer para eles: Estou procurando meu marido, é por isso. Ele voltou para uma cidadezinha perto daqui porque um dos amigos de infância ligou e o lembrou de uma promessa da qual ele não conseguia se lembrar. A ligação também o fez lembrar que ele não pensava no irmão morto havia vinte anos. Ah, sim, também trouxe a gagueira dele de volta… e umas cicatrizes brancas estranhas nas palmas das mãos.

E então, pensou ela, o agente da alfândega na ponte de embarque chamaria os homens de jalecos brancos.

Ela pegou sua única mala, que parecia muito solitária na esteira, e se aproximou dos

guichês de aluguel de carros, assim como Tom Rogan faria uma hora depois. Ela teve mais sorte do que ele teria; a National Car Rental tinha um Datsun.

A garota preencheu o formulário, e Audra assinou.

— Achei mesmo que era você — disse a garota, e acrescentou com timidez: — Posso pedir um autógrafo?

Audra deu o autógrafo no verso de um formulário de aluguel e pensou: *Aproveite enquanto puder, garota. Se Freddie Firestone estiver certo, não vai valer mais nada daqui a cinco anos.*

Achando um pouco de graça, ela percebeu que, depois de apenas 15 minutos de volta aos Estados Unidos, tinha começado a pensar como americana de novo.

Ela pegou um mapa, e a garota, tão impressionada que mal conseguia falar, conseguiu traçar a melhor rota até Derry.

Dez minutos depois, Audra estava na estrada, lembrando a si mesma a cada cruzamento que, se ela esquecesse e começasse a dirigir à esquerda, teriam que raspá-la do asfalto depois.

Enquanto dirigia, ela percebeu que estava com mais medo do que em qualquer outra ocasião na vida.

8

Por uma dessas idiossincrasias do destino ou coincidências que às vezes acontecem (e que, na verdade, aconteciam com mais frequência em Derry), Tom pegou um quarto no Koala Inn na rua Outer Jackson, e Audra pegou um quarto no Holiday Inn; os dois motéis ficavam um ao lado do outro, com os estacionamentos separados só por uma calçada elevada de concreto. O Datsun alugado de Audra e o sedã LTD comprado de Tom estavam estacionados com as frentes viradas um para o outro, separados só pela calçadinha. Os dois estavam dormindo agora, Audra tranquilamente de lado, Tom Rogan de costas, roncando tanto que os

lábios inchados estalavam.

9

Henry passou aquele dia se escondendo na vegetação rasteira nas laterais da autoestrada 9. Às vezes, ele dormia. Às vezes, ficava deitado vendo carros da polícia passarem como cães de caça. Enquanto os Otários almoçavam, Henry ouvia as vozes da lua.

E quando caiu a noite, ele foi para a beira da estrada e esticou o polegar. Depois de um tempo, algum tolo apareceu e deu carona para ele.

DERRY:

TERCEIRO INTERLÚDIO

“Um pássaro apareceu no Caminho...
Ele não sabia que vi...
Ele partiu a Minhoca no meio
E comeu o bicho bem ali.”

—Emily Dickinson,
“Um pássaro apareceu no caminho”

17 de março de 1985

O incêndio no Black Spot aconteceu no final do outono de 1930. Pelo que consigo determinar, aquele incêndio, do qual meu pai escapou por pouco, encerrou o ciclo de assassinatos e desaparecimentos que ocorreu nos anos 1929-30, assim como a explosão da siderúrgica encerrou um ciclo 25 anos antes. É como se um sacrifício monstruoso fosse necessário no final de cada ciclo para acalmar a força terrível que trabalha aqui… para fazer com que a Coisa adormeça por mais um quarto de século, aproximadamente.

Mas se é preciso um sacrifício assim para encerrar cada ciclo, parece que um evento similar é necessário para fazer um ciclo começar.

O que me leva à gangue Bradley.

A execução deles aconteceu na interseção tripla das ruas Canal, Main e Kansas (não muito longe do local da foto que começou a se mexer para Bill e Richie em um dia de junho de 1958), uns 13 meses antes do incêndio no Black Spot em outubro de 1929… não muito tempo antes da quebra da Bolsa de Valores.

Como no caso do incêndio no Black Spot, muitos residentes de Derry fingem não lembrar o que aconteceu naquele dia. Ou estavam fora da cidade, visitando parentes. Ou estavam cochilando à tarde e só descobriram o que aconteceu quando ouviram o noticiário do rádio naquela noite. Ou simplesmente olham diretamente na sua cara e mentem.

Os registros policiais daquele dia indicam que o chefe Sullivan não estava nem na cidade (*Claro que lembro*, disse Aloysius Nell sentado em uma cadeira no terraço do Lar para Idosos Paulson, em Bangor. *Foi no meu primeiro ano na polícia, e é claro que lembro. Ele estava no oeste do Maine caçando pássaros. Os corpos já tinham sido removidos quando ele voltou. Jim Sullivan estava mais puto do que uma galinha molhada*), mas uma foto em um livro de referência sobre gângsteres chamado *Bloodletters and Badmen* mostra um homem sorridente ao lado do corpo crivado de balas de Al Bradley no necrotério, e se aquele homem

não é o chefe Sullivan, só pode ser o irmão gêmeo idêntico dele.

Foi do sr. Keene que finalmente ouvi o que acreditei ser a versão verdadeira da história; Norbert Keene, que foi proprietário da Center Street Drug Store de 1925 até 1975. Ele conversou comigo com boa vontade, mas, assim como o pai de Betty Ripsom, me fez desligar o gravador antes de realmente contar tudo. Não que importasse; ainda consigo ouvir a voz áspera dele. Era mais um cantor *a capella* no coral maldito que é esta cidade.

— Não tenho motivo pra não contar — disse ele. — Ninguém vai publicar, e ninguém acreditaria mesmo se publicassem. — Ele me ofereceu um vidro antiquado de farmácia. — Tiras de alcaçuz? Pelo que lembro, você sempre gostou mais das vermelhas, Mikey.

Peguei uma.

— O chefe Sullivan *estava* lá naquele dia?

O sr. Keene riu e pegou uma tira de alcaçuz.

— Você se questionou quanto a isso, é?

— Sim — eu concordei, mastigando um pedaço de tira vermelha de alcaçuz. Eu não comia isso desde criança, quando empurrava minhas moedas por cima da bancada para um sr. Keene muito mais jovem e ágil. Tinha o mesmo gosto bom daquela época.

— Você é novo demais para se lembrar de quando Bobby Thomson fez o *home run* pelos Giants na final de 1951 — disse o sr. Keene. — Só devia ter uns 4 anos. Bem! Publicaram um artigo sobre esse jogo no jornal alguns anos depois, e parecia que um milhão de pessoas de Nova York alegavam ter estado lá no estádio naquele dia.

O sr. Keene mastigou a tira de alcaçuz, e um pouco de baba escura pingou do canto da boca. Ele limpou cuidadosamente com o lenço. Estávamos sentados em um escritório nos fundos da farmácia, porque, apesar de Norbert Keene ter 85 anos e estar aposentado há dez, ele ainda cuidava da contabilidade para o neto.

— É o contrário quando o assunto é a gangue Bradley! — exclamou Keene. Ele estava sorrindo, mas não era um sorriso agradável. Era cínico, friamente reminiscente. — Umas 20 mil pessoas moravam no centro de Derry na época. Tanto a rua Main quanto a Canal estavam pavimentadas havia quatro anos, mas a Kansas ainda era de terra. Subia poeira no verão e virava um atoleiro em março e novembro. Costumavam jogar óleo na colina Up-Mile em junho e no Quatro de Julho, e o prefeito falava que iam pavimentar a rua Kansas, mas só aconteceu em 1942. Foi… mas o que eu estava dizendo?

— Vinte mil pessoas que moravam bem no centro — eu disse.

— Ah. É. Bem, dessas 20 mil, metade já deve ter morrido, talvez até mais. Cinquenta anos é muito tempo. E as pessoas têm um jeito engraçado de morrer jovens em Derry. Talvez seja o ar. Mas, das que sobraram, acho que você só vai encontrar umas dez que vão dizer que estavam na cidade no dia em que a gangue Bradley foi para Tofete. Butch Rowden, do açougue, acho que confessaria. Ele tem uma foto de um dos carros deles na parede da bancada em que corta a carne. Se você olhar para a foto, nem vai perceber que era um carro. Charlotte Littlefield contaria uma ou duas coisas, se você conseguisse que ela ficasse de bom humor.

Ela dá aula na escola de ensino médio, e apesar de eu achar que não podia ter mais de 10 ou 12 anos na época, aposto que se lembra de muita coisa. Carl Snow… Aubrey Stacey… Eben Stampnell… e aquele velho que faz as pinturas engraçadas e bebe a noite toda no Wally's… acho que o nome dele é Pickman. Eles se lembrariam. Todos estavam lá…

Ele parou de falar e ficou olhando para a tira de alcaçuz na mão. Pensei em cutucá-lo, mas decidi não fazer isso.

Por fim, ele disse:

— A maior parte dos outros mentiria sobre o assunto, da forma como as pessoas mentiram e disseram que estavam lá quando Bobby Thomson fez o *home run*. É só isso que quero dizer. Mas as pessoas mentiram sobre estar no jogo porque queriam estar lá. As pessoas mentiriam para você sobre estar em Derry naquele dia porque desejam que *não* estivessem. Você me entende, filho?

Eu assenti.

— Tem certeza de que quer ouvir o resto disso? — perguntou o sr. Keene. — Você parece meio perturbado, Mikey.

— Não — eu disse —, mas acho melhor ouvir mesmo assim.

— Certo — disse o sr. Keene com indulgência. Era meu dia de lembranças; quando ele me ofereceu o vidro com tiras de alcaçuz dentro, me lembrei de repente do programa de rádio que minha mãe e meu pai costumavam ouvir quando eu era pequeno: *Sr. Keene, rastreador de pessoas desaparecidas*.

— O xerife estava lá naquele dia, sim. Ele ia sair para caçar pássaros, mas mudou de ideia bem rápido quando Lal Machen disse para ele que estava esperando Al Bradley naquela mesma tarde.

— Como Machen sabia disso? — eu perguntei.

— Bem, isso é uma história instrutiva por si só — disse o sr. Keene, e o sorriso cínico surgiu em seu rosto de novo. — Bradley nunca foi o Inimigo Público Número Um na lista do FBI, mas estavam à procura dele desde 1928, mais ou menos. Para mostrar serviço, eu acho. Al Bradley e o irmão George tinham assaltado seis ou sete bancos no Meio-Oeste e sequestraram um banqueiro para pedir resgate. O resgate de 30 mil dólares foi pago, uma soma alta pra época, mas eles mataram o banqueiro mesmo assim.

"Àquela altura, o Meio-Oeste tinha ficado meio perigoso pras gangues de lá, então Al, George e seus capangas se dirigiram para o nordeste, pra este lado. Eles alugaram uma fazenda enorme no limite com Newport, perto de onde ficam as Fazendas Rhulin hoje em dia.

"Foi no período mais quente do verão de 1929, talvez em julho, talvez em agosto, talvez até mesmo no começo de setembro… não sei bem quando. Eles eram oito: Al Bradley, George Bradley, Joe Conklin e o irmão *dele*, Cal, um irlandês chamado Arthur Malloy, que era chamado de "Cegueta" Malloy, porque tinha miopia, mas só colocava os óculos se realmente precisasse, e Patrick Caudy, um jovem de Chicago que diziam ser doido de pedra, mas lindo como Adônis. Também havia duas mulheres com eles: Kitty Donahue, esposa de George

Bradley, e Marie Hauser, que pertencia a Caudy, mas às vezes era compartilhada, de acordo com histórias que ouvimos depois.

"Eles fizeram uma suposição ruim quando vieram pra cá, filho… Eles acharam que estavam tão longe de Indiana que se sentiram em segurança.

"Eles ficaram quietos por um tempo; depois se entediaram e decidiram que queriam caçar. Tinham muitas armas, mas a munição não era grande. Assim, eles vieram todos para Derry no dia 7 de outubro em dois carros. Patrick Caudy levou as mulheres para fazer compras enquanto os outros homens foram até a Loja Machen de Produtos Esportivos. Kitty Donahue comprou um vestido na Freese's e morreu com ele dois dias depois.

"Lal Machen atendeu os homens ele mesmo. Ele morreu em 1959. Era gordo demais. Sempre gordo demais. Mas não havia nada de errado com os olhos dele, e ele soube que era Al Bradley no momento em que o homem entrou. Ele achou que reconhecia alguns dos outros, mas não tinha certeza quanto a Malloy até ele colocar os óculos para olhar a vitrine de facas.

"Al Bradley andou até ele e disse: 'Gostaríamos de comprar munição.'

"'Bem', diz Lal Machen, 'vocês vieram para o lugar certo'.

"Bradley entregou um pedaço de papel para ele, e Lal leu o que estava escrito. O papel foi perdido, ao menos que eu saiba, mas Lal disse que faria seu sangue gelar. Eles queriam quinhentas balas de calibre 38, oitocentas balas de calibre 45, sessenta balas de calibre 50, que nem são mais fabricadas, cartuchos de escopeta carregados tanto para atirar em pássaros quanto para atirar em cervos e mil balas de calibre 22 para rifle de cano curto e de cano longo. Além disso, olhe só, 16 mil balas de metralhadora 45."

— Puta *merda*! — eu disse.

O sr. Keene deu aquele sorriso cínico de novo e me ofereceu o vidro. Primeiro balancei a cabeça, mas acabei pegando outra tira de alcaçuz.

— "É uma lista de compras e tanto, garotos", diz Lal.

"'Vamos embora, Al', diz Cegueta Malloy. 'Eu falei que a gente não ia conseguir em um fim de mundo como esse. Vamos pra Bangor. Também não vão ter nada lá, mas o passeio vai ser bom.'

"'Vamos com calma', diz Lal, frio como um pepino. 'É um pedido e tanto, e não quero perder praquele judeu de Bangor. Posso dar as balas calibre 22 agora, além das pra pássaros e metade das pra cervos. Posso dar também cem balas da 38 e da 45. Posso conseguir o resto pra vocês…' Nessa hora, Lal entrefechou os olhos e bateu no queixo, como se calculando. '… depois de amanhã. Que tal?'

"Bradley sorriu como se a cabeça tivesse partido em duas e disse que estava perfeito. Cal Conklin disse que gostaria de ir até Bangor mesmo assim, mas foi vencido na votação.

"'Se você não tiver certeza de que consegue o pedido, é melhor dizer agora', diz Al Bradley para Lal, 'porque sou um cara legal, mas, quando fico zangado, você não quer entrar numa briga comigo. Entendeu?'

"'Entendi', diz Lal, 'e vou arrumar toda a munição que o senhor quiser, senhor…?

"'Rader', diz Bradley. 'Richard D. Rader, a seu serviço.'

"Ele esticou a mão e Lal apertou, sorrindo o tempo todo. 'É um prazer, sr. Rader.'

"Então Bradley perguntou que horas ele e os amigos poderiam passar lá para buscar a mercadoria, e Lal Machen respondeu perguntando se duas da tarde estaria bom. Eles concordaram. E foram embora. Lal os viu ir embora. Eles encontraram as duas mulheres e Caudy na calçada do lado de fora. Lal também reconheceu Caudy.

"E então", disse o sr. Keene, olhando para mim intensamente, "o que você acha que Lal fez depois? Chamou a polícia?"

— Acho que não — eu disse —, baseado no que aconteceu. Se fosse eu, teria quebrado a perna ao correr pro telefone.

— Bem, talvez sim e talvez não — disse o sr. Keene com o mesmo sorriso cínico com olhos brilhantes, e eu tremi porque sabia o que ele queria dizer… e ele sabia que eu sabia. Quando uma coisa pesada começa a rolar, ela não pode ser impedida; vai simplesmente rolar até encontrar um lugar plano o bastante onde o movimento vai ser interrompido. Você pode ficar na frente dessa coisa e ser esmagado… mas isso também não vai fazê-la parar. — Talvez sim e talvez não — repetiu o sr. Keene. — Mas posso dizer o que Lal Machen fez. Durante o resto daquele dia e no seguinte, quando alguém chegava, algum homem, ele contava que sabia quem andava pelo bosque perto da divisa entre Newport e Derry atirando nos cervos e tetrazes e Deus sabe mais o que com armas de Kansas City. Era a gangue Bradley. Ele sabia porque os tinha reconhecido. Dizia que Bradley e seus homens voltariam no dia seguinte para pegar o resto da compra. Dizia que tinha prometido a Bradley toda a munição que ele quisesse, e era uma promessa que ele pretendia manter.

— Quantos? — eu perguntei. Eu me sentia hipnotizado pelo olho brilhante dele. De repente, o cheiro seco da sala dos fundos, cheiro de remédios e pós, de Musterole, Vick VapoRub e xarope para a tosse Robitussin… De repente, todos esses cheiros pareceram sufocantes. Mas eu não podia ir embora tanto quanto não conseguiria me matar só prendendo a respiração.

— Pra quantos homens Lal contou isso? — perguntou o sr. Keene.

Eu assenti.

— Não sei ao certo — disse o sr. Keene. — Não fiquei lá tomando nota. Todos em quem ele achou que podia confiar, eu acho.

— Aqueles em quem ele podia confiar — eu refleti. Minha voz estava meio rouca.

— É — disse o sr. Keene. — Homens de Derry, sabe? Não muitos eram criadores de vacas. — Ele ri da piada velha antes de prosseguir. — Cheguei por volta das 10h no dia seguinte à primeira visita dos Bradley a Lal. Ele me contou a história e perguntou como podia me ajudar. Eu só tinha ido ver se meu último rolo de filme tinha sido revelado, porque naqueles dias Machen cuidava de todos os filmes e câmeras Kodak, mas depois que peguei minhas fotos, também disse que precisava de munição pra minha Winchester. "Vai caçar, Norb?", perguntou Lal, me passando as balas. "Pode ser que atire em uns patifes", eu disse, e

demos uma risada por causa disso.

O sr. Keene riu e bateu na perna magra como se fosse a melhor piada que ele já tinha ouvido. Ele se inclinou para a frente e deu um tapa no meu joelho.

— Eu só quero dizer, filho, que a história se espalhou o tanto quanto precisava. Cidade pequena, você sabe como é. Se você contar pras pessoas certas, o que precisa espalhar vai se espalhar… entende? Quer outra tira de alcaçuz?

Peguei uma com dedos dormentes.

— Vai engordar — disse o sr. Keene, e gargalhou. Ele pareceu velho nesse momento… infinitamente velho, com os óculos bifocais deslizando pelo nariz fino e a pele esticada demais nas bochechas para se enrugar.

— No dia seguinte, levei meu rifle pra loja comigo, e Bob Tanner, que trabalhava mais do que qualquer outro ajudante que tive depois, levou a arma do avô. Por volta das 11h daquele dia, Gregory Cole foi comprar bicarbonato de sódio e estava com uma Colt 45 enfiada no cinto.

"'Não vai explodir as bolas com isso, Greg', eu disse.

"'Venho lá da floresta de Milford pra isso e estou com uma *porra* de ressaca', diz Greg. 'Acho que vou explodir as bolas de alguém antes de o sol se pôr.'

"Por volta das 13h30, pendurei na porta a plaquinha que eu tinha: VOLTO LOGO, FAVOR TER PACIÊNCIA, e peguei meu rifle e saí pelos fundos, na travessa Richard. Perguntei a Bob Tanner se ele queria ir junto, e ele disse que era melhor terminar o remédio da sra. Emerson e que me veria mais tarde. 'Deixe um vivo pra mim, sr. Keene', disse ele, mas falei que não podia prometer nada.

"Quase não havia tráfego na rua Canal, a pé e de carro. De vez em quando, um caminhão de entregas passava, mas só isso. Vi Jake Pinnette atravessar a rua, e ele estava com um rifle em cada mão. Ele encontrou Andy Criss, e eles seguiram andando até um dos bancos que ficavam no lugar do Memorial de Guerra… você sabe, onde o canal passa a ser subterrâneo.

"Petie Vanness, Al Nell e Jimmy Gordon estavam sentados nos degraus do fórum, comendo sanduíches e frutas direto dos potes, trocando algumas coisas por outras que lhes pareciam melhores, como as crianças fazem no recreio. Todos estavam armados. Jimmy Gordon estava com uma Springfield da Primeira Guerra Mundial que parecia maior do que ele.

"Vejo um garoto andando na direção da colina Up-Mile. Acho que talvez fosse Zack Denbrough, pai do seu velho amigo, o que virou escritor. Kenny Borton diz da janela da Sala de Leitura da Ciência Cristã: 'É melhor você sair daí, garoto. Vai haver tiros.' Zack deu uma olhada no rosto dele e saiu correndo.

"Havia homens para todos os lados, homens armados, de pé em portas e sentados em degraus e olhando por janelas. Greg Cole estava sentado em uma porta mais abaixo na rua com a 45 no colo e mais de 20 balas alinhadas ao lado dele como soldados de brinquedo. Bruce Jagermeyer e aquele sueco, Olaf Theramenius, estavam de pé debaixo da marquise do Bijou, na sombra."

O sr. Keene olhou para mim, através de mim. Seus olhos não estavam intensos agora; estavam enevoados com lembranças, suaves como os olhos de um homem só ficam quando ele está se lembrando da melhor época da vida: o primeiro *home run*, talvez, ou a primeira truta que pescou e que era grande o bastante para levar para casa, ou a primeira vez que ele se deitou com uma mulher disposta a isso.

— Eu lembro que ouvi o vento, filho — disse ele com voz sonhadora. — Eu me lembro de ouvir o vento e ouvir o relógio do fórum bater as 14h. Bob Tanner chegou por trás de mim, e eu estava tão tenso que quase explodi a cabeça dele.

“Ele só assentiu para mim e atravessou para a Vannock’s Dry Goods, com a sombra seguindo logo atrás.

“Era de se pensar que, quando deu 14h10 e nada aconteceu, depois 14h15 e 14h20, as pessoas simplesmente teriam ido embora, não é? Mas não foi assim. As pessoas ficaram esperando. Porque…”

— Porque vocês sabiam que eles viriam, não sabiam? — eu perguntei. — Não havia dúvida quanto a isso.

Ele sorriu largamente para mim, como um professor satisfeito com a resposta de um aluno.

— Isso mesmo! — disse ele. — Nós sabíamos. Ninguém precisava falar nada, ninguém precisava dizer ‘Bem, vamos esperar até 14h20 e, se eles não aparecerem, vou ter que voltar para o trabalho’. Tudo ficou em silêncio, e por volta das 14h25 daquela tarde, dois carros, um vermelho e um azul-escuro, desceram pela colina Up-Mile e seguiram até o cruzamento. Um deles era um Chevrolet e o outro era um La Salle. Os irmãos Conklin, Patrick Caudy e Marie Hauser estavam no Chevrolet. Os Bradley, Malloy e Kitty Donahue estavam no La Salle.

“Eles passaram pelo cruzamento, e então Al Bradley pisou nos freios do La Salle tão de repente que Caudy quase bateu na traseira dele. A rua estava muito silenciosa, e Bradley percebeu. Ele não passava de um animal, mas não é preciso muito para deixar um animal alerta quando ele está sendo caçado como uma doninha no milharal há quatro anos.

“Ele abriu a porta do La Salle e ficou de pé no degrau por um momento. Olhou ao redor e fez um gesto de “volte” para Caudy com a mão. Caudy disse: ‘O que, chefe?’ Ouvi isso tão claramente quanto o dia, a única coisa que ouvi qualquer um deles dizer naquele dia. Houve um brilho de sol também. Me lembro disso. Veio de um espelhinho de bolsa. A mulher Hauser estava passando pó no nariz.

“Foi nessa hora que Lal Machen e o ajudante *dele*, Biff Marlow, saíram correndo da loja de Machen. ‘Levante as mãos, Bradley, você está cercado!’, grita Lal, e antes que Bradley pudesse fazer qualquer coisa além de virar a cabeça, Lal começou a atirar. Ele errou muito no começo, mas acabou acertando uma bala no ombro de Bradley. Começou a jorrar sangue do buraco imediatamente. Bradley segurou a parte de cima da porta do La Salle e se lançou dentro do carro. Engatou a marcha, e foi nessa hora que todo mundo começou a atirar.

“Acabou em quatro, talvez cinco minutos, mas pareceu bem mais tempo quando estava acontecendo. Petie, Al e Jimmy Gordon só ficaram ali, sentados na escada do fórum, metendo

bala na traseira do Chevrolet. Vi Bob Tanner de joelho, disparando e mexendo na trava daquele rifle velho como um louco. Jagermeyer e Theramenius estavam disparando na lateral direita do La Salle de debaixo da marquise do cinema, e Greg Cole estava de pé na vala, segurando aquela 45 automática com as duas mãos, puxando o gatilho o mais rápido que conseguia.

“Devia haver cinquenta, sessenta homens disparando todos ao mesmo tempo. Depois que acabou, Lal Machen tirou 36 cartuchos da parede de tijolos da loja. E isso passados três dias, depois que todo mundo da cidade que queria guardar um de souvenir já tinha ido arrancar com um canivete. No pior momento, o som era o da Batalha do Marne. Janelas foram estouradas por tiros de rifle ao redor da loja de Machen.

“Bradley fez um semicírculo com o La Salle, e não foi devagar, mas, quando terminou, os quatro pneus estavam furados. Os dois faróis tinham estourado e o para-brisa também. Cegueta Malloy e George Bradley estavam cada um em uma janela de trás, disparando com pistolas. Vi uma bala acertar Malloy no alto do pescoço e abrir um buraco. Ele deu mais dois tiros e desmoronou na janela com os braços pendurados para fora.

“Caudy tentou fazer a volta com o Chevrolet e só conseguiu bater na traseira do La Salle de Bradley. Esse foi o fim para eles, filho. O para-choque da frente do Chevrolet travou com o traseiro do La Salle, e qualquer chance que eles tinham de fugir morreu ali.

“Joe Conklin saiu do banco de trás, ficou de pé no cruzamento, com uma pistola em cada mão, e começou a disparar. Estava mirando em Jake Pinnette e Andy Criss. Os dois caíram do banco em que estavam sentados e foram para a grama, com Andy Criss gritando ‘Estou morto! Estou morto!’ sem parar, apesar de nunca ter levado um tiro nem de raspão. Nenhum deles levou.

“Joe Conklin teve tempo de disparar todas as balas das duas armas antes de ser tocado por qualquer disparo. O casaco dele voou para trás e a calça tremeu como se uma mulher invisível estivesse costurando-a. Ele usava um chapéu de palha, que voou da cabeça dele de forma que dava para ver o cabelo dividido no meio. Uma das armas estava debaixo do braço, e ele tentava recarregar a outra quando alguém acertou as pernas dele e ele caiu. Kenny Borton alegou ter feito isso, mas não dava para saber. Poderia ter sido qualquer pessoa.

“O irmão de Conklin, Cal, saiu atrás dele assim que Joe caiu, e logo caiu também como uma pilha de tijolos, com um buraco na cabeça.

“Marie Hauser saiu. Talvez estivesse tentando se render, não sei. Ela ainda estava segurando na mão direita o espelho com o qual passava pó no nariz. Acho que estava gritando, mas era difícil de ouvir. Balas voavam ao redor dela. O espelho voou da mão dela com um tiro. Ela começou a voltar para o carro, mas levou um disparo no quadril. De alguma forma, ela conseguiu entrar.

“Al Bradley acelerou o La Salle o máximo que conseguiu e acabou colocando-o em movimento de novo. Ele arrastou o Chevrolet por uns 3 metros até o para-choque ser arrancado.

“Os garotos meteram chumbo nele. Todas as janelas foram estouradas. Um dos para-lamas caiu na rua. Malloy estava morto e pendurado na janela, mas os dois irmãos Bradley ainda estavam vivos. George estava atirando do banco de trás. A mulher dele estava morta ao seu lado com um dos olhos arrancados.

“Al Bradley chegou ao grande cruzamento, e então o carro subiu no meio-fio e permaneceu ali. Ele saiu de detrás do volante e começou a correr pela rua Canal. Estava todo perfurado.

“Patrick Caudy saiu do Chevrolet, pareceu por um minuto que ia se render, mas pegou uma 38 no coldre debaixo da axila. Ele a disparou talvez umas três vezes, atirando para qualquer lado, e então sua camisa pegou fogo no peito. Ele deslizou pela lateral do Chevy até estar sentado no degrau da porta. Deu mais um tiro, e, até onde sei, foi a única bala que acertou alguém. Ela ricocheteou em alguma coisa e raspou as costas da mão de Greg Cole. Deixou uma cicatriz que ele exibia quando estava bêbado, até que alguém, talvez Al Nell, o puxasse para o lado e dissesse que talvez fosse melhor calar a boca sobre o que aconteceu com a gangue Bradley.

“A mulher Hauser saiu, e dessa vez não houve dúvida de que ela estava tentando se render. Ela estava com as mãos levantadas. Talvez ninguém realmente pretendesse matá-la, mas, àquela altura, havia fogo cruzado, e ela andou bem no meio dele.

“George Bradley correu até o banco perto do Memorial de Guerra, mas então alguém transformou a parte de trás da cabeça dele em pasta com um tiro. Ele caiu morto com a calça cheia de mijo…”

Sem nem perceber direito o que estava fazendo, peguei uma tira de alcaçuz do vidro.

— Eles seguiram disparando nos carros por mais um minuto, até que começaram a diminuir — disse o sr. Keene. — Quando homens ficam de sangue quente, não se acalmam facilmente. Foi quando olhei ao redor e vi o xerife Sullivan atrás de Nell e dos outros na escada do fórum, atirando no Chevy parado com uma Remington. Não deixe ninguém dizer pra você que ele não estava lá; Norbert Keene está sentado na sua frente dizendo que ele estava.

“Quando o tiroteio acabou, os carros não pareciam mais carros, só pedaços de ferro-velho com vidro quebrado ao redor. Homens começaram a andar até lá. Ninguém falou nada. E só dava para ouvir o vento e pés esmagando cacos de vidro. Foi quando começaram a tirar fotos. E você deve saber disso, filho: quando começam a tirar fotos, a história acabou.”

O sr. Keene se balançou na cabeça, batendo com os chinelos placidamente no chão e me olhando.

— Não tem nada assim no *Derry News* — foi tudo em que consegui pensar para dizer. A manchete daquele dia dizia POLÍCIA ESTADUAL E FBI TROCAM TIROS E ACABAM COM A GANGUE BRADLEY EM BATALHA CAMPAL. Com o subtítulo “Polícia local oferece apoio”.

— É claro que não — disse o sr. Keene, rindo com prazer. — Vi o editor, Mack Laughlin, enfiar duas balas em Joe Conklin.

— Meu Deus — eu murmurei.

— Já comeu alcaçuz o suficiente, filho?

— Já — eu disse, e lambi os lábios. — Sr. Keene, como uma coisa assim… dessa magnitude… pôde ser encoberta?

— Não foi encoberta — disse ele, parecendo sinceramente surpreso. — Foi só que ninguém falou muito sobre o assunto. E, para falar a verdade, quem se importava? Não foram o presidente e a sra. Hoover que morreram naquele dia. Não foi pior do que atirar em cachorros loucos que te matariam com uma mordida se você desse chance.

— Mas as mulheres?

— Duas putas — disse ele com indiferença. — Além do mais, aconteceu em Derry, não em Nova York ou Chicago. O *lugar* faz a notícia tanto quanto o que *aconteceu* no lugar, filho. É por isso que as manchetes são maiores quando um terremoto mata 12 pessoas em Los Angeles do que quando um mata 3 mil em um país qualquer do Oriente Médio.

Além do mais, aconteceu em Derry.

Já ouvi isso antes, e acho que, se continuar a pesquisar isso, vou ouvir de novo… e de novo… e de novo. Dizem isso como se estivessem falando pacientemente com alguém com deficiência mental. Dizem da forma como diriam *Por causa da gravidade* se você perguntasse como é que a gente fica grudado no chão quando anda. Dizem como se fosse uma lei natural que qualquer homem natural deve entender. E, é claro, o pior de tudo é que eu entendo *sim.*

— O senhor viu alguém naquele dia que não reconheceu depois que o tiroteio começou?

A resposta do sr. Keene foi rápida o bastante para fazer minha temperatura corporal despencar mais de dez graus, ou ao menos foi o que pareceu.

— Você quer dizer o palhaço? Como soube dele, filho?

— Ah, ouvi em algum lugar — eu disse.

— Só tive um vislumbre dele. Quando as coisas esquentaram, fiquei prestando atenção em mim. Olhei ao redor só uma vez e o vi na rua atrás dos suecos, debaixo da marquise do Bijou — disse o sr. Keene. — Ele não estava usando roupa de palhaço nem nada do tipo. Estava usando um tipo de macacão de fazendeiro e camisa de algodão por baixo. Mas o rosto estava coberto com aquela tinta oleosa que eles usam, e um grande sorriso vermelho de palhaço estava pintado nele. Além do mais, tinha uns tufos de cabelo falso, sabe? Laranja. Meio cômicos.

"Lal Machen nunca viu o sujeito, mas Biff viu. Só que Biff devia estar confuso, porque ele pensou que o tinha visto em uma das janelas de um apartamento em algum ponto à esquerda, e, uma vez, quando perguntei a Jimmy Gordon, que morreu em Pearl Harbor, sabe, afundou com o navio, o *California*, acho que era o nome, ele disse que viu o cara atrás do Memorial de Guerra."

O sr. Keene balançou a cabeça e sorriu um pouco.

— É engraçado como as pessoas ficam durante uma coisa assim, e mais engraçado ainda o que lembram depois que tudo acaba. Dá pra ouvir 16 histórias diferentes, e nem duas vão ser iguais. Por exemplo, tinha a arma que o palhaço estava segurando…

— Arma? — eu perguntei. — Ele também estava atirando?

— Ah, sim — disse o sr. Keene. — A única hora que olhei, parecia que ele estava com uma Winchester com trava, mas só depois concluí que devo ter pensado isso porque era a *minha* arma. Biff Marlow achou que ele estava com uma Remington, porque era a arma *dele*. E quando perguntei a Jimmy, ele disse que o cara estava com uma Springfield velha, como a dele. Engraçado, né?

— Engraçado — eu consegui dizer. — Sr. Keene… nenhum de vocês se perguntou que diabos um palhaço, principalmente um de macacão de fazendeiro, estava fazendo ali naquela hora?

— Claro — disse o sr. Keene. — Não era nada de mais, você deve entender, mas é claro que nos questionamos. A maior parte de nós achou que era alguém que queria participar da festa, mas não queria ser reconhecido. Um integrante da câmara municipal, talvez. Horst Mueller, possivelmente, ou até Trace Naugler, que era prefeito na época. Ou podia apenas ser um profissional que não queria ser reconhecido. Médico ou advogado. Eu não reconheceria meu próprio pai disfarçado daquele jeito.

Ele riu um pouco, e eu perguntei o que era engraçado.

— Tem também a possibilidade de que fosse um palhaço de verdade — disse ele. — Nos anos 1920 e 1930, a feira rural de Esty começava bem mais cedo do que começa agora, e estava funcionando a todo vapor na semana em que a gangue Bradley chegou ao fim da vida. Havia palhaços na feira rural. Talvez um deles tenha ouvido que íamos ter uma festa e foi até lá porque queria participar.

Ele sorriu para mim secamente.

— Já falei tudo que tinha para dizer — disse ele —, mas vou dizer mais uma coisa, já que você parece tão interessado e presta tanta atenção. Foi uma coisa que Biff Marlow disse uns 16 anos depois, quando estávamos tomando umas cervejas no Pilot's, em Bangor. Ele falou inesperadamente. Disse que o palhaço estava tão inclinado para fora da janela que Biff não conseguiu acreditar que não estava *caindo*. Não eram só a cabeça, os ombros e os braços que estavam para fora; Biff disse que ele estava para fora até os joelhos, pairando no ar, atirando nos carros em que os Bradley chegaram, com aquele sorriso vermelho enorme no rosto. "Ele parecia uma abóbora de Halloween que levou um baita susto", foi o que Biff disse.

— Como se estivesse flutuando — eu disse.

— Isso — concordou o sr. Keene. — E Biff disse que tinha outra coisa, uma coisa que o incomodou durante semanas. Uma dessas coisas que ficam na ponta da língua, mas você não consegue identificar, ou uma coisa que toca na sua pele como um mosquito ou um pernilongo. Ele disse que descobriu o que era uma noite em que teve que levantar pra tirar água do joelho. Estava de pé mijando no vaso, pensando em nada especial, quando de repente ele percebeu que eram 2h45 da tarde quando o tiroteio começou e o sol estava brilhando, mas aquele palhaço não fazia sombra. Sombra nenhuma.

PARTE 4

JULHO DE 1958

“Você indiferente, atendendo-me esperando
o fogo e eu
atendendo você, perturbado por sua beleza

Perturbado por sua beleza
            Perturbado.”
    —William Carlos Williams, *Paterson*

“Bem, eu nasci completamente pelado
O médico bateu no meu traseiro
E disse ‘Você vai ser especial
Seu menininho mimado.’”
    —Sidney Simien, *My Toot Toot*

Capítulo 13

A apocalíptica guerra de pedras

1

Bill chega primeiro. Ele se senta em uma das cadeiras dos fundos, perto da porta da Sala de Leitura, observando Mike cuidar dos últimos frequentadores da biblioteca daquela noite, uma senhora com uma pilha de livros góticos, um homem com um enorme livro histórico sobre a Guerra Civil e um garoto magrelo querendo levar um romance com um adesivo de empréstimo de sete dias no canto superior da capa de plástico. Bill percebe, sem surpresa nenhuma e sem sensação de acaso, que é seu último romance. Ele sente que não consegue mais sentir surpresa, que qualquer sensação de acaso é uma realidade que acabou se mostrando ser apenas um sonho.

Uma garota bonita, com saia xadrez presa por um grande alfinete dourado (meu Deus, não vejo um alfinete assim há anos*, pensa Bill,* será que estão voltando à moda?*), está colocando moedas na máquina de xerox e copiando um artigo com um olho no grande relógio de pêndulo atrás da recepção. Os sons são os delicados e reconfortantes de uma biblioteca: o barulho de solas e saltos de sapato no linóleo preto e vermelho; o tique-taque*

regular do relógio marcando os segundos; o ronronar de gato da máquina de fotocópias.

O garoto pega o romance de William Denbrough e vai até a garota na máquina na hora em que ela termina de ajeitar as folhas de papel.

— Pode deixar o original na escrivaninha, Mary — diz Mike. — Eu guardo.

Ela dá um sorriso de agradecimento.

— Obrigada, sr. Hanlon.

— Boa noite. Boa noite, Billy. Vão direto pra casa.

— O bicho-papão pode te pegar se você... não... tomar... cuidado! — cantarola Billy, o garoto magrelo, e passa um braço possessivo na cintura fina da garota.

— Bem, acho que ele não iria querer um casal tão feio quanto vocês dois — diz Mike —, mas tomem cuidado mesmo assim.

— Pode deixar, sr. Hanlon — responde Mary com seriedade, e dá um soco leve no ombro do garoto. — Venha, seu feio — diz ela, e ri.

Quando ela faz isso, se transforma de estudante medianamente desejável na enérgica e quase desajeitada Beverly Marsh do passado... e, quando eles passam, Bill fica abalado pela beleza dela... e sente medo; ele quer ir até o garoto e dizer com sinceridade que eles devem ir para casa por ruas iluminadas e não olhar ao redor se alguém falar.

Não dá pra ter cuidado em um skate, moço*, diz uma voz fantasma dentro de sua cabeça, e Bill dá um sorriso triste de adulto.*

Ele vê o garoto abrir a porta para a garota. Eles saem pelo vestíbulo, aproximando-se um do outro, e Bill apostaria os direitos autorais do livro que o garoto chamado Billy está segurando debaixo do braço que ele rouba um beijo antes de abrir a porta externa para a garota. Você seria um tolo se não fizesse isso, meu amigo Billy*, pensa ele.* Agora, leva ela pra casa em segurança. Pelo amor de Deus, leva ela pra casa em segurança!

Mike diz:

— Estarei com você em um minuto, Big Bill. Só vou arquivar isto.

Bill assente e cruza as pernas. O saco de papel no colo dele estala um pouco. Tem uma garrafa de burbom lá dentro, e ele pensa que nunca quis tanto uma bebida na vida quanto quer agora. Mike vai ter água, ou até mesmo gelo, e pelo que ele está sentindo agora, água será o suficiente.

Ele pensa em Silver, apoiada na parede da garagem de Mike na alameda Palmer. E, a partir disso, seus pensamentos progridem naturalmente para o dia em que eles se encontraram no Barrens, todos exceto Mike, e cada um recontou sua história: leprosos debaixo de varandas, múmias que andavam sobre o gelo, sangue saindo de ralos e garotos mortos na Torre de Água e fotos que se moviam e lobisomens que perseguiam garotinhos por ruas desertas.

Eles foram mais fundo no Barrens naquele dia antes do Quatro de Julho, agora ele lembra. Estava quente na cidade, mas fresco na sombra na margem leste do Kenduskeag. Ele se lembra de um daqueles cilindros de concreto não muito longe, zumbindo baixinho, da

mesma forma que a máquina de xerox zumbia para a garota bonita um pouco antes. Bill se lembra disso e de que, quando todas as histórias terminaram, todos olharam para ele.

Eles queriam que ele falasse o que todos deveriam fazer em seguida, como deveriam proceder, e ele simplesmente não sabia. O fato de não saber o encheu de uma espécie de desespero.

Ao olhar para a sombra de Mike agora, ampla na parede escura da sala de referências, uma certeza repentina surgiu em sua mente: ele não sabia na época porque eles não estavam completos quando se encontraram naquela tarde de 3 de julho. Isso só foi atingido mais tarde, na cascalheira abandonada atrás do lixão, onde dava para sair do Barrens com facilidade dos dois lados, pela rua Kansas e pela rua Merit. Bem onde ficava o viaduto da estrada interestadual agora, na verdade. A cascalheira não tinha nome; era velha, com laterais ruindo e coberta de mato e arbustos. Ainda havia muita munição ali, mais do que o suficiente para uma guerra de pedras apocalíptica.

Mas, antes disso, na margem do Kenduskeag, ele não teve certeza do que dizer. O que eles queriam que ele dissesse? O que ele queria dizer? Ele se lembra de olhar de um rosto para o seguinte: o de Ben; o de Bev; o de Eddie; o de Stan; o de Richie. E se lembra da música. Little Richard. "Whomp-bomp-a-lomp-bomp…"

Música. Baixa. E dardos de luz nos olhos. Ele se lembra dos dardos de luz porque

2

Richie tinha pendurado o rádio no galho mais baixo da árvore em que estava encostado. Apesar de eles estarem na sombra, o sol se refletia na superfície do Kenduskeag, batia na frente cromada do rádio e, de lá, ia para os olhos de Bill.

— T-Tira essa c-coisa d-d-daí, R-R-Richie — disse Bill. — Vai m-me c–cegar.

— Claro, Big Bill — disse Richie imediatamente, sem atrevimento nenhum, e tirou o rádio do galho. Ele também o desligou, e Bill desejou que não tivesse feito isso; o silêncio, rompido apenas pela água em movimento e pelo zumbido vago do maquinário de bombeamento do esgoto, parecia muito alto. Os olhos deles o observavam, e ele queria mandar que olhassem para outro lugar, o que eles achavam que ele era, uma *aberração*?

Mas é claro que ele não podia fazer isso, porque eles só estavam esperando que ele dissesse a eles o que fazer agora. Eles tinham chegado a uma conclusão assustadora e

precisavam que ele dissesse o que fazer com ela. *Por que eu?*, ele queria gritar para os amigos, mas é claro que ele sabia isso também. Era porque, gostando ou não, ele tinha sido designado para a posição. Porque ele era o homem das ideias, porque tinha perdido um irmão para o que quer que aquilo fosse, mas, mais do que tudo, porque tinha se tornado, de uma forma obscura que jamais entenderia completamente, o Big Bill.

Ele olhou para Beverly e desviou rapidamente da calma confiança nos olhos dela. Olhar para Beverly provocou uma sensação esquisita na boca do estômago. Um tremor.

— N-Não p-podemos procurar a p-polícia — disse ele enfim. Sua voz pareceu rouca aos seus ouvidos, alta demais. — Também não p-podemos p-procurar nossos p-p-pais. A não ser que… — Ele olhou para Richie com esperança. — E s-sua m-mãe e seu p-pai, quatro olhos? Eles p-parecem b-bem n-normais.

— Meu bom homem — disse Richie com a Voz de Toodles, o Mordomo —, você obviamente não tem compreensão alguma sobre minha mãe e meu pai. Eles…

— Fale americano, Richie — disse Eddie de onde estava, ao lado de Ben. Ele estava sentado ao lado de Ben pelo simples motivo de que Ben fornecia sombra suficiente. O rosto dele parecia pequeno, tenso e preocupado, o rosto de um velho. A bombinha estava na mão direita.

— Eles achariam que estou pronto para Juniper Hill — disse Richie.

Ele estava usando um par de óculos velho hoje. No dia anterior, um amigo de Henry Bowers chamado Gard Jagermeyer tinha chegado por trás de Richie quando ele estava saindo da Sorveteria Derry com uma casquinha de pistache. “Peguei, tá com você!”, gritou esse Jagermeyer, que era uns 20 quilos mais pesado do que Richie, e deu um empurrão nas costas dele com as mãos unidas. Richie voou para o meio-fio e perdeu os óculos e a casquinha de sorvete. A lente esquerda dos óculos se estilhaçou; a mãe ficou furiosa com ele por causa disso e nem deu muita credibilidade às explicações do filho.

— Só sei que você fez alguma besteira — disse ela. — Sinceramente, Richie, você acha que tem uma árvore que dá óculos em algum lugar, de onde a gente arranca um par novo cada vez que você quebra o velho?

— Mas mãe, um garoto me empurrou, ele chegou por trás, um garoto grande, e me empurrou… — Richie já estava quase chorando. Não conseguir fazer a mãe entender doía muito mais do que ser empurrado na vala por Gard Jagermeyer, que era tão burro que nem se deram ao trabalho de botar de recuperação com aulas no verão.

— Não quero ouvir mais nada sobre isso — disse Maggie Tozier simplesmente. — Mas, da próxima vez que seu pai chegar exausto depois de trabalhar até tarde três dias seguidos, pense um pouco, Richie. Pense bem.

— Mas mãe…

— Chega, já falei. — A voz dela estava firme e definitiva. Pior, estava à beira das lágrimas. Ela saiu do aposento, e a TV foi ligada em um volume alto demais. Richie ficou sozinho, sentado com infelicidade à mesa da cozinha.

Foi essa lembrança que fez Richie balançar a cabeça de novo.

— Meus pais são legais, mas jamais acreditariam em uma coisa assim.

— E os o-outros g-garotos?

E eles olharam ao redor, Bill lembraria anos depois, como se procurando alguém que não estava lá.

— Quem? — perguntou Stan em tom de dúvida. — Não consigo pensar em mais ninguém em quem eu confie.

— Mesmo a-a-assim… — disse Bill com voz perturbada, e um silêncio se espalhou entre eles enquanto Bill pensava no que dizer em seguida.

3

Se você perguntasse, Ben Hanscom diria que Henry Bowers o odiava mais do que a qualquer outro dos integrantes do Clube dos Otários, por causa do que aconteceu no dia em que ele e Henry desceram para o Barrens pelo barranco da rua Kansas, por causa do que aconteceu no dia em que ele, Richie e Beverly fugiram do Aladdin, mas, mais do que tudo, porque, ao não permitir que Henry colasse nas provas, Ben fez com que ele fosse para a recuperação de verão e se tornasse objeto da ira do pai, o renomado louco Butch Bowers.

Se você perguntasse, Richie Tozier diria que Henry *o* odiava mais do que a qualquer outro, por causa do dia em que ele enganou Henry e os outros dois mosqueteiros na Freese's.

Stan Uris teria dito que Henry *o* odiava mais do que a todos porque ele era judeu (quando Stan estava no terceiro ano e Henry no quinto, Henry uma vez esfregou a cara de Stan na neve até sangrar e ele gritar histericamente de dor e medo).

Bill Denbrough acreditava que Henry o odiava mais do que a todos porque ele era magrelo, porque gaguejava e porque gostava de se vestir bem ("O-O-Olha a p-p-porra do v-v-*VEADINHO*!", gritou Henry quando foi o Dia da Profissão na escola, em abril, e Bill foi

usando gravata; antes do fim do dia, a gravata foi arrancada e jogada em uma árvore na rua Charter).

Ele *odiava* os quatro, mas o garoto em Derry que ocupava a primeira posição na Parada de Ódio pessoal de Henry não era parte do Clube dos Otários naquele dia 3 de julho; era um garoto negro chamado Michael Hanlon, que morava a 400 metros da pequena fazenda Bowers, na mesma rua.

O pai de Henry, que era tão louco quanto diziam que era, se chamava Oscar "Butch" Bowers. Butch Bowers associava seu declínio financeiro, físico e mental à família Hanlon em geral e ao pai de Mike em particular. Ele gostava de dizer para os poucos amigos e para o filho que Will Hanlon fez com que ele fosse jogado na cadeia do condado quando todas as galinhas dele, Hanlon, morreram.

— Pra que ele pudesse receber o dinheiro do seguro, você não sabe? — dizia Butch, olhando para a plateia com a beligerância sinistra do capitão Billy Bones no Admiral Benbow. — Fez com que alguns amigos mentissem por ele, e foi assim que precisei vender meu Mercury.

— Quem mentiu por ele, pai? — perguntou Henry quando tinha 8 anos, fervendo por causa da injustiça cometida com o pai. Ele pensou que, quando fosse adulto, encontraria os mentirosos, cobriria de mel e jogaria em formigueiros, como em alguns daqueles filmes de faroeste que passavam no Cinema Bijou nas tardes de sábado.

E como o filho era um ouvinte incansável (embora, se alguém perguntasse, Butch diria que era assim que ele devia mesmo ser), Bowers Pai enchia os ouvidos do filho com a litania de ódio e má sorte. Ele explicou para o filho que, apesar de todos os negros serem burros, alguns também eram astuciosos, e que no fundo todos odiavam homens brancos e queriam explorar a fenda de uma mulher branca. Talvez não fosse só pelo dinheiro do seguro, dizia Butch; talvez Hanlon tivesse decidido botar nele a culpa das galinhas mortas porque Butch tinha a barraquinha seguinte de produtos frescos na estrada. Mas ele fez mesmo assim, com a mesma certeza de que merda gruda em um cobertor. Ele fez e arrumou um bando de amantes de crioulos na cidade para mentir para ele e ameaçar Butch com a prisão estadual se ele não pagasse para o crioulo.

— E por que não? — perguntava Butch para o filho sujo e silencioso de olhos arregalados. — Por que não? *Eu* era só um homem que lutou contra os japas pelo país. Havia muitos caras como nós, mas *ele* era o único crioulo do país.

O negócio das galinhas foi seguido por um incidente azarado após o outro. Um eixo do trator Deere quebrou; o rastelo bom estragou no campo do norte; ele teve uma queimadura no pescoço que infeccionou, teve que ser lancetada, infeccionou de novo e teve que ser removida cirurgicamente; o crioulo começou a usar o dinheiro obtido desonestamente para abaixar os próprios preços, vender mais barato do que Butch e tirar fregueses dele.

Aos ouvidos de Henry, era uma litania constante: o crioulo, o crioulo, o crioulo. Tudo era culpa do crioulo. O crioulo tinha uma bela casa branca com segundo andar e fornalha a óleo,

enquanto Butch, a esposa e o filho moravam no que não era muito melhor do que uma cabana de papel alcatroado. Quando Butch não conseguiu mais ganhar dinheiro suficiente sendo fazendeiro e teve que ir trabalhar no bosque por um tempo, foi culpa do crioulo. Quando o poço dele secou em 1956, foi culpa do crioulo.

Mais tarde naquele mesmo ano, Henry, que tinha 10 anos de idade, começou a dar ossos velhos e sacos de batata frita para o cachorro de Mike, Mr. Chips, comer. Chegou ao ponto de Mr. Chips abanar o rabo e ir correndo quando Henry chamava. Quando o cachorro estava bem acostumado com Henry e com as guloseimas que ele dava, Henry um dia deu a ele meio quilo de carne batizada com inseticida. A lata de veneno para insetos ele encontrou na cabana do quintal; ele economizou durante três semanas para comprar a carne no Costello.

Mr. Chips comeu metade da carne envenenada e parou.

— Vai, termina seu lanche, Cão de Crioulo — disse Henry.

Mr. Chips abanou o rabo. Como Henry o chamava assim desde o começo, ele acreditava que era seu outro nome. Quando as dores começaram, Henry pegou um pedaço de corda de varal e amarrou Mr. Chips a um freixo para que ele não pudesse fugir e correr para casa. Ele então se sentou em uma pedra aquecida pelo sol, apoiou o queixo nas palmas das mãos e viu o cachorro morrer. Levou bastante tempo, mas Henry considerou tempo bem gasto. No final, Mr. Chips começou a ter convulsões, e uma espuma fina e verde saiu pela boca dele.

— Que tal isso, Cão de Crioulo? — perguntou Henry, e o cachorro revirou os olhos moribundos ao som da voz e tentou abanar o rabo. — Gostou do almoço, vira-lata de merda?

Quando o cachorro estava morto, Henry tirou a corda, foi para casa e contou para o pai o que tinha feito. Oscar Bowers já estava *extremamente* louco naquela época; um ano mais tarde, a esposa o deixaria depois de ele bater nela até quase matá-la. Henry também sentia medo do pai e um ódio terrível dele às vezes, mas também o amava. E, naquela tarde, depois que contou, ele sentiu que finalmente tinha encontrado a chave para o afeto do pai, porque o pai deu tapas nas costas dele (com tanta força que Henry quase caiu), levou-o para a sala e lhe deu uma cerveja. Foi a primeira cerveja que Henry tomou, e, pelo resto da vida, ele associaria o gosto com emoções positivas: vitória e amor.

— A um trabalho bem-feito — disse o pai maluco de Henry. Eles bateram as garrafas marrons uma na outra e beberam. Até onde Henry sabia, os crioulos nunca descobriram quem matou o cachorro, mas achava que eles tinham suas desconfianças. Ele esperava que sim.

Os outros do Clube dos Otários conheciam Mike de vista (em uma cidade em que ele era a única criança negra, seria estranho se não conhecessem), mas não passava disso, porque Mike não estudava na escola Derry Elementary. A mãe era batista devota, e Mike frequentava a escola batista da rua Neibolt. Entre geografia, leitura e aritmética, havia testes sobre a Bíblia, aulas de assuntos como O Significado dos Dez Mandamentos em um Mundo sem Deus e grupos de discussão sobre como lidar com problemas morais do dia a dia (se você visse um amigo furtando em uma loja ou ouvisse um professor falando o nome de Deus em vão).

Mike achava a escola batista boa. Havia momentos em que ele desconfiava de forma vaga

que estava perdendo algumas coisas, uma comunicação maior com crianças da idade dele, talvez, mas estava disposto a esperar até o ensino médio para que essas coisas acontecessem. A perspectiva o deixava nervoso porque sua pele era marrom, mas tanto a mãe quanto o pai eram bem tratados na cidade até onde Mike conseguia perceber, e Mike acreditava que também seria bem tratado se tratasse os outros bem.

A exceção a essa regra, claro, era Henry Bowers.

Apesar de tentar demonstrar o mínimo possível, Mike vivia com pavor constante de Henry. Em 1958, Mike era magro e forte, mais alto do que Stan Uris, mas não tão alto quanto Bill Denbrough. Era rápido e ágil, e isso o salvou de várias surras nas mãos de Henry. E, claro, frequentava uma escola diferente. Por causa disso e da diferença de idade, os caminhos deles raramente se cruzavam. Mike fazia o que podia para que as coisas continuassem assim. Portanto, a ironia era a seguinte: apesar de Henry odiar Mike Hanlon mais do que a qualquer outro garoto de Derry, Mike foi o que menos sofreu na mão dele.

Ah, ele teve seus momentos. Na primavera depois que matou o cachorro de Mike, Henry pulou de um arbusto um dia quando Mike estava andando para a cidade, indo à biblioteca. Era final de março e estava quente o bastante para ele ir de bicicleta, mas naqueles dias a rua Witcham passava a ser de terra logo depois da casa dos Bowers, o que significava que estava um lamaçal, péssimo para bicicletas.

— Oi, crioulo — disse Henry, surgindo dos arbustos e sorrindo.

Mike recuou, olhando com cautela para a direita e para a esquerda, procurando uma oportunidade de fugir. Ele sabia que, se conseguisse contornar Henry, seria capaz de correr mais rápido. Henry era grande e Henry era forte, mas Henry também era lento.

— Quero um boneco de piche — disse Henry, indo para cima do garoto menor. — Você não é preto o suficiente, mas vou consertar isso.

Mike olhou para a esquerda e girou o corpo nessa direção. Henry mordeu a isca e foi para aquele lado, rápido demais e longe demais para conseguir voltar. Mudando a direção com velocidade natural, Mike saiu correndo para a direita (no ensino médio, ele entraria para o time de futebol americano como corredor principal no segundo ano, e só não bateu o recorde da escola porque quebrou a perna no meio da temporada em seu último ano). Ele teria conseguido passar facilmente por Henry se não fosse a lama. Estava escorregadia, e Mike caiu de joelhos. Antes que conseguisse se levantar, Henry estava em cima dele.

— *Crioulocrioulocrioulo!* — gritou Henry, em uma espécie de êxtase religioso, quando derrubou Mike.

A lama subiu por dentro da camisa de Mike e entrou pela calça. Ele conseguia senti-la se espremendo em seus pés. Mas só começou a chorar quando Henry esfregou lama em seu rosto e tampou as duas narinas.

— Agora você está preto! — gritou Henry com alegria, esfregando lama no cabelo de Mike. — Agora você está *MEEEESMO* preto! — Ele rasgou a jaqueta de popelina e a camisa de Mike, e enfiou um monte de lama no umbigo do garoto. — Agora você está tão preto quanto

a meia-noite em uma *MINA!* — gritou Henry com triunfo, e enfiou bolos de lama em cada uma das orelhas de Mike. Depois recuou, com as mãos enlameadas na cintura, e gritou: — *Matei seu cachorro, garoto preto!* — Mas Mike não ouviu isso por causa da lama nos ouvidos e de seu choro apavorado.

Henry chutou um monte final e grudento de lama em Mike, se virou e andou para casa sem olhar para trás. Alguns momentos depois, Mike se levantou e fez a mesma coisa, ainda chorando.

Sua mãe ficou furiosa, claro; ela queria que Will Hanlon ligasse para o chefe Borton e o mandasse para a casa dos Bowers antes de o sol se pôr.

— Ele já perseguiu Mikey antes — Mike a ouviu dizer. Ele estava sentado na banheira, e os pais estavam na cozinha. Era a segunda banheira de água; a primeira ficou preta quase no mesmo momento em que ele entrou e se sentou nela. Em sua fúria, a mãe voltou ao dialeto pesado do Texas que Mike quase não entendia. — Coloca a polícia atrás dele, Will Hanlon! No grande e no pequeno! A *polícia*, entendeu?

Will entendeu, mas não fez o que a esposa pediu. Quando ela se acalmou (já era noite e Mike dormia havia duas horas), ele a relembrou os fatos da vida. O chefe Borton não era o xerife Sullivan. Se Borton fosse xerife quando aconteceu o incidente das galinhas envenenadas, Will jamais teria recebido seus 200 dólares e teria que aceitar a situação. Alguns homens apoiavam você, e outros não; Borton era do tipo que não. Na verdade, ele era um covarde.

— Mike já teve problema com esse garoto, é verdade — disse ele para Jessica. — Mas não tanto, porque ele toma cuidado com Henry Bowers. Isso vai fazer com que ele tome mais cuidado.

— Você está dizendo que vai deixar passar?

— Bowers contou ao filho histórias sobre o que aconteceu entre nós, eu imagino — disse Will —, e o filho nos odeia por causa disso, e porque o pai também disse para ele que odiar crioulos é o que os homens fazem. Em resumo, é isso. Não posso mudar o fato de que nosso filho é negro tanto quanto não posso ficar aqui dizendo pra você que Henry Bowers vai ser o último a pegar no pé dele porque a pele dele é marrom. Ele vai ter que lidar com isso pro resto da vida, como eu lidei com isso e como você lidou com isso. Ora, lá naquela escola cristã onde você quis tanto que ele fosse estudar, a professora disse para os alunos que os negros não são tão bons quanto os brancos porque o filho de Noé, Cam, olhou para o pai quando ele estava bêbado e nu, e os dois outros filhos de Noé afastaram o olhar. Foi por isso que os filhos de Cam foram condenados a sempre serem rachadores de lenha e buscadores de água, disse ela. E Mikey falou que ela estava olhando diretamente para ele enquanto contava essa história.

Jessica olhou para o marido, muda e infeliz. Duas lágrimas caíram, uma de cada olho, e desceram lentamente pelo rosto.

— Não tem como fugir disso um dia?

A resposta dele foi gentil, mas implacável; era uma época em que as esposas acreditavam nos maridos, e Jessica não tinha motivo para duvidar de Will.

— Não. Não tem como fugir da palavra crioulo, não agora, não no mundo em que vivemos, você e eu. Crioulos do interior do Maine ainda são crioulos. Já pensei várias vezes que o motivo de eu ter voltado pra Derry foi por não haver lugar melhor para me lembrar disso. Mas vou ter uma conversa com o garoto.

No dia seguinte, ele chamou Mike no celeiro. Will se sentou ao volante do arado e bateu no banco ao seu lado chamando Mike.

— Quero que você fique longe daquele Henry Bowers — disse ele.

Mike assentiu.

— O pai dele é maluco.

Mike assentiu de novo. Ele tinha ouvido isso na cidade. Alguns vislumbres do sr. Bowers reforçaram a ideia.

— Não quero dizer só um pouco louco — disse Will, acendendo um cigarro Bugler enrolado em casa e olhando para o filho. — Ele está a três passos do manicômio. Voltou da guerra assim.

— Acho que Henry também é maluco — disse Mike. Sua voz estava baixa, mas firme, e isso fortaleceu o coração de Will… embora ele não conseguisse acreditar, mesmo depois de uma vida cheia de altos e baixos cujos incidentes incluíam quase ser queimado vivo em um bar improvisado chamado de Black Spot, que um garoto como Henry pudesse ser maluco.

— Bem, ele escutou demais o pai, mas isso é natural — disse Will.

No entanto, seu filho estava mais próximo da verdade. Henry Bowers, ou pela companhia constante do pai, ou por causa de alguma outra coisa, alguma coisa interior, estava realmente enlouquecendo lentamente.

— Não quero que você chegue a ponto de viver para fugir dele — disse o pai —, mas como você é negro, provavelmente vai ter que aguentar mais coisas. Sabe o que quero dizer?

— Sei, papai — disse Mike, pensando em Bob Gautier na escola, que tinha tentado explicar para Mike que crioulo não podia ser uma palavra ruim, porque o pai dele usava o tempo todo. Na verdade, Bob contou para Mike com sinceridade, era uma palavra boa. Quando um lutador no programa *Friday Night Fights* levava uma surra e conseguia ficar de pé, seu pai dizia “A cabeça dele é dura como a de um crioulo”, e quando alguém estava enrolando muito no trabalho (o que, para o sr. Gautier, era o Star Beef, na cidade), seu pai dizia “Aquele homem trabalha como um crioulo”. “E meu pai é tão cristão quanto o seu”, concluiu Bob. Mike lembrou que, ao olhar para o rosto branco sincero e contraído de Bob Gautier, cercado dos pelos desgrenhados do capuz do casaco de neve de segunda mão, ele não sentiu raiva, mas uma tristeza terrível que o deixou com vontade de chorar. Ele viu sinceridade e boa intenção no rosto de Bob, mas o que *sentiu* foi solidão, distância, um grande vazio assobiante entre ele e o outro garoto.

— Estou vendo que você sabe o que quero dizer — disse Will, e mexeu no cabelo do filho.

— E, no fim das contas, você vai ter que tomar cuidado com a posição que assume. Vai ter que se perguntar se Henry Bowers vale o trabalho. Vale?

— Não — disse Mike. — Não, acho que não. — Ainda demoraria um tempo até ele mudar de ideia. Até dia 3 de julho de 1958, na verdade.

4

Enquanto Henry Bowers, Victor Criss, Arroto Huggins, Peter Gordon e um garoto do ensino médio meio retardado chamado Steve Sadler (conhecido como Moose por causa do personagem dos quadrinhos de Archie) estavam correndo atrás de um ofegante Mike Hanlon pelo pátio de trens na direção do Barrens a uns 800 metros de distância, Bill e o resto do Clube dos Otários ainda estavam na margem do Kenduskeag, refletindo sobre o pesadelo de problema.

— S-Sei o-onde e-e-está, eu acho — disse Bill, rompendo o silêncio.

— Nos esgotos — disse Stan, e todos deram um salto ao ouvirem um som desagradável e repetido. Eddie sorriu com culpa ao colocar a bombinha de volta no colo.

Bill assentiu.

— Eu p-perguntei ao meu p-pai sobre os e-esgotos a-algumas n-n-noites a-a-atrás.

— Toda essa área era um pântano — disse Zack para o filho —, e os fundadores da cidade conseguiram colocar o que é atualmente o centro na pior parte. A área do canal que passa debaixo das ruas Center e Main e sai no parque Bassey não passa de um escoadouro que sustenta o Kenduskeag. Na maior parte do ano, os escoadouros ficam quase vazios, mas são importantes quando chega a primavera e a neve derrete, ou quando há enchentes… — Ele fez uma pausa, talvez pensando que foi durante uma enchente no outono anterior que ele perdeu o filho caçula — … por causa das bombas — concluiu ele.

— B-B-Bombas? — perguntou Bill, virando a cabeça de leve sem nem perceber. Quando ele gaguejava em sons plosivos, voava cuspe de seus lábios.

— As bombas de escoamento — disse o pai. — Elas ficam no Barrens. São canos de concreto que saem do chão com a altura de quase um metro…

— B-B-Ben Hanscom chama de b-buracos de M-Morlocks — disse Bill, sorrindo.

Zack também sorriu… mas era apenas uma sombra de seu antigo sorriso. Eles estavam na oficina de Zack, onde ele estava girando hastes de cadeira sem muito interesse.

— Elas não passam de bombas de sucção, moleque — disse ele. — Ficam em cilindros de 3 metros de profundidade e bombeiam esgoto e neve derretida quando a inclinação do terreno some ou se inverte um pouco. É maquinário antigo, e a cidade deveria comprar bombas novas, mas a câmara sempre alega falta de fundos quando o assunto surge na agenda em reuniões sobre orçamento. Se eu ganhasse 25 centavos para cada vez que fui até lá com merda até os joelhos para reativar algum daqueles motores… mas você não quer ouvir sobre isso, Bill. Por que você não vai ver TV? Acho que vai passar *Sugarfoot* hoje.

— Mas q-q-quero o-ouvir — disse Bill, e não apenas porque tinha chegado à conclusão de que havia uma coisa terrível debaixo de Derry, em algum lugar.

— Por que você quer ouvir sobre um bando de bombas de esgoto? — perguntou Zack.

— T-Trabalho da e-e-escola — disse Bill de improviso.

— Você está de férias.

— A-A-Ano que vem.

— Ah, é um assunto bem chato — disse Zack. — O professor vai te dar um F por fazê-lo dormir. Olha, aqui está o Kenduskeag — ele desenhou uma linha reta na serragem sobre a mesa na qual ficava a serra dele — e aqui está o Barrens. Como o centro fica mais baixo do que as áreas residenciais, como a rua Kansas ou, digamos, Old Cape ou West Broadway, a maior parte do esgoto do centro tem que ser bombeado para o rio. O refugo das casas escoa para o Barrens praticamente sozinho. Entende?

— E-E-Entendo — disse Bill, chegando um pouco mais perto do pai para olhar para as linhas, perto o bastante para o ombro encostar no braço dele.

— Um dia, vão parar de bombear esgoto puro no rio, e esse vai ser o fim do negócio. Mas, por enquanto, temos essas bombas nos… como é que seu amigo chama?

— Buracos de Morlocks — disse Bill, sem nem um traço de gagueira; nem ele nem o pai repararam.

— É. É pra isso que servem as bombas nos buracos de Morlocks, e elas funcionam muito bem, exceto quando chove demais e os riachos transbordam. Porque, apesar de os escoadouros e esgotos com bombas terem sido feitos como sistemas separados, eles na verdade se cruzam em vários pontos. Entende? — Ele desenhou uma série de xis a partir da linha que representava o Kenduskeag, e Bill assentiu. — Bem, a única coisa que você precisa saber sobre escoamento de água é que ela vai para onde puder. Quando fica alta, ela começa a encher os escoadouros e os esgotos também. Quando a água nos escoadouros fica alta o bastante para chegar às bombas, elas quebram. Isso é problema pra mim, porque eu tenho que consertar.

— Pai, q-qual é o tamanho dos e-esgotos e escoadouros?

— Você quer saber o diâmetro interno?

Bill assentiu.

— Os esgotos principais têm 1,80 metro de diâmetro. Os secundários, das áreas residenciais, têm um metro a 1,20, eu acho. Alguns talvez sejam um pouco maiores. E acredite quando falo, Billy, e pode contar pros seus amigos: você nunca vai querer entrar em um desses canos, nem de brincadeira, nem por aposta, nem por motivo nenhum.

— Por quê?

— Mais de dez prefeitos construíram ali desde 1885, mais ou menos. Durante a Depressão, a gerência de projetos fez um sistema de escoamento secundário e um terciário; havia muito dinheiro para obras públicas naquela época. Mas o cara que gerenciou esses projetos morreu na Segunda Guerra Mundial, e uns cinco anos depois o Departamento de Águas descobriu que as plantas do sistema tinham desaparecido quase todas. São mais de 4 quilos de plantas que simplesmente desapareceram entre 1937 e 1950. O que quero dizer é que ninguém sabe onde esses malditos esgotos e escoadouros vão dar, nem por quê.

"Quando eles estão funcionando, ninguém liga. Quando não estão, três ou quatro infelizes do Departamento de Águas de Derry têm que tentar descobrir que bomba quebrou ou onde fica o entupimento. E quando eles descem lá, cortam um dobrado. É escuro e fedido, e tem ratos. Esses são bons motivos para não entrar, mas o melhor é que dá pra se perder. Já aconteceu."

Perdido embaixo de Derry. Perdido nos esgotos. Perdido no escuro. Havia alguma coisa tão lúgubre e apavorante na ideia que Bill ficou momentaneamente em silêncio. Em seguida, falou:

— Mas nunca m-m-mandaram ninguém para mapear…

— Tenho que terminar com as cadeiras — disse Zack de repente, virando-se e afastando-se. — Vá ver o que está passando na TV.

— M-M-Mas p-p-pai…

— Vá, Bill — disse Zack, e Bill conseguiu sentir a frieza de novo. Aquela frieza tornava o jantar uma espécie de tortura enquanto o pai folheava periódicos sobre eletricidade (ele esperava ser promovido no ano seguinte), enquanto a mãe lia um dos infindáveis mistérios britânicos de que gostava: Marsh, Sayers, Innes, Allingham. Comer naquela frieza roubava o gosto da comida; era como comer jantares congelados que nunca foram colocados no forno. Às vezes, ele ia para o quarto depois e se deitava na cama, com a mão sobre o estômago dolorido, e pensava: *Ele soca postes de montão e insiste que vê assombração.* Ele pensava cada vez mais nisso depois que Georgie morreu, embora a mãe tivesse ensinado a frase dois anos antes. Ela ganhou um tom sobrenatural em sua mente: o dia em que ele conseguisse andar até a mãe e simplesmente falar a frase sem hesitar nem gaguejar, olhando bem nos olhos dela, a frieza se dissiparia; os olhos dela se iluminariam e ela o abraçaria e diria: "Que maravilha, Billy! Que menino bom! Que menino bom!"

Ele não contou isso para ninguém, é claro. Não falaria nem que a vaca tossisse; nada o

levaria a revelar essa fantasia secreta, que morava no centro do coração dele. Se ele conseguisse dizer a frase que ela ensinou casualmente em uma manhã de sábado, quando ele e Georgie estavam vendo Guy Madison e Andy Devine em *The Adventures of Wild Bill Hickok*, o ato funcionaria como o beijo que despertou a Bela Adormecida dos sonhos frios para o mundo quente do amor de contos de fadas do príncipe.

Ele soca postes de montão e insiste que vê assombração.

Ele também não contou isso para os amigos naquele dia 3 de julho, mas contou o que o pai tinha dito sobre os sistemas de esgoto e escoamento de Derry. Ele era um garoto a quem a criatividade ocorria fácil e naturalmente (às vezes com mais facilidade do que dizer a verdade), e a cena que ele descreveu era bem diferente da cena na qual a conversa realmente aconteceu: ele e o pai estavam vendo TV juntos, disse ele, tomando canecas de café.

— Seu pai deixa você tomar café? — perguntou Eddie.

— C-C-Claro — disse Bill.

— Uau — disse Eddie. — Minha mãe nunca ia me deixar tomar café. Ela diz que a cafeína é perigosa. — Ele fez uma pausa. — Mas ela bem que toma bastante.

— Meu pai me deixa tomar café se eu quiser — disse Beverly —, mas ele me mataria se soubesse que fumei.

— O que faz vocês terem tanta certeza de que está no esgoto? — perguntou Richie, olhando de Bill para Stan Uris, e depois para Bill de novo.

— T-T-Tudo r-remete a i-i-isso — disse Bill. — As v-vozes que B-B-Beverly ouviu s-saíram do r-r-ralo. E o s-sangue. Quando o p-p-palhaço nos p-perseguiu, os b-botões l-laranja estavam ao lado de um b-bueiro. E G-G-George…

— Não era um palhaço, Big Bill — disse Richie. — Já *falei* isso. Sei que é loucura, mas era um lobisomem. — Ele olhou para os outros na defensiva. — Juro por Deus. Eu *vi*.

Bill disse:

— Era um lobisomem pra *v-v-você*.

— Hã?

Bill disse:

— V-Você não p-percebe? Era um l-l-lobisomem pra v-você porque v-você viu aquele filme i-idiota no A-A-A-Aladdin.

— Não entendi.

— Acho que entendi — disse Ben baixinho.

— Fui pra b-b-biblioteca e p-pesquisei — disse Bill. — Acho que é um gl-gl… — Ele fez uma pausa, fazendo um esforço com a garganta, e falou de repente: — um *glamour*.

— Clamor? — perguntou Eddie com dúvida.

— Gl-Gl-Glamour — disse Bill, e explicou. Ele falou sobre um verbete na enciclopédia que explicava o assunto e sobre um capítulo que ele leu em um livro chamado *Night's Truth*. Glamour, disse ele, era o nome gaélico da criatura que estava assombrando Derry; outras raças e outras culturas em épocas diferentes usaram palavras diferentes para se referir a ela,

mas todas significavam a mesma coisa. Os índios das planícies chamavam de manitu, que às vezes tomava a forma de um leão da montanha, de um alce ou de uma águia. Esses mesmos índios acreditavam que o espírito de um manitu às vezes podia se apossar deles, e nessas horas eles conseguiam fazer as nuvens assumirem os formatos dos animais em homenagem aos quais suas casas tinham sido batizadas. Os himalaios chamavam de *tallus* ou *taelus*, que significava um ser mágico do mal que conseguia ler sua mente e assumir a forma daquilo que mais provocava medo em você. Na Europa Central, ele era chamado de *eylak*, irmão do *vurderlak*, ou vampiro. Na França era *le loup-garou*, ou mutante de forma, um conceito que foi traduzido cruamente como lobisomem, mas, Bill contou a eles, *le loup-garou* (que ele pronunciou como *le lup-garrú*) podia ser qualquer coisa, qualquer uma que quisesse: lobo, águia, carneiro, até um inseto.

— Algum desses artigos ensinou como vencer um glamour? — perguntou Beverly.

Bill assentiu, mas não pareceu esperançoso.

— Os himalaios tinham um r-ritual para s-se l-l-livrarem d-dele, mas é bem n-n-nojento.

Eles olharam para ele, sem querer saber, mas precisando.

— E-E-Era ch-chamado de R-R-Ritual de *Chüh-Chüd* — disse Bill, e explicou o que era isso. Se você fosse um homem sagrado himalaio, você procurava o *taelus*. O *taelus* mostrava a língua. Você mostra a *sua* língua. Você e ele enrolavam línguas, e os dois mordiam até o fim, de forma que ficavam meio que grampeados juntos, cara a cara.

— Ah, acho que vou vomitar — disse Beverly, rolando na terra. Ben deu um tapinha hesitante nas costas dela, depois olhou ao redor para ver se tinha sido observado. Não tinha; os outros estavam olhando para Bill, hipnotizados.

— E depois? — perguntou Eddie.

— B-B-Bem — disse Bill —, pode parecer l-l-loucura, m-mas o livro d-dizia que d-depois os dois começavam a contar p-piadas e fazer ch-charadas.

— *O quê?* — perguntou Stan.

Bill assentiu, com a expressão de um correspondente que quer que você saiba, sem ter que dizer abertamente, que ele não faz a notícia, só relata. — I-Isso. P-Primeiro, o monstro *t-taelas* contaria u-u-uma, *v-v-você* precisaria c-c-contar u-uma, e s-seguia a-a-assim, os dois se r-revezando…

Beverly se sentou com os joelhos contra o peito, as mãos unidas na frente das canelas.

— Não entendo como as pessoas conseguiam falar com as línguas, sabe, presas uma na outra.

Richie esticou imediatamente a língua, segurou com os dedos e falou:

— Meu pai trabalha num cocô-nsultório!

Isso fez todos gargalharem por um tempo, apesar de ser *mesmo* uma piada infantil.

— T-Talvez f-fosse por t-telepatia — disse Bill. — E-Enfim, s-se o hu-hu-humano risse pr-pr-primeiro a-apesar da d-d-d-d…

— Dor? — perguntou Stan.

Bill assentiu.

— … então o *taelus* p-podia m-m-matar e-ele e c-c-comer ele. A alma, eu acho. M-Mas s-se o ho-homem c-c-conseguisse fazer o *t-taelus* r-rir pr-pr-primeiro, ele tinha que sumir por c-c-cem a-anos.

— O livro dizia de onde vinha uma coisa assim? — perguntou Ben.

Bill balançou a cabeça.

— Você acredita nisso? — perguntou Stan, parecendo querer debochar, mas sem moral nem força mental para isso.

Bill deu de ombros e disse:

— Q-Quase a-acredito. — Ele parecia prestes a dizer mais, mas balançou a cabeça e ficou em silêncio.

— Isso explica muita coisa — disse Eddie lentamente. — O palhaço, o leproso, o lobisomem… — Ele olhou para Stan. — Os garotos mortos também, eu acho.

— Isso parece um trabalho para Richard Tozier — disse Richie com Voz do Narrador de Cinejornal. — O homem de mil piadas e 6 mil charadas.

— Se mandássemos você pra fazer isso, todos nós morreríamos — disse Ben. — Lentamente. Com muita dor. — Ao ouvir isso, todos riram de novo.

— Então o que devemos fazer sobre o assunto? — perguntou Stan, e mais uma vez Bill só conseguiu balançar a cabeça… e sentir que quase sabia. Stan ficou de pé. — Vamos pra outro lugar — disse ele. — Estou ficando com o bumbum cansado.

— Gosto daqui — disse Beverly. — Tem sombra e está gostoso. — Ela olhou para Stan. — Você deve querer fazer alguma coisa *infantil* como ir até o lixão e quebrar garrafas com pedras.

— Eu *gosto* de quebrar garrafas com pedras — disse Richie, ficando de pé ao lado de Stan. — É o delinquente juvenil que há em mim, gata. — Ele levantou a gola e começou a andar como James Dean em *Juventude transviada*. — Me magoaram — disse ele, com expressão mal-humorada e coçando o peito. — Muito, sabe? Meus pais. A escola. A So-CI-edade. É a pressão, gata. É…

— É merda — disse Beverly, e suspirou.

— Tenho umas bombinhas — disse Stan, e eles esqueceram os glamoures, os manitus e a imitação ruim de Richie de James Dean quando Stan tirou um pacote de bombinhas Black Cat do bolso da calça. Até Bill ficou impressionado.

— M-Meu Deus, S-S-Stan, o-onde você a-a-arrumou i-isso?

— Com um garoto gordo que vai na mesma sinagoga que eu às vezes — disse Stan. — Troquei um bando de revistinhas do Super-homem e da Luluzinha pelas bombinhas.

— Vamos acender! — gritou Richie, quase apoplético de alegria. — Vamos acender, Stanny, não vou dizer mais que você e seu pai mataram Cristo, eu prometo, o que você me diz? Vou dizer que seu nariz é *pequeno*, Stanny! Vou dizer que você não fez circuncisão!

Ao ouvir isso, Beverly começou a gargalhar e realmente pareceu à beira da apoplexia antes

de cobrir o rosto com as mãos. Bill começou a rir, Eddie começou a rir, e depois de um tempo, até Stan começou a rir. O som se espalhou pela largura rasa do Kenduskeag naquele dia antes do Quatro de Julho, um som de verão, tão intenso quanto os raios de sol refletidos na água, e nenhum deles viu os olhos laranja observando-os por entre os bambus e arbustos estéreis de amoras à esquerda. Essa área de arbustos ocupava uma margem inteira por quase 10 metros, e no centro ficava um dos buracos de Morlocks de Ben. Foi desse cano erguido de concreto que os olhos, cada um com mais de 60 centímetros de largura, observavam.

5

O motivo de Mike ter entrado em conflito com Henry Bowers e seu grupo não muito feliz no mesmo dia foi porque o seguinte era o glorioso Quatro de Julho. A escola batista tinha uma banda na qual Mike tocava trombone. No Quatro de Julho, a banda marchava na parada anual, tocando "The Battle Hymn of the Republic", "Onward Christian Soldiers" e "America the Beautiful". Era uma ocasião pela qual Mike esperava com ansiedade havia mais de um mês. Ele foi andando para o ensaio final porque a corrente da bicicleta tinha arrebentado. O ensaio estava marcado só para as 14h30, mas ele saiu de casa às 13h porque queria polir o trombone, que ficava guardado na sala de música da escola, até estar brilhando. Apesar de não tocar trombone muito melhor do que Richie fazia vozes, ele gostava do instrumento, e sempre que se sentia triste, meia hora soprando marchinhas de Sousa, hinos religiosos ou melodias patrióticas o deixava alegre de novo. Havia uma

lata de cera de polimento de metal Saddler em um dos bolsos da camisa cáqui e dois ou três panos limpos pendurados no bolso da calça jeans. O pensamento em Henry Bowers era a coisa mais distante de sua mente.

Um olhar para trás quando ele estava se aproximando da rua Neibolt e da escola dominical o teria feito mudar de ideia rapidamente, porque Henry, Victor, Arroto, Peter Gordon e Moose Sadler estavam na rua atrás dele. Se eles tivessem saído da casa de Bowers cinco minutos depois, Mike jamais teria sido visto por causa da colina à frente. A apocalíptica guerra de pedras e tudo que veio depois poderia ter acontecido de forma diferente, ou talvez nem acontecido.

Mas foi Mike mesmo, anos depois, quem aventou a ideia de que talvez nenhum deles fosse completamente dono de suas ações nos eventos daquele verão; que se a sorte e o livre-arbítrio tivessem agido, então o papel deles foi pequeno. Ele mostraria uma série de coincidências suspeitas para os outros durante o almoço de reencontro, mas havia pelo menos uma da qual ele não estava ciente. O encontro no Barrens naquele dia começou quando Stan Uris pegou a caixa de bombinhas, e o Clube dos Otários seguiu para o lixão para acendê-las. E Victor, Arroto e os outros foram até a fazenda de Bowers porque Henry tinha bombinhas, cabeças de nego e bombas M-80 (alguns anos depois, a posse desse último tipo seria considerada crime). Os garotos maiores estavam planejando ir para a mina de carvão atrás do pátio de trens para explodir os tesouros de Henry.

Nenhum deles, nem Arroto, ia até a fazenda Bowers em circunstâncias comuns. Primeiro, por causa do pai maluco de Henry, mas também porque eles sempre terminavam ajudando Henry em suas tarefas: arrancar ervas daninhas, remover pedras eternamente, cortar lenha, buscar água, amontoar feno, colher o que estivesse maduro no momento (ervilha, pepino, tomate, batata). Esses garotos não eram exatamente alérgicos a trabalho, mas tinham o suficiente para fazer em casa sem ter que suar pelo pai pirado de Henry, que não ligava muito para em quem batia (uma vez, ele bateu com um pedaço de lenha em Victor Criss quando ele deixou cair um cesto de tomates que estava levando para a barraquinha da estrada). Levar uma surra com um pedaço de freixo era bem ruim; o que piorou a situação foi que Butch Bowers ainda cantarolou "Vou matar *todos* os japas! Vou matar *todos* os porras de japas!" enquanto batia nele.

Por mais burro que fosse, Arroto Huggins foi quem expressou melhor:

— Não me meto com gente louca — disse ele para Victor um dia, dois anos antes. Victor riu e concordou.

Mas o chamado sedutor de todas aquelas bombinhas foi grande demais para eles suportarem.

— Vou te dizer uma coisa, Henry — disse Victor quando Henry ligou para ele naquela manhã às 9h e o convidou. — Te encontro na mina de carvão à uma hora, o que você acha?

— Se você aparecer na mina de carvão à uma, eu não vou estar lá — respondeu Henry. — Tenho tarefas demais. Se você aparecer na mina de carvão às três, eu *vou* estar lá. E o primeiro M-80 vai direto pro seu orifício mais escuro, Vic.

Vic hesitou, mas concordou em ir até lá para ajudar nas tarefas.

Os outros também foram, e com os cinco juntos, todos garotos grandes, trabalhando como loucos pela fazenda Bowers, eles conseguiram terminar as tarefas no começo da tarde. Quando Henry perguntou ao pai se podia ir, o Bowers coroa simplesmente balançou a mão lânguida para o filho. Butch estava acomodado para passar a tarde na varanda de trás, com uma garrafa de leite cheia de cidra forte ao lado da cadeira de balanço, o rádio portátil Philco na cerca da varanda (mais tarde o Red Sox jogaria contra o Washington Senators, um prospecto que provocaria arrepios em um homem que *não* fosse maluco). Uma espada japonesa fora da bainha estava no colo de Butch, um souvenir de guerra que, dizia Butch, ele tinha tirado do corpo de um japa moribundo na ilha de Tarawa (na verdade, ele tinha trocado seis garrafas de Budweiser e três baseados pela espada em Honolulu). Ultimamente, Butch quase sempre pegava a espada quando bebia. E como todos os garotos, inclusive Henry, estavam secretamente convencidos de que mais cedo ou mais tarde ele a usaria em alguém, era melhor ficar longe quando ela aparecia no colo de Butch.

Os garotos tinham acabado de pisar na rua quando Henry viu Mike à frente.

— É o crioulo! — disse ele, com os olhos se iluminando como os de uma criancinha contemplando a chegada iminente de Papai Noel na véspera de Natal.

— O crioulo? — Arroto Huggins pareceu intrigado, pois raramente via a família Hanlon, mas então seus olhos se iluminaram. — Ah, sim! O crioulo! Vamos pegar ele, Henry!

Arroto começou a correr fazendo barulho. Os outros estavam indo atrás quando Henry segurou Arroto e o puxou de volta. Henry tinha mais experiência do que os outros em ir atrás de Mike Hanlon, e sabia que pegá-lo não era tão fácil quanto parecia. Aquele pretinho sabia *escapar*.

— Ele não tá vendo a gente. Vamos andar rápido até ele ver. Diminuir a distância.

Eles fizeram isso. Um observador poderia achar engraçado: os cinco pareciam estar tentando fazer aquela competição peculiar de marcha olímpica. A barriga considerável de Moose Sadler balançava para cima e para baixo dentro da camiseta da Derry High School. Suor escorria pelo rosto de Arroto, que logo ficou vermelho. Mas a distância entre eles e Mike diminuiu, 200 metros, 150 metros, 100, e até o momento o pretinho de piche não tinha olhado para trás. Eles conseguiam ouvi-lo assobiando.

— O que você vai fazer com ele, Henry? — perguntou Victor Criss com voz baixa. Ele parecia apenas interessado, mas na verdade estava preocupado. Ultimamente, Henry tinha começado a preocupá-lo cada vez mais. Ele não ligava de Henry querer dar uma surra no garoto Hanlon, talvez até arrancar a camisa dele ou pendurar a calça e talvez a cueca em uma árvore, mas não tinha certeza se era só isso que Henry tinha em mente. Este ano, aconteceram muitos encontros desagradáveis com as crianças da Escola Derry a quem Henry se referia como "merdinhas". Henry estava acostumado a dominar e aterrorizar os merdinhas, mas desde março foi frustrado por eles repetidas vezes. Henry e os amigos correram atrás de um deles, o garoto quatro olhos Tozier, até dentro da Freese's, e ele escapou de alguma maneira quando parecia certo que eles o tinham pegado. Depois, no último dia de aula, o garoto Hanscom…

Mas Victor não gostava de pensar nisso.

O que o preocupara era simplesmente o seguinte: Henry poderia ir LONGE DEMAIS. O que LONGE DEMAIS poderia ser era algo em que Victor não gostava de pensar… mas seu coração inquieto insistiu na pergunta mesmo assim.

— Vamos pegar ele e levar praquela mina de carvão — disse Henry. — Pensei em colocar umas bombinhas nos sapatos dele pra gente ver se ele dança.

— Mas não as M-80, né?

Se Henry pretendia fazer uma coisa assim, Victor ia dar no pé. Uma M-80 em cada sapato ia explodir os pés do crioulo, e isso era LONGE DEMAIS *mesmo*.

— Só tenho quatro M-80 — disse Henry, sem tirar os olhos das costas de Mike Hanlon. Eles tinham diminuído a distância para 75 metros agora, e ele também estava falando em voz baixa. — Você acha que eu desperdiçaria duas em uma porra de mulatinho?

— Não, Henry. Claro que não.

— Vamos colocar uma bombinha Black Cat em cada sapato — disse Henry —, depois tirar a roupa dele e jogar no Barrens. Pode ser que ele pegue urtiga quando for buscar.

— E vamos fazer ele rolar no carvão — disse Arroto, com os olhos distantes agora brilhando intensamente. — Né, Henry? Não é legal?

— Legal como um pica-pau — disse Henry de uma forma casual da qual Victor não gostou. — Vamos fazer ele rolar no carvão, que nem fiz ele rolar na lama da outra vez. E… — Henry sorriu, mostrando dentes que já estavam começando a apodrecer aos 12 anos. — E tenho uma coisa pra contar pra ele. Acho que ele não ouviu quando contei antes.

— O que é, Henry? — perguntou Peter. Peter Gordon estava apenas um pouco interessado e empolgado. Ele era de uma das "boas famílias" de Derry. Morava na West Broadway, e em dois anos seria enviado para uma escola preparatória em Groton, ou ao menos era o que achava naquele 3 de julho. Era mais inteligente do que Victor Criss, mas não andava com eles tempo o bastante para entender como Henry estava se deteriorando.

— Você vai descobrir — disse Henry. — Agora cala a boca. Estamos chegando perto.

Eles estavam 25 metros atrás de Mike, e Henry estava abrindo a boca para dar a ordem de atacar quando Moose Sadler soltou a primeira bombinha do dia. Moose tinha comido três

pratos de feijão na noite anterior, e o peido foi quase tão alto quanto um tiro de espingarda.

Mike olhou para trás. Henry viu os olhos dele se arregalarem.

— Peguem ele! — gritou Henry.

Mike ficou paralisado por um momento, mas logo disparou para salvar a vida.

6

Os Otários seguiram em meio aos bambus do Barrens nesta ordem: Bill, Richie, Beverly atrás de Richie, magra e linda de calça jeans e blusa branca sem mangas, com chinelos, seguida de Ben, tentando não bufar muito alto (embora estivesse fazendo 27°C naquele dia, ele estava usando um dos moletons frouxos), Stan e Eddie na retaguarda, com a ponta da bombinha aparecendo no bolso da frente da calça.

Bill tinha mergulhado em uma fantasia de "safári na selva", como costumava fazer quando estava andando por essa parte do Barrens. Os bambus eram altos e brancos e limitavam a visibilidade ao caminho que eles tinham criado ali. A terra estava preta e molhada, com pedaços encharcados que eles tinham que evitar ou pular por cima se não queriam lama dentro dos sapatos. As poças de água parada tinham cores estranhas do arco-íris. O ar fedia em parte por causa do lixão e em parte por causa da vegetação apodrecida.

Bill parou a uma curva do Kenduskeag e se virou para Richie.

— T-T-Tigre à frente, T-T-Tozier.

Richie assentiu e se virou para Beverly.

— Tigre — sussurrou ele.

— Tigre — disse ela para Ben.

— Comedor de gente? — perguntou Ben, prendendo a respiração para não ofegar.

— Tem sangue nele todo — disse Beverly.

— Tigre comedor de gente — murmurou Ben para Stan, e ele passou a notícia para Eddie, cujo rosto magro estava tomado de empolgação.

Eles desapareceram em meio aos bambus, deixando o caminho de terra negra no meio dele

magicamente vazio. O tigre passou à frente deles, e todos quase o viram: pesado, com uns 180 quilos, os músculos se movendo com graça e poder por baixo dos pelos listrados e sedosos. Eles quase viram os olhos verdes e as manchas de sangue ao redor do focinho dos últimos guerreiros pigmeus que ele tinha comido vivos.

Os bambus estalaram de leve, um som ao mesmo tempo musical e sinistro, e ficaram parados novamente. Devia ter sido um sopro de brisa do verão… ou talvez a passagem de um tigre africano a caminho do lado do Barrens perto de Old Cape.

— Já foi — disse Bill. Ele soltou ar e voltou para o caminho. Os outros foram atrás.

Richie foi o único a ir armado: ele pegou uma pistola de espoleta com punho coberto de fita adesiva.

— Eu poderia ter mira direta para ele se você tivesse se movido, Big Bill — disse ele com tristeza. Ele empurrou os óculos para cima no nariz com a boca da arma.

— Tem t-t-tutsis por a-aqui — disse Bill. — N-N-Não podemos a-arriscar um tiro. V-Você q-quer que eles venham pra c-cima de nós?

— Ah — disse Richie, convencido.

Bill fez um gesto para eles o seguirem e eles voltaram para o caminho, que se estreitava no final do bambuzal. Eles saíram na margem do Kenduskeag, onde uma série de pedras permitia a travessia do rio. Ben tinha mostrado como colocá-las. Você pegava uma pedra grande e colocava na água, depois colocava uma segunda na água enquanto estava de pé na primeira, depois pegava uma terceira e colocava na água quando estava de pé na segunda, e assim por diante até atravessar o rio todo (que aqui, e nessa época do ano, tinha menos de 30 centímetros de profundidade e vários bancos de areia) com os pés ainda secos. O truque era tão simples que chegava a ser infantil, mas nenhum deles tinha percebido até Ben explicar. Ele era bom em coisas assim, mas quando demonstrava, nunca fazia você se sentir burro.

Eles seguiram morro abaixo em fila e começaram a andar pelas pedras que tinham posicionado.

— Bill! — disse Beverly com urgência na voz.

Ele parou na hora, sem olhar para trás, com os braços esticados. A água corria e chiava ao redor dele.

— O quê?

— Tem piranhas aí! Vi elas comerem uma vaca inteira dois dias atrás. Um minuto depois que ela caiu na água, não tinha mais nada além de ossos. Não caia!

— Certo — disse Bill. — Tome cuidado, pessoal.

Eles seguiram se equilibrando pelas pedras. Um trem de carga passou pelo lado dos trilhos quando Eddie Kaspbrak chegou perto da metade, e o toque repentino da buzina o fez quase perder o equilíbrio. Ele olhou para a água reluzente e, por um momento, entre os raios de sol que dispararam para os seus olhos, ele realmente *viu* as piranhas. Elas não eram parte do faz de conta que acompanhava a fantasia do safári na selva de Bill; ele tinha certeza disso. Os peixes que ele viu pareciam peixes dourados gigantes com os maxilares enormes e horríveis

de peixes-gato ou badejos. Dentes afiados se projetavam por entre os lábios grossos e, como peixes dourados, eles eram laranja. Tão laranja quanto os pompons fofos que às vezes se viam em roupas de palhaço de circo.

Elas se amontoavam na água rasa, batendo os dentes.

Eddie balançou os braços para se equilibrar. *Vou cair*, pensou ele. *Vou cair, e elas vão me comer vivo…*

Mas Stanley Uris segurou o pulso dele com firmeza e o fez recuperar o equilíbrio.

— Foi por pouco — disse Stan. — Se você caísse, sua mãe ia te matar.

Pela primeira vez, a mãe era a coisa mais distante dos pensamentos de Eddie. Os outros tinham chegado ao outro lado e estavam contando vagões no trem de carga. Eddie olhou desesperado para Stan, depois voltou a olhar para a água. Ele viu um saco de batata frita passar flutuando, mas só isso. Voltou a olhar para Stan.

— Stan, eu vi…

— O quê?

Eddie balançou a cabeça.

— Nada, eu acho — disse ele. — Só estou um pouco

(mas elas estavam ali, estavam sim, e iam me comer vivo)

— … assustado. Foi o tigre, eu acho. Vamos em frente.

O lado oeste do Kenduskeag, o lado de Old Cape, era um amontoado de lama durante a época de chuvas e do degelo de primavera, mas não chovia pesado em Derry havia duas semanas ou mais, e a margem tinha secado e rachado, e vários dos cilindros de cimento se projetavam da terra seca, fazendo sombras estranhas. A uns 20 metros, um cano de cimento surgia acima do Kenduskeag e cuspia no rio um jorro fino de água marrom com aparência nojenta.

Ben falou baixinho:

— É apavorante aqui.

Os outros assentiram.

Bill os levou margem acima até a vegetação pesada, onde insetos zumbiam e chiavam. De vez em quando, havia um bater pesado de asas quando um pássaro levantava voo. Uma vez, um esquilo cruzou o caminho deles e, uns cinco minutos depois, quando eles se aproximaram de uma crista baixa na terra, um rato grande com um pedaço de celofane preso nos bigodes passou na frente de Bill, correndo em uma busca secreta em sua selva microcósmica.

O cheiro do lixão estava agora claro e intenso; uma coluna preta de fumaça subia no céu. O chão, apesar de ainda coberto de vegetação pesada exceto pelo caminho estreito por onde eles seguiam, começou a exibir sinais de lixo. Bill chamou isso de “caspa de lixão”, e Richie adorou. Ele riu até quase chorar.

— Você devia anotar, Big Bill — disse ele. — É muito bom.

Papéis presos em galhos balançavam e voavam como bandeiras vagabundas; aqui, havia um brilho prateado de sol de verão refletido em um amontoado de latas no fundo de um buraco

verde e coberto de plantas; ali, o reflexo quente de raios de sol em uma garrafa de cerveja quebrada. Beverly viu uma boneca com o corpo de plástico tão cor-de-rosa que parecia quase fervido. Ela a pegou, depois largou com um gritinho ao ver os besouros cinza-esbranquiçados correndo por baixo da saia mofada pelas pernas podres. Ela esfregou os dedos na calça jeans.

Eles subiram até o alto do morrinho e olharam para o lixão.

— Ah, merda — disse Bill, e enfiou as mãos nos bolsos quando os outros se reuniram ao redor dele.

Estavam queimando o lado norte hoje, mas ali, do lado deles, o zelador do lixão (ele era, na verdade, Armando Fazio, Mandy para os amigos, e o irmão solteiro do zelador da Escola Derry) estava mexendo na escavadeira D-9 da época da Segunda Guerra Mundial que usava para formar montes para queimar. Ele estava sem camisa, e o grande rádio portátil sob o guarda-sol de lona no assento da escavadeira estava transmitindo as festividades pré-jogo de Red Sox contra Senators.

— Não podemos ir pra lá — concordou Ben. Mandy Fazio não era mau sujeito, mas quando via crianças no lixão, ele as espantava imediatamente, por causa dos ratos, por causa do veneno que espalhava constantemente para controlar a população de ratos, porque eles podiam se machucar, cair, se queimar… mas principalmente porque ele acreditava que um lixão não era lugar de criança.

— Vocês não são bonzinhos? — gritava ele para as crianças que via, que tinham sido atraídas para o lixão com armas de espoleta para atirar em garrafas (ou em ratos, ou em gaivotas) ou pela fascinação exótica da "busca no lixão": você podia encontrar um brinquedo ainda funcionando, uma cadeira que podia ser consertada para uma sede de clube ou uma TV velha com o tubo de imagens ainda intacto. Se você jogasse uma pedra em um desses, havia uma explosão muito satisfatória. — Vocês não são crianças *boazinhas*? — gritava Mandy (ele gritava não por estar zangado, mas por ser surdo e usar aparelho auditivo). — Seus pais não ensinaram vocês a serem bonzinhos? Garotos e garotas bonzinhos não brincam no lixão! Vão pro parque! Vão pra biblioteca! Vão pra Casa Comunitária jogar totó! Sejam *bonzinhos*!

— Não — disse Richie. — Parece que o lixão está descartado.

Eles todos se sentaram por alguns momentos para observar Mandy usando a escavadeira, torcendo para ele parar e ir embora, mas sem acreditar que ele faria isso; a presença do rádio sugeria que Mandy pretendia passar a tarde toda ali. Era o suficiente para deixar até a melhor pessoa irritada, pensou Bill. Não havia lugar melhor do que o lixão para ir estourar bombinhas. Dava para colocar as bombinhas debaixo de latas e vê-la voar no ar quando a bombinha explodia, ou dava para acender o pavio e jogar dentro de garrafas, e sair correndo como louco. As garrafas nem sempre quebravam, mas era o que costumava acontecer.

— Queria ter umas M-80 — suspirou Richie, sem saber que em pouco tempo uma seria jogada na cabeça dele.

— Minha mãe diz que as pessoas devem ficar felizes com o que têm — disse Eddie tão seriamente que todos riram.

Quando as gargalhadas sumiram, todos olharam para Bill de novo.

Bill pensou e disse:

— C-Conheço um l-lugar. Tem uma c-c-cascalheira velha no final do B-Barrens, perto do p-p-pátio de trens…

— É! — disse Stan, ficando de pé. — Conheço esse lugar! Você é um gênio, Bill!

— As bombinhas vão fazer muito eco lá — concordou Beverly.

— Bem, então vamos — disse Richie.

Os seis, com um a menos do que o número mágico, andaram pelo alto do morro que cercava o lixão. Mandy Fazio ergueu o olhar uma vez e os viu contra o céu azul como índios em um grupo de busca. Ele pensou em gritar, pois o Barrens não era lugar para criança, mas voltou para o trabalho. Pelo menos, eles não estavam em seu lixão.

7

Mike Hanlon passou correndo pela escola batista sem fazer pausa e seguiu direto pela rua Neibolt na direção do pátio de trens de Derry. Havia um zelador na NCS, mas o sr. Gendron era muito velho e ainda mais surdo do que Mandy Fazio. Além do mais, ele gostava de passar a maior parte dos dias de verão dormindo no porão ao lado do boiler desligado, esticado em uma espreguiçadeira velha com o *Derry News* no colo. Mike ainda estaria batendo na porta e gritando para que o velho o deixasse entrar quando Henry Bowers chegasse por trás e arrancasse a cabeça dele.

Então, Mike correu.

Mas não cegamente. Ele estava tentando se acalmar, tentando controlar a respiração, sem dar tudo de si ainda. Henry, Arroto e Moose Sadler não eram problema; mesmo descansados, eles corriam como búfalos feridos. Mas Victor Criss e Peter Gordon eram bem mais rápidos. Quando Mike passou pela casa em que Bill e Richie tinham visto o palhaço (ou o lobisomem), ele lançou um olhar para trás e ficou alarmado ao ver que Peter Gordon estava bem perto. Peter estava sorrindo com alegria, um sorriso de corrida de obstáculos, um sorriso de jogo de polo, um sorriso de bom show, e Mike pensou: *Eu queria saber se ele sorriria assim se soubesse o que vai acontecer se me pegarem… Será que ele acha que só vão dizer "Peguei, tá com você" e sair correndo?*

Conforme o portão do pátio de trens com a placa PROPRIEDADE PRIVADA NÃO ENTRE INVASORES SERÃO PROCESSADOS se aproximou, Mike foi obrigado a ir até seu limite. Não sentiu dor, pois sua respiração estava rápida mas controlada, porém ele sabia que tudo ia começar a doer se ele tivesse que manter esse ritmo por muito tempo.

O portão estava entreaberto. Ele lançou um segundo olhar para trás e viu que tinha se afastado de Peter de novo. Victor estava a talvez dez passos de Peter, e os outros a uns 40 ou 50 metros. Mesmo com aquele olhar rápido, Mike conseguiu ver a raiva negra no rosto de Henry.

Ele deslizou pela abertura, se virou e fechou o portão. Ouviu um clique do trinco. Um

momento depois, Peter Gordon se chocou com a cerca, e um momento depois disso, Victor Criss apareceu ao lado dele. O sorriso de Peter tinha sumido. Um olhar ressentido e traído surgiu no lugar. Ele esticou a mão para pegar o trinco, mas não havia trinco: ele ficava por dentro.

Incrivelmente, ele disse:

— Anda, garoto, abre o portão. Não é justo.

— Qual é sua ideia de justo? — perguntou Mike, ofegante. — Cinco contra um?

— Seja justo — repetiu Peter, como se não tivesse ouvido Mike falar.

Mike olhou para Victor, viu a expressão perturbada no rosto dele. Ele começou a falar, mas foi nessa hora que os outros chegaram ao portão.

— Abre, crioulo! — gritou Henry. Ele começou a sacudir a cerca de arame com tanta ferocidade que Peter olhou para ele assustado. — Abre! Abre *agora*!

— Não vou abrir — disse Mike baixinho.

— Abre! — gritou Arroto. — Abre, seu neguinho de merda!

Mike recuou do portão com o coração disparado no peito. Ele não conseguia se lembrar de outra ocasião em que sentiu tanto medo, tanta *chateação*. Eles se alinharam em frente ao portão, gritando com ele, xingando-o de nomes para negro que ele nem sabia que existiam: caça-noturno, Ubangui, espada, amora, chimpanzé e outros. Ele nem percebeu direito que Henry estava tirando alguma coisa do bolso, que tinha acendido um fósforo com a unha, e então uma coisa redonda e vermelha voou sobre a cerca, e ele se encolheu instintivamente quando o cabeção explodiu à esquerda dele, fazendo subir poeira.

O estrondo os silenciou por um momento. Mike ficou olhando sem acreditar pela cerca, e eles olharam em resposta. Peter Gordon parecia chocado, e até Arroto parecia perplexo.

Agora estão com medo dele, pensou Mike de repente, e uma nova voz falou dentro dele, talvez pela primeira vez, uma voz que era perturbadoramente adulta. *Eles estão com medo, mas isso não vai fazer com que parem. Você tem que fugir, Mikey, senão alguma coisa vai acontecer. Nem todos eles vão querer que aconteça, talvez. Victor, não, e talvez não Peter Gordon. Mas vai acontecer mesmo assim, porque Henry vai fazer acontecer. Então, vá embora. Vá logo pra longe.*

Ele recuou mais dois ou três passos, e então Henry Bowers disse:

— Fui eu que matei seu cachorro, crioulo.

Mike ficou paralisado, sentindo como se tivesse levado um golpe de bola de boliche na barriga. Ele olhou nos olhos de Henry Bowers e entendeu que ele estava contando a verdade simples: ele tinha matado Mr. Chips.

Aquele momento de compreensão pareceu quase eterno para Mike. Ao olhar para os olhos loucos e envoltos em suor e para o rosto escuro de ódio, ele teve a impressão de que entendeu muitas coisas pela primeira vez, e o fato de que Henry era muito mais maluco do que Mike sonhava era apenas uma delas. Ele percebeu acima de tudo que o mundo não era gentil, e foi isso mais do que a novidade em si que despertou o grito nele:

— Seu caipira filho da mãe de *merda*!

Henry deu um grito de raiva e atacou a cerca, subindo até o alto com uma força bruta apavorante. Mike fez uma pausa momentânea, esperando para ver se a voz adulta que falou dentro dele era real, e sim, era real: depois de uma pequena hesitação, os outros também começaram a escalar.

Mike se virou e saiu correndo pelo pátio de trens, com a sombra atrás. O trem de carga que os Otários tinham visto atravessando o Barrens já tinha ido embora, e não havia nenhum som além da respiração de Mike e o estalar musical da cerca conforme Henry e os outros subiam.

Mike correu por cima de três trilhos, com os tênis levantando cinzas quando passou. Ele tropeçou no segundo trilho e sentiu uma dor vibrar no tornozelo. Mas levantou-se e continuou a correr. Ouviu um baque quando Henry pulou do alto da cerca atrás.

— *Estou indo te pegar, crioulo!* — gritou Henry.

O lado racional de Mike concluiu que o Barrens era sua única chance agora. Se ele conseguisse descer até lá, poderia se esconder na vegetação, em meio aos bambus… ou, se as coisas ficassem realmente desesperadas, ele poderia entrar em um daqueles canos e esperar.

Ele talvez pudesse fazer essas coisas… mas havia uma fagulha quente de fúria no peito dele que não tinha nada a ver com seu lado racional. Ele conseguia entender Henry correndo atrás dele quando tinha oportunidade, mas Mr. Chips? Matar Mr. Chips? *Meu CACHORRO não era crioulo, seu merda*, pensou Mike enquanto corria, e a raiva perplexa cresceu.

Agora, ele ouviu outra voz, a do pai. *Não quero que você chegue ao ponto de viver para fugir dele… e, no fim das contas, você vai ter que tomar cuidado com a posição que assume. Vai ter que se perguntar se Henry Bowers vale o trabalho…*

Mike estava correndo em linha reta pelo pátio de trens, em direção às cabanas de depósito. Atrás delas, havia outra cerca de arame que separava o pátio de trens do Barrens. Ele estava planejando subir aquela cerca e pular para o outro lado. Mas acabou fazendo uma curva para a direita, para a cascalheira.

A cascalheira tinha sido usada como mina de carvão até 1935, mais ou menos, e como posto de abastecimento para os trens que passavam pelo pátio de Derry. Mas depois vieram os trens a diesel, e depois os elétricos. Por vários anos após o fim do carvão (os restos tendo sido roubados por pessoas com fornalhas a carvão), um empreiteiro local tirou cascalho dali, mas faliu em 1955 e, desde então, o local ficou deserto. Um ramal de trem ainda subia até a cascalheira e voltava para o pátio, mas os trilhos estavam enferrujados e havia mato crescendo ali. O mesmo mato crescia na própria cascalheira, brigando por espaço com solidagos e girassóis. Em meio à vegetação, havia muita escória de carvão, o que as pessoas costumavam chamar no passado de "escumalho".

Quando Mike estava correndo na direção daquele lugar, ele tirou a camisa. Chegou à extremidade da cascalheira e olhou para trás. Henry estava atravessando os trilhos, com os amigos ao redor. Estava tudo bem, talvez.

Movendo-se o mais rápido que conseguia, usando a camisa como trouxa, Mike pegou

alguns punhados de escumalhos duros. Depois, correu na direção da cerca, balançando a camisa pelos braços. Em vez de subir a cerca quando chegou nela, ele se virou de forma a ficar de costas para ela. Derrubou o carvão da camisa, se abaixou e pegou dois pedaços.

Henry não viu o carvão; ele só via que o negro estava encurralado na cerca. Ele saiu correndo e gritando:

— *Isso é pelo meu cachorro, seu filho da mãe!* — gritou Mike, sem perceber que tinha começado a chorar. Ele jogou um dos pedaços de carvão, que voou em linha reta. Atingiu a testa de Henry com um estalo alto e ricocheteou no ar. Henry caiu de joelhos. Colocou a mão na cabeça. Sangue escorreu imediatamente pelos dedos dele, como a surpresa de um mágico.

Os outros pararam de repente, com os rostos exibindo expressões idênticas de descrença. Henry deu um grito alto de dor e ficou de pé, ainda com a mão na cabeça. Mike jogou outro pedaço de carvão. Henry se abaixou. Ele começou a andar na direção de Mike, e quando Mike jogou um terceiro pedaço de carvão, Henry tirou uma das mãos da testa cortada e empurrou o carvão casualmente para o lado. Ele estava sorrindo.

— Ah, você vai ter uma baita surpresa — disse ele. — Uma baita… *AH MEU DEUS!* — Henry tentou dizer mais, mas só sons inarticulados saíram de sua boca.

Mike tinha jogado outro pedaço de carvão, que atingiu Henry bem no pescoço. Henry caiu de joelhos de novo. Peter Gordon abriu a boca. A testa de Moose Sadler estava franzida, como se ele estivesse tentando entender um problema difícil de matemática.

— *O que vocês estão esperando?* — Henry conseguiu dizer. Sangue escorria entre seus dedos. A voz dele soou enferrujada e distante. — Peguem ele! Peguem o mariquinhas!

Mike não esperou para ver se eles iam obedecer ou não. Ele largou a camisa e pulou na cerca. Começou a se erguer até o alto, mas sentiu mãos ásperas segurarem seu pé. Olhou para baixo e viu o rosto contorcido de Henry Bowers, manchado de sangue e carvão. Mike puxou o pé. O tênis saiu na mão de Henry. Ele empurrou o pé descalço no rosto de Henry e ouviu alguma coisa estalar. Henry gritou de novo e cambaleou para trás, agora segurando o nariz que sangrava.

Outra mão, de Arroto Huggins, tocou brevemente na barra da calça jeans de Mike, mas ele conseguiu se soltar. Ele passou uma das pernas pelo alto da cerca, mas então alguma coisa atingiu a lateral de seu rosto com muita força. Uma coisa quente escorreu pela bochecha dele. Outra coisa atingiu seu quadril, seu antebraço, sua coxa. Eles estavam jogando a própria munição dele nele.

Ele ficou pendurado pelas mãos, se soltou e rolou duas vezes. O chão áspero era inclinado ali, e talvez isso tenha salvado a visão de Mike ou até sua vida; Henry tinha se aproximado da cerca de novo e agora jogou uma das quatro bombas M-80 por cima da cerca. Ela estourou com um som intenso que ecoou e destruiu um pedaço de gramado.

Mike, com os ouvidos zumbindo, deu uma cambalhota e ficou de pé. Agora ele estava em mato alto, na beirada do Barrens. Ele passou a mão pela bochecha direita, e ela ficou manchada de sangue. O sangue não o preocupava muito; ele não esperava sair daquilo ileso.

Henry jogou uma cabeça de nego, mas Mike viu e se afastou facilmente.

— Vamos pegar ele! — gritou Henry, e começou a subir a cerca.

— Nossa, Henry, não sei… — Aquilo já tinha ido longe demais para Peter Gordon, que nunca tinha visto uma situação sair de controle tão repentinamente. As coisas não deviam descambar para o sangue, ao menos não para o seu grupo, quando você tinha a maioria claramente a seu favor.

— É *melhor* você saber — disse Henry, olhando para Peter depois de escalar metade da cerca. Ele ficou pendurado ali como uma aranha inchada e venenosa com forma humana. Seus olhos malignos estavam voltados para Peter, com sangue em torno dos dois. O chute de Mike tinha quebrado o nariz dele, embora Henry não fosse saber disso por um tempo. — É *melhor* você saber, senão vou atrás de *você*, seu palhaço de merda.

Os outros começaram a subir a cerca, Peter e Victor com certa relutância, Arroto e Moose tão ansiosos e vagos quanto antes.

Mike não esperou para ver mais. Ele se virou e correu para a vegetação. Henry gritou:

— *Vou te encontrar, crioulo! Vou te encontrar!*

8

Os Otários tinham chegado à extremidade da cascalheira, que agora era pouco mais do que uma grande mancha cheia de mato na terra, três anos depois que o último carregamento de cascalho foi retirado. Eles estavam reunidos ao redor de Stan, olhando com admiração para a caixinha de Black Cats, quando a primeira explosão soou. Eddie deu um pulo, pois ainda estava assustado pelas piranhas que pensou ter visto (ele não sabia direito como era uma piranha de verdade, mas tinha certeza de que não parecia um peixe dourado gigante com dentes).

— Calma aí, Eddie-san — disse Richie, fazendo a Voz de Operário Chinês. — É só outlos galotos acendendo bombinhas.

— Essa é p-pior que j-jiló, Ri-Ri-Richie — comentou Bill. Os outros riram.

— Estou tentando, Big Bill — disse Richie. — Sinto que, se ficar bom o bastante, um dia vou conquistar seu amor. — Ele fez gestos de beijos no ar. Bill mostrou o dedo do meio para ele. Ben e Eddie estavam lado a lado, sorrindo.

— Ah, sou tão jovem e você é tão velha — cantou Stan Uris de repente, fazendo uma imitação assustadoramente precisa de Paul Anka —, foi o que me disseram, querida…

— Ele sabi *cantá!* — gritou Richie com a voz de Garoto Negro. — Minha nossa, esse minino sabi *cantá!* — E então, a Voz do Narrador de Cinejornal: — Quero que você assine aqui, garoto, na linha pontilhada. — Richie passou um braço pelos ombros de Stan e deu um sorriso imenso. — Vamos deixar seu cabelo crescer, garoto. Vamos comprar uma *gui*-tarra. Vamos…

Bill deu dois tapas no braço de Richie, rápidos e leves. Estavam todos empolgados com a ideia de acender bombinhas.

— Abre aí, Stan — disse Beverly. — Eu trouxe fósforos.

Eles se reuniram de novo quando Stan abriu cuidadosamente a caixa de bombinhas. Havia exóticas letras chinesas no rótulo preto e um aviso sério em inglês que fez Richie rir de novo. "Não fique segurando depois que acender o pavio", dizia o aviso.

— Que bom que avisaram — disse Richie. — Eu sempre segurava depois de acender. Pensei que fosse assim que a gente arrancava as peles das unhas.

Trabalhando lentamente, quase com reverência, Stan tirou o celofane vermelho e colocou os tubos de papelão azuis, vermelhos e verdes na palma da mão. Os pavios estavam unidos e enrolados.

— Vou desenrolar os… — Stan começou a dizer, mas houve uma explosão bem mais alta. O eco se espalhou lentamente pelo Barrens. Uma revoada de gaivotas subiu do lado leste do lixão, berrando e gritando. Todos pularam nessa hora. Stan largou as bombinhas e precisou recolhê-las.

— Isso foi dinamite? — perguntou Beverly com nervosismo. Ela estava olhando para Bill, com a cabeça erguida e os olhos arregalados. Ela achou que nunca o tinha visto tão bonito, mas havia alguma coisa alerta demais, tensa demais na posição da cabeça dele. Ele parecia um cervo sentindo cheiro de fogo no ar.

— Acho que foi uma M-80 — disse Ben baixinho. — No Quatro de Julho passado, eu estava no parque e havia um bando de garotos do ensino médio com algumas. Eles colocaram uma em uma lata de lixo de metal. Fez um barulho assim.

— Não fez um buraco na lata, Monte de Feno? — perguntou Richie.

— Não, mas ela ficou deformada de um lado. Parecia que havia um carinha dentro empurrando. Eles saíram correndo.

— A grande foi mais perto — disse Eddie. Ele também olhou para Bill.

— Vocês querem acender essas bombinhas ou não? — perguntou Stan. Ele tinha soltado umas dez bombinhas e colocado o resto com cuidado dentro do papel encerado para mais tarde.

— Claro — disse Richie.

— G-G-Guarda e-elas.

Eles olharam para Bill sem entender, com um pouco de medo. Foi o tom abrupto dele mais do que as palavras.

— G-G-Guarda e-e-elas — repetiu Bill, com o rosto contorcido pelo esforço que ele estava fazendo para falar as palavras. Voou saliva dos lábios dele. — A-Alguma c-coisa vai a-a-acontecer.

Eddie lambeu os lábios, Richie empurrou os óculos com o polegar no nariz suado, e Ben chegou mais perto de Beverly sem nem pensar no que estava fazendo.

Stan abriu a boca para dizer alguma coisa, mas houve outra explosão, só que menor. Outra cabeça de nego.

— P-Pedras — disse Bill.

— O quê, Bill? — perguntou Stan.

— P-P-*Pedras. Munição.*

Bill começou a catar pedras e enfiar nos bolsos até ficarem cheios. Os outros olharam para ele como se ele tivesse ficado louco… mas então Eddie sentiu o suor na testa. De repente, soube como era um ataque de malária. Ele sentiu uma coisa assim no dia em que ele e Bill conheceram Ben (só que Eddie, como os outros, já estava começando a pensar em Ben como Monte de Feno), o dia em que Henry Bowers fez seu nariz sangrar. Mas aquilo parecia pior. A sensação era de que Hiroshima aconteceria no Barrens.

Ben começou a pegar pedras, depois Richie, movendo-se rapidamente, sem falar agora. Os óculos dele escorregaram e caíram no chão de cascalho. Ele os dobrou sem prestar atenção e enfiou dentro da camisa.

— Por que você fez isso, Richie? — perguntou Beverly. A voz dela estava fina e tensa demais.

— Não sei, garota — disse Richie, e continuou a pegar pedras.

— Beverly, talvez seja melhor você, hã, voltar pro lixão por um tempo — disse Ben. Suas mãos estavam cheias de pedras.

— Nada dessa *merda* — disse ela. — Nada dessa *merda* aí, Ben Hanscom. — Ela se inclinou e começou a catar pedras também.

Stan olhou para eles de forma pensativa enquanto eles catavam pedras como fazendeiros loucos. E então, começou a pegar pedras também, com os lábios apertados em uma linha fina e tensa.

Eddie sentiu um aperto familiar quando a garganta começou a se fechar.

Não desta vez, meleca, pensou ele de repente. *Não se meus amigos precisam de mim. Como Bev disse, nada dessa merda.*

Ele também começou a pegar pedras.

9

Henry Bowers tinha ficado grande demais em muito pouco tempo para ser rápido ou ágil em circunstâncias comuns, mas essas circunstâncias não eram comuns. Ele estava em um frenesi de dor e ira, e isso dava a ele uma genialidade física efêmera não calculada. O pensamento consciente tinha sumido; sua mente parecia um gramado queimado em fim de verão quando a noite se aproxima, todo rosa-avermelhado e cinzento. Ele disparou atrás de Mike Hanlon como um touro atrás de uma bandeira vermelha. Mike estava seguindo um caminho rudimentar na lateral da grande mina, um caminho que acabaria levando ao lixão, mas Henry estava fora de si demais para pensar em coisas como caminhos; ele correu pela vegetação e pelos arbustos em linha reta, não sentindo nem os pequenos cortes causados pelos espinhos nem os golpes de galhos no rosto e braços. A única coisa que importava era a cabeça do crioulo cheia de cabelo ruim chegando mais perto. Henry estava com uma das M-80 na mão direita e um fósforo na esquerda. Quando ele pegasse o crioulo, ia acender o fósforo, acender o

pavio e enfiar aquela bomba dentro da calça dele.

Mike sabia que Henry estava chegando perto e que os outros vinham logo atrás. Ele tentou se forçar a ir mais rápido. Estava com muito medo agora, evitando o pânico apenas por uma grande força de vontade. Ele tinha virado o tornozelo com mais força do que pensara quando atravessava os trilhos, e agora estava mancando enquanto corria. Os estalos e estrondos do progresso de Henry atrás dele despertavam imagens desagradáveis de ser perseguido por um cachorro assassino ou um urso perigoso.

O caminho se abria mais à frente, e Mike caiu mais do que correu para a cascalheira. Ele rolou até o fundo, ficou de pé, e estava na metade do caminho quando percebeu que havia crianças ali, seis crianças. Estavam em linha reta e havia uma expressão engraçada nos rostos delas. Só mais tarde, quando teve oportunidade de refletir sobre seus pensamentos, ele percebeu o que havia de estranho naquelas expressões: era como se elas o estivessem esperando.

— Socorro — Mike conseguiu dizer enquanto mancava para perto deles. Ele falou instintivamente com o garoto alto de cabelo ruivo. — Garotos… garotos grandes…

Foi quando Henry surgiu na cascalheira. Ele viu os seis e parou de repente. Por um momento, seu rosto foi tomado por incerteza, e ele olhou para trás, por cima do ombro. Ele viu sua tropa, e quando Henry voltou a olhar para os Otários (Mike agora estava ao lado e um pouco para trás de Bill Denbrough, ofegando rapidamente), estava sorrindo.

— Conheço você, garoto — disse ele, falando com Bill. Ele olhou para Richie. — Conheço você também. Onde estão seus óculos, quatro-olhos? — E antes que Richie pudesse responder, Henry viu Ben. — Ah, filho da puta! O judeu e o gordo também estão aqui! É sua namorada, gordo?

Ben deu um pulinho, como se tivesse sido cutucado.

Naquele momento, Peter Gordon chegou ao lado de Henry. Victor ficou do outro lado de Henry; Arroto e Moose Sadler chegaram por último. Eles se posicionaram ao lado de Peter e Victor, e agora os dois grupos inimigos estavam encarando um ao outro em filas organizadas e quase formais.

Ofegando pesadamente enquanto falava e ainda soando muito como um touro humano, Henry disse:

— Tenho pendências com muitos de vocês, mas posso deixar isso de lado hoje. Quero o crioulo. Então podem sumir, seus merdinhas.

— Certo! — disse Arroto rapidamente.

— Ele matou meu cachorro! — gritou Mike, com voz aguda e falha. — Ele falou!

— Vem aqui agora — disse Henry — e pode ser que eu não te mate.

Mike tremeu, mas não se mexeu.

Falando baixo e claramente, Bill disse:

— O B-Barrens é nosso. Saiam v-vocês d-daqui.

Henry arregalou os olhos. Era como se ele tivesse levado um tapa inesperado.

— Quem vai me obrigar? — perguntou ele. — Você, perna de pau?

— N-N-*Nós* — disse Bill. — N-Não vamos mais aguentar suas merdas, B-B-Bowers. S-Sai daqui.

— Sua *aberração* gaga — disse Henry. Ele baixou a cabeça e atacou.

Bill estava com um punhado de pedras na mão. Todos estavam, exceto Mike e Beverly, que segurava só uma. Bill começou a jogar em Henry, sem apressar os lançamentos, mas jogando com força e com boa precisão. A primeira pedra passou direto; a segunda acertou Henry no ombro. Se ele tivesse errado a terceira, Henry poderia ter se aproximado de Bill e lutado com ele no chão, mas ele não errou. Acertou a cabeça abaixada de Henry.

Henry gritou de dor e surpresa, ergueu o olhar… e foi acertado mais quatro vezes: uma mensagem de amor de Richie Tozier no peito, uma de Eddie que ricocheteou na omoplata, uma de Stan Uris que acertou na canela e a única pedra de Beverly, que o acertou na barriga.

Ele olhou para eles sem acreditar, e de repente o ar ficou lotado de mísseis sibilantes. Henry hesitou, com aquela mesma expressão perplexa e de sofrimento no rosto.

— *Venham, caras!* — gritou ele. — *Me ajudem!*

— A-A-Ataquem eles — disse Bill em voz baixa, e sem querer ver se eles iam fazer isso ou não, saiu correndo.

Os outros foram junto, jogando pedras não só em Henry, mas em todos os outros. Os garotos grandes estavam tateando no chão em busca de munição, mas antes de conseguirem reunir o suficiente, iam sendo massacrados. Peter Gordon gritou quando uma pedra jogada por Ben quicou em sua bochecha e fez sangrar. Ele recuou alguns passos, fez uma pausa e jogou uma pedra hesitante ou duas… e fugiu correndo. Ele não aguentava mais; as coisas não eram feitas assim na West Broadway.

Henry pegou um punhado de pedras em um gesto selvagem. Felizmente para os Otários, a maior parte delas era de pedrinhas. Ele jogou uma das maiores em Beverly e fez um corte no braço dela. Ela gritou.

Gritando, Ben partiu para cima de Henry Bowers, que olhou ao redor a tempo de vê-lo se aproximando, mas não a tempo de desviar. Henry estava desequilibrado; Ben tinha 60 quilos, a caminho de 70. O resultado foi indiscutível. Henry não caiu, mas voou. Caiu de costas e deslizou. Ben correu na direção dele de novo e só ficou vagamente ciente de uma dor quente e crescente na orelha quando Arroto Huggins o acertou com uma pedra do tamanho de uma bola de golfe.

Henry estava grogue, ficando de joelhos, quando Ben chegou nele e deu um chute com força, acertando solidamente o pé calçado de tênis no quadril esquerdo de Henry. Henry rolou de costas. Seus olhos dispararam fogo para Ben.

— Você não pode jogar pedras em garotas! — gritou Ben. Ele não conseguia se lembrar de se sentir tão furioso na vida. — Não pode!

E então, ele viu uma chama na mão de Henry quando ele acendeu o fósforo de madeira. Ele o encostou no pavio da M-80, que jogou no rosto de Ben. Agindo sem pensar, Ben bateu na bomba com a palma da mão, empurrando-a como se faria com uma raquete em uma peteca de badminton. A M-80 caiu. Henry a viu se aproximando. Seus olhos se arregalaram e ele rolou para longe, gritando. A bomba explodiu uma fração de segundo depois, deixando a parte de trás da camisa de Henry preta e arrancando um pedaço do tecido.

Um momento depois, Ben levou um golpe de Moose Sadler e caiu de joelhos. Seus dentes bateram por cima da língua e saiu sangue. Ele olhou ao redor, confuso. Moose estava indo na direção dele, mas antes de conseguir chegar ao local onde Ben estava ajoelhado, Bill chegou por trás e começou a jogar pedras no garoto. Moose se virou, gritando.

— Você me acertou por trás, covarde! — gritou Moose — Seu merda desonesto!

Ele se preparou para atacar, mas Richie se juntou a Bill e também começou a jogar pedras em Moose. Richie não se deixou impressionar pela retórica de Moose sobre a questão do que poderia ou não constituir comportamento covarde; ele tinha visto os cinco correndo atrás de um garoto assustado e achava que isso não os colocava no mesmo nível que o Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda. Um dos mísseis de Richie abriu a pele acima da sobrancelha esquerda de Moose. Moose berrou.

Eddie e Stan Uris foram se juntar a Bill e Richie. Beverly foi junto, com o braço sangrando, mas os olhos loucamente alertas. Arroto Huggins gritou quando um deles acertou o osso do cotovelo dele. Ele começou a dançar de um jeito estranho, esfregando o cotovelo. Henry ficou de pé, com a parte de trás da camisa em frangalhos, a pele embaixo quase milagrosamente sem marcas. Antes que ele pudesse se virar, Ben Hanscom jogou uma pedra na nuca dele e o fez cair de joelhos de novo.

Foi Victor Criss quem causou o maior dano aos Otários naquele dia, em parte porque era um bom lançador de beisebol, mas mais (paradoxalmente) por ser o menos emocionalmente envolvido. Ele não queria estar ali. As pessoas podiam se machucar muito em brigas com pedras; um garoto podia abrir o crânio, ficar com a boca cheia de dentes quebrados, podia até perder um olho. Mas, como ele estava envolvido, resolveu participar. Pretendia causar danos.

Aquela frieza permitiu a ele demorar 30 segundos a mais e pegar um punhado de pedras de bom tamanho. Ele jogou uma em Eddie quando os Otários rearrumavam a fila de combate irregular e acertou no queixo. Ele caiu gritando, com sangue já começando a jorrar. Ben se virou para ele, mas Eddie já estava se levantando, com o sangue grotescamente forte na pele pálida, os olhos apertados.

Victor jogou uma pedra em Richie, que bateu no peito dele. Richie jogou de volta, mas Vic desviou facilmente e jogou uma em Bill Denbrough. Bill virou a cabeça, mas não rápido o bastante; a pedra provocou um corte na bochecha.

Bill se virou para Victor. Eles trocaram olhares, e Victor viu uma coisa no olhar do garoto

gago que o deixou apavorado. Absurdamente, as palavras *Retiro o que fiz!* tremeram atrás de seus lábios… mas esse não era o tipo de coisa que se diz para um garotinho. Não, se você não queria que seus amigos começassem a arrasar com você.

Bill começou a andar na direção de Victor, e Victor começou a andar na direção de Bill. No mesmo momento, como se por sinal telepático, eles passaram a jogar pedras um no outro, ainda encurtando a distância. A luta diminuiu ao redor deles quando os outros se viraram para olhar. Até Henry virou a cabeça.

Victor desviou e se abaixou, mas Bill não fez nenhum esforço assim. As pedras de Victor bateram no peito dele, no ombro, na barriga. Uma arranhou a orelha. Aparentemente impassível a tudo isso, Bill jogou uma pedra atrás da outra com força assassina. A terceira bateu no joelho de Victor com um som de estalo, e Victor deu um gemido sufocado. Ele estava sem munição. Bill tinha uma pedra. Era lisa e branca, salpicada de quartzo, do tamanho aproximado de um ovo de pato. Victor Criss achou que parecia muito dura.

Bill estava a menos de um metro e meio dele.

— S-S-Sai d-d-daqui a-a-agora — disse ele — senão v-vou a-a-abrir sua c-c-cabeça. Estou f-falando s-sério.

Ao olhar nos olhos dele, Victor viu que estava mesmo. Sem dizer mais nada, ele se virou e foi embora pelo mesmo caminho que Peter Gordon.

Arroto e Moose Sadler estavam olhando ao redor com insegurança. Sangue escorria do canto da boca do garoto Sadler, e sangue de um ferimento na cabeça escorria pela lateral do rosto de Arroto.

A boca de Henry se mexeu, mas nenhum som saiu.

Bill se virou para Henry.

— S-S-Sai — disse ele.

— E se eu não sair? — Henry estava tentando falar com coragem, mas Bill conseguia ver agora uma coisa diferente nos olhos de Henry. Ele estava com medo e iria embora. Isso devia ter feito Bill se sentir bem, até triunfante, mas ele só se sentia cansado.

— S-Se você n-não for — disse Bill —, v-v-vamos p-partir pra c-cima de v-você. Acho que n-nós s-seis conseguimos m-mandar você pro ho-hospital.

— Sete — disse Mike Hanlon, e juntou-se a eles. Ele estava com uma pedra do tamanho de uma bola de softball em cada mão. — Pode pagar pra ver, Bowers. Eu ia adorar.

— *Seu crioulo de MERDA!* — A voz de Henry falhou e tremeu, à beira das lágrimas. Aquela voz tirou o que ainda havia de vontade de lutar em Arroto e Moose; eles recuaram, e as pedras que ainda tinham em mãos caíram quando as mãos relaxaram. Arroto olhou ao redor, como se questionando onde exatamente podia estar.

— Sai desse lugar — disse Beverly.

— Cala a boca, sua piranha — disse Henry. — Sua…

Quatro pedras voaram ao mesmo tempo, atingindo Henry em quatro lugares diferentes. Ele gritou e cambaleou para trás no chão coberto de mato, com os farrapos da camisa voando ao

redor do corpo. Ele olhou dos rostos sérios, velhos-jovens dos garotos menores para os rostos desesperados de Arroto e Moose. Não havia ajuda aqui; ajuda nenhuma. Moose se virou, constrangido.

Henry ficou de pé, soluçando e fungando com o nariz quebrado.

— Vou matar todos vocês — disse ele, e saiu correndo de repente. Um momento depois, ele tinha sumido.

— V-V-Vai — disse Bill, falando com Arroto. — S-Sai daqui. E n-não v-v-volte mais a-aqui. O B-B-Barrens é n-n-nosso.

— Você vai desejar não ter contrariado Henry, garoto — disse Arroto. — Vem, Moose.

Eles começaram a se afastar, de cabeças abaixadas, sem olhar para trás.

Os sete fizeram um semicírculo irregular, todos sangrando em alguma parte do corpo. A apocalíptica guerra de pedras durou menos de quatro minutos, mas Bill sentia como se tivesse lutado durante toda a Segunda Guerra Mundial, nos dois locais, sem nem um intervalo.

O silêncio foi rompido por Eddie Kaspbrak ofegando e sussurrando na luta para respirar. Ben foi na direção dele, sentiu os três Twinkies e os quatro Ding-Dongs que tinha comido a caminho do Barrens começarem a lutar e se revirar em seu estômago, e passou correndo por Eddie até os arbustos, onde vomitou da forma mais particular e silenciosa que conseguiu.

Richie e Bev é que foram até Eddie. Beverly passou um braço ao redor da cintura do garoto magro enquanto Richie pegava a bombinha no bolso.

— Morde aqui, Eddie — disse ele, e Eddie respirou com dificuldade quando Richie apertou.

— Obrigado — Eddie conseguiu dizer.

Ben saiu dos arbustos corando e limpando a boca com a mão. Beverly foi até ele e segurou suas duas mãos.

— Obrigada por me defender — disse ela.

Ben assentiu, olhando para os tênis sujos.

— Disponha, garota — disse ele.

Um a um, eles se viraram para olhar para Mike, Mike e sua pele escura. Eles olharam com atenção, com cautela, pensativos. Mike já tinha sentido curiosidade assim antes (não houve época de sua vida em que não tenha sentido) e retribuiu o olhar com franqueza.

Bill olhou de Mike para Richie. Richie olhou nos olhos dele. E Bill pareceu quase ouvir um clique, uma parte final se encaixando perfeitamente a uma máquina de objetivo desconhecido. Ele sentiu lascas de gelo se espalharem por suas costas. *Estamos todos juntos agora*, pensou ele, e a ideia foi tão forte, tão certa, que por um momento ele achou que tinha falado em voz alta. Mas é claro que não havia necessidade de falar em voz alta; ele conseguia ver nos olhos de Richie, de Ben, de Eddie, de Beverly, de Stan.

Estamos todos juntos agora, pensou ele de novo. *Ah, Deus nos ajude. Agora vai começar de verdade. Por favor, Deus, nos ajude.*

— Qual é seu nome, garoto? — perguntou Beverly.

— Mike Hanlon.

— Quer acender umas bombinhas? — perguntou Stan, e o sorriso de Mike foi resposta suficiente.

Capítulo 14

O álbum

1

No fim das contas, Bill não é o único; todos levam álcool.

Bill leva uísque, Beverly leva vodca e uma caixa de suco de laranja. Richie leva seis latinhas de cerveja, Ben Hanscom uma garrafa de Wild Turkey. Mike tem seis latinhas de cerveja na geladeira da sala dos funcionários.

Eddie Kaspbrak chega por último segurando um pequeno saco de papel pardo.

— O que você trouxe aí, Eddie? — pergunta Richie. — Za-Rex ou Kool-Aid?

Sorrindo com nervosismo, Eddie tira primeiro uma garrafa de gim e depois uma garrafa de suco de ameixa.

No silêncio perplexo que se segue, Richie diz baixinho:

— Alguém tem que ligar pros caras de jaleco branco. Eddie Kaspbrak finalmente pirou de vez.

— Gim com suco de ameixa é muito saudável — responde Eddie na defensiva… e então, todos caem na gargalhada, e o som da alegria deles ecoa repetidamente pela biblioteca silenciosa, desce e volta pelo corredor de vidro entre a biblioteca adulta e a biblioteca infantil.

— Mergulha de cabeça — diz Ben, limpando os olhos úmidos. — Mergulha de cabeça, Eddie. Aposto que também ajuda o intestino.

Sorrindo, Eddie coloca suco até três quartos de um copo de papel e acrescenta sobriamente duas tampinhas de gim.

— Ah, Eddie, eu te amo — diz Beverly, e Eddie levanta o olhar, assustado mas sorrindo. Ela olha de um lado para outro da mesa. — Amo todos vocês.

Bill diz:

— N-Nós amamos você também, B-Bev.

— É — diz Ben. — Nós amamos você. — Os olhos dele se arregalam um pouco, e ele ri.

— Acho que nós todos ainda amamos uns aos outros… Vocês sabem o quanto isso deve ser raro?

Há um momento de silêncio, e Mike não está surpreso de ver que Richie está de óculos.

— Minhas lentes de contato começaram a arder e tive que tirar — diz Richie brevemente quando Mike pergunta. — Que tal a gente ir direto ao assunto?

Todos olham para Bill, como fizeram na cascalheira, e Mike pensa: Eles olham para Bill quando precisam de um líder, para Eddie quando precisam de um navegador. Ir direto ao assunto, que frase danada é essa. Conto para eles que os corpos das crianças encontradas na época e agora não foram molestados sexualmente, nem mesmo mutilados de forma precisa, mas parcialmente comidos? Conto que tenho sete capacetes de mineiro, do tipo com luzes fortes na frente, guardados nos fundos da minha casa, um para um cara chamado Stan Uris, que não conseguiu chegar à cena, como costumávamos dizer? Ou será que basta dizer para irem para casa e dormirem uma boa noite de sono, porque o fim é amanhã ou amanhã à noite para sempre, seja para a Coisa, seja para nós?

Nenhuma dessas coisas precisa ser dita, talvez, e o motivo para isso já foi iniciado: eles ainda se amam. As coisas mudaram nos últimos 27 anos, mas isso, milagrosamente, não. Mike pensa: É nossa única esperança verdadeira.

A única coisa que resta é terminar de passar por isso, completar a tarefa de capturar, de grampear o passado ao presente de forma que a faixa de experiência forme uma espécie de roda de meia-tigela. Sim, *pensa Mike,* é isso. A tarefa desta noite é fazer a roda; amanhã podemos ver se ela ainda gira… da mesma forma que girou quando expulsamos os garotos grandes da cascalheira e para fora do Barrens.

— Você se lembrou do resto? — pergunta Mike a Richie.

Richie bebe um pouco de cerveja e balança a cabeça.

— Me lembro de você nos contar sobre o pássaro… e sobre o buraco de fumaça. — Um sorriso surge no rosto de Richie. — Me lembrei disso andando pra cá com Bevvie e Ben. Que merda de show de horrores foi aquilo…

— Bip-bip, Richie — diz Beverly, sorrindo.

— Ah, você sabe — diz ele, ainda sorrindo e empurrando os óculos no nariz em um gesto que os faz lembrar assustadoramente do velho Richie. Ele pisca para Mike. — Você e eu, certo, Mike?

Mike dá uma gargalhada e assente.

— Sinhá Scarlett! Sinhá Scarlett! *— grita Richie com a Voz do Garoto Negro. —* Tá ficano meio quente na casa de defumação, sinhá Scarlett!

Rindo, Bill diz:

— Outro triunfo da engenharia e arquitetura de Ben Hanscom.

Beverly assente.

— A gente estava cavando a sede do clube quando você apareceu com o álbum de fotos do seu pai no Barrens, Mike.

— Ah, Deus! — diz Bill, sentando-se ereto de repente. — E as fotos…

Richie assente com expressão de medo.

— A mesma coisa que no quarto de Georgie. Só que todos nós vimos.

Ben diz:

— Eu lembrei o que aconteceu com o dólar de prata.

Todos se viram para olhar para ele.

— Dei os outros três pra um amigo antes de vir pra cá — diz Ben baixinho. — Pros filhos dele. Lembrei que tinha um quarto, mas não conseguia lembrar o que aconteceu com ele. Agora, lembro. — Ele olha para Bill. — Fizemos uma bolinha de prata com ele, não foi? Você, eu e Richie. A princípio, íamos fazer uma bala de prata…

— Você tinha certeza de que era capaz de fazer — concorda Richie. — Mas no final…

— Ficamos c-com m-medo. — Bill assente lentamente. A lembrança voltou naturalmente para o lugar, e ele ouve o mesmo clique baixo e distinto quando acontece. Estamos chegando perto, *pensa ele.*

— Voltamos para a rua Neibolt — diz Richie. — Todos nós.

— Você salvou minha vida, Big Bill — diz Ben repentinamente, e Bill balança a cabeça. — Salvou sim — insiste Ben, e desta vez Bill não balança a cabeça. Ele desconfia que talvez tenha feito isso mesmo, embora não lembre ainda como… e foi ele mesmo? Ele pensa que talvez tenha sido Beverly… mas isso ainda não encaixou. Ainda não, pelo menos.

— Com licença por um segundo — diz Mike. — Tenho umas cervejas na geladeira de trás.

— Toma uma das minhas — diz Richie.

— Hanlon não bebe cerveja de homem branco — responde Mike. — Principalmente a sua, Boca de Lixo.

— Bip-bip, Mikey — diz Richie com seriedade, e Mike vai buscar a cerveja ao som de uma onda calorosa de gargalhadas.

Ele acende a luz da salinha, um aposento cafona com cadeiras velhas, uma bancada que precisa muito ser esfregada e um quadro de avisos coberto de recados velhos, informações sobre salários e horários e algumas tirinhas de quadrinhos da New Yorker *que estão ficando amarelas e com as beiradas enroladas. Abre a pequena geladeira e sente o choque atingi-lo até o osso, branco como gelo, da mesma forma que o frio de fevereiro penetrava em você quando chegava e parecia que abril não chegaria nunca. Balões azuis e laranja saíram flutuando, dezenas deles, um buquê de Ano-Novo feito de balões de festa, e ele pensa incoerentemente em meio ao medo:* Só precisamos de Guy Lombardo tocando “Auld Lang Syne”. *Os balões passam pelo rosto dele e sobem em direção ao teto. Ele está tentando gritar, mas não consegue ao ver o que estava atrás dos balões, o que a Coisa tinha colocado na geladeira ao lado da cerveja dele, como se para um lanche noturno depois que os amigos inúteis tivessem contado as histórias inúteis e voltado para as camas alugadas nesta cidade natal que não é mais lar para eles.*

Mike dá um passo para trás enquanto leva as mãos ao rosto, bloqueando a visão. Ele tropeça em uma das cadeiras, quase cai e afasta as mãos. Ainda está ali: a cabeça cortada de Stan Uris ao lado da caixa de seis cervejas Bud Light de Mike, não a cabeça de um homem, mas de um garoto de 11 anos. A boca está aberta em um grito silencioso, mas Mike não consegue ver nem dentes nem língua porque a boca foi enchida com penas. As penas são marrom-claras e indescritivelmente enormes. Ele sabe muito bem de que pássaro vieram aquelas penas. Ah, sabe. Sabe mesmo. Ele viu o pássaro em maio de 1958, e todos viram em agosto de 1958, e depois, anos mais tarde, quando visitando o pai moribundo, ele descobriu que Will Hanlon o tinha visto uma vez, depois de fugir do incêndio no Black Spot. O sangue do pescoço cortado de Stan tinha pingado e formado uma poça coagulada na prateleira de baixo da geladeira. A poça brilha em um tom vermelho-rubi escuro na luz descompromissada emitida pela lâmpada interna.

— Hã... hã... hã... — Mike consegue dizer, mas não consegue emitir nenhum outro som além desses. E então, a cabeça abre os olhos, e são os olhos prateados de Pennywise, o Palhaço. Esses olhos giram na direção dele e os lábios da cabeça começam a se mexer em volta das penas. Ele está tentando falar, talvez tentando enunciar uma profecia como o oráculo em uma peça grega.

Pensei em vir me juntar a vocês, Mike, porque vocês não vão conseguir vencer sem mim. Não vão conseguir vencer sem mim e você sabe, não sabe? Vocês poderiam ter alguma chance se eu tivesse vindo inteiro, mas não consegui suportar o estresse em meu cérebro americano, se é que você sabe o que estou falando, malandro. O que vocês seis conseguem fazer sozinhos é relembrar os velhos tempos e irem morrer. Portanto, pensei em tirar isso da sua cabeça. Da sua cabeça, entendeu, Mikey? Entendeu, amigão? Entendeu, seu porra de crioulo de merda?

Você não é real!*, grita ele, mas nenhum som sai de sua boca; ele é como uma TV com o controle de volume todo abaixado.*

De forma incrível e grotesca, a cabeça pisca para ele.

Sou real, sim. Real como a chuva. E você sabe de que estou falando, Mikey. O que vocês seis estão planejando fazer é como decolar com um avião sem trem de pouso. Não faz sentido subir se você não pode descer, faz? Também não faz sentido descer se você não pode subir. Vocês nunca vão pensar nas charadas e piadas certas. Vocês nunca vão me fazer rir, Mikey. Vocês todos esqueceram como virar os gritos de cabeça pra baixo. Bip-bip, Mikey, o que você diz? Se lembra do pássaro? Não passava de um pardal, mas era uma gracinha, não era? Grande como um celeiro, grande como um daqueles monstros bobos de filmes japoneses que te davam medo quando você era criança. Os dias em que você sabia afastar aquele pássaro da sua vida se foram pra sempre. Acredite, Mikey. Se você souber usar a *sua* cabeça, vai sair daqui, sair de Derry, agora mesmo. Se não souber, ela vai acabar que nem essa aqui. A frase de hoje para a grande estrada da vida é usar antes de perder, meu bom homem.

A cabeça gira sobre o rosto (as penas na boca fazem um som horrível) e cai da geladeira. Ela faz um baque no chão e rola na direção dele como uma horrenda bola de

boliche, com o cabelo manchado de sangue trocando de lugar com o rosto sorridente; ela rola na direção dele, deixando uma trilha grudenta de sangue e pedaços de penas, e a boca não para de se mexer ao redor do amontoado.

Bip-bip, Mikey!*, grita ela enquanto Mike recua loucamente para se afastar dela, com as mãos esticadas em um gesto que pede distância.* Bip-bip, bip-bip, bip-porra-bip.

E então, há um estalo alto, o som de uma rolha de plástico retirada de uma garrafa de champanhe barata. A cabeça desaparece (Real*, pensa Mike, nauseado;* não havia nada de sobrenatural naquele estalo; foi o som de ar voltando para um espaço repentinamente vazio… real, ah, Deus, real). *Uma rede fina de gotas de sangue flutua e cai no chão. Mas não há necessidade de limpar a salinha; Carole não vai ver nada quando entrar amanhã, nem mesmo se precisar andar em meio a balões para chegar à cafeteira e fazer a primeira xícara de café do dia. Que prático. Ele dá uma risadinha aguda.*

Ele ergue o olhar e sim, os balões ainda estão ali. Os azuis dizem: CRIOULOS DE DERRY QUE SE FODAM. Os laranja dizem: OS OTÁRIOS CONTINUAM OTÁRIOS, MAS STANLEY URIS FINALMENTE SAIU NA FRENTE.

Não faz sentido subir se não dá para descer, a cabeça falante tinha dito, não faz sentido descer se não dá para subir. Essa última parte o faz pensar de novo nos capacetes de mineiro guardados. E era verdade? De repente, ele está pensando no primeiro dia em que desceu para o Barrens depois da guerra de pedras. Seis de julho, foi esse o dia, dois dias depois que ele marchou no desfile de Quatro de Julho… dois dias depois de ele ver Pennywise, o Palhaço em pessoa pela primeira vez. Foi depois desse dia no Barrens, depois de ouvir as histórias deles e de contar a sua com hesitação, que ele foi para casa e perguntou ao pai se podia olhar o álbum de fotos.

Por que exatamente ele foi para o Barrens naquele dia 6 de julho? Será que ele sabia que os encontraria lá? Parecia que sim, e não só que eles estariam lá, mas onde estariam. Eles estavam falando sobre algum tipo de clubinho, lembra ele, mas pareceu que estavam falando sobre isso porque havia outra coisa sobre a qual não sabiam como falar.

Mike olha para os balões sem realmente vê-los agora, tentando lembrar exatamente como foi aquele dia, aquele dia muito quente. De repente, parece muito importante lembrar exatamente o que aconteceu, cada nuance, seu estado de espírito.

Porque foi nesse dia que tudo começou a acontecer. Antes disso, os outros conversaram sobre matar a Coisa, mas não houve movimento de ação, não houve plano. Quando Mike chegou, o círculo se fechou, a roda começou a girar. Só mais tarde naquele dia, Bill, Richie e Ben foram para a biblioteca e começaram a pesquisar seriamente sobre uma ideia que Bill tivera um dia ou uma semana ou um mês antes. Tudo começou a…

— Mike? — chama Richie da sala de referências, onde todos se reuniram. — Você morreu aí?

Quase*, pensa Mike, olhando para os balões, para o sangue, para as penas dentro da geladeira.*

Ele responde:

— Acho que vocês deviam vir aqui.

Ele ouve cadeiras arrastando, o murmúrio das vozes deles; ouve Richie dizendo "Ah, Deus, o que foi agora?", e outro ouvido, esse em sua lembrança, ouve Richie dizendo outra coisa, e de repente ele se lembra do que estava procurando; mais ainda, ele entende por que pareceu tão elusivo. A reação dos outros quando ele entrou na clareira na parte mais escura, mais profunda e com vegetação mais densa no Barrens naquele dia foi… nenhuma. Nada de surpresa, nada de perguntas sobre como ele os encontrou, nada de mais. Ben estava comendo um Twinkie, ele lembra, Beverly e Richie estavam fumando cigarros, Bill estava deitado de costas com as mãos atrás da cabeça, olhando para o céu, Eddie e Stan estavam olhando com dúvida para uma série de barbantes que tinham sido presos ao chão para formar um quadrado de aproximadamente 1,5 metro de lado.

Nenhuma surpresa, nenhuma pergunta, nada de mais. Ele apenas apareceu e foi aceito. Era como se, mesmo sem saber, eles estivessem esperando por ele. E, com aquele terceiro ouvido, o ouvido das lembranças, ele ouve a Voz de Garoto Negro de Richie, tão alta quanto hoje:

— Sinhora, sinhá Claudy, aqui está

2

aquele muleque preto di novo! Minha nossa, num sei o que esse Barrens vai virá! Olha essa cabeça crespa, Big Bill!

Bill nem ergueu o rosto; só continuou olhando com expressão sonhadora para as nuvens gordas de verão flutuando no céu. Ele estava refletindo com atenção sobre uma pergunta importante. Mas Richie não ficou ofendido com a falta de atenção. Ele prosseguiu:

— Só olhá pra essa cabeça crespa me faz acreditá que priciso tomá mais coquetel de hortelã! Vô tomá aqui na varanda, onde tá um pouco mais fresco…

— Bip-bip, Richie — disse Ben com a boca cheia de Twinkie, e Beverly riu.

— Oi — disse Mike com insegurança. O coração dele estava batendo meio forte demais, mas ele estava determinado a prosseguir. Ele tinha que agradecer, e o pai tinha dito que você sempre precisava pagar seus débitos, e o mais rápido possível, antes que os juros se acumulassem.

Stan olhou ao redor.

— Oi — disse ele, e voltou a olhar para o quadrado de barbante preso no centro da

clareira. — Ben, tem certeza de que vai funcionar?

— Vai funcionar — disse Ben. — Oi, Mike.

— Quer um cigarro? — perguntou Beverly. — Tenho mais dois.

— Não, obrigado. — Mike respirou fundo e disse: — Quero agradecer a todos por me ajudarem naquele dia. Aqueles caras queriam me machucar feio. Peço desculpas se alguns de vocês ficaram machucados.

Bill balançou a mão, desconsiderando.

— N-N-Não se p-p-preocupe. E-E-Eles estão a-atrás de n-nós o a-ano todo. — Ele se sentou e olhou para Mike com interesse repentino. — P-Posso f-fazer uma p-p-pergunta?

— Acho que sim — disse Mike. Ele se sentou com cautela. Já tinha ouvido esse tipo de coisa antes. O garoto Denbrough ia perguntar como era ser negro.

Mas o que Bill disse foi:

— Quando L-L-Larsen fez os l-l-lançamentos não rebatidos na S-Série Mundial dois anos atrás, v-você acha que foi só s-sorte?

Richie tragou o cigarro e começou a tossir. Beverly bateu nas costas dele afavelmente.

— Você é principiante, Richie. Vai aprender.

— Acho que vai despencar, Ben — disse Eddie com preocupação, olhando para o quadrado de barbante. — Não sei se gosto da ideia de ser enterrado vivo.

— Você não vai ser enterrado vivo — disse Ben. — E se for, é só ficar sugando sua maldita bombinha até alguém te tirar.

Isso pareceu deliciosamente engraçado a Stanley Uris. Ele se apoiou no cotovelo com a cabeça virada para o céu e riu até Eddie chutar a canela dele e mandá-lo calar a boca.

— Sorte — disse Mike por fim. — Acho que qualquer jogada daquelas é mais sorte do que habilidade.

— E-E-Eu t-também — disse Bill. Mike esperou para ver se havia mais, mas Bill pareceu satisfeito. Ele se deitou de novo, entrelaçou os dedos atrás da cabeça e voltou a estudar as nuvens que passavam.

— O que vocês estão fazendo? — perguntou Mike, olhando para o quadrado de barbantes.

— Ah, essa é a grande ideia da semana do Monte de Feno — disse Richie. — Na última vez, ele alagou o Barrens e foi bem legal, mas essa ideia é campeã. É o Mês de Cavar Sua Sede de Clube. Mês que vem…

— V-Você não p-precisa botar B-B-B-Ben pra b-baixo — disse Bill, ainda olhando para o céu. — Vai ficar b-bom.

— Pelo amor de Deus, Bill, eu só estava brincando.

— Às v-vezes você b-brinca demais, R-Richie.

Richie aceitou a censura em silêncio.

— Ainda não entendi — disse Mike.

— Ah, é bem simples — disse Ben. — Eles queriam uma casa na árvore, e a gente podia fazer isso, mas as pessoas têm o mau hábito de quebrar os ossos quando caem de casas na

árvore…

— Kookie… Kookie… me empresta seus ossos — disse Stan, e riu de novo enquanto os outros olhavam para ele intrigados. Stan não tinha muito senso de humor, e o pouco que tinha era meio peculiar.

— Usted está ficando loco, senhorr — disse Richie. — É el calor e las *cucarachas*, eu acho.

— De qualquer modo — disse Ben —, o que vamos fazer é cavar um metro e meio no quadrado que marquei. Não podemos ir mais fundo que isso, senão vamos alcançar a água que passa embaixo, eu acho. Fica bem perto da superfície aqui. Depois, vamos reforçar as laterais só pra garantir que não desmoronem. — Ele olhou para Eddie nesse momento, mas Eddie estava preocupado.

— E depois? — perguntou Mike, interessado.

— Vamos cobrir o topo.

— Hã?

— Vamos colocar tábuas no alto do buraco. Podemos colocar uma portinha ou alguma coisa assim pra podermos entrar e sair, até janela se quisermos…

— Vamos precisar de d-d-dobradiças — disse Bill, ainda olhando para as nuvens.

— Podemos comprar na Reynolds Material de Construção — disse Ben.

— V-Vocês t-t-têm suas m-m-mesadas — disse Bill.

— Tenho cinco dólares — disse Beverly. — Guardei dos dias que trabalhei de babá.

Richie começou imediatamente a rastejar na direção dela.

— Amo você, Bevvie — disse ele, fazendo olhar de cachorro sem dono para ela. — Quer se casar comigo? Vamos morar em um bangalô cercado de pinheiros…

— O *quê*? — perguntou Beverly, enquanto Ben os observava com uma mistura estranha de ansiedade, diversão e concentração.

— Um pinhalô cercado de bangos — disse Richie. — Cinco pratas basta, querida, você, eu e o bebê, seremos três…

Beverly riu, ficou vermelha e se afastou dele.

— Vamos d-dividir os g-gastos — disse Bill. — Pra isso temos um clube.

— Depois que cobrirmos o buraco com tábuas — prosseguiu Ben —, vamos colocar cola pesada, Tangle-Track é o nome, e depois colocamos a terra com grama de volta. Talvez a gente possa cobrir de folhas de pinheiro. Poderíamos estar lá embaixo, e as pessoas, pessoas como Henry Bowers, poderiam passar por cima da gente e nem saber que estaríamos lá.

— *Você* inventou isso? — disse Mike. — Nossa, é demais!

Ben sorriu. Foi a vez dele de corar.

Bill se sentou de repente e olhou para Mike.

— Q-Q-Quer a-ajudar?

— Bem… claro — disse Mike. — Seria divertido.

Um olhar passou entre os outros. Mike o sentiu tanto quanto viu. *Há sete de nós aqui*,

pensou Mike sem motivo nenhum, e tremeu.

— Quando vocês vão começar a cavar?

— L-Logo — disse Bill, e Mike sabia, *sabia* que não era só da sede subterrânea do clube que Bill estava falando. Ben também sabia. Assim como Richie, Beverly e Eddie. Stan Uris tinha parado de sorrir. — V-Vamos c-começar esse pr-projeto l-logo, logo.

Houve uma pausa então, e Mike ficou ciente de repente de duas coisas: eles queriam dizer alguma coisa, contar alguma coisa para ele… e ele não tinha certeza se queria ouvir. Ben pegou uma vareta e estava rabiscando aleatoriamente na terra, com o cabelo escondendo o rosto. Richie estava mordendo as unhas já roídas. Só Bill estava olhando diretamente para Mike.

— Tem alguma coisa errada? — perguntou Mike com desconforto.

Falando bem lentamente, Bill disse:

— E-E-Estamos em um c-clube. V-Você pode entrar pro clube se q-quiser, mas t-tem que g-guardar nossos se-se-segredos.

— Como a sede do clube? — perguntou Mike, mais desconfortável do que nunca. — Ah, claro…

— Temos outro segredo, garoto — disse Richie, ainda sem olhar para Mike. — E Big Bill diz que temos uma coisa mais importante pra fazer no verão do que cavar clubes subterrâneos.

— Ele está certo — acrescentou Ben.

Houve um ofegar repentino e assobiado. Mike deu um pulo. Era apenas Eddie usando a bombinha. Eddie olhou para Mike como se pedindo desculpas, deu de ombros e assentiu.

— Ah — disse Mike por fim —, não me deixem no suspense. Me contem.

Bill estava olhando para os outros.

— T-Tem alguém a-aqui que n-não quer ele no c-clube?

Ninguém disse nada nem levantou a mão.

— Q-Quem quer c-contar? — perguntou Bill.

Houve outra longa pausa, e desta vez Bill não a quebrou. Por fim, Beverly suspirou e olhou para mim.

— As crianças que morreram — disse ela. — Sabemos quem está matando elas, e não é nada humano.

3

Eles contaram, um a um: o palhaço no gelo, o leproso debaixo da varanda, o sangue e as vozes vindas do ralo, os garotos mortos na Torre de Água. Richie contou o que aconteceu quando ele e

Bill voltaram à rua Neibolt, e Bill falou por último para contar sobre a foto da escola que se mexeu e a foto em que ele enfiou a mão. Ele terminou explicando que essa coisa tinha matado seu irmão Georgie, e que o Clube dos Otários se dedicava a matar o monstro… o que quer que o monstro fosse realmente.

Mike pensou depois, ao voltar para casa naquela noite, que ele devia ter ouvido com descrença, quase horror, para depois sair correndo o mais rápido possível, sem olhar para trás, convencido de que ou estava sendo debochado por um bando de garotos brancos que não gostavam de negros ou que estava na presença de seis verdadeiros lunáticos que tinham, de certa forma, pegado a loucura uns dos outros, da mesma maneira que todo mundo na mesma turma podia pegar um vírus forte de gripe.

Mas ele não saiu correndo, porque, apesar do horror, sentia uma estranha sensação de conforto. Conforto e outra coisa, uma coisa mais básica: uma sensação de volta ao lar. *Há sete de nós aqui*, pensou ele de novo quando Bill terminou de falar.

Ele abriu a boca, sem saber direito o que ia dizer.

— Eu vi o palhaço — disse ele.

— O quê? — Richie e Stan perguntaram ao mesmo tempo, e Beverly virou a cabeça tão rapidamente que o rabo de cavalo voou do ombro esquerdo para o direito.

— Eu o vi no Quatro — disse Mike lentamente, se dirigindo mais a Bill. Os olhos de Bill, intensos e totalmente concentrados, estavam nos dele, exigindo que prosseguisse. — Sim, no Quatro de Julho… — Ele parou de falar por um momento, pensando: *Mas eu conhecia ele. Eu conhecia ele porque não foi a primeira vez que vi uma coisa… uma coisa errada.*

Ele pensou no pássaro então, e foi a primeira vez que se permitiu realmente pensar nele (exceto em pesadelos) desde maio. Ele achava que estava ficando maluco. Foi um alívio descobrir que não era maluco… mas era um alívio apavorante mesmo assim. Ele molhou os lábios.

— Continua — disse Bev com impaciência. — Anda logo.

— Bom, a questão é, eu estava no desfile. Eu…

— Eu te vi — disse Eddie. — Você estava tocando saxofone.

— Ah, na verdade é um trombone — disse Mike. — Toco na banda da Escola Batista

Neibolt. Então, eu vi o palhaço. Ele estava entregando balões pras crianças no cruzamento das três ruas no centro. Estava exatamente como Ben e Bill disseram. De roupa prateada com botões laranja, maquiagem branca no rosto, sorriso grande e vermelho. Não sei se era batom ou maquiagem, mas parecia sangue.

Os outros estavam assentindo, agitados agora, mas Bill só continuou olhando para Mike com atenção.

— Tufos laranja de cabelo? — perguntou Mike, fazendo-os inconscientemente na própria cabeça com os dedos.

Mike assentiu.

— Ver ele assim… me deu medo. E enquanto eu estava olhando para ele, ele se virou e acenou pra mim, como se tivesse lido minha mente ou meus sentimentos, ou sei lá como se diz. E isso… ah, me deu mais medo ainda. Eu não sabia por que na hora, mas ele me deu tanto medo que, por alguns segundos, não consegui tocar mais o trombone. Minha boca secou completamente e senti… — Ele olhou rapidamente para Beverly. Ele lembrava claramente agora, a forma como o sol de repente pareceu insuportavelmente intenso no metal do trombone e no cromado dos carros, a música alta demais, o céu azul demais. O palhaço levantou uma das mãos com luvas brancas (a outra estava cheia de fios de balões) e acenou lentamente, de um lado para o outro, com o sorriso sangrento vermelho demais e largo demais, um grito de cabeça para baixo. Ele lembrava como a pele de seus testículos ficou arrepiada, que seu intestino de repente pareceu frouxo e quente, como se ele pudesse eliminar um bolo casual de merda na calça. Mas não podia dizer isso na frente de Beverly. Não se diziam coisas assim na frente de garotas, mesmo se elas fossem o tipo de garotas para quem se pode dizer coisas como "piranha" e "filho da puta". — … senti medo — concluiu ele, sentindo que era uma declaração fraca, mas não sabendo como dizer o resto.

Mas eles estavam assentindo como se entendessem, e ele sentiu um alívio indescritível tomar conta de si. De alguma forma, aquele palhaço olhando para ele, dando o sorriso vermelho, com a mão de luva branca se balançando de um lado para o outro… aquilo foi pior do que Henry Bowers e todos os outros atrás dele. Muito pior.

— Logo passamos por ele — prosseguiu Mike. — Marchamos até a colina da rua Main. E vi ele *de novo*, dando balões pras crianças. Só que muitas delas não queriam pegar. Algumas das menores estavam chorando. Não consegui entender como ele conseguiu chegar lá no alto tão rápido. Pensei que deviam ser dois, sabe, os dois vestidos do mesmo jeito. Uma dupla. Mas ele se virou e acenou pra mim de novo, e eu sabia que era ele. Era o mesmo cara.

— Ele não é um cara — disse Richie, e Beverly tremeu. Bill passou o braço ao redor dela por um momento, e ela olhou para ele com gratidão.

— Ele acenou pra mim… e piscou. Como se a gente tivesse um segredo. Ou como… como se ele soubesse que eu tinha reconhecido ele.

Bill tirou o braço dos ombros de Beverly.

— Você *re-re-reconheceu* ele?

— Acho que sim — disse Mike. — Preciso verificar uma coisa antes de dizer com certeza. Meu pai tem umas fotos… Ele coleciona… Escuta, vocês brincam aqui sempre, né?

— Claro — disse Ben. — É por isso que estamos construindo a sede.

Mike assentiu.

— Vou verificar se estou certo. Se estiver, posso trazer as fotos.

— F-F-Fotos v-velhas? — perguntou Bill.

— É.

— O q-q-que mais? — perguntou Bill.

Mike abriu a boca e voltou a fechar. Ele olhou ao redor com insegurança e disse:

— Vocês iam achar que estou louco. Louco ou mentindo.

— V-Você a-a-acha que n-nós s-somos l-l-loucos?

Mike balançou a cabeça.

— Pode apostar que não somos — disse Eddie. — Tem muita coisa errada comigo, mas não sou lelé. Acho que não.

— Não — disse Mike. — Não acho que vocês são loucos.

— N-Não vamos p-pensar que você é lo-lo… doido também — disse Bill.

Mike olhou para eles, limpou a garganta e disse:

— Eu vi um pássaro. Uns três meses atrás. Eu vi um pássaro.

Stan olhou para Mike.

— Que tipo de pássaro?

Falando com mais relutância do que nunca, Mike disse:

— Parecia um pardal, mais ou menos, mas também parecia um pintarroxo. Tinha peito laranja.

— Bem, o que um pássaro tem de tão especial? — perguntou Ben. — Tem um monte de pássaros em Derry.

Ele se sentiu desconfortável e, ao olhar para Stan, teve certeza de que ele estava se lembrando do que tinha acontecido na Torre de Água e como impediu que as coisas acontecessem gritando nomes de pássaros. Mas esqueceu tudo sobre isso quando Mike voltou a falar.

— O pássaro era maior do que um trailer — disse ele.

Ele olhou para os rostos chocados e impressionados. Esperou pelas gargalhadas, mas não ouviu nenhuma. Stan parecia que tinha levado um golpe com um tijolo. O rosto dele estava tão pálido que ficou da cor da luz delicada do sol de novembro.

— Juro que é verdade — disse Mike. — Era um pássaro gigante, como um daqueles em filmes de monstros que são pra ser pré-históricos.

— É, como em *O ataque vem do polo* — disse Richie. Ele pensou no pássaro que tinha uma aparência meio falsa, mas, quando chegou a Nova York, ele ainda estava empolgado o bastante para derramar a pipoca pela amurada do balcão do Aladdin. Foxy Foxworth o teria expulsado, mas o filme já tinha acabado mesmo. Às vezes você levava uma surra, mas, como

Big Bill dizia, às vezes você também ganhava uma.

— Mas não parecia pré-histórico — disse Mike. — E não parecia um daqueles sei lá como se diz, que os gregos e romanos inventavam histórias sobre eles…

— R-R-Rocas? — sugeriu Bill.

— É, acho que é isso. Não parecia um desses também. Era só uma combinação de pintarroxo e pardal. Os dois pássaros mais comuns que se vê. — Ele riu com um pouco de exagero.

— O-O-Onde… — começou Bill.

— Conta pra gente — disse Beverly simplesmente, e depois de um momento para relembrar, Mike contou. E ao contar a história, ver os rostos deles ficarem preocupados e assustados, mas não incrédulos nem debochados, ele sentiu um peso incrível ser retirado do peito. Como Ben com sua múmia ou Eddie com seu leproso e Stan com os garotos afogados, ele tinha visto uma coisa que deixaria um adulto louco, não só de pavor, mas com a força intensa de uma irrealidade grande demais para ser explicada ou, por falta de explicação racional, simplesmente ignorada. O rosto de Elias ficou queimado e preto com a luz do amor de Deus, pelo que Mike leu; mas Elias era um homem velho quando isso aconteceu, e talvez isso fizesse diferença. Não teve um outro desses caras da Bíblia, um pouco mais velho do que uma criança, que lutou com um anjo de igual para igual?

Ele tinha visto aquilo e prosseguiu com a vida; tinha integrado a lembrança à visão do mundo. Ainda era jovem o bastante, e a visão estava tremendamente ampla. Mas o que aconteceu naquele dia assombrou os cantos escuros de sua mente mesmo assim, e às vezes em sonhos ele corria daquele pássaro grotesco quando a sombra dele caía sobre Mike vinda do céu. Ele se lembrava de alguns desses sonhos, e não se lembrava de outros, mas eles estavam lá, sombras que se moviam sozinhas.

O quão pouco ele tinha esquecido e o quanto isso ainda o perturbava (conforme ele cumpria suas tarefas diárias: ajudando o pai, indo para a escola, andando de bicicleta, fazendo pequenos serviços para a mãe, esperando que os grupos americanos aparecessem em *American Bandstand* depois da escola) talvez fosse mensurável apenas de uma maneira: o alívio que ele sentiu ao compartilhar com os outros. Quando fez isso, ele percebeu que foi a primeira vez que se permitiu pensar inteiramente no acontecimento desde aquela manhã perto do canal, quando ele viu as marcas estranhas… e o sangue.

4

Mike contou a história do pássaro na siderúrgica e como ele correu para dentro da chaminé para fugir dele. Mais tarde, três dos Otários (Ben, Richie e Bill) foram andando na direção da Biblioteca

Pública de Derry. Ben e Richie estavam de olho em Bowers e Companhia, mas Bill só olhava para a calçada, com a testa franzida, perdido em pensamento. Cerca de uma hora depois de contar a história, Mike foi embora, dizendo que o pai o queria em casa às quatro para colher ervilhas. Beverly tinha que ir ao mercado e fazer o jantar do pai, disse ela. Tanto Eddie quanto Stan tinham coisas para fazer. Mas, antes de se separarem, eles começaram a cavar o que se tornaria, se Ben estivesse certo, a sede subterrânea do clube. Para Bill (e para todos eles, desconfiava ele), começar a cavar pareceu um ato quase simbólico. Eles tinham começado. Fosse lá o que eles tivessem que fazer como grupo, como unidade, eles tinham começado.

Ben perguntou a Bill se ele acreditava na história de Mike Hanlon. Eles estavam passando pela Casa Comunitária de Derry, e a biblioteca ficava logo à frente, uma construção de pedra confortavelmente protegida pela sombra de olmos de um século de idade e intocados pela grafiose que mais tarde os infectaria e diminuiria sua quantidade.

— Acredito — disse Bill. — A-Acho que era v-verdade. L-L-Loucura, mas verdade. E você, R-R-Richie?

Richie assentiu.

— Acredito. Detesto acreditar, se é que vocês me entendem, mas acho que entendem. Lembram o que ele disse sobre a língua do pássaro?

Bill e Ben assentiram. Tufos laranja nela.

— Foi o detalhe final — disse Richie. — Parece coisa de vilão de quadrinhos. Lex Luthor ou o Coringa, ou alguém assim. Sempre deixa uma marca.

Bill assentiu pensativamente. Era como um vilão de quadrinhos. Por que eles viam assim?

Pensavam nele assim? Sim, talvez fosse isso. Era coisa de criança, mas parecia que era disso que essa coisa se alimentava, de coisas de criança.

Eles atravessaram a rua para o lado da biblioteca.

— P-P-Perguntei a S-S-Stan s-se ele j-já o-ouviu falar de um p-pássaro assim — disse Bill. — N-N-Não n-necessariamente g-grande, mas s-só…

— *De verdade?* — sugeriu Richie.

Bill assentiu.

— E-Ele d-disse que p-pode existir um p-pássaro assim na A-América do S-S-Sul ou na Á-Á-África, mas n-não por a-aqui.

— Então ele não acreditou? — perguntou Ben.

— E-E-Ele a-acreditou s-s-sim — disse Bill. E então contou uma outra coisa que Stan sugeriu quando Bill andou com ele até onde tinha deixado a bicicleta. A ideia de Stan era de que mais ninguém poderia ter visto aquele pássaro antes de Mike contar a história para eles. Outra coisa, talvez, mas não aquele pássaro, porque o pássaro era o monstro pessoal de Mike Hanlon. Mas agora… porque agora o pássaro era propriedade do Clube dos Otários todo, não era? Qualquer um deles poderia ver. Poderia não ter exatamente a mesma aparência; Bill poderia ver como um corvo, Richie como falcão, Beverly como uma águia-dourada, até onde Stan sabia… mas a Coisa podia ser um pássaro para todos eles agora. Bill falou para Stan que, se isso fosse verdade, então qualquer um deles poderia ver o leproso, a múmia ou possivelmente os garotos mortos.

— O que quer dizer que temos que fazer alguma coisa logo, se é que vamos fazer alguma coisa — respondera Stan. — A Coisa sabe…

— O q-quê? — perguntara Bill intensamente. — T-Tudo que s-sabemos?

— Cara, se a Coisa souber disso, estamos ferrados — respondera Stan. — Mas pode apostar que a Coisa sabe que sabemos sobre a Coisa. Acho que vai tentar nos atingir. Você ainda está pensando na nossa conversa de ontem?

— Estou.

— Eu queria poder ir com você.

— B-B-Ben e R-Richie v-vão. Ben é muito i-i-inteligente, e R-R-Richie também quando n-não está de s-sacanagem.

Agora, de pé em frente à biblioteca, Richie perguntou a Bill exatamente o que ele tinha em mente. Bill contou para eles, falando lentamente para não gaguejar demais. A ideia vinha circulando em sua mente nas duas últimas semanas, mas foi preciso a história de Mike sobre o pássaro para que ela se cristalizasse.

O que você fazia quando queria se livrar de um pássaro?

Ah, atirar nele era definitivo.

O que você fazia quando queria se livrar de um monstro?

Ah, os filmes sugeriam que atirar neles com uma bala de prata era bem definitivo.

Ben e Richie ouviram isso com respeito suficiente. Depois, Richie perguntou:

— Como se arruma uma bala de prata, Big Bill? Manda encomendar?

— Muito e-e-engraçado. Vamos ter que f-f-fazer.

— Como?

— Acho que é por isso que estamos na biblioteca — disse Ben.

Richie assentiu e empurrou os óculos no nariz. Por trás deles, seus olhos estavam atentos e pensativos… mas cheios de dúvida, pensou Bill. Ele mesmo estava cheio de dúvidas. Pelo menos, não havia tolice nos olhos de Richie, e isso era um passo na direção certa.

— Está pensando na Walther do seu pai? — perguntou Richie. — A que levamos pra rua Neibolt?

— É — disse Bill.

— Mesmo se pudéssemos realmente fazer balas de prata — disse Richie —, onde conseguiríamos a prata?

— Deixa que eu me preocupo com isso — disse Ben baixinho.

— Ah… tudo bem — disse Richie. — Vamos deixar o Monte de Feno se preocupar com isso. E depois, o quê? A rua Neibolt de novo?

Bill assentiu.

— A rua Ne-Ne-Neibolt de n-novo. E então a gente e-explode a porra da c-cabeça dela.

Os três ficaram ali mais um momento, olhando uns para os outros solenemente, depois foram para a biblioteca.

5

— Minha nossa senhora, é aquele sujeito negro de novo! — gritou Richie com a Voz do Policial Irlandês.

Uma semana tinha se passado; já era quase o meio de julho e a sede subterrânea do clube estava praticamente pronta.

— Uma ótima manhã para você, sr. O'Hanlon! E um dia lindo, lindo ele promete ser, lindo como batatinhas crescendo, como minha mãe…

— Até onde eu sei, a manhã acaba ao meio-dia, Richie — disse Ben, aparecendo no buraco —, e meio-dia foi duas horas atrás.

Ele e Richie estavam reforçando as laterais do buraco. Ben tinha tirado o moletom porque o dia estava quente e o trabalho, pesado. A camiseta dele tinha a cor cinza de suor e grudava no peito e na barriga protuberante. Ele parecia incrivelmente alheio à aparência, mas Mike achou que, se Ben ouvisse Beverly chegando, colocaria aquele moletom largo antes que desse

para piscar.

— Não seja tão fresco. Você parece Stan, o Cara — disse Richie. Ele tinha saído do buraco cinco minutos antes porque, ele disse para Ben, estava na hora do intervalo para um cigarro.

— Pensei que você tivesse dito que não tinha cigarros — dissera Ben.

— Não tenho — respondera Richie —, mas o princípio permanece o mesmo.

Mike estava com o álbum de fotos do pai debaixo do braço.

— Cadê todo mundo? — perguntou. Ele sabia que Bill tinha que estar ali por perto, porque havia deixado a bicicleta parada debaixo da ponte perto de Silver.

— Bill e Eddie foram para o lixão meia hora atrás pra procurar mais tábuas — disse Richie. — Stanny e Bev foram até a Reynolds Material de Construção pra buscar dobradiças. Não sei o que o Monte de Feno está fazendo lá embaixo, mas não deve ser coisa boa. O garoto precisa que alguém fique de olho nele, sabe? Aliás, você nos deve 23 centavos se ainda quer participar do clube. Sua parte nas dobradiças.

Mike passou o álbum do braço direito para o esquerdo e enfiou a mão no bolso. Ele contou 23 centavos (deixando um total de dez em seu tesouro pessoal) e entregou para Richie. Em seguida, andou até o buraco e olhou dentro.

Só que não era mais um buraco. As laterais estavam quase retas. Cada lado foi reforçado com tábuas. Eram tábuas velhas, mas Ben, Bill e Stan tinham trabalhado direito para ajeitá-las com ferramentas da oficina de Zack Denbrough (e Bill tinha tomado muito cuidado para garantir que todas as ferramentas voltassem para o lugar todas as noites, e na mesma condição que estavam quando retiradas). Ben e Beverly tinham pregado pedaços em cruz entre os suportes. O buraco ainda deixava Eddie um pouco nervoso, mas era da natureza de Eddie. Empilhados cuidadosamente em um dos lados estavam quadrados de terra com grama que mais tarde seriam presos à cobertura.

— Acho que vocês sabem o que estão fazendo — disse Mike.

— Claro — disse Ben, e apontou para o álbum. — O que você trouxe?

— O álbum de Derry do meu pai — disse Mike. — Ele coleciona fotos velhas e recortes sobre a cidade. É o hobby dele. Eu estava olhando alguns dias atrás. Contei que pensei ter visto aquele palhaço antes. E vi. Aqui. Por isso, eu trouxe. — Ele estava com vergonha de acrescentar que não tinha tido coragem de pedir permissão ao pai para fazer isso. Por medo das perguntas que um pedido desses poderia despertar, ele tirou o álbum da casa como um ladrão enquanto o pai plantava batatas no campo oeste e a mãe pendurava roupas no quintal. — Pensei que vocês deviam dar uma olhada.

— Vamos ver, então — disse Richie.

— Eu gostaria de esperar até todo mundo estar aqui. Pode ser melhor.

— Tudo bem. — Para falar a verdade, Richie não estava tão ansioso para ver mais fotos de Derry, desse ou de qualquer outro álbum. Não depois do que aconteceu no quarto de Georgie. — Quer ajudar a mim e Ben com o resto do reforço?

— Pode apostar.

Mike colocou o álbum do pai no chão com cuidado, longe o bastante do buraco para não ficar sujo com terra voando, e pegou a pá de Ben.

— Cave aqui — disse Ben, mostrando o local para Mike. — Cave uns 30 centímetros. Depois, vou colocar uma tábua e segurar reta contra a lateral enquanto você coloca a terra de volta.

— Bom plano, cara — disse Richie com sabedoria de onde estava na beirada da escavação, com os tênis balançando no buraco.

— O que tem de errado com *você*? — perguntou Mike.

— Tem um osso na minha perna — disse Richie confortavelmente.

— Como está indo seu projeto com Bill? — Mike parou para tirar a camisa e começou a cavar. Estava quente ali, mesmo no Barrens. Grilos cricrilavam baixo, como relógios de verão na vegetação.

— Ah… nada mau — disse Richie, e Mike pensou tê-lo visto lançar um olhar de aviso para Ben. — Eu acho.

— Por que você não liga o rádio, Richie? — perguntou Ben. Ele colocou uma tábua no buraco que Mike cavou e a segurou ali. O rádio de Richie estava pendurado pela tira no lugar de sempre, no galho grosso de um arbusto ali perto.

— As pilhas acabaram — disse Richie. — Você levou meus últimos 25 centavos pras dobradiças, lembra? Cruel, Monte de Feno, muito cruel. Depois de todas as coisas que fiz por você. Além do mais, aqui só pega a WABI, e lá só toca rock bobo.

— Hã? — perguntou Mike.

— Monte de Feno acha que Tommy Sands e Pat Boone cantam rock-and-roll — disse Richie —, mas isso é porque ele é doente. *Elvis* canta rock-and-roll. *Ernie K. Doe* canta rock-and-roll. *Carl Perkins* canta rock-and-roll. Bobby Darin. Buddy Holly. “Ah-ow Peggy… my Peggy Suh-uh-oo…”

— *Por favor*, Richie — disse Ben.

— Além desses — disse Mike, apoiando-se na pá —, tem Fats Domino, Chuck Berry, Little Richard, Shep and the Limelights, LaVerne Baker, Frankie Lymon and the Teenagers, Hank Ballard and the Midnighters, the Coasters, the Isley Brothers, the Crests, the Chords, Stick McGhee…

Eles estavam olhando para Mike com tanta admiração que ele riu.

— Me perdi depois de Little Richard — disse Richie. Ele gostava de Little Richard, mas se tinha um herói secreto do rock-and-roll naquele verão, era Jerry Lee Lewis. A mãe dele tinha entrado por acaso na sala quando Jerry Lee estava tocando em *American Bandstand*. Foi na parte do show em que Jerry Lee subia no piano e tocava de cabeça para baixo, com o cabelo caindo no rosto. Ele estava cantando “High School Confidential”. Por um momento, Richie achou que a mãe ia desmaiar. Ela não desmaiou, mas ficou tão traumatizada pelo que viu que falou no jantar daquela noite sobre mandar Richie para um daqueles acampamentos

estilo militar durante o resto do verão. Agora, Richie balançou a cabeça para o cabelo cair sobre o rosto e começou a cantar: — “Come on over baby all the cats are at the high school rockin…”

Ben começou a cambalear ao redor do buraco, segurando a barriga protuberante e fingindo vomitar. Mike tapou o nariz, mas estava rindo tanto que saíam lágrimas dos olhos.

— Qual é o problema? — perguntou Richie. — O que *incomoda* vocês? Isso foi bom! Foi muito *bom*!

— Ah, cara — disse Mike, e agora ele estava rindo tanto que mal conseguia falar. — Foi incrível. Quero dizer, foi realmente incrível.

— Negros não têm gosto — disse Richie. — Acho que até está na Bíblia.

— *Yo mamma* — disse Mike, rindo mais do que nunca. Quando Richie perguntou com perplexidade sincera o que aquilo queria dizer, Mike se sentou e se balançou para a frente e para trás, uivando e segurando a barriga.

— Você deve achar que estou com inveja — disse Richie. — Deve achar que *quero* ser negro.

Agora Ben também caiu sentado, rindo loucamente. Seu corpo todo tremia e balançava de forma alarmante. Seus olhos estavam saltados.

— Chega, Richie — conseguiu dizer ele. — Vou cagar na calça. Vou m-m-morrer se você não p-parar…

— Eu *não* quero ser negro — disse Richie. — Quem quer usar calça rosa e morar em Boston e comprar pizza de fatia? Quero ser judeu que nem o Stan. Quero ser dono de uma casa de penhores e vender canivetes e vômito de plástico e guitarras usadas.

Ben e Mike agora estavam berrando de tanto rir. As gargalhadas deles ecoavam pela vegetação e pela ravina que tinha o nome errôneo de Barrens, fazendo pássaros levantarem voo e esquilos ficarem momentaneamente paralisados. Era um som jovem, penetrante, vital, sem sofisticação, livre. Quase todas as coisas vivas no alcance daquele som reagiram a ele de alguma forma, mas a coisa que saiu de um esgoto largo de concreto no alto do Kenduskeag não estava viva. Na tarde anterior, tinha havido uma tempestade repentina (a futura sede do clube não tinha sido muito afetada — desde que as operações de escavação começaram, Ben cobria o buraco cuidadosamente cada noite com um pedaço rasgado de lona que Eddie tinha arrumado atrás do Wally’s Spa; tinha cheiro de tinta, mas funcionou), e os escoadouros abaixo de Derry ficaram lotados de água durante duas ou três horas. Foi o fluxo da água que empurrou essa coisa desagradável para o sol, para que as moscas encontrassem.

Era o corpo de um garoto de 9 anos chamado Jimmy Cullum. Exceto pelo nariz, o rosto não existia mais. Havia uma maçaroca sem feições onde antes ele ficava. A carne viva estava sarapintada de marcas pretas fundas que talvez apenas Stan Uris reconhecesse o que eram: bicadas. Bicadas feitas por um bico bem grande.

Água corria por cima da calça de algodão lamacenta de Jimmy Cullum. As mãos brancas flutuavam como peixes mortos. Elas também tinham sido bicadas, mas não tanto quanto o

rosto. A camisa estampada inflava e murchava, inflava e murchava, como uma bexiga.

Bill e Eddie, carregando tábuas obtidas no lixão, atravessaram o Kenduskeag pisando em pedras a menos de 40 metros do corpo. Eles ouviram Richie, Ben e Mike rindo, sorriram um pouco e se apressaram pelos destroços não vistos de Jimmy Cullum para ver o que era tão engraçado.

6

Eles ainda estavam rindo quando Bill e Eddie chegaram à clareira, suando com o peso da madeira. Até Eddie, normalmente pálido como um queijo, estava com o rosto corado. Eles largaram as tábuas na pilha de suprimentos quase vazia. Ben saiu do buraco para inspecioná-las.

— Que beleza! — disse ele. — Uau! Ótimo!

Bill desmoronou no chão.

— Posso t-ter meu a-a-ataque cardíaco agora ou p-preciso esperar até mais t-tarde?

— Mais tarde — disse Ben distraidamente.

Ele tinha levado algumas ferramentas para o Barrens e estava agora examinando as novas tábuas com atenção, martelando pregos e retirando parafusos. Ele jogou uma de lado porque estava rachada. Bater em outra provocou um som oco em pelo menos três pontos, e ele também a descartou. Eddie estava sentado em um monte de terra, observando-o. Ele deu uma borrifada na bombinha na mesma hora que Ben tirou um prego enferrujado de uma tábua com a parte de trás do martelo. O prego gemeu como um animal desagradável no qual alguém pisou e que não gostou nada disso.

— Você pode pegar tétano se se cortar com um prego enferrujado — Eddie informou a Ben.

— É? — disse Richie. — O que é têta-no? Parece doença de mulher.

— Você é um palhaço — disse Eddie. — É *tétano*, não *têta-no*, e é um tipo de infecção. Tem uns micróbios especiais que crescem na ferrugem, sabe, e, se você se cortar, eles podem entrar no seu corpo e, hum, foder seus nervos. — Eddie ficou ainda mais vermelho e usou a bombinha de novo.

— Jesus — disse Richie, impressionado. — Parece horrível.

— Pode apostar. Primeiro, seu maxilar trava com tanta força que você não consegue nem abrir a boca, nem pra comer. É preciso abrir um buraco na sua bochecha pra enfiar líquidos por um tubo.

— Ah, cara — disse Mike, de pé na beira do buraco. Seus olhos estavam arregalados, as córneas muito brancas no rosto marrom. — Tem certeza?

— Minha mãe me contou — disse Eddie. — Depois, sua garganta trava e você não consegue comer mais, e acaba morrendo de fome.

Eles refletiram sobre esse horror em silêncio.

— Não tem cura — acrescentou Eddie.

Mais silêncio.

— Então — disse Eddie bruscamente —, sempre prestem atenção em pregos enferrujados e merdas assim. Tive que tomar vacina de tétano uma vez e doeu muito.

— Então por que você foi pro lixão com Bill e trouxe toda essa merda? — perguntou Richie.

Eddie olhou rapidamente para Bill, que estava olhando para a sede do clube, e havia amor e adoração ao herói suficiente naquele olhar para responder à pergunta, mas Eddie disse baixinho:

— Algumas coisas precisam ser feitas mesmo quando existe risco. Foi a primeira coisa importante que aprendi e que não foi com a minha mãe.

Eles ficaram mais um pouco em um silêncio não tão desconfortável. E então, Ben voltou a martelar pregos enferrujados e, depois de um tempo, Mike Hanlon se juntou a ele.

O rádio de Richie, agora sem voz (pelo menos até que ele recebesse a mesada ou encontrasse um gramado para aparar), se balançou no galho baixo na brisa fraca. Bill teve tempo para refletir sobre como tudo isso era estranho, como era estranho e perfeito que eles todos estivessem ali no verão. Ele conhecia algumas crianças que tinham ido visitar parentes. Conhecia algumas que tinham ido para a Disneylândia, na Califórnia, ou para Cape Cod, ou, no caso de um cara, para um lugar inimaginável que parecia muito distante, com o nome estranho e ligeiramente familiar de Gstaad. Havia crianças em acampamentos de igreja, em acampamentos de escoteiros, em campos de riquinhos onde se aprendia a nadar e jogar golfe, acampamentos onde você aprendia a dizer "Ei, mandou bem" em vez de "Foda-se" quando seu oponente mandava um saque fatal para cima de você no tênis. Havia crianças cujos pais simplesmente as levaram para LONGE. Bill conseguia entender isso. Ele conhecia algumas crianças que queriam ir para LONGE, apavoradas pelo bicho-papão que rondava Derry nesse verão, mas desconfiava que havia ainda mais pais apavorados por esse bicho-papão. Pessoas que tinham decidido passar as férias em casa resolveram ir para LONGE

(Gstaad? Era na Suécia? Argentina? Espanha?)

de repente. Parecia um pouco o pânico da pólio em 1956, quando quatro crianças que foram nadar na piscina do O'Brian Memorial pegaram a doença. Adultos, uma palavra totalmente sinônima de mães e pais na mente de Bill, decidiram na época, assim como agora,

que LONGE era melhor. Mais seguro. Qualquer pessoa que pudesse se afastar se afastou. Bill entendia LONGE, e conseguia refletir sobre uma palavra de tamanho mistério como Gstaad, mas mistério era um consolo frio em comparação com o desejo; Gstaad era LONGE, Derry era desejo.

E nenhum de nós foi pra LONGE, pensou ele, vendo Ben e Mike arrancarem pregos velhos de tábuas velhas, enquanto Eddie andava até os arbustos para dar uma mijada (você tinha que ir assim que pudesse para evitar dano sério à bexiga, disse ele para Bill uma vez, mas também tinha que tomar cuidado com hera venenosa, porque quem precisava *disso* no pinto?). *Estamos todos aqui em Derry. Nada de acampamento, nada de parentes, nada de férias, nada de LONGE. Todos aqui. Presentes e participantes.*

— Tem uma porta ali embaixo — disse Eddie, fechando o zíper ao voltar.

— Espero que você tenha balançado, Eddie — disse Richie. — Se você não balançar sempre, pode pegar câncer. Minha mãe me disse.

Eddie pareceu assustado, um pouco preocupado, mas depois viu o sorriso de Richie. Ele lançou um olhar intenso (ou tentou) e disse:

— Era grande demais para nós carregarmos. Mas Bill disse que, se todos nós fôssemos lá, dava pra trazer pra cá.

— É claro que nunca dá pra sacudir *completamente* — prosseguiu Richie. — Quer saber o que um homem sábio me disse uma vez, Eds?

— Não — disse Eddie —, e não quero mais que você me chame de Eds, Richie. Eu sou sincero. Não chamo você de Dick. Tipo “Tem um chiclete aí, Dick?”, então não entendo por que…

— Esse homem sábio — disse Richie — me contou isso: “Não importa o quanto você se contorça e dance, as últimas duas gotas sempre ficam na cueca.” E é por isso que tem tanto câncer no mundo, Eddie, meu amor.

— O motivo de ter tanto câncer no mundo é que nerds como você e Beverly Marsh fumam cigarros — disse Eddie.

— Beverly não é nerd — disse Ben com voz ameaçadora. — Cuidado com o que fala, Boca de Lixo.

— Bip-bip, p-pessoal — disse Bill sem prestar muita atenção. — E falando de B-B-Beverly, ela é bem f-forte. Poderia a-ajudar a pegar aquela p-porta.

Ben perguntou que tipo de porta era.

— De m-m-mogno, eu a-acho.

— Alguém jogou fora uma *porta de mogno*? — perguntou Ben, surpreso, mas não descrente.

— As pessoas jogam *tudo* fora — disse Mike. — Aquele lixão? Me mata ir até lá. Falando sério, me mata.

— É — concordou Ben. — Muitas daquelas coisas poderiam ser consertadas com facilidade. E tem gente na China e na América do Sul que não tem nada. É o que a *minha* mãe

diz.

— Tem gente que não tem nada bem aqui no Maine, Sunny Jim — disse Richie de forma implacável.

— O q-q-que é i-isso? — perguntou Bill, reparando no álbum que Mike levou. Mike contou para ele e disse que mostraria a foto do palhaço quando Stan e Beverly voltassem com as dobradiças.

Bill e Richie trocaram um olhar.

— Qual é o problema? — perguntou Mike. — O que aconteceu no quarto do seu irmão, Bill?

— É — disse Bill e não quis falar mais nada.

Eles se revezaram trabalhando no buraco até Stan e Beverly voltarem, cada um com um saco de papel pardo com dobradiças. Enquanto Mike falava, Ben ficou sentado de pernas cruzadas e fez janelas sem vidraças que abririam e fechariam em duas das tábuas longas. Talvez só Bill tivesse reparado o quanto os dedos dele trabalhavam rápida e facilmente; o quanto eram competentes e sábios, como dedos de cirurgião. Bill admirou isso.

— Algumas dessas fotos são de cem anos atrás, meu pai disse — contou Mike a eles, segurando o álbum no colo. — Ele consegue nessas vendas de jardim que as pessoas fazem e em lojas de coisas usadas. Às vezes, ele compra ou troca com outros colecionadores. Algumas são estereoscópios: são duas iguais em um cartão comprido, e quando você olha por um negócio que parece um binóculo, elas parecem uma foto só, mas em 3-D. Como *A casa de cera* ou *O monstro da lagoa negra*.

— Por que ele gosta dessas coisas? — perguntou Beverly. Ela estava usando uma calça Levi's comum, mas tinha feito uma coisa diferente na barra, tinha coberto os últimos 10 centímetros com um tecido estampado chamativo, de forma que parecia calça de um marinheiro extravagante.

— É — disse Eddie. — Durante a maior parte do tempo, Derry é bem entediante.

— Ah, não sei direito, mas acho que é porque ele não nasceu aqui — disse Mike com timidez. — É como se… sei lá… como se fosse tudo novo pra ele, ou como se, sabe, se você entrasse no meio de um filme…

— C-C-Claro, você iria querer ver o c-começo — disse Bill.

— É — disse Mike. — Tem muita história em Derry. Eu acho meio legal. E acho que parte dela tem a ver com esse negócio… essa Coisa, se você quiser chamar assim.

Ele olhou para Bill, e Bill assentiu, com olhos pensativos.

— Então eu estava olhando o álbum depois do desfile de Quatro de Julho porque eu sabia que tinha visto aquele palhaço antes. Eu sabia. E vejam.

Ele abriu o álbum, folheou as páginas e entregou a Ben, que estava sentado à sua direita.

— N-N-Não t-t-toque nas p-p-páginas! — disse Bill, e havia tanta urgência na voz dele que todos pularam. Ele tinha fechado a mão que cortou ao enfiar no álbum de Georgie, Richie percebeu. Fechado e apertado em um nó rígido e protetor.

— Bill está certo — disse Richie, e aquela voz branda, totalmente diferente da de Richie, teve um poderoso efeito de convencimento. — Tomem cuidado. É como Stan disse. Se vimos acontecer, vocês também podem ver.

— Sentir — acrescentou Bill sombriamente.

O álbum passou de mão em mão, e cada um segurou com cuidado, como se ele fosse uma banana de dinamite respingando gotas grandes de nitroglicerina.

O álbum voltou para Mike. Ele o abriu em uma das primeiras páginas.

— Papai diz que não tem como descobrir a data dessa, mas deve ser do começo ou do meio dos anos 1700 — disse Mike. — Ele consertou a serra de fita de um cara por uma caixa de livros e fotos velhas. Essa era uma delas. Ele diz que pode valer quarenta pratas ou até mais.

A foto era uma xilogravura, do tamanho de um cartão-postal grande. Quando chegou a vez de Bill olhar, ele ficou aliviado de ver que o pai de Mike tinha o tipo de álbum em que as fotos ficavam por baixo de uma folha de plástico para protegê-las. Ele olhou com fascinação e pensou: *Pronto. Estou vendo-o, ou vendo a Coisa. Vendo mesmo. Essa é a cara do inimigo.*

A foto mostrava um sujeito engraçado fazendo malabarismo com pinos de boliche enormes no meio de uma rua lamacenta. Havia poucas casas dos dois lados da rua, e algumas cabanas que Bill supôs serem lojas, ou postos de escambo, ou como quer que chamassem naquela época. Não parecia em nada com Derry, exceto pelo canal. Estava ali, com as laterais feitas de pedra. No fundo, ao alto, Bill conseguia ver um grupo de mulas em um caminho de sirga, arrastando uma barcaça.

Havia um grupo de talvez seis crianças reunidas ao redor do sujeito engraçado. Uma delas estava usando um chapéu de palha pastoril. Outra estava com um aro e uma vareta para fazê-lo rolar. Não era o tipo de vareta que viria com um aro que se comprava hoje em dia na Woolworth's; era um galho de árvore. Bill conseguia ver os nós onde os galhos menores tinham sido cortados com uma faca ou uma machadinha. *Aquela gracinha não foi feita em Taiwan nem na Coreia*, pensou ele, fascinado por esse garoto que poderia ter sido ele se tivesse nascido quatro ou cinco gerações antes.

O sujeito engraçado tinha um sorriso enorme no rosto. Não usava maquiagem (só que, para Bill, a *cara inteira* dele parecia maquiagem), mas era careca exceto por dois tufos de cabelo esticados como chifres por cima das orelhas, e Bill não teve dificuldade em reconhecer o palhaço deles. *Duzentos anos atrás ou mais*, pensou ele, e sentiu uma onda louca de terror, raiva e empolgação percorrer o corpo. Vinte e sete anos depois, sentado na Biblioteca Pública de Derry lembrando-se da primeira vez que olhou o álbum do pai de Mike, ele percebeu que se sentiu como um caçador deveria se sentir ao dar de cara com o primeiro rastro recente de um velho tigre assassino. *Duzentos anos atrás... tanto tempo, e só Deus sabe por quanto tempo mais.* Isso o levou a se perguntar por quanto tempo o espírito de Pennywise estava aqui em Derry, mas descobriu que era um pensamento que não queria desenvolver.

— Me dá, Bill! — Richie estava dizendo, mas Bill ficou segurando o álbum um momento mais, olhando fixamente para a imagem, com a certeza de que ela começaria a se mexer: os

pinos de boliche (se é que eram isso) que o cara engraçado estava usando para malabarismo subiriam e cairiam, subiriam e cairiam, as crianças ririam e aplaudiriam (só que talvez elas não fossem *todas* rir e aplaudir; algumas talvez gritassem e saíssem correndo), as mulas puxando a barcaça sairiam da extremidade da foto.

Não aconteceu, e ele passou o álbum para Richie.

Quando o álbum voltou para Mike, ele virou mais algumas páginas, procurando uma coisa.

— Aqui — disse ele. — Essa é de 1856, quatro anos antes de Lincoln ser eleito presidente.

O álbum passou de mão em mão de novo. Essa imagem era colorida, uma espécie de desenho, que mostrava alguns bêbados de pé na frente de um saloon enquanto um político gordo de costeletas e bigode declamava de cima de um palco que tinha sido colocado entre dois barris. Ele segurava uma caneca de cerveja coberta de espuma em uma das mãos. O palco no qual ele aparecia de pé estava consideravelmente curvado sob o peso dele. A uma certa distância, um grupo de mulheres de chapéu estava olhando para o show de palhaçada e descontrole com asco. A legenda embaixo da imagem dizia: POLÍTICA EM DERRY É TRABALHO ÁRDUO, DIZ O SENADOR GARNER!

— Papai disse que imagens assim foram muito populares por uns vinte anos antes da Guerra Civil — disse Mike. — Chamavam de "cartões bobos", e as pessoas mandavam umas pras outras. Eram como algumas das charges da *Mad*, eu acho.

— S-S-Sátira — disse Bill.

— É — disse Mike. — Mas agora, olha o canto dessa aqui.

A foto parecia com a *Mad* de outra forma: tinha tantos detalhes e pequenas piadas quanto um painel de Mort Drucker. Havia um homem gordo e sorridente derramando um copo de cerveja na boca de um cachorro malhado. Havia uma mulher que tinha caído de bunda em uma poça de lama. Havia dois moleques de rua enfiando fósforos nas solas dos sapatos de um empresário de aparência próspera, e uma garota pendurada de cabeça pra baixo em um olmo, com a calcinha aparecendo. Mas, apesar dessa quantidade impressionante de detalhes, nenhum deles precisou que Mike mostrasse o palhaço. Vestido com um berrante terno xadrez de três peças de caixeiro-viajante, ele estava fazendo o jogo dos três copinhos com um bando de lenhadores bêbados. Estava piscando para um lenhador que, a julgar pela expressão surpresa e boquiaberta, tinha acabado de escolher o copinho errado. O caixeiro-viajante/palhaço estava recebendo uma moeda dele.

— Ele de novo — disse Ben. — Quanto… cem anos depois?

— Mais ou menos — disse Mike. — E aqui tem uma de 1891.

Era um recorte da primeira página do *Derry News*. VIVA!, dizia com exuberância a manchete. A SIDERÚRGICA ABRE! Logo abaixo disso: *"Cidade se prepara para piquenique."* A foto mostrava uma imagem da cerimônia de corte de fita inaugural da Siderúrgica Kitchener; o estilo lembrou a Bill as gravuras de Currier and Ives que a mãe tinha na sala de jantar, embora essa não fosse nem um pouco tão definida. Um cara vestido de paletó e cartola segurava uma tesoura enorme aberta acima do laço de fita da siderúrgica enquanto um grupo de talvez

quinhentas pessoas assistia. À esquerda estava um palhaço, fazendo uma pirueta para um grupo de crianças. O artista o tinha capturado de cabeça para baixo, o que transformou o sorriso em um grito.

Ele passou o álbum rapidamente para Richie.

A foto seguinte era uma sob a qual Will Hanlon tinha escrito: *1933, Revogação em Derry.* Embora nenhum dos garotos soubesse muito sobre a Lei Seca e a revogação dela, a foto deixava os fatos importantes bem claros. A foto era do Wally's Spa no Meio Acre do Inferno. O lugar estava quase literalmente cheio até a borda de homens usando camisas brancas abertas, chapéus-palhetas, camisas de lenhador, camisetas, ternos de banqueiro. Todos seguravam copos e garrafas no alto, com pose de vitória. Havia dois cartazes grandes nas janelas. BEM-VINDO DE VOLTA, JOHN BARLEYCORN!, dizia um. O outro dizia: CERVEJA GRÁTIS HOJE. O palhaço, vestido como o maior dândi que você já viu (de sapatos brancos, polainas, calça de gângster), estava com o pé no degrau debaixo da porta de um automóvel Reo e tomando champanhe em um sapato de mulher de salto alto.

— Mil novecentos e quarenta e cinco — disse Mike.

O *Derry News* de novo. A manchete: JAPÃO SE RENDE — ACABOU! GRAÇAS A DEUS, ACABOU! Um desfile seguia dançando pela rua Main na direção da colina Up-Mile. E ali estava o palhaço ao fundo, usando a roupa prateada com os botões laranja, congelado na matriz de pontos que compunha a foto granulada do jornal, parecendo sugerir (ao menos para Bill) que nada tinha acabado, ninguém tinha se rendido, nada foi vencido, nada ainda era a regra, nada ainda era o costume; parecendo sugerir acima de tudo que tudo ainda estava perdido.

Bill se sentiu gelado, seco e assustado.

De repente, os pontos na foto desapareceram e ela começou a se mover.

— Foi o que… — começou Mike a dizer.

— O-O-Olhem — disse Bill. A palavra caiu de sua boca como um cubo de gelo parcialmente derretido. — *P-P-Pessoal, o-o-olha i-isso!*

Eles se reuniram ao redor do álbum.

— Ah, meu *Deus* — sussurrou Beverly, estupefata.

— *É A COISA!* — Richie quase gritou, batendo nas costas de Bill de empolgação. Ele olhou para o rosto branco e contraído de Eddie e para o paralisado de Stan Uris. — Foi o que vimos no quarto de George! *Foi exatamente o que…*

— Shh — disse Ben. — Escute. — E então, quase chorando: — Dá pra ouvir… Cristo, dá pra ouvir eles aí.

E, no silêncio rompido apenas pelo movimento leve da brisa de verão, todos perceberam que conseguiam ouvir. A banda estava tocando uma marchinha, em tom baixo e metálico devido à distância… ou à passagem de tempo… ou o que quer que fosse. Os gritos da multidão pareciam sons de uma estação de rádio mal sintonizada. Havia estalos, também baixos, como o som abafado de dedos estalando.

— Bombinhas — sussurrou Beverly, e esfregou os olhos com mãos trêmulas. — São

bombinhas, não são?

Ninguém respondeu. Eles ficaram olhando a foto, com os olhos ocupando metade da cara.

O desfile seguiu na direção deles, mas pouco antes de as pessoas chegarem ao limite da frente, no ponto em que parecia que sairiam da foto e entrariam em um mundo 13 anos depois, elas sumiram, como se em uma espécie de curva imperceptível. Os soldados da Primeira Guerra Mundial primeiro, com os rostos estranhamente velhos sob os capacetes, com a faixa que dizia: OS VETERANOS DE GUERRA DE DERRY SAÚDAM A CHEGADA DOS RAPAZES CORAJOSOS, depois os escoteiros, os Kiwanians, a tropa médica, a banda cristã de Derry, depois os veteranos de Derry da Segunda Guerra Mundial em pessoa, com a banda do ensino médio logo atrás. A multidão se movia e deslocava. Tiras de papel e confete voavam das janelas de segundo e terceiro andar dos prédios comerciais nas ruas. O palhaço pulava na lateral, fazendo splits e dando estrelas, imitando um atirador de elite, imitando uma saudação. E Bill reparou pela primeira vez que as pessoas estavam se afastando dele, mas não como se o vissem, exatamente; parecia mais que sentiam uma corrente de ar ou o cheiro de alguma coisa estragada.

Só as crianças realmente o viam, e elas se encolhiam para longe dele.

Ben esticou a mão para a foto, como Bill fez no quarto de George.

— N-N-N-NÃO! — gritou Bill.

— Acho que não tem problema, Bill — disse Ben. — Veja. — E colocou a mão no plástico protetor sobre a foto por um momento e a levantou de volta. — Mas se você tirasse essa cobertura…

Beverly gritou. O palhaço parou de fazer palhaçadas quando Ben afastou a mão. Saiu correndo na direção deles, com a boca sangrenta pintada murmurando e rindo. Bill se encolheu, mas continuou segurando o álbum, achando que ele sumiria da mesma forma que o desfile, a bandinha, os escoteiros, o Cadillac conversível com a Miss Derry de 1945.

Mas o palhaço não desapareceu naquela curva que parecia definir a beirada daquela existência antiga. Em vez disso, deu um salto com uma graça assustadora e ágil para cima de um poste que ficava na extrema esquerda da imagem. Ele pulou como um macaco em um galho e, de repente, o rosto dele estava pressionado contra a grossa folha plástica que Will Hanlon tinha colocado por cima de cada uma das páginas do álbum. Beverly gritou de novo, e desta vez Eddie se juntou a ela, embora o grito dele fosse baixo e quase sem fôlego. O plástico foi empurrado para fora; mais tarde, todos concordariam terem visto isso. Bill viu o bulbo do nariz vermelho do palhaço se achatar, da forma como seu nariz se achata quando você o pressiona em uma janela.

— *Matar todos vocês!* — O palhaço estava rindo e gritando. — *Tentem me impedir e vou matar todos vocês! Vou enlouquecer vocês e depois matar todos! Vocês não podem me deter! Sou o Homem Biscoito de Gengibre! Sou o Lobisomem Adolescente!*

E, por um momento, a Coisa foi o Lobisomem Adolescente, com o rosto prateado e redondo do licantropo olhando para eles por cima da gola da roupa prateada, com dentes

brancos à mostra.

— *Não podem me deter, sou o leproso!*

Agora o rosto do leproso, assombrado e descascando, podre de tantas feridas, olhava para eles com olhos de morto-vivo.

— *Não podem me deter, sou a múmia!*

O rosto do leproso envelheceu e foi tomado de rachaduras estéreis. Ataduras velhas ocupavam parte da pele e estavam solidificadas ali. Ben se virou, com o rosto branco como coalhada, uma das mãos sobre o pescoço e o ouvido.

— *Não podem me deter, sou os garotos mortos!*

— *Não!* — gritou Stan Uris. Os olhos dele saltaram acima dos arcos de pele que pareciam hematomas. *Olheiras de choque*, pensou Bill aleatoriamente, e foi uma expressão que ele usaria em um livro 12 anos depois, sem fazer ideia de onde tinha vindo, simplesmente a usaria como escritores usam as palavras certas na hora certa, como um mero dom daquele espaço sideral

(espaço adicional)

de onde as boas palavras vêm às vezes.

Stan arrancou o álbum das mãos dele e fechou com força. Segurou-o fechado com as duas mãos, e os tendões saltaram na parte interna dos pulsos e antebraços. Ele olhou ao redor para os outros com olhos que pareciam quase insanos.

— Não — disse ele rapidamente. — Não, não, não.

E, de repente, Bill percebeu que estava mais preocupado com a negação insistente de Stan do que com o palhaço, e entendeu que esse era exatamente o tipo de reação que o palhaço queria provocar, porque…

Porque talvez a Coisa esteja com medo de nós… com medo de verdade pela primeira vez em sua longa vida.

Ele segurou Stan e o sacudiu duas vezes, com força, segurando nos ombros dele. Os dentes de Stan estalaram ao baterem e ele largou o álbum. Mike o pegou e guardou rapidamente, não gostando de tocar nele depois do que viu. Mas ainda era do pai dele, e ele entendia de forma intuitiva que o pai jamais veria ali dentro o que ele tinha acabado de ver.

— Não — disse Stan baixinho.

— Sim — disse Bill.

— Não — disse Stan de novo.

— *Sim.* Todos n-n-nós…

— *Não.*

— … n-n-nós v-vimos, Stan — disse Bill. Ele olhou para os outros.

— Sim — disse Ben.

— Sim — disse Richie.

— Sim — disse Mike. — Ah, Deus, sim.

— Sim — disse Bev.

— Sim — Eddie conseguiu dizer, ofegante pela garganta que se fechava rapidamente.

Bill olhou para Stan, exigindo com os olhos que Stan olhasse para ele também.

— N-Não deixa isso t-t-te a-afetar, cara — disse Bill. — V-Você t-t-também v-viu.

— *Eu não queria!* — choramingou Stan. Havia suor na testa dele, uma camada oleosa.

— Mas v-v-você v-v-viu.

Stan olhou para os outros, um a um. Passou as mãos pelo cabelo curto e deu um grande suspiro trêmulo. Seus olhos pareceram se livrar daquela loucura que tanto perturbou Bill.

— Sim — disse ele. — Sim. Tá. Sim. É isso que vocês querem? Sim.

Bill pensou: *Ainda estamos todos juntos. Ele não nos deteve. Ainda podemos matar a Coisa. Ainda podemos matar a Coisa… se formos corajosos.*

Bill olhou para os outros e viu em cada par de olhos uma parte da histeria de Stan. Não com tanta intensidade, mas estava lá.

— É-É — disse ele, e sorriu para Stan. Depois de um momento, Stan também sorriu, e parte daquele choque horrível sumiu de seu rosto. — Era o que eu q-q-queria, seu m-mijão.

— Bip-bip, Dumbo — disse Stan, e todos riram. Foram gargalhadas histéricas e berradas, mas melhor do que nenhuma gargalhada, pensou Bill.

— V-V-Vamos — disse ele, porque alguém tinha que dizer alguma coisa. — Vamos t-t-terminar a sede do clube. O que vocês d-d-dizem?

Ele viu gratidão nos olhos deles e sentiu uma certa felicidade por eles… mas a gratidão quase não ajudou a fazer desaparecer o horror que ele sentia. Na verdade, havia alguma coisa na gratidão deles que o fazia ter vontade de odiá-los. Será que ele jamais poderia expressar seu próprio pavor, com o risco de os laços frágeis que os uniam se soltarem? E, na verdade, uma coisa assim não era justa, era? Porque, de certa forma, ele os estava usando, usando os amigos, botando a vida deles em risco, para acertar as contas da morte do irmão. E era essa a questão? Não, porque George estava morto, e se a vingança podia ser executada, Bill desconfiava que só podia ser executada em prol dos vivos. E o que isso o tornava? Um merdinha egoísta sacudindo uma espada de lata e tentando se fazer parecer o rei Arthur?

Ah, Deus, gemeu ele em pensamento, *se é nisso que os adultos têm que pensar, nunca quero crescer.*

A determinação dele ainda estava forte, mas era uma determinação amarga.

Amarga.

Capítulo 15

O buraco de fumaça

1

Richie Tozier empurra os óculos no nariz (o gesto já parece perfeitamente familiar, embora ele use lentes de contato há 20 anos) e pensa com surpresa que a atmosfera mudou na sala enquanto Mike relembrava o incidente com o pássaro na siderúrgica e os lembrava do álbum de fotos do pai que se moveu.

Richie sentiu um tipo de energia louca e eufórica crescendo na sala. Ele tinha usado cocaína umas nove ou dez vezes ao longo dos últimos dois anos (em festas, em geral; cocaína não era o tipo de coisa que você iria querer ter em casa se era um disc-jóquei famoso), e a sensação era bem parecida, mas não idêntica. Essa sensação era mais pura, mais um barato de droga injetada na veia principal. Ele pensou reconhecer o sentimento da infância, quando o sentia todos os dias e passou a encará-lo como parte da vida. Ele achava que, se alguma vez pensou naquele tipo de energia profunda quando criança (ele não conseguia se lembrar de já ter pensado), simplesmente descartou como fato da vida, uma coisa que sempre estaria presente, como a cor de seus olhos ou as deformações horrendas dos dedos dos pés.

Bem, isso acabou não sendo verdade. A energia que lhe dava vida de forma tão extravagante quando você era criança, a energia que você achava que jamais terminaria, ela sumiu em algum momento entre os 18 e os 24 anos e foi substituída por uma coisa mais sem graça, uma coisa tão falsa quanto o barato de cocaína: propósito, talvez, ou objetivos, ou qualquer palavra da Câmara Júnior de Comércio que você quisesse usar. Não era nada

de mais; não sumia tudo de uma vez, com um estalo. E talvez, pensou Richie, essa fosse a parte assustadora. Que você não deixa de ser criança de uma vez, com um grande estrondo explosivo, como um dos balões daquele palhaço com slogans de Burma-Shave nas laterais. A criança em você ia se esgotando, como o ar em um pneu. E um dia você se olhava no espelho e havia um adulto olhando para você. Você podia continuar usando calça jeans, podia continuar indo a shows de Springsteen ou Seger, podia pintar o cabelo, mas o rosto no espelho era de um adulto de qualquer jeito. Talvez tudo acontecesse quando você estava dormindo, como uma visita da Fada do Dente.

Não*, pensa ele.* Não da Fada do Dente. Da Fada da Idade.

Ele ri alto da extravagância estúpida dessa imagem, e quando Beverly olha para ele querendo saber o que foi, ele balança a mão para ela.

— Nada, gata — diz ele. — Só estou pensando pensamentos.

Mas agora, aquela energia voltou. Não, não completamente, ao menos ainda não, mas está voltando. E não é só nele; ele consegue senti-la ocupando a sala. Mike parece bem pela primeira vez desde que todos se reuniram para aquele almoço horroroso perto do shopping. Quando Richie entrou no saguão e viu Mike sentado ali com Ben e Eddie, ele pensou, chocado: Ali há um homem que está ficando louco, talvez quase pronto pra cometer suicídio. *Mas aquela expressão já sumiu. Não foi apenas sublimada; sumiu. Richie está sentado ali observando os últimos traços desaparecerem do rosto de Mike enquanto revivia a experiência do pássaro e do álbum. Ele está energizado. E o mesmo está acontecendo com todos. Está no rosto deles, nas vozes, nos gestos.*

Eddie se serve de outra dose de gim com suco de ameixa. Bill bebe um pouco de uísque, e Mike abre outra cerveja. Beverly olha para os balões que Bill prendeu à microfilmadora na mesa principal e termina o terceiro screwdriver *rapidamente. Todos estão bebendo com entusiasmo, mas nenhum deles está bêbado. Richie não sabe de onde vem a energia que está sentindo, mas não é de uma garrafa de bebida.*

CRIOULOS DE DERRY QUE SE FODAM: azuis.

OS OTÁRIOS CONTINUAM OTÁRIOS, MAS STANLEY URIS FINALMENTE SAIU NA FRENTE: laranja.

Meu Deus*, Richie pensa, abrindo uma nova cerveja.* Não é ruim o bastante que a Coisa possa ser qualquer monstro que queira, e não é ruim o bastante que a Coisa possa se alimentar de nossos medos. Ela também acaba sendo Rodney Dangerfield vestido de mulher.

É Eddie quem rompe o silêncio.

— O quanto vocês acham que a Coisa sabe sobre o que estamos fazendo agora? — pergunta ele.

— Ela esteve aqui, não esteve? — diz Ben.

— Não sei se isso quer dizer muita coisa — responde Eddie.

Bill assente.

— São apenas imagens — diz ele. — Não sei se quer dizer que a Coisa consegue nos ver,

ou saber o que estamos planejando. A gente consegue ver um repórter de notícias na TV, mas ele não consegue ver a gente.

— Esses balões não são apenas imagens — diz Beverly, e aponta para eles por cima do ombro com o polegar. — São de verdade.

— Mas não é verdade — diz Richie, e todos olham para ele. — Imagens são *reais. Claro que eles são. Eles…*

E de repente, uma outra coisa se encaixa, uma coisa nova: se encaixa com força tão firme que ele coloca as mãos nos ouvidos. Seus olhos se arregalam por trás dos óculos.

— Ah, meu Deus! — grita ele de repente. Ele tateia na mesa, começa a se levantar, depois cai na cadeira de novo com um baque. Derruba a lata de cerveja ao tentar pegá-la, consegue segurar e bebe o que restou. Ele olha para Mike enquanto os outros olham para ele, assustados e preocupados.

— O ardor! — ele quase grita. — O ardor nos meus olhos! Mike! O ardor nos meus olhos…

Mike está assentindo, sorrindo um pouco.

— R-Richie? — pergunta Bill. — O que foi?

Mas Richie mal o escuta. A força da lembrança o percorre como uma onda, deixando-o alternadamente com frio e calor, e ele de repente entende por que essas lembranças voltaram uma de cada vez. Se ele tivesse se lembrado de tudo de uma vez, a força teria sido como a de um tiro psicológico a 2 centímetros de sua têmpora. Teria destruído toda a parte de cima de sua cabeça.

— Nós vimos a Coisa chegando! — diz ele para Mike. — Nós vimos a Coisa chegando, não vimos? Você e eu… ou fui só eu? — Ele segura a mão de Mike, que está em cima da mesa. — Você também viu, Mikey, ou fui só eu? Você viu a Coisa? O incêndio na floresta? A cratera?

— Eu vi — diz Mike baixinho, e aperta a mão de Richie.

Richie fecha os olhos por um momento, pensando que nunca sentiu uma onda tão calorosa e poderosa de alívio na vida, nem mesmo quando o jatinho que pegou de Los Angeles para São Francisco deslizou na pista e parou de repente, sem ninguém morrer, sem ninguém nem se ferir. Algumas malas caíram dos compartimentos superiores e isso foi tudo. Ele pulou no escorrega amarelo de emergência e ajudou uma mulher a se afastar do avião. A mulher virou o tornozelo em uma protuberância escondida na grama. Ela estava rindo e dizendo: "Não acredito que não estou morta, não acredito, não consigo acreditar." Então Richie, que estava meio que carregando a mulher com um dos braços e balançando o outro para os bombeiros que faziam gestos desesperados para os passageiros irem logo, disse: "Tudo bem, você está morta, você está morta, está melhor agora?", e os dois riram loucamente. Aquela foi uma risada de alívio… mas esse alívio era maior.

— De que vocês estão falando? — pergunta Eddie, olhando de um para o outro.

Richie olha para Mike, mas Mike balança a cabeça.

— Vá em frente, Richie. Já falei demais por hoje.

— Vocês não sabem ou talvez não lembrem porque foram embora — conta Richie. — Eu e Mikey, nós fomos os dois últimos índios no buraco de fumaça.

— O buraco de fumaça — reflete Bill. Os olhos dele estão distantes e azuis.

— A sensação de queimação nos olhos — diz Richie — por baixo das lentes de contato. Senti pela primeira vez depois que Mike ligou pra mim na Califórnia. Eu não soube o que era na hora, mas sei agora. Foi a fumaça. Fumaça com 27 anos de idade. — Ele olha para Mike. — Psicológico, você diria? Psicossomático? Uma coisa do subconsciente?

— Eu diria que não — responde Mike baixinho. — Eu diria que o que você sentiu foi tão real quanto esses balões, ou a cabeça que vi na geladeira, ou o cadáver de Tony Tracker que Eddie viu. Conta pra eles, Richie.

Richie diz:

— Foi quatro ou cinco dias depois que Mike levou o álbum do pai dele pro Barrens. Lá pra meados de julho, eu acho. A sede do clube estava pronta. Mas… o troço do buraco de fumaça, aquilo foi ideia sua, Monte de Feno. Você tirou de um de seus livros.

Sorrindo um pouco, Ben assente.

Richie pensa: Estava nublado naquele dia. Sem brisa. Estava trovejando. Como no dia, um mês depois, mais ou menos, em que ficamos de pé no riacho e fizemos um círculo e Stan cortou nossas mãos com aquele caco de garrafa de Coca. O ar estava parado, esperando que alguma coisa acontecesse, e mais tarde Bill disse que foi por isso que ficou tão ruim lá, e tão rápido, porque não tinha vento.

Dezessete de julho. Sim, foi isso, aquele foi o dia do buraco de fumaça. Dezessete de julho de 1958, quase um mês depois do início das férias de verão e o núcleo dos Otários, Bill, Eddie e Ben, ter se formado no Barrens. Deixe-me procurar a previsão do tempo para aquele dia quase 27 anos atrás, *pensa Richie*, e posso dizer as palavras antes mesmo de lê-las: Richard Tozier, também conhecido como o Grande Mentalizador. “Quente, úmido, com chances de chuvas de verão. E cuidado com visões que podem acompanhar enquanto você está lá embaixo no buraco de fumaça…”

Isso foi dois dias depois que o corpo de Jimmy Cullum foi descoberto, o dia depois que o sr. Nell desceu para o Barrens de novo e se sentou na sede do clube sem saber que ela existia, porque eles já a tinham coberto e o próprio Ben tinha cuidado da aplicação de cola e recolocação da terra. Se você não ficasse de quatro e engatinhasse pela área, nem sonharia que havia alguma coisa ali. Como a represa, a sede do clube de Ben foi um sucesso estrondoso, mas desta vez o sr. Nell não soube nada sobre ela.

Ele os interrogou detalhadamente, de forma oficial, e anotou as respostas no caderninho preto, mas havia pouco que eles pudessem contar, ao menos sobre Jimmy Cullum, e o sr. Nell foi embora depois de lembrá-los mais uma vez que eles não deviam brincar no Barrens sozinhos… nunca. Richie supôs que o sr. Nell teria simplesmente mandado que eles fossem embora se alguém do Departamento de Polícia de Derry realmente acreditasse que o

garoto Cullum (ou qualquer um dos outros) tinha sido morto no Barrens. Mas eles sabiam que não; por causa do esgoto e do sistema de escoamento, ali era apenas onde os restos costumavam ir parar.

O sr. Nell foi no dia 16, sim, um dia também quente e úmido, mas ensolarado. O dia 17 é que estava nublado.

— Você vai contar pra gente ou não, Richie? — pergunta Bev. Ela está sorrindo um pouco, com lábios carnudos e rosados, os olhos iluminados.

— Só estou pensando em por onde começar — diz Richie. Ele tira os óculos, limpa na camisa e de repente sabe onde: com o chão se abrindo aos pés dele e de Bill. É claro que ele sabia sobre a sede do clube, assim como Bill e o resto deles, mas ainda se apavorou ao ver o chão se abrindo como um pedaço de escuridão daquele jeito.

Ele se lembra de Bill levando-o na garupa de Silver para o local habitual na rua Kansas e depois guardando a bicicleta debaixo da ponte. Ele se lembra dos dois seguindo pelo caminho para a clareira, às vezes tendo que virar de lado porque a vegetação era muito densa. Eles estavam no meio do verão, e o Barrens se encontrava no apogeu da vida daquele verão. Ele se lembra de bater nos mosquitos que zumbiam perto demais dos ouvidos deles; até se lembra de Bill dizendo (ah, como tudo volta tão claramente, não como se tivesse acontecido ontem, mas como se estivesse acontecendo agora) "A-A-Aguenta, um s-s-s…

2

egundo, R-Richie. Tem um e-e-enorme na s-sua n-nuca.

— Ah, Deus — disse Richie. Ele odiava mosquitos. Pequenos vampiros voadores, era isso que eles eram se você analisasse os fatos. — Mata, Big Bill.

Bill bateu na nuca de Richie.

— Ai!

— E-E-Está v-vendo?

Bill esticou a mão na frente do rosto de Richie. Havia um corpo de mosquito partido no meio de uma mancha irregular de sangue. *Meu sangue*, pensou Richie, *que foi derramado por você e por muitos.*

— Eeeeca — disse ele.

— N-Não se p-preocupe — disse Bill. — O merdinha n-nunca mais vai dançar t-t-tango.

Eles seguiram andando, batendo em mosquitos, afastando muriçocas atraídas por alguma

coisa no cheiro do suor deles, uma coisa que anos depois seria identificada como “feromônios”. Fossem lá o que fossem.

— Bill, quando você vai contar pro pessoal sobre as balas de prata? — perguntou Richie quando eles se aproximaram da clareira. Nesse caso, o “pessoal” era Bev, Eddie, Mike e Stan, embora Richie achasse que Stan já tinha uma boa noção do que eles estavam estudando na Biblioteca Pública. Stan era arguto, arguto até demais, Richie às vezes pensava. No dia em que Mike levou o álbum do pai para o Barrens, Stan quase surtou. Richie chegou a ficar quase convencido de que eles não veriam Stan de novo, e o Clube dos Otários viraria um sexteto (uma palavra da qual Richie gostava muito, sempre com ênfase na primeira sílaba). Mas Stan voltou no dia seguinte, e Richie o respeitou ainda mais por isso. — Vai contar hoje?

— N-Não hoje — disse Bill.

— Você acha que não vai dar certo, né?

Bill deu de ombros, e Richie, que talvez compreendesse Bill Denbrough melhor do que qualquer outra pessoa compreenderia até a chegada de Audra Phillips, desconfiava de todas as coisas que Bill poderia ter dito se não fosse o bloqueio criado pela gagueira: que crianças fazerem balas de prata era coisa de livros de garotos, coisa de revistas em quadrinhos… Em uma palavra, era besteira. Besteira perigosa. Eles podiam tentar, claro. Ben Hanscom talvez até conseguisse executar, claro. Em um filme, *funcionaria*, claro. Mas…

— E então?

— Tenho uma i-i-ideia — disse Bill. — Mais simples. Mas só se Be-Be-Beverly…

— Se Beverly o quê?

— D-Deixa pra lá.

E Bill não quis falar mais nada sobre o assunto.

Eles chegaram à clareira. Se você olhasse com atenção, poderia achar que a grama ali parecia meio esmagada, tinha uma aparência meio *usada*. Poderia até pensar que havia alguma coisa meio artificial, quase planejada, nas folhas espalhadas por cima da terra. Bill pegou uma embalagem de Ring-Ding (de Ben, era quase certo) e colocou distraidamente no bolso.

Os garotos andaram até o centro da clareira… e um pedaço de chão com uns 25 centímetros de comprimento por 8 de largura se levantou com um gemido de dobradiças e revelou uma pálpebra preta. Olhos observaram daquela escuridão, o que provocou um arrepio momentâneo em Richie. Mas eram apenas os olhos de Eddie Kaspbrak, e foi Eddie, que ele visitaria no hospital uma semana depois, que falou com voz seca:

— Quem está passando pela minha ponte?

Risos vindos de baixo, e o piscar de uma lanterna.

— Suemos los *rurales*, senhorr — disse Richie, agachado, girando um bigode invisível e falando com a Voz de Pancho Vanilla.

— É? — perguntou Beverly lá de baixo. — Mostra seus distintivos.

— Los distintivos? — gritou Richie, satisfeito. — Non precisamos de malditos los distintivos!

— Vai pro inferno, Pancho — respondeu Eddie, e fechou a grande pálpebra. Houve mais risadas abafadas vindas de baixo.

— *Saiam com as mãos para o alto!* — gritou Bill com voz grave e autoritária de adulto. Ele começou a andar de um lado para o outro por cima da tampa coberta de terra da sede do clube. Conseguia ver o chão se movendo ao passar de um lado para o outro, mas bem de leve; eles tinham feito um bom trabalho. — *Vocês não têm chance!* — berrou ele, vendo-se como o destemido Joe Friday do Departamento de Polícia de Los Angeles em sua imaginação. — *Saiam daí, punks! Senão vou começar a ATIRAR!*

Ele pulou para enfatizar o que disse. Gritos e risadas soaram embaixo. Bill estava sorrindo, sem perceber que Richie estava olhando para ele com sabedoria… olhando para ele não como uma criança olha para outra, mas, naquele breve momento, como um adulto olha para uma criança.

Ele não sabe que nem sempre gagueja, pensou Richie.

— Deixa eles entrarem, Ben, antes que derrubem o teto — disse Bev. Um momento depois, a porta se abriu como a escotilha de um submarino. Ben olhou para fora. Estava vermelho. Richie soube imediatamente que Ben estava sentado ao lado de Beverly.

Bill e Richie entraram pela abertura e Ben fechou-a de novo. Agora estavam todos ali, apertados nas tábuas que serviam de parede com as pernas encolhidas, os rostos ligeiramente visíveis na luz da lanterna de Ben.

— O q-q-que está r-r-rolando? — perguntou Bill.

— Nada de mais — disse Ben. Ele estava realmente sentado ao lado de Beverly, e o rosto dele parecia feliz, além de vermelho. — Só estávamos…

— Conta, Ben — interrompeu Eddie. — Conta a história pra eles! Vamos ver o que acham.

— Não seria bom pra sua asma — disse Stan em seu melhor tom de “alguém tem que ser prático aqui”.

Richie se sentou entre Mike e Ben, segurando os joelhos com as mãos unidas. Estava agradavelmente fresco ali embaixo, deliciosamente *secreto*. Seguindo o brilho da lanterna ao ser dirigida para um rosto atrás do outro, ele esqueceu temporariamente o que o impressionou tanto um minuto antes.

— De que vocês estão falando?

— Ah, Ben estava contando uma história sobre uma cerimônia indígena — disse Bev. — Mas Stan está certo, não seria muito bom pra sua asma, Eddie.

— Pode ser que não cause nada — disse Eddie, parecendo (para crédito dele, pensou Richie) apenas um pouco desconfortável. — Normalmente, é só quando me aborreço. De qualquer modo, eu gostaria de tentar.

— Tentar o q-q-quê? — perguntou Bill.

— A Cerimônia do Buraco de Fumaça — disse Eddie.

— O q-q-que é i-isso?

O raio da lanterna de Ben apontou para cima, e Richie seguiu-o com os olhos. Ele seguiu

aleatoriamente pelo teto de madeira da sede do clube enquanto Ben explicava. O raio de luz atravessou os painéis cinzelados e rachados da porta de mogno que os sete carregaram até lá direto do lixão três dias antes, o dia anterior ao corpo de Jimmy Cullum ser descoberto. A coisa de que Richie se lembrava melhor sobre Jimmy Cullum, um garoto tranquilo que também usava óculos, era que ele gostava de jogar Palavras Cruzadas em dias de chuva. *Não vai mais jogar Palavras Cruzadas*, pensou Richie, e tremeu um pouco. Na escuridão, ninguém viu o tremor, mas Mike Hanlon, que estava sentado ombro a ombro com ele, deu uma olhada curiosa na direção dele.

— Ah, peguei um livro na biblioteca semana passada — dizia Ben. — *Ghosts of the Great Plains*, esse é o nome, e fala sobre as tribos indígenas que viviam no oeste 150 anos atrás. Os paiutes, os pawnees, os kiowas, os otoes e comanches. Era um livro muito bom. Eu adoraria um dia ir lá onde eles viviam. No Iowa, no Nebraska, Colorado, Utah…

— Cala a boca e conta sobre a Cerimônia do Buraco de Fumaça — disse Beverly, dando uma cotovelada nele.

— Claro — disse ele. — Certo.

E Richie acreditou que a resposta dele teria sido a mesma se Beverly o tivesse cutucado e dito “Tome o veneno agora, Ben, tá?”

— Sabe, quase todos aqueles índios tinham uma cerimônia especial, e a sede do nosso clube me fez pensar nisso. Sempre que eles tinham que tomar uma decisão importante, fosse deslocar o rebanho de búfalos ou encontrar água potável, ou se iam lutar contra os inimigos ou não, eles cavavam um buraco grande no chão e cobriam com galhos, exceto por um buraquinho no alto.

— O buraco de fu-fu-fumaça — disse Bill.

— Sua mente ligeira nunca deixa de me impressionar, Big Bill — disse Richie com seriedade. — Você devia participar de *Twenty-One*. Aposto que seria capaz de vencer até o velho Charlie van Doren.

Bill fingiu que ia bater nele; Richie se encolheu e acabou batendo com a cabeça com força na lateral.

— *Ai!*

— Você m-mereceu — disse Bill.

— Vou mataaaar você, seu gringo podre — disse Richie. — Não precisamos de porcaria nenhuma…

— Será que vocês podem parar? — pediu Beverly. — Isso é *interessante*. — E lançou um olhar tão caloroso para Ben que Richie pensou que vapor começaria a sair das orelhas do Monte de Feno em alguns minutos.

— Tudo bem, B-B-Ben — disse Bill. — C-C-Continua.

— Claro — disse Ben. A palavra saiu rouca. Ele precisou limpar a garganta e recomeçar. — Quando o buraco de fumaça era concluído, eles acendiam uma fogueira lá embaixo. Usavam madeira verde, pra fazer uma fogueira com bastante *fumaça*. E então, todos os bravos

desciam lá e ficavam sentados ao redor da fogueira. O local ficava tomado de fumaça. O livro dizia que era uma cerimônia religiosa, mas também era uma espécie de competição, sabe? Depois de metade de um dia, mais ou menos, a maior parte dos bravos saía por não conseguir mais suportar a fumaça, e só restavam dois ou três. E eles deviam ter visões.

— É, se eu inspirasse fumaça por umas cinco ou seis horas, provavelmente teria visões também — disse Mike, e todos riram.

— As visões deviam dizer pra tribo o que fazer — disse Ben. — E não sei se essa parte é verdade ou não, mas os livros diziam que, na maior parte das vezes, as visões estavam certas.

Um silêncio se espalhou, e Richie olhou para Bill. Percebeu que *todos* estavam olhando para Bill, e teve a sensação de novo de que a história de Ben sobre o buraco de fumaça era mais do que uma coisa que você lia em um livro e precisava experimentar, como um experimento de química ou truque de mágica. Ele sabia, todos sabiam. Talvez Ben soubesse mais do que todo mundo. Era uma coisa que eles *deveriam* fazer.

Eles deviam ter visões… Na maior parte das vezes, as visões estavam certas.

Richie pensou: *Aposto que, se perguntássemos, Monte de Feno diria que o livro praticamente pulou na mão dele. Como se alguma coisa quisesse que ele lesse* aquele livro em particular *e nos contasse sobre a cerimônia do buraco de fumaça. Porque tem uma tribo bem aqui, não tem? Tem. Nós. E sim, acho que precisamos saber o que acontece depois.*

Esse pensamento levou a outro: *Será que isso tinha que acontecer? Desde a hora que Ben teve a ideia de uma sede subterrânea pro clube em vez de uma casa na árvore, será que era pra isso acontecer? O quanto disso é ideia nossa e o quanto é ideia induzida?*

De certa forma, ele achava que uma ideia assim devia ser quase reconfortante. Era legal imaginar que uma coisa maior do que você, *mais inteligente* do que você, estava pensando no seu lugar, como adultos que planejavam suas refeições, compravam suas roupas e controlavam seu tempo. E Richie estava convencido de que a força que os reuniu, a força que usara Ben como mensageiro para levar a ideia do buraco de fumaça, não era a mesma que estava matando as crianças. Era uma espécie de contraforça àquela outra… à

(ah, é melhor dizer de uma vez)

Coisa. Mas, por outro lado, ele não gostava dessa sensação de não estar no controle de suas ações, de ser controlado, de ser *guiado.*

Todos olharam para Bill; todos esperaram para ver o que Bill diria.

— S-S-Sabe — disse ele —, a i-ideia é b-bem l-l-legal.

Beverly suspirou, e Stan se mexeu com desconforto… e só.

— M-M-Muito l-legal — repetiu Bill, olhando para as mãos, e talvez fosse apenas a lanterna inquieta nas mãos de Ben, ou talvez sua imaginação, mas Richie pensou que Bill parecia mais pálido e bem mais assustado, apesar de estar sorrindo. — Talvez uma v-visão seja b-bom pra nos dizer o que f-f-fazer com relação ao nosso p-p-problema.

E, se alguém tiver uma visão, pensou Richie*, vai ser Bill.* Mas ele se enganou quanto a isso.

— Olha — disse Ben —, só deve funcionar pros índios, mas pode ser legal tentar.

— É, provavelmente vamos desmaiar por causa da fumaça e morrer aqui dentro — disse Stan com desânimo. — Seria bem legal mesmo.

— Você não quer participar, Stan? — perguntou Eddie.

— Ah, mais ou menos — disse Stan, e suspirou. — Acho que vocês estão me deixando maluco, sabe? — Ele olhou para Bill. — Quando?

Bill disse:

— B-Bem, n-nada é m-melhor do que o p-p-presente, n-né?

Fez-se um silêncio assustado e pensativo. Então Richie ficou de pé, abriu a porta de cima e deixou que a luz daquele dia parado de verão entrasse.

— Estou com minha machadinha — disse Ben, saindo atrás dele. — Quem quer me ajudar a cortar madeira verde?

No final, todos ajudaram.

3

Eles demoraram quase uma hora para ficar prontos. Cortaram quatro ou cinco braçadas de pequenos galhos verdes, dos quais Ben tirou folhas e galhos menores.

— Vão fazer bastante fumaça — disse ele. — Nem sei se vamos conseguir fazer pegar fogo.

Beverly e Richie desceram até a margem do Kenduskeag e trouxeram uma variedade de pedras de bom tamanho, usando o casaco de Eddie (a mãe dele sempre o obrigava a levar um casaco, mesmo se estivesse fazendo 27ºC — pode chover, dizia a sra. Kaspbrak, e se você tiver um casaco pra vestir, sua pele não vai ficar encharcada) como sacola improvisada. Quando estava carregando as pedras para a sede do clube, Richie disse:

— Você não pode fazer isso, Bev. É uma garota. Ben disse que só os bravos desciam pro buraco de fumaça, não as índias.

Beverly fez uma pausa e olhou para Richie com uma mistura de diversão e irritação. Uma mecha de cabelo tinha se soltado do rabo de cavalo; ela esticou o lábio inferior e soprou para afastá-lo da testa.

— Eu poderia lutar com você qualquer hora, Richie. E você sabe.

— Num importa, sinhá Scarlett! — disse Richie, arregalando os olhos para ela. — A sinhá

ainda é uma garota, e vai sempre sê uma garota! Num é bravo índio nenhum!

— Vou ser uma bravete, então — disse Beverly. — Agora nós vamos levar essas pedras pro clube ou vou ter que jogar algumas na sua cabeça de cu?

— Meu Deus do céu, sinhá Scarlett, não tenho cu na cabeça! — gritou Richie, e Beverly riu tanto que largou o lado que estava segurando do casaco de Eddie e todas as pedras caíram. Ela repreendeu Richie durante todo o tempo em que eles estavam pegando-as novamente; Richie brincou e gritou com muitas Vozes, e ficou pensando o quanto ela era linda.

Apesar de Richie não estar falando sério sobre excluí-la do buraco de fumaça por causa do sexo, aparentemente, Bill Denbrough estava.

Ela ficou de frente para ele, com as mãos nos quadris, as bochechas vermelhas de raiva.

— Você pode pegar essa sua opinião e enfiar com uma vara comprida, Bill Gago! Também estou nessa, ou será que não sou mais integrante da sua porcaria de clube?

Pacientemente, Bill disse:

— N-Não é a-assim, B-B-Bev, e v-você s-sabe. Alguém *tem* que ficar a-a-aqui em cima.

— *Por quê?*

Bill tentou, mas parecia travado de novo. Ele olhou para Eddie pedindo ajuda.

— É o que Stan falou — disse Eddie baixinho. — Sobre a fumaça. Bill diz que pode mesmo acontecer, podemos desmaiar lá embaixo. E então, a gente morreria. Bill diz que é o que acontece com a maior parte das pessoas em incêndios em casa. Elas não pegam fogo. Sufocam até a morte com a fumaça. Elas…

Agora, ela se virou para Eddie.

— Tá, tudo bem. Ele quer que alguém fique do lado de fora pro caso de dar problema?

Com infelicidade, Eddie assentiu.

— Que tal *você*? É você quem tem asma.

Eddie não disse nada. Ela se virou para Bill. Os outros ficaram ao redor, com as mãos nos bolsos, olhando para os tênis.

— É porque eu sou menina, não é? Essa é a verdade, não é?

— Be-Be-Be-Be…

— Você não precisa falar — cortou ela. — Só balance a cabeça dizendo sim ou não. Sua *cabeça* não gagueja, né? É porque sou menina?

Com relutância, Bill fez que sim.

Ela olhou para ele por um momento com os lábios tremendo, e Richie achou que iria chorar. Mas, na verdade, ela explodiu.

— Ah, *vai se foder!* — Ela se virou para olhar para os outros, e eles se encolheram do olhar dela, tão quente que estava quase radioativo. — Vão se foder *todos* vocês se pensam a mesma coisa! — Ela se virou para Bill e começou a falar rápido, metralhando-o com palavras. — Isso é mais do que um joguinho de criança, e *você sabe*, Bill. Nós *temos* que fazer isso. Faz *parte*. E você não vai me cortar fora só porque sou menina. Entendeu? É melhor não me cortar, senão vou embora agora mesmo. E se eu for, não volto. Nunca mais.

Entendeu?

Ela parou. Bill olhou para ela. Ele parecia ter recuperado a calma, mas Richie estava com medo. Sentia que qualquer chance que eles tinham de vencer, de encontrar uma forma de pegar a coisa que tinha matado George Denbrough e as outras crianças, de pegar e matar, agora estava correndo risco. *Sete*, pensou Richie. É o número mágico. Temos que ser sete. É como deve ser.

Um pássaro cantou em algum lugar; parou; cantou de novo.

— T-Tudo b-bem — disse Bill, e Richie soltou a respiração que estava presa. — Mas a-a-alguém tem que f-ficar de f-fora. Quem q-q-quer?

Richie pensou que Eddie ou Stan seriam voluntários nesse caso, mas Eddie não disse nada. Stan estava pálido e pensativo e silencioso. Mike estava com os polegares no cinto como Steve McQueen em *Wanted: Dead or Alive*, sem nada se movendo além dos olhos.

— V-V-Vamos l-lá — disse Bill, e Richie percebeu que não havia mais fingimento; o discurso apaixonado de Bev e o rosto grave e envelhecido de Bill tinham cuidado disso. Isso era parte do processo, talvez tão perigoso quanto a expedição que ele e Bill fizeram à casa número 29 da rua Neibolt. Eles sabiam… e não tinha ninguém que pudesse impedi-los. De repente, ele sentiu muito orgulho dos amigos. Sentiu muito orgulho de estar com eles. Depois de todos os anos sendo descartado, ele estava incluído. Finalmente incluído. Ele não sabia se eles ainda eram otários ou não, mas sabia que estavam juntos. Eram amigos. Muito amigos. Richie tirou os óculos e esfregou vigorosamente com a barra da camisa.

— Sei como a gente pode fazer — disse Bev, e pegou uma carteira de fósforos no bolso. Na frente, tão pequenas que seria preciso uma lente de aumento para olhar direito, havia fotos das candidatas do ano a título de Miss Rheingold. Beverly acendeu um fósforo e soprou. Arrancou mais seis e acrescentou o fósforo queimado. Ela virou de costas para eles e, quando se virou, as pontas brancas dos sete fósforos apareciam saindo de dentro da mão fechada dela. — Pegue — disse ela, esticando a mão com os fósforos para Bill. — Quem pegar o fósforo com a ponta queimada fica de fora e puxa o resto se alguém desmaiar.

Bill olhou para ela de frente.

— É a-assim que v-v-você q-quer?

Ela sorriu para ele, e o sorriso deixou seu rosto radiante.

— É, seu bobão, é assim que quero. E você?

— Eu te a-a-amo, B-B-Bev — disse ele, e ela ficou com as bochechas vermelhas como chamas.

Bill não pareceu reparar. Ele observou as pontas dos fósforos saindo da mão dela e acabou escolhendo um. A ponta estava azul e intacta. Ela se virou para Ben e ofereceu os seis que sobraram.

— Eu também te amo — disse Ben com voz rouca. O rosto dele estava da cor de ameixa; ele parecia estar quase tendo um derrame. Mas ninguém riu. Em algum lugar do Barrens, o pássaro cantou de novo. *Stan saberia que pássaro é*, pensou Richie sem mais nem menos.

— Obrigada — disse ela, sorrindo, e Ben pegou um fósforo. A cabeça estava intacta.

Ela ofereceu para Eddie em seguida. Eddie sorriu, um sorriso tímido incrivelmente doce e vulnerável a ponto de quase partir o coração.

— Acho que também te amo, Bev — disse ele, e pegou um fósforo cegamente. A cabeça estava azul.

Beverly agora ofereceu os quatro fósforos na mão para Richie.

— Também amu a sinhá Scarlet! — gritou Richie com a voz mais alta que conseguiu, e fez gestos exagerados de beijo com os lábios. Beverly só olhou para ele, sorrindo um pouco, e Richie de repente sentiu vergonha. — Eu te amo mesmo, Bev — disse ele, e tocou no cabelo dela. — Você é legal.

— Obrigada — disse ela.

Ele pegou um fósforo e olhou, com a certeza de que tinha escolhido o queimado. Mas não era.

Ela ofereceu para Stan.

— Eu te amo — disse Stan, e tirou um dos fósforos da mão dela. Intacto.

— Você e eu, Mike — disse ela, e ofereceu a mão com os dois que sobraram.

Ele deu um passo à frente.

— Não te conheço bem o bastante pra te amar — disse ele —, mas te amo mesmo assim. Acho que você podia dar aulas de gritos pra minha mãe.

Todos riram, e Mike pegou um fósforo. A cabeça também estava intacta.

— Acho que é v-v-você no f-fim das c-contas, Bev — disse Bill.

Com cara de nojo, depois de tanta confusão por nada, Beverly abriu a mão.

A cabeça do fósforo que sobrou também estava azul e intacta.

— V-V-Você t-trocou o q-queimado — acusou Bill.

— Não. Não troquei. — O tom dela não era de protesto irritado, o que teria sido suspeito, mas de surpresa perplexa. — Juro por Deus que não troquei.

E então, ela mostrou a palma da mão. Todos viram a marca leve de fuligem da cabeça queimada do fósforo.

— Bill, juro pela minha mãe!

Bill olhou para ela por um momento e assentiu. Por concordância silenciosa, todos entregaram os fósforos para Bill. Sete fósforos, com cabeças intactas. Stan e Eddie começaram a procurar no chão, mas não havia fósforo queimado ali.

— *Não troquei* — disse Beverly de novo, para ninguém em particular.

— Então o que fazemos agora? — perguntou Richie.

— D-Descemos t-t-todos — disse Bill. — Porque é i-isso que *t-t-temos* que f-fazer.

— E se desmaiarmos todos? — perguntou Eddie.

Bill olhou para Beverly de novo.

— S-Se B-Bev está f-falando a v-verdade, e ela está, não v-vamos.

— Como você *sabe*? — perguntou Stan.

— A-Apenas s-sei.

O pássaro cantou de novo.

4

Ben e Richie desceram primeiro, e os outros passaram as pedras para eles uma a uma. Richie as passou para Ben, que fez um pequeno círculo de pedra no meio do piso de terra da sede do clube.

— Está bom — disse ele. — Já chega.

Os outros desceram, cada um carregando um punhado de galhos verdes que tinham cortado com a machadinha de Ben. Bill desceu por último. Ele fechou o teto e abriu a janelinha.

— P-P-Pronto — disse ele. — A-Aí está nosso b-buraco de f-f-fumaça. Temos gravetos pra a-a-acender o fogo?

— Pode usar isso se quiser — disse Mike, e pegou uma revistinha velha de Archie no bolso de trás. — Já li tudo.

Bill arrancou as páginas do gibi uma a uma, trabalhando devagar e com seriedade. Os outros ao redor das paredes, joelho com joelho e ombro com ombro, ficaram olhando sem parar. A tensão pesava.

Bill colocou pequenos galhos por cima do papel e olhou para Beverly.

— V-V-Você e-está com os f-fósforos — disse ele.

Ela acendeu um, com um pequeno brilho amarelo na escuridão.

— A porcaria provavelmente nem vai acender — disse ela com voz meio trêmula, e encostou a chama no papel em vários pontos. Quando a chama do fósforo chegou perto dos dedos dela, ela jogou no meio.

As chamas aumentaram estalando, enchendo o rosto deles de alívio, e naquele momento Richie não teve dificuldade em acreditar na história sobre índios de Ben, e pensou que devia ser assim naqueles dias do passado, quando a ideia de homens brancos ainda não passava de um boato ou uma história para aqueles índios que seguiam rebanhos tão grandes de búfalos que poderiam cobrir a terra de um horizonte a outro, rebanhos tão grandes que a passagem fazia o chão tremer como um terremoto. Naquele momento, Richie conseguiu visualizar aqueles índios, kiowas ou pawnees ou qualquer outra tribo, dentro de seu buraco de fumaça, joelho com joelho e ombro com ombro, vendo as chamas aumentarem e se espalharem na madeira verde como feridas quentes, ouvindo o sibilar baixo e firme da seiva escorrendo para

fora da madeira úmida, esperando que a visão surgisse.

É. Sentado ali agora, ele conseguia acreditar em tudo… e ao olhar para os rostos sombrios enquanto eles observavam as chamas e as páginas queimadas do gibi de Archie de Mike, ele conseguiu ver que eles também acreditavam.

Os galhos estavam pegando fogo. A sede do clube começou a ser tomada de fumaça. Parte dela, branca como sinais de fumaça de algodão de um filme da matinê de sábado com Randolph Scott ou Audie Murphy, saiu pelo buraco de fumaça. Mas sem ar se deslocando lá fora para criar uma brisa, a maior parte ficou lá dentro. Tinha um teor acre que fazia os olhos arderem e as gargantas latejarem. Richie ouviu Eddie tossir duas vezes, um som seco como tábuas sendo batidas uma na outra, depois ficar em silêncio de novo. *Ele não devia estar aqui embaixo*, pensou ele… mas uma outra coisa parecia ter opinião diferente.

Bill jogou outro punhado de galhos verdes no fogo e perguntou com voz fraca que não se parecia muito com a voz com que costumava falar:

— Alguém está tendo a-alguma v-v-visão?

— Visões de sair daqui — disse Stan Uris. Beverly riu disso, mas a gargalhada virou um ataque de tosse e engasgo.

Richie apoiou a cabeça na parede e olhou para o buraco de fumaça, um retângulo pequeno de luz branca esmaecida. Pensou na estátua de Paul Bunyan naquele dia de março… mas aquilo foi só uma miragem, uma alucinação, uma

(visão)

— A fumaça está me *matando* — disse Ben. — Uuu!

— Então sai — murmurou Richie, sem tirar os olhos do buraco de fumaça.

Ele sentia que estava pegando o jeito. Sentia que tinha perdido cinco quilos. E, sem porra de dúvida nenhuma, sentia que a sede do clube tinha ficado maior. Essa última era certeza. Ele estava sentado com a perna direita gorda de Ben Hanscom esmagada contra a sua esquerda e com o ombro esquerdo ossudo de Bill Denbrough enfiado em seu braço direito. Agora, ele não estava encostado em nenhum dos dois. Ele olhou preguiçosamente para a direita e para a esquerda a fim de verificar que sua percepção era verdade, e era. Ben estava 30 centímetros à sua esquerda. À direita, Bill estava ainda mais longe.

— O lugar está maior, amigos e vizinhos — disse ele.

Ele respirou fundo e tossiu com força. Doeu, doeu bem no fundo do peito, da mesma forma que a tosse dói quando você tem resfriado, gripe ou alguma coisa assim. Por um tempo ele achou que nunca passaria; que ele seguiria tossindo até terem que arrastá-lo para fora. *Se ainda conseguissem*, pensou ele, mas o pensamento foi fraco demais para provocar medo.

Mas então Bill bateu nas costas dele e o ataque de tosse passou.

— Você não sabe que nem sempre — disse Richie. Ele estava olhando para o buraco de fumaça de novo em vez de para Bill. Como parecia iluminado! Quando fechou os olhos, ainda conseguiu sentir o retângulo flutuando lá no escuro, mas verde-claro em vez de bem branco.

— O q-q-q-que você quer d-dizer? — perguntou Bill.

— Gagueja. — Ele fez uma pausa, ciente de que outra pessoa estava tossindo, mas sem saber quem era. — *Você* devia fazer as Vozes, não eu, Big Bill. Você…

A tosse ficou mais alta. De repente, a sede foi tomada de luz do dia, tão repentina e tão clara que Richie precisou apertar os olhos. Ele só conseguiu enxergar Stan Uris, subindo e saindo desajeitado.

— Me desculpem — Stan conseguiu dizer no meio da tosse espasmódica. — Me desculpem, não consigo…

— Tudo bem — Richie se ouviu dizer. — Você não precisa de distintivos. — A voz dele parecia vir de um corpo diferente.

A porta de saída se fechou um momento depois, mas tinha entrado ar fresco o bastante para clarear sua mente. Antes de Ben se mover para preencher o espaço deixado por Stan, Richie percebeu a perna de Ben de novo, apertando a sua. Como ele pôde pensar que a sede tinha ficado maior?

Mike Hanlon jogou mais galhos no fogo fumacento. Richie voltou a respirar de forma curta e olhar para o buraco de fumaça. Ele não tinha noção de tempo real passando, mas estava vagamente ciente de que, além da fumaça, a sede do clube estava ficando muito quente.

Ele olhou ao redor, olhou para os amigos. Era difícil vê-los, meio envoltos em sombra de fumaça e ainda brancos de luz do sol. A cabeça de Bev estava inclinada para trás, encostada na parede, as mãos nos joelhos, lágrimas escorrendo pelas bochechas na direção das orelhas. Bill estava sentado de pernas cruzadas, com o queixo no peito. Ben estava…

Mas de repente Ben ficou de pé e abriu a porta de novo.

— Lá se vai Ben — disse Mike. Ele estava sentado em posição indígena diretamente à frente de Richie, com olhos tão vermelhos quanto os de uma doninha.

Uma certa tranquilidade voltou a tomar conta deles. O ar ficou mais fresco quando saiu fumaça pela porta. Ben estava tossindo e engasgado. Ele saiu com a ajuda de Stan, e antes que os dois pudessem fechar a saída, Eddie ficou de pé, cambaleante, com o rosto pálido exceto pelas marcas que pareciam hematomas debaixo dos olhos até acima das bochechas. O peito magro estava subindo e descendo em espasmos rápidos. Ele tateou na borda fracamente e teria caído se Ben não tivesse segurado uma das mãos dele e Stan a outra.

— Desculpem — Eddie conseguiu dizer em um sussurro chiado, e os outros dois o puxaram para cima. A porta se fechou de novo.

Houve um período longo e silencioso. A fumaça aumentou até virar uma neblina densa e parada dentro da sede. *A mim, parece poluição, Watson*, pensou Richie, e por um momento se imaginou como Sherlock Holmes (um Holmes muito parecido com Basil Rathbone e totalmente em preto e branco), andando com altivez pela rua Baker; Moriarty estava em algum lugar ali perto, um táxi o estava esperando e o jogo tinha começado.

O pensamento foi incrivelmente claro, incrivelmente *sólido*. Parecia quase ter peso, como se não fosse um pequeno sonho acordado do tipo que ele tinha o tempo todo (rebatendo para o Bosox, final do jogo, as bases prontas, *e lá vai, está no ar… JÁ FOI! Home run, Tozier… e*

isso bate o recorde de Babe!), mas uma coisa que era quase *real*.

Ainda havia uma parte dele sabichona demais para pensar que, se ele só ia tirar disso uma visão de Basil Rathbone como Sherlock Holmes, então a ideia toda de visões era um tremendo exagero.

Só que, é claro, não é Moriarty quem está lá. A Coisa está lá, alguma Coisa, e é real. A Coisa…

E então a porta se abriu de novo, e Beverly estava se esforçando para sair, tossindo secamente, com uma das mãos sobre a boca. Ben segurou uma das mãos e Stan a segurou por baixo do outro braço. Meio puxada, meio se esforçando por conta própria, ela logo desapareceu.

— E-E-Está ma-ma-maior — disse Bill.

Richie olhou ao redor. Viu o círculo de pedras com o fogo fazendo fumaça dentro, emitindo nuvens brancas. Do outro lado, ele viu Mike de pernas cruzadas como um totem entalhado em mogno, olhando para ele por cima do fogo com os olhos vermelhos por causa da fumaça. Só que Mike estava a mais de 20 metros de distância, e Bill estava ainda mais longe, à direita de Richie. A sede subterrânea do clube agora tinha o tamanho de um salão de baile.

— Não importa — disse Mike. — Vai vir bem rápido. *Alguma coisa* vai.

— É-É-É — disse Bill. Mas eu… eu… eu…

Ele começou a tossir. Tentou controlar, mas a tosse piorou, um som seco. Richie viu Bill cambalear e ficar de pé, esticar os braços para a porta de cima e abri-la.

— M-M-Meu D-D-De…

E então, sumiu, arrastado pelos outros.

— Parece que ficamos só eu e você, Mikey, meu velho — disse Richie, e começou a tossir. — Eu tinha certeza de que seria Bill…

A tosse piorou. Ele se inclinou para a frente, tossindo secamente, sem conseguir respirar. Sua cabeça estava latejando, vibrando, como um nabo cheio de sangue. Os olhos lacrimejavam por trás dos óculos.

De longe, ele ouviu Mike dizendo:

— Pode sair se precisar, Richie. Não vai ter um troço. Não vai se matar.

Ele levantou a mão para Mike e balançou

(nada de porras de distintivos)

em um gesto negativo. Pouco a pouco, começou a controlar a tosse. Mike estava certo; alguma coisa ia acontecer, e logo. Ele queria ainda estar aqui quando acontecesse.

Ele inclinou a cabeça para trás e olhou para o buraco de fumaça de novo. O ataque de tosse o deixou meio tonto, e agora ele parecia estar flutuando em uma almofada de ar. Era uma sensação agradável. Ele respirou de leve e pensou: *Um dia, vou ser um astro do rock-and-roll. Isso mesmo, é. Vou ser famoso. Vou gravar discos e fazer filmes. Vou ter uma jaqueta preta e sapatos brancos e um Cadillac amarelo. E quando eu voltar a Derry, eles vão se roer de inveja, até Bowers. Uso óculos, mas e daí? Buddy Holly usa óculos. Vou cantar até*

estourar e dançar até ficar preto. Vou ser o primeiro astro do rock-and-roll nascido no Maine. Vou...

O pensamento desapareceu. Não importava. Ele descobriu que não precisava respirar de leve. Seus pulmões tinham se adaptado. Ele conseguia respirar tanta fumaça quanto quisesse. Talvez fosse de Vênus.

Mike jogou mais gravetos no fogo. Para não ficar para trás, Richie também jogou alguns.

— Como está se sentindo, Rich? — perguntou Mike.

Richie sorriu.

— Melhor. Quase bem. E você?

Mike assentiu e sorriu.

— Me sinto bem. Você andou tendo pensamentos estranhos?

— Sim. Pensei que eu fosse Sherlock Holmes por um minuto. Depois, pensei que fosse capaz de dançar como os Dovells. Seus olhos estão tão vermelhos que nem dá pra acreditar, sabe?

— Os seus também. Duas doninhas na gaiola, é isso que somos.

— É?

— É.

— Quer dizer beleza?

— Beleza. Você quer dizer que tá sabendo?

— Tô sabendo, Mikey.

— Tá, tudo bem.

Eles sorriram um para o outro, e Richie encostou a cabeça na parede e olhou para o buraco de fumaça. Em pouco tempo, começou a cochilar. Não… não cochilar. *Subir*. Ele estava *subindo*. Como…

(flutuamos aqui embaixo, todos nós)

um balão.

— V-V-Vocês e-estão b-b-bem?

A voz de Bill, vinda pelo buraco de fumaça. Vinda de Vênus. Preocupada. Richie se sentiu voltar para dentro de si.

— Tudo bem — ele ouviu sua voz dizer, distante, irritada. — Tudo bem, nós *dissemos* que tudo bem, fica quieto, Bill, deixa a gente ficar mudo, a gente quer dizer que entende o

(mundo)

mudo.

A sede do clube estava maior do que nunca, agora com piso de madeira encerada. A fumaça estava densa como uma névoa, e estava difícil de ver a fogueira. Aquele piso! Pelo amor de Deus! Era tão grande quanto o de um salão de baile em um musical da MGM. Mike olhou para ele do outro lado, uma forma quase perdida na névoa.

Você vem, Mikey, meu velho?

Estou bem aqui com você, Richie.

Ainda quer ficar mesmo?

Quero… mas segura minha mão… você consegue alcançar?

Acho que sim.

Richie esticou a mão, e apesar de Mike estar do outro lado desse salão enorme, ele sentiu aqueles dedos fortes e marrons se fecharem sobre seu pulso. Ah, e era bom, era um toque bom. Era bom encontrar desejo no conforto, encontrar conforto no desejo, encontrar substância na fumaça e fumaça na substância…

Ele inclinou a cabeça para trás e olhou para o buraco de fumaça, tão branco e pequeno. Estava mais alto agora. A *quilômetros* de distância. No céu venusiano.

Estava acontecendo. Ele começou a flutuar. *Venha então*, pensou ele, e começou a subir mais rápido pela fumaça, pela neblina, pela névoa, o que quer que fosse.

5

Eles não estavam mais dentro.

Os dois estavam de pé juntos no meio do Barrens, e era quase hora do pôr do sol.

Era o Barrens, ele sabia, mas tudo estava diferente. A folhagem estava mais vibrante, mais escura, muito aromática. Havia plantas que ele nunca tinha visto antes, e Richie percebeu que algumas das coisas que ele primeiro tinha achado que eram árvores eram na verdade samambaias gigantes. Havia o som de água corrente, mas bem mais alto do que deveria. Essa água soava não como o fluxo tranquilo do Kenduskeag, mas mais como ele imaginava que o rio Colorado soaria ao passar pelo meio do Grand Canyon.

E estava quente. Não que não ficasse quente no Maine no verão, e úmido o bastante para às vezes você se sentir grudento quando estava deitado na cama à noite, mas isso era mais calor e mais umidade do que ele jamais tinha sentido na vida. Uma névoa baixa, escura e densa se escondia nos cantos e se esgueirava entre as pernas dos garotos. Tinha um aroma leve e acre como madeira verde queimando.

Ele e Mike começaram a andar na direção do som de água corrente sem falar, abrindo caminho pela folhagem densa. Cipós grossos caíam entre algumas árvores como teias, e uma vez Richie ouviu alguma coisa se deslocando em meio à vegetação. Parecia maior do que um cervo.

Ele parou por tempo o suficiente para olhar ao redor, girando em círculo, observando o horizonte. Ele sabia onde o cilindro grande e branco da Torre de Água deveria estar, mas não estava lá. Nem os suportes da rede ferroviária que passava pelo pátio no final da rua Neibolt, nem a área residencial de Old Cape. Havia morros e pedras cercados de samambaias gigantescas e pinheiros onde Old Cape deveria estar.

Houve um som de batidas acima. Os garotos se abaixaram quando um esquadrão de morcegos passou voando. Eram os maiores morcegos que Richie já tinha visto, e por um momento ele ficou mais apavorado do que quando Bill estava tentando botar Silver em movimento e ele ouviu o lobisomem se aproximando por trás. A imobilidade e estranheza daquele local eram terríveis, mas a horrível *familiaridade* era bem pior.

Não precisa ter medo, disse ele para si mesmo. *Lembre que é só um sonho, ou uma visão, ou como quer que você queira chamar. Eu e o velho Mikey estamos mesmo é na sede do clube, envoltos em fumaça. Em pouco tempo, Big Bill vai ficar nervoso porque não vamos mais responder, e ele e Ben vão descer e nos levar lá pra cima. É como Conway Twitty sempre diz: só faz de conta.*

Mas ele conseguia ver que a asa de um dos morcegos era tão fina que o sol brilhava através dela, e quando eles passaram por baixo das samambaias gigantescas, ele conseguiu ver uma lagarta gorda e amarela se arrastando por um galho verde e grosso, deixando uma sombra atrás. Havia pequenas pulgas pretas pulando e estalando no corpo da lagarta. Se isso era um sonho, era o mais definido que ele já teve.

Eles seguiram na direção do som de água, e na névoa densa que ia até o joelho, Richie não conseguia sentir se seus pés estavam tocando no chão ou não. Eles chegaram a um ponto em que tanto a névoa quanto o chão acabavam. Richie olhou sem acreditar. Esse não era o Kenduskeag, mas ao mesmo tempo, era. O riacho fervia e corria por uma passagem estreita naquela mesma pedra em pedaços; ao olhar para o outro lado, ele conseguia ver eras cortadas nas camadas empilhadas de pedra, vermelha, laranja e vermelha de novo. Não dava para atravessar esse rio pulando de pedra em pedra; seria preciso uma ponte de cordas e, se você caísse, seria carregado pela correnteza imediatamente. O som da água era o som de raiva amarga e tola, e enquanto Richie olhava, boquiaberto, ele viu um peixe rosa-prateado pular em um arco impossivelmente alto, mordendo na direção dos insetos que formavam nuvens errantes bem acima da superfície da água. Ele caiu com um ruído, dando a Richie tempo o suficiente para registrar a presença dele e para perceber que nunca tinha visto um peixe exatamente assim na vida, nem mesmo em livro.

Pássaros voavam no céu, gritando alto. Não uma dúzia e nem duas dúzias; por um momento, o céu ficou tão escuro de pássaros que eles bloquearam o sol. Uma outra coisa fez barulho na vegetação, e mais outras coisas. Richie se virou, com o coração disparado dolorosamente no peito, e viu uma coisa que parecia um antílope passar, seguindo para sudeste.

Vai acontecer alguma coisa. E eles sabem.

Os pássaros passaram, presumivelmente pousando em algum lugar ao sul, *en masse*. Outro animal passou por eles… e outro. E então, tudo ficou em silêncio, exceto pelo ronco firme do Kenduskeag. O silêncio tinha uma qualidade de espera, uma qualidade grávida da qual Richie não gostava. Ele sentiu os cabelos se mexendo e tentando se arrepiar na sua nuca e tateou em busca da mão de Mike de novo.

Você sabe onde nós estamos?, gritou ele para Mike. *Tá sabendo?*

Meu Deus, sim!, gritou Mike em resposta. *Eu tô sabendo! Aqui é o passado, Richie! O passado!*

Richie assentiu. O passado no sentido de antigamente, muito antigamente, quando todos morávamos na floresta e ninguém morava em nenhum outro lugar. Eles estavam em um passado inimaginável antes da Era do Gelo, quando a Nova Inglaterra era tão tropical quanto a América do Sul hoje em dia… se ainda *houvesse* hoje em dia. Ele olhou ao redor de novo, com nervosismo, quase esperando ver um brontossauro levantar o pescoço de guindaste em direção ao céu e olhar para eles, com a boca cheia de lama e com plantas penduradas, ou um tigre-dentes-de-sabre sair correndo da vegetação.

Mas só havia aquele silêncio, como nos cinco ou dez minutos antes de uma tempestade, quando nuvens roxas se acumulam no céu e a luz fica de um tom estranho, roxo-amarelado, e o vento morre completamente e você consegue sentir um aroma denso de bateria de carro no ar.

Estamos no passado, um milhão de anos atrás, talvez, ou 10 milhões, ou 80 milhões, mas estamos aqui e alguma coisa vai acontecer, não sei o quê, mas alguma coisa, e estou com medo, quero que acabe, quero voltar, e Bill, por favor, Bill, por favor, nos tire, parece que caímos no filme, em algum filme, por favor, por favor, socorro…

A mão de Mike apertou a dele, e ele percebeu que agora o silêncio tinha sido rompido. Havia uma vibração baixa e regular. Ele conseguia sentir mais do que ouvir, fazendo vibrar a pele esticada de seus tímpanos, fazendo tremer os pequenos ossos que conduziam o som. Aumentou com firmeza. Não tinha tom; apenas estava lá:

(a palavra no começo era a palavra o mundo o)

um som sem melodia e sem alma. Ele tateou em direção à árvore da qual estavam perto, e quando sua mão tocou nela, contornou a curva do tronco, ele conseguiu sentir a vibração lá dentro. No mesmo momento, percebeu que conseguia sentir dentro dos pés, um formigamento que subia por seus tornozelos e panturrilhas até os joelhos, transformando seus tendões em diapasões.

Aumentou. E aumentou.

Estava vindo do céu. Não querendo, mas sem conseguir se impedir, Richie virou o rosto para cima. O sol era uma moeda derretida queimando um círculo no céu baixo e nublado, cercado de uma auréola de umidade. Abaixo dele, o terreno verdejante que era o Barrens estava completamente imóvel. Richie pensou que entendia o que era essa visão: eles estavam prestes a ver o surgimento da Coisa.

A vibração assumiu uma voz, um rugido trêmulo que foi aumentando até virar um som esmagador. Ele colocou as mãos nos ouvidos e gritou, e não conseguiu se ouvir gritando. Ao lado dele, Mike Hanlon estava fazendo a mesma coisa, e Richie viu que o nariz de Mike estava sangrando um pouco.

As nuvens no oeste se acenderam em uma flor de fogo vermelho. O fogo seguiu na direção deles, aumentando de uma linha a uma faixa a um rio de cor ameaçadora; e então, quando um objeto em chamas apareceu no céu, o vento chegou. Estava quente e intenso, fumacento e

sufocante. A coisa no céu era gigantesca, uma cabeça de fósforo em chamas que era quase iluminada demais para se olhar. Arcos de eletricidade voavam dela, linhas azuis que piscavam a partir dela e criavam trovão ao passar.

Uma nave espacial!, gritou Richie, caindo de joelhos e cobrindo os olhos. *Ah, meu Deus, é uma nave espacial!* Mas ele acreditava (e diria para os outros depois, da melhor maneira que conseguisse) que *não* era uma nave espacial, apesar de poder ter vindo *através* do espaço para chegar aqui. O que chegou naquele dia do passado distante veio de um lugar muito mais longe do que outra estrela ou outra galáxia, e se *nave espacial* foi a primeira definição a surgir em sua mente, talvez fosse só porque sua mente não tinha outra forma de entender o que seus olhos estavam vendo.

Houve uma explosão então, um rugido de som seguido por um estrondo violento que derrubou os dois. Desta vez, foi Mike quem procurou a mão de Richie. Houve outra explosão. Richie abriu os olhos e viu um brilho de fogo e um pilar de fumaça subindo para o céu.

A Coisa!, gritou ele para Mike, em um êxtase de terror agora. Nunca em sua vida, antes ou depois, ele sentiria qualquer emoção tão profundamente, ficaria tão mergulhado nela. *A Coisa! A Coisa! A Coisa! A Coisa!*

Mike o puxou até que ficasse de pé, e eles correram pela margem alta do jovem Kenduskeag, sem perceber o quanto estavam perto do precipício. Uma vez, Mike tropeçou e caiu escorregando de joelhos. Depois foi a vez de Richie cair, arranhando a canela e rasgando a calça. O vento tinha voltado e estava forçando o aroma de floresta queimada para cima deles. A fumaça ficou mais densa, e Richie ficou levemente ciente de que ele e Mike não estavam correndo sozinhos. Os animais estavam correndo de novo, fugindo da fumaça, do fogo, da morte no fogo. Correndo da Coisa, talvez. A nova chegada no mundo deles.

Richie começou a tossir. Ele conseguia ouvir Mike ao seu lado, também tossindo. A fumaça estava mais densa, encobrindo os verdes e cinza e vermelhos do dia. Mike caiu de novo, e Richie perdeu a mão dele. Tateou em busca dela e não conseguiu encontrar.

Mike!, gritou ele em pânico, tossindo. *Mike, onde você está? Mike! MIKE!*

Mas Mike tinha sumido; Mike não estava em lugar nenhum. richie! richie! richie!

(!!SLAP!!)

— richie! richie! richie, você está

6

bem?

Os olhos dele se abriram, e ele viu Beverly ajoelhada ao seu lado, limpando sua boca com um lenço. Os outros, Bill, Eddie, Stan e Ben, estavam atrás dela, com rostos sérios e

assustados. A lateral do rosto de Richie estava doendo muito. Ele tentou falar com Beverly, mas só conseguiu gemer. Tentou limpar a garganta e quase vomitou. Sua garganta e seus pulmões pareciam estar forrados de fumaça.

Por fim, ele conseguiu dizer:

— Você me deu um tapa, Beverly?

— Foi a única coisa em que consegui pensar — disse ela.

— Slap — murmurou Richie.

— Achei que você não ia ficar bem, só isso — disse Beverly, e começou a chorar de repente.

Richie bateu no ombro dela meio sem jeito, e Bill colocou a mão na nuca dela. Ela esticou a mão imediatamente, segurou-a e apertou-a.

Richie conseguiu se sentar. O mundo começou a tremer em ondas. Quando ficou firme, ele viu Mike encostado em uma árvore ali perto, com o rosto atordoado e pálido como cinzas.

— Eu vomitei? — perguntou Richie a Bev.

Ela assentiu, ainda chorando.

Com uma Voz tremida e falha de Policial Irlandês, ele perguntou:

— Respingou em você, gata?

Bev riu em meio às lágrimas e balançou a cabeça.

— Virei você de lado. Fiquei com medo… m-m-medo de você e-e-engasgar. — Ela começou a chorar muito de novo.

— N-N-Não é j-justo — disse Bill, ainda segurando a mão dela. — Q-Q-Quem g-g-gagueja aqui s-sou e-eu.

— Nada mal, Big Bill — disse Richie. Ele tentou ficar de pé e voltou a se sentar pesadamente. O mundo ainda estava balançando. Ele começou a tossir e virou a cabeça, ciente de que vomitaria de novo um momento antes de acontecer. Ele vomitou uma mistura de espuma verde e saliva grossa que saiu em tiras. Ele fechou bem os olhos e gemeu: — Alguém quer lanchar?

— Ah, *merda* — gritou Ben, com nojo e rindo ao mesmo tempo.

— Pra mim, parece vômito — disse Richie, embora, na verdade, seus olhos ainda estivessem bem fechados — A merda costuma sair pelo outro lado, pelo menos pra mim. Não sei você, Monte de Feno. — Quando ele abriu os olhos, viu a sede do clube a uns 20 metros. As duas janelinhas e a porta grande de entrada estavam abertas. Saía fumaça, agora em tiras finas, por todas as passagens.

Desta vez, Richie conseguiu se levantar. Por um momento, teve certeza de que vomitaria de novo, ou desmaiaria, ou os dois.

— Slap — murmurou ele, vendo a palavra tremer e se dobrar na frente dos olhos. Quando o sentimento passou, ele seguiu até onde Mike estava. Os olhos de Mike ainda estavam vermelhos como os de uma doninha, e pela umidade nas barras da calça dele, Richie pensou que talvez o velho Mikey tivesse ido dar um passeio de elevador estomacal também.

— Pra um garoto branco, você foi muito bem — gemeu Mike, e deu um soco fraco no ombro de Richie.

Richie ficou sem palavras, uma condição de raridade extrema.

Bill se aproximou. Os outros foram junto.

— Vocês nos tiraram? — perguntou Richie.

— E-Eu e B-Ben. V-Vocês estavam g-gritando. Os d-d-dois. M-M-Mas… — Ele olhou para Ben.

Ben disse:

— Deve ter sido a fumaça, Bill. — Mas não havia convicção na voz do garoto gordo.

Sem emoção na voz, Richie disse:

— Vocês estão querendo dizer o que eu acho que querem dizer?

Bill deu de ombros.

— O q-q-que, R-Richie?

Mike respondeu:

— Não estávamos lá de primeira, estávamos? Vocês desceram porque nos ouviram gritando, mas de cara não nos viram lá.

— Estava com muita fumaça — disse Ben. — Ouvir vocês dois gritando daquele jeito foi muito apavorante. Mas os gritos… pareciam… bem…

— P-P-Pareceram muito di-distantes — disse Bill.

Gaguejando muito, ele contou que, quando ele e Ben desceram, eles não conseguiram ver nem Richie nem Mike. Foram tateando pela sede cheia de fumaça, em pânico, com medo de os dois garotos morrerem por inalação de fumaça se eles não agissem rápido o bastante. Por fim, Bill segurou a mão de alguém, a de Richie. Ele deu um "*tre-tre-tremendo* puxão" e Richie veio voando pela escuridão, semiconsciente. Quando Bill se virou, viu Ben abraçando Mike, os dois tossindo. Ben jogou Mike para cima, para a saída.

Ben ouviu isso tudo assentindo.

— Eu fiquei tateando, sabe? Não fazendo mais nada além de enfiar a mão pra frente, como se quisesse apertar a mão de alguém. Você segurou ela, Mike. E que bom que segurou naquela hora. Acho que você estava praticamente morto.

— Vocês fazem a sede do clube parecer muito maior do que é — disse Richie. — Com esse papo de andar de um lado pro outro. Ela só tem um metro e meio de lado.

Houve um momento de silêncio em que todos olharam para Bill, que estava de testa franzida, concentrado.

— *E-E-Estava* m-maior — disse ele por fim. — N-N-Não estava, Ben?

Ben deu de ombros.

— Parecia. A não ser que fosse a fumaça.

— Não foi a fumaça — disse Richie. — Pouco antes de acontecer, antes de a gente *apagar*, me lembro de pensar que estava pelo menos do tamanho do salão de baile de um filme. Como naqueles musicais. *Sete noivas para sete irmãos*, uma coisa assim. Eu mal conseguia ver

Mike do outro lado.

— Antes de vocês apagarem? — perguntou Beverly.

— Bem… o que quero dizer… é…

Ela agarrou o braço de Richie.

— Aconteceu, não foi? Aconteceu mesmo! Vocês tiveram uma visão, que nem no livro de Ben! — O rosto dela estava vibrando. — *Aconteceu* mesmo!

Richie olhou para si mesmo e para Mike. Um dos joelhos da calça de veludo de Mike estava furado, e os dois joelhos de sua calça jeans estavam rasgados. Ele conseguia olhar pelos buracos e ver arranhões com sangue nos dois joelhos.

— Se foi visão, nunca mais quero ter uma — disse ele. — Não sei sobre o rei da cocada preta aí, mas quando desci pra sede, minha calça não tinha buraco nenhum. É praticamente nova, caramba. Minha mãe vai me encher o saco.

— O que aconteceu? — perguntaram Ben e Eddie ao mesmo tempo.

Richie e Mike trocaram um olhar e Richie disse:

— Bevvie, você tem um cigarro?

Ela tinha dois, enrolados em um lenço de papel. Richie colocou um na boca e, quando ela acendeu, o primeiro trago o fez tossir tanto que ele devolveu para ela.

— Não consigo. Desculpa.

— Foi o que aconteceu — disse Mike.

— Porra nenhuma — disse Richie. — Não foi só o que aconteceu. Foi o *passado*.

— Ah, certo. Estávamos no Barrens, mas o Kenduskeag corria a um quilômetro por minuto. Era fundo. Era *selvagem* pra cacete. Desculpa, Bevvie, mas *era*. E tinha peixe nele. Salmão, eu acho.

— M-Meu p-p-pai d-diz q-que n-não t-tem p-peixe no K-Kendusk-k-keag há m-muito t-tempo. Por causa do esg-goto.

— Isso foi mesmo há muito tempo — disse Richie. Ele olhou para os outros com insegurança. — Acho que foi um milhão de anos atrás, pelo menos.

Um silêncio perplexo veio em seguida. Beverly foi quem o rompeu.

— Mas o que *aconteceu*?

Richie sentiu as palavras na garganta, mas teve que se esforçar para fazê-las saírem. Quase pareceu com vomitar de novo.

— Vimos a Coisa chegar — disse ele por fim. — Eu *acho* que era ela.

— Cristo — murmurou Stan. — Ah, Cristo.

Houve um sibilar agudo quando Eddie usou a bombinha.

— Veio do céu — disse Mike. — Eu nunca quero ver nada assim na vida. Era tão quente que nem dava pra olhar direito. Descarregava eletricidade e provocava trovões. O barulho… — Ele balançou a cabeça e olhou para Richie. — Parecia o fim do mundo. E quando caiu, provocou um incêndio na floresta. E foi o fim.

— Era uma nave espacial? — perguntou Ben.

— Era — disse Richie.

— Não — disse Mike.

Eles se entreolharam.

— Bem, acho que era — disse Mike, e ao mesmo tempo Richie disse:

— Não, não era exatamente uma *nave espacial*, sabe, mas…

Eles fizeram outra pausa enquanto os outros olhavam para eles com perplexidade.

— Você conta — disse Richie para Mike. — Queremos dizer a mesma coisa, eu acho, mas eles não estão entendendo.

Mike tossiu na mão fechada e olhou para os outros, quase pedindo desculpas.

— Não sei como contar — disse ele.

— *T-T-Tente* — disse Bill com urgência.

— Veio do céu — repetiu Mike —, mas não era exatamente uma *nave espacial*. Também não era um meteoro. Era mais como… bem… como a Arca da Aliança na Bíblia, que tinha o Espírito de Deus dentro… só que isso não era Deus. Só de sentir a Coisa, de ver a Coisa chegar, já dava pra saber que ela pretendia fazer o mal, que *era* má.

Ele olhou para os amigos.

Richie assentiu.

— Veio de… *fora*. Tive essa sensação. De *fora*.

— De fora onde, Richie? — perguntou Eddie.

— De fora de tudo — disse Richie. — E quando a Coisa caiu… fez o maior buraco que você já viu na vida. Transformou uma colina enorme em um donut, mais ou menos. Caiu bem onde fica o centro de Derry agora.

Ele olhou para os amigos.

— Entenderam?

Beverly largou o cigarro pela metade e pisou em cima.

Mike disse:

— Ela *sempre* esteve aqui, desde o começo dos tempos… desde antes de existirem homens *em qualquer lugar*, a não ser que houvesse alguns em alguma parte da África, se balançando em árvores ou morando em cavernas; a cratera não existe mais, e a Era do Gelo provavelmente deixou o vale mais fundo e mudou algumas coisas por aqui e preencheu a cratera… mas a Coisa já estava aqui, dormindo, talvez, esperando que o gelo derretesse, esperando que as pessoas chegassem.

— É por isso que ela usa o esgoto e os bueiros — disse Richie. — Devem ser passagens comuns pra Coisa.

— Vocês não viram como a Coisa era? — perguntou Stan Uris abruptamente, com voz meio rouca.

Eles balançaram a cabeça.

— Somos capazes de vencer a Coisa? — disse Eddie no silêncio. — Uma coisa assim?

Ninguém respondeu.

Capítulo 16

A fratura ruim de Eddie

1

Quando Richie termina, todos estão assentindo. Eddie está assentindo junto, lembrando com eles, quando a dor sobe de repente pelo braço esquerdo. Sobe? Não. Arrebenta; parece que alguém está tentando afiar uma serra enferrujada no osso lá dentro. Ele faz uma careta e enfia a mão no bolso do paletó esporte, revira uma série de vidros pelo tato e pega o Excedrin. Engole dois com um pouco de gim com suco de ameixa. O braço está incomodando o dia todo. No começo, ele classificou como as pontadas de bursite que sente às vezes em dias úmidos. Mas, no meio da história de Richie, uma nova lembrança se encaixa para ele, e ele entende a dor. Não estamos mais passeando pela alameda das Lembranças, pensa ele; está virando mais e mais o Expresso de Long Island.

Cinco anos antes, durante um checkup de rotina (Eddie faz checkup de rotina a cada seis semanas), o médico disse objetivamente:

— Tem uma fratura antiga aqui, Ed… Você caiu de uma árvore quando era criança?

— Mais ou menos isso — concordou Eddie, sem se dar ao trabalho de dizer para o dr. Robbins que a mãe sem dúvida cairia morta de hemorragia cerebral se tivesse visto ou ouvido falar de seu Eddie subindo em árvores. A verdade era que ele não conseguia lembrar direito como tinha quebrado o braço. Não parecia importante (embora, pensa Eddie agora, a falta de interesse por si só era muito estranha; afinal, ele é um homem que dá a mesma importância para um espirro e uma ligeira mudança na cor das fezes). Mas era uma fratura antiga, um incômodo insignificante, uma coisa que aconteceu há muito tempo, em uma infância da qual ele mal conseguia se lembrar nem fazia questão disso. Doía um pouco quando ele dirigia tempo demais em dias chuvosos. Duas aspirinas resolviam bem o problema. Não era nada de mais.

Mas agora não é apenas um incômodo; é algum maluco afiando aquela serra enferrujada, tocando melodias no osso, e ele lembra que a sensação era essa no hospital, principalmente tarde da noite, nos primeiros três ou quatro dias depois que aconteceu. Ele deitado na cama, suando no calor do verão, esperando que a enfermeira fosse levar um comprimido, com lágrimas escorrendo em silêncio pelo rosto até as orelhas, pensando Parece que algum maluco está afiando uma serra aí.

Se essa é a alameda das Lembranças*, pensa Eddie,* troco por um grande enema cerebral: uma lavagem mental de cólon.

Sem perceber que está falando, ele diz:

— Foi Henry Bowers quem quebrou meu braço. Vocês lembram?

Mike assente.

— Foi pouco antes do desaparecimento de Patrick Hockstetter. Não lembro a data.

— Eu lembro — diz Eddie secamente. — Foi no dia 20 de julho. O garoto Hockstetter foi dado como desaparecido em… que dia?... No dia 23?

— Vinte e dois — diz Beverly Rogan, embora não diga por que tem tanta certeza da data: é porque ela viu a Coisa levar Hockstetter. Ela também não conta que acreditou e ainda acredita que Patrick Hockstetter era louco, talvez mais louco do que Henry Bowers. Ela vai contar, mas agora é a vez de Eddie. Ela vai falar em seguida, e acha que depois Ben vai narrar o clímax dos eventos daquele mês de julho… a bala de prata que eles não ousaram fazer. Um planejamento de pesadelo, se é que já existiu algum, pensa ela. Mas aquela euforia louca persiste. Quando ela se sentiu jovem assim pela última vez? Ela mal consegue ficar parada.

— No dia 20 de julho — reflete Eddie, rolando o aspirador pela mesa de uma mão para a outra. — Três ou quatro dias depois do buraco de fumaça. Passei o resto do verão de gesso, lembram?

Richie dá um tapa na testa em um gesto de antigamente que todos lembram, e Bill pensa, com uma mistura de diversão e desconforto, que por um momento Richie pareceu idêntico a Beaver Cleaver.

— Sim, claro! Você estava de gesso quando fomos pra casa da rua Neibolt, não estava? E depois… no escuro… — Mas agora, Richie balança a cabeça um pouco, confuso.

— O quê, R-Richie? — pergunta Bill.

— Ainda não consigo lembrar essa parte — admite Richie. — Você consegue?

Bill balança a cabeça devagar.

— Hockstetter estava com eles naquele dia — diz Eddie. — Foi a última vez que vi ele vivo. Talvez tenha entrado pra substituir Peter Gordon. Acho que Bowers não queria mais Peter por perto depois que ele saiu correndo no dia da guerra de pedras.

— Todos morreram, né? — pergunta Beverly baixinho. — Depois de Jimmy Cullum, os únicos que morreram foram os amigos de Henry Bowers… ou ex-amigos.

— Todos menos Bowers — concorda Mike, olhando para os balões presos à microfilmadora. — E ele está em Juniper Hill. Um asilo pra loucos particular em Augusta.

Bill diz:

— C-C-Como foi quando eles quebraram seu braço, E-E-Eddie?

— Sua gagueira está piorando, Big Bill — diz Eddie solenemente, e termina a bebida em um gole.

— Isso não importa — diz Bill. — C-Conta.

— Conta — repete Beverly, e coloca a mão de leve em seu braço. A dor surge ali de novo.

— Tudo bem — diz Eddie. Ele se serve de mais bebida, observa o copo e diz: — Dois dias depois que saí do hospital, vocês foram lá em casa me mostrar as bilhas de prata. Lembra, Bill?

Bill assente.

Eddie olha para Beverly.

— Bill perguntou se você dispararia se fosse preciso… porque você tinha a melhor mira. Acho que você disse que não… que sentiria medo demais. E você nos contou outra coisa, mas não consigo lembrar o que era. Era… — Eddie estica a língua e puxa a ponta, como se houvesse alguma coisa grudada ali. Richie e Ben dão um sorriso. — Era alguma coisa sobre Hockstetter?

— Era — diz Beverly. — Conto quando você terminar. Continua.

— Foi depois disso, depois que vocês foram embora, que minha mãe entrou e tivemos uma briga horrível. Ela não queria que eu andasse mais com vocês. E podia ter me convencido a concordar, porque ela tinha um jeito de convencer, sabe…

Bill assente de novo. Ele se lembra da sra. Kaspbrak, uma mulher enorme com um rosto estranho e esquizofrênico, um rosto capaz de parecer pétreo, furioso, infeliz e assustado, tudo ao mesmo tempo.

— É, ela talvez tivesse me convencido a concordar — diz Eddie. — Mas aconteceu outra coisa no mesmo dia em que Bowers quebrou meu braço. Uma coisa que me abalou muito.

Ele dá uma risadinha, pensando: Me abalou mesmo… Isso é tudo que você consegue

dizer? De que serve falar se você nunca consegue dizer pras pessoas o que sente de verdade? Em um livro ou filme, o que descobri no dia em que Bowers quebrou meu braço teria mudado minha vida para sempre, e nada teria acontecido como aconteceu… em um livro ou filme, teria me libertado. Em um livro ou filme, eu não teria uma mala cheia de comprimidos no meu quarto no Town House, eu não seria casado com Myra, eu não teria essa porra de bombinha bem aqui comigo. Em um livro ou filme. Porque…

De repente, com todos olhando, o aspirador de Eddie rola pela mesa sozinho. Enquanto rola, faz um barulho seco, um pouco como maracas, um pouco como ossos… um pouco como risadas. Ao chegar do outro lado, entre Richie e Ben, ele se vira no ar e cai no chão. Richie estica a mão para pegar em um gesto assustado, e Bill grita com desespero:

— Não t-t-toca nisso!

— Os balões! — grita Ben, e todos se viram.

Os dois balões presos à microfilmadora agora dizem REMÉDIO DE ASMA DÁ CÂNCER! *Abaixo do slogan, há caveiras sorridentes.*

Eles explodem com estrondos gêmeos.

Eddie olha para isso, com a boca seca e a sensação familiar de sufocação começando a apertar seu peito como trancas.

Bill olha para ele.

— Quem c-contou pra você o q-quê?

Eddie lambe os lábios, com vontade de ir buscar a bombinha, mas sem ousar. Quem sabia o que podia haver lá dentro agora?

Ele pensa naquele dia, no dia 20, em como estava quente, quando sua mãe lhe deu um cheque todo preenchido, exceto pela quantia, e um dólar em dinheiro para ele, sua mesada.

— O sr. Keene — diz ele, e sua voz soa distante aos seus ouvidos, sem força. — Foi o sr. Keene.

— Não exatamente o homem mais gentil de Derry — diz Mike, mas Eddie, perdido em pensamentos, mal escuta.

Sim, estava quente naquele dia, mas fresco dentro da Center Street Drug, com os ventiladores de madeira girando alegremente sob o teto de metal prensado, e havia aquele cheiro reconfortante de pós e panaceias. Era o lugar onde saúde era vendida; essa era a convicção não dita, mas claramente comunicada de sua mãe, e, com a cabeça desligada que ele tinha, Eddie nunca desconfiou que a mãe poderia estar errada quanto a isso, ou mesmo quanto a qualquer outra coisa.

Bem, o sr. Keene tratou de botar um fim nisso*, pensa ele agora com uma espécie de raiva doce.*

Ele se lembra de estar de pé em frente à estante de quadrinhos por um tempo, girando devagar para ver se havia algum Batman ou Superboy novo, ou seu favorito, Homem-Borracha. Ele dera a lista (ela o mandava para a farmácia como as mães de outros garotos os mandavam para a mercearia da esquina) e o cheque da mãe para o sr. Keene; ele

preencheria o pedido e escreveria a quantia no cheque, depois daria o recibo a Eddie, para que ela pudesse descontar a quantia no orçamento do talão de cheques. Era procedimento padrão para Eddie. Três tipos diferentes de receita para sua mãe, além de um vidro de Geritol, porque, disse ela misteriosamente, "é cheio de ferro, Eddie, e mulheres precisam de mais ferro do que homens". Além do mais, haveria as vitaminas dele, um vidro de Dr. Swett's Elixir para Crianças… e, é claro, o remédio de asma.

Era sempre a mesma coisa. Mais tarde, ele pararia no mercado da avenida Costello com seu dólar para comprar duas barras de chocolate e uma Pepsi. Ele comeria o chocolate, tomaria o refrigerante e iria balançando o bolso com as moedas do troco no caminho todo para casa. Mas esse dia foi diferente; terminaria com ele no hospital, o que já era diferente, mas começou a ficar diferente quando o sr. Keene o chamou. Porque, em vez de entregar a ele o saco branco e grande cheio de curas e o recibo, avisando que ele devia colocar o recibo no bolso para não perder, o sr. Keene olhou para ele pensativo e disse:

— Venha

2

aqui no escritório um minuto, Eddie. Quero conversar com você.

Eddie só olhou para ele por um momento, piscando, um pouco assustado. A ideia de que talvez o sr. Keene achasse que ele tinha furtado alguma coisa cruzou sua mente. Havia um cartaz do lado da porta que ele sempre lia quando entrava na Center Street Drug. Estava escrito em letras pretas acusatórias tão grandes que ele apostava que até Richie Tozier conseguia ler sem os óculos: FURTO NÃO É "LEGAL" NEM "BACANA" NEM "UMA FARRA"! FURTO É *CRIME*, E *VAMOS PROCESSAR QUEM FURTAR!*

Eddie nunca tinha furtado nada na vida, mas aquele cartaz sempre o deixava culpado. Fazia com que ele achasse que o sr. Keene sabia alguma coisa sobre ele que nem ele mesmo sabia.

E então, o sr. Keene o confundiu ainda mais ao dizer:

— Que tal uma vaca-preta?

— Bem…

— Ah, por conta da casa. Sempre tomo uma no escritório nesse horário. Dá energia, a não ser pra quem precisa controlar o peso, e eu diria que não é o caso pra nenhum de nós. Minha esposa diz que pareço um barbante inchado. Aquele seu amigo, o garoto Hanscom, é ele que precisa tomar cuidado com o peso. Que sabor, Eddie?

— Minha mãe me mandou voltar pra casa assim que…

— Você tem cara de sujeito que prefere chocolate. Chocolate está bom pra você? — Os

olhos do sr. Keene brilharam, mas foi um brilho seco, como o sol refletindo em mica no deserto. Ou foi o que Eddie, como fã de escritores de faroeste como Max Brand e Archie Joceylen, pensou.

— Claro — cedeu Eddie. Alguma coisa na forma como o sr. Keene empurrou os óculos de aro dourado nariz acima o deixou tenso. Alguma coisa na forma como o sr. Keene parecia nervoso e secretamente satisfeito. Ele não queria ir para o escritório com o sr. Keene. O motivo disso tudo não era a bebida. Não. E o que quer que *fosse*, Eddie achava que não era coisa boa.

Talvez ele vá me contar que estou com câncer, ou alguma outra doença, pensou Eddie loucamente. *Aquele câncer de criança. Leucemia. Meu Deus!*

Ah, não seja tão idiota, respondeu ele para si mesmo, tentando falar como Bill Gago, ao menos em sua mente. Bill Gago substituíra Jock Mahoney, que fazia o papel de Tim Relâmpago na TV aos sábados de manhã, como o grande herói da vida de Eddie. Apesar de não conseguir falar direito, Big Bill sempre pareceu saber de tudo. *Esse cara é farmacêutico, não médico, pelo amor de Deus.* Mas Eddie ainda estava nervoso.

O sr. Keene tinha levantado a passagem na bancada e estava chamando Eddie com um dedo ossudo. Eddie foi, mas com relutância.

Ruby, a atendente do balcão, estava sentada ao lado da registradora lendo um exemplar da revista *Silver Screen*.

— Você pode fazer duas vacas-pretas, Ruby? — disse o sr. Keene para ela. — Uma de chocolate, uma de café?

— Claro — disse Ruby, marcando a página na revista com uma embalagem de chiclete de papel-alumínio e se levantando.

— Traga para o escritório.

— Pode deixar.

— Venha, filho. Não vou morder. — E o sr. Keene piscou, deixando Eddie completamente atônito.

Ele nunca tinha ido para trás da bancada, e olhou para todas as garrafas, comprimidos e vidros com interesse. Teria permanecido ali se estivesse sozinho, examinando o pilão e o socador do sr. Keene, as balanças e os pesos, as tigelas cheias de cápsulas. Mas o sr. Keene o empurrou para o escritório e fechou a porta com firmeza. Quando ouviu o clique da porta se fechando, Eddie sentiu um aperto no peito, mas lutou contra a sensação. Haveria uma bombinha nova com as coisas da mãe, e ele poderia dar uma longa e satisfatória aspirada assim que saísse dali.

Havia um jarro de tiras de alcaçuz no canto da escrivaninha do sr. Keene. Ele ofereceu para Eddie.

— Não, obrigado — disse Eddie educadamente.

O sr. Keene se sentou na cadeira giratória atrás da escrivaninha e pegou uma. Em seguida, abriu a gaveta e tirou alguma coisa. Colocou ao lado do jarro alto de tiras de alcaçuz, e Eddie

sentiu um temor lhe percorrer o corpo. Era um aspirador. O sr. Keene inclinou a cadeira giratória para trás até sua cabeça estar quase tocando o calendário na parede atrás dele. A foto no calendário mostrava mais comprimidos. Dizia SQUIBB. E…

… e, por um momento de pesadelo, quando o sr. Keene abriu a boca para falar, Eddie lembrou o que aconteceu na loja de sapatos quando ele era pequeno, quando sua mãe gritou com ele por ter colocado o pé na máquina de raios X. Por aquele momento de pesadelo, Eddie pensou que o sr. Keene diria: "Eddie, nove entre dez médicos concordam que remédio de asma causa câncer, assim como as máquinas de raios X que usavam em lojas de sapato. Você já deve estar com a doença. Achei que você precisava saber."

Mas o que o sr. Keene *disse* foi tão peculiar que Eddie não conseguiu pensar em resposta nenhuma; ele só conseguiu ficar sentado ereto na cadeira de madeira do outro lado da escrivaninha do sr. Keene como uma pedra.

— Isso já está indo longe demais.

Eddie abriu a boca e fechou novamente.

— Quantos anos você tem, Eddie? Onze, não é?

— Sim, senhor — disse Eddie baixinho.

Sua respiração estava mesmo ficando fraca. Ele ainda não estava apitando como uma chaleira (que era como Richie dizia: *Alguém desliga o Eddie! Ele está fervendo!*), mas isso poderia acontecer a qualquer momento. Ele olhou com desejo para o aspirador na escrivaninha do sr. Keene, e como algo mais parecia precisar ser dito, ele falou:

— Faço 12 em novembro.

O sr. Keene assentiu, depois se inclinou para a frente como um farmacêutico de comercial de TV e uniu as mãos. Seus óculos brilharam sob a luz forte lançada pelas lâmpadas fluorescentes.

— Você sabe o que é um placebo, Eddie?

Com nervosismo e dando seu melhor palpite, Eddie disse:

— É aquela coisa da onde sai o leite da vaca, não é?

O sr. Keene riu e se balançou para trás na cadeira.

— Não — disse ele, e Eddie ficou vermelho até a raiz do corte de cabelo militar. Agora, ele conseguia ouvir o assobio surgindo na respiração. — Um placebo…

Ele foi interrompido por uma batida dupla brusca na porta. Sem esperar autorização, Ruby entrou com um copo antiquado de vaca-preta em cada mão.

— O seu deve ser o de chocolate — disse ela para Eddie, e deu um sorriso.

Ele retribuiu da melhor maneira que conseguiu, mas seu interesse em sorvete com refrigerante era o mais baixo da história de vida dele. Ele sentia medo de uma forma que era ao mesmo tempo vaga e específica; era o modo como ele sentia medo quando estava sentado de cueca na mesa de exames do dr. Handor, esperando que o médico entrasse e sabendo que a mãe estava na sala de espera, ocupando a maior parte de um sofá, com um livro (provavelmente *O poder do pensamento positivo*, de Norman Vincent Peale, ou *Dr. Jarvis's*

Vermont Folk Medicine) erguido com firmeza na frente dos olhos como um livro de oração. Sem roupas e indefeso, ele se sentia preso entre os dois.

Ele tomou um pouco da bebida quando Ruby saiu, mas sem sentir o gosto direito.

O sr. Keene esperou até que a porta estivesse fechada e deu o sorriso seco de sol batendo em mica de novo.

— Relaxe, Eddie. Não vou morder nem machucar você.

Eddie assentiu, porque o sr. Keene era um adulto e as crianças deviam concordar com os adultos a todo custo (a mãe lhe ensinou isso), mas por dentro ele estava pensando: *Ah, já ouvi esse tipo de baboseira antes*. Era o que o médico dizia quando abria o esterilizador e o aroma pungente e apavorante de álcool se espalhava, fazendo suas narinas arderem. Aquele era o cheiro de injeções, e esse era o cheiro de baboseira, e os dois eram a mesma coisa, no final: quando diziam que seria só uma picadinha, uma coisa que você quase não sentiria, isso significava que ia doer *muito.*

Ele sugou o canudo sem muito ânimo de novo, mas não adiantou; ele precisava de todo espaço na garganta estreita para a passagem do ar. Eddie olhou para a bombinha no mata-borrão do sr. Keene, queria pedi-la, mas não ousava. Um pensamento estranho lhe ocorreu: talvez o sr. Keene *soubesse* que ele queria, mas não ousava pedir, que talvez o sr. Keene o estivesse

(torturando)

provocando. Só que era uma ideia idiota, não era? Um adulto, particularmente um adulto *distribuidor de saúde*, não provocaria um garotinho assim, provocaria? Claro que não. Não era algo nem a ser considerado, porque considerar uma ideia assim poderia exigir uma reavaliação apavorante do mundo como Eddie o via.

Mas ali estava, ali estava, tão perto e tão longe, como água fora do alcance de um homem morrendo de sede no deserto. Ali estava, na mesa abaixo dos olhos sorridentes de Mica do sr. Keene.

Eddie desejou, mais do que qualquer outra coisa, estar no Barrens com os amigos ao redor. A ideia de um monstro, um monstro enorme, escondido debaixo da cidade em que ele nasceu e cresceu, usando os esgotos e bueiros para se deslocar de um lugar para o outro, era uma ideia bem apavorante, e a ideia de *lutar* com essa criatura, de *encará-la*, era ainda mais apavorante… mas, de alguma forma, isso era pior. Como você podia lutar contra um adulto que dizia que não ia doer quando você sabia que ia? Como você podia lutar contra um adulto que fazia perguntas esquisitas e dizia coisas obscuras e sinistras como *Isso já está indo longe demais*?

E, quase sem querer, em uma espécie de pensamento paralelo, Eddie descobriu uma das grandes verdades de sua infância. *Os adultos são os verdadeiros monstros*, pensou ele. Não era nada de mais, não um pensamento que surgiu em um brilho revelatório nem se anunciou com trombetas e sinos. Apenas surgiu e sumiu, quase enterrado sob o pensamento mais forte e dominador: *Quero minha bombinha e quero sair daqui.*

— Relaxe — disse o sr. Keene de novo. — A maior parte dos seus problemas, Eddie, vem de você ser tão tenso e rígido o tempo todo. Veja sua asma, por exemplo. Olhe aqui.

O sr. Keene abriu a gaveta da escrivaninha, mexeu lá dentro e tirou um balão. Depois de expandir o peito estreito o máximo que conseguiu (sua gravata balançou como um barco estreito em uma onda mediana), ele soprou o balão. CENTER STREET DRUG, dizia o balão. RECEITUÁRIOS, MISCELÂNEAS, SUPRIMENTOS DE OSTOMIA. O sr. Keene apertou a ponta do balão e levantou à frente dele.

— Agora finja só por um momento que isso seja um pulmão — disse ele. — *Seu* pulmão. Eu devia encher dois, é claro, mas como só tinha sobrado um da liquidação que fizemos depois do Natal…

— Sr. Keene, posso pegar meu aspirador agora? — A cabeça de Eddie estava começando a latejar. Ele conseguia sentir a faringe se fechando. Seus batimentos estavam altos, e havia suor em sua testa. A vaca-preta de sorvete de chocolate estava no canto da mesa, com a cereja no topo afundando lentamente em uma gosma de chantilly.

— Em um minuto — disse o sr. Keene. — Preste atenção, Eddie. Quero ajudar você. Está na hora de alguém fazer isso. Se Russ Handor não é homem o bastante para fazer isso, eu sou. Seu pulmão é como este balão, só que é cercado por uma cobertura de músculo; esses músculos são como os braços de um homem bombeando um fole, entende? Em uma pessoa saudável, esses músculos ajudam os pulmões a se expandirem e contraírem com facilidade. Mas se o dono desses pulmões saudáveis sempre fica tenso e contraído, os músculos começam a trabalhar *contra* os pulmões em vez de com eles. Veja!

O sr. Keene colocou a mão fechada e com manchas senis ao redor do balão e apertou. O balão se inchou ao redor da mão fechada, e Eddie fez uma careta, tentando se preparar para o estouro. Ao mesmo tempo, sentiu sua respiração parar. Ele se inclinou na escrivaninha e pegou a bombinha sobre o mata-borrão. Seu ombro bateu no copo de vaca-preta. Ele caiu da mesa e se estilhaçou no chão como uma bomba.

Eddie ouviu o barulho de longe. Ele estava apertando a parte de cima do aspirador, enfiando o orifício na boca, disparando-o. Ele respirou com dificuldade, com os pensamentos em pânico como sempre ficavam em momentos assim: *Por favor mamãe estou sufocando não consigo RESPIRAR ah meu bom Deus ah Jesus amado do céu não consigo RESPIRAR por favor não quero morrer ah por favor…*

E então, a névoa do aspirador se condensou nas paredes inchadas de sua garganta, e ele conseguiu respirar de novo.

— Me desculpe — disse ele, quase chorando. — Me desculpe pelo copo… vou limpar e pagar por ele… só não conte pra minha mãe, por favor, tá? Me desculpe, sr. Keene, mas eu não conseguia *respirar*…

Houve aquela batida dupla na porta de novo e Ruby colocou a cabeça lá dentro.

— Está tudo…?

— Tudo está ótimo — disse o sr. Keene com intensidade. — Nos deixe.

— Ah, me descuuulpa! — disse Ruby. Ela revirou os olhos e fechou a porta.

A respiração de Eddie estava começando a apitar na garganta de novo. Ele bombeou o aspirador mais uma vez e recomeçou o pedido de desculpas desajeitado. Só parou quando viu que o sr. Keene estava sorrindo para ele, com aquele sorriso seco peculiar. As mãos do sr. Keene estavam entrelaçadas sobre a barriga. O balão estava sobre a mesa. Um pensamento surgiu na mente de Eddie; ele tentou bloqueá-lo, mas não conseguiu. O sr. Keene estava com cara de quem achava o ataque de asma de Eddie mais gostoso do que a vaca-preta de café pela metade.

— Não se preocupe — disse ele. — Ruby vai limpar a sujeira depois, e se você quer saber a verdade, estou até feliz de você ter quebrado o copo. Porque prometo não contar pra sua mãe que você quebrou se *você* prometer não contar que tivemos essa conversinha.

— Ah, isso eu prometo — disse Eddie com ansiedade.

— Que bom — disse o sr. Keene. — Então nos entendemos. E você se sente bem melhor agora, não é?

Eddie assentiu.

— Por quê?

— Por quê? Bem… porque usei meu remédio. — Ele olhou para o sr. Keene da mesma forma como olhava para a sra. Casey na escola quando dava uma resposta da qual não tinha certeza.

— Mas você *não* tomou remédio nenhum — disse o sr. Keene. — Você tomou um *placebo*. Um placebo, Eddie, é uma coisa que parece remédio e tem gosto de remédio, mas *não é* remédio. Um placebo não é remédio porque não tem ingredientes ativos. Ou, se é remédio, é remédio de um tipo bem especial. Remédio de cabeça. — O sr. Keene sorriu. — Você entende isso, Eddie? *Remédio de cabeça.*

Eddie entendia, sim; o sr. Keene estava dizendo que ele era louco. Mas por lábios dormentes, ele disse:

— Não, não entendo.

— Vou contar uma historinha — disse o sr. Keene. — Em 1954, foi feita uma série de testes médicos em pacientes com úlcera na DePaul University. Cem pacientes com úlcera receberam comprimidos. Disseram para todos que os comprimidos ajudariam com as úlceras, mas cinquenta pacientes na verdade receberam placebos… Eram apenas M&M's com cobertura cor-de-rosa. — O sr. Keene deu uma risadinha aguda estranha, a de um homem descrevendo um trote em vez de um experimento. — Desses cem pacientes, 93 disseram que sentiram uma melhora evidente, e 81 *tiveram* real melhora. O que você acha? Que conclusão você tira de um experimento assim, Eddie?

— Não sei — disse Eddie baixinho.

O sr. Keene bateu solenemente na cabeça.

— A maior parte das doenças começa aqui, é o que *eu* acho. Estou nesse ramo há muito, muito tempo, e já sabia sobre placebos muitos anos antes de os médicos da DePaul University

fazerem o estudo. Normalmente, são os velhos que tomam placebos. O idoso ou a idosa que vai ao médico com a convicção de ter doença de coração, câncer, diabetes ou alguma coisa qualquer. Mas, em muitos casos, não é nada disso. Eles não se sentem bem porque estão velhos, só isso. Mas o que o médico pode fazer? Dizer que são como relógios com mecanismos desgastados? Rá! Não dá. Médicos gostam muito do que ganham. — E agora, o rosto do sr. Keene assumiu uma expressão que ficava entre um sorriso e um esgar de desprezo.

Eddie ficou ali sentado esperando que acabasse, que acabasse, que acabasse. *Você não tomou remédio nenhum*; essas palavras ecoavam em sua mente.

— Os médicos não dizem isso, e eu também não digo isso para eles. Por que se dar ao trabalho? Às vezes, alguma pessoa idosa entra com um receituário que diz claramente: *Placebo*, ou *25 gramas de Céu Azul*, como o velho Doc Pearson costumava escrever.

O sr. Keene riu brevemente e tomou um pouco de vaca-preta.

— Bem, e qual é o problema disso? — perguntou ele a Eddie, e quando Eddie não disse nada, o sr. Keene respondeu sua própria pergunta. — Ah, nada! Nada de errado!

"Ao menos… normalmente.

"Placebos são uma bênção pra pessoas velhas. E há também os outros casos… pessoas com câncer, pessoas com doença degenerativa do coração, pessoas com coisas terríveis que ainda não entendemos, algumas crianças como você, Eddie! Em casos assim, se um placebo faz o paciente se sentir melhor, qual é o problema? Você vê algum problema, Eddie?"

— Não, senhor — disse Eddie, e olhou para a sujeira de sorvete de chocolate, refrigerante, chantilly e copo quebrado no chão. No meio disso tudo estava a cereja ao marrasquino, tão acusatória quanto uma mancha de sangue em uma cena de crime. Olhar para essa sujeira fez seu peito se apertar de novo.

— Então somos como Ike e Mike! Pensamos igual! Cinco anos atrás, quando Vernon Maitland teve câncer no esôfago, um tipo muito doloroso de câncer, e os médicos ficaram sem alternativas eficientes para dar a ele para a dor, entrei no quarto de hospital dele com um vidro de comprimidos de açúcar. Ele era um amigo especial, sabe? E falei: "Vern, esses comprimidos são experimentais, especiais para dor. O médico não sabe que vou dar pra você, então, pelo amor de Deus, tome cuidado e não me delate. Podem não funcionar, mas acho que vão, sim. Tome só uma por dia, e só se a dor estiver bem ruim." Ele me agradeceu com lágrimas nos olhos. *Lágrimas*, Eddie! E deram certo pra ele! *Sim!* Eram apenas comprimidos de açúcar, mas acabaram com a maior parte da dor dele… porque a dor está aqui.

Solenemente, o sr. Keene bateu com o dedo na cabeça de novo.

Eddie disse:

— Meu remédio funciona.

— Sei que funciona — respondeu o sr. Keene, e deu um sorriso enlouquecedor e complacente de adulto. — Funciona no seu peito porque funciona na sua cabeça. HydrOx, Eddie, é água com um toque de cânfora para dar um gosto de remédio.

— Não — disse Eddie. Sua respiração estava apitando de novo.

O sr. Keene tomou um pouco da bebida, pegou um pouco do sorvete com a colher e limpou cuidadosamente o queixo com o lenço enquanto Eddie usava a bombinha de novo.

— Quero ir agora — disse Eddie.

— Me deixe terminar, por favor.

— Não! Quero ir, o senhor já tem seu dinheiro e eu quero ir!

— Me deixe terminar — disse o sr. Keene, de forma tão ameaçadora que Eddie se encostou na cadeira. Adultos conseguiam ser tão odiosos com seu poder às vezes. Tão odiosos.

— Parte do problema aqui é que seu médico, Russ Handor, é fraco. E parte do problema é que sua mãe tem certeza de que você está doente. Você, Eddie, está preso no meio.

— Não sou maluco — sussurrou Eddie, e as palavras saíram quase como um sussurro.

A cadeira do sr. Keene estalou como um grilo monstruoso.

— O quê?

— Falei que não sou maluco! — gritou Eddie. E então, imediatamente, um rubor infeliz subiu ao seu rosto.

O sr. Keene sorriu. Pense o que quiser, aquele sorriso dizia. Pense o que *você* quiser, e eu penso o que *eu* quiser.

— Tudo que estou dizendo, Eddie, é que você não está fisicamente doente. Seus *pulmões* não têm asma; sua *mente* tem.

— Você está dizendo que sou louco.

O sr. Keene se inclinou para a frente e olhou para ele intensamente por cima das mãos cruzadas.

— Não sei — disse ele baixinho. — É?

— É tudo mentira! — gritou Eddie, surpreso pelo fato de as palavras terem saído com tanta força de seu peito apertado. Ele estava pensando em Bill, em como Bill reagiria a acusações tão absurdas. Bill saberia o que dizer, com ou sem gagueira. Bill saberia ser corajoso. — É tudo uma grande mentira! Tenho asma, tenho *sim*!

— Sim — disse o sr. Keene, e agora o sorriso seco tinha virado um sorrisinho estranho de esqueleto. — Mas quem te deu a asma, Eddie?

O cérebro de Eddie vibrou e girou. Ah, ele se sentia doente, ele se sentia muito doente.

— Quatro anos atrás, em 1954, o mesmo ano dos testes DePaul, estranhamente, o dr. Handor começou a receitar HydrOx para você. O nome quer dizer hidrogênio e oxigênio, os dois componentes da água. Venho tolerando essa enganação desde então, mas não vou mais tolerar. Seu remédio de asma funciona na sua mente, e não no seu corpo. Sua asma é resultado de um aperto nervoso do diafragma que é ordenado por sua mente… ou por sua mãe.

“Você não está doente.”

A sala foi mergulhada em um silêncio terrível.

Eddie ficou sentado na cadeira, com a mente em turbilhão. Por um momento, ele considerou a possibilidade de o sr. Keene poder estar falando a verdade, mas havia ramificações em uma

ideia assim que ele não era capaz de encarar. Mas por que o sr. Keene mentiria, principalmente sobre uma coisa tão séria?

O sr. Keene ficou dando o sorriso largo, seco, sem coração e desértico.

Tenho mesmo asma, tenho sim. *Naquele dia que Henry Bowers deu um soco no meu nariz, no dia em que Bill e eu estávamos tentando fazer uma represa no Barrens, eu quase* morri. *Devo pensar que minha mente estava só… só inventando aquilo tudo?*

Mas por que ele mentiria? (Só anos depois, na biblioteca, Eddie se fez a pergunta mais terrível: *Por que ele falaria a verdade?*)

Ele ouviu o sr. Keene falando baixinho:

— Ando de olho em você, Eddie. Contei isso tudo para você porque você tem idade suficiente para entender, mas também porque reparei que você finalmente fez amizades. Eles são bons amigos, não são?

— São — disse Eddie.

O sr. Keene inclinou a cadeira para trás (ela fez aquele barulho de grilo de novo) e fechou um olho no que poderia ser uma piscadela, ou não.

— E aposto que sua mãe não gosta muito deles, gosta?

— Ela gosta deles, sim — disse Eddie, pensando nas coisas sarcásticas que a mãe dissera sobre Richie Tozier (*Ele tem a boca suja… e já senti o hálito dele, Richie… acho que ele fuma*), no comentário torto para que ele não emprestasse dinheiro para Stan Uris porque ele era judeu, na antipatia evidente por Bill Denbrough e "aquele garoto gordo".

Ele repetiu para o sr. Keene:

— Ela gosta *muito* deles.

— Gosta? — disse o sr. Keene, ainda sorrindo. — Bem, talvez ela esteja certa e talvez esteja errada, mas pelo menos você *tem* amigos. Talvez você devesse conversar com eles sobre esse seu problema. Essa… essa fraqueza mental. Pra ver o que eles têm a dizer.

Eddie não respondeu. Ele não ia mais falar com o sr. Keene; parecia mais seguro. E estava com medo de, se não saísse logo dali, acabar chorando.

— Bem! — disse o sr. Keene, e ficou de pé. — Acho que isso encerra nosso papo, Eddie. Se perturbei você, sinto muito. Eu só estava fazendo o que achei que devia. Eu…

Mas antes que ele pudesse dizer qualquer outra coisa, Eddie agarrou o aspirador e o saco branco de comprimidos e panaceias e saiu correndo. Um dos pés escorregou na sujeira de sorvete no chão e ele quase caiu. Mas logo estava correndo, disparando para fora da Center Street Drug Store apesar da respiração ofegante. Ruby ficou olhando para ele por cima da revista, com a boca aberta.

Ele pareceu sentir o sr. Keene lá atrás, na porta do escritório, observando a fuga graciosa por cima do balcão, magro, arrumado, pensativo e sorridente. Sorrindo aquele sorriso de deserto seco.

Ele fez uma pausa no cruzamento triplo da Kansas, Main e Center. Deu outra aspirada na bombinha, sentado no murinho de pedra ao lado do ponto de ônibus. Sua garganta estava

escorregadia com aquele gosto medicinal,

(nada além de água com um pouco de cânfora misturada)

e ele pensou que, se tivesse que usar a bombinha hoje de novo, provavelmente acabaria vomitando as tripas.

Ele a colocou no bolso e observou o tráfego passando de um lado para o outro, subindo a rua Main e descendo a colina Up-Mile. Tentou não pensar. O sol batia na cabeça dele, fervendo. Cada carro que passava lançava raios de reflexo em seus olhos, e uma dor de cabeça estava começando a latejar em suas têmporas. Ele não conseguia encontrar uma forma de ficar com raiva do sr. Keene, mas não tinha a menor dificuldade em se sentir mal por Eddie Kaspbrak. Ele achava que Bill Denbrough nunca desperdiçava tempo sentindo pena de si mesmo, mas Eddie não conseguia evitar.

Mais do que qualquer coisa, ele queria fazer exatamente o que o sr. Keene tinha sugerido: ir para o Barrens e contar tudo para os amigos, ver o que eles diriam, descobrir que respostas teriam. Mas não podia fazer isso agora. A mãe o esperaria em casa com os remédios em pouco tempo,

(por sua mente... ou por sua mãe)

e, se ele não estivesse lá,

(sua mãe tem certeza de que você está doente)

teria problemas. Ela suporia que ele estava com Bill, Richie ou com “o garoto judeu”, como ela chamava Stan (insistindo que não pretendia ser preconceituosa quando o chamava assim, mas que estava apenas “botando as cartas na mesa”, a expressão dela para falar a verdade em situações difíceis). E, ali na esquina, tentando desesperadamente organizar os pensamentos disparados, Eddie sabia o que ela diria se soubesse que um dos outros amigos era negro e a outra era uma garota, uma garota com idade para começar a ter seios.

Ele começou a subir a colina Up-Mile, com medo da subida nesse calor. Estava quase quente o bastante para fritar um ovo na calçada. Pela primeira vez, ele se viu desejando a volta da escola, uma nova série e as peculiaridades de uma nova professora com as quais lidar. Que esse verão horrível acabasse.

Ele parou na metade da colina, não longe de onde Bill Denbrough redescobriria a bicicleta Silver 27 anos depois, e tirou o aspirador do bolso. *Névoa de Hydrox*, dizia o rótulo. *Administrar conforme necessário.*

Outra coisa deu um estalo. *Administrar conforme necessário.* Ele era só uma criança, ainda imaturo (como sua mãe às vezes dizia quando estava "botando as cartas na mesa"), mas mesmo um garoto de 11 anos sabia que não se dava a alguém remédio de verdade e escrevia no rótulo *Administrar conforme necessário.* Se fosse remédio de verdade, seria fácil demais se matar administrando sempre que fosse necessário. Ele achava que dava para se matar usando uma simples aspirina dessa forma.

Ele olhou fixamente para o aspirador, sem perceber a senhora idosa que olhou curiosamente para ele quando passou colina abaixo na direção da rua Main com a cesta de compras no braço. Ele se sentia traído. E, por um momento, quase jogou a embalagem plástica na vala. Melhor ainda, pensou ele, era jogar dentro do bueiro. Claro! Por que não? Que a Coisa pegasse a bombinha lá nos túneis e canos pingando. Tome um pla-ce-bo, seu monstro de mil caras! Ele deu uma gargalhada descontrolada e chegou muito perto de fazer isso. Mas, no final, o hábito era simplesmente forte demais. Ele recolocou a bombinha no bolso da frente da calça e saiu andando, sem nem ouvir a ocasional buzina ou o estrondo do escapamento do ônibus do Parque Bassey ao passar por ele. Também não estava ciente do quanto estava perto de descobrir como era se machucar de verdade.

3

Quando ele saiu do mercado da avenida Costello 25 minutos depois com uma Pepsi em uma das mãos e duas barras de chocolate PayDay na outra, Eddie teve a desagradável surpresa de ver Henry Bowers, Victor Criss, Moose Sadler e Patrick Hockstetter ajoelhados no cascalho à esquerda da loja. Por um momento, Eddie achou que eles estavam jogando dados; mas logo viu que estavam juntando o dinheiro que tinham na camisa de

beisebol de Victor. Os livros da recuperação de verão estavam jogados de lado em uma pilha desorganizada.

Em um dia comum, Eddie poderia apenas voltar silenciosamente para a loja e pedir ao sr. Gedreau se podia sair pela porta dos fundos, mas esse não era um dia comum. Eddie ficou paralisado onde estava, com a mão ainda segurando a porta de tela com as propagandas de cigarro em placas de metal (WINSTON É GOSTOSO, COMO UM CIGARRO DEVE SER, 21 BONS TIPOS DE TABACO FORMAM 21 CIGARROS, o garoto que dizia PEÇA PHILIP MORRIS), a outra segurando o saco pardo de compras e o saco branco da farmácia.

Victor Criss o viu e cutucou Henry. Henry ergueu o olhar; Patrick Hockstetter fez o mesmo. Moose, que era mais lento, continuou contando moedas por cinco segundos, mais ou menos, antes de o silêncio repentino atingi-lo e ele também olhar.

Henry ficou de pé e tirou o cascalho grudado nos joelhos do macacão que estava usando. Havia talas nas laterais do nariz coberto de curativo, e a voz tinha um tom anasalado.

— Ora, quem diria — disse ele. — Um dos jogadores de pedras. Onde estão seus amigos, babaca? Estão lá dentro?

Eddie estava balançando a cabeça com torpor antes de perceber que isso era outro erro.

O sorriso de Henry se alargou.

— Ah, tudo bem — disse ele. — Não me importo de pegar um de cada vez. Vem até aqui, babaca.

Victor ficou de pé ao lado de Henry; Patrick Hockstetter estava atrás deles, com um sorriso vazio que Eddie conhecia bem da escola. Moose ainda estava se levantando.

— Vem cá, babaca — disse Henry. — Vamos conversar sobre jogar pedras. Vamos conversar sobre isso. Quer?

Agora que era tarde demais, Eddie concluiu que seria melhor entrar na loja. Voltar para a loja onde havia um adulto. Mas, quando ele recuou, Henry deu um pulo e o agarrou. Ele puxou o braço de Eddie, puxou com força, e seu sorriso virou um rosnado. A mão de Eddie foi arrancada da porta de tela. Ele foi empurrado pelos degraus, e teria caído de cabeça no cascalho se Victor não o tivesse segurado pelas axilas. Victor o jogou. Eddie conseguiu ficar de pé, mas só dando dois rodopios. Os quatro garotos estavam de frente para ele agora a uma distância de uns 3 metros, Henry um pouco à frente dos outros, sorrindo. O cabelo estava de pé atrás, no estilo boi-lambeu.

Atrás de Henry, à esquerda, estava Patrick Hockstetter, um garoto genuinamente assustador. Eddie nunca o tinha visto acompanhado até hoje. Ele estava acima do peso o bastante para a

barriga sempre se projetar por cima do cinto, que tinha fivela de Red Ryder. O rosto era perfeitamente redondo e costumava ser branco como leite. Agora, ele estava levemente queimado de sol, o nariz mais queimado e descascando, mas o tom rosado se espalhava pelas bochechas como asas. Na escola, Patrick gostava de matar moscas com a régua verde de plástico e guardá-las no estojo. Às vezes, ele mostrava a coleção de moscas para algum garoto novo no parquinho durante o recreio, sorrindo com os lábios grossos e os olhos cinza-esverdeados sóbrios e pensativos. Ele nunca falava quando mostrava as moscas mortas, independente do que o garoto novo pudesse falar. Aquela expressão estava em seu rosto agora.

— Como vai, Homem das Pedras? — perguntou Henry, diminuindo a distância entre eles. — Tem alguma pedra aí?

— Me deixa em paz — disse Eddie com voz trêmula.

— "Me deixa em paz" — imitou Henry, balançando a mão fingindo medo. Victor riu. — O que você vai fazer se eu não deixar, Homem das Pedras? Hã? — Ele esticou a mão com rapidez incrível, que explodiu na bochecha de Eddie com o som de disparo de arma. A cabeça de Eddie foi lançada para trás. Lágrimas começaram a escorrer do olho esquerdo.

— Meus amigos estão lá dentro — disse Eddie.

— "Meus amigos estão lá dentro" — guinchou Patrick Hockstetter. — Aaaah! Aaaah! *Aaaah!* — Ele começou a seguir para a direita de Eddie.

Eddie começou a se virar naquela direção, mas a mão de Henry disparou de novo, e desta vez foi a outra bochecha que pegou fogo.

Não chore, pensou ele*, é isso que eles querem, mas não faça isso Eddie. Bill não choraria, Bill não faria isso, então não chore tamb…*

Victor deu um passo à frente e deu um empurrão no meio do peito de Eddie. Eddie cambaleou meio passo para trás e caiu em cima de Patrick, que tinha se agachado diretamente atrás de seus pés. Ele caiu no cascalho e arranhou os braços. Houve um som de *uff!* quando o ar saiu de seus pulmões.

Um momento depois, Henry Bowers estava em cima dele, com os joelhos prendendo os braços de Eddie, o traseiro em cima da barriga.

— Tem alguma pedra, Homem das Pedras? — disse Henry para ele, e Eddie sentiu mais medo da luz louca nos olhos de Henry do que por causa da dor nos braços ou pela incapacidade de recuperar o fôlego. Henry era doido. Em algum ponto ali perto, Patrick riu.

— Quer jogar pedras? Hã? Vou te dar pedras! Aqui! Toma algumas pedras!

Henry pegou um punhado de cascalho e esfregou no rosto de Eddie. O cascalho cortou a pele, as bochechas, as pálpebras, os lábios. Eddie abriu a boca e gritou.

— Quer pedras? Vou te dar pedras! Tome algumas pedras, Homem das Pedras! Quer pedras? Tá! Tá! Tá!

Cascalho foi enfiado em sua boca aberta, cortando suas gengivas, batendo nos dentes. Ele sentiu fagulhas voarem nas obturações. Gritou de novo e cuspiu cascalho.

— Quer mais pedras? Quer? Que tal mais algumas? Que tal…?

— Pare com isso! Ei, ei! Pare com isso! Ei, garoto! Deixa ele! Agora mesmo! Está ouvindo? Deixa ele!

Por olhos entreabertos e manchados de lágrimas, Eddie viu a mão grande de alguém descer e segurar Henry pela gola da camisa e pela tira direita do macacão. A mão deu um puxão e Henry foi tirado de cima dele. Ele caiu no cascalho e se levantou. Eddie se levantou mais devagar. Estava tentando ficar de pé, mas parecia não ter equilíbrio. Ele ofegou e cuspiu pedaços de cascalho com sangue.

Era o sr. Gedreau, vestido com o avental branco e comprido, e parecia furioso. Não havia medo no rosto dele, embora Henry fosse 8 centímetros mais alto e provavelmente pesasse 25 quilos a mais do que ele. Não havia medo em seu rosto porque ele era o adulto e Henry era a criança. Só que, desta vez, pensou Eddie, isso talvez não significasse nada. O sr. Gedreau não entendia. Ele não sabia que Henry era louco.

— Saiam daqui — disse o sr. Gedreau, indo para perto de Henry até ficar cara a cara com o garoto com expressão de raiva. — Saiam e não voltem. Não aturo sua valentia. Não aturo quatro contra um. O que as mães de vocês pensariam?

Ele olhou para os outros com raiva e irritação. Moose e Victor baixaram o olhar e examinaram os tênis. Patrick só ficou olhando para e através do sr. Gedreau com aquela expressão vazia cinza-esverdeada. O sr. Gedreau olhou de volta para Henry e chegou a dizer “Peguem suas bicicletas e…” quando Henry deu um empurrão nele.

Uma expressão de surpresa que seria cômica em outras circunstâncias se espalhou no rosto do sr. Gedreau quando ele foi jogado para trás, com cascalho solto voando debaixo das solas dos sapatos. Ele caiu sentado com força nos degraus que levavam à porta de tela.

— Por que você…? — ele começou a dizer.

A sombra de Henry caiu em cima dele.

— Entra — disse ele.

— Você… — disse o sr. Gedreau, e desta vez parou por conta própria. O sr. Gedreau tinha finalmente visto, percebeu Eddie, aquela luz nos olhos de Henry. Ele se levantou rapidamente, com o avental balançando. Subiu os degraus o mais rápido que conseguiu, tropeçou no penúltimo e se apoiou brevemente em um joelho. Levantou-se rápido, mas aquele tropeço, por mais breve que tenha sido, pareceu tirar o resto de sua autoridade de adulto.

Ele se virou no alto e gritou:

— Vou chamar a polícia!

Henry fingiu que ia partir para cima dele, e o sr. Gedreau se encolheu. Aquele foi o fim, percebeu Eddie. Por mais incrível e impensável que parecesse, não havia proteção para ele aqui. Era hora de ir.

Enquanto Henry estava no pé dos degraus olhando com raiva para o sr. Gedreau e enquanto os outros olhavam hipnotizados (e, exceto por Patrick Hockstetter, nem um pouco horrorizados) esse desafio repentino e bem-sucedido de desacato à autoridade adulta, Eddie

viu sua chance. Ele girou e saiu correndo.

Estava na metade do quarteirão quando Henry se virou, com olhos pegando fogo.

— *Peguem ele!* — gritou ele.

Com ou sem asma, Eddie deu uma boa corrida naquele dia. Houve espaços, alguns de até 15 metros, em que ele não conseguia lembrar se as solas dos sapatos tocaram na calçada ou não. Por alguns momentos, ele até considerou uma ideia eufórica de que conseguiria correr mais do que eles.

E então, pouco antes de ele chegar à rua Kansas e o que poderia ser a segurança, um garotinho de triciclo saiu de uma casa direto no caminho de Eddie. Eddie tentou desviar, mas pela velocidade que estava correndo, teria sido melhor pular por cima do garoto (o nome do garoto era Richard Cowan, e ele cresceria, se casaria e seria pai de um garoto chamado Frederick Cowan, que se afogaria na privada e seria parcialmente comido por uma coisa que subiu pelo vaso como fumaça preta e assumiu uma forma inimaginável), ou pelo menos tentar.

Um dos pés de Eddie prendeu na parte de trás do triciclo, onde um merdinha aventureiro poderia ficar de pé e empurrar o triciclo como se fosse um patinete. Richard Cowan, cujo filho não nascido seria assassinado pela Coisa 27 anos depois, mal balançou no triciclo. Mas Eddie saiu voando. Ele bateu na calçada com o ombro, quicou, caiu de novo e deslizou 3 metros, destruindo a pele dos cotovelos e dos joelhos. Estava tentando se levantar quando Henry Bowers bateu nele como uma bala de bazuca e o derrubou. O nariz de Eddie se chocou bruscamente com o concreto. Sangue voou.

Henry rolou de lado como um paraquedista militar e se levantou de novo. Segurou Eddie pela nuca e pelo pulso direito. A respiração dele, roncando pelo nariz inchado e quebrado, estava quente e úmida.

— Quer pedras, Homem das Pedras? Claro! Merda! — Ele torceu o pulso de Eddie até as costas. Eddie gritou. — Pedras pro Homem das Pedras, certo, Homem das Pedras? — Ele puxou o pulso ainda mais para cima. Eddie gritou. Atrás dele, ao longe, ele conseguia ouvir os outros se aproximando, e o garotinho no triciclo começar a chorar. *Bem-vindo ao clube, garoto*, pensou ele, e apesar da dor, apesar das lágrimas e do medo, ele deu uma sonora gargalhada.

— Você acha *engraçado*? — perguntou Henry, parecendo de repente atônito em vez de furioso. — Acha isso *engraçado*? — E Henry também não parecia com *medo*? Anos depois, Eddie pensaria: *Sim, com medo, ele pareceu estar com medo*.

Eddie girou o pulso na mão de Henry. Ele estava molhado de suor e quase conseguiu se soltar. Talvez tenha sido por isso que Henry puxou o pulso de Eddie ainda mais do que antes. Eddie ouviu um estalo no braço como o som de madeira no inverno cedendo embaixo de uma camada acumulada de gelo. A dor que subiu do braço fraturado era indistinta e gigantesca. Ele gritou, mas o som pareceu distante. A cor estava sumindo do mundo, e quando Henry o soltou e empurrou, ele pareceu flutuar até a calçada. Levou muito tempo para chegar até o chão. Ele deu uma boa olhada em cada rachadura na calçada enquanto deslizava. Teve a oportunidade

de admirar a forma como o sol de julho brilhava nos pedaços de mica no meio da calçada. Teve a oportunidade de reparar nos restos de uma amarelinha desenhada com giz rosa na calçada. E então, só por um momento, as linhas tremeram e pareceram outra coisa. Pareceram uma tartaruga.

Ele poderia ter desmaiado, mas caiu no braço recém-quebrado, e a dor foi intensa, ardente, quente, terrível. Ele sentiu as pontas da fratura em galho verde se roçarem. Eddie mordeu a língua, o que provocou um novo jorro de sangue. Ele rolou de costas e viu Henry, Victor, Moose e Patrick acima. Eles pareciam impossivelmente altos, impossivelmente elevados, como carregadores de caixão olhando dentro de um túmulo.

— Gostou disso, Homem das Pedras? — perguntou Henry, com a voz sumindo ao longe, flutuando pelas nuvens de dor. — Gostou da agitação, Homem das Pedras? Gostou do agito da vez?

Patrick Hockstetter riu.

— Seu pai é maluco — Eddie se ouviu dizer —, e você também é.

O sorriso de Henry sumiu tão rápido que pareceu arrancado de seu rosto. Ele puxou o pé para chutar… mas uma sirene surgiu na tarde quente e imóvel. Henry parou. Victor e Moose olharam ao redor com desconforto.

— Henry, acho melhor a gente sair daqui — disse Moose.

— Só sei que *eu* vou sair daqui — disse Victor. Como as vozes deles pareciam distantes! Como os balões do palhaço, elas pareciam flutuar. Victor saiu correndo na direção da biblioteca, atravessando o parque McCarron para fugir da rua.

Henry hesitou por um momento, talvez torcendo para o carro da polícia estar cuidando de outra coisa e ele poder continuar o que estava fazendo. Mas a sirene soou de novo, mais perto.

— Você teve sorte, cara de cu — disse ele. Ele e Moose saíram correndo atrás de Victor.

Patrick Hockstetter esperou mais um momento.

— Toma uma coisinha extra pra você — sussurrou ele com a voz baixa e rouca. Ele inspirou e cuspiu catarro verde no rosto virado, suado e sangrento de Eddie. *Splat.* — Não come tudo de uma vez se não quiser — disse Patrick, dando o sorriso doentio e perturbador. — Guarda um pouco pra depois se quiser.

E então, ele se virou lentamente e foi embora.

Eddie tentou limpar o catarro com o braço bom, mas mesmo aquele pequeno movimento fez a dor disparar de novo.

Quando você saiu para a farmácia, nunca pensou que acabaria na calçada da avenida Costello com o braço quebrado e a meleca de Patrick Hockstetter escorrendo pelo seu rosto, não é? Você nem chegou a beber a Pepsi. A vida é cheia de surpresas, não é?

Incrivelmente, ele deu outra gargalhada. Foi um som fraco e fez o braço quebrado doer, mas a sensação foi boa. E havia mais uma coisa: nada de asma. Sua respiração estava bem, ao menos por enquanto. E isso era bom. Ele jamais conseguiria pegar a bombinha. Nem em mil anos.

A sirene estava perto agora, apitando e apitando. Eddie fechou os olhos e viu tudo vermelho sob as pálpebras. E então, o vermelho ficou preto quando uma sombra caiu sobre ele. Era o garotinho do triciclo.

— Tudo bem? — perguntou o garotinho.

— Eu pareço bem? — perguntou Eddie.

— Não, você está *horrível* — disse o garotinho, e saiu pedalando e cantando "The Farmer in the Dell".

Eddie começou a dar risadinhas. Aqui estava o carro da polícia; ele conseguiu ouvir o barulho dos freios. Ele se viu torcendo vagamente para que o sr. Nell estivesse dentro, apesar de saber que o sr. Nell fazia patrulha a pé.

Por que você está rindo, em nome de Deus?

Ele não sabia, tanto quanto não sabia por que devia sentir, apesar da dor, um alívio tão intenso. Seria porque ele ainda estava vivo, porque o pior que ele sofreu foi um braço quebrado, e ainda havia pedaços para juntar? Ele decidiu que era isso, mas, anos depois, sentado na Biblioteca de Derry com um copo de gim com suco de ameixa à frente e o aspirador bem perto, ele contou para os outros que achava que era mais do que isso; ele era velho o bastante para sentir mais, mas não para entender e definir.

Acho que foi a primeira dor verdadeira que senti na vida, diria ele para os outros. *Não foi como eu achava que seria. Não acabou comigo como pessoa. Acho… que me deu base de comparação, pude descobrir que ainda dava para existir dentro da dor,* apesar *da dor.*

Eddie virou a cabeça fracamente para a direita e viu grandes pneus pretos Firestone, para-choques cromados cegantes e luzes azuis pulsantes. Ouviu a voz do sr. Nell naquele momento, densamente irlandesa, impossivelmente irlandesa, parecendo mais com a Voz do Policial Irlandês de Richie do que a voz verdadeira do sr. Nell… mas talvez fosse efeito da distância.

— Meu Deus do céu, é o moleque Kaspbrak!

Nesse momento, Eddie apagou.

4

E, com uma exceção, ficou apagado por um tempo.

Houve um breve período de consciência na ambulância. Ele viu o sr. Nell sentado à frente dele, tomando um gole da garrafinha marrom e lendo um livro chamado *Eu, o júri*. A garota na capa tinha os maiores seios que Eddie já tinha visto. Seus olhos passaram do sr. Nell para o motorista. O motorista olhou para Eddie com um grande sorriso malicioso, a pele lívida de tinta e talco, os olhos brilhando como moedas novas. Era Pennywise.

— Sr. Nell — disse Eddie com voz rouca.

O sr. Nell ergueu o olhar e sorriu. — Como você está, moleque?

— … motorista… o motorista…

— Sim, vamos chegar lá num pulo — disse o sr. Nell, e entregou para ele a garrafinha marrom. — Toma um pouquinho. Vai te ajudar a se sentir melhor.

Eddie bebeu o que parecia fogo líquido. Ele tossiu, o que fez o braço doer. Ele olhou para a frente e viu o motorista de novo. Só um cara de cabeça quase raspada. Nada de palhaço.

Ele apagou de novo.

Muito depois, ele estava no pronto-socorro e uma enfermeira estava limpando o sangue, a sujeira, o catarro e o cascalho de seu rosto com um pano frio. Ardia, mas a sensação era maravilhosa ao mesmo tempo. Ele ouviu a mãe fazendo um escarcéu lá fora e tentou dizer para a enfermeira não deixar que ela entrasse, mas nenhuma palavra saía, independente do quanto ele se esforçasse.

— … se ele estiver morrendo, quero saber! — gritava a mãe. — Está ouvindo? É meu direito saber, e é meu direito vê-lo! Posso processar você, sabe? Conheço advogados, muitos advogados! Alguns dos meus melhores amigos são advogados!

— Não tente falar — disse a enfermeira para Eddie. Ela era jovem, e ele conseguia sentir os seios dela encostando em seu braço. Por um momento, ele teve a ideia louca de que a enfermeira era Beverly Marsh, mas logo apagou de novo.

Quando voltou a si, sua mãe *estava* no quarto, falando com o dr. Handor em uma velocidade absurda. Sonia Kaspbrak era uma mulher enorme. As pernas, envoltas em meias de compressão, pareciam troncos, mas estranhamente lisos. O rosto estava pálido agora, exceto por bolotas vermelhas no rosto.

— Mãe — Eddie conseguiu dizer — … tudo bem… estou bem

— *Não* está, *não* está — gemeu a sra. Kaspbrak. Ela torceu as mãos. Eddie ouviu os dedos estalarem e se apertarem. Começou a sentir a respiração ficar curta assim que olhou para ela, que viu o estado em que ela estava, como essa sua última aventura a tinha afetado. Ele queria dizer para ela se acalmar, senão ela teria um ataque cardíaco, mas não conseguiu. Sua garganta estava seca demais. — Você *não* está bem, sofreu um acidente sério, um acidente *muito sério*, mas você *vai* ficar bem, eu prometo, Eddie, você *vai* ficar bem, mesmo se precisarmos trazer todos os especialistas do mundo, ah Eddie… Eddie… seu pobre *braço*…

Ela caiu em um choro barulhento. Eddie viu que a enfermeira que tinha lavado seu rosto estava olhando para ela sem muita pena.

Durante toda essa ladainha, o dr. Handor ficou gaguejando:

— Sonia… por favor, Sonia… Sonia…?

Ele era um homem magro com aparência desnutrida e um bigodinho que não tinha crescido muito bem e que ele não tinha aparado direito, ainda por cima, de forma que estava mais comprido do lado esquerdo. Ele parecia nervoso. Eddie se lembrou do que o sr. Keene contou naquela manhã e sentiu uma certa pena do dr. Handor.

Por fim, reunindo as forças, Russ Handor conseguiu dizer:

— Se você não conseguir se controlar, vai ter que ir embora, Sonia.

Ela se virou para ele, e ele se encolheu.

— Não vou fazer isso! Nem sugira! É meu filho que está deitado ali em sofrimento! *Meu filho deitado nessa cama de dor!*

Eddie surpreendeu a todos ao conseguir falar em voz alta.

— Quero que você vá embora, mãe. Se vão fazer alguma coisa que vai me fazer gritar, e acho que vão, você vai se sentir melhor se for embora.

Ela se virou para ele, atônita… e magoada. Ao ver a mágoa no rosto dela, ele sentiu seu peito começar a apertar inexoravelmente.

— É claro que eu *não* vou! — gritou ela. — Que coisa horrível de dizer, Eddie! Você está delirante! Você não *entende* o que está dizendo, é a única explicação!

— Não sei qual é a explicação e não ligo — disse a enfermeira. — Só sei que estamos aqui sem fazer nada enquanto deveríamos estar ajeitando o braço do seu filho.

— Você está sugerindo… — começou Sonia, com a voz subindo ao tom agudo e estridente que assumia quando ela estava mais aborrecida.

— Por favor, Sonia — disse o dr. Handor. — Não vamos discutir aqui. Vamos ajudar Eddie.

Sonia recuou, mas seus olhos fuzilantes, os olhos de uma mãe urso cujo filhote foi ameaçado, prometeram confusão à enfermeira mais tarde. Possivelmente até um processo. Então os olhos dela ficaram úmidos, o que afastou a raiva, ou pelo menos escondeu. Ela segurou a mão boa de Eddie e apertou com tanta força que ele fez uma careta.

— Está ruim, mas você vai ficar bom *logo* — disse ela. — Vai ficar bom *logo*, eu prometo.

— Claro, mãe — disse Eddie, respirando ruidosamente. — Posso usar minha bombinha?

— É claro — disse ela. Sonia Kaspbrak olhou para a enfermeira de forma triunfante, como se vingada depois de uma acusação criminal ridícula. — Meu filho tem asma — disse ela. — É bem grave, mas ele lida com o problema *lindamente*.

— Que bom — disse a enfermeira em tom neutro.

A mãe segurou a bombinha para ele aspirar. Um momento depois, o dr. Handor estava apalpando o braço quebrado de Eddie. Ele foi o mais delicado possível, mas a dor ainda foi enorme. Eddie teve vontade de gritar e trincou os dentes. Estava com medo de a mãe gritar também se ele gritasse. Suor surgiu em sua testa em gotas grandes e transparentes.

— Você está machucando ele — disse a sra. Kaspbrak. — *Sei* que está! Não há necessidade disso! Pare! Não tem necessidade de machucar ele! Ele é muito delicado, não pode suportar esse tipo de dor!

Eddie viu a enfermeira trocar um olhar furioso com o cansado e preocupado do dr. Handor. Viu a conversa sem palavras que se passou entre eles: *Mande essa mulher pra fora daqui, doutor*. E no fechar dos olhos dele: *Não posso. Não ouso.*

Havia grande clareza dentro da dor (embora, na verdade, essa não fosse uma clareza que Eddie gostaria de experimentar com frequência; o preço era alto demais), e, naquela conversa

silenciosa, Eddie aceitou tudo que o sr. Keene disse para ele. A bombinha de HydrOx estava cheia nada mais do que água com sabor. A asma não estava em sua garganta nem em seus pulmões, mas na cabeça. De uma forma ou de outra, ele teria que lidar com essa verdade.

Ele olhou para a mãe, viu-a claramente em meio à dor: cada flor no vestido Lane Bryant, as marcas de suor debaixo dos braços, onde os absorventes que ela usava tinham ficado encharcados, as marcas no sapato gasto. Ele viu o quanto os olhos dela eram pequenos nas bolsas de pele, e agora um pensamento terrível surgiu em sua mente: aqueles olhos eram quase predatórios, como os do leproso que saiu do porão do número 29 da rua Neibolt. *Estou chegando, Eddie, isso mesmo… não vai ser bom pra você correr, Eddie…*

O dr. Handor colocou delicadamente as mãos ao redor do braço quebrado de Eddie e apertou. A dor explodiu.

Eddie apagou.

5

Deram um líquido para ele beber, e o dr. Handor colocou a fratura no lugar. Ele ouviu o dr. Handor contar para sua mãe que era uma fratura de galho verde, uma simples fratura infantil.

— É o tipo de fratura que crianças têm quando caem de árvores — disse ele, e Eddie ouviu a mãe responder furiosamente:

— Eddie não *sobe* em árvores! Agora quero a verdade! O quanto ele está mal?

Mas a enfermeira lhe deu um comprimido. Ele sentiu os seios dela no ombro de novo e ficou grato pela pressão reconfortante. Mesmo em meio ao atordoamento, ele conseguiu ver que a enfermeira estava zangada, e pensou ter dito *Ela não é o leproso, por favor, não pense isso, ela só está me comendo porque me ama*, mas talvez nada tenha saído, porque o rosto furioso da enfermeira não mudou.

Ele tinha uma lembrança leve de ser empurrado por um corredor em uma cadeira de rodas e da voz de sua mãe em algum lugar atrás, ficando mais baixa:

— O que você quer dizer com *horário de visita*? Não fale comigo sobre *horário de visita*, ele é meu *filho*!

Diminuindo. Ele estava feliz por ela estar sumindo, feliz por ele estar sumindo. A dor tinha desaparecido e a claridade foi embora junto. Ele não queria pensar. Queria apagar. Percebeu que o braço direito estava muito pesado. Perguntou-se se já tinham colocado gesso. Ele

parecia não conseguir ver. Estava vagamente ciente de rádios tocando em quartos, de pacientes que pareciam fantasmas de camisolas de hospital andando de um lado para o outro em corredores largos e de que estava quente… muito quente. Quando ele foi levado para o quarto, conseguiu ver o sol se pondo em uma explosão laranja de sangue e pensou incoerentemente: *Como um grande botão de roupa de palhaço.*

— Vamos, Eddie, você consegue andar — disse uma voz, e ele descobriu que conseguia. Ele foi colocado entre lençóis frios e engomados. A voz disse que ele sentiria um pouco de dor à noite, mas que não deveria tocar a campainha para chamar a enfermeira e pedir analgésico a não ser que a dor ficasse muito forte. Eddie perguntou se podia beber água. A água veio com um canudo com uma sanfona no meio, para poder dobrá-lo. Estava fria e gostosa. Ele bebeu tudo.

Houve dor à noite, muita dor. Ele ficou deitado na cama, segurando a campainha na mão esquerda, mas sem apertar. Uma tempestade caía lá fora, e quando os relâmpagos brilhavam em azul e branco, ele virava o rosto para longe da janela, com medo de ver um sorriso monstruoso e sorridente no céu em meio àquele fogo elétrico.

Ele acabou dormindo de novo e, durante o sono, teve um sonho. No sonho ele viu Bill, Ben, Richie, Stan, Mike e Bev, seus amigos, chegando ao hospital de bicicleta (Bill estava com Richie na garupa de Silver). Ele ficou surpreso ao ver Beverly de vestido; era um tom lindo de verde, da cor do Caribe em uma gravura da *National Geographic*. Ele não conseguia lembrar se já a tinha visto de vestido; só se lembrava de calças jeans e calças capri e o que as garotas chamavam de "uniforme de escola": saias e blusas, com blusas normalmente brancas com gola redonda, saias geralmente plissadas e marrons e abaixo dos joelhos, para esconder os machucados.

No sonho, ele os viu chegando para o horário de visitas das 14h, e sua mãe, que estava esperando pacientemente desde as 11h, gritou tão alto com eles que todos se viraram para olhar para ela.

Se vocês acham que vão entrar, podem tirar o cavalinho da chuva!, gritou a mãe de Eddie, e agora o palhaço, que estava sentado na sala de espera o tempo todo (mas bem no canto, com um exemplar da revista *Look* na frente do rosto até aquele momento), deu um pulo e fez uma mímica de aplauso, batendo as mãos com luvas brancas uma na outra rapidamente. Ele saltou e dançou, fez uma estrela, fez uma pirueta, enquanto a sra. Kaspbrak tagarelava com os amigos Otários de Eddie e enquanto eles se escondiam, um a um, atrás de Bill, que ficou ali de pé, pálido mas aparentemente calmo, com as mãos enfiadas fundo nos bolsos da calça jeans (talvez para que ninguém, incluindo o próprio Bill, pudesse ver se estavam tremendo ou não). Ninguém viu o palhaço além de Eddie… embora um bebê dormindo tranquilamente no colo da mão tivesse acordado e começado a chorar com intensidade.

Vocês já fizeram muito mal!, gritou a mãe de Eddie. *Sei quem eram aqueles garotos! Eles estão com problema na escola, estão com problema até com a polícia! E só porque aqueles garotos têm alguma coisa contra vocês, não é motivo pra eles terem alguma coisa contra*

ele. Falei isso para ele, e ele concorda comigo. Ele quer que eu mande vocês irem embora, ele cansou de vocês, nunca mais quer voltar a ver nenhum de vocês. Ele não quer mais a suposta amizade de vocês! De nenhum de vocês! Eu sabia que daria confusão, e vejam só! Meu Eddie no hospital! Um garoto delicado como ele…

O palhaço pulou, dançou, fez splits e ficou apoiado em uma das mãos. O sorriso dele era verdadeiro o bastante agora, e no sonho Eddie percebeu que obviamente era isso que o palhaço queria, uma barreira que os separasse, afastando-os e destruindo qualquer chance de ação em conjunto. Em uma espécie de êxtase imundo, o palhaço rodopiou duas vezes e deu um beijo burlesco na bochecha de sua mãe.

A-A-Aqueles g-g-g-garotos que f-f-fizeram isso… começou Bill.

Não me responda!, gritou a sra. Kaspbrak. *Não ouse me responder! Ele não quer mais saber de vocês, eu disse!* Chega*!*

E então, um interno entrou correndo na sala de espera e disse para a mãe de Eddie que ela teria que fazer silêncio, senão teria que sair do hospital. O palhaço começou a sumir, começou a ficar mais transparente e, ao mesmo tempo, começou a mudar. Eddie viu o leproso, a múmia, o pássaro; ele viu o lobisomem e um vampiro cujos dentes eram lâminas Gillette em ângulos estranhos como espelhos em uma casa de espelhos de parque de diversão; ele viu Frankenstein, a criatura, e uma coisa carnuda que parecia uma concha e que se abria e fechava como uma boca; ele viu uma dezena de outras coisas terríveis, cem. Mas, pouco antes de o palhaço sumir completamente, ele viu a coisa mais terrível de todas: o rosto de sua mãe.

Não!, ele tentou gritar. *Não! Não! Ela não! Minha mãe não!*

Mas ninguém olhou; ninguém ouviu. E, nos momentos finais do sonho, ele percebeu com horror frio e apavorante que eles não conseguiam ouvi-lo. Ele estava morto. A Coisa o tinha matado, e ele estava morto. Ele era um fantasma.

6

O triunfo agridoce de Sonia Kaspbrak por mandar os ditos amigos do filho para longe evaporou assim que ela entrou no quarto particular de Eddie na tarde seguinte, no dia 21 de julho. Ela não sabia explicar exatamente por que a sensação de triunfo estava sumindo assim, nem por que foi desalojada por um medo não direcionado; era alguma coisa no rosto pálido do filho, que não estava contorcido de

dor e ansiedade, mas com uma expressão que ela não conseguia se lembrar de ter visto nos olhos dele. Era penetrante, de alguma forma. Penetrante, alerta e determinada.

O confronto entre os amigos e a mãe de Eddie não aconteceu na sala de espera, como no sonho; ela sabia que eles estavam indo para lá, os "amigos" de Eddie, que provavelmente o estavam ensinando a fumar cigarros apesar da asma, os "amigos" que tinham um poder nada saudável sobre ele a ponto de Eddie só falar sobre eles quando chegava em casa à noite, os "amigos" que fizeram com que o braço dele fosse quebrado. Ela contou tudo isso para a vizinha, a sra. Van Prett.

— Chegou a hora — disse a sra. Kaspbrak sombriamente — de botar as cartas na mesa.

A sra. Van Prett, que tinha problemas horríveis de pele e que quase sempre podia-se contar que concordaria com ansiedade quase patética com tudo que Sonia Kaspbrak dizia, nesse caso teve a temeridade de discordar.

Você devia ficar feliz porque ele fez amigos, disse a sra. Van Prett enquanto elas penduravam a roupa no frescor da manhã antes do trabalho. Isso foi na primeira semana de julho. *E ele está mais seguro se estiver com outras crianças, sra. Kaspbrak, você não acha? Com tudo que vem acontecendo nesta cidade e todas as pobres crianças que foram assassinadas?*

A única resposta da sra. Kaspbrak foi um fungar irritado (na verdade, ela não conseguiu pensar naquela hora em uma resposta verbal adequada, embora conseguisse pensar em dezenas, algumas delas extremamente pungentes, mais tarde), e quando a sra. Van Prett a chamou naquela noite, parecendo um tanto ansiosa, para perguntar se a sra. Kaspbrak iria ao Beano em Saint Mary com ela como sempre, a sra. Kaspbrak só respondeu friamente que achava que ia ficar em casa naquela noite e descansar os pés.

Bem, ela esperava que a sra. Van Prett estivesse satisfeita agora. Ela esperava que a sra. Van Prett visse agora que o único perigo em Derry nesse verão não era o maníaco sexual matando crianças e bebês. Aqui estava o filho dela, deitado na cama de dor do Derry Home Hospital. Ele talvez nunca mais conseguisse usar o bom braço direito de novo, ela já tinha ouvido falar de coisas assim, ou, que Deus não permitisse, pedaços soltos da fratura podiam entrar na corrente sanguínea, seguir até o coração, perfurá-lo e matar Eddie, ah, é claro que Deus nunca permitiria que isso acontecesse, mas ela tinha *ouvido* falar de coisas assim, então isso significava que Deus *podia* permitir que uma coisa assim acontecesse. Em alguns casos.

Assim, ela ficou na varanda comprida e coberta do Home Hospital esperando, sabendo que

eles apareceriam, friamente determinada a encerrar essa chamada "amizade", essa camaradaria que tinha culminado em braços quebrados e camas de dor, de uma vez por todas.

Eles acabaram indo, como ela sabia que iriam, e para seu horror ela viu que um deles era *crioulo*. Não que ela tivesse alguma coisa contra crioulos; ela achava que eles tinham todo o direito de andar onde quisessem nos ônibus lá no sul e de comer em bancadas de lanchonete de brancos, e não deviam ter que sentar no paraíso negro nos cinemas a não ser que incomodassem

(mulheres)

pessoas brancas, mas ela também acreditava firmemente no que chamava de Teoria do Pássaro: os assuns-pretos voavam com outros assuns-pretos, não com pintarroxos. Melros se reproduziam com outros melros; eles não se misturavam com pássaros azuis nem com rouxinóis. Cada um com o que é seu era o lema dela, e ver Mike Hanlon chegar pedalando com os outros como se ele fizesse parte do ambiente fez a decisão dela, como a raiva e a consternação, ficar mais forte. Ela pensou em tom reprovador, como se Eddie estivesse presente e pudesse ouvi-la: *Você nunca me contou que um dos seus "amigos" era crioulo.*

Bem, pensou ela vinte minutos depois, ao entrar no quarto de hospital onde o filho estava deitado com o braço em um gesso enorme preso ao peito (o coração dela doía só de olhar), ela os mandou para longe antes de a coisa ficar preta… com o perdão do trocadilho. Nenhum deles exceto o garoto Denbrough, o que gaguejava de uma maneira *horrível*, teve a coragem de sequer falar com ela. A garota, fosse lá quem ela fosse, piscou um par de olhos de jade de piranha para Sonia (*da rua Lower Main ou algum lugar até pior* era a opinião de Sonia Kaspbrak), mas teve a sabedoria de ficar de boca calada. Se ela tivesse ousado dar um pio, Sonia teria dito poucas e boas para ela; teria dito para ela que tipo de garota anda com garotos. Havia nomes para garotas assim, e ela não queria o filho dela associado, nem agora nem nunca, com as garotas que eram chamadas assim.

Os outros apenas olharam para os próprios pés. Era o que ela esperava mesmo. Quando ela terminou de falar o que tinha a dizer, eles subiram em suas bicicletas e foram embora. O garoto Denbrough estava com o garoto Tozier na garupa de uma bicicleta enorme com aparência nada segura, e com um tremor interior, a sra. Kaspbrak se perguntou quantas vezes seu Eddie tinha andado naquela bicicleta perigosa, arriscando os braços, as pernas, o pescoço e a vida.

Fiz isso por você, Eddie, pensou ela ao entrar no hospital com a cabeça erguida. *Sei que você pode sentir uma certa decepção no começo; é bem natural. Mas pais sabem mais do que os filhos; o motivo de Deus ter criado os pais era para guiar, instruir… e proteger.* Depois da decepção inicial, ele entenderia. E ela sentiu um certo alívio agora, é claro que foi para o bem de Eddie, e não por ela. O alívio só era esperado quando você salvava seu filho de más companhias.

Só que seu sentimento de alívio estava manchado por um novo desconforto agora, ao olhar para o rosto de Eddie. Ele não estava dormindo, como ela achava que estaria. Em vez de um

sono drogado do qual ele acordaria desorientado, atordoado e psicologicamente vulnerável, havia um olhar intenso e alerta, tão diferente dos olhares hesitantes e delicados habituais de Eddie. Como Ben Hanscom (embora Sonia não soubesse disso), Eddie era o tipo de garoto que olhava rapidamente para um rosto, como se para testar o clima emocional se desenvolvendo ali, e afastava o olhar rapidamente também. Mas ele estava olhando para ela diretamente agora (*talvez seja a medicação*, pensou ela, é claro que é isso; vou ter que conversar com o dr. Handor sobre essa medicação), e foi ela quem sentiu que precisava olhar para o lado. *Pareceu que ele estava me esperando*, pensou ela, e era um pensamento que devia tê-la deixado feliz. Um garoto esperando pela mãe devia ser uma das melhores criações de Deus…

— Você mandou meus amigos embora. — As palavras saíram sem emoção, sem dúvida e sem pergunta.

Ela se encolheu quase com culpa, e sem dúvida o primeiro pensamento a surgir na mente dela foi de culpa (*Como ele sabe disso? Ele* não tem como *saber disso!*), e ela ficou imediatamente furiosa consigo mesma (e com ele) por se sentir assim. Então, ela sorriu para ele.

— Como estamos nos sentindo hoje, Eddie?

Aquela foi a resposta certa. Alguém, alguma voluntária maldita ou talvez até aquela enfermeira incompetente e antagônica do dia anterior, andou fazendo fofocas. Alguém.

— Como estamos nos sentindo? — perguntou ela de novo quando ele não respondeu. Ela achou que ele não a tinha escutado. Ela nunca tinha lido na literatura médica de um osso quebrado afetar a audição, mas supôs que era possível, tudo era possível.

Eddie continuou sem responder.

Ela entrou mais no quarto, odiando o sentimento hesitante, quase tímido dentro de si, sem confiar nele porque nunca se sentira hesitante nem tímida perto de Eddie. Ela também sentia raiva, embora essa ainda estivesse surgindo. Que direito ele tinha de fazê-la se sentir assim, depois de tudo que ela fez por ele, depois de tudo que sacrificou por ele?

— Conversei com o dr. Handor, e ele me garantiu que você vai ficar perfeitamente bem — disse Sonia bruscamente, sentando-se na cadeira de madeira de costas retas ao lado da cama. — É claro que, se houver algum problema, vamos a um especialista em Portland. Em *Boston*, se precisar. — Ela sorriu, como se concedendo um grande favor. Eddie não retribuiu o sorriso. E também não respondeu.

— Eddie, você está me ouvindo?

— Você mandou meus amigos embora — repetiu ele.

— Mandei — disse ela, deixando o fingimento de lado, e não falou mais nada. Aquele era um jogo que podia ser jogado por duas pessoas. Ela simplesmente ficou olhando para ele.

Mas uma coisa estranha aconteceu; uma coisa terrível, na verdade. Os olhos de Eddie pareceram… crescer de alguma forma. As manchas cinza neles pareciam estar se deslocando, como nuvens de tempestade em movimento. Ela percebeu de repente que ele não estava

“fazendo bico” nem “chateado” nem nada disso. Ele estava furioso com ela… e Sonia ficou com medo, porque alguma coisa além de seu filho parecia estar no quarto. Ela baixou os olhos e abriu a bolsa com mãos desajeitadas. Começou a procurar um Kleenex.

— Sim, eu os mandei embora — disse ela, e descobriu que a voz ficava forte o bastante e firme o bastante… desde que ela não olhasse para ele. — Você se feriu seriamente, Eddie. Não precisa de visitas agora, exceto por sua mãe, e não precisa de visitantes assim nunca na vida. Se não fossem *eles*, você estaria em casa assistindo TV agora, ou construindo seu carrinho de rolimã na garagem.

Era o sonho de Eddie construir um carrinho de rolimã e levar para Bangor. Se ele fosse o vencedor lá, ganharia uma viagem com tudo pago para Akron, Ohio, para assistir à Corrida Nacional de Carrinhos de Rolimã. Sonia estava perfeitamente disposta a permitir esse sonho desde que parecesse a ela que o término do carrinho, que era feito de caixas de laranja e rodas de um trem Choo-Choo Flyer, fosse apenas isso: um sonho. Ela não tinha intenção nenhuma de deixar Eddie arriscar a vida em uma empreitada tão perigosa, nem em Derry, nem em Bangor e muito menos em Akron, que (Eddie tinha dito para ela) significaria pegar um avião e fazer uma corrida suicida por uma colina íngreme em uma caixa de laranja com rodas e sem freios. Mas, como sua mãe dizia com frequência, o que uma pessoa não sabia não podia lhe fazer mal (sua mãe também gostava de dizer “Diga a verdade e que se dane o diabo”, mas quando a questão era lembrar os aforismas dela, Sonia, como a maior parte das pessoas, conseguia ser incrivelmente seletiva).

— Meus amigos não quebraram meu braço — disse Eddie com aquela mesma voz sem emoção. — Contei pro dr. Handor ontem à noite e contei pro sr. Nell quando ele veio hoje de manhã. Henry Bowers quebrou meu braço. Tinha outros garotos com ele, mas foi Henry. Se eu estivesse com meus amigos, jamais teria acontecido. Aconteceu porque eu estava sozinho.

Isso fez Sonia pensar no comentário da sra. Van Prett de que era mais seguro ter amigos, e isso trouxe a fúria de volta como um tigre. Ela ergueu a cabeça.

— Isso não importa e você sabe! O que você acha, Eddie? Que sua mãe nasceu ontem? É isso que você acha? Sei muito bem por que o garoto Bowers quebrou seu braço. Aquele policial irlandês também esteve na nossa casa. Aquele garoto grande quebrou seu braço porque você e seus “amigos” o irritaram de alguma forma. Agora você acha que isso teria acontecido se você me ouvisse e ficasse longe deles?

— Não. Eu acho que uma coisa bem pior poderia ter acontecido — disse Eddie.

— Eddie, você não está falando sério.

— Estou — disse ele, e ela sentiu aquele poder vindo dele, emanando dele, em ondas. — Bill e os meus outros amigos vão voltar, mãe. Isso é uma coisa que *eu* sei. E, quando eles voltarem, você não vai proibir eles de entrar. Não vai dizer nada pra eles. Eles são meus amigos, e você não vai roubar meus amigos só porque tem medo de ficar sozinha.

Ela ficou olhando para ele, atônita e apavorada. Lágrimas encheram seus olhos e escorreram pelas bochechas, molhando o pó que ela tinha passado ali.

— É assim que você fala com sua mãe agora, estou vendo — disse ela em meio ao choro. — Talvez seja assim que seus “amigos” falam com os pais. Acho que você aprendeu com eles.

Ela se sentia mais segura em meio às lágrimas. Normalmente, quando ela chorava, Eddie também chorava. Era uma arma baixa, alguns poderiam dizer, mas será que havia mesmo armas baixas quando a questão era proteger o filho? Ela achava que não.

Ela ergueu o rosto com lágrimas escorrendo dos olhos, sentindo-se incrivelmente triste, desolada, traída… e segura. Eddie não conseguiria encarar um fluxo de lágrimas e dor desses. Aquele olhar frio e intenso sumiria do rosto dele. Talvez ele começasse a ofegar e assobiar um pouco, e isso seria um sinal, como sempre era, de que a briga tinha acabado e ela tinha conquistado mais uma vitória… por ele, é claro. Sempre por ele.

Ela ficou tão chocada de ver aquela mesma expressão no rosto dele (se mudou em alguma coisa, foi para ficar mais intensa) que sua voz tremeu em um soluço. Havia sofrimento sob a expressão dele, mas até isso era assustador: pareceu a ela um sofrimento *adulto*, e pensar em Eddie como adulto sempre fazia as asinhas de um pássaro em pânico baterem dentro da mente dela. Era assim que ela se sentia nas raras ocasiões em que se perguntou o que aconteceria se seu Eddie não quisesse estudar na Derry Business College ou na University of Maine em Orono ou na Husson em Bangor, para que pudesse ir para casa todos os dias depois do fim das aulas, o que aconteceria se ele conhecesse uma garota, se apaixonasse, quisesse se casar. *Onde é que tem lugar para mim nessa história?*, gritava a voz do pássaro em pânico quando esses pensamentos estranhos, quase de pesadelo, surgiam. *Qual seria meu lugar em uma vida assim? Eu te amo, Eddie! Eu te amo! Eu cuido de você e amo você! Você não sabe cozinhar, nem trocar os lençóis, nem lavar suas cuecas! Por que deveria? Eu sei fazer essas coisas pra você! Sei porque amo você!*

Ele falou para si mesmo agora:

— Eu te amo, mãe. Mas amo meus amigos também. Acho… Acho que você está forçando o choro.

— Eddie, você me magoa tanto — sussurrou ela, e novas lágrimas fizeram o rosto dele ficar duplo, triplo. Se as lágrimas dela alguns momentos atrás foram calculadas, essas não eram. De sua forma peculiar, ela era forte; tinha acompanhado o marido até o túmulo sem desmoronar, tinha conseguido um emprego em um mercado em depressão, no qual não era fácil conseguir um, tinha criado o filho e, quando foi necessário, ela lutou por ele. Essas foram as primeiras lágrimas totalmente não afetadas e não calculadas que ela chorava em anos, talvez desde que Eddie apresentou a bronquite aos 5 anos e ela teve certeza de que ele morreria enquanto estava ali deitado na cama de dor, brilhando de febre, tremendo, tossindo e ofegando para respirar. Ela chorava agora por causa daquela expressão terrivelmente adulta e um tanto *estranha* no rosto dele. Estava com medo *por* ele, mas também estava, de certa forma, com medo *dele*, com medo da aura que parecia envolvê-lo… que parecia exigir alguma coisa dela.

— Não me faça ter que escolher entre você e meus amigos, mãe — disse Eddie. A voz dele estava irregular, forçada, mas ainda sob controle. — Porque não é justo.

— São amigos *ruins*, Eddie! — gritou ela, quase frenética. — Sei disso, sinto no meu coração, eles só vão te fazer sentir dor e sofrimento! — E a coisa mais horrível de todas era que ela sentia *mesmo* isso; alguma parte dela tinha intuído pelos olhos do garoto Denbrough, que ficou de pé em frente a ela com as mãos nos bolsos, o cabelo ruivo ardendo no sol de verão. Os olhos dele estavam tão sérios, tão estranhos e distantes… como os de Eddie agora.

E não havia a mesma aura ao redor dele que havia ao redor de Eddie agora? A mesma, mas mais forte? Ela achava que sim.

— Mãe…

Ela ficou de pé tão de repente que quase derrubou a cadeira de costas retas.

— Volto de noite — disse ela. — É o choque, o acidente, a dor, essas coisas, que fazem você falar assim. Eu sei. Você… você… — Ela procurou e encontrou o texto original em meio à confusão em sua mente. — Você sofreu um acidente horrível, mas vai ficar *bem*. E vai ver que estou certa, Eddie. Eles são amigos *ruins*. Não do nosso tipo. Não pra você. Pense bem e pergunte-se se sua mãe já se enganou antes. Pense sobre o assunto e… e…

Vou fugir!, pensou ela com consternação doentia e sofrida. *Vou fugir do meu próprio filho! Ah, Deus, por favor, não permita!*

— Mãe.

Por um momento, ela quase fugiu mesmo assim, com medo dele agora, ah, sim, ele era mais do que Eddie; ela sentiu os outros nele, os "amigos" dele e mais alguma outra coisa, uma coisa que era maior até do que eles, e teve medo de que aparecesse para ela. Era como se ele estivesse sob o domínio de alguma coisa, de uma febre horrível, como foi dominado pela bronquite naquela época aos 5 anos, quando quase morreu.

Ela fez uma pausa com a mão na maçaneta, sem querer ouvir o que ele pudesse dizer… e, quando ele disse, foi tão inesperado que por um momento ela não entendeu. Quando a compreensão chegou, foi como um bloco solto de cimento, e por um momento ela pensou que desmaiaria.

Eddie disse:

— O sr. Keene disse que meu remédio de asma é só água.

— O quê? O quê? — Ela virou os olhos furiosos na direção dele.

— Só água. Com uma outra coisa pra ficar com gosto de remédio. Ele disse que era um pla-ce-bo.

— É mentira! Não passa de uma grande mentira! Por que o sr. Keene contaria uma mentira dessas? Bem, existem outras farmácias em Derry, pelo que sei. Eu acho...

— Tive tempo pra pensar — disse Eddie com voz baixa e implacável, sem tirar os olhos dos dela — e *eu* acho que ele está falando a verdade.

— Eddie, estou dizendo que *não* está! — O pânico tinha voltado, tremendo.

— O que acho — disse Eddie — é que deve ser verdade, senão haveria algum aviso no

vidro, do tipo que se você usar demais, vai morrer, ou pelo menos passar mal. Mesmo…

— Eddie, não quero *ouvir* isso! — gritou ela, e colocou as mãos sobre os ouvidos. — Você… você… *você não está sendo você, só isso!*

— Mesmo quando é uma coisa que se pode comprar sem receita, sempre tem alguma instrução no rótulo — prosseguiu ele, sem elevar a voz. Os olhos cinzentos estavam pousados nos dela, e ela não conseguiu baixar o olhar, nem mesmo deslocá-lo. — Mesmo se for xarope Vick pra tosse… ou seu Geritol.

Ele fez uma pequena pausa. Ela tirou as mãos dos ouvidos; parecia dar trabalho demais segurá-las no alto. Pareciam muito pesadas.

— E me parece… que você devia saber disso também, mãe.

— Eddie! — Ela falou, quase choramingando.

— Porque — prosseguiu ele, como se ela não tivesse falado nada; ele estava de testa franzida agora, concentrado no problema — porque os pais devem saber sobre remédios. Eu uso essa bombinha umas cinco, seis vezes por dia. E você não me deixaria fazer isso se achasse que podia, sei lá, me fazer mal. Porque é sua função me proteger. Sei porque é o que você sempre diz. Então… você sabia, mãe? Sabia que era só água?

Ela não disse nada. Seus lábios estavam tremendo. Parecia que o rosto dela inteiro estava tremendo. Ela não estava mais chorando. Estava com medo demais para chorar.

— Porque se *sabia* — disse Eddie, ainda com a testa franzida —, se *sabia*, *eu* gostaria de saber por quê. Consigo entender algumas coisas, mas não por que minha mãe iria querer que eu achasse que água é remédio… ou que eu tinha asma *aqui* — ele apontou para o peito — quando o sr. Keene diz que só tenho *aqui* — e ele apontou para a cabeça.

Ela pensou em explicar tudo naquele momento. Ela explicaria de forma tranquila e lógica. Que ela achou que ele ia morrer quando tinha 5 anos, e que ficaria louca se isso acontecesse depois de perder Frank apenas dois anos antes. Que ela entendia que só se podia proteger o filho com atenção e amor, que é preciso cuidar de um filho como se cuida de um jardim, fertilizando, tirando as ervas daninhas, e, sim, ocasionalmente podando e aparando, por mais que doesse. Ela contaria que às vezes era melhor para uma criança, principalmente uma criança delicada como Eddie, pensar que estava doente em vez de realmente ficar doente. E terminaria conversando com ele sobre a tolice insuportável dos médicos e o poder do amor; ela contaria a ele que sabia que ele tinha asma, e que não importava o que os médicos pensavam ou davam para ele para tratar isso. Ela contaria que dava para fazer remédios com mais do que o pilão e o socador de um farmacêutico maldoso e intrometido. *Eddie*, ela diria, é remédio porque o amor da sua mãe faz com que seja, e, dessa forma, enquanto você quiser e permitir, posso fazer isso. É um poder que Deus dá para as mães que amam e cuidam. Por favor, Eddie, por favor, amor do meu coração, você precisa acreditar.

Mas, no final, ela não disse nada. O medo era grande demais.

— Mas pode ser que a gente nem precise falar sobre isso — prosseguiu Eddie. — O sr. Keene poderia estar brincando comigo. Às vezes os adultos… você sabe, eles gostam de

pregar peças em crianças. Porque as crianças acreditam em quase tudo. É maldade fazer isso com crianças, mas às vezes os adultos fazem.

— Sim — disse Sonia Kaspbrak avidamente. — Eles gostam de brincar e às vezes são idiotas… maus… e… e…

— Então vou ficar esperando Bill e meus outros amigos — disse Eddie — e vou continuar usando meu remédio de asma. Acho que é o melhor, você não acha?

Ela só percebeu agora, tarde demais, a armadilha primorosa (e cruel) armada para ela. O que ele estava fazendo era quase chantagem, mas que escolha ela tinha? Ela queria perguntar a ele como ele podia ser tão calculista, tão manipulador. Abriu a boca para perguntar… mas voltou a fechar. Era muito provável que, nesse humor atual, ele acabasse respondendo.

Mas ela sabia uma coisa. Sim. Uma coisa com certeza: ela nunca, *nunca* mais colocaria o pé na farmácia do sr. Intrometido Keene.

A voz dele, estranhamente tímida agora, interrompeu seus pensamentos.

— Mãe?

Ela olhou e viu que era Eddie de novo, *só* Eddie, e foi até ele com felicidade.

— Você pode me dar um abraço, mãe?

Ela o abraçou, mas com cuidado, para não machucar o braço quebrado (nem desalojar qualquer fragmento solto de osso que pudesse penetrar no fluxo sanguíneo dele e se alojar no coração. Que mãe mataria o filho com amor?), e Eddie retribuiu o abraço.

7

Na opinião de Eddie, a mãe saiu na hora certa. Durante o horrível confronto com ela, ele sentiu sua respiração cada vez mais presa no pulmão e na garganta, parada e imóvel, insípida e repulsiva, ameaçando envenená-lo.

Ele se segurou até a porta estar bem fechada após a saída dela e então começou a ofegar e assobiar. O ar azedo em sua garganta apertada subiu e desceu como um atiçador quente. Ele pegou a bombinha, o que fez o braço doer, mas ele não se importou. Lançou um longo jato na garganta. Ele inspirou o gosto de cânfora, pensando: *Não importa se é pla-ce-bo, as palavras não importam se uma coisa funciona.*

Ele se deitou nos travesseiros de olhos fechados, respirando livremente pela primeira vez desde que ela entrou. Estava com medo, com muito medo. As coisas que ele disse para ela, a

forma como agiu… era ele, mas não era. Havia alguma coisa trabalhando nele, trabalhando por meio dele, alguma força… e sua mãe sentiu. Ele viu nos olhos dela e nos lábios trêmulos. Ele não sentia essa força como cruel, mas seu poder enorme era assustador. Era como entrar em um brinquedo de parque de diversão que era muito perigoso e perceber que você só podia sair quando acabasse, acontecesse o que acontecesse.

Não tem volta, pensou Eddie, sentindo o peso quente e incômodo do gesso ao redor do braço quebrado. *Ninguém volta pra casa até chegarmos ao final. Mas Deus, estou com tanto medo, tanto medo.* E ele sabia que o motivo mais verdadeiro para exigir que ela não o afastasse dos amigos era uma coisa que ele jamais poderia contar a ela: *Não posso encarar isso sozinho.*

Ele chorou um pouco naquele momento, depois caiu em um sono inquieto. Sonhou com uma escuridão em que bombas funcionavam sem parar.

8

Estava ameaçando chover em pancadas de novo à noite, quando Bill e os outros Otários voltaram ao hospital. Eddie não ficou surpreso ao vê-los entrando em fila. Ele sabia que eles voltariam.

O dia tinha sido quente (mais tarde, todos concordaram que a terceira semana de julho foi a mais quente em um verão excepcionalmente quente), e as nuvens começaram a aparecer por volta das quatro da tarde, preto-arroxeadas e enormes, grávidas de chuva, carregadas de relâmpagos. As pessoas fizeram suas obrigações rapidamente e com um certo desconforto, sempre com um olho observando o céu. A maioria concordou que choveria forte até a hora do jantar, o que tiraria um pouco da densa umidade do ar. Os parques e parquinhos de Derry, lotados durante todo o verão, ficaram desertos por volta das 18h. A chuva ainda não tinha caído e os balanços estavam imóveis e sem fazer sombra em uma luz que era de um amarelo estranho e sem profundidade. Um trovão explodiu ruidosamente. Isso, os latidos de um cachorro e o barulho baixo do tráfego na rua Outer Main foram os únicos sons a chegar na janela de Eddie até os Otários chegarem.

Bill foi o primeiro, seguido de Richie. Beverly e Stan vieram atrás, depois Mike. Ben entrou por último. Ele parecia excruciantemente desconfortável com um suéter branco de gola alta.

Eles foram até a cama dele com expressões solenes. Nem Richie estava sorrindo. *As caras*

deles, pensou Eddie, fascinado. *Minhanossinhora, as caras deles!*

Ele estava vendo neles o que sua mãe viu naquela tarde: aquela estanha combinação de poder e impotência. A luz amarela da tempestade caía na pele deles, fazendo os rostos parecerem fantasmagóricos, distantes, ensombreados.

Estamos atravessando, pensou Eddie. *Atravessando para alguma coisa nova. Estamos na fronteira. Mas o que tem do outro lado? Para onde vamos? Para onde?*

— O-O-Oi, E-E-Eddie — disse Bill. — Como você e-e-está?

— Tudo bem, Big Bill — disse Eddie, e tentou sorrir.

— Teve um dia e tanto ontem, né? — disse Mike. Um trovão ribombou junto com a voz dele.

Nem a luz do teto nem a luz do abajur estavam acesas no quarto de Eddie, e todos eles pareciam sumir e aparecer na luz estranha. Eddie pensou nessa luz em toda Derry agora, inclinada e imóvel no Parque McCarron, entrando pelos buracos no teto da Ponte do Beijo em raios manchados e espalhados, deixando o Kenduskeag parecido com vidro embaçado ao seguir pelo caminho largo e raso pelo Barrens; ele pensou nas gangorras em ângulos estranhos atrás da Escola Derry enquanto as nuvens só aumentavam; ele pensou nessa luz amarela que acompanha os trovões e na imobilidade, como se toda a cidade tivesse adormecido… ou morrido.

— Sim — disse ele. — Foi um dia e tanto.

— Meus p-pais v-vão ao c-cinema d-daqui a d-duas n-noites — disse Bill. — Quando m-mudarem os f-filmes em cartaz. V-Vamos f-fazer nesse dd-dia. As b-b-b…

— Bolas de prata — disse Richie.

— Eu pensei…

— É melhor assim — diz Ben baixinho. — Ainda acho que poderíamos fazer as balas, mas pensar não basta. Se fôssemos adultos...

— Ah, é, o mundo seria delicioso se fôssemos adultos — disse Beverly. — Adultos podem fazer tudo que querem, né? Adultos podem *fazer* tudo que querem e sempre dá certo. — Ela riu, um som trêmulo e nervoso. — Bill quer que *eu* dispare. Você consegue imaginar isso, Eddie? Pode me chamar de Beverly Oakley.

— Não sei de que vocês estão falando — disse Eddie, mas achava que sabia. Ele estava tendo uma ideia, pelo menos.

Ben explicou. Eles derreteriam um dos dólares de prata dele e fariam duas bolas de prata, um pouco menores do que bilhas. E então, se fosse mesmo um lobisomem que morava no número 29 da rua Neibolt, Beverly colocaria uma bola de prata na cabeça dele com o estilingue de Bill. Adeus, lobisomem. E se eles estivessem certos sobre ser uma criatura com muitas faces, era adeus, Coisa.

Devia haver algum tipo de expressão no rosto de Eddie, porque Richie deu uma gargalhada e assentiu.

— Sei o que você está sentindo, cara. Eu achei que Bill devia ter perdido os parafusos que

ainda tinha quando começou a falar em usar o estilingue em vez de a arma do pai. Mas hoje à tarde… — Ele parou e limpou a garganta. *Hoje à tarde, depois que sua mãe nos expulsou* era como ele ia começar, e isso obviamente não seria nada bom. — Hoje à tarde, fomos pro lixão. Bill levou o estilingue. Olha. — Do bolso de trás, Richie pegou uma lata achatada que já tinha sido de pedaços de abacaxi da marca Del Monte. Havia um buraco irregular de uns 5 centímetros de diâmetro no meio dela. — Beverly fez isso com uma pedra, de 6 metros de distância. Pra mim, parece uma .38. O Boca de Lixo ficou convencido. E quando o Boca de Lixo fica convencido, o Boca de Lixo fica *convencido*.

— Matar latas é uma coisa — disse Beverly. — Se fosse outra coisa… uma coisa viva… Bill, devia ser você. De verdade.

— N-Não — disse Bill. — T-T-Todos nós d-disparamos. Você v-viu como f-foi.

— Como foi? — perguntou Eddie.

Bill explicou, lentamente, fazendo pausas, enquanto Beverly olhava pela janela com os lábios tão apertados que estavam brancos. Por motivos que não conseguia explicar nem para si mesma, ela estava mais do que com medo: estava profundamente constrangida pelo que tinha acontecido hoje. No caminho até o hospital, ela argumentou de novo, apaixonadamente, para que eles tentassem fazer as balas sim… não por ter mais certeza do que Bill ou Richie de que elas funcionariam quando a hora chegasse, mas porque, se alguma coisa acontecesse naquela casa, a arma estaria nas mãos de

(Bill)

outra pessoa.

Mas fatos eram fatos. Cada um pegou dez pedras e disparou com o estilingue em dez latas a 6 metros de distância. Richie acertou uma em dez (e a que acertou foi de raspão), Ben acertou duas, Bill acertou quatro, Mike acertou cinco.

Beverly, disparando quase casualmente e parecendo não mirar, acertou nove de dez latas bem no meio. A décima caiu quando a pedra que ela disparou quicou na beirada.

— Mas primeiro n-n-n-nós te-temos que fazer a mu-mu-munição.

— Daqui a duas noites? Já devo ter saído daqui — disse Eddie. Sua mãe iria protestar… mas ele achava que não protestaria muito. Não depois daquela tarde.

— Seu braço está doendo? — perguntou Beverly. Ela estava usando um vestido rosa (não o vestido que ele tinha visto no sonho; talvez ela o tivesse usado à tarde, quando sua mãe os expulsou) no qual ela tinha costurado pequenas flores. E uma meia de seda ou de náilon; ela parecia muito adulta, mas infantil de alguma forma, como uma garota brincando de se vestir de adulta. A expressão dela estava sonhadora e distante. Eddie pensou: *Aposto que ela fica assim quando está dormindo.*

— Não muito — disse ele.

Eles conversaram por um tempo, com vozes pontuadas pelo trovão. Eddie não perguntou sobre o que aconteceu quando eles foram ao hospital naquela tarde, e nenhum deles mencionou. Richie pegou o ioiô, fez dormir uma vez ou duas e guardou.

A conversa prosseguiu, e em uma das pausas houve um clique curto que fez Eddie olhar ao redor. Bill estava com alguma coisa na mão, e por um momento Eddie sentiu seu coração disparar de alarme. Naquele breve momento, ele pensou que era uma faca. Mas então Stan acendeu a luz do quarto, acabando com a escuridão, e ele viu que era só uma caneta esferográfica. Sob a luz todos pareceram naturais de novo, *reais*, apenas seus amigos.

— Pensei que devíamos assinar no seu gesso — disse Bill. Ele olhou diretamente nos olhos de Eddie.

Mas não é isso, pensou Eddie com lucidez repentina e alarmada. *É um contrato. É um contrato, Big Bill, não é, ou o mais próximo que vamos chegar de um*. Ele estava com medo… e, logo em seguida, com vergonha e raiva de si mesmo. Se ele tivesse quebrado o braço antes do verão, quem teria assinado no gesso? A mãe, sem dúvida, e talvez o dr. Handor? As tias de Haven?

Eles eram seus *amigos*, e sua mãe estava errada: eles não eram amigos ruins. *Talvez*, pensou ele, *não existam coisas como amigos bons ou ruins. Talvez existam só amigos, pessoas que ficam ao seu lado quando você se machuca e que ajudam você a não se sentir muito sozinho. Talvez valha a pena sentir medo por eles, sentir esperança por eles e viver por eles. Talvez valha a pena morrer por eles também, se chegar a isso. Não amigos bons. Não amigos ruins. Só pessoas com quem você quer e precisa estar; pessoas que constroem casas no seu coração*.

— Tudo bem — disse Eddie, com a voz meio rouca. — Tudo bem, isso seria ótimo, Big Bill.

Assim, Bill se inclinou solenemente por cima da cama e escreveu o nome no gesso que envolvia o braço de Eddie em processo de cicatrização, com letras grandes e redondas. Richie assinou com um floreio. A caligrafia de Ben era tão estreita quanto ele era gordo, com as letras inclinadas para trás. Pareciam prontas para cair ao mais leve empurrão. A caligrafia de Mike Hanlon era grande e estranha porque ele era canhoto e a posição estava ruim para ele. Ele assinou acima do cotovelo de Eddie e circulou o nome. Quando Beverly se inclinou sobre ele, ele conseguiu sentir um cheiro leve de perfume floral. Ela assinou com caligrafia arredondada do método Palmer. Stan foi o último, e assinou o nome em letrinhas espremidas perto do pulso de Eddie.

Todos deram um passo para trás em seguida, como se cientes do que tinham acabado de fazer. Do lado de fora, os trovões resmungaram pesadamente de novo. Relâmpagos inundaram o exterior de madeira do hospital em uma luz breve e hesitante.

— Pronto? — perguntou Eddie.

Bill assentiu.

— V-V-Vai pra minha ca-casa d-depois do ja-antar no dia d-depois de a-amanhã se puder, t-tá?

Eddie assentiu, e o assunto foi encerrado.

Houve outro período de conversa casual, quase sem sentido. Em parte foi sobre o assunto

dominante em Derry naquele mês de julho, o julgamento de Richard Macklin pelo assassinato a porradas do enteado Dorsey e o desaparecimento do irmão mais velho de Dorsey, Eddie Corcoran. Macklin só desabaria e confessaria no banco das testemunhas em dois dias, mas os Otários concordavam que Macklin provavelmente não tinha nada a ver com o desaparecimento de Eddie. O garoto ou tinha fugido… ou a Coisa o tinha pegado.

Eles saíram por volta de 18h45, e a chuva ainda não tinha caído. Continuou ameaçando até bem depois de a mãe de Eddie chegar, fazer sua visita e ir embora de novo (ela ficou horrorizada ao ver as assinaturas no gesso de Eddie, e ficou ainda mais horrorizada pela determinação dele de sair do hospital no dia seguinte; ela estava imaginando uma estada de uma semana ou mais em tranquilidade absoluta, para que as pontas da fratura pudessem "se juntar", como ela dizia).

As nuvens de chuva acabaram se dissipando e afastando. Nem uma gota de chuva caiu em Derry. A umidade permaneceu, e as pessoas dormiram em varandas, gramados e em sacos de dormir em quintais naquela noite.

A chuva veio no dia seguinte, não muito depois de Beverly ver uma coisa horrível acontecer com Patrick Hockstetter.

Capítulo 17

Mais um desaparecido: a morte de Patrick Hockstetter

1

Quando termina, Eddie se serve de outra bebida com a mão não muito firme. Ele olha para Beverly e diz:

— Você viu a Coisa, não viu? Você viu a Coisa pegar Patrick Hockstetter no dia seguinte ao que vocês assinaram no meu gesso.

Os outros se inclinam para a frente.

Beverly prende o cabelo em uma nuvem avermelhada. Por baixo dele, seu rosto está extraordinariamente pálido. Ela tira um cigarro do maço com mãos desajeitadas, o último, e dispara o Bic. Ela parece não conseguir guiar a chama até a ponta do cigarro. Depois de um momento, Bill segura o pulso dela com mão leve, mas firme, e coloca a chama no local onde deve ir. Beverly olha para ele com agradecimento e expira uma nuvem de fumaça azul-acinzentada.

— É — diz ela. — Eu vi acontecer.

Ela treme.

— Ele era l-l-louco — diz Bill, e pensa: Só o fato de Henry deixar um pirado como Patrick Hockstetter andar com ele conforme o verão passava… isso diz alguma coisa, não diz? Ou que Henry estava perdendo um pouco do velho charme, um pouco da atração, ou que a loucura de Henry tinha progredido tanto a ponto de o garoto Hockstetter parecer legal para ele. As duas coisas davam no mesmo: a crescente… o quê? Degeneração de Henry? É essa a palavra? Sim, considerando o que aconteceu com ele, onde ele foi parar, acho que sim.

E tem outra coisa que sustenta essa ideia*, pensa Bill, mas só consegue se lembrar da ideia vagamente. Ele, Richie e Beverly estavam nos Irmãos Tracker. Era começo de agosto, e a recuperação que manteve Henry longe deles durante a maior parte do verão estava quase terminando. E Victor Criss não tinha se aproximado deles? Um Victor Criss muito*

assustado? Sim, isso tinha acontecido. As coisas estavam se aproximando rapidamente do fim, e Bill pensa agora que todas as crianças de Derry sentiram; os Otários e o grupo de Henry, mais do que todos. Mas isso tudo foi depois.

— Ah, é bem isso mesmo — diz Beverly sem emoção. — Patrick Hockstetter era louco. Nenhuma das garotas queria sentar na frente dele na escola. Você estava ali sentada, fazendo trabalho de aritmética ou escrevendo uma história ou redação, e de repente sentia a mão dele… quase tão leve quanto uma pena, mas quente e suada. Carnuda. — Ela engole em seco, e há um pequeno clique em sua garganta. Os outros a observam solenemente ao redor da mesa. — Você sentia na lateral do corpo, ou talvez no seio. Não que nós tivéssemos exatamente seios naquela época. Mas Patrick não parecia se importar com isso.

"Você sentia aquele… aquele toque, e pulava para longe, se virava e ali estava Patrick, sorrindo com aqueles lábios grandes e borrachudos. Ele tinha um estojo…"

— Cheio de moscas — disse Richie de repente. — Claro. Ele matava elas com a régua verde e colocava no estojo. Até lembro como era: vermelho, com uma capa branca encerada que deslizava pra abrir e fechar.

Eddie está assentindo.

— Você pulava pra longe, e ele sorria e às vezes abria o estojo pra você poder ver as moscas mortas dentro — diz Beverly. — E o pior, a coisa mais horrível, era a forma como ele sorria e nunca dizia nada. A sra. Douglas sabia. Greta Bowie dedurou ele, e acho que Sally Mueller também disse alguma coisa uma vez. Mas… acho que a sra. Douglas também tinha medo dele.

Ben está equilibrado nas pernas de trás da cadeira, com as mãos atrás da nuca. Ela ainda não consegue acreditar no quanto ele está magro.

— Tenho certeza de que você está certa — diz ele.

— O q-que a-aconteceu com e-e-ele, Beverly? — pergunta Bill.

Ela engole em seco de novo, tentando lutar contra o poder de pesadelo do que ela viu naquele dia no Barrens, com os patins amarrados um no outro e pendurados no ombro, um joelho ardendo e doendo de uma queda na via Saint Crispin, outra das ruas pequenas e arborizadas que acabavam onde o terreno despencava (e ainda despenca) diretamente no Barrens. Ela lembra (ah, essas lembranças, quando elas vêm, são tão claras e poderosas) que estava usando um short jeans curto demais, que passava pouco da barra da calcinha. Ela tinha começado a prestar mais atenção no próprio corpo no último ano… nos últimos seis meses, na verdade, quando começou a formar curvas e ficar mais feminino. O espelho era um motivo para essa percepção aumentada, é claro, mas não o principal; o principal era que o pai parecia mais rígido ultimamente, com mais tendência a usar a mão ou mesmo o punho. Ele parecia inquieto, quase enjaulado, e ela ficava cada vez mais nervosa quando estava perto dele, mais e mais atenta. Era como se houvesse um cheiro entre eles, um cheiro que não existia quando ela ficava no apartamento sozinha, um cheiro que não costumava existir quando eles estavam lá dentro juntos, ao menos não antes daquele verão. E quando

a mãe saía, ficava pior. Se havia um cheiro, algum cheiro, então ele talvez também soubesse, porque Bev via cada vez menos o pai conforme o clima ficava mais quente, em parte por causa da liga de boliche do verão, em parte porque ele estava ajudando o amigo Joe Tammerly a consertar carros… mas ela desconfia que era em parte pelo cheiro, o que fluía entre eles, sem nenhum dos dois pretender, mas que fluía mesmo assim, os dois tão impotentes para impedir quanto parar de suar em julho.

A visão dos pássaros, centenas e milhares deles, descendo sobre os telhados das casas, em postes telefônicos, em antenas de TV, surge de novo.

— E hera venenosa — diz ela em voz alta.

— O q-q-quê? —pergunta Bill.

— Alguma coisa sobre hera venenosa — diz ela lentamente, olhando para ele. — Mas não era. Só parecia hera venenosa. Mike…?

— Não se preocupe — diz Mike. — Você vai lembrar. Conte o que lembra, Bev.

Me lembro do short azul, *ela contaria a eles*, e de como estava ficando desbotado; o quanto estava apertado nos quadris e na bunda. Eu tinha metade de um maço de Lucky Strike em um bolso e o estilingue Bullseye no outro…

— Se lembra do Bullseye? — pergunta ela a Richie, mas todos assentem.

— Bill deu pra mim — diz ela. — Eu não queria, mas… ele… — Ela sorri para Bill com um certo cansaço. — Não dava pra dizer não pro Big Bill, era isso. Então eu estava com ele, e era por isso que saí sozinha naquele dia. Pra treinar. Eu ainda não achava que teria coragem de usar quando chegasse a hora. Só que… usei naquele dia. Tive que usar. Matei um deles… uma das partes da Coisa. Foi horrível. Mesmo agora, tenho dificuldade de pensar nisso. E um dos outros me pegou. Olhem.

Ela levanta o braço e vira, para que todos possam ver uma cicatriz inchada na parte mais redonda do antebraço. Parece que um objeto circular quente do tamanho de um charuto Havana foi pressionado sobre a pele dela. É um pouco afundada, e olhar para ela provoca um tremor em Mike Hanlon. Essa é uma das partes da história da qual, como a conversa não desejada de Eddie com Keene, ele desconfia, mas nunca ouviu.

— Você estava certo sobre uma coisa, Richie — diz ela. — Aquele Bullseye era de matar. Eu tinha medo dele, mas também amava, de certa forma.

Richie ri e bate nas costas dela.

— Merda, eu sabia naquela época, garotinha boba.

— Sabia? Sério?

— É, sério — diz ele. — Era alguma coisa nos seus olhos, Bevvie.

— O que quero dizer é que parecia um brinquedo, mas era real. Dava pra abrir buraco nas coisas.

— E você abriu um buraco em uma coisa com ele naquele dia — reflete Ben.

Ela assente.

— Foi Patrick que você…

— Não, meu Deus, não! — diz Beverly. — Foi o outro… espere. — Ela apaga o cigarro, toma um gole de bebida e recupera o controle. Por fim, está controlada. Bem… não. Mas ela tem a sensação de que é o mais próximo que vai conseguir hoje. — Eu estava patinando, sabe? E caí e acabei com um arranhão. Então, decidi ir pro Barrens treinar. Fui até a sede do clube primeiro pra ver se vocês estavam lá. Não estavam. Só tinha aquele cheiro de fumaça. Vocês lembram quanto tempo aquele lugar ficou cheirando a fumaça?

Todos assentem, sorrindo.

— Nunca conseguimos acabar com o cheiro, né? — diz Ben.

— Então eu fui pro lixão — diz ela —, porque foi onde fizemos… o teste, acho que dá pra chamar assim, e eu sabia que lá tinha muita coisa em que disparar. Talvez até, sabe, ratos. — Ela faz uma pausa. Tem uma névoa fina de suor na testa dela agora. — Era em ratos que eu queria disparar — diz ela. — Alguma coisa viva. Não uma gaivota, eu sabia que não conseguiria disparar em uma gaivota, mas um rato… Eu queria ver se conseguia.

“Foi bom eu ter ido pela rua Kansas, e não pelo lado de Old Cape, porque não havia muito esconderijo ali perto da área da linha do trem. Eles teriam me visto, e só Deus sabe o que teria acontecido.”

— Quem teria t-te vi-visto?

— Eles — diz Beverly. — Henry Bowers, Victor Criss, Arroto Huggins e Patrick Hockstetter. Eles estão no lixão e…

De repente, surpreendendo a todos, ela começa a rir como uma criança, com as bochechas ficando vermelhas. Ela ri até ficar com lágrimas nos olhos.

— Que porra, Bev — diz Richie. — Conta a piada pra gente.

— Ah, foi mesmo uma piada — diz ela. — Foi uma piada, mas acho que eles podiam ter me matado se soubessem que eu vi.

— Agora eu lembro! — grita Ben, e começa a rir também. — Eu me lembro de você contar pra gente!

Rindo muito, Beverly diz:

— Eles estavam de calça abaixada, peidando.

Há um instante de silêncio surpreso, e todos começam a gargalhar. O som ecoa pela biblioteca.

Pensando em como exatamente contar para eles sobre a morte de Patrick Hockstetter, a coisa em que ela se fixa primeiro é em como chegar ao lixão da cidade pela rua Kansas pareceu entrar em um estranho cinturão de asteroides. Havia um caminho de terra (uma estrada de interior, na verdade; tinha até nome, rua Old Lynne) que seguia da rua Kansas até o lixão, a única estrada de verdade que entrava no Barrens. Os caminhões de lixo da cidade a usavam. Beverly caminhou perto da rua Old Lynne, mas não seguiu por ela, pois tinha ficado mais cautelosa, como achava que todos estavam agora, desde que o braço de Eddie foi quebrado. Principalmente quando estava sozinha.

Ela seguiu pela vegetação pesada, desviou de uma área de hera venenosa com folhas

oleosas avermelhadas, sentindo o cheiro enfumaçado e podre do lixão, ouvindo as gaivotas. À esquerda, por brechas ocasionais na folhagem, ela conseguia ver a rua Old Lynne.

Os outros estão olhando para ela, esperando. Ela verifica o maço de cigarros e vê que está vazio. Sem falar nada, Richie joga um dos seus para ela.

Ela acende, olha ao redor e diz:

— Chegar ao lixão pela rua Kansas era um pouco como

2

entrar em um estranho cinturão de asteroides. O cinturão lixoide. A princípio, não havia nada além da vegetação crescendo a partir do chão esponjoso abaixo, e logo você via seu primeiro lixoide: uma lata enferrujada que já foi o recipiente de molho de macarrão Prince, talvez, ou uma garrafa de refrigerante S'OK cheia de bichos atraídos pelos restos doces e grudentos de baunilha ou ervas. Depois, havia um piscar intenso de sol em um resto de papel-alumínio preso em uma árvore. Você talvez visse uma mola de colchão (ou talvez tropeçasse nela, se não tomasse cuidado por onde andava), ou um osso que algum cachorro tinha carregado, mastigado e largado.

O lixão em si não era tão ruim. Era, na verdade, meio que interessante, pensou Beverly. O que era ruim (e meio assustador) era a forma que ele tinha de se espalhar. De criar esse cinturão de lixoide.

Ela estava chegando mais perto agora; as árvores eram maiores, quase todas abetos, e os arbustos estavam diminuindo. As gaivotas gritavam e chiavam com as vozes agudas e rabugentas, e o ar estava tomado do cheiro de queimado.

Agora, à direita de Beverly, apoiada na base de uma árvore, havia uma geladeira Amana enferrujada. Beverly olhou para ela, pensando vagamente no policial estadual que visitou a turma quando ela estava no terceiro ano. Ele contou que coisas como geladeiras jogadas fora eram perigosas; uma criança podia entrar em uma brincando de pique-esconde, por exemplo, e sufocar até a morte lá dentro. Embora por que alguém iria querer entrar em uma coisa velha assim…

Ela ouviu um grito, tão perto que a fez pular, seguido de gargalhadas. Beverly sorriu. Então eles *estavam* ali. Tinham saído da sede do clube por causa do fedor de fumaça e ido para lá. Talvez estivessem quebrando garrafas com pedras, talvez só catando coisas.

Ela começou a andar um pouco mais rápido, e o arranhão feio que tinha feito foi rapidamente esquecido na ansiedade de vê-los… de vê-*lo*, com o cabelo ruivo tão parecido com o dela, para ver se ele iria sorrir para ela daquele jeito estranhamente fofo de um lado só que era típico dele. Ela sabia que era nova demais para amar um garoto, jovem demais para qualquer coisa que não fosse umas "quedinhas", mas amava Bill mesmo assim. E andou um pouco mais rápido, com os patins balançando no ombro, o elástico do Bullseye batendo delicadamente na nádega esquerda.

Ela quase entrou no meio deles, mas conseguiu perceber que não eram seus amigos, mas sim a gangue de Bowers.

Ela saiu do meio dos arbustos, e o lado mais íngreme do lixão ficava cerca de 70 metros à frente, uma avalanche cintilante de lixo no ângulo da cascalheira. A escavadeira de Mandy Fazio estava à esquerda. Bem mais perto, à frente dela, havia uma área de carros velhos. No final de cada mês, eles eram esmagados e levados para Portland, para um ferro-velho, mas agora havia mais de 12, apoiados em rodas sem pneus, alguns de lado, um ou dois apoiados no teto como cachorros mortos. Eles estavam arrumados em duas filas, e Beverly andou pelo corredor improvisado tomado de lixo entre eles como uma noiva punk do futuro, perguntando-se se conseguiria quebrar um para-brisa com o estilingue. Um dos bolsos do short azul estava lotado de bilhas que eram sua munição de treino.

As vozes e as risadas vinham de depois dos carros e para a esquerda, na beirada do lixão. Beverly contornou o último, um Studebaker sem toda a parte da frente. Seu oi morreu nos lábios. A mão que ela tinha levantado para acenar não exatamente desceu até a lateral do corpo; ela pareceu murchar.

O primeiro pensamento furiosamente constrangido foi: *Ah, Deus, por que estão todos pelados?*

Isso foi seguido pela assustadora percepção de quem eles eram. Ela ficou parada na frente do meio Studebaker, com a sombra grudada aos calcanhares dos tênis de cano baixo. Naquele momento, ela ficou completamente visível para eles; se algum dos quatro tivesse olhado do círculo onde estavam agachados, não teria como não vê-la, uma garota de altura mediana, um par de patins sobre um ombro, o joelho de uma perna comprida e cheia de energia ainda com sangue escorrendo, a boca aberta de surpresa, as bochechas vermelhas.

Antes de correr para trás do Studebaker, ela viu que eles não estavam completamente nus, afinal; todos estavam de camisa, e as calças e cuecas estavam só abaixadas até os sapatos, como se eles tivessem que Fazer o Número Dois (em seu estado de choque, a mente de Beverly automaticamente se reverteu ao eufemismo que ensinaram a ela quando pequena). No entanto, quem já tinha ouvido falar de quatro garotos indo Fazer o Número Dois ao mesmo tempo?

Quando já estava escondida de novo, seu primeiro pensamento foi de ir embora, e ir embora rápido. Seu coração estava disparado, os músculos vibravam com adrenalina. Ela olhou ao redor, viu o que não tinha se dado ao trabalho de reparar quando andou até ali, quando achou que as vozes eram de seus amigos. A fileira de carros velhos à esquerda era bem dispersa; eles não estavam grudados porta a porta como estariam em uma semana, mais ou menos, quando o esmagador chegasse para transformá-los em pedaços rudimentares de metal cintilante. Ela ficou exposta aos garotos várias vezes quando andou até onde estava agora; se recuasse, ficaria exposta de novo, e desta vez poderia ser vista.

Além do mais, ela sentia uma certa curiosidade vergonhosa: o que eles poderiam estar fazendo?

Cuidadosamente, ela espiou por trás do Studebaker.

Henry e Victor Criss estavam mais ou menos virados na direção dela. Patrick Hockstetter estava à esquerda de Henry. Arroto Huggins estava de costas para ela. Ela observou o fato de que Arroto tinha uma bunda extremamente *grande*, extremamente *cabeluda*, e risadinhas meio histéricas de repente subiram por sua garganta como a espuma em um copo de ginger ale. Ela teve que colocar as duas mãos em cima da boca e se esconder atrás do Studebaker novamente, lutando para segurar as gargalhadas.

Você tem que sair daqui, Beverly. Se eles pegarem você... ela olhou entre os carros velhos, ainda com as mãos sobre a boca. O corredor devia ter uns 3 metros de largura, estava tomado de latas, cintilando com pedacinhos de vidro Daf-T-Glas como pecinhas de quebra-cabeça e cheio de mato rasteiro. Se ela fizesse qualquer ruído, eles talvez a ouvissem… particularmente se a concentração deles na coisa estranha que estavam fazendo se perdesse. Quando ela pensou no quanto andou até aqui casualmente, seu sangue gelou. Além do mais…

Que diabos eles podem estar fazendo?

Ela espiou de novo e observou mais detalhes desta vez. Havia livros e papéis espalhados de forma descuidada ali perto, material escolar. Eles tinham acabado de chegar das aulas de recuperação então, o que a maior parte das crianças chamava de Aula de Burros ou Aula de Tapa-Buraco. E como Henry e Victor estavam virados na direção dela, ela conseguia ver as *coisas* deles. Foram as primeiras *coisas* que ela viu na vida, sem contar as imagens em um livrinho manchado que Brenda Arrowsmith mostrou a ela no ano anterior, e naquelas imagens não dava para ver muita coisa. Bev observou agora que as coisas deles eram tubinhos pendurados entre as pernas. O de Henry era pequeno e pelado, mas o de Victor era bem grande, e havia um emaranhado de pelos finos e pretos acima.

Bill tem um assim, pensou ela, e de repente seu corpo todo pareceu ficar vermelho de uma vez. O calor a percorreu em uma onda tal que a deixou tonta, fraca e quase enjoada. Naquele momento, ela se sentiu da mesma forma que Ben Hanscom no último dia de aula, ao olhar para a tornozeleira dela e observar a forma como cintilava ao sol… mas ele não sentiu o terror misturado que ela sentiu agora.

Ela olhou para trás mais uma vez. Agora, o caminho entre os carros que levava ao abrigo do Barrens parecia muito mais longo. Ela estava com medo de se mexer. Se eles soubessem que ela tinha visto as *coisas* deles, provavelmente a machucariam. E não só um pouco. Eles a machucariam muito.

Arroto Huggins deu um berro de repente, o que a fez pular, e Henry gritou:

— Noventa centímetros! Puta merda, Arroto! Foi de 90 centímetros! Não foi, Vic?

Vic concordou que sim, e todos urraram com gargalhadas de *trolls*.

Beverly deu outra olhada ao redor do Studebaker velho. Patrick Hockstetter tinha se virado e meio que levantado, de forma que a bunda estava quase na cara de Henry. Na mão de Henry havia um objeto prateado e brilhoso. Depois de um momento de observação, ela percebeu que era um isqueiro.

— Pensei que você tivesse dito que sentiu um chegando — disse Henry.

— Estou sentindo — disse Patrick. — Vou avisar na hora. Se prepara!... Se prepara, está chegando! Vai.. *agora!*

Henry acendeu o isqueiro. No mesmo momento, houve o inconfundível som trêmulo de um belo peido. Não havia como confundir aquele som; Beverly o tinha ouvido o bastante em casa, normalmente nas noites de sábado, depois de feijão com salsicha. O pai dela era um grande amante de feijão. Quando Patrick soltou e Henry acendeu o isqueiro, ela viu uma coisa que fez seu queixo cair. Uma chama azul e comprida pareceu sair diretamente do bumbum de Patrick. Para Bev, pareceu a chama piloto em um aquecedor a gás.

Os garotos urraram com as gargalhadas de *troll*, e Beverly se recolheu atrás dos carros, sufocando risadinhas loucas de novo. Ela estava rindo, mas não por estar achando graça. De alguma maneira muito estranha, era engraçado, sim, mas ela estava rindo mais porque sentiu uma repulsa profunda acompanhada de uma espécie de horror. Ela estava rindo porque não conhecia outra forma de lidar com o que tinha visto. Tinha alguma coisa a ver com ver as *coisas* dos garotos, mas isso não chegava nem perto de ser tudo, nem mesmo grande parte do que ela sentia. Ela sabia, afinal, que garotos tinham *coisas*, da mesma forma que sabia que garotas tinham *coisas* diferentes; isso era apenas o que poderíamos chamar de visão de confirmação. Mas o resto do que eles estavam fazendo parecia tão estranho, tão absurdo, mas ao mesmo tempo tão primitivo que ela se viu, apesar do ataque de gargalhadas, procurando o centro de si mesma com um certo desespero.

Pare, pensou ela, como se isso fosse a resposta, *pare, eles vão te ouvir, então pare logo, Bevvie!*

Mas era impossível. O melhor que ela conseguiu foi gargalhar sem envolver as cordas

vocais, de forma que o som saiu dela em uma série de engasgos quase inaudíveis, pelas mãos por cima da boca, e as bochechas tão vermelhas quanto maçãs, os olhos transbordando de lágrimas.

— Puta *merda*, isso *dói*! — gritou Victor.

— Três metros e *meio*! — berrou Henry. — Juro por Deus, Vic, foram três metros e *meio*! Juro pelo nome da minha *mãe*!

— Não ligo se foram *seis* porras de metros, você queimou minha bunda! — gritou Victor, e houve mais gargalhadas urradas; ainda tentando rir silenciosamente por trás do abrigo do carro, Beverly pensou em um filme que tinha visto na TV. Jon Hall trabalhava nele. Era sobre uma tribo na selva que tinha um ritual secreto, e se você visse, era sacrificado para o deus deles, que era um grande ídolo de pedra. Isso não fez os risinhos dela pararem, e sim os incendiou a um tom quase febril. Eles estavam ficando mais e mais como gritos silenciosos. A barriga dela estava doendo. Lágrimas escorreram pelo rosto.

3

Henry, Victor, Arroto e Patrick Hockstetter acabaram no lixão acendendo os peidos uns dos outros naquela tarde quente de julho por causa de Rena Davenport.

Henry sabia o que resultava de consumir grandes quantidades de feijão. O resultado talvez fosse melhor expressado em uma rima que ele aprendeu no colo do pai quando ainda era bem pequeno: *Feijão, feijão, quero mais um! Quanto mais eu como, mais solto pum! Quando solto pum, não me sinto mais fraco! E logo quero mais um prato!*

Rena Davenport e o pai dele se cortejavam havia quase oito anos. Ela era gorda, tinha 40 anos e estava quase sempre imunda. Henry achava que Rena e o pai às vezes trepavam, embora não conseguisse imaginar ninguém esmagando Rena Davenport com o corpo.

O feijão de Rena era seu orgulho. Ela deixava de molho no sábado à noite e cozinhava em fogo baixo durante todo o domingo. Henry achava o feijão dela gostoso, ao menos era uma coisa para enfiar na boca e mastigar, mas depois de oito anos, *qualquer coisa* perdia o encanto.

E Rena não ficava satisfeita em fazer só um pouco de feijão; ela cozinhava em grande quantidade. Quando chegava no domingo à noite no velho De Soto verde (havia uma boneca de borracha nua pendurada no retrovisor, parecendo a menor vítima de linchamento do

mundo), ela costumava estar com o feijão dos Bowers fervendo no assento ao lado, em um panelão de aço galvanizado. Os três comiam feijão naquela noite (Rena falando sobre a maravilha de sua comida o tempo todo, o louco do Butch Bowers resmungando e pegando caldo de feijão com um pedaço de pão ou simplesmente mandando-a calar a boca se houvesse jogo no rádio, Henry só comendo e olhando pela janela, pensando — foi sobre um prato de feijão de domingo à noite que ele teve a ideia de envenenar o cachorro de Mike Hanlon, Mr. Chips), e Butch requentava outra panelada na noite seguinte. Às terças e quartas, Henry levava um pote cheio de feijão para a escola. Na quinta e sexta, nem Henry nem o pai conseguiam mais comer. Os dois quartos da casa estariam com cheiro de peido sufocado apesar das janelas abertas. Butch pegava os restos, misturava com outras gororobas e dava para Bip e Bop, os dois porcos dos Bowers. Rena aparecia de novo com outro panelão de feijão no domingo seguinte, e o ciclo recomeçaria tudo de novo.

Naquela manhã, Henry tinha colocado no pote uma enorme quantidade de sobras de feijão, e os quatro comeram tudo ao meio-dia, sentados no parquinho, à sombra do grande olmo. Eles comeram até estarem quase estourando.

Foi Patrick quem sugeriu que eles fossem para o lixão, que estaria bem tranquilo no meio de uma tarde de verão em dia de semana. Quando eles chegaram, o feijão já estava agindo com todo o gás.

4

Pouco a pouco, Beverly se controlou novamente. Ela sabia que tinha que sair dali; bater em retirada era menos perigoso do que ficar por perto. Eles estavam absortos no que estavam fazendo, e mesmo se acontecesse o pior, ela conseguiria uma vantagem (e, no fundo da mente, também tinha decidido que, se o pior acontecesse, alguns disparos com o estilingue poderiam desencorajá-los).

Ela estava prestes a começar a se afastar quando Victor disse:

— Tenho que ir, Henry. Meu pai quer que eu ajude a colher milho hoje à tarde.

— Ah, merda — disse Henry. — Ele vai sobreviver.

— Não, ele está zangado comigo. Por causa do que aconteceu no outro dia.

— Foda-se ele se não aguenta uma piada.

Beverly prestou mais atenção agora, desconfiando que poderia ser sobre a briga que acabou com o braço de Eddie quebrado que eles estavam falando.

— Não, eu tenho que ir.

— Acho que a bunda dele está doendo — disse Patrick.

— Olha o que fala, cara de cu — disse Victor. — Pode acabar dando merda pra você.

— Eu também tenho que ir — disse Arroto.

— Seu pai quer que você colha milho? — perguntou Henry com raiva. Isso talvez fosse o que Henry considerasse uma piada; o pai de Arroto estava morto.

— Não. Mas arrumei um emprego pra entregar o *Weekly Shopper*. Tenho que fazer isso hoje à noite.

— Que merda é essa de *Weekly Shopper*? — perguntou Henry, agora parecendo aborrecido, além de zangado.

— É um *emprego* — disse Arroto com paciência ponderada. — Pra ganhar *dinheiro*.

Henry fez um som de nojo, e Beverly arriscou outra olhada por cima do carro. Victor e Arroto estavam de pé, fechando os cintos. Henry e Patrick ainda estavam agachados, de calça arriada. O isqueiro brilhava na mão de Henry.

— *Você* não vai pular fora, né? — perguntou Henry a Patrick.

— Não — disse Patrick.

— *Você* não precisa colher milho nem fazer um trabalho de veadinho?

— Não — disse Patrick de novo.

— Bem — disse Arroto com hesitação —, te vejo por aí, Henry.

— Claro — disse Henry, e cuspiu perto de um dos sapatos de Arroto.

Vic e Arroto saíram andando juntos na direção das duas fileiras de carros velhos… na direção do Studebaker atrás do qual Beverly estava agachada. A princípio, ela só conseguiu fazer uma careta, paralisada de medo como um coelho. Em seguida, contornou o lado esquerdo do Studebaker e recuou pelo espaço entre ele e o Ford maltratado e sem porta ao lado. Por um momento, ela fez uma pausa, olhando de um lado para o outro, ouvindo-os se aproximarem. Ela hesitou, com a boca seca como se cheia de algodão, com as costas coçando de suor; parte da mente dela estava se perguntando de forma entorpecida como ela ficaria com um gesso igual ao de Eddie, com os nomes dos Otários assinados. Em seguida, entrou pela porta do passageiro do Ford. Ela se encolheu no tapete imundo, deixando-se do menor tamanho possível. Estava fervendo dentro do Ford, e o cheiro de poeira, assentos podres e merda de rato velho era tão forte que ela teve que lutar para não espirrar e tossir. Ela ouviu Arroto e Victor passarem ali perto, falando em voz baixa. Logo, eles sumiram.

Ela espirrou três vezes, rápida e silenciosamente, nas mãos fechadas.

Ela achava que poderia ir embora agora se tomasse cuidado. A melhor maneira seria

passar para o lado do motorista do Ford, se esgueirar pelo corredor e desaparecer. Ela acreditava que era capaz, mas o choque de quase ser descoberta tirou a coragem dela, ao menos naquele momento. Ela se sentia mais segura no Ford. E talvez, agora que Victor e Arroto tinham ido embora, os outros dois também fossem em breve. E então, ela poderia ir para a sede do clube. Tinha perdido todo o interesse em treinar a mira.

Além do mais, precisava mijar.

Anda logo, pensou ela. *Anda logo, vão embora, vão logo, por fa-VOOOR!*

Um momento depois, ela ouviu Patrick urrar com uma mistura de gargalhada e dor.

— Um metro e oitenta! — berrou Henry. — Igual um lança-chamas do caralho! Juro por Deus!

Silêncio por alguns momentos. Suor escorrendo pelas costas dela. O sol batendo no para-brisa rachado do Ford e na nuca dela. Peso na bexiga.

Henry berrou tão alto que Beverly, que estava quase cochilando apesar do desconforto, quase deu um grito.

— *Droga*, Hockstetter! Você queimou minha bunda! O que você está fazendo com esse isqueiro?

— Três metros — riu Patrick (o simples som fez Beverly se sentir gelada e repugnada, como se tivesse visto uma minhoca se contorcer na salada). — Três metros ou até mais, Henry. Bem azul. Três metros. Juro por Deus!

— Me dá isso — resmungou Henry.

Andem logo, seus idiotas, vão embora!

Quando Patrick falou de novo, a voz dele estava tão baixa que Bev mal conseguiu ouvir. Se houvesse um sopro de vento no ar naquela tarde quente, ela não teria conseguido.

— Quero te mostrar uma coisa — disse Patrick.

— O quê? — perguntou Henry.

— Só uma coisa. — Patrick fez uma pausa. — É gostoso.

— O quê? — perguntou Henry de novo.

Em seguida, silêncio.

Não quero olhar, não quero ver o que eles estão fazendo agora, e, além do mais, eles podem me ver, na verdade, provavelmente vão ver, porque você usou toda sua sorte de hoje, garotinha. Então fique bem aqui. Nada de espiar…

Mas a curiosidade superou o bom senso. Havia alguma coisa estranha naquele silêncio, alguma coisa um pouco assustadora. Ela levantou a cabeça centímetro a centímetro até conseguir olhar pelo para-brisa rachado e sujo do Ford. Ela não precisava ter medo de ser vista; os dois garotos estavam concentrados no que Patrick estava fazendo. Ela não entendeu o que estava vendo, mas sabia que era nojento… não que ela esperasse qualquer outra coisa de Patrick, que era tão *estranho*.

Ele estava com a mão entre as coxas de Henry e a outra entre as próprias coxas. Uma das mãos massageava a *coisa* de Henry delicadamente; com a outra, Patrick massageava a sua. Só

que ele não estava exatamente massageando. Ele estava meio que… *espremendo*, puxando, deixando cair solto de novo.

O que ele está fazendo?, perguntou-se Beverly consternada.

Ela não sabia, não tinha certeza, mas ficou com medo. Achava que não ficava com tanto medo desde que o ralo do banheiro vomitou sangue e manchou tudo. Uma parte profunda dela gritava que, se eles descobrissem que ela tinha visto isso, fosse o que fosse, poderiam fazer mais do que machucá-la; poderiam realmente chegar a matá-la.

Ainda assim, ela não conseguia afastar o olhar.

Ela viu que a *coisa* de Patrick tinha ficado um pouco mais comprida, mas não muito; ainda ficava pendurada entre as pernas dele como uma cobra sem espinha dorsal. A de Henry, no entanto, tinha crescido de uma maneira absurda. Estava de pé, rígida e dura, quase cutucando seu umbigo. A mão de Patrick subia e descia, subia e descia, às vezes parava para apertar, às vezes apertava aquele saco estranho e pesado debaixo da *coisa* de Henry.

São as bolas dele, pensou Beverly. *Os garotos têm que andar por aí com isso o tempo todo? Meu Deus, eu ficaria louca!* Outra parte da mente dela sussurrou: *Bill tem isso.* Por conta própria, sua mente visualizou-a segurando-as, aninhando na mão, verificando a textura… e aquele sentimento quente percorreu o corpo dela de novo, despertando um rubor furioso.

Henry olhava para a mão de Patrick como se hipnotizado. O isqueiro estava no terreno pedregoso ao lado, refletindo o sol quente da tarde.

— Quer que eu coloque na boca? — perguntou Patrick. Os lábios grandes e escuros deram um sorriso complacente.

— Hã? — perguntou Henry, como se despertado de um sonho profundo.

— Posso colocar na boca se você quiser. Não me… — A mão de Henry voou, meio dobrada, não exatamente formando um punho. Patrick caiu esparramado. Sua cabeça bateu no cascalho. Beverly se escondeu de novo, com o coração disparado no peito, os dentes travados para impedir um choramingo. Depois de derrubar Patrick, Henry se virou e, por um momento, pouco antes de ela se encolher no lado do passageiro, pareceu que os olhos de Henry grudaram nos dela.

Por favor Deus o sol estava nos olhos dele, rezou ela. *Por favor Deus me desculpe por espiar. Por favor Deus.*

Houve uma pausa agonizante. A blusa branca estava grudada no corpo de suor. Gotas como pérolas pequenas brilhavam nos braços bronzeados. A bexiga latejava dolorosamente. Ela sentiu que em pouco tempo molharia a calça. Esperou que o rosto furioso de Henry surgisse na abertura onde antes ficava a porta do passageiro do Ford, é claro que aconteceria… Como ele poderia não tê-la visto? Ele a arrastaria para fora e a machucaria. Ele…

Um pensamento novo e ainda mais terrível surgiu na mente dela, e mais uma vez ela precisou se esforçar de forma dolorosa para não molhar a calça. E se ele fizesse alguma coisa com ela com a *coisa* dele? E se ele quisesse enfiar em alguma parte dela? Ela sabia qual era o lugar onde entrava, claro; parecia que o conhecimento chegou à mente dela com toda força.

Ela pensou que, se Henry tentasse colocar a coisa dele nela, ela ficaria louca.

Por favor, não, por favor, Deus, não deixe que ele tenha me visto, por favor, tá?

E então, Henry falou, e para seu horror crescente, a voz estava vindo de algum lugar bem mais perto.

— Não gosto dessas coisas de veado.

De mais longe, a voz de Patrick:

— Você estava gostando.

— Eu não estava *gostando*! — gritou Henry. — E se você contar pra alguém que eu estava, vou te matar, seu veadinho de merda!

— Você ficou duro — disse Patrick. Ele parecia estar sorrindo. Por mais que ela sentisse medo de Henry Bowers, o sorriso não teria surpreendido Beverly. Patrick era louco, mais louco do que Henry, talvez, e pessoas *tão* loucas não tinham medo de nada. — Eu vi.

Passos esmagaram o cascalho, cada vez mais perto. Beverly ergueu o rosto com olhos arregalados. Pelo para-brisa velho do Ford, ela agora conseguia ver a parte de trás da cabeça de Henry. Ele estava olhando para Patrick, mas se se virasse…

— Se você contar pra alguém, vou dizer que você chupa pau — disse Henry. — Depois, vou te matar.

— Você não me assusta, Henry — disse Patrick, e riu. — Mas pode ser que eu não conte se você me der um dólar.

Henry se mexeu com desconforto. Ele se virou um pouco; Beverly agora conseguia ver um quarto do perfil dele em vez de só a parte de trás da cabeça. *Por favor, Deus, por favor, Deus*, implorou ela com incoerência, e a bexiga latejou com mais força.

— Se você contar — disse Henry, com voz baixa e calculada —, vou contar o que você anda fazendo com os gatos. Com os cachorros também. Vou contar sobre sua geladeira. Sabe o que vai acontecer, Hockstetter? Vão pegar você e levar pra porra do hospício.

Silêncio de Patrick.

Henry bateu com os dedos no capô do Ford em que Beverly estava escondida.

— Entendeu?

— Entendi. — Patrick pareceu aborrecido agora. Aborrecido e com um pouco de medo. Ele disse de repente: — Você gostou! Ficou duro! Foi o maior pau duro que eu já vi!

— É, aposto que você já viu muitos, seu veado homo de merda. Mas lembra o que falei sobre a geladeira. Sua geladeira. E se eu te encontrar por aí, vou te cobrir de porrada.

Mais silêncio de Patrick.

Henry se afastou. Beverly virou a cabeça e viu-o passar pelo lado do motorista do Ford. Se ele tivesse olhado um pouquinho para a esquerda, a teria visto. Mas não olhou. Um momento depois, ela o ouviu seguindo pelo mesmo caminho de Victor e Arroto.

Agora, só havia Patrick.

Beverly esperou, mas nada aconteceu. Cinco minutos se arrastaram. A necessidade dela de urinar agora estava desesperadora. Ela talvez conseguisse segurar por mais dois ou três

minutos, mas não mais. E estava inquieta por não saber onde Patrick estava.

Ela espiou pelo para-brisa de novo e o viu sentado ali. Henry tinha esquecido o isqueiro. Patrick tinha colocado os livros em uma bolsa pequena de lona e pendurado no pescoço, como a de um entregador de jornal, mas a calça e a cueca ainda estavam abaixadas até os tornozelos. Ele estava brincando com o isqueiro. Girava a roldana, produzia uma chama que era quase invisível no dia claro, fechava o isqueiro e começava tudo de novo. Parecia hipnotizado. Uma linha de sangue escorria do canto da boca até o queixo, e os lábios estavam inchando do lado direito. Ele pareceu não ter reparado, e mais uma vez Beverly sentiu uma espécie de repulsa. Patrick era louco mesmo; ela nunca na vida quis tanto se afastar de alguém.

Movendo-se com cautela, ela passou pela parte central do Ford, onde fica o câmbio, e se espremeu embaixo do volante. Colocou os pés no chão e foi para trás do carro. Depois, correu rapidamente pelo mesmo caminho que tinha vindo. Quando entrou no meio dos pinheiros atrás dos carros velhos, ela olhou para trás por cima do ombro. Não tinha ninguém ali. O lixão estava parado sob o sol. Ela sentiu a pressão ao redor do peito e do estômago se afrouxar de alívio, e só sobrou a vontade de urinar, tão grande que ela estava quase passando mal.

Ela percorreu uma parte do caminho e entrou à direita. Abriu o short quase antes de a vegetação ter se fechado atrás dela novamente. Ela deu uma olhadinha rápida ao redor para ter certeza de que não havia hera venenosa por perto; em seguida, se agachou, segurando-se no tronco grosso de um arbusto para se equilibrar.

Ela estava vestindo o short quando ouviu passos se aproximando do lixão. Tudo que conseguiu ver em meio aos arbustos foi jeans azul e o xadrez desbotado de uma camisa de escola. Era Patrick. Ela se abaixou e ficou esperando que ele seguisse na direção da rua Kansas. Estava mais otimista quanto ao esconderijo agora. O local era bom, ela não precisava mais urinar, e Patrick estava perdido em seu mundo da lua. Quando ele fosse embora, ela daria meia-volta e seguiria para a sede do clube.

Mas Patrick não passou. Ele parou no caminho quase em frente a ela e ficou olhando para a geladeira Amana enferrujada.

Beverly conseguiu observar Patrick por entre os arbustos sem chance de ser vista. Agora que estava aliviada da pressão na bexiga, viu-se curiosa de novo. E se Patrick por acaso a visse, ela tinha certeza de que conseguiria correr mais rápido do que ele. Ele não era tão gordo quanto Ben, mas era gorducho. Mas tirou o estilingue do bolso e colocou meia dúzia de bilhas de aço no bolso do peito da blusa velha Ship ‘n Shore. Louco ou não, um bom disparo no joelho poderia desencorajar rapidamente sujeitos como Patrick Hockstetter.

Ela se lembrava bem da geladeira agora. Havia muitas geladeiras no lixão, mas de repente ocorreu a ela que essa era a única que ela tinha visto que Mandy Fazio não tinha alterado arrancando o mecanismo de tranca com um alicate ou simplesmente removendo a porta.

Patrick começou a cantarolar e se balançar na frente da geladeira velha e enferrujada, e Beverly sentiu um tremor novo percorrer seu corpo. Ele era como um cara em um filme de

terror tentando despertar um cadáver em uma cripta.

O que ele quer fazer?

Mas se ela soubesse o que ele queria fazer ou se soubesse o que aconteceria quando Patrick finalmente terminasse seu ritual particular e abrisse a porta enferrujada da Amana, ela teria fugido o mais rápido possível.

5

Ninguém, nem mesmo Mike Hanlon, tinha a menor ideia do quanto Patrick Hockstetter era realmente louco. Ele tinha 12 anos, era filho de um vendedor de tintas. A mãe era católica devota e morreria de câncer de mama em 1962, quatro anos depois que Patrick foi consumido pela entidade das trevas que existia em e abaixo de Derry. Apesar de seu QI ser declarado de baixo a normal em um teste, Patrick já tinha repetido duas vezes, o primeiro e o terceiro ano. Ele estava fazendo aula de recuperação para não precisar repetir o quinto também. Os professores o achavam um aluno apático (vários deles anotaram isso nas seis linhas dos boletins da Escola Derry reservadas para os COMENTÁRIOS DOS PROFESSORES) e também bastante perturbador (mas isso ninguém anotou; os sentimentos eram vagos demais, difusos demais, para serem expressos em sessenta linhas, quanto mais em seis). Se ele tivesse nascido dez anos depois, um orientador talvez o tivesse direcionado para um psicólogo infantil, que poderia (ou não; Patrick era bem mais

inteligente do que os testes medíocres de QI indicavam) ter percebido as profundezas apavorantes por trás daquele rosto redondo flácido e pálido.

Ele era um sociopata, e talvez naquele julho quente de 1958 tivesse se tornado um verdadeiro psicopata. Ele não conseguia se lembrar de uma época em que acreditava que as outras pessoas (qualquer criatura viva, na verdade) eram "reais". Ele acreditava que era uma criatura de verdade, provavelmente a única no universo, mas não estava nada convencido de que isso o tornava "real". Ele não tinha noção de machucar nem de ser machucado (sua indiferença ao levar um tapa na boca de Henry no lixão era uma prova). Mas, apesar de achar a realidade um conceito completamente sem sentido, ele entendia perfeitamente o conceito de "regras". E apesar de todos os professores o acharem estranho (tanto a sra. Douglas, a professora do quinto ano, quanto a sra. Weems, que deu aula para Patrick no terceiro ano, sabiam sobre o estojo cheio de moscas, e embora nenhuma das duas ignorasse completamente as implicações, cada uma tinha entre vinte e 28 outros alunos, cada um com seus próprios problemas), nenhum tinha problemas disciplinares sérios com ele. Ele podia entregar provas completamente em branco, ou em branco exceto por um grande ponto de interrogação decorado, e a sra. Douglas descobriu que era melhor deixá-lo longe das garotas por causa das mãos inquietas e dedos safados, mas ele era calmo, tão calmo que havia vezes em que poderia ser encarado como um monte de argila modelado para se parecer com um garoto. Era fácil ignorar Patrick, que repetia de ano em silêncio, quando você tinha que lidar com garotos como Henry Bowers e Victor Criss, que eram ativamente os agitadores e insolentes, garotos que roubavam o dinheiro do lanche e destruíam com alegria propriedade da escola se tivessem oportunidade, e garotas como a tragicamente batizada de Elizabeth Taylor, que era epilética e cujos poucos neurônios funcionavam esporadicamente, e que tinha que ser desencorajada a levantar o vestido no parquinho para mostrar a calcinha nova. Em outras palavras, a Escola Derry era o típico carnaval educacional confuso, um circo com tantos picadeiros que o próprio Pennywise talvez passasse despercebido. Certamente, nenhum dos professores de Patrick (nem os pais, aliás) desconfiava que ele, quando tinha 5 anos, assassinou o irmãozinho ainda bebê, Avery.

Patrick não gostou quando a mãe chegou com Avery do hospital. Ele não ligava (ao menos, foi o que disse para si mesmo) se os pais tinham dois, cinco ou cinquenta filhos, desde que a criança ou crianças não alterassem a agenda dele. Mas descobriu que Avery afetava. As refeições saíam tarde. O bebê chorava à noite e o acordava. Parecia que os pais estavam

sempre em volta do berço dele e, quando ele tentava chamar a atenção dos dois, descobriu que não conseguia. Em uma das poucas vezes de sua vida, Patrick sentiu medo. Ocorreu a ele que se os pais *o* tinham trazido para casa do hospital, e se ele *era* "real", então talvez Avery também fosse "real". Poderia até acontecer que, quando Avery ficasse grande o bastante para andar e falar, para pegar o exemplar do pai do *Derry News* na varanda e entregar as fôrmas para a mãe quando ela fazia pão, eles acabassem decidindo se livrar completamente de Patrick. Não era que ele tivesse medo de os pais amarem mais Avery (embora estivesse óbvio para Patrick que eles amavam mais o bebê, e nesse caso sua avaliação provavelmente estava correta). O que importava para ele era: 1. as regras que estavam sendo quebradas ou mudaram desde que Avery chegou; 2. a possível realidade de Avery; e 3. a possibilidade de se livrarem *dele* em favor de Avery.

Patrick entrou no quarto de Avery uma tarde por volta das 14h30, pouco depois de o ônibus escolar deixá-lo em casa após a aula do jardim de infância. Foi em janeiro. Do lado de fora, a neve estava começando a cair. Um vento poderoso soprava pelo Parque McCarron e fazia as janelas do andar de cima tremerem. A mãe estava cochilando no quarto; Avery tivera várias noites agitadas. O pai estava trabalhando. Avery estava dormindo de bruços, com a cabeça virada para o lado.

Patrick, com o rosto redondo sem expressão, virou a cabeça de Avery de forma a ficar diretamente apontada para o travesseiro. Avery fungou e virou a cabeça de novo para o lado. Patrick observou isso e ficou pensando um pouco enquanto a neve derretia das botas amarelas e fazia uma poça no chão. Talvez cinco minutos tenham se passado (pensar rápido não era especialidade de Patrick), e então ele virou o rosto de Avery para o travesseiro de novo e ficou segurando por um momento. Avery se mexeu sob a mão dele e lutou. Mas os esforços foram fracos. Patrick soltou. Avery virou a cabeça para o lado de novo, deu um chorinho engasgado e voltou a dormir. O vento soprou e balançou as janelas. Patrick esperou para ver se o chorinho acordaria a mãe. Não acordou.

Agora, ele se sentia tomado de grande empolgação. O mundo parecia saltar claramente na frente dele pela primeira vez. Seu equipamento emocional tinha defeitos graves e, naqueles poucos momentos, ele se sentiu como uma pessoa totalmente daltônica devia se sentir se recebesse uma injeção que permitisse que ela visse as cores pela primeira vez… ou como um drogado se sente quando a droga faz seu cérebro entrar em órbita. Era uma coisa nova. Ele não desconfiava que existia.

Delicadamente, ele virou o rosto de Avery para o travesseiro de novo. Desta vez, quando Avery lutou, Patrick não soltou. Ele apertou o rosto do bebê com mais firmeza no travesseiro. O bebê estava chorando com voz abafada agora, e Patrick sabia que estava acordado. Ele tinha a vaga ideia de que a mãe acabaria descobrindo se parasse. Ele ficou segurando. O bebê lutou. Patrick ficou segurando. O bebê peidou. A luta ficou mais fraca. Patrick continuou segurando. O bebê acabou ficando completamente parado. Patrick o segurou por mais cinco minutos, sentindo aquela empolgação chegar a um pico e começar a sumir: a dose acabando, o

mundo ficando cinza de novo, a droga virando o estado habitual de torpor.

Patrick desceu a escada, pegou um prato de biscoitos e se serviu de um copo de leite. A mãe desceu meia hora depois e disse que nem o ouviu chegar de *tanto* que estava cansada (*não vai ficar mais, mãe*, pensou Patrick, *não se preocupe, eu resolvi*). Ela se sentou com ele, comeu um biscoito e perguntou como foi a escola. Patrick disse que foi tudo bem e mostrou o desenho que tinha feito de uma árvore e uma casa. O papel estava coberto de rabiscos redondos sem sentido feitos com lápis de cera preto e marrom. A mãe disse que estava muito bonito. Patrick levava para casa os mesmos rabiscos pretos e marrons todos os dias. Às vezes, ele dizia que era um peru, às vezes, uma árvore de Natal, às vezes, um garoto. A mãe sempre dizia que estava bonito… mas, às vezes, em uma parte tão profunda dela que ela nem sabia que existia, ficava preocupada. Havia alguma coisa perturbadora na mesmice escura daqueles rabiscos arredondados e grandes em preto e marrom.

Ela só descobriu a morte de Avery às 17h; até aquele momento, simplesmente supôs que ele estava tirando uma soneca muito longa. Patrick estava assistindo *Crusader Rabbit* na televisão de sete polegadas, e continuou assistindo durante toda a confusão que aconteceu em seguida. Estava passando *Whirlybirds* quando a sra. Henley chegou da casa ao lado (sua mãe estava gritando e segurando o cadáver do bebê na porta aberta da cozinha, acreditando de alguma maneira cega que o ar frio talvez o reavivasse; Patrick estava com frio e pegou um suéter no armário do andar de baixo). *Highway Patrol*, o programa favorito de Ben Hanscom, estava passando quando o sr. Hockstetter chegou do trabalho. Quando o médico chegou, *Science Fiction Theater*, com Seu Anfitrião Truman Bradley, estava começando. “Quem sabe que coisas estranhas o universo pode conter?”, especulou Truman Bradley enquanto a mãe de Patrick berrava e lutava contra os braços do marido na cozinha. O médico observou a calma profunda de Patrick e o olhar sério e supôs que o garoto estivesse em estado de choque. Ele queria que Patrick tomasse um comprimido. Patrick não se importou.

Foi diagnosticado como morte súbita. Anos depois, talvez houvesse questionamento sobre uma fatalidade daquelas, talvez desvios da habitual síndrome de morte súbita infantil fossem observados. Mas, quando aconteceu, a morte foi simplesmente registrada e o bebê foi enterrado. Patrick ficou grato porque depois que tudo foi resolvido, suas refeições começaram a chegar na hora de novo.

Na loucura daquela tarde e daquela noite (pessoas entrando e saindo da casa, as luzes vermelhas da ambulância do Derry Home Hospital pulsando nas paredes, a sra. Hockstetter gritando, chorando e se recusando a ser consolada), só o pai de Patrick chegou perto da verdade. Ele estava entorpecido ao lado do berço vazio de Avery cerca de vinte minutos depois que o corpo foi removido, estava simplesmente ali de pé, incapaz de acreditar que aquilo tinha acontecido. Ele olhou para baixo e viu duas marcas no chão de madeira. Tinham sido feitas pela neve derretendo das botas amarelas de borracha de Patrick. Ele olhou para elas e um pensamento horrível surgiu brevemente em sua mente, como gás tóxico de uma mina profunda. Sua mão foi lentamente até a boca e seus olhos se arregalaram. Uma imagem

começou a se formar em sua mente. Antes que pudesse ficar clara, ele saiu do quarto e bateu a porta com tanta força que a moldura de cima quebrou.

Ele nunca fez perguntas a Patrick.

Patrick nunca fez nada parecido novamente, embora talvez tivesse feito se uma chance houvesse surgido. Ele não sentia culpa, não tinha pesadelos. Mas, conforme o tempo passou, ele ficou ciente do que teria acontecido com ele se tivesse sido descoberto. Havia regras. Coisas desagradáveis aconteciam se você não as seguisse… ou se fosse pego violando-as. Você podia ser preso ou colocado na cadeira de eletrocussão.

Mas aquele sentimento de empolgação relembrada, aquele sentimento de cor e sensações, era simplesmente forte demais e maravilhoso demais para abrir mão completamente. Patrick matava moscas. No começo, só matava com o mata-moscas da mãe; mais tarde, descobriu que podia matar com eficiência usando uma régua de plástico. Ele também descobriu a alegria dos papéis mata-moscas. Um pedaço comprido e grudento podia ser comprado por dois centavos no mercado da avenida Costello, e Patrick às vezes ficava na garagem por até duas horas, vendo moscas pousarem e lutarem para se libertar, com a boca entreaberta, os olhos enevoados iluminados com aquela empolgação rara, suor escorrendo pelo rosto redondo e pelo corpo largo. Patrick matava besouros, mas se possível capturava-os primeiro. Às vezes, ele roubava uma agulha comprida da caixa de costuras da mãe, empalava um besouro japonês com ela e se sentava de pernas cruzadas no jardim para vê-lo morrer. A expressão dele nessas horas era a de um garoto que estava lendo um livro muito bom. Uma vez, ele descobriu um gato atropelado que estava morrendo na vala da rua Lower Main e ficou observando até uma velha vê-lo empurrando a coisa esmagada e chorosa com o pé. Ela bateu nele com a vassoura que estava usando para varrer a calçada. *Vá pra casa!*, gritou ela para ele. *Você é o quê, louco?* Patrick foi para casa. Não ficou com raiva da mulher. Ele tinha sido visto violando as regras, só isso.

No ano anterior (não teria surpreendido Mike Hanlon e nenhum dos amigos dele àquela altura saber que foi, na verdade, no mesmo dia em que George Denbrough foi assassinado), Patrick descobriu a geladeira Amana enferrujada, um dos maiores lixoides no cinturão que cercava o próprio lixão.

Como Bev, ele tinha ouvido avisos sobre aparelhos abandonados como aquele, informando que 30 milhões de crianças morriam sufocadas dentro de objetos assim todos os anos. Patrick ficou olhando para a geladeira por um longo tempo, coçando o saco com as mãos enfiadas nos bolsos. Aquela empolgação tinha voltado, mais forte do que nunca, exceto pela vez que ele deu um jeito em Avery. A empolgação tinha voltado porque, nos cafundós apavorantes e espumantes do cérebro, Patrick Hockstetter tinha tido uma ideia.

Os Luce, que moravam três casas depois dos Hockstetter, deram falta do gato, Bobby, uma semana depois. Os filhos dos Luce, que não conseguiam se lembrar da época em que Bobby não existia, passaram horas caminhando pelo bairro em busca dele. Até juntaram dinheiro e colocaram um anúncio na coluna de Achados e Perdidos do *Derry News*. Não deu em nada. E

se algum deles viu Patrick naquele dia, mais parrudo do que nunca com a parca de inverno com cheiro de naftalina (depois que a enchente baixou naquele outono de 1957, ficou muito frio quase imediatamente), carregando uma caixa de papelão, eles não acharam nada de mais.

Os Engstrom, que moravam no outro quarteirão, quase diretamente atrás da casa dos Hockstetter, perderam o filhote de cocker uns dez dias antes do Dia de Ação de Graças. Outras famílias perderam cachorros e gatos nos seis ou oito meses seguintes, e Patrick pegou todos, é claro, sem mencionar mais de dez cachorros de rua na área do Meio Acre do Inferno de Derry.

Ele os colocou dentro da Amana enferrujada perto do lixão, um a um. Cada vez que levava outro animal, com o coração disparado no peito, os olhos quentes e lacrimejantes de empolgação, ele esperava descobrir que Mandy Fazio tinha arrancado a tranca da geladeira ou as dobradiças com a marreta. Mas Mandy nunca tocou naquela geladeira em particular. Talvez não se desse conta de que ela estava lá, talvez a força da vontade de Patrick o mantivesse longe… ou talvez alguma outra força estivesse fazendo isso.

O cocker dos Engstrom foi o que durou mais. Apesar do frio incomum, ele ainda estava vivo quando Patrick voltou pela terceira vez em três dias, embora tivesse perdido toda a energia (ele estava balançando o rabo e lambendo as mãos dele freneticamente quando Patrick o tirou da caixa e colocou na geladeira). Quando voltou um dia depois, o cachorrinho quase conseguiu fugir. Patrick teve que correr atrás dele até quase o lixão, quando conseguiu pular e segurar uma perna traseira. O cachorrinho mordeu Patrick com dentinhos afiados. Patrick não se importou. Apesar das mordidas, ele levou o cocker de volta até a geladeira e colocou lá dentro. Ele estava com uma ereção nesse momento. Isso não era incomum.

No segundo dia, o cachorro tentou sair de novo, mas se deslocou devagar demais. Patrick o enfiou lá dentro de volta, fechou a porta enferrujada da geladeira e se apoiou nela. Ele conseguia ouvir o cachorrinho arranhando a porta. Conseguia ouvir o choramingo abafado.

— Bom cachorro — disse Patrick Hockstetter. Seus olhos estavam fechados e ele estava respirando rápido. — Você é um bom cachorro.

No terceiro dia, o cachorro só conseguiu revirar os olhos na direção do rosto de Patrick quando a porta se abriu. As laterais do corpo estavam subindo e descendo rapidamente. Quando Patrick voltou no dia seguinte, o cachorro estava morto com uma camada de espuma seca na boca e no focinho. Isso fez Patrick pensar em picolé de coco, e ele gargalhou enquanto tirava o cadáver da caixa de matar e jogava no mato.

O fornecimento de vítimas (que Patrick encarava quando pensava neles como “animais de teste”) foi escasso no verão. Sem contar as questões da realidade, o senso de autopreservação dele estava bem desenvolvido, e sua intuição, apurada. Ele desconfiava que suspeitavam dele. Quem, ele não sabia: o sr. Engstrom? Talvez. O sr. Engstrom se virou e lançou um longo olhar especulativo para Patrick no A&P em um dia de primavera. O sr. Engstrom estava comprando cigarros, e Patrick foi mandado ao mercado para comprar pão. A sra. Josephs? Talvez. Ela às vezes ficava sentada em frente à janela da sala com um telescópio e era, de acordo com a sra.

Hockstetter, uma “xereta”. O sr. Jacubois, que tinha um adesivo da Sociedade Protetora dos Animais no para-choque traseiro do carro? O sr. Nell? Outra pessoa? Patrick não tinha certeza, mas sua intuição dizia que desconfiavam dele, e ele nunca discutia com sua intuição. Ele pegou alguns animais entre as moradias caindo aos pedaços no Meio Acre, escolheu só os que pareciam magros ou doentes, mas isso foi tudo.

Mas ele descobriu que a geladeira perto do lixão tinha um poder intenso e estranho sobre ele. Ele começou a fazer desenhos dela na escola quando estava entediado. Às vezes, sonhava com ela à noite, e nos sonhos a Amana tinha uns 20 metros de altura, um sepulcro branco, uma cripta pesada presa sob o luar gelado. Nesses sonhos, a porta gigante se abria e ele via olhos enormes o observando. Ele acordava suando frio, mas descobria que não conseguia abrir mão completamente das alegrias da geladeira.

Hoje, ele finalmente descobriu quem desconfiava. Bowers. Saber que Henry Bowers tinha o segredo de sua caixa de morte nas mãos deixou Patrick tão perto do pânico quanto ele poderia ficar. Na verdade, isso não era realmente perto, mas ele ainda achava esse… não medo exatamente, mas desconforto mental, opressivo e desagradável. Henry sabia. Sabia que Patrick às vezes violava as regras.

Sua vítima mais recente foi um pombo que ele encontrou na rua Jackson dois dias antes. O pombo tinha sido atropelado e não conseguia voar. Patrick foi para casa, pegou a caixa na garagem e colocou o pombo dentro. O pombo bicou as costas da mão de Patrick várias vezes, deixando marcas rasas e sangrentas. Patrick não se importou. Quando verificou a geladeira no dia seguinte, o pombo estava morto, mas ele não recolheu o corpo. Agora, depois da ameaça de Henry de contar, Patrick decidiu que era melhor se livrar imediatamente do corpo do pombo. Talvez ele até pegasse um balde de água e alguns panos para limpar o interior da geladeira. O cheiro não estava muito bom. Se Henry contasse e o sr. Nell fosse verificar, talvez conseguisse perceber que alguma coisa (várias coisas, na verdade) tinha morrido lá dentro.

Se ele contar, pensou Patrick, sentado na área de pinheiros e olhando para a Amana enferrujada, *vou contar que ele quebrou o braço de Eddie Kaspbrak.* É claro que já deviam saber disso, mas não podiam provar nada porque todos disseram que estavam brincando na casa de Henry naquele dia, e o pai maluco de Henry confirmou. *Mas, se ele contar, vou contar. Olho por olho.*

Mas isso não importava agora. O que ele tinha que fazer era se livrar do pássaro. Ele deixaria a porta da geladeira aberta e voltaria com os panos e a água para limpar. Ótimo.

Patrick abriu a porta da geladeira para sua própria morte.

A princípio, ele ficou intrigado, sem conseguir entender o que estava vendo. Não significava nada para ele. Não tinha contexto. Patrick ficou apenas olhando, com a cabeça inclinada para o lado e os olhos arregalados.

O pombo não era nada além de um esqueleto cercado por penas caídas. Não havia carne nenhuma no corpo. E, ao redor dele, presos nas paredes internas da geladeira, pendurados na

parte embaixo do compartimento do congelador, pendendo das grades das prateleiras, havia dezenas de objetos de cor de carne que pareciam macarrões em forma de concha. Patrick viu que se moviam lentamente, tremiam, como se sob uma brisa. Só que não havia brisa. Ele franziu a testa.

De repente, uma das coisas em forma de concha abriu asas de inseto. Antes que Patrick conseguisse qualquer coisa mais do que registrar o fato, ele voou pelo espaço entre a geladeira e o braço esquerdo de Patrick. Grudou com um som de beijo. Houve um instante de calor, mas que logo sumiu, e o braço de Patrick voltou a ficar como antes… mas o corpo de concha da criatura começou a ficar rosa, e depois, com rapidez chocante, vermelho-vivo.

Embora Patrick não tivesse medo de quase nada no sentido comumente compreendido da palavra (é difícil sentir medo de coisas que não são "reais"), houve pelo menos uma coisa que o encheu de nojo e ódio. Ele tinha saído do lago Brewster em um dia quente de agosto quando tinha 7 anos e encontrou quatro ou cinco sanguessugas agarradas em sua barriga e pernas. Ele gritou com voz rouca até o pai tirar todas.

Agora, em uma explosão mortal de inspiração, ele percebeu que isso era alguma espécie de sanguessuga voadora. Elas tinham infestado a geladeira.

Patrick começou a gritar e bater na coisa grudada em seu braço. Ela tinha inchado até quase o tamanho de uma bola de tênis. No terceiro golpe, ela explodiu com um som repugnante. Sangue, o sangue dele, espirrou no braço do cotovelo até o pulso, mas a cabeça sem olhos e com textura de geleia da coisa ficou grudada. De certa forma, era como a cabeça estreita de um pássaro com uma estrutura similar a um bico na ponta, só que o bico não era achatado e nem pontudo; era tubular e rombudo como uma probóscide de mosquito. Essa probóscide estava enterrada no braço de Patrick.

Ainda gritando, ele segurou a criatura esmagada entre os dedos e puxou. A probóscide saiu inteira, seguida de um jorro de sangue misturado com um líquido amarelo-esbranquiçado como pus. Tinha criado um buraco indolor do tamanho de uma moeda de dez centavos em seu braço.

E a criatura, embora esmagada, ainda estava se retorcendo, se movendo e procurando os dedos dele.

Patrick jogou-a longe, se virou… e mais delas saíram voando da geladeira, pousando nele na mesma hora em que ele tateava em busca da maçaneta da porta. Elas pousaram em suas mãos, seus braços, seu pescoço. Uma pousou na testa dele. Quando Patrick levantou o braço para retirá-la, viu mais quatro na mão, tremendo, ficando primeiro rosa e depois vermelhas.

Não havia dor… mas havia uma sensação horrível de *esvaziamento*. Gritando, girando, batendo na cabeça e no pescoço com as mãos cobertas de sanguessugas, a mente de Patrick Hockstetter resmungou: *Isso não é real, é só um sonho ruim, não se preocupe, não é real, nada é real…*

Mas o sangue jorrando das sanguessugas esmagadas parecia bem real, o som das asas zumbindo parecia bem real… e o pavor dele parecia bem real.

Uma delas caiu dentro da camisa dele e pousou no peito. Enquanto ele batia nela freneticamente e via a mancha de sangue se espalhar acima do ponto em que havia grudado, outra pousou em seu olho direito. Patrick o fechou, mas isso não ajudou; ele sentiu uma dor breve e quente quando o bico da coisa furou sua pálpebra e começou a sugar o fluido de seu globo ocular. Patrick sentiu o olho despencar na órbita e gritou de novo. Uma sanguessuga voou para dentro da boca quando ele fez isso e se aninhou na língua.

Foi quase indolor.

Patrick foi cambaleando e se balançando pelo caminho na direção dos carros velhos. Havia parasitas pendurados nele todo. Alguns sugaram o quanto conseguiram e explodiram como balões; quando isso aconteceu com os maiores, eles encharcaram Patrick com quase 300 mililitros do sangue quente dele mesmo. Ele conseguia sentir a sanguessuga dentro da boca inchando e abriu a boca porque o único pensamento coerente que ainda tinha era que ela não podia estourar lá dentro; não podia, não podia.

Mas estourou. Patrick ejetou um enorme jorro de sangue e carne de parasita como se fosse vômito. Ele caiu no chão de cascalho e começou a rolar e gritar. Pouco a pouco, o som dos gritos dele começou a parecer baixo e distante.

Pouco antes de desmaiar, ele viu uma pessoa sair de detrás dos carros velhos. A princípio, Patrick pensou que fosse um cara, Mandy Fazio, talvez, e que seria salvo. Mas quando a pessoa se aproximou, ele viu que o rosto estava escorrendo como cera. Às vezes começava a ficar duro e parecer alguma coisa, ou alguém, e depois começava a escorrer de novo, como se não conseguisse decidir quem o ou que queria ser.

— Oi e tchau — disse uma voz borbulhante dentro da cera escorrendo que eram as feições da pessoa, e Patrick tentou gritar de novo. Ele não queria morrer; como a única pessoa “real”, ele não *devia* morrer. Se morresse, todas as pessoas no mundo morreriam com ele.

A forma humana segurou os braços cobertos de sanguessugas e começou a arrastá-lo na direção do Barrens. A mochila manchada de sangue batia e fazia barulho ao lado dele, com a tira ainda passada pelo pescoço. Patrick, ainda tentando gritar, perdeu a consciência.

Ele acordou só uma vez: quando, em algum inferno escuro, fedido e úmido onde não havia luz, luz nenhuma, a Coisa começou a se alimentar.

6

No começo, Beverly não tinha certeza do que estava vendo nem do que estava acontecendo... só que Patrick Hockstetter tinha começado a se debater, dançar e gritar. Ela se levantou com cautela, segurando o estilingue em uma das mãos

e duas bilhas na outra. Conseguia ouvir Patrick se movendo no caminho, ainda gritando como louco. Naquele momento, Beverly parecia nos mínimos detalhes a linda mulher que se tornaria, e se Ben Hanscom estivesse por perto para vê-la naquela hora, seu coração talvez não conseguisse suportar.

Ela estava completamente ereta, com a cabeça inclinada para a esquerda, os olhos arregalados, o cabelo preso em tranças que foram amarradas com pequenos laços de veludo que ela comprou na Dahlie's por dez centavos. A postura era de total atenção e concentração; era felina, como a de um lince. Ela tinha dado um passo à frente com o pé esquerdo, com o corpo meio virado como se para ir atrás de Patrick, e as pernas do short desbotado tinham subido o bastante para deixar à mostra a beirada da calcinha amarela de algodão. Embaixo da calcinha, as pernas já tinham músculos levemente definidos e eram belas apesar dos machucados, hematomas e manchas de terra.

É armação. Ele te viu e sabe que não consegue te pegar, então está tentando te fazer sair. Não vai, Bevvie!

Mas outra parte dela pensava que havia medo demais e dor demais naqueles gritos. Ela queria ter visto mais claramente o que aconteceu com Patrick, se alguma coisa tivesse mesmo acontecido. Queria mais do que tudo ter ido para o Barrens por outro caminho e não visto nada daquilo.

Os gritos de Patrick pararam. Um momento depois, Beverly ouviu alguém falar, mas sabia que *aquilo* só podia ser a imaginação dela. Ela ouviu seu pai dizer "Oi e tchau". Seu pai nem estava *em* Derry naquele dia; tinha partido para Brunswick às 8h. Ele e Joe Tammerly iam buscar uma picape Chevy lá. Ela balançou a cabeça como se para desembaralhar os pensamentos. A voz não falou de novo. Imaginação dela, claro.

Ela saiu dos arbustos e foi até o caminho, pronta para sair correndo assim que visse Patrick indo para cima dela, com as reações engatilhadas como bigodes delicados de gatos. Ela olhou para o caminho e arregalou os olhos. Havia sangue aqui. Muito sangue.

Sangue de mentira, insistiu sua mente. *Dá pra comprar um vidrinho de sangue de mentira na Dahlie's por 49 centavos. Cuidado, Bevvie!*

Ela se ajoelhou e tocou rapidamente no sangue com os dedos. Olhou para eles de perto. Não era sangue de mentira.

Ela sentiu um calor no braço esquerdo, logo abaixo do cotovelo. Olhou e viu uma coisa que

pensou a princípio ser algum tipo de carrapicho. Não, não era um carrapicho. Carrapichos não se contorciam nem tremiam. Essa coisa estava viva. Um momento depois, ela percebeu que a criatura a estava *mordendo*. Beverly bateu nela com as costas da mão esquerda, e a criatura estourou e esguichou sangue. Ela recuou um passo, se preparando para gritar agora que tinha acabado… e viu que não tinha acabado. A cabeça sem rosto da criatura ainda estava no braço dela, com o bico enfiado na pele.

Com um grito agudo de nojo e medo, ela agarrou a cabeça e viu a probóscide sair do braço como uma pequena adaga, com sangue pingando. Ela agora entendia o sangue no chão, ah, sim, e os olhos dela se dirigiram para a geladeira.

A porta tinha se fechado e a tranca tinha travado, mas vários parasitas ficaram do lado de fora e estavam rastejando lentamente na cobertura branca enferrujada. Quando Beverly estava olhando, uma delas abriu as asas membranosas com as de moscas e voou na direção dela.

Ela agiu sem pensar, colocou uma das bilhas no elástico do estilingue e disparou. Quando os músculos do braço esquerdo se flexionaram delicadamente, ela viu sangue jorrar do buraco que a coisa fez em seu braço. Mas disparou mesmo assim, mirando inconscientemente na coisa voadora.

Merda! Errei!, pensou ela quando o Bullseye estalou e a bilha voou, um pedaço cintilante de luz sob o sol forte. E mais tarde ela contaria aos Otários que *sabia* que tinha errado, da mesma forma que um jogador de boliche sabe que não vai fazer strike assim que a bola sai de sua mão. Mas então, ela viu a bolinha fazer uma *curva*. Aconteceu em uma fração de segundo, mas a imagem foi bem clara: ela fez uma *curva*. Bateu na coisa voadora, que estourou em uma gosma. Houve uma chuva de gotas amareladas no chão.

Beverly recuou lentamente no começo, com olhos arregalados, os lábios tremendo, o rosto de um tom branco-acinzentado de puro choque. Seu olhar estava grudado na porta da geladeira velha, esperando para ver se alguma outra daquelas coisas sentiria o cheiro ou a presença dela. Mas os parasitas só rastejaram lentamente para um lado e para o outro, como moscas de outono drogadas com o frio.

Por fim, ela se virou e saiu correndo.

O pânico tomou conta dos pensamentos dela, mas ela não cedeu a ele completamente. Ficou segurando o estilingue na mão esquerda e olhou por cima do ombro algumas vezes. Ainda havia sangue no caminho e nas folhas de alguns arbustos ao redor, como se Patrick tivesse cambaleado de um lado para o outro enquanto corria.

Beverly saiu na área dos carros velhos de novo. À frente, havia uma mancha grande de sangue começando a encharcar a terra cheia de cascalho. O local parecia bagunçado, com manchas mais escuras de terra na superfície branca. Como se tivesse havido uma luta ali. Duas marcas, com cerca de 80 centímetros de distância uma da outra, seguiam para longe do local.

Beverly parou, ofegante. Olhou para o braço e ficou aliviada ao ver que o jorro de sangue estava finalmente diminuindo, embora o antebraço e a palma da mão estivessem sujos e grudentos. A dor estava começando agora, um latejar leve e regular. A sensação era parecida

com a que ela sentia na boca depois de ir ao dentista, quando o efeito da xilocaína começava a passar.

Ela olhou para trás de novo, não viu nada e voltou a olhar para as marcas que seguiam para longe dos carros velhos, para longe do lixão, na direção do Barrens.

Aquelas coisas estavam na geladeira. Foram pra cima dele… claro que foram, tem muito sangue. Ele chegou até aqui e

(oi e tchau)

aconteceu alguma coisa. O quê?

Ela teve a infelicidade de achar que sabia. As sanguessugas eram parte da Coisa, e levaram Patrick até outra parte da Coisa da mesma forma que um novilho enlouquecido pelo pânico é levado até o abatedouro.

Sai daqui! Sai, Bevvie!

Mas ela acabou seguindo as marcas na terra, com o estilingue bem firme nas mãos suadas.

Pelo menos chame os outros!

Vou chamar… daqui a pouco.

Ela continuou a andar, seguindo as marcas conforme o terreno se inclinava e ficava mais macio. Seguiu-as até a vegetação densa. Em algum lugar, uma cigarra cantou alto e voltou ao silêncio. Mosquitos pousaram no braço manchado de sangue. Ela balançou a mão para afastá-los. Seus dentes estavam apertando o lábio inferior.

Havia alguma coisa no chão à frente. Ela pegou e olhou. Era uma carteira feita à mão, o tipo de coisa que uma criança poderia fazer em um projeto de artesanato na Casa Comunitária. Só que ficou óbvio para Bev que a criança que fez aquilo não era muito boa artesã; a costura larga de plástico já estava se soltando e o compartimento de notas ficava aberto como uma boca frouxa. Ela encontrou uma moeda de 25 centavos no compartimento de moedas. A única outra coisa na carteira era um cartão de biblioteca com o nome de Patrick Hockstetter. Ela jogou a carteira de lado, com o cartão da biblioteca e tudo. Limpou os dedos no short.

Quinze metros depois, encontrou um tênis. A vegetação rasteira agora era densa demais para ela conseguir seguir as marcas na terra, mas não era preciso ser o Pathfinder para acompanhar as manchas e gotas de sangue nas plantas.

A trilha seguia por um matagal íngreme. Bev perdeu o equilíbrio uma vez, escorregou e foi ferida pelos espinhos. Linhas de sangue surgiram na coxa dela. Ela estava respirando rápido agora, com o cabelo suado grudado na cabeça. As manchas de sangue levavam a um dos caminhos pelo Barrens. O Kenduskeag estava perto.

O outro tênis de Patrick, com cadarços sujos de sangue, estava abandonado no caminho.

Ela se aproximou do rio com o estilingue Bullseye meio abaixado. As marcas na terra tinham reaparecido. Estavam mais rasas agora. *Isso é porque ele perdeu o tênis*, pensou ela.

Ela chegou a uma curva final e encontrou o rio. As marcas iam até a margem e levavam a um dos cilindros de concreto, uma das estações de bombeamento. Ali, sumiam. A cobertura de ferro no topo do cilindro estava entreaberta.

Quando ela ficou de pé acima e olhou para baixo, uma risada densa e monstruosa surgiu de lá.

Foi demais. O pânico que ameaçara antes agora surgiu. Beverly se virou e saiu correndo para a clareira e para a sede do clube, com o braço esquerdo sujo de sangue erguido para proteger o rosto dos galhos que batiam nela.

Às vezes, eu também me preocupo, papai, pensou ela loucamente. *Às vezes, eu me preocupo MUITO.*

7

Quatro horas depois, todos os Otários exceto Eddie estavam agachados nos arbustos perto do ponto em que Beverly ficou escondida vendo Patrick Hockstetter ir até a geladeira e abri-la. O céu estava escuro com nuvens pretas, e o cheiro de chuva estava no ar de novo. Bill estava segurando a ponta de um fio longo de varal nas mãos. Os seis juntaram o dinheiro que tinham e compraram o varal e um kit de primeiros socorros Johnson para Beverly. Bill colocou com cuidado uma gaze sobre o buraco sangrento no braço dela.

— D-Diz pros seus pa-pais que v-você se a-arranhou quando estava pa-a-tinando — disse Bill.

— Meus patins! — gritou Beverly, consternada. Ela os tinha esquecido completamente.

— Ali — disse Ben, e apontou. Eles estavam caídos não muito longe, e ela foi pegá-los antes que Ben ou Bill ou qualquer outro deles pudesse se oferecer. Ela lembrou agora que os colocou de lado quando foi urinar. Não queria nenhum dos outros ali.

O próprio Bill tinha amarrado uma ponta do varal na maçaneta da geladeira Amana, embora todos tivessem se aproximado juntos, prontos para sair correndo ao primeiro sinal de movimento. Bev ofereceu de devolver o estilingue para Bill; ele insistiu para que ela ficasse com ele. No fim das contas, nada se moveu. Embora a área no caminho em frente à geladeira

estivesse manchada de sangue, os parasitas tinham sumido. Talvez tivessem saído voando.

— A gente podia trazer o chefe Borton e o sr. Nell e cem outros policiais aqui, mas não faria diferença — disse Stan com amargura.

— Não. Eles não veriam nada — concordou Richie. — Como está seu braço, Bev?

— Doendo. — Ela fez uma pausa e olhou de Bill para Richie e para Bill de novo. — Será que minha mãe e meu pai veriam o buraco que aquela coisa fez no meu braço?

— A-A-Acho que n-n-não — disse Bill. — S-Se p-preparem pra co-co-correr. Vou a-amarrar.

Ele passou a ponta da corda de varal pela maçaneta cromada e coberta de ferrugem da geladeira, trabalhando com a cautela de um homem desmontando uma bomba. Ele fez um nó torto e deu um passo para trás, desenrolando a corda.

Bill deu um pequeno sorriso para os outros quando estava a uma certa distância.

— Ufa — disse ele. — Ainda bem que essa p-parte p-passou.

Agora, a uma distância segura (esperavam eles) da geladeira, Bill falou novamente para eles se prepararem para correr. Um trovão ribombou diretamente acima, e todos pularam. As primeiras gotas hesitantes começaram a cair.

Bill puxou a corda com o máximo de força que conseguiu. Seu nó torto se soltou da maçaneta, mas não sem abrir a porta da geladeira de novo. Uma avalanche de pompons laranja caiu para fora, e Stan Uris deu um gemido doloroso. Os outros só ficaram olhando boquiabertos.

A chuva começou a cair mais forte. Trovões estalavam acima deles, fazendo-os se encolherem, e relâmpagos roxo-azulados brilharam quando a porta se abriu toda. Richie viu primeiro e gritou, um som agudo e ferido. Bill deu uma espécie de grito de raiva e medo. Os outros ficaram em silêncio.

Escritas na parte de dentro da geladeira, com sangue secando, havia as seguintes palavras:

Granizo misturado com a chuva forte. A porta da geladeira balançou de um lado para o outro no vento crescente, e as letras pintadas ali começaram a pingar e escorrer agora, adquirindo a aparência ameaçadora de um pôster de filme de terror.

Bev não tinha percebido que Bill se levantou até vê-lo avançando pelo caminho na direção da geladeira. Ele estava balançando os dois punhos. Água escorria pelo rosto dele e grudou sua camisa às costas.

— *N-Nós vamos ma-matar você!* — gritou Bill.

Um trovão estalou. O relâmpago brilhou com tanta força que ela conseguiu sentir o cheiro dele, e, não muito longe, houve um barulho de coisa rachando e explodindo na hora em que a árvore caiu.

— Bill, volta! — gritou Richie. — Volta, cara! — Ele começou a se levantar, e Ben o puxou de volta.

— *Você matou meu irmão George! Seu filho da puta! Seu maldito! Seu gigolô! Aparece agora! Aparece agora!*

O granizo caiu com força e os feriu mesmo no meio dos arbustos. Beverly levantou o braço para proteger o rosto. Ela conseguia ver marcas vermelhas nas bochechas molhadas de Ben.

— Bill, volta! — gritou ela com desespero, e outro trovão encobriu a voz dela; ele estourou no Barrens abaixo das nuvens pretas.

— *Quero ver você sair agora, seu merda!*

Bill chutou como louco a pilha de pompons que tinha caído da geladeira. Ele se virou e começou a andar na direção deles, com a cabeça baixa. Parecia não sentir o granizo, apesar de as pedrinhas agora cobrirem o chão como neve.

Ele entrou no meio dos arbustos, e Stan teve que segurar o braço dele para impedir que entrasse nos que tinham espinhos. Estava chorando.

— Está tudo bem, Bill — disse Ben, passando um braço desajeitado ao redor dele.

— É — disse Richie. — Não se preocupe. Não vamos pular fora. — Ele olhou ao redor, com olhos enlouquecidos no rosto molhado. —Tem alguém aqui que vai pular fora?

Eles balançaram as cabeças.

Bill levantou o rosto e secou os olhos. Estavam todos encharcados e pareciam uma ninhada de filhotes de cachorro que acabou de atravessar um rio.

— E-Ela e-está com me-me-medo de n-n-nós, sabe — disse ele. — Consigo se-sentir. Juro por D-Deus que co-co-consigo.

Bev assentiu sobriamente.

— Acho que você está certo.

— M-M-Me a-a-ajudem — disse Bill. — P-P-Po-Por favor. M-M-Me ajudem.

— Nós vamos ajudar — disse Beverly. Ela tomou Bill nos braços. Não tinha percebido o quanto seus braços o envolviam facilmente, o quanto ele era magro. Ela conseguia sentir o coração dele disparado debaixo da camisa; conseguia senti-lo perto do dela. Ela pensou que nenhum toque parecera tão doce e tão forte.

Richie colocou os braços ao redor dos dois e apoiou a cabeça no ombro de Beverly. Ben fez o mesmo do outro lado. Stan Uris colocou os braços ao redor de Richie e Ben. Mike hesitou, mas passou um braço pela cintura de Beverly e a outra pelos ombros trêmulos de Bill. Eles ficaram assim, abraçados, e o granizo voltou a ser só chuva, chuva tão pesada que parecia quase uma nova atmosfera. O relâmpago andava e o trovão falava. Ninguém disse nada. Os olhos de Beverly estavam bem fechados. Eles ficaram na chuva em grupo, abraçando-se, ouvindo a água bater nos arbustos. Era daquilo que ela se lembrava melhor: do

som da chuva e do silêncio compartilhado e de uma tristeza leve por Eddie não estar ali com eles. Ela se lembrava dessas coisas.

Ela se lembrava de se sentir muito jovem e muito forte.

Capítulo 18

O estilingue

1

— Tudo bem, Monte de Feno — diz Richie. — Sua vez. A ruiva fumou todos os cigarros dela e quase todos os meus. Está ficando tarde.

Ben olha para o relógio. Sim, está tarde; quase meia-noite. Só dá tempo pra mais uma história, *pensa ele.* Mais uma história antes da meia-noite. Só pra nos manter aquecidos. Qual deveria ser? *Mas isso, claro, não passa de piada, e não muito boa; só falta uma história, pelo menos que ele lembre, e é a história das bolinhas de prata: como foram feitas na oficina de Zack Denbrough na noite de 23 de julho e como foram usadas no dia 25.*

— Tenho minhas próprias cicatrizes — diz ele. — Vocês lembram?

Beverly e Eddie balançam a cabeça; Bill e Richie assentem. Mike fica em silêncio, com olhos alertas no rosto cansado.

Ben fica de pé, desabotoa a camisa que está usando e abre. Há uma cicatriz antiga com o formato da letra H. As linhas estão rompidas, pois a barriga era bem maior quando a cicatriz foi feita, mas a forma ainda está identificável.

A cicatriz grande que desce da barra horizontal do H é bem mais clara. Parece uma corda retorcida da qual o nó foi cortado.

Beverly leva as mãos até a boca.

— O lobisomem! Naquela casa! Ah, meu Deus! — E ela se vira para a janela, como se para vê-lo observando da escuridão.

— Isso mesmo — diz Ben. — E quer saber de uma coisa engraçada? Essa cicatriz não estava aí duas noites atrás. O velho cartão de visitas de Henry estava; eu sei porque mostrei pra um amigo meu, um barman chamado Ricky Lee lá de Hemingford Home. Mas esta... — Ele ri sem achar muita graça e começa a abotoar a camisa de novo. — Esta acabou de voltar.

— Como as das nossas mãos.

— É — diz Mike quando Ben está abotoando a camisa. — O lobisomem. Todos vimos a Coisa como lobisomem naquela vez.

— Porque foi assim que R-R-Richie viu a Co-Coisa antes — murmura Bill. — É por isso, não é?

— É — diz Mike.

— Estávamos próximos, não estávamos? — diz Beverly. — O bastante pra ler as mentes uns dos outros.

— O velho peludão quase arrancou as tripas da gente, Ben — diz Richie, e não está sorrindo ao falar. Ele empurra os óculos remendados nariz acima e, por trás deles, seu rosto está branco, cansado e fantasmagórico.

— Bill salvou sua pele — diz Eddie de repente. — Quero dizer, Bev salvou todos nós, mas se não fosse você, Bill…

— É — concorda Ben. — Foi você, Big Bill. Eu estava, tipo, completamente doido.

Bill aponta rapidamente para a cadeira vazia.

— Tive um pouco de ajuda de Stan Uris. E ele pagou por isso. Talvez tenha morrido por isso.

Ben Hanscom está balançando a cabeça.

— Não diga isso, Bill.

— Mas é v-verdade. E se é s-sua cu-culpa, é minha culpa também, e de t-t-todo mundo aqui, porque fomos em frente. Mesmo depois de Patrick e do que estava escrito na geladeira, fomos em frente. Seria minha culpa m-mais do que de todos, eu acho, porque eu q-q-queria que a gente fosse em frente. Por causa do Gi-George. Talvez até porque eu pensava que, se eu matasse o que tinha m-matado George, meus p-pais teriam que a-a-a…

— Amar você de novo? — pergunta Beverly delicadamente.

— É. É claro. Mas n-n-não acho que tenha sido cu-culpa de n-ninguém, Ben. Era a estrutura de Stan.

— Ele não conseguia encarar — diz Eddie. Ele está pensando na revelação do sr. Keene sobre o remédio de asma, e como ele não conseguiu abrir mão do uso mesmo assim. Está pensando que poderia ter conseguido abrir mão do hábito de ficar doente; era o hábito de acreditar que ele não tinha sido capaz de deixar para trás. No fim das contas, talvez o hábito tenha salvado sua vida.

— Ele foi ótimo naquele dia — diz Ben. — Stan e seus pássaros.

Uma risada surge entre eles, e eles olham para a cadeira onde Stan estaria em um mundo correto e são em que os mocinhos sempre venciam. Sinto falta dele*, pensa Ben.* Meu Deus, como sinto falta dele! *Ele diz:*

— Se lembra daquele dia, Richie, quando você falou pra ele que tinha ouvido dizer que ele tinha matado Cristo, e Stan diz, impassível: "Acho que foi meu pai"?

— Lembro — diz Richie com a voz quase baixa demais para ser ouvida. Ele puxa o lenço

do bolso de trás, tira os óculos, seca os olhos e recoloca os óculos. Guarda o lenço e, sem erguer o olhar das mãos, diz: — Por que você não conta logo, Ben?

— Dói, né?

— É — diz Richie. Sua voz está tão rouca que é difícil entendê-lo. — Sim, claro. Dói.

Ben olha ao redor e assente.

— Tudo bem, então. Mais uma história antes da meia-noite. Só pra nos manter aquecidos. Bill e Richie tiveram a ideia das balas…

— Não — refuta Richie. — Bill pensou primeiro, e também ficou nervoso primeiro.

— Comecei a ter me-medo…

— Acho que não importa — diz Ben. — Nós três passamos bastante tempo na biblioteca naquele mês de julho. Estávamos tentando descobrir como fazer balas de prata. Eu tinha a prata: quatro dólares de prata que tinham sido do meu pai. Mas Bill ficou nervoso, pensando no que poderia acontecer se o tiro não desse certo com um tipo de monstro partindo pra cima do pescoço da gente. E quando vimos como Beverly era boa com aquele estilingue dele, acabamos usando um dos meus dólares de prata pra fazer bolinhas. Pegamos todo o material e fomos pra casa de Bill. Eddie, você estava lá…

— Falei pra minha mãe que a gente ia jogar Banco Imobiliário — diz Eddie. — Meu braço estava doendo muito, mas tive que ir andando. Ela estava muito furiosa comigo. E todas as vezes que eu ouvia alguém atrás de mim na calçada, eu me virava achando que era Bowers. Não ajudou com a dor.

Bill sorri.

— E o que fizemos foi ficar olhando Ben fazer a munição. Acho que Ben podia m-mesmo ter feito balas de p-prata.

— Ah, não tenho tanta certeza — diz Ben, embora tenha. Ele lembra que a noite tinha começado a cair lá fora (o sr. Denbrough havia prometido levar todos para casa de carro), do som dos grilos na grama, dos primeiros vaga-lumes piscando do lado de fora das janelas. Bill tinha montado o tabuleiro de Banco Imobiliário na sala de jantar e arrumou de forma que parecesse que o jogo já estava acontecendo havia mais de uma hora.

Ele se lembra disso e do círculo de luz amarela caindo sobre a bancada de trabalho de Zack. Ele se lembra de Bill dizendo:

— Temos que tomar c-c

2

— … cuidado. Não quero deixar uma b-b-bagunça. Meu pai vai ficar… — ele cuspiu um monte de Ps e acabou conseguindo dizer: — … puto.

Richie fez um gesto exagerado de secar a bochecha.

— Você oferece toalhas junto com esses banhos, Bill Gago?

Bill fingiu que ia bater nele. Richie se encolheu e gritou com a Voz do Garoto Negro.

Ben não prestou atenção neles. Viu Bill arrumar os utensílios e ferramentas um a um sob a luz. Parte de sua mente desejava um dia ter uma bancada de trabalho legal assim. Mas a maior parte de seus pensamentos estava voltada para o trabalho à frente. Não seria tão difícil quanto fazer balas de prata, mas ele seria cuidadoso mesmo assim. Não havia desculpa para fazer um trabalho descuidado. Não era uma coisa que alguém lhe havia ensinado ou explicado; ele apenas sabia.

Bill tinha insistido que Ben fizesse as bolinhas, assim como continuava a insistir que Beverly deveria ficar com o estilingue. Essas coisas podiam ter sido e foram discutidas, mas só 27 anos depois, ao contar a história, Ben percebeu que ninguém nem sugeriu que uma bala de prata ou uma bilha poderia não parar um monstro. Eles tinham o peso do que pareciam ser mil filmes de terror em mente.

— Tudo bem — disse Ben. Ele estalou os dedos e olhou para Bill. — Está com os moldes?

— Ah! — Bill teve um pequeno sobressalto. — A-A-Aqui. — Ele enfiou a mão no bolso da calça e pegou o lenço. Colocou-o na bancada e desdobrou. Havia duas bolas de metal dentro, cada uma com um pequeno buraco. Eram moldes de bilhas.

Depois de decidir por bolinhas em vez de balas, Bill e Richie voltaram na biblioteca e pesquisaram como fazer bilhas.

— Vocês andam tão concentrados — dissera a sra. Starrett. — Em uma semana, balas, e bilhas na outra! E estão em férias de verão!

— Gostamos de manter a mente afiada — disse Richie. — Né, Bill?

— É-É.

Acabou que fazer bilhas era tranquilo se você tinha moldes. A única questão era onde conseguir. Algumas perguntas discretas a Zack Denbrough cuidaram da questão… e nenhum dos Otários ficou surpreso de descobrir que a única loja de Derry onde moldes assim poderiam ser comprados era a Kitchener Precision Tool & Die. O Kitchener que era dono da loja e cuidava dela era tatara-sobrinho dos irmãos que foram donos da Siderúrgica Kitchener.

Bill e Richie foram juntos com todo o dinheiro que os Otários conseguiram juntar em tão pouco tempo, dez dólares e 59 centavos, no bolso de Bill. Quando Bill perguntou quanto dois moldes de bilhas de duas polegadas custariam, Carl Kitchener, que parecia um veterano bêbado e fedia como um cobertor velho de cavalo, perguntou o que dois garotos queriam com moldes de bilhas. Richie deixou Bill falar por saber que as coisas seriam mais fáceis assim. As crianças debochavam da gagueira de Bill, mas os adultos ficavam constrangidos. Às vezes, isso ajudava de uma maneira surpreendente.

Bill chegou na metade da explicação que ele e Richie tinham elaborado no caminho, uma coisa sobre um modelo de moinho para o projeto de ciências do ano seguinte, quando Kitchener acenou para que ele parasse de falar e citou o inacreditável preço de cinquenta

centavos cada molde.

Quase sem conseguir acreditar na sorte deles, Bill entregou uma única nota de dólar.

— Não espere que eu dê um saco pra vocês — disse Carl Kitchener, olhando para eles com o desprezo de um homem que acredita já ter visto tudo que há no mundo, e quase tudo duas vezes. — Só coloco em um saco se vocês gastarem pelo menos 5 pratas.

— Tudo b-b-bem, s-senhor — disse Bill.

— E não fiquem aí na frente — disse Kitchener. — Vocês dois precisam cortar o cabelo.

Do lado de fora, Bill disse:

— J-Já r-reparou, R-Richie, que os a-a-adultos n-não vendem n-n-nada exceto d-doces e r-r-revistinhas e talvez e-e-entrada de cinema sem q-querer saber p-primeiro pra que v-v-você q-quer?

— Claro — disse Richie.

— P-Por quê? Por que e-eles fazem isso?

— Porque acham que somos perigosos.

— É? V-Você a-acha?

— Acho — disse Richie, e riu. — Vamos ficar aqui na frente, que tal? A gente pode levantar as golas das camisas e olhar com desprezo pras pessoas enquanto deixa o cabelo crescer.

— Vá se foder — disse Bill.

3

— Certo — disse Ben, olhando para os moldes com atenção e colocando-os sobre a bancada. — Ótimo. Agora…

Eles abriram mais espaço e olharam para ele com esperança, da mesma forma como um homem que não entende nada de carro e tem problemas no motor olha para o mecânico. Ben não reparou nas expressões deles. Estava concentrado no trabalho.

— Me dá aquele morteiro — disse ele — e o maçarico.

Bill entregou os restos de um morteiro para ele. Era uma lembrança de guerra. Zack o pegou cinco dias depois que ele e o resto do exército do general Patton atravessaram o rio e entraram na Alemanha. Houve uma época, quando Bill era muito pequeno e George ainda usava fralda, em que o pai usara como cinzeiro. Mais tarde, ele parou de fumar, e a casca de morteiro desapareceu. Bill a encontrou nos fundos da garagem uma semana antes.

Ben colocou a casca de morteiro no torno de Zack, firmou e pegou o maçarico da mão de

Beverly. Enfiou a mão no bolso, pegou um dólar de prata e colocou no cadinho improvisado, o que gerou um som oco.

— Seu pai te deu isso, é? — perguntou Beverly.

— Foi — disse Ben —, mas não me lembro muito bem dele.

— Tem certeza de que quer fazer isso?

Ele olhou para ela e sorriu.

— Tenho — disse ele.

Ela sorriu em resposta. Foi o bastante para Ben. Se ela tivesse sorrido para ele duas vezes, ele faria com alegria bilhas de prata suficientes para atirar em um pelotão de lobisomens. Ele afastou o olhar rapidamente.

— Certo. Aqui vamos nós. Tá tranquilo. É moleza, né?

Eles assentiram com hesitação.

Anos depois, ao recontar tudo isso, Ben pensaria: *Atualmente, uma criança pode simplesmente sair e comprar um maçarico de propano… ou o pai dela pode ter um na oficina.*

Não havia coisas assim em 1958; no entanto, Zack Denbrough tinha um a gasolina, o que deixava Beverly nervosa. Ben conseguia ver que ela estava nervosa, queria dizer para não se preocupar, mas estava com medo de sua voz tremer.

— Não se preocupe — disse ele para Stan, que estava de pé ao lado dela.

— Hã? — disse Stan, olhando para ele sem entender.

— Não *se preocupe*.

— *Não* estou preocupado.

— Ah. Pensei que estivesse. E só queria que você soubesse que isso é seguro. *Se* você estivesse. Preocupado, é isso que quero dizer.

— Você está bem, Ben?

— Estou ótimo — murmurou Ben. — Me dá os fósforos, Richie.

Richie entregou uma carteira de fósforos a ele. Ben girou a válvula no tanque e acendeu um fósforo sob a boca do maçarico. Houve um *flump!* e um brilho azul e laranja. Ben deixou a chama mais azulada e começou a aquecer a base da casca de morteiro.

— Está com o funil? — perguntou ele a Bill.

— B-B-Bem aqui. — Bill entregou um funil caseiro que Ben tinha feito mais cedo. O buraquinho na base encaixava no buraco dos moldes de bilhas quase perfeitamente. Ben fez isso sem uma única medição. Bill ficou impressionado, quase atônito, mas não sabia como dizer isso sem constranger Ben.

Absorto no que estava fazendo, Ben conseguiu falar com Beverly. Ele falou com a precisão seca de um cirurgião se dirigindo a uma enfermeira.

— Bev, você tem as mãos mais firmes. Coloque o funil naquele buraco. Use uma luva pra não se queimar.

Bill entregou a ela uma das luvas de trabalho do pai. Beverly colocou o pequeno funil no

molde. Ninguém falou. O sibilar da chama do maçarico parecia muito alto. Eles ficaram observando com olhos apertados, quase fechados.

— E-E-Espera — disse Bill de repente, e correu até a casa. Voltou um minuto depois com um par de óculos de sol Turtle barato que estava na gaveta da cozinha havia mais de um ano. — É m-melhor c-colocar isso, M-M-Monte de F-Feno.

Ben pegou os óculos, sorriu e colocou no rosto.

— Merda, é Fabian! — disse Richie. — Ou Frankie Avalon, ou um daqueles carcamanos do *Bandstand*.

— Vai se foder, Boca de Lixo — disse Ben, mas começou a rir apesar de não querer. A ideia de ele ser Fabian ou alguém assim era louca demais. A chama tremeu, e ele parou de rir. Ben voltou a se concentrar no trabalho.

Dois minutos depois, ele entregou o maçarico a Eddie, que o segurou com cuidado com a mão boa.

— Está pronto — disse ele para Bill. — Me dá aquela outra luva! Rápido! Rápido!

Bill deu a luva a ele. Ben colocou-a e segurou a casca de morteiro com a mão enluvada enquanto virava a alavanca do torno com a outra.

— Segure firme, Bev.

— Estou pronta, não precisa me esperar — respondeu ela.

Ben inclinou a casca sobre o funil. Os outros observaram um filete de prata correr entre os dois receptáculos. Ben despejou com precisão; nem uma gota foi derramada. E, por um momento, ele se sentiu energizado. Ele parecia ver tudo aumentado por um brilho branco forte. Por aquele momento, não se sentiu o Ben Hanscom gordo e comum, que usava moletons para disfarçar a barriga e os peitinhos; ele se sentiu como Thor, controlando o trovão e o relâmpago na forja dos deuses.

E então, o sentimento sumiu.

— Tudo bem — disse ele. — Vou ter que reaquecer a prata. Alguém enfia um prego ou alguma coisa assim na boca do funil pra gosma não endurecer ali.

Stan fez o que Ben mandou.

Ben prendeu a casca de morteiro no torno de novo e pegou o maçarico da mão de Eddie.

— Certo — disse ele —, número dois.

E voltou ao trabalho.

4

Dez minutos depois, estava pronto.

— E agora? — perguntou Mike.

— Agora jogamos Banco Imobiliário por uma hora — disse Ben — enquanto elas endurecem dentro dos moldes. Depois, vou abrir com um cinzel nas linhas de corte, e está pronto.

Richie olhou com desconforto para o mostrador rachado do Timex, que já tinha sido muito maltratado e continuava batendo.

— Quando seus pais voltam, Bill?

— S-S-Só depois das d-dez ou dez e m-m-meia — disse Bill. — É s-s-s-sessão dupla no A-A-A…

— Aladdin — disse Stan.

— É. E eles vão comer p-pizza depois. Quase s-sempre c-comem.

— Então temos bastante tempo — disse Ben.

Bill assentiu.

— Então vamos entrar — disse Beverly. — Quero ligar pra casa. Prometi que ia ligar. E vocês fiquem todos quietos. Ele acha que estou na Casa Comunitária e que vou pegar carona pra casa.

— E se ele quiser ir buscar você mais cedo? — perguntou Mike.

— Então — disse Beverly —, vou estar com um problemão.

Ben pensou: *Eu protegeria você, Beverly.* Em sua mente, um sonho instantâneo surgiu, com um final tão doce que o fez tremer. O pai de Bev tinha começado a maltratá-la, a gritar com ela e tudo (mesmo em fantasia, ele não imaginava o quanto Al Marsh podia ser cruel). Ben se jogava na frente dela e mandava Marsh pegar leve.

Se você quer problema, moleque gordo, continue a proteger minha filha.

Hanscom, que normalmente era do tipo tranquilo e reservado, pode virar um tigre louco quando irritado. Ele fala com Al Marsh com muita sinceridade. *Se você quer pegar ela, vai ter que me pegar primeiro.*

Marsh dá um passo… mas o brilho de aço nos olhos de Ben o faz parar.

Você vai lamentar, murmura ele, mas está claro que não quer mais brigar. Ele é só um tigre de papel, no fim das contas.

Duvido disso, diz Hanscom com um sorriso de Gary Cooper, e o pai de Beverly vai embora.

O que aconteceu com você, Ben?, grita Bev, mas os olhos dela estão brilhando e parecem estrelados. *Você parecia pronto pra matar ele!*

Matar ele?, diz Hanscom, com o sorriso de Gary Cooper ainda nos lábios. *De jeito nenhum, gata. Ele pode ser cruel, mas ainda é seu pai. Posso ter sido durão com ele, mas só porque fico furioso quando alguém fala assim com você. Entende?*

Ela joga os braços ao redor do pescoço dele e o beija (nos *lábios!* nos *LÁBIOS!*). *Eu te amo, Ben!*, diz ela, soluçando. Ele consegue sentir os pequenos seios contra o peito e…

Ele tremeu um pouco e afastou com esforço a imagem intensa e terrivelmente clara da mente. Richie estava de pé na porta, perguntando se ele ia junto, e Ben se deu conta de que

estava sozinho na oficina.

— Vou — disse ele, com um pequeno sobressalto. — Claro que vou.

— Você está ficando gagá, Monte de Feno — disse Richie quando Ben passou pela porta, mas bateu no ombro dele. Ben sorriu e passou o braço pelo pescoço de Richie.

5

Não houve problema com o pai de Beverly. Ele tinha chegado tarde do trabalho, disse a mãe ao telefone, adormeceu em frente à TV e acordou por tempo suficiente apenas para ir até a cama.

— Você tem carona pra casa, Bevvie?

— Tenho. O pai de Bill Denbrough vai levar um bando de crianças pra casa.

A sra. Marsh pareceu alarmada de repente.

— Você não foi pra um *encontro*, foi, Bevvie?

— Não, claro que não — disse Bev, olhando pela passagem em arco entre o saguão escuro em que estava e a sala de jantar, onde os outros estavam sentados ao redor do tabuleiro de Banco Imobiliário. *Mas bem que queria estar.* — Garotos, eca. Mas tem uma lista de nomes aqui, e cada noite um pai ou mãe diferente leva crianças pra casa. — Isso pelo menos era verdade. O resto era uma mentira tão descarada que ela conseguia se sentir ficando vermelha no escuro.

— Tudo bem — disse sua mãe. — Eu só queria ter certeza. Porque se seu pai te pegasse saindo pra namorar na sua idade, ficaria furioso. — Quase como um pensamento adicional, ela acrescentou: — Eu também.

— É, eu sei — disse Bev, ainda olhando para a sala de jantar. Ela sabia; mas aqui estava ela, não com um garoto, mas com seis, em uma casa sem a presença dos pais. Ela viu Ben olhando para ela com ansiedade e fez uma pequena saudação com um sorriso. Ele corou, mas retribuiu a saudação.

— Tem alguma das suas amigas aí?

Que amigas, mãe?

— Hum, Patty O'Hara está aqui. E Ellie Geiger, eu acho. Está jogando lá embaixo.

A facilidade com a qual as mentiras chegavam aos seus lábios a deixou com vergonha. Ela queria estar falando com o pai; estaria com mais medo, mas menos vergonha. Ela supunha que realmente não era uma boa menina.

— Eu te amo, mãe — disse ela.

— Eu sinto o mesmo por você, Bev. — A mãe fez uma pausa breve e acrescentou: — Tome cuidado. O jornal diz que pode ter acontecido outro. Um garoto chamado Patrick Hockstetter. Ele sumiu. Você o conhecia, Bevvie?

Ela fechou os olhos brevemente.

— Não, mãe.

— Bem… tchau, então.

— Tchau.

Ela se juntou aos outros à mesa e, durante uma hora, eles jogaram Banco Imobiliário. Stan foi o grande vencedor.

— Judeus são bons em ganhar dinheiro — disse Stan enquanto colocava um hotel na avenida Atlântica e mais duas casas vermelhas na avenida Paulista. — Todo mundo sabe disso.

— Jesus, me faça virar judeu — disse Ben imediatamente, e todo mundo riu. Ben estava quase falido.

Beverly olhava por cima da mesa de tempos em tempos para Bill, reparando nas mãos limpas, nos olhos azuis, no cabelo ruivo e fino. Quando ele estava movendo o sapatinho prateado que estava usando como pino no tabuleiro, ela pensou: *Se ele segurasse minha mão, acho que eu ficaria tão feliz que morreria.* Uma luz calorosa pareceu brilhar no peito dela, e ela sorriu secretamente, olhando para as mãos.

6

O final da noite foi quase frustrante. Ben pegou um dos cinzéis de Zack na prateleira e usou um martelo para bater nas linhas dos moldes. Eles se abriram facilmente. Duas bilhas de prata caíram de dentro. Em uma, eles conseguiam ver de leve a parte de uma data: 925. Na outra, as linhas onduladas que Beverly pensou serem os resquícios do cabelo de Lady Liberdade. Eles olharam sem falar por um momento, e Stan pegou uma na mão.

— Bem pequena — disse ele.

— A pedra no estilingue de Davi também era quando ele lutou com Golias — disse Mike. — Me parecem bem poderosas.

Ben se viu assentindo. Ele achava o mesmo.

— Está tudo p-p-pronto? — perguntou Bill.

— Pronto — disse Ben. — Aqui. — Ele jogou a segunda bilha para Bill, que ficou tão surpreso que quase deixou cair.

As bilhas foram passadas de um a um. Cada criança olhou com atenção para as duas, maravilhadas com a forma, o peso, a realidade delas. Quando voltaram para a mão de Ben, ele as segurou e olhou para Bill.

— O que fazemos com elas agora?

— D-D-Dá pra B-Beverly.

— Não!

Ele olhou para ela. Seu rosto estava bem gentil, mas severo.

— B-B-Bev, já falamos d-disso, já de-decidimos, e…

— Eu vou fazer — disse ela. —Vou disparar as porcarias quando chegar a hora. *Se* chegar. Vou acabar fazendo com que a gente seja morto, mas vou fazer. Mas não quero levar pra casa. Um dos meus

(pai)

pais pode acabar encontrando. Aí, eu estaria encrencada.

— Você não tem um esconderijo? — perguntou Richie. — Eita, eu tenho quatro ou cinco.

— Eu tenho — disse Beverly. Havia um pequeno corte na base da cama box onde ela às vezes guardava cigarros, revistinhas e, ultimamente, revistas de cinema e moda. — Mas nenhum em que eu confiaria pra uma coisa assim. Fica com elas, Bill. Até chegar a hora, pelo menos, você fica com elas.

— Tudo bem — disse Bill, e, naquele momento, as luzes dos faróis iluminaram a entrada da garagem. — Ai, meu D-Deus, ele ch-ch-chegaram cedo. V-Vamos sair d-daqui.

Eles estavam se sentando ao redor do tabuleiro de Banco Imobiliário quando Sharon Denbrough abriu a porta da cozinha.

Richie revirou os olhos e fingiu limpar suor da testa. Os outros riram com vontade. Richie tinha Mandado Bem.

Um momento depois, ela entrou.

— Seu pai está esperando seus amigos no carro, Bill.

— T-T-Tudo bem, m-mãe — disse Bill. — A g-gente estava me-esmo t-terminando.

— Quem ganhou? — perguntou Sharon, sorrindo com olhos cintilantes para os amiguinhos de Bill. A garota ficaria muito bonita, pensou ela. Ela achava que, em um ano ou dois, as crianças precisariam de adultos tomando conta se houvesse garotas junto, e não só um grupo de garotos. Mas sem dúvida era cedo demais para se preocupar com a careta feia do sexo.

— S-Stan ga-ga-ganhou — disse Bill. — J-J-Judeus são muito b-bons em g-ganhar

dinheiro.

— *Bill!* — gritou ela, horrorizada e ficando vermelha… e então, olhou para eles espantada, quando eles caíram na gargalhada, inclusive Stan. O espanto virou uma outra coisa que parecia medo (embora ela não tenha dito nada disso para o marido mais tarde, na cama). Havia um sentimento no ar, como eletricidade estática, só que bem mais poderosa, bem mais assustadora. Ela sentiu que, se tocasse em qualquer um deles, levaria um tremendo choque. *O que aconteceu com eles?*, pensou ela, consternada, e talvez tenha até aberto a boca para dizer alguma coisa assim. Mas logo Bill estava pedindo desculpas (mas ainda com aquele brilho diabólico nos olhos), e Stan estava dizendo que tudo bem, era só uma piada que faziam com ele de tempos em tempos, e ela se viu confusa demais para dizer qualquer coisa.

Mas se sentiu aliviada quando as crianças foram embora e seu filho gago e intrigante foi para o quarto e apagou a luz.

7

O dia em que o Clube dos Otários finalmente travou combate cara a cara com a Coisa, o dia em que a Coisa quase arrancou as tripas de Ben Hanscom, foi o dia 25 de julho de 1958. Estava quente, úmido e sem brisa. Ben se lembrava do tempo bem claramente; foi o último dia quente. Depois daquele dia, um longo período de tempo fresco e nublado se iniciou.

Eles chegaram ao número 29 da rua Neibolt por volta das dez da manhã, Bill levando Richie na garupa de Silver, Ben com o amplo traseiro espalhado no banco da Raleigh. Beverly chegou à rua Neibolt na Schwinn de menina, com o cabelo ruivo preso por uma faixa verde de cabelo. As mechas caíam pelas costas. Mike chegou sozinho e, uns cinco minutos depois, Stan e Eddie chegaram andando juntos.

— C-C-Como está s-s-seu b-braço, E-E-Eddie?

— Ah, não está ruim. Dói se eu me viro pro lado dele quando estou dormindo. Trouxe as coisas?

Havia uma trouxinha de lona na cesta de Silver. Bill pegou e abriu. Ele entregou o

estilingue para Beverly, que pegou com uma careta, mas não disse nada. Havia também uma latinha de Sucrets. Bill abriu-a e mostrou as duas bolinhas de prata. Eles olharam em silêncio, reunidos no gramado ralo da casa de número 29 na rua Neibolt, um gramado onde só ervas daninhas pareciam conseguir crescer. Bill, Richie e Eddie tinham visto a casa antes; os outros não, e olharam com curiosidade.

As janelas parecem olhos, pensou Stan, e levou a mão ao livro que carregava no bolso de trás para ter sorte. Ele carregava o livro para quase todo lado. Era o *Guia de pássaros norte-americanos* de M. K. Handey. *Parecem olhos cegos e sujos.*

A casa fede, pensou Beverly. *Consigo sentir o cheiro, mas não exatamente com o nariz.*

Mike pensou: É que nem aquela vez no local onde ficava a Ironworks. Tem a mesma sensação… como se estivesse nos mandando entrar.

É um dos lugares da Coisa mesmo, pensou Ben. *Um dos lugares como os buracos de Morlocks, por onde a Coisa sai e entra. E Ela sabe que a gente está aqui. Está esperando que a gente entre.*

— V-V-Vocês todos ainda querem ir? — perguntou Ben.

Eles olharam para Bill, pálidos e solenes. Ninguém disse não. Eddie tirou a bombinha do bolso e deu uma boa aspirada.

— Me dá um pouco disso — disse Richie.

Eddie olhou para ele com surpresa, esperando a piadinha.

Richie esticou a mão.

— Não é mentira, Bira. Posso experimentar?

Eddie deu de ombros com o ombro bom, um movimento estranhamente desconjuntado, e entregou a bombinha. Richie disparou o aspirador e inspirou.

— Estava precisando — disse ele, e devolveu o objeto. Ele tossiu um pouco, mas os olhos permaneceram sóbrios.

— Eu também — disse Stan. — Posso?

Um a um, eles usaram a bombinha de Eddie. Quando voltou para suas mãos, Eddie enfiou no bolso de trás, com a cabeça para fora. Eles se viraram para olhar de novo para a casa.

— *Alguém* mora nessa rua? — perguntou Beverly com voz baixa.

— Não nessa ponta — disse Mike. — Ninguém mais. Só os mendigos que ficam um tempo e vão embora nos trens.

— Eles não veriam nada — disse Stan. — Estariam em segurança. A maioria, pelo menos. — Ele olhou para Bill. — Algum adulto consegue ver a Coisa, Bill?

— Não s-sei — disse Bill. — Deve ter *a-a-algum.*

— Eu queria conhecer um — disse Richie com tristeza. — Isso não é trabalho pra crianças, sabem o que quero dizer?

Bill sabia. Sempre que os Hardy Boys se metiam em confusão, Fenton Hardy estava perto para resolver. O mesmo acontecia com o pai de Rick Brant, Hartson, nos livros da série Rick Brant Science Adventures. Porra, até Nancy Drew tinha um pai que aparecia bem na hora se

os bandidos a amarravam e jogavam em uma mina abandonada, por exemplo.

— Devia ter um adulto junto — disse Richie, olhando para a casa fechada com a tinta descascando, as janelas sujas, a varanda escura. Ele suspirou com cansaço. Por um momento, Ben sentiu a certeza deles virar dúvida.

E então, Bill disse:

— V-V-Venham a-a-a-aqui. Olhem i-isso.

Eles andaram até o lado esquerdo da varanda, onde o cercado estava arrancado. As rosas ainda estavam lá… e as que o leproso de Eddie tinha tocado quando saiu de lá de baixo ainda estavam pretas e mortas.

— Só tocou nelas e fez *isso*? — perguntou Beverly, horrorizada.

Bill assentiu.

— Vocês t-têm *c-c-certeza*?

Por um momento, ninguém respondeu. Eles *não* tinham certeza; apesar de todos saberem pelo rosto de Bill que ele iria sem os amigos, eles não tinham certeza. Havia também uma espécie de vergonha no rosto de Bill. Como ele tinha dito antes, George não era irmão deles.

Mas todas as outras crianças, pensou Ben. *Betty Ripsom, Cheryl Lamonica, aquele garoto Clements, Eddie Corcoran* (talvez)*, Ronnie Grogan… até Patrick Hockstetter. Ela mata crianças, caramba, crianças!*

— Eu vou, Big Bill — disse ele.

— Isso aí, merda — disse Beverly.

— Claro — disse Richie. — Você acha que vou deixar só você se divertir, boca mole?

Bill olhou para eles com a garganta trabalhando e assentiu. Ele entregou a latinha para Beverly.

— Tem *certeza*, Bill?

— T-T-Tenho.

Ela assentiu, imediatamente horrorizada pela responsabilidade e encantada com a confiança. Abriu a latinha, pegou as bolinhas e colocou uma no bolso da frente da calça jeans. A outra ela colocou no elástico do estilingue, e foi pelo elástico que o carregou. Ela conseguia sentir a bolinha na mão fechada, fria no começo e depois ficando quente.

— Vamos — disse ela, com a voz não tão firme. — Vamos antes que eu amarele.

Bill assentiu e olhou intensamente para Eddie.

— V-Você consegue f-f-fazer isso, E-E-Eddie?

Eddie assentiu.

— Claro que consigo. Eu estava sozinho da última vez. Desta vez, estou com meus amigos. Certo? — Ele olhou para eles e deu um sorrisinho. Sua expressão estava tímida, frágil e bem bonita.

Richie deu um tapa nas costas dele.

— Issaí, senhorr. Se alguém tentarr roubarr seu assipirador, vamos matarr ele. Mas vamos matarr *devagarr*.

— Foi horrível, Richie — disse Bev, rindo.

— D-D-Debaixo da v-varanda — disse Bill. — To-Todo mundo a-a-atrás de mim. Depois, pro po-porão.

— Se você for primeiro e a Coisa pular em você, o que faço? — perguntou Beverly. — Disparo através de você?

— Se p-precisar — disse Bill. — Mas s-su-sugiro que v-você tente d-dar a v-volta primeiro.

Richie teve uma crise de riso.

— Vamos a-a-andar pela c-casa inteira se p-precisarmos. — Ele deu de ombros. — Talvez a gente n-não encontre n-nada.

— Você acredita nisso? — perguntou Mike.

— Não — disse Bill brevemente. — Ela e-está a-a-aqui.

Ben achava que ele estava certo. A casa 29 da rua Neibolt parecia estar cercada de um envoltório envenenado. A Coisa não podia ser vista… mas podia ser sentida. Ele lambeu os lábios.

— P-P-Prontos? — perguntou Bill.

Todos olharam para ele.

— Prontos, Bill — disse Richie.

— V-Vamos então — disse Bill. — Fique p-perto de mim, B-Beverly. — Ele ficou de joelhos, engatinhou pelas roseiras e para debaixo da varanda.

8

Eles foram na seguinte ordem: Bill, Beverly, Ben, Eddie, Richie, Stan e Mike. As folhas debaixo da varanda estalaram e soltaram um aroma velho e azedo. Ben torceu o nariz. Será que ele já tinha sentido cheiro de folhas caídas como essas? Ele achava que não. Uma ideia desagradável lhe ocorreu. Elas tinham o cheiro que ele imaginava que uma múmia teria depois que quem a descobriu tivesse aberto o caixão: só poeira e ácido tânico velho e acre.

Bill tinha chegado à janela quebrada do porão e estava olhando para dentro. Beverly engatinhou até o lado dele.

— Está vendo alguma coisa?

Bill balançou a cabeça.

— Mas isso n-não quer d-d-dizer que não tem n-nada ali. O-Olha. Ali está a pilha de c-carvão que eu e R-R-Richie usamos pra f-fugir.

Ben, que estava olhando entre os dois, viu o carvão. Ele estava ficando empolgado também, além de sentir medo, e achava a empolgação boa por reconhecer instintivamente que ela poderia ajudar. Ver a pilha de carvão foi um pouco como ver um grande marco sobre o qual você só leu ou ouviu os outros falarem.

Bill se virou e passou pela janela. Beverly deu o estilingue para Ben e dobrou a mão dele sobre o elástico com a bolinha aninhada.

— Me dá assim que eu descer — disse ela. — No mesmo *segundo*.

— Pode deixar.

Ela desceu com facilidade e leveza. Houve, ao menos para Ben, um momento em que o coração parou, quando a blusa dela saiu da calça jeans e ele viu a barriga branca e reta. Houve também a emoção das mãos dela sobre as dele quando ele devolveu o estilingue.

— Tudo bem, estou com ele. Vem.

Ben se virou e começou a se contorcer pela janela. Ele devia ter previsto o que aconteceu em seguida; era inevitável. Ele entalou. Seu traseiro se prendeu na janela retangular do porão e ele não conseguiu descer mais. Ele começou a se puxar para sair e percebeu, horrorizado, que seria capaz de fazer isso, mas provavelmente a calça e talvez também a cueca desceriam até os joelhos. E ali estaria ele, com a bunda extremamente grande praticamente na cara de sua amada.

— Anda! — disse Eddie.

Ben se empurrou com as duas mãos. Por um momento, não conseguiu se mexer, mas então sua bunda passou pelo buraco. A calça jeans apertou dolorosamente a virilha e esmagou as bolas. A parte de cima da janela puxou a camisa até os ombros. Agora, a barriga estava de fora.

— Encolhe a barriga, Monte de Feno — disse Richie, rindo histericamente. — É melhor você encolher a barriga, senão vamos ter que mandar Mike chamar o pai pra trazer a roldana e a corrente e te tirar daí.

— Bip-bip, Richie — disse Ben por entre dentes. Ele encolheu a barriga o máximo que conseguiu. Desceu mais um pouco, mas parou de novo.

Ele virou a cabeça do jeito que foi capaz, lutando contra o pânico e a claustrofobia. Seu rosto tinha ficado vermelho e suado. O aroma azedo das folhas pesava e tampava suas narinas.

— Bill! Vocês conseguem me puxar?

Ele sentiu Bill segurar um de seus tornozelos e Beverly, o outro. Encolheu a barriga de novo e, um momento depois, passou pela janela. Bill o segurou. Os dois quase caíram. Ben

não conseguia olhar para Bev. Nunca na vida tinha ficado tão sem graça quanto estava naquele momento.

— V-V-Você está bem, c-c-cara?

— Estou.

Bill deu uma risada trêmula. Beverly se juntou a ele, e Ben também conseguiu rir um pouco, embora anos se passariam até ele conseguir ver qualquer coisa de remotamente engraçada no que tinha acontecido.

— Ei! — disse Richie lá de fora. — Eddie precisa de ajuda, tá?

— T-T-Tudo bem. — Bill e Ben se posicionaram debaixo da janela. Eddie desceu de costas. Bill segurou as pernas dele acima dos joelhos.

— Presta atenção no que tá fazendo — disse Eddie com voz nervosa e rabugenta. — Eu sinto cócegas.

— Ramon es mucho sensible, senhorr — disse Richie lá de fora.

Ben segurou Eddie pela cintura, tentando manter a mão longe do gesso e da faixa que o prendia. Ele e Bill puxaram Eddie pela janela do porão como um cadáver. Eddie gritou uma vez, mas só isso.

— E-E-Eddie?

— É — disse Eddie —, está tudo bem. Não foi nada. — Mas havia gotas grandes de suor em sua testa e ele estava respirando rapidamente. Seus olhos avaliaram o porão.

Bill recuou de novo. Beverly estava perto dele, agora segurando o estilingue pelo cabo e pelo elástico, pronta para disparar se necessário. Seus olhos percorriam o porão constantemente. Richie entrou depois, seguido por Stan e Mike, todos movendo-se com uma graça delicada da qual Ben morria de inveja. Todos estavam agora no porão onde Bill e Richie tinham visto a Coisa apenas um mês antes.

O aposento estava na penumbra, mas não no escuro. Uma luz turva entrava pelas janelas e marcava o chão sujo. O porão parecia muito grande aos olhos de Ben, quase grande demais, como se ele estivesse testemunhando uma ilusão de ótica de algum tipo. Vigas poeirentas se cruzavam acima. Os canos da fornalha estavam enferrujados. Algum tipo de pano branco estava pendurado nos canos de água em tiras e farrapos. O fedor também podia ser sentido ali embaixo. Um cheiro amarelo e sujo. Ben pensou: *A Coisa está mesmo aqui. Ah, está.*

Bill seguiu em direção à escada. Os outros foram atrás. Ele parou e olhou embaixo. Esticou um pé e deu um chute em alguma coisa. Todos olharam sem falar nada. Era uma luva branca de palhaço, agora manchada de poeira e sujeira.

— E-E-Em cima — disse ele.

Eles subiram e saíram em uma cozinha suja. Uma cadeira simples de costas retas estava abandonada no centro do linóleo estufado. Era toda a mobília que havia. Havia garrafas vazias de bebida em um canto. Ben conseguia ver outras na despensa. Conseguia sentir cheiro de bebida, o de vinho com mais intensidade, e de cigarros velhos. Esses aromas eram os dominantes, mas aquele outro cheiro também estava ali. Estava ficando cada vez mais forte.

Beverly foi até o armário e abriu uma porta. Deu um grito agudo quando um rato marrom-escuro caiu quase na cara dela. O rato bateu na bancada com um baque alto e olhou para eles com olhos pretos. Ainda gritando, Beverly levantou o estilingue e puxou o elástico.

— NÃO! — berrou Bill.

Ela se virou para ele, pálida e apavorada. Mas assentiu e relaxou o braço. A bolinha de prata continuou intacta, mas Ben pensou que foi por pouco, muito pouco. Ela recuou lentamente, esbarrou em Ben, deu um pulo. Ele passou um braço firme ao redor dela.

O rato correu pela bancada, pulou no chão, correu para a despensa e sumiu.

— Ele queria que eu disparasse nele — disse Beverly com voz fraca. — Que usasse metade de nossa munição nele.

— É — disse Bill. — É c-c-como o treinamento de t-tiros do FBI em Qua-Qua-Quantico, de certa f-f-forma. M-Mandam v-você descer uma rua f-f-falsa e uns a-alvos a-aparecem. Se você a-atirar em algum cidadão honesto em v-vez de só em b-b-bandidos, p-perde p-pontos.

— Não consigo fazer isso, Bill — disse ela. — Vou fazer besteira. Aqui. Você. — Ela levantou o estilingue, mas Bill balançou a cabeça.

— Você *p-p-precisa*, B-Beverly.

Houve um choramingo vindo de outro armário.

Richie andou na direção dele.

— Não chegue perto demais! — disse Stan com voz estridente. — Pode…

Richie olhou dentro, e uma expressão de puro nojo cruzou seu rosto. Ele bateu a porta do armário com um estrondo que produziu um eco morto pela casa vazia.

— Uma ninhada. — Richie parecia enjoado. — A maior ninhada que já vi… que *qualquer pessoa* já viu, provavelmente. — Ele passou as costas da mão pela boca. — Tem *centenas* de filhotes ali. — Ele olhou para os amigos, com a boca se contorcendo para um dos lados. — Os *rabos*… estavam todos emaranhados, Bill. Amarrados. — Ele fez uma careta. — Como cobras.

Eles olharam para a porta do armário. O choramingo estava abafado, mas ainda audível. *Ratos*, pensou Ben, olhando para o rosto branco de Bill e, por cima do ombro dele, para o cinzento de Mike. *Todo mundo tem medo de ratos. A Coisa sabe.*

— V-V-Venham — disse Bill. — A-Aqui na rua N-N-Neibolt, a d-d-diversão não termina n-nunca.

Eles seguiram pelo corredor. Aqui, os desagradáveis aromas de reboco podre e urina velha estavam misturados. Eles conseguiram olhar para a rua por vidraças sujas e ver as bicicletas. As de Bev e Ben estavam de pé sobre os descansos. A de Bill estava apoiada em um bordo atrofiado. Aos olhos de Ben, as bicicletas pareciam a mil quilômetros de distância, como coisas vistas pelo lado errado de um telescópio. A rua deserta com os pedaços casuais de asfalto, o céu úmido e claro, o constante *ding-ding-ding* de uma locomotiva passando… essas coisas pareciam sonhos, alucinações para ele. O real era esse corredor nojento com o fedor e as sombras.

Havia um amontoado de vidro quebrado em um canto; garrafas de Rheingold.

No outro canto, havia uma revista pequena de pornografia, molhada e inchada. A mulher da capa estava inclinada sobre uma cadeira, a saia atrás deixava à mostra o alto da meia arrastão e a calcinha preta. A foto não parecia particularmente sexy para Ben, nem o constrangeu o fato de que Beverly também olhou. A umidade havia amarelado a pele da mulher e coberto a capa de ondulações que pareciam rugas no rosto dela. O olhar lascivo tinha virado a expressão de desprezo de uma prostituta morta.

(Anos depois, quando Ben estava recontando isso, Beverly deu um grito repentino, assustando todos eles — eles não estavam tanto ouvindo a história, mas revivendo-a. "Era *ela*!", gritou Beverly. "A sra. Kersh! Era *ela*!")

Enquanto Ben estava olhando, a jovem/velha senhora da revista piscou para ele e balançou o traseiro em um chamado obsceno.

Sentindo frio em todo o corpo, mas suando ao mesmo tempo, Ben afastou o olhar.

Bill abriu uma porta à esquerda e eles o seguiram para um aposento amplo que talvez já tivesse sido uma sala. Uma calça verde amassada estava pendurada nos fios elétricos que pendiam do teto. Como o porão, aquela sala pareceu grande demais para Ben, quase tão comprida quanto um vagão de trem. Comprida demais para uma casa tão pequena como essa parecia ser quando vista de fora…

Ah, mas aquilo foi de fora, disse uma nova voz dentro da cabeça dele. Era uma voz jocosa e aguda, e Ben percebeu com certeza repentina que estava ouvindo o próprio Pennywise; a Coisa estava falando com ele por algum rádio mental maluco. *Do lado de fora, as coisas sempre parecem menores do que são de verdade, não é, Ben?*

— Vai embora — sussurrou ele.

Richie se virou para olhar para ele, com o rosto ainda tenso e pálido.

— Falou alguma coisa?

Ben balançou a cabeça. A voz tinha sumido. Isso era uma coisa importante, uma coisa boa. Mas

(do lado de fora)

ele tinha entendido. Essa casa era um lugar especial, uma espécie de estação, um dos locais de Derry, um de muitos, talvez, pelo qual a Coisa conseguia chegar ao mundo externo. Essa casa fedida e podre onde tudo era meio *errado*. Não era só que ela parecia grande demais; os ângulos eram errados, a perspectiva era maluca. Ben se encontrava depois da porta entre a sala e o corredor, e os outros estavam se afastando dele por um espaço que agora parecia do tamanho do Parque Bassey… mas conforme eles se afastavam, pareciam ficar *maiores* em vez de menores. O piso parecia se inclinar, e…

Mike se virou.

— Ben! — gritou ele, e Ben viu alarme no rosto dele. — Vem! Estamos perdendo você! — Ele mal conseguiu ouvir a última palavra. Ela se apagou como se os outros estivessem sendo levados por um trem veloz.

Apavorado de repente, ele começou a correr. A porta atrás dele se fechou com um baque surdo. Ele gritou… e alguma coisa pareceu passar voando pelo ar atrás dele e fazer sua camisa tremer. Ele olhou para trás, mas não havia nada. Mas isso não mudou a certeza dele de que houve alguma coisa.

Ele alcançou os outros. Estava ofegante, sem ar, e teria jurado que correu pelo menos um quilômetro… mas, quando olhou para trás, a parede da sala estava a menos de 3 metros.

Mike segurou o ombro dele com força suficiente para machucar.

— Você me assustou, cara — disse ele. Richie, Stan e Eddie estavam olhando para Mike sem entender. — Ele estava *pequeno* — disse Mike. — Como se estivesse a mais de um quilômetro de distância.

— Bill!

Bill olhou para trás.

— A gente tem que prestar atenção pra todo mundo ficar perto — disse Ben, ofegante. — Este lugar… é como a casa maluca em um parque de diversões, sei lá. A gente vai se perder. Acho que a Coisa quer que a gente se perca. Que a gente se separe.

Bill olhou para ele por um momento com lábios apertados.

— Tudo bem — disse ele. — Vamos t-todos ficar p-p-perto, Nada de f-ficar pra t-trás.

Eles assentiram em concordância, assustados, amontoados perto da porta. A mão de Stan apertou o livro sobre pássaros no bolso de trás. Eddie estava segurando a bombinha, apertando-a, soltando, apertando-a de novo, como um fracote de 45 quilos tentando exercitar os músculos com uma bola de tênis.

Bill abriu a porta e havia outro corredor depois, mais estreito. O papel de parede, com estampa de rosas e elfos com gorros verdes, estava se soltando do reboco esponjoso em tiras. Marcas amarelas de água se espalhavam em anéis senis no teto acima. Um raio de luz escura entrava por uma janela fechada no final do corredor.

O corredor pareceu se alongar abruptamente. O teto subiu e começou a diminuir acima deles como um estranho foguete. As portas cresceram com o teto, esticando como caramelo. Os rostos dos elfos ficaram compridos e se tornaram anormais, com olhos como buracos pretos e sangrentos.

Stan gritou e colocou as mãos sobre os olhos.

— *N-N-Não é r-r-r-REAL!* — gritou Bill.

— É sim! — gritou Stan, com os punhos pequenos e fechados tampando os olhos. — É *real,* você *sabe* que é, Deus, estou ficando maluco, isso é *loucura, isso é loucura…*

— C-C-*CUIDADO!* — gritou Bill para Stan, para todos eles, e Ben, com a cabeça girando, viu Bill se inclinar, se inclinar, se encolher e de repente pular. Seu punho fechado bateu em nada, absolutamente nada, mas houve um som bem alto. Poeira de gesso caiu de um lugar onde não havia mais teto… e então, havia. O corredor era só um corredor de novo, estreito, com teto baixo, sujo, mas as paredes não estavam mais se esticando por uma eternidade. Só havia Bill, olhando para eles e segurando a mão sangrenta, que estava coberta de pó de gesso.

Acima, havia a marca clara que o punho fez no gesso mole do teto.

— N-N-Não é r-r-real — disse ele para Stan, para todos eles. — É só uma c-c-cara f-f-falsa. Como uma m-m-máscara de Halloween.

— Pra *você*, talvez — disse Stan lentamente.

Seu rosto estava chocado e horrorizado. Ele olhou ao redor, como se não soubesse mais onde estava. Ao olhar para ele, ao sentir o fedor saindo dos poros dele, Ben, que estava feliz da vida pela vitória de Bill, ficou com medo de novo. Stan estava quase surtando. Em pouco tempo, ficaria histérico, começaria a gritar, talvez, e o que aconteceria então?

— Pra *você* — disse Stan novamente. — Mas, se eu tentasse fazer isso, nada teria acontecido. Porque… você tem seu irmão, Bill, mas eu não tenho nada.

Eles olharam ao redor, primeiro para a sala, que tinha adquirido uma atmosfera sombria e marrom, tão densa e enevoada que eles mal conseguiam ver a porta pela qual tinham entrado, depois para o corredor, que estava claro, mas de alguma forma escuro, sujo, completamente louco. Elfos faziam cabriolas no papel de parede podre embaixo de roseiras. O sol brilhava na vidraça da janela no fim do corredor, e Ben sabia que, se eles fossem até lá, veriam moscas mortas… mais vidro quebrado… e o que mais? O piso se abrindo, derramando uma escuridão morta onde dedos ansiosos esperavam para pegá-los? Stan estava certo; Deus, por que eles tinham ido para o lar da Coisa sem nada, só duas bolinhas idiotas de prata e uma porcaria de estilingue?

Ele viu o pânico de Stan pular de um para o outro para o outro, como o incêndio em uma floresta espalhado por um vento quente; fez Eddie arregalar os olhos, fez a boca de Beverly se abrir em uma expressão ferida, fez Richie empurrar os óculos com as duas mãos e olhar para trás como se estivesse sendo seguido por um demônio.

Eles hesitaram, à beira de fugir, com o aviso de Bill para ficarem juntos quase esquecido. Estavam ouvindo a ventania do pânico soprando entre os ouvidos. Como se em sonho, Ben ouviu a srta. Davis, a bibliotecária assistente, lendo para os pequenos: *Quem está passando pela minha ponte?* E os viu, os pequenos, inclinados para a frente, com os rostos imóveis e solenes, os olhos refletindo a eterna fascinação da historinha: será que o monstro seria vencido… ou a Coisa se alimentaria?

— Não tenho nada! — choramingou Stan Uris, e pareceu muito pequeno, quase pequeno o bastante para passar escorregando por uma das rachaduras no piso do corredor, como uma carta humana. — Você tem seu irmão, cara, mas eu não tenho *nada*!

— Tem *s-s-s-sim!* — gritou Bill. Ele segurou Stan, e Ben teve certeza de que Bill daria um soco nele, e, em pensamentos, ele gemeu: Não, Bill, por favor, esse é o jeito de Henry, se você fizer isso, a Coisa vai matar a gente agora!

Mas Bill não bateu em Stan. Virou-o com mãos nada delicadas e arrancou o livro do bolso de trás da calça jeans dele.

— Me dá! — gritou Stan, começando a chorar. Os outros ficaram perplexos, se afastaram de Bill, cujos olhos agora pareciam queimar. A testa dele brilhava como uma lâmpada, e ele

esticou o livro na frente de Stan como um padre esticando uma cruz para afastar um vampiro.

— *Você t-t-tem seus p-p-pa-pas-pas…*

Ele virou a cabeça para cima, com os tendões no pescoço se projetando, o pomo de adão como uma flecha afundada na garganta. Ben ficou tomado de medo e pena do amigo Bill Denbrough, mas havia também uma sensação forte de alívio. Ele tinha duvidado de Bill? Algum deles tinha? *Ah, Bill, diz, por favor, você não consegue dizer?*

E, de alguma forma, Bill disse.

— *Você tem seus PA-PA-PA-PÁSSAROS! Seus PA-PA-PÁSSAROS!*

Ele empurrou o livro para Stan. Stan pegou e olhou para Bill em silêncio. Lágrimas brilharam nas bochechas dele. Ele segurou o livro com tanta força que seus dedos ficaram brancos. Bill olhou para ele e para os outros.

— V-Venham — disse ele de novo.

— Os pássaros vão funcionar? — perguntou Stan. Sua voz estava baixa e rouca.

— Funcionaram na Torre de Água, né? — perguntou Bev.

Stan olhou para ela com dúvida.

Richie botou a mão no ombro dele.

— Vamos, Stanzinho — disse ele. — Você é um homem ou um rato?

— Devo ser um homem — disse Stan com voz trêmula e secou lágrimas do rosto com a beirada da mão esquerda. — Até onde eu sei, ratos não cagam na calça.

Eles riram, e Ben poderia jurar ter sentido a casa se afastando deles, do som. Mike se virou.

— Aquela sala grande. Por onde a gente entrou. Olhem!

Eles olharam. A sala estava agora quase preta. Não era fumaça e nenhum tipo de gás; era só escuridão, um pretume quase sólido. Toda a luz tinha sido roubada do ar. A escuridão pareceu rolar e se flexionar enquanto eles olhavam, quase se aglutinar em formas de rostos.

— V-V-Venham.

Eles viraram de costas para a escuridão e desceram o corredor. Havia três portas nele, duas com maçanetas sujas de porcelana, a terceira com apenas um buraco onde antes ficava a maçaneta. Bill segurou a primeira, virou-a e abriu a porta. Bev ficou ao lado dele com o estilingue levantado.

Ben se encolheu, ciente de que os outros estavam fazendo o mesmo, encolhidos atrás de Bill como covardes apavorados. Era um quarto vazio, onde só havia um colchão manchado. Os fantasmas enferrujados das molas de uma cama box que não existia mais estavam evidentes na cobertura amarela do colchão. Fora da janela do quarto, girassóis se inclinavam e assentiam.

— Não tem nada… — Bill começou a dizer, mas então o colchão começou a inchar e se encolher ritmadamente. Ele se rasgou de repente bem no meio. Um fluido preto viscoso começou a jorrar, manchando o colchão e escorrendo pelo chão na direção da porta. Aproximou-se em tiras longas e contorcidas…

— Fecha, Bill! — gritou Richie. — Fecha a porra da porta!

Bill bateu a porta, olhou ao redor e assentiu.

— Venham.

Ele mal tinha tocado na maçaneta da segunda porta, que ficava do outro lado do corredor, quando o grito vibrante começou atrás da madeira vagabunda.

9

Até Bill recuou quando ouviu aquele grito agudo e inumano. Ben achou que o som poderia deixá-lo louco; sua mente visualizou um grilo gigante atrás da porta, como uma coisa saída de um filme em que a radiação fez todos os insetos ficarem grandes — The Beginning of the End, talvez, ou O escorpião negro, ou aquele sobre as formigas nos bueiros de Los Angeles. Ele não teria conseguido correr nem se aquele horror enrugado e zumbente tivesse arrebentado a porta e começado a acariciá-lo com as pernas compridas e peludas. Ele estava vagamente ciente de Eddie ofegante ao seu lado.

O grito cresceu, sem nunca perder o tom de zumbido de inseto. Bill deu outro passo para trás, com o rosto completamente pálido agora, os olhos saltados, os lábios apenas uma marca roxa abaixo do nariz.

— Dispara nele, Beverly! — Ben se ouviu gritar. — Dispara nele pela porta, dispara antes de pegar a gente! — E o sol entrou pela janela suja na ponta do corredor com um peso intenso e febril.

Beverly ergueu o estilingue como uma garota em um sonho quando o grito foi ficando mais alto, mais alto, mais alto…

Mas, antes que ela pudesse armar o estilingue, Mike estava gritando:

— Não! Não! Não, Bev! Ah, Deus! Não acredito! — E, incrivelmente, Mike estava rindo.

Ele deu um passo à frente, segurou a maçaneta, girou e abriu a porta. Ela se soltou da moldura com um grunhido. — É um *mooseblower*! Só um *mooseblower*, só isso, uma coisa que serve pra assustar os corvos!

O quarto era uma caixa vazia. No chão, havia uma lata com as duas extremidades removidas. No meio, esticado e preso em buracos nas laterais da lata, havia um pedaço de barbante encerado. Apesar de não haver brisa no quarto (a única janela estava fechada e coberta por tábuas, permitindo que a luz entrasse apenas por frestas), não tinha como haver dúvida de que o zumbido vinha da lata.

Mike andou até ela e deu um chute forte. O zumbido parou quando a lata caiu no canto.

— Só um *mooseblower* — disse ele para os outros, como se pedindo desculpas. — Colocamos uns desses nos espantalhos. Não é nada. Só um truque barato. Mas *eu* não sou corvo. — Ele olhou para Bill, não mais rindo, mas ainda sorrindo. — Ainda tenho medo da Coisa, acho que todos nós temos, mas a Coisa também tem medo de nós. Pra falar a verdade, acho que a Coisa está com muito medo.

Bill assentiu.

— T-Também acho — disse ele.

Eles foram até a porta no final do corredor e, quando Ben viu Bill colocar o dedo no buraco onde antes ficava a maçaneta, entendeu que era ali que tudo ia terminar; não haveria truque por trás daquela porta. O cheiro estava pior agora, e aquela sensação atormentada de duas forças opostas girando ao redor deles estava bem mais forte. Ele olhou para Eddie, com um braço na tipoia, a mão boa segurando a bombinha. Olhou para Bev do outro lado, com o rosto pálido, segurando o estilingue como um ossinho da sorte. Ele pensou: *Se tivermos que fugir, vou tentar te proteger, Beverly. Eu juro que vou tentar.*

Ela talvez tenha sentido o pensamento, porque se virou na direção dele e deu um sorriso tenso. Ben sorriu em resposta.

Bill abriu a porta. As dobradiças deram um grito rouco e ficaram em silêncio. Era um banheiro… mas havia alguma coisa errada nele. *Alguém quebrou alguma coisa aqui* foi tudo que Ben conseguiu perceber no começo. *Não uma garrafa de bebida… o quê?*

Cacos e pedaços brancos estavam espalhados para todos os lados, brilhando de forma malévola. E então, ele entendeu. Era a insanidade suprema. Ele riu. Richie se juntou a ele.

— Alguém deve ter dado o avô de todos os peidos — disse Eddie, e Mike começou a rir e assentir. Stan estava sorrindo um pouco. Só Bill e Beverly permaneceram sérios.

Os pedaços brancos que cobriam o chão eram cacos de porcelana. A privada tinha explodido. O tanque estava caído de lado em uma poça de água, e só não virou porque a privada tinha sido colocada em um canto do banheiro e o tanque caiu apoiado na parede.

Eles se amontoaram atrás de Bill e Beverly, com os pés esmagando os pedacinhos de porcelana. *Independente do que isso foi*, pensou Ben, *explodiu a pobre privada direto pro inferno.* Ele teve uma visão de Henry Bowers jogando duas ou três M-80 dentro dela, fechando a tampa e saindo correndo. Não conseguiu pensar em mais nada que teria feito um

trabalho tão cataclísmico além de dinamite. Havia alguns pedaços maiores, mas bem poucos; a maior parte do que sobrou eram caquinhos finos como dardos. O papel de parede (roseiras e elfos cabriolantes, como no corredor) estava coberto de buracos por todo o banheiro. Pareciam estilhaços, mas Ben sabia que era porcelana enfiada na parede pela força da explosão.

Havia uma banheira com pés em forma de garras e gerações de sujeira grudada. Ben espiou dentro e viu uma poça de sedimentos e areia no fundo. Um chuveiro enferrujado parecia olhar para eles. Havia uma pia e um armário entreaberto acima dela, exibindo prateleiras vazias. Havia pequenos anéis de ferrugem nessas prateleiras, onde um dia houvera vidros e garrafas.

— Eu não chegaria muito perto disso, Big Bill! — disse Richie rapidamente, e Ben olhou para lá.

Bill estava se aproximando do buraco no chão sobre o qual a privada ficava antes de explodir. Ele se inclinou na direção… e se virou para os outros.

— Consigo o-o-ouvir o m-m-maquinário b-bombeando… que nem no B-Ba-arrens!

Bev chegou mais perto de Bill. Ben a seguiu e, sim, ele conseguia ouvir: aquele som ritmado e constante. Só que, ecoando por esses canos, não parecia de máquinas. Parecia uma coisa viva.

— F-Foi d-d-daqui que a Coisa v-v-veio — disse Bill. Seu rosto estava mortalmente pálido, mas os olhos estavam acesos de excitação. — Foi d-daqui que a Coisa s-saiu naquele d-dia, e é de o-onde *s-s-sempre* sai! Dos e-e-esgotos!

Richie estava assentindo.

— A gente estava no porão, mas não era lá que a Coisa estava. A Coisa desceu a escada. Porque é por aqui que ela consegue sair.

— E ela fez *isso*? — perguntou Beverly.

— Estava com p-p-pressa, eu a-acho — disse Bill com voz grave.

Ben olhou para o cano. Tinha uns 90 centímetros de diâmetro e estava escuro como em uma mina. A superfície interna de cerâmica estava imunda de coisas sobre as quais ele nem queria saber. Aquele som vibrante subia de forma hipnótica… e, de repente, ele viu uma coisa. Não viu com os olhos físicos, não no começo, mas com o olho no fundo da mente.

A Coisa estava disparada na direção dele, movendo-se em velocidade de trem expresso, enchendo a garganta desse cano escuro de um lado a outro; a Coisa estava na forma de Coisa agora, fosse lá qual fosse; assumiria alguma forma da mente deles quando chegasse. A Coisa estava vindo, vindo de seu esconderijo imundo e de sua catacumba negra debaixo da terra, com os olhos brilhando em um tom verde-amarelado selvagem, vindo, vindo; a Coisa estava vindo.

E então, a princípio como fagulhas, eles viram os olhos da Coisa naquela escuridão. Eles tomaram forma, flamejantes e malignos. Acima do som vibrante do maquinário, Ben agora conseguia ouvir um novo som: *Uuuuuuuuu*… Um aroma fétido saiu da boca irregular do cano e ele recuou, tossindo e com ânsia de vômito.

— Está chegando! — gritou ele. — Bill, eu vi a Coisa, está chegando!

Beverly ergueu o estilingue.

— Que bom — disse ela.

Alguma coisa explodiu para fora do cano. Ben, tentando lembrar-se daquele primeiro confronto mais tarde, só conseguia visualizar uma forma irregular prateada e laranja. Não era fantasmagórica; era sólida, e ele sentiu uma outra forma, real e definitiva, por trás da Coisa… mas seus olhos não conseguiam compreender o que estavam vendo, não precisamente.

E então Richie estava cambaleando para trás, com o rosto uma máscara de terror, gritando sem parar:

— O Lobisomem! Bill! É o Lobisomem! O Lobisomem Adolescente! — E, de repente, a forma assumiu uma realidade, para Ben e para todos eles.

O Lobisomem estava em cima do cano, com um pé cabeludo de cada lado de onde antes ficava a privada. Os olhos verdes os observavam com raiva no rosto selvagem. O focinho se repuxou e espuma amarelo-esbranquiçada escorreu entre os dentes. Ele deu um único rosnado. Os braços se esticaram na direção de Beverly, e os punhos do casaco de ensino médio foram repuxados sobre os braços cobertos de pelos. O cheiro era quente e cru e assassino.

Beverly gritou. Ben segurou as costas da blusa dela e puxou com tanta força que rasgou as costuras debaixo dos braços. A mão em forma de garra atacou o ar onde ela estava apenas um momento antes. Beverly cambaleou para trás contra a parede. A bola de prata caiu do elástico do estilingue. Por um momento, brilhou no ar. Mike, mais rápido do que o mais rápido dos homens, agarrou-a e devolveu para ela.

— Dispara na Coisa, gata — disse ele. A voz estava perfeitamente calma, quase serena. — Dispara na Coisa agora mesmo.

O Lobisomem deu um rugido rouco que virou um uivo de congelar a pele, com o focinho virado para o teto.

O uivo virou uma gargalhada. A Coisa pulou para cima de Bill na hora em que ele se virou para olhar para Beverly. Ben o empurrou para o lado, e ele caiu estatelado.

— *Dispara na Coisa, Bev!* — gritou Richie. — *Pelo amor de Deus, dispara na Coisa!*

O Lobisomem pulou para a frente, e não havia dúvida na mente de Ben, na hora nem depois, de que ela sabia exatamente quem estava no comando. Era Bill que a Coisa queria pegar. Beverly disparou. A bola voou e foi para longe do alvo, mas desta vez não fez nenhuma curva salvadora. Errou por mais de 30 centímetros e abriu um buraco no papel de parece acima da banheira. Bill, com os braços cobertos de pedaços de porcelana e sangrando em várias partes, gritou um palavrão.

A cabeça do Lobisomem virou; os olhos verdes brilhantes avaliaram Beverly. Sem pensar, Ben entrou na frente dela enquanto ela tateava o bolso em busca da outra bolinha de prata. A calça jeans que ela estava usando estava apertada demais. Ela escolheu sem pensar em provocação; era só que, assim como o short que usou no dia de Patrick Hockstetter e da geladeira, ela ainda estava usando a do ano anterior. Os dedos se fecharam sobre a bolinha,

mas ela escapou. Ela tateou de novo e conseguiu pegar. Tirou-a do bolso e virou-o do avesso, derrubando no chão 14 centavos, pedaços de dois ingressos do Aladdin e um monte de linha.

O Lobisomem pulou em Ben, que estava de pé na frente dela de forma protetora… e bloqueando o espaço para ela disparar. A cabeça da Coisa estava inclinada no ângulo questionador de predador, com a mandíbula estalando. Ben esticou a mão cegamente na direção dela. Parecia não haver espaço para terror em suas reações agora; ele sentia uma espécie de raiva esclarecida, misturada com perplexidade e uma sensação de que o tempo tinha parado de repente. Ele enfiou as mãos no cabelo crespo e sujo (*pele*, pensou ele*, peguei a pele da Coisa agora*) e conseguiu sentir o osso pesado do crânio da Coisa por baixo. Ele empurrou aquela cabeça lupina com toda a força, mas apesar de ser um garoto grande, não adiantou nada. Se não tivesse cambaleado para trás e batido na parede, a Coisa teria aberto a garganta dele com os dentes.

A Coisa foi para cima dele, com os olhos verde-amarelados flamejando, rosnando a cada respiração. Tinha cheiro do esgoto e de outra coisa, um odor selvagem e desagradável como de avelãs podres. Uma das patas pesadas se ergueu, e Ben desviou da melhor maneira que conseguiu. A pata, com unhas longas, fez ferimentos sem sangue no papel de parede e no gesso embaixo. Ele conseguia ouvir Richie gritando alguma coisa ao longe, Eddie berrando para Beverly disparar na Coisa, disparar na Coisa. Mas Beverly não disparou. Essa era a única chance. Isso não importava; ela pretendia que fosse a única da qual ela *precisaria*. Uma frieza clara que ela nunca viu novamente na vida tomou conta da visão dela. Nela, tudo se destacava e se projetava; ela nunca mais veria as três dimensões da realidade tão claramente definidas. Ela via cada cor, cada ângulo, cada distância. O medo sumiu. Ela sentiu a simples ânsia do caçador com a certeza e a perspectiva da realização. Sua pulsação ficou mais lenta. O tremor histérico no qual ela segurava o estilingue diminuiu, sua mão se firmou e ficou natural. Ela inspirou fundo. Parecia que seus pulmões jamais se encheriam completamente. Ao longe, de leve, ela ouviu estouros. Não importava o que era. Ela virou para a esquerda, esperando que a improvável cabeça do Lobisomem entrasse perfeitamente na área do V do estilingue.

As garras do Lobisomem desceram de novo. Ben tentou se encolher, mas de repente estava nas mãos da Coisa. Ela o puxou para a frente como se ele não passasse de uma boneca de pano. O maxilar se abriu.

— Filho da mãe…

Ele enfiou o polegar em um dos olhos da Coisa. Ela gritou de dor, e uma daquelas patas com unhas rasgou sua camisa. Ben encolheu a barriga, mas uma das garras fez uma linha ardida de dor em seu tronco. O sangue jorrou e caiu na calça, nos tênis, no chão. O Lobisomem o jogou na banheira. Ele bateu a cabeça, viu estrelas, se esforçou para se sentar e viu o colo coberto de sangue.

O Lobisomem se virou. Ben observou com aquela mesma lucidez lunática que ele estava usando uma calça jeans Levi’s surrada. As costuras tinham rasgado. Uma bandana suja de meleca, do tipo que um funcionário de trem carrega, estava pendurada no bolso de trás.

Escritas nas costas da jaqueta preta e laranja do ensino médio havia as palavras EQUIPE DE ASSASSINATO DA DERRY HIGH SCHOOL. Abaixo, o nome PENNYWISE. E, no meio, um número: 13.

A Coisa partiu para cima de Bill de novo. Ele tinha ficado de pé e estava agora de costas para a parede, olhando para ela com firmeza.

— *Dispara na Coisa, Beverly!* — gritou Richie de novo.

— Bip-bip, Richie — ela se ouviu responder de mil quilômetros de distância. A cabeça do Lobisomem de repente estava ali, no meio do V. Ela cobriu um dos olhos verdes da Coisa com o elástico e soltou. Não havia tremor em nenhuma das mãos dela; ela disparou tão tranquila e naturalmente quanto nas latas no lixão no dia em que eles se revezaram para ver quem era o melhor.

Houve tempo para Ben pensar *Ah, Beverly, se você errar essa, estamos todos mortos, e não quero morrer nessa banheira suja, mas não consigo sair.* Não houve erro. Um olho redondo, não verde, mas preto, apareceu de repente no meio do focinho da Coisa: ela mirou no olho direito e errou por menos de um centímetro.

O grito da Coisa, um grito quase humano de surpresa, dor, medo e raiva, foi ensurdecedor. Os ouvidos de Ben tremeram. E então, o buraco perfeitamente redondo no focinho da Coisa sumiu, obscurecido por um jorro de sangue. Não estava escorrendo; ele jorrava do ferimento em uma torrente cheia de pressão. O fluxo encharcou o cabelo e o rosto de Bill. *Não importa*, pensou Ben histericamente. *Não se preocupe, Bill. Ninguém vai conseguir ver mesmo quando a gente sair daqui. Se a gente sair.*

Bill e Beverly foram para cima do Lobisomem e, atrás deles, Richie gritou histericamente:

— Dispara de novo, Beverly! Mata a Coisa!

— Mata a Coisa! — gritou Mike.

— Isso mesmo, mata a Coisa! — disse Eddie.

— *Mata a Coisa!* — gritou Bill, com a boca repuxada e trêmula. Havia uma mancha branco-amarelada de pó de gesso no cabelo dele. — *Mata a Coisa, Beverly, não deixa ela fugir!*

Não tem mais munição, pensou Ben com incoerência*, estamos sem bolinhas. Como assim, matar a Coisa?* Mas ele olhou para Beverly e entendeu. Se o coração dele já não fosse dela antes daquele momento, teria passado a ser. Ela puxou o estilingue de novo. Os dedos estavam fechados sobre o elástico, escondendo o fato de que estava vazio.

— Mata a Coisa! — gritou Ben, e virou desajeitado pela beirada da banheira. A calça jeans e a cueca estavam encharcadas de sangue e grudadas na pele. Ele não fazia ideia se estava muito ferido ou não. Depois do ardor inicial, não houve muita dor, mas havia uma quantidade absurda de sangue.

Os olhos esverdeados do Lobisomem brilharam entre eles, agora tomados de incerteza, assim como dor. Sangue jorrava na frente da jaqueta.

Bill Denbrough sorriu. Foi um sorriso gentil e um tanto adorável… mas não chegou aos seus olhos.

— Você não devia ter começado com meu irmão — disse ele. — Manda o merda pro inferno, Beverly.

A dúvida sumiu dos olhos da criatura; ela acreditou. Com graça delicada e leve, ela se virou e mergulhou no cano. Quando começou a se deslocar, ela mudou. A jaqueta da Derry High derreteu sobre o pelo e a cor sumiu dos dois. A forma do crânio da Coisa se alongou, como se ela fosse feita de cera e agora estivesse amolecendo e começando a escorrer. A forma da Coisa mudou. Por um instante, Ben acreditou quase ter visto a forma verdadeira da Coisa, e seu coração congelou no peito, deixando-o ofegante.

— *Vou matar todos vocês!* — rugiu uma voz de dentro do cano. Era grave, selvagem, nem um pouco humana. — *Matar todos vocês... matar todos vocês... matar todos vocês...* — As palavras foram sumindo, diminuindo, desaparecendo, ficando distantes… e por fim juntaram-se ao latejar baixo do maquinário de bombeamento que se ouvia pelos canos.

A casa pareceu se firmar com um pesado baque quase audível. Mas não estava se firmando, percebeu Ben; de alguma forma estranha, estava *encolhendo*, voltando ao tamanho normal. A magia que a Coisa tinha usado para fazer a casa de número 29 da rua Neibolt parecer maior agora tinha sumido. A casa voltou, como se feita de elástico. Era apenas uma casa agora, com cheiro úmido e um pouco podre, uma casa sem mobília aonde vagabundos e mendigos às vezes iam para beber e conversar e fugir da chuva.

A Coisa tinha ido embora.

Depois da saída dela, o silêncio pareceu muito alto.

10

— T-T-Temos q-q-que s-s-sair d-d-daqui — disse Bill. Ele andou até onde Ben estava, tentando se levantar, e segurou uma das mãos esticadas. Beverly estava perto do cano. Ela olhou para si mesma e aquela frieza desapareceu em uma onda que pareceu transformar a pele em cobertura quente. Deve ter sido uma respiração funda mesmo. Os sons de estouro foram os botões da blusa dela. Eles tinham sumido, cada um deles. A blusa estava aberta, e os pequenos seios estavam à mostra. Ela fechou a blusa com a mão.

— R-R-Richie — disse Bill. — Me ajuda com B-B-Ben. Ele e-e-e…

Richie se juntou a ele, Stan e Mike. Os quatro levantaram Ben. Eddie tinha ido até Beverly e passou o braço com constrangimento nos ombros dela.

— Você foi ótima — disse ele, e Beverly caiu no choro.

Ben deu dois passos cambaleantes até a parede e se encostou nela antes de cair de novo. Sua cabeça estava leve. O mundo estava ficando sem cor, depois com cor de novo. Ele estava com vontade de vomitar.

Logo o braço de Bill estava ao redor dele, forte e reconfortante.

— E-E-Está m-muito r-r-ruim, M-M-Monte de Feno?

Ben se obrigou a olhar para a barriga. Executar duas ações simples (inclinar a cabeça e abrir o rasgo na camisa) exigiu mais coragem do que foi preciso para entrar na casa. Ele esperava ver metade de suas tripas penduradas em tiras nojentas. Mas só viu um fluxo de sangue que virou um gotejar lento. O Lobisomem tinha feito um corte comprido e fundo, mas aparentemente não mortal.

Richie se juntou a eles. Ele olhou para o corte, que descia irregular pelo peito de Ben até a parte superior da barriga, depois olhou para o rosto de Ben.

— A Coisa quase pegou suas tripas pra usar de suspensório, Monte de Feno. Sabia?

— Mentira, Bira — disse Ben.

Ele e Richie se olharam por um longo tempo e caíram em gargalhadas histéricas ao mesmo tempo, jogando uma chuva de cuspe um no outro. Richie pegou Ben nos braços e bateu nas costas dele.

— Vencemos a Coisa, Monte de Feno! Vencemos a Coisa!

— A g-g-gente n-n-não v-v-venceu a Coisa — disse Bill com voz séria. — Tivemos s-s-sorte. Vamos s-sair a-a-antes que e-e-ela d-decida v-voltar.

— Pra onde? — perguntou Mike.

— Pro B-B-Barrens — disse Bill.

Beverly foi até eles, ainda segurando a blusa. As bochechas dela estavam vermelhas.

— Pra sede do clube?

Bill assentiu.

— Alguém pode me dar a camisa? — pediu Beverly, corando mais do que nunca. Bill olhou para ela e ficou ruborizado na mesma hora. Ele afastou o olhar rapidamente, mas naquele momento Ben sentiu uma onda de compreensão e ciúme funesto. Naquele instante, naquele breve um segundo, Bill a percebeu de uma forma que só Ben já tinha visto antes.

Os outros também olharam e depois viraram a cabeça. Richie tossiu nas costas da mão. Stan ficou vermelho. E Mike Hanlon deu um passo ou dois para trás, como se com medo da leve curva daquele pequeno seio branco, visível abaixo da mão dela.

Beverly ergueu a cabeça e balançou o cabelo embaraçado. Ainda estava vermelha, mas seu rosto estava lindo.

— Não posso fazer nada quanto ao fato de que sou uma garota — disse ela —, nem de que

estou começando a crescer em cima… Agora, por favor, alguém pode me dar uma camisa?

— C-C-Claro — disse Bill. Ele tirou a camiseta branca e deixou o peito estreito à mostra, com a marca das costelas bem visível e os ombros queimados de sol e cheios de sardas. — T-T-Toma.

— Obrigada, Bill — disse ela, e por um momento ardente, eles se olharam diretamente. Bill não afastou o olhar desta vez. Seu olhar foi firme, adulto.

— De n-n-n-nada — disse ele.

Boa sorte, Big Bill, pensou Ben, e afastou o rosto daquele olhar entre os dois. Estava doendo nele, doendo em um lugar mais profundo do que qualquer vampiro ou lobisomem seria capaz de tocar. Por outro lado, havia a questão do decoro. Ele não conhecia a palavra, mas o conceito estava bem claro. Olhar para eles quando eles estavam se olhando daquele jeito seria tão errado quanto olhar para os seios dela quando ela soltasse a blusa para vestir a camiseta de Bill. *Se tiver que ser assim. Mas você nunca vai amar ela como eu amo. Nunca.*

A camiseta de Bill ia quase até os joelhos dela. Se não fosse a calça jeans aparecendo por baixo da barra, pareceria que ela estava usando um vestido curto.

— V-V-Vamos — repetiu Bill. — N-N-Não s-sei v-vocês, mas pra mim por hoje já chega.

Já chegava para todos eles.

11

Uma hora depois, eles estavam na sede do clube, com a janela e a porta abertas. Estava fresco lá dentro, e o Barrens estava abençoadamente silencioso naquele dia. Eles ficaram sentados sem falar muito, cada um perdido em seus pensamentos. Richie e Bev compartilharam um Marlboro. Eddie deu uma aspirada na bombinha. Mike espirrou várias vezes e pediu desculpas. Ele disse que estava pegando um resfriado.

— É a úúúnica cooooisa que você *pode* pegar, senhorr — disse Richie com coleguismo, e isso foi tudo.

Ben ficava esperando que o momento louco na casa da rua Neibolt assumisse tons de

sonho. *Vai se afastar e desmoronar*, pensou ele, *assim como acontece com os pesadelos. Você acorda ofegante e suando muito, mas 15 minutos depois não consegue nem lembrar sobre o que era o sonho.*

Mas isso não aconteceu. Tudo que tinha acontecido, desde a hora em que ele forçou passagem pela janela do porão até o momento em que Bill usou a cadeira da cozinha para quebrar uma janela para eles poderem sair, permaneceu claro e fixo em sua memória. Não foi sonho. O ferimento coagulado em seu peito e barriga não era sonho, e não importava se a mãe conseguia ver ou não.

Por fim, Beverly ficou de pé.

— Tenho que ir pra casa — disse ela. — Quero trocar de roupa antes da minha mãe chegar. Se ela me vir usando a camiseta de um garoto, vai me matar.

— Vai matarr você, senhorrita — concordou Richie —, mas vai matarr *devagarr*.

— Bip-bip, Richie.

Bill estava olhando para ela com seriedade.

— Vou devolver sua camiseta, Bill.

Ele assentiu e balançou a mão para indicar que isso não era importante.

— Você vai ficar encrencado? Por chegar em casa sem ela?

— N-Não. Eles n-nem re-eparam direito em m-mim quando estou p-por p-perto.

Ela assentiu e mordeu o lábio inferior, uma garota de 11 anos que era alta para a idade e simplesmente linda.

— O que vai acontecer agora, Bill?

— N-N-Não s-s-sei.

— Não acabou, né?

Bill balançou a cabeça.

Ben disse:

— A Coisa vai querer a gente mais do que nunca agora.

— Mais bolinhas de prata? — perguntou ela a ele. Ele percebeu que mal conseguia suportar olhar nos olhos dela. *Eu te amo, Beverly… me deixa ter isso, pelo menos. Você pode ficar com Bill, ou com o mundo, ou com o que quiser. Só me deixa ter isso, me deixa continuar te amando, e acho que vai ser o bastante.*

— Não sei — disse Ben. — A gente poderia fazer, mas…

Ele parou de falar e deu de ombros. Não conseguia expressar o que sentia, não conseguia botar em palavras que isso era como estar em um filme de monstros, mas não era. A múmia tinha aparência diferente de algumas formas… formas que confirmavam sua realidade essencial. O mesmo era verdade quanto ao Lobisomem. Ele podia garantir isso porque o viu em um close paralisante que nenhum filme, nem mesmo em 3-D, poderia permitir, e colocou a mão na pelagem emaranhada da Coisa, viu um ponto pequeno e laranja (como um pompom!) em um dos olhos verdes. Aquelas coisas eram… bem… eram sonhos que viraram realidade. E quando os sonhos viram realidade, eles fogem ao poder do sonhador e se tornam coisas

mortais por si só, capazes de ação independente. A bolinha de prata funcionou porque os sete estavam unificados na crença de que funcionaria. Mas não matou a Coisa. E, na próxima vez, a Coisa viria em outra forma, ou uma forma sobre a qual a prata não tinha poder.

Poder, poder, pensou Ben, olhando para Beverly. Agora não tinha problema; os olhares dela e o de Bill se encontraram de novo e eles estavam se observando como se perdidos. Foi só por um momento, mas a Ben pareceu muito longo.

Sempre se trata de poder. Amo Beverly Marsh e ela tem poder sobre mim. Ela ama Bill Denbrough e ele tem poder sobre ela. Mas acho que ele está começando a amar ela. Pode ser que seja o rosto dela, a expressão quando ela disse que não podia evitar o fato de ser garota. Pode ser que tenha sido ver um seio só por um segundo. Pode ser a aparência dela às vezes quando a luz está certa, ou os olhos dela. Não importa. Mas se ele está começando a amar ela, ela está começando a ter poder sobre ele. O Super-homem tem poder, menos quando tem criptonita por perto. O Batman tem poder, apesar de não conseguir voar nem ver através das paredes. Minha mãe tem poder sobre mim, e o chefe dela tem poder sobre ela. Todo mundo tem um pouco... menos talvez criancinhas e bebês.

Mas ele pensou que até crianças e bebês têm poder; eles podiam chorar até você ter que fazer alguma coisa para eles pararem.

— Ben? — disse Beverly, olhando para ele. — O gato comeu sua língua?

— Hã? Não. Eu estava pensando sobre poder. O poder das bolinhas de prata.

Bill estava olhando para ele com atenção.

— Eu estava me perguntando de onde veio aquele poder — disse Ben.

— V-V-Ve… — começou Bill, mas parou de falar. Uma expressão pensativa ocupou seu rosto.

— Tenho mesmo que ir — disse Beverly. — Vejo vocês depois, né?

— Claro, vem pra cá amanhã — disse Stan. — A gente vai quebrar o outro braço do Eddie.

Todos riram. Eddie fingiu que ia jogar a bombinha em Stan.

— Tchau então — disse Beverly, e saiu pela abertura.

Ben olhou para Bill e viu que ele não estava rindo junto. Aquela expressão pensativa ainda estava no rosto dele, e Ben sabia que seria preciso falar o nome dele duas ou três vezes para ele responder. Ele sabia em que Bill estava pensando; ele mesmo pensaria nisso nos dias seguintes. Não o tempo todo, não. Haveria roupas para pendurar e guardar para a mãe, brincadeiras de pique e de armas no Barrens e, durante um período chuvoso nos quatro primeiros dias de agosto, os sete realizariam uma partida louca de Parcheesi na casa de Richie Tozier, fazendo bloqueios, mandando o outro voltar casas com entrega total, deliberando como dividir os números dos dados enquanto a chuva caía lá fora. A mãe dele anunciaria que acreditava que Pat Nixon era a mulher mais bonita dos Estados Unidos e ficaria horrorizada quando Ben preferisse Marilyn Monroe (exceto pela cor do cabelo, Ben achava que Bev se parecia mais com Marilyn Monroe). Haveria tempo para ele comer quantos Twinkies, Ring-Dings e Devil Dogs conseguisse, e tempo para ficar sentado na varanda dos

fundos lendo *O robô de Júpiter*. Haveria tempo para todas essas coisas enquanto o ferimento no peito e na barriga dele cicatrizasse, formasse casca e começasse a coçar, porque a vida prosseguia e, aos 11 anos, apesar de inteligente e esperto, ele não tinha senso real de perspectiva. Ele conseguiria viver com o que aconteceu na casa da rua Neibolt. Afinal, o mundo era cheio de mistérios.

Mas haveria momentos estranhos em que ele observaria as perguntas e refletiria: *O poder da prata, o poder das bolinhas... de onde vem poder assim? De onde qualquer poder vem? Como se consegue? Como se usa?*

Parecia que a vida deles poderia depender daquelas perguntas. Uma noite, quando ele estava adormecendo, com a chuva fazendo um ruído regular no telhado e contra as janelas, ocorreu a ele que havia outra pergunta, talvez a única pergunta. *A Coisa* tinha forma real; ele quase a viu. Ver aquela forma era ver o segredo dela. Isso também era verdade quanto ao poder? Talvez fosse. Pois não era verdade que o poder, como a Coisa, era um mutante de forma? Era um bebê chorando no meio da noite, era uma bomba atômica, era uma bolinha de prata, era a forma como Beverly olhava para Bill e como Bill olhava para ela.

O que exatamente *era* poder, afinal?

12

Quase nada aconteceu nas duas semanas seguintes.

DERRY:

QUARTO INTERLÚDIO

"Você tem que perder
Não pode vencer sempre.
Você tem que perder
Não pode vencer sempre, não é?
Eu sei, menina bonita,
Estou vendo a confusão chegando."

—John Lee Hooker, *You Got to Lose*

6 de abril de 1985

Vou contar uma coisa, amigos e vizinhos: estou bêbado hoje. Bêbado pra cacete. Uísque. Fui até o Wally's e comecei, fui até o mercado na rua Center meia hora antes de fechar e comprei um quinto de garrafa de uísque vagabundo. Sei em que estou me metendo. Bebida barata hoje, uma baita ressaca amanhã. Então, aqui está ele, um negro bêbado em uma biblioteca pública depois de fechar, com este caderno aberto na frente e a garrafa de Old Kentucky à esquerda. "Diga a verdade e que se dane o diabo", dizia minha mãe, mas ela se esqueceu de me dizer que às vezes não dá para mandar o sr. Capiroto se danar quando se está sóbrio. Os irlandeses sabem, mas é claro que eles são os negros brancos de Deus e, quem sabe, talvez estejam um passo à frente.

Quero escrever sobre beber e o diabo. Lembram-se de *Ilha do tesouro*? O velho lobo do mar na Hospedaria Almirante Benbow. "Ainda vamos fazer, Jacky!" Aposto que o merdinha amargo até acreditava nisso. Cheio de rum (ou uísque), você consegue acreditar em qualquer coisa.

A bebida e o diabo. Certo.

Acho engraçado às vezes pensar quanto tempo eu duraria se publicasse algumas dessas coisas que escrevo na calada da noite. Se eu exibisse alguns dos esqueletos no armário de Derry. Há um Comitê de Diretores da biblioteca. São 11 pessoas. Um é um escritor de 70 anos que teve um derrame dois anos atrás e agora precisa de ajuda para encontrar seu lugar na agenda de cada reunião (e que às vezes é visto tirando melecas grandes e secas das narinas

peludas e colocando na orelha, como se para guardar com cuidado). Outra é uma mulher controladora que veio para cá de Nova York com o marido médico e que fala em monólogo constante e reclamão sobre o quanto Derry é provinciana, que ninguém aqui entende A EXPERIÊNCIA JUDAICA e que é preciso ir a Boston para comprar uma saia com a qual se gostaria de ser vista usando. Na última vez que essa gata anoréxica falou comigo sem os serviços de um intermediário foi na festa de Natal do comitê um ano e meio atrás. Ela tinha ingerido uma grande quantidade de gim e me perguntou se alguém em Derry entendia A EXPERIÊNCIA NEGRA . Eu também tinha ingerido uma grande quantidade de gim e respondi: "Sra. Gladry, os judeus podem ser um grande mistério, mas os negros são compreendidos no mundo inteiro." Ela se engasgou com a bebida, se virou tão rapidamente que a calcinha ficou visível por um segundo embaixo da saia leve (não foi uma visão muito interessante; se ao menos tivesse sido Carole Danner!), e assim acabou minha última conversa informal com a sra. Ruth Gladry. Não foi uma grande perda.

Os outros integrantes do comitê são descendentes dos barões da madeira. O apoio à biblioteca é um ato de expiação herdada: eles estupraram a floresta e agora cuidam dos livros como um libertino poderia decidir na meia-idade cuidar dos filhos bastardos que teve por inconsequência durante a juventude. Foram os avós e bisavós deles que abriram as pernas da floresta ao norte de Derry e Bangor e estupraram as virgens de verde com machados e ganchos. Eles cortaram, arrancaram e carregaram sem nem olhar para trás. Destruíram o hímen daquelas grandes florestas quando Grover Cleveland era presidente e tinham terminado o serviço quando Woodrow Wilson teve o derrame. Aqueles rufiões com roupas de babados estupraram as grandes florestas, as engravidaram de lixo de tocos de árvores e transformaram Derry de uma cidadezinha tranquila em cidade agitada onde os bares não fechavam nunca e as prostitutas trabalhavam a noite toda. Um dos antigos, Egbert Thoroughgood, agora com 93 anos, me contou de quando pegou uma prostituta magra como uma tábua em uma cama na rua Baker (uma rua que não existe mais; condomínios de classe média ocupam agora a área onde antes a rua Baker fervia).

— Só percebi depois de gozar dentro dela que ela estava deitada em uma poça de porra de uns 2 centímetros de profundidade. A porcaria parecia geleia. "Garota", eu digo, "você nunca se cuida?" Ela olha para baixo e diz: "Posso colocar outro lençol se você quiser fazer de novo. Tem dois no armário do corredor, eu acho. Eu sei direitinho onde estou deitada até as nove ou dez horas, mas quando chega a meia-noite, minha boceta está tão dormente que não sei se está aqui ou em Ellsworht."

Assim era Derry nos primeiros vinte anos do século XX: agito, bebida e sexo. O Penobscot e o Kenduskeag viviam cheios de troncos flutuando do degelo em abril até o congelamento em novembro. Os negócios começaram a diminuir nos anos 1920, sem a Grande Guerra e sem madeira de lei para alimentá-los, e parou completamente durante a Depressão. Os barões da madeira investiram o dinheiro nos bancos de Nova York e Boston que sobreviveram à quebra da bolsa e deixaram a economia de Derry viver ou morrer sozinha. Recolheram-se a suas

lindas casas na West Broadway e mandaram os filhos para escolas particulares em New Hampshire, Massachusetts e Nova York. E todos viveram de renda e ligações políticas.

O que sobrou da supremacia deles mais de setenta anos depois que Egbert Thoroughgood gastou seu amor com uma prostituta de um dólar em uma cama cheia de esperma na rua Baker são as florestas selvagens nos condados de Penobscot e Aroostook e as grandes casas vitorianas que ocupam dois quarteirões na West Broadway… e minha biblioteca, é claro. Só que a coisa ficaria preta (o trocadilho é intencional, sem dúvida) e a boa gente da West Broadway tiraria "minha biblioteca" de mim se eu publicasse qualquer coisa sobre a Legião da Decência, o incêndio no Black Spot, a execução da gangue Bradley… ou o caso de Claude Heroux e o Silver Dollar.

O Silver Dollar era um bar, e o que pode ter sido o assassinato em massa mais estranho na história dos Estados Unidos aconteceu lá em setembro de 1905. Ainda há moradores antigos em Derry que alegam lembrar, mas o único relato em que confio é o de Thoroughgood. Ele tinha 18 anos quando aconteceu.

Thoroughgood agora mora no Lar para Idosos Paulson. Não tem dentes, e o sotaque é tão forte que talvez só outro habitante antigo do Maine fosse capaz de entender o que ele estava dizendo se a fala fosse anotada foneticamente. Sandy Ives, o folclorista da Universidade do Maine que mencionei antes nessas páginas, me ajudou a traduzir minhas fitas.

De acordo com Thoroughgood, Claude Heroux era "Un canaense fidaputa cuns zôio quigirava comuma égua nuluar."

(Tradução: Um canadense filho da puta com um olho que girava como o de uma égua ao luar.)

Thoroughgood disse que ele (e todo mundo que trabalhou com Heroux) acreditava que o homem era astucioso como um cachorro ladrão de galinhas… o que tornava o ataque à machadinha que cometeu no Silver Dollar ainda mais assustador. Não era da personalidade. Até o momento, os lenhadores de Derry acreditavam que os talentos de Heroux eram mais voltados a botar fogo na floresta.

O verão de 1905 foi longo e quente, e houve muitos incêndios na floresta. O maior de todos, que Heroux depois admitiu ter iniciado ao acender apenas uma vela no meio de um monte de lascas de madeira, aconteceu na floresta de Big Injun, em Haven. Queimou 20 mil acres de madeira de lei, e dava para sentir o cheiro da fumaça a quase 60 quilômetros de distância, quando os carrinhos puxados a cavalo subiam a colina Up-Mile em Derry.

Na primavera daquele ano, houve uma breve conversa sobre sindicatos. Havia quatro lenhadores envolvidos na organização (não que houvesse muito a organizar; os trabalhadores do Maine eram antissindicato na época e continuam sendo até agora), e um dos quatro era Claude Heroux, que provavelmente via suas atividades no sindicato como chance de falar bonito e passar muito tempo bebendo nas ruas Baker e Exchange. Heroux e os outros três se autointitulavam "organizadores"; os barões da madeira os chamavam de "líderes da corja". Uma proclamação presa nos refeitórios dos acampamentos de lenhadores de Monroe a Haven

Village, a Sumner Plantation e Millinocket informava aos lenhadores que qualquer homem ouvido falando sobre sindicato seria despedido imediatamente.

Em maio daquele ano, houve uma greve curta perto de Trapham Notch e, apesar de ter sido interrompida imediatamente, tanto por fura-greves quanto por “policiais do município” (e isso era um tanto peculiar, sabe, considerando que havia quase trinta “policiais do município” balançando cabos de machados e partindo crânios, mas antes daquele dia de maio, não havia um único policial em Trapham Notch, que tinha uma população de 79 pessoas de acordo com o censo de 1900, até onde as pessoas sabiam), Heroux e seus amigos organizadores consideraram uma grande vitória para a causa deles. Por causa disso, foram para Derry encher a cara e fazer mais “planejamentos”… ou “reunião da corja”, dependendo de que lado você estava. Fosse qual fosse, deve ter sido trabalho árduo. Eles foram a todos os bares no Meio Acre do Inferno e terminaram no Sleepy Silver Dollar, com os braços nos ombros uns dos outros, bêbados de mijar nas calças, alternando músicas do sindicato com melodias piegas como “My Mother’s Eyes Are Looking Down from Heaven”, embora eu mesmo ache que qualquer mãe olhando do céu e vendo o filho em um estado daqueles não seria criticada por virar a cara.

De acordo com Egbert Thoroughgood, o único motivo que se podia pensar para Heroux estar no movimento era Davey Hartwell. Hartwell era o “organizador” ou “líder da corja”, e Heroux estava apaixonado por ele. E ele não era o único; a maior parte dos homens do movimento amava Hartwell profunda e apaixonadamente com aquele amor orgulhoso que os homens guardam para pessoas do mesmo sexo donas de um magnetismo que parece beirar a divindade.

— Davvey Ardwell erum homi quiandava como si fôss dono de meimundo e controlass todo resto.

(Tradução: “Davey Hartwell era um homem que andava como se fosse dono de metade do mundo e controlasse todo o resto.”)

Heroux foi atrás de Hartwell nessa área de sindicato como o teria seguido se ele tivesse decidido ser construtor de barcos em Brewer ou mesmo Bath, ou ajudar a fazer a ponte de Vermont subir, ou tentar trazer o Pony Express de volta para o oeste, na verdade. Heroux era astuto e cruel, e acho que em um livro isso excluiria qualquer qualidade. Mas, às vezes, quando um homem passou a vida desconfiando dos outros e com os outros desconfiando dele, sendo sozinho (ou fracassado) tanto por escolha quanto pelas opiniões que a sociedade tem dele, ele consegue encontrar um amigo ou um amor e simplesmente viver para essa pessoa, da forma como um cachorro vive para seu dono. É assim que parecia ser entre Heroux e Hartwell.

Havia quatro ou cinco homens que passaram aquela noite no Brentwood Arms Hotel, que era chamado de Cachorro Flutuante pelos lenhadores (o motivo está perdido na obscuridade, tão defunto quanto o próprio hotel). Quatro fizeram *check-in*; nenhum fez *check-out*. Um deles, Andy DeLesseps, nunca mais foi visto. Pelo que a história conta, ele pode ter passado o resto

da vida vivendo agradavelmente em Portsmouth, mas, por algum motivo, eu duvido. Dois dos outros “líderes da corja”, Amsel Bickford e o próprio Davey Hartwell, foram encontrados flutuando virados para baixo no Kenduskeag. Bickford estava sem a cabeça; alguém a tinha arrancado com um golpe de machado. As duas pernas de Hartwell tinham sumido, e as pessoas que o encontraram juraram nunca ter visto uma expressão de dor e horror daquelas em um rosto humano. Alguma coisa tinha alargado a boca dele e estufado as bochechas, e quando as pessoas que o encontraram o viraram e abriram os lábios, sete dos dedos dos pés dele caíram na lama. Alguns achavam que ele devia ter perdido os outros três durante os anos trabalhando no bosque; outros eram da opinião que devia ter engolido antes de morrer.

Preso nas costas da camisa de cada homem havia um papel com a palavra SINDICATO escrita.

Claude Heroux nunca foi levado a julgamento pelo que aconteceu no Silver Dollar na noite de 9 de setembro de 1905, então não há como saber exatamente como escapou do mesmo destino dos outros naquela noite de maio. Podemos fazer suposições: ele vivia sozinho havia muito tempo, tinha aprendido a fugir rápido e talvez tivesse desenvolvido o talento que alguns vira-latas tinham de ir embora antes do verdadeiro problema surgir. Mas por que ele não levou Hartwell junto? Ou será que foi levado para o bosque junto com o resto dos “agitadores”? Talvez estivessem deixando-o para o final, e ele conseguiu escapar mesmo com os gritos de Hartwell (som que teria ficado abafado quando enfiaram os dedos dos pés dentro da boca) ecoando na escuridão e espantando os passarinhos de seus ninhos. Não há como saber ao certo, mas essa última suposição me parece a certa.

Claude Heroux virou um homem-fantasma. Ele entrava caminhando em um acampamento no vale do rio Saint John, entrava na fila do refeitório com o resto dos lenhadores, pegava uma tigela de ensopado, comia e ia embora antes de alguém reparar que ele não fazia parte do grupo. Semanas depois, aparecia em um bar em Winterport, falando sobre sindicato e jurando que se vingaria do homem que tinha assassinado seus amigos. Hamilton Tracker, William Mueller e Richard Bowie eram os nomes que ele citava com mais frequência. Todos moravam em Derry, e as casas com telhados inclinados e cúpulas em que eles moravam estão até hoje na West Broadway. Anos depois, eles e seus descendentes incendiariam o Black Spot.

Que existiam pessoas que gostariam de ver Claude Heroux fora da jogada não há dúvidas, particularmente depois que os incêndios começaram em junho daquele ano. Mas, apesar de Heroux ser visto com frequência, ele era rápido e tinha a percepção de um animal para o perigo. Até onde consegui descobrir, nenhum mandato oficial foi emitido contra ele, e a polícia nunca fez nada. Talvez houvesse medo sobre o que Heroux poderia dizer se fosse levado a julgamento por provocar incêndios.

Fosse qual fosse o motivo, os bosques ao redor de Derry e de Haven queimaram por todo aquele verão quente. Crianças desapareceram, houve mais brigas e assassinatos do que o habitual, e uma camada de medo tão real quanto a fumaça cujo cheiro era sentido vindo do alto da colina Up-Mile se espalhou pela cidade.

As chuvas finalmente chegaram no dia 1º de setembro, e choveu durante uma semana

inteira. O centro de Derry ficou alagado, o que não era incomum, mas as casas grandes na West Broadway eram em um nível bem acima do centro, e em algumas dessas casas deve ter havido suspiros de alívio. Que o canadense maluco se esconda no bosque durante todo o inverno se for o que quer, eles podem ter dito. O trabalho dele de verão acabou, e vamos pegá-lo antes que as raízes sequem no próximo mês de junho.

Chegou o dia 9 de setembro. Não sei explicar o que aconteceu; Thoroughgood não sabe explicar; até onde descobri, ninguém sabe explicar. Só posso relatar os eventos que ocorreram.

O Sleepy Silver Dollar estava cheio de lenhadores tomando cerveja. Do lado de fora, o dia estava terminando, escurecendo sob a névoa. O Kenduskeag estava alto e cinzento, ocupando o canal de uma margem a outra, e, de acordo com Egbert Thoroughgood, “um vento de outono estava soprando, do tipo que sempre acha o buraco na sua calça e joga poeira dentro da sua bunda”. As ruas pareciam de areia. Havia um jogo de cartas em andamento em uma das mesas do salão dos fundos. Eram os homens de William Mueller. Mueller era sócio da ferrovia GS&WM, assim como magnata lenhador dono de milhões de acres de madeira de primeira, e os homens que estavam jogando pôquer no Dollar naquela noite eram lenhadores em meio período, patrulheiros ferroviários em meio período e problema em tempo integral. Dois deles, Tinker McCutcheon e Floyd Calderwood, já tinham cumprido pena na cadeia. Com eles estavam Lathrop Rounds (o apelido dele, tão obscuro quanto o do Hotel Cachorro Flutuante, era El Katook), David “Stugley” Grenier e Eddie King, um homem barbudo com óculos quase tão grandes quanto sua barriga. Parece provável que eles fossem pelo menos alguns dos homens que passaram os últimos dois meses e meio de olhos abertos atrás de Claude Heroux. Parece igualmente provável, embora não haja nem um traço de prova, que estivessem no grupinho agressor de maio, quando Hartwell e Bickford deram baixa.

O bar estava lotado, disse Thoroughgood; dezenas de homens estavam entulhados lá, tomando cerveja e comendo e pingando no chão de terra coberto de serragem.

A porta se abriu e Claude Heroux entrou. Estava com um machado de lâmina dupla na mão. Ele foi até o bar e abriu espaço. Egbert Thoroughgood estava à esquerda dele; ele disse que Heroux fedia a ensopado de gambá. O barman levou para ele uma caneca de cerveja, dois ovos cozidos em uma tigela e um saleiro. Heroux pagou com uma nota de dois dólares e colocou o troco, um dólar e 85 centavos, em um dos bolsos da jaqueta de lenhador. Colocou sal nos ovos e comeu. Colocou sal na cerveja, bebeu toda e deu um arroto.

— Tem mais espaço fora do que dentro, Claude — disse Thoroughgood, como se metade dos homens da lei do norte do Maine não estivesse procurando Heroux durante todo o verão.

— Sabe, *isso* é verdade — disse Heroux, só que, sendo canadense, o que ele disse deve ter sido parecido com “sabe, issé verdade”.

Ele pediu outra caneca de cerveja, bebeu toda e deu outro arroto. A conversa no bar prosseguiu. Várias pessoas falaram com Claude, e Claude assentiu e acenou, mas não sorriu. Thoroughgood disse que ele parecia um homem meio em estado de sonho. À mesa dos fundos,

o jogo de pôquer prosseguiu. El Katook estava distribuindo as cartas. Ninguém se deu ao trabalho de dizer para nenhum dos jogadores que Claude Heroux estava no bar… embora, como a mesa deles ficasse a menos de 6 metros, e como o nome de Claude foi gritado mais de uma vez pelas pessoas que o conheciam, seja difícil saber como eles puderam seguir jogando, alheios à presença potencialmente assassina. Mas foi isso que aconteceu.

Depois de beber a segunda caneca de cerveja, Heroux pediu licença para Thoroughgood, pegou o machado e foi até a mesa em que os homens de Mueller jogavam pôquer. E então, começou a cortar.

Floyd Calderwood tinha acabado de se servir de um copo de uísque e estava colocando a garrafa na mesa quando Heroux chegou e cortou a mão dele no pulso. Calderwood olhou para a mão e gritou; ela ainda estava segurando a garrafa, mas de repente não estava presa a nada além de tecido elástico úmido e veias penduradas. Por um momento, a mão cortada agarrou a garrafa com mais força, depois caiu sobre a mesa como uma aranha morta. Sangue jorrava do pulso dele.

No bar, alguém pediu mais cerveja e alguma outra pessoa perguntou ao barman, cujo nome era Jonesy, se ele ainda pintava o cabelo.

— Nunca pintei — disse Jonesy com irritação; ele era vaidoso com o cabelo.

— Conheci uma prostituta em Ma Courtney's que disse que o que cresce ao redor do seu pinto é branco como neve — disse o cara.

— Ela mentiu — respondeu Jonesy.

— Baixa a calça e mostra pra nós — disse um lenhador chamado Falkland, com quem Egbert Thoroughgood vinha bebendo desde que Heroux entrou. Isso provocou gargalhadas generalizadas.

Atrás deles, Floyd Calderwood estava berrando. Alguns dos homens encostados no bar deram uma olhada casual para trás a tempo de ver Claude Heroux enfiar o machado na cabeça de Tinker McCutcheon. Tinker era um homem grande com barba preta ficando grisalha. Ele começou a se levantar com sangue jorrando do rosto, mas voltou a se sentar. Heroux tirou o machado da cabeça dele. Tinker começou a se levantar de novo, e Heroux bateu com o machado de lado e afundou nas costas dele. Thoroughgood disse que fez um som de pilha de roupas sendo jogada em um tapete. Tinker caiu sobre a mesa com as cartas se soltando da mão.

Os outros jogadores estavam gritando e berrando. Calderwood, ainda aos berros, estava tentando pegar a mão direita com a esquerda enquanto o sangue vital escorria pelo cotoco de pulso em um fluxo constante. Stugley Grenier tinha o que Thoroughgood chamava de "pistola de saque" (querendo dizer uma arma em coldre de ombro) e estava tentando pegá-la sem sucesso nenhum. Eddie King tentou se levantar e caiu da cadeira de costas. Antes que conseguisse se levantar, Heroux ficou em pé acima dele, com uma perna de cada lado do corpo e o machado erguido acima da cabeça. King gritou e levantou as duas mãos em um gesto de afastar.

— *Por favor, Claude, eu me casei mês passado!* — gritou King.

O machado desceu e a cabeça quase desapareceu na barriga ampla de King. Sangue jorrou até o teto curvo do Dollar. Eddie começou a rastejar para trás no chão. Claude tirou o machado do corpo dele da forma como um bom lenhador tira o machado de uma árvore de madeira-branca, meio que balançando de um lado para o outro para afrouxar o aperto da madeira macia. Quando estava solto, ele o levantou bem acima da cabeça. Deu outro golpe, e Eddie King parou de gritar. Mas Claude Heroux não tinha terminado com ele; começou a picar King como se ele fosse lenha.

No bar, a conversa era sobre como seria o inverno. Vernon Stanchfield, um fazendeiro de Palmyra, alegava que seria brando; a explicação dele era que chuvas no outono gastavam a água da neve do inverno. Alfie Naugler, que tinha uma fazenda na estrada Naugler em Derry (não existe mais agora; o local onde Alfie Naugler plantava ervilha, feijão e beterraba deu lugar à extensão de quase 15 quilômetros e seis pistas da interestadual), discordava com veemência. Alfie alegou que o inverno seria rigorosíssimo. Ele tinha visto até oito anéis em algumas das lagartas, disse ele, um número inédito. Outro homem defendia que haveria gelo; outro, lama. A nevasca de 1901 foi relembrada. Jonesy empurrou canecas de cerveja e tigelas de ovos cozidos pelo balcão do bar. Atrás deles, a gritaria prosseguiu e o sangue jorrava em rios.

Nesse ponto das minhas perguntas a Egbert Thoroughgood, eu desliguei o gravador e perguntei:

— Como foi isso? Você está dizendo que não sabia que estava acontecendo, ou que sabia, mas deixou acontecer, ou o quê?

Thoroughgood encostou o queixo no botão do alto do colete sujo de comida. As sobrancelhas se aproximaram. O silêncio no quarto de Thoroughgood, pequeno, lotado e com cheiro de remédio, se prolongou por tanto tempo que eu estava prestes a repetir a pergunta quando ele respondeu:

— Nós sabíamos. Mas não pareceu importar. Era como política, de certa forma. É, isso aí. Como negócios da cidade. Era melhor deixar as pessoas que entendem de política cuidarem do assunto e as pessoas que entendem dos negócios da cidade cuidarem *daquele* assunto. É melhor os trabalhadores não se misturarem com essas coisas.

— Você está mesmo falando de destino e com medo de falar claramente? — eu perguntei de repente. A pergunta foi simplesmente arrancada de mim, e eu não esperava que Thoroughgood, que estava velho, lento e era analfabeto, respondesse… mas ele respondeu, e sem surpresa nenhuma.

— É — disse ele. — Talvez esteja.

Enquanto os homens no bar continuavam a falar sobre o tempo, Claude Heroux continuava cortando. Stugley Grenier conseguiu finalmente pegar a pistola. O machado estava descendo para cortar mais Eddie King, que já estava em pedaços. A bala que Grenier disparou atingiu a cabeça do machado e ricocheteou com uma fagulha e um estalo.

El Katook ficou de pé e começou a recuar. Ainda segurava o maço de cartas que estava distribuindo antes; as cartas caíam no chão. Claude foi atrás dele. El Katook esticou as mãos. Stugley Grenier deu outro tiro, que não chegou nem a 3 metros de Heroux.

— Pare, Claude — disse El Katook. Thoroughgood disse que pareceu que Katook estava tentando sorrir. — Eu não estava com eles. Não me misturei.

Heroux só rosnou.

— Eu estava em Millinocket — disse El Katook, com a voz começando a ficar aguda e virar um grito. — *Eu estava em Millinocket, eu juro pelo nome da minha mãe! Pergunta para qualquer pessoa se não acredita em miiiim…*

Claude levantou o machado molhado, e El Katook jogou o resto das cartas no rosto dele. O machado desceu assobiando. El Katook desviou. A cabeça do machado afundou na madeira que formava a parede de trás do Silver Dollar. El Katook tentou correr. Claude arrancou o machado da madeira e bateu nos tornozelos dele. El Katook caiu esparramado. Stugley Grenier disparou de novo em Heroux, desta vez com um pouco mais de sorte. Ele estava mirando na cabeça do lenhador enlouquecido; a bala acertou a parte mais grossa da coxa de Heroux.

Enquanto isso, El Katook rastejava em direção à porta com o cabelo caindo no rosto. Heroux golpeou de novo com o machado, rosnando e balbuciando, e, um momento depois, a cabeça cortada de Katook rolou pelo piso coberto de serragem, com a língua enfiada de forma bizarra entre os dentes. Ela rolou até parar nos pés de um lenhador chamado Varney, que tinha passado a maior parte do dia no Dollar e que, àquela altura, estava tão bêbado que não sabia se estava em terra ou no mar. Ele chutou a cabeça para longe sem olhar para ver o que era e gritou para Jonesy servir outra cerveja.

El Katook rastejou mais um metro, com sangue jorrando do pescoço em um jato, até que percebeu que estava morto e despencou. Só sobrou Stugley. Heroux se virou para ele, mas Stugley tinha saído correndo para o banheiro lá fora e trancado a porta.

Heroux deu machadadas para conseguir entrar, gritando e balbuciando e delirando, com baba caindo da boca. Quando entrou, Stugley tinha sumido, apesar de o pequeno aposento gelado não ter janelas. Heroux ficou ali de pé por um momento, com a cabeça baixa e os braços fortes sujos e manchados de sangue, mas, com um rugido, levantou a tampa com os três buracos. Foi bem a tempo de ver as botas de Stugley desaparecerem debaixo da tábua irregular, fugindo pela parede da casinha. Stugley Grenier correu gritando pela rua Exchange na chuva, coberto de merda da cabeça aos pés, chorando e dizendo que estava sendo assassinado. Ele sobreviveu ao massacre do Silver Dollar, foi o único sobrevivente, mas, depois de três meses ouvindo piadas sobre seu método de fuga, ele foi embora da área de Derry para sempre.

Heroux saiu do banheiro e ficou de pé em frente a ele como um touro depois de atacar, com a cabeça baixa e o machado à frente do corpo. Estava bufando e soprando e coberto de sangue da cabeça aos pés.

— Fecha a porta, Claude, esse buraco de merda fede até o céu — disse Thoroughgood.

Claude largou o machado no chão e fez o que foi pedido. Andou até a mesa coberta de cartas onde as vítimas estavam sentadas e chutou uma das pernas de Eddie King para tirar do caminho. E então, simplesmente se sentou e apoiou a cabeça nos braços. A bebida e a conversa no bar prosseguiram. Cinco minutos depois, mais homens chegaram, com três ou quatro policiais junto (o que estava no comando era o pai de Lal Machen e, quando viu a confusão, teve um ataque cardíaco e precisou ser levado para o consultório do dr. Shratt). Claude Heroux foi levado. Estava dócil quando o prenderam, mais adormecido do que acordado.

Naquela noite, os bares por todas as ruas Exchange e Baker explodiram com notícias do massacre. Uma fúria bêbada e virtuosa começou a crescer e, quando os bares fecharam, mais de setenta homens seguiram para o centro, na direção da cadeia e do fórum. Estavam com tochas e lampiões. Alguns carregavam armas, alguns levavam machados e alguns tinham lanças com ganchos nas pontas.

O xerife do condado só viria de Bangor ao meio-dia do dia seguinte, portanto, não estava lá, e Goose Machen estava na enfermaria do dr. Shratt com seu ataque cardíaco. Os policiais que se encontravam no escritório jogando *cribbage* ouviram a multidão chegando e saíram rapidamente de lá. Os bêbados invadiram e arrastaram Claude Heroux para fora da cela. Ele não protestou muito; parecia atordoado, perdido.

Eles o carregaram no ombro como um herói de futebol americano; foram até a rua Canal com ele no alto e lá o lincharam pendurado no velho olmo acima do canal.

— Ele estava tão distante que só chutou duas vezes — disse Egbert Thoroughgood. Até onde os registros da cidade mostram, foi o único linchamento a acontecer nessa parte do Maine. É quase desnecessário dizer que não foi relatado no *Derry News*. Muitos dos que continuaram a beber enquanto Heroux cometia sua carnificina no Silver Dollar eram do grupo que o enforcou. À meia-noite, o humor deles já tinha mudado.

Fiz uma pergunta final a Thoroughgood: ele tinha visto alguém que não conhecia durante a violência daquele dia? Alguém que pareceu estranho, deslocado, esquisito, até meio parecido com um palhaço? Alguém que estaria bebendo no bar naquela tarde, alguém que talvez tivesse entrado no meio dos baderneiros daquela noite enquanto a bebedeira prosseguia e eles começaram a falar em linchamento?

— Pode ser que tivesse — respondeu Thoroughgood. Ele já estava cansado, exausto, pronto para a soneca da tarde. — Foi há muito tempo, moço. Muito e muito.

— Mas você se lembra de alguma coisa — eu disse.

— Me lembro de pensar que devia haver uma feira para os lados de Bangor — disse Thoroughgood. — Eu estava tomando uma cerveja no Bloody Bucket naquela noite. O Bucket ficava a umas seis portas do Silver Dollar. Tinha um sujeito lá… um sujeito meio cômico… fazendo cabriolas e cambalhotas… malabarismo com copos… truques… colocou quatro moedas na testa e elas ficaram no lugar… cômico, sabe…

O queixo ossudo tinha caído sobre o peito de novo. Ele ia dormir bem na minha frente. O cuspe começou a borbulhar nos cantos da boca, que tinha tantas rugas e dobras quanto uma bolsinha de moedas de senhora.

— Vi o sujeito de vez em quando depois disso — disse Thoroughgood. — Achei que tinha se divertido tanto naquela noite… que decidiu ficar por aqui.

— É. Ele anda por aqui há muito tempo — eu disse.

A resposta dele foi um ronco fraco. Thoroughgood adormeceu na cadeira ao lado da janela, com os remédios e panaceias enfileirados no parapeito, como soldados da idade avançada em alerta. Desliguei o gravador e fiquei olhando para ele por um momento, esse estranho viajante do tempo do ano de 1890 aproximadamente, que se lembrava de quando não existiam carros, nem luz elétrica, nem aviões, nem o estado do Arizona. Pennywise estava lá, guiando-os pelo caminho em direção a outro sacrifício exagerado, apenas mais um na longa história de sacrifícios exagerados de Derry. Aquele de setembro de 1905 levou a um período acentuado de terror que incluiria a explosão da Siderúrgica Kitchener na Páscoa do ano seguinte.

Isso levanta algumas perguntas interessantes (e, até onde eu sei, vitalmente importantes). O que a Coisa *realmente* come, por exemplo? Sei que algumas das crianças foram parcialmente comidas, ou pelo menos exibem marcas de mordida, mas talvez sejamos nós que levemos a Coisa a fazer isso. O que nos ensinaram desde a primeira infância é que o monstro te come quando finalmente te alcança no meio da floresta. É talvez a pior coisa que possamos conceber. Mas é de fé que os monstros vivem, não é? Sou levado irresistivelmente a essa conclusão: a comida pode ser vida, mas a fonte de poder é a fé, não a comida. E quem é mais capaz de um ato total de fé do que uma criança?

Mas há um problema: as crianças crescem. Na igreja, o poder é perpetuado e renovado por atos ritualistas periódicos. Em Derry, o poder parece ser perpetuado e renovado por atos ritualistas periódicos também. Seria possível que a Coisa se proteja pelo simples fato de que, quando as crianças crescem e viram adultos, se tornem ou incapazes de atos de fé, ou aleijadas por uma espécie de artrite espiritual e da imaginação?

Sim. Acho que é esse o segredo aqui. E, se eu fizer as ligações, o quanto eles vão lembrar? O quanto vão acreditar? O bastante para encerrar esse horror de uma vez por todas, ou o bastante só para fazer com que sejam mortos? Eles *estão* sendo chamados, disso eu sei. Cada assassinato nesse novo ciclo foi um chamado. Quase matamos a Coisa duas vezes, e no final fomos fundo na rede de túneis e aposentos fedidos dela debaixo da cidade. Mas acho que a Coisa sabe de outro segredo: apesar de *a Coisa* poder ser imortal (ou quase), nós não somos. Ela só precisava esperar que o ato de fé, o que nos tornava potenciais matadores de monstros tanto quanto fontes de poder, se tornasse impossível. Vinte e sete anos. Talvez um período de sono para a Coisa, curto e refrescante como uma soneca da tarde seria para nós. E, quando a Coisa acorda, é a mesma, mas um terço de nossas vidas se passou. Nossas perspectivas se estreitaram; nossa fé na magia, que a torna possível, sumiu como o brilho de um novo par de sapatos depois de um dia exaustivo de caminhada.

Por que nos chamar de volta? Por que não nos deixar morrer? Porque quase matamos a Coisa, porque botamos medo na Coisa, eu acho. Porque a Coisa quer vingança.

E agora, agora que não acreditamos mais no Papai Noel, na Fada do Dente, em João e Maria nem no *troll* debaixo da ponte, a Coisa está pronta para nós. *Voltem*, diz a Coisa. *Voltem, vamos terminar nosso assunto em Derry. Tragam seus jogos da bugalha, suas bolas de gude e seus ioiôs! Vamos brincar! Voltem e vamos ver se vocês se lembram da coisa mais simples de todas: como é ser criança, segura na crença e, portanto, com medo do escuro.*

Quanto a isso, pelo menos, eu marco mil por cento: estou com medo. Estou com muito medo.

PARTE 5

O RITUAL DE CHÜD

“Não é para ser feito. O escoamento
apodreceu a cortina. A rede
está podre. Soltou a carne
da máquina, não construam mais
pontes. Por qual ar você vai
voar para cobrir os continentes? Que as palavras
caiam da forma que for — que elas possam
atingir o amor obliquamente. Vai ser uma visita
rara. Elas querem resgatar demais,
a enchente fez seu trabalho.”

—William Carlos Williams, *Paterson*

“Olhe e lembre. Olhe para esta terra,
Bem, bem longe das fábricas e da grama.
Sem dúvida, lá, sem dúvida vão deixar você passar.
Fale com eles e pergunte da floresta e do solo.
O que você ouve? O que a terra ordena?
A terra está tomada: este não é seu lar.”

—Karl Shapiro, *Travelogue for Exiles*

Capítulo 19

Nas vigílias da noite

1

Biblioteca Pública de Derry — 1h15

Quando Ben Hanscom terminou a história das bolinhas de prata, eles queriam conversar, mas Mike disse que gostaria que todos dormissem um pouco.

— Vocês já tiveram o bastante por hoje — disse ele, mas Mike foi quem parecia ter tido o bastante; seu rosto estava cansado e tenso, e Beverly achou que ele parecia fisicamente doente.

— Mas não acabamos — disse Eddie. — E o resto da história? Ainda não lembro…

— Mike está c-c-certo — disse Bill. — Ou vamos lembrar, ou não v-vamos. Acho que v-vamos. Já nos lembramos de tudo de que p-precisávamos.

— Talvez tudo que era bom pra nós? — sugeriu Richie.

Mike assentiu.

— Vamos nos encontrar amanhã. — E então, olhou para o relógio. — Mais tarde, ainda hoje, é o que quero dizer.

— Aqui? — perguntou Beverly.

Mike balançou a cabeça devagar.

— Sugiro que a gente se encontre na rua Kansas. Onde Bill escondia a bicicleta.

— Vamos pro Barrens — disse Eddie, e tremeu de repente.

Mike assentiu de novo.

Houve um momento de silêncio enquanto todos se entreolhavam. Bill ficou de pé, e os outros se levantaram também.

— Quero que vocês todos tomem cuidado pelo resto da noite — disse Mike. — A Coisa

esteve aqui; pode ir onde quer que vocês estejam. Mas esse encontro me fez sentir melhor. — Ele olhou para Bill. — Eu diria que ainda pode ser feito, não é, Bill?

Bill assentiu lentamente.

— Sim. Acho que ainda pode ser feito.

— A Coisa também deve saber — disse Mike — e vai fazer o que puder para aumentar as chances dela.

— O que fazemos se ela aparecer? — perguntou Richie. — Tapamos o nariz, fechamos os olhos, giramos três vezes e pensamos em coisas boas? Jogamos pozinho mágico na cara da Coisa? Cantamos músicas velhas de Elvis Presley? O quê?

Mike balançou a cabeça.

— Se eu pudesse te dizer isso, não haveria problema, não é? Só sei que existe outra força, ou pelo menos existia quando a gente era criança, que queria que a gente ficasse vivo e fizesse o trabalho. Talvez ela ainda esteja aqui. — Ele deu de ombros. Foi um gesto cansado. — Pensei que dois ou talvez até três não estariam presentes quando começamos o encontro desta noite. Estariam desaparecidos ou mortos. Só de ver vocês aparecerem, tive motivo para ter esperanças.

Richie olhou para o relógio.

— Uma e quinze. Como o tempo voa quando a gente está se divertindo, hein, Monte de Feno?

— Bip-bip, Richie — disse Ben, e deu um sorriso cansado.

— Quer andar até o T-T-Town House comigo, Beverly? — perguntou Bill.

— Tudo bem.

Ela estava colocando o casaco. A biblioteca parecia muito silenciosa agora, cheia de sombras, assustadora. Bill sentiu os últimos dois dias pesando nele, se empilhando em suas costas. Se fosse apenas cansaço, não haveria problema, mas era mais do que isso: uma sensação de que ele estava surtando, sonhando, tendo ilusões de paranoia. Uma sensação de ser observado. *Talvez eu não esteja aqui*, pensou ele. *Talvez eu esteja no asilo para lunáticos do dr. Seward, com a casa em ruínas do Conde ao lado e Renfield do outro lado do corredor, ele com as moscas e eu com meus monstros, nós dois seguros de que a festa está realmente acontecendo e vestidos perfeitamente para elas, não de smoking, mas de camisas de força.*

— E você, R-Richie?

Richie balançou a cabeça.

— Vou deixar Monte de Feno e Kaspbrak me levarem pra casa — disse ele. — Certo, rapazes?

— Claro — disse Ben. Ele olhou brevemente para Beverly, que estava de pé perto de Bill, e sentiu a dor que tinha quase esquecido. Uma nova lembrança tremeu quase a seu alcance, mas escapou.

— E você, M-M-Mike? — perguntou Bill. — Quer andar com Bev e com-migo?

Mike balançou a cabeça.

— Tenho que…

Foi nessa hora que Beverly gritou, com um som agudo no meio do silêncio. O domo acima captou o som, e os ecos foram como gargalhada de *banshees*, voando e flutuando ao redor deles.

Bill se virou para ela; Richie largou o casaco que estava pegando nas costas da cadeira; houve um estrondo de vidro quando o braço de Eddie empurrou a garrafa vazia de gim no chão.

Beverly estava se afastando deles, com as mãos esticadas, o rosto branco como papel. Os olhos, fundos em pálpebras roxas, saltaram.

— Minhas *mãos!* — gritou ela. — Minhas *mãos!*

— O que… — Bill começou a perguntar, mas viu o sangue escorrendo lentamente por entre os dedos trêmulos dela. Ele começou a se aproximar e sentiu linhas repentinas de calor doloroso em suas próprias mãos. A dor não era aguda; parecia a dor de um ferimento há muito cicatrizado.

As velhas cicatrizes nas palmas das mãos dele, as que reapareceram na Inglaterra, tinham se aberto e estavam sangrando. Ele olhou para o lado e viu Eddie Kaspbrak olhando estupidamente para as próprias mãos. Elas também estavam sangrando, assim como as de Mike. E de Richie. E de Ben.

— Estamos nisso até o final, não estamos? — disse Beverly. Ela tinha começado a chorar. O som também foi ampliado no vazio da biblioteca; o próprio prédio parecia estar chorando com ela. Bill pensou que ficaria louco se tivesse que ouvir esse som por muito tempo. — Que Deus nos ajude, estamos nisso até o final. — Ela deu um soluço, e um fio de meleca ficou pendurado em uma das narinas. Ela limpou com as costas da mão trêmula, e mais sangue pingou no chão.

— R-R-Rápido! — disse Bill, e segurou a mão de Eddie.

— O que…

— *Rápido!*

Ele esticou a outra mão e, depois de um momento, Beverly a segurou. Ela ainda estava chorando.

— Sim — disse Mike. Ele parecia atordoado, quase drogado. — Sim, está certo, não está? Está começando de novo, não é, Bill? Está começando a acontecer de novo.

— S-S-Sim, eu a-acho…

Mike segurou a mão de Eddie e Richie segurou a outra de Beverly. Por um momento, Ben só ficou olhando para eles, mas então, como um homem em um sonho, ele ergueu as mãos sangrentas de cada lado e entrou entre Mike e Richie. Segurou as mãos deles. O círculo se fechou.

(Ah, Chüd, esse é o Ritual de Chüd, e a Tartaruga não pode nos ajudar)

Bill tentou gritar, mas nenhum som saiu. Ele viu a cabeça de Eddie inclinada para trás, com

os tendões do pescoço se destacando. Os quadris de Bev tremeram duas vezes, com força, como se em um orgasmo curto e intenso como o disparo de uma pistola calibre 22. A boca de Mike se moveu estranhamente, parecendo rir e fazer careta ao mesmo tempo. No silêncio da biblioteca, portas se abriram e fecharam, e o som rolou como bolas de boliche. Na Sala de Periódicos, revistas voaram em um furacão sem vento. No escritório de Carole Danner, a máquina de escrever IBM da biblioteca ganhou vida e digitou:

elesoca

postesdemontão

einsistequevêassombração

elesocapostesde

A fita da máquina emperrou. A máquina de escrever estalou e deu um arroto grave e eletrônico, quando tudo dentro sobrecarregou. Na Estante Dois, a prateleira de livros ocultos se inclinou de repente e derrubou Edgar Cayce, Nostradamus, Charles Fort e os Livros Apócrifos para todos os lados.

Bill teve uma sensação exultante de poder. Ficou levemente ciente de que estava com uma ereção e todos os cabelos de sua cabeça estavam de pé. A sensação de força no círculo completo era incrível.

Todas as portas da biblioteca bateram ao mesmo tempo.

O relógio de piso atrás da bancada de empréstimo de livros soou uma vez.

E então, tudo sumiu, como se alguém tivesse virado um interruptor.

Eles soltaram as mãos e se entreolharam, atordoados. Ninguém disse nada. Conforme a sensação de poder sumia, Bill teve um prenúncio terrível de desgraça que surgiu lentamente. Olhou para os rostos brancos e tensos e para as próprias mãos. Havia sangue espalhado ali, mas os ferimentos que Stan Uris fez com um caco de garrafa de Coca-Cola em agosto de 1958 tinham se fechado e deixaram só as linhas tortas e brancas como arame torcido. Ele pensou: *Aquela foi a última vez que nós sete ficamos juntos… o dia em que Stan fez esses cortes no Barrens. Stan não está aqui; está morto. E esta é a última vez que nós seis vamos ficar juntos. Eu sei, eu sinto.*

Beverly estava espremida nele, tremendo. Bill passou o braço ao redor do corpo dela. Todos olharam para ele, com olhos arregalados e intensos na escuridão. A longa mesa à qual eles se sentaram estava cheia de garrafas vazias, copos e cinzeiros lotados, uma pequena ilha de luz.

— Já chega — disse Bill com voz rouca. — Já nos divertimos bastante por uma noite. Vamos guardar a dança pra outra noite.

— Eu lembrei — disse Beverly. Ela olhou para Bill com olhos enormes e as bochechas pálidas molhadas. — Eu me lembrei de *tudo*. Do meu pai descobrindo sobre vocês. De correr. De Bowers, Criss e Huggins. Como corri. O túnel… os pássaros… a Coisa… *Eu me lembrei de tudo.*

— É — disse Richie. — Eu também.

Eddie assentiu.

— A estação de bombeamento…

Bill disse:

— E como Eddie…

— Vão agora — disse Mike. — Descansem. Está tarde.

— Vem com a gente, Mike — disse Beverly.

— Não. Tenho que trancar a biblioteca. E tenho que anotar algumas coisas… a minuta do encontro, podemos dizer assim. Não vou demorar. Podem ir.

Eles se encaminharam para a porta sem falar muito. Bill e Beverly seguiram juntos, com Eddie, Richie e Ben logo atrás. Bill segurou a porta para ela e ela agradeceu. Quando desceu pelos degraus de granito, Bill pensou no quanto ela parecia jovem, no quanto parecia vulnerável… Ficou ciente com uma certa tristeza de que talvez estivesse se apaixonando por ela de novo. Tentou pensar em Audra, mas Audra parecia distante. Ela estaria dormindo na casa deles em Fleet agora, enquanto o sol estava nascendo e o leiteiro fazia suas entregas.

O céu de Derry estava nublado de novo, e uma névoa baixa ocupava a rua vazia em camadas densas. Mais ao longe encontrava-se a Casa Comunitária de Derry, uma casa vitoriana estreita, alta e envolta em escuridão. Bill pensou: *E o que andava pela Casa Comunitária andava sozinho.* Ele precisou sufocar uma gargalhada louca. Os passos deles pareciam muito altos. A mão de Beverly tocou na dele, e Bill a segurou com gratidão.

— Começou antes de estarmos prontos — disse ela.

— Será que a-a-alguma hora estaríamos p-prontos?

— *Você* estaria, Big Bill.

O toque da mão dela ficou de repente maravilhoso e necessário ao mesmo tempo. Ele se perguntou como seria tocar os seios dela pela segunda vez na vida e desconfiou que saberia antes de esta longa noite acabar. Estavam maiores agora, maduros… e sua mão encontraria pelos quando cobrisse a protuberância do *mons veneris*. Ele pensou: *Eu te amava, Beverly… eu te amo. Ben amava você… ele te ama. Nós amávamos você na época… nós amamos você agora. É melhor amarmos, porque está começando. Não dá pra voltar agora.*

Ele olhou para trás e viu a biblioteca a meio quarteirão de distância. Richie e Eddie estavam no degrau mais alto; Ben estava de pé no de baixo, olhando para eles. As mãos estavam enfiadas nos bolsos, os ombros estavam caídos, e, visto pelas lentes deformadoras da névoa baixa, era quase como se ele tivesse 11 anos de novo. Se pudesse enviar um pensamento para Ben, Bill enviaria o seguinte: É o amor que importa, o cuidado… é sempre o desejo, nunca o tempo. Talvez seja tudo que possamos levar conosco quando saímos do azul para o negro. Consolo frio, talvez, mas é melhor do que consolo nenhum.

— Meu pai sabia — disse Beverly de repente. — Eu cheguei em casa do Barrens um dia e ele simplesmente sabia. Eu já te contei o que ele dizia pra mim quando estava furioso?

— O quê?

— "Eu me preocupo com você, Bevvie." Era isso que ele dizia. "Eu me preocupo *muito*."

— Ela deu uma gargalhada e tremeu ao mesmo tempo. — Acho que ele pretendia me machucar, Bill. Quero dizer… ele já tinha me machucado antes, mas nessa última vez foi diferente. Ele estava… bem, de muitas formas, ele estava agindo como um homem estranho. Eu o amava. Eu o amava muito, mas…

Ela olhou para ele, talvez querendo que ele dissesse por ela. Ele não diria; era uma coisa que ela mesma teria que dizer, mais cedo ou mais tarde. Mentiras e enganações a si mesmos eram coisas que eles não podiam permitir.

— Eu também o odiava — disse ela, e a mão apertou convulsivamente a de Bill por um longo segundo. — Nunca contei isso pra ninguém antes. Pensei que Deus mandaria um raio pra me matar se eu dissesse em voz alta.

— Então diz de novo.

— Não, eu…

— Diz. Vai doer, mas talvez esteja pútrido aí dentro por tempo suficiente. Diz.

— Eu odiava meu pai — disse ela, e começou a soluçar sem parar. — Eu odiava ele, tinha medo dele, odiava ele, nunca era capaz de ser uma garota boa o bastante para agradar ele e odiava ele, mas amava também.

Ele parou e a abraçou com força. Os braços dela envolveram o corpo dele em um aperto em pânico. As lágrimas dela molharam a lateral do pescoço dele. Ele estava muito consciente do corpo dela, maduro e firme. Afastou o tronco do dela de leve, sem querer que ela sentisse a ereção que estava surgindo… mas ela se apertou contra ele.

— A gente tinha passado a manhã lá no Barrens — disse ela —, brincando de pique ou de alguma coisa parecida. Alguma coisa *inofensiva.* Nem conversamos sobre a Coisa naquele dia, pelo menos não naquele dia… mas chegou uma época em que a gente falava sobre a Coisa todos os dias. Lembra?

— Lembro — disse ele. — Em uma é-época. Lembro.

— Estava nublado… e quente. Brincamos durante quase toda a manhã. Fui pra casa por volta das 11h30. Pensei em comer um sanduíche e uma tigela de sopa depois de tomar um banho. Depois, eu voltaria e brincaria mais. Meus pais estavam trabalhando. Mas ele estava lá. Ele estava em casa. Ele

2

Rua Lower Main — 11h30

a jogou do outro lado da sala antes mesmo de ela ter passado completamente pela porta. Um grito assustado saiu de dentro dela e foi interrompido quando ela bateu na parede com força suficiente

para deixar seu ombro dormente. Ela caiu no sofá bambo e olhou ao redor desesperada. A porta do corredor da frente bateu. O pai estava de pé logo atrás.

— Eu me preocupo com você, Bevvie — disse ele. — Às vezes, eu me preocupo *muito*. Você sabe. Eu falo isso, não falo? Pode apostar que falo.

— Papai, o que…

Ele estava andando lentamente na direção dela pela sala, com o rosto pensativo, triste, fatal. Ela não queria ver essa última característica, mas estava lá como o brilho cego de terra em água parada. Ele estava mordendo distraidamente a dobra de um dedo da mão direita. Estava com a calça cáqui e, quando ela olhou para baixo, viu que os sapatos de cano alto estavam deixando marcas no tapete da mãe. *Vou ter que pegar o aspirador*, pensou ela com incoerência. *Vou ter que aspirar isso. Se ele me deixar capaz de aspirar. Se ele…*

Era lama. Lama negra. A mente dela derrapou com alarme. Ela estava de volta no Barrens com Bill, Richie, Eddie e os outros. Havia lama preta e viscosa como a dos sapatos do pai lá no Barrens, no local pantanoso onde as coisas que Richie chamava de bambu cresciam em um bosque branco esqueletal. Quando o vento soprava, os galhos batiam uns nos outros secamente e produziam sons como tambores vodu, e o pai dela tinha ido ao Barrens? O pai dela…?

WHAP!

A mão dele disparou em uma órbita ampla e atingiu o rosto dela. A cabeça dela bateu na parede. Ele prendeu os polegares no cinto e olhou para ela com aquela expressão de curiosidade morta e desconectada. Ela sentiu um filete de sangue escorrendo quente pelo canto esquerdo do lábio inferior.

— Eu vi você ficando grande — disse ele, e ela pensou que ele diria mais alguma coisa, mas aquilo pareceu ser tudo naquele momento.

— Papai, de que você está falando? — perguntou ela com voz baixa e trêmula.

— Se você mentir pra mim, vou bater em você até só sobrar um fiapo de vida, Bevvie — disse ele, e ela percebeu com horror que ele não estava olhando para ela; estava olhando para a gravura de Currier e Ives acima da cabeça dela, na parede acima do sofá. A mente dela derrapou loucamente de novo e ela voltou a ter 4 anos e estava sentada na banheira com o barquinho azul de plástico e o sabonete do Popeye; o pai, tão grande e tão amado, estava ajoelhado ao lado, usando calça cinza de sarja e camiseta de alças, com um paninho na mão e um copo de refrigerante de laranja na outra, ensaboando as costas dela e dizendo: *Me deixa ver essas orelhas, Bevvie; sua mãe precisa de batatas pro jantar.* E ela conseguia ouvir seu

eu pequeno rindo, olhando para o rosto um pouco grisalho que ela acreditava na época que devia ser eterno.

— Eu… não vou mentir, papai — disse ela. — Qual é o problema? — A visão que ela tinha dele estava desmontando gradualmente quando as lágrimas surgiram.

— Você esteve no Barrens com um grupo de meninos?

O coração dela pulou; os olhos desceram até os sapatos cobertos de lama de novo. Aquela lama preta e grudenta. Se você pisasse nela muito fundo, ela podia sugar seu tênis ou seu mocassim do pé… e tanto Richie quanto Bill acreditavam que, se você descesse completamente, ela virava areia movediça.

— Eu brinco lá embaixo às vez…

Whap! fez a mão coberta de calos duros. Ela gritou, com dor, com medo. Aquele olhar no rosto dele a assustava, e a forma como ele não olhava para ela também a assustava. Havia alguma coisa errada com ele. Ele estava piorando… E se ele pretendesse matá-la? E se

(ah, pare, Beverly, ele é seu PAI e PAIS não matam FILHAS)

ele perdesse o controle? E se…

— O que você deixou eles fazerem com você?

— Fazer? O que…? — Ela não fazia ideia do que ele queria dizer.

— Tira a calça.

A confusão dela aumentou. Nada que ele dizia parecia ligado a nada. Tentar acompanhar a estava deixando enjoada… quase com vontade de vomitar.

— O que…? Por que…?

Ele ergueu a mão; ela se encolheu.

— Tira a calça, Bevvie. Quero ver se você está intacta.

Agora havia uma nova imagem, mais maluca do que as outras: ela se viu tirando a calça jeans e uma das pernas se soltando junto. O pai tentando bater nela com o cinto enquanto ela tentava pular para longe dele com a perna boa. Papai gritando: *Eu sabia que você não estava intacta! Eu sabia! Eu sabia!*

— Papai, não sei o que…

A mão dele desceu, não batendo desta vez, mas agarrando. Afundou no ombro dela com força furiosa. Ela gritou. Ele a puxou para cima e, pela primeira vez, olhou diretamente nos olhos dela. Ela gritou de novo pelo que viu lá. Era… *nada*. Seu pai tinha sumido. E Beverly entendeu de repente que estava sozinha no apartamento com a Coisa, sozinha com a Coisa nessa manhã tranquila de agosto. Não havia a sensação densa de poder e maldade pura que ela sentiu na casa da rua Neibolt uma semana e meia antes, pois a Coisa tinha sido diluída de alguma maneira pela humanidade essencial do pai, mas a Coisa estava ali, trabalhando através dele.

Ele a jogou de lado. Ela bateu na mesa de centro, tropeçou e caiu esparramada no chão com um grito. É assim que acontece, pensou ela. *Vou contar para Bill, para ele entender. Está em todas as partes de Derry. Ela simplesmente… ocupa os espaços vazios, só isso.*

Ela rolou. O pai estava andando na direção dela. Ela se empurrou para longe dele sentada no chão, com cabelo nos olhos.

— Eu sei que você esteve lá embaixo — disse ele. — Me contaram. Eu não acreditei. Não acreditei que minha Bevvie andaria com uma gangue de garotos. Mas vi você hoje de manhã. Minha Bevvie com um bando de garotos. Com menos de 12 anos e já andando com um bando de garotos! — Esse último pensamento pareceu provocar uma nova onda de ira; fez o corpo dele tremer como se fosse eletricidade. — *Antes mesmo de fazer 12 anos!* — gritou ele, e deu um chute na coxa dela que a fez gritar. Seu maxilar se fechou após esse fato ou conceito ou o que quer que fosse para ele como o maxilar de um cachorro faminto sobre um pedaço de carne. — *Antes mesmo de fazer 12 anos! Antes mesmo de fazer 12 anos! Antes mesmo de fazer 12 ANOS!*

Ele deu um chute. Beverly se afastou. Eles tinham se deslocado agora para a cozinha do apartamento. A bota dele bateu na gaveta debaixo do forno, o que fez as panelas e potes dentro balançarem.

— Não fuja de mim, Bevvie — disse ele. — É melhor não fazer isso, senão vai ser pior pra você. Acredite em mim. Acredite no seu pai. Isso é sério. Andar com os garotos, deixar eles fazerem Deus sabe o que com você, antes mesmo dos 12 anos, isso é sério, Cristo sabe.

Ele a segurou e puxou-a pelo ombro até que ficasse de pé.

— Você é uma garota bonita — disse ele. — Tem muita gente que fica feliz em estragar uma garota bonita. Tem muitas garotas bonitas dispostas a serem estragadas. Você foi piranha mirim com aqueles garotos, Bevvie?

Ela enfim entendeu o que a Coisa colocou na cabeça dele… só que parte dela sabia que o pensamento devia estar lá o tempo todo; que a Coisa devia só ter usado as ferramentas que estavam lá esperando para serem aproveitadas.

— Não, papai. Não, papai…

— *Eu vi você fumando!* — gritou ele. Desta vez, ele bateu nela com a palma da mão, com força suficiente para mandá-la cambaleando para trás em passos trôpegos até a mesa da cozinha, onde ela caiu com uma pontada de dor na lombar. O saleiro e o pimenteiro caíram no chão. O pimenteiro quebrou. Flores pretas desabrocharam e desapareceram aos olhos dela. Os sons pareceram profundos demais. Ela viu o rosto dele. Alguma coisa no rosto dele. Ele estava olhando para o peito dela. Ela percebeu de repente que a blusa tinha saído de dentro da calça e que não estava usando sutiã (até o momento ela só tinha um, que era top de ginástica). A mente dela derrapou para a casa na rua Neibolt, quando Bill deu a camisa a ela. Ela ficou ciente da forma como os seios empurravam o tecido fino de algodão, mas os olhares ocasionais e de soslaio deles não a incomodaram; eles pareceram perfeitamente naturais. E o olhar de *Bill* pareceu mais do que natural; pareceu caloroso e desejado, mesmo que profundamente perigoso.

Agora, ela sentiu a culpa se misturar ao terror. Será que o pai estava tão errado? Ela não tinha

(você foi piranha mirim com aqueles garotos)

tido pensamentos? Pensamentos ruins? Pensamentos do que quer que ele estivesse falando?

Não é a mesma coisa! Não é a mesma coisa que a forma

(você foi piranha mirim)

como ele está me olhando agora! Não é a mesma coisa!

Ela enfiou a blusa dentro da calça.

— Bevvie?

— Papai, nós só *brincamos*. Só isso. Nós brincamos… nós… nós não fazemos nada como… nada *ruim*. Nós…

— Eu vi você fumando — disse ele de novo enquanto andava na direção dela. Os olhos dele observaram o peito dela e os quadris estreitos e sem curvas. Ele cantarolou de repente, com voz aguda de estudante que a assustou ainda mais: — *Uma garota que masca chiclete também fuma! Uma garota que fuma também bebe! E uma garota que bebe, todo mundo sabe o que uma garota assim faz!*

— *EU NÃO FIZ NADA!* — gritou ela para ele quando as mãos dele desceram na direção de seus ombros. Ele não estava beliscando nem machucando agora. As mãos estavam delicadas. E isso era mais assustador do que tudo.

— Beverly — disse ele com a lógica inargumentável e louca dos completamente obcecados. — Eu vi você com garotos. Agora você quer me dizer o que uma garota faz com garotos naquele lixo de lugar se não é aquilo que uma garota faz deitada de costas?

— *Me deixa em paz!* — gritou ela para ele. A raiva subiu de um poço profundo do qual ela nunca desconfiou. A raiva criou uma chama azul-amarelada na cabeça dela. Ameaçou os pensamentos dela. Todas as vezes que ele a tinha assustado; todas as vezes que ele a tinha envergonhado; todas as vezes que ele a tinha machucado. — *Só me deixa em paz!*

— Não fale assim com seu papai — disse ele, parecendo assustado.

— *Eu não fiz o que você está dizendo! Nunca fiz!*

— Talvez sim. Talvez não. Vou verificar pra ter certeza. Sei fazer isso. Tira a calça.

— *Não.*

Os olhos dele se arregalaram e deixaram à mostra a córnea amarelada em torno das íris azuis.

— *O que* você disse?

— Eu disse *não*. — Os olhos dele estavam fixos nos dela, e talvez ele tenha visto a raiva ardente ali, a onda intensa de rebelião. — Quem contou pra você?

— Bevvie…

— Quem contou que nós brincamos lá? Foi um estranho? Foi um homem vestido de laranja e prateado? Ele usava luvas? Parecia um palhaço mesmo não sendo palhaço? Qual era o nome dele?

— Bevvie, é melhor parar…

— Não. É melhor *você* parar — disse ela para ele.

Ele a golpeou com a mão de novo, não aberta, mas desta vez fechada, com intenção de quebrar alguma coisa. Beverly desviou. O punho dele passou assobiando por cima da cabeça dela e bateu na parede. Ele gritou, soltou-a e colocou a mão na boca. Ela recuou para longe dele em passinhos rápidos.

— *Volte aqui!*

— Não — disse ela. — Você quer me machucar. Eu te amo, papai, mas te odeio quando fica assim. Você não pode fazer mais isso. Ela está fazendo você fazer, mas *você* deixou a Coisa entrar.

— Não sei de que você está falando — disse ele —, mas é melhor você vir até aqui. Não vou mandar mais.

— Não — disse ela, começando de novo a chorar.

— Não me faça ir até aí pegar você, Bevvie. Você vai ser uma garotinha muito arrependida se eu tiver que fazer isso. Venha até aqui.

— Me diz quem te contou — disse ela — e eu vou.

Ele pulou para cima dela com agilidade tão felina que, apesar de ela desconfiar que um pulo assim estava a caminho, quase foi pega. Ela girou a maçaneta da porta da cozinha com dificuldade, abriu a porta o bastante para conseguir passar e saiu correndo pelo corredor em direção à porta da frente, saiu correndo em um sonho de pânico, como correria da sra. Kersh 27 anos depois. Atrás dela, Al Marsh se chocou contra a porta, acabou fechando-a com o movimento e a rachou no centro.

— *VOLTA AQUI AGORA MESMO, BEVVIE!* — gritou ele, abrindo a porta com toda força e indo atrás dela.

A porta da frente estava fechada com a tranca; ela tinha entrado pelos fundos. Uma das mãos trêmulas mexeu na tranca enquanto a outra girava a maçaneta sem resultado. Atrás dela, o pai berrou de novo; o som de um

(tira essa calça piranha mirim)

animal. Ela girou a tranca e a porta finalmente se abriu. A respiração quente descia e subia pela garganta dela. Ela olhou por cima do ombro e viu-o logo atrás, esticando a mão, sorrindo e fazendo uma careta, com os dentes amarelos de cavalo parecendo uma armadilha naquela boca.

Beverly passou correndo pela porta de tela e sentiu os dedos dele deslizarem pelas costas da blusa sem conseguir agarrar. Ela voou pelos degraus, perdeu o equilíbrio e caiu estatelada na calçada, ralando os dois joelhos.

— *VOLTA AQUI AGORA BEVVIE, SENÃO JURO POR DEUS QUE VOU ESFOLAR VOCÊ!*

Ele desceu os degraus e ela conseguiu ficar de pé, com buracos nas pernas da calça jeans,

(tira a calça)

os joelhos com sangue escorrendo e as terminações nervosas expostas cantando “Onward Christian Soldiers”. Ela olhou para trás, e ele já estava vindo de novo, Al Marsh, zelador e

porteiro, um homem grisalho de camisa e calça cáqui com bolsos com abas, um chaveiro preso ao cinto por uma corrente, o cabelo voando. Mas ele não estava nos olhos dele, a essência do homem que esfregava as costas dela e socava a barriga dela e fazia as duas coisas porque se preocupava com ela, se preocupava muito, o homem que uma vez tentou fazer trança no cabelo dela quando ela tinha 7 anos, fez um serviço horroroso e ficou rindo com ela por causa do jeito como o penteado ficou torto, o homem que sabia fazer um *eggnog* com canela aos domingos que era mais gostoso do que qualquer coisa que você pudesse comprar por 25 centavos no Derry Ice Cream Bar, o homem-pai, o macho da vida dela, que passava uma mensagem confusa daquele outro estado sexual. Nada daquilo estava nos olhos dele agora. Ela viu puro instinto assassino ali. Ela viu a Coisa ali.

Ela correu. Ela correu da Coisa.

O sr. Pasquale, sobressaltado, ergueu o olhar do ponto em que estava molhando o gramado e ouvindo um jogo do Red Sox em um rádio portátil na amurada da varanda. Os filhos dos Zinnerman se afastaram do Hudson Hornet que compraram por 25 dólares e lavavam quase todos os dias. Um deles estava segurando uma mangueira, o outro, um balde com água e sabão. Os dois estavam boquiabertos. A sra. Denton olhou do apartamento de segundo andar, com um vestido de uma das seis filhas no colo e mais roupas para serem consertadas em uma cesta no chão, com a boca cheia de alfinetes. O pequeno Lars Theramenius puxou o carrinho Red Ball Flyer da calçada rachada e ficou de pé no gramado de Bucky Pasquale. Ele começou a chorar quando Bevvie, que tinha passado uma paciente manhã naquela primavera ensinando a ele como amarrar os tênis de forma que permanecessem amarrados, passou correndo por ele gritando e com olhos arregalados. Um momento depois, o pai dela passou gritando com ela, e Lars, que tinha 3 anos e morreria 12 anos depois em um acidente de moto, viu uma coisa terrível e desumana no rosto do sr. Marsh. Ele teve pesadelos pelas três semanas seguintes. Neles, ele via o sr. Marsh virando uma aranha dentro das roupas.

Beverly correu. Ela estava perfeitamente ciente de que talvez estivesse correndo para salvar a própria vida. Se o pai a pegasse agora, não importaria o fato de eles estarem na rua. As pessoas faziam coisas loucas em Derry às vezes; ela não precisava ler os jornais nem saber a história peculiar da cidade para entender isso. Se ele a pegasse, a estrangularia, bateria nela ou a chutaria. E quando acabasse, alguém viria prendê-lo e ele ficaria sentado em uma cela como o padrasto de Eddie Corcoran estava, atordoado e sem entender.

Ela correu na direção do centro e passou por cada vez mais pessoas no caminho. Elas ficaram olhando, primeiro para ela, depois para o pai correndo atrás, e pareceram surpresas, algumas até impressionadas. Mas o que surgia nos rostos delas não passava disso. Elas olhavam e voltavam a fazer o que estavam fazendo antes. O ar circulando nos pulmões dela estava ficando pesado agora.

Ela atravessou o canal, com os pés batendo no cimento enquanto carros retumbavam sobre a madeira que formava a ponte à direita. À esquerda, ela conseguia ver o semicírculo de pedra onde o canal entrava na área que passava por baixo da cidade. Ela atravessou a rua Main de

repente, alheia às buzinas e aos freios cantando. Ela foi para a direita porque o Barrens ficava naquela direção. Ainda faltava quase um quilômetro e meio, e se ela ia chegar lá, teria que abrir distância do pai de alguma forma na extenuante ladeira da colina Up-Mile (ou uma das ruas laterais ainda mais íngremes). Mas era a única opção.

— *VOLTA AQUI SUA PUTINHA ESTOU AVISANDO!*

Quando chegou à calçada do outro lado da rua, ela lançou mais um olhar para trás, com o peso do cabelo ruivo passando por cima do ombro com o movimento. O pai estava atravessando a rua, tão alheio ao tráfego quanto ela, com o rosto vermelho e brilhando de suor.

Ela entrou em uma viela que passava atrás da Warehouse Row, que eram os fundos de prédios que davam para a colina Up-Mile: Star Beef, Armour Meatpacking, Hemphill Storage & Warehousing, Eagle Beef & Kosher Meats. A viela era estreita e com piso de pedra, e ainda mais estreita por causa das latas e dos latões de lixo colocados ali. As pedras estavam escorregadias com só Deus sabia que tipo de lixo e restos. Havia uma mistura de cheiros, alguns insossos, alguns intensos, alguns simplesmente horríveis… mas todos remetiam a carne e matança. Moscas voavam em nuvens. De dentro de alguns prédios ela conseguia ouvir o som apavorante de serras de cortar ossos. Os pés tropeçaram nas pedras escorregadias. Um quadril bateu em uma lata de lixo galvanizada, e pacotes de tripas enroladas em jornal caíram como flores selvagens feitas de carne.

— *VOLTA AQUI AGORA MESMO BEVVIE! ESTOU FALANDO AGORA! NÃO PIORE AS COISAS, GAROTA!*

Dois homens descansavam na porta de carga e descarga da Kirshner Packing Works, mastigando sanduíches, com marmitas abertas por perto.

— Você está em situação complicada, garota — disse um deles sem entusiasmo. — Parece que vai levar uma coça do seu pai. — O outro riu.

Ele estava chegando perto. Ela conseguia ouvir os passos trovejantes e a respiração pesada quase atrás dela agora; ao olhar para a direita, ela conseguiu ver as asas negras da sombra dele voando pela cerca alta daquele lado.

Mas ele gritou de surpresa e fúria quando seus pés deslizaram e ele caiu sobre as pedras. Levantou-se um momento depois, não mais berrando as palavras, mas dando um grito agudo para expressar a fúria incoerente enquanto os homens na porta riam e davam tapas nas costas um do outro.

A viela virou para a esquerda… e Beverly parou de repente, com a boca aberta de consternação. Um caminhão de lixo da cidade estava parado na entrada da viela. Não havia nem 25 centímetros de espaço de cada lado. O motor estava ligado. Por baixo daquele som, quase inaudível, ela conseguia captar o murmúrio de conversa vindo da cabine do caminhão. Mais homens no intervalo do almoço. Faltavam só três ou quatro minutos para o meio-dia; em pouco tempo, o relógio do fórum começaria a anunciar a virada da hora.

Ela conseguia ouvi-lo chegando, se aproximando. Ela se jogou para a frente e começou a

passar por baixo do caminhão, usando os cotovelos e os joelhos ralados para rastejar. O fedor de escapamento e diesel misturado com o cheiro de carne crua provocou uma espécie de náusea nela. De certa forma, a facilidade com que ela estava se deslocando era pior: ela estava deslizando em uma camada de gosma e água de lixo. Ela continuou a se movimentar e chegou a se afastar muito do chão em um momento, quando suas costas tocaram no cano de descarga quente do caminhão. Ela precisou engolir um grito.

— Beverly? Você está aí embaixo? — Cada palavra vinha separada da seguinte por uma respiração ofegante. Ela olhou para trás e viu os olhos dele quando ele se inclinou e olhou debaixo do caminhão.

— Me deixa… em paz! — ela conseguiu dizer.

— Sua *piranha* — respondeu ele com voz rouca e cheia de cuspe. Ele se jogou no chão, com as chaves tilintando, e começou a rastejar atrás dela, usando um movimento grotesco de natação para se impulsionar.

Beverly saiu de debaixo da cabine do caminhão, agarrou um dos pneus enormes (seus dedos entraram em uma reentrância até a segunda dobra) e se levantou. Ela bateu com a base das costas no para-choque da frente e saiu correndo de novo, em direção à colina Up-Mile agora, com a blusa e a calça jeans manchadas de gosma e fedendo mais do que o lixão. Ela olhou para trás e viu as mãos e os braços com sardas do pai saírem de debaixo da cabine do caminhão como as garras de um monstro imaginário da infância saindo de debaixo da cama.

Rapidamente e quase sem pensar, ela entrou entre a Feldman's Storage e o Anexo dos Irmãos Tracker. Esse espaço, estreito demais para ser chamado de viela, estava cheio de caixas quebradas, ervas daninhas, girassóis e, é claro, mais lixo. Beverly mergulhou atrás de uma pilha de caixas e se agachou. Alguns momentos depois, viu o pai passar pela entrada do corredor indo em direção à colina.

Beverly se levantou e correu para a extremidade do corredor. Havia uma cerca estilo de galinheiro ali. Ela escalou até o alto, passou por cima e se esforçou para descer do outro lado. Agora estava em território do Seminário Teológico de Derry. Ela correu pelo gramado bem cuidado e contornou a lateral do prédio. Conseguia ouvir alguém lá dentro tocando alguma coisa clássica em um órgão. As notas pareciam entalhar sua calma e agradabilidade no ar parado.

Havia uma cerca viva alta entre o seminário e a rua Kansas. Ela espiou por entre as plantas e viu o pai do outro lado da rua, respirando pesadamente, com manchas de suor escurecendo a camisa debaixo dos braços. Ele estava olhando ao redor com as mãos nos quadris. O chaveiro brilhava sob o sol.

Beverly o observou, também respirando pesadamente, com o coração disparado na garganta como o de um coelho. Ela estava com muita sede e seu cheiro a enojava. *Se eu fosse um desenho em quadrinhos*, pensou ela distraidamente, *haveria aquelas listrinhas onduladas de fedor saindo de mim.*

O pai atravessou lentamente para o lado do seminário.

Beverly parou de respirar.

Por favor, Deus, eu não consigo mais correr. Me ajude, Deus. Não deixe que ele me encontre.

Al Marsh andou lentamente pela calçada e passou diretamente pelo local onde a filha estava agachada, do outro lado da cerca viva.

Querido Deus, não permita que ele sinta meu cheiro!

Ele não sentiu, talvez porque, depois de uma queda na viela e de rastejar embaixo do caminhão, Al fedia tanto quanto ela. Ele continuou a andar. Ela o viu ir para a colina Up-Mile até estar fora de seu campo de visão.

Beverly se levantou devagar. Suas roupas estavam cobertas de lixo, seu rosto estava sujo, suas costas doíam no ponto da queimadura no cano de descarga do caminhão. Essas coisas físicas não eram nada perto dos pensamentos confusos em sua cabeça; ela sentia que tinha velejado para fora da beira do mundo e nenhum dos padrões normais de comportamento pareciam ser mais válidos. Ela não conseguia imaginar ir para casa, mas não conseguia imaginar *não* ir para casa. Ela tinha desafiado o pai, *desafiado*...

Ela tinha que afastar aquele pensamento, porque ele a fazia se sentir fraca, trêmula e enjoada. Ela amava o pai. Um dos Dez Mandamentos não era "Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os seus dias na terra"? Sim. Mas ele não era ele mesmo. Não era seu pai. Era, na verdade, uma pessoa completamente diferente. Um impostor. Ela…

De repente, ela ficou gelada, quando uma pergunta terrível surgiu na mente dela: Será que isso estava acontecendo com os outros? Ou alguma coisa parecida? Ela tinha que avisá-los. Eles tinham ferido a Coisa, e talvez agora a Coisa estivesse tentando garantir que eles jamais fizessem isso de novo. E para onde mais ela podia ir? Eles eram os únicos amigos que ela tinha. Bill. Bill saberia o que fazer. Bill diria a ela o que fazer, forneceria o *e agora*.

Ela parou no ponto em que a calçada do seminário se juntava com a da rua Kansas e espiou pela beirada. O pai tinha mesmo ido embora. Ela virou para a direita e começou a andar pela rua Kansas na direção do Barrens. Era provável que nenhum deles estivesse lá agora; eles estariam em casa almoçando. Mas voltariam. Enquanto isso, ela podia ir para a sede do clube para tentar se acalmar um pouco. Ela deixaria a janelinha bem aberta para poder ter um pouco de luz do sol e talvez até conseguisse dormir. Seu corpo todo e sua mente exausta aceitaram o pensamento com ansiedade. Dormir, sim, isso seria bom.

Ela baixou a cabeça quando passou pelas últimas casas antes de o terreno ficar íngreme demais para casas e desceu para o Barrens; o Barrens, onde, por mais incrível que pudesse parecer a ela, o pai andou espionando e se escondendo.

Ela não ouviu passos atrás dela. Os garotos se esforçaram muito para fazer silêncio. Ela já tinha corrido deles antes; eles não queriam que isso acontecesse de novo. Eles se aproximaram cada vez mais dela, andando com passos de gato. Arroto e Victor estavam sorrindo, mas o rosto de Henry estava vazio e sério. O cabelo estava despenteado e desgrenhado. Os olhos estavam tão desfocados quanto os de Al Marsh no apartamento. Ele

estava com um dedo sujo sobre os lábios em um gesto de silêncio conforme eles diminuíam a distância de 20 metros para 15 e depois para dez.

Durante todo aquele verão, Henry estava seguindo com firmeza acima de algum tipo de abismo mental, andando sobre uma ponte que ia ficando cada vez mais estreita. No dia em que permitiu que Patrick Hockstetter o acariciasse, aquela ponte se estreitou e virou uma corda bamba. A corda bamba arrebentou naquela manhã. Ele desceu para o jardim, quase nu, usando apenas a cueca amarelada, e olhou para o céu. O fantasma da lua da noite anterior ainda estava lá, e quando ele olhou, a lua mudou de repente para uma cara sorridente de esqueleto. Henry caiu de joelhos ante esse rosto, exaltado com terror e alegria. Vozes-fantasma saíam da lua. As vozes mudavam, às vezes pareciam se misturar em um balbuciar suave que mal era compreensível… mas ele sentia a verdade, que era que todas essas vozes eram uma voz, uma inteligência. A voz mandou que ele procurasse Arroto e Victor e que fossem para a esquina da rua Kansas com a avenida Costello por volta do meio-dia. A voz disse para ele que ele saberia o que fazer no momento. E naquela hora, a vaca surgiu saltitando. Ele esperou para ouvir o que a voz o mandaria fazer em seguida. A resposta veio quando eles estavam diminuindo a distância. A voz não veio da lua, mas da grade do bueiro pelo qual eles estavam passando. A voz estava baixa, mas clara. Arroto e Victor olharam para a grade de uma forma atordoada e quase hipnotizada, depois para Beverly de novo.

Mate-a, disse a voz do bueiro.

Henry Bowers enfiou a mão no bolso da calça jeans e tirou um instrumento fino de 20 centímetros com camadas de imitação de marfim nas laterais. Um pequeno botão cromado brilhava em uma ponta desse duvidoso *objet d'art*. Henry o apertou. Uma lâmina de 15 centímetros surgiu em uma fenda no cabo. Ele balançou a faca na palma da mão. Começou a andar um pouco mais rápido. Victor e Arroto, ainda com aparência vidrada, aumentaram a velocidade de caminhada para acompanhá-lo.

Beverly não os *ouviu*, precisamente; não foi isso que a fez virar na hora em que Henry Bowers estava diminuindo a distância. Com os joelhos meio flexionados, andando com passos arrastados e com um sorriso grudado no rosto, Henry estava silencioso como um índio. Não; foi apenas uma sensação, clara, direta e poderosa demais para ser negada, de

3

Biblioteca Pública de Derry — 1h55

alguém estar observando.

Mike Hanlon colocou a caneta de lado e olhou pela forma de tigela invertida que era o

aposento principal da biblioteca. Ele viu ilhas de luz emitidas pelos globos pendurados; viu livros desaparecendo na escuridão; viu as escadarias de ferro com as espirais graciosas que seguiam até as estantes. Não viu nada fora do lugar.

Ao mesmo tempo, não acreditava estar sozinho ali. Não mais.

Depois que os outros foram embora, Mike arrumou tudo com um cuidado que era puro hábito. Ele estava no piloto automático, com a mente a um milhão de milhas (e 27 anos) de distância. Ele limpou cinzeiros, jogou fora garrafas vazias de bebida (colocando uma camada de lixo por cima para Carole não se assustar) e guardou as latas retornáveis em uma caixa atrás da escrivaninha. Depois, pegou uma vassoura e varreu os restos da garrafa de gim que Eddie quebrou.

Quando a mesa estava limpa, ele foi até a Sala de Periódicos e pegou revistas espalhadas. Enquanto fazia essas tarefas simples, sua mente relembrou as histórias que eles contaram, concentrando-se mais, talvez, no que eles tinham deixado de fora. Eles acreditavam que se lembravam de tudo; ele achava que Bill e Beverly quase lembravam. Mas havia mais. Voltaria à mente deles… se a Coisa lhes desse tempo. Em 1958, não houve oportunidade de preparação. Eles conversaram infinitamente, com as conversas interrompidas apenas pela guerra de pedras e pelo ato de heroísmo em grupo no número 29 da rua Neibolt, e, no final, talvez não tivessem feito mais do que falar. Mas então chegou o dia 14 de agosto, e Henry e os amigos simplesmente correram atrás deles até o esgoto.

Talvez eu devesse ter contado pra eles, pensou ele, colocando as últimas revistas no lugar. Mas alguma coisa o fazia se opor à ideia; a voz da Tartaruga, supunha ele. Talvez fosse parte de tudo, e talvez essa sensação de circularidade também. Talvez o último ato também fosse se repetir de alguma maneira atualizada. Ele tinha separado lanternas e capacetes de mineiro para o dia seguinte; estava com as plantas do esgoto e do sistema de drenagem de Derry enroladas e presas com elásticos no mesmo armário. Mas, quando eles eram crianças, toda a conversa e todos os planos, parciais ou não, não serviram de nada no final; no final, eles foram simplesmente perseguidos até os esgotos, levados ao confronto que se seguiu. Será que isso aconteceria de novo? Ele tinha passado a acreditar que a fé e o poder eram intercambiáveis. Será que a verdade final era mais simples? Que nenhum ato de fé era possível até você ser jogado no meio das coisas como um recém-nascido sendo empurrado sem paraquedas do útero da mãe? Quando você estava caindo, era forçado a acreditar no paraquedas, era forçado à existência, não? Puxar a cordinha enquanto você caía se tornava sua declaração final sobre o assunto, de uma maneira ou de outra.

Jesus Cristo, é o Fulton Sheen preto, pensou Mike, e deu uma gargalhada.

Mike limpou, arrumou e pensou seus pensamentos, enquanto outra parte de seu cérebro esperava que ele terminasse e percebesse estar cansado o suficiente para ir para casa e dormir por algumas horas. Mas quando ele finalmente terminou, viu-se tão desperto quanto antes. Assim, ele foi até a única sala fechada atrás do escritório, destrancou a porta de grade com uma chave do chaveiro e entrou. Essa sala, supostamente à prova de fogo quando a porta do

estilo de cofres estava fechada e trancada, continha as valiosas primeiras edições da biblioteca, autografadas por autores há muito mortos (dentre as edições autografadas havia *Moby Dick* e *Folhas de relva*, de Walt Whitman), assuntos históricos relacionados à cidade e os papéis pessoais dos bem poucos escritores que moraram e trabalharam em Derry. Se tudo isso terminasse bem, Mike esperava convencer Bill a deixar seus manuscritos para a Biblioteca Pública de Derry. Ao andar no terceiro corredor da sala sob lustres de latão e sentir os aromas familiares de biblioteca de mofo e poeira e papel envelhecido, ele pensou: *Quando eu morrer, acho que vou com um cartão de biblioteca em uma das mãos e um carimbo de ATRASADO na outra. Bem, talvez haja maneiras piores.*

Ele parou na metade desse terceiro corredor. O caderno com os cantos marcados, que continha as histórias anotadas de Derry e suas reflexões perturbadas, estava guardado entre o *Old Derry-Town* de Fricke e o *History of Derry* de Michaud. Ele tinha enfiado o caderno tão para trás que estava quase invisível. Ninguém conseguiria encontrar sem querer, só se estivesse procurando.

Mike pegou o caderno e voltou até a mesa onde eles fizeram a reunião, fazendo uma pausa para apagar as luzes na salinha e retrancar a porta. Ele se sentou e folheou as páginas que tinha escrito, pensando no quanto era uma declaração estranha e aleijada: parte história, parte escândalo, parte diário, parte confessionário. Ele não escrevia nada desde o dia 6 de abril. *Preciso comprar logo um caderno*, pensou ele enquanto folheava as poucas páginas em branco que sobraram. Ele pensou com perplexidade por alguns momentos no primeiro rascunho de Margaret Mitchell de *E o vento levou*, escrito à mão em pilhas e pilhas e pilhas de cadernos escolares de redação. Em seguida, abriu a caneta e escreveu *31 de maio* duas linhas abaixo do último texto. Fez uma pausa, olhou vagamente pela biblioteca vazia e começou a escrever sobre tudo que aconteceu nos três primeiros dias, começando com a ligação para Stanley Uris.

Ele escreveu em silêncio durante 15 minutos, mas logo a concentração começou a sumir. Ele fazia pausas cada vez mais frequentes. A imagem da cabeça cortada de Stan Uris na geladeira tentou atrapalhar, a cabeça sangrenta de Stan, com a boca aberta e cheia de penas, caindo da geladeira e rolando pelo chão na direção dele. Ele a afastou com esforço e continuou a escrever. Cinco minutos depois, ele levantou a cabeça de repente e olhou ao redor, convencido de que veria aquela cabeça rolando pelo piso antigo preto e vermelho do salão principal, com olhos vidrados e ávidos como em uma cabeça empalhada de cervo.

Não havia nada. Nada de cabeça, nenhum som exceto os batimentos abafados de seu coração.

Você precisa se controlar, Mikey. São os nervos, só isso. Mais nada.

Mas não adiantava. As palavras começaram a fugir dele, os pensamentos pareciam pairar fora do alcance. Havia uma pressão na sua nuca que pareceu ficar mais pesada.

Estou sendo observado.

Ele colocou a caneta sobre a mesa e se levantou.

— Tem alguém aí? — disse ele, e sua voz ecoou pela rotunda, dando um susto nele. Ele lambeu os lábios e tentou de novo. — Bill?... Ben?

Bill-ill-ill… Ben-en-en…

De repente, Mike decidiu que queria estar em casa. Ele simplesmente levaria o caderno junto. Ele esticou a mão para pegá-lo… e ouviu um passo leve e deslizante.

Ele ergueu o rosto de novo. Círculos de luz estavam cercados de lagoas profundas de sombras. Mais nada… pelo menos nada que ele conseguisse ver. Ele esperou com o coração disparado.

O passo soou de novo, e desta vez ele identificou a localização. Vinha da passagem de vidro que ligava a biblioteca adulta com a infantil. De lá de dentro. Alguém. Alguma coisa.

Em silêncio, Mike foi até a bancada principal. A porta dupla que levava à passagem estava presa por calços de madeira, e ele conseguia ver um pouco lá dentro. Ele conseguiu ver o que pareciam pés, e com horror vertiginoso e repentino, perguntou-se se Stan Uris tinha vindo, afinal, se Stan sairia das sombras com sua enciclopédia de pássaros em uma das mãos, o rosto branco, os lábios roxos, os pulsos e antebraços cortados. *Finalmente vim*, Stan diria. *Demorei um pouco porque precisei sair de um buraco no chão, mas finalmente vim…*

Houve outro passo, e agora Mike conseguia ver sapatos, sem dúvida. Sapatos e pernas de calça jeans surrada. Tiras azuis caíam sobre tornozelos sem meias. E na escuridão quase 1,80 metro acima daqueles tornozelos, Mike conseguiu ver olhos brilhantes.

Ele tateou na superfície da bancada semicircular e passou a mão do outro lado sem tirar o olhar daqueles olhos. Seus dedos tocaram no canto de madeira de uma pequena caixa, a dos livros atrasados. Depois, de uma caixa menor, de clipes de papel e elásticos. Tocaram em alguma coisa de metal e seguraram. Era um abridor de cartas com as palavras JESUS SALVA impressas no punho. Era uma coisa frágil que tinha chegado pelo correio da Igreja Batista da Graça como parte de uma campanha de arrecadação de fundos. Mike não ia à missa havia 15 anos, mas a Batista da Graça era a igreja da mãe dele, e ele mandou cinco dólares que não podia desperdiçar. Ele pretendia jogar o abridor de cartas no lixo, mas acabou ficando ali, no meio da confusão que era o lado dele da bancada (o lado de Carole era sempre impecável) até agora.

Ele agarrou com força e olhou para o corredor escuro.

Houve outro passo… outro. Agora, a calça jeans surrada estava visível até os joelhos. Ele conseguia ver a forma a quem essas pernas pertenciam: era grande, volumosa. Os ombros eram arredondados. Havia uma sugestão de cabelo irregular. A pessoa parecia um macaco.

— Quem é você?

A forma apenas ficou ali, contemplando-o.

Apesar de ainda estar com medo, Mike tinha superado a ideia debilitante de que podia ser Stan Uris saído da cova, chamado pelas cicatrizes nas palmas das mãos por algum magnetismo sobrenatural que o trouxe de volta como um zumbi em um filme de terror de Hammer. Fosse lá quem fosse, não era Stan Uris, que tinha chegado a 1,70 metro de altura quando terminou de

crescer.

A sombra deu outro passo, e agora a luz do globo mais próximo da passagem caiu nas passadeiras sem cinto da calça jeans ao redor da cintura dela.

De repente, Mike soube. Antes mesmo de a forma falar, ele soube.

— Oi, crioulo — disse a forma. — Andou jogando pedras em alguém? Quer saber quem envenenou a porra do seu cachorro?

A forma deu outro passo à frente, e a luz caiu no rosto de Henry Bowers. Tinha ficado gordo e flácido; a pele tinha um tom gorduroso doentio; as bochechas tinham se tornado bolsas frouxas cobertas de barba por fazer, com tantos pelos brancos quanto pretos. Linhas onduladas, três linhas, estavam entalhadas na testa acima das sobrancelhas peludas. Outras linhas formavam parênteses nos cantos da boca de lábios carnudos. Os olhos eram pequenos e cruéis dentro de poças de carne sem cor, injetados de sangue e ausentes. Era o rosto de um homem sendo levado ao envelhecimento prematuro, um homem com 39 anos que parecia ter 73. Mas também era o rosto de um garoto de 12 anos. As roupas de Henry ainda estavam verdes dos arbustos em que ele tinha passado o dia escondido.

— Não vai dizer oi, crioulo? — perguntou Henry.

— Oi, Henry. — Ele se deu conta de que não ouvia rádio havia dois dias, e também não tinha lido o jornal, um ritual que costumava fazer. Tinha muita coisa acontecendo. Ele estava muito ocupado.

Que pena.

Henry saiu do corredor que ficava entre a biblioteca das crianças e a dos adultos e ficou olhando para Mike com olhos de porco. Seus lábios se abriram em um sorriso indescritível e deixaram à mostra dentes podres do Maine de antigamente.

— Vozes — disse ele. — Você ouve vozes, crioulo?

— Que vozes são, Henry? — Ele colocou as duas mãos nas costas, como um estudante chamado a falar, e passou o abridor de cartas da mão esquerda para a direita. O relógio de piso, dado por Horst Mueller em 1923, tiquetaqueava os solenes segundos no lago suave que era o silêncio da biblioteca.

— Da lua — disse Henry. Ele colocou a mão no bolso. — Vieram da lua. Muitas vozes. — Ele fez uma pausa, franziu a testa de leve e balançou a cabeça. — Muitas, mas na verdade é uma só. A voz dela.

— Você viu a Coisa, Henry?

— Vi — disse ele. — Frankenstein. Arrancou a cabeça de Victor. Você devia ter ouvido. Fez um som como o de um grande zíper sendo aberto. Depois, ela foi atrás de Arroto. Arroto lutou com a Coisa.

— É mesmo?

— É. Foi assim que eu fugi.

— Você deixou que ele morresse.

— *Não diz isso!* — As bochechas de Henry ficaram vermelhas. Ele deu dois passos para a

frente. Quanto mais ele se distanciava do corredor que ligava a biblioteca infantil à dos adultos, mais jovem parecia a Mike. Ele viu a mesma crueldade no rosto de Henry, mas também viu outra coisa: a criança que foi criada pelo louco Butch Bowers em uma boa fazenda que foi à ruína ao longo dos anos. — *Não diz isso! A Coisa também teria me matado!*

— Não matou a gente.

Os olhos de Henry brilharam de humor rançoso.

— Ainda não. Mas vai. A não ser que eu não deixe nenhum de vocês pra ela.

Ele tirou a mão do bolso. Nele havia um instrumento fino de 20 centímetros com camadas de imitação de marfim nas laterais. Um pequeno botão cromado brilhava em uma ponta desse duvidoso *objet d'art*. Henry o apertou. Uma lâmina de 15 centímetros surgiu em uma fenda no cabo. Ele balançou a faca na palma da mão e começou a andar um pouco mais rápido na direção da bancada.

— Olha o que eu encontrei — disse ele. — Eu sabia onde procurar. — Uma pálpebra avermelhada deu uma piscadela obscena. — O homem na lua me contou. — Henry mostrou os dentes de novo. — Me escondi hoje. Peguei uma carona esta noite. Era um coroa. Bati nele. Matei ele, eu acho. Larguei o carro em Newport. Bem perto da fronteira de Derry, ouvi aquela voz. Olhei no bueiro. Achei essas roupas. E a faca. Minha velha faca.

— Você está se esquecendo de uma coisa, Henry.

Sorrindo, Henry só balançou a cabeça.

— Nós escapamos e você escapou. Se a Coisa quer a gente, ela também quer você.

— Não.

— Acho que sim. Talvez vocês tenham feito o trabalho dela, mas ela não exatamente tinha favoritos, não é? Ela pegou seus dois amigos, e enquanto Arroto lutava com ela, você fugiu. Mas agora, você voltou. Acho que você é parte dos negócios interminados da Coisa, Henry. Acho mesmo.

— Não!

— Talvez o Frankenstein seja o que você vai ver. Ou o Lobisomem? Um Vampiro? O Palhaço? Ou, Henry! *Talvez você vá ver como a Coisa realmente é*, Henry. Nós vimos. Quer que eu te conte? Quer que eu…?

— Cala a boca! — gritou Henry e partiu para cima de Mike.

Mike deu um passo ao lado e esticou um pé. Henry tropeçou nele e caiu deslizando pelo piso gasto como uma pedra escorregadia. Sua cabeça bateu na perna da mesa onde os Otários se sentaram naquela noite e contaram suas histórias. Por um momento, ele ficou desnorteado; a faca ficou frouxa em uma das mãos.

Mike foi atrás dele, foi atrás da faca. Naquele momento, ele poderia ter acabado com Henry; teria sido possível enfiar o abridor de cartas JESUS SALVA que veio pelo correio enviado pela antiga igreja da mãe na nuca de Henry e depois chamar a polícia. Haveria uma certa quantidade de blá-blá-blá oficial, mas não muito. Não em Derry, onde eventos estranhos e violentos não eram uma grande exceção.

O que o fez parar foi a percepção, quase tão parecida com um relâmpago para ser algo consciente, de que, se ele matasse Henry, estaria fazendo o trabalho da Coisa tanto quanto Henry estaria fazendo o trabalho dela se matasse Mike. E outra coisa: aquele outro olhar que ele viu no rosto de Henry, o olhar cansado e perplexo da criança maltratada que foi colocada em um caminho ruim para um propósito desconhecido. Henry tinha crescido no âmbito envenenado da mente de Butch Bowers; sem dúvida ele pertencia à Coisa antes mesmo de desconfiar da existência dela.

Portanto, em vez de enfiar o abridor de cartas no pescoço vulnerável de Henry, ele caiu de joelhos e agarrou a faca. Ela girou na mão dele, parecendo ter vontade própria, e seus dedos se fecharam sobre a lâmina. Não houve dor imediata, só sangue vermelho escorrendo pelos primeiros três dedos da mão direita até a palma da mão com as cicatrizes.

Ele recuou. Henry rolou e segurou a faca de novo. Mike ficou de joelhos e os dois se encararam dessa forma, os dois sangrando: os dedos de Mike, o nariz de Henry. Henry balançou a cabeça e gotas voaram pela escuridão.

— Vocês achavam que eram espertos! — gritou ele com voz rouca. — Um bando de bichinhas, era isso que vocês eram! A gente daria uma surra em vocês em uma luta justa!

— Solte a faca, Henry — disse Mike baixinho. — Vou chamar a polícia. Ela vem te buscar pra te levar de volta pra Juniper Hill. Você vai sair de Derry. Vai ficar em segurança.

Henry tentou falar e não conseguiu. Não conseguiu dizer para esse preto odioso que não estaria em segurança em Juniper Hill, nem em Los Angeles nem nas florestas tropicais do Timbuctu. Mais cedo ou mais tarde a lua subiria, branca como osso e fria como a neve, e as vozes-fantasma começariam, e a cara da lua mudaria para a cara da Coisa, balbuciando, rindo e dando ordens. Ele engoliu o sangue grudento.

— Vocês nunca lutaram de forma justa!

— Vocês sim? — perguntou Mike.

— Seu *crioulofilhodamãetrapaceirofedidomacacosujo!* — gritou Henry, e partiu para cima de Mike de novo.

Mike se inclinou para trás para fugir do golpe repentino e desconjuntado, perdeu o equilíbrio e caiu de costas. Henry bateu na mesa de novo, quicou, se virou e agarrou o braço de Mike. Mike golpeou com o abridor de cartas e sentiu-o penetrar fundo no antebraço de Henry. Henry gritou, mas em vez de soltar, apertou ainda mais. Ele se puxou na direção de Mike, com o cabelo nos olhos e sangue escorrendo do nariz quebrado sobre os lábios grossos.

Mike tentou bater com o pé na lateral de Henry para empurrá-lo para longe. Henry golpeou com a faca em movimento de arco. Os 15 centímetros entraram na coxa de Mike. Ela entrou sem esforço nenhum, como se em um pedaço morno de manteiga. Henry a puxou pingando, e com um grito de dor e esforço, Mike o empurrou para longe.

Ele ficou de pé com dificuldade, mas Henry se levantou mais rápido, e Mike mal conseguiu evitar o próximo ataque. Ele conseguia sentir o sangue jorrando pela perna em um fluxo alarmante, encharcando o mocassim. *Ele acertou minha artéria femoral, eu acho. Meu Deus,*

ele me acertou feio. Tem sangue pra todo lado. Sangue no chão. Os sapatos não vão prestar mais, merda, comprei só dois meses atrás…

Henry veio de novo, ofegando e bufando como um touro enfezado. Mike cambaleou para o lado e o golpeou com o abridor de cartas de novo. Ele cortou a camisa velha de Henry e abriu um corte profundo sobre as costelas. Henry grunhiu quando Mike o empurrou para longe de novo.

— *Seu crioulo que luta sujo!* — berrou ele. — *Olha o que você fez!*

— Solta a faca, Henry — disse Mike.

Uma risadinha soou atrás deles. Henry olhou… e deu um grito de pavor enquanto apertava as mãos nas bochechas como uma donzela ofendida. Mike dirigiu o olhar para a recepção. Houve um som alto e vibrante, e a cabeça de Stan Uris surgiu atrás da bancada. Uma mola entrava no pescoço cortado. O rosto estava branco de tinta oleosa. Havia uma bolota vermelha em cada bochecha. Grandes pompons laranja ocupavam o lugar dos olhos. Essa cabeça grotesca de Stan assentia para a frente e para trás sobre a mola como um dos girassóis gigantescos ao lado da casa da rua Neibolt. A boca se abriu e uma voz aguda e risonha começou a cantarolar:

— *Mata ele, Henry! Mata o crioulo, mata o preto, mata ele, mata ele, MATA ELE!*

Mike se virou para Henry, percebendo que foi enganado, perguntando-se que cabeça Henry viu na ponta da mola. A de Stan? A de Victor Criss? A do pai, talvez?

Henry berrou e partiu para cima de Mike, movimentando a faca para cima e para baixo como a agulha de uma máquina de costura.

— *Gaaaah, crioulo!* — gritava Henry. — *Gaaaah, crioulo! Gaaaah, crioulo!*

Mike empurrou o corpo para trás, e a perna que Henry esfaqueou falhou quase na mesma hora, fazendo com que ele caísse no chão. Não havia sensação nenhuma naquela perna. Parecia fria e distante. Ao olhar para baixo, ele viu que a calça creme estava agora vermelha.

A lâmina de Henry brilhou em frente ao seu nariz.

Mike atacou com o abridor de cartas JESUS SALVA quando Henry se preparou para outro golpe. Henry foi direto para cima dele como um inseto em um alfinete. Sangue quente encharcou a mão de Mike. Houve um estalo, e quando ele puxou a mão, só estava com o cabo do abridor de cartas. O resto estava enfiado na barriga de Henry.

— *Gaaaah! Crioulo!* — gritou Henry, e colocou a mão em cima da ponta da lâmina que estava para fora. Sangue jorrou pelos dedos dele. Ele olhou com olhos arregalados e saltados.

A cabeça sobre a mola em movimento gritou e riu. Mike, sentindo-se agora enjoado e tonto, olhou para trás e viu a cabeça de Arroto Huggins, uma rolha humana de champanhe usando um boné do New York Yankees virado para trás. Ele gemeu alto, e o som estava distante e ecoante em seus ouvidos. Ele percebeu que estava sentado em uma poça de sangue quente. *Se eu não fizer um torniquete na minha perna, vou morrer.*

— *Gaaaaaaaaaaah! Criooooooooulooooooooo!* — gritou Henry. Ainda segurando a barriga sangrando com uma das mãos e a faca com a outra, ele cambaleou para longe de Mike

e na direção da porta da biblioteca. Ele bambeou como bêbado de um lado para o outro e seguiu pelo salão principal como uma bola de pinball. Bateu em uma das cadeiras de leitura e a derrubou. A mão esticada virou um suporte de jornais no chão. Ele chegou à porta, empurrou uma e saiu para a noite.

Mike estava perdendo a consciência agora. Ele abriu a fivela do cinto com dedos que nem conseguia sentir direito. Finalmente conseguiu soltá-lo e tirar dos passadores. Ele o amarrou ao redor da perna sangrenta logo abaixo da virilha e apertou com força. Segurando com uma das mãos, ele começou a rastejar na direção da recepção. O telefone ficava ali. Ele não sabia direito como faria para pegá-lo, mas no momento isso não importava. O importante era chegar lá. O mundo tremeu, ficou embaçado e indistinto em ondas cinzentas. Ele enfiou a língua para fora e mordeu com força. A dor foi imediata e horrível. O mundo ganhou foco de novo. Ele viu que ainda estava segurando o cabo quebrado do abridor de cartas e jogou-o longe. Aqui, finalmente, estava a bancada da recepção, parecendo tão alta quanto o Everest.

Mike colocou a perna boa por baixo do corpo e se empurrou para cima, apoiando-se na beirada da bancada com a mão que não estava apertando o cinto. A boca estava repuxada em uma careta trêmula, os olhos estavam apertados. Ele acabou conseguindo se levantar completamente. Ele ficou ali de pé como uma cegonha e puxou o telefone para perto. Na lateral havia três números: bombeiros, polícia e hospital. Com um dedo trêmulo que parecia estar a 15 quilômetros de distância, Mike ligou para o hospital: 555-3711. Ele fechou os olhos quando o telefone começou a tocar… e arregalou-os quando a voz de Pennywise, o palhaço, atendeu.

— Oi, crioulo! — gritou Pennywise, depois gargalhou em tom tão agudo quanto vidro quebrado no ouvido de Mike. — O que tem de novo? Como você está? Acho que você está morto, e você, o que acha? Acho que Henry fez o trabalho dele com você! Quer um balão, Mikey? Quer um balão? Como está? Olá!

Mike virou os olhos para o relógio de piso, o relógio Mueller, e viu sem surpresa nenhuma que o mostrador tinha sido substituído pelo rosto do pai, cinzento e tomado pelo câncer. Os olhos estavam virados e mostrando apenas os brancos. De repente, o pai mostrou a língua, e o relógio começou a tocar.

Mike perdeu o apoio na bancada da recepção. Ele oscilou por um momento sobre a perna boa e caiu de novo. O telefone se balançou à frente dele pendurado na cordinha como um amuleto de hipnotizador. Estava ficando muito difícil segurar o cinto agora.

— Oi, Amos! — gritou Pennywise com alegria pelo fone balançando. — Aqui é eu, o Kingfish! Eu é o Kingfish em Derry, é verdade verdadeira. Você não acha, garoto?

— Se houver alguém aí — gemeu Mike —, uma voz de verdade por trás da que estou ouvindo, por favor, me ajude. Meu nome é Michael Hanlon e estou na Biblioteca Pública de Derry. Estou sangrando e vou morrer. Se você está aí, não consigo ouvir você. Não consigo ouvir você. Se você está aí, por favor, venha rápido.

Ele ficou deitado de lado e puxou as pernas até ficar em posição fetal. Deu duas voltas com

o cinto na mão direita e se concentrou em puxar enquanto o mundo se afastava em nuvens cinzentas de algodão e balões.

— Oi, como você está? — gritou Pennywise do fone balançando. — Como está, pretinho imundo? Oi,

4

Rua Kansas — 12h20

— ... como vai? — disse Henry Bowers. — Como está, sua piranha?

Beverly reagiu instantaneamente e se virou para correr. Foi uma reação mais rápida do que qualquer um deles esperava. Ela talvez tivesse conseguido ganhar vantagem… se não fosse o cabelo. Henry a agarrou, pegou uma parte do comprimento e a puxou para trás. Ele sorriu na cara dela. O hálito dele estava denso, quente e fedido.

— Como vai? — perguntou Henry Bowers. — Onde está indo? Brincar mais com seus amigos babacas? Acho que vou cortar seu nariz e te fazer comer. O que você acha disso?

Ela lutou para se soltar. Henry riu e balançou a cabeça dela para a frente e para trás pelo cabelo. A faca brilhou perigosamente no sol de agosto.

Abruptamente, uma buzina de carro soou… longamente.

— Ei! Ei! O que vocês estão fazendo, garotos? Soltem a garota!

Era uma senhora atrás do volante de um bem cuidado Ford 1950. Ela encostou no meio-fio e estava inclinada sobre o assento coberto de uma manta para espiar pela janela do passageiro. Ao ver o rosto zangado e sincero dela, o olhar atordoado sumiu dos olhos de Victor Criss pela primeira vez e ele olhou com nervosismo para Henry.

— O que…?

— Por favor! — gritou Beverly em voz aguda. — Ele está com uma faca! Uma *faca*!

A raiva da velha senhora virou preocupação, surpresa e medo também.

— O que vocês estão fazendo? Deixem ela *em paz!*

Do outro lado da rua, Bev viu isso claramente, Herbert Ross se levantou da espreguiçadeira na varanda, se aproximou da amurada da varanda e olhou. O rosto estava vago como o de Arroto Huggins. Ele dobrou o jornal, se virou e entrou em casa sem falar nada.

— Deixem ela *em paz!* — gritou a velha senhora com voz aguda.

Henry mostrou os dentes e saiu correndo em direção ao carro, arrastando Beverly atrás pelo cabelo. Ela tropeçou, se apoiou em um joelho, foi arrastada. A dor no joelho foi

excruciante, monstruosa. Ela sentiu algumas mechas de cabelo sendo arrancadas.

A velha senhora gritou e fechou a janela do passageiro freneticamente. Henry bateu com a faca, que deslizou no vidro. O pé da mulher soltou a embreagem do Ford e ele saiu pela rua Kansas em movimentos engasgados, subindo no meio-fio, onde parou. Henry foi atrás, ainda puxando Beverly junto. Victor lambeu os lábios e olhou ao redor. Arroto empurrou para trás o boné dos New York Yankees que estava usando e puxou a orelha em um gesto de incompreensão.

Bev viu o rosto branco e assustado da velha senhora por um momento, e a viu fechando as trancas das portas, primeiro do lado do passageiro, depois do dela. O motor do Ford gemeu e pegou. Henry levantou um pé calçando bota e chutou um farol traseiro.

— Sai daqui, sua puta velha e seca!

Os pneus cantaram quando a velha senhora saiu pela rua. Uma picape que se aproximava desviou para evitá-la; a buzina dela soou. Henry se virou para Bev de novo, começando a sorrir, e ela bateu com o pé calçado de tênis direto nas bolas dele.

O sorriso no rosto de Henry virou uma careta de dor. A faca caiu da mão dele e estalou na calçada. A outra mão soltou o ponto onde agarrava o cabelo dela (puxando mais uma vez, terrivelmente antes de soltar) e ele caiu de joelhos, tentando gritar, segurando a virilha. Ela conseguia ver fios do cabelo acobreado em uma das mãos dele, e naquele instante todo o pavor dela virou puro ódio. Ela inspirou fundo, puxou do fundo da garganta e lançou um escarro enorme na cabeça dele.

Em seguira, se virou e saiu correndo.

Arroto deu três passos atrás dela e parou. Ele e Victor foram até Henry, que os empurrou de lado e cambaleou até ficar de pé, com as duas mãos ainda em cima das bolas; não era a primeira vez naquele verão que ele levava um chute lá.

Ele se inclinou e pegou a faca.

— … lá — ofegou ele.

— O quê, Henry? — disse Arroto com ansiedade.

Henry virou um rosto tão cheio de suor, dor e ódio fervente que Arroto deu um passo para trás.

— Eu disse… vamos… lá! — ele conseguiu dizer, e começou a cambalear e se arrastar pela rua atrás de Beverly, segurando a virilha.

— Não vamos conseguir pegar ela agora, Henry — disse Victor com desconforto. — Caramba, você nem consegue andar direito.

— A gente vai pegar ela — disse Henry, ofegante. O lábio superior estava subindo e descendo em uma expressão inconsciente que parecia de um cachorro rosnando. Havia gotas de suor na testa dele que escorriam pelas bochechas vermelhas. — A gente vai pegar ela sim. Porque sei pra onde ela está indo. Ela está indo pro Barrens, pra encontrar os babacas dos

— … amigos — disse Beverly.

— Hã? — Bill olhou para ela. Estava com os pensamentos distantes. Eles estavam andando de mãos dadas, com um silêncio companheiro entre os dois e levemente energizados com a atração mútua. Ele tinha ouvido só a última palavra do que ela falou. Um quarteirão depois, as luzes do Town House brilhavam pela névoa baixa.

— Eu falei que vocês eram meus melhores amigos. Os únicos amigos que tive naquela época. — Ela sorriu. — Fazer amigos nunca foi meu forte, eu acho, apesar de ter uma boa amiga em Chicago. Uma mulher chamada Kay McCall. Acho que você iria gostar dela, Bill.

— Provavelmente. Eu também nunca fiz amigos rapidamente. — Ele sorriu. — Naquela época, nós éramos tudo de que p-p-precisávamos. — Ele viu gotas de umidade no cabelo dela, apreciou a forma como as luzes formavam uma aura ao redor da cabeça dela. Os olhos dela estavam sérios e virados para os dele.

— Preciso de uma coisa agora — disse ela.

— De q-quê?

— Preciso que você me beije — disse ela.

Ele pensou em Audra, e pela primeira vez ocorreu a ele que ela *se parecia* com Beverly. Ele se perguntou se talvez tenha sido essa a atração o tempo todo, o motivo de ele ter arrumado coragem para convidar Audra para sair perto do final da festa de Hollywood em que eles se conheceram. Ele sentiu uma pontada de culpa infeliz… e tomou Beverly, sua amiga de infância, nos braços.

O beijo dela foi firme, quente e doce. Os seios se forçaram contra a jaqueta aberta, e os quadris se moveram contra ele… para longe… e de novo contra ele. Quando os quadris se afastaram uma segunda vez, ele enfiou as duas mãos no cabelo dela e se aproximou dela. Quando ela o sentiu ficando duro, deu um suspiro e colocou o rosto na lateral do pescoço dele. Ele sentiu as lágrimas dela na pele, quentes e secretas.

— Vamos lá — disse ela. — Rápido.

Ele segurou a mão dela e eles andaram o resto do caminho até o Town House. O saguão era velho, tomado de plantas, e ainda tinha um certo charme. A decoração era muito Lenhador do Século XIX. Estava deserto a essa hora exceto pelo funcionário da recepção, que podia ser visto no escritório com os pés sobre a mesa, vendo TV. Bill apertou o botão do terceiro andar com um dedo ligeiramente trêmulo. Excitação? Nervosismo? Culpa? Todos os anteriores? Ah, sim, claro, e uma espécie quase insana de alegria e medo também. Esses sentimentos não se misturavam de forma agradável, mas pareciam necessários. Ele a levou pelo corredor em direção ao quarto, decidindo de uma maneira confusa que, se era para ser infiel, o ato de

infidelidade devia ser completo, consumado no apartamento dele, e não no dela. Ele se viu pensando em Susan Browne, sua primeira agente literária, quando ele não tinha nem 20 anos, sua primeira amante.

Traindo. Traindo minha esposa. Ele tentou tirar o pensamento da cabeça, mas ele parecia real e irreal ao mesmo tempo. O que parecia mais forte era uma sensação infeliz de saudade de casa: um sentimento antiquado de distanciamento. Audra estaria acordada agora, fazendo café, sentada à mesa da cozinha de roupão, talvez estudando as falas, talvez lendo um livro de Dick Francis.

A chave dele balançou na fechadura do quarto 311. Se eles tivessem ido para o quarto de Beverly no quinto andar, teriam visto a luz de mensagens no telefone dela piscando, o recepcionista vendo TV teria dado a ela a mensagem de que era para ela ligar para a amiga Kay em Chicago (depois da terceira ligação desesperada, ele finalmente se lembrou de anotar o recado), e as coisas poderiam ter tomado um rumo diferente. Os cinco poderiam não ser fugitivos da polícia de Derry quando o dia finalmente nascesse. Mas eles foram para o quarto dele, como talvez as coisas tivessem sido planejadas para acontecer.

A porta se abriu. Eles entraram. Ela olhou para ele com olhos brilhando, bochechas vermelhas, o peito subindo e descendo rapidamente. Ele a tomou nos braços, e ela foi dominada pela sensação de *coisa certa*, a sensação do círculo do passado e do presente se fechando de forma triunfante. Ele chutou a porta para fechá-la com um dos pés, desajeitado, e ela riu com o hálito quente na boca dele.

— Meu coração… — disse ela, e colocou a mão dele sobre o seio esquerdo. Ele conseguia senti-lo abaixo da maciez firme e quase enlouquecedora, disparado como um motor.

— Seu c-c-coração…

— Meu coração.

Eles estavam na cama, ainda vestidos, se beijando. A mão dela foi para dentro da camisa dele e voltou para fora. Ela passou o dedo pela fileira de botões, fez uma pausa na cintura… e o mesmo dedo foi mais para baixo, acompanhando a dureza grossa do pênis. Músculos que ele não conhecia pularam e tremeram na virilha. Ele interrompeu o beijo e afastou o corpo do dela na cama.

— Bill?

— Preciso p-p-parar por um m-m-minuto — disse ele. — Senão vou gozar na c-c-cueca como um m-moleque.

Ela riu de novo baixinho e olhou para ele.

— É isso mesmo? Ou você está em dúvida?

— Em dúvida — disse Bill. — S-S-Sempre tenho isso.

— Eu não. Eu odeio ele — disse ela.

Ele olhou para ela e o sorriso sumiu.

— Eu não sabia disso conscientemente até duas noites atrás — disse ela. — Ah, eu sabia em alguma parte de mim o tempo todo, eu acho. Ele bate e machuca. Eu me casei com ele

porque… porque meu pai sempre se preocupava comigo, eu acho. Não importava o quanto eu tentasse, ele se preocupava. Ele se preocupava muito. E enquanto houvesse alguém se preocupando comigo, eu ficaria em segurança. Mais do que em segurança. Ficaria *real*. — Ela olhou para ele solenemente. A blusa tinha se soltado da cintura da calça, deixando uma parte branca da barriga à mostra. Ele queria beijar aquela barriga. — Mas não era real. Era um pesadelo. Ser casada com Tom era como voltar pro pesadelo. Por que uma pessoa faria isso, Bill? Por que uma pessoa voltaria pro pesadelo por vontade própria?

Bill disse:

— O ú-ú-único motivo em que consigo p-pensar é que as p-pessoas voltam para se e-encontrarem.

— O pesadelo é aqui — disse Bev. — O pesadelo é Derry. Tom parece pequeno em comparação. Consigo ver ele melhor agora. Eu me odeio pelos anos que passei com ele… Você não sabe… as coisas que ele me fez fazer, e, ah, eu ficava bem feliz em fazer essas coisas, sabe, porque ele se preocupava comigo. Eu chorava… mas às vezes tem vergonha demais. Entende?

— Não faça isso — disse ele baixinho, e colocou a mão sobre as dela. Ela a segurou com força. Os olhos estavam brilhando demais, mas as lágrimas não caíram. — Todo mundo f-f-faz besteira. Mas não é uma p-prova. A gente precisa seguir da m-m-melhor maneira que der.

— O que quero dizer — disse ela — é que não estou traindo Tom, nem tentando usar você pra me vingar dele, nem nada assim. Pra mim, seria uma coisa… sã, normal e doce. Mas não quero te magoar, Bill. Te levar a fazer uma coisa da qual você pode se arrepender depois.

Ele pensou sobre isso, pensou com seriedade profunda e real. Mas a frase estranha (*ele soca postes*, e assim por diante) começou a voltar e atrapalhar os pensamentos. O dia tinha sido longo. A ligação de Mike e o convite para almoçar no Jade do Oriente pareciam ter acontecido cem anos antes. Tantas histórias vieram depois. Tantas lembranças, como fotografias no álbum de George.

— Amigos não l-l-levam amigos a fazer c-coisas — disse ele, e se inclinou na direção dela na cama. Os lábios deles se tocaram, e ele começou a desabotoar a blusa dela. Uma das mãos dela foi para a nuca dele e o segurou bem próximo, enquanto a outra primeiro abriu o zíper da própria calça e a empurrou para baixo. Por um momento, a mão dele estava quente em sua barriga; no seguinte, a calcinha dela sumiu em um sussurro. Ele se aproximou ainda mais, e ela o guiou.

Quando ele a penetrou, ela arqueou as costas delicadamente na direção do movimento sexual e murmurou:

— Seja meu amigo… Eu te amo, Bill.

— Eu também te amo — disse ele, sorrindo contra o ombro nu dela. Eles começaram devagar, e ele sentiu o suor começando a fluir de sua pele enquanto ela acelerava embaixo dele. A consciência dele se deslocou para baixo e o foco passou a ser a ligação entre os dois. Os poros dela tinham se aberto e estavam exalando um delicioso aroma almiscarado.

Beverly sentiu o clímax se aproximando. Ela seguiu na direção dele, trabalhou para que ele chegasse e nunca duvidou que viria. Seu corpo tremeu de repente e pareceu saltar para o alto, não em um orgasmo, mas atingindo um platô bem acima de qualquer outro que ela tivesse alcançado com Tom ou os dois amantes que teve antes de Tom. Ela percebeu que isso não seria apenas um orgasmo; seria uma explosão nuclear. Sentiu um pouco de medo… mas seu corpo retomou o ritmo. Ela sentiu o comprimento de Bill endurecer contra ela e o corpo todo dele ficou tão duro quanto a parte dele dentro dela, e naquele mesmo momento ela atingiu o clímax, ou melhor, *começou* a atingir o clímax. Um prazer tão grande que era quase dor jorrou por comportas inesperadas, e ela mordeu o ombro dele para sufocar os gritos.

— Ah, meu Deus — ofegou Bill, e apesar de nunca conseguir ter certeza, ela teve a impressão de que ele estava chorando. Ele se afastou, e ela pensou que ele ia sair de dentro dela (ela tentou se preparar para aquele momento, que sempre trazia uma sensação fugidia e inexplicável de perda e vazio, algo como uma pegada), mas ele fez um movimento forte de penetração de novo. Na mesma hora, ela teve um segundo orgasmo, uma coisa que ela não sabia ser possível, e a janela da memória se abriu de novo e ela viu pássaros, milhares de pássaros descendo em todos os telhados e fios de telefone e caixas de correio em Derry, pássaros de primavera em um céu branco de abril, e havia dor misturada com o prazer, mas foi uma dor leve, como um céu branco de primavera parece leve. Uma dor física leve misturada com um leve prazer físico e uma sensação maluca de afirmação. Ela tinha sangrado… ela tinha… ela…

— Todos vocês? — gritou ela de repente, arregalando os olhos, perplexa.

Ele saiu de dentro dela desta vez, mas com o choque repentino da revelação, ela nem sentiu-o sair.

— O quê? Beverly? V-Você está b…?

— *Todos vocês? Eu fiz amor com todos vocês?*

Ela viu a surpresa chocada no rosto de Bill, o queixo caindo… e a compreensão repentina. Mas não era a revelação dela; mesmo com a sensação de choque, ela via isso. Era dele.

— Nós…

— Bill? O que é?

— Foi a s-s-sua maneira de nos t-tirar de lá — disse ele, e agora os olhos dele ardiam com tanta intensidade que ela ficou com medo. — Beverly, você n-n-não *e-entende*? *Foi a s-s-sua maneira de nos tirar de lá!* Todos nós… mas estávamos… — De repente, ele pareceu assustado, inseguro.

— Você se lembrou do resto agora? — perguntou ela.

Ele balançou a cabeça devagar.

— Não os d-d-detalhes. Mas… — Ele olhou para ela, e ela viu que ele estava com muito medo. — O que realmente a-a-aconteceu foi que nós d-d-desejamos sair. E não sei… Beverly, não sei se adultos são capazes de fazer isso.

Ela olhou para ele sem falar por um longo momento, depois se sentou na beirada da cama

sem sentir vergonha nenhuma. Seu corpo era delicado e lindo, e a linha da espinha dorsal mal era discernível na escuridão quando ela se inclinou para tirar as meias de náilon até as coxas que estava usando. O cabelo era uma massa passada por cima de um ombro. Ele pensou que a desejaria de novo antes do amanhecer, e a sensação de culpa surgiu de novo, sufocada apenas pelo consolo envergonhado de que Audra estava a um oceano de distância. *Coloque outra moeda na jukebox*, pensou ele. *Essa canção se chama "O Que Ela Não Souber Não Vai Magoá-la". Mas magoa em alguma parte. Nos espaços entre as pessoas, talvez.*

Beverly se levantou e puxou a coberta da cama.

— Venha para a cama. Precisamos dormir. Nós dois.

— T-T-Tudo bem. — Porque aquilo *era* o certo, era uma grande verdade. Mais do que qualquer outra coisa, ele queria dormir… mas não sozinho, não naquela noite. O choque mais recente estava se apagando, e rápido demais, talvez, mas ele estava tão cansado agora, tão exausto. A realidade segundo a segundo tinha jeito de sonho, e apesar da culpa, ele sentia que era um lugar seguro. Seria possível ficar deitado aqui por um tempo, dormir nos braços dela. Ele queria o calor e a amizade dela. Os dois estavam sexualmente energizados, mas isso não faria mal a nenhum deles agora.

Ele tirou as meias e a camisa e se deitou ao lado dela. Ela grudou nele, com os seios quentes e as longas pernas frias. Bill a abraçou, ciente das diferenças: o corpo dela era mais longo do que o de Audra, mais farto nos seios e nos quadris. Mas era um corpo bem-vindo.

Devia ser Ben com você, querida, pensou ele, sonolento. *Acho que era assim que deveria ser. Por que não foi Ben?*

Porque foi você antes e é você agora, só isso. Porque o que vai sempre volta. Acho que foi Bob Dylan quem disse isso… ou talvez Ronald Reagan. E talvez seja eu agora porque é Ben que tem que levar a dama para casa.

Beverly se contorceu contra ele, não de uma forma sexual (embora, mesmo enquanto ele resvalava para o sono, ela tenha ficado feliz ao sentir o membro dele tremer sobre a perna dela), mas só querendo o calor dele. Ela já estava meio adormecida. A felicidade dela aqui com ele, depois de todos aqueles anos, era real. Ela sabia disso por causa do sabor amargo por baixo. Havia esta noite, e talvez houvesse outra ocasião para eles na manhã seguinte. Depois eles iriam para o esgoto como já tinham ido antes e encontrariam a Coisa. O círculo se fecharia ainda mais, as vidas atuais se misturariam delicadamente com a infância e eles se tornariam como criaturas em uma tirinha doida de Moebius.

Ou isso, ou eles morreriam lá embaixo.

Ela se virou. Ele passou um braço pela lateral do corpo dela e aninhou delicadamente um seio. Ela não precisou despertar e se perguntar se aquela mão de repente daria um beliscão.

Os pensamentos dela começaram a sumir quando o sono tomou conta dela. Como sempre, ela viu estampas brilhantes de flores selvagens quando adormeceu, grandes amontoados balançando intensamente sob um céu azul. A imagem sumiu, e ela teve uma sensação de queda, do tipo que às vezes a despertava suando quando criança, com um grito pronto para sair. Ela

tinha lido no livro de psicologia da faculdade que os sonhos infantis de queda eram uma coisa comum.

Mas ela não despertou desta vez; ela conseguia sentir o peso e o calor reconfortante do braço de Bill, com a mão aninhando o seio. Ela pensou que, se estava caindo, pelo menos não estava caindo sozinha.

E então, ela tocou no chão e saiu correndo. Este sonho, fosse lá o que fosse, se movia rápido. Ela correu atrás dele, seguindo o sono, o silêncio, talvez apenas o tempo. Os anos passaram rápido. Os anos correram. Se você se virasse e corresse atrás da sua infância, tinha que apertar o passo e correr de verdade. Vinte e nove, a idade em que ela fez mechas no cabelo *(mais rápido)*. Vinte e dois, a idade em que ela se apaixonou por um jogador de futebol americano chamado Greg Mallory, que praticamente a estuprou depois de uma festa da fraternidade *(mais rápido, mais rápido)*. Dezesseis, quando ela ficou bêbada com duas amigas no mirante de Bluebird Hill, em Portland. Catorze… doze…

… mais rápido, mais rápido, mais rápido…

Ela correu para o sono, correndo atrás dos 12 anos, pegando-os, correndo pela barreira da memória que a Coisa tinha lançado sobre eles (o gosto era de névoa fria nos pulmões esforçados do sonho), correndo de volta ao décimo primeiro ano, correndo, correndo como louca, correndo para vencer o diabo, olhando para trás agora, olhando para trás

6

Barrens — 12h40

por cima do ombro em busca de algum sinal deles enquanto descia escorregando pela margem. Não havia sinal, pelo menos ainda não. Ela tinha "acertado ele de jeito", como o pai às vezes dizia… e só o fato de pensar no pai trouxe outra onda de culpa e tristeza para cima dela.

Ela olhou embaixo da ponte frágil na esperança de ver Silver presa na lateral, mas Silver não estava lá. Havia uma pilha de armas de brinquedo que eles não se davam mais ao trabalho de levar para casa e só. Ela começou a descer pelo caminho, olhou para trás… e ali estavam eles, Arroto e Victor sustentando Henry, de pé na beirada da descida como sentinelas indígenas em um filme de Randolph Scott. Henry estava horrivelmente pálido. Ele apontou

para ela. Victor e Arroto começaram a ajudá-lo a descer. Terra e cascalho rolaram debaixo dos pés dele.

Beverly olhou para eles por um longo momento, quase hipnotizada. Em seguida, virou-se e correu pelo filete de água que corria por baixo da ponte, ignorando as pedras de Ben e espalhando água com os tênis. Ela correu pelo caminho com a respiração quente na garganta. Conseguia sentir os músculos da perna tremendo. Não tinha mais muita energia. A sede do clube. Se ela conseguisse chegar lá, talvez ficasse em segurança.

Ela correu pela trilha. Os galhos trouxeram ainda mais cor às bochechas dela, e um bateu no olho e o fez lacrimejar. Ela virou para a direita, passou no meio da vegetação e saiu em uma clareira. Tanto a portinhola camuflada quanto a janelinha estavam abertas; o som de rock-'n'-roll saía lá de dentro. Ao ouvir a aproximação dela, Ben Hanscom botou a cabeça para fora. Ele estava com uma caixa de Junior Mints em uma das mãos e uma revistinha de Archie na outra.

Ele deu uma boa olhada em Bev e o queixo caiu. Em outras circunstâncias, teria sido quase engraçado.

— Bev, que *diabos*...

Ela não se deu ao trabalho de responder. Atrás dela, mas não muito atrás, ela conseguia ouvir galhos estalando e batendo; houve um palavrão gritado e meio abafado. Parecia que Henry estava ficando mais animado. Assim, ela correu para a abertura, com o cabelo voando, agora emaranhado com folhas verdes e galhos, assim como com a sujeira da passagem por baixo do caminhão de lixo.

Ben viu que ela ia pular como paraquedista e desapareceu tão rapidamente quanto apareceu. Beverly caiu, e ele a segurou, desajeitado.

— Fecha tudo — disse ela, ofegante. — Anda, Ben, pelo amor de Deus! Eles estão vindo!

— Quem?

— Henry e os amigos! Henry ficou maluco, está com uma faca…

Aquilo bastou para Ben. Ele largou a bala e a revistinha. Puxou a porta com um grunhido. A parte de cima estava coberta de terra e grama; a cola ainda estava segurando de forma incrível. Alguns pedaços tinham se soltado, mas só. Beverly ficou na ponta dos pés e fechou a janelinha. Eles ficaram na escuridão.

Ela tateou em busca de Ben, encontrou-o e o abraçou com força e pânico. Depois de um momento, ele a abraçou também. Eles estavam de joelhos. Com horror repentino, Beverly percebeu que o rádio de Richie ainda estava tocando em algum lugar na escuridão: Little Richard cantando "The Girl Can't Help It".

— Ben… o rádio… eles vão ouvir…

— Ah, Deus!

Ele a empurrou com um quadril volumoso e quase a derrubou na escuridão. Ela ouviu o rádio cair no chão. "A garota não consegue evitar que os homens parem e olhem", disse Little Richard com o entusiasmo rouco de sempre. "Não consegue evitar!", confirmou o coro, "A

garota não consegue evitar!” Ben agora também estava ofegando. Eles pareciam um par de locomotivas a vapor. De repente, houve um estalo… e silêncio.

— Ah, merda — disse Ben. — Eu acabei de esmagar o rádio. Richie vai ter um treco.

Ele esticou a mão para ela no escuro. Ela sentiu a mão dele tocar um dos seios e afastar-se de repente, como se queimada. Ela tateou em busca dele, segurou a camisa e o puxou para perto.

— Beverly, o que…?

— Shhh!

Ele ficou em silêncio. Eles ficaram sentados juntos, com os braços ao redor um do outro, olhando para cima. A escuridão não era total; havia uma linha fina de luz em um dos lados da porta e três outras na janelinha. Uma das três era ampla o bastante para deixar entrar um raio de sol. Ela só podia rezar para que *eles* não vissem.

Ela conseguia ouvi-los se aproximando. A princípio, não conseguiu decifrar as palavras… mas depois, sim. Ela apertou Ben com mais força.

— Se ela tiver ido pros bambus, podemos encontrar as marcas dela com facilidade — disse Victor.

— Eles brincam por aqui — respondeu Henry. A voz dele estava tensa, as palavras surgiam em pequenas bufadas, como se com grande esforço. — Meleca Taliendo falou. E no dia da guerra de pedras, eles vieram daqui.

— É, eles brincam de armas, essas coisas — disse Arroto.

De repente, passos soaram bem acima deles; a tampa coberta de terra e grama vibrou. Terra caiu no rosto de Beverly, virado para cima. Um, dois, talvez os três estivessem de pé em cima do clube. Ela teve uma sensação de cólica na barriga; ela precisou apertar os dentes para não dar um grito. Ben colocou uma mão grande na lateral do rosto dela e o apertou contra seu braço enquanto olhava para cima, esperando para ver se eles descobririam… ou se já sabiam e só estavam de brincadeira.

— Eles têm um lugar — disse Henry. — Foi o que Meleca disse. Uma casa na árvore, sei lá. Eles chamam de clube.

— Por mim eles podem enfiar o clube no cu — disse Victor. Arroto deu uma gargalhada estridente ao ouvir isso.

Bum, bum, bum acima. A porta subiu e desceu mais desta vez. Eles acabariam reparando; o chão comum não balançava daquele jeito.

— Vamos olhar perto do rio — disse Henry. — Aposto que ela está lá.

— Tá — disse Victor.

Bum, bum. Eles estavam se afastando. Bev soltou um suspiro de alívio por entre dentes… e então, Henry disse:

— Você fica aqui e vigia o caminho, Arroto.

— Tudo bem — disse Arroto, e começou a andar de um lado para o outro, às vezes saindo de cima da porta, às vezes andando por ela. Mais terra caiu pela abertura. Ben e Beverly se

olharam com rostos tensos e sujos. Bev percebeu que havia mais do que o cheiro de fumaça na sede do clube; um fedor suado com cheiro de lixo estava se espalhando também. *Sou eu*, pensou ela com consternação. Apesar do cheiro, ela abraçou Ben com mais força. O tamanho dele de repente pareceu muito bem-vindo, muito reconfortante, e ela ficou feliz de ele ter bastante corpo para ela abraçar. Ele talvez não passasse de um garoto gordo e medroso quando as férias começaram, mas era mais do que isso agora; assim como todos eles, ele também tinha mudado. Se Arroto os descobrisse ali embaixo, Ben talvez o surpreendesse.

— Por mim eles podem enfiar o clube no cu — disse Arroto, e riu. Uma risada de Arroto Huggins era um som baixo e parecido com o de um *troll*. — Enfiar o clube no cu. Essa foi boa. Foi bem engraçada.

Ela percebeu que o torso de Ben estava subindo e descendo em movimentos curtos e ligeiros; ele estava puxando ar para os pulmões e soltando em pequenas expirações. Por um momento alarmado, ela pensou que ele estivesse começando a chorar, mas olhou o rosto dele mais de perto e percebeu que ele estava lutando para não rir. Os olhos dele, vertendo lágrimas, se grudaram nos dela, se reviraram loucamente e se desviaram para o outro lado. Na luz fraca que entrava pelas aberturas ao redor da porta e da janelinha, ela conseguia ver que o rosto dele estava quase roxo pelo esforço.

— Eles podem enfiar o clube no cuzinho — disse Arroto, e se sentou pesadamente bem no meio da porta. Desta vez, ela tremeu de forma mais alarmante, e Bev ouviu um estalo baixo, mas ameaçador, vindo de um dos apoios. A cobertura foi feita para suportar os pedaços de terra de camuflagem em cima… mas não os 72 quilos adicionais do peso de Arroto Huggins.

Se ele não se levantar, vai cair no nosso colo, pensou Bev, e começou a sentir a mesma histeria de Ben. Ela estava tentando explodir para fora dela em gritos e zurros rançosos. Em pensamento, ela se viu empurrando a janelinha o bastante para enfiar a mão e dar um belo susto nas costas de Arroto Huggins, enquanto ele ficava ali sentado no sol da tarde, murmurando e rindo. Ela enfiou o rosto no peito de Ben em um esforço final para manter a gargalhada dentro de si.

— Shhh — sussurrou Ben. — Pelo amor de Deus, Bev… — *Crrrrackk.* Mais alto desta vez.

— Será que vai aguentar? — sussurrou ela.

— Pode ser, se ele não peidar — disse Ben, e um momento depois, Arroto soltou *mesmo* um, um estrondo alto e ressonante que pareceu durar pelo menos três segundos. Eles se abraçaram com mais força e abafaram as risadas desesperadas um do outro. A cabeça de Beverly doía tanto que ela achou que teria um derrame.

E então, baixinho, ela ouviu Henry gritar o nome de Arroto.

— *O quê?* — gritou Arroto, levantando-se com um empurrão e um baque que jogou mais terra em Ben e Beverly. — *O quê, Henry?*

Henry gritou alguma coisa em resposta; Beverly só conseguiu entender as palavras *margem* e *arbustos*.

— *Tudo bem!* — gritou Arroto, e os pés dele atravessaram a porta pela última vez. Houve um estalo final, bem mais alto, e uma lasca de madeira caiu no colo de Bev. Ela a pegou com assombro.

— Mais cinco minutos — disse Ben em um sussurro baixo. — Só teria sido preciso isso.

— Você ouviu quando ele soltou? — perguntou Beverly, começando a rir de novo.

— Parecia a Terceira Guerra Mundial — disse Ben, também começando a rir.

Foi um alívio poder rir sem se segurar, e eles gargalharam, mas tentaram fazer isso em sussurros.

Por fim, sem perceber que ia falar (e certamente não por ter qualquer importância discernível nessa situação), Beverly disse:

— Obrigada pelo poema, Ben.

Ben parou de rir na mesma hora e a olhou com seriedade e cautela. Ele tirou um lenço sujo do bolso de trás e limpou o rosto lentamente.

— Poema?

— O haicai. O haicai no cartão-postal. Você mandou, não foi?

— Não — disse Ben. — Não mandei haicai nenhum. Porque se um garoto como eu, um garoto gordo como eu, fizesse uma coisa assim, a garota provavelmente ia rir dele.

— Eu não ri. Achei lindo.

— Eu nunca ia conseguir escrever uma coisa linda. O Bill talvez. Não eu.

— Bill vai escrever — concordou ela. — Mas nunca vai escrever uma coisa bonita daquelas. Posso usar seu lenço?

Ele deu o lenço para ela, e ela começou a limpar o rosto da melhor maneira que conseguiu.

— Como você soube que fui eu? — perguntou ele por fim.

— Sei lá — disse ela. — Eu apenas soube.

A garganta de Ben trabalhou convulsivamente. Ele olhou para as mãos.

— Eu não quis dizer nada com ele.

Ela olhou para ele com seriedade.

— É melhor você não estar falando sério — disse ela. — Se você estiver, vai estragar muito meu dia, e vou te dizer que ele já está bem ruim.

Ele continuou a olhar para as mãos e falou com uma voz que ela mal conseguia ouvir.

— Bem, eu quero dizer que te amo, Beverly, mas não quero estragar nada.

— Não vai — disse ela, e o abraçou. — Preciso de todo amor que puder receber agora.

— Mas você gosta especialmente de Bill.

— Pode ser — disse ela —, mas isso não importa. Se a gente fosse adulto, talvez importasse um pouco. Mas gosto de vocês todos de uma forma especial. Vocês são os únicos amigos que eu tenho. Eu também te amo, Ben.

— Obrigado — disse ele. Ele fez uma pausa, se esforçou e falou. Até conseguiu olhar para ela quando falou. — Eu escrevi o poema.

Eles ficaram sentados sem dizer nada por um tempo. Beverly se sentiu segura. Protegida.

As imagens do rosto do pai e da faca de Henry pareciam menos vívidas e ameaçadoras com eles sentados pertinho assim. Aquela sensação de proteção era difícil de definir e ela nem tentou, embora bem mais tarde ela fosse reconhecer a fonte da força: ela estava nos braços de um homem que morreria por ela sem hesitação nenhuma. Era um fato que ela simplesmente sabia. Estava no cheiro que saía dos poros dele, uma coisa primitiva à qual as glândulas dela podiam reagir.

— Os outros estavam voltando — disse Ben de repente. — E se eles forem pegos?

Ela se empertigou e percebeu que estava quase cochilando. Ela se lembrou de que Bill tinha convidado Mike Hanlon para almoçar na casa dele. Richie ia para a casa de Stan comer sanduíches. E Eddie tinha prometido trazer o tabuleiro de Parcheesi. Eles chegariam em pouco tempo, totalmente alheios ao fato de que Henry e os amigos estavam no Barrens.

— Temos que chegar até eles — disse Beverly. — Henry não está só atrás de mim.

— Se sairmos e eles voltarem…

— Sim, mas pelo menos a gente *sabe* que eles estão aqui. Bill e o resto do pessoal não sabem. Eddie não consegue nem correr, já quebraram o braço dele.

— Minha nossa senhora — disse Ben. — Acho que vamos ter que arriscar.

— É. — Ela engoliu em seco e olhou para o relógio. Era difícil ver na escuridão, mas ela achou que passava pouco das 13h. — Ben…

— O quê?

— Henry ficou *mesmo* maluco. Ele parece aquele garoto de *Sementes da violência*. Ele ia me matar e os outros dois iam ajudar.

— Ah, não — disse Ben. — Henry é maluco, mas não *tão* maluco. Ele é só…

— Só o quê? — disse Beverly. Ela pensou em Henry e Patrick no cemitério de automóveis no sol pesado. Nos olhos vazios de Henry.

Ben não respondeu. Ele estava pensando. As coisas tinham mudado, não? Quando você estava no meio das mudanças, era mais difícil percebê-las. Você tinha que recuar para enxergar… ou ao menos tinha que tentar. Quando as férias começaram, ele tinha medo de Henry, mas só porque Henry era maior e porque era um valentão, o tipo de garoto que pegaria um garoto do primeiro ano, daria uma chave de braço e o soltaria para ir embora chorando. Era só isso. Mas então ele marcou a barriga de Ben. *Depois* houve a guerra de pedras, e Henry jogou M-80s nas cabeças das pessoas. Dava para matar alguém com uma daquelas. Dava para matar alguém fácil. Ele começou a ficar diferente… assombrado, quase. Parecia que você sempre tinha que ficar alerta para ver se ele estava por perto, da mesma forma como você sempre tinha que estar alerta para tigres ou cobras venenosas se estivesse na selva. Mas você se acostumava; tanto que nem parecia mais estranho, só a forma como as coisas eram. Mas Henry era maluco, não era? Sim. Ben sabia disso no dia do começo das férias, mas se recusou a acreditar ou a lembrar. Não era o tipo de coisa em que você queria acreditar ou da qual queria se lembrar. E de repente um pensamento (um pensamento tão forte que foi quase uma certeza) surgiu na mente dele com toda a força, tão gelada quanto lama de outubro. *A Coisa*

está usando Henry. Talvez os outros também, mas ela está usando eles por meio de Henry. E se isso for verdade, então ela provavelmente está certa. Não são só chaves de braço ou petelecos no pescoço durante o horário do estudo perto do final do dia enquanto a sra. Douglas lê o livro à mesa dela, não só um empurrão no parquinho que faz você cair e ralar o joelho. Se a Coisa está usando ele, então Henry vai *usar a faca.*

— Uma velha senhora viu eles tentando bater em mim — disse Beverly. — Henry foi pra cima *dela*. Ele quebrou o farol traseiro dela com um chute.

Isso alarmou Ben mais do que qualquer coisa. Ele entendeu instintivamente, como a maioria das crianças entendia, que eles viviam abaixo do campo de visão, e portanto do campo de pensamento, da maioria dos adultos. Quando um adulto estava caminhando pela rua, pensando seus pensamentos adultos sobre trabalho, compromissos e comprar carros ou qualquer outra coisa em que os adultos pensavam, ele nunca reparava nas crianças pulando amarelinha, brincando de armas, de chutar a lata ou de pique-esconde ou de pique-pega. Valentões como Henry conseguiam se safar quando machucavam outras crianças com frequência se tomassem cuidado de ficar abaixo da linha do campo de visão. No máximo, um adulto passando poderia dizer alguma coisa do tipo "Por que você não para com isso?", para prosseguir caminhando sem ver se o valentão parou ou não. Assim, o valentão só precisava esperar que o adulto dobrasse a esquina… e podia continuar o que estava fazendo. Parecia que os adultos achavam que a vida de verdade só começava quando a pessoa tinha um metro e meio de altura.

Se Henry foi atrás de uma senhora, ele passou da linha que separava o campo de visão. E aquilo, mais do que qualquer outra coisa, sugeria a Ben que ele *estava* mesmo maluco.

Beverly viu a crença no rosto de Ben e sentiu o alívio tomar conta de si. Ela não teria que contar para ele que o sr. Ross simplesmente dobrou o jornal e entrou em casa. Ela não queria contar isso. Era assustador demais.

— Vamos pela rua Kansas — disse Ben, e abriu abruptamente a porta. — Prepare-se pra correr.

Ele ficou de pé na abertura e olhou ao redor. A clareira estava em silêncio. Ele conseguia ouvir o som do Kenduskeag ali perto, canto de pássaros, o ronco de um motor a diesel chegando no pátio de trens. Não ouviu mais nada, e isso o deixou desconfortável. Ele teria se sentido bem melhor se tivesse ouvido Henry, Victor e Arroto xingando enquanto andavam pela vegetação pesada ao lado do rio. Mas ele não conseguia ouvi-los.

— Vem — disse ele, e ajudou Beverly a subir. Ela também olhou ao redor com desconforto e empurrou o cabelo para trás com as mãos enquanto fazia uma careta pela textura oleosa dele.

Ele segurou a mão dela e eles passaram por uma área de arbustos na direção da rua Kansas.

— É melhor ficarmos fora do caminho.

— Não — disse ela. — Temos que ir rápido.

Ele assentiu.

— Tudo bem.

Eles chegaram ao caminho e começaram a ir na direção da rua Kansas. Uma vez, ela tropeçou em uma pedra no caminho e

7

Jardim do Seminário — 02h17

caiu pesadamente na calçada iluminada pela lua. Um grunhido saiu dele e um jorro de sangue saiu junto, espalhando-se no concreto rachado. Sob o luar, parecia preto como sangue de besouro. Henry olhou atordoado para o sangue por um tempo, depois ergueu a cabeça e olhou ao redor.

A rua Kansas estava mergulhada no silêncio da madrugada, com as casas fechadas e escuras exceto por algumas luzes noturnas.

Ah. Aqui havia uma grade de bueiro.

Um balão com uma carinha *smiley* estava preso a uma das barras de ferro. O balão balançava na brisa leve.

Henry ficou de pé novamente, com uma mão grudenta apertando a barriga. O crioulo o tinha acertado em cheio, mas Henry o acertou melhor. Acertou mesmo. No que dizia respeito ao crioulo, Henry sentia que estava numa boa.

— O garoto já era — murmurou Henry, e seguiu seu caminho cambaleante e trêmulo passando pelo balão. Sangue fresco brilhou em sua mão após jorrar da barriga. — O garoto está frito. Acabei com o mané. Vou acabar com todos eles. Vou ensinar a jogarem pedras.

O mundo estava existindo em ondas lentas bem grandes, como mostravam no começo de cada episódio de *Havaí 5-0* na TV da ala dele

(prende eles, Danno, haha, a porra do Jack Lord era legal. A porra do Jack Lord era bem legal)

e Henry conseguia Henry conseguia Henry quase conseguia

(ouvir o som que aqueles garotos de Oahu faziam ao deslizar, surfar e sacudir

(sacudirsacudirsacudir

(a realidade do mundo. "Pipeline." The Chantays. Se lembra de "Pipeline"? "Pipeline" era bem legal. "Wipe-Out". Uma risada louca no começo. Parecia Patrick Hockstetter.

Aquele veado de merda. Ele também já era, até onde eu)

ele estava com medo de ser

(que porra muito melhor do que legal, era DEMAIS, era DEMAIS PRA CARAMBA

(tudo bem Pipeline *manda ver não recua agora meus garotos vão pegar uma onda e*

(disparar

(dispararmdisparardisparar

(uma onda e surfar na calçada comigo

(a linha dispara no mundo mas mantenha)

um ouvido dentro da cabeça dele: ele ficava ouvindo aquele som estridente; um olho dentro da cabeça dele: ele ficava vendo a cabeça de Victor surgindo na ponta daquela mola, com pálpebras e bochechas e testa tatuados com rosetas de sangue.

Henry olhou vagamente para a esquerda e viu que as casas tinham sido substituídas por uma cerca viva alta e preta. Bem acima dela ficava a casa vitoriana estreita e sombria do Seminário Teológico. Nenhuma janela estava iluminada. O seminário formou sua última turma em junho de 1974. Ele fechou as portas naquele verão, e agora qualquer coisa que andasse ali dentro andava sozinha… e só com a permissão do clube tagarela de mulheres que se intitulava a Sociedade Histórica de Derry.

Ele chegou até o caminho que levava à porta da frente. Ela estava fechada com uma corrente pesada na qual havia uma placa de metal: PROPRIEDADE PARTICULAR PRESERVADA PELO DEPTO DE POLÍCIA DE DERRY.

Os pés de Henry se embolaram e ele caiu de novo com força na calçada. À frente, um carro entrou na rua Kansas vindo da Hawthorne. Os faróis iluminaram a rua. Henry lutou contra o brilho tempo o bastante para ver as luzes no alto: era uma viatura da polícia.

Ele rastejou por baixo da corrente e engatinhou para a esquerda, para ficar atrás da cerca viva. A sensação do orvalho noturno no rosto quente foi maravilhosa. Ele ficou deitado com o rosto para baixo, virando a cabeça para um lado e para o outro, molhando as bochechas, bebendo o que conseguia.

A viatura passou sem diminuir.

E então, de repente, as luzes de cima se acenderam e iluminaram a escuridão com pulsações azuis. Não havia necessidade da sirene nas ruas desertas, mas Henry ouviu o motor frear de repente. A borracha cantou no asfalto.

Pego, fui pego, balbuciou sua mente… mas então ele percebeu que o carro de polícia estava indo para longe dele, subindo a rua Kansas. Um momento depois o som dos infernos preencheu a noite e chegou até ele do sul. Ele imaginou um enorme gato preto sedoso pulando pela escuridão, só olhos verdes e corpo flexível, a Coisa em nova forma, indo atrás dele, indo comê-lo inteiro.

Pouco a pouco (e só quando a sirene começou a desaparecer), ele percebeu que era uma ambulância seguindo na mesma direção que a viatura tomou. Ele ficou tremendo na grama molhada, com frio agora, lutando

(polícia primo agito primo rock-and-roll temos galinhas no celeiro que celeiro meu)

para não vomitar. Ele tinha medo de que, se vomitasse, todas as suas entranhas saíssem… e ele ainda tinha cinco para pegar.

Ambulância e carro da polícia. Pra onde estão indo? Pra biblioteca, é claro. O crioulo. Mas vão chegar tarde demais. Eu acabei com ele. Podem desligar as sirenes, rapazes. Ele não vai ouvir. Está morto como uma cerca. Ele…

Mas será que estava?

Henry lambeu os lábios rachados com a língua árida. Se ele estivesse morto, não haveria sirene tocando na noite. A não ser que o crioulo tenha ligado. Então talvez, era apenas uma possibilidade, o crioulo não estivesse morto.

— Não — sussurrou Henry. Ele rolou até ficar de costas e olhou para o céu, para os bilhões de estrelas lá em cima. A Coisa tinha vindo de lá, ele sabia. De algum lugar naquele céu.

… a Coisa

(veio do espaço sideral com desejo por mulheres da Terra veio roubar todas as mulheres e estuprar todos os homens e aí Frank você não quer dizer roubar todos os homens e estuprar todas as mulheres quem é o dono desse show, idiota, você ou Jesse? Victor sempre falava isso e era bem)

veio dos espaços entre as estrelas. Olhar para aquele céu estrelado provocava arrepios nele: era grande demais, preto demais. Era bem possível imaginá-lo ficando vermelho-sangue, bem possível imaginar um rosto se formando em linhas de fogo…

Ele fechou os olhos, tremendo e segurando os braços cruzados sobre a barriga, e pensou: *O crioulo está morto. Alguém ouviu a gente lutando e mandou a polícia pra investigar, só isso.*

Então para que a ambulância?

— Cala a boca, cala a boca — gemeu Henry. Ele sentiu a velha raiva confusa de novo; ele se lembrou de como eles bateram nele repetidamente no passado, no passado que parecia tão perto e tão vital agora, que todas as vezes que ele acreditou que os tinha capturado, eles de alguma forma escorriam por entre os dedos dele. Foi assim no último dia, depois que Arroto viu a vadia correndo pela rua Kansas na direção do Barrens. Ele se lembrava disso, ah, sim, ele lembrava claramente. Quando você levava um chute nas bolas, você lembrava. Aconteceu com ele repetidas vezes naquele verão.

Henry lutou para se sentar e fez uma careta pela dor profunda na barriga.

Victor e Arroto o ajudaram no Barrens. Ele andou o mais rápido que conseguiu apesar da dor que repuxava e revirava sua virilha e a base da barriga. Tinha chegado a hora de acabar com tudo. Eles tinham seguido o caminho até uma clareira da qual cinco ou seis caminhos irradiavam como partes de uma teia. Sim, houvera crianças brincando ali; não era preciso ser Tonto para ver isso. Havia papéis de bala, restos de balas de ar comprimido disparadas, vermelhas e pretas. Algumas tábuas e áreas com serragem, como se alguma coisa tivesse sido

construída ali.

Ele se lembrava de ficar de pé no centro da clareira e observar as árvores em busca da casa na árvore dos bebês. Ele a veria e subiria, e a garota estaria escondida ali, e ele usaria a faca para cortar a garganta dela e sentir os peitinhos gostosos até eles pararem de se mexer.

Mas ele não conseguiu ver nenhuma casa na árvore; Victor e Arroto também não. A velha frustração familiar subiu pela garganta dele. Ele e Victor deixaram Arroto cuidando da clareira enquanto desciam até o rio. Mas também não havia sinal dela lá. Ele se lembrava de se inclinar e pegar uma pedra e

8

Barrens — 12h55

jogar longe no rio, furioso e perplexo.

— Pra onde ela foi, porra? — perguntou ele, virando-se na direção de Victor.

Victor balançou a cabeça devagar.

— Não sei — disse ele. — Você está sangrando.

Henry olhou para baixo e viu um ponto vermelho do tamanho de uma moeda de 25 centavos no frente da calça jeans. A dor tinha virado um latejar suave, mas a cueca parecia pequena e apertada demais. As bolas estavam inchando. Ele sentiu a raiva dentro de si de novo, algo como uma corda amarrada no coração. *Ela* tinha feito isso.

— Onde ela *está*? — sibilou ele para Victor.

— Não sei — disse Victor de novo com o mesmo tom de voz. Ele parecia hipnotizado, com insolação, não exatamente presente. — Fugiu, eu acho. Ela já poderia estar em Old Cape a essa altura.

— Não está — disse Henry. — Está escondida. Eles têm um lugar e ela se escondeu aqui. Talvez não seja uma casa na árvore. Talvez seja outra coisa.

— O quê?

— *Eu… não… sei!* — gritou Henry, e Victor se encolheu.

Henry ficou de pé no Kenduskeag, com a água fria borbulhando por cima dos tênis, olhando ao redor. Os olhos se fixaram em um cilindro que saía da terra uns 6 metros rio abaixo, uma estação de bombeamento. Ele saiu da água e andou até lá, sentindo uma espécie de medo necessário tomar conta dele. Sua pele parecia estar ficando apertada, seus olhos se arregalaram de forma que pudessem conseguir ver mais e mais; parecia que ele conseguia sentir os pelinhos nas orelhas tremendo e se movendo como algas submarinas no movimento da maré.

Um zumbido baixo saía da estação de bombeamento, e mais para a frente ele conseguia ver um cano saindo da terra por cima do Kenduskeag. Um fluxo contínuo de lodo saía do cano e caía na água.

Ele se inclinou por cima da tampa de ferro redonda do cilindro.

— Henry? — disse Victor com nervosismo. — Henry? O que você está fazendo?

Henry não prestou atenção. Ele colocou um olho em um dos buracos redondos no ferro e não viu nada além de escuridão. Depois, colocou a orelha.

— *Espere…*

A voz chegou a ele vinda da escuridão lá embaixo, e Henry sentiu sua temperatura interior despencar para zero, suas veias e artérias se congelarem em tubos de cristais de gelo. Mas com essas sensações veio um sentimento quase desconhecido: amor. Seus olhos se arregalaram. Um sorriso de palhaço se espalhou nos lábios em um arco relaxado. Era a voz da lua. Agora a Coisa estava na estação de bombeamento… lá nos esgotos.

— *Espere… Observe…*

Ele esperou, mas não houve mais nada: só o som regular e soporífero do maquinário de bombeamento. Ele andou até onde Victor estava na margem, observando-o com atenção. Henry o ignorou e gritou para chamar Arroto. Em pouco tempo, Arroto chegou.

— Vem — disse ele.

— O que a gente vai fazer, Henry? — perguntou Arroto.

— Esperar. Observar.

Eles voltaram até a clareira e se sentaram. Henry tentou puxar a cueca de cima das bolas doloridas, mas doeu demais.

— Henry, o que… — começou Arroto.

— Shhh!

Arroto obedeceu e ficou em silêncio. Henry tinha cigarros Camel, mas decidiu não fumar. Ele não queria que a puta sentisse cheiro de fumaça de cigarro se estivesse por perto. Ele poderia ter explicado, mas não havia necessidade. A voz só disse duas palavras para ele, mas elas pareceram explicar tudo. Eles brincavam aqui. Em pouco tempo, os outros voltariam. Por que pegar só a putinha se ele podia pegar os sete merdinhas?

Eles esperaram e observaram. Victor e Arroto pareceram ter adormecido de olhos abertos. Não foi uma longa espera, mas houve tempo para Henry pensar em muitas coisas. Como encontrou a faca naquela manhã, por exemplo. Não era a mesma que ele tinha no último dia de aula; ele tinha perdido aquela em algum lugar. Essa era mais legal.

Chegou pelo correio.

Mais ou menos.

Ele ficou de pé na varanda olhando a caixa inclinada e velha de correspondência, tentando entender o que estava vendo. A caixa estava decorada com balões. Dois estavam amarrados ao gancho de metal em que o carteiro às vezes pendurava os pacotes; os outros estavam amarrados à bandeira. Vermelho, amarelo, azul, verde. Parecia que um circo estranho tinha

passado pela rua Witcham na calada da noite e deixou aquele sinal.

Quando ele se aproximou da caixa, viu que havia rostos nos balões, os rostos das crianças que o infernizaram durante todo o verão, as crianças que pareciam debochar dele a cada oportunidade.

Ele olhou boquiaberto para aquelas aparições, e os balões estouraram, um a um. Isso foi bom; foi como se ele os tivesse fazendo estourar só de pensar, matando-os com o pensamento.

A parte da frente da caixa de correspondência se abriu de repente. Henry andou até ela e olhou dentro. Apesar de o carteiro só chegar na rua dele no meio da tarde, Henry não ficou surpreso ao ver um pacote retangular e achatado lá dentro. Ele o tirou. SR. HENRY BOWERS, RFD Nº 2, DERRY, MAINE , dizia o espaço do destinatário. Havia até uma espécie de endereço de remetente: SR. ROBERT GRAY, DERRY, MAINE.

Ele abriu o pacote e deixou o papel pardo cair aos seus pés. Havia uma caixa branca dentro. Ele a abriu. Em uma camada de algodão branco, estava a faca com mecanismo automático de ejeção da lâmina. Ele a levou para dentro de casa.

O pai estava deitado no colchão no quarto que eles compartilhavam, cercado de latas de cerveja vazias, com a barriga inchada por cima do elástico da cueca amarela. Henry se ajoelhou ao lado dele, ouviu o ronco e o tremor na respiração do pai e observou os lábios de cavalo do pai se repuxarem e inflarem a cada movimento de ar.

Henry colocou o lado da faca com a abertura da lâmina no pescoço do pai. O pai se mexeu um pouco e voltou ao sono embriagado. Henry manteve a faca na mesma posição por cinco minutos, com olhos distantes e pensativos, a ponta do polegar esquerdo acariciando o botão prateado que ficava no cabo. A voz da lua falou com ele. Ela sussurrou como o vento de primavera que é quente, mas tem um toque frio no meio, zumbiu como um ninho cheio de vespas furiosas, discursou como um político rouco.

Tudo que a voz disse pareceu bem legal a Henry, então ele apertou o botão de prata. Houve um clique dentro da faca quando a mola soltou a lâmina, e 15 centímetros de aço entraram no pescoço de Butch Bowers. Entrou com a mesma facilidade que os dentes de um garfo no peito de um frango bem assado. A ponta da faca saiu do outro lado, pingando.

Os olhos de Butch se abriram. Ele olhou para o teto. Sua boca se abriu. Sangue escorreu pelos cantos e pelas bochechas até os lóbulos das orelhas. Ele começou a gorgolejar. Uma bolha grande de sangue se formou entre os lábios frouxos e estourou. Uma das mãos dele foi até o joelho de Henry e apertou convulsivamente. Henry não se importou. A mão imediatamente soltou. Os barulhos gorgolejantes pararam um momento depois. Butch Bowers estava morto.

Henry tirou a faca, limpou no lençol sujo que cobria o colchão do pai e empurrou a lâmina até a mola fazer um clique. Ele olhou para o pai sem muito interesse. A voz contou para ele sobre o trabalho do dia enquanto ele estava ajoelhado ao lado de Butch com a faca no pescoço de Butch. A voz explicou tudo. Assim, ele foi para o outro aposento ligar para Arroto e Victor.

Agora eles estavam todos aqui, os três, e embora suas bolas ainda doessem horrivelmente,

a faca fazia um volume reconfortante no bolso esquerdo da frente da calça. Ele sentiu que a hora de cortar chegaria logo. Os outros voltariam para retomar as brincadeiras de bebê, e então chegaria a hora de cortar. A voz da lua explicou para ele enquanto ele estava ajoelhado ao lado do pai, e a caminho da cidade ele não conseguiu tirar os olhos daquele disco-fantasma pálido no céu. Ele viu que havia mesmo um homem na lua, um rosto-fantasma apavorante e cintilante com buracos de crateras no lugar dos olhos e um sorriso fino que parecia chegar até metade das bochechas. Ele falou

(nós flutuamos aqui embaixo Henry todos nós flutuamos você também vai flutuar)

durante todo o caminho até a cidade. *Mata eles todos, Henry*, disse a voz-fantasma da lua, e Henry conseguia entender; Henry sentia que conseguia compartilhar essa emoção. Ele mataria todos, seus atormentadores, e então aqueles sentimentos sumiriam, aqueles sentimentos de que ele estava perdendo a cabeça, de que estava chegando inexoravelmente em um mundo maior que ele não seria capaz de dominar como havia dominado o parquinho na Escola Derry, que no mundo maior o gordo, o crioulo e o gago bizarro poderiam ficar maiores enquanto ele de alguma forma só ficaria mais velho.

Ele mataria todos eles, e as vozes (as dentro dele e as que falavam com ele da lua) o deixariam em paz. Ele os mataria e voltaria para casa e se sentaria na varanda de trás com a espada japonesa de souvenir do pai no colo. Ele beberia uma das cervejas Rheingold do pai. Também ouviria o rádio, mas nada de beisebol. Beisebol era uma coisa muito quadrada. Ele ouviria rock-and-roll. Apesar de Henry não saber (e de que não ligaria se soubesse), naquele assunto, ele e os Otários concordavam: o rock-and-roll era muito legal. Temos galinhas no celeiro, celeiro de quem, que celeiro, meu celeiro. Tudo ficaria bem então; tudo ficaria joia; tudo ficaria belezinha, e qualquer coisa que viesse depois não importaria. A voz cuidaria dele, ele sentia isso. Se você cuidasse da Coisa, a Coisa cuidava de você. As coisas sempre foram assim em Derry.

Mas as crianças tinham que ser impedidas, impedidas logo, impedidas hoje. A voz disse isso para ele.

Henry tirou a nova faca do bolso, olhou para ela, virou-a para um lado e para outro e admirou a forma como o sol piscou e deslizou pela parte cromada. E então, Arroto agarrou o braço dele e sibilou:

— Olha aquilo, Henry! Jesus do céu! Olha aquilo!

Henry olhou e sentiu a luz clara da compreensão tomar conta dele. Uma área quadrada da clareira estava se elevando como se por magia, revelando uma escuridão crescente embaixo. Por um momento, ele sentiu uma pontada de terror, quando ocorreu a ele que poderia ser o dono da voz… pois sem dúvida a Coisa morava em algum lugar embaixo da cidade. Mas ele ouviu o gemer de terra em dobradiças e entendeu. Eles não viram a casa na árvore porque ela não existia.

— Por Deus, a gente estava de pé bem em cima deles — resmungou Victor, e quando a cabeça e os ombros de Ben surgiram no quadrado no centro da clareira, ele ameaçou sair

correndo. Henry o segurou e puxou para trás.

— A gente não vai pegar eles, Henry? — perguntou Victor quando Ben se levantou.

— Vamos pegar, sim — disse Henry sem tirar os olhos do gordo odiado. Outro chutador de bolas. *Vou chutar suas bolas com tanta força que você vai poder usar elas de brincos, seu merda gordo. Espera pra ver.* — Não se preocupe.

O gordo estava ajudando a putinha a sair do buraco. Ela olhou ao redor em dúvida, e por um momento Henry acreditou que ela olhou diretamente para ele. Mas os olhos dela prosseguiram. Os dois murmuraram alguma coisa, entraram na vegetação e sumiram.

— Venham — disse Henry, quando o som de galhos estalando e folhas em movimento ficou quase inaudível. — Vamos atrás deles. Mas fiquem longe e em silêncio. Quero todos juntos.

Os três atravessaram a clareira como soldados em patrulha, agachados, com os olhos arregalados e em movimento. Arroto fez uma pausa para olhar para baixo, para a sede do clube, e balançou a cabeça de surpresa e admiração.

— Sentado bem em cima da cabeça deles, eu estava — disse ele.

Henry fez um sinal impaciente para ele andar.

Eles seguiram o caminho porque era mais silencioso. Eles estavam na metade do caminho até a rua Kansas quando a putinha e o gordo, de mãos dadas (*Não é fofo?*, pensou Henry em uma espécie de êxtase), surgiram quase diretamente na frente deles.

Por sorte, eles estavam de costas para o grupo de Henry, e nenhum dos dois olhou para trás. Henry, Victor e Arroto ficaram paralisados e depois se recolheram às sombras nas laterais do caminho. Em pouco tempo, Ben e Beverly eram apenas duas camisas vistas por um emaranhado de arbustos e galhos. Os três começaram a segui-los de novo… com cautela. Henry tirou a faca do bolso de novo e

9

Henry pega uma carona — 2h30

apertou o botão de cromo no cabo. A lâmina saltou para fora. Ele olhou para ela com ar sonhador sob o luar. Ele gostava da forma como a luz percorria a lâmina. Não fazia ideia de que horas eram. Ele estava resvalando entre realidade e sonho agora.

Um som invadiu sua percepção e começou a crescer. Era o motor de um carro. Foi se

aproximando. Henry arregalou os olhos no escuro. Ele apertou a faca com mais força e esperou o carro passar.

O carro não passou. Parou no meio-fio atrás da cerca do seminário e ficou ali, com o motor ligado. Fazendo uma careta (a barriga estava endurecendo agora; estava dura como uma tábua, e o sangue escorrendo lentamente entre os dedos dele tinha a consistência de seiva pouco antes de você tirar os extratores dos bordos no final de março ou começo de abril), ele ficou de joelhos e empurrou os galhos rígidos da cerca viva. Ele conseguia ver os faróis e a forma de um carro. Polícia? A mão dele apertou a faca e relaxou, apertou e relaxou, apertou e relaxou.

Mandei uma carona pra você, sussurrou a voz. *Um tipo de táxi, se é que você consegue entender. Afinal, temos que levar você pro Town House rapidinho. A noite está passando.*

A voz deu uma risadinha crua e ficou em silêncio. Agora os únicos sons eram os grilos e o ronco constante do carro parado. *Parecem ter silenciadores Cherry Bomb*, pensou Henry distraidamente.

Ele ficou de pé com dificuldade e foi até a calçada em frente ao seminário. Olhou para o carro. Não era uma viatura: não tinha luzes no alto e o formato era outro. O formato era… *velho.*

Henry ouviu aquela risadinha de novo… ou talvez tenha sido só o vento.

Ele saiu da sombra da cerca, passou por baixo da corrente, ficou de pé de novo e começou a andar na direção do carro parado, que existia em um mundo branco e preto de foto de Polaroid com luar claro e sombras impenetráveis. Henry estava um desastre: a camisa estava preta de sangue, que tinha escorrido pela calça jeans até quase os joelhos. O rosto era uma mancha branca debaixo de um corte de cabelo curto de instituição.

Ele chegou à interseção do caminho do seminário e a calçada e olhou para o carro, tentando entender o volume atrás do volante. Mas foi o carro que ele reconheceu primeiro, era o que o pai sempre jurava que teria um dia, um Plymouth Fury 1958. Era vermelho e branco, e Henry sabia (o pai não tinha contado para ele repetidas vezes?) que o motor roncando por baixo do capô era um V-8 327. A potência era de 255, capaz de chegar a 110 quilômetros por hora em uns nove segundos e queimava gasolina no carburador de quatro cilindros. *Vou comprar esse carro, e quando eu morrer, podem me enterrar nele*, Butch gostava de dizer… só que, é claro, ele nunca comprou o carro, e o estado o enterrou depois que Henry foi levado para o manicômio, delirando e gritando sobre monstros.

Se for ele lá dentro, acho que não consigo suportar, pensou Henry enquanto apertava a faca, se balançava para a frente e para trás como um bêbado e olhava para a forma atrás do volante.

A porta do passageiro do Fury se abriu, a luz interna se acendeu e o motorista se virou para olhar para ele. Era Arroto Huggins. O rosto dele estava uma ruína. Um dos olhos tinha sumido, e um buraco podre na bochecha com textura de papel deixava dentes pretos à mostra. Na cabeça de Arroto estava o boné do New York Yankees que ele usava no dia em que morreu.

Estava virado para trás. Mofo cinza-esverdeado cobria a aba.

— Arroto! — gritou Henry, e a dor subiu da barriga, fazendo-o gritar de novo sem dizer nada específico.

Os lábios mortos de Arroto se esticaram em um sorriso, abrindo-se em dobras branco-acinzentadas sem sangue. Ele levantou a mão retorcida na direção da porta em um convite.

Henry hesitou, mas andou até a grade dianteira do Fury, tocando com a mão o emblema em forma de V que ficava ali, assim como sempre tinha feito nas ocasiões em que o pai o levava para o showroom em Bangor quando ele era criança, para olhar o mesmo carro. Ao chegar ao lado do passageiro, sua visão ficou cinza em uma onda suave e ele precisou se segurar na porta aberta para não cair. Ele ficou ali com a cabeça baixa, respirando com dificuldade. Por fim, o mundo retomou suas cores, ao menos em parte, e ele conseguiu contornar a porta e cair no banco. A dor repuxou suas entranhas de novo, e sangue fresco jorrou pela mão dele. Parecia geleia quente. Ele encostou a cabeça, trincou os dentes, e os tendões em seu pescoço saltaram. Por fim, a dor começou a diminuir um pouco.

A porta se fechou sozinha. A luz interior se apagou. Henry viu uma das mãos podres de Arroto se fechar sobre o câmbio e engatar. Os nós brancos dos dedos de Arroto cintilavam pela carne podre das mãos.

O Fury começou a percorrer a rua Kansas na direção da colina Up-Mile.

— Como você está, Arroto? — Henry se ouviu dizer. Era burrice, é claro; Arroto não podia estar aqui, pessoas mortas não podiam dirigir carros. Mas foi a única coisa em que ele conseguiu pensar.

Arroto não respondeu. O olho afundado observava a rua. Os dentes brilhavam de forma doentia para Henry pelo buraco na bochecha. Henry percebeu vagamente que o velho Arroto tinha um cheiro bem intenso. Na verdade, o velho Arroto tinha cheiro de um cesto de tomates que estragou e ficou aguado.

O porta-luvas se abriu e bateu nos joelhos de Henry, e na luz da pequena lâmpada lá dentro ele viu uma garrafa pela metade de Texas Driver. Ele a pegou, abriu e tomou um grande gole. Desceu como seda e bateu em seu estômago como uma explosão de lava. Ele tremeu todo, gemendo… e começou a se sentir um pouco melhor, um pouco mais conectado ao mundo.

— Obrigado — disse ele.

A cabeça de Arroto se virou na direção dele. Henry conseguiu ouvir os tendões no pescoço de Arroto; o som foi como o grito de dobradiças enferrujadas em uma porta de tela. Arroto observou-o por um momento com um olho único morto, e Henry percebeu pela primeira vez que quase todo o nariz dele não existia mais. Parecia que alguma coisa tinha arrancado o nariz do velho Arroto. Um cachorro, talvez. Ou quem sabe ratos. Parecia mais provável que tivessem sido ratos. Os túneis pelos quais eles tinham corrido atrás dos garotos naquele dia estavam cheios de ratos.

Deslocando-se lentamente, a cabeça de Arroto virou-se para a rua de novo. Henry ficou feliz. O velho Arroto olhando para ele daquele jeito, bem, Henry não conseguiu apreciar

muito. Tinha alguma coisa no único olho de Arroto. Reprovação? Raiva? O quê?

Tem um garoto morto atrás do volante deste carro.

Henry olhou para o próprio braço e viu a pele toda arrepiada. Ele rapidamente tomou outro gole da garrafa. Esse segundo desceu um pouco melhor e espalhou mais o calor.

O Plymouth deslizou pela colina Up-Mile e contornou o círculo no sentido anti-horário… só que nessa hora da noite, não havia trânsito; todos os sinais de trânsito tinham passado a piscar em amarelo iluminando as ruas vazias e os prédios da área com pulsações regulares de luz. Estava tão silencioso que Henry conseguia ouvir os cliques dentro de cada sinal… ou será que era sua imaginação?

— Eu não pretendia largar você naquele dia, Arroto — disse Henry. — Pro caso de isso ter passado pela sua cabeça, sabe?

Aquele grito de tendões ressecados soou de novo. Arroto olhou para ele de novo com o olho afundado. E seus lábios se esticaram em um sorriso terrível que revelou gengivas cinza-enegrecidas que tinham sua própria cultura de mofo de jardim. *Que tipo de sorriso é esse?*, Henry se perguntou enquanto o carro deslizava delicadamente pela rua Main, passando pela Freese's de um lado, pela Lanchonete Nan's e pelo Cinema Aladdin do outro. É um sorriso de perdão? Um sorriso de velhos camaradas? Ou é o tipo de sorriso que diz vou te pegar, Henry, vou te pegar por me largar e largar Vic? Que tipo de sorriso?

— Você precisa entender como foi — disse Henry, e parou. Como *foi*? Tudo estava confuso em sua mente, com pedaços misturados como peças de um quebra-cabeça que acabou de ser espalhado sobre uma das mesas vagabundas de cartas na sala de recreação de Juniper Hill. Como *foi* exatamente? Eles seguiram o gordo e a putinha até a rua Kansas e esperaram nos arbustos, observando-os subirem a ladeira até o alto. Se eles tivessem desaparecido, ele, Victor e Arroto teriam deixado o jogo de tocaia de lado e ido atrás dos dois; dois era melhor do que nenhum, e o resto chegaria a qualquer momento.

Mas eles não desapareceram. Apenas se encostaram na cerca, conversando e observando a rua. De vez em quando, eles olhavam para a ladeira que levava ao Barrens, mas Henry manteve sua tropa bem escondida.

Henry lembrava que o céu estava nublado, com nuvens chegando do leste e o ar ficando denso. Haveria chuva naquela tarde.

O que aconteceu depois? O que…?

Uma mão ossuda e com textura de couro se fechou em seu antebraço, e Henry gritou. Ele estava resvalando de novo para aquele mundo cinzento de algodão, mas o toque horrível de Arroto e a pontada de dor na barriga causada pelo grito o trouxeram de volta. Ele olhou para o lado, e o rosto de Arroto estava a menos de 5 centímetros do de Henry; ele inspirou fundo e desejou não ter feito isso. O velho Arroto realmente estava podre. Henry lembrou-se de novo de tomates estragando em um canto escuro de depósito. Seu estômago se revirou.

Ele se lembrou de repente do final, ao menos do que foi o final para Arroto e Vic. Que uma coisa saiu da escuridão enquanto eles estavam em um túnel com uma grade de esgoto acima,

perguntando-se que caminho tomar. *Alguma coisa*... Henry não conseguiu identificar o quê. Até que Victor gritou: *"Frankenstein! É o Frankenstein!"* E era mesmo, era o monstro Frankenstein, com parafusos no pescoço e uma enorme cicatriz de pontos na testa, andando arrastado com sapatos como blocos de criança.

— *Frankenstein!* — gritou Vic. — *Fr*...

E então, a cabeça de Vic sumiu, a cabeça de Vic estava voando pelo túnel até atingir a parede de pedras do outro lado com um baque desagradável e grudento. Os olhos aguados e amarelos do monstro se dirigiram a Henry, e Henry congelou. Sua bexiga afrouxou, e ele sentiu o fluxo quente escorrendo pelas pernas.

A criatura andou na direção dele, e Arroto… Arroto…

— Olha, eu sei que saí correndo — disse Henry. — Eu não devia ter feito isso. Mas… mas…

Arroto só ficou olhando.

— Eu me perdi — sussurrou Henry, como se para contar para o velho Arroto que ele também pagou o preço. Pareceu um argumento fraco, como dizer *É, eu sei que você morreu, Arroto, mas acabei com uma porra de farpa debaixo da unha.* Mas *foi* ruim… muito ruim. Ele vagou em um mundo de escuridão fedorenta durante horas, e por fim lembrou e começou a gritar. Em algum ponto, ele caiu (foi uma queda longa e vertiginosa, na qual ele teve tempo de pensar *Ah, que bom, em um minuto vou estar morto, vou estar fora disso*), mas logo estava em água corrente. Debaixo do Canal, supunha ele. Ele saiu na luz do sol, se debateu até a margem e saiu do Kenduskeag a menos de 50 metros do local em que Adrian Mellon se afogaria 26 anos depois. Ele escorregou, caiu, bateu a cabeça, apagou. Quando acordou, já estava escuro. Ele conseguiu chegar à autoestrada 2 e pediu carona para ir para casa. E os policiais estavam esperando por ele.

Mas aquilo foi outra época, agora era diferente. Arroto entrou na frente do monstro Frankenstein, que arrancou o lado esquerdo do rosto dele até o crânio, e isso foi tudo que Henry viu antes de fugir. Mas agora Arroto estava de volta, e apontando para alguma coisa.

Henry viu que eles tinham parado em frente ao Derry Town House e de repente entendeu perfeitamente. O Town House era o único hotel de verdade que tinha sobrado em Derry. Em 1958, havia também o Eastern Star no final da rua Exchange, e o Traveller's Rest na rua Torrault. Os dois desapareceram durante a reforma urbana (Henry sabia tudo sobre isso; ele lia o *Derry News* fielmente todos os dias em Juniper Hill). Só tinha sobrado o Town House e uma série de motéis vagabundos na estrada interestadual.

É onde eles estarão, pensou ele. *Bem ali. Todos os que sobraram. Dormindo em suas camas, com visões de balas e doces, ou talvez de esgotos, dançando na mente. E vou pegar eles. Um a um, eu vou pegar eles.*

Ele pegou a garrafa de Texas Driver e sufocou uma gargalhada debochada. Ele conseguia sentir sangue fresco escorrendo no colo, e o assento estava grudento embaixo dele, mas o vinho o deixava melhor; o vinho parecia fazer não importar. Ele gostaria de um bom Bourbon,

mas o Driver era melhor do que nada.

— Olha — disse ele para Arroto. — Me desculpe por ter corrido. Não sei por que corri. Por favor… não fique zangado.

Arroto falou pela primeira e única vez, mas a voz não era a voz dele. A voz que saiu da boca podre de Arroto era grave e poderosa, apavorante. Henry choramingou ao ouvir. Era a voz da lua, a voz do palhaço, a voz que ele ouvia nos sonhos de esgotos e ralos, onde a água sempre corria.

— Cala a boca e pega eles — disse a voz.

— Claro — choramingou Henry. — Claro, tudo bem, eu *quero*, não tem problema…

Ele colocou a garrafa de volta no porta-luvas. O gargalo bateu brevemente como dentes. E ele viu um papel onde a garrafa estava antes. Ele o pegou e desdobrou, deixando marcas de sangue nos cantos. Em alto-relevo no topo havia este logo, em escarlate:

Abaixo, havia isto, escrito cuidadosamente em letra de fôrma:

BILL DENBROUGH 311

BEN HANSCOM 404

EDDIE KASPBRAK 609

BEVERLY MARSH 518

RICHIE TOZIER 217

Os números dos quartos deles. Isso era bom. Poupava tempo.

— Obrigado, Ar…

Mas Arroto tinha sumido. O assento do motorista estava vazio. Só havia o boné do New York Yankees no local, com musgo na aba. E uma coisa grudenta na bolota do câmbio.

Henry ficou olhando enquanto sentia o coração batendo dolorosamente na garganta… e então pareceu ouvir alguma coisa se mover no banco de trás. Ele saiu rapidamente, abriu a porta e quase caiu na rua com a pressa. Passou bem longe do Fury, que ainda roncava suavemente pelo silencioso duplo Cherry Bomb (esse tipo de silenciador foi proibido no estado do Maine em 1962).

Era difícil andar; cada passo repuxava e cortava a barriga. Mas ele chegou à calçada e ficou ali, olhando para o prédio de tijolos de oito andares que, junto com a biblioteca e o cinema Aladdin e o seminário, era um dos poucos do qual ele se lembrava com clareza de

antigamente. A maior parte das luzes nos andares de cima estava apagada agora, mas os globos de vidro fosco que ladeavam a entrada principal estavam acesos e emitindo uma luz suave na escuridão, com uma aura de umidade provocada pela névoa.

Henry seguiu com dificuldade até lá e abriu uma das portas com o ombro.

O saguão estava tomado pelo silêncio da madrugada. Havia um tapete turco surrado no chão. O teto era um mural enorme, executado em painéis retangulares, que mostrava cenas da época madeireira de Derry. Havia sofás acolchoados, poltronas e uma enorme lareira agora apagada e silenciosa, com um tronco de bétula sobre os suportes. Era um tronco de verdade, nada de gás; a lareira do Town House não era só uma peça de cenário de saguão. Havia plantas em vasos baixos. A porta dupla de vidro que levava ao bar e ao restaurante estava fechada. De algum escritório vinha o som de uma TV em volume baixo.

Ele andou pelo saguão, com a calça e a camisa manchadas de sangue. Havia sangue entranhado nas dobras de suas mãos; ele escorria pelas bochechas dele e marcava a testa como pintura de guerra. Os olhos estavam saltados. Qualquer pessoa no saguão que o tivesse visto teria saído correndo e gritando de pavor. Mas não havia ninguém.

A porta do elevador se abriu assim que ele apertou o botão. Ele olhou para o papel na mão, depois para os botões dos andares. Depois de pensar um momento, ele apertou 6 e a porta fechou. Houve um leve zumbido de máquina quando o elevador começou a subir.

É melhor começar pelo alto e ir descendo.

Ele se encostou na parede de trás do elevador, com olhos semicerrados. O zumbido do elevador era tranquilizante. Como o zumbido das máquinas nas estações de bombeamento do sistema de esgotos. Aquele dia: ele ficava voltando à mente de Henry. A forma como tudo parecia planejado, como se todos eles só estivessem executando papéis. A forma como Vic e o velho Arroto pareceram… bem, quase drogados. Ele lembrou…

O elevador parou, o movimento o sacudiu e gerou uma nova onda de dor na barriga. A porta se abriu. Henry saiu no corredor silencioso (havia mais plantas aqui, clorofitos, e ele não queria tocar em nenhuma delas, não essas verdes melequentas, que o faziam se lembrar das coisas penduradas lá embaixo, no escuro). Ele verificou o papel de novo. Kaspbrak estava no 609. Henry começou a ir na direção do quarto, com a mão apoiada na parede, deixando uma marca leve de sangue no papel de parede no caminho (ah, mas ele se afastava sempre que chegava perto de uma daquelas plantas; ele não queria nada com elas). A respiração dele estava pesada e seca.

Aqui estava. Henry tirou a faca do bolso, molhou os lábios secos com a língua e bateu na porta. Nada. Ele bateu de novo, mais alto desta vez.

— Quem é? — Sonolento. Ótimo. Ele estaria de pijama, só meio acordado. E quando abrisse a porta, Henry enfiaria a faca direto na área oca na base do pescoço, a parte logo embaixo do pomo de adão.

— Mensageiro, senhor — disse Henry. — Recado da sua esposa. — Será que Kaspbrak tinha esposa? Talvez tenha sido burrice dizer aquilo. Ele esperou, alerta e com frieza. Ele

ouviu passos, o arrastar de chinelos.

— De Myra? — Ele pareceu alarmado. Ótimo. Ficaria mais alarmado em alguns segundos. O sangue pulsava na têmpora direita de Henry.

— Acho que sim, senhor. Não tem nome. Só diz que é sua esposa.

Houve uma pausa, depois um estalo metálico quando Kaspbrak tentou abrir a corrente. Sorrindo, Henry apertou o botão no cabo da faca. *Clique.* Ele elevou a faca até a bochecha, preparando-se. Ouviu a tranca girar. Em um momento, ele enfiaria a lâmina na garganta do magrelo maldito. Ele esperou. A porta se abriu e Eddie

10

Os Otários todos juntos — 13h20

viu Stan e Richie saindo do mercado da avenida Costello, cada um comendo um Rocket em um palito.

— Ei! — gritou ele. — Ei, esperem!

Eles se viraram, e Stan acenou. Eddie correu para se juntar a eles o mais rápido que conseguiu, que na verdade não foi muito rapidamente. Um braço estava imobilizado no gesso, e ele estava com o tabuleiro de Parcheesi debaixo do outro.

— Como está, Eddie? Como está, meu rapaz? — perguntou Richie na estrondosa Voz de Cavalheiro Sulista (a que parecia mais com a de Foghorn Leghorn nos desenhos da Warner Brothers do que qualquer outra coisa). — Ah, veja… Ah, veja… o rapaz está de braço quebrado! Veja isso, Stan, o rapaz está de braço quebrado! Ah, veja… seja gentil e carregue o tabuleiro de Parcheesi do rapaz para ele!

— Eu posso carregar — disse Eddie, um pouco sem fôlego. — Que tal uma lambida no seu Rocket?

— Sua mãe não aprovaria, Eddie — disse Richie com tristeza. Ele começou a comer mais rápido. Tinha acabado de chegar na parte de chocolate no meio, sua parte favorita. — *Germes*, rapaz! Ah, veja… Ah, veja, você pode pegar *germes* se comer a comida de outra pessoa!

— Vou arriscar — disse Eddie.

Com relutância, Richie levou o Rocket até a boca de Eddie… e puxou rapidamente assim que Eddie deu duas lambidas moderadamente caprichadas.

— Pode ficar com o resto do meu se quiser — disse Stan. — Ainda estou cheio por causa

do almoço.

— Judeus não comem muito — informou Richie. — É da religião.

Os três estavam andando com companheirismo, seguindo na direção da rua Kansas e do Barrens. Derry parecia perdido em um cochilo profundo da tarde. As janelas da maioria das casas pelas quais eles passaram estavam fechadas. Havia brinquedos abandonados em gramados, como se os donos tivessem sido chamados para entrar às presas ou colocados para dormir. Um trovão ribombou ao oeste.

— É verdade? — Eddie perguntou a Stan.

— Não, Richie está de brincadeira — disse Stan. — Judeus comem igual a pessoas normais. — Ele apontou para Richie. — Como ele.

— Sabe, você é mau pra cacete com o Stan — Eddie disse para Richie. — Você ia gostar se alguém dissesse um monte de coisa inventada sobre você, só porque você é católico?

— Ah, católicos fazem um monte de coisa — disse Richie. — Meu pai me contou uma vez que Hitler era católico, e Hitler matou bilhões de judeus. Certo, Stan?

— É, acho que sim — disse Stan. Ele pareceu constrangido.

— Minha mãe ficou *furiosa* quando meu pai me contou isso — prosseguiu Richie. Um sorrisinho pela recordação surgiu no rosto dele. — Completamente *fu-riosa*. Nós católicos também tivemos a Inquisição, que foi uma historinha aí com instrumentos de tortura e tal. Acho que todas as religiões têm coisas estranhas.

— Eu também acho — disse Stan baixinho. — Não somos ortodoxos, nem nada do tipo. A gente come presunto e bacon. Nem sei direito o que é ser judeu. Nasci em Derry, e às vezes vamos à sinagoga em Bangor em ocasiões como o Yom Kipur, mas… — Ele deu de ombros.

— Presunto? Bacon? — Eddie estava intrigado. Ele e a mãe eram metodistas.

— Judeus ortodoxos não comem coisas assim — disse Stan. — Tem alguma coisa na Torá sobre não comer nada que anda pela lama ou anda no fundo do oceano. Não sei exatamente o que está escrito. Mas porcos estão fora, e lagosta também. Mas meus pais comem. Eu também.

— Que estranho — disse Eddie, e caiu na gargalhada. — Nunca ouvi falar de uma religião que dizia o que você pode comer. Logo vão querer dizer que tipo de gasolina você pode comprar.

— Gasolina kosher — disse Stan e caiu na gargalhada. Nem Richie e nem Eddie entenderam de que ele estava rindo.

— Você tem que admitir, Stanny, é bem estranho — disse Richie. — Imagine, não poder comer salsicha só porque você por acaso é judeu.

— É? — disse Stan. — Você come carne às sextas?

— Caramba, não! — disse Richie, chocado. — A gente não pode comer carne às sextas porque… — Ele começou a sorrir um pouco. — Ah, tudo bem, entendi o que você quer dizer.

— Os católicos vão mesmo pro inferno se comerem carne às sextas? — perguntou Eddie com fascinação, totalmente alheio ao fato de que, até duas gerações atrás, sua família era de poloneses católicos devotos que não teriam comido carne às sextas tanto quanto não teriam

saído na rua sem roupas.

— Olha, vou te dizer, Eddie — disse Richie. — Não acredito que Deus fosse me mandar pro Lugar Quente só por esquecer e comer um sanduíche de mortadela no almoço de sexta, mas pra que correr o risco? Né?

— Acho que é — disse Eddie. — Mas parece tão… — *Tão idiota*, ele ia dizer, mas então se lembrou da história que a sra. Portleigh contou na aula da escola dominical quando ele era pequenininho, ainda no primeiro ano dos Pequenos Fiéis. De acordo com a sra. Portleigh, um garoto mau roubou um pedaço de pão da comunhão quando passaram a bandeja e colocou no bolso. Ele levou para casa e jogou na privada só para ver o que ia acontecer. Imediatamente, ou ao menos foi o que a sra. Portleigh relatou para os atentos Pequenos Fiéis, a água na privada ficou vermelha. Era o Sangue de Cristo, disse ela, e apareceu para aquele garotinho porque ele tinha feito um ato muito feio chamado BLASFÊMIA. Apareceu para avisá-lo de que, ao jogar o corpo de Cristo na privada, ele colocou sua alma imortal em risco de ir para o Inferno.

Até aquele momento, Eddie gostava do ato da comunhão, que ele só tinha permissão de fazer desde o ano anterior. Os metodistas usavam suco de uva em vez de vinho, e o Corpo de Cristo era representado por cubos cortadinhos de pão fresco. Ele gostava da ideia de comer e beber como rito religioso. Mas depois da história da sra. Portleigh, o assombro dele pelo ritual virou uma coisa mais potente e apavorante. O mero ato de pegar um cubo de pão virou um gesto de coragem, e ele sempre tinha medo de tomar um choque… ou pior, de que o pão fosse de repente mudar de cor em sua mão, virasse um coágulo de sangue, e uma voz desencarnada fosse começar a trovejar na igreja: *Indigno! Indigno! Danado ao Inferno! Danado ao Inferno!* Era comum que depois de ele comungar, sua garganta se fechasse, sua respiração ficasse assobiada e ele precisasse esperar com impaciência e pânico que a benção acabasse para ele correr para o vestíbulo e usar a bombinha.

Você não quer ser bobo, ele disse para si mesmo conforme foi crescendo. *Aquilo não passou de uma história, e a sra. Portleigh sem dúvida não era santa. Mamãe diz que ela se divorciou em Kittery e que joga bingo no Saint Mary's em Bangor, e que cristãos de verdade não jogam, cristãos de verdade deixam o jogo para pagãos e católicos.*

Tudo isso fazia perfeito sentido, mas não aliviou a mente dele. A história do pão da comunhão que transformou a água da privada em sangue o preocupava, o corroía, até fazia com que ele perdesse o sono. Ocorreu a ele uma noite que a maneira de deixar isso para trás de uma vez por todas seria pegar um pedaço do pão, jogar na privada e ver o que acontecia.

Mas um experimento desses estava muito além de sua coragem; sua mente racional não conseguia suportar aquela imagem sinistra de sangue espalhando sua nuvem de acusação e potencial danação na água. Não conseguia enfrentar aquele sortilégio mágico talismânico: *Este é meu corpo, pegue e coma; este é meu sangue, derramado por você e por muitos.*

Não, ele nunca fez o experimento.

— Acho que todas as religiões são estranhas — disse Eddie agora. Mas *poderosas*,

acrescentou sua mente, quase *mágicas*... ou será que isso era BLASFÊMIA? Ele começou a pensar na coisa que eles tinham visto na rua Neibolt, e pela primeira vez viu um paralelo maluco: afinal, o Lobisomem tinha saído da privada.

— Cara, acho que todo mundo está dormindo — disse Richie, jogando a embalagem vazia de Rocket indiferentemente na vala. — Vocês já viram a rua tão silenciosa? Será que todo mundo foi passar o dia em Bar Harbor?

— E-E-E-Ei, p-p-pessoal! — gritou Bill Denbrough atrás deles. — E-E-Esperem!

Eddie se virou, feliz como sempre em ouvir a voz de Big Bill. Ele estava empurrando Silver pela esquina da avenida Costello na frente de Mike, embora a Schwinn de Mike fosse novinha em folha.

— *Hi-yo Silver, VAMOOOOOS!* — gritou Bill. Ele chegou até eles fazendo talvez 30 quilômetros por hora, com as cartas de baralho presas ao raio gritando. De repente, ele pedalou para trás, acionou os freios e deixou uma marca admirável no chão.

— Bill Gago! — disse Richie. — Como vai, rapaz? Ah, veja… Ah, veja… Como vai, rapaz?

— Estou b-b-bem — disse Bill. — Viram Ben ou B-B-Beverly?

Mike chegou até eles. Seu rosto estava tomado de gotículas de suor.

— Que velocidade essa bicicleta faz, afinal?

Bill riu.

— N-N-Não sei e-exatamente. M-Muita.

— Eu não vi eles — disse Richie. Já devem estar lá embaixo. Cantando duetos. "Sh-boom, sh-boom… ya-da-da-da-da-da-da… você parece um sonho, querida."

Stan Uris fez barulhos de vômito.

— Ele está com inveja — disse Richie para Mike. — Judeus não sabem cantar.

— B-B-B…

— Bip-Bip, Richie — disse Richie por ele, e todos riram.

Todos voltaram a andar na direção do Barrens, com Mike e Bill empurrando as bicicletas. A conversa foi enérgica no começo, mas foi rareando. Ao olhar para Bill, Eddie viu uma expressão preocupada e pensou que o silêncio também o estivesse incomodando. Ele sabia que Richie falou como piada, mas realmente *parecia* que todo mundo em Derry tinha ido passar o dia em Bar Harbor… ou em *algum lugar*. Não havia um carro na rua; não havia uma única velha senhora empurrando um carrinho de compras a caminho de casa.

— Está silencioso demais, não? — arriscou Eddie, mas Bill só assentiu.

Eles atravessaram para o lado do Barrens na rua Kansas e viram Ben e Beverly correndo na direção deles e gritando. Eddie ficou chocado pela aparência de Beverly. Ela costumava estar sempre arrumada e limpa, com o cabelo lavado e preso em um rabo de cavalo. Agora ela estava suja com o que parecia todo o tipo de sujeira do universo. Os olhos estavam arregalados e loucos. Havia um arranhão em uma bochecha. A calça jeans estava coberta de lixo e a blusa estava rasgada.

Ben veio atrás dela, bufando e com a barriga balançando.

— Não podemos ir pro Barrens. — Beverly estava ofegante. — Os garotos… Henry… Victor… estão lá em algum lugar… a faca… ele tem uma faca…

— Ca-calma — disse Bill, assumindo o comando imediatamente daquele jeito automático e quase inconsciente dele. Ele olhou para Ben se aproximando, com as bochechas vermelhas e o peito considerável arfando.

— Ela disse que Henry ficou maluco, Big Bill — disse Ben.

— Porra, você quer dizer que ele era *normal*? — perguntou Richie, e cuspiu por entre dentes.

— C-Cala a b-boca, R-Richie — disse Bill, e olhou para Beverly. — C-Conta — disse ele. A mão de Eddie foi até o bolso e segurou a bombinha. Ele não sabia o que era isso tudo, mas já sabia que não era bom.

Obrigando-se a falar o mais calmamente possível, Beverly conseguiu contar uma versão editada da história, uma versão que começava com Henry, Victor e Arroto pegando-a na rua. Ela não contou sobre o pai, estava morrendo de vergonha daquilo.

Quando ela terminou, Bill ficou em silêncio por um momento, com as mãos nos bolsos, o queixo baixo, o guidão de Silver apoiado no peito. Os outros esperaram, olhando com frequência para a grade que bloqueava a encosta. Bill pensou por bastante tempo, e ninguém o interrompeu. Eddie percebeu de repente e sem esforço nenhum que esse poderia ser o ato final. Era essa a sensação do silêncio do dia, não era? A sensação de que a cidade toda tinha ido embora, deixando apenas as cascas vazias das casas e construções.

Richie estava pensando na foto do álbum de George que ganhou vida de repente.

Beverly estava pensando no pai, no quanto os olhos dele estavam pálidos.

Mike estava pensando no pássaro.

Ben estava pensando na múmia e em um cheiro como canela morta.

Stan Uris estava pensando em uma calça jeans preta e pingando, e em mãos tão brancas como papel amassado, também pingando.

— V-V-Vamos — disse Bill por fim. — N-N-Nós v-v-vamos d-descer.

— Bill… — disse Ben. Seu rosto estava perturbado. — Beverly disse que Henry estava maluco *mesmo*. Que pretendia matar…

— N-Não é *deles* — disse Bill, apontando para a área verde que era o Barrens, à direita e abaixo deles; a vegetação, as folhas das árvores, o bambu, o brilho da água. — N-N-Não é *pr-pr-propriedade* deles. — Ele olhou para os amigos com expressão séria. — Estou c-c-cansado de s-ser a-assustado por eles. A g-gente venceu eles na g-g-guerra de p-pedras, e se t-t-tiver que vencer de n-n-novo, a gente v-v-vence.

— Mas Bill — disse Eddie —, e se não forem só *eles*?

Bill se virou para Eddie, e com verdadeiro choque Eddie viu o quanto o rosto de Bill estava cansado e tenso. Havia alguma coisa assustadora naquele rosto, mas só bem mais tarde, quando já era adulto resvalando para o sono depois da reunião na biblioteca, ele entendeu o

que era aquela coisa assustadora: era o rosto de um garoto levado à beira da loucura, um garoto que talvez não estivesse muito mais são ou no controle das próprias ações do que Henry. Mas o Bill essencial ainda estava ali, olhando por aqueles olhos assombrados e assustados… um Bill furioso e determinado.

— Bem — disse ele — e s-s-se n-n-não f-for?

Ninguém respondeu. Um trovão rimbombou perto agora. Eddie olhou para o céu e viu as nuvens de tempestade chegando do oeste, pretas. A chuva seria forte pra cachorro, como sua mãe dizia às vezes.

— A-A-Agora vou dizer uma c-c-coisa — disse Bill, olhando para eles. — Nenhum de vocês precisa i-i-ir c-comigo se n-não quiser. V-Vocês d-decidem.

— Eu vou, Big Bill — disse Richie baixinho.

— Eu também — disse Ben.

— Claro — disse Mike, dando de ombros.

Beverly e Stan concordaram, e Eddie por último.

— Acho que não, Eddie — disse Richie. — Seu braço não está muito bem, sabe.

Eddie olhou para Bill.

— Eu q-q-quero e-ele — disse Bill. — Você a-a-anda c-comigo, E-E-Eddie. Vou ficar de olho em v-você.

— Obrigado, Bill — disse Eddie. O rosto cansado e meio louco de Bill pareceu lindo de repente aos olhos dele, lindo e amado. Ele teve uma leve sensação de admiração. *Eu morreria por ele, eu acho, se ele mandasse. Que tipo de poder é esse? Se faz você parecer como Bill está agora, talvez não seja um poder de se ter.*

— É, Bill tem a arma mais poderosa — disse Richie. — Bombas de cecê. — Ele levantou o braço esquerdo e balançou a mão direita embaixo da axila exposta. Ben e Mike riram um pouco, e Eddie sorriu.

Outro trovão estourou, perto e bem alto desta vez a ponto de fazê-los pularem e se aproximarem uns dos outros. O vento estava aumentando, balançando o lixo na vala. A primeira das nuvens pretas passou em frente ao disco brilhante do sol, e as sombras deles sumiram. O vento estava frio e gelou o suor no braço descoberto de Eddie. Ele tremeu.

Bill olhou para Stan e disse uma coisa peculiar.

— Trouxe seu livro de pa-pássaros, Stan?

Stan bateu no bolso.

Bill olhou para eles de novo.

— Vamos d-d-descer — disse ele.

Eles desceram o barranco em fila, exceto Bill, que ficou com Eddie, como prometido. Ele deixou que Richie levasse Silver, e quando chegaram embaixo, Bill colocou a bicicleta no local costumeiro debaixo da ponte. Eles ficaram de pé juntos e olharam ao redor.

A tempestade que se aproximava não produziu escuridão; nem mesmo uma penumbra. Mas a qualidade da luz mudou, e as coisas se destacavam em uma espécie de alívio sonhador: sem

sombra, claras, esculpidas. Eddie sentiu um horror e uma apreensão crescente nas entranhas ao perceber por que esse tipo de luz parecia tão familiar. Era o mesmo tipo de luz da qual ele se lembrava da casa 29 da rua Neibolt.

Um relâmpago tatuou as nuvens, brilhante o bastante para fazê-lo se encolher. Ele colocou a mão no rosto e se viu contando: *Um… dois… três…* E então, o trovão soou em um estrondo único, um som explosivo, o som de uma bomba M-80, e eles se aproximaram ainda mais uns dos outros.

— A previsão de hoje de manhã não era de chuva — disse Ben com desconforto. — O jornal dizia quente e nebuloso.

Mike estava observando o céu. As nuvens lá em cima eram barquinhos de fundo preto, altas e pesadas, obstruindo rapidamente o azul que cobria o céu de um horizonte a outro quando ele e Bill saíram da casa dos Denbrough depois do almoço.

— Está chegando rápido — disse ele. — Nunca vi uma tempestade chegar tão rápido. — E, como se em confirmação, um trovão estourou.

— V-V-Vamos — disse Bill. — V-Vamos colocar o tabuleiro de Parchee-eesi de E-E-Eddie na s-s-sede do clube.

Eles começaram a descer o caminho que fizeram de tanto percorrê-lo nas semanas seguintes ao incidente da represa. Bill e Eddie estavam na frente da fila, com os ombros roçando nas folhas amplas dos arbustos e os outros atrás. O vento soprou de novo e fez as folhas nas árvores e nos arbustos sussurrarem. Mais à frente, os bambus estalaram de forma sinistra, como tambores em uma história sobre a selva.

— Bill? — disse Eddie em voz baixa.

— O quê?

— Pensei que era só nos filmes, mas… — Eddie riu um pouco. — Sinto como se alguém estivesse me observando.

— Ah, eles e-e-estão a-aqui s-sim — disse Bill.

Eddie olhou ao redor com nervosismo e segurou o tabuleiro de Parcheesi com mais força. Ele

11

Quarto de Eddie — 3h05

abriu a porta e deu de cara com um monstro saído de um gibi de terror.

Uma aparição coberta de sangue estava ali de pé, e só podia ser Henry Bowers. Henry

parecia um cadáver saído do túmulo. O rosto de Henry era uma máscara congelada de ódio e instinto assassino. A mão direita estava erguida na altura da bochecha, e enquanto os olhos de Eddie se arregalavam e ele começava a inspirar a primeira lufada de ar em estado de choque, a mão desceu e a faca brilhou como seda.

Sem pensar (não havia tempo; se ele tivesse parado para pensar, teria morrido), Eddie bateu a porta. Ela bateu no antebraço de Henry e desviou o curso da faca de forma que ela desceu em um arco lateral a menos de 3 centímetros do pescoço de Eddie.

Houve um som de coisa esmagada quando a porta prendeu o braço de Henry contra a moldura. Henry deu um grito abafado. Sua mão se abriu. A faca caiu no chão com um estalo. Eddie a chutou. Ela deslizou para baixo da TV.

Henry jogou o peso contra a porta. Ele era 50 quilos mais pesado do que Eddie, que foi jogado para trás como uma boneca; seus joelhos bateram na cama e ele caiu sobre ela. Henry entrou no quarto e fechou a porta. Ele girou a tranca quando Eddie se sentou com olhos arregalados, com a garganta já começando a assobiar.

— Muito bem, veado — disse Henry. Ele desviou os olhos momentaneamente para o chão em busca da faca, mas não a viu. Eddie tateou na mesa de cabeceira e encontrou uma das duas garrafas de Perrier que tinha pedido mais cedo. Essa era a cheia; ele tinha tomado a outra antes de ir para a biblioteca porque seus nervos estavam à flor da pele e ele estava com muita azia. Perrier era bom para a digestão.

Quando Henry desistiu de procurar a faca e partiu para cima dele, Eddie pegou a garrafa verde em formato de pera pelo gargalo e quebrou na beirada da mesa de cabeceira. A água fez espuma e efervesceu pela superfície, molhando os vidros de comprimidos que estavam ali.

A camisa e a calça de Henry estavam cobertas de sangue, tanto fresco como meio seco. A mão direita agora estava em um ângulo estranho.

— Veadinho — disse Henry —, vou te ensinar a jogar pedras.

Ele foi para a cama e esticou a mão para Eddie, que ainda não tinha entendido direito o que estava acontecendo. Apenas quarenta segundos tinham se passado desde que ele abriu a porta. Henry tentou segurá-lo. Eddie atacou com a parte quebrada da garrafa de Perrier. Ela cortou o rosto de Henry, abriu a bochecha em um corte fundo e irregular e perfurou o olho direito.

Henry deu um grito sem fôlego e cambaleou para trás. O olho cortado, com fluido branco-amarelado escorrendo, ficou pendurado pelo buraco. A bochecha jorrava sangue como um chafariz. O grito de Eddie foi mais alto. Ele se levantou da cama e foi na direção de Henry (para ajudá-lo, talvez, ele não sabia ao certo), e Henry partiu para cima dele de novo. Eddie atacou com a garrafa de Perrier como se fosse um florete de esgrima, e desta vez os pontos irregulares de vidro verde perfuraram fundo a mão esquerda de Henry e cortaram os dedos. Sangue fresco jorrou. Henry deu um grunhido rouco, quase o som de um homem limpando a garganta, e empurrou Eddie com a mão direita.

Eddie voou para trás e bateu na escrivaninha. Seu braço esquerdo de alguma forma se torceu atrás dele, e ele caiu em cima pesadamente. A dor foi uma chama repentina e

enlouquecedora. Ele sentiu o osso ceder na linha da velha fratura e precisou trincar os dentes para não gritar de dor.

Uma sombra bloqueou a luz.

Henry Bowers estava de pé acima dele, balançando para a frente e para trás. Seus joelhos cederam. A mão esquerda estava pingando sangue na parte da frente do roupão de Eddie.

Eddie ficou segurando o pedaço de garrafa de Perrier e agora, quando os joelhos de Henry se dobraram completamente, ele o colocou na frente dele, com a parte irregular apontando para cima e o gargalo apoiado no esterno. Henry caiu como uma árvore e se empalou com a garrafa. Eddie sentiu uma pontada nova de dor no braço esquerdo, que ainda estava preso debaixo do corpo. Um calor novo caiu sobre ele. Ele não sabia se esse banho era do sangue de Henry ou do dele.

Henry se contorceu como uma truta fora da água. Seus sapatos provocaram um batuque quase musical no tapete. Eddie conseguia sentir o hálito podre. De repente, Henry se enrijeceu e rolou para o lado. A garrafa se projetava de forma grotesca do meio do tronco, com a ponta tampada apontando para o teto, como se tivesse crescido ali.

— *Gug* — disse Henry, e não falou mais nada. Ele olhou para o teto. Eddie pensou que ele talvez estivesse morto.

Eddie lutou contra as ondas de vertigem que queriam tomar conta dele e levá-lo à inconsciência. Ficou de joelhos primeiro e depois de pé. A dor se renovou quando o braço quebrado se balançou na frente do corpo, e isso o deixou um pouco mais alerta. Respirando com dificuldade, lutando para inspirar, ele chegou à mesa de cabeceira. Pegou a bombinha em uma poça de água gaseificada, enfiou na boca e apertou o gatilho. Ele tremeu com o gosto, mas deu outra bombeada. Eddie olhou para o corpo no tapete… será que podia ser Henry? Seria possível? Mas era. Crescido, com o cabelo curto mais grisalho do que preto, o corpo agora gordo e branco como o de uma lesma, mas ainda era Henry. E Henry estava morto. Finalmente Henry estava…

— *Gug* — disse Henry, e se sentou. Suas mãos tentaram agarrar o ar, como se querendo se segurar em apoios que só Henry conseguia ver. O olho perfurado escorria e pingava; o arco inferior agora estava inchado sobre a bochecha. Ele olhou ao redor, viu Eddie se encolhendo contra a parede e tentou se levantar.

Ele abriu a boca, e um jorro de sangue saiu. Henry despencou de novo.

Com o coração em disparada, Eddie procurou o telefone e só conseguiu derrubá-lo da mesa sobre a cama. Ele o pegou e discou zero. O telefone tocou sem parar.

Anda, pensou Eddie, *o que você está fazendo aí embaixo, batendo punheta? Atende, por favor, atende a porra do telefone!*

Ele tocou sem parar. Eddie manteve o olhar grudado em Henry, esperando que ele começasse a tentar ficar de pé a qualquer momento. Sangue. Meu Deus, tanto sangue.

— Recepção — disse uma voz rouca e ressentida por fim.

— Ligue para o quarto do sr. Denbrough — disse Eddie. — O mais rápido que puder. —

Com o outro ouvido, ele agora estava prestando atenção nos quartos ao redor. O quanto eles fizeram barulho? Será que alguém bateria na porta e perguntaria se tudo estava bem lá dentro?

— Tem certeza de que quer que eu ligue? — perguntou o recepcionista. — São três e dez.

— Sim, ligue! — Eddie quase gritou. A mão segurando o telefone estava tremendo em pulinhos convulsivos. Havia uma fonte de dor horrível no outro braço. Será que Henry tinha se movido de novo? Não, claro que não.

— Tudo bem, tudo bem — disse o recepcionista. — Acalme-se, amigo.

Houve um clique, e o som rouco de um telefone de quarto tocando. *Vamos, Bill, vamos, v…*

Um pensamento repentino, horrivelmente plausível, ocorreu a ele. E se Henry tivesse visitado o quarto de Bill primeiro? Ou o de Richie? O de Ben? O de Bev? Ou será que Henry fez uma visita à biblioteca? Ele certamente foi a *outro* lugar primeiro; se alguém não tivesse dado um jeito em Henry antes, teria sido Eddie deitado morto no chão, com uma faca enfiada no peito do mesmo jeito que a garrafa de Perrier estava enfiada na barriga de Henry. Mas e se Henry tivesse visitado *todos* os outros primeiro, os tivesse pegado tontos e meio adormecidos, como ele mesmo estava? E se estivessem todos mortos? E aquele pensamento foi tão horrível que Eddie acreditou que começaria a gritar em pouco tempo se alguém não atendesse o telefone no quarto de Bill.

— Por favor, Big Bill — sussurrou Eddie. — Por favor, esteja aí, cara.

O telefone foi atendido, e a voz de Bill, cautelosa de forma nada característica, falou:

— A-A-Alô?

— Bill — disse Eddie… quase sem sentido. — Bill, graças a Deus.

— Eddie? — A voz de Bill ficou momentaneamente mais fraca, falou com outra pessoa, contou para alguém quem era. Mas logo voltou com a mesma intensidade. — O q-que f-foi, Eddie?

— É Henry Bowers — disse Eddie. Ele olhou para o corpo no chão de novo. Será que ele tinha mudado de posição? Desta vez, não foi tão fácil persuadir a si mesmo que sim. — Bill, ele veio aqui… e eu matei ele. Ele estava com uma faca. Eu acho… — Ele baixou a voz. — Acho que era a mesma faca daquele dia. Você lembra?

— Eu l-l-lembro — disse Bill de forma sombria. — Eddie, me escuta. Eu quero que você

12

Barrens — 13h55

— v-v-volte e diga pra B-B-Ben v-vir a-a-aqui em cima.

— Tudo bem — disse Eddie, e voltou imediatamente. Eles estavam se aproximando da clareira. Trovões ribombavam no céu encoberto, e os arbustos suspiravam na brisa crescente.

Ben se juntou a ele quando eles entraram na clareira. A porta da sede do clube estava aberta, um quadrado improvável de escuridão no meio do verde. O som do rio estava muito claro, e Bill de repente foi atingido por uma certeza louca: que estava vivenciando aquele som e este lugar pela última vez em sua infância. Ele inspirou fundo, sentiu o cheiro da terra e do ar e do lixão distante, soltando vapores como um vulcão aborrecido que não consegue decidir se vai entrar em erupção. Ele viu um bando de pássaros sair voando da ponte da linha férrea na direção de Old Cape. Ele olhou para as nuvens pretas.

— O que foi? — perguntou Ben.

— Por q-q-que eles não tentaram p-p-pegar a g-gente? — perguntou Bill. — Eles estão a-aqui. E-E-Eddie estava c-certo quanto a isso. Consigo *s-s-sentir* eles.

— É — disse Ben. — Acho que eles podem ser burros o bastante pra pensar que vamos voltar pra sede do clube. Aí a gente ficaria encurralado.

— P-P-Pode ser — disse Bill, e sentiu uma repentina fúria impotente contra a gagueira, que tornava impossível que ele falasse rápido. Talvez houvesse coisas que ele achasse impossíveis de dizer de qualquer jeito: que sentia que quase conseguia ver pelos olhos de Henry Bowers, que sentia que, apesar de em lados opostos, como peões controlados por forças opostas, ele e Henry tinham ficado muito próximos.

Henry esperava que eles resistissem e lutassem.

A Coisa esperava que eles resistissem e lutassem.

E fossem mortos.

Uma explosão branca e fria pareceu preencher sua cabeça. Eles seriam vítimas do assassino que estava de tocaia em Derry desde a morte de George, todos os sete. Talvez os corpos deles fossem encontrados, talvez não. Tudo dependia se a Coisa conseguiria ou quereria proteger Henry, e, em menor grau, Arroto e Victor. *Sim. Para os outros, para o resto da cidade, seremos todos vítimas do assassino. E é verdade, de uma forma meio esquisita, isso é mesmo verdade. A Coisa nos quer mortos. Henry é a ferramenta para chegar a isso, para que a Coisa não precise sair. Eu primeiro, eu acho; Beverly e Richie talvez consigam segurar os outros, ou Mike, mas Stan está com medo, e Ben também, apesar de eu achar que ele é mais forte do que Stan. E Eddie está com o braço quebrado. Por que eu os trouxe aqui? Meu Deus! Por quê?*

— Bill? — disse Ben com ansiedade. Os outros se juntaram a eles ao lado da sede do clube. Outro trovão explodiu, e os arbustos começaram a balançar com mais vigor. Os bambus estalaram na luz cada vez mais fraca da tempestade.

— Bill… — Era Richie agora.

— Shhh! — Os outros ficaram em um silêncio desconfortável sob os olhos assombrados e chamejantes.

Ele olhou para a vegetação, para o caminho que se afastava na direção da rua Kansas, e

sentiu sua mente de repente subir um grau, como se para um plano mais alto. Não havia gagueira em sua mente; ele sentia como se seus pensamentos tivessem sido gerados em um fluxo louco de intuição, como se tudo estivesse vindo para ele.

George em uma ponta, eu e meus amigos na outra. E então, vai parar

(de novo)

de novo, sim, porque isso já aconteceu antes, e sempre tem que ter um sacrifício no final, uma coisa terrível para fazer parar, não sei como posso saber disso, mas eu sei

… e eles… eles…

— Eles d-d-deixam acontecer — murmurou Bill, com olhos arregalados para o caminho serpenteante. — C-C-Claro que deixam.

— Bill? — perguntou Bev, suplicante. Stan estava de pé do lado dela, pequeno e arrumado com uma camisa polo azul e calça cáqui. Mike estava do outro lado, olhando para Bill intensamente, como se lendo os pensamentos dele.

Eles deixam acontecer, sempre deixam, e as coisas se tranquilizam, as coisas continuam, a Coisa… a Coisa…

(dorme)

dorme… ou hiberna como um urso… e então, tudo começa de novo, e eles sabem… as pessoas sabem… elas sabem que tem que ser, para que a Coisa possa existir.

— Eu t-t-t-t-t-t…

Ah por favor Deus ah por favor Deus ele soca postes por favor Deus de montão me deixa falar isso e insiste que vê ah Deus ah Cristo AH POR FAVOR ME DEIXA CONSEGUIR FALAR!

— Eu t-t-trouxe vocês a-aqui p-p-p-p-porque n-n-nenhum lugar é s-s-seguro — disse Bill. Havia cuspe escorrendo dos lábios dele; ele limpou com as costas da mão. — *D-D-Derry* é a Coisa. V-V-Vocês m-m-me e-e-entendem? — Ele olhou intensamente para eles; eles se afastaram um pouco, com olhos brilhando, quase mortos de medo. — *De-erry é a C-C-Coisa!* P-P-Pra qualquer l-l-lugar que a gente v-v-vá… quando a C-C-Coisa p-p-p-pegar a g-gente, as p-p-p-pessoas não v-vão *v-ver*, não v-v-vão *o-o-ouvir*, não v-v-vão *s-s-saber*. — Ele olhou para eles, suplicante. — V-Vocês n-n-não e-entendem c-c-como é? A g-g-gente s-só p-p-pode t-t-tentar a-a-acabar o que a g-g-gente c-c-começou.

Beverly viu o sr. Ross se levantando, olhando para ela, dobrando o jornal e simplesmente entrando em casa. *Eles não vão ver, não vão ouvir, não vão saber. E meu pai*

(tira essa calça, piranha mirim)

pretendia matá-la.

Mike pensou no almoço com Bill. A mãe de Bill estava em seu mundo de sonhos, parecendo não ver nenhum dos dois enquanto lia um livro de Henry James e os garotos faziam sanduíches e comiam de pé em frente à bancada. Richie pensou na casa arrumada, mas completamente vazia de Stan. Stan ficou um pouco surpreso; sua mãe estava quase sempre em casa na hora do almoço. Nas poucas ocasiões em que não estava, ela deixava um bilhete

dizendo onde podia ser encontrada. Mas não havia bilhete hoje. O carro tinha sumido, só isso. “Deve ter ido fazer compras com Debbie, amiga dela”, disse Stan, franzindo um pouco a testa, e foi fazer sanduíches de salada de ovo. Richie esqueceu o acontecido. Mas lembrou agora. Eddie pensou na mãe. Quando ele saiu com o tabuleiro de Parcheesi, não houve nenhum dos avisos habituais: *Tome cuidado, Eddie, se proteja se chover, Eddie, não ouse fazer brincadeiras violentas, Eddie.* Ela não perguntou se ele estava levando a bombinha, não disse que horas ele tinha que voltar, não deu nenhum aviso em relação “àqueles garotos violentos com quem você brinca”. Ela apenas continuou assistindo à novela na TV, como se ele não existisse.

Como se ele não existisse.

Uma versão desse mesmo pensamento percorreu a mente de todos eles: em algum ponto entre a hora que acordaram naquela manhã e a hora do almoço, eles tinham simplesmente virado fantasmas.

Fantasmas.

— Bill — disse Stan com voz tensa —, e se a gente cortar caminho? Por Old Cape?

Bill balançou a cabeça.

— N-N-Não v-vai d-d-dar c-certo. A g-g-gente f-ficaria p-preso nos b-b-bam-bam-b-b-bus… na l-l-lama m-movediça… ou haveria p-p-piranhas de v-v-verdade no K-K-Kenduskeag… ou a-a-alguma o-outra c-c-coisa.

Cada um tinha um visão diferente do mesmo fim. Ben via arbustos que de repente viravam plantas comedoras de gente. Beverly via lesmas voadoras como as que saíram da geladeira velha. Stan via o solo gosmento dos bambus vomitando cadáveres vivos de crianças presas lá pela famosa lama movediça. Mike Hanlon imaginava pequenos répteis jurássicos com dentes horríveis de serra saindo de repente do tronco de uma árvore podre, atacando-os, mordendo-os em pedacinhos. Richie via o Olho Rastejante escorrendo para cima deles enquanto eles corriam por baixo da ponte férrea. E Eddie os viu subindo o barranco de Old Cape só para dar de cara com o leproso de pé no alto, com a pele frouxa coberta de besouros e vermes, esperando-os.

— Se a gente pudesse chegar à cidade de alguma maneira… — murmurou Richie, mas fez uma careta quando um trovão gritou uma furiosa negativa do céu. Mais chuva caiu; estava só chuviscando, mas logo começaria a cair com força, em gotas grossas. A paz nebulosa do dia tinha sumido completamente, como se nunca tivesse existido — Estaríamos seguros se pudéssemos sair dessa porra de cidade.

Beverly começou a dizer:

— Bip-b…

Mas uma pedra veio voando dos arbustos e atingiu Mike na lateral da cabeça. Ele cambaleou para trás, com sangue escorrendo pelo cabelo crespo, e teria caído se Bill não o tivesse segurado.

— Vou ensinar vocês a jogarem pedras! — a voz de Henry chegou com tom debochado

neles.

Bill conseguia ver os outros olhando ao redor, com olhos arregalados, prontos para correr em seis direções diferentes. E se eles fizessem isso, tudo estaria mesmo acabado.

— B-B-Ben! — disse ele com tom urgente.

Ben olhou para ele.

— Bill, a gente precisa correr. Eles…

Mais duas pedras voaram dos arbustos. Uma atingiu Stan no alto da coxa. Ele gritou, mais surpreso do que machucado. Beverly desviou da segunda. Ela bateu no chão e rolou pela porta da sede do clube.

— V-V-Você se l-l-l-lembra do p-p-primeiro d-dia em que v-v-veio a-aqui? — gritou Bill acima dos trovões. — No d-d-d-dia do c-começo das f-f-férias?

— Bill… — gritou Richie.

Bill levantou a mão para silenciá-lo; seus olhos permaneceram grudados em Ben, deixando-o imóvel.

— Claro — disse Ben, tentando olhar com desespero para todos os lados ao mesmo tempo. Os arbustos agora estavam balançando e dançando loucamente, com movimento quase como o de uma maré.

— O e-e-esgoto — disse Bill. — A e-estação de b-b-bombeamento. É p-pra lá que a gente t-t-tem que ir. Leva a gente!

— Mas…

— *L-L-Leva a g-g-gente!*

Uma chuva de pedras voou dos arbustos, e por um momento Bill viu o rosto de Victor Criss, de alguma forma assustado, drogado e ávido, tudo ao mesmo tempo. Nessa hora, uma pedra bateu em sua maçã do rosto, e foi a vez de Mike de ajudar a não deixar Bill cair. Por um momento, ele não conseguiu ver direito. Sua bochecha parecia dormente. Mas logo a sensação voltou em latejos dolorosos, e ele sentiu sangue escorrendo pelo rosto. Ele passou a mão na bochecha, fez uma careta ao sentir o calombo doloroso crescendo lá, olhou para o sangue e limpou na calça jeans. Seu cabelo voava loucamente no vento fresco.

— Vou te ensinar a jogar pedras, seu babaca gago! — disse Henry, meio gargalhando, meio gritando.

— *L-L-Leva a gente!* — gritou Bill. Ele entendia agora por que tinha mandado Eddie buscar Ben; era para a estação de bombeamento que eles tinham que ir, *aquela mesma*, e só Ben sabia exatamente qual era, pois elas ocupavam as duas margens do Kenduskeag em intervalos regulares. — É-É o l-l-local! A e-e-entrada! O c-c-caminho pra C-C-Coisa!

— Bill, você não tem como *saber* disso! — gritou Beverly.

Ele gritou furiosamente para ela, para todos eles.

— Eu *sei*!

Ben ficou ali de pé por um momento, molhando os lábios, olhando para Bill. Então seguiu pela clareira na direção do rio. Um raio brilhante cortou o céu, roxo-esbranquiçado, seguido

de um trovão que fez Bill tremer. Uma pedra do tamanho de um punho passou na frente do nariz dele e bateu na bunda de Ben. Ele deu um gritinho de dor e colocou a mão no ponto de choque.

— *Iá, seu gordo!* — gritou Henry naquela mesma voz em parte gargalhada, em parte grito. Os arbustos balançavam e estalavam, e Henry apareceu quando a chuva parou de brincar e caiu de verdade. Água escorria do cabelo de Henry, nas sobrancelhas, nas bochechas. O sorriso mostrava todos os dentes. — Vou te ensinar a jogar p…

Mike tinha encontrado um dos pedaços de madeira que sobraram da construção da sede do clube e jogou nele. A madeira girou duas vezes e acertou a testa de Henry. Ele gritou, colocou a mão no local como um homem que acabou de ter uma tremenda ideia, e se sentou com força.

— *C-C-Corram!* — gritou Bill. — A-Atrás de B-B-Ben!

Mais batidas e ruídos nos arbustos, e quando o resto dos Otários saiu correndo atrás de Ben Hanscom, Victor e Arroto apareceram, Henry ficou de pé e os três saíram atrás.

Mesmo depois, quando o resto daquele dia voltou à mente de Ben, ele só se lembrou de imagens aleatórias da corrida pelos arbustos. Ele se lembrou de galhos tomados de folhas pingando batendo no rosto dele, encharcando-o de água fria. Lembrou que os trovões e relâmpagos pareceram ficar quase constantes, e lembrou que os gritos de Henry para que eles voltassem e lutasse pareciam se misturar com o som do Kenduskeag conforme eles chegavam mais perto. Cada vez que ele diminuía a velocidade, Bill batia nas costas dele para fazê-lo se apressar.

E se eu não conseguir encontrar? E se não conseguir achar aquela estação de bombeamento específica?

A respiração entrava e saía dolorosamente dos pulmões, quente e com gosto de sangue no fundo da garganta. Ele estava com uma pontada na lateral do corpo. A bunda latejava onde a pedra atingira. Beverly disse que Henry e os amigos pretendiam matá-los, e Ben acreditava agora, acreditava mesmo.

Ele chegou ao barranco do Kenduskeag tão de repente que quase caiu na margem. Conseguiu se equilibrar, mas o barranco, amolecido pelo degelo da primavera, despencou e ele caiu de qualquer jeito, até a beira da água corrente, com a camisa subindo nas costas e a lama grudando na pele.

Bill caiu atrás dele e o puxou para que ficasse de pé.

Os outros saíram dos arbustos nas margens do barranco um atrás do outro. Richie e Eddie foram os últimos, Richie com um braço passado na cintura de Eddie, com os óculos pingando pendurados na ponta do nariz.

— *O-O-Onde?* — gritou Bill.

Ben olhou primeiro para a direita e depois para a esquerda, ciente de que o tempo estava suicidamente curto. O rio já parecia mais alto, e o céu escuro pela chuva o deixou de uma cor cinza perigosa enquanto fluía. As margens eram cheias de vegetação e árvores, todas agora dançando a música do vento. Ele conseguia ouvir Eddie soluçando para respirar.

— *O-O-Onde?*

— Não s… — ele começou a dizer, mas viu a árvore inclinada e a caverna erodida embaixo. Foi ali que ele se escondeu no primeiro dia. Ele cochilou e, quando acordou, ouviu Bill e Eddie brincando. E então os garotos grandes chegaram… viram… conquistaram. *Tchau, tchau, garotos. Era uma barragem de bebê mesmo, acreditem.*

— Ali! — gritou ele. — Por ali!

Um relâmpago piscou de novo, e desta vez Ben conseguiu *ouvi-lo*, um zumbido como um transformador de trens Lionel sobrecarregado. Ele atingiu a árvore, e um fogo azul elétrico partiu a base torta em farpas e palitos de dente para um gigante de contos de fadas. Ela caiu na direção do rio com um estrondo e jogou água para o alto. Ben inspirou com consternação e sentiu um cheiro quente e queimado e selvagem. Uma bola de fogo rolou da raiz da árvore caída, pareceu ficar mais forte e se apagou. Um trovão explodiu, não acima deles, mas *ao redor*, como se eles estivessem no centro da trovoada. A chuva caiu mais forte.

Bill bateu nas costas dele e o despertou da contemplação atordoada.

— *V-V-VAI!*

Ben foi, pisando na água e cambaleando na margem do rio, com o cabelo caindo nos olhos. Ele chegou à árvore (a caverna de raízes embaixo tinha sido obstruída) e passou por cima, apoiando os pés no tronco molhando e arranhando as mãos e antebraços.

Bill e Richie empurram Eddie para ajudá-lo a subir, e quando ele cambaleou por cima do tronco da árvore, Ben o segurou. Os dois caíram no chão. Eddie deu um grito.

— Você está bem? — gritou Ben.

— Acho que sim — gritou Eddie em resposta, ficando de pé. Ele pegou a bombinha com ansiedade e quase deixou cair. Ben segurou para ele, e Eddie deu um olhar de gratidão enquanto a enfiava na boca e disparava.

Richie subiu, depois Stan e Mike. Bill ajudou Beverly a subir, e Ben e Richie a seguraram do outro lado, com o cabelo grudado no rosto e a calça jeans agora preta.

Bill subiu por último, dando impulso no tronco e depois passando as pernas por cima. Ele viu Henry e os outros dois descendo pelo rio atrás deles, e quando deslizou pela árvore caída, gritou:

— P-P-Pedras! Joguem pedras!

Havia muitas no barranco, e a árvore atingida pelo raio formava uma ótima barricada. Em um momento ou dois, os sete estavam jogando pedras em Henry e nos amigos dele. Eles tinham quase chegado à árvore; a distância era quase à queima-roupa. Eles recuaram, gritando de dor e fúria, enquanto pedras batiam em seus rostos, peitos, braços e pernas.

— Ensina a gente a jogar pedras! — gritou Richie, e jogou uma do tamanho de um ovo em Victor. Ela bateu no ombro dele e quicou quase reta no ar. Victor berrou. — Eu digo… Eu digo… pode nos ensinar, rapaz. Nós aprendemos *bem*.

— *Yeeeeh-aaaah!* — gritou Mike. — Estão gostando? Estão gostando?

Não houve resposta. Eles recuaram até estarem fora do alcance e reunidos. Um momento

depois, eles subiram o barranco, escorregando e tropeçando na terra molhada e escorregadia, que já estava tomada de filetes de água escorrendo, segurando-se em galhos para ficarem de pé.

Eles desapareceram na vegetação.

— Eles vão contornar a gente, Big Bill — disse Richie, empurrando os óculos no nariz.

— T-T-Tudo bem — disse Bill. — V-Vai, B-B-Ben. Vamos a-a-atrás de v-você.

Ben seguiu em frente, fazendo uma pausa (e esperando que Henry e os outros surgissem na cara dele a qualquer momento) e viu a estação de bombeamento 20 metros rio abaixo. Os outros foram atrás dele. Ele conseguia ver outros cilindros na margem oposta, um bem perto, outro 40 metros rio acima. Os dois estavam lançando torrentes de água lamacenta no Kenduskeag, mas só um filete saía do cano que saía do barranco abaixo desse. Ele também não estava zumbindo, Ben reparou. A bomba tinha quebrado.

Ele olhou para Bill, pensativo… e com um pouco de medo.

Bill estava olhando para Richie, Stan e Mike.

— A g-g-gente t-t-tem que t-t-tirar a t-t-tampa — disse ele. — M-Me a-ajudem.

Havia alças no ferro, mas a chuva as tinha deixado escorregadias e a tampa era incrivelmente pesada. Ben ficou ao lado de Bill, e Bill moveu um pouco as mãos para abrir espaço. Ben conseguia ouvir água pingando dentro, um som ecoante e desagradável, como água pingando em um poço.

— *A-A-AGORA!* — gritou Bill, e os cinco puxaram na mesma hora. A tampa se moveu com um som desagradável de arranhado.

Beverly segurou ao lado de Richie, e Eddie puxou com o braço bom.

— Um, dois, três, *empurre!* — gritou Richie.

A tampa deslizou mais um pouco de cima do cilindro. Agora, um crescente de escuridão aparecia.

— Um, dois, três, *empurre!*

O crescente aumentou.

— Um, dois, três, *empurre!*

Ben empurrou até pontos vermelhos dançarem em frente aos seus olhos.

— Pra trás! — gritou Mike. — Lá vai, lá vai!

Eles se afastaram e viram a grande tampa circular balançar e cair. A queda provocou uma abertura na terra molhada e a tampa caiu de cabeça para baixo como uma enorme peça de jogo de damas. Besouros saíram correndo da superfície para a grama molhada.

— Eca — disse Eddie.

Bill espiou lá dentro. Degraus de ferro desciam até uma poça circular de água preta, com a superfície agora pontilhada pelas gotas de chuva. A bomba silenciosa estava no meio dela, parcialmente submersa. Ele conseguia ver água entrando na estação pela boca do cano interno e, com desespero, ele pensou: *É pra lá que a gente tem que ir. Lá dentro*.

— E-E-E-Eddie. S-Segura em m-mim.

Eddie olhou para ele sem entender.

— Monta nas m-minhas c-c-costas. Segura com o b-b-braço b-bom. — Ele demonstrou.

Eddie entendeu, mas ficou relutante.

— Rápido! — disse Bill. — E-E-Eles v-vão *c-c-chegar!*

Eddie passou o braço ao redor do pescoço de Bill; Stan e Mike o levantaram, para que ele conseguisse passar as pernas ao redor da cintura. Quando Bill passou desajeitado pela borda do cilindro, Ben viu que Eddie estava com os olhos bem fechados.

Acima da chuva, ele conseguia ouvir outro som: galhos estalando, quebrando, vozes. Henry, Victor e Arroto. A cavalaria mais feia do mundo.

Bill agarrou a beirada áspera de concreto do cilindro e desceu com cuidado, um degrau de cada vez. As tiras de metal estavam escorregadias. Eddie o estava segurando quase que eu um abraço mortal, e Bill supôs que estava tendo uma demonstração bem gráfica de como era a asma de Eddie.

— Estou com medo, Bill — sussurrou Eddie.

— E-E-Eu também.

Ele soltou a beirada de concreto e segurou no degrau mais alto. Apesar de Eddie o estar quase sufocando e parecer que ele já tinha ganhado 20 quilos, Bill fez uma pausa e olhou para o Barrens, para o Kenduskeag e para as nuvens em movimento. Uma voz dentro dele (não uma voz com medo, apenas firme) mandou-o dar uma boa olhada, para o caso de ele nunca mais ver o mundo.

Assim, ele olhou, e começou a descer com Eddie agarrado nas costas.

— Não vou conseguir segurar muito tempo — Eddie conseguiu dizer.

— N-N-Não vai ser p-preciso — disse Bill. — Estamos quase l-lá.

Um dos pés dele entrou na água fria. Ele procurou o degrau de baixo e encontrou. Havia outro abaixo, e a escada terminava. Ele estava de pé com água até os joelhos ao lado da bomba.

Ele se agachou, fez uma careta quando a água fria encharcou a calça e soltou Eddie. Ele respirou fundo. O cheiro não era muito bom, mas era ótimo não estar com o braço de Eddie ao redor do pescoço.

Ele olhou para a boca do cilindro. Estava a uns 3 metros acima da cabeça dele. Os outros estavam agrupados ao redor da beirada, olhando para baixo.

— V-V-Venham! — gritou ele. — U-Um de c-c-cada vez! Rápido!

Beverly desceu primeiro, passando com facilidade pela borda e segurando a escada, e Stan foi depois. Os outros seguiram. Richie foi o último, e fez uma pausa para ouvir o progresso de Henry e dos amigos. Ele pensou, pelo som do progresso desajeitado, que eles passariam um pouco à esquerda da estação, mas quase certamente não o bastante para fazer diferença.

Naquele momento, Victor gritou:

— Henry! Ali! Tozier!

Richie olhou e os viu se aproximando rapidamente. Victor estava na frente… mas Henry o

empurrou para o lado com tanta selvageria que Victor caiu de joelhos. Henry estava mesmo com uma faca enorme. Gotas de água escorriam da lâmina.

Richie olhou para dentro do cilindro, viu Ben e Stan ajudando Mike a descer da escada e passou por cima da borda. Henry entendeu o que ele estava fazendo e gritou. Richie, rindo loucamente, colocou a mão esquerda na dobra atrás do cotovelo direito e levantou o antebraço para o céu, com a mão fechada, no que talvez fosse o gesto mais antigo do mundo. Para ter certeza de que Henry tinha entendido, ele mostrou o dedo do meio.

— *Vocês vão morrer aí embaixo!* — gritou Henry.

— *Prove!* — gritou Richie, rindo. Ele estava morrendo de medo de entrar pelo cano de concreto, mas não conseguia parar de gargalhar. E, com a Voz do Policial Irlandês, ele berrou: — Não tenha a menor dúvida, a sorte irlandesa *nunca* acaba, belo rapaz!

Henry escorregou na grama molhada e caiu sentado a menos de 6 metros de onde Richie estava, com os pés no primeiro degrau da escada presa na curva interna da estação de bombeamento, com a cabeça e o peito para fora.

— *Ei, pé de banana!* — gritou Richie, delirante de triunfo, e desceu pela escada. Os degraus de ferro estavam escorregadios, e ele quase caiu uma vez. Mas logo Bill e Mike o seguraram, e ele estava de pé com água até os joelhos junto com os outros, em um círculo ao redor da bomba. Ele estava todo tremendo, sentia calor e frio subindo pelas costas, mas não conseguia parar de rir.

— Você devia ter visto ele, Big Bill, desajeitado como sempre, ainda não consegue nem andar direito…

A cabeça de Henry apareceu na abertura circular no alto. Havia arranhões de galhos e folhas nas bochechas dele. A boca estava em movimento e os olhos pareciam pegar fogo.

— Tudo bem — gritou ele para o grupo. As palavras tinham uma ressonância estranha dentro do cilindro de concreto, não exatamente um eco. — Estou indo. Peguei vocês agora.

Ele passou uma perna por cima da borda, procurou o degrau mais alto com o pé, encontrou e passou a outra perna.

Falando alto, Bill disse:

— Q-Quando e-e-ele chegar a-a-aqui p-p-perto, a g-g-gente a-a-agarra e-ele. P-p-puxa pra b-b-baixo. M-M-Mergulha na á-á-água. E-E-Entenderam?

— Certinho, governador — disse Richie, e bateu uma continência com a mão trêmula.

— Pegamos você — disse Ben.

Stan deu uma piscadela para Eddie, que não entendeu o que estava acontecendo, só que parecia a ele que Richie tinha ficado maluco. Ele estava rindo como um louco enquanto Henry Bowers, o *temido* Henry Bowers se preparava para descer e matar todos eles como ratos em um barril cheio de chuva.

— Todos prontos pra ele, Bill! — gritou Stan.

Henry ficou imóvel faltando três degraus. Ele olhou para os Otários por cima do ombro. Seu rosto pareceu, pela primeira vez, em dúvida.

Eddie de repente entendeu. Se eles descessem, teriam que vir um de cada vez. Era alto demais para pular, principalmente para cair em cima da bomba, e eles estavam os sete esperando em um círculo pequeno.

— V-V-Vem, Henry — disse Bill em tom agradável. — E-E-Está e-e-esperando o quê?

— Isso aí — disse Richie. — Você gosta de bater em garotos menores, né? Vem, Henry.

— Estamos esperando, Henry — disse Beverly com voz doce. — Acho que você não vai gostar quando chegar aqui embaixo, mas vem se quiser.

— A não ser que você seja covarde — acrescentou Ben. Ele começou a fazer barulhos de galinha. Richie se juntou a ele imediatamente, e logo todos os sete estavam fazendo. Os cacarejos debochados ecoaram nas paredes úmidas. Henry olhou para eles, com a faca na mão esquerda, o rosto da cor de tijolos velhos. Ele demorou uns trinta segundos e voltou a subir. Os Otários assobiaram e gritaram insultos.

— C-C-Certo — disse Bill. Ele falou em tom mais baixo. — T-Temos que e-entrar n-n-naquele c-cano. R-Rápido.

— Por quê? — perguntou Beverly, mas Bill foi poupado do esforço de responder. Henry reapareceu na beirada do cilindro e jogou uma pedra do tamanho de uma bola de futebol. Beverly gritou e Stan puxou Eddie contra a parede circular com um grito rouco. A pedra bateu na parte externa e enferrujada da bomba e produziu um *bong* musical. Ela ricocheteou para a esquerda e bateu na parede de concreto, passando a menos de 30 centímetros de Eddie. Uma lasca de concreto bateu dolorosamente na bochecha dele. A pedra caiu na água com um som alto.

— *R-R-Rápido!* — gritou Bill de novo, e eles entraram no cano da estação de bombeamento. O diâmetro interno era de cerca de 1,5 metro. Bill mandou um entrar atrás do outro (uma vaga imagem de circo, com os palhaços grandes saindo do carrinho, passou pela mente dele em um brilho meteórico; anos depois, ele usaria a mesma imagem em um livro chamado *A correnteza negra*) e entrou por último, depois de desviar de outra pedra. Enquanto eles olhavam, mais pedras caíram, a maioria batendo na bomba e desviando em ângulos loucos.

Quando elas pararam de cair, Bill espiou e viu Henry descendo a escada de novo, o mais rápido possível.

— *P-P-Peguem e-e-ele!* — gritou ele para os outros. Richie, Ben e Mike se juntaram atrás de Bill. Richie pulou alto e agarrou o tornozelo de Henry. Henry falou um palavrão e balançou a perna, como se tentando chutar um cachorro pequeno com dentes grandes, talvez um terrier ou um pequinês. Richie segurou um degrau, subiu ainda mais alto e conseguiu enfiar os dentes no tornozelo de Henry. Henry gritou e começou a subir rapidamente. Um dos sapatos caiu na água, onde afundou tranquilamente.

— Me mordeu! — gritou Henry. — O filho da puta me mordeu!

— É, ainda bem que tomei vacina de tétano na primavera! — gritou Richie.

— Bate neles! — gritou Henry, delirante. — Bate neles, joga bombas da era da pedra,

esmaga os cérebros deles!

Mais pedras voaram. Os garotos voltaram para o cano rapidamente. Mike foi atingido no braço por uma pedra pequena e ficou segurando com força, fazendo careta, até a dor começar a diminuir.

— Estamos em um impasse — disse Ben. — Eles não podem descer e a gente não pode subir.

— N-Não é pra gente s-subir — disse Bill baixinho — e v-v-vocês sabem. N-Não é pra g-g-gente s-subir n-n-nunca mais.

Eles olharam para Bill, com olhos magoados e com medo. Ninguém disse nada.

A voz de Henry, com a fúria disfarçada de deboche, chegou até lá embaixo:

— Podemos esperar aqui o dia todo, pessoal!

Beverly tinha se virado e estava olhando pelo comprimento do cano. A luz ficava difusa rapidamente e ela não conseguia ver muito. O que conseguia ver era um túnel de concreto com um terço da altura tomado de água corrente. Ela percebeu que a água estava mais alta do que quando eles se espremeram ali dentro pela primeira vez; isso acontecia porque a bomba não estava funcionando e só parte da água estava saindo no lado do Kenduskeag. Ela sentiu a claustrofobia tocar sua garganta e transformar a pele ali em uma coisa que parecia flanela. Se a água subisse muito, eles se afogariam.

— Bill, a gente precisa?

Ele deu de ombros. O gesto dizia tudo. Sim, eles precisavam; o que mais havia? Serem mortos por Henry, Victor e Arroto no Barrens? Ou por outra coisa, talvez alguma coisa pior, na cidade? Ela entendia bem esse pensamento agora; não havia gagueira no movimento de ombros dele. Era melhor eles irem até a Coisa. Encará-la, como o enfrentamento em um filme de faroeste. Era mais limpo. Mais corajoso.

Richie disse:

— Qual era o nome daquele ritual sobre o qual você contou pra gente, Big Bill? O do livro da biblioteca?

— *Ch-Ch-Chüd* — disse Bill, sorrindo um pouco.

— *Chüd.* — Richie assentiu. — Você morde a língua da Coisa e a Coisa morde a sua, né?

— É-É.

— E então, vocês contam piadas.

Bill assentiu.

— Engraçado — disse Richie, olhando para o cano escuro. — Não consigo pensar em nenhuma.

— Nem eu — disse Ben.

O medo estava pesado em seu peito, quase sufocante. Ele sentia que a única coisa impedindo-o de se sentar na água e choramingar como um bebê, ou simplesmente ficar maluco, era a presença calma e tranquilizadora de Bill… e Beverly. Ele sentia que preferia morrer a mostrar para Beverly o quanto estava com medo.

— Você sabe aonde o cano vai? — perguntou Stan.

Bill balançou a cabeça.

— Sabe como encontrar a Coisa?

Bill balançou a cabeça de novo.

— Vamos saber quando estivermos chegando perto — disse Richie de repente. Ele inspirou fundo, tremendo. — Se temos que fazer isso, então vamos.

Bill assentiu.

— Eu vou p-p-primeiro. Depois E-Eddie. B-B-Ben. Bev. Sta-an, o C-C-Cara. M-M-Mike. Você por ú-ú-último, R-Richie. T-Todo m-mundo f-f-fica com a m-m-mão no o-o-ombro da p-p-pessoa na f-f-frente. Vai estar e-e-escuro.

— Vão sair? — gritou Henry Bowers para eles.

— Vamos sair em algum lugar — murmurou Richie. — Eu acho.

Eles formaram uma procissão de cegos. Bill olhou para trás uma vez, para confirmar que cada um estava com a mão no ombro da pessoa à frente. E então, inclinando-se de leve para a frente contra o fluxo de água, Bill Denbrough guiou os amigos para a escuridão onde o barco que ele tinha feito para o irmão foi parar quase um ano antes.

Capítulo 20

O círculo se fecha

1

Tom

Tom Rogan estava tendo uma porra de sonho louco. Nele, ele estava matando o pai.

Parte da mente dele entendia o quanto isso era loucura; o pai morreu quando Tom estava no terceiro ano. Bem… talvez "morreu" não fosse uma palavra muito boa. Talvez "cometeu suicídio" fosse a verdade. Ralph Rogan preparou para si mesmo um coquetel de gim com desinfetante. A saideira, poderíamos dizer. Tom foi colocado como responsável pelos irmãos e irmãs, e começou a levar "surras" se alguma coisa errada acontecia com eles.

Assim, ele não podia ter matado o pai… só que ali estava ele, nesse sonho assustador, segurando o que parecia um tipo de cabo inofensivo no pescoço do pai… só que não era realmente inofensivo, era? Havia um botão na ponta do cabo, e se ele o apertasse, uma lâmina surgiria e penetraria no pescoço do pai. *Não vou fazer nada assim, papai, não se preocupe*, sua mente sonhadora pensou logo antes de seu dedo apertar o botão e a lâmina pular. Os olhos fechados do pai se abriram e olharam para o teto; a boca do pai se abriu e um som gorgolejante e sangrento saiu. *Papai, eu não fiz isso!*, gritou sua mente. *Outra pessoa…*

Ele lutou para acordar, mas não conseguiu. O melhor que conseguiu fazer (e acabou não sendo muito bom) foi entrar em um novo sonho. Nesse sonho, ele estava andando com dificuldade em um túnel longo e escuro cheio de água. Suas bolas doíam e seu rosto ardia porque estava coberto de cortes. Havia outros com ele, mas ele só conseguia identificar formas vagas. O que importava eram as crianças em algum ponto à frente. Elas precisavam pagar. Elas precisavam

(de uma surra)

serem punidas.

Independente de que purgatório fosse aquele, era fedorento. Água pingava e ecoava. Seus

sapatos e sua calça estavam encharcados. Os merdinhas estavam à frente nesse labirinto de túneis, e talvez pensassem que

(Henry)

Tom e os amigos fossem se perder, mas eles iriam ver só,

(ha-ha, esperem só!)

porque ele tinha outro amigo, ah, sim, um amigo especial, e esse amigo tinha marcado o caminho que eles tinham que seguir com… com…

(Balões-Lua)

negocinhos que eram grandes e redondos e de alguma forma iluminados por dentro, de forma que emitiam um brilho como o que sai misteriosamente de postes de luz antiquados. Um desses balões flutuou e deslizou até a interseção, e nos lados de cada um havia uma seta apontando a direção no túnel que ele e

(Victor e Arroto)

seus amigos desconhecidos tinham que pegar. E era o caminho *certo*, era sim; ele conseguia ouvir os outros à frente, com os passos fazendo barulho na água e ecoando, e os murmúrios distorcidos das vozes. Eles estavam chegando mais perto, alcançando. E quando conseguissem… Tom olhou para baixo e viu que ainda estava com a faca na mão.

Por um momento, ele sentiu medo. Essa era como uma daquelas experiências astrais malucas sobre as quais lia às vezes nos tabloides semanais, quando seu espírito saía do corpo e entrava no de outra pessoa. A forma do seu corpo parecia diferente, como se ele não fosse Tom, mas

(Henry)

outra pessoa, alguém mais novo. Ele começou a lutar para sair do sonho, em pânico, e então a voz estava falando com ele, sussurrando em seu ouvido: *Não importa* quando *estamos e não importa quem você é. O que importa é que Beverly está lá na frente, ela está com eles, meu bom amigo, e quer saber? Ela está fazendo umas coisas bem piores do que fumar escondido. Quer saber o quê? Ela anda fodendo com o velho amigo Bill Denbrough! É mesmo! Ela e aquele garoto gago bizarro, fazendo sexo! Eles…*

É mentira!, ele tentou gritar. *Ela não ousaria!*

Mas ele sabia que não era mentira. Ela tinha usado um cinto nas suas

(me chutou nas)

bolas e saiu correndo, e agora ela o traiu, a piranha

(mirim)

promíscua realmente o *traiu*, e ah, bons amigos, ah, bons vizinhos, ela ia levar a surra das surras; primeiro ela e depois Denbrough, o *amigo* escritor. E qualquer pessoa que tentasse atrapalhar teria espaço garantido na surra.

Ele acelerou o passo, embora a respiração já estivesse assobiando em sua garganta. À frente, ele conseguia ver outro círculo luminoso flutuando na escuridão, outro Balão-Lua. Ele conseguia ouvir as vozes das pessoas à frente, e o fato de serem vozes infantis não o

incomodava mais. Era como a voz dizia: não importava *onde, quando* nem *quem. Beverly* estava lá, e ah, queridos amigos, ah, queridos vizinhos…

— Vamos, pessoal, andem mais rápido — disse ele, e nem importava o fato de sua voz não ser a sua, mas a voz de um garoto.

E então, quando eles se aproximaram do Balão-Lua, ele olhou ao redor e viu os companheiros pela primeira vez. Os dois estavam mortos. Um não tinha cabeça. O rosto do outro tinha sido rasgado como por uma grande garra.

— Estamos indo o mais rápido que conseguimos, Henry — disse o garoto com o rosto partido, e os lábios se moveram em duas partes grotescamente fora de sincronia, e foi nessa hora que Tom gritou no sonho e voltou a si, oscilando à beira do que parecia um grande espaço vazio.

Ele lutou para manter o equilíbrio, perdeu e caiu no chão. O chão era acarpetado, mas a queda ainda provocou uma onda horrível de dor no joelho ferido, e ele sufocou outro grito contra o antebraço.

Onde estou? Onde estou, porra?

Ele ficou ciente de uma luz branca leve, mas clara, e por um momento assustador pensou que estava no sonho de novo, que a luz era emitida por um daqueles balões malucos. Mas então lembrou-se de ter deixado a porta do banheiro parcialmente aberta e a luz fluorescente lá dentro acesa. Ele sempre deixava a luz acesa quando dormia em um lugar estranho; poupava a canela de algumas batidas se precisasse levantar no meio da noite para mijar.

Isso fez a realidade estalar e encaixar no lugar. Tinha sido um sonho, tudo um sonho maluco. Ele estava em um Holiday Inn. Aqui era Derry, Maine. Ele tinha ido lá atrás da esposa e, no meio de um pesadelo maluco, caiu da cama. Foi só isso; essa era a história toda.

Não foi só um pesadelo.

Ele pulou como se as palavras tivessem sido ditas ao lado de seu ouvido em vez de em sua mente. Não pareceu sua voz interior; era estranha, alienígena… mas de alguma forma hipnótica e verossímil.

Ele se levantou lentamente, procurou um copo de água na mesinha ao lado da cama e bebeu tudo. Passou mãos trêmulas pelo cabelo. O relógio da mesinha dizia 3h10.

Volte a dormir. Espere até de manhã.

Aquela voz alienígena respondeu: *Mas vai haver gente por perto de manhã, gente demais. Além disso, você pode chegar antes deles lá embaixo desta vez. Desta vez, você pode ser o primeiro.*

Lá embaixo? Ele pensou no sonho: a água, a escuridão úmida.

A luz de repente pareceu mais forte. Ele virou a cabeça, sem querer, mas incapaz de parar. Um gemido saiu de sua boca. Um balão estava preso na maçaneta da porta do banheiro. Ele flutuava na ponta de um barbante de uns 90 centímetros. O balão brilhava, cheiro de uma luz branca fantasmagórica; ele parecia um fogo-fátuo visto em um pântano, flutuando de forma sonhadora entre árvores cobertas de cordas cinzentas de musgo. Havia uma seta desenhada na

superfície curva do balão, uma seta vermelho-sangue.

Estava apontando para a porta que levava ao corredor.

Não importa muito quem eu sou, disse a voz em tom tranquilizador, e Tom percebeu agora que não estava vindo de sua cabeça nem do lado do ouvido; estava vindo do balão, do centro daquela luz estranha e adorável. *Só o que importa é que vou cuidar para que tudo saia de forma a satisfazer você, Tom. Quero ver ela tomar uma surra; quero ver todos tomarem uma surra. Eles atravessaram o meu caminho vezes demais… e tarde demais para eles agora. Então escute, Tom. Escute com atenção. Todos juntos agora… siga o balão flutuante…*

Tom escutou. A voz do balão explicou.

Ela explicou tudo.

Quando terminou, deu um último brilho de luz, e Tom começou a se vestir.

2

Audra

Audra também teve pesadelos.

Ela acordou com um susto e se sentou na cama com o lençol ao redor da cintura; os pequenos seios se mexiam junto com a respiração rápida e agitada.

Assim como o de Tom, o sonho dela foi uma experiência confusa e angustiante. Assim como Tom, ela teve a sensação de ser outra pessoa, ou melhor, de ter sua própria consciência depositada (e parcialmente submersa) em outro corpo e outra mente. Ela estava em um lugar escuro, com várias outras pessoas com ela, e percebeu uma sensação opressiva de perigo. Eles estavam indo para o perigo deliberadamente, e ela queria gritar para que eles parassem, que explicassem a ela o que estava acontecendo… mas a pessoa com quem ela estava mesclada parecia saber e acreditar que era necessário.

Ela também sabia que eles estavam sendo perseguidos e que os perseguidores estavam alcançando-os, pouco a pouco.

Bill estava no sonho, mas a história dele sobre o esquecimento da infância devia estar na cabeça dela, porque no sonho Bill era apenas um garoto de 10 ou no máximo 12 anos, e ainda tinha cabelo! Ela estava de mão dada com ele e percebia vagamente que o amava muito, e que sua disposição de ir em frente era baseada na certeza firme de que Bill a protegeria e a todos eles, que Bill, Big Bill, de alguma forma os faria passar por isso e voltar para a luz do dia.

Ah, mas ela estava tão apavorada.

Eles chegaram a uma ramificação de muitos túneis, e Bill ficou ali de pé, olhando de um

para o outro, e um dos outros, um garoto com o braço engessado que brilhava em um tom branco fantasmagórico na escuridão, falou:

— Aquele, Bill. O de baixo.

— T-T-Tem c-c-certeza?

— Tenho.

E assim, eles seguiram por ali, e havia uma porta, uma portinha de madeira com uns 90 centímetros de altura, do tipo que se poderia ver em um livro de contos de fadas, com uma marca na porta. Ela não conseguia lembrar que marca era, que runa ou símbolo estranho era. Mas concentrou todo o terror dela em um ponto só, e ela se arrancou daquele outro corpo, daquele corpo de garota, fosse lá quem

(Beverly-Beverly)

ela pudesse ser. Ela acordou imediatamente em uma cama estranha, suada, de olhos arregalados, ofegante, como se tivesse acabado de apostar corrida. As mãos voaram para as pernas, meio esperando encontrá-las molhadas e frias pela água na qual ela estava andando na mente. Mas ela estava seca.

A desorientação veio em seguida: essa não era a casa deles em Topanga Canyon nem a casa alugada em Fleet. Era lugar nenhum, um limbo equipado com cama, cômoda, duas cadeiras e uma TV.

— Ah, Deus, acorde, Audra…

Ela esfregou as mãos com força no rosto, e aquela sensação enjoativa de vertigem mental diminuiu. Ela estava em Derry. Derry, Maine, onde o marido cresceu em uma infância que alegava não lembrar mais. Não era um lugar familiar para ela, nem um local particularmente bom, mas pelo menos era um lugar conhecido. Ela estava aqui porque Bill estava aqui, e ela o veria amanhã no Derry Town House. Fosse lá qual fosse a coisa horrível que havia de errado aqui, fosse lá o que aquelas cicatrizes na mão dele quisessem dizer, eles encarariam juntos. Ela ligaria para ele, diria que estava aqui e se juntaria a ele. Depois disso… bem…

Na verdade, ela não fazia ideia do que viria depois. A vertigem, a sensação de estar em um lugar que não era lugar nenhum, estava ameaçando de novo. Quando ela tinha 19 anos, fez uma turnê de várias paradas com uma companhia pequena, e eles fizeram quarenta apresentações de *Arsenic and Old Lace* em quarenta cidades não muito boas. Eles começaram no Peabody Dinner Theater em Massachusetts e terminaram no Play It Again Sam em Sausalito. E em algum ponto no meio, em alguma cidade do Meio-Oeste como Ames, Iowa ou Grand Isle, Nebraska, ou talvez Jubilee, Dakota do Norte, ela acordou assim no meio da noite, em pânico pela desorientação, sem saber em que cidade estava, que dia era ou por que estava onde estava. Até o nome dela pareceu irreal.

Aquela sensação voltou agora. O sono ruim invadiu seu estado acordado e ela sentiu um terror flutuante de pesadelo. A cidade parecia ter se enrolado nela como uma jiboia. Ela conseguia senti-la, e os sentimentos produzidos não eram bons. Ela se viu desejando ter aceitado o conselho de Freddie e ficado longe.

Sua mente se fixou em Bill, agarrando-se ao pensamento nele como uma mulher se afogando se agarraria a um mastro, a uma boia ou a qualquer coisa que

(todos flutuamos aqui embaixo, Audra)

flutue.

Um tremor percorreu o corpo dela, e ela cruzou os braços sobre os seios nus. Ela tremeu e viu um arrepio surgir em sua pele. Por um momento, pareceu a ela que a voz tinha falado em voz alta, mas dentro da cabeça dela. Como se houvesse uma presença alienígena ali.

Estou ficando maluca? Deus, é isso?

Não, a mente dela respondeu. É só desorientação… o fuso horário… preocupação com seu homem. Ninguém está falando dentro da sua cabeça. Ninguém…

— Todos flutuamos aqui, Audra — disse uma voz vinda do banheiro. Era uma voz real, real como uma casa. E dissimulada. Dissimulada e desonesta e má. — Você também vai flutuar. — A voz deu uma risadinha que foi ficando grave até parecer um ralo entupido borbulhando. Audra gritou… e colocou as mãos sobre a boca.

Eu não ouvi isso.

Ela falou em voz alta, desafiando a voz a contradizê-la. Ela não fez isso. O quarto ficou em silêncio. Em algum lugar distante, um trem apitou na noite.

De repente, ela precisou tanto de Bill que esperar até a manhã pareceu impossível. Ela estava em um quarto de motel comum exatamente idêntico às outras 39 unidades, mas de repente foi demais. Tudo. Quando você começava a ouvir vozes, era demais. Assustador demais. Ela parecia estar resvalando de novo para o pesadelo do qual tinha acabado de escapar. Ela estava com medo e terrivelmente solitária. É pior do que isso, pensou ela. *Eu me sinto morta.* O coração dela de repente pulou duas batidas no peito, fazendo-a ofegar e dar uma tossidinha assustada. Ela sentiu um instante de pânico de prisão, de claustrofobia dentro do próprio corpo, e se perguntou se todo esse terror não tinha uma raiz física comum e idiota, afinal. Talvez ela fosse ter um ataque cardíaco. Ou já estivesse tendo um.

O coração dela se acalmou, mas com inquietação.

Audra acendeu a luz na mesa de cabeceira e olhou para o relógio. Três horas e 12 minutos. Ele estaria dormindo, mas isso não importava para ela agora; nada importava exceto ouvir a voz dele. Ela queria terminar a noite com ele. Se Bill estivesse ao lado dela, o relógio biológico dela entraria em sintonia com o dele e se acalmaria. Os pesadelos ficariam longe. Ele vendia pesadelos para os outros, essa era a área dele, mas, para ela, ele nunca deu nada além de paz. Fora daquela estranha noz fria incrustada na imaginação dele, a paz parecia ser tudo para que ele foi feito. Ela pegou as Páginas Amarelas, encontrou o número do Derry Town House e ligou.

— Derry Town House.

— Você poderia fazer o favor de ligar para o quarto do sr. Denbrough? O sr. William Denbrough?

— Esse cara por acaso recebe ligações durante o dia? — disse o recepcionista, e antes que

ela pudesse pensar em perguntar o que *isso* queria dizer, ele passou a ligação. O telefone tocou uma, duas, três vezes. Ela conseguia imaginá-lo dormindo todo coberto, exceto pelo alto da cabeça; conseguia imaginar uma das mãos saindo, procurando o telefone. Ela o tinha visto fazer isso antes, e um sorrisinho amoroso tocou seus lábios. O sorriso sumiu quando o telefone tocou uma quarta vez… e uma quinta, e uma sexta. Na metade do sétimo toque, a ligação foi interrompida.

— O quarto não atende.

— Jura, Sherlock? — disse Audra, mais perturbada e assustada do que nunca. — Você tem certeza de que ligou pro quarto certo?

— Tenho — disse o recepcionista. — O sr. Denbrough recebeu uma ligação de outro quarto há menos de cinco minutos. Sei que ele atendeu, porque a luz ficou acesa no painel durante um ou dois minutos. Ele deve ter ido para o quarto da pessoa.

— E de que quarto foi?

— Não lembro. Do sexto andar, eu acho. Mas…

Ela colocou o fone no gancho. Uma certeza estranha e desanimadora tomou conta dela. Era uma mulher. Uma mulher tinha ligado para ele… e ele foi até ela. Bem, e agora, Audra? Como lidamos com isso?

Ela sentiu a ameaça de lágrimas. Os olhos e o nariz dela arderam; ela conseguia sentir o caroço de um soluço no fundo da garganta. Nada de raiva, pelo menos ainda não… só uma sensação doentia de perda e abandono.

Audra, controle-se. Você está tirando conclusões. Estamos no meio da noite, você teve um sonho ruim e agora concluiu que Bill está com outra mulher. Mas não é necessariamente assim. O que você vai fazer é se sentar, pois não vai mesmo voltar a dormir agora. Acenda as luzes e termine o livro que trouxe para ler no avião. Lembra o que Bill diz? O melhor tipo de droga. O Valium-Livro. Nada de frescura agora. Nada de medo e de ouvir vozes. Dorothy Sayers e Lord Peter, esse é o bilhete. The Nine Tailors. *Ele vai levar você até o amanhecer. Vai…*

A luz do banheiro se acendeu de repente, ela conseguiu ver debaixo da porta. Então a tranca estalou e a porta se abriu. Ela olhou para lá com olhos arregalados, cruzando os braços instintivamente por cima dos seios de novo. O coração disparou na caixa torácica, e o gosto amargo da adrenalina encheu sua boca.

Aquela voz, baixa e arrastada, disse:

— Todos flutuamos aqui embaixo, Audra. — A última palavra se tornou um grito comprido, baixo e fraco, *Audraaaaa*, que terminou de novo naquele som entalado e gorgolejante que parecia uma gargalhada.

— Quem está aí? — gritou ela, recuando. *Isso não foi imaginação minha, de jeito nenhum, você não vai me dizer isso…*

A TV ligou. Ela se virou e viu um palhaço de roupa prateada com grandes botões laranja pulando pela tela. Havia buracos pretos onde os olhos deveriam estar, e quando os lábios

pintados se esticaram ainda mais em um sorriso, ela viu dentes como lâminas. Ele estava segurando uma cabeça cortada pingando sangue. Os olhos estavam revirados até a parte branca e a boca estava aberta, mas ela conseguia enxergar o bastante para perceber que era a cabeça de Freddie Firestone. O palhaço gargalhou e dançou. Ele girou a cabeça, e gotas de sangue voaram na parte interna da tela da TV. Ela conseguia sentir as gotas fervilhando ali.

Audra tentou gritar, mas só o que saiu foi um choramingo. Ela tateou cegamente em busca do vestido nas costas da cadeira e da bolsa. Correu para o corredor e bateu a porta, ofegante e com o rosto branco como papel. Ela largou a bolsa entre os pés e colocou o vestido pela cabeça.

— Flutuam — disse uma voz baixa e risonha atrás dela, e ela sentiu um dedo frio acariciar o calcanhar nu.

Ela deu outro grito agudo e sem fôlego e pulou para longe da porta. Dedos brancos como os de um cadáver estavam se mexendo para a frente e para trás por baixo dela, com as unhas levantadas deixando à mostra a carne sensível por baixo. Elas faziam sons roucos de sussurro no carpete áspero do corredor.

Audra agarrou a alça da bolsa e correu descalça até a porta no final do corredor. Estava em pânico cego agora, só pensando que tinha que encontrar o Derry Town House e Bill. Não importava se ele estivesse na cama com outras mulheres para montar um harém. Ela o encontraria e faria com que ele a levasse da coisa indescritível que era essa cidade.

Ela correu pela passagem até o estacionamento, procurando loucamente o carro. Por um momento, sua mente pareceu congelar, e ela não conseguia nem lembrar que carro tinha alugado. Mas então, a lembrança veio: um Datsun marrom. Ela o viu com névoa até as calotas e correu para ele. Mas não conseguia achar a chave na bolsa. Ela remexeu no interior com pânico crescente, empurrando lenços de papel, cosméticos, moedas, óculos de sol e chicletes na confusão sem sentido. Ela não reparou no sedã LTD velho estacionado de frente para seu carro alugado, nem no homem sentado atrás do volante. Ela não reparou quando a porta do LTD foi aberta e o homem saiu; ela estava tentando lidar com a certeza crescente de que tinha deixado a chave do Datsun no quarto. Ela não podia voltar lá; não *podia*.

Seus dedos tocaram em metal duro e denteado debaixo de uma caixa de balinhas Altoid, e ela agarrou a chave com um gritinho de triunfo. Por um momento terrível, ela achou que podia ser a chave do Rover deles, agora parado no estacionamento da estação de Fleet a quase 5 mil quilômetros, mas sentiu o chaveiro de acrílico da locadora. Ela enfiou a chave na porta do carro, respirando ofegante, e girou. Foi nessa hora que a mão pesada caiu em seu ombro, e ela gritou… gritou alto desta vez. Em algum lugar, um cachorro latiu em resposta, mas isso foi tudo.

A mão, dura como aço, afundou com crueldade e a obrigou a girar. O rosto que ela viu acima do dela estava inchado e cheio de marcas. Os olhos brilhavam. Quando os lábios inchados se abriram em um sorriso grotesco, ela viu que alguns dos dentes da frente do homem estavam quebrados. Os cotocos pareciam irregulares e selvagens.

Ela tentou falar, mas não conseguiu. A mão apertou com mais força e afundou mais.

— Eu não vi você no cinema? — sussurrou Tom Rogan.

3

Quarto de Eddie

Beverly e Bill se vestiram rapidamente, sem falar, e subiram para o quarto de Eddie. A caminho do elevador, eles ouviram um telefone tocar em algum lugar atrás deles. Foi um som abafado de coisa que parece estar em outro lugar.

— Bill, foi o seu?

— P-Podia s-s-ser — disse ele. — Um dos o-outros l-ligando, t-talvez. — Ele apertou o botão de subir.

Eddie abriu a porta para eles, com o rosto branco e tenso. O braço esquerdo estava dobrado em um ângulo peculiar e estranhamente evocativo de velhos tempos.

— Estou bem — disse ele. — Tomei dois Darvon. A dor não está muito ruim agora. — Mas era claro que também não estava boa. Os lábios dele, tão apertados que quase desapareceram, estavam roxos de choque.

Bill olhou para trás dele e viu o corpo no chão. Um olhar foi o bastante para satisfazê-lo em dois aspectos: era Henry Bowers e ele estava morto. Ele passou por Eddie e se ajoelhou ao lado do corpo. O gargalo de uma garrafa de Perrier tinha sido enfiado no tórax de Henry, repuxando os farrapos da camisa junto. Os olhos estavam entreabertos, vidrados. A boca, cheia de sangue coagulado, parecia rosnar. As mãos eram como garras.

Uma sombra caiu acima dele, e Bill ergueu o olhar. Era Beverly. Ela olhou para Henry sem expressão no rosto.

— Ele nos p-p-perseguiu t-tantas vezes — disse Bill.

Ela assentiu.

— Ele não parece velho. Você percebe, Bill? Ele não parece nem um pouco velho. — Ela olhou abruptamente para Eddie, que estava sentado na cama. Eddie parecia velho; velho e exausto. O braço estava no colo, inerte. — Temos que chamar o médico para Eddie.

— Não — disseram Bill e Eddie ao mesmo tempo.

— Mas ele está machucado! O braço…

— É igual à ú-ú-última v-v-vez — disse Bill. Ele ficou de pé e a segurou pelos braços, olhando nos olhos dela. — Quando a g-gente s-sair… quando a g-g-gente e-e-envolver a c-c-cidade…

— Eles vão me prender por assassinato — disse Eddie, sem energia na voz. — Ou vão prender todos nós. Ou vão nos levar pra delegacia. Ou alguma coisa. Depois, vai haver um acidente. Um dos acidentes especiais que só acontecem em Derry. Talvez enfiem a gente na cadeia e um policial fique doido e atire na gente. Talvez a gente morra de contaminação por ptomaína, ou decida se enforcar nas celas.

— Eddie, isso é loucura! É…

— É? — perguntou ele. — Lembre-se, estamos em Derry.

— Mas somos adultos agora! Você não pode achar… quero dizer, ele veio aqui no meio da noite… atacou você…

— C-Com o quê? — disse Bill. — Onde está a f-f-faca? — Ela olhou ao redor, não encontrou e ficou de joelhos para olhar embaixo da cama.

— Não se dê ao trabalho — disse Eddie com aquela mesma voz baixa e assobiada. — Bati a porta no braço dele quando ele tentou me acertar. Ele largou, e eu chutei pra debaixo da TV. Não está mais lá. Já olhei.

— B-B-Beverly, l-liga pros outros — disse Bill. — A-Acho que consigo b-botar uma t-t-tala no braço de E-E-Eddie.

Ela olhou para ele por um tempo, depois olhou de novo para o corpo no chão. Ela achava que a imagem fornecida pelo quarto contava uma história perfeitamente clara do que tinha acontecido para qualquer policial com meio cérebro. O local estava uma confusão. O braço de Eddie, quebrado. O homem, morto. Era um caso claro de legítima defesa contra um invasor noturno. Mas ela se lembrou do sr. Ross. Do sr. Ross se levantando, olhando e simplesmente dobrando o jornal e entrando em casa.

Quando a gente sair… quando a gente envolver a cidade…

Aquilo a fez se lembrar de Bill quando criança, com o rosto branco, cansado e meio maluco, Bill dizendo *Derry é a Coisa. Vocês me entendem?... Pra qualquer lugar que a gente vá… quando a Coisa pegar a gente, as pessoas não vão ver, não vão ouvir, não vão saber. Vocês não entendem como é? A gente só pode tentar acabar o que a gente começou.*

De pé aqui agora, olhando para o cadáver de Henry, Beverly pensou: *os dois estão dizendo que nos tornamos fantasmas de novo. Que tudo está se repetindo. Tudo. Quando criança, eu conseguia aceitar isso, porque crianças são quase como fantasmas. Mas…*

— Tem certeza? — perguntou ela com desespero. — Bill, você tem *certeza*?

Ele estava sentado na cama com Eddie, tocando com delicadeza no braço dele.

— V-Você n-n-não? — perguntou ele. — Depois de t-t-tudo que a-aconteceu ho-hoje?

Sim. Tudo que aconteceu. A confusão repugnante no final do reencontro. A bela senhora que virou bruxa na frente dos olhos dela,

(meu pai também era minha mãe)

a rodada de histórias na biblioteca com os fenômenos que acompanharam. Todas aquelas coisas. Mesmo assim… a mente dela gritou desesperadamente com ela para parar com isso agora, para destruir com a sanidade, porque se ela não fizesse isso, eles terminariam a noite indo para o Barrens atrás de uma certa estação de bombeamento e…

— Não sei — disse ela. — Eu só… não sei. Mesmo depois de tudo que aconteceu, Bill, me parece que poderíamos chamar a polícia. Talvez.

— L-L-Liga pros o-outros — disse ele de novo. — V-V-Vamos v-ver o que eles a-acham.

— Tudo bem.

Ela ligou para Richie primeiro, depois para Ben. Os dois concordaram em ir imediatamente. Ela encontrou o número de telefone de Mike e ligou. Não houve resposta; depois de dez toques, ela desligou.

— T-T-Tenta a b-b-biblioteca — disse Bill. Ele tinha soltado os trilhos curtos das cortinas das duas janelas menores do quarto de Eddie e os estava prendendo com firmeza no braço de Eddie com o cinto do roupão e o cadarço do pijama.

Antes que ela pudesse encontrar o número, houve uma batida na porta. Ben e Richie chegaram juntos, Ben de calça jeans e camisa para fora, Richie de calça cinza de algodão e camisa do pijama. Seus olhos vagaram pelo quarto por trás dos óculos.

— Meu Deus, Eddie, o que aconteceu…

— Ah, meu Deus! — gritou Ben. Ele tinha visto Henry no chão.

— S-S-Silêncio! — disse Bill intensamente. — E fechem a p-p-porta!

Richie fechou a porta com os olhos grudados no corpo.

— Henry?

Ben deu três passos na direção do corpo e parou, como se com medo de que fosse mordê-lo. Ele olhou indefeso para Bill.

— C-C-Conta v-você — disse ele para Eddie. — A m-m-maldita g-gague-eira está p-p-piorando sem p-p-parar.

Eddie explicou o que tinha acontecido enquanto Beverly procurava o número da Biblioteca Pública de Derry e ligava. Ela achava que talvez Mike tivesse adormecido lá; talvez tivesse até uma cama no escritório. O que ela não esperava foi o que aconteceu: o telefone foi atendido no segundo toque, e uma voz que ela nunca tinha ouvido antes disse alô.

— Alô — respondeu ela, olhando para os outros e fazendo um gesto de silêncio com a mão. — O sr. Hanlon está?

— Quem é? — perguntou a voz.

Ela molhou os lábios com a língua. Bill estava olhando para ela intensamente. Ben e Richie também estavam olhando. O princípio de uma verdadeira sensação de alarme surgiu dentro dela.

— Quem é *você*? — respondeu ela. — Você não é o sr. Hanlon.

— Sou o chefe de polícia de Derry, Andrew Rademacher — disse a voz. — O sr. Hanlon está no Derry Home Hospital neste momento. Ele foi agredido ainda há pouco e está muito

ferido. Agora quem é você, por favor? Quero seu nome.

Mas ela mal ouviu o final. Ondas de choque tomaram conta do corpo dela, fazendo-a se levantar vertiginosamente cada vez mais, até ficar fora de si. Os músculos do estômago, pernas e virilha ficaram frouxos e dormentes, e ela pensou com distanciamento: *Deve ser assim que acontece quando as pessoas sentem tanto medo que molham a calça. Claro. Você perde controle daqueles músculos…*

— O quanto os ferimentos são graves? — ela se ouviu perguntar com voz fina, e logo Bill estava ao lado dela, com a mão em seu ombro; Ben estava lá, e Richie, e ela sentiu uma onda de gratidão. Ela esticou a mão livre e Bill a segurou. Richie colocou a mão em cima da de Bill, e Ben colocou em cima da de Richie. Eddie se aproximou e colocou a mão boa em cima.

— Quero seu nome, por favor — disse Rademacher bruscamente, e por um momento a bruxa sorrateira que existia dentro dela, a que foi criada por seu pai e cultivada pelo marido, quase respondeu: *Sou Beverly Marsh e estou no Derry Town House. Mande o sr. Nell pra cá. Tem um homem morto aqui que ainda é em parte garoto, e estamos todos com muito medo.*

Ela disse:

— Eu... infelizmente não posso dizer. Ainda não.

— O que você sabe sobre isso?

— Nada — disse ela, chocada. — O que faz você pensar que sei? Meu Deus!

— Você tem o hábito de ligar para a biblioteca todas as madrugadas, por volta das três e meia — disse Rademacher —, é isso? Chega de baboseira, moça. Isso aqui foi agressão, e pela aparência do sujeito, pode ser assassinato até a hora de o sol nascer. Vou perguntar de novo: quem é você e o quanto sabe sobre isso?

Ela fechou os olhos, apertou a mão de Bill com toda a força e perguntou:

— Ele pode morrer? Você não está dizendo isso só pra me assustar? Ele pode mesmo morrer? Por favor, me diga.

— Ele está muito ferido. E se isso não assusta você, moça, deveria. Agora quero saber quem você é e por que…

Como se em um sonho, ela viu sua mão flutuar pelo espaço e colocar o fone no gancho. Ela olhou para Henry e sentiu um choque tão grande quanto um tapa de uma mão fria. Um dos olhos de Henry tinha se fechado. O outro, o destruído, continuava úmido como antes.

Henry parecia estar piscando para ela.

4

Richie ligou para o hospital. Bill levou Beverly até a cama, onde ela se sentou com Eddie, olhando para o espaço. Ela achou que choraria, mas nenhuma

lágrima veio. O único sentimento do qual ela estava fortemente ciente foi um desejo de que alguém cobrisse Henry Bowers. Aquele olhar que parecia piscar não era nada legal.

Em um instante vertiginoso, Richie se tornou um repórter do *Derry News*. Ele sabia que o sr. Michael Hanlon, bibliotecário-chefe da cidade, tinha sido agredido enquanto trabalhava até tarde. Será que o hospital poderia informar sobre a condição do sr. Hanlon?

Richie ouviu, assentindo.

— Eu entendo, sr. Kerpaskian. Seu nome se soletra com dois k? Certo. Tudo bem. E você está…?

Ele escutou, agora já mergulhado demais no papel a ponto de fazer movimentos com um dedo como se estivesse escrevendo em um bloco.

— Aham… aham… sim. Sim, eu entendo. Bem, o que costumamos fazer em casos assim é citar você como "fonte". Mais tarde, podemos… aham... certo! Isso mesmo! — Richie riu com vontade e tirou uma camada de suor da testa. Ele voltou a prestar atenção. — Certo, sr. Kerpaskian. Sim. Eu… sim, entendi, K-E-R-P-A-S-K-I-A-N, certo! Judeu tcheco, é? Nossa! É… É muito incomum. Sim, pode deixar. Boa noite. Obrigado.

Ele desligou e fechou os olhos.

— Jesus! — disse ele com voz baixa e grave. — Jesus! Jesus! Jesus!

Ele quase empurrou o telefone da mesa, mas simplesmente baixou a mão. Ele tirou os óculos e limpou na camisa do pijama.

— Ele está vivo, mas em condições graves — disse ele para os outros. — Henry cortou ele como um peru de Natal. Um dos cortes partiu a artéria femoral, e ele perdeu todo o sangue que um homem pode perder e permanecer vivo mesmo assim. Mike conseguiu fazer uma espécie de torniquete, e se não tivesse feito isso, estaria morto quando o encontraram.

Beverly começou a chorar. Ela chorou como uma criança, com as mãos grudadas no rosto. Por um tempo, os soluços dela e o assobiar da respiração de Eddie foram os únicos sons no quarto.

— Mike não foi o único cortado como um peru de Natal — disse Eddie por fim. — Eddie parecia que tinha lutado 12 assaltos com Rocky Balboa dentro de um liquidificador.

— V-Você ainda q-q-quer ch-ch-chamar a p-p-polícia, Bev?

Havia Kleenex na mesa de cabeceira, mas estavam uma massa molhada e emaranhada em uma poça de Perrier. Ela foi até o banheiro, contornando Henry de longe no caminho, pegou uma toalha de rosto e passou água fria nela. A sensação no rosto quente e inchado foi

deliciosa. Ela sentiu que conseguia pensar claramente de novo; não racionalmente, mas claramente. Ela teve certeza repentina de que a racionalidade os mataria se eles tentassem usá-la agora. Aquele policial. Rademacher. Ele estava desconfiado. Por que não? As pessoas não ligavam para a biblioteca às 3h30 da madrugada. Ele supusera conhecimento culpado. O que ele suporia se descobrisse que ela ligou de um quarto em que havia um homem morto no chão com um pedaço de garrafa quebrada enfiado na barriga? Que ela e outros quatro estranhos tinham chegado na cidade no dia anterior para uma pequena reunião e esse cara por acaso apareceu? Será que ela acreditaria se ela estivesse na outra posição? Será que alguém acreditaria? É claro que eles poderiam reforçar a história acrescentando que tinham voltado para terminar com o monstro que morava nos esgotos debaixo da cidade. *Isso* certamente acrescentaria uma nota convincente de realismo.

Ela saiu do banheiro e olhou para Bill.

— Não — disse ela. — Não quero chamar a polícia. Acho que Eddie está certo, alguma coisa poderia acontecer com a gente. Alguma coisa definitiva. Mas esse não é o verdadeiro motivo. — Ela olhou para os quatro. — Nós juramos — disse ela. — Nós juramos. O irmão de Bill… Stan… todos os outros… e agora, Mike. Estou pronta, Bill.

Bill olhou para os outros.

Richie assentiu.

— Tudo bem, Big Bill. Vamos tentar.

Ben disse:

— As chances parecem piores do que nunca. Estamos desfalcados por duas pessoas agora.

Bill não disse nada.

— Tudo bem. — Ben assentiu. — Ela está certa. Nós juramos.

— E-E-Eddie?

Eddie sorriu fracamente.

— Acho que vou ganhar outra carona nas costas naquela escada, né? Se a escada ainda estiver lá.

— Mas não vai ter ninguém jogando pedras desta vez — disse Beverly.

— Eles estão mortos. Os três.

— Vamos agora, Bill? — perguntou Richie.

— S-S-Sim — disse Bill. — A-Acho que a hora é a-a-agora.

— Posso dizer uma coisa? — perguntou Ben abruptamente.

Bill olhou para ele e deu um sorrisinho.

— Q-Q-Quando q-quiser.

— Vocês ainda são os melhores amigos que já tive na vida — disse Ben. — Independente de como isso terminar. Eu só… queria dizer isso pra vocês, sabe?

Ele olhou para eles, e todos olharam solenemente para ele.

— Estou feliz de ter me lembrado de vocês — acrescentou ele.

Richie deu uma gargalhada roncada. Beverly riu. De repente, estavam todos gargalhando,

olhando uns para os outros do jeito antigo, apesar do fato de que Mike estava no hospital, talvez morrendo ou já morto, apesar do fato de que o braço de Eddie estava quebrado (de novo), apesar do fato de ser a hora mais escura da madrugada.

— Monte de Feno, você tem um talento com as palavras — disse Richie, gargalhando e secando os olhos. — Ele devia ter sido o escritor, Big Bill.

Ainda sorrindo um pouco, Bill disse:

— E quanto a i-i-isso…

5

Eles usaram a limusine emprestada de Eddie. Richie foi dirigindo. A névoa estava mais densa agora, espalhando-se pelas ruas como fumaça de cigarro, sem chegar aos postes de luz. As estrelas acima eram pedaços brilhantes de gelo, estrelas de primavera… mas, ao inclinar a cabeça na janela entreaberta do lado do passageiro, Bill pensou conseguir ouvir trovões de verão ao longe. A chuva estava sendo encomendada em algum lugar do horizonte.

Richie ligou o rádio, e Gene Vincent estava cantando “Be-Bop-A-Lula”. Ele apertou um dos botões e mudou para Buddy Holly. Um terceiro aperto levou a Eddie Cochran cantando “Summertime Blues”.

— Eu gostaria de te ajudar, filho, mas você é jovem demais para votar — disse uma voz grave.

— Desliga, Richie — disse Beverly baixinho.

Ele esticou a mão para o rádio, mas sua mão ficou paralisada.

— Fiquem ligados para ouvir mais do show de rock “tudo morto” de Richie Tozier! — disse a voz risonha e gritada do palhaço acima dos estalos e da guitarra de Eddie Cochran. — Não toquem nesse dial, mantenham a estação sintonizada no rock, eles saíram das paradas de sucesso, mas não de nossos corações, e continuem vindo, venham logo, venham todos! Vamos

tocar *tooooodos* os sucessos aqui embaixo! *Tooooodos* os sucessos! E se vocês não acreditam, escutem esse DJ convidado da madrugada, Georgie Denbrough! Conta pra eles, Georgie!

E, de repente, o irmão de Bill estava gritando no rádio.

— *Você me mandou pra rua e a Coisa me matou! Eu pensei que a Coisa estava no porão, Big Bill, pensei que a Coisa estava no porão, mas a Coisa estava no bueiro e me matou, você deixou a Coisa me matar, Big Bill, você deixou a Coisa...*

Richie desligou o rádio com tanta força que o botão caiu no tapete do carro.

— O rock dos anos 1960 é uma droga — disse ele. A voz não estava muito firme. — Bev está certa, vamos deixar desligado, o que vocês acham?

Ninguém respondeu. O rosto de Bill estava pálido, imóvel e pensativo sob o brilho da luz da rua, e quando o trovão ribombou de novo no oeste, todos ouviram.

6

No Barrens

A mesma velha ponte.

Richie estacionou ao lado dela e eles saíram, foram até a amurada, a mesma velha amurada, e olharam para baixo.

O mesmo velho Barrens.

Parecia intocado pelos últimos 27 anos; para Bill, o viaduto da via expressa, que era a única coisa nova, parecia irreal, uma coisa tão efêmera quanto uma pintura fosca ou o efeito de uma projeção de fundo de tela em um cinema. Pequenas árvores e arbustos brilhavam na névoa, e Bill pensou: *Acho que é isso que queremos dizer quando falamos sobre a persistência da memória, isso ou alguma coisa assim, uma coisa que você vê na hora certa do ângulo certo, uma imagem que desperta emoções como um motor. Você vê tão claramente que todas as coisas que aconteceram no meio-tempo somem. Se o desejo é o que fecha o círculo entre o mundo e a vontade, então o círculo fechou.*

— V-V-Venham — disse ele, e passou por cima da amurada.

Eles o seguiram pelo barranco em um movimento de terra e pedrinhas. Quando chegaram ao fundo, Bill automaticamente olhou para ver se Silver estava ali e riu de si mesmo. Silver estava apoiada na parede da garagem de Mike. Parecia que Silver não tinha papel nisso tudo, embora isso fosse estranho depois da forma como tudo aconteceu.

— L-Leva a gente lá — Bill disse para Ben.

Ben olhou para ele, e Bill leu o pensamento nos olhos dele: *Tem 27 anos, Bill, vai*

sonhando. Mas ele assentiu e seguiu em direção à vegetação rasteira.

O caminho, o caminho *deles*, já tinha desaparecido sob as plantas, e eles precisaram forçar passagem entre emaranhados de arbustos com espinhos e hidrângeas tão cheirosas que o aroma era sufocante. Grilos cantavam solenemente ao redor deles, e alguns vaga-lumes, chegados precoces à festa do verão, surgiram na escuridão. Bill achava que crianças ainda brincavam ali, mas tinham feito seus caminhos e locais secretos.

Eles chegaram à clareira onde ficava a sede do clube, mas agora não havia clareira nenhuma. Arbustos e mato ocuparam toda a área.

— Olhem — sussurrou Ben, e atravessou a clareira (na lembrança deles, ela ainda estava ali, apenas coberta com outra daquelas pinturas foscas). Ele puxou alguma coisa. Era a porta de mogno que eles encontraram na beirada do lixão, a que eles usaram como teto da sede do clube. Estava jogada de lado aqui como se não tivesse sido tocada em mais de dez anos. Havia hera espalhada na superfície.

— Deixa pra lá, Monte de Feno — murmurou Richie. — Está velha.

— L-L-Leva a gente l-lá, B-Ben — repetiu Bill atrás deles.

Assim, eles desceram para o Kenduskeag atrás deles, para a esquerda e para longe da clareira que não existia mais. O som de água corrente foi ficando cada vez mais alto, mas ainda assim eles quase caíram dentro do Kenduskeag antes que qualquer um deles visse: a folhagem tinha crescido como um muro emaranhado na beirada do barranco. A beirada rompeu sob os calcanhares da bota de caubói de Ben, e Bill o puxou para trás pela nuca.

— Obrigado — disse Ben.

— De nada. A-A-Antigamente, você t-teria me l-l-levado com v-você. P-Por a-aqui?

Ben assentiu e os guiou pela margem cheia de plantas, lutando para passar pelos arbustos e pelo mato, pensando no quanto era mais fácil quando você só tinha 1,35 metro e conseguia passar por baixo de quase todos (os que existiam na sua mente e os no caminho, supunha ele) com uma abaixadinha indiferente. Mas tudo mudava. *Nossa lição de hoje, meninos e meninas, é que quanto mais as coisas mudam, mais as coisas mudam. Quem disse que quanto mais as coisas mudam, mais elas ficam iguais obviamente estava sofrendo de severo retardo mental. Porque…*

O pé dele prendeu em alguma coisa, e ele caiu com um baque, quase batendo a cabeça no cilindro de concreto da estação de bombeamento. Ela estava quase toda escondida no meio de arbustos de amoras. Quando ele ficou de pé, percebeu que os braços e as mãos tinham sido cortados por espinhos de amoreira em duas dezenas de pontos.

— Três dezenas, eu diria — disse ele, sentindo sangue fino escorrer pelas bochechas.

— O quê? — perguntou Eddie.

— Nada. — Ele se inclinou para ver em que tinha tropeçado. Uma raiz, provavelmente.

Mas não era uma raiz. Era a tampa de ferro. Alguém a tinha aberto.

É claro, pensou Ben. *Fomos nós. Vinte e sete anos atrás.*

Mas ele percebeu que isso era loucura antes mesmo de ver o metal reluzente brilhando na

ferrugem em marcas paralelas de arranhado. A bomba não estava funcionando naquele dia. Mais cedo ou mais tarde, alguém teria ido ali para consertar e teria substituído a tampa também.

Ele ficou de pé, e os cinco se reuniram ao redor do cilindro e olharam lá dentro. Eles conseguiam ouvir o som baixo de água pingando. Só isso. Richie tinha levado todos os fósforos do quarto de Eddie. Ele acendeu uma carteira inteira e jogou lá dentro. Por um momento, eles conseguiram ver a parte interior e úmida do cilindro e a forma silenciosa da bomba. Isso foi tudo.

— Pode estar desligada há muito tempo — disse Richie com desconforto. — Não necessariamente aconteceu ho…

— Aconteceu bem recentemente — disse Ben. — Ao menos, desde a última chuva. — Ele pegou outra carteira de fósforos da mão de Richie, acendeu um e apontou para os arranhões recentes.

— Tem a-a-alguma c-coisa e-embaixo — disse Bill quando Ben apagou o fósforo.

— O quê? — perguntou Ben.

— N-N-Não c-c-consegui s-saber. Parecia uma t-t-tira. Você e R-Richie, me ajudem a v-v-virar.

Eles seguraram a tampa e viraram como uma moeda gigante. Desta vez, Beverly acendeu o fósforo, e Ben pegou com cuidado a bolsa que estava embaixo da tampa. Ele a segurou pela alça. Beverly começou a apagar o fósforo, mas olhou para o rosto de Bill. Ela ficou paralisada até a chama tocar nas pontas de seus dedos, e então largou o fósforo com um gritinho.

— Bill? O que foi? Qual é o problema?

Os olhos de Bill pareciam pesados demais. Eles não conseguiam se afastar da bolsa de couro com a longa alça de couro. De repente, conseguiu lembrar o nome da música que estava tocando no rádio na sala dos fundos da loja de artigos de couro quando ele comprou para ela. “Sausalito Summer Nights.” Era a coisa mais estranha do mundo. Sua boca estava completamente seca, e a língua e a parte interna das bochechas estavam lisas e secas como cromo. Ele conseguia ouvir os grilos, ver os vaga-lumes e sentir o cheiro de coisas verdes e grandes crescendo descontroladamente ao redor, e pensou: É outro truque, outro ilusionismo, ela está na Inglaterra, e isso é um ataque vagabundo, porque a Coisa está com medo, ah, sim, a Coisa não está tão segura quanto estava quando nos chamou, e de verdade, Bill, pensa bem, quantas bolsas de couro com alças compridas você acha que existem no mundo? Um milhão? Dez milhões?

Provavelmente mais. Mas só uma assim. Ele comprou para Audra em uma loja de artigos de couro de Burbank enquanto “Sausalito Summer Nights” tocava no rádio da sala dos fundos.

— *Bill?* — A mão de Beverly estava em seu ombro, balançando-o. De longe. Vinte e sete léguas submarinas. Qual era o nome do grupo que cantava “Sausalito Summer Nights”? Richie saberia.

— *Eu* sei — disse Bill calmamente para o rosto assustado e com olhos arregalados de Richie, e sorriu. — Era Diesel. Que tal uma lembrança dessas?

— Bill, o que foi? — sussurrou Richie.

Bill gritou. Ele arrancou os fósforos da mão de Beverly, acendeu um e arrancou a bolsa de Ben.

— Bill, meu Deus, o que…

Ele abriu a bolsa e a virou. O que caiu era tão Audra que por um momento ele ficou desarmado demais para gritar de novo. Em meio aos lenços de papel, chicletes e itens de maquiagem, ele viu uma latinha de Altoid… e o espelho compacto com pedras que Freddie Firestone deu para ela quando ela assinou o contrato para fazer *Sótão*.

— Minha e-e-esposa está lá embaixo — disse ele, e caiu de joelhos e começou a recolocar as coisas dela na bolsa. Ele afastou o cabelo que não existia mais dos olhos sem nem pensar no que estava fazendo.

— Sua esposa? Audra? — O rosto de Beverly estava chocado e seus olhos estavam enormes.

— A b-b-bolsa dela. As c-c-coisas dela.

— Jesus, Bill — murmurou Richie. — Não pode ser, você sabe…

Ele encontrou a carteira de pele de crocodilo. Abriu-a e levantou-a. Richie acendeu outro fósforo e olhou para um rosto que já tinha visto em mais de seis filmes. A foto na habilitação de Audra do estado da Califórnia era menos exuberante, mas totalmente conclusiva.

— Mas He-He-Henry está morto, e Victor e A-A-Arroto… então quem pegou ela? — Ele ficou de pé e olhou para eles com intensidade febril. — *Quem pegou ela?*

Ben colocou a mão no ombro de Bill.

— Acho que é melhor a gente descer e descobrir, hein?

Bill olhou para ele, como se em dúvida de quem Ben poderia ser, mas então seus olhos ficaram lúcidos.

— É-É — disse ele. — E-E-Eddie?

— Bill, sinto muito.

— Você consegue s-s-subir?

— Já subi uma vez.

Bill se inclinou e Eddie passou o braço direito ao redor do pescoço de Bill. Ben e Richie o levantaram até ele conseguir passar as pernas ao redor da barriga de Bill. Quando Bill passou uma perna desajeitada pela borda do cilindro, Ben viu que os olhos de Eddie estavam bem fechados… e por um momento pensou ter ouvido a cavalaria mais feia do mundo atacar pelos arbustos. Ele se virou, esperando ver os três saírem da névoa e do mato, mas só ouviu a brisa crescente balançar o bambu a uns 400 metros de distância. Os antigos inimigos estavam mortos.

Bill se segurou na beirada áspera do concreto e foi descendo, passo a passo e degrau a degrau. Eddie o estava segurando com tanta força que Bill mal conseguia respirar. *A bolsa*

dela, meu bom Deus, como a bolsa dela veio parar aqui? Não importa. Mas se o Senhor estiver aí, Deus, e se estiver atendendo pedidos, faça com que ela esteja bem, não permita que ela sofra pelo que Bev e eu fizemos hoje nem pelo que eu fiz no verão quando era criança… e foi o palhaço? Foi Bob Gray quem a pegou? Se foi, não sei nem se Deus pode ajudar ela.

— Estou com medo, Bill — disse Eddie com voz baixa.

O pé de Bill tocou em água fria e parada. Ele se baixou nela, lembrando-se da sensação e do cheiro desagradável, lembrando-se da forma claustrofóbica que aquele lugar o fez sentir… e aliás, o que tinha acontecido com eles? Como eles andaram por esses esgotos e túneis? Para onde exatamente eles foram e como exatamente saíram? Ele ainda não conseguia se lembrar de nada daquilo; só conseguia pensar em Audra.

— Eu t-t-também estou. — Ele se agachou um pouco e fez uma careta quando a água fria subiu pela calça até as bolas, e soltou Eddie. Eles ficaram com água até as panturrilhas e observaram os outros descerem a escada.

Capítulo 21

Debaixo da cidade

1

A Coisa — agosto de 1958

Uma coisa nova tinha acontecido.

Pela primeira vez desde sempre, uma coisa nova.

Antes do universo, só havia duas coisas. Uma era a própria Coisa e a outra era a Tartaruga. A Tartaruga era uma coisa velha e idiota que nunca saía do casco. A coisa achava que talvez a Tartaruga estivesse morta, tivesse morrido há um bilhão de anos mais ou menos. Mesmo se não estivesse, era uma coisa velha e idiota, e mesmo que a Tartaruga tivesse vomitado o universo inteiro, isso não mudava sua idiotice.

A Coisa veio para cá bem depois que a Tartaruga se encolheu para dentro do casco, aqui para a Terra, e a Coisa descobriu uma profundidade de imaginação aqui que era quase nova, quase digna de atenção. Essa qualidade de imaginação deixava os alimentos muito suculentos. Os dentes da Coisa destroçavam carne dura de tantos terrores exóticos e medos voluptuosos: eles sonhavam com animais noturnos e lamas em movimento; contra a própria vontade, eles contemplavam abismos infinitos.

Com esse alimento suculento, a Coisa existia em um ciclo simples de acordar para comer e dormir para sonhar. Ela criou um local em sua própria imagem, e olhava para esse lugar com carinho pelos postigos que eram seus olhos. Derry era seu abatedouro, as pessoas de Derry eram as ovelhas. As coisas seguiram em frente.

E então… essas crianças.

Uma coisa nova.

Pela primeira vez desde sempre.

Quando a Coisa surgiu na casa da rua Neibolt pretendendo matar todos eles, um pouco insatisfeita por já não ter conseguido fazer isso (e sem dúvida essa insatisfação foi a primeira coisa nova), aconteceu uma coisa totalmente inesperada, completamente impensada, e houve dor, dor, uma dor terrível por toda a forma que ela assumiu, e por um

momento também houve medo, porque a única coisa que a Coisa tinha em comum com a Tartaruga velha e idiota e com a cosmologia do macroverso fora do ovinho que era esse universo era apenas isso: todas as coisas vivas precisam se submeter às leis da forma que habitam. Pela primeira vez, a Coisa percebeu que talvez a habilidade que tinha de mudar a forma também pudesse funcionar contra ela. Nunca tinha havido dor antes, nunca tinha havido medo antes, e por um momento a Coisa achou que pudesse morrer — ah, sua cabeça ficou tomada por uma dor enorme e prateada, e ela rugiu, gritou e berrou, e de alguma forma as crianças escaparam.

Mas agora, elas estavam vindo. Elas tinham entrado no domínio da Coisa debaixo da cidade, sete crianças tolas andando pela escuridão sem luzes e sem armas. A Coisa as mataria agora, sem dúvida.

Ela fez uma grande autodescoberta: não queria mudanças nem surpresas. Não queria nunca coisas novas. Só queria comer e dormir e sonhar e comer de novo.

Depois da dor e daquele breve medo intenso, outra nova emoção surgiu (assim como todas as emoções genuínas eram novas para a Coisa, embora a Coisa fosse uma grande imitadora de emoções): raiva. Ela mataria essas crianças porque elas tinham, por algum acidente incrível, ferido a Coisa. Mas ela faria com que elas sofressem primeiro porque por um breve momento fizeram a Coisa ter medo delas.

Venham até mim então, pensou a Coisa, escutando a aproximação delas. Venham até mim, crianças, e vejam como flutuamos aqui embaixo… que todos nós flutuamos.

Mas havia um pensamento que se insinuava, não importando o quanto a Coisa tentasse afastá-lo. Era simplesmente o seguinte: se todas as coisas fluíam da Coisa (como faziam desde que a Tartaruga vomitou o universo e desmaiou dentro do casco), como alguma criatura deste mundo ou de qualquer outro podia enganar a Coisa ou machucá-la, mesmo que brevemente ou de forma ineficiente? Como isso era possível?

E assim, a última coisa nova ocorreu à Coisa, não uma emoção, mas uma especulação fria: e se a Coisa não estivesse sozinha, como ela sempre acreditou?

E se houvesse Outra?

E se essas crianças fossem agentes da Outra?

E se… e se…

A Coisa começou a tremer.

O ódio era novidade. A dor era novidade. Ser contrariada em seus objetivos era novidade. Mas a coisa nova mais terrível era esse medo. Não medo das crianças, isso passou, mas o medo de não estar sozinha.

Não. Não havia outra. Sem dúvida que não. Talvez por serem crianças, a imaginação delas tinha um certo poder puro que a Coisa havia rapidamente subestimado. Mas agora que elas estavam chegando, a Coisa deixaria que viessem. Elas chegariam, e a Coisa jogaria uma a uma no macroverso… nos postigos dos olhos dela.

Sim.

Quando elas chegassem aqui, a Coisa as jogaria, gritando e insanas, dentro dos postigos.

2

Nos túneis — 14h15

Bev e Richie tinham talvez uns dez fósforos os dois, mas Bill não os deixou usar. Por enquanto, pelo menos, ainda havia uma luz leve no esgoto. Não muita, mas ele conseguia enxergar um pouco mais de um metro à frente, e enquanto ele conseguisse fazer isso, eles poupariam os fósforos.

Ele supunha que a pouca luz que eles estavam tendo deviam vir de aberturas no meio-fio acima da cabeça deles, talvez até dos buracos circulares em tampas de bueiros. Parecia incrivelmente estranho eles estarem debaixo da cidade, mas é claro que agora eles deveriam estar.

A água estava mais funda agora. Três vezes, animais mortos tinham passado flutuando: um rato, um filhote de gato e uma coisa inchada e brilhante que talvez fosse uma marmota. Ele ouviu um dos outros murmurar com asco quando esse último passou por eles.

A água pela qual eles estavam passando estava relativamente plácida, mas tudo isso acabaria em pouco tempo: havia um rugido oco não muito à frente. Foi ficando cada vez mais alto. O cano virava para a direita. Eles acompanharam a virada e aqui havia três canos jogando água nos canos. Estavam alinhados verticalmente como as lentes de um sinal de trânsito. O cano acabava ali. A luz estava mais intensa. Bill olhou para cima e viu que eles estavam em um uma plataforma quadrada de pedra de uns 5 metros de altura. Havia uma grade de bueiro lá em cima, e a água descia neles aos jorros. Era como estar em um chuveiro primitivo.

Bill avaliou os três canos com impotência. O de cima estava derramando água quase límpida, embora houvesse folhas e galhos e pedaços de lixo nela, como guimbas de cigarro, embalagens de chiclete, coisas assim. O cano do meio estava vertendo água cinza. E do mais baixo saía um fluxo cinza-amarronzado de esgoto cheio de sólidos.

— E-E-Eddie!

Eddie chegou ao lado dele. Seu cabelo estava grudado na cabeça. O gesso estava uma

sujeira encharcada e melequenta.

— Q-Q-Qual? — Se você quisesse saber como construir alguma coisa, perguntava a Ben; se queria saber que caminho seguir, perguntava a Eddie. Eles não falavam sobre isso, mas todos sabiam. Se você estivesse em um bairro estranho e quisesse voltar para um local que conhecesse, Eddie conseguia fazer você chegar lá, dobrando à direita e à esquerda com confiança firme até você ficar reduzido a apenas segui-lo e torcer para que as coisas dessem certo… e sempre pareciam dar. Bill disse para Richie uma vez que quando ele e Eddie começaram a brincar no Barrens, ele, Bill, vivia com medo de se perder. Eddie não tinha esse medo e sempre levava os dois bem para onde dizia que estava indo. "Se eu m-me p-p-perdesse em Hainesville Woods e E-Eddie estivesse comigo, eu não me p-p-preocuparia n-nada", Bill disse para Richie. "Ele apenas *s-s-sabe*. Meu p-p-pai diz que algumas pessoas p-p-parecem que t-têm uma bu-bu-bússola na cabeça. Eddie é a-a-assim."

— *Não consigo te ouvir!* — gritou Eddie.

— Eu falei q-qual?

— Qual *o quê*? — Eddie estava com a bombinha na mão boa, e Bill achou que ele parecia mais um rato almiscarado do que um garoto.

— Qual a gente *p-p-pega*?

— Bem, isso depende de pra onde a gente quer ir — disse Eddie, e Bill poderia facilmente tê-lo esganado, apesar de a pergunta fazer sentido. Eddie estava olhando para os três canos em dúvida. Eles conseguiam caber em todos eles, mas o de baixo parecia bem apertado.

Bill chamou os outros para se juntarem em círculo.

— Onde é que a C-C-Coisa está? — perguntou ele.

— No meio da cidade — respondeu Richie imediatamente. — Bem debaixo do meio da cidade. Perto do canal.

Beverly estava assentindo. Ben também. E Stan também.

— M-M-Mike?

— É — disse ele. — É lá que a Coisa está. Perto do Canal. Ou debaixo dele.

Bill olhou de novo para Eddie.

— Q-Q-Qual?

Eddie apontou com relutância para o cano de baixo… e, apesar de Bill ter ficado tomado de desânimo, ele não ficou nada surpreso.

— Aquele.

— Ah, que nojento — disse Stan com infelicidade. — É um cano de merda.

— Nós não… — começou Mike, mas parou. Ele tinha inclinado a cabeça em um gesto de escutar. Agora, Bill também conseguia ouvir: sons de água. Aproximando-se. Grunhidos e palavras abafadas. Henry ainda não tinha desistido.

— Rápido — disse Ben. — Vamos.

Stan olhou para o caminho de onde eles tinham vindo, depois olhou para o cano de baixo. Ele apertou bem os lábios e assentiu.

— Vamos — diz ele. — A merda se lava depois.

— Stan, o Cara Manda Bem! — gritou Richie. — Wacka-wacka-wa…

— Richie, quer calar a *boca*? — sibilou Beverly para ele.

Bill os guiou até o cano, fazendo uma careta devido ao cheiro, e entrou de quatro. O cheiro: era esgoto, era merda, mas também havia outro cheiro aqui, não? Um cheiro mais profundo e vital. Se o grunhido de um animal pudesse ter cheiro (e Bill supunha que, se o animal em questão estivesse comendo as coisas certas, teria), seria esse cheiro oculto. *Estamos indo na direção certa mesmo. A Coisa está aqui… e está muito aqui.*

Quando eles tinham se deslocado 6 metros, o ar ficou rançoso e tóxico. Ele continuou a engatinhar lentamente, movendo-se por coisas que não eram lama. Ele olhou por cima do ombro e disse:

— V-V-Vem logo atrás de m-mim, E-E-Eddie. Vou p-precisar de v-você.

A luz foi diminuindo até um cinza-escuro, ficou assim por um tempo e sumiu, e eles ficaram

(longe do céu azul e)

em um ambiente todo preto. Bill continuou seguindo pelo fedor, sentindo que estava quase cortando-o fisicamente, com uma das mãos esticada à frente e parte dele esperando a qualquer momento encontrar cabelo crespo e olhos verdes como lâmpadas que se abririam na escuridão. O final viria em um golpe quente de dor quando a Coisa arrancasse a cabeça dele dos ombros.

A escuridão estava cheia de sons, todos ampliados e ecoando. Ele conseguia ouvir os amigos se deslocando atrás dele, às vezes murmurando alguma coisa. Havia gorgolejos e grunhidos estranhos com estalos. Uma vez, um jorro terrivelmente quente passou por ele entre as pernas, molhando-o até as coxas e fazendo-o se balançar. Ele sentiu Eddie se agarrar freneticamente às costas de sua camisa, mas então a pequena inundação diminuiu. Do fim da fila, Richie gritou com lamentável bom humor:

— Acho que o Gigante Verde acabou de mijar na gente, Bill.

Bill conseguia ouvir água ou esgoto escorrendo em explosões controladas pela rede de canos menores que agora deveria estar acima das cabeças deles. Ele se lembrou da conversa com o pai sobre os esgotos de Derry e pensou que sabia o que esse cano era: para lidar com o transbordamento que só ocorria em chuvas pesadas e na temporada de enchentes. O que passava lá estaria saindo de Derry para ser despejado no riacho Torrault e no rio Penobscot. A cidade não gostava de bombear a merda para o Kenduskeag porque isso faria o canal feder. Mas toda a chamada água cinza ia para o Kenduskeag, e se houvesse demais para os canos do esgoto aguentarem, haveria um despejo… como o que tinha acabado de acontecer. Se houve um, poderia haver outro. Ele olhou para cima com desconforto, sem conseguir ver nada, mas sabendo que devia haver grades no arco de cima do cano, possivelmente nas laterais também, e que a qualquer momento poderia haver…

Ele só percebeu que eles tinham chegado ao fim do cano quando caiu e cambaleou para a frente, balançando os braços em um esforço inútil para manter o equilíbrio. Ele caiu de

barriga em uma massa semissólida cerca de 60 centímetros abaixo da boca do cano do qual ele tinha acabado de cair. Alguma coisa saiu correndo e guinchando por cima da mão dele. Ele gritou e se sentou, agarrando a mão com força contra o peito, ciente de que um rato tinha acabado de correr por cima dela; ele sentiu o contato repugnante e duro do rabo sem pelos da coisa.

Ele tentou ficar de pé e bateu com a cabeça no teto baixo do novo cano. Foi um impacto forte, e Bill caiu de joelhos com flores vermelhas grandes explodindo na escuridão na frente dos olhos.

— Tomem c-cuidado! — ele se ouviu gritando. Suas palavras ecoaram pelo cano. — Tem uma queda aqui! E-Eddie! Onde v-você e-e-está?

— Aqui! — Uma das mãos de Eddie passou pelo nariz de Bill. — Me ajuda, Bill, não consigo enxergar! Está…

Houve um estrondo com som líquido. Beverly, Mike e Richie gritaram ao mesmo tempo. À luz do dia, a harmonia quase perfeita dos três teria sido engraçada; aqui embaixo no escuro, no esgoto, foi apavorante. De repente, todos saíram despencando. Bill agarrou Eddie com força para tentar poupar o braço dele.

— Ah, Cristo, pensei que fosse me afogar — gemeu Richie. — Tomamos um banho, ah, cara, um banho de merda, ah, que ótimo, deviam fazer excursão da escola aqui embaixo alguma hora, Bill, a gente podia ver se o sr. Carson viria de guia…

— E a srta. Jimmison poderia dar uma palestra sobre saúde depois — disse Ben com voz trêmula, e todos riram de forma tensa. Quando as gargalhadas estavam sumindo, Stan de repente caiu em lágrimas de infelicidade.

— Não, cara — disse Richie, passando um braço desajeitado nos ombros grudentos de Stan. — Você vai fazer a gente chorar, cara.

— Eu estou bem! — disse Stan em voz alta, ainda chorando. — Consigo suportar sentir medo, mas *odeio* ficar sujo assim, odeio não saber onde estou…

— V-V-Você a-acha que a-a-algum dos f-fósforos ainda f-funciona? — Bill perguntou a Richie.

— Dei os meus pra Bev.

Bill sentiu o toque da mão dela na escuridão e a forma de uma carteira de fósforos. Eles pareciam secos.

— Deixei debaixo do meu sovaco — disse ela. — Pode ser que ainda funcionem. Pode experimentar pra ver.

Bill tirou um fósforo da embalagem de papel e riscou. O palito acendeu, e Bill o ergueu. Os amigos estavam reunidos, fazendo caretas pela luz intensa e breve. Eles estavam molhados e cobertos de excrementos, e todos pareciam muito jovens e com medo. Atrás deles, ele conseguia ver o cano do qual eles saíram. O cano em que eles estavam agora era ainda menor. Seguia em ambas as direções, com o piso coberto de camadas de sedimentos imundos. E…

Ele inspirou rapidamente e apagou o fósforo quando seus dedos foram queimados. Ele

escutou e ouviu os sons de água correndo rápido e pingando, o rugido ocasional das válvulas de escape mandando mais esgoto para o Kenduskeag, que agora estava Deus sabia o quanto para trás deles. Ele não ouvia Henry e os outros… ainda.

Ele disse baixinho:

— Tem um c-c-cadáver à minha d-d-direita. A uns 3 m-m-metros de n-nós. Acho que p-pode ser P-P-P…

— Patrick? — perguntou Beverly, com a voz tremendo e à beira da histeria. — É Patrick Hockstetter?

— É-É-É. Quer que eu a-acenda o-o-outro f-fósforo?

Eddie disse:

— Você precisa acender, Bill. Se eu não observar como é o cano, não vou saber pra onde ir.

Bill acendeu o fósforo. No brilho da chama, eles viram a coisa verde e inchada que foi Patrick Hockstetter. O cadáver sorria para eles no escuro com alegria horrenda, mas só com meio rosto; ratos do esgoto tinham arrancado o resto. Os livros da recuperação de Patrick estavam espalhados ao redor dele, inchados ao tamanho de dicionários na umidade.

— Cristo — disse Mike com voz rouca, com olhos arregalados.

— Estou escutando eles de novo — disse Beverly. — Henry e os outros.

A acústica deve ter levado a voz dela até eles também; Henry gritou no cano e, por um momento parecia que ele estava bem ali de pé.

— Vamos pegar *vocêêêês*…

— Pode vir! — gritou Richie. Os olhos dele estavam brilhando, dançantes, febris. — Continue vindo, pé de casca de banana! Aqui é igual à piscina da ACM! Continue…

E então, um grito de medo tão louco e de dor se espalhou pelo cano, e o fósforo caiu da mão de Bill e se apagou. O braço de Eddie o tinha envolvido, e Bill abraçou Eddie também, sentindo o corpo tremer como vara verde enquanto Stan Uris se aproximava do outro lado. Aquele grito aumentou e aumentou… e então, houve um som denso e obsceno de movimento e o grito foi interrompido.

— Alguma coisa pegou um deles — disse Mike, com a voz engasgada e apavorado na escuridão. — Alguma coisa… algum monstro… Bill, a gente tem que sair daqui… por favor…

Bill conseguia ouvir quem tinha sobrado (se um ou dois, com a acústica era impossível dizer) cambaleando e seguindo pelo cano na direção deles.

— Pra q-que l-lado, E-Eddie? — perguntou ele com urgência. — V-Você s-sabe?

— Na direção do canal? — perguntou Eddie, tremendo nos braços de Bill.

— É!

— Pra direita. Passando por Patrick… ou por cima dele. — A voz de Eddie de repente ficou mais dura. — Não ligo tanto. Ele foi um dos que quebraram meu braço. Cuspiu na minha cara também.

— V-Vamos — disse Bill, olhando para trás, para o cano do qual eles tinham saído. — F-Fila ú-única! Fiquem t-t-tocando o da f-f-frente, como a-a-antes!

Ele tateou à frente, arrastando o ombro direito na porcelana grudenta do cano, trincando os dentes, sem querer pisar em Patrick… ou dentro dele.

Assim, eles seguiram para mais escuridão enquanto as águas corriam ao redor deles e enquanto, lá fora, a tempestade seguia e trazia uma escuridão precoce a Derry, uma escuridão que gritava com o vento, gaguejava com fogo elétrico e tremia com árvores caídas que pareciam o grito de morte de enormes criaturas pré-históricas.

3

A Coisa — maio de 1985

Agora eles estavam vindo de novo, e, apesar de tudo ter sido bem como a Coisa previu, uma coisa que a Coisa não previu voltou: aquele medo enlouquecedor, irritante… aquela sensação de Outro. A Coisa odiava o medo, teria se virado contra ele e comido se pudesse… mas o medo dançava com deboche fora de alcance, e a Coisa só podia matar o medo matando-os.

Claro que não havia necessidade para esse medo; eles estavam mais velhos agora, e o número foi reduzido de sete para cinco. Cinco era um número de poder, mas não tinha a qualidade talismânica mística do sete. Era verdade que o pau-mandado da Coisa não conseguiu matar o bibliotecário, mas ele morreria no hospital. Mais tarde, antes de a alvorada tocar o céu, a Coisa enviaria um enfermeiro com vício em comprimidos para acabar com o bibliotecário de uma vez por todas.

A mulher do escritor agora estava com a Coisa, viva, mas não exatamente viva; a mente dela foi completamente destruída pela primeira visão da Coisa como ela realmente era, com todas as pequenas máscaras e glamoures jogados de lado. E todos os glamoures eram apenas espelhos, é claro, que devolviam para a pessoa apavorada a pior coisa na mente dele ou dela, cristalizando imagens como um espelho devolveria um reflexo do sol para um olho aberto que nem desconfia a ponto de deixá-lo cego.

Agora, a mente da mulher do escritor estava com a Coisa, dentro da Coisa, além do final do macroverso; na escuridão além da Tartaruga; no território além de todas as terras.

Ela estava no olho da Coisa; ela estava na mente da Coisa.

Ela estava nos postigos.

Ah, mas os glamoures eram divertidos. Hanlon, por exemplo. Ele não lembraria, não conscientemente, mas a mãe poderia ter contado a ele de onde tinha vindo o pássaro que ele viu na siderúrgica. Quando ele era um bebê de apenas seis meses de idade, a mãe o deixou dormindo no carrinho no pátio lateral enquanto ia para o quintal para pendurar lençóis e fraldas para secar. Os gritos dele a fizeram ir correndo. Um corvo enorme tinha pousado na beirada do carrinho e estava bicando o bebê Mike como uma criatura do mal em uma história de ninar. Ele estava gritando de dor e pavor, sem conseguir afastar o corvo, que pressentiu a presença de uma presa fraca. Ela bateu no pássaro com o punho e o espantou, viu que tinha tirado sangue em dois ou três lugares no braço do bebê Mike e o levou até o dr. Stillwagon para tomar vacina antitetânica. Uma parte de Mike sempre se lembrou disso, um bebê pequeno, um pássaro enorme, e quando a Coisa foi até Mike, Mike viu o pássaro gigante de novo.

Mas quando o pau-mandado marido da garota de antes trouxe a mulher do escritor, a Coisa não colocou rosto nenhum; ela não se vestia quando estava em casa. O pau-mandado marido olhou uma vez e caiu morto de choque, com o rosto cinza e os olhos se enchendo do sangue que jorrou do cérebro dele em uma dezena de lugares. A mulher do escritor teve um pensamento poderoso e horrorizado (AH, JESUS AMADO, É FÊMEA), e todos os pensamentos sumiram. Ela nadou nos postigos. A Coisa saiu de seu lugar e cuidou dos restos físicos dela; preparou-os para se alimentar mais tarde. Agora, Audra Denbrough estava pendurada no alto, no meio das coisas, coberta de seda, com a cabeça caída sobre o ombro, os olhos arregalados e vidrados, os dedos apontando para baixo.

Mas ainda havia poder neles. Diminuído, mas ainda presente. Eles tinham vindo quando crianças e, de alguma forma, contra todas as expectativas, contra tudo que deveria ser, tudo que poderia ser, eles machucaram a Coisa demais, quase a mataram, a forçaram a fugir para as profundezas da terra, onde ficou encolhida, sentindo dor e ódio e tremendo em uma poça cada vez maior de seu próprio e estranho sangue.

Então, houve mais uma coisa nova: pela primeira vez em sua infinita história, a Coisa precisava fazer um plano; pela primeira vez, ela se viu com medo de apenas tirar o que queria de Derry, sua área de caça particular.

A Coisa sempre se alimentou bem de crianças. Muitos adultos poderiam ser usados sem saber que foram usados, e a Coisa até já tinha se alimentado de alguns mais velhos ao longo dos anos. Os adultos tinham seus próprios pavores, e as glândulas deles podiam ser invadidas, abertas, para que todos os componentes químicos do medo jorrassem pelo corpo e salgassem a carne. Mas os medos das crianças eram mais simples e normalmente mais poderosos. Os medos das crianças costumavam ser invocados com um único rosto… e se

fosse preciso usar isca, ora, que criança não adorava um palhaço?

Ela entendia vagamente que essas crianças de alguma forma viraram as ferramentas dela contra ela; que, por coincidência (é claro que não foi de propósito, é claro que não foi com orientação da mão de Outro), a união de sete mentes extraordinariamente criativas, a Coisa foi levada a uma zona de grande perigo. Qualquer um daqueles sete sozinhos teria sido carne e bebida para ela, e se eles não tivessem por acaso ido juntos, ela certamente os teria escolhido um a um, atraída pela qualidade das mentes delas como um leão poderia se sentir atraído por uma lagoa devido ao cheiro de uma zebra. Mas juntos eles descobriram um segredo alarmante do qual nem a Coisa sabia: aquela crença tem um outro lado. Se houver 10 mil camponeses medievais que criam vampiros por acreditarem que eles são reais, pode ser que haja um, provavelmente uma criança, que vai imaginar a estaca necessária para matá-los. Mas uma estaca é apenas madeira idiota; a mente é o martelo que a enfia no lugar certo.

Mas no final a Coisa escapou; ela foi fundo, e as crianças exaustas e apavoradas decidiram não segui-la quando ela estava mais vulnerável. Elas decidiram acreditar que ela estava morta ou morrendo e se retiraram.

A Coisa estava ciente do juramento delas e sabia que voltariam, assim como um leão sabe que a zebra vai acabar voltando para a lagoa para beber água. Ela começou a planejar antes mesmo de começar a cochilar. Quando a Coisa acordasse, estaria curada, renovada, mas as infâncias deles estariam apagadas como sete velas gordas. O antigo poder da imaginação deles estaria mudo e fraco. Eles não imaginariam mais que havia piranhas no Kenduskeag ou que, se você pisasse em uma rachadura, sua mãe podia mesmo quebrar a espinha, nem que, se você matasse uma joaninha que pousou na sua camisa, sua casa pegaria fogo naquela noite. Em vez disso, eles acreditariam em seguros. Em vez disso, eles acreditariam em vinho no jantar, algo bom, mas não pretensioso demais, como um Pouilly-Fuissé 1983, e deixe respirar, garçom, pode ser? Em vez disso, eles acreditariam na televisão pública, em Gary Hart, em correr para prevenir ataques cardíacos, em parar de comer carne vermelha para prevenir câncer do colo do útero. Eles acreditariam na dra. Ruth quando a questão fosse foder bem e em Jerry Falwell quando a questão fosse a salvação. A cada ano que passasse, os sonhos deles ficariam menores. E quando a Coisa acordasse, ela os chamaria de volta, sim, de volta, porque o medo era fértil, o filho dela era a ira, e a ira exigia vingança.

A Coisa os chamaria e os mataria.

Só que, agora que eles estavam chegando, o medo tinha voltado. Eles tinham crescido, e a imaginação deles tinha enfraquecido, mas não tanto quanto a Coisa acreditava. Ela sentiu um crescimento ameaçador e incômodo no poder deles quando eles se juntaram, e se perguntou pela primeira vez se talvez não tivesse cometido um erro.

Mas por que desanimar? O dado estava lançado, e nem todos os prenúncios eram ruins. O escritor estava meio louco por causa da mulher, e isso era bom. O escritor era o mais

forte, o que tinha conseguido treinar a mente para esse confronto ao longo dos anos, e quando o escritor estivesse morto com as tripas para fora do corpo, quando o precioso "Big Bill" estivesse morto, os outros seriam dela rapidamente.

A Coisa se alimentaria bem... e então, talvez fosse para as profundezas de novo. Para dormir. Por um tempo.

4

Nos túneis — 4h30

— Bill! — gritou Richie no cano ecoante. Ele estava indo o mais rápido que conseguia, mas isso não era muito rápido. Ele lembrava que, quando eles eram crianças, eles andaram inclinados naquele cano, que levava para longe da estação de bombeamento no Barrens. Agora ele estava de quatro, e o cano parecia impossivelmente apertado. Os óculos ficavam querendo escorregar pela ponta do nariz, e ele ficava empurrando-os para cima. Ele conseguia ouvir Bev e Ben atrás.

— Bill! — gritou ele de novo. — Eddie!

— Estou aqui. — A voz de Eddie veio flutuando.

— Onde está Bill? — gritou Richie.

— À frente! — gritou Eddie. Ele estava bem perto agora, e Richie mais sentiu do que o viu à frente. — Ele não quis esperar!

Richie bateu com a cabeça na perna de Eddie. Um momento depois, a cabeça de Bev bateu na bunda de Richie.

— *Bill!* — gritou Richie com o tom mais alto de voz. O cano canalizou o grito e o trouxe de volta, fazendo seus próprios ouvidos doerem. — *Bill, espera a gente! A gente tem que ir junto, você não sabe?*

Baixinho, ecoante, Bill:

— *Audra! Audra! Onde você está?*

— Porra, Big Bill! — gritou Richie baixinho. Os óculos caíram. Ele falou um palavrão, tateou em busca deles e os colocou pingando no nariz. Ele inspirou e gritou de novo: — *Você vai se perder sem Eddie, seu babaca escroto! Espera! Espera a gente! Está me ouvindo, Bill? ESPERA A GENTE, CACETE!*

Houve um momento agonizante de silêncio. Pareceu que ninguém estava respirando. Richie só conseguia ouvir um som de água pingando ao longe; o cano estava seco desta vez, exceto por ocasionais poças estagnadas.

— *Bill!* — Ele passou a mão trêmula pelo cabelo e lutou contra as lágrimas. — *PARA COM ISSO… POR FAVOR, CARA! ESPERA! POR FAVOR!*

E, ainda mais baixa, a voz de Bill chegou a eles.

— Estou esperando.

— Agradeço a Deus pelos pequenos favores — murmurou Richie. Ele bateu no traseiro de Eddie. — Vai.

— Não sei quanto tempo mais consigo com um braço só — disse Eddie, como se pedindo desculpas.

— Vai mesmo assim — disse Richie, e Eddie recomeçou a engatinhar.

Bill, parecendo exausto e quase completamente consumido, estava esperando por eles na plataforma onde os três canos estavam enfileirados como lentes de um sinal de trânsito. Havia espaço suficiente ali para eles ficarem de pé.

— Ali — disse Bill. — C-Criss. E A-A-Arroto.

Eles olharam. Beverly gemeu e Ben passou o braço ao redor dos ombros dela. O esqueleto de Arroto Huggins, usando trapos mofados, parecia mais ou menos intacto. O que sobrou de Victor estava sem cabeça. Bill olhou para a outra extremidade e viu um crânio sorridente.

Ali estava o resto dele. *Vocês deviam ter deixado pra lá, caras*, pensou Bill, e tremeu.

Essa parte do sistema de esgotos tinha deixado de ser usada; Richie pensou que o motivo era bem claro. A estação de tratamento de esgoto tinha passado a ser usada. Em algum momento durante os anos em que eles estavam ocupados aprendendo a se barbear, dirigir, fumar, foder um pouco por aí, essas merdas boas, a Agência de Proteção Ambiental ganhou vida e decidiu que jogar esgoto puro, até mesmo água cinza, em rios e riachos era proibido. Assim, essa parte do sistema de esgotos simplesmente apodreceu, e os corpos de Victor Criss e Arroto Huggins apodreceram junto. Como os Garotos Perdidos de Peter Pan, Victor e Arroto nunca cresceram. Aqui estavam os esqueletos de dois garotos com restos de camisetas e calças jeans que apodreceram e viraram trapos. Musgo cresceu no xilofone curvo que era a caixa torácica de Victor e na águia na fivela do cinto.

— O monstro pegou eles — disse Ben baixinho. — Vocês lembram? A gente ouviu acontecer.

— Audra está m-morta. — A voz de Bill estava mecânica. — Eu sei.

— Você não sabe *de nada disso!* — disse Beverly com tanta fúria que Bill se mexeu e olhou para ela. — A única coisa da qual você tem certeza é que um monte de *outras* pessoas

morreu, a maioria crianças. — Ela andou até ele e ficou de pé com as mãos nos quadris. O rosto e as mãos estavam sujos e o cabelo cheio de terra. Richie achou que ela estava simplesmente deslumbrante. — E você sabe o que fez isso.

— Eu n-nunca devia ter c-c-contado pra ela pra onde eu estava i-indo — disse Bill. — Por que fiz aquilo? Por que eu…?

As mãos dela subiram de repente e o agarraram pela camisa. Impressionado, Richie viu-a sacudi-lo.

— Chega! Você sabe por que viemos! Nós juramos *e vamos até o fim!* Está entendendo, Bill? Se ela estiver morta, ela está morta… *mas a Coisa não está!* Agora, precisamos de você. Entende? *Precisamos* de você! — Ela estava chorando agora. — Então fique do nosso lado! Fique do nosso lado como antes, senão nenhum de nós vai sair daqui!

Ele olhou para ela por um tempo sem falar nada, e Richie se viu pensando: *Vamos lá, Big Bill. Vamos lá, vamos lá…*

Bill olhou para os outros e assentiu.

— E-Eddie.

— Estou aqui, Bill.

— V-Você a-ainda l-l-lembra qual c-c-cano?

Eddie apontou para trás de Victor e disse:

— Aquele. Parece bem pequeno, né?

Bill assentiu de novo.

— Você consegue? Com o b-b-braço quebrado?

— Consigo por você, Bill.

Bill sorriu; foi o sorriso mais cansado e terrível que Richie já tinha visto.

— L-Leva a gente, E-Eddie. Vamos a-a-acabar com isso.

5

Nos túneis — 4h55

Enquanto engatinhava, Bill se lembrou da queda no final do cano, mas ela ainda assim o surpreendeu. Em um momento, suas mãos estavam se arrastando na superfície cascuda do velho cano; no seguinte, estavam deslizando no ar. Ele caiu para a frente, rolou instintivamente e caiu sobre o ombro com um estalo doloroso.

— C-C-Cuidado! — ele se ouviu gritando. — A q-queda é aqui! E-E-Eddie?

— Aqui! — A mão de Eddie passou na testa de Bill. — Você pode me ajudar a descer?

Ele passou os braços ao redor de Eddie e o levantou, tentando tomar cuidado com o braço machucado. Ben veio em seguida, depois Bev e Richie.

— Tem algum f-f-fósforo, R-Richie?

— Eu tenho — disse Beverly. Bill sentiu o toque da mão dela na escuridão e uma carteira de fósforos sendo colocada em sua mão. — Só tem oito ou dez, mas Ben tem mais. Do quarto.

Bill disse:

— Você guardou no s-s-sovaco, B-Bev?

— Não desta vez — disse ela, e passou os braços ao redor dele no escuro. Ele a abraçou com força, com olhos fechados, tentando aceitar o consolo que ela queria tanto oferecer.

Ele a soltou delicadamente e acendeu um fósforo. O poder da memória era incrível: todos olharam ao mesmo tempo para a direita. O que havia sobrado do corpo de Patrick Hockstetter ainda estava ali, entre algumas coisas pedaçudas e inchadas que podiam ser os livros. A única coisa realmente reconhecível era um semicírculo de dentes, dois ou três com obturações.

E uma coisa ali perto. Um círculo cintilante quase não visto na luz tremeluzente do fósforo.

Bill apagou o fósforo e acendeu outro. Ele se abaixou e pegou o objeto.

— A aliança de Audra — disse ele. Sua voz estava oca, sem expressão.

O fósforo se apagou nos dedos dele.

Na escuridão, ele colocou a aliança.

— Bill? — disse Richie com hesitação. — Você faz ideia de

6

Nos túneis — 14h20

quanto tempo eles estavam vagando pelos túneis debaixo de Derry desde que saíram do local em que Patrick Hockstetter estava, mas Bill tinha certeza de que jamais conseguiria encontrar o caminho de volta. Ele ficava pensando no que o pai tinha dito: Você poderia ficar andando por semanas. Se o senso de direção de Eddie falhasse agora, eles não precisariam da Coisa para matá-los; ficariam andando até morrerem… ou, se

entrassem nos canos errados, até se afogarem como ratos em um barril.

Mas Eddie não parecia nada preocupado. De vez em quando, ele pedia que Bill acendesse um dos poucos fósforos que restavam, olhava ao redor pensativo e voltava a andar. Ele virava à direita e à esquerda de uma forma que parecia aleatória. Às vezes, os canos eram tão grandes que Bill não conseguia alcançar o alto nem se esticasse bem a mão. Às vezes eles precisavam engatinhar e, uma vez, durante cinco horríveis minutos (que mais pareceram cinco horas), eles rastejaram de barriga, com Eddie agora na frente e os outros atrás com o nariz nos calcanhares da pessoa à frente.

A única coisa da qual Bill tinha certeza absoluta era que eles haviam entrado em uma parte sem uso do sistema de esgotos de Derry. Eles deixaram os canos ativos ou bem para trás, ou bem para cima. O rugido de água corrente tinha virado um trovão distante. Esses canos eram mais velhos, não de cerâmica, mas de uma substância como argila que às vezes liberava um fluido de aroma desagradável. Os aromas de detritos humanos, aqueles cheiros intensos que ameaçaram sufocar todos eles, tinham diminuído, mas foram substituídos por outro cheiro, amarelo e antigo, que era bem pior.

Ben achava que era o cheiro da múmia. Para Eddie, tinha o cheiro do leproso. Richie achou que o cheiro era da jaqueta de flanela mais antiga do mundo, agora mofando e apodrecendo, a jaqueta de um lenhador, bem grande, grande o bastante para caber em alguém como Paul Bunyan, talvez. Para Beverly, o cheiro era o da gaveta de meias do pai. Em Stan Uris, o cheiro despertou uma lembrança horrível da primeira infância, uma lembrança estranhamente judaica em um garoto que tinha uma percepção bem leve de seu judaísmo. Era cheiro de argila misturada com óleo, e o fez pensar em um demônio sem olhos e sem boca chamado Golem, um homem de argila que judeus renegados supostamente despertaram na Idade Média para salvá-los dos *goyim* que roubavam e estupravam as mulheres deles e os mandavam embora. Mike pensou no cheiro seco das penas em um ninho morto.

Quando finalmente chegaram ao final do cano estreito, eles deslizaram como enguias pela superfície curva de outro que ficava em um ângulo oblíquo em comparação com o cano no qual eles estavam, e logo descobriram que conseguiam novamente ficar de pé. Bill tateou pelas cabeças dos fósforos que haviam sobrado na carteira. Quatro. Ele apertou a boca e decidiu não contar aos outros o quanto eles estavam próximos do fim da luz… a não ser que realmente precisasse.

— C-C-Como v-v-vocês e-estão?

Eles murmuraram respostas, e ele assentiu no escuro. Nada de pânico e nenhuma lágrima desde as de Stan. Isso era bom. Ele procurou as mãos deles, e eles ficaram juntos no escuro

daquele jeito por um tempo, dando e recebendo com o toque. Bill sentiu uma exultação clara com isso, uma sensação certa de que eles estavam de alguma forma produzindo mais do que a soma das sete partes; eles foram acrescentados em um todo mais potente.

Ele acendeu um dos fósforos que restaram e eles viram um túnel estreito e inclinado para baixo. A parte de cima desse cano estava coberta de teias de aranha, algumas destruídas e penduradas em tiras. Olhar para elas provocou um arrepio em Bill. O piso estava seco, mas coberto de um mofo antigo e o que poderia ter sido folhas, fungos… ou restos inimagináveis. Mais à frente, ele viu uma pilha de ossos e trapos verdes. No passado, poderiam ter sido o que chamavam de “algodão polido”, roupas de trabalho. Bill imaginou algum funcionário do Departamento de Esgotos ou do Departamento de Águas que se perdeu, andou até lá embaixo e foi descoberto…

A chama diminuiu. Bill virou-o de cabeça para baixo para fazer a chama durar mais.

— V-V-Você s-sabe onde e-e-estamos? — perguntou ele para Eddie.

Eddie apontou para a curva do cano.

— O canal fica pra lá — disse ele. — A menos de 800 metros, a não ser que essa coisa vire pra uma direção diferente. Estamos debaixo da colina Up-Mile agora, eu acho. Mas Bill…

O fósforo queimou os dedos de Bill, e ele soltou-o. Eles estavam na escuridão de novo. Alguém, Bill achou que foi Beverly, suspirou. Mas antes de o fósforo apagar, ele viu preocupação no rosto de Eddie.

— O q-q-quê? O que f-foi?

— Quando digo que estamos embaixo da colina Up-Mile, quero dizer embaixo *mesmo*. Estamos descendo já faz um tempo. Ninguém *nunca* colocaria um cano de esgoto tão fundo. Quando você coloca um túnel fundo assim, o nome dele é mina.

— A que profundidade você acha que a gente está, Eddie? — perguntou Richie.

— Quatrocentos metros — disse Eddie. — Talvez mais.

— Meu Deus do céu — disse Beverly.

— Não são canos de esgoto, de qualquer modo — disse Stan por trás deles. — Dá pra perceber pelo cheiro. É ruim, mas não é um cheiro de *esgoto*.

— Acho que eu preferiria sentir o cheiro do esgoto — disse Ben. — Tem cheiro de…

Um grito chegou até eles, vindo da boca do cano do qual eles tinham acabado de sair, deixando os cabelos na nuca de Bill arrepiados. Os sete se juntaram e se agarraram uns nos outros.

— *... vou pegar vocês seus filhos da puta. Vamos pegar vocêêêêêês…*

— Henry — sussurrou Eddie. — Ah, meu Deus, ele ainda está vindo.

— Não estou surpreso — disse Richie. — Algumas pessoas são burras demais para desistir.

Eles conseguiam ouvir ofegos baixos, o movimento de sapatos, o sussurro de tecido.

— *... vocêêêêêês…*

— V-V-Vamos — disse Bill.

Eles seguiram pelo cano, agora andando de dois a dois, exceto por Mike, que estava no fim da fila: Bill e Eddie, Richie e Bev, Ben e Stan.

— A q-q-que d-distância v-você acha que Henry e-está?

— Não consegui perceber, Big Bill — disse Eddie. — Os ecos atrapalham. — Ele baixou a voz. — Você viu aquela pilha de ossos?

— V-V-Vi — disse Bill, também baixando a voz.

— Tinha um cinto de ferramentas junto com as roupas. Acho que era um funcionário do Departamento de Águas.

— A-A-Acho que s-s-sim.

— Quanto tempo você acha…?

— N-N-Não s-s-sei.

Eddie fechou a mão boa sobre o braço de Bill na escuridão.

Talvez uns 15 minutos depois, eles ouviram alguma coisa vindo na direção deles na escuridão.

Richie parou, gelado até a alma. De repente, ele tinha 3 anos de novo. Ele ouviu aquele movimento sorrateiro e úmido, se aproximando deles, chegando perto, e os sons sussurrantes como de galhos que acompanhavam, e mesmo antes de Bill acender um fósforo, ele sabia o que seria.

— *O Olho!* — gritou ele. — *Meu Deus, é o Olho Rastejante!*

Por um momento, os outros não entenderam bem o que estavam vendo (Beverly teve a impressão de que o pai a tinha encontrado, mesmo lá embaixo, e Eddie teve uma visão passageira de Patrick Hockstetter de volta à vida, de alguma forma Patrick tinha contornado e passado à frente deles), mas o grito de Richie, a *certeza* de Richie, fez todos eles ficarem paralisados. Eles viram o que Richie viu.

Um Olho gigantesco ocupava o túnel, com a pupila preta vítrea com 60 centímetros de diâmetro e a íris de uma cor de lama castanha. A parte branca era protuberante, membranosa, coberta de veias vermelhas que pulsavam sem parar. A Coisa era um horror gelatinoso sem pálpebra e sem cílios que se movia sobre uma camada de tentáculos de aparência rudimentar. Eles se movimentavam na superfície suja do túnel e afundavam como dedos, de forma que a impressão no brilho do fósforo fraco de Bill era de um Olho que de alguma forma cresceu dedos de pesadelo que o estavam arrastando.

A Coisa olhou para eles com cobiça pura e febril. O fósforo se apagou.

Na escuridão, Bill sentiu aqueles tentáculos acariciarem seus tornozelos, suas panturrilhas… mas não conseguiu se mexer. Seu corpo estava paralisado. Ele sentiu a Coisa se aproximando, conseguiu sentir o calor se irradiando dela e conseguiu ouvir a pulsação úmida de sangue umedecendo as membranas do Olho. Ele imaginou a aderência que sentiria quando a Coisa tocasse nele, mas continuou sem conseguir gritar. Mesmo quando tentáculos novos envolveram sua cintura e se prenderam nos passadores do cinto e começaram a puxá-lo

para a frente, ele não conseguiu gritar nem lutar. Uma sonolência mortal parecia estar dominando todo o corpo dele.

Beverly sentiu um dos tentáculos deslizar ao redor da orelha dela e apertar de repente. A dor surgiu e ela foi arrastada para a frente, se contorcendo e gemendo, como se uma professora idosa estivesse dando um puxão de orelha sem paciência até os fundos da sala, onde ela seria obrigada a se sentar em um banco e usar um chapéu de burro. Stan e Richie tentaram recuar, mas uma floresta de tentáculos invisíveis se balançava e sussurrava ao redor deles. Ben colocou um braço ao redor de Beverly e tentou puxá-la de volta. Ela agarrou as mãos dele com força e pânico.

— Ben… Ben, a Coisa me pegou…

— Não pegou, não… Espere… Vou puxar…

Ele puxou com toda força, e Beverly gritou quando a dor explodiu em sua orelha e o sangue começou a escorrer. Um tentáculo, seco e duro, deslizou sobre a camisa de Ben, fez uma pausa e deu um nó doloroso ao redor do ombro dele.

Bill esticou a mão, e ela bateu em uma umidade grudenta. O Olho!, gritava sua mente. *Ah, Deus, estou com a mão no Olho! Ah, Deus! Ah, meu bom Deus! O Olho! Minha mão está no Olho!*

Ele começou a lutar agora, mas os tentáculos o puxavam para a frente inexoravelmente. Sua mão desapareceu naquele calor ávido e molhado. Agora, seu braço estava enfiado no Olho até o cotovelo. A qualquer momento, o resto do corpo dele encostaria naquela superfície grudenta, e ele sentia que ficaria louco naquele instante. Ele lutou freneticamente, batendo nos tentáculos com a outra mão.

Eddie parecia um garoto em um sonho, ouvindo gritos abafados e sons de luta enquanto os amigos estavam sendo puxados. Ele sentiu os tentáculos ao redor dele, mas nenhum tinha encostado ainda.

Corre pra casa!, mandou sua mente em tom alto. *Corre pra casa pra sua mamãe, Eddie! Você consegue encontrar o caminho!*

Bill gritou no escuro, um som alto e desesperado seguido de sons úmidos.

A paralisia de Eddie acabou naquele momento: a Coisa estava tentando pegar Big Bill!

— Não! — gritou Eddie. Foi um rugido a plenos pulmões. Ninguém jamais poderia imaginar que um grito de guerreiro norueguês poderia sair de um peito tão magro, o peito de Eddie Kaspbrak, dos *pulmões* de Eddie Kaspbrak, que obviamente sofriam do caso mais terrível de asma de Derry. Ele correu para a frente, pulou sobre os tentáculos em movimento sem vê-los, com o braço quebrado batendo no peito ao balançar para a frente e para trás no gesso molhado. Ele mexeu no bolso e tirou a bombinha.

(ácido é esse o gosto de ácido de ácido de bateria de ácido)

Ele colidiu com as costas de Bill Denbrough e empurrou-o para o lado. Houve um som aquoso de coisa rasgando, seguido de um choramingo baixo que Eddie não ouviu bem com os ouvidos, mas sentiu com a mente. Ele ergueu a bombinha

(ácido é ácido se eu quiser então toma toma toma)

— *ÁCIDO DE BATERIA, BABACA!* — gritou Eddie, e disparou um jato.

Ao mesmo tempo, ele chutou o Olho. O pé entrou na geleia que era a córnea. Houve um fluxo de fluido quente em sua perna. Ele puxou o pé de volta, sem nem perceber direito que tinha perdido o sapato.

— *FODA-SE! COMIGO NÃO, VIOLÃO! SOME DAQUI, SACI! SE MANDA! FODA-SE!*

Ele sentiu tentáculos tocando nele, mas com hesitação. Eddie disparou o aspirador de novo, cobriu o Olho e sentiu/ouviu aquele choramingo de novo… agora um som ferido e surpreso.

— Lutem contra a Coisa! — gritou Eddie para os outros. — É só uma porra de Olho! Lutem! Estão ouvindo? Luta, Bill! Chuta esse merda! Jesus Cristo seus covardes estou sapateando na cara dele e ESTOU DE BRAÇO QUEBRADO!

Bill sentiu a força voltar. Ele arrancou o braço pingando do Olho… e bateu com o punho de novo. Um momento depois, Ben estava ao lado dele. Ele correu para cima do Olho, grunhindo de surpresa e nojo, e começou a encher de socos a superfície gelatinosa e trêmula.

— *Solta ela!* — gritou ele. — *Está ouvindo? Solta ela! Sai daqui! Sai daqui!*

— *É só um Olho! Só uma porra de Olho!* — gritou Eddie em tom delirante. Ele disparou a bombinha de novo e sentiu a Coisa recuar. Os tentáculos que tinham se apoiado nele se afastaram agora. — *Richie! Richie! Pega ele! É só um Olho!*

Richie cambaleou para a frente, sem acreditar que estava fazendo isso, chegando perto do pior e mais terrível monstro do mundo. Mas estava.

Ele deu apenas um soco fraco, e a sensação do punho afundando no Olho (era densa e molhada e meio cartilaginosa) o fez vomitar em uma única convulsão sem gosto. Um som saiu dele, *glurt!*, e o pensamento de que ele tinha vomitado *no* Olho o fez dar outro soco. Foi um único soco, mas como ele tinha criado esse monstro em particular, talvez fosse a única coisa necessária. De repente, os tentáculos sumiram. Eles conseguiam ouvir o Olho se afastando… e então, os únicos sons eram Eddie ofegando e Beverly chorando baixinho com a mão na orelha sangrando.

Bill acendeu um dos três últimos fósforos e eles se olharam com rostos atordoados e chocados. O braço esquerdo de Bill estava coberto de uma gosma densa e esbranquiçada que parecia em parte clara de ovo ressecada e em parte catarro. Sangue escorria lentamente pela lateral do pescoço de Beverly, e havia um corte novo na bochecha de Ben. Richie empurrou lentamente os óculos no nariz.

— E-E-Estamos b-b-bem? — perguntou Bill com voz rouca.

— *Você* está, Bill? — perguntou Richie.

— E-E-Estou. — Ele se virou para Eddie e abraçou o garoto menor com força. — Você s-s-salvou minha v-vida, cara.

— A Coisa comeu seu *sapato* — disse Beverly, e deu uma gargalhada. — Não é tão *ruim*.

— Vou comprar um par novo de Keds pra você quando a gente sair daqui — disse Richie. Ele deu um tapa nas costas de Eddie no escuro. — Como você fez aquilo, Eddie?

— Disparei minha bombinha. Fingi que era ácido. É esse o gosto depois de um dia ruim sabe. Funcionou superbem.

— “Estou sapateando na cara dele e ESTOU DE BRAÇO QUEBRADO!” — disse Richie, e riu como louco. — Nada mau, Eds. Na verdade, foi demais, quer saber?

— Odeio quando você me chama de Eds.

— Eu sei — disse Richie, abraçando-o com força —, mas alguém tem que ajudar você a ficar durão, Eds. Quando você parar de levar a existência protegida de uma criança e crescer, você vai dizer, vai dizer, vai dizer, você vai descobrir que a vida nem sempre é fácil assim, garoto!

Eddie começou a berrar de tanto gargalhar.

— É a voz mais merda que já ouvi, Richie.

— Bem, fica com essa bombinha na mão — disse Beverly. — A gente pode precisar de novo.

— Você não viu a Coisa em lugar nenhum? — perguntou Mike. — Quando acendeu o fósforo?

— A C-C-Coisa foi e-e-embora — disse Bill, e acrescentou com voz sombria: — Mas estamos chegando perto. Do lu-ugar em que ela f-f-fica. E a-acho que m-m-machucamos a C-Coisa n-naquela vez.

— Henry ainda está vindo — disse Stan. A voz dele estava baixa e rouca. — Consigo ouvir ele lá atrás.

— Então vamos andando — disse Ben.

Eles seguiram. O túnel descia sempre, e aquele cheiro, aquele fedor obscuro e penetrante, foi ficando cada vez mais forte. Às vezes, eles conseguiam ouvir Henry atrás, mas agora os gritos dele pareciam distantes e nada importantes. Havia um sentimento em todos eles similar àquele de distorção e desconexão que eles sentiram na casa da rua Neibolt, de que eles tinham chegado à beirada do mundo e em um estranho nada. Bill sentia (embora não tivesse o vocabulário para expressar o que sabia) que eles estavam se aproximando do coração negro e arruinado de Derry.

Parecia a Mike Hanlon que ele quase conseguia sentir os batimentos doentes e arrítmicos daquele coração. Beverly teve uma sensação de poder maligno crescendo ao redor dela, parecendo envolvê-la, tentando separá-la dos outros e deixá-la sozinha. Ela esticou as duas mãos com nervosismo e segurou a mão de Bill e a de Ben. Pareceu que ela precisou esticar demais as mãos, e ela falou com nervosismo:

— Deem as mãos! Parece que estamos nos afastando uns dos outros!

Foi Stan quem percebeu primeiro que conseguia enxergar de novo. Havia uma radiância baixa e estranha no ar. A princípio, ele só conseguiu ver mãos; as dele, segurando a de Ben de um lado e a de Mike do outro. Depois, ele percebeu que conseguia ver os botões na camisa suja de lama de Richie e o anel do Captain Midnight, um brinde vagabundo de caixa de cereal que Eddie gostava de usar no mindinho.

— Vocês conseguem enxergar, pessoal? — perguntou Stan, parando de repente. Os outros também pararam. Bill olhou ao redor, primeiro percebendo que conseguia enxergar, ao menos um pouco, e depois que o túnel estava incrivelmente mais largo. Eles estavam agora em uma câmara curva do tamanho do túnel Summer em Boston. Maior, consertou ele ao olhar ao redor com sensação crescente de assombro.

Eles inclinaram as cabeças para trás para ver o teto, que agora ficava a 15 metros ou mais acima deles e era sustentado por vigas curvas de pedra como costelas. Redes de teias sujas estavam penduradas entre elas. O piso agora era de pedra, mas coberto de tanta sujeira antiga que a sensação ao caminhar não mudou. As paredes curvas ficavam facilmente a 5 metros uma da outra.

— O sistema de distribuição de água deve ter ficado doido aqui — disse Richie, e deu uma gargalhada desconfortável.

— Parece uma catedral — disse Beverly baixinho.

— De onde está vindo a luz? — quis saber Ben.

— Está v-vindo direto das p-p-paredes, ao que p-parece — disse Bill.

— Não estou gostando — disse Stan.

— V-Vamos. Henry d-deve estar b-bem atrás da g-gente…

Um grito alto e vibrante fez o local tremer, seguido do movimento pesado de asas. Uma forma surgiu da escuridão, com um olho brilhando; o outro era uma lâmpada apagada.

— O pássaro! — gritou Stan. — Cuidado, é o pássaro!

O bicho mergulhou para cima deles como um avião de guerra obsceno, com o bico laranja abrindo, fechando e deixando à mostra o interior rosado da boca, fofo como um travesseiro de cetim em um caixão.

Ele foi direto para cima de Eddie.

O bico perfurou o ombro dele, e Eddie sentiu a dor penetrar sua pele como ácido. Sangue escorreu pelo peito dele. Ele gritou quando o movimento das asas soprou um túnel tóxico de ar no rosto dele. O pássaro deu a volta, com os olhos brilhando de malevolência e se revirando, se enevoando apenas quando a pálpebra desceu para cobrir o olho com uma camada fina. As garras procuravam Eddie, que se abaixou gritando. Elas cortaram as costas da camisa, cortaram o tecido e fizeram linhas vermelhas rasas nos ombros dele. Eddie gritou e tentou rastejar para longe, mas o pássaro atacou de novo.

Mike se inclinou para a frente e enfiou a mão no bolso. Tirou uma faca com lâmina retrátil. Quando o pássaro mergulhou para cima de Eddie de novo, ele atacou em um arco rápido uma das garras do pássaro. O corte foi fundo, e o sangue jorrou. O pássaro se afastou e voltou, fechando as asas e atacando como uma bala. Mike caiu de lado no último momento e atacou com a faca. Ele errou, e a garra do pássaro acertou o pulso dele com tanta força que a mão ficou dormente e formigando. O hematoma que surgiu mais tarde ia quase até o cotovelo. A faca voou no ar.

O pássaro voltou, gritando com triunfo, e Mike rolou o corpo por cima de Eddie e esperou

o pior.

Stan andou na direção dos dois garotos encolhidos no chão quando o pássaro estava voltando. Ele ficou de pé, pequeno e um tanto arrumado apesar da sujeira grudada nas mãos e braços e calça e camisa, e de repente esticou as mãos em um gesto curioso, com as palmas para cima e os dedos para baixo. O pássaro deu outro grito e desviou, passando ao lado de Stan e errando por centímetros, levantando o cabelo dele, que caiu depois da passagem do bicho. Ele deu a volta para encarar a volta da Coisa.

— Eu acredito em sanhaço-de-fogo mesmo nunca tendo visto um — disse ele com voz alta e clara. O pássaro gritou e se afastou como se tivesse levado um tiro. — Assim como em abutres, pega-cotovias da Nova Guiné e flamingos do Brasil. — O pássaro gritou, voou em círculo e de repente voou para cima no túnel, piando. — *Eu acredito na águia-de-cabeça-branca!* — gritou Stan atrás do pássaro. — *E acho que pode mesmo existir uma fênix em algum lugar! Mas não acredito em você, então sai daqui, porra! Sai! Pé na estrada!*

Ele parou nesse momento, e o silêncio pareceu enorme.

Bill, Ben e Beverly foram até Mike e Eddie; ajudaram Eddie a ficar de pé, e Bill olhou os cortes.

— N-Não são p-p-profundos — disse ele. — Mas a-aposto que d-doem pra c-c-caramba.

— Ele rasgou minha camisa, Big Bill. — As bochechas de Eddie brilhavam com as lágrimas, e ele estava respirando assobiado de novo. A voz de berro bárbaro tinha desaparecido; era difícil acreditar que já tinha saído de dentro dele. — O que vou dizer pra minha mãe?

Bill sorriu um pouco.

— Por que a g-g-gente n-não se p-preocupa com isso quando s-s-sair daqui? Usa a b-b-bombinha, Eddie.

Eddie fez isso e inspirou profundamente, para depois ofegar.

— Isso foi demais, cara — Richie disse para Stan. — Foi simplesmente *demais*!

Stan estava tremendo todo.

— Não existe pássaro assim, só isso. Nunca existiu e nunca vai existir.

— *Estamos chegando!* — gritou Henry atrás deles. A voz estava completamente demente. Ele estava rindo e uivando agora. O som era de alguma coisa que rastejou para fora de uma rachadura no teto do inferno. — *Eu e Arroto! Estamos chegando e vamos pegar vocês, malditos! Vocês não podem escapar!*

Bill gritou:

— *S-S-Sai daqui, Henry! E-E-Enquanto você ainda tem t-t-tempo!*

A resposta de Henry foi um grito seco e inarticulado. Eles ouviram uma movimentação de passos, e em uma explosão de compreensão, Bill entendeu o propósito de Henry: ele era real, era mortal, não podia ser detido por uma bombinha nem por um livro de pássaros. A magia não funcionaria em Henry. Ele era burro demais.

— V-V-Vamos. A gente t-tem que ficar à f-f-frente d-dele.

Eles voltaram a andar de mãos dadas, com a camisa rasgada de Eddie pendurada nas costas dele. A luz foi ficando mais intensa, o túnel foi ficando maior. Conforme ele descia, o teto subiu tanto que eles mal conseguiam ver. Agora parecia que eles não estavam andando em um túnel, mas seguindo por um pátio subterrâneo gigantesco, o caminho até um castelo ciclope. A luz das paredes tinha ficado verde-amarelada de fogo. O cheiro estava mais forte, e eles começaram a captar uma vibração que poderia ser real ou estar apenas na cabeça deles. Era firme e rítmico.

Era um batimento cardíaco.

— Acaba ali na frente! — gritou Beverly. — Olhem! É uma parede vazia!

Mas quando eles se aproximaram, parecendo formigas nessa enorme área de blocos de pedra sujos, cada bloco maior do que o parque Bassey, ao que parecia, eles viram que a parede não estava completamente vazia. Havia uma única porta. E apesar de a parede subir dezenas de metros acima deles, a porta era bem pequena. Não passava de 90 centímetros de altura, uma porta do tipo que você poderia ver em um livro de contos de fadas, feita de tábuas fortes de carvalho presas com tiras de ferro em forma de X. Eles perceberam todos ao mesmo tempo que era uma porta feita apenas para crianças.

Ben ouviu na mente a voz fantasmagórica da bibliotecária lendo para os pequeninos: *Quem está passando pela minha ponte?* As crianças se inclinam para a frente, com toda a velha fascinação brilhando nos olhos: será que o monstro será vencido… ou vai se alimentar?

Havia uma marca na porta, e empilhados na frente dela havia vários ossos. Ossos pequenos. Os ossos de só Deus sabia quantas crianças.

Eles tinham chegado ao lar da Coisa.

A marca na porta, o que era aquilo?

Bill viu como um barco de papel.

Stan viu como um pássaro subindo para o céu; uma fênix, talvez.

Michael viu um rosto encapuzado. O rosto do maluco do Butch Bowers, talvez, se ele pudesse ser visto.

Richie viu dois olhos atrás de um par de óculos.

Beverly viu a mão fechada de alguém.

Eddie acreditou ser o rosto do leproso, com olhos afundados e boca murcha rosnando, cheio de doença, cheio de podridão, tudo isso estampado naquele rosto.

Ben Hanscom viu uma pilha de farrapos e pareceu sentir o cheiro de temperos velhos e azedos.

Mais tarde, ao chegar à mesma porta com os gritos de Arroto ainda ecoando nos ouvidos, sozinho no final de tudo, Henry Bowers veria como a lua, cheia, inchada… e preta.

— Estou com medo, Bill — disse Ben com voz trêmula. — A gente precisa mesmo?

Bill empurrou os ossos com o pé e espalhou-os de repente em um movimento. Ele também estava com medo… mas havia George para considerar. A Coisa tinha arrancado o braço de George. Será que aqueles ossos pequenos e frágeis estavam entre esses aqui? Sim, claro que estavam.

Eles estavam aqui por causa dos donos dos ossos, George e todos os outros, os que tinham sido levados para lá, os que ainda poderiam ser levados, os que foram largados para apodrecer em outros lugares.

— Precisa — disse Bill.

— E se estiver trancada? — perguntou Beverly com voz baixa.

— Não e-está t-trancada — disse Bill, e contou a ela o que sabia bem dentro de si. — Luga-ares assim n-nunca ficam t-trancados.

Ele colocou os dedos abertos da mão direita na porta e empurrou. Ela se abriu em um fluxo de luz doentia amarelo-esverdeada. Aquele cheiro de zoológico chegou até eles, incrivelmente forte, incrivelmente potente agora.

Um a um, eles passaram pela porta de contos de fadas e entraram no lar da Coisa. Bill

7

Nos túneis — 4h59

parou tão de repente que os outros se chocaram como vagões de trem quando a locomotiva para de repente em pane.

— O que foi? — perguntou Ben.

— F-F-Foi a-a-aqui. O O-O-Olho. V-V-Vocês l-l-lembram?

— Eu lembro — disse Richie. — Eddie acabou com ele usando a bombinha. Fingindo que era ácido. Ele disse alguma coisa sobre dançar. Foi engraçado pra caramba, mas não consigo lembrar direito.

— N-N-Não im-im-importa. Não vamos v-v-ver nada que vimos a-a-antes — disse Bill. Os rostos deles estavam luminosos no brilho do fósforo, luminosos e místicos. E eles pareciam muito jovens. — C-C-Como vocês e-estão?

— Estamos bem, Big Bill — disse Eddie, mas o rosto dele estava contorcido de dor. A tala

improvisada de Bill estava se desmontando. — E você?

— T-T-Tudo bem — disse Bill, e apagou o fósforo antes de seu rosto poder contar uma história diferente.

— Como aconteceu? — perguntou Beverly a ele, tocando no braço dele no escuro. — Bill, como ela poderia…?

— P-P-Porque m-mencionei o n-nome da cidade. E-Ela v-v-veio a-atrás de m-m-mim. Na hora em q-que eu estava f-f-falando, a-a-alguma co-oisa d-dentro de mim estava me m-m-mandando c-c-c-calar a b-boca. M-Mas eu n-não e-e-escutei. — Ele balançou a cabeça com impotência no escuro. — Mas mesmo se e-e-ela v-veio para D-D-Derry, n-n-não entendo c-c-como ela v-veio pa-arar *a-a-aqui* embaixo. Se Henry não t-t-trouxe ela, quem t-t-trouxe?

— A Coisa — disse Ben. — A Coisa não precisa parecer má, a gente sabe. Ela poderia ter aparecido e dito que você estava com problemas. Trazido ela aqui pra… afetar você, eu acho. Pra tirar nossa coragem. Porque é isso que você sempre foi, Big Bill. Nossa coragem.

— Tom? — disse Beverly com voz baixa e quase reflexiva.

— *Q-Q-Quem?* — Bill acendeu outro fósforo.

Ela estava olhando para ele com um tipo de honestidade desesperada.

— Tom. Meu marido. Ele também sabia. Pelo menos, acho que mencionei o nome da cidade pra ele, da mesma forma que você mencionou pra Audra. Eu… Eu não sei se ele prestou atenção. Estava com muita raiva de mim na hora.

— Meu Deus, o que é isso, uma novela maluca em que todo mundo aparece mais cedo ou mais tarde? — disse Richie.

— Não é novela — disse Bill, com voz doente —, é um show. Como um circo. A Bev aqui se casou com Henry Bowers. Quando ela foi embora, por que ele não viria pra cá? Afinal, o Henry de verdade veio.

— Não — disse Beverly. — Eu não me casei com Henry. Eu me casei com meu pai.

— Se ele batia em você, que diferença faz? — perguntou Eddie.

— V-V-Venham comigo — disse Bill. — E-E-Entrem.

Eles foram. Bill esticou a mão para os dois lados e encontrou a mão boa de Eddie e uma das mãos de Richie. Em pouco tempo, eles estavam em círculo, como tinham feito uma vez antes, quando o número deles era maior. Eddie sentiu alguém passar o braço ao redor de seus ombros. A sensação foi calorosa e reconfortante e profundamente familiar.

Bill teve a sensação de poder da qual se lembrava de antes, mas entendeu com certo desespero que as coisas tinham *mesmo* mudado. O poder não estava tão forte, ele lutava e piscava como uma chama de vela na brisa. A escuridão pareceu mais densa e mais fechada, mais triunfante. E ele conseguia sentir o cheiro da Coisa. *Depois dessa passagem*, pensou ele*, e não muito longe, há uma porta com uma marca. O que havia atrás daquela porta? É a única coisa da qual ainda não consigo me lembrar. Consigo me lembrar de esticar os dedos porque eles queriam tremer, e consigo me lembrar de empurrar a porta para abri-la. Consigo me lembrar até de um fluxo de luz que saiu dela e de como parecia quase viva,*

como se não fosse apenas luz, mas cobras fluorescentes. Eu me lembro do cheiro, como a jaula dos macacos em um zoológico grande, mas pior até. E então… nada.

— A-A-Algum de v-v-v-vocês se le-embra de como a Coisa e-e-era de v-verdade?

— Não — disse Eddie.

— Eu acho… — começou Richie, mas Bill quase conseguiu senti-lo balançando a cabeça no escuro. — Não.

— Não — disse Beverly.

— Hã-hã. — Esse foi Ben. — É a única coisa da qual não consigo me lembrar. Como a Coisa era… e como lutamos com ela.

— Chüd — disse Beverly. — Foi assim que lutamos. Mas não lembro o que isso quer dizer.

— Fiquem do m-meu lado — disse Bill — e eu vou f-f-ficar do l-l-lado de v-v-vocês.

— Bill — disse Ben. A voz dele estava muito calma. — Alguma coisa está vindo.

Bill prestou atenção. Ele ouviu passos arrastados e mancos se aproximando no escuro… e sentiu medo.

— A-A-Audra? — disse ele… e soube imediatamente que não era ela.

Aquilo que estava se arrastando para perto deles chegou mais perto.

Bill acendeu um fósforo.

8

Derry — 5h

A primeira coisa errada aconteceu naquele dia de fim de primavera de 1985 dois minutos antes do nascer oficial do sol. Para entender o quanto foi errada, era preciso saber dois fatos que Mike Hanlon (que estava deitado inconsciente no Derry Home Hospital quando o sol nasceu) sabia bem, os dois relacionados à Igreja Batista da Graça, que ficava na esquina das ruas Witcham e Jackson desde 1897. A igreja tinha um pináculo estreito e branco que era a apoteose de todas as torres de igreja da Nova Inglaterra. Havia mostradores de

relógio nos quatro lados da base da torre, e o relógio em si foi construído e enviado da Suíça no ano de 1898. O único outro relógio igual ficava na praça da cidade de Haven, a 65 quilômetros de distância.

Stephen Bowie, um barão madeireiro que morou na West Broadway, doou o relógio para a cidade pelo custo de 17 mil dólares. Bowie tinha dinheiro para pagar. Ele era devoto e assíduo na igreja e foi diácono durante quarenta anos (durante vários dos últimos anos, ele também foi presidente da filial de Derry da Legião da Decência Branca). Além do mais, era conhecido por seus sermões ardorosos no Dia das Mães, ao qual ele sempre se referia com reverência como Domingo das Mães.

Da época da instalação até o dia 31 de maio de 1985, aquele relógio bateu regularmente cada hora e cada meia hora, com uma notável exceção. No dia da explosão da Siderúrgica Kitchener, ele não bateu o meio-dia. Os residentes acreditavam que o reverendo Jollyn silenciou o relógio para mostrar que a igreja estava de luto pelas crianças mortas, e Jollyn nunca os contradisse, embora não fosse verdade. O relógio simplesmente não tocou.

Ele também não bateu a hora de cinco da manhã no dia 31 de maio de 1985.

Naquele momento, em toda Derry, cidadãos antigos abriram os olhos e se sentaram nas camas, perturbados sem motivo aparente. Remédios foram tomados, dentaduras foram colocadas e charutos foram acesos.

O pessoal antigo ficou alerta.

Um deles era Norbert Keene, agora com mais de 90 anos. Ele foi até a janela e olhou para o céu que escurecia. A previsão do tempo da noite anterior dizia que o céu estaria limpo, mas seus ossos diziam que ia chover muito. Ele sentiu um medo bem dentro de si; de alguma forma obscura, ele se sentiu ameaçado, como se um veneno estivesse seguindo implacavelmente na direção de seu coração. Ele pensou aleatoriamente no dia em que a gangue Bradley entrou em Derry sem noção do que estava acontecendo, na mira de 75 pistolas e rifles. Aquele tipo de coisa deixava um homem se sentindo quente e preguiçoso por dentro, como se tudo fosse… fosse *confirmado*. Ele não conseguia expressar melhor, nem para si mesmo. Um trabalho assim deixava um homem sentindo que poderia viver para sempre, e Norbert Keene quase conseguiu. Ele faria 96 anos no dia 24 de junho e ainda caminhava quase 5 quilômetros por dia. Mas agora, sentiu medo.

— Aquelas crianças — disse ele, olhando pela janela, sem perceber que tinha falado. — O

que está acontecendo com essas malditas crianças? O que estão aprontando agora?

Egbert Thoroughgood, de 99 anos, que estava no Silver Dollar quando Claude Heroux afinou o machado e tocou “A Marcha Fúnebre” em quatro homens lá dentro, acordou no mesmo momento, se sentou e soltou um grito enferrujado que ninguém ouviu. Ele tinha sonhado com Claude, só que Claude estava indo atrás *dele*, e o machado desceu, e um momento depois, Thoroughgood viu sua própria mão cortada se remexendo e fechando na bancada.

Tem alguma coisa errada, pensou ele de sua maneira enevoada, assustado e tremendo na ceroula manchada de mijo. *Tem alguma coisa terrivelmente errada.*

Dave Gardener, que encontrou o corpo mutilado de George Denbrough em outubro de 1957 e cujo filho encontrou a primeira vítima desse novo ciclo no começo da primavera, abriu os olhos bem às cinco horas e pensou, antes mesmo de olhar para o relógio na cômoda: *O relógio da Igreja da Graça não bateu a hora… Qual é o problema?* Ele sentiu um medo enorme e indefinido. Dave havia prosperado ao longo dos anos; em 1965, comprou o The Shoeboat, e agora havia um segundo Shoeboat no Derry Mall e um terceiro em Bangor. De repente, todas essas coisas, as coisas pelas quais ele passou a vida trabalhando, pareceram em risco. *De quê?*, disse ele para si mesmo, olhando para a esposa adormecida. *De* quê, *por que você está tão agitado só porque aquele relógio não tocou?* Mas não houve resposta.

Ele se levantou e foi até a janela, puxando o elástico da cintura do pijama. O céu estava agitado com nuvens vindas do oeste, e a inquietação de Dave cresceu. Pela primeira vez em muito tempo ele se viu pensando nos gritos que o levaram até a varanda 27 anos antes, para ver aquela pessoa de capa amarela se debatendo. Ele olhou para as nuvens que se aproximavam e pensou: *Estamos em perigo. Todos nós. Derry.*

O chefe Andrew Rademacher, que realmente acreditava ter feito o melhor para resolver a nova série de assassinatos de crianças que assolou Derry, ficou de pé na varanda de casa, com os polegares no cinto, olhando para as nuvens, e sentiu a mesma inquietação. *Alguma coisa está se preparando para acontecer. Parece que vai chover canivete, primeiro de tudo. Mas não é só isso.* Ele tremeu… e enquanto estava ali de pé na varanda, com o cheiro de bacon que a esposa preparava saindo pela porta de tela, as primeiras gotas grossas de chuva escureceram a calçada na frente da casa na agradável rua Reynolds e, em algum lugar no horizonte depois do Parque Bassey, um trovão ribombou.

Rademacher tremeu de novo.

9

George — 5h01

Bill ergueu o fósforo… e deu um grito longo e trêmulo de desespero.

Era George andando pelo túnel na direção dele, George, ainda vestido com a capa amarela manchada de sangue. Uma das mangas pendia inutilmente. O rosto de George estava branco como queijo, e os olhos eram prateados e brilhantes. Estavam fixos nos de Bill.

— *Meu barco!* — A voz perdida de George cresceu trêmula no túnel. — *Não consigo encontrar, Bill! Já procurei em toda parte e não consigo encontrar e agora estou morto e é sua culpa, sua culpa, SUA CULPA...*

— G-G-Georgie! — gritou Bill. Ele sentiu a mente oscilando, soltando-se do que a mantinha firme.

George cambaleou na direção dele, e agora o braço que restava se levantou na direção de Bill, com a mão branca na ponta meio fechada, como uma garra. As unhas estavam sujas e irregulares.

— *Sua culpa* — sussurrou George, e sorriu. Os dentes eram presas; eles se abriram e fecharam lentamente, como dentes em uma armadilha de ursos. — *Você me mandou pra rua e é tudo... sua... culpa.*

— N-N-Não, G-G-Georgie! — gritou Bill. — Eu n-n-não s-s-s-sabia...

— *Vou matar você!* — gritou George, e uma mistura de sons caninos saíram daquela boca cheia de presas: latidos, uivos. Uma espécie de gargalhada. Bill conseguia sentir o cheiro dele agora, conseguia sentir o cheiro de George apodrecendo. Era um cheiro de porão, desagradável, o cheiro de um monstro definitivo encolhido com olhos amarelos em um canto, esperando para arrancar as entranhas do garotinho.

Os dentes de George bateram uns nos outros. O som era como de bolas de bilhar batendo umas nas outras. Pus amarelo começou a escorrer dos olhos dele e pelo rosto... e o fósforo se apagou.

Bill sentiu os amigos desaparecerem. Eles saíram correndo, é claro que saíram, estavam deixando Bill sozinho. Eles o estavam afastando, assim como os pais o tinham afastado, porque George estava certo: era tudo culpa dele. Em pouco tempo, ele sentiria aquela mão única agarrar seu pescoço, em pouco tempo ele sentiria aqueles dentes arrancando a pele dele, e isso seria o certo. Seria justo. Ele tinha enviado George para a morte e passado toda a vida adulta escrevendo sobre o horror daquela traição; ah, ele colocou muitos rostos nela, quase a mesma quantidade de rostos que a Coisa colocou para eles, mas o monstro no fundo de tudo era apenas George, correndo na direção da enchente com o barco de papel coberto de parafina. Agora viria a expiação.

— Você merece morrer por me matar — sussurrou George. Ele estava bem perto agora. Bill fechou os olhos.

Mas o túnel foi invadido por amarelo e ele abriu os olhos. Richie estava segurando um fósforo.

— Lute contra a Coisa, Bill! — gritou Richie. — Pelo amor de Deus! Lute!

O que vocês estão fazendo aqui? Ele olhou para os amigos com perplexidade. Eles não tinham fugido, afinal. Como isso era possível? Como isso era possível depois que eles viram

com que crueldade ele matou o próprio irmão?

— Lute contra a Coisa! — gritou Beverly. — Ah, Bill, lute! Só você consegue fazer essa! Por favor…

George estava a menos de um metro e meio agora. Ele de repente mostrou a língua para Bill. Ela estava tomada de fungos brancos. Bill gritou de novo.

— Mata a Coisa, Bill! — gritou Eddie. — Isso aí não é seu irmão! Mata a Coisa enquanto ela está pequena! *Mata a Coisa AGORA!*

George olhou para Eddie, virando os olhos prateados e brilhantes na direção dele por um momento; Eddie recuou e bateu na parede como se tivesse sido empurrado. Bill ficou hipnotizado, vendo o irmão ir para cima dele, George de novo depois de todos aqueles anos, era George no final, assim como foi George no começo, ah, sim, e ele conseguia ouvir o estalo da capa amarela de George enquanto ele diminuía a distância, ele conseguia ouvir o estalo das fivelas dos sapatos e conseguia sentir o cheiro de alguma coisa como folhas molhadas, como se por baixo da capa o corpo de George fosse feito delas, como se os pés dentro das galochas de George fossem pés-folhas, sim, um homem-folha, era isso, George era isso, ele era uma cara podre de balão e um corpo feito de folhas mortas, do tipo que às vezes entope ralos depois de uma inundação.

Ao longe, ele ouviu Beverly gritar.

(ele soca postes)

— Bill, por favor, Bill…

(de montão e insiste)

— Vamos procurar meu barco juntos — disse George. Pus denso e amarelo, imitação de lágrimas, escorria pelas bochechas dele. Ele esticou a mão para Bill e inclinou a cabeça para o lado, mostrando aqueles dentes-presas.

(que vê assombração que vê assombração QUE VÊ)

— A gente vai encontrar — disse George, e Bill conseguiu sentir o cheiro dele; era um cheiro de animais explodidos deitados na estrada à meia-noite. Quando a boca de George se abriu, ele conseguiu ver coisas se contorcendo lá dentro. — Ainda está aqui embaixo, vamos flutuar, Bill, vamos todos flutuar…

A mão de George, da cor de uma barriga de peixe, se fechou no pescoço de Bill.

(ELE VÊ ASSOMBRAÇÃO NÓS VEMOS ASSOMBRAÇÃO ELES NÓS VOCÊ VÊ ASSOMBRAÇÃO…)

O rosto contorcido de George se aproximou do pescoço de Bill.

— *… flutuamos…*

— Ele soca postes de montão! — gritou Bill. Sua voz estava mais grave, nem parecia ser a sua, e em um brilho lancinante de memória Richie lembrou que Bill só gaguejava com a própria voz; quando ele fingia ser outra pessoa, nunca gaguejava.

A coisa-George se encolheu sibilando, colocando a mão sobre o rosto em um gesto de afastamento.

— É isso! — gritou Richie de forma delirante. — Você pegou a Coisa, Bill! Pega a Coisa! Pega a Coisa! Pega a Coisa!

— *Ele soca postes de montão e insiste que vê assombração!* — trovejou Bill. Ele avançou para cima da coisa-George. — Você não é fantasma! George sabe que eu não queria que ele morresse! Meus pais estavam errados! Eles descontaram em mim *e isso foi errado! Você está me ouvindo?*

A coisa-George se virou abruptamente, guinchando como um rato. Ela começou a correr e ondular debaixo da capa amarela. A capa parecia estar pingando, escorrendo em pedaços amarelados. A Coisa estava perdendo sua forma, se tornando amorfa.

— *Ele soca postes de montão, seu filho da puta!* — gritou Bill Denbrough. — *E insiste que vê assombração!* — Ele pulou na Coisa e seus dedos agarraram a capa amarela que não era mais uma capa de chuva. O que ele segurou parecia caramelo estranho e quente que derreteu sob os dedos dele assim que ele fechou a mão para segurar. Ele caiu de joelhos. Em seguida, Richie gritou quando o fósforo queimou seus dedos, e eles foram mergulhados na escuridão de novo.

Bill sentiu alguma coisa começar a crescer no peito, uma coisa quente e sufocante e tão dolorosa quanto urtigas pegando fogo. Ele segurou os joelhos e levou até o queixo na esperança de acabar com a dor, ou talvez aliviá-la; ficou ligeiramente agradecido pela escuridão, feliz porque os outros não conseguiam ver esse sofrimento.

Ele ouviu um som saindo dele, um gemido trêmulo. Houve um segundo; um terceiro.

— *George!* — gritou ele. — *George, me desculpe! Eu nunca quis que alguma coisa r-r-ruim a-a-acontecesse!*

Talvez houvesse mais alguma coisa a dizer, mas ele não conseguia. Ele estava chorando, deitado de costas com um braço sobre os olhos, lembrando-se do barco, lembrando-se do som regular da chuva nas janelas do quarto, lembrando-se dos remédios e dos lenços de papel na mesa de cabeceira, da leve dor da febre na cabeça e no corpo, lembrando-se de George, mais do que tudo: lembrando-se de George, George de capa amarela com capuz.

— *George, me desculpe!* — gritou ele em meio às lágrimas. — *Me desculpe, me desculpe, por favor, me d-d-DESCULPE…*

E eles estavam ao redor dele, seus amigos, e ninguém acendeu um fósforo, e alguém o abraçou, ele não sabia quem, Beverly, talvez, ou quem sabe Ben, ou Richie. Eles estavam com ele, e por aquele tempo curto, a escuridão foi gentil.

10

Derry — 5h30

Às 5h30, estava chovendo forte. A previsão do tempo nas estações de rádio de Bangor

demonstrava leve surpresa, e locutores pediram desculpas a todas as pessoas que fizeram planos de piqueniques e passeios baseadas na previsão do dia anterior. Que azar, pessoal; era só uma dessas coisas estranhas que às vezes acontecia no vale do Penobscot com surpresa repentina.

Na WZON, o meteorologista Jim Witt descreveu o que chamou de sistema de baixa pressão "extraordinariamente disciplinado". Isso era ser delicado. As condições foram de nublado em Bangor a chuvas intensas em Hampden a chuviscos em Haven a chuva moderada em Newport. Mas em Derry, a apenas 50 quilômetros do centro de Bangor, o céu estava desabando. Viajantes na autoestrada 7 tiveram que seguir por água com 20 centímetros de profundidade em algumas partes, e depois das fazendas Rhulin, um bueiro entupido cobriu o asfalto de tanta água que o caminho ficou intransponível. Às seis da manhã, a patrulha rodoviária de Derry tinha colocado placas laranja de DESVIO dos dois lados do trecho.

Os que esperavam no abrigo da rua Main pelo primeiro ônibus do dia, que os levaria ao trabalho, ficaram olhando pela amurada do canal, onde a água estava ameaçadoramente alta no caminha de concreto. Não haveria enchente, é claro; todos concordavam com *isso*. A água ainda estava 1,20 metro abaixo da marca mais alta da água de 1977, e não houve enchente naquele ano. Mas a chuva caiu com persistência firme, e os trovões ribombavam nas nuvens baixas. A água descia pela colina Up-Mile em riachos e rugia nos bueiros e valas.

Nada de enchente, as pessoas concordaram, mas havia uma camada de inquietação em todos os rostos.

Às 5h45, um transformador em um poste ao lado da transportadora dos Irmãos Tracker explodiu em um brilho de luz roxa, espalhando pedaços retorcidos de metal no telhado. Um dos pedaços de metal cortou um fio de alta-tensão, que também caiu no telhado, pulando e se contorcendo como uma cobra, disparando um fluxo quase líquido de fagulhas. O telhado pegou fogo apesar da chuva intensa, e em pouco tempo a transportadora estava em chamas. O cabo de energia caiu do telhado na área cheia de mato que levava para a parte de trás do terreno, onde garotos pequenos jogavam beisebol no passado. O Corpo de Bombeiros de Derry saiu pela primeira vez naquele dia às 6h02 e chegou na transportadora às 6h09. Um dos primeiros bombeiros a sair do carro foi Calvin Clark, um dos gêmeos Clark com quem Ben, Beverly, Richie e Bill estudaram. Seu terceiro passo depois de descer do carro de bombeiros fez com que ele colocasse a sola da bota de couro no fio desencapado. Calvin foi eletrocutado quase

instantaneamente. Sua língua pulou para fora da boca, e o casaco de borracha de bombeiro começou a fumegar. Ele ficou com cheiro de pneus queimados no lixão da cidade.

Às 6h05, os moradores da rua Merit em Old Cape sentiram uma coisa que poderia ter sido uma explosão subterrânea. Pratos caíram de prateleiras e quadros de paredes. Às 6h06, todas as privadas na rua Merit explodiram de repente em um gêiser de merda e esgoto puro, quando uma reversão inimaginável aconteceu nos canos que alimentavam os tanques de armazenamento da nova estação de tratamento de esgoto no Barrens. Em alguns casos, essas explosões foram fortes o bastante para abrir buracos em tetos de banheiros. Uma mulher chamada Anne Stuart foi morta quando uma antiga roda dentada foi catapultada da privada em um jorro de esgoto. A roda passou pelo vidro fosco da porta do chuveiro e cortou o pescoço dela como uma bala terrível enquanto ela lavava o cabelo. Ela foi quase decapitada. A roda dentada era uma relíquia da Siderúrgica Kitchener e tinha ido parar nos esgotos quase três quartos de século antes. Outra mulher morreu quando a reversão repentina e violenta do esgoto, gerada pela expansão de gases metano, fez a privada dela explodir como uma bomba. A infeliz mulher, que estava sentada no vaso no momento lendo um catálogo da Banana Republic, ficou em pedaços.

Às 6h19, um relâmpago atingiu a chamada Ponte do Beijo, que cobria o canal entre o Parque Bassey e a Derry High School. Os fragmentos foram jogados no ar e caíram no canal em movimento, sendo carregados para longe.

O vento estava aumentando. Às 6h30, o medidor do prédio do fórum registrou em pouco mais de 25 quilômetros por hora. Às 6h45, tinha aumentado para 38 quilômetros por hora.

Às 6h46, Mike Hanlon acordou no quarto do Derry Home Hospital. Sua volta à consciência foi meio lenta; por um longo tempo ele pensou estar sonhando. Se era isso, era um tipo estranho de sonho, um sonho de ansiedade, diria o velho professor de psicologia, Doc Abelson. Parecia não haver motivo claro para a ansiedade, mas ela estava lá mesmo assim; o quarto branco parecia berrar uma ameaça.

Ele percebeu gradualmente que estava acordado. O quarto branco era um quarto de hospital. Havia frascos sobre sua cabeça, um cheio de líquido transparente, o outro de um líquido vermelho-escuro. Sangue. Ele viu uma televisão apagada presa na parede e percebeu o som regular de chuva batendo na janela.

Mike tentou mexer as pernas. Uma se moveu livremente, mas a outra, a direita, não se moveu nem um pouco. A sensação nessa perna era suave, e ele percebeu que ela estava com um curativo apertado.

Pouco a pouco, tudo voltou. Ele tinha se sentado para escrever no caderno e Henry Bowers apareceu. Uma surpresa do passado, pura diversão. Houve uma luta e…

Henry! Para onde Henry foi? Atrás dos outros?

Mike tateou em busca da campainha. Ela estava presa na cabeceira da cama, e ele estava com ela nas mãos quando a porta foi aberta. Um enfermeiro apareceu. Dois botões do jaleco branco estavam abertos e o cabelo escuro estava bagunçado, dando a ele um visual

desgrenhado de Ben Casey. Ele usava uma medalha de São Cristóvão no pescoço. Até em seu estado atordoado e parcialmente acordado, Mike o identificou imediatamente. Em 1958, uma garota de 16 anos chamada Cheryl Lamonica tinha sido morta em Derry, morta pela Coisa. A garota tinha um irmão de 14 anos chamado Mark, e o enfermeiro era ele.

— Mark? — disse ele com voz fraca. — Preciso falar com você.

— Shhh — disse Mark. Ele estava com a mão no bolso. — Nada de falar.

Ele entrou no quarto, e quando ficou de pé na beira da cama, Mike viu com um arrepio desesperador o quanto os olhos de Mark Lamonica estavam vazios. A cabeça estava ligeiramente inclinada, como se ouvindo música distante. Ele tirou a mão do bolso. Havia uma seringa nela.

— Isso vai te fazer dormir — disse Mike, e começou a andar na direção da cama.

11

Debaixo da cidade — 6h49

— Shhhhh! — disse Bill de repente, apesar de não ter havido nenhum som além dos passos baixos deles mesmos.

Richie acendeu um fósforo. As paredes do túnel tinham se afastado e os cinco pareceram muito pequenos nesse espaço debaixo da cidade. Eles se reuniram e Beverly teve uma sensação sonhadora de déjà-vu enquanto observava as pedras gigantescas no chão e as redes de teias penduradas. Eles estavam perto agora. Perto.

— O que você está escutando? — perguntou ela a Bill, tentando olhar para todos os lados enquanto o fósforo na mão de Richie queimava, esperando ver alguma nova surpresa vir se arrastando ou voando da escuridão. Rodan, alguém? O alienígena daquele filme nojento com Sigourney Weaver? Um grande rato com olhos laranja e dentes prateados? Mas não havia nada, só o cheiro poeirento do escuro e, bem longe, o trovão da água correndo, como se os bueiros estivessem ficando cheios.

— T-T-Tem a-a-alguma c-coisa e-e-errada — disse Bill. — Mike…

— Mike? — perguntou Eddie. — O que tem Mike?

— Eu também senti — disse Ben. — É… Bill, ele morreu?

— Não — disse Bill. Seus olhos estavam enevoados e distantes, sem emoção. Todo o alarme estava no tom e na postura defensiva do corpo dele. — Ele… E-E-Ele… — Ele engoliu em seco. Houve um clique em sua garganta. Seus olhos se arregalaram. — Ah. Ah,

não…!

— Bill? — gritou Beverly, alarmada. — Bill, o que foi? O que…?

— S-S-Segurem minhas m-m-mãos! — gritou Bill. — *R-R-Rápido!*

Richie largou o fósforo e segurou uma das mãos de Bill. Beverly segurou a outra. Ela tateou com a mão livre, e Eddie segurou fracamente com a mão na ponta do braço quebrado. Ben segurou a outra mão dele e completou o círculo segurando a de Richie.

— *Mande nosso poder pra ele!* — gritou Bill com aquela mesma voz estranha e grave. — *Mande nosso poder para ele, seja lá o que Você for, mande pra ele nosso poder! Agora! Agora! Agora!*

Beverly sentiu uma coisa sair deles na direção de Mike. A cabeça dela rolou nos ombros em uma espécie de êxtase, e o assobio forte da respiração de Eddie se mesclou com o trovão da água nos canos.

12

— Agora — disse Mark Lamonica com voz baixa. Ele suspirou, o suspiro de um homem que sente um orgasmo se aproximando.

Mike apertou a campainha que tinha nas mãos uma vez atrás da outra. Ele conseguia ouvi-la tocando na central das enfermeiras no corredor, mas ninguém veio. Com uma espécie de segunda visão do inferno, ele entendeu que as enfermeiras estavam sentadas lá lendo o jornal da manhã, bebendo café e ouvindo a campainha, mas não ouvindo, ouvindo, mas não atendendo. Elas só atenderiam mais tarde, quando tudo estivesse acabado, porque era assim que as coisas funcionavam em Derry. Em Derry, era melhor não se ver nem ouvir algumas coisas… até terem acabado.

Mike deixou a campainha cair das mãos.

Mark se inclinou na direção dele com a ponta da seringa cintilando. A medalha de São Cristóvão se balançava de forma hipnótica enquanto ele puxava o lençol.

— Bem aqui — sussurrou ele. — No esterno. — E suspirou de novo.

Mike de repente sentiu um poder invadi-lo, um poder primitivo que inflou seu corpo como eletricidade. Ele se enrijeceu, abrindo os dedos como se em convulsão. Seus olhos se arregalaram. Ele emitiu um grunhido, e aquela sensação de paralisia horrenda foi arrancada dele como se por um tapa de braço inteiro.

Sua mão direita voou para a mesa de cabeceira. Havia uma jarra de plástico lá e um copo pesado de vidro ao lado. Sua mão se fechou ao redor do vidro. Lamonica pressentiu a

mudança; aquela luz sonhadora e satisfeita sumiu dos olhos dele e foi substituída por confusão cautelosa. Ele recuou um pouco, e Mike bateu com o copo na cara dele.

Lamonica gritou e cambaleou para trás, largando a seringa. Ele levou as mãos até o rosto úmido; sangue jorrou pelos pulsos e caiu no jaleco branco.

O poder sumiu tão repentinamente quanto chegou. Mike olhou estupidamente para os cacos de vidro quebrado na cama e na camisola de hospital e para a mão sangrando. Ele ouviu o som rápido e leve de sapatos de sola de borracha no corredor, se aproximando.

Agora elas vêm, pensou ele. *Ah, sim, agora. E depois que forem embora, quem vai aparecer? Quem vai aparecer depois?*

Quando elas entraram no quarto, as enfermeiras que ficaram sentadas calmamente na central enquanto a campainha dele tocava freneticamente, Mike fechou os olhos e rezou para que acabasse. Ele rezou para que os amigos estivessem em alguma parte debaixo da cidade, rezou para todos estarem bem, rezou para que tudo fosse terminar.

Ele não sabia exatamente para Quem estava rezando… mas rezou mesmo assim.

13

Debaixo da cidade — 6h54

— Ele está b-b-bem — disse Bill.

Ben não sabia por quanto tempo eles ficaram de mãos dadas na escuridão. Parecia que ele tinha sentido alguma coisa, alguma coisa deles, do círculo deles, sair e voltar. Mas ele não sabia para onde essa coisa, se é que ela existia, tinha ido, e nem o que tinha feito.

— Tem certeza, Big Bill? — perguntou Richie.

— T-T-Tenho. — Bill soltou a mão de Richie e de Beverly. — Mas t-temos que acabar com isso o mais r-r-rápido p-possível. V-V-Vamos.

Eles seguiram em frente, com Richie ou Bill acendendo fósforos periodicamente. *Não temos nem um estilingue de brinquedo*, pensou Ben. *Mas isso também é parte da história, não é? Chüd. O que isso significa? O que era a Coisa exatamente? Qual era o rosto final dela? E mesmo não matando a Coisa, nós conseguimos machucar ela. Como fizemos isso?*

A câmara pela qual eles andaram (não podia mais ser chamado de túnel) ficou cada vez maior. Os passos deles ecoaram. Ben se lembrou do cheiro denso de zoológico. Ele percebeu que os fósforos não eram mais necessários. Havia luz agora, uma espécie de luz: uma cintilação pálida que ficava cada vez mais forte. Naquela luz pantanosa, seus amigos pareciam cadáveres ambulantes.

— Parede lá na frente, Bill — disse Eddie.

— Eu s-s-sei.

Ben sentiu o coração começar a acelerar. Havia um gosto amargo em sua boca, e a cabeça tinha começado a doer. Ele sentiu-se lento e assustado. Sentiu-se gordo.

— A porta — sussurrou Beverly.

Sim, aqui estava ela. Uma vez, 27 anos antes, eles conseguiram passar por aquela porta só abaixando a cabeça. Agora, eles teriam que se agachar para passar, ou engatinhar. Eles tinham crescido; esta era a prova final, se é que uma prova final era necessária.

Os pontos de pulsação no pescoço e nos pulsos de Ben estavam quentes e cheios de sangue; seu coração tinha incorporado um tremor leve e rápido que era quase uma arritmia. *Pulsação de pombo*, pensou ele aleatoriamente, e lambeu os lábios.

Uma luz intensa amarelo-esverdeada saía pela porta; espalhava-se pela fechadura decorada em um raio torto que parecia quase grosso o bastante para cortar.

A marca estava na porta, e mais uma vez cada um viu uma coisa diferente naquele desenho estranho. Beverly viu o rosto de Tom. Bill viu a cabeça cortada de Audra com olhos vazios que o encaravam com acusação terrível. Eddie viu um crânio sorridente sobre dois ossos cruzados, o símbolo de veneno. Richie viu o rosto barbado de um Paul Bunyan depravado, com olhos apertados como os de um assassino. E Ben viu Henry Bowers.

— Bill, somos fortes o bastante? — perguntou ele. — Somos capazes de fazer isso?

— N-Não s-s-sei — disse Bill.

— E se estiver trancada? — perguntou Beverly com voz baixa. O rosto de Tom debochava dela.

— Não e-está — disse Bill. — Luga-ares assim n-nunca ficam t-trancados. — Ele colocou os dedos abertos da mão direita na porta (precisou se abaixar para fazer isso) e empurrou. Ela se abriu com um jorro de luz amarelo-esverdeada doentia. Aquele cheiro de zoológico foi até eles, o cheiro do passado que virou presente, horrivelmente vivo, obscenamente vital.

Gire, roda, pensou Bill aleatoriamente, e olhou ao redor. Em seguida, ficou de quatro. Beverly foi atrás, depois Richie e Eddie. Ben foi por último, com a pele arrepiada pela sensação da sujeira antiga no chão. Ele passou pelo portal e, quando se empertigou no brilho estranho do fogo rastejando pelas paredes úmidas como cobras de luz, a última lembrança voltou com a força de um aríete paranormal.

Ele gritou, cambaleou, colocou uma das mãos na cabeça, e seu primeiro pensamento incoerente foi *Não é surpresa Stan ter cometido suicídio! Ah, Deus, eu queria ter feito igual!* Ele viu as mesmas expressões de horror perplexo e percepção crescente nos rostos dos outros quando a última chave girou na última fechadura.

De repente, Beverly estava gritando, agarrada a Bill, enquanto a Coisa corria pela cortina diáfana que era sua teia, uma Aranha de pesadelo de além do tempo e espaço, uma Aranha vinda de além das imaginações febris de qualquer condenado que viva nas maiores profundezas do inferno.

Não, pensou Bill friamente*, também não é uma Aranha, não de verdade, mas essa forma a*

Coisa não tirou de nossas mentes; é só o mais próximo que nossas mentes conseguem chegar

(dos postigos)

do que ela realmente é.

Ela tinha uns 4,5 metros de altura e era negra como uma noite sem lua. Cada uma das pernas era grossa como a coxa de um halterofilista. Os olhos eram rubis brilhosos e malevolentes, saltados em órbitas cheias de algum fluido da cor de cromo e que escorria. As mandíbulas denteadas se abriam e fechavam, se abriam e fechavam, pingando espuma. Paralisado em um êxtase de horror, oscilando à beira da loucura, Ben observou com uma calma de olho da tempestade que essa espuma estava viva; ela batia no piso de pedra fedorento e começava a se contorcer para as rachaduras como um protozoário.

Mas é outra coisa, tem uma forma final, uma que quase consigo ver da forma como se pode ver a forma de um homem se movendo por trás de uma tela de cinema enquanto o filme está sendo exibido, uma outra forma, mas não quero vê-la, por favor, Deus, não permita que eu veja a Coisa…

E não importava, não é? Eles estavam vendo o que estavam vendo, e Ben entendia que, de alguma forma, a Coisa estava aprisionada nessa forma final, a forma de uma Aranha, pela visão involuntária e órfã de todos ao mesmo tempo. Era contra essa Coisa que eles teriam que viver ou morrer.

A criatura estava dando gritinhos e choramingando, e Ben teve certeza de que estava ouvindo os sons que a Coisa emitia duas vezes: na mente e, uma fração de segundo depois, nos ouvidos. *Telepatia*, pensou ele, *estou lendo a mente da Coisa.* A sombra dela era um ovo que corria pela parede antiga desse refúgio que era seu lar. O corpo era coberto de pelos grossos, e Ben viu que ela tinha um ferrão longo o bastante para empalar um homem. Um fluido transparente pingava da ponta, e Ben viu que esse também estava vivo; como a saliva, o veneno se contorcia para as rachaduras no chão. O ferrão, sim… mas abaixo dele, a barriga da Coisa estava grotescamente inchada, quase se arrastando no chão enquanto ela se deslocava, agora mudando de leve de direção, seguindo sem dúvida alguma na direção do líder deles, na direção de Big Bill.

É a ooteca dela, pensou Ben, e sua mente pareceu berrar com a compreensão. *Seja lá o que ela for além do que nós vemos, essa representação é ao menos simbolicamente correta: ela é fêmea e está grávida… Estava grávida na outra vez, mas nenhum de nós sabia, exceto Stan, ah, Jesus Cristo, SIM, foi Stan, Stan, não Mike, Stan que compreendeu, Stan que nos contou… Foi por isso que tivemos que voltar a qualquer custo, porque ela é fêmea, está grávida de filhotes inimagináveis… e a hora está chegando.*

Incrivelmente, Bill Denbrough estava caminhando para ir de encontro à Coisa.

— *Bill, não!* — gritou Beverly.

— F-F-Fiquem pra t-t-trás! — gritou Bill sem olhar. E então, Richie estava correndo na direção dele, gritando o nome dele, e Ben viu suas próprias pernas entrarem em movimento.

Ele pareceu sentir uma barriga fantasma se balançando à frente do corpo e apreciou a sensação. *Tenho que virar criança de novo*, pensou ele de forma incoerente. É a única forma de impedir que a Coisa me deixe louco. Preciso virar criança de novo… preciso aceitar. De alguma forma.

Correndo. Gritando o nome de Bill. Vagamente ciente de que Eddie estava correndo ao seu lado, com o braço quebrado balançando, o cinto do roupão que Bill amarrou ali agora arrastando no chão. Eddie estava com a bombinha na mão. Ele parecia um pistoleiro enlouquecido e subnutrido com uma pistola esquisita.

Ben ouviu Bill gritar:

— *Você m-m-matou meu irmão, sua F-F-FILHA DA PUTA!*

De repente, a Coisa estava em cima de Bill, enterrando Bill em sua sombra, com as pernas balançando no ar. Ben ouviu o choramingo ansioso dela, olhou nos olhos vermelhos atemporais e malignos dela… e por um instante *viu* a forma atrás da forma: viu luzes, viu uma coisa infinita, rastejante e peluda feita de luz e mais nada, luz laranja, luz morta que debochava da vida.

O ritual começou pela segunda vez.

Capítulo 22

O ritual de Chüd

1

No lar da Coisa — 1958

Foi Bill quem os manteve juntos enquanto aquela Aranha preta enorme corria pela teia, criando uma brisa tóxica que fez os cabelos deles voarem. Stan berrou como um bebê, com os olhos castanhos saltados nas órbitas, os dedos arranhando as bochechas. Ben recuou lentamente até a enorme bunda bater na parede à esquerda da porta. Ele sentiu um fogo frio queimar através da calça e se afastou de novo, mas de forma sonhadora. É claro que nada daquilo podia estar acontecendo; era apenas o pior pesadelo do mundo. Ele viu que não conseguia levantar as mãos. Elas pareciam estar com pesos enormes presos nelas.

Richie sentiu os olhos atraídos pela teia. Pendurados aqui e ali, parcialmente envoltos em tiras sedosas que pareciam se mover como se vivas, havia vários corpos podres meio comidos. Ele pensou reconhecer Eddie Corcoran perto do teto, embora as duas pernas e um dos braços dele tivessem sumido.

Beverly e Mike se agarraram um ao outro como João e Maria no bosque, observando

paralisados a Aranha chegar ao chão e se arrastar na direção deles, com a sombra distorcida correndo ao lado na parede.

Bill olhou para eles, um garoto alto e magro de camiseta suja de lama e esgoto que já tinha sido branca, calça jeans com a bainha dobrada e tênis Keds sujos de lama. O cabelo estava caindo na testa e os olhos estavam queimando. Ele os observou, pareceu deixá-los de lado e se virou para a Aranha. E, incrivelmente, começou a atravessar o local na direção dela, não correndo, mas andando rápido, com os cotovelos dobrados, os antebraços contraídos e as mãos fechadas.

— *V-V-Você m-m-matou meu i-irmão!*

— Não, *Bill!* — gritou Beverly, soltando-se do abraço de Mike e correndo na direção de Bill, com o cabelo ruivo voando atrás. — Deixa ele em paz! — gritou ela para a Aranha. — Não toca nele!

Merda! Beverly!, pensou Ben, e logo estava correndo também, com a barriga balançando à frente do corpo, as pernas fazendo força. Ele estava vagamente ciente de que Eddie Kaspbrak estava correndo à esquerda, segurando a bombinha na mão boa como uma pistola.

E então, a Aranha estava se elevando acima de Bill, que estava desarmado; a Coisa enterrou Bill em sua sombra, com as patas balançando no ar. Ben segurou o ombro de Beverly. A mão bateu nele, mas escorregou. Ela se virou para ele, com olhos enlouquecidos e lábios repuxados sobre os dentes.

— *Ajuda ele!* — gritou ela.

— Como? — gritou Ben em resposta. Ele correu na direção da Aranha, ouviu o choramingo ansioso e viu alguma coisa atrás da forma; alguma coisa bem pior do que uma aranha. Uma coisa que era pura luz insana. Sua coragem falhou… mas foi Bev quem pediu. Bev, e ele a amava.

— *Maldito, deixa Bill em paz!* — gritou ele.

Um momento depois, uma mão bateu com tanta força nas costas dele que ele quase caiu. Era Richie, e apesar de haver lágrimas escorrendo pelo rosto dele, Richie estava sorrindo loucamente. Os cantos de sua boca pareciam chegar quase nos lóbulos das orelhas. Cuspe escorria por entre os dentes.

— *Vamos pegar ela, Monte de Feno!* — gritou Richie. — *Chüd! Chüd!*

Ela?, pensou Ben estupidamente. *Ele disse ela?*

Em voz alta:

— *Tudo bem, mas o que é isso? O que é Chüd?*

— *Não faço a menor ideia!* — gritou Richie, e correu na direção de Bill e para a sombra da Coisa.

De alguma forma, ela tinha se agachado nas pernas traseiras. As pernas da frente se balançaram no ar logo acima da cabeça de Bill. E Stan Uris, forçado a se aproximar, compelido a se aproximar apesar de todos os instintos em sua mente e seu corpo, viu que Bill estava olhando para a Coisa, com os olhos azuis fixos nos olhos inumanos e laranja da Coisa,

olhos dos quais aquela luz horrível de cadáver era emitida. Stan parou e entendeu que o Ritual de Chüd, fosse lá o que fosse, tinha começado.

2

Bill no vácuo — antes

— quem é você e por que veio até Mim?

Sou Bill Denbrough. Você sabe quem eu sou e por que estou aqui. Você matou meu irmão, e eu vim matar Você. Você escolheu o garoto errado, sua puta.

— eu sou eterna. Sou a Comedora dos Mundos.

É? É mesmo? Bem, você fez sua última refeição, irmã.

— você não tem poder; aqui está o poder; sinta o poder, moleque, depois volte a falar que veio matar a Eterna. Você pensa que Me vê? Você vê só o que sua mente permite. Você quer Me ver? Então venha! Venha, moleque! Venha!

Jogado…

(ele)

Não, não jogado, *disparado*, disparado como uma bala viva, como o Canhão Humano no Circo Shrine que ia para Derry todo mês de maio. Ele foi levantado e *lançado* pela câmara da Aranha. É só na minha mente!, gritou ele para si mesmo. *Meu corpo ainda está de pé bem aqui, cara a cara com a Coisa, seja corajoso, é só um truque mental, seja corajoso, seja verdadeiro, aguente, aguente…*

(soca)

Rugindo em frente, batendo em um túnel preto e molhado repleto de azulejos estragados e velhos com 50 anos de idade, cem, mil, um milhão de bilhões, quem sabia, correndo em silêncio mortal por cruzamentos, alguns iluminados por aquele fogo distorcido verde-amarelado, alguns por balões reluzentes cheios de uma luz branca medonha, outros pretos como breu; ele foi jogado em uma velocidade de mil quilômetros por hora por cima de pilhas de ossos, alguns humanos, outros não, em disparada como um dardo com motor de foguete em um túnel de vento, agora virando para cima, mas não na direção da luz, mas na direção da escuridão, de uma escuridão titânica

(postes)

e explodindo para fora na total escuridão, a escuridão era tudo, a escuridão era o cosmos e o universo, e o piso da escuridão era *duro, duro*, era como ebonite polida e ele estava deslizando sobre o peito e barriga e coxas como um peso em uma superfície lisa. Ele estava na pista de dança da eternidade, e a eternidade era *preta*.

(de montão)

— pare com isso por que você diz isso? não vai ajudar você, garoto burro

(e insiste que vê assombração!)

— pare!

ele soca postes de montão e insiste que vê assombração!

— pare! pare! estou mandando, estou ordenando que você pare com isso!

Você não gosta disso, né?

E pensando: se eu ao menos conseguisse dizer em voz alta, dizer sem gaguejar, eu poderia destruir essa ilusão…

— isso não é ilusão, seu garotinho tolo. isso é a eternidade, a Minha eternidade, e você está perdido nela, perdido para sempre, e nunca vai encontrar o caminho de volta; você é eterno agora e está condenado a vagar pela escuridão… depois que Me encontrar cara a cara, claro.

Mas havia mais alguma coisa aqui. Bill pressentia, sentia de uma forma louca, sentia o cheiro: uma presença enorme à frente, no escuro. Uma Forma. Ele não sentiu medo, mas uma sensação de assombro poderoso; aqui havia um poder que fazia o da Coisa parecer pequeno, e Bill só teve tempo de pensar com incoerência: *Por favor, por favor, seja lá o que Você for, lembre que sou muito pequeno…*

Ele correu na direção da forma e viu que era uma enorme Tartaruga, com o casco coberto de muitas cores intensas. A cabeça reptiliana velha saiu lentamente de dentro do casco, e Bill pensou sentir uma leve surpresa insolente vinda da coisa que o lançou ali. Os olhos da Tartaruga eram gentis. Bill pensou que devia ser a coisa mais antiga que qualquer pessoa pudesse imaginar, bem mais velha do que a Coisa, que tinha alegado ser eterna.

O que é você?

— sou a Tartaruga, filho. eu fiz o universo, mas não me culpe por ele; eu estava com dor de barriga.

Me ajude! Por favor, me ajude!

— eu não me meto nessas coisas.

Meu irmão…

— tem seu próprio lugar no macroverso; a energia é eterna, como até uma criança como você deveria entender

Ele estava voando pela Tartaruga agora, e mesmo nessa tremenda velocidade, a lateral da Tartaruga parecia seguir eternamente à sua direita. Ele pensou levemente em andar de trem e passar por um seguindo na direção oposta, um trem que era longo o bastante para parecer de repente estar parado ou até andar para trás. Ele ainda conseguia ouvir a Coisa, reclamando e resmungando, com voz aguda e zangada, nada humana, cheia de ódio louco. Mas quando a Tartaruga falou, a voz da Coisa foi completamente obliterada. A Tartaruga falou na cabeça de Bill, e Bill entendeu que havia Outro, e aquele Outro Final ficava em um vácuo após este. O Outro Final era, talvez, o criador da Tartaruga, que só observava, e da Coisa, que só comia.

Esse Outro era uma força maior do que o universo, um poder maior do que todos os outros poderes, o autor de tudo que existia.

De repente, ele pensou ter entendido: a Coisa pretendia jogá-lo por algum muro no final do universo para um outro lugar

(o que aquela velha Tartaruga chamava de macroverso)

onde a Coisa realmente vivia; onde a Coisa existia como uma essência titânica e vibrante que podia não passar de um cisco na mente do Outro; ele veria a Coisa nua, uma coisa de luz destruidora sem forma, e lá ele seria misericordiosamente aniquilado ou viveria para sempre, insano, mas consciente dentro desse ser homicida, infinito, faminto e sem forma.

Por favor, me ajude! Pelos outros…

— você precisa se ajudar, filho

Mas como? Por favor, me diga! Como? Como? COMO?

Ele tinha chegado às pernas de trás da Tartaruga, cobertas de escamas pesadas; houve tempo o suficiente para ele observar a pele antiga e gigantesca, tempo para ser tomado de espanto pelas pesadas unhas, de uma cor azul-amarelada estranha, e ele conseguia ver galáxias nadando em cada uma.

Por favor, você é bom, eu sinto e acredito que você é bom, e estou implorando… você não vai me ajudar, por favor?

— você já sabe. só tem Chüd. e seus amigos.

Por favor, ah, por favor.

— filho, você precisa socar postes de montão e insistir que vê assombração… é tudo que posso dizer pra você. quando você entra em merda cosmológica como essa, precisa jogar o manual de instruções no lixo

Ele percebeu que a voz da Tartaruga estava sumindo. Ele estava atrás dela agora, disparado para uma escuridão mais profunda do que a mais profunda. A voz da Tartaruga estava sendo superada, dominada, pela voz alegre e tagarela da Coisa que o jogou para fora, nesse vácuo negro… a voz da Aranha, da Coisa.

— que tal aqui fora, Amiguinho? está gostando? está amando? você dá nota 98 porque tem uma boa batida que dá para dançar? consegue segurar nas amídalas e jogar para a direita e para a esquerda? gostou de conhecer minha amiga Tartaruga? pensei que aquela puta idiota tinha morrido anos atrás, e com tanta incompetência, podia mesmo ter morrido, você achou que ela podia ajudar você?

Não não não não ele soca não ele s-s-s-so-ooca não

— para de tagarelar! o tempo é curto; vamos conversar enquanto ainda podemos. me conte sobre você, Amiguinho… me conte, você ama a escuridão fria daqui? está apreciando o passeio pelo nada que existe Lá Fora? espere até passar, Amiguinho! espere até passar para onde eu estou! espere isso! espere os postigos! Você vai olhar e enlouquecer… mas vai sobreviver… e viver… e viver… dentro deles… dentro de Mim…

A Coisa deu uma gargalhada tóxica, e Bill percebeu que a voz dela estava ao mesmo tempo

começando a sumir e a inchar, como se ele estivesse simultaneamente saindo de perto do alcance dela… e indo na direção dela. E não era isso o que estava acontecendo? Era. Ele achava que sim. Porque enquanto as vozes se encontravam em perfeita sincronia, a voz que estava na direção para a qual ele ia era totalmente alienígena, falando sílabas que nenhuma língua ou garganta humana eram capazes de reproduzir. É a voz dos postigos, pensou ele.

— *o tempo é curto; vamos conversar enquanto ainda podemos*

A voz humana da Coisa foi sumindo da forma que as estações de rádio de Bangor sumiam quando você estava viajando para o sul de carro. Um terror intenso e ardente tomou conta dele. Ele logo estaria além de qualquer comunicação sã com a Coisa… e uma parte dele entendia que, com toda a gargalhada da Coisa, com toda a alegria alienígena dela, era isso que ela queria. Não só mandá-lo para onde ela estava, mas romper a comunicação mental entre eles. Se isso acabasse, ele estaria completamente destruído. Passar para um ponto sem comunicação era passar para um ponto fora do alcance da salvação; ele entendia isso pela forma como seus pais se comportaram com ele depois que George morreu. Foi a única lição que a frieza de geladeira teve para ensinar para ele.

Abandonando a Coisa… e se aproximando da Coisa. Mas o abandono era mais importante. Se a Coisa queria comer criancinhas aqui, ou sugá-las, ou o quer que ela fizesse, por que não mandou todas para cá? Por que só ele?

Porque a Coisa tinha que livrar seu eu Aranha dele, era por isso. De alguma forma, a Coisa-Aranha e a Coisa que a Coisa chamava de postigos estavam ligadas. O que vivia aqui na escuridão podia ser invulnerável quando estava aqui e em nenhum outro lugar

… mas ela também estava na terra, debaixo de Derry, em uma forma que era física. Por mais repulsiva que a Coisa fosse, em Derry ela era *física*… e o que era físico podia ser morto.

Bill deslizou pela escuridão, com a velocidade ainda aumentando. *Por que sinto que tanto da conversa da Coisa é blefe, uma grande enrolação? Por que é assim? Como pode ser?*

Ele entendia como, talvez… apenas talvez.

Só tem Chüd, disse a Tartaruga. E se fosse isso? E se eles tivessem mordido fundo a língua um do outro, não fisicamente, mas mentalmente, espiritualmente? E se a Coisa conseguisse jogar Bill bem longe no vácuo, longe o bastante para ver o eu eterno e sem corpo da Coisa, o ritual acabaria? A Coisa o teria arrancado, matado e ganhado tudo ao mesmo tempo.

— *você está indo bem, filho, mas em pouco tempo vai ser tarde demais*

A Coisa está com medo! Com medo de mim! Com medo de todos nós!

… deslizando, ele estava deslizando, e havia um muro à frente, ele sentia, sentia na escuridão, o muro no fim do espectro, e atrás dele a outra forma, os postigos…

— *não fale comigo, filho, e não fale com você mesmo, isso está soltando você. morda se quiser, se ousar, se conseguir ser corajoso, se conseguir suportar… morda, filho!*

Bill mordeu. Não com os dentes, mas com dentes na mente.

Deixando a voz mais grave, em um registro profundo, tornando-a não sua própria

(tornando-a, na verdade, a voz do pai, embora Bill fosse para o túmulo sem saber disso; alguns segredos nunca são descobertos, e provavelmente é melhor assim), inspirando fundo, ele gritou:

ELE SOCA POSTES DE MONTÃO E INSISTE QUE VÊ ASSOMBRAÇÃO AGORA ME SOLTA!

Ele sentiu a Coisa gritar em sua mente, um grito de fúria frustrada e petulante… mas também era um grito de medo e dor. Ela não estava acostumada a não ter as coisas do jeito que queria; uma coisa assim nunca tinha acontecido com ela, e até os momentos mais recentes de sua existência, a Coisa não desconfiou que era possível.

Bill sentiu a Coisa serpenteando para ele, sem puxar, só empurrando, tentando afastá-lo.

SOCA POSTES DE MONTÃO, EU DISSE!

— PARE!

ME TRAZ DE VOLTA! VOCÊ TEM QUE ME TRAZER DE VOLTA! ESTOU MANDANDO! ESTOU EXIGINDO!

A Coisa gritou de novo, com dor mais intensa agora, talvez em parte porque, apesar de ela ter passado sua longa, longa existência provocando dor, se alimentando dela, ela nunca a tinha experimentado como parte de si.

Ainda assim, ela tentou empurrá-lo, se livrar dele, cega e teimosamente insistindo em vencer, como sempre venceu antes. Ela empurrou… mas Bill sentiu que sua velocidade diminuiu, e uma imagem grotesca surgiu em sua mente: a língua da Coisa, coberta daquele cuspe vivo, esticada como um elástico grosso, estalando, sangrando. Ele se viu agarrado na ponta daquela língua pelos dentes, perfurando-a um pouco de cada vez, com o rosto banhado no icor convulsivo que era o sangue dela, afogando-se em seu fedor morto, mas se segurando, se segurando de alguma forma, enquanto ela lutava em sua dor cega e fúria crescente para não deixar a língua voltar…

(Chüd, este Chüd, mantenha-se firme, seja corajoso, seja verdadeiro, suporte por seu irmão, por seus amigos; acredite, acredite em todas as coisas que você sempre acreditou, acredite que se você disser a um policial que você está perdido, ele vai cuidar para que você chegue em casa em segurança, que existe uma Fada do Dente que mora em um enorme castelo esmaltado e um Papai Noel no Polo Norte, fazendo brinquedos com seu grupo de elfos, e que o Captain Midnight poderia ser real, sim, ele poderia ser, apesar de Carlton, o irmão mais velho de Calvin e Cissy Clark, dizer que era um monte de baboseira de bebê, acredite que sua mãe e seu pai vão amar você de novo, que a coragem é possível e as palavras virão tranquilamente todas as vezes; chega de Otários, chega de se esconder em um buraco no chão e chamar de clube, chega de chorar no quarto de Georgie porque você não pôde salvá-lo e não sabia, acredite em você mesmo, acredite no calor daquele desejo)

Ele de repente começou a gargalhar na escuridão, não de histeria, mas com espanto puro e alegre.

— *AH MERDA, EU ACREDITO EM TODAS ESSAS COISAS!* — gritou ele, e era verdade;

mesmo aos 11 anos, ele tinha observado que as coisas davam certo em uma quantidade absurda de vezes. A luz se acendeu ao redor dele. Ele ergueu os braços acima da cabeça. Virou o rosto para cima e sentiu subitamente o poder entrar nele todo.

Ele ouviu a Coisa gritar de novo… e de repente estava sendo puxado de volta pelo caminho que tinha percorrido, ainda sustentando aquela imagem dos dentes enfiados na carne estranha da língua da Coisa, dos dentes trancados como a morte. Ele voou pela escuridão, com as pernas atrás do corpo, as pontas dos cadarços sujos de lama voando como bandeiras, o vento do local vazio soprando em seus ouvidos.

Ele foi puxado ao lado da Tartaruga e viu que a cabeça dela tinha voltado para dentro do casco; a voz emergiu vazia e distorcida, como se mesmo o casco no qual ela morava fosse um poço profundo de eternidades:

— *nada mau, filho, mas eu terminaria com tudo agora; não deixe que a Coisa fuja. a energia tem uma forma de se dissipar, você sabe; o que pode ser feito quando você tem 11 anos nem sempre pode ser feito de novo.*

A voz da Tartaruga diminuiu, diminuiu, diminuiu. Só havia a escuridão a toda velocidade… e a boca de um túnel ciclope… cheiros de idade e podridão… teias roçando em seu rosto como novelos podres de seda em uma casa mal-assombrada… azulejos mofados passando… interseções, todas escuras agora, sem os balões-lua, e a Coisa estava gritando, gritando:

— *me solta me solta vou embora nunca vou voltar me SOLTA DÓI DÓI DÓÓÓÓÓÓÓI*

— *Soca postes!* — gritou Bill, quase delirante agora. Ele conseguia ver a luz à frente, mas ela estava sumindo, derretendo como velas enormes já no final… e por um momento ele se viu e aos outros de mãos dadas em fila, Eddie de um lado dele e Richie do outro. Ele viu seu próprio corpo balançando, com a cabeça para trás, olhando para a Aranha, que se contorcia e girava como um dervixe, com veneno pingando do ferrão.

Ela estava gritando em sua agonia de morte.

Foi o que Bill achou, sinceramente.

De repente, ele voltou para dentro do corpo com todo o impacto de uma bola batendo na luva de beisebol, e a força fez suas mãos se soltarem das de Richie e Eddie, fazendo-o ficar de joelhos e deslizar pelo piso até a beirada da teia. Ele esticou para pegar um dos fios sem pensar, e sua mão imediatamente ficou dormente, como se tivesse sido injetada com uma seringa cheia de xilocaína. O fio era grosso como um fio de poste telefônico.

— Não toca nisso, Bill! — gritou Ben, e Bill puxou a mão em um movimento rápido, deixando uma marca em carne-viva na palma logo abaixo dos dedos. Ela se encheu de sangue; ele cambaleou e ficou de pé, com os olhos na Aranha.

Ela estava se afastando dele, seguindo para a escuridão crescente no fundo da câmara enquanto a luz falhava. Ela deixou poças e manchas de sangue preto ao passar; de alguma forma, o confronto deles estourou as entranhas dela em uma dezena, talvez uma centena de lugares.

— Bill, a teia! — gritou Mike. — Cuidado!

Ele deu um passo para trás e inclinou o pescoço quando tiras da teia caíram e acertaram o chão de pedra dos dois lados dele como corpos de cobras brancas. Elas imediatamente começaram a perder a forma, a escorrer para as rachaduras entre as pedras. A teia estava desmoronando, se soltando dos muitos apoios. Um dos corpos, enrolados como uma mosca, caiu e bateu no chão com um ruído podre repugnante.

— *A Aranha!* — gritou Bill. — *Onde ela está?*

Ele ainda conseguia ouvir a Coisa em sua cabeça, choramingando e gritando de dor, e entendeu levemente que ela tinha ido pelo mesmo túnel em que tinha jogado Bill… mas foi para lá a fim de fugir de volta para o lugar em que pretendia jogar Bill… ou se esconder até eles terem ido embora? Para morrer? Ou fugir?

— Cristo, as luzes! — gritou Richie. — As luzes estão se apagando! O que aconteceu, Bill? Pra onde você foi? Pensamos que você estava morto!

Em alguma parte confusa da mente, Bill sabia que isso não era verdade; se eles realmente tivessem achado que ele estava morto, teriam saído correndo um para cada lado, e a Coisa os teria pegado facilmente, um a um. Ou talvez seria mais verdadeiro dizer que eles *acharam* que ele estava morto, mas *acreditaram* que estava vivo.

Temos que ter certeza! Se ela estiver morrendo ou se tiver voltado para o lugar de onde veio, onde o resto dela está, tudo bem. Mas e se ela só estiver ferida? E se puder melhorar? E se…?

O grito de Stan cortou seus pensamentos como um caco de vidro. Na luz morrente, Bill viu que um dos fios de teia tinha caído no ombro de Stan. Antes que Bill pudesse chegar nele, Mike se jogou no garoto menor para derrubá-lo. Ele afastou Stan e o fio de teia soltou-o, levando um pedaço da camisa polo de Stan junto.

— Voltem! — gritou Ben para eles. — *Se afastem de tudo, está despencando!* — Ele segurou a mão de Beverly e puxou-a para a porta de tamanho infantil enquanto Stan ficava de pé, olhava ao redor com expressão atordoada e segurava Eddie. Os dois correram na direção de Ben e Beverly, ajudando um ao outro, parecendo fantasmas na luz cada vez mais suave.

Acima, a teia de aranha estava caindo, desmoronando sobre si mesma, perdendo a terrível simetria. Corpos se contorciam preguiçosamente no ar como prumos de pesadelo. Pedaços horizontais de teia caíram como degraus podres de escadas complexas e estranhas. Pedaços cortados batiam no piso de pedra, chiavam como gatos, perdiam a forma e começavam a correr.

Mike Hanlon desviou dos fios, assim como mais tarde desviaria dos jogadores de quase dez times de futebol americano no ensino médio, de cabeça baixa, inclinado e passando de raspão. Richie se juntou a ele. Incrivelmente, Richie estava gargalhando, embora o cabelo estivesse de pé na cabeça como os espinhos de um porco-espinho. A luz ficou mais fraca e a fosforescência que cobria as paredes estava sumindo.

— Bill! — gritou Mike. — Vem! Sai daí logo!

— *E se a Coisa não estiver morta?* — gritou Bill. — *A gente tem que ir atrás dela, Mike!*

A gente tem que ter certeza!

Um pedaço de teia se balançou como um paraquedas e caiu com um som horrível de rasgo que parecia pele sendo arrancada. Mike segurou o braço de Bill e puxou-o para longe.

— Está morta! — gritou Eddie, juntando-se a ele. Seus olhos eram lâmpadas febris, a respiração um apito de inverno gelado na garganta. Pedaços caídos de teia fizeram marcas complexas no gesso. — Eu escutei a Coisa, ela estava morrendo, nada faz um som daqueles se não estiver batendo as botas, ela estava morrendo, eu tenho certeza!

As mãos de Richie tatearam na escuridão, agarraram Bill e o puxaram em um abraço rude. Ele começou a bater nas costas de Bill com entusiasmo.

— Eu também ouvi, ela estava morrendo, Big Bill! Ela estava morrendo… *e você não está gaguejando! Nem um pouco!* Como conseguiu? Como diabos…?

O cérebro de Bill estava girando. A exaustão o puxava com mãos grossas e desajeitadas. Ele não conseguia se lembrar de outra ocasião em que tivesse se sentido tão cansado… mas em pensamento ele ouviu a voz lenta e quase cansada da Tartaruga: *eu terminaria com tudo agora; não deixe que a Coisa fuja... o que pode ser feito quando você tem 11 anos nem sempre pode ser feito de novo.*

— Mas temos que ter certeza…

As sombras estavam dando as mãos, e agora a escuridão era quase completa. Mas antes de a luz sumir totalmente, ele pensou ter visto a mesma dúvida infernal no rosto de Beverly… e nos olhos de Stan. Ainda assim, quando a última luz sumiu, eles conseguiram ouvir os sussurros e baques do resto da teia indescritível caindo aos pedaços.

3

Bill no vácuo — depois

— aqui está você de novo, Amiguinho! mas o que aconteceu com seu cabelo? você está careca como uma bola de bilhar! triste! que vidas tristes e curtas os humanos vivem! cada vida é um panfleto curto escrito por um idiota! ah, não, essas coisas

Ainda sou Bill Denbrough. Você matou meu irmão e matou Stan, o Cara, e tentou matar Mike. E vou te dizer uma coisa: desta vez, não vou parar até o serviço estar feito

— a Tartaruga era burra, burra demais para mentir. ela disse a verdade para você,

Amiguinho…. a chance só acontece uma vez. você me machucou… me surpreendeu. nunca mais. fui eu quem chamou vocês. eu.

Você chamou sim, mas não foi a única

— sua amiga Tartaruga… ela morreu alguns anos atrás. a velha idiota vomitou dentro do casco e sufocou até a morte com uma galáxia ou duas. muito triste, você não acha? mas também bem bizarro. merece um lugar no Ripley's Acredite Se Quiser*, é o que eu acho. aconteceu na mesma época que você teve aquele bloqueio. você deve ter sentido ela morrer, Amiguinho*

Também não acredito nisso

— ah, você vai acreditar… vai ver. desta vez, Amiguinho, pretendo que você veja tudo, incluindo os postigos

Ele sentiu a voz da Coisa aumentando, zumbindo e ecoando; enfim, ele sentia a extensão completa da fúria dela, e estava apavorado. Procurou a língua da mente dela, concentrando-se, tentando desesperadamente recapturar a extensão completa daquela crença infantil, compreendendo ao mesmo tempo que havia uma verdade mortal no que a Coisa dizia: na última vez, a Coisa estava despreparada. Desta vez… bem, mesmo ela não sendo a única a chamá-los, sem dúvida estava esperando.

Mesmo assim…

Ele sentiu a própria fúria, clara e zumbindo, quando seus olhos se fixaram nos olhos da Coisa. Pressentiu as velhas cicatrizes dela, pressentiu que ela ficou muito ferida e que ainda estava ferida.

E quando a Coisa o jogou, quando ele sentiu sua mente arrancada do corpo, ele concentrou todo seu ser em agarrar a língua da Coisa… *e perdeu o apoio.*

4

Richie

Os outros quatro observaram paralisados. Era um replay exato do que tinha acontecido antes, ao menos no começo. A Aranha, que parecia prestes a pegar Bill e engolir, ficou imóvel de repente. Os olhos de Bill grudaram nos olhos de rubi da Coisa. Houve uma sensação de contato… um contato pouco além da habilidade deles de adivinhar. Mas eles sentiram luta, o embate de vontades.

Mas Richie olhou para a nova teia e viu a primeira diferença.

Havia corpos lá, alguns meio comidos e meio podres, e isso estava igual… mas, bem no alto, em um canto, havia outro corpo, e Richie teve certeza de que ainda estava fresco, talvez até ainda vivo. Beverly não tinha olhado, pois seus olhos estavam fixos em Bill e na Aranha, mas mesmo em meio ao pavor, Richie viu a semelhança entre Beverly e a mulher na teia. O cabelo dela era longo e ruivo. Os olhos estavam abertos, mas vidrados e imóveis. Uma linha de saliva estava escorrendo do canto da boca e pelo queixo dela. Ela estava presa a um dos cabos principais da teia por um cabo diáfano que circulava a cintura dela e passava por baixo dos dois braços, de forma que ela caía para a frente em uma semirreverência, com braços e pernas pendurados sem vida. Os pés dela estavam descalços.

Richie viu outro corpo caído no pé da teia dela, um homem que ele nunca tinha visto antes… mas sua mente registrou uma semelhança quase subconsciente com o falecido e nada saudoso Henry Bowers. Sangue havia escorrido pelos dois olhos do estranho e formado uma espuma ao redor da boca e do queixo dele. Ele…

Mas Beverly começou a gritar:

— *Tem alguma coisa errada! Alguma coisa deu errado, façam alguma coisa, pelo amor de Deus alguém FAÇA alguma coisa…*

O olhar de Richie voltou para Bill e a Aranha… e ele sentiu/ouviu uma gargalhada monstruosa. O rosto de Bill estava se esticando de uma forma sutil. Sua pele tinha ficado amarela da cor de pergaminho, tão brilhante quanto a pele de uma pessoa muito velha. Os olhos dele estavam revirados e mostrando a parte branca.

Ah, Bill, onde você está?

Enquanto Richie olhava, sangue começou a jorrar do nariz de Bill em uma espuma. Sua boca estava se contorcendo, tentando gritar… e agora, a Aranha estava avançando para cima dele de novo. Ela estava virando, exibindo o ferrão.

Ela quer matar ele… matar o corpo, pelo menos… enquanto a mente está em outro lugar. A Coisa quer calar ele pra sempre. Ela está vencendo… Bill, onde você está? Pelo amor de Deus, onde você está?

E em algum lugar, baixinho, de uma distância inimaginável, ele ouviu Bill gritar… e as palavras, apesar de sem sentido, eram claras como cristal e cheias de desespero

(a Tartaruga está morta ah Deus a Tartaruga está mesmo morta)

doentio.

Bev gritou de novo e colocou as mãos nos ouvidos como se para afastar aquela voz. O ferrão da Aranha subiu; Richie partiu para cima dela, com um sorriso se abrindo até as orelhas, e gritou na melhor Voz de Policial Irlandês:

— *Aqui, aqui, bela garota! Que diabos você pensa que está fazendo? Pare de brincadeira antes que eu arranque sua saia e belisque seu traseiro!*

A Aranha parou de rir, e Richie sentiu um uivo crescente de raiva e dor dentro da cabeça da Coisa. *Machuquei ela!*, pensou ele com triunfo. *Machuquei ela, que tal isso, machuquei*

ela, e quer saber? ESTOU COM A LÍNGUA DELA! ACHO QUE BILL DEIXOU ESCAPAR, MAS ENQUANTO ELA ESTAVA DISTRAÍDA EU PEGUEI…

E então, gritando com ele, com gritos como uma colmeia de abelhas furiosas dentro da cabeça, Richie foi arrancado do corpo e jogado na escuridão, levemente ciente de que a Coisa estava tentando sacudi-lo para soltá-lo. Ela estava fazendo um ótimo trabalho. O pavor tomou conta dele, mas logo foi substituído por um senso de absurdo. Ele se lembrou de Beverly com o ioiô Duncan, mostrando a ele como fazê-lo dormir, como fazer cachorrinho, dar a volta ao mundo. E aqui estava ele, Richie, o Ioiô Humano, e a língua da Coisa era o barbante. Aqui estava ele, e isso não se chamava passear com o cachorrinho, mas talvez passear com a Aranha, e se isso não tinha graça, o que tinha?

Richie gargalhou. Não era educado gargalhar de boca cheia, claro, mas ele duvidava que alguém aqui lesse manuais de boas maneiras.

Aquilo o fez rir de novo, e ele mordeu com mais força.

A Aranha gritou e o sacudiu furiosamente, uivando com a raiva por ter sido surpreendida de novo. Ela acreditava que só o escritor poderia desafiá-la, e agora esse homem que estava rindo como um garoto maluco tinha agarrado a Coisa quando ela estava menos preparada.

Richie se sentiu escorregando.

— *espera um segundito, señorita, nós está indo lá fora juntos senão não vou venderr bilhetes de la loteria, afinal, e todos são vencedores, juro pelo nome de mi madre*

Ele sentiu os dentes apertarem de novo, com mais firmeza desta vez. E houve uma espécie suave de dor quando a Coisa enfiou as presas na língua dele. Cara, ainda era bem engraçado. Mesmo no escuro, ser jogado atrás de Bill com apenas a língua desse monstro indescritível para ligá-lo ao seu próprio mundo, mesmo com a dor das presas venenosas da Coisa sufocando sua mente como uma névoa vermelha, era bastante engraçado. *Olha só, pessoal. Vocês vão acreditar que um disc-jóquei pode voar.*

Ele estava mesmo voando.

Richie estava numa escuridão maior do que já tinha conhecido, do que desconfiava que poderia existir, viajando no que parecia a velocidade da luz e sendo sacudido como um terrier sacode um rato. Ele sentiu que havia alguma coisa à frente, um cadáver titânico. A Tartaruga sobre a qual ele ouviu Bill lamentando com a voz distante? Devia ser. Era só uma casca, um casco vazio. Logo ele passou por ela, disparado na escuridão.

Estou fumegando agora, pensou ele, e sentiu aquela vontade selvagem de gargalhar de novo *bill! bill, você consegue me ouvir?*

— ele foi embora, está nos postigos, me solta! ME SOLTA!

(richie?)

Incrivelmente distante; incrivelmente longe na escuridão. *bill! bill! aqui estou eu! se segura! pelo amor de Deus, se segura*

— ele está morto, vocês estão todos mortos, estão velhos demais, você não entende isso? agora me SOLTA!

ei, vadia, nunca é tarde demais para o rock-and-roll

— ME SOLTA!

me leva até ele e talvez eu solte

Richie

Mais perto, ele estava mais perto agora, graças a Deus…

Aqui vou eu, Big Bill! Richie ao resgate! Vou salvar sua bunda velha! Te devo uma daquele dia na rua Neibolt, lembra?

— me SOLTAAAA!

Estava doendo muito agora, e Richie entendeu o quanto ele a tinha pegado de surpresa; a Coisa acreditou que só precisava cuidar de Bill. Que ótimo. Ótimo mesmo. Richie não se importava de não matar a Coisa agora; ele não sabia mais se ela poderia ser morta. Mas *Bill* poderia ser morto, e Richie sentiu que o tempo de Bill agora estava muito, muito curto. Bill estava chegando perto de uma surpresa horrível e enorme lá fora, alguma coisa na qual era melhor não pensar.

Richie, não! Volta! É o limite de tudo aqui em cima! Os postigos!

parece o que o senhorr liga quando está dirigindo o rabecão à meia-noite, senhorr… e onde está você, queridão? Sorria pra eu poderr verr onde você está!

E de repente Bill estava ali, deslizando para

(a direita? a esquerda? não havia direção aqui)

um lado ou outro. E atrás dele, vindo rápido, Richie conseguia sentir alguma coisa que finalmente fez sua gargalhada sumir. Era uma barreira, alguma coisa de uma forma estranha e não geométrica que sua mente não conseguia compreender. Sua mente traduziu da melhor maneira que conseguiu, assim como tinha traduzido a forma da Coisa como a Aranha, permitindo que Richie pensasse nela como um muro colossal cinza feito de estacas de madeira fossilizadas. Essas estacas seguiam eternamente para cima e eternamente para baixo, como as barras de uma jaula. E entre elas brilhava uma grande luz intensa. Ela brilhava e se movia, sorria e rosnava. A luz estava viva.

(*postigos*)

Mais do que viva: estava cheia de uma força; magnetismo, gravidade, talvez alguma outra coisa. Richie sentiu-se erguido e largado, virado e puxado, como se estivesse descendo por uma corredeira em um pneu. Ele conseguia sentir a luz movendo-se ansiosamente por seu rosto… e a luz estava *pensando*.

Esta é a Coisa, esta é a Coisa, o resto da Coisa.

— me solta, você prometeu me SOLTAR

Eu sei, mas às vezes, queridinha, eu minto. Mamãe me batia por isso, mas meu pai praticamente desistiu

Ele sentiu Bill despencando e girando na direção de uma das rachaduras no muro, sentiu dedos cruéis de luz se esticando na direção dele, e com um esforço desesperado final, ele esticou a mão para o amigo.

Bill! Sua mão! Me dá sua mão! SUA MÃO, PORCARIA! SUA MÃO!

Bill esticou a mão, com os dedos abrindo e fechando, aquele fogo vivo rastejando e contorcendo pela aliança de Audra em padrões rúnicos e mouros: rodas, estrelas, suásticas, círculos unidos que cresciam e viravam correntes rolantes. O rosto de Bill estava manchado com a mesma luz, que o fazia parecer tatuado. Richie se esticou o máximo que conseguiu enquanto ouvia a Coisa gritar e reclamar.

(eu perdi ele, ah bom Deus eu perdi ele vai passar)

E então, os dedos de Bill se fecharam sobre os de Richie, e Richie fechou a mão bem apertada. As pernas de Bill voaram por uma das aberturas na madeira congelada e, por um momento louco, Richie percebeu que conseguia ver todos os ossos e veias e capilares dentro dele, como se Bill tivesse passado parcialmente pela bocarra da mais forte máquina de raios X do mundo. Richie sentiu os músculos de seu braço se esticarem como caramelo, sentiu a junta do ombro estalar e gemer em protesto enquanto a energia da pressão crescia.

Ele reuniu toda sua força e gritou:

— *Nos puxa de volta! Nos puxa de volta, senão te mato! Eu… vou usar a Voz até te matar!*

A Aranha gritou de novo, e Richie de repente sentiu um puxão enorme passar por seu corpo. Seu braço era uma haste quente de dor. Ele estava começando a perder o apoio na mão de Bill.

— *Se segura, Big Bill!*

— *Estou segurando! Richie, estou segurando!*

É melhor estar mesmo, pensou Richie de forma sombria, *porque acho que você poderia andar dez bilhões de quilômetros aqui e nunca encontrar uma porra de banheiro pago.*

Eles começaram a voltar, aquela luz louca diminuindo, se tornando uma série de pontos brilhantes que finalmente se apagaram. Eles mergulharam pela escuridão como torpedos, Richie segurando a língua da Coisa com os dentes e o pulso de Bill com a mão dolorida. Ali estava a Tartaruga; apareceu e sumiu em uma única piscadela.

Richie sentiu-os chegando perto do que se passava pelo mundo real (embora ele acreditasse que nunca pensaria nele exatamente como "real" de novo; ele o veria como uma tela com vários cabos de suporte entrelaçados… cabos como as tiras da teia). *Mas vamos ficar bem*, pensou ele. *Vamos voltar. Nós…*

A turbulência começou nessa hora: os golpes, choques e sacudidas enquanto a Coisa tentava por uma última vez soltar-se deles e deixá-los lá fora. E Richie sentiu-se escorregar. Ele ouviu o rugido gutural de triunfo da Coisa e concentrou todo o seu ser em segurar… mas continuou a escorregar. Ele mordeu freneticamente, mas a língua da Coisa parecia estar perdendo substância e realidade; parecia estar se tornando diáfana.

— *Socorro!* — gritou Richie. — *Estou perdendo! Socorro! Alguém nos ajude!*

Eddie estava parcialmente ciente do que acontecia; ele sentia de alguma forma, via de alguma forma, mas como se por uma cortina fina. Em algum lugar, Bill e Richie estavam lutando para voltar. Os corpos deles estavam aqui, mas o resto deles, a parte real, estava distante.

Ele tinha visto a Aranha se virar para empalar Bill com o ferrão, mas então Richie saiu correndo, gritando com a Coisa com aquela voz ridícula de Policial Irlandês que ele usava antigamente… só que Richie deve ter melhorado muito sua habilidade ao longo dos anos, porque a voz soava assustadoramente como a do sr. Nell de antigamente.

A Aranha se virou para Richie, e Eddie viu os indescritíveis olhos vermelhos saltarem nas órbitas. Richie gritou de novo, desta vez na voz de Pancho Vanilla, e Eddie sentiu a Aranha gritar de dor. Ben gritou com voz rouca quando uma rachadura apareceu na pele da Coisa, seguindo a linha de uma das cicatrizes da outra vez. Um fluxo de icor, preto como petróleo bruto, jorrou para fora. Richie tinha começado a dizer outra coisa… e sua voz começou a diminuir, como o final de uma música pop. A cabeça dele rolou para trás e seus olhos se fixaram nos da Coisa. A Aranha ficou quieta de novo.

O tempo passou, Eddie não fazia ideia do quanto. Richie e a Aranha olharam um para o outro; Eddie sentiu a ligação entre eles, sentiu uma conversa e uma onda de emoções em algum lugar distante. Ele não conseguia distinguir nada exatamente, mas sentia os tons das coisas em cores e tons.

Bill estava caído no chão, com nariz e orelhas sangrando, os dedos tremendo de leve, o rosto longo pálido, os olhos fechados.

A Aranha agora estava sangrando em quatro ou cinco partes, muito ferida novamente, mas ainda perigosamente vital, e Eddie pensou: Por que estamos só aqui de pé? A gente poderia *machucar a Coisa enquanto ela está ocupada com Richie! Por que ninguém se move, pelo amor de Deus?*

Ele sentiu um triunfo selvagem, e esse sentimento foi mais claro, mais intenso. Mais próximo. Eles estão voltando!, ele queria gritar, mas sua boca estava seca demais, sua garganta estava apertada demais. Eles estão voltando!

A cabeça de Richie começou a se virar lentamente de um lado para o outro. Seu corpo

pareceu *ondular* dentro das roupas. Seus óculos ficaram pendurados na ponta do nariz por um momento… e caíram e se espatifaram no piso de pedra.

A Aranha se mexeu, com as pernas compridas fazendo um estalo seco no chão. Eddie ouviu-a gritar em triunfo terrível e, um momento depois, a voz de Richie surgiu claramente em sua cabeça:

(socorro! estou perdendo! alguém me ajude!)

Eddie correu para a frente nessa hora, arrancando a bombinha do bolso com a mão boa, com os lábios repuxados em uma careta, a respiração assobiando dolorosamente pela garganta que agora parecia ter o tamanho de um alfinete. Loucamente, o rosto de sua mãe dançava na frente dele, e ela estava gritando: *Não chegue perto daquela Coisa, Eddie! Não chegue perto dela! Coisas assim dão câncer!*

— *Cala a boca, mãe!* — gritou Eddie com voz alta e aguda, toda a voz que ainda tinha. A cabeça da Aranha se virou na direção do som e seus olhos deixaram o de Richie momentaneamente.

— *Aqui!* — gritou Eddie com voz cada vez mais baixa. — *Aqui, toma um pouco disso!*

Ele pulou na Coisa e disparou a bombinha ao mesmo tempo, e por um instante toda a sua crença da infância no remédio voltou a ele, o remédio da infância que era capaz de resolver qualquer coisa, que podia fazê-lo se sentir melhor quando os garotos grandes eram maus com ele ou quando ele era derrubado na pressa de passar pela porta quando acabava a aula ou quando tinha que se sentar na beirada do terreno baldio dos irmãos Tracker porque a mãe não deixava que ele jogasse beisebol. Era um remédio bom, um remédio *forte*, e quando ele pulou na cara da Aranha e sentiu o fedor amarelo horrendo, sentindo-se sobrecarregado pela fúria e determinação dela de acabar com eles, ele disparou a bombinha em um dos olhos de rubi.

Ele sentiu-ouviu o grito da Coisa, sem fúria desta vez, só dor, uma agonia horrível em forma de som. Viu a névoa de gotículas cair naquela protuberância vermelho-sangue, viu as gotículas ficarem brancas onde caíram, viu-as afundar como um esguicho de ácido carbólico afundaria; ele viu o enorme olho da Coisa começar a ficar achatado como uma gema de ovo sangrenta e escorrer em um fluxo de sangue vivo e icor e pus cheio de larvas.

— *Vem pra casa agora, Bill!* — gritou ele com o resto de voz que tinha, e bateu na Coisa, sentiu o calor dela cozinhando-o; sentiu um calor terrível e molhado e percebeu que seu braço bom tinha escorregado para a boca da Aranha.

Ele disparou a bombinha de novo e desta vez jogou o composto direto na garganta dela, direto para o esôfago podre, mau e fedido, e houve uma dor repentina e intensa, clara como a queda de uma faca pesada, quando o maxilar dela se fechou e arrancou o braço dele na altura do ombro.

Eddie caiu no chão, com o cotoco irregular do braço jorrando sangue, levemente ciente de que Bill estava ficando de pé lentamente, que Richie estava cambaleando na direção dele como um bêbado no fim de uma noite longa e difícil.

— … eds…

Distante. Não importante. Ele conseguia sentir tudo escorrendo dele junto como sangue vital… toda a ira, toda a dor, todo o medo, toda a confusão e sofrimento. Ele achava que estava morrendo, mas se sentia… ah, Deus, se sentia tão *lúcido*, tão *claro*, como uma vidraça que foi lavada e agora solta uma luz gloriosa e apavorante de um amanhecer inesperado; a *luz*, ah Deus, aquela luz perfeitamente racional que clareia o horizonte em algum lugar no mundo a cada segundo.

— … eds ah meu deus bill ben alguém ele perdeu o braço o…

Ele olhou para Beverly e viu que ela estava chorando. Lágrimas escorriam pelas bochechas sujas quando ela passou um braço por baixo dele. Ele percebeu que ela tinha tirado a blusa e estava tentando estancar o fluxo de sangue, e que estava gritando por socorro. Então, ele olhou para Richie e lambeu os lábios. Ficando distante, ficando muito distante. Tornando-se cada vez mais claro, vazio, com todas as impurezas fluindo para fora dele para ele ficar limpo, para que a luz pudesse fluir através dele, e se ele tivesse tido tempo, poderia ter feito uma pregação sobre isso, poderia ter feito um sermão: *Nada mau*, começaria ele. *Isso não é nada mau.* Mas havia outra coisa a ser dita primeiro.

— Richie — sussurrou ele.

— O quê? — Richie estava de quatro, olhando desesperado para ele.

— Não me chama de Eds — disse ele, e sorriu. Ele levantou a mão esquerda lentamente e tocou na bochecha de Richie. Richie estava chorando. — Você sabe que eu… eu… — Eddie fechou os olhos pensando em como terminar e, enquanto ainda estava pensando, ele morreu.

6

Derry — 7h/9h

Às 7h, a velocidade do vento em Derry tinha aumentado para 60 quilômetros por hora, com rajadas de até 72. Harry Brooks, um meteorologista do Serviço de Meteorologia Nacional com base no Aeroporto Internacional de Bangor fez uma ligação alarmada para o quartel-general de Augusta. Ele disse que os ventos estavam vindo do oeste e soprando em um estranho padrão semicircular que ele nunca tinha visto antes… mas parecia cada vez mais a ele uma

espécie esquisita de minifuracão, limitado quase que exclusivamente ao município de Derry. Às 7h10, as maiores estações de rádio de Bangor transmitiram o primeiro aviso de clima perigoso. A explosão do transformador nos Irmãos Tracker acabou com a energia em toda Derry do lado da rua Kansas do Barrens. Às 7h17, um bordo antigo no lado do Barrens de Old Cape caiu com um estrondo terrível, esmagando uma loja Nite-Owl na esquina da rua Merit e da avenida Cape. Um cliente idoso chamado Raymond Fogarty foi morto por uma geladeira de cervejas que virou. Era o mesmo Raymond Fogarty que, quando pastor da Primeira Igreja Metodista de Derry, proferiu os ritos no enterro de George Denbrough em outubro de 1957. O bordo também derrubou fios suficientes para acabar com a energia tanto em Old Cape quanto no conjunto mais moderno de Sherburn Woods que ficava atrás. O relógio na torre da Igreja Batista da Graça não tocou nem às seis, nem às sete horas. Às 7h20, três minutos depois que o bordo caiu em Old Cape e cerca de uma hora e 15 minutos depois que todas as privadas e ralos domésticos de lá entraram em reversão, o relógio da torre tocou 13 vezes. Um minuto depois, um relâmpago azul-esbranquiçado atingiu a torre. Heather Libby, a

esposa do pastor, por acaso estava olhando pela janela da cozinha da residência paroquial na hora e disse que a torre "explodiu como se alguém a tivesse enchido de dinamite". Tábuas pintadas de branco, pedaços de vigas e de mecanismo de relógio da Suíça voaram na rua. Os restos da torre pegaram fogo brevemente e se apagaram na chuva, que agora era uma tempestade tropical. As ruas que levavam para baixo, para a área comercial no centro, espumavam e levavam água. O progresso do canal debaixo da rua Main se tornou um trovão trêmulo constante que fazia as pessoas se entreolharem com desconforto. Às 7h25, com o estrondo titânico da torre da Igreja Batista ainda reverberando por toda Derry, o zelador que ia ao Wally's Spa todas as manhãs exceto aos domingos para limpar o local, viu uma coisa que o fez sair correndo pela rua. Esse cara, que era alcoólatra desde o primeiro semestre na Universidade do Maine 11 anos antes, recebia uma miséria pelo serviço; ficava entendido que seu verdadeiro pagamento era sua absoluta liberdade para acabar com qualquer coisa que sobrasse nos barris de cerveja debaixo do bar da noite anterior. Richie Tozier talvez se lembrasse dele, talvez não; ele era Vincent Caruso Taliendo, melhor conhecido pelos

colegas do quinto ano na época como “Meleca” Taliendo. Enquanto limpava o chão naquela apocalíptica manhã em Derry, seguindo gradualmente cada vez mais para perto da área de servir, ele viu as sete torneiras de cerveja, três de Bud, duas de Narragansett, uma Schlitz (mais conhecida pelos clientes como Chilique), e uma de Miller Lite, se abaixarem para a frente, como se puxadas por sete mãos invisíveis. Cerveja escorreu delas em fluxos de espuma branca e dourada. Vince começou a andar, pensando não em fantasmas ou espíritos, mas no bônus matinal descendo pelo ralo. Mas parou de repente, com os olhos se arregalando e um grito horrorizado subindo pela caverna vazia com cheiro de cerveja que era o Wally’s Spa. A cerveja tinha cedido espaço a fluxos arteriais de sangue. Ele girou nos ralos cromados, transbordou e começou a escorrer pela lateral do bar em filetes. Agora, cabelo e pedaços de carne começaram a sair das torneiras de cerveja. “Meleca” Taliendo olhou para isso hipnotizado, sem nem conseguir reunir forças para gritar de novo. Houve um estrondo surdo quando um dos barris debaixo da bancada explodiu. Todas as portas de armário debaixo do bar se abriram. Uma fumaça esverdeada, como a sequência de um

truque de mágico, começou a sair deles. “Meleca” tinha visto o bastante. Ele saiu correndo e gritando pela rua, que agora era um canal raso. Depois de cair de traseiro no chão, ele se levantou e lançou um olhar apavorado por cima do ombro. Uma das janelas do bar explodiu com um som alto de galeria de tiro. Pedaços de vidro quebrado voaram ao redor da cabeça de Vince. Um momento depois, a outra janela explodiu. Mais uma vez, ele ficou milagrosamente intocado… mas decidiu de ímpeto que tinha chegado a hora de ir visitar a irmã em Eastport. Ele saiu correndo imediatamente, e seu trajeto até os limites municipais de Derry e além se tornaria uma saga por si só… mas basta dizer que em algum momento ele saiu da cidade. Outros não tiveram tanta sorte. Aloysius Nell, que tinha feito 77 anos não muito tempo antes, estava sentado com a esposa na sala de casa na rua Strapham, vendo a tempestade cair em Derry. Às 7h32, ele sofreu um derrame fatal. Sua mulher contou ao irmão uma semana depois que Aloysius largou a xícara de café no tapete, se sentou ereto com olhos arregalados e vidrados, e gritou: “Aqui, aqui, bela garota! Que diabos você pensa que está fazendo? Pare de brincadeira antes que eu arranque sua saiiiii…” Em seguida, caiu da cadeira e esmagou a

xícara de café. Maureen Nell, que sabia bem o quanto o coração dele andava ruim nos últimos três anos, entendeu imediatamente que era o fim para ele e, depois de afrouxar o colarinho, correu para o telefone para ligar para o padre McDowell. Mas o telefone não estava funcionando. Um barulho estranho como uma sirene de polícia era tudo que ele fazia. E assim, embora soubesse que provavelmente era blasfêmia pela qual teria que responder em frente a São Pedro, ela tentou dar a extrema-unção ela mesma. Ela sentiu confiança, contou ela ao irmão, que Deus entenderia, mesmo se São Pedro não entendesse. Aloysius foi um bom marido e um bom homem e, se bebia demais, era só o irlandês nele aflorando. Às 7h49, uma série de explosões sacudiu o Derry Mall, que ficava no local da extinta Siderúrgica Kitchener. Ninguém morreu; o shopping só abria às 10h, e o grupo de zeladores de cinco homens só estava marcado para chegar às 8h (e em uma manhã assim, bem poucos apareceriam). Um grupo de investigadores mais tarde descartou a ideia de sabotagem. Eles sugeriram um tanto vagamente que as explosões provavelmente foram causadas pela água que entrou no sistema elétrico do shopping. Fosse qual fosse o motivo, ninguém faria compras no Derry

Mall por um bom tempo. Uma das explosões destruiu completamente a Joalheria Zale. Anéis de diamantes, pulseiras, colares de pérolas, bandejas de alianças de casamento e relógios digitais Seiko voaram para todos os lados em uma chuva de bugigangas brilhosas e cintilantes. Uma caixa de música voou pelo comprimento do corredor leste e caiu no chafariz em frente à J. C. Penney's, onde tocou brevemente uma versão borbulhenta do tema de Love Story antes de parar de funcionar. A mesma explosão abriu um buraco na Baskin-Robbins ao lado, transformando os 31 sabores em sopa de sorvete que escorreu pelos corredores em riachos. A explosão que destruiu a Sears levantou um pedaço do teto, e o vento crescente o fez voar como uma pipa; ele caiu a mil metros de distância, partindo o silo de um fazendeiro chamado Brent Kilgallon. O filho de 16 anos de Kilgallon saiu correndo com a Kodak da mãe e tirou uma foto. A National Enquirer comprou a foto por sessenta dólares, que o garoto usou para comprar dois pneus novos para a motocicleta Yamaha. Uma terceira explosão destruiu a Hit or Miss, enviando saias, calças jeans e lingerie flamejante para o estacionamento alagado. E uma explosão final acabou com a filial do shopping do Derry Farmer's

Trust como uma caixa podre de biscoitos. Um pedaço do telhado do banco também foi arrancado. Alarmes dispararam em uma gritaria que só foi silenciada quando a fiação independente do sistema de segurança entrou em curto quatro horas depois. Contratos de aluguel, instrumentos bancários, comprovantes de depósito, folhas de compensação dos caixas e formulários Money-Manager foram soprados no céu e espalhados pelo vento forte. E dinheiro: notas de dez e vinte em geral, com uma quantidade generosa de notas de cinco e algumas de cinquenta e cem. Mais de 75 mil dólares saíram voando, de acordo com os funcionários do banco... Mais tarde, depois de uma reformulação radical na estrutura executiva do banco (e uma ajuda do FSLIC), alguns admitiram, de forma estritamente confidencial, é claro, que foram mais de 200 mil. Uma mulher em Haven Village chamada Rebecca Paulson achou uma nota de cinquenta dólares grudada no capacho da porta dos fundos, duas de vinte no viveiro de pássaros e uma de cem grudada no carvalho do quintal. Ela e o marido usaram o dinheiro para fazer dois pagamentos adicionais pelo Bombardier Skidoo. O dr. Hale, um médico aposentado que morava na West Broadway havia quase cinquenta anos,

morreu às 8h. O doutor gostava de se gabar de fazer a mesma caminhada de 3 quilômetros a partir da casa na West Broadway e ao redor do parque Derry e da escola Elementary nos últimos 25 desses cinquenta anos. Nada o impedia: nem chuva, nem granizo, nem chuva e granizo, nem ventos uivantes, nem frios negativos. Ele saiu na manhã do dia 31 de maio apesar das preocupações da faxineira. Sua fala final no mundo, dita por cima do ombro quando ele saiu pela porta da frente, puxando o chapéu com firmeza sobre as orelhas, foi: "Não seja tão tola, Hilda. Isso não passa de um pouco de chuva. Você devia ter visto em 1957! Aquilo foi tempestade!" Quando o dr. Hale se virou para a West Broadway, uma tampa de bueiro em frente à casa dos Mueller de repente subiu como a ogiva de um foguete Redstone. Ela decapitou o bom doutor tão rápido e de forma tão perfeita que ele andou mais três passos antes de despencar morto na calçada.

E o vento continuou a aumentar.

Debaixo da cidade — 16h15

Eddie os guiou pelos túneis escuros durante uma hora, talvez uma hora e meia, até admitir, em um tom que era mais perplexo do que assustado, que, pela primeira vez na vida, estava perdido.

Eles ainda conseguiam ouvir o som de trovão da água nos bueiros, mas a acústica de todos esses túneis era tão louca que era impossível dizer se os sons de água vinham da frente ou de trás, da esquerda ou da direita, de cima ou de baixo. Os fósforos tinham acabado. Eles estavam perdidos no escuro.

Bill estava com medo… com muito medo. A conversa que ele teve com o pai na oficina ficava voltando. *Há mais de 4 quilos de plantas que simplesmente desapareceram ao longo do tempo... O que quero dizer é que ninguém sabe onde esses malditos esgotos e escoadouros vão dar, nem por quê. Quando eles estão funcionando, ninguém liga. Quando não estão, tem três ou quatro infelizes do Departamento de Águas de Derry que têm que tentar descobrir que bomba quebrou ou onde fica o entupimento… É escuro e fedido, e tem ratos. Esses são bons motivos para não entrar, mas o melhor é que dá pra se perder. Já aconteceu.*

Já aconteceu. Já aconteceu. Aconteceu…

Claro que sim. Havia aquela pilha de ossos e o algodão polido pelos quais eles passaram no caminho do lar da Coisa, por exemplo.

Bill sentiu o pânico tentar subir e empurrou para longe. Ele foi, mas não com facilidade. Bill conseguia senti-lo lá atrás, uma coisa viva, lutando e se contorcendo, tentando sair. O acréscimo a isso era a pergunta irritante e irrespondível de se eles tinham matado a Coisa ou não. Richie dizia que sim, Mike dizia que sim, e Eddie também. Mas ele não gostou da expressão assustada de dúvida nos rostos de Bev e Stan quando a luz morreu e eles passaram pela porta pequena, para longe da teia desmoronando.

— O que fazemos agora? — perguntou Stan. Bill ouviu o tremor assustado de garotinho na voz de Stan e soube que a pergunta foi direcionada a ele.

— É — disse Ben. — O quê? Droga, eu queria que a gente tivesse uma lanterna… até uma ve… vela.

Bill pensou ter ouvido um soluço sufocado na segunda pausa. Isso o assustou mais do que qualquer outra coisa. Ben ficaria atônito de saber, mas Bill achava o garoto gordo durão e astucioso, mais firme do que Richie e menos suscetível a desmoronar repentinamente do que Stan. Se Ben estava prestes a desabar, eles estavam à beira de um problema muito ruim. Não era para o esqueleto do cara do Departamento de Águas que a mente de Bill ficava voltando,

mas para Tom Sawyer e Becky Thatcher, perdidos na caverna McDougal. Ele afastava o pensamento, que voltava sorrateiro.

Outra coisa o estava incomodando, mas o conceito era grande demais e vago demais para sua mente cansada de garoto compreender. Talvez fosse a mera simplicidade da ideia que a tornava elusiva: eles estavam se afastando uns dos outros. O laço que os uniu durante todo o verão estava se dissolvendo. A Coisa foi enfrentada e destruída. Poderia estar morta, como Richie e Eddie pensavam, ou poderia estar tão ferida que dormiria por cem anos, ou mil, ou 10 mil. Eles encararam a Coisa, viram a Coisa com a máscara final deixada de lado, e a Coisa era bem horrível, sem dúvida!, mas, depois de vista, sua forma física não era tão ruim e a arma mais potente foi tirada dela. Afinal, eles já tinham todos visto aranhas antes. Eram estranhas, apavorantes e rastejantes, e ele achava que nenhum deles conseguiria ver outra

(se sairmos disso)

sem sentir um tremor de repulsa. Mas uma aranha era, afinal, só uma aranha. Talvez no final, quando as máscaras de horror fossem deixadas de lado, não houvesse nada com que a mente humana não pudesse lidar. Era um pensamento encorajador. Qualquer coisa menos

(os postigos)

o que havia lá fora, mas talvez mesmo aquela luz viva indescritível que se agachava na entrada do macroverso estivesse morta ou morrendo. Os postigos e a viagem para o negro, para o lugar onde eles estavam, já estava ficando enevoada e difícil de lembrar em sua mente. E essa não era bem a questão. A questão, sentida, mas não identificada, era apenas que o grupo estava terminando… estava terminando, e eles ainda se encontravam na escuridão. Aquele Outro, por meio da amizade deles, conseguiu talvez fazê-los alguma coisa mais do que crianças. Mas eles estavam virando crianças de novo. Bill sentia tanto quanto os outros.

— E agora, Bill? — perguntou Richie, finalmente dizendo em voz alta.

— Eu n-n-não s-s-sei — disse Bill. A gagueira estava de volta, viva e bem. Ele a ouviu, todos a ouviram, e ele ficou de pé na escuridão, sentindo o aroma úmido do pânico crescente, perguntando-se quanto tempo demoraria até que alguém, provavelmente Stan, deixasse as coisas às claras dizendo: *Bem, por que você não sabe? Você nos meteu nisso!*

— E quanto a Henry? — perguntou Mike com desconforto. — Ele ainda está por aí ou o quê?

— Ah, caramba — disse Eddie… quase gemeu. — Eu me esqueci *dele.* Claro que está, *claro* que está, deve estar tão perdido quanto a gente, e a gente pode dar de cara com ele a qualquer hora… Caramba, Bill, você não tem ideia nenhuma? Seu pai trabalha aqui embaixo! Você não tem ideia *nenhuma*?

Bill ouviu o distante trovão debochado da água e tentou ter a ideia que Eddie e todos eles tinham o direito de exigir. Porque sim, correto, ele os tinha colocado nisso e era responsabilidade dele tirá-los de lá. Nada veio. Nada.

— Eu tenho uma ideia — disse Beverly baixinho.

No escuro, Bill ouviu um som que não conseguiu localizar imediatamente. Um som baixo e

sussurrado, mas não assustador. Em seguida, houve um som mais fácil de identificar… um zíper. *O que…?*, pensou ele, e então entendeu o quê. Ela estava se despindo. Por algum motivo, Beverly estava se despindo.

— O que você está *fazendo?* — perguntou Richie, e a voz chocada falhou na última palavra.

— Eu sei de uma coisa — disse Beverly no escuro, e para Bill a voz dela pareceu mais velha. — Sei porque meu pai me contou. Sei como nos unir de novo. E, se não estivermos unidos, não vamos sair nunca.

— O quê? — perguntou Ben, parecendo confuso e apavorado. — De que você está falando?

— Uma coisa que vai nos unir pra sempre. Uma coisa que vai mostrar…

— N-N-Não, B-B-Beverly! — disse Bill, compreendendo de repente, entendendo tudo.

— … que vai mostrar que amo vocês todos — disse Beverly —, que vocês são todos meus amigos.

— De que ela est… — começou Mike.

Calmamente, Beverly cortou as palavras dele.

— Quem é o primeiro? — perguntou ela. — Eu acho que

8

No lar da Coisa — 1985

ele está morrendo — chorou Beverly. — O braço dele, a Coisa comeu o braço dele… — Ela esticou a mão para Bill, se agarrou a ele, e Bill a afastou.

— *Ela está fugindo de novo!* — rugiu ele para ela. Sangue seco cobria seus lábios e queixo. — *V-V-Vamos! Richie! B-B-Ben! Dessa v-vez a g-g-gente v-v-vai a-acabar com ela!*

Richie virou Bill para ele e olhou como se olha para um homem delirante.

— Bill, a gente precisa cuidar de Eddie. A gente precisa fazer um torniquete nele, tirar ele daqui.

Mas Beverly estava sentada agora com a cabeça de Eddie no colo, aninhando-a. Ela tinha fechado os olhos dele.

— Vão com Bill — disse ela. — Se vocês deixarem ele morrer por nada… se a Coisa voltar em 25 anos, ou cinquenta, ou mesmo duzentos, eu juro que vou… vou assombrar seus fantasmas. *Vão!*

Richie olhou para ela por um momento, indeciso. Mas então percebeu que o rosto dela estava perdendo definição, estava se tornando não um rosto, mas uma forma pálida nas sombras crescentes. A luz estava sumindo. Isso o fez decidir.

— Tudo bem — disse ele para Bill. — Desta vez, nós vamos atrás.

Ben estava atrás da teia, que tinha começado a desmoronar de novo. Ele também tinha visto a forma oscilando no alto e rezou para Bill não olhar para cima.

Mas quando a teia começou a cair em tiras, fios e pedaços, Bill olhou.

Ele viu Audra se balançando como se estivesse em um elevador muito velho e barulhento. Ela caiu 3 metros, parou, balançou de um lado para outro e caiu abruptamente mais 4,5 metros. Seu rosto não mudou. Os olhos azul-claros estavam bem arregalados. Os pés descalços se balançavam para a frente e para trás como pêndulos. O cabelo caía sem vida sobre os ombros. A boca estava entreaberta.

— *AUDRA!* — gritou ele.

— Bill, vamos! — gritou Ben.

A teia estava caindo ao redor deles agora, despencando no chão e começando a escorrer. Richie de repente segurou Bill pela cintura e empurrou, disparando para uma abertura de 3 metros de altura entre o chão e a parte de baixo da teia frouxa.

— Vai, Bill! Vai! Vai!

— *Aquela é Audra!* — gritou Bill com desespero. — *A-Aquela é AUDRA!*

— Estou cagando se é o Papa — disse Richie com voz séria. — Eddie está morto e vamos matar a Coisa se ela ainda estiver viva. Vamos terminar o serviço desta vez, Big Bill. Ou ela está viva, ou não está. Agora *vem!*

Bill ficou olhando mais um momento, mas imagens das crianças, todas as crianças mortas, pareceram flutuar por sua mente como fotos perdidas do álbum de fotos de George. AMIGOS DA ESCOLA.

— T-Tudo b-bem. V-V-Vamos. Que D-D-Deus me p-p-perdoe.

Ele e Richie correram debaixo das tiras de teia cruzada segundos antes de ela desabar e se juntaram a Ben do outro lado. Eles correram atrás da Coisa enquanto Audra se balançava e ficava pendurada 15 metros acima do piso de pedra, envolta em um casulo entorpecedor preso à teia que desmoronava.

9

Ben

Eles seguiram a trilha do sangue preto da Coisa, poças oleosas de icor que escorria e pingava pelas rachaduras entre as pedras. Mas quando o piso

começou a subir em direção a uma abertura negra semicircular na extremidade da câmara, Ben viu uma coisa nova: uma trilha de ovos. Cada um era preto e tinha casca áspera, talvez do tamanho de um ovo de avestruz. Uma luz fosca brilhava de dentro deles. Ben percebeu que eram semitransparentes; ele conseguia ver formas pretas se movendo dentro.

Os filhos dela, pensou ele, e sentiu a garganta apertar. *Os filhos abortados. Deus! Deus!*

Richie e Bill tinham parado e estavam olhando para os ovos com atordoamento imbecil e perplexo.

— Vão! Vão! — gritou Ben. — Eu cuido deles! Peguem a Coisa!

— Toma! — gritou Richie, e jogou para Ben uma caixa de fósforos do Derry Town House.

Ben pegou. Bill e Richie correram. Ben os observou na luz que diminuía rapidamente por um momento. Eles correram para a escuridão da passagem de fuga da Coisa e se perderam de vista. Em seguida, ele olhou para o primeiro dos ovos de casca fina, para a sombra preta em forma de louva-deus lá dentro, e sentiu sua determinação falhar. Isso… ei, pessoal, isso era demais. Era simplesmente horrível demais. E sem dúvida eles morreriam sem a ajuda dele; não foram postos e sim largados.

Mas a hora estava próxima… e se um deles for capaz de sobreviver… ao menos um…

Reunindo toda coragem, visualizando o rosto pálido e moribundo de Eddie, Ben baixou uma bota Desert Driver com força no primeiro ovo. Ele quebrou com um ruído molhado, e uma espécie de placenta fedida escorreu ao redor da bota. Em seguida, uma aranha do tamanho de um rato andou fracamente pelo chão, tentando se afastar, e Ben conseguia ouvi-la na cabeça, com os gritos choramingados como o som de um serrote sendo inclinado rapidamente para um lado e outro para fazer música de fantasma.

Ben correu atrás dela com pernas que pareciam de pau e baixou o pé de novo. Ele sentiu o corpo da aranha ser esmagado e se espalhar debaixo do salto da bota. Sua garganta se apertou de novo, e desta vez ele não conseguiu segurar. Ele vomitou, depois girou o calcanhar, esmagando a coisa nas pedras e ouvindo os gritos em sua cabeça sumirem até chegarem a nada.

Quantos? Quantos ovos? Eu não li em algum lugar que aranhas podem pôr milhares…

ou milhões? Não vou conseguir ficar fazendo isso, vou enlouquecer…

Você precisa. Precisa. Vamos lá, Ben… se recomponha!

Ele foi até o ovo seguinte e refez o processo nos últimos raios de luz. Tudo se repetiu: o estalo repentino, o derrame de líquido, o ato final. O seguinte. O seguinte. O seguinte. Seguindo lentamente para o arco negro no qual os amigos entraram. A escuridão era total agora, e Beverly e a teia em decomposição estavam em algum lugar para trás. Ele ainda conseguia ouvir o sussurro do desmoronamento. Os ovos eram pedras pálidas na escuridão. Quando chegava em cada um, ele acendia um fósforo da caixa e o quebrava. Em cada caso, ele conseguiu seguir o curso da aranha atordoada e esmagá-la antes de a luz se apagar. Ele não fazia ideia de como ia fazer se os fósforos acabassem antes de ele ter esmagado o último dos ovos e matado cada carga indescritível.

10

A Coisa — 1985

Ainda vindo.

Ela os sentia ainda vindo, se aproximando, e seu medo cresceu. Talvez a Coisa não fosse eterna, afinal; o impensável devia finalmente ser pensado. Pior, a Coisa sentia a morte dos pequenos. Um terceiro desses odiosos odiados homens-garotos estava caminhando pela trilha de nascimentos, quase louco de repulsa, mas continuando mesmo assim, pisando metodicamente para tirar a vida de cada um dos ovos.

Não!, gritou a Coisa, correndo de um lado para o outro, sentindo sua força de vida se esvaindo em mil ferimentos, nenhum deles mortal, mas cada um uma música de dor, cada um retardando a Coisa. Uma das pernas dela estava pendurada por um único fiapo vivo de carne. Um dos olhos estava cego. Ela sentia uma ruptura terrível dentro de si, o resultado do veneno que os odiados homens-garotos conseguiram disparar dentro da garganta dela.

E eles continuavam vindo, diminuindo a distância, e como isso podia acontecer? Ela gemia e choramingava, e quando sentiu-os quase diretamente atrás de si, fez a única coisa que podia fazer agora: a Coisa se virou para lutar.

11

Beverly

Antes de a última luz sumir e a escuridão total

tomar conta do local, ela viu a mulher de Bill despencar mais 6 metros e parar de novo. Ela tinha começado a girar e o cabelo estava espalhado. Mulher dele, pensou ela. Mas eu fui o primeiro amor, e se ele achava que alguma outra foi a primeira, foi só porque se esqueceu… se esqueceu de Derry.

Ela estava na escuridão, sozinha com o som da teia caindo e com o peso simples e imóvel de Eddie. Ela não queria soltá-lo, não queria deixar o rosto dele perto do chão imundo daquele lugar. Assim, segurou a cabeça dele na dobra de um braço que estava dormente e tirou o cabelo da testa úmida dele. Ela pensou nos pássaros… Era uma coisa que achava que tinha tirado de Stan. Pobre Stan, que não foi capaz de encarar isso.

De todos eles… eu fui o primeiro amor deles.

Ela tentou lembrar. Era uma coisa boa de se pensar em toda aquela escuridão, onde não dava para localizar os sons. Fazia com que ela se sentisse menos sozinha. A princípio, a lembrança não veio; a imagem dos pássaros interferiu. Eram corvos, gralhas e estorninhos, pássaros de primavera que voltavam de algum lugar quando as ruas ainda estavam tomadas de água de neve derretida e as últimas partes de neve dura e suja se agarravam a locais escondidos.

Pareceu a ela que era sempre em um dia nublado que você ouvia e via pela primeira vez os pássaros de primavera e se perguntava de onde eles vinham. De repente, eles simplesmente estavam de volta a Derry, enchendo o ar branco com sua gritaria. Eles ocupavam os fios telefônicos e telhados das casas vitorianas na West Broadway; brigavam por espaço nas varas de alumínio da antena de TV elaborada no alto do Wally's Spa; cobriam os galhos pretos e molhados dos olmos na rua Lower Main. Eles pousavam, falavam uns com os outros com as vozes gritadas e faladeiras de velhas mulheres de interior nos jogos semanais de bingo, e então, a algum sinal que os humanos não conseguiam discernir, todos levantavam voo na mesma hora, deixando o céu preto com a quantidade de aves… e desciam em algum outro lugar.

Sim, os pássaros, eu estava pensando neles porque sentia vergonha. Foi meu pai que me deixou com vergonha, eu acho e talvez tenha sido feito da Coisa também. Talvez.

A lembrança veio, a lembrança por trás dos pássaros, mas foi vaga e desconectada. Talvez

essa sempre fosse ficar assim. Ela tinha…

Os pensamentos foram interrompidos quando ela percebeu que Eddie

vem até ela primeiro porque é quem mais está com medo. Ele vem até ela não como o amigo daquele verão, nem como um breve amante agora, mas da forma que teria ido até a mãe apenas três ou quatro anos antes, para ser reconfortado; ele não recua da nudez macia, e a princípio ela duvida até que ele sinta. Ele está tremendo e, apesar de ela abraçá-lo, a escuridão é tão perfeita que nem de perto assim ela consegue vê-lo; exceto pelo gesso áspero, ele poderia ser um fantasma.

— O que você quer? — ele pergunta a ela.

— Você vai ter que colocar seu negócio em mim — diz ela.

Ele tenta recuar, mas ela o segura e ele cede. Ela ouviu alguém, Ben, ela acha, prender a respiração.

— Bevvie, não posso fazer isso. Não sei como...

— Acho que é fácil. Mas você vai ter que tirar a roupa. — Ela pensa nas dificuldades de lidar com um gesso e uma camisa, primeiro separando-os e depois juntando-os, e acrescenta: — A calça, pelo menos.

— Não, não consigo! — Mas ela acha que parte dele pode, e quer, porque o tremor parou e ela sente uma coisa pequena e dura no lado direito da barriga.

— Você consegue — diz ela, e o puxa para baixo. A superfície debaixo das costas e pernas dela é firme, similar à argila, seca. O trovão distante da água é soporífero, acalentador. Ela estica os braços para ele. Há um momento em que o rosto do pai dela interfere, implacável e ameaçador

(quero ver se você ainda está intacta)

mas ela passa os braços ao redor do pescoço de Eddie, com a bochecha macia encostada na bochecha macia dele, e quando ele toca com hesitação nos seios pequenos, ela suspira e pensa pela primeira vez Este é Eddie *e se lembra de um dia em julho (era possível que fosse apenas mês passado?) em que ninguém apareceu no Barrens, só Eddie, e ele estava com vários gibis da Luluzinha, e eles leram juntos durante quase toda a tarde, a Luluzinha procurando amoras silvestres e entrando em todo tipo de situação maluca com a bruxa Alceia e todo o pessoal. Foi divertido.*

Ela pensa nos pássaros; particularmente, nas gralhas, estorninhos e corvos que voltam na primavera, e suas mãos vão até o cinto dele e o soltam; ele diz de novo que não consegue fazer isso; ela diz que ele consegue, que sabe que ele consegue, e o que ela sente não é vergonha nem medo agora, mas uma espécie de triunfo.

— Onde? — diz ele, e aquela coisa dura aperta com urgência a parte interna da coxa dela.

— Aqui — diz ela.

— Bevvie, vou entrar em você! — diz ele, e ela ouve a respiração dele começar a assobiar de forma dolorosa.

— Acho que é mais ou menos essa a ideia — diz ela, e o segura com delicadeza e o guia. Ele empurra rápido demais, e ela sente dor.

Sssss! Ela inspira, os dentes mordem o lábio inferior, e ela pensa nos pássaros de novo, nos pássaros de primavera, enfileirados nos telhados das casas, levantando voo sob as nuvens de março.

— Beverly? — diz ele com insegurança. — Você está bem?

— Vai mais devagar — diz ela. — Vai ser mais fácil pra você respirar. — Ele se move mais lentamente, e depois de um tempo a respiração dele se acelera, mas ela entende que não é por ter alguma coisa errada com ele.

A dor some. De repente, ele se move mais rápido, depois para, se enrijece e faz um som, algum som. Ela sente que isso é importante para ele, uma coisa extraordinariamente especial, uma coisa como… como voar. Ela se sente poderosa; sente uma espécie de triunfo subir com força dentro dela. Era disso que o pai dela tinha medo? Bem, era para ter mesmo! Havia poder naquele ato, havia mesmo, um poder arrebatador que ia até o sangue. Ela não sente prazer físico, mas há uma espécie de êxtase mental. Ela sente a proximidade. Ele coloca o rosto no pescoço dela, e ela o abraça. Ele está chorando. Ela o abraça. E sente a parte dele que fez a ligação entre eles começar a murchar. Não está saindo dela exatamente; está apenas recuando, ficando menor.

Quando o peso dele se afasta, ela se senta e toca no rosto dele na escuridão.

— Você conseguiu?

— Consegui o quê?

— Seja lá o que for. Não sei, exatamente.

Ele balança a cabeça. Ela sente com a mão que está na bochecha dele.

— Acho que não foi exatamente como… você sabe, como os garotos grandes dizem. Mas foi… foi especial. — Ele fala baixo para que os outros não possam ouvir. — Eu te amo, Bevvie.

A consciência dela falha um pouco aqui. Ela tem certeza de que há mais conversa, em parte sussurrada, em parte em voz alta, mas não consegue se lembrar do que é dito. Não importa. Será que ela tem que convencer cada um deles, tudo de novo? Sim, provavelmente. Mas não importa. Eles precisam ser convencidos a essa ligação humana essencial entre o mundo e o infinito, o único lugar em que o fluxo sanguíneo toca a eternidade. Não importa. O que importa são o amor e o desejo. Aqui neste escuro é um lugar tão bom quanto qualquer outro. Melhor do que alguns, talvez.

Mike vai até ela, depois Richie, e o ato se repete. Agora ela sente algum prazer, um calor suave no órgão sexual imaturo e infantil, e fecha os olhos quando Stan vai até ela. Ela pensa nos pássaros, na primavera e nos pássaros, e os vê vezes seguidas, voando todos ao mesmo tempo, preenchendo as árvores sem folhas por causa do inverno, viajantes na onda da estação mais violenta da natureza, ela os vê levantando voo vezes seguidas, com o bater das asas como o estalo de muitos lençóis no varal, e pensa: Daqui a um mês, todos os garotos no Parque Derry estarão com uma pipa e vão correr para não emaranhar as linhas. *Ela pensa de novo:* Voar é assim.

Com Stan, assim como com os outros, há uma sensação lamentável de sumir, de ir embora, com o que quer que eles realmente precisem desse ato, perdido, ainda não encontrado.

— Você conseguiu? — pergunta ela de novo, e apesar de não saber exatamente o que quer saber, ela sabe que ele não conseguiu.

Há uma longa espera, e Ben vai até ela.

Ele está todo tremendo, mas não é o tremor de medo que ela sentiu em Stan.

— Beverly, eu não consigo — diz ele em um tom que finge lógica, mas não é.

— Consegue, sim. Estou sentindo.

Ela sente mesmo. Há mais nessa dureza, há mais dele. Ela consegue sentir embaixo da curva delicada da barriga dele. O tamanho desperta uma certa curiosidade, e ela toca de leve no volume. Ele geme contra o pescoço dela, e o sopro da respiração faz o corpo dela ficar todo arrepiado. Ela sente os primeiros fragmentos de calor verdadeiro percorrerem seu corpo; de repente, a sensação nela é muito grande. Ela reconhece que é grande demais

(e ele é grande demais, será que ela consegue recebê-lo dentro de si?)

e velho demais para ela, alguma coisa, algum sentimento que anda de botas. É como as M-80 de Henry, uma coisa que não foi feita para crianças, uma coisa que poderia explodir e partir você em pedacinhos. Mas aqui não era o lugar nem a hora para se preocupar; aqui havia amor, desejo e a escuridão. Se eles não fizessem pelas duas primeiras coisas, sem dúvida ficariam com a última.

— Beverly, não…

— Sim.

— Eu…

— Me mostra como voar — diz ela com uma calma que não sente, ciente pelo calor fresco e úmido na bochecha e pescoço que ele começou a chorar. — Me mostra, Ben.

— Não…

— Se você escreveu o poema, me mostra. Coloca a mão no meu cabelo se quiser, Ben. Está tudo bem.

— Beverly… eu… eu…

Ele não está apenas tremendo agora; está sacudindo por todo o corpo. Mas ela sente de novo que esses calafrios não são só medo; parte é o precursor do ápice do objetivo desse ato. Ela pensa no

(pássaro)

rosto dele, no rosto doce, sincero e querido, e sabe que não é medo; é desejo que ele sente, uma vontade profunda e apaixonada agora mal contida, e ela tem aquela sensação de poder de novo, uma coisa que parece voar, uma coisa que parece olhar bem do alto e ver todos os pássaros nos telhados, na antena de TV do Wally's, ver as ruas espalhadas como em um mapa, ah, desejo, certo, isso era importante, eram amor e desejo que ensinavam você a voar.

— Ben! Sim! — diz ela de repente, e o controle é rompido.

Ela sente dor de novo, e por um momento há uma sensação assustadora de ser esmagada. Mas ele se apoia nas palmas das mãos e o sentimento some.

Ele é grande, ah, é sim. A dor volta, e é bem mais profunda do que quando Eddie a penetrou primeiro. Ela precisa morder o lábio de novo e pensar nos pássaros até a queimação sumir. Mas ela some, e ela consegue esticar a mão e tocar no lábio dele com um dos dedos, e ele geme.

O calor volta, e ela sente seu poder passar para ele de repente; ela o cede com alegria e vai junto. Há uma sensação de ser balançada, de uma doçura deliciosa e espiralada que a faz começar a virar a cabeça impotente de um lado para o outro, e um murmúrio sem melodia sair dos lábios fechados dela, esse voo, isso, ah, amor, ah, desejo, ah, isso é uma coisa impossível de se negar, prendendo, dando, formando um círculo forte: prendendo, dando… voando.

— Ah, Ben, ah, meu querido, sim — sussurra ela, sentindo o suor no rosto, sentindo a ligação deles, uma coisa firmemente no lugar, uma coisa como a eternidade, o número 8 deitado de lado. — Eu te amo tanto, querido.

E ela sente a coisa começar a acontecer, uma coisa sobre a qual as garotas que sussurram e riem sobre sexo no banheiro das meninas não fazem a menor ideia, pelo menos até onde ela sabe; elas só ficam impressionadas com o quanto o sexo deve ser esquisito, e agora ela percebe que para muitas delas o sexo deve ser um monstro indefinido e não realizado; elas se referem ao ato como Aquilo. Você faria Aquilo, sua irmã e o namorado

fazem Aquilo, sua mãe e seu pai ainda fazem Aquilo, e dizem que nunca pretendem fazer Aquilo; ah, sim, era de se pensar que toda a turma de quinto ano era feita de futuras solteironas, e está óbvio para Beverly que nenhuma delas consegue desconfiar disso… dessa conclusão, e ela só não grita porque sabe que os outros vão ouvir e pensar que ela está muito machucada. Ela coloca a lateral da mão na boca e morde com força. Ela entende melhor a gargalhada espalhafatosa de Greta Bowie e Sally Mueller agora: os sete não tinham passado a maior parte do verão mais longo e assustador da vida deles rindo como malucos? Você ri porque o que provoca medo e é desconhecido também é engraçado, você ri como uma criancinha ri e chora ao mesmo tempo às vezes, quando um palhaço cabriolante de circo se aproxima, sabendo que é para ser engraçado… mas também é desconhecido, cheio do poder eterno do desconhecido.

Morder a mão não segura o grito, e ela só pode tranquilizá-los (e a Ben) gritando uma afirmativa na escuridão.

— Sim! Sim! Sim!

Imagens gloriosas enchem a cabeça dela e se misturam com os gritos das gralhas e dos estorninhos; esses sons se tornam a música mais doce do mundo.

Assim, ela voa, sai voando, e agora o poder não está com ela nem com ele, mas em algum lugar entre os dois, e ele grita, e ela consegue sentir os braços dele tremendo, e ela se arqueia na direção dele, sentindo o espasmo, o toque, a intimidade total dele com ela no escuro. Eles explodem na luz da vida juntos.

E então, acaba, e eles estão nos braços um do outro, e quando ele tenta dizer alguma coisa, talvez um pedido de desculpas idiota que estragaria o que ela lembra, um pedido de desculpas idiota como uma algema, ela interrompe as palavras dele com um beijo e o afasta.

Bill vem até ela.

Ele tenta dizer alguma coisa, mas a gagueira é quase total agora.

— Fica quieto — diz ela, segura com o novo conhecimento, mas ciente de que está cansada agora. Cansada e muito dolorida. As partes de dentro e de trás de suas coxas estão grudentas, e ela pensa que talvez seja porque Ben foi até o fim, ou talvez por ela estar sangrando. — Tudo vai ficar bem.

— T-T-Tem c-c-c-c-certeza?

— Tenho — diz ela, e junta as mãos atrás do pescoço dele, sentindo o cabelo suado. — Pode apostar.

— D-D-D… D-D-D…

— Shhh…

Não é como foi com Ben; há paixão, mas não do mesmo tipo. Estar com Bill agora é a melhor conclusão que poderia haver. Ele é gentil, delicado, quase calmo. Ela sente a ansiedade dele, mas é uma ansiedade controlada pela preocupação com ela, talvez porque só Bill e ela percebam a enormidade do ato e o fato de que jamais deve ser mencionado,

nem para ninguém nem entre eles.

No final, ela é surpreendida por aquele aumento repentino e tem tempo de pensar: Ah! Vai acontecer de novo, não sei se consigo suportar…

Mas os pensamentos dela são levados pela doçura do ato, e ela quase não o escuta dizendo "Eu te amo, Bev, eu te amo, sempre vou te amar", dizendo sem parar e sem gaguejar nada.

Ela o abraça para perto, e por um momento eles ficam assim, com a bochecha macia dele na dela.

Ele sai dela sem dizer nada, e por um tempo ela fica sozinha, reunindo as roupas, vestindo lentamente, ciente de um latejar doloroso que eles, por serem homens, jamais vão entender, ciente também de um certo prazer exausto e do alívio de ter acabado. Há um vazio lá embaixo agora, e apesar de ela estar feliz de ter seu sexo para si de novo, o vazio desperta uma melancolia estranha que ela jamais conseguiria expressar… a não ser para pensar em árvores nuas debaixo de um céu branco de inverno, árvores vazias, árvores esperando melros aparecerem como pastores no final de março para celebrar a morte da neve.

Ela os encontra tateando em busca das mãos deles.

Por um momento, ninguém fala, e quando alguém fala, ela não fica surpresa em ver que é Eddie.

— Acho que, quando dobramos pra direita duas viradas atrás, devíamos ter ido pra esquerda. Caramba, eu sabia disso, mas estava tão suado e nervoso…

— Você está nervoso a vida toda, Eds — diz Richie. A voz dele está agradável. O tom de pânico sumiu completamente.

— Entramos errado em outros lugares também — diz Eddie, ignorando-o —, mas esse foi o pior. Se conseguirmos achar o caminho de volta, acho que vamos ficar bem.

Eles formam uma fila desajeitada, com Eddie na frente, Beverly atrás agora, com a mão no ombro de Eddie, assim como a de Mike está no dela. Eles começam a andar mais rápido desta vez. Eddie não age com o nervosismo de antes.

Estamos indo pra casa*, pensa ela, e treme de alívio e alegria.* Pra casa, sim. E isso vai ser bom. Fizemos nosso trabalho, o que viemos fazer, e agora podemos voltar a ser crianças. E isso também vai ser bom.

Enquanto eles andam pelo escuro, ela percebe que o som de água corrente está mais próximo.

Capítulo 23

Para fora

1

Derry — 9h/10h

Às 9h10, a velocidade do vento em Derry é registrada em uma média de 88,5 quilômetros por hora, com rajadas de até 112. O anemômetro do fórum registrou uma rajada de 130, e depois a agulha despencou até o zero. O vento arrancou o aparato em forma de cúpula do telhado do fórum, e ele saiu voando pela escuridão molhada do dia. Como o barco de George Denbrough, nunca mais foi visto. Às 9h30, a coisa que o Departamento de Águas de Derry jurava ser impossível parecia agora não só possível, mas iminente: o centro de Derry seria alagado pela primeira vez desde agosto de 1958, quando muitos dos bueiros antigos ficaram entupidos ou desmoronaram durante uma tempestade horrível. Às 9h45, homens com expressões sombrias chegavam em carros e picapes nos dois lados do canal, com as roupas de chuva tremendo loucamente no vento. Pela

primeira vez desde outubro de 1957, sacos de areia foram empilhados nas laterais de cimento do canal. O arco pelo qual o canal passava por baixo da interseção de três ruas no coração do centro de Derry estava cheio até quase o topo; a rua Main, a rua Canal e a base da colina Up-Mile estavam intransitáveis exceto a pé, e os que passavam por ali para executar a operação dos sacos de areia sentiam as ruas abaixo dos pés tremendo com o fluxo frenético de água, assim como um viaduto treme quando caminhões grandes passam uns pelos outros. Mas era uma vibração regular, e os homens ficaram felizes de estarem no lado norte do centro, longe do tremor mais sentido do que ouvido. Harold Gardener gritou para Alfred Zitner, que era dono da Imobiliária Zitner do lado oeste da cidade, e perguntou se as ruas iam desmoronar. Zitner disse que o inferno congelaria antes de uma coisa assim acontecer. Harold teve uma breve imagem de Adolf Hitler e Judas Iscariotes distribuindo patins de gelo e continuou a arrumar sacos de areia. A água estava agora a menos de 8 centímetros da beirada de cimento do canal. No Barrens, o Kenduskeag já estava além das margens, e ao meio-dia a vegetação rica e os arbustos estariam aparecendo em um lago enorme,

raso e fedorento. Os homens continuaram a trabalhar, fazendo pausas só quando o suprimento de sacos de areia acabava… e então, às 10h10, foram paralisados por um enorme som de rasgo. Harold Gardener contou à mulher mais tarde que achou que talvez fosse o fim do mundo. Não era o centro da cidade desmoronando na terra, não naquele momento, era a Torre de Água. Só Andrew Keene, o neto de Norbert Keene, viu acontecer, e ele tinha fumado tanta maconha colombiana naquela manhã que a princípio achou que devia ser alucinação. Ele estava vagando pelas ruas tomadas pela tempestade de Derry desde 8h, mais ou menos a mesma hora em que o dr. Hale subia para exercer medicina no céu. Ele estava encharcado até a alma (exceto pelo saco de 60 gramas de erva guardado debaixo da axila, na verdade), mas totalmente alheio a isso. Seus olhos se arregalaram de incredulidade. Ele tinha chegado ao Parque Memorial, que ficava na lateral da colina da Torre de Água. E a não ser que estivesse enganado, a Torre de Água agora estava claramente inclinada, como aquela torre fodida de Pisa que enfeitava todas as caixas de macarrão. "Ah, uau", gritou Andrew Keene, arregalando ainda mais os olhos (eles pareciam estar presos em molas pequenas e

firmes agora) quando o som de coisa quebrando começou. A inclinação da Torre de Água ficava mais e mais pronunciada enquanto ele estava ali, com a calça jeans grudada em pernas magrelas e a faixa de cabelo xadrez encharcada pingando água em seus olhos. Telhas brancas estavam caindo no lado virado para o centro da grande caixa-d'água redonda... não, não exatamente caindo; parecia mais que estavam jorrando. E uma dobra evidente surgiu 6 metros acima da base de pedra da Torre de Água. Água começou a jorrar por essa dobra, e agora as telhas não estavam jorrando pelo lado virado para o centro da cidade; elas estavam voando no vento. Um som de rasgo começou a sair da Torre de Água, e Andrew conseguia vê-la se movendo, como o ponteiro de um relógio enorme passando do 12 para o um e para o dois. O saco de maconha caiu da axila dele e prendeu em alguma parte da camisa perto do cinto. Ele não reparou. Estava totalmente arrebatado. Sons altos de vibração saíam de dentro da Torre de Água, como se as cordas do maior violão do mundo estivessem sendo arrebentadas uma a uma. Havia cabos dentro do cilindro, que forneciam o equilíbrio necessário contra a pressão da água. A Torre de Água começou a cair cada vez mais rápido, com

tábuas e vigas se partindo, pedaços pulando e girando no ar. “QUE DEMAAAAAIS, PORRAAAA”, gritou Andrew Keene, mas o grito ficou perdido na queda final estrondosa da Torre e pelo som crescente de um milhão e 750 mil galões de água, 7 mil toneladas de água, jorrando do lado rasgado da construção. Ela desceu em uma onda cinza de maremoto, e é claro que, se Andrew Keene estivesse no lado de baixo da Torre, ele teria partido do mundo na mesma hora. Mas Deus favorece os bêbados, as crianças pequenas e os profundamente entorpecidos; Andrew estava em um lugar de onde conseguia ver tudo, mas não ser tocado por uma única gota. “QUE EFEITOS ESPECIAIS FODAS!”, gritou Andrew quando a água rolou pelo Parque Memorial como uma coisa sólida, levando consigo o relógio solar ao lado do qual um garotinho chamado Stan Uris costumava ficar vendo os pássaros com o binóculo do pai. “STEVEN SPIELBERG, MORRA DE INVEJA!” O bebedouro de pássaros de pedra também foi junto. Andrew o viu por um momento girando, com o pedestal no lugar da tigela e a tigela no lugar do pedestal, mas logo ele sumiu. Uma fileira de bordos e bétulas que separavam o Parque Memorial da rua Kansas foi derrubada, como pinos em uma pista de boliche.

Eles levaram junto pedaços vivos de fios de eletricidade. A água rolou pela rua e começou a se espalhar, começou a parecer mais água do que o bizarro muro sólido que derrubou o relógio solar, o bebedouro de pássaros e as árvores, mas ainda tinha força o bastante para levar para o Barrens umas dez casas no lado mais distante da rua Kansas. Elas se soltaram com facilidade apavorante, a maioria ainda inteira. Andrew Keene reconheceu uma delas como sendo da família de Karl Massensik. O sr. Massensik foi seu professor do sexto ano, um chato. Quando a casa passou pela beirada e caiu no barranco, Andrew percebeu que ainda conseguia ver uma vela acesa em uma janela e perguntou-se brevemente se poderia estar tendo um desvio mental. Houve uma explosão no Barrens e um jorro de chamas amarelas quando o lampião a gás Coleman de alguém botou fogo em óleo que escorria de um tanque rachado. Andrew olhou para o lado mais distante da rua Kansas, onde até quarenta segundos atrás havia uma fileira arrumada de casas de classe média. Ali era a Cidade Perdida agora, e era melhor você acreditar, docinho. Nos lugares havia dez buracos de porão que pareciam piscinas. Andrew teve vontade de emitir a opinião de que isso era demais, mas não

conseguia mais gritar. Parecia que seu gritador estava quebrado. Seu diafragma parecia fraco e inútil. Ele ouviu uma série de baques esmagadores, o som de um gigante com os sapatos cheios de cream crackers descendo um lance de escadas. Era a Torre de Água rolando colina abaixo, um enorme cilindro branco ainda derramando o final do suprimento de água, com os cabos grossos que ajudavam a sustentá-lo voando no ar e estalando como chicotes de aço, marcando a terra macia que imediatamente se enchia da água da chuva. Enquanto Andrew observava com o queixo apoiado no peito, a Torre de Água, horizontal agora, com mais de 40 metros de comprimento, voou no ar. Por um momento, pareceu congelar ali, uma imagem surreal saída diretamente de uma terra de paredes de borracha e camisas de força, com chuva brilhando nas laterais destruídas, as janelas quebradas, as molduras penduradas, com a luz do alto que servia de aviso para aviões voando baixo ainda piscando, e então caiu na rua com um estrondo final. A rua Kansas tinha canalizado boa parte da água, e agora ela começou a correr na direção do centro pela colina Up-Mile. Tinha casas ali, pensou Andrew Keene, e de repente toda a força sumiu de suas pernas. Ele se sentou

pesadamente, splash. Ficou olhando para a base quebrada de pedra na qual a Torre de Água esteve durante toda sua vida. Ele se perguntou se alguém acreditaria nele.

Ele se perguntou se acreditava em si mesmo.

2

A morte — 10h02 do dia 31 de maio de 1985

Bill e Richie viram a Coisa se virar na direção deles, com as mandíbulas abrindo e fechando, o olho bom olhando com raiva para eles, e Bill percebeu que a Coisa emitia sua própria fonte de iluminação, como um tipo pavoroso de vaga-lume. Mas a luz estava trêmula e incerta; a Coisa estava muito ferida. Seus pensamentos zumbiam e saltavam

(me soltem! me soltem e vocês podem ter tudo que sempre quiseram, dinheiro, fama, fortuna, poder, eu posso dar essas coisas pra vocês)

na cabeça dele.

Bill seguiu em frente de mãos vazias e com os olhos fixos no vermelho da Coisa. Ele sentiu o poder crescendo dentro de si, envolvendo-o, enchendo seus braços de músculos, enchendo cada punho fechado de força. Richie andou ao lado dele, com os lábios repuxados sobre os dentes.

(posso devolver sua esposa, eu consigo, só eu, ela não vai se lembrar de nada, assim como vocês sete não se lembravam)

Eles estavam perto, muito perto agora. Bill conseguia sentir o fedor da Coisa e percebeu com horror repentino que era o cheiro do Barrens, o cheiro que eles associavam ao esgoto e

riachos poluídos e ao lixo queimado… mas será que eles acreditavam mesmo que era só isso? Era o cheiro da Coisa, e talvez fosse mais forte no Barrens, mas ele pairava por toda a Derry como uma nuvem, e as pessoas não sentiam, assim como cuidadores em zoológicos não sentem mais o cheiro dos animais depois de um tempo, ou até se questionam por que os visitantes torcem o nariz quando entram.

— Nós dois — murmurou ele para Richie, e Richie assentiu sem tirar os olhos da Aranha, que agora estava se afastando deles, com as pernas compridas e abomináveis estalando, finalmente encurralada.

(não posso dar a vocês vida eterna, mas posso tocar vocês, e vocês vão viver vidas longas, de duzentos anos, trezentos, talvez quinhentos, posso tornar vocês deuses na Terra, se vocês me soltarem se vocês me soltarem se vocês me…)

— Bill? — perguntou Richie com voz rouca.

Com um grito crescendo dentro dele, crescendo mais, mais e mais, Bill atacou. Richie correu com ele passo a passo. Eles atacaram juntos com os punhos direitos, mas Bill entendeu que não era realmente com os punhos que eles estavam batendo; era com a força combinada deles, aumentada pela força daquele Outro; era a força da lembrança e do desejo; acima de tudo, era a força do amor e da infância não esquecida como uma grande roda.

O grito da Aranha encheu a cabeça de Bill, parecendo fazer seus miolos explodirem. Ele sentiu seu punho mergulhar na umidade que se contorcia. Seu braço entrou até o ombro. Ele puxou de volta, pingando do sangue preto da aranha. Icor pingava do buraco que ele fez.

Ele viu Richie de pé quase abaixo do corpo inchado da Coisa, coberto com o sangue preto brilhante, de pé na pose clássica do boxeador, com os punhos pingando e bombeando.

A Aranha os atacou com as pernas. Bill sentiu uma delas rasgar sua lateral, a camisa e a pele. O ferrão da Coisa batia inutilmente no chão. Os gritos dela eram trombetas em sua cabeça. Ela atacou desajeitada, tentando mordê-lo, mas em vez de recuar, Bill seguiu em frente, usando não só o punho agora, mas o corpo todo, se transformando em um torpedo. Ele correu para as entranhas da Aranha como jogador de futebol americano que baixa os ombros e simplesmente segue em frente com tudo.

Por um momento, ele sentiu a carne fedida da Coisa simplesmente ceder, como se ela fosse ricochetear e jogá-lo longe. Com um grito inarticulado, ele se lançou com mais força, empurrando para a frente e para cima com as pernas, atacando a Coisa com as mãos. E ele rompeu a barreira e foi inundado pelos fluidos quentes dela. Escorreram pelo rosto dele, pelas orelhas. Ele os inspirou em jatos finos.

Ele estava no escuro de novo, até os ombros dentro do corpo em convulsão da Coisa. E em seus ouvidos tapados, ele conseguia ouvir um som regular de *whack-WHACK-whack-WHACK,* como o pulsar firme de um tambor, o que lidera a parada quando o circo chega na cidade com o grupo de aberrações e palhaços fazendo cabriolas.

O som do coração da Coisa.

Ele ouviu Richie gritar de dor repentina, um som que virou um gemido rápido e ofegante e

foi interrompido. Bill empurrou de repente as duas mãos fechadas. Ele estava sufocando, sem respirar nas entranhas da Coisa.

Whack-WHACK-whack-WHACK…

Ele enfiou as mãos na Coisa, arrancando, puxando, rasgando, procurando a fonte do som; destruindo órgãos, com os dedos grudentos abrindo e fechando, o peito trancado parecendo inchar pela falta de ar.

Whack-WHACK-whack-WHACK…

E de repente ele estava nas mãos de Bill, uma grande coisa viva que bombeava e pulsava em suas mãos, empurrando as palmas para a frente e para trás.

(NÃONÃONÃONÃONÃONÃONÃO)

Sim!, gritou Bill, se engasgando, se afogando. *Sim! Experimenta isso, sua vaca! EXPERIMENTA ISSO! ESTÁ GOSTANDO? ESTÁ AMANDO? ESTÁ?*

Ele entrelaçou os dedos sobre o arco pulsando do coração da Coisa, com as mãos abertas em um V invertido, e as uniu com toda a força que conseguiu reunir.

Houve um grito final de dor e medo quando o coração da Coisa explodiu entre suas mãos, escorrendo entre os dedos dele em filetes grudentos.

Whack-WHACK-whack-WHA

O grito sumindo, ficando fraco. Bill sentiu o corpo da Coisa se contrair ao redor dele de repente, como um punho em uma luva. E então, tudo se afrouxou. Ele percebeu que o corpo da Coisa estava se inclinando, escorregando lentamente para um lado. Ao mesmo tempo, ele começou a recuar e a ficar inconsciente.

A Aranha desabou de lado, uma enorme pilha de carne alienígena fumegante, com as pernas ainda tremendo e se contorcendo, acariciando as laterais do túnel e arranhando o chão em padrões aleatórios.

Bill cambaleou para longe, respirando com dificuldade, cuspindo para tentar limpar a boca do gosto horrível da Coisa. Ele tropeçou nos próprios pés e caiu de joelhos.

E ele ouviu claramente a Voz do Outro; a Tartaruga podia estar morta, mas o que a tinha criado não estava.

— *Filho, você foi muito bem.*

E então, sumiu. O poder foi junto. Ele sentiu-se fraco, enojado, meio ensandecido. Bill olhou por cima do ombro e viu o pesadelo preto morto que era a Aranha, ainda tremendo.

— *Richie!* — gritou ele com voz rouca e falha. — *Richie, onde você está, cara?*

Nenhuma resposta.

A luz tinha sumido agora. Ela morreu junto com a Aranha. Ele remexeu no bolso da camisa grudenta em busca da última carteira de fósforos. Ali estava ela, mas eles não se acenderiam; as cabeças estavam encharcadas de sangue.

— *Richie!* — gritou ele de novo, começando a chorar agora. Ele começou a engatinhar, primeiro uma das mãos e depois a outra tateando no escuro. finalmente uma delas atingiu alguma coisa que afundou ao toque dele. Suas mãos tatearam a forma… e pararam ao tocar o

rosto de Richie.

— *Richie! Richie!*

Nenhuma resposta. Lutando no escuro, Bill passou um braço debaixo das costas de Richie e o outro debaixo dos joelhos. Ele cambaleou até ficar de pé e começou a andar pelo caminho de antes, agora com Richie nos braços.

3

Derry — 10h/10h15

Às 10h, as vibrações regulares que percorriam as ruas do centro de Derry aumentaram para um rugido violento. O Derry News mais tarde escreveria que os apoios da parte subterrânea do canal, enfraquecidos pelo ataque selvagem do que foi uma enchente em tempo recorde, simplesmente desabaram. Mas havia pessoas que discordavam dessa visão. "Eu estava lá, eu sei", disse Harold Gardener mais tarde para a esposa. "Não foi só que os apoios do canal desabaram. Foi um terremoto, nada menos do que isso. Foi uma porra de terremoto."

De qualquer modo, os resultados foram os mesmos, quando o rugido foi crescendo, janelas começaram a se estilhaçar, tetos de gesso passaram a cair e o grito inumano de vigas e bases se torcendo cresceu até virar um coral assustador. Rachaduras subiram pela fachada de tijolos cheia de buracos de bala da Machen's como mãos tateando. Os cabos sustentando a marquise do Cinema Aladdin sobre a rua se romperam, e a marquise desabou. A travessa Richard, que passava atrás da Centre Street Drug, se encheu de repente de uma avalanche de tijolos amarelos quando o Brian X Dowd Professional Building, erigido em 1952, despencou. Uma camada enorme de poeira amarelada subiu no ar e foi arrancada como um véu.

Ao mesmo tempo, a estátua de Paul Bunyan na frente do City Center explodiu. Foi como se

a ameaça antiga daquela professora de arte de explodi-la tivesse finalmente se mostrado ser séria. A cabeça barbada e sorridente subiu no ar. Uma perna seguiu para a frente e outra para trás, como se Paul tivesse tentado alguma espécie de espacate tão entusiasmado que resultou em desmembramento. O tronco da estátua explodiu em uma nuvem de detritos, e a cabeça do machado de plástico subiu no céu chuvoso, desapareceu e voltou a cair, girando sem parar. Ela caiu pelo telhado da Ponte do Beijo e depois atravessou o piso.

E então, às 10h02, o centro de Derry simplesmente desmoronou.

A maior parte da água da Torre de Água tombada atravessou a rua Kansas e foi parar no Barrens, mas toneladas correram para o centro financeiro pela colina Up-Mile. Talvez tenha sido a gota d'água… ou talvez, como Harold Gardener contou à mulher, tenha havido mesmo um terremoto. Rachaduras surgiram na superfície da rua Main. Eram estreitas no começo… mas logo começaram a se abrir como bocas famintas, e o som do canal subiu, não abafado agora, mas assustadoramente alto. Tudo começou a tremer. A placa de néon proclamando uma PONTA DE ESTOQUE DE SAPATOS em frente à loja de souvenires de Shorty Squires bateu na rua e entrou em curto em 90 centímetros de água. Um momento ou dois depois, o prédio de Shorty, que ficava ao lado do Mr. Paperback, começou a *descer*. Buddy Angstrom foi o primeiro a ver esse fenômeno. Ele cutucou Alfred Zitner, que olhou, ficou boquiaberto, e cutucou Harold Gardener. Em um espaço de segundos, a operação sacos de areia parou. Os homens dos dois lados do canal só ficaram olhando na direção do centro sob a chuva forte, com os rostos tomados de expressões idênticas de surpresa horrorizada. A Squire's Souvenirs and Sundries parecia estar sobre um enorme elevador que agora estava descendo. Ela afundou no concreto aparentemente sólido com dignidade altiva. Quando o prédio parou, dava para ficar de quatro na calçada alagada e entrar por uma das janelas do terceiro andar. Água voava ao redor do prédio, e um momento depois o próprio Shorty apareceu no telhado, balançando os braços loucamente para ser resgatado. Mas foi pulverizado quando o prédio de escritórios ao lado, o que tinha a loja Mr. Paperback no térreo, também afundou. Infelizmente, esse não desceu reto como o de Shorty; o prédio do Mr. Paperback começou a se inclinar (por um momento, na verdade, ficou mesmo muito parecida com a torre fodida de Pisa, a das caixas de macarrão). Enquanto se inclinava, tijolos começaram a voar do alto e das laterais. Shorty foi atingido por vários. Harold Gardener o viu recuar com as mãos na cabeça… e então, os três andares mais altos do prédio do Mr. Paperback deslizaram como panquecas do alto de uma pilha. Shorty desapareceu. Alguém na fila de sacos de areia gritou, e então tudo foi perdido no rugido implacável da destruição. Homens foram derrubados ou empurrados para longe do canal. Harold Gardener viu os prédios virados uns para os outros na rua Main se inclinarem para a frente, como damas fazendo reverências em um jogo de cartas, com as cabeças quase se tocando. A própria rua estava afundando, rachando, se partindo. Água voou e jorrou. E então, um após o outro, prédios dos dois lados da rua simplesmente passaram de seus centros de gravidade e caíram na rua: o Northeast Bank, o Shoeboat, Alvey's Smokes 'n Jokes, Bailley's Lunch, Bandler's Record and Music Barn. Só que, àquela altura, não havia mais rua onde cair.

A rua tinha caído no canal, esticando-se como caramelo no começo e se partindo em pedaços de asfalto. Harold viu a ilha no meio da interseção das três ruas sumir de repente, e quando a água começou a jorrar como um gêiser, ele de repente entendeu o que aconteceria.

— *A gente tem que sair daqui!* — gritou ele para Al Zitner. — *Vai dar refluxo! Al! Vai dar refluxo!*

Al Zitner não deu sinal de ter ouvido. O rosto dele era o de um sonâmbulo, ou talvez de um homem que foi profundamente hipnotizado. Ele ficou ali com o casaco xadrez vermelho e azul encharcado, com a camisa Lacoste aberta com o jacarezinho no peito esquerdo, de meias azuis com os tacos de golfe cruzados bordados nas laterais, os sapatos L. L. Beans com solas de borracha. Ele estava olhando talvez um milhão de dólares de seus investimentos pessoais afundando na rua, três ou quatro milhões dos amigos dele, os caras com quem ele jogava pôquer, jogava golfe, esquiava na casa compartilhada de Rangely. De repente, sua cidade, Derry, *Maine*, pelo amor de Deus, parecia bizarramente aquela cidade fodida em que crianças orientais empurravam as pessoas nas canoas finas e longas. Água corria e borbulhava entre prédios que ainda estavam de pé. A rua Canal terminava em uma plataforma de mergulho preta e irregular que dava em um lago em movimento. Não era surpresa Zitner não ter ouvido Harold. Mas outros chegaram à mesma conclusão de Gardener; não dava para jogar tanta merda em um corpo de água furioso sem provocar muita confusão. Alguns largaram os sacos de areia que estavam segurando e saíram correndo. Harold Gardener foi um desses, e foi assim que sobreviveu. Outros não tiveram tanta sorte e ainda estavam na área geral quando o canal, com a passagem agora bloqueada com toneladas de asfalto, concreto, tijolos, gesso, vidro e uns quatro milhões de dólares em mercadorias variadas, voltou e derramou por cima da margem de concreto, carregando homens e sacos de areia, imparcialmente. Harold ficava pensando que a água pretendia pegá-lo; não importava o quanto ele corria rápido, a água continuava se aproximando. Ele finalmente escapou ao subir um barranco íngreme coberto de arbustos agarrando-se com as mãos. Ele olhou para trás uma vez e viu um homem que pensou ser Roger Lernerd, o gerente de empréstimos da cooperativa de Harold, tentando ligar o carro no estacionamento do Canal Mini-Mall. Mesmo acima do rugido da água e dos gritos do vento, Harold conseguiu ouvir o motorzinho de máquina de costura do carro girando, girando e girando enquanto água preta corria alta nos dois lados dele. E então, com um grito profundo e trovejante, o Kenduskeag transbordou de suas margens e levou tanto o Canal Mini-Mall quanto o Chevrolet vermelho de Roger Lernerd. Harold voltou a subir, agarrando galhos, raízes, qualquer coisa que parecesse sólida o bastante para aguentar seu peso. Terreno alto, esse era o segredo. Como Andrew Keene poderia ter dito, Harold Gardener entendeu bem o conceito de terreno alto naquela manhã. Atrás dele, ele conseguia ouvir o centro de Derry ainda desabando. O som era como fogo de artilharia.

— Beverly! — gritou ele. Suas costas e seus braços eram uma dor sólida e latejante. Richie agora parecia pesar pelo menos 230 quilos. Coloca ele no chão, sussurrou sua mente. Ele está morto, você sabe muito bem disso, então por que não coloca ele no chão?

Mas ele não queria, não podia fazer isso.

— *Beverly!* — gritou ele. — *Ben! Alguém!*

Ele pensou: *Foi aqui que a Coisa me jogou, e a Richie, mas ela nos jogou mais longe, bem mais longe. Como foi? Estou perdendo, esquecendo...*

— Bill? — Era a voz de Ben, trêmula e exausta, em algum lugar ali perto. — Onde você está?

— Aqui, cara. Estou com Richie. Ele... está machucado.

— Fica falando. — Ben estava mais perto agora. — Fica falando, Bill.

— A gente matou a Coisa — disse Bill, andando na direção de onde vinha a voz de Ben. — A gente matou a puta. E se Richie estiver morto...

— *Morto?* — gritou Ben, alarmado. Ele estava bem perto agora... e sua mão saiu do escuro e bateu no nariz de Bill. — Como assim, morto?

— Eu... ele... — Eles estavam sustentando Richie juntos agora. — Não consigo ver ele — disse Bill. — Esse é o problema. Eu n-n-não c-c-consigo v-v-ver e-e-ele!

— *Richie!* — gritou Ben, e balançou-o. — *Richie, anda! Acorda, porra!* — A voz de Ben estava ficando falha e trêmula. — *RICHIE, QUER FAZER O FAVOR DE ACORDAR, PORRA?*

E, no escuro, Richie disse com voz sonolenta e irritada de quem acabou de sair do sono.

— Tudubem, Monte de Feno. Tudubem. A gente não precisa de distintivos...

— *Richie!* — gritou Bill. — *Richie, você está bem?*

— A vaca me jogou — murmurou Richie com a mesma voz cansada de quem acabou de acordar. — Bati em alguma coisa dura. É tudo... de que me lembro. Onde está Bevvie?

— Por aqui — disse Ben. Rapidamente, ele contou sobre os ovos. — Pisei em uns cem. Acho que acabei com todos.

— Rezo pra Deus que sim — disse Richie. Ele estava começando a soar melhor. — Me coloca no chão, Big Bill. Consigo andar... A água está mais alta?

— Está — disse Bill. Os três estavam de mãos dadas no escuro. — Como está sua cabeça?

— Doendo pra caramba. O que aconteceu depois que apaguei?

Bill contou a eles o tanto quanto conseguiu.

— E a Coisa está morta — disse Richie, assombrado. — Tem certeza, Bill?

— Tenho — disse Bill. — Desta vez, tenho certeza a-absoluta.

— Graças a Deus — disse Richie. — Me segura, Bill, tenho que vomitar.

Bill segurou, e quando Richie terminou, eles seguiram andando. De vez em quando, o pé dele batia em alguma coisa áspera que rolava para a escuridão. Partes dos ovos da Aranha que Ben tinha despedaçado, supunha ele, e tremeu. Era bom saber que eles estavam indo na direção certa, mas ele também estava feliz por não conseguir ver os restos.

— *Beverly!* — gritou Ben. — *Beverly!*

— *Aqui*...

O grito dela foi baixo, quase perdido no rugido firme da água. Eles seguiram no escuro, gritando para ela sem parar, concentrando-se nela.

Quando finalmente chegaram nela, Bill perguntou se ela ainda tinha algum fósforo. Ela colocou meia caixa na mão dele. Ele acendeu um e viu os rostos deles ganharem uma vida fantasmagórica: Ben com o braço ao redor de Richie, que estava curvado, com sangue escorrendo pela têmpora direita, Beverly com a cabeça de Eddie no colo. Ele virou para o outro lado. Audra estava caída e encolhida nas pedras, com as pernas espalhadas, a cabeça virada para o outro lado. A teia tinha quase toda derretido dela.

O fósforo queimou seu dedo, e ele o deixou cair. Na escuridão, ele avaliou mal a distância, tropeçou nela e quase caiu esparramado no chão.

— Audra! Audra, você consegue m-me o-o-ouvir?

Ele passou um braço pelas costas dela e a fez sentar. Passou a mão pelo cabelo dela e apertou os dedos na lateral do pescoço. A pulsação dela estava lá: um batimento lento e regular.

Ele acendeu outro fósforo, e quando a chama subiu, ele viu as pupilas dela se contraírem. Mas essa era uma função involuntária; a direção do olhar dela não mudou, mesmo quando ele levou o fósforo para perto do rosto dela a ponto de deixar a pele avermelhada. Ela estava viva, mas não reagindo. Merda, era pior do que isso e ele sabia. Ela estava catatônica.

O segundo fósforo queimou seus dedos. Ele o balançou.

— Bill, não estou gostando do som daquela água — disse Ben. — Acho que é melhor a gente sair daqui.

— Como vamos fazer isso sem Eddie? — murmurou Richie.

— A gente consegue — disse Bev. — Bill, Ben está certo. A gente tem que sair.

— Eu vou levar ela.

— É claro. Mas a gente tem que ir agora.

— Pra que lado?

— Você vai saber — disse Beverly suavemente. — Você matou a Coisa. Você vai saber, Bill.

Ele pegou Audra no colo como tinha pegado Richie e foi até os outros. A sensação dela nos braços foi incômoda, pavorosa; ela parecia uma boneca de cera que respirava.

— Pra que lado, Bill? — perguntou Ben.

— Eu n-n-não…

(você vai saber, você matou a Coisa e vai saber)

— V-Vamos — disse Bill. — Vamos ver se conseguimos encontrar a saída. Beverly, p-p-pega isso. — Ele entregou os fósforos para ela.

— E Eddie? — perguntou ela. — Temos que tirar ele daqui.

— C-Como? — perguntou Bill. — Está… B-Beverly, o l-local está d-desmoronando.

— A gente *tem* que tirar ele daqui, cara — disse Richie. — Vem, Ben.

Eles juntos conseguiram levantar o corpo de Eddie. Beverly acendeu o caminho até a porta de contos de fadas. Bill levou Audra por ela, segurando-a acima do chão o melhor que conseguiu. Richie e Ben carregaram Eddie.

— Coloca ele no chão — disse Beverly. — Ele pode ficar aqui.

— Está escuro demais — soluçou Richie. — Vocês sabem… está escuro demais. Eds… ele…

— Não, tudo bem — disse Ben. — Talvez seja aqui que ele tem que ficar. Acho que pode ser.

Eles o colocaram no chão, e Richie beijou a bochecha de Eddie. Em seguida, olhou cegamente para Ben.

— Tem certeza?

— Tenho. Vem, Richie.

Richie se levantou e se virou na direção da porta.

— *Foda-se, sua Puta!* — gritou ele de repente, e chutou a porta com o pé. Ela fez um estalo sólido ao se fechar e travar.

— Por que você fez isso? — perguntou Beverly.

— Não sei — disse Richie, mas ele sabia bem. Ele olhou por cima do ombro na hora que o fósforo que Beverly estava segurando se apagou.

— Bill… a marca na porta?

— O que tem? — ofegou Bill.

Richie disse:

— Sumiu.

5

Derry — 10h30

O corredor de vidro ligando a biblioteca adulta à infantil explodiu de repente em um brilho único de

luz. Vidro voou em formato de guarda-chuva, chiando pelas árvores repuxadas pelo vento que cobriam o terreno da biblioteca. Alguém poderia ter se machucado gravemente ou até sido morto por um fogo cerrado tão mortal, mas não havia ninguém ali, nem dentro, nem fora. A biblioteca não tinha sido aberta naquele dia. O túnel que tanto fascinou Ben Hanscom quando criança jamais seria substituído; houve tanta destruição cara em Derry que pareceu mais simples deixar as duas bibliotecas como prédios separados e desconectados. Com o tempo, ninguém da Câmara Municipal de Derry conseguiria lembrar para que servia aquele tubo de vidro. Talvez só Ben pudesse dizer realmente para eles como era ficar de pé do lado de fora no frio imóvel de uma noite de janeiro, com o nariz escorrendo, as pontas dos dedos dormentes dentro das luvas, vendo as pessoas passarem de um lado para o outro lá dentro, andando pelo inverno sem casaco e cercadas de luz. Ele poderia ter contado a eles… mas talvez não fosse o tipo de coisa que se poderia declarar em uma reunião da câmara, a forma como você ficava de pé no frio escuro e aprendia a amar a luz. Tudo isso é especulação; os fatos foram os seguintes: o corredor de vidro explodiu sem motivo aparente,

ninguém se feriu (o que era uma benção, pois o preço final da tempestade daquela manhã, ao menos em termos humanos, foram 67 mortos e mais de 320 feridos) e ele nunca foi substituído. Depois do dia 31 de maio de 1985, se você quisesse ir da biblioteca infantil para a adulta, tinha que andar pelo lado de fora. E se estivesse frio, chovendo, ou nevando, você tinha que colocar seu casaco.

6

Do lado de fora — 10h54 do dia 31 de maio de 1985

— Esperem — disse Bill, ofegante. — Me deem um tempo… pra descansar.

— Me deixa te ajudar com ela — disse Richie de novo. Eles tinham deixado Eddie no lar da Aranha, e isso era uma coisa sobre a qual ninguém queria falar. Mas Eddie estava morto, e Audra ainda estava viva, ao menos tecnicamente.

— Pode deixar — disse Bill entre respirações pesadas.

— Besteira. Você vai ter um ataque cardíaco. Me deixa te ajudar, Big Bill.

— Como está sua cabeça?

— Dói — disse Richie. — Não muda de assunto.

Com relutância, Bill deixou Richie pegá-la. Poderia ter sido pior; Audra era uma garota alta cujo peso normal era de 63 quilos. Mas o papel que ela ia fazer em *Sótão* era de uma jovem sendo mantida refém por um psicótico *borderline* que se achava terrorista político. Como Freddie Firestone quis filmar todas as sequências do sótão primeiro, Audra fez uma dieta rigorosa de aves, queijo cottage e atum e perdeu 9 quilos. Ainda assim, depois de cambalear com ela no escuro por 400 metros (ou 800 ou 1.200, quem sabia), aqueles 54

quilos pareciam 90.

— O-Obrigado, c-c-cara — disse ele.

— Não é nada. Depois é sua vez, Monte de Feno.

— Bip-bip, Richie — disse Ben, e Bill sorriu apesar de tudo. Foi um sorriso cansado e não durou muito, mas um pouco foi melhor do que nada.

— Pra que lado, Bill? — perguntou Beverly. — Aquela água está mais alta do que nunca. Não estou a fim de me afogar aqui embaixo.

— Em frente, depois à esquerda — disse Bill. — Talvez seja melhor a gente tentar ir um pouco mais rápido.

Eles continuaram andando por meia hora, Bill indicando as esquerdas e direitas. O som da água continuou aumentando até parecer cercá-los, um assustador efeito Dolby estéreo no escuro. Bill tateou por uma esquina, passando uma das mãos por cima de tijolos úmidos, e de repente havia água correndo por seus sapatos. A corrente era rasa e rápida.

— Me dá Audra — disse ele para Ben, que estava ofegando alto. — Contra a corrente agora. — Ben entregou-a cuidadosamente a Bill, que conseguiu passá-la por cima do ombro como um bombeiro. Se ela ao menos protestasse… se mexesse… fizesse alguma coisa. — Como estão os fósforos, Bev?

— Não tem muitos. Uns seis, talvez. Bill… você *sabe* pra onde está indo?

— Acho que s-s-sei — disse ele. — Venham.

Eles o seguiram pela esquina. A água espumou nos tornozelos de Bill, depois foi até as panturrilhas e chegou até a coxa. O trovão da água tinha virado um rugido grave e constante. O túnel em que eles estavam tremia sem parar. Por um tempo, Bill pensou que a corrente ficaria forte demais para eles conseguirem andar contra, mas eles passaram por um cano de alimentação que estava despejando um jato enorme de água no túnel deles (ele ficou assombrado com a força dessa água), e a corrente diminuiu de alguma forma, embora a água continuasse a ficar mais funda. Ela…

Eu vi a água saindo daquele cano! Eu vi!

— *E-E-Ei!* — gritou ele. — *V-V-Vocês conseguem ver a-alguma coisa?*

— Está ficando mais claro há uns 15 minutos mais ou menos! — gritou Beverly. — *Onde estamos, Bill? Você sabe?*

Pensei que soubesse, Bill quase disse.

— *Não! Vamos!*

Ele tinha achado que eles deviam estar se aproximando da seção de concreto do Kenduskeag que era chamada de canal… a parte que passava por baixo da cidade e saía no Parque Bassey. Mas havia luz aqui embaixo, *luz*, e não podia haver luz no canal debaixo da cidade. Mas o ambiente foi ficando cada vez mais claro mesmo assim.

Bill estava começando a ter problemas sérios com Audra. Não era a corrente, que tinha diminuído. Era a profundeza. *Em pouco tempo, eu vou estar segurando-a flutuando*, pensou. Ele conseguia ver Ben à sua esquerda e Beverly à direita; ao virar de leve a cabeça, ele

conseguia ver Richie atrás de Ben. O chão estava ficando estranho. O fundo do túnel se encontrava agora coberto de detritos: tijolos, ao que parecia. E à frente, alguma coisa estava espetada para fora da água como a proa de um navio em processo de naufrágio.

Ben andou até o objeto, tremendo na água fria. Uma caixa de charutos molhada flutuou até o rosto dele. Ele a empurrou para o lado e pegou a coisa saindo para fora da água. Seus olhos se arregalaram. Parecia ser uma placa grande. Ele conseguiu ler as letras AL e, abaixo, FUT. E, de repente, ele soube.

— Bill! Richie! Bev! — Ele estava gargalhando de perplexidade.

— O que foi, Ben? — gritou Beverly.

Segurando com as duas mãos, Ben balançou a coisa para trás. Houve um som de arranhado quando um dos lados da placa raspou na parede do túnel. Agora eles conseguiam ler: ALADDI e, abaixo disso, DE VOLTA PARA O FUTURO.

— É a marquise do Aladdin — disse Richie. — Como…?

— A rua afundou — sussurrou Bill. Seus olhos estavam se arregalando. Ele olhou para o túnel. A luz estava ainda mais forte à frente.

— *O quê*, Bill?

— Que *porra* aconteceu?

— *Bill? Bill?* O que…?

— Todos esses dutos! — disse Bill loucamente. — Todos esses dutos antigos! Houve outra inundação! E acho que desta vez…

Ele começou a seguir em frente, levantando Audra. Ben, Bev e Richie foram atrás. Cinco minutos depois, Bill olhou para cima e viu céu azul. Ele estava olhando por uma rachadura no teto de um túnel, uma rachadura que se alargava até 20 metros de largura à frente de onde ele estava. A água estava repleta de ilhas e arquipélagos à frente: pilhas de tijolos, a parte de trás de um sedã Plymouth com o porta-malas aberto e jorrando água, um parquímetro apoiado na parede do túnel como um bêbado, com a bandeira vermelha de VIOLAÇÃO levantada.

Caminhar tinha ficado quase impossível agora, pois as minimontanhas que subiam e desciam sem padrão nenhum eram um convite a um tornozelo quebrado. A água passava tranquilamente ao redor das axilas deles.

Tranquila agora, pensou Bill. *Mas se estivéssemos aqui duas horas atrás, mesmo uma, acho que seria a última caminhada de nossas vidas.*

— Que porra é isso, Big Bill? — perguntou Richie. Ele estava atrás do cotovelo direito de Bill, com o rosto tomado de perplexidade enquanto olhava para a abertura no teto do túnel; *só que não é o telhado de nenhum túnel*, pensou Bill. É a rua Main. Pelo menos, era.

— Acho que a maior parte do centro de Derry agora está no canal, sendo levada pelo rio Kenduskeag. Em pouco tempo, vai estar no Penobscot, depois no oceano Atlântico, e já vai tarde. Você consegue me ajudar com Audra, Richie? Acho que não consigo…

— Claro — disse Richie. — Claro, Bill. Não esquenta.

Ele pegou Audra das mãos de Bill. Naquela luz, Bill conseguia vê-la melhor do que talvez

gostaria... com a palidez mascarada, mas não escondida pela terra e pela sujeira que manchava a testa e cobria as bochechas. Os olhos ainda estavam arregalados… bem arregalados e alheios a todos os sentidos. O cabelo estava sujo e molhado. Ela podia muito bem ser uma daquelas bonecas infláveis que vendiam no Pleasure Chest, em Nova York, ou ao longo da Reeperbahn, em Hamburgo. A única diferença era a respiração lenta e firme… e isso podia ser uma coisa automática, mais nada.

— Como vamos subir a partir daqui? — perguntou ele a Richie.

— Pede a Ben pra te ajudar — disse Richie. — Você pode puxar Bev, e vocês dois conseguem puxar sua esposa. Ben pode me levantar, e nós puxamos Ben. E depois disso vou te mostrar como montar um torneio de vôlei pra mil universitárias.

— Bip-bip, Richie.

— Bip-bip seu cu, Big Bill.

O cansaço estava percorrendo o corpo dele em ondas regulares. Ele olhou nos olhos de Bev e sustentou por um momento. Ela assentiu de leve, e ele deu um sorriso para ela.

— Me levanta, B-B-Ben?

Ben, que também parecia totalmente exausto, assentiu. Havia um arranhão fundo em uma das bochechas dele.

— Acho que consigo fazer isso.

Ele se inclinou um pouco e entrelaçou as mãos. Bill apoiou um pé, pisou na mão de Ben e pulou para cima. Não foi o bastante. Ben ergueu as mãos, e Bill segurou a beirada do teto quebrado do duto. Ele puxou-se para cima. A primeira coisa que viu foi uma barreira de segurança branca e laranja. A segunda foi um grupo de homens e mulheres atrás da barreira. A terceira foi a loja de departamentos Freese’s, só que ela estava com uma aparência estranhamente inflada e diminuída. Ele demorou um momento para perceber que quase metade da Freese’s tinha afundado na rua e no canal abaixo. A parte de cima tinha se inclinado para a rua e parecia em perigo de cair como uma pilha de livros mal empilhados.

— Olhem! Olhem! Tem uma pessoa na rua!

Uma mulher estava apontando para o local em que a cabeça de Bill apareceu, na abertura no asfalto quebrado.

— Deus seja louvado, tem mais gente!

Ela começou a andar na direção de Bill, uma mulher idosa com um lenço amarrado na cabeça no estilo camponesa. Um policial a segurou.

— Não é seguro ali, sra. Nelson. A senhora sabe. O resto da rua pode desabar a qualquer momento.

Sra. Nelson, pensou Bill. *Eu me lembro da senhora. Sua irmã ficava de babá pra George e pra mim às vezes.* Ele levantou a mão para mostrar que estava bem, e quando ela levantou a dela em resposta, ele sentiu uma onda de coisas boas… e de esperança.

Ele se virou e se deitou no asfalto frouxo, tentando distribuir o peso da forma mais regular possível, como se deve fazer em gelo fino. Ele esticou a mão para pegar Bev. Ela segurou os

pulsos dele e, com o que pareceu ser o fim de suas forças, ele a puxou. O sol, que tinha desaparecido de novo, agora saiu de detrás de um grupo de nuvens enormes e devolveu as sombras a eles. Beverly olhou para cima em um sobressalto, viu os olhos de Bill e sorriu.

— Eu te amo, Bill — disse ela. — E rezo pra que ela fique bem.

— Obri-igado, Bevvie — disse ele, e seu sorriso gentil a fez começar a chorar um pouco. Ele a abraçou, e o pequeno grupo atrás da barreira de segurança aplaudiu. Um fotógrafo do *Derry News* tirou uma foto. Ela saiu na edição de 1º de junho do jornal, que foi impresso em Bangor por causa dos danos provocados pela água nas prensas tipográficas do *News*. A legenda era bem simples, e verdadeira o bastante para Bill cortar a foto e guardar na carteira por anos: SOBREVIVENTES, era o que a legenda dizia. Era só isso, mas era o bastante.

Passavam seis minutos das 11 horas em Derry, Maine.

7

Derry — Mais tarde, no mesmo dia

O corredor de vidro entre a biblioteca infantil e a adulta explodiu às 10h30. Às 10h33, a chuva parou. Ela não foi diminuindo; parou de repente, como se Alguém Lá Em Cima tivesse mexido em um interruptor. O vento já tinha começado a diminuir, e foi tão rápido que as pessoas se entreolharam com expressões preocupadas e supersticiosas. O som foi como o desligar das turbinas de um 747 depois de ele estar estacionado com segurança no portão. O sol apareceu pela primeira vez às 10h47. No meio da tarde, as nuvens já tinham desaparecido completamente, e o dia acabou sendo bonito e quente. Às 15h30, o mercúrio no termômetro Orange Crush do lado de fora da Secondhand Rose, Secondhand Clothes marcava 28°C, a leitura mais alta da estação. As

pessoas andavam pelas ruas como zumbis, sem falar muito. As expressões nos rostos delas eram incrivelmente parecidas: uma espécie de perplexidade estúpida que teria sido engraçada se não fosse também tão digna de pena. No fim da tarde, jornalistas da ABC, CBS, NBC e CNN chegaram a Derry, e os repórteres dos noticiários levavam alguma versão da verdade para as casas da maioria das pessoas; eles a tornavam real… embora houvesse quem sugerisse que a realidade é um conceito nem um pouco confiável, uma coisa talvez tão sólida quanto um pedaço de lona esticado sobre cabos entrelaçados como uma teia de aranha. Na manhã seguinte, Bryant Gumble e Willard Scott do Today Show iriam a Derry. Durante o programa, Gumble entrevistaria Andrew Keene. "A Torre de Água caiu e rolou pela colina", disse Andrew. "Foi uau. Sabe o que quero dizer? Tipo, Steven Spielberg, morra de inveja, sabe? Ei, eu sempre achei que você era bem maior quando te via na TV." Ver a si mesmos e aos vizinhos na TV tornaria tudo real. Daria a eles um jeito de entender essa coisa horrível e incompreensível. Foi uma TEMPESTADE ABERRANTE. Nos dias seguintes, a CONTAGEM DE MORTOS subiria NA SEQUÊNCIA DA TEMPESTADE ASSASSINA. Foi, na verdade, A PIOR TEMPESTADE DE PRIMAVERA NA HISTÓRIA DO MAINE.

Todas essas manchetes, por pior que fossem, foram úteis, pois ajudaram a enfraquecer a estranheza essencial do que tinha acontecido… ou talvez estranheza fosse uma palavra branda demais. Insanidade teria sido melhor. Ver a si mesmos na TV ajudaria a tornar a situação concreta, menos insana. Mas nas horas antes de as equipes de jornalistas chegarem, só havia as pessoas de Derry, andando pelas ruas cheias de destroços e lama com expressão de descrença perplexa nos rostos. Só as pessoas de Derry, sem falar muito, olhando para as coisas, pegando coisas ocasionalmente e jogando no chão de novo, tentando entender o que aconteceu nas sete ou oito horas anteriores. Havia homens de pé na rua Kansas, fumando, olhando para casas de cabeça para baixo no Barrens. Havia outros homens e mulheres além das barreiras de segurança brancas e laranja, olhando para o buraco negro que era o centro até as dez daquela manhã. A manchete do jornal de domingo dizia: VAMOS RECONSTRUIR, PROMETE O PREFEITO DE DERRY, e talvez eles reconstruíssem mesmo. Mas nas semanas seguintes, enquanto a Câmara Municipal discutia como a reconstrução deveria começar, a enorme cratera que era o centro continuou a crescer em ritmo nada espetacular,

mas regular. Quatro dias depois da tempestade, o prédio de escritórios da Companhia Hidrelétrica Bangor desabou no buraco. Três dias depois disso, o Flying Doghouse, que vendia os melhores cachorros-quentes com repolho e com chili no leste do Maine, desabou lá dentro. Ralos de casas, prédios de apartamentos e estabelecimentos comerciais entravam periodicamente em refluxo. Ficou tão ruim em Old Cape que as pessoas começaram a ir embora. A primeira noite de corridas de cavalo no Parque Bassey foi em 10 de junho; a primeira corrida estava marcada para as 20h, e isso pareceu alegrar todo mundo. Mas uma parte das arquibancadas desabou quando os cavalos na primeira corrida entraram na reta, e seis pessoas se machucaram. Uma delas foi Foxy Foxworth, que gerenciou o Cinema Aladdin até 1973. Foxy passou duas semanas no hospital com a perna quebrada e um testículo perfurado. Quando foi liberado, decidiu ir morar com a irmã em Somersworth, New Hampshire.

Ele não foi o único. Derry estava desabando.

Eles viram o enfermeiro fechar as portas de trás da ambulância e ir até o banco do passageiro. A ambulância começou a subir a colina na direção do Derry Home Hospital. Richie a fez parar na rua, correndo sério risco de vida e de perder membros, e discutiu com o motorista furioso quando ele insistiu que não tinha mais espaço. Eles acabaram colocando Audra deitada no chão.

— E agora? — perguntou Ben. Havia enormes círculos marrons debaixo dos olhos dele e um anel nojento de sujeira ao redor do pescoço.

— Eu v-vou voltar pro Town House — disse Bill. — V-Vou dormir por umas 16 ho-oras.

— Eu também — disse Richie. Ele olhou com esperança para Bev.

— Tem algum cigarro, moça bonita?

— Não — disse Beverly. — Acho que vou parar de novo.

— É uma ideia bem sensata.

Eles começaram a andar lentamente colina acima, os quatro lado a lado.

— A-A-Acabou — disse Bill.

Ben assentiu.

— Nós conseguimos. *Você* conseguiu, Big Bill.

— Todos nós conseguimos — disse Beverly. — Eu queria que a gente tivesse trazido Eddie. Queria isso mais do que tudo.

Eles chegaram à esquina da rua Upper Main com a Point. Um garoto de capa vermelha e galochas verdes estava seguindo um barco de papel que flutuava na correnteza que ia até o bueiro. Ele olhou para cima, viu os quatro olhando para ele e acenou com hesitação. Bill pensou que era o garoto do skate, o que tinha um amigo que viu o tubarão no canal. Ele sorriu e andou na direção do garoto.

— Está tudo bem a-a-agora — disse ele.

O garoto o observou com atenção e sorriu. O sorriso foi ensolarado e esperançoso.

— É — disse ele. — Acho que está.

— Pode apostar seu c-c-couro.

O garoto riu.

— Você v-vai tomar cuidado com a-a-aquele skate?

— Não — disse o garoto, e desta vez Bill riu. Ele sufocou uma vontade de mexer no cabelo do garoto, ele provavelmente não iria gostar, e voltou até os outros.

— Quem era aquele? — perguntou Richie.

— Um amigo — disse Bill. Ele colocou as mãos nos bolsos. — Vocês se lembram? De quando a gente saiu da outra vez?

Beverly assentiu.

— Eddie nos levou até o Barrens. Só que acabamos do outro lado do Kenduskeag, de alguma forma. Do lado de Old Cape.

— Você e Monte de Feno empurraram a tampa de uma daquelas estações de bombeamento — disse Richie para Bill — porque vocês eram os mais pesados.

— É — disse Ben. — A gente empurrou. O sol estava brilhando, mas era quase hora de se pôr.

— É — disse Bill. — E estávamos todos nós lá.

— Mas nada dura pra sempre — disse Richie. Ele olhou para a colina que eles tinham acabado de subir e suspirou. — Vejam isso, por exemplo.

Ele esticou as mãos. As pequenas cicatrizes nas palmas tinham sumido. Beverly esticou as suas; Ben fez o mesmo; Bill acrescentou as dele. Todas estavam sujas, mas sem marcas.

— Nada dura para sempre — repetiu Richie. Ele olhou para Bill, e Bill viu lágrimas cortarem lentamente a sujeira na bochecha de Richie.

— Exceto o amor, talvez — disse Ben.

— E o desejo — disse Beverly.

— E os amigos? — perguntou Bill, e sorriu. — O que você acha, Boca de Lixo?

— Bem — disse Richie, sorrindo e esfregando os olhos. — Ah, preciso pensar, rapaz. Eu digo, eu digo, ah, preciso *pensar*.

Bill esticou as mãos; eles juntaram as deles e ficaram ali por um momento, sete que foram reduzidos a quatro, mas que ainda conseguiam fazer um círculo. Eles se entreolharam. Ben também estava chorando agora, com lágrimas saltando dos olhos. Mas estava sorrindo.

— Amo tanto vocês — disse ele. Ele apertou as mãos de Bev e Richie com muita força por um momento, depois soltou-as. — Agora será que podemos ver se tem café da manhã neste lugar? E temos que ligar pra Mike. Pra dizer que a gente está bem.

— Boa lembrança, senhorr — disse Richie. — De vez em quando, acho que usted pode acabar sendo bueno. O que usted acha, Biiig Biiiiiill?

— Acho que você devia ir se foder — disse Bill.

Eles entraram no Town House em meio a gargalhadas, e quando Bill empurrou a porta de vidro, Beverly teve um vislumbre de uma coisa que ela nunca mencionou, mas também nunca esqueceu. Por apenas um momento, ela viu os reflexos deles no vidro. Só que eram seis, não quatro, porque Eddie estava atrás de Richie e Stan estava atrás de Bill, com aquele meio sorriso no rosto.

Do lado de fora — Anoitecer de 10 de agosto de 1958

O sol está perto do horizonte, uma bola vermelha ligeiramente achatada que lança uma luz plana e febril no Barrens. A cobertura de ferro em cima da uma das estações de bombeamento sobe um pouco, para, sobe de novo e começa a deslizar.

— E-E-Empurra, B-Ben, está q-quebrando meu ombro…

A tampa desliza mais um pouco, se inclina e cai na vegetação que cresceu ao redor do cilindro de concreto. Sete crianças saem uma a uma e olham ao redor, piscando como corujas em perplexidade silenciosa. Elas parecem crianças que nunca viram a luz do dia.

— Está tão silencioso — diz Beverly baixinho.

Os únicos sons são do movimento alto da água e o zumbido sonolento dos insetos. A tempestade acabou, mas o Kenduskeag ainda está muito alto. Perto da cidade, não muito longe do local em que o rio fica espremido no concreto e é chamado de canal, ele transbordou, mas a enchente não é séria. O pior são alguns porões molhados. Desta vez.

Stan se afasta deles, com o rosto vazio e pensativo. Bill olha ao redor, e primeiro acha que Stan viu um pequeno incêndio na margem do rio. O fogo é sua primeira impressão, um brilho vermelho quase intenso demais para se olhar. Mas quando Stan pega o fogo na mão direita e o ângulo da luz muda, Bill vê que não passa de uma garrafa de Coca, uma das novas e transparentes, que alguém jogou no rio. Ele vê Stan virá-la, segurá-la pelo gargalho e bater em uma pedra protuberante na margem do rio. A garrafa se quebra, e Bill percebe que estão todos observando Stan agora enquanto ele mexe nos restos estilhaçados da garrafa, com o rosto sombrio e compenetrado e absorto. Por fim, ele pega um pedaço estreito de vidro. O sol a oeste joga brilhos vermelhos no caco de vidro, e Bill pensa de novo: Parece fogo.

Stan olha para ele, e Bill de repente compreende: fica perfeitamente claro e é perfeitamente certo. Ele dá um passo à frente na direção de Stan com a mão esticada, palma para cima. Stan recua até a água. Insetos pretos voam logo acima da superfície, e Bill consegue ver uma libélula iridescente voar para o outro lado do rio como um pequeno arco-íris voador. Um sapo começa uma batida grave e ritmada, e quando Stan pega sua mão esquerda e passa a beirada do caco de vidro na palma, cortando pele e tirando um

filete de sangue, Bill pensa em uma espécie de êxtase: Tem tanta vida aqui!

— Bill?

— Claro. As duas.

Stan corta sua outra mão. Há dor, mas não muita. Um curiango começou a cantar em algum lugar, um som agradável, tranquilo. Bill pensa: Esse curiango está levantando a lua.

Ele olha para as mãos, as duas sangrando agora, e olha ao redor. Os outros estão ali: Eddie com a bombinha presa em uma das mãos; Ben com a barriga grande aparecendo pálida nos farrapos da camisa; Richie com o rosto estranhamente nu sem os óculos; Mike silencioso e solene, com os lábios grossos apertados, formando uma linha fina. E Beverly com a cabeça erguida, os olhos arregalados e límpidos, o cabelo ainda lindo apesar da sujeira nele.

Todos nós. Todos nós estamos aqui.

E ele os vê, os vê de verdade pela última vez, porque de alguma forma ele entende que eles jamais vão ficar todos juntos de novo, os sete, não assim. Ninguém fala nada. Beverly estica as mãos, e depois de um momento Richie e Ben esticam as deles. Mike e Eddie fazem o mesmo. Stan os corta um a um enquanto o sol começa a descer atrás do horizonte, esfriando aquele brilho vermelho de fornalha e transformando em cor-de-rosa. O curiango canta de novo. Bill consegue ver os primeiros filetes de névoa na água e sente como se tivesse se tornado parte de tudo. É um breve êxtase do qual ele não vai falar da mesma forma que Beverly não fala do breve reflexo em que vê os dois homens mortos que eram, quando garotos, amigos dela.

Uma brisa toca as árvores e os arbustos, fazendo-os suspirar, e ele pensa: É um lugar lindo e nunca vou me esquecer dele. É lindo, e *eles* são lindos; cada um deles é belo. *O curiango canta de novo, um som doce e líquido, e por um momento Bill se sente unido a ele, como se pudesse cantar e sumir ao escurecer, como se pudesse sair voando com bravura no ar.*

Ele olha para Beverly, e ela está sorrindo para ele. Ela fecha os olhos e estica as mãos para os dois lados. Bill segura a esquerda; Ben segura a direita. Bill consegue sentir o calor do sangue dela se misturando com o dele. Os outros se juntam e eles ficam em círculo, com todas as mãos unidas daquela forma peculiar e íntima.

Stan está olhando para Bill com uma espécie de urgência, um tipo de medo.

— J-Jurem pra m-mim que vão v-v-v-voltar — diz Bill. — Jurem pra mim que, se a C-C-Coisa não estiver m-morta, vocês vão vo-oltar.

— Eu juro — disse Ben.

— Eu juro — disse Richie.

— Sim, eu juro. — Bev.

— Eu juro — murmura Mike Hanlon.

— É. Juro. — Eddie, com voz fraca como um sussurro.

— Eu também juro — sussurra Stan, mas a voz dele falha e ele olha para baixo quando

fala.

— E-Eu ju-ju-juro.

Foi só isso; isso foi tudo. Mas eles ficam ali por mais um tempo, sentindo o poder no círculo deles, o corpo fechado que formam. A luz pinta os rostos deles de cores pálidas; o sol sumiu agora e o pôr do sol está acabando. Eles ficam junto em círculo enquanto a escuridão desce pelo Barrens, preenchendo os caminhos que eles atravessaram no verão, as clareiras onde eles brincaram de pega-pega e de armas, os lugares secretos ao longo das margens do rio em que eles se sentaram para discutir as longas perguntas da infância ou fumar os cigarros de Beverly, ou onde apenas ficaram em silêncio, vendo a passagem das nuvens refletida na água. O olho do dia está se fechando.

Por fim, Ben baixa as mãos. Ele começa a dizer alguma coisa, balança a cabeça e sai andando. Richie vai atrás, depois Beverly e Mike, andando juntos. Ninguém fala; eles sobem o barranco até a rua Kansas e apenas se afastam uns dos outros. E quando Bill pensa nisso 27 anos depois, ele percebe que eles nunca chegaram a se reunir de novo. Quatro deles com frequência, às vezes cinco, e talvez seis uma ou duas vezes. Mas nunca os sete.

Ele é o último a ir. Ele fica por mais um tempo com as mãos na cerca bamba, olhando para o Barrens enquanto, acima, as estrelas surgem no céu de verão. Ele fica debaixo do azul e acima do negro enquanto observa o Barrens se encher de escuridão.

Nunca mais quero brincar lá embaixo*, pensa ele de repente, e fica impressionado ao perceber que o pensamento não é terrível nem perturbador, mas tremendamente libertador.*

Ele fica ali mais um momento, depois se vira de costas para o Barrens e começa a andar para casa, caminhando pela calçada escura com as mãos nos bolsos, olhando de tempo em tempo para as casas de Derry iluminadas na noite.

Depois de um quarteirão ou dois, ele começa a andar mais rápido, pensando no jantar… e um quarteirão ou dois depois, ele começa a assobiar.

DERRY:

ÚLTIMO INTERLÚDIO

‘“O oceano atualmente vive tomado de navios; e raramente deixamos de encontrar alguns ao navegar por ele. É apenas uma travessia’, disse o sr. Micawber, mexendo nos óculos, ‘apenas uma travessia. A distância é imaginária.’”

—CHARLES DICKENS, *David Copperfield*

4 de junho de 1985

Bill veio uns vinte minutos atrás e me trouxe este caderno; Carole o encontrou em uma das mesas da biblioteca e o entregou quando ele pediu. Pensei que o chefe Rademacher o tinha confiscado, mas parece que ele não se interessou.

A gagueira de Bill está desaparecendo de novo, mas o pobre homem envelheceu quatro anos nos últimos quatro dias. Ele me contou que espera que Audra saia do Derry Home Hospital (onde eu permaneço) amanhã e siga de ambulância particular para o norte, para o Instituto de Saúde Mental de Bangor. Fisicamente, ela está bem, com pequenos cortes e hematomas que já estão cicatrizando. Mentalmente…

— Se você levanta a mão dela, ela fica levantada — disse Bill. Ele estava sentado perto da janela, girando uma lata de refrigerante diet entre as mãos. — Fica ali flutuando até alguém colocar pra baixo. Os reflexos estão presentes, mas lentos. O eletroencefalograma que fizeram mostra uma onda alfa severamente reprimida. Ela está c-c-catatônica, Mike.

Eu disse:

— Tenho uma ideia. Talvez não seja tão boa. Se você não gostar, pode dizer.

— O quê?

— Vou ficar aqui mais uma semana — eu disse. — Em vez de mandar Audra pra Bangor, por que você não leva ela pra minha casa, Bill? Passa a semana com ela. Conversa com ela, mesmo se ela não responder. Ela está… ela está no controle do próprio corpo?

— Não — disse Bill com tristeza.

— Você consegue… quero dizer, você faria…

— Se eu a trocaria? — Ele sorriu, e foi um sorriso tão doloroso que tive que afastar o olhar por um momento. Era o jeito como meu pai sorriu quando me contou sobre Butch Bowers e as galinhas. — Sim. Acho que eu poderia fazer isso.

— Não vou dizer pra você pegar leve com você mesmo quando obviamente não está preparado para fazer isso — eu disse —, mas lembre que você mesmo concordou que boa parte ou tudo que aconteceu foi quase certamente planejado. Isso pode incluir o papel de Audra.

— Eu d-devia ter ficado de boca calada sobre meu d-destino.

Às vezes é melhor não dizer nada. Foi o que fiz.

— Tudo bem — disse ele por fim. — Se você estava mesmo falando sério…

— Estou falando sério. As chaves da minha casa estão no Serviço aos Pacientes. Tem dois filés Delmonico no congelador. Talvez isso também tenha sido planejado.

— Ela está comendo mais comidas pastosas e, hã, l-líquidos.

— Bem — eu disse, sustentando o sorriso —, talvez haja motivo para comemoração. Tem uma boa garrafa de vinho na prateleira do alto da despensa também. Mondavi. É nacional, mas é bom.

Ele veio até mim e segurou minha mão.

— Obrigado, Mike.

— Disponha, Big Bill.

Ele soltou minha mão.

— Richie voltou pra Califórnia hoje de manhã.

Eu assenti.

— Você acha que vai manter contato?

— T-T-Talvez — disse ele. — Por um tempo, ao menos. Mas… — Ele olhou para mim diretamente. — Vai acontecer de novo, eu acho.

— O esquecimento?

— É. Na verdade, acho que já começou. Só as coisas pequenas até agora. Detalhes. Mas acho que vai aumentar.

— Talvez seja melhor.

— Talvez.

Ele olhou pela janela, ainda girando a lata de refrigerante diet, quase certamente pensando na mulher, com olhos tão arregalados e tão silenciosa, bonita e plástica. *Catatônica*. O som de uma porta batendo e sendo trancada. Ele suspirou.

— Talvez seja.

— Ben? Beverly?

Ele olhou para mim e sorriu um pouco.

— Ben convidou ela pra ir pro Nebraska com ele, e ela concordou, ao menos por um tempo. Você sabe sobre a amiga dela em Chicago?

Eu assenti. Beverly tinha contado para Ben, e Ben contou para mim ontem. Se eu puder atenuar o caso (atenuar *grotescamente* o caso), a segunda descrição do marido maravilhoso e fantástico, Tom, foi bem mais verdadeira do que a original. O maravilhoso e fantástico Tom manteve Bev em um estado de prisão emocional, espiritual e às vezes física nos últimos quatro anos, mais ou menos. O maravilhoso e fantástico Tom chegou aqui depois de arrancar a informação à porrada da única amiga íntima de Bev.

— Ela me disse que vai voltar pra Chicago daqui a duas semanas pra registrar ele como desaparecido. Tom.

— É uma ideia inteligente — eu disse. — Ninguém vai encontrar ele *lá embaixo*. — *E nem Eddie*, eu pensei, mas não falei.

— Não, acredito que não — disse Bill. — E, quando ela voltar, aposto que Ben vai com

ela. E sabe de outra coisa? Uma coisa muito maluca?

— O quê?

— Acho que ela não lembra o que aconteceu com Tom.

Eu fiquei olhando para ele.

— Ela esqueceu ou está esquecendo — disse Bill. — E não consigo mais lembrar como era a porta. A p-p-porta pra casa da Coisa. Eu tento pensar nela e uma coisa doida acontece, eu tenho uma i-imagem de b-b-bodes atravessando uma ponte. Da história *Os três cabritos rudes*. Loucura, né?

— Vão acabar descobrindo que Tom Rogan veio até Derry — eu disse. — Ele deve ter deixado uma trilha de papéis de um quilômetro de largura. Carro alugado, bilhetes de avião.

— Não tenho tanta certeza disso — disse Bill, acendendo um cigarro. — Acho que ele deve ter comprado a passagem com dinheiro e dado um nome falso. Talvez tenha comprado um carro barato aqui ou roubado um.

— Por quê?

— Ah, pensa bem — disse Bill. — Você acha que ele veio até aqui pra dar uma surra nela?

Nossos olhos se encontraram por um longo momento, e ele ficou de pé.

— Escuta, Mike…

— Está na hora de ir embora — eu disse. — Pode ir agora.

Ele riu disso, gargalhou alto e, quando parou, disse:

— Obrigado por emprestar sua casa, Mikey.

— Não vou jurar que vai fazer diferença. A casa não tem qualidades terapêuticas que eu conheça.

— Bem… a gente se vê. — Ele fez uma coisa estranha nessa hora, estranha e adorável. Ele me deu um beijo na bochecha. — Que Deus te abençoe, Mike. Estarei por perto.

— As coisas talvez fiquem bem, Bill — eu disse. — Não perca a esperança. Elas podem ficar bem.

Ele sorriu e assentiu, mas acho que a mesma palavra estava nos pensamentos de nós dois: *Catatônica.*

5 de junho de 1985

Ben e Beverly vieram hoje se despedir. Eles não vão de avião; Ben alugou um Cadillac na Hertz e eles vão de carro, sem pressa. Tem alguma coisa nos olhos deles quando se olham, e aposto minha aposentadoria que, se eles não estão juntos, vão estar quando chegarem ao Nebraska.

Beverly me abraçou, me disse para ficar bom rápido e chorou.

Ben também me abraçou e perguntou pela terceira ou quarta vez se eu escreveria. Falei para ele que escreveria sim, e vou mesmo… por um tempo, ao menos. Porque desta vez também está acontecendo comigo.

Estou esquecendo coisas.

Como Bill disse, no momento são as coisas pequenas, os detalhes. Mas parece o tipo de coisa que vai aumentar. Pode ser que, em um mês ou um ano, este caderno seja tudo que tenho para me lembrar do que aconteceu aqui em Derry. Acho que as próprias palavras podem começar a sumir e este caderno acabar ficando tão em branco quanto era quando o comprei no departamento de material escolar da Freese's. É um pensamento horrível, e durante o dia parece muito paranoico… mas, sabe, nas profundezas da noite, parece perfeitamente lógico.

Esse esquecimento… a perspectiva me enche de pânico, mas também oferece uma espécie traiçoeira de alívio. Sugere a mim mais do que qualquer outra coisa que desta vez eles realmente *mataram* a Coisa; que não há necessidade de uma sentinela para vigiar e esperar que o ciclo se inicie de novo.

Pânico cego, alívio furtivo. É o alívio que vou escolher, eu acho, traiçoeiro ou não.

Bill ligou para dizer que ele e Audra foram para minha casa. Não há mudança nela.

— Sempre vou me lembrar de você. — Foi o que Beverly me disse pouco antes de ela e Ben irem embora.

Acho que vi uma verdade diferente nos olhos dela.

6 de junho de 1985

Saiu uma notícia interessante no Derry News de hoje, na primeira página. A manchete era: TEMPESTADE FAZ HENLEY DESISTIR DOS PLANOS DE EXPANSÃO DO AUDITÓRIO. O Henley em questão é Tim Henley, um construtor multimilionário que chegou a Derry como um furacão no final dos anos 1960; foram Henley e Zitner que organizaram o consórcio responsável pela construção do Derry Mall (que, de acordo com outra matéria na primeira página, provavelmente vai declarar perda total). Tim Henley estava determinado a ver Derry crescer. Havia a

motivação do lucro, é claro, mas havia ainda mais: Henley queria genuinamente ver acontecer. O abandono repentino da expansão do auditório sugere várias coisas para mim. Que Henley pode ter se desiludido com Derry é apenas o mais óbvio. Acho que também é possível que ele esteja prestes a perder boa parte da fortuna por causa da destruição do shopping.

Mas o artigo também sugere que Henley não está sozinho; que outros investidores e potenciais investidores no futuro de Derry talvez estejam repensando suas opções. É claro que Al Zitner não vai ter que se preocupar; Deus o aposentou quando o centro desabou. Dos outros, os que pensaram como Henley estão agora de cara com um problema bem difícil: como se reconstrói uma área urbana que agora está coberta de água em pelo menos cinquenta por cento?

Acho que, depois de uma existência demoníaca, longa e vital, Derry talvez esteja morrendo… como uma beladona cujo momento de florescer veio e foi embora.

Liguei para Bill Denbrough esta tarde. Nenhuma mudança em Audra.

Uma hora atrás, fiz outra ligação, desta vez para Richie Tozier, na Califórnia. A secretária eletrônica recebeu a ligação com som de Creedence Clearwater Revival ao fundo. Essas máquinas sempre fodem com minha sincronia. Deixei meu nome e número, hesitei e acrescentei que esperava que ele já conseguisse usar as lentes de contato de novo. Eu estava prestes a desligar quando o próprio Richie atendeu o telefone e disse:

— Mikey! Como você está? — A voz dele estava feliz e calorosa… mas havia uma perplexidade óbvia junto. Ele estava usando a expressão verbal de um homem que foi pego completamente desprevenido.

— Oi, Richie — eu disse. — Eu estou bem.

— Que bom. Está sentindo muita dor?

— Um pouco. Está diminuindo. A coceira é o pior. Vou ficar muito feliz quando decidirem desembrulhar minhas costelas. Aliás, gostei do Creedence.

Richie riu.

— Merda, não é Creedence, é “Rock-and-Roll Girls”, do disco novo do Fogarty. Chama-se “Centerfield”. Você não ouviu falar?

— Hã-hã.

— Você precisa comprar, é demais. Parece… — Ele parou de falar por um momento e disse: — Parece antigamente.

— Vou comprar — eu disse, e provavelmente vou mesmo. Eu sempre gostei de John Fogarty. "Green River" era minha favorita de Creedence, eu acho. Volte pra casa, diz ele. Antes do fim, diz ele.

— E Bill?

— Ele e Audra estão cuidando da casa pra mim enquanto estou aqui.

— Bom. Isso é bom. — Ele fez um momento de pausa. — Quer saber uma coisa bizarra pra cacete, Mikey, meu velho?

— Claro — eu disse. Eu tinha uma ideia clara do que ele ia dizer.

— Bem… eu estava sentado aqui no meu escritório ouvindo sobre alguns prospectos da revista *Cashbox*, lendo alguns textos publicitários e memorandos… tem duas montanhas de coisa atrasada aqui, e vou ter que encarar um mês inteiro de dias de 25 horas. Por isso, a secretária eletrônica estava ligada, mas com o volume aumentado pra eu poder atender quando quisesse e poder deixar os chatos falarem com a gravação. E o motivo de eu ter deixado você falar com a fita pelo tempo que eu deixei…

— … foi porque no começo você não fazia a menor ideia de quem eu era.

— Jesus, isso mesmo! Como você sabia?

— Porque estamos esquecendo de novo. Todos nós desta vez.

— Mikey, tem *certeza*?

— Qual era o sobrenome do Stan? — eu perguntei a ele.

Houve silêncio do outro lado da linha, um longo silêncio. Nele, ao longe, eu conseguia ouvir uma mulher falando em Omaha… ou talvez ela estivesse em Ruthven, Arizona, ou em Flint, Michigan. Eu a ouvi tão baixo quanto um viajante espacial saindo do sistema solar no cone fronteiro de um foguete quebrado, agradeça a alguém pelos biscoitos.

E então, Richie disse com insegurança:

— Acho que era Underwood, mas isso não é judeu, é?

— Era Uris.

— Uris! — gritou Richie, parecendo ao mesmo tempo aliviado e abalado. — Meu Deus, eu *odeio* quando tenho a coisa certa na ponta da língua, mas não consigo identificar. Se alguém aparece com um jogo Trivial Pursuit, eu digo: "Com licença, mas acho que a diarreia está voltando, então talvez seja melhor eu ir pra casa, tá?" Mas você lembra, Mike. Como antes.

— Não. Eu olhei no meu caderninho de telefones.

Outro longo silêncio. E então:

— *Você* não lembrava?

— Não.

— Não mesmo?

— Não mesmo.

— Então desta vez acabou mesmo — disse ele, e o alívio na voz foi inconfundível.

— É, acho que sim.

Aquele silêncio interurbano soou de novo, refletindo todos os quilômetros entre o Maine e a Califórnia. Acredito que nós dois estávamos pensando a mesma coisa: tinha acabado, sim, e em seis semanas ou seis meses, vamos ter esquecido tudo uns sobre os outros. Acabou, e nos custou nossa amizade e as vidas de Stan e Eddie. Era asma que Eddie tinha ou era enxaqueca crônica? Não consigo ter certeza, mas acho que era enxaqueca. Vou perguntar a Bill. Ele vai saber.

— Então diz oi pro Bill e praquela esposa bonita dele — disse Richie com uma alegria que pareceu artificial.

— Pode deixar, Richie — eu disse, fechando os olhos e esfregando a testa. Ele lembrava que a esposa de Bill estava em Derry… mas não o nome dela nem o que aconteceu com ela.

— E se você vier algum dia a Los Angeles, já tem meu número. Vamos nos encontrar e comer alguma coisa.

— Claro. — Senti lágrimas quentes nos olhos. — E se voltar pros lados de cá, o mesmo vale.

— Mikey?

— Estou aqui.

— Eu te amo, cara.

— Eu também.

— Certo. Cuida de tudo aí.

— Bip-bip, Richie.

Ele riu.

— É, é, é. Enfia no rabo, Mike. Eu disse na orelha, rapaz.

Ele desligou, e eu também. Em seguida, me deitei nos travesseiros de olhos fechados e não abri por muito tempo.

7 de junho de 1985

O chefe de polícia Andrew Rademacher, que assumiu a posição do chefe Borton no final dos anos 1960, está morto. Foi um acidente bizarro que não consigo deixar de associar com o que anda acontecendo em Derry… com o que acabou de acabar em Derry.

A combinação de delegacia e fórum fica na beira da área que caiu no canal e, apesar de não ter caído, a confusão (ou a enchente) deve ter causado dano estrutural que ninguém percebeu.

Rademacher estava trabalhando tarde da noite no escritório ontem, diz a notícia do jornal, como tem feito todas as noites desde a tempestade e a enchente. O escritório do chefe de polícia passou do terceiro para o quinto andar desde antigamente e fica logo abaixo de um sótão onde todo tipo de registros e artefatos inúteis da cidade ficam guardados. Um desses artefatos era a cadeira de vagabundo que descrevi no começo destas páginas. Era feita de ferro e pesava mais do que 180 quilos. O prédio recebeu uma grande quantidade de água durante a tempestade do dia 31 de maio, e isso deve ter enfraquecido o piso do sótão (ou é o que diz o jornal). Seja lá qual for o motivo, a cadeira de vagabundo caiu do sótão diretamente no chefe Rademacher, que estava sentado na escrivaninha lendo os relatórios dos acidentes. Ele morreu na mesma hora. O policial Bruce Andeen entrou correndo e encontrou-o caído nas ruínas da escrivaninha esmagada, ainda com a caneta na mão.

Falei ao telefone com Bill de novo. Audra está comendo um pouco de comida sólida, diz ele, mas não há nenhuma outra mudança. Perguntei a ele se o grande problema de Eddie era asma ou enxaqueca.

— Asma — disse ele imediatamente. — Você não se lembra da bombinha?

— Claro — eu disse, e lembrava mesmo. Mas só quando Bill mencionou.

— Mike?

— Sim?

— Qual era o sobrenome dele?

Olhei para o caderno de telefones na mesa de cabeceira, mas não peguei.

— Não lembro.

— Era parecido com Kerkorian — disse Bill, parecendo incomodado —, mas não é bem isso. Mas você tem tudo anotado. Certo?

— Certo — eu disse.

— Graças a Deus.

— Você teve alguma ideia quanto a Audra?

— Uma — disse ele —, mas é tão maluca que não quero falar sobre ela.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Tudo bem.

— Mike, é assustador, né? Esquecer assim?

— É — eu disse. E é mesmo.

8 de junho de 1985

A Raytheon, que estava marcada para começar a

construção da fábrica de Derry em julho, decidiu no último minuto construir em Waterville. O editorial na página um do News expressa consternação… e, se li corretamente nas entrelinhas, um pouco de medo.

Acho que sei qual é a ideia de Bill. Ele vai ter que agir rapidamente, antes que os restos de magia abandonem o lugar. Se é que já não aconteceu.

Acho que o que pensei antes não era tão paranoico, afinal. Os nomes e endereços dos outros no meu caderninho estão sumindo. A cor e a qualidade da tinta se combinam de forma a fazer com que os dados pareçam ter sido escritos cinquenta ou 75 anos antes dos outros que anotei nele. Isso aconteceu nos últimos quatro ou cinco dias. Estou convencido de que até setembro os nomes deles estarão completamente apagados.

Acho que eu poderia preservá-los; era só ficar copiando. Mas também estou convencido de que cada um acabaria se apagando mesmo, e que em pouco tempo se tornaria um exercício de futilidade, como escrever *Não vou jogar bolinhas na aula* quinhentas vezes. Eu ficaria escrevendo nomes que não significam nada por um motivo que não lembraria.

Que se apaguem, que se apaguem.

Bill, aja rápido… mas tome cuidado!

9 de junho de 1985

Acordei no meio da noite por causa de um pesadelo terrível do qual não conseguia me lembrar, entrei em pânico, não consegui respirar. Estiquei a mão até a campainha, mas não consegui usá-la. Tive uma visão terrível de Mark Lamonica atendendo a chamada com uma seringa… ou Henry Bowers com a faca.

Peguei meu caderninho e liguei para Ben Hanscom no Nebraska… o endereço e o número apagaram mais um pouco, mas ainda estão legíveis. Mas não deu em nada. Uma voz da companhia telefônica me disse que aquela linha foi desligada.

Ben era gordo ou tinha alguma coisa como pé torto?

Fiquei acordado até o amanhecer.

10 de junho de 1985.

Disseram que posso voltar para casa amanhã.

Liguei para Bill e contei a ele. Acho que eu queria avisá-lo que o tempo está ficando cada vez mais curto. Bill é o único de quem me lembro claramente, e estou convencido de que sou o único de quem ele se lembra claramente. Porque nós dois ainda estamos aqui em Derry, eu acho.

— Tudo bem — disse ele. — Amanhã estaremos fora do seu caminho.

— Ainda tem sua ideia?

— Tenho. Parece que está na hora de experimentar.

— Tome cuidado.

Ele riu e disse alguma coisa que entendi e não entendi.

— Não dá pra ter c-c-cuidado em um ska-ate, cara.

— Como vou saber se deu certo, Bill?

— Você vai saber — disse ele, e desligou.

Meu coração está com você, Bill, aconteça o que acontecer. Meu coração está com todos eles, e acho que, mesmo se nos esquecermos uns dos outros, vamos lembrar nos sonhos.

Estou quase no fim deste diário agora, e acho que será eternamente um diário, e que a história dos antigos escândalos e excentricidades de Derry não tem lugar fora dessas páginas. Por mim, tudo bem; acho que, quando me deixarem sair daqui amanhã, talvez finalmente seja a hora de começar a pensar em algum tipo de vida nova… embora o que isso possa ser ainda não está claro para mim.

Eu amava vocês todos, vocês sabem.

Eu amava vocês tanto.

EPÍLOGO

BILL DENBROUGH VENCE O DIABO (II)

"Eu conheci a noiva quando ela dançava o Pony,
eu conheci a noiva quando ela dançava o Stroll.
Eu conheci a noiva quando ela gostava de festas,
eu conheci a noiva quando ela gostava de rock-and-roll."
—Nick Lowe

"Não dá pra ter cuidado em um skate, cara."
—um garoto

1

O meio-dia de um dia de verão.

Bill estava nu no quarto de Mike Hanlon, olhando para o corpo magro no espelho que ficava na porta. A cabeça careca brilhava na luz que entrava pela janela e lançava uma sombra comprida no chão e na parede. O peito era pelado, as coxas e canelas finas, mas cobertas de músculos. *Ainda assim*, pensou ele*, é um corpo de adulto que temos aqui, não há a menor dúvida. Tem a barriguinha que vem de filés demais, algumas garrafas demais de cerveja Kirin, almoços demais à beira da piscina em que você comia o sanduíche Reuben ou o molho French em vez do prato leve. A bunda está caída, Bill, meu velho. Você ainda consegue fazer um ace se não estiver com ressaca demais e se a vista estiver boa, mas não consegue correr atrás da bola de tênis como conseguia quando tinha 17 anos. Tem pneuzinhos e suas bolas estão começando a ficar com aquela aparência pendurada da meia-idade. Há rugas no seu rosto que não estavam aí quando você tinha 17 anos… Elas não estavam aí nem na sua primeira foto para quarta capa de livro, em que você tentou tanto fazer cara de quem sabia das coisas… de qualquer coisa. Você está velho demais para o que tem em mente, Billy. Vai matar vocês dois.*

Ele vestiu a cueca.

Se nós acreditássemos nisso, jamais teríamos conseguido… fazer o que fizemos.

Porque ele não lembrava mais o que eles tinham feito nem o que aconteceu para transformar Audra em um lixo catatônico. Ele só sabia o que tinha que fazer agora, e sabia que, se não fizesse *agora*, também esqueceria isso. Audra estava sentada no andar de baixo, na poltrona de Mike, com o cabelo caindo sem vida sobre os ombros, olhando com atenção para a TV, que estava passando no momento *Dialing for Dollars*. Ela não falava e só se movia se você a guiasse.

Isso é diferente. Você está velho demais, cara. Acredite.

Não acredito.

Então morra aqui em Derry. Grande merda de coisa.

Ele colocou meias esportivas, a única calça jeans que levou, a camiseta regata que comprou no Shirt Shack em Bangor no dia anterior. A camiseta era laranja. Na frente, dizia: ONDE DIABOS FICA DERRY, MAINE ? Ele se sentou na cama de Mike, a que compartilhou nas noites da última semana com sua esposa de corpo quente, mas que parecia um cadáver, e colocou os tênis… um par de Keds, que também comprou em Bangor no dia anterior.

Ele ficou de pé e se olhou no espelho de novo. Viu um homem chegando à meia-idade vestido com roupas de garoto.

Você está ridículo.

Que garoto não é ridículo?
Você não é garoto. Desiste disso!
— Foda-se, vamos dançar o rock-and-roll — disse Bill baixinho e saiu do quarto.

2

Nos sonhos que terá em anos seguintes, ele está sempre saindo de Derry sozinho no pôr do sol. A cidade está deserta; todo mundo foi embora. O Seminário Teológico e as casas vitorianas na West Broadway se destacam contra um céu fantasmagórico, todos os pores do sol de verão que você já viu comprimidos em um.

Ele consegue ouvir seus passos ecoando ao soarem no concreto. O único outro som é de água correndo com som oco pelos escoadouros

3

Ele empurrou Silver pela entrada, apoiou no descanso e verificou os pneus de novo. O da frente estava bem, mas o de trás estava meio murcho. Ele pegou a bomba de bicicleta que Mike tinha comprado e encheu. Depois que guardou a bomba, verificou as cartas e os pregadores. As rodas da bicicleta ainda faziam aqueles sons empolgantes de metralhadora dos quais Bill se lembrava da infância. Que bom.

Você ficou maluco.

Talvez. Vamos ver.

Ele entrou na garagem de Mike de novo, pegou o kit três em um e passou óleo na corrente e na roda dentada. Em seguida, ficou de pé, olhou para Silver e deu um apertão leve e experimental na buzina. O som foi bom. Ele assentiu e entrou na casa.

4

e vê todos aqueles lugares de novo, intactos como naquela época: o prédio de tijolos da Derry Elementary, a Ponte do Beijo coberta de iniciais complexas, de casais de estudantes prontos a explodir o mundo com suas paixões, que cresceram e se tornaram seguradores, vendedores de carros, garçonetes e esteticistas; ele vê a estátua de Paul Bunyan contra aquele céu sangrento de pôr do sol e a cerca branca inclinada na calçada da rua Kansas na beirada do Barrens. Ele vê tudo como era antes, como sempre será em algumas partes de sua mente… e seu coração se parte com amor e horror.

Indo embora, indo embora de Derry*, pensa ele.* Estamos indo embora de Derry, e se isso fosse uma história, seriam as últimas cinco páginas, mais ou menos; prepare-se para guardar este livro na prateleira e esquecê-lo. O sol está descendo, e não há nenhum som além dos meus passos e da água nos bueiros. É a hora de

5

Dialing for Dollars deu lugar a Wheel of Fortune. Audra estava sentada passivamente em frente à

TV, sem tirar os olhos do aparelho. A atitude dela não mudou quando Bill desligou a TV.

— Audra — disse ele, indo até ela e segurando sua mão. — Venha.

Ela não se mexeu. Sua mão ficou na dele, quente como cera. Bill pegou a outra mão no braço da poltrona de Mike e puxou-a para ficar de pé. Ele a tinha vestido naquela manhã da mesma forma que tinha se vestido. Ela estava usando uma calça Levi's e uma camiseta azul. Estaria linda se não fosse a expressão vazia.

— V-Vem — disse ele de novo, e guiou-a pela porta, passando pela cozinha de Mike até chegar do lado de fora. Ela acompanhou voluntariamente… embora tivesse despencado no degrau da varanda e caído espalhada no chão de terra se Bill não tivesse passado um braço na cintura dela para guiá-la.

Ele a levou até onde Silver estava, apoiada no descanso na luz intensa do meio-dia de verão. Audra ficou de pé ao lado da bicicleta, olhando serenamente para a lateral da garagem de Mike.

— Sobe, Audra.

Ela não se mexeu. Com paciência, Bill se dedicou a fazer com que ela passasse uma das longas pernas pela garupa em cima do para-choque de trás de Silver. Ela acabou ficando de pé com a garupa entre as pernas, não exatamente tocando em sua virilha. Bill apertou de leve a cabeça dela, e Audra se sentou.

Ele montou no selim de Silver e levantou o descanso com o calcanhar. Preparou-se para pegar as mãos de Audra e envolvê-las em sua cintura, mas antes que ele pudesse fazer isso, elas assumiram a posição por vontade própria, como ratinhos atordoados.

Ele olhou para as mãos com o coração batendo mais forte, parecendo bombear em sua garganta tanto quanto no peito. Era a primeira ação independente de Audra em toda a semana, até onde ele sabia… a primeira ação independente desde que aquela *Coisa* aconteceu… fosse lá o que essa *Coisa* fosse.

— Audra?

Não houve resposta. Ele tentou virar o pescoço para ver, mas não conseguiu. Só havia as mãos dela ao redor de sua cintura, com as unhas mostrando os restos de um esmalte vermelho que foi passado por uma jovem mulher inteligente, cheia de vida e talentosa em uma cidadezinha inglesa.

— Vamos dar uma volta — disse Bill, e começou a empurrar Silver na direção da alameda Palmer, escutando o cascalho debaixo dos pneus. — Quero que você segure, Audra. Acho… Acho que pode ser que eu vá meio r-r-rápido.

Se eu não perder a coragem.

Ele pensou no garoto que encontrou no começo de sua estada em Derry, quando a Coisa ainda estava acontecendo. *Não dá pra tomar cuidado em um skate*, disse o garoto.

São as palavras mais verdadeiras já ditas, garoto.

— Audra? Está pronta?

Nenhuma resposta. Será que as mãos dela apertaram um pouco a barriga dele? Talvez tenha sido só a imaginação.

Ele chegou à calçada e olhou para a direita. A alameda Palmer ia direto até a rua Upper Main, onde uma virada à esquerda o levaria até a colina que ia para o centro. Colina abaixo. Pegando velocidade. Ele sentiu um tremor de medo com a imagem, e um pensamento inquietante

(ossos velhos quebram fácil, Billy, meu garoto)

passou por sua mente quase rapidamente demais para ser lido e sumiu. Mas… Mas não era só inquietação, era? Não. Era desejo também… a sensação que ele teve quando viu o garoto andando com o skate debaixo do braço. O desejo de ir rápido, de sentir o vento passando por você sem saber se você estava correndo na direção dele ou para longe, de apenas ir. De voar.

Inquietação e desejo. Toda a diferença entre o mundo e a vontade, a diferença entre ser um adulto que avaliava o preço e uma criança que apenas fazia o que tinha vontade, por exemplo. Todo o mundo entre as duas coisas. Mas a diferença entre elas não era tanta assim. Eram praticamente parceiras. O que você sentia quando o carrinho da montanha-russa chegava ao alto da primeira grande subida, onde a emoção começa *de verdade*.

Inquietação e desejo. O que você quer e o que tem medo de tentar. Onde já esteve e aonde quer ir. Tem alguma coisa em uma música de rock-and-roll sobre querer a garota, o carro, um local para ficar e estar. Ah, por favor, Deus, você entende.

Bill fechou os olhos por um momento, sentindo o pequeno peso morto que era a mulher atrás de si, sentindo a colina em algum lugar à frente, sentindo seu próprio coração dentro do corpo.

Seja corajoso, seja verdadeiro, encare.

Ele começou a empurrar Silver de novo.

— Quer dançar um pouco de rock-and-roll, Audra?

Nenhuma resposta. Mas tudo bem. Ele estava pronto.

— Se segura, então.

Ele começou a pedalar. O início foi difícil. Silver balançou de forma alarmante de um lado para o outro, com o peso de Audra aumentando seu desequilíbrio… mas ela *devia* estar fazendo algum contrapeso, mesmo que inconscientemente, senão eles teriam caído assim que começaram. Bill ficou de pé nos pedais com as mãos apertando as barras do guidão com força maníaca, a cabeça virada para o céu, os olhos apertados e os tendões no pescoço saltados.

Vou cair de cara aqui na rua, abrir a cabeça dela e a minha…

(não vai segue em frente Bill segue em frente vai pelo filho da puta)

Ele ficou de pé nos pedais, girando-os e sentindo cada cigarro que fumou nos últimos vinte

anos na pressão sanguínea elevada e no disparo do coração. *Foda-se isso também!*, pensou ele, e a onda da euforia louca o fez sorrir.

As cartas de baralho, que estavam fazendo disparos isolados, agora começaram a estalar mais rápido. Elas eram novas, com imagens de motos novinhas, e faziam um som bem alto. Bill sentiu o primeiro toque de brisa na careca e seu sorriso se alargou. *Eu fiz essa brisa*, pensou ele. *Fiz ao bombear os malditos pedais.*

A placa de PARE no final da alameda estava chegando. Bill começou a frear… mas (com o sorriso ainda se alargando, mostrando mais e mais os dentes) voltou a pedalar.

Depois de ignorar a placa de PARE, Bill Denbrough virou para a esquerda, na rua Upper Main acima do Parque Bassey. Mais uma vez, o peso de Audra o enganou e eles quase viraram e caíram. A bicicleta oscilou, balançou e se acertou. Aquela brisa estava mais forte agora, esfriando o suor na testa dele, fazendo-o evaporar, passando a toda pelos ouvidos com um som baixo e envolvente que parecia um pouco o mar em uma concha, mas na verdade não se parecia com nada no mundo. Bill achava que era um som que o garoto do skate conhecia bem. *Mas é um som com o qual você vai perder contato, garoto*, pensou ele. *As coisas têm a mania de mudar. É um truque sujo, então esteja preparado.*

Ele estava pedalando mais rápido agora, encontrando um equilíbrio melhor na eletricidade. As ruínas de Paul Bunyan estavam à esquerda, como um colosso caído. Bill gritou:

— *Hi-yo, Silver, VAMOOOOOS!*

As mãos de Audra apertaram sua barriga; ele sentiu-a se mover de leve em suas costas. Mas não havia desespero para se virar e tentar olhar para ela agora… nenhum desespero, nenhuma necessidade. Ele pedalou mais rápido, rindo alto, um homem careca, alto e magro de bicicleta, agachado sobre o guidão para diminuir a resistência do vento. As pessoas se viraram para olhar enquanto ele disparava pela lateral do Parque Bassey.

Agora a rua Upper Main começou a se inclinar na direção do centro afundado da cidade em um ângulo mais íngreme, e uma voz dentro dele sussurrou que, se ele não freasse logo, cairia nos restos afundados da interseção de três ruas como um foguete e mataria os dois.

Em vez de frear, ele voltou a pedalar, fazendo a bicicleta ir ainda mais rápido. Agora ele estava voando pela colina da rua Main e conseguia ver as barreiras brancas e laranja, os barris com as chamas fumacentas de Halloween marcando as beiradas do afundamento. Ele conseguia ver o topo de prédios que se projetavam das ruas como partes da imaginação de um maluco.

— *Hi-yo, Silver, VAMOOOOOS!* — gritou Bill Denbrough em estado delirante e disparou colina abaixo na direção do que houvesse pela frente, ciente por uma última vez de Derry como seu lugar, ciente mais do que tudo de que *estava vivo debaixo de um céu verdadeiro*, e que tudo era desejo, desejo, desejo.

Ele desceu colina abaixo em Silver. Ele correu para vencer o diabo.

ir embora.

Então, você vai, e há uma vontade de olhar para trás, de olhar para trás só uma vez quando o pôr do sol some, de ver aquela paisagem severa da Nova Inglaterra uma última vez: as torres, a Torre de Água, Paul com o machado apoiado no ombro. Mas talvez não seja tão boa ideia olhar para trás, todas as histórias dizem isso. Veja o que aconteceu com a esposa de Lot. É melhor não olhar para trás. É melhor acreditar que vai haver felizes para sempre o tempo todo. E pode ser que haja; quem pode dizer que não existem finais assim? Nem todos os barcos que saem velejando na escuridão nunca mais encontram o sol, ou a mão de outra criança; se a vida ensina alguma coisa, é que há tantos finais felizes que o homem que acredita que Deus não existe precisa questionar seriamente sua racionalidade.

Você vai embora e vai rápido quando o sol começa a descer, pensa ele nesse sonho. É isso que você faz. E, se tiver um último pensamento, talvez seja em fantasmas… fantasmas de crianças de pé na água ao pôr do sol, de pé em círculo, de mãos dadas, com rostos jovens, seguros, mas sofridas… sofridas o bastante, ao menos, para darem à luz as pessoas que elas vão virar, sofridas o bastante para entenderem, talvez, que as pessoas que vão se tornar precisam necessariamente ser as pessoas que eles eram antes de poderem seguir em frente tentando entender a simples mortalidade. O círculo se fecha, a roda gira e isso é tudo que há.

Você não precisa olhar para trás para ver essas crianças; parte de sua mente vai vê-las para sempre, vai viver com elas para sempre, vai amar com elas para sempre. Elas não são necessariamente a melhor parte de você, mas já foram o depósito de tudo que você poderia se tornar.

Crianças, eu amo vocês. Amo muito vocês.

Portanto, vá rapidamente, saia dirigindo enquanto a última luz some, vá para longe de Derry, das lembranças… mas não do desejo. Isso fica, a imagem vibrante de tudo que fomos e acreditávamos quando crianças, tudo que brilhava em nossos olhos quando estávamos perdidos e o vento soprava na noite.

Vá embora e tente continuar a sorrir. Ouça um pouco de rock-and-roll no rádio e vá em direção a toda vida que existe com toda a coragem que você consegue reunir e toda a crença que tem. Seja verdadeiro, seja corajoso, enfrente.

Todo o resto é escuridão.

— Ei!

— Ei, moço, você…

— … cuidado!

— O idiota vai…

As palavras voaram na corrente de ar, tão sem sentido quanto bandeiras em uma brisa ou balões soltos. As barreiras de segurança chegaram; ele conseguia sentir o aroma queimado de querosene nos barris de sinalização. Ele viu a boca aberta da escuridão onde a rua ficava, ouviu a água aborrecida correndo lá embaixo na escuridão e riu.

Ele virou Silver para a esquerda com força, tão perto das barreiras agora que a perna da calça jeans raspou em uma delas. As rodas de Silver passaram a menos de 8 centímetros do local onde o asfalto terminava em vazio, e ele estava ficando sem espaço de manobra. À frente, a água tinha erodido toda a rua e metade da calçada na frente da Joalheria Cash. Barreiras fechavam a passagem que tinha sobrado na calçada; ela foi severamente afetada.

— Bill? — Era a voz de Audra, atordoada e um pouco rouca. Ela parecia ter acabado de acordar de um sono profundo. — Bill, onde estamos? O que estamos *fazendo?*

— *Hi-yo, Silver!* — gritou Bill, virando o veículo disparado que era Silver diretamente para a barreira de segurança em posição inclinada em frente à vitrine vazia da Cash. — *HI-YO SILVER VAMOOOOOS!*

Silver bateu na barreira a mais de 65 quilômetros por hora e ela saiu voando, a tábua do centro em uma direção, os apoios em forma de A em duas outras. Audra gritou e apertou Bill com tanta força que ele ficou sem ar. Por todas as ruas Main, Canal e Kansas, havia pessoas em portas e calçadas observando.

Silver disparou pelo resto estreito de calçada. Bill sentiu o quadril e o joelho esquerdo rasparem na lateral da joalheria. Sentiu a roda de Silver balançar de repente e entendeu que a calçada estava caindo atrás deles…

… mas o movimento de Silver os levou até o chão sólido. Bill desviou para evitar uma lixeira virada e saiu para a rua de novo. Os freios gritaram. Ele viu a grade de um grande caminhão se aproximar, mas não conseguia parar de rir. Passou pelo espaço que o caminhão ocuparia um segundo antes de ele chegar lá. Merda, deu tempo de sobra!

Gritando e com lágrimas saindo dos olhos, Bill apertou a buzina de Silver e escutou cada apito rouco se incutir na luz intensa do dia.

— Bill, você vai matar nós dois! — gritou Audra, e apesar de haver pavor na voz dela, ela também estava gritando.

Bill fez a curva com Silver e desta vez sentiu Audra se inclinando com ele, tornando a bicicleta mais fácil de controlar, ajudando a fazer os dois existirem junto com ela, pelo menos

naquele curto momento, como três coisas vivas.

— Você acha? — gritou ele.

— Eu *sei!* — gritou ela, e agarrou a virilha dele, onde havia uma enorme e alegre ereção. — Mas não pare!

Mas ele não tinha o que fazer. A velocidade de Silver estava diminuindo na colina Up-Mile, e o rugido pesado das cartas de baralho estava se tornando disparos isolados de novo. Bill parou e se virou para ela. Ela estava pálida, de olhos arregalados, obviamente com medo e confusa… mas acordada, ciente e *gargalhando.*

— Audra — disse ele, gargalhando com ela. Ele a ajudou a descer de Silver, apoiou a bicicleta em um muro de tijolos e a abraçou. Ele beijou a testa dela, os olhos, as bochechas, a boca, o pescoço, os seios.

Ela o abraçou enquanto ele fazia isso.

— Bill, o que andou acontecendo? Eu me lembro de sair do avião em Bangor, mas não consigo me lembrar de *nada* depois disso. Você está bem?

— Estou.

— Eu estou?

— Está. Agora.

Ela o empurrou para poder olhar para ele.

— Bill, você ainda está gaguejando?

— Não — disse Bill, e beijou-a. — Minha gagueira sumiu.

— Pra sempre?

— Sim — disse ele. — Acho que desta vez é pra sempre.

— Você falou alguma coisa sobre rock-and-roll?

— Não sei. Falei?

— Eu te amo — disse ela.

Ele assentiu e sorriu. Quando sorriu, pareceu bem jovem, independentemente da careca.

— Eu também te amo — disse ele. — E o que mais conta?

8

Ele acorda desse sonho sem conseguir lembrar exatamente o que foi, nem nada mais além do simples fato de que sonhou que era criança de novo. Ele toca nas costas macias da esposa enquanto ela dorme seu sono quente e sonha seus próprios sonhos; ele pensa que é bom ser criança,

mas também é bom ser adulto e poder avaliar o mistério da infância... suas crenças e desejos. Vou escrever sobre isso tudo um dia, pensa ele, e sabe que é só um pensamento de amanhecer, um pensamento pós-sonho. Mas é bom pensar assim por um tempo no silêncio limpo da manhã, pensar que a infância tem seus segredos doces e confirma a mortalidade, e que a mortalidade define toda a coragem e todo o amor. Pensar que o que já ansiou pelo futuro também precisa olhar para trás, e que cada vida faz sua própria imitação da imortalidade: uma roda.

É o que Bill Denbrough pensa às vezes naquelas manhãs depois de sonhar, quando quase se lembra da infância e dos amigos com os quais a compartilhou.

Este livro foi iniciado em Bangor, Maine,
no dia 9 de setembro de 1981,
e terminado em Bangor, Maine,
no dia 28 de dezembro de 1985.

Aqui expresso meus agradecimentos pela permissão para citar trechos do seguinte material de copyright assegurado. Os textos serão citados de acordo com a ordem em que aparecem no livro.

"My Town" de Michael Stanley. © 1983, de Benia Music Co./Michael Stanley Music Co.

"The Return of the Exile" de *Poems,* por George Seferis. Copyright de tradução © 1960 por Rex Warner. Reimpresso por permissão de David R. Godine, Publisher, Inc.

"My My Hey Hey" de Neil Young e Jeff Blackburn. © 1979 Silver Fiddle. Usado por permissão. Todos os direitos reservados.

Paterson de William Carlos Williams. Copyright © 1946, 1948, 1949, 1951, 1958, 1963 Florence Williams. Reimpresso por permissão de New Directions Publishing Corporation.

"No Surrender", "Glory Days" e "Born in the U.S.A." de Bruce Springsteen. © 1984. ASCAP (Sociedade Americana de Editores, Escritores e Compositores). Todos os direitos reservados.

"I Heard It Through the Grapevine" letra e música de Norman Whitfield e Barrett Strong. © 1966 Jobete Music Co., Inc. Usado por permissão. Assegurado copyright internacional. Todos os direitos reservados.

"The Rubberband-Man" de Tom Bell e Linda Creed. © 1976 Mighty Three Music. Administrado por Mighty Three Music Group.

"Splish Splash" de Bobby Darin e Jean Murray. © 1958 Unart Music Corp. © Renovado em 1968 CBS Catalogue Partnership. Todos os direitos controlados e administrados por CBS Unart Catalog Inc. Todos os direitos reservados. Assegurado copyright internacional. Usado por permissão.

Books of Blood, Volume 1, de Clive Barker. Copyright 1984. Reimpresso por permissão de The Berkeley Publishing Group.

"Summertime Blues" de Eddie Cochran e Jerry Capehart. © 1958 Warner-Tamerlane Publishing Corp., Rightsong Music, Elvis Presley Music e Gladys Music. Usado por permissão de Warner-Tamerlane Publishing Corp. Reservados todos os direitos.

"Earth Angel". © 1954, renovado em 1982 por Dootsie Williams Publications. Gravado pelos Penguins, Dootone Records.

"Do-Re-Mi" de Richard Rodgers e Oscar Hammerstein II. Copyright © 1959 de Richard Rodgers e Oscar Hammerstein II. Williamson Music Co., proprietária da publicação e direitos correlatos através do Hemisfério Ocidental e Japão. Assegurado copyright internacional. Reservados todos os direitos. Usado por permissão.

Mean Streets, um filme de Martin Scorcese. © 1973 Warner Bros. Inc. Reservados todos os direitos.

"Don't It Make You Wanna Go Home" de Joe South. Copyright © 1969 de Lowery Music Co., Inc., Atlanta, Georgia. Assegurado copyright internacional. Reservados todos os direitos. Usado por permissão.

"Here's to the State of Richard Nixon" de Phil Ochs. © 1974 Warner Bros. Inc. ASCAP. Reservados todos os direitos. Usado por permissão.

"Whole Lot of Shakin' Goin' On" de David Curlee Williams. Usado por permissão.

"Rock and Roll Is Here to Stay" de David White. Publicado por Golden Egg Music/Singular Music. Por permissão de American Mechanical, Rights Agency Inc.

"Bristol Stomp" letra e música de Kal Mann e Dave Appell. © 1961 Kalmann Music, Inc.

"It's Still Rock and Roll to Me" de Billy Joel. © 1980 Impulsive Music & April Music Inc. Todos os direitos controlados e administrados por April Music Inc. Reservados todos os direitos. Assegurado copyright internacional. Usado por permissão.

"Light my Fire" letra e música de The Doors. © 1967 Doors Music Company. Reservados todos os direitos. Usado por permissão.

"My Toot Toot" de Sidney Simien. © 1985 Flat Town Music Company e Sid-Sam Publishing Company. Reservados todos os direitos. Usado por permissão.

"Tutti Frutti" de Dorothy La Bostrie e Richard Penniman. © 1955, renovado em 1983 Venice Music Corp. Todos os direitos controlados e administrados por Blackwood Music Inc. sob licença da ATV Music (Veneza). Todos os direitos reservados. Assegurado copyright internacional. Usado por permissão.

"Diana" de Paul Anka. Copyright © 1957, 1963, renovado em 1985 por Spanka Music Corp./Management Agency and Music Publishing, Inc. Assegurado copyright internacional. Todos os direitos reservados. Reproduzido por permissão.

"High School Confidential" de Ron Hargrave e Jerry Lee Lewis. Por permissão de Penron Music.

"Travelogue for Exiles" extraído de *Collected Poems 1940-1978,* de Karl Shapiro. Copyright 1942 e renovado em 1970 por Karl Shapiro. Reimpresso por permissão de Random House, Inc.

"You Got to Lose" letra e música de Earl Hooker. © Copyright 1969 de Duchess Music Corporation. Direitos administrados por MCA Music, uma divisão da MCA Inc., Nova York, N.Y. Usado por permissão. Reservados todos os direitos.

"The Girl Can't Help It If the Menfolks Stop and Stare" letra e música de Robert W. Troup. © 1956 Twentieth Century Music Corp., renovado em 1984 Robert W. Troup. Cedido em 1984 a Londontown Music, Inc.

"Don't Back Down" de Brian Wilson. © 1964 Irving Music, Inc. (BMI). Reservados todos os direitos. Assegurado copyright internacional.

"Surfin' U.S.A." música de Chuck Berry, letra de Brian Wilson. Copyright © 1958, 1963 de Arc Music Corporation. Reimpresso por permissão. Reservados todos os direitos.

"Sh-Boom (Life Could Be a Dream)" de James Keyes, Claude Feaster, Cari Feaster, Floyd F. McRae e James Edwards. Copyright © 1954 da Progressive Music Publishing Co., Inc. Copyright renovado, cedido a Unichappell Music, Inc. (Rightsong Music, Publisher). Assegurado copyright internacional. Reservados todos os direitos. Usado por permissão.

"I Knew the Bride When She Used to Rock'n'Roll" de Nick Lowe. © Anglo Rock Inc. Usado por permissão.